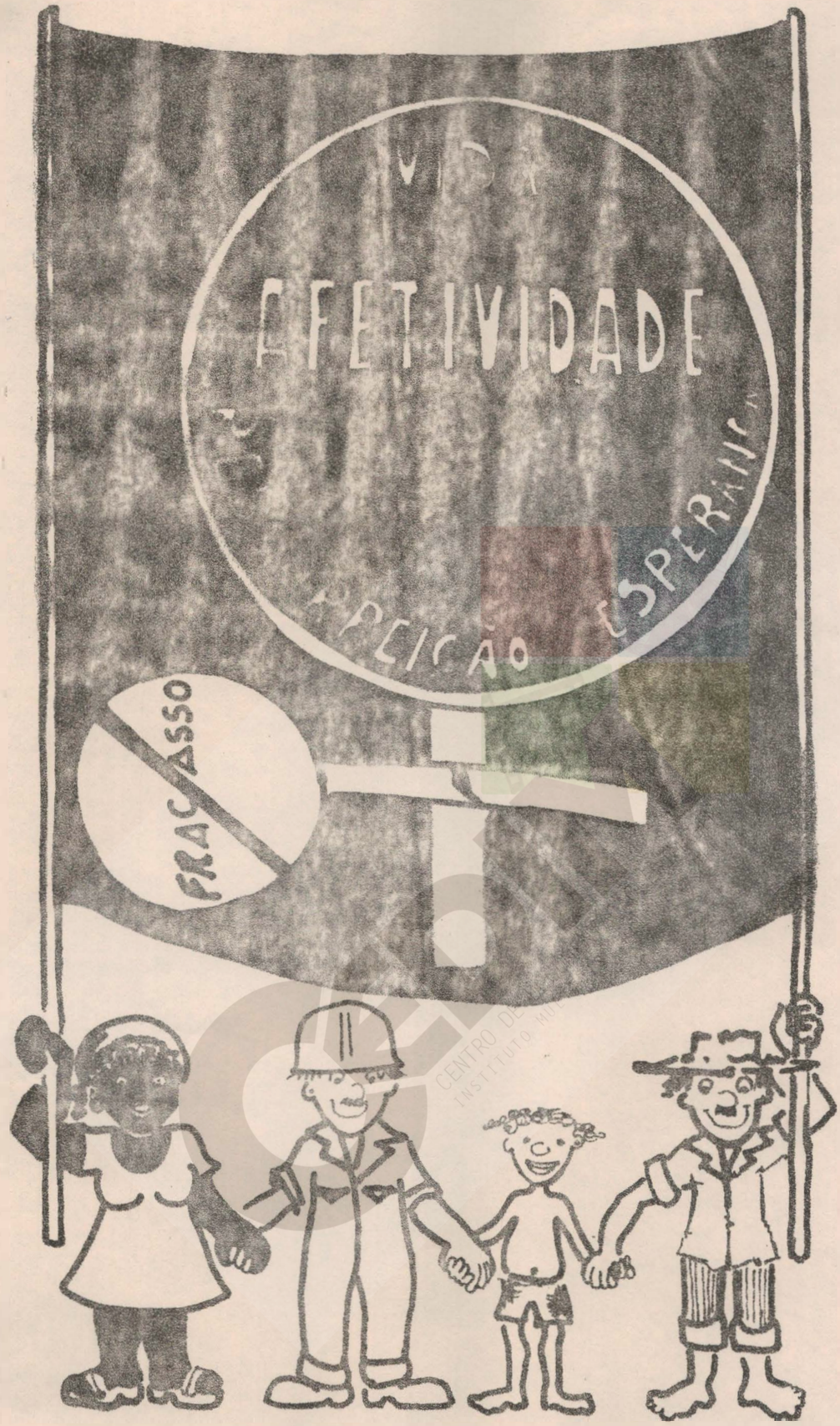
Descrição da Documentação	
Nome da Pasta	**JOC - PO - CPT**
Número de Documentos	117 documentos.
Tipo da Documentação	Revistas; Jornais; Periódicos; Boletins informativos; Cartas; Relatórios; Memorandos; Panfletos.
Data/Ano	Março de 1978 – Setembro de 2003.
Formato	A4, A3, A5, Ofício, Panfleto.
Descrição	A caixa contém grande quantidade de periódicos de organizações e grupos ligados à Igreja Católica, como a CNB, a Pastoral da Terra e da Juventude Operária Católica (JOC). Há também uma quantidade considerável de periódicos e panfletos em língua espanhola. Grande parte dos documentos apresenta relatos sobre conflitos e assassinatos no campo na América Latina. Há um grande conjunto de documentos referentes 3º Congresso Nacional de Jovens Trabalhadores, realizado em 1983. Outro conjunto de documentos diz respeito a orientações do Banco Mundial a países com investimentos na instituição.
Palavras-chaves	Banco Mundial; Comissão Pastoral da Terra (CPT); Constituinte; CUT; Democracia; Fundo Monetário Internacional (FMI); Fome; Juventude; Trabalho; Juventude Operária Católica (JOC); Movimento Sem-Terra; Nicarágua; Partidos Políticos; Pastoral da Criança; Pastoral Operária; Pastoral da Terra; Reforma Agrária; Sindicatos; Trabalhadores rurais; Violência no campo.
Observações	A documentação foi doada para digitalização pela Cúria Metropolitana de Nova Iguaçu, local em que estão depositados os documentos originais. Mantemos aqui a mesma organização da documentação que se encontra no Arquivo da Cúria: de forma geral, trata-se de Fundos, que estão subdivididos em caixas.

Volta Redonda



S ✧ Grito
O ✧ Salmo 127
N ✧ Os 20 anos dela
I ✧ Com a gente
A ✧ Você está presente
✧ **E** agora?

1º Boletim da Comissão Diocesana de Pastoral Operária de Nova Iguaçu

APRESENTAÇÃO

A proposta deste **BOLETIM** nasceu do desejo de alguns Jovens trabalhadores da JOC e membros da Comunidade Católica da Chatuba, de colocar por escrito as reflexões surgidas na **Missa de 7º Dia de Sônia.**

Alguns se encontraram e o prepararam. Ele quer fazer ressoar o Grito de Sonia:iniciar a discurssão da **AFETIVIDADE** dos Jovens trabalhadores e sua família a partir de suas reais reações em casa, na comunidade e na sociedade.

Por isso vamos apresentar sôbre "O Grito de Sônia"; "O Salmo 127" meditado por Sônia; "Os 20 anos DELA"; "Sônia com a Gente"; o que Ela falou e escreveu em "Sônia você está presente" vemos depoimento de algumas pessoas; e a Reflexão do Márcio na Missa de 7º Dia. Em "E agora" o desafio para pais, jovens e educadores. Para fazermos um 2º Boletim é importante você escrever e enviar suas preocupações para Comissão Diocesana de Pastoral Operária - Avenida Marechal Floriano Peixoto, 2262 Cep:26.000 - Nova Iguaçu, RJ.

****

O GRITO DE SÔNIA



SÔNIA ! Jovem simples do povo... Amiga do diálogo com a mãe e sua irmã. Nos últimos meses, descobria a grandeza interior do pai que tinha. Menina de fé,fé ligada à vida. Seu grande desejo era aprofundar o Tema "**afetividade**" a partir de suas próprias reações, na família,na comunidade e nesta sociedade, que é fruto do sistema capitalista.

Irmã Terezinha.

****

SALMO 127 SEGUNDO SÔNIA

A FELICIDADE QUE O SENHOR OFERECE

No dia em que juntos assumimos nossa nova condição de vida, o Senhor estava conosco.

Nasci da mulher perfeita. Mãe somente, que me faz ficar por ela apaixonada a cada momento Senhor! Quando penso nos motivos que nos une, entendo porque meu nascimento foi um grande acontecimento pros meus pais.

Meus filhos vão sentir o que sinto, vão conhecer a mãe que tenho. E o pai sem diplomacias A família unida. A avó querida.

Ele vai ver o paraíso.

****

OS VINTE ANOS DE SÔNIA

1ª LEITURA DA MISSA DE SÉTIMO DIA DE SÔNIA.

Leitura da vida de SÔNIA MARIA, nossa irmã e companheira de luta.

SÔNIA, nasceu à 2 de dezembro de 1963, aqui no bairro e foi batizada um ano depois, na Igreja de Nossa Senhora da Conceição, em Nilópolis. Fêz a sua 1ª Eucaristia na Comunidade de São José. E muito cedo tornou-se catequista, coordenando a Catequese até o início deste ano. A Comunidade sempre foi o lugar de expressão de sua fé e mais tarde, à medida que ia se conscientizando, tornou-se o lugar do Anúncio do Reino de Deus e denúncia dos problemas que afetam a Classe trabalhadora, principalmente os Jovens trabalhadores.E isso se tornou mais forte, a partir do 3º Congresso de Jovens Trabalhadores, quando ela mesma dizia, que foi o maior acontecimento de sua vida no ano de 1983. Como professora, sempre desejou trabalhar, mas sua experiência foi dura como desempregada. Além da vocação que tinha, era grande a preocupação de partilhar com a sua família o fruto do seu trabalho. Daí que fez a sua experiência numa firma de construção civil, onde pôde ver de perto, todo o sofrimento e exploração pela qual passam os operários e principalmente os peões. Unida a outros Jovens que faziam a mesma experiência de desempregados, surge um grupinho onde refletimos nossa realidade buscando as causas,consequências e saídas para os nossos problemas. Eis o que SÔNIA disse,num dos encontros: "Participando do grupo contra o desemprego, eu conheci um companheiro que me deu a maior força para continuar lutando e eu acho que todos deveriam procurar força uns nos outros para que o ideal seja alcançado". Outro pensamento,que tiramos da sua agenda,escrito do seu próprio punho: "Desemprego: Problema meu,problema seu, problema nosso".

SÔNIA, meus irmãos, pelo que partilhava com a gente, era uma pessoa muito ligada à família, onde dialogava constantemente. Eis uma reflexão que copiamos dos seus apontamentos: "Sinto-me escolhida ainda no seio da minha mãe.Nasci da mulher perfeita,mãe somente,que me faz ficar por ela apaixonada a cada momento.Senhor, quando penso nos motivos que nos une, entendo porque meu nascimento foi um grande acontecimento para os meus pais. SÔNIA soube assumir com firmeza a sua gravidade e o seu casamento com Sérgio.Olhando o seu caderno de anotações encontramos o seguinte:"Este é o meu filho amado,aquele que nascerá será mais uma esperança de libertação para o mundo". Agora, mais que nunca, a luta pela libertação é minha". Esta bandeira será por mim conduzida. Ainda hei de ver o meu povo sorrindo e tendo os direitos de uma vida digna".

Esta é a homenagem que nós da JOC (JUVENTUDE OPERÁRIA CATÓLICA), companheiros de SÔNIA na luta,prestamos à sua família e a todos os seus amigos e irmãos em Cristo Jesus.

Palavra de Deus, dirigida a nós, através dos acontecimentos de hoje.

Chatuba, em 29 de Julho de 1984.



SÔNIA COM A GENTE

AMIGO !

Amigo é aquele que caminha
com a gente lado a lado,
Sem mentiras, sem falsidade,
Fala a verdade com boa intenção.
Está presente quase
Em todos os momentos.
Quando é chamado e quando não.
A amizade é grande,
Bela e bonita,
Deus se compadece dela,
E junto com ela caminha.

Eu gosto de você,
Meu amigo camarada,
às vezes triste,
ou alegre
Não importa nada,
Porque tenho você comigo ;
Que guardo no fundo
De meu coração.
E lhe digo:
Conte comigo,
AMIGO !!!

****

Um dia conversando em casa
sobre o jejum dizia:
Que significado tem o
Jejum para mim, prá nós ?
A gente jejua o ano inteiro...
Quer comer uma coisa, não pode...
O pobre jejua o ano inteiro.

****

Oi ! Amor.
Onde você está ?
Preciso de você!
Deixa tudo,
Vem prá mim!
Direto, já!

****



Do 3º Congresso Nacional de
Jovens Trabalhadores **Sônia**
escreveu para Sérgio:
"Nestes dias me senti bem
valorizada como Jovem e Pessoa.
Descobrir que em qualquer
parte do mundo onde estivermos
Somos capazes à tudo.
E temos direito de
sonhar e viver".

****

Quando meu filho nascer
Vou contar tudo pra ele
Todo carinho, acolhimento
Homenagem que recebi do
Meu povo; da minha comunidade.
E Eu pensava que estava
jogada fora...

****



CEDIM
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E INFORMAÇÃO
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR

SÔNIA VOCÊ ESTÁ PRESENTE

Marinete conta:

"No dia 22 de julho de 1984, Sônia foi à minha casa bem cedo e eu passei o dia inteiro com ela, almoçamos juntas. Era o dia do chá de bebê.

Muitas vezes ela dizia:

"Não vejo a hora de ter meu filho nos braços, de pegar nele".

"Obrigado pelo apoio. Você é minha amiga. Quero você como madrinha do meu casamento, pois você é minha maior amiga. Não importa a roupa. Você vai com o que tiver; eu quero você assim mesmo".

O Pai de Sônia falou minutos antes da Missa de 7º Dia:

"Para mim minha filha não morreu, eu a sinto presente aqui em casa ao meu lado todos os dias".



Sônia deixou escrito:

"Do Jovem Trabalhador nasce todas as mais lindas formas de vida.

É uma necessidade contínua de se viver, de vencer todas as barreiras, que nos impedem de sonhar".

De Geraldo:

"Sônia, obrigado por teres passado pela nossa vida e deixado saudades. Sônia, menina hospitaleira, amiga, pobre, desempregada, que se virava em tudo pra agradar a visita.

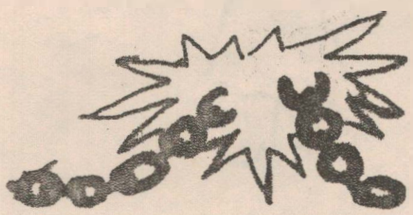
Teus **oito meses de gravidez**, vividos tão intensamente nos desafia. Tu os viveste como Jovem, como trabalhadora, professora sem emprego, como mulher de fé. Tu viveste tão profundamente esses 240 dias que chegaste ao ponto de adivinhar que não viverias mais que isto. Que teu desafio de viver, de querer viver, de fazer, de questionar frente à vida, seja a eterna saudade que deixas nos corações não só do Jovem Trabalhadores mas também de todos os que vivem ou conhecem sua história"

SÔNIA MARIA



Um momento marcante
Na vida de muita gente !
O casamento de Sônia!
Menina de posição firme,
Mulher, que naquele momento
Assumia duas vidas:
Seu marido que amava
Seu filho que ainda estava
Em seu ventre.
Ventre de mulher pobre,
Que havia sofrido muito
Que tivera muitas crises
Como qualquer jovem.
E que findara por
Aceitar e amar intensamente,
O filho que ia nascer.
Em seu casamento
Ela irradiava felicidade,
Isso foi muito forte.
Todos os amigos presentes
A comunidade, enfim,
Se sentiram questionados
Pois ela não teve vergonha
De casar grávida
Foi um ato de amor
E nos sentimos tão bem por ela.

Sônia depois em conversa com amigos
Dizia-se preocupada por
Não conseguir ver-se com a criança
Assumia-se como desempregada
Acreditava que seu filho seria
Mais um oprimido.
E sabia mais,
Sabia que ele também seria
Mas alguém a desejar
Um mundo novo
Um mundo pelo qual ela lutava
Um mundo que todos queremos,
E Sônia dá à luz
Ela não resiste...
E a gente fica sabendo.
E a primeira atitude
É não aceitar
Mas costumamos ser egoístas
E queremos ter sempre
Aqueles que amamos do nosso lado
Ou dizemos que é o destino
Que tinha que ser
Difícil é aceitar
Aceitar, sabendo que não devia ser
Mas é...



Sônia era uma Jovem Trabalhadora,
Uma Jovem Trabalhadora,
sem emprego, professora,
Mulher, casada, grávida
Moradora da Baixada Fluminense!
A maior concentração
De operários do Estado
E Sônia teve um filho
Um filho que nasce
Dentro da classe operária.
E num momento como esse
A morte nada significa
A vida, a luta, a consciência,
O amor, enfim, Sônia
Ressuscita em cada um
Que a conheceu,
Sônia ressuscita na sua família
Que a admirava,
No Sérgio que a amava.
Nos Jovens Trabalhadores
Que a conheceram e que
Precisam lutar mais um
Pouco agora por ela também.
Mas Sônia ressuscita principalmente
Na ANA CAROLINA !
ANA CAROLINA !
ANA CAROLINA é mais uma
Jovem Trabalhadora!
Sua mãe está viva nela !



CEDIM
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR

E AGORA... PAIS, EDUCADORES, JOVENS ?



Os Jovens não estão tendo condições de colocar seus problemas afetivos nem em casa nem com ninguém.

Se isto é verdade o que a história de Sônia está querendo dizer para você, **Pai, Mãe, Irmão, Irmã, Companheiros ?** Poucas famílias hoje desligam a televisão pra ouvir com atenção as preocupações que os Jovens tem e que não suportam mais sozinhos.

Você já perguntou a seu filho, se você tem tido tempo para ouvi-lo ?

Você já parou com seu pai ou sua mãe pra abrir-lhe francamente seu coração e para sentir como eles viveram a crise que você hoje atravessa ?

Você tem amigos ou amigas ? Eles sabem toda a verdade que você carrega e que não aguenta mais guardada ?

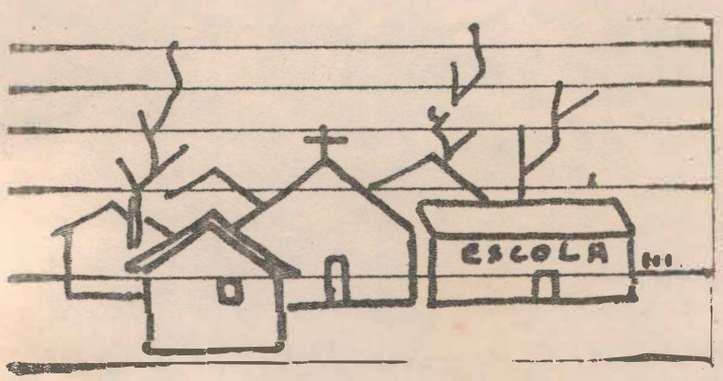
Que o grito de SÔNIA clamando para que Jovens e Adultos discutam a afetividade, comece hoje em sua casa, em sua comunidade, com seus amigos e companheiros.

Encerrando: Sônia escreveu: "Somos capazes de tudo. Temos direito de sonhar e viver". Nosso sonho é iniciarmos a falar abertamente sobre o que queremos; em casa, com amigos e em grupo. Provocar revisões de vida sobre este tema. Que os Grupos Jovens organizem encontros sobre este tema. Promovam mesas redondas na família e entre pais, filhos, educadores.

Que a Comissão Diocesana de Pastoral Operária, ponha por escrito e divulgue o que se passe hoje no interior das famílias operárias.

Nova Iguaçu, 02 de setembro de 1984.





CEDIM
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR - UFRRJ

3º CONGRESSO NACIONAL DE JOVENS TRABALHADORES



TESE

JUVENTUDE TRABALHADORA E A EDUCAÇÃO

São Paulo, 22/23/24 - Julho - 1983

3º CONGRESSO NACIONAL DE JOVENS TRABALHADORES

CONQUISTANDO TRABALHO E JUSTIÇA

A JUVENTUDE TRABALHADORA E A EDUCAÇÃO

1. CONSTATAÇÃO DA REALIDADE

A maior parte dos jovens trabalhadores querem estudar, conhecer e participar do mundo em que vivem. Querem contribuir com esta sociedade onde veem tanta coisa para ser mudado. E para mudar é preciso trabalhar. E para isto eles querem um estudo ligado à profissão que escolheram.

Hoje são muitos os jovens trabalhadores que tentam estudar. Mas dos que começa, no primário, são poucos os que chegam ao 2º grau e menos ainda a universidade. Temos então na educação uma pirâmide, já que de cada 1000 crianças que começam na 1ª série do 1º grau, somente um chega à universidade, significando uma gritante evasão da juventude trabalhadora das escolas.

A realidade que vivemos no dia a dia nos nostra que não temos acesso a educação. Somos excluidos, marginalizados pelo afunilamento planejado da educação.

A nossa exclusão começa na nossa dura realidade, os salário baixos, o sesemprego, e que tem como consequencia uma alimentação f fraca fazendo jovens desnutridos e cansados. Uma criança, ou jovem trabalhador que tem uma fome cronica, não tem condições de estudar assimilar conhecimentos, e que ainda por cima não lhe falam nada d de sua realidade.

Outros fatores também contribuem como a dura jornada de trabalho dificulta o desenvolvemento intelectual do trabalhador; o alto custo de ensino, a carga horaria excesssiva que dificulta o aconpanhamento do aluno pobre; a necessidade do jovem trabalhador optar entre o trabalho em detrimento do estudo, a não conciliação do horario de trabalho e de estudo.

Temos tambem problemas como a dificuldade e burocracia nas transferencias escolares; a forma de avaliação por meio de notas, provoca alto indice de reprovação e evasão.

O insentivo a competição, a super lotação nas salas de aula, a premiação dos "mais inteligentes" e marginalização dos "menos inteligentes", são outros meios que não contribuem em nada a formação dos alunos.

O relacionamento alunoX professor, é hierárquico: um ensina e o outro aprende. As escolas ensinam a fazer e não a pensar, , sendo que muitos professores não comprometidos com a realidade deo povo e principalmente do j t, se limitando a reproduzir um programa pré-determinado.

A educação é pensada, planejada e dividida por uma minoria, em função unica e exclusiva dos interesses da classe dominandte em expandir seus lucros e garantir-se no poder . Isto e, usa-se a educação como um dos meios para a reprodução do sistema, tal como est hoje, a partir da divulgação das suas ideias e valores.

Coloca na cabeça do J T regras de "moral","consciência cívica", "etica", incentivando o conformismo, a pontualidade, o respeito, a hierarquia..., contribuindo para o aumento do individualismo, concorrencia, passividade e consumismo.

O curriculo elaborado sem a partidipação de professores, alunos, pais e entidades representativas do povo e da classe trabalhadora. Os textos e livros didaticos são elitizados, alienantes, totalmente fora da realidade. Não são regionalizados então fazem - com que o estudante do nordeste e do sul do Pais receba o mesmo conteudo, com uma " educação massificante e trazendo a consequente destruição da cultura local e regional.

A não participação do povo no planejamento da educação esta provocando uma desvalorização de tudo que representa educação e cultura popular, sem conseguirmos criar formas alternativas de educação ao nosso alcance. Inclusive a grande maioria dos professores - não valorizam a cultura popular, jaque assimilaram a ideia de cultura que tem a classe dominante.

Colocam na cabeça dos jovens que uma vida melhor é garantid pelo estudo. E só não estuda quem não quer, encobrindo as causas - reais de que nos J T vivemos na pobreza e não temos chance de estudar nem nas escolas publicas.

É com esta ideia falsa sobre estudo que ele é muito valorizado como um meio de "subir" na vida, garantir o futuro, bons empregos sair da situação de humilhação e aperto. Valorizam-se então os medicos, os engenheiros, os advogados. São essas as profissoes que levam milhares de jovens aos vestibulares.

O ensino hoje no Brasil, tira do estudante a capacidade de - participar, e ter um censo critico, e analizar sua realidade e saber o que é bom e o que é ruim para ele e para os outros. Não leva o aluno a sentir a ligação das materias com o seu dia a dia. Que as ciencias em geral, e principalmente a historia esta bem longe - da verdade.

Na história, a gente aprende que o Brasil foi descoberto, mas na verdade ele foi invadido e não se respeitou a vida, a cultura do índio, assim como hoje a nossa não e respeitada pelos estrangeiro. A historia oficial e contada pelos ricos, opressores e vitoriosos numca pelos pobres, pelos perdedores.

A educação esta em crise, O pais e o 13º pais em educação e o 6º exportador de armas do mundo, sendo que depois do café, hoje as armas são o terceiro item de importancia no volume das exportações brasileiras (FSP) 21/6/83 . As verbas destinadas representam 3,8% do orçamento da união. Essas verbas nada representam diante - das necessidades, pois além de poucas são mal distribuidas e mal - administradas. A população em geral não e informada de onde vem e como são empregadas as verbas destinadas a educação.

As diferenças entre o ensino publico e o particular se agravam, sendo que em nenhum dos dois, o método utilizado, corresponde a realidae do J T..

As escolas particulares apresentam problemas como: superlotação dificultando a assimilação do conteúdo. São na sua maioria - empresas com fim lucrativos.

Os politicos usam a epoca de eleições para se promoverem e ganharem votos, utilisando os espaços escolares para campanhas eleitorais, prometem bolsas de estudo e hoje muitas escolas estão sendo fechadas e interditadas pois foram construidas as pressas para serem inauguradas nessa epoca eleitoral, para que(terceiros) pudessem ganhar prestigios perante o povo.

A situação das verbas é tão grave que chega ao ponto de fecharem escolas por falta de verbas. Não ha material didatico, falta verba para contratação de novos professores e para a manutenção da propria escola.

A associação de pais e mestres, criada para integrar a família e a escola, esta sendo utilizada como meio de arrecadação de fundos para suprir as necessidades da escola, que nao são supridas pelo estado.

O salário baixo, a má formação dos professores faz com que aconteçam inclusive violencias e agressões aos alunos, fisicamente ou por meio de falsas avaliações, reprovações, etc.

O maior agravante e no ensino público que tem como objetivo atender aos estudantes carentes. Vemos a-i muitos que podem pagar. Tmbem nao são totalmente gratuitos, pois existe sempre uma taxa para pagar. Promovem festas juninas, dia das maes, dia da criança, rifas a fim de obter fundos para se manterem, fazer reformas na escola, etc.

O ensino primário, discrimina a criança, filhos de trabalhadores. Estes nao pòdem fazer o pre-escolar, e se sujeitam a professoras pouco capacitadas. As escolas nao levam em conta a situaçao socio economica, exigem uniformes, materiais alem das condições. Sabemos que milhares de crianças vao a escola so pela merenda.

O material didático, livros, são uma grande exploração em cima do povo. Mudam a cada ano incentivando a comercialização do ensino e de mateial escolares.

As bolsas de estudo são prua ilusão. São para as escolas dos deputados ou manipuladas por estes. Sendo que esta verba poderia ser usada de outra forma na educação que não fosse a bolsa.

A maioria dos cursos profissionalizantes sao fracos e não desenvolvem uma reflexao sobre a profissão ensinada.

Além do mais os jovens não tem compo de trabalho para aplicar na pratica o que aprenderam. O ensino e muito teorico, não oferecendo elementos praticos e por isso se esvazia.

As escolas profissionais e particulares promovem cursos que não correspondem ao mercado de trabalho, tornando somente uma fonte de renda segura para seus proprietarios, tanto as escolas federais como as particulares não garantem trabalho apos o curso. Alias, as escolas nçao garantem nem mesmo o estagio dos alunos. E os que conseguem fazer estzgios são muito mal remunerados pelas empresas que nem pagam aos estagiarios.

A propaganda, influencia e leva o jovem a escolher um curso que não corrsponde a sua realidade, tornando-o um profissional frustrado. Muitas vezes o jovem deixa de estudar o que gosta por imposição da familia, da sociedade, ou por nao ter recurso a profissão. Percebemos uma abertura maior nos ramos eletro-eletronico, gráfico e metalurgicos para as mulheres, sendo que a finalidade e reduzir o nivel salrial com a entrada da mulher nestes ramos.

De ano para ano aumenta o indice de analfabetismo no Brasil.

2. FATOS QUE COMPROVAM ESTA REALIDADE

"Entro no trabalho às 5 horas e saio às 13:30 hs., quando chego e, casa estou muito cansada e vou dormir em vez de estudar, não aguento a pressão. Ainda mais quando sou obrigada a fazer horas extras. O chefe ainda diz que tem que ter prioridade ou estuda ou trabalha."

Jovem de Pedreira: " tenho 12 anos de escola, 11em escola pública. Constatei nestes anos que os colegas mais pobrem foram "indo", abandonando os estudos. Alguns nao aguentavam estudar de dia e trabalhar meio periddo.

Outros precisavam trabalhar o dia todo e paravam de estudar. ou estudavam de noite. Os que vinham de familias pobres, operarios ou da zona rural, tinham as piores notas e os que vinham de familias abastadas tinham melhor rendimento. Para o 2º grau prestei um exame de seleção. A fratura então ficou exposta: para o periodo noturno ficaram os mais pobres. E para o vestibualre entraram somente os alunos de posses. Ou outros não tiveram condições de pagar um cursinho, não passaram nos vestibulares.

Ainda no 2º grau, percebi que não aguentava a vida que levava, trabalhar para ajudar a família e estudar. Minha cabeça e meu corpo estavam "pifados". Parecia uma maquina agia mecanicamente, sem sensibilidade. Outra coisa que me levou a deixar a escola foi a falta de relação do estudo com a realidade que vivia em casa e na fabrica."

Em Recife, no bairro de Casa Amarela, é muito alto o índice de reprovação e evasão escolar.

Na escola Duque de Caxias, no bairro de Marambaia(Belém), um professor de educação artistica punia os alunos de maneira absurda e por qualquer motivo até por um simples sorriso chegando ao cumulo de suspender um aluno por 30 dias.

As escolas publicas,"gratuitas", estão distribuindo carnês de taxas mensais aos alunos obrigando-os a pagar na data correta dos vencimentos sobre risco de acrescimento de 10% de multa.(Es.E.de 2º do Espirito Santo)

O aumento das mensalidades das escolas particulares foram permitidas até 64% e o reajuste salarial em todo o pais foram em torno de 48%, isso comprova que o J. T., não pode pagar a mesma pois seu salario não e suficiente sendo uma das causzs da evasão escolar.

Em Belem do Para a matricula inicial em 1980 foi assim:

1ª série	281.943
2ª "	114.352
3ª "	82.125
4ª "	59.578
5ª "	49.199
6ª	32.893
7ª	26.511
8ª	21.520

2º grau

1ª série	29.496
2ª "	18.498
3ª "	13.764

(jornal O Liberal 6/2/83)

Em Teresina o Colégio CIÇREVE tem turmas com até 170 alunos, obrigando o professor a usar microfone ou megafone par dar aula. E no BISO, alunos assistem aula de fora da turma por falta de espaço.

Ainda em Teresina, a grande maioria das escolas particulares comiercializam materiais didaticos e fardamentos a preços mais altos Ex. Pituchinha, Andreas, Cursao.

Em Belo Horizonte o colégio D. Pedro II vende apostilas aos alunos que as acham incompletas, sem base. Mas tem que compra-las pois o colegio nao permite que os professores usem so os livros.

Em Maua, os alunos de escola da rede estadual, em sua maioria são pressionados a pagar a taxa da APM na etuação da matricula, equivalente a matricula na rede particular, e mais o pagamento da taxa para educação fisica (EEPG Ezilda Costa).

Os estudantes do Rio Grande da Serra(SP) que frequentam escolas em Maua, Sto André e São Paulo, tem apenas um onibus e um trem no horário escolar. A perda do mesmo acarreta perda de aula. Na saida, precisam perder de 15 a 20 minutos de aula para tomar a condução de volta.

A escola estadual Vicente Freire de Canoas promoveu dia 15 de maio um galeto com o objetivo de angariar fundos para a construção de um banheiro na escola.

Em Belo Horizonte, uma criança de oito anos parou de estudar por que seu pai está desempregado e não tem dimheiro para comprar calçados, roupas e material escolar.

Na escola Wallace C. Simonssen de S. B. do Campo, como em muitas escolas, existem uma direção e professores que reprimem os aluno impedindo-os de se organizarem, isso trara serios prejuizos quando - mais tarde forem organizarem como classe.

No centro civico da E. Estadual de Volta Redonda, alguns alunos foram marginalizados pela diretoria da escola, porque propunham uma discussão sobre educação popular.

Escolas construidas em Vitoria(ES) nos meses de eleição. E. José Lemos de Miranda 1º grau e Escola Regina Maria Silva, E.Alberto de Almeida 1º e 2º grau, Escola Lilozima Gomes de Souza 1º grau e Escola Pio XII Lº grau.

Alves Dias e Alvarenga são bairros periféricos de S. Bdo C.. Aí não se tem escolas sufidientes par os jovens de Lº e 2º grau, período noturno, obrigando os a deslocarem-se para escolas distantes de sua residência e trabalho.

3. CAUSAS

1.O controle da educação feito pela clase dominante, impondo um conteudo em funcao de valores capitalistas que leva os jovens a não - acreditar em si proprio, ensina-o a memorizar em vez de pensar, raciocinar, criar e a ser um agente de sua educação.

2.A estrutura do ensino é de cima para baixo e nos altos escalões não ha pessoas comprometidas com a cultura popular, com o povo. Inclusive na questao das verbas, o povo, os estudantes não tem nenhuma informação e nem como participar na sua distribuição.

3.Interessa a classe dominante manter a juventude travalhadora desligada de sua realidade. O ensino e usado como meio de transmissão das ideias da classe dominante para sua permanencia no poder. Não interessa ao governo educar o povo para participar das deçisões. A escola e usada como um instrumento de controle social ideologico, que visa a reproducção da sociedade tal como esta.

4.A situação de miseria reinante no país, acaretando desnutrição e que influi no rendimento escolar do aluno. O aluno pobre, muitas vezes não pode nem estudar,pois os pais não podem lhe dar os materiais e uniformes exigidos.

5.A politica educacional e a reforma do ensino, os acordos tipo MEC USAID, sem nenhuma participação e nem mesmo esclarecimento a população

6.As pessimas condiçoes e as jornadas longas de trabalho afastam a juventude trabalhadora das escolas.

7.A educação não e prioritaria no sistema capitalista e por isso d destina-se poucas verbas para o ensino público. Muitas verbas que poderiam ir para a educação vao para armamentos, grandes obras,etc.

8.A baixa remuneração dos professores que leva os a ter uma carga excessiva de trabalho e tira-lhes a motivação de aprimorar e de lutar pela qualidade do ensino. Sofrem tambem muitas pressões para seguirem o curriculo de aulas já determinado e assim manterem o ensino fora da realidade.

9.A falta de condições concretas que possibilitem o jovem trabalhador estudar como: o baixo salario, a distancia, a dificuldade de transporte, o esgotamento mental e fisico, por causa da carga horaria de trabalho, etc, que provocam a grande evasão escolar.

10.Na elaboração dos currículos escolares não há uma participação dos educandos.

11.Não há insentivo e recursos financeiros disponíveis para os profissionais brasileiros trabalharem e criarem tecnologia propria e adaptada aos meios de recursos naturais que temos.

4. CONSEQUÊNCIAS

1 - O jovem vai perdendo suas caracteristicas, sua identidade, o senso critico de participação. Ha uma alienação gradativa do jovem trabalhador pela educação e meios de comunicação social incentivando-o a produzir e consumir tirando-lhe a capacidade de criar e participar, aceitando as propostas, ideias, sem questionar de onde vieram, porque e para que, gerando a passividade, o comodismo, o individualismo.

2 - A necessidade de trabalhar e estudar leva o jovem a se distanciar da familia e a reduzir seu tempo de lazer. Além do distanciamento a escola incute-lhe valores diversos dos de seus pais, gerando muitos conflitos, inclusive entre pais e filhos.

3 - Os jovens tornam-se massa de manobra, usada pela classe dominante para atingir seus fins. Nesta sociedade todos se utilizam da juventude trabalhadora, das mais diferentes formas (os patroes, os partidos politicos, a igreja, as seitas religiosas, os atravesadores de mão de obra, a propaganda)

4 - Piora a cada dia o nível de ensino, desde a escola primária até as universidades, aumenta assim os indices de reprovação.

5 - Devido a carga excessiva de trabalho e a não condição de transporte, gera dificuldades de assimilação do ensino e o desanimo, provocando a grande evasão escolar ou a opção pelo supletivo ou Mobral, formas precaria de educação que só remediam a situação. No inicio do ano letivo as salas de aulas estão cheias. No decorrer do ano vão acontecendo as desistencias.

6 - Aceitação da idéia de cultura ligada a saber ler, escrever, e desvalorização dos valores e formas de cultura popular. Daí temos que um engenheiro e "culto, enquanto o pedreiro e um "João Ninguem," que não sabe de nada.

7 - Os pais acabam assumindo taxas,"contribuições expontaneas" venda de rifas, "eleição de rainha" etc...para sustentar a escola de seus filhos. E a sua não participação leva a marginalização das crianças na escola.

8 - Aumenta cada vez mais a desigualdade social. O estudo como um previlegio de poucos e a negação do direito de estudar para a maioria, a universidade para os filhos dos ricos e as escolas profissionais para os filhos dos pobres (e muito poucos !)

9 - Como juventude trabalhadora e como classe estamos perdendo a nossa historia e a diminuição da qualidade do ensino.

5. REIVINDICAÇÕES

5.1 Reivindicações especificas dos jovens trabalhadores

1 - Redução da jornada de trabalho, 48 hs. para 40 hs. sem redução de salario.

2 - Cumprimento da lei que libera o jovem trabalhador estudante uma hora antes do termino do horário normal de trabalho, sem prejuizo salarial e sem reposição de horas.

3 - Que os organismos e autoridades responsáveis com a participação dos jovens trabalha dores no en sino criem formas de apoio ao jovem trabalhador, que quer estudar mas não tem condições economicas para se manter na escola

4 - Participação dos alunos através de seus representantes, no controle das verbas, orçamento escolar, planejamento do curriculun escolar na rede estadual e particular.

5 - Que a empresa por força de lei seja obrigada a colocar o jovem trabalhador numa atividade integrada com o seu estudo.

6 - Garantia e ampliação de vagas para estagiários, e que seja renumerado de acordo com a função que estão exercendo.

7 - Que os sindicatos e Associações de classe assumam as bandeiras de luta dos jovens trabalhadores e estudantes.

8 - No vos meios de avaliação, debates, pesquisas, seminários, voltados para o crescimento integral do joven, em termos de conhecimento, ati tudes e habilidades com critérios que observem o desenpenho dele como ser social e não visando avaliar a sua capacidade de momorização como é feito hoje.

9 - Que se crie espaços nas escolas que possibilitem a livre participação dos alunos, nas atividades comunitárias (hortas, grupos de teatro,etc..)

5.2 - REIVINDICAÇÕES GERAIS

1 - Que o ensino seja gratuito em todos os niveis, sem distinção de cor, raça, posição social, garantindo assim a todos a educação, inclusive aos presidiarios.

2 - A democratização e descentralização do ensino, com a efetiva participação dos professores, alunos, associações comunitárias, de moradores, sindicatos, organização de jovens trabalhadores:

.. Na definição do conteudo, a partir da realidade da comunidade, região ou cidade.

. Na definição da metodologia e pedagogia.

. Na definição e fiscalização das verbas.

. Na escolha de professores e diretores.

Garantindo uma melhor qualidade do ensino e que esteja voltado para as necessidades e interesses do povo edos trabalhadores.

3 - Oficialização de educação sexual nas escolas, com discuções claras. Incluir tambam no 2º e 3º graus filosofia, psicologia e sociologia.

4 - Inclui no cúniculum escolar desde 1º e 2º graus matérias que interesam aos trabalhadores: custo de vida, cindicalismo, participação politica e comunitária, educação popular.

5 - Que as escolas proficionais tenham um conteudo pedagógico e humanista, não ficando somente nos aspectos tecnicos. E que não se choque com a realidade / de vida e de trabalho dos jovens trabalhadores. Que se garantão trabalho na na profissão escolhida, melhores condições de aprendizado prático com laboratórios, oficinas, equipamentos, etc.

6 - *Que a partir do 3º Congresso a JOC passe a elaborar subsídio para continuarmos a discutir os problemas relacionados com a educação.*

6 - Discussão e oficialização do método PAULO FREIRE.

6 - Que as secretárias de educação e cultura introduzam a obrigação das aulas práticas proporcionais as aulas teóricas em todas as escolas.

7 - Excluir a taxa das Associações de Pais e Mestres - ou quaiquer outras taxas cobradas nas escolas.

8 - Cumprimento da lei que diz que as escolas devem ser abertas para lazer durante os finais de semana. (lei 5692/71)

9 - Que os professores, diretorias e sociedade em geral, apoiem a luta dos estudantes, suas agremiações para melhoria e gratuidade do ensino.

10 - Que todas as escolas, inclusive as noturnas, forneçam merenda escolar gratuita, com alimentação nutritiva.

11 - Garantia e registro em carteira de no mínimo 3 anos para professores recém / formados, melhor renumeração dos professores, aproveitamento dos professores no meio onde moram.

12 - Que a escola crie formas de motivar a comunidade a participarem da mesma, partindo de uma conscientização geral do problema educacional.

13 - Aumento do número de ônibus nos h orários escolares noturnos e que as prefeituras adotem os passes de meia passagem para os estudantes, a serem vendidos na própria escola.

14 - Que as autoridades competentes, mais APM e comunidade, fiscalizem o uso e a-abuso de poder dentro das escolas: excursões, material didatico, uniformes, taxa ilegais....

15 - Criação de mais escolas públicas de primeiro e segundo grau nos bairros, dando mais condições e abrindo mais espaços para o jovem trabalhador estudar.

16 - Que seja dada autonomia aos centros civicos e liberdade de formação de gremios estudantis nas escolas que não tem.

17 - Reivindicamos o direito ao estudo de todos os deficientes fisicos com condições adquadas nos diferentes casos.

18 - Reivindicamos uma terapia educacional-trabalho para os doentes mentais.

19 - Destinação de 12% do orçamento da União para a educação e prestação pública de contas.

20 - Revogação de lei que extingue a carteira de estudante

21 - Que as secretarias de educação apoiem e divulguem a cultura e educação popular.

22 - A existência de guardas noturnos, circulando nas areas escolares.

23 - Cumprimento da lei de diretrizes e base de educação, artigo 31. e seus paragrafos: " as empresas; industriais, comerciais e agricolas em que trabalham mais de 100 pessoas são obrigadas a manter ensino primário gratuito para os servidores e filhos desses."

24 - Que o livro didatico e o material escolar em geral sejam livrados de impostos passando os mesmos para as revistas pornograficas.

6. PROPOSTAS DE AÇÃO

1 - Que o 3º Congresso Nacional de Jovens Trabalha dores, lute pelo ensino gratuito em todos os niveis.

2 - Encaminhamento das nossas decisões e reivindicações ao MEC.

3 - Que a partir do 3º Congresso a JOC passe a elaborar subsidios para continuarmos a discutir os problemas relacionados com a educação.

4 - As organizações de juventudes e operárias, promovam discusões e se organizem na luta por um novo tipo de educação e de sociedade. Pela reformulação do Ensino. Que o ensino seja voltado para a realidade em que vivemos.

5 - Assumirmos um trabalho de base em nossas escolas, promovendo a conscientização e organização em torno da situação educacional. Assumirmos a luta da classe operária desde onde estamos: Associação de Moradores, Colegios, local de trabalho, comunidades e movimentos nas cidades.

6 - Lutar para que o jovem se reconheça como Agente transformador e participante da mudança de seu ambiente.

7 - Procurar interessar-se mais pela educação e cultura populares e criar meios de divulga-las: teatro, musica, grupos de estudo, buscando expressar o projeto da classe operária de uma sociedade justa.

8 - Organização dos jovens trabalhadores estudantes na defesa de seus interesses específicos, aproveitando horarios livres nas escolas, elevando ao conhecimento dos pais as dificuldades e necessidades, para motivá-los a participar mais significativamente junto à escola.

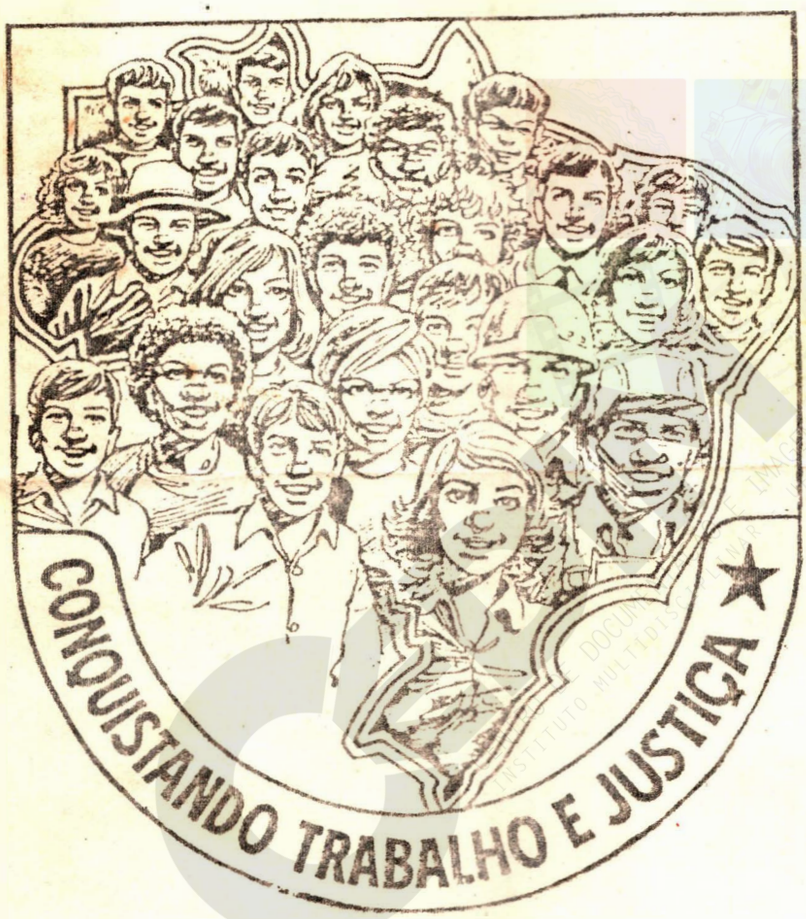
9 - Que os professores participantes do 3º Congresso Nacional, assumam perante a sua comunidade a mudança pedagogica oficial e que estejam em debate com os demais companheiros, garantindo assim a cultura predominante de uma região.

10 - Que nas cidades onde ocorreram congressos os jovens que estudaram o tema educação continuem se reunindo e aprofundando, buscando formas de ação junto aos canais de participação de que dispoem.

CEDIM
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR - UFRRJ

Pe. Geraldo Lima

3º CONGRESSO NACIONAL DE JOVENS TRABALHADORES



REALIDADE DO JOVEM TRABALHADOR

NO MEIO RURAL

São Paulo, 22.23.24 - Julho - 1.983

3º CONGRESSO NACIONAL DE JOVENS TRABALHADORES

CONQUISTANDO TRABALHO E JUSTIÇA

COMISSÃO ESPECIAL Nº 2:A JUVENTUDE TRABALHADORA NO MEIO RURAL.

1. CONSTATAÇÃO DA REALIDADE

Nós, jovens trabalhadores rurais, na sociedade que vivemos, somos fortemente explorados. Normalmente começamos a trabalhar muito cedo, entre 8 e 10 anos de idade. A própria organização da produção nas roças exige das crianças uma parcela de trabalho. Tarefas como: levar animais para o pasto, cuidados com a criação, colaboração com afazeres domésticos como: Serviços de limpeza, , vigilância dos irmãos mais novos, etc, são desempenhadas pelas -- crianças a fim de liberar os pais e irmãos mais velhos para os -- trabalhos na roça. Os jovens acima de 12 anos, na maior parte das vezes já iniciam trabalhos mais pesados como: destoca, desmate,, limpeza de roça, aragem, plantio, colheita, provisão de agua,etc .

Dentre as dificuldades dos jovens trabalhadores rurais destacamos as seguintes:

.má distribuição da terra e falta de condições para cultivá_lá ;

.falta de transporte para as sedes dos municípios e locais de trabalho;

.não garantia de preços para a comercialização agrícola;

.limitações dos jovens rurais para ter acesso ao crédito agrícola

.inexistência de cursos profissionalizantes de acordo com as necessidade do campo;

.o não cumprimento da legislação trabalhista(CLT) e "Estatutos da Terra", apesar de falhos;

.péssimos salários, abaixo do salário minimo;

.falta de trabalho de forma contínua;

.falta de escola em muitas regiões e onde existe essa possibilidade o conteúdo é de baixo nível e esta desligado das necessidades da zona rural;

Jornada de trabalho acima do legal permitido.

Precaridade da assistência médica, aposentadoria pelo FUNRURAL e demais benefícios.

5 anos de seca e pouco compromisso do governo em resolver a questão de maeira definitiva. ex.: a emergência que serve como fonte de lucro para o latifundiário e sustentação da política do governo no nordeste.

Incentivo do Governo para agricultura de exportação, especialmente atraves das multinacionais.

Repressão aos trabalhadores e suas organizações.

2. FATOS QUE COMPROVAM ESTA REALIDADE

1. De acordo com levantamento realizado pela CPT Nacional existente cerca de 1916 conflitos de terra no meio rural atingindo mais de 2[illegible] mil famílias. A fim de ilustrar esta afirmação citamos alguns fatos: Em Minas Gerais, no Município de São Francisco, "Serra das Araras", nas fazendas, Menino, Racho, Fundo, Boqueirão, Sumidouro e Serra das Araras - trabalhadores ameaçados: 700 posseiros - (há mais de 40 anos na área). População: 10.000 habitantes. Área: 240 km quadrados.

   No dia 28 de outubro de 1978 o trabalhador rural PRAXEDES PEREIRA DA SILVA foi morto por josé Mendes de Amorim a mando dos grileiros Joaquim Viana de Matos, Alvindo Mendes de Amorim e Norgerto Muniz dos Santos.

   Só no Estado de Minas existem 1.999.026 trabalhadores sem terra (publicação da Secretaria de Planejamento-Comportamento da Economia Mineira-SEPLAN-MG).

2. Barragem do Itaipú - Paraná

   Com a construção desta barragem, mais de 60 mil pessoas foram expulsas de suas terras (40 mil brasileiros e 20 mil paraguaios). Foi coberta uma área de 200 mil hectáres de terras férteis, reduzindo mais de 200 mil toneladas de alimentos produzidos no oeste do Paraná.

3. Barragem de Mochotó: Bahia

   As águas inundaram vários povoados e todo o município de Glória, expulsando cerca de 15.000 pessoas, em sua maioria trabalhadores rurais. A CHESF (Cia. Hidrelétrica São Francisco), não ofereceu terra para ninguém e as indenizações vieram de acordo com os critérios do funcionário encarregado. A quantia recebida foi irrisória e raramente indenizavam as benfeitorias. Os trabalhadores desta região receberam em média 10 mil cruzeiros por família. Algumas famílias receberam apenas passagens para ir para os grandes centros e um pouco de dinheiro para se manterem por uns poucos dias.

4. Barragem de Sobradinhos - Bahia

   Esta barragem formou o maior lago artificial do mundo, cerca de 100 mil pessoas foram expulsas de suas terras e povoados. Foram encobertas as cidades de Casa Nova, Remanso, Santa Sé, Pilão e Arcado. Milhares de pessoas se negaram a sair do local por não haver onde trabalhar. A CHESF procedeu da mesma forma que em Mochotó, não havia critério único para idenização das terras e das benfeitorias. Pagavam como queriam : conforme o agricultor e o funcionário que realiza essa tarefa.

5. Passo Real - Rio Grande do Sul

O governo anunciou a construção da barragem de Passo Real no rio Jacuí, durante os anos de 70 e 71, as águas formaram o lago que inundou em torno de 24 mil hectares de terra agricultáveis ocupadas por 1.442 famílias de trabalhadores rurais. Mais de 530 famílias não queriam aceitar a indenização e queriam outras terras para trabalhar. Nenhuma providência foi tomada e tiveram que se virar por conta própria, ficando nas imediações das barragens, casas de vizinhos, parentes, etc. A situação continua assim até hoje, passados 12 anos.

6. Jaraúba-PE - Construção da barragem do Bico da Pedra no rio Goiana pela CODEVASF (Cia. Desenvolvimento do Vale do São Francisco). Na 1ª fase foi construída a barragem numa área inundada de 10 mil hectares. 292 pequenas propriedades foram atingidas e 2400 famílias foram desapropriadas. Na 2ª fase, que foi a da irrigação da margem direita do rio Goiana, foi desapropriada uma área de 8.130 hectares e 213 propriedades atingidas. A 3ª fase (em projeto) pretende irrigar uma área de 7 mil hectares, com 574 propriedades ameaçadas de desapropriação e mais de 3 mil trabalhadores rurais ameaçados de despejo. Os trabalhadores da margem esquerda estão resistindo ao cerco da CODEVASF, pois conhecem os males que este causou aos pequenos produtores da direita do rio, que hoje não tem terra, nem trabalho e consequentemente falta até mesmo comida para seus filhos. A construção das barragem e irrigação das margens do rio Goiana só tem trazido miséria e aflição para os trabalhadores rurais que moram ao lado do rio. Hoje são empresas multinacionais e grandes latifundiários que trabalham as terras irrigadas na margem direita.

7. No Brasil, 25% da força de trabalho compõe-se de menores de idade entre 10 e 14 anos. A presença de mão-de-obra infantil é crescente na lavoura brasileira. Em 1975, nada menos que 4,5 milhões de menores deixaram seus estudos para trabalhar na lavoura. Calcula-se que em 1980 seriam aproximadamente 7,5 milhões, ganhando em média 40 cruzeiros por dia (Fonte: Caderno CEAS, março de 1982). Segundo a CONTAG (Confederação dos Trabalhadores na Agricultura) afirma haver, em 1981, 5,4 milhões de menores trabalhando no campo.

8. Um em 8 trabalhadores agrícolas têm a terra. Destes proprietários, apenas 1/3 possui terra em quantidade suficiente para poder gerar renda igual a um salário mínimo. Dentro do grupo que possui terra, 4% dos proprietários possui quase 50% dessas terras, enquanto 2/3 desses proprietários (66%) dispõem apenas de 10% das mesmas (documentos oficiais).

9. Quatro milhões de nordestinos vivem na Grande São Paulo. Os dados do censo demonstram que 60% dos imigrantes têm de 10 a 30 anos. Na medida em que o jovem pode tirar os documentos e viajar, vai para a cidade, sobretudo para o Sul. Uma minoria de jovens continua a reserva disponível para a migração permanente que alimenta com mão-de-obra barata a parte mais rica da nação (dados oficiais)

10. O ensino primário é gravemente afetado pela insuficiência de prédios escolares, falta de equipamento, material didático e recursos pedagógicos e sobretudo pela fraca qualificação das professoras. Isso por causa dos baixíssimos salários. A participação de professoras não formadas (leigas) no quadro de professores varia em torno de 50% conforme o Estado (documento dos bispos do Nordeste-1973).
Ex.: Estado de Pernambuco - Sítio Olho D'Água - Entrevista dada - em 1982 para o "Grito do Nordeste" - nº 38-set/out.82:
Zefina afirmava: " O jovem hoje em dia não pode mais ficar isolado do mundo. Aqui, na escola do sítio, somente se alfabetiza. Não se ensina nem a 4ª série. Quem quer estudar mais deve ir à cidade vizinha, que fica a 30 km. Os pais não têm dinheiro para pagar o ônibus, nem querem deixar as moças sairem à noite para o colégio. Sem escola, como a gente vai ter competência e meios para trabalhar e aprender uma profissão?"

3. C A U S A S

Os grandes e médios proprietários vão comprando as pequenas terras. Falta de uma política agrícola em favor da maioria da população rural, capaz de solucionar o problema fundamental dos trabalhadores ruarais: A DISTRIBUIÇÃO DAS TERRAS.

Outras causas: os grandes projetos que favorecem às empresas agrícolas e aos latifundiários, que concentram terras e nada produzem para o consumo interno.

E fundamentalmente, a causa é o sistema capitalista que favorece a concentração do poder e dos bens materiais, não permitindo a participação do povo.

4. CONSEQUÊNCIAS

A expulsão dos pequenos agricultores, gerando o êxodo rural para médios e grandes centros urbanos; o crescimento das favelas e da miséria; a insegurança dos trabalhadores; a destruição dos valores e cultura das pessoas que são forçadas a sair das suas localidades rurais; o aumento do desemprego e do subemprego com forte impacto sobre os salários; a exploração da mão-de-obra, principalmente dos jovens.

5. REINVIDICAÇÕES

5.1. REINVIDICAÇÕES ESPECIFICAS DOS JOVENS TRABALHADORES

1. Autonomia para o jovem trabalhador para que ele possa assumir o crédito rural, pois nos é negado o direito de acesso direto aos financiamentos, e que os juros sejam com taxas reduzidas.
2. Que os jovens assumam a criação das cooperativas com autonomia.
3. Que sejam implantadas escolas-famílias na zona rural pagas pelo governo e que passem a existir cursos profissionalizantes voltados para as exigências do meio rural.

5.2. REINVIDICAÇÕES GERAIS

1. Reforma agrária, levando em consideração as reinvidicações e organizações dos trabalhadores para que cada um tenha terra e condições de produção para viver dignamente com sua família.
2. Indenizações justas, de acordo com o preço de mercado, aos desapropriados.
3. Prévia consulta à população a ser atingida com as barragens. Caso ela for mesmo necessária, que se faça o reassentamento coletivo, de acordo com a necessidade dos reassentados.
4. Melhoria das estradas que ligam os povoados até as cidades, distritos e locais de trabalho.
5. Aposentadoria com salário integral (salário mínimo vigente) para homens e mulheres, independente de que sejam marido e mulher.
6. Redução do tempo de aposentadoria de 65 anos para 55 anos de i-

dade e 35 anos de serviço para assalariados.

6. PROPOSTAS DE AÇÃO

1. Criação de um movimento nacional de jovens trabalhadores rurais.
2. União e organização dos atingidos pelas barragens e outros projetos de desapropriação. Não só dos proprietários, mas de todos que sofrem as consequências dos problemas.
3. Apoio às "Comissões Regionais de Atingidos pelas Barragens" e outros projetos, a fim de exigirem os seus direitos.
4. União do jovem trabalhador do campo com o jovem trabalhador da cidade.
5. Que estas denúncias cheguem ao conhecimento dos responsáveis.
6. Maior participação dos jovens do meio rural nos sindicatos e entidades afins.
7. Que haja continuidade do 3º Congresso para revisão, discussão e aprofundamento.

Nota: Na página 2 - "Fatos que comprovam a realidade", 2ª linha do 1º parágrafo, leia-se " 916 conflitos" em vez de "1916 conflitos".

3º CONGRESSO NACIONAL DE JOVENS TRABALHADORES



TESE

JUVENTUDE TRABALHADORA E A DISCRIMINAÇÃO E MARGINALIZAÇÃO

São Paulo, 22/23/24 - Julho - 1983

3º CONGRESSO NACIONAL DE JOVENS TRABALHADORES CONQUISTAN DO TRABALHO E JUSTIÇA

A JUVENTUDE TRABALHADORA E A DISCRIMINAÇÃO E MARGINALIZAÇÃO

1. CONSTATAÇÕES

Nós jovens trabalhadores, reunidos no 3º Congresso Nacional de Jovens Trabalhadores, em São Paulo, após ter levantado, analizado e discutido o tema Discriminação e Marginalização, constatamos que:

- moradores de favelas, bairros periféricos e operários são provocados por policiais através de rondas, pedido de documento e dispersão de seus agrupamentos.
- Favelados sentem-se marginalizados dentro da sociedade e evitam o contato com o resto da população.
- A polícia abusa de sua autoridade, principalmente com pessoas de baixa renda.
- A mulher é discriminada no trabalho, com trabalho igual e salario menor que o dos homems. Seu salário é visto apenas como complementação da renda familiar.
- Não ha reconhecimento nem divisão do trabalho doméstico.
- As mulheres estão submetidas às exigências dos patrões, que não aceitam mulheres casadas ou exigem que evitem a gravidez. Muitas vezes o marido é conivente com esta situação, estimulando o aborto, o que provoca problemas conjugais.
- Os meios anticoncepcionais são usados somente pelas mulheres.
- Não existem no Brasil respeito ou aceitação das características raciais dos negros e indigenas.
- A igreja legitima o preconceito racial através de uma determinada prática que discrimina e marginaliza as religiões negras e indigenas.
- A educação impõe a ideológia do embranquecimento reforçada pelo preconceito de que o branco é patrão. Cargos que exigem boa aparência são ocupados pelos brancos.
- A lei Áurea só contribuiu para oprimir o negro. A lei Afonso Arinos, fortalece o mito da democracia racial brasileira.
- Nos movimentos Populares, a questão racial não é colocada em último lugar.
  Alguns militantes desses movimentos já se assumem como negros.
- A Juventude Negra está mais sujeita a repressão.
- Os negros, principalmente nas escolas, são vistos como burros.
- Desde a Colonização do Brasil, o branco invasor foi tomando a terra dos índios, impondo a sua cultura, desrespeitando, portanto, a cultura indigena e até praticando um genocídio.

- A história do Índio é ignorada ou epresentada como caricatura, nas escolas, na TV, etc.
- O índio é tutelado pelo estado, suas reservas são objetos de turismo e em muitos casos são invedidas pelos grileiros, tendo que lutar para manter espaço vital.
- A FUNAI - órgão que executa a tutela do estado não está contribuindo para garantir a defesa dos direitos indígenas.
- A nossa sociedade, através do processo de marginalização, contribue para o endemanto do toxicomano. Pessoas das classes altas também estão envolvidas no trafico de drogas.
- Deficiente físicos e mentais são obrigados a sobreviverem de sub empregos e mendicância habitando, em condições desumanas.
- Homossexuais masculinos e femininos são rejeitados pela sociedade e a Igreja os descrimina.
- Pessoas que je sofreram prisão são discriminadas solidamente, tendo inclusive dificuldade de conseguir novo emprego.
- As mulheres gestantes ao retornarem de licença não tem direito a sua licença de amamentação que é decretada por lei assegurada e cumprida.

2. FATORES QUE COMPROVAM

: Belo Horizonte - Nos bairros de Nova Granada, S. Francisco J. América. Polícia provoca moradores das favelas, dos bairros (...) Chamando as pessoas que estão nas ruas em grupos ou mesmo parada nos portões de suas casas, pedindo documentos e dispersando o grupo.
- Americanópolis - SP. Favelados se sentem inferiorizados diante da sociedade.
- Bangú - RJ - Operários são mal atendidos pelos médicos, como se fossem lá apenas para justificarem faltas.
- Campinas - SP
  Existe uma firma em que mulheres gestantes que saem de licença ao retornarem são demitidas.
- Jovem trabalhadora foi rejeitada para executar o trabalho de secretaria, na Bahia por cruse da sua aparência.
- As domésticas se sujeitam a passar fome a apenhar dos filhos dos patroes para não perderem o emprego.
- Na febrica Rema em SP, muitas mulheres se engravidam para não perderem o emprego.
- Benedito Pio Silva, assessor do governo Maluf, criou um projeto de esterilidade de mulheres negras, prevendo que no futuro a raça negra poderia atingir 90% de populeção.
- Parque das Nações - S. André
- Existem escolas em que professores não querem alunos negros nem nordestinos, identificando-os como "burros".

- Uma companheira negra em Guarapari-ES, a procura de emprego na Prefeitura, não foi aceita com o argumento de que: "Não fica bem negro na Prefeitura". A mesma foi elogiada em seu emprego dizendo: "Voce trabalha como pessoa branca".
- Em Campinas SP. Um grupo de Jovens negros que conversavam na rua às 21.00 horas foram revistados pela policia e obrigados a dispersar o grupo.
- Uma firma em Belo Horizonte, orientou um rapaz negro de bom desempenho profissional, a ir para o Iraque, colocando que lá teria melhores chances de trabalho.
- O Vaticano proibiu a realização da Missa dos Quilombos, mas apesar disso D. Paulo Everisto, assumiu um ato em São Paulo.
- O Vaticano reprendeu e prendeu por 2 anos um Arcebispo da Africa por este apoiar movimentos culturais em seus país.
- O negro, quando foi trazido para o Brasil já recebeu um nome branco obrigando-o a negar sua origem.
- Numa Associação de moradores do Rio de Janeiro, o presidente é negro este não aceitou que uma comissão do movimento negro fizesse um trabalho cultural junto com os moradores.
- Quando um negro e um branco procuram emprego, há preferência pelo branco.
- Nos livros didáticos, não há referência às lutas de resistência dos negros. A República de Palmares é apresentada de modo deformado. É omitida a participação do negro no processo histórico.
- O casamento de negro e brancos muitas vezes é aproveitado para fortalecer e justificar o mito da democracia racial brasileira.
- A lei Afonso Arinos, nº 1390 de julho de 1951, pretendendo punir a discriminação racial, nunca saiu do papel, servindo apenas como um elemento a mais de reforço do mito de democracia racial.
- O clube Brilhante de Pelotas, não aceita negros como socios. Ex. Um senhor branco, casado, pai de 3 filhos, tentou associar-se ao Clube e foi bem aceito. Mas quando apresentou as fotos de esposa que é negra, teve rejeitada a sua participação.
- O ex-secretario de Segurança Pública de São Paulo, Erasmo Dias, disse numa entrevista à TV: "Os marginais no Brasil" são negros e "pardos" que usam Jeans e Tenis.
- 61% de todos os trabalhadores brasileiros, ganham até dois salarios minimos. E são cerca de 26 milhoes. Esses 26 milhões são compostos por 78% dos negros, 72% dos pardos, 53% dos brancos, 23% dos amarelos De acordo com o Censo de 1980.
- Na epoca do "descobrimento" do Brasil, havia mais de 6 milhoes de Indios. Hoje eles estao reduzidos a pouco mais de 200 mil.
- A cidade de São Paulo, por exemplo, começou a partir de um aldeamento indigena, o Patio do Colegio hoje se reduzio a estatuas de bronze.

- O povo brasileiro não conhece a história do indio, sua cultura, religião, etc.. Ele aparece de modo folclorico e ridicularizado.
- As reservas, como a do Xingu se transformaram em atrações turisticas.
- Há muitos conflitos de terra envolvendo reservas indigenas. A morte do indio Simão, dos Bororós e do Cacique Angelo Cretan, são fatos recentes ligados a esta questão.
- Até hoje não foram cumpridas as promessas de demarcação das terras.
- Os homossexuais que querem participação não são levados a serio.

3. CAUSAS

Como causa desta situação refletimos que se encontra no sistema capitalista, onde poucos tem a propriedade e o poder e muitos não o tem e vivem sujeitos aos empregos oferecidos pelos primeiros. Esses poucos exploram a maioria e a submetem a exploração. Não há preocupação com as pessoas. O objetivo do sistema é apenas "sugar" o que ele pode dar e obter lucros cada vez maiores.

- Esse sistema também nos impõe falsas ideológias através dos meios de Comunicação.
- Os filhos das famílias operárias são usados pela propria repressão, sendo incentivados a ingressarem nas Forças Armadas e assim são formados para atingirem contra a própria população de que fazem parte.
- Vimos que a miséria é a causa de toda a marginalização
- As familias não tem condições de sustentar os filhos.
- Os salários baixos, que obrigam os maridos e esposas a sairem para trabalhar e deixarem seus filhos sozinhos, são outra causa de marginalização e discriminação existente.
- Verificamos que as mulheres se prostituem devido aos baixos salarios e que estão sujeitas nas empresas e casas de família.
- As mulheres sofrem toda sorte de pressão dos patrões nas empresas, até na natalidade onde estes tentar impor um controle legitimado pelo governo.
- A educação mexista, dada nas escolas e família confirma a mentalidade de mulher voltada para o lar. Daí a pouca participação das mulheres nos movimentos populares.
- No lar e na escola a falta de esclarecimento sobre a questão sexual é mais uma causa de marginalização e discriminação da mulher.
- A discriminação racial no Brasil, tem raízes históricas. O negro na escravidão foi usado como instrumento de produção, sob o preconceito social de que o negro não tem alma e que tem um nível intelectual menor.
- No momento de Fabolição", no Brasil importava mão de obra européia e não dava oportunidade ao negro.
- Daí é que começa a liberdade falsamente dada pelos brancos.

- O racismo é usado para dividir a luta de classes.
- Uma educação elitista e paga, a que o negro não tem assesso, é mais uma causa de discriminação
- A Igreja na medida que se compromete como poder capitalista, legitima ideologicamente a discriminação social e sexual.
- A sociedade capitalista não só pela divisão de classe, mas também pela divisão racial.
- A marginalização e discriminação dos índios se prende ao interesse de lucros das empresas capitalistas.
- Dá-se o desrespeito à cultura indígena pelos brancos.
- A Funai, que não defende os interesses indígenas por estar ligada ao interesse dos empresários.
- A policia ajuda a manter o sistema e é grande incentivadora do uso de drogas como prática alienante e como forma de ganhar dinheiro. Muitos traficantes passam drogas para os jovens e não estão necessariamente sujeitos a ação da policia.

O atual modelo penitenciario também e uma causa da marginalização e de lá saem mais corrompidos, entrando num caminho irreversível.

4 - CONSEQUÊNCIAS

- A desconfiança e a desunião se alastra enfraquecendo sempre os mais fracos.
- Complexo de inferioridade, pois os próprios marginalizados já se convenceram de que são ruins e que merecem as más condições que lhes impoe.
- Agressividade e desrespeito aos homossexuais, negros, mulheres, indios e prostitutas.
- A necessidade das mães pobres trabalharem devido ao baixosalário, geram milhares de menores abandonados.
- Divisão do trabalho domestico desigualmente obrigando a mulher a cumprir jornada de trabalho.
- Desunião da família e dificuldade no entrosamento.
- Discriminação da mae solteira pela sociedade.
- Os desempregados em grande parte, são negros do sexo feminino.
- Uma maioria dos negros não aceita sua cultura e cor.
- Processo de embranquecimento.
- Linguagem e ditos populares racistas.
- Complexo de inferioridade em alguns negros, sendo que outros encontram uma saida na violência e essa violência é usada pelo governo como "arma de repressão" em cima do povo.
- Exterminio do Indio, da sua cultura e do valor histórico
- É produzida a mentalidade que o índio é sinônimo marginal, perigoso, irracional e antropófago.

- Tóxico gerando dependência fisica e mental, provocando conflitos na escola e na família.
- O enriquecimento dos traficantes de drogas, muitas vezess aliados a propria policia.
- Corrupção nos presidios.
- Superlotação dos presídios juntamente com a falta de uma polícia voltada para a reabilitação ds pessoa.

5. REIVINDICAÇÕES

- Criação de escolas profissionalizantes para menores com garantias de empregos.
- Que a questão da legalização do aborto seja amplamente discutida pela população antes de ser lavada ao Congresso Nacional
- Criação de creches nos locais de trabalho assegurando vagas para os filhos das maes solteiras e demais maes.
- Que se abra um espaço, principalmente nos meios de comunicação, para realização de discussões e esclarecimentos sobre os métodos conceptíveis.
- Que se revolve a lei "Afonso Arinos" e se formule uma lei que realmente puna o racismo ou que considere isso como crime.
- Que todos os setores da Igreja assumam a discussão do problema racial
- Que partidos políticos abram discussões sobre o problema da discriminação racial.
- Fim da FUNAI e reconhecimento da autonomia dos povos indigenas.
- Retomada do Projeto de Demarcação das terras dos índios, com a participação dos próprios indios.
- Que se inclua nos curriculum escolares a história dos índios, nossa colonização aos dias de hoje.
- Que seja cumprida a lei que garante o trabalho dos deficientes físicos e mentais de acordo com suas potencialidades.
- Que as condições de atendimento nos hospitais sejam fiscalizadas a fim de evitar abusos e negligências das autoridades.
- Que o governo crie mais áreas de ensino profissional nas penitenciarias, para que o presidiário tire seu sustento e de sua família, para que tenham condições de se reitengrar à sociedade.
- Que se realize discussões entre a questão do homossexualismo.
- Que as autoridades dem espaço para a pastoral carcerária junto aos presos.
- Que a APAE (Associação de Pais e Amigos de Excepcionais) e a Pastoral Carcerária trabalhe especificamente e pedagogicamente com relação aos jovens presidiários e que sua atuação nao seja assistensialista, mas leve os presidíários a lutarem pelos seus direitos.

6. PROPOSTAS DE AÇÃO

- Nós jovens trabalhadores, lutemos de maneira organizada nas entidades de bairro, sindicatos e partidos, lutando por mais trabalho mudanças sociais.
- Incentivo e apoio à formação de grupos de mães nas comunidades onde analizem os fatos biblicos referentes a mulher dentro da realidade.
- Que todos nós jovens trabalhadores assumamos a discussão da discriminação em todos os locais em que nos fizermos presente, principalmente em nossas casas, dando condições ao negro de conquistar o espaço que lhe é negado na sociedade.
- Que os jovens negros sindicalistas levem para omeio sindical a questão racial para discursão.
- Que em cada cidade sejam elaboradas palestras com as famílias, onde sejam questionados a situação dos deficientes e toxicomanos, dando pistas para que a família saiba resolver os problemas.
- Que os jovens trabalhadores procurem conhecer mais a realidade indigena, através de estudos e publicações (boletim do CIMI, Jornal Porantin, Comissão Pró Indio) e transmita aos companheiros.
- Criação de comitê de apoio aos homessexuais e prostitutas, que seja contribuição para mantê-los, entende-los e respeitá-los.
- Que a juventude trabalhadora atue no movimento que trabalho com presidiários contribuindo para que eles assumam de fato pelo respeito a sua dignidade.
- Participação dos jovens trabalhadores por creches nos locais de trabalho, nas divulgações dos métodos conceptivos masculinos e femininos, nos debates sobre o aborto, nos sindicatos pela igualdade de salários de homens e mulheres.
- Denuncia de qualquer ato de preconceito
- Que haja uma assembléia de 3 em 3 meses em todas as cidades onde os jovens discutam a avaliem a sua realidade.
- Que todas as cidades criem um grupo que atue nos bairros, cuja preocupação seja com os menores que vivem no sub emprego.
- Que os jovens trabalhadores se empenhem em ocupar os poucos espaços possiveis de alternativas e estes mesmos meios de comunicação para que não sejam utilizados somente para a alienação e portanto marginalização da classe operária.

3º CONGRESSO NACIONAL DE JOVENS TRABALHADORES



TESE

JUVENTUDE TRABALHADORA E AS CONDIÇÕES DE VIDA

São Paulo, 22/23/24 - Julho - 1983

3º CONGRESSO NACIONAL DE JOVENS TRABALHADORES

CONQUISTANDO TRABALHO E JUSTIÇA

JUVENTUDE TRABALHADORA E CONDIÇÕES DE VIDA.

1. CONSTATAMOS

Constatamos que nós jovens trabalhadores, vivemos em péssima condições de vida. Geralmente moramos em bairros ou vilas nas periferias das cidade, distantes do local de trabalho, da escola e de outros serviços que necessitamos para a nossa sobrevivencia.

Dentre as dificuldades que enfrentamos no nosso dia a dia destacamos as seguintes|

A precaria dos bairros de periferia e das favelas : Os bairros - favelas e vilas mais distantes sao os mais necessitados e os menos servidos de serviços básicos como| Transporte, iluminação rede de abastecimento d'água , esgoto, Postos de Saúde, policiamento coleta de lixo, escola, calçamento, luz etc....

Os conjuntos habitacionais, construidos com recursos dos proprios trabalhadores, (FGTS e cadernetas de Poupança) através do BNH são construidos com material de 3º qualidade, atendendo ape nas trabalhadores com maior renda, uma vez que as prestações são altissimas e a seleção muito rigirosa(para ser mutuario). Assim sendo a grande maioria dos Jovens não tem condições para adquirir a casa propria.

As condições de habitação dos Jovens Trabalhadores são revoltantes e desumanas. Existe grande número de favelas e vilas, bairros clandestinos e invasões nos grandes centros que ocupam áreas que foram rejeitadas pelas construtoras, orgãos públicos e empresas privadas devido os terrenos serem acidentados, úmidos e distantes do centro da cidade. São nestes locais que a massa de trabalhadorès ergue seus barracos, nos fins de semana, em conjunto com parentes e amigos, enfrentando muitas vezes policias e orgãos públicos.

Péssimas Condições de Transporte - Os carros são super lotados, demorados, inseguros, sujos e as passagens no final do mes representam boa parte dos nossoas salário, isto significa que gastamos muito tempo em função dos transporte (ônibus, trens e metros) alem de sermos mal servidos e os preços, horários, linhas de ônibus são determinadas sem a participação dos usuário.

O aumento do Custo de Vida : os preços de modo geral aumentam muito mais do que os salários. E após o acordo com o FMI agravou-se ainda máis esta realidade obrigando ao trabalhador a viver miseravelmente. A alimentação,o vestuário, a habitação, a saúde, e outras necessidades só poden ser atendidas precariamente, ou simplesmente não são atendidas. Basta verificar quantas crianças morren antes de completar um ano d vida. Mortes causadas por desnutrição, falta de atendimento médico, etc.

Querem nos tirar até o direito de ter filhos. Alegan que a pobreza é causada pelo excesso de membros de uma mesma familia de baixa renda.

As condições de saúde - É um absurdo constatar o sofrimento dos Jovens Trabalhadores, operários e demais segurados quando necessitam do INAMPS. A política da saúde não se preocupa com garantir a saude do povo. Nada existe para previnir, o que existe é para remediar, pois grande parte das doenças são causadas basicamente por falta de alimentos, condições dignas de habitação e de trabalho. Quando procuramos um médico já estamos doentes e quase sempre somos mal atendidos, além de não termos condições de adquirir os remédios e esses não são oferecidos pelo CEME . As anostras gratis que nos são oferecidas não passam de experiencias dos grandes laboratorios.

2- FATOS QUE COMPROVAM ESTA REALIDADE

1- Em Belo Horizonte(MG) , temos favelas espalhadas por toda a cidade, onde moram milhões de trabalhadores. Muitas destas favelas estão localizadas ao longo do Rio Arrudas e todos os anos vemos verdadeiras calamidades devido as enchentes que tomam tudo, inclusive a vida dos moradores.

2- A existencia de milhares de barracos e casascujas construções estão inacabadas. As construções são feitas ao longo dos anos, contrariando muitas vezes exigencias de segurançae outras tecnicas que garantam o bem-estar e a saúde da familia, Devido os recursos financeiros serem insuficientes até o número de janelas são diminuie o reboque de fora da casa passa a ser um luxo, e o material é caríssimo.

3- O índice do aluguel foi de 98% este ano. À maioria dos trabalhadores brasileiros nao possuem casa propria. Raramente, um Jovem consegue comprar um lote ou uma casa. O valor que o aluguel representa no slário é, normalmente, a segunda despesa forçada no orçamento familiar. A primeira é a alimentação.

4- O processo do corte da gratuidade de cinema para os estudantes, dificultou ao Jovem ter acesso a uma das poucas diversões pagas que ainda era acessível nós finais de semana, uma vez tinhamos direito de pagar meia entrada, É sabido que o Jovem Trabalhador não pode deixar de trabalhar ou ir a escola para ir au cimena durante dias úteis.

5- A população de Belém (Pará) constitui cerca de um milhão de habitantes dos quais 400 mil (40%) vivem nos suburbios. (informações reveladas pelo prefeito Said Xerfan em entrevista a Lúcio Flavio Pinto, em 4/5/83 TV Liberal.

6- De acordo com as informações divulgadas pela METROPLAN de Porto Alegre, existem no Rio Grande do Sul, 400 mil pessoas morando em sub-habitações. Só em Porto Alegre, 200 mil pessoas moram em favelas

7- O último recenseamento do IBGE mostrou que a população de São Paulo aumentou em 44% no periodo de 70/80 . Neste mesmo periodo, o nº de favelados cresceu 446%, ou seja dez vezes mais.

8- No mês de abril, em São Paulo, asaca de feijão (safra nova) foi negociada até a Cr$ 22.000,00 , o equivalente a Cr$ 366,00 o quilo (Silvio Luis Bresser Pereira:Diretor do Grupo Pão de Açucar) - Isto é de 4/5/83)

8- O índice de inflação do mês de março foi de 10,1%, o maior índice registrado desde 1964 (FSP 8/4/83).

9- O cálculo do indice de inflação nos últimos 12 meses, foi de 116 (Isto é 4/5/83). A elevação dos preços em dezembro de 1982 e março de 1983 foram as seguintes| TABELA DE 13 PRODUTOS DE PRIMEIRA NECESSIDADE

PRODUTOS	DEZ/82	MAR/83	AUMENTO
CAFÉ PÓ	840,00	1.200,00	43%
CARNE 1ª	560,00	800,00	43%
CARNE 2ª	330,00	560,00	43%
PÃO	10,00	15,00	50%
MACARRÃO	175,00	245,00	40%
LEITE PÓ	395,00	600,00	52%
MANTEIGA	1.200,00	1800,00	50%
BATATA KG	70,00	350,00	400%
ALFACE	60,00	120,00	100%
CEBOLA KG	115,00	230,00	150%

10- Os dez grandes laboratórios existentes são multinacionais.

11- A política econômica imposto pleo FMI pôs fim aos subsidios d o trigo e em apenas tres meses o pão subiu 37,2% segundo dados do DIEESE

12- Segundo z lei o gasto com o transporte não deveria ser mais de 3% e somente no Rio a passagem de metrô aumentou 7)0 por cento em seis meses; a de ônibus 66,6 por cento e o de trèm 52,1 por cento de a gasolina foi reajustada em 81,4 por cento de Janeiro a junho, e o alcool em 81,6 por cento (Globo, 10.07.83).

12- No RS existe uma experiência referente ao transporte de massa, apesar do projeto do aeromovel ser um projeto totalmente nacional, não utilizar combustivel mas, somente ar compr comprimido e não poluir, ele vem sendo constantemente boicotados pelo Ministério dos Transportes. Nos primeiros meses de experiência o aeromovel teve um período de 10 horas ininterruptas e um gasto de 3 mil e 300 cruzeiros, segundo informações de Oscar Coester, o criador.

3- C A U S A S

Ao analisarmos as causas que prejudicam a Juventude Trabalhadora e demais trabalhadores chegamos às seguintes conclusões:

A política salarial do governo tem sidocontra os nossos interesses. A cada ano que passa nossa vida se torna mais dificil em todos os aspectos. Além dos decretos que redefiniram os reajustes salariais (2.012, 2024, 2.045) outras decisões das autoridades que governam o país têm sido tambem negativas.

A tomada de empréstimos no exterior nos últimos anos para grandes investimentos do setor público como a construção de Usinas nucleares e hidrelétricas e outras obras enormes de infra-estrutura

gerando o aumento do aumento do endividamento externo.

Na condução da política monetária continua se buscando recursos financeiros no exterior para pagar dívidas assumidas no passado. Esta política monetária tem nos deixado cada vez mais pobres e inseguros. As exigências do FMI nos atinge fortemente, recaindo sobre os trabalhadores os custos do progresso que beneficiam uma minoria! Portanto o capitalismo internacional manipula o regime econômico e político.

O aumento do valor da contribuição (de 8 para 10%) do INAMPS a falta de incentivo ao pequeno produtor agrícola e a política habitacional seletiva, incapaz de resolver o problema de habitação para os trabalhadores, são algumas das causas de nossos sacrifícios.

Todas estas causas vêm fundamentalmente do modo de produção capitalista em que vivemos, que se baseia na concentração e acumulação de lucros nas mãos de uma minoria, em detrimento das necessidades da grande maioria da população.

A existência de grande concentração de terras no campo e na cidade de alguns poucos proprietários, que gera o exôdo rural e do aumento de favelas.

Grande número de mão-de-obra de reserva e o baixo salário.

A política de industrialização não voltada para a agricultura e para os interesses populares.

Falta de uma reforma agrária.

Especulação imobiliária nos centros urbanos.

O povo encontra muitos dificuldades em organizar-se e impedido de participar nos destinos do pais e em tudo o que lhe diz respeito.

Os meios de comunicação representam os interesses da classe dominante, alienando e instalando na classe operária os valores da burguesia.

A centralização dos impostos à nível federal dificulta os municípios e estados ou investir em obras de infra-estrutura, além de aumentar a dependência do poder central.

4. CONSEQUÊNCIAS

Os depoimentos de jovens trabalhadores mostram como a situação descrita reflete nas suas vidas:

1-"Ganho salário mínimo, nunca sobra dinheiro, pois temos que gastar com transporte, aluguel, comida, roupa, remédios, escola, luz, água, e prestações. Estudo à noite, vou direto do serviço para a escola. Quando chego em casa estão todos dormindo!

2-"Eu vejo no hospital onde trabalho a frequência com que os médicos visitam os pacientes particulares, enquanto os de INPS ficam somente aos cuidados das auxiliares de enfermagem ou atendentes."

3- "Minha casa é pequena, tem dois quartos e uma cozinha. É tudo muito difícil e sinto que isso influencia no relacionamento!

da família, porque cria um clima de insegurança e de revolta muito grande."

4. "Moro num bairro de periferia com minha família. Somos em oito contando pai e mãe. Sou o único filho que trabalha, além de meu pai. Trabalhamos perto do centro e temos que pegar dois ônibus."

Podemos mencionar como consequências que afetam a juventude trabalhadora, o fato de ficarmos marginalizados no trabalho, no acesso a informações, ao lazer, afetivamente, enfim, em tudo aquilo que temos direito enquanto pessoa, mas que de fato nos é negado.

As condições de trabalho desfavoráveis que geram esgotamento físico do jovem dificultando a sua organização na escola, no trabalho e no bairro. As pessoas tornam-se escravas do trabalho, individualistas, agressivas, inseguras e desvalorizadas. Até mesmo em casa o relacionamento familiar passa a ser negativo, não havendo diálogo entre os pais e irmãos.

Devido o salário ser baixo muitas necessidades básicas não são atendidas. Os meios de comunicação de massa procuram incutir no jovem trabalhador mensagens para que ele consuma mercadorias secudárias. Ele passa a ter aspirações que não pode realizar gerando conflitos, frustações e até mesmo desvio de sua conduta.

Grandes são os índices de doenças mentais e nervosas entre os jovens trabalhadores e casos de prisão por roubo, estupros, drogas, etc..

A falta de materiais escolares, roupas, calçados, remédios, assistência adequada à saúde, alimentos, habitação, transporte, formação profissional, emprego, creches, lazer, etc.. gera inconformidade e revolta.

O jovem trabalhador pois por mais simples que ele seja, ele percebe que a sociedade é muito desigual e opressora. Nada está organizado para que o jovem se realise na vida e dê respostas à sua criatividade. Conqequentemente, a miséria, a morte prematura, o uso dedrogas, o alcoolismo, a violência e toda sorte de distorçõespassam a comprometer sua vida.

5. REINVIDICAÇÕES

5.1. REINVIDICAÇÕES ESPECÍFICAS DOS JOVENS TRABALHADORES

1. Passe livre para o transporte do jovem trabalhador desempregado (passagens de ônibus, trens, metrôs) por um ano.

2. Que a Igreja e Pastoral de juventude trabalhem mais, apoiando aos Jovens Trabalhadores, de acordo com a sua realidade.

3. Que o jovem trabalhador tenha voz e vez e que os seus direitos sejam respeitados.

4. Que a empresa facilite o passe para o transporte do jovem trabalhador-estudante.

5.2. REINVIDICAÇÕES GERAIS

Quanto à transportes:
-Aquisição de mais ônibus por parte das empresas.

- Ampliação dos horários de ônibus a fim de atender os usuários.

- Passagens especiais para o trabalhador com subsídios do estado e empresas privadas cobrindo pelo menos 50% do preço da passagem.

- Implantação de transporte próprio nas empresas com mais de 100 ' empregados, sem despesas para os trabalhadores que aí trabalham e que estas sejam fiscalizadas.

- Introdução de ônibus circulares, ligando os bairros evitando perca de tempo dos usuários.

- Construção de ciclovias, proporcionando ao trabalhador alternativas de transporte (bicicleta).

-Estatização das empresas de Transportes e a criação de meios que solucionem os problemas do trabalhador levando em consideração a realidade local.

- Participação das organizações populares (associações, grupos de base e cooperativas), nas decisões que afetam o transporte coletivo.

- Que seja dada preferência ao transporte ferroviário que tem um custo menor que o rodoviário.

2. ALIMENTAÇÃO:

- Criação de um sistema de transporte que garanta o escoamento da produção até os locais de consumo anulando o atravessador (intermediário) que normalmente contribui para aumentar os preços dos / produtos. Congelamento de preços de gêneros de 1ª necessidade.

- Instituição de lei que proíba o estoque de gêneros alimentícios.

3. SAUDE:

- Que a cacex não considere supérfluo o material usado no tratamento dentário.

- Melhoria do atendimento médico do INAMPS, com postos nas periferias das cidades.

- Subsídio de remédios aos trabalhadores através do INAMPS, de forma mais ampla que o existente atravéz da CLME.

4- SALÁRIO - CUSTO DE VIDA:

- Aumento real dos salários, sem aumento geral dos preços.

- Que as autoridades competentes alterem a política salarial , de acordo com os interesses dos trabalhadores.

5. HABITAÇÃO:

- Retirar o plano seletivo do BNH, que seja voltado aos interesses dos trabalhadores.

- Legalização da posse da terra de todos os favelados e reconhecimento das vilas e bairros clandestinos pelas prefeituras a fim de gozar dos mesmos direitos de um bairro regular.

- Que o aluguel e as prestações de casas próprias sejam cobrados de acordo com os salários dos trabalhadores (% por porcentagem).

16. MEIOS DE COMUNICAÇÃO:

- Que na programação das emissoras de TV, seja priorizado aspectos culturais que contribuam para a formação dos jovens e da população; que a programação da TV educativa tenha participação do trabalhador.

17. IGREJA:

- Que a Igreja coloque em prática a sua opção preferencial pelos pobres e apoie as organizações dos trabalhadores nos bairros, como as CEBs, grupos de jovens, movimentos, etc.

18. MEIO RURAL:

-CUMPRIMENTO DO ESTATUTO DA TERRA

- Terra para quem nela queira trabalhar, com escolas, assist. - médica, crédito rural subsídio e demais serviços que apoiem a produção e a comercialização.

9. Implantação de áreas de lazer (públicas) dirigidas pelos moradores do bairro.

10. Eleições diretas paratodos os municípios com autonomia para os mesmos.

11. Que volte a vigorar a meia entrada do estudante trabalhador nos cinemas.

12. Que se abra frente de trabalho nas vilas e favelas absorvendo a mão-de-obra desempregada.

13-Criar um órgão de fiscalização composta por trabalhadores para / controlar as verbas da construção da casa própria.

14- Que não seja cobrado tx. de luz, água, e passagem de transporte ao trabalhador desempregado.

15- Que se cumpra o que está no curriculum escolar sobre prevenção de acidente, doenças e noções de higiene.

16- Que os candidatos políticos não venham viditar os trabalhadores só nos tempos de eleições.

6. PROPOSTAS DE AÇÃO:

1. Que nósJOVENS TRABALHADORES formemos grupos nos bairros e nos integremos com outros grupos de trabalhadores, organizações, apoiando manifestações populares, conscientes das ações que iremos participar.

2. Ciação de meios organizativos, como movimentos contra a caristia , comissão de desempregados áreas de lazer, teatro arte popular, cines e clubes.

3- Que o jovem não tenha medo de se organizar e aprofundar cada vez mais seus estudos sobre seus problemas diarios .

4- Que o 3º Congresso da juventude trabalhadora se dirija a todos os rssponsaveis pela situação por nós denunciadas, afim de que medidas imediatas sejam tomadas.

5- A criação ,o fortalecimento e a participação dos jovens trabalhadores nas associações e entidades de classe propondo uma metodologia de participação,

6- Formação de grupos de favela visando reinvindicar direitos negados . Através de comissões, participação ,reuniões nas camaras de vereadores, para encaminhar exigencios.

7- Cultivo de ervas medicinais em cooperativas e centros comunitarios.

8- Organização de grupos para compras de mercadorias mais baratas e se possival, diretamente dos produtores(leite,manteiga,café,arroz, feijão, ovos,batata, etc...).

9- Criação de comissão exclusivamente para encaminhar o problema do transporte coletivo.Unir, motivar e organizar os trabalhadores para melhorar a situação de transporte.

10-Consientização dos direitos de moradia, solidariedade aos desabrigados e denuncias contra a violencia nas ações de despejo.

11-Pesquisar as condições de transporte, abitação ,lazer,e outros problemas que afetam diariamente os trabalhadores e a partir daí, juntos, buscar soluções.

12-Que os trabalhadores se organizem a nivel local e nacional para que a classe operária se torne autonoma.

13-Que se realize encontros regionais entre jovens trabalhadores.

3º CONGRESSO NACIONAL DE JOVENS TRABALHADORES



TESE

JUVENTUDE TRABALHADORA E O SALARIO

São Paulo, 22/23/24 - Julho - 1983

3º CONGRESSO NACIONAL DE JOVENS TRABALHADORES.
CONQUISTANDO TRABALHO E JUSTIÇA.

2. JUVENTUDE TRABALHADORA E O SALÁRIO:

Somos milhares de Jovens Trabalhadores entre 14 e 30 anos, dependemos do trabalho para nossa sobrevivência, na maioria das vezes desde criança. Como Juventude Trabalhadora, somos parte integrante da Classe Operária. Não queremos ser confundidos como um segmento social a parte, pois vivemos as mesmas dificuldades de vida, trabalho e aspirações da Classe.

Existe entretanto vários aspectos como a idade, a sexualidade, afetividade, a origem, a adolescência e principalmente a jovens da nossa sociedade. Neste sentido o Jovem Trabalhador é aquele que compartilha das condições de vida e de trabalho da Classe Operária.

A problemática da Juventude Trabalhadora como setor específico da Classe não pode ter uma solução particular. Compreendemos que a resposta as suas dificuldades e aspirações deve ser buscada dentro do conjunto de respostas que o Movimento Operário der à situação da Classe onde estamos também representados.

"POLITICA SALARIAL"

1. CONSTATAÇÃO

Constatamos que o salário mínimo é a menor remuneração paga aos trabalhadores legalmente registrados numa determinada região do país. O mesmo está fortemente ligado ao conceito do "mínimo necessário" para a sobrevivência do trabalhador e da sua família.

A Constituição Federal, no seu artigo 165, prevê para todos os trabalhadores um salário mínimo que seja capaz de satisfazer suas necessidades e as de sua família.

Verificamos que as leis e decretos que ainda hoje sustentam a Política Salarial no país começaram a surgir por volta de 1940 a fim de regular salários e desmobilizar os trabalhadores. Em 1940 entrou em vigor o 1º salário mínimo, fixado em 220 mil reis, na cidade de São Paulo. Posteriormente, a Lei 5.452 de 1º de Maio de 1943 aprovou a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT). Neste decreto o salário mínimo prevê atender necessidades como: habitação, alimentação, vestuário, higiene e transporte.

Passados 40 anos a CLT continua em vigor. Consequentemente o salário mínimo continua a ser calculado e considerado de acordo com o

que nela está previsto, deixando de lado outras necessidades dos trabalhadores, como por exemplo; despesas em função de manutenção de saúde, educação, lazer e outros serviços básicos consumidos. Mesmo a CLT não respondendo às necessidades historicamente reclamados pelos trabalhadores, para sua manutenção e da família, observamos que o seu desconhecimento por parte de muitos assalariados, junto com a ganância dos lucros dos patrões, resulta numa maior exploração a saber:

a. Numa mesma função profissional existem diversas faixas de salários, contribuindo para gerar competição e individualismo entre os trabalhadores.

b. O salário na carteira profissional muitas vezes é registrado abaixo do salário recebido e do combinado. Esta distorção gera desvalorização a mão de obra e estimula a rotatividade da força de trabalho.

c. O jovem trabalhador menor recebe um salário bem abaixo do adulto, mesmo fazendo a mesma tarefa e a jovem, como as mulheres em geral, apesar de executar os mesmos serviços de um homem, recebem salários inferiores.

d. A jornada de trabalho é prolongada de forma ilegal, levando o jovem a se desgastar prematuramente e impossibilitando que se contrate jovens que estão desempregados. Nos momentos de crise economica, além de aumentar os "cortes", aumenta também a pressão para que os trabalhadores trabalhem em menor tempo e com menor salário (redução da jornada de trabalho, aumento do ritmo de trabalho e diminuição dos salários).

As demissões principalmente por época dos reajustes de salários tornou-se uma rotina, mesmo quando a economia do país acumulava altas taxas de lucro, sendo os mais atingidos os jovens trabalhadores. A rotatividade da mão de obra tornou-se insuportável, dificultando aos trabalhadores e também aos jovens trabalhadores a se organizarem no seu ambiente de trabalho para uma ação coletiva frente a realidade em que vivem.

67,3% dos trabalhadores ganham de 1 a 3 salários mínimos (PEA-População Economicamente Ativa-dados IBGE-80). Entretanto milhares não recebem nem um salario mínimo. Esta realidade se verifica principalmente nos segmentos de trabalhadores rurais permanentes, bóias frias, domésticas, comerciários comissionados, menores, estagiários, aprendizes, office boys, aposentados por invalidez e outros.

Segundo uma pesquisa realizada no Rio de Janeiro com 24 jovens trabalhadores, 8 ganham salário mínimo, 5 ganham menos que o salário mínimo e 11 ganham entre um salário e meio e dois e meio salários mínimos.

Nas regiões onde as condições de vida e de trabalho são mais precárias, como nas regiões Norte e Nordeste, o salário mínimo é mais baixo que nos estados da região Sudeste e Sul.

O princípio "trabalho igual, salário igual" fica de lado em benefício do capital. Conforme demonstrou os estudos do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socio Econômicos (DIEESE), realizado em 1977, os preços de gêneros alimentícios nas diversas capitais brasileiras não apresentavam grandes variações. Em alguns casos, a alimentação básica era mais cara em capitais do Norte e Nordeste (caso de Manaus e Natal) do que na região Sul e Sudeste (Porto Alegre e Rio de Janeiro).

O critério "salários desiguais para trabalho igual" procura se justificar no argumento de que o Norte e o Nordeste assim poderiam se industrializar ou atrair investimentos, uma vez que os representantes do Capital seriam atraídos com a mão de obra desvalorizada. Entretanto, existe muitos dados que mostram que as empresas do Norte e Nordeste vendem seus produtos por preços iguais ou até mais altos do que as empresas situadas na região Sul e Sudeste, mesmo pagando menores salários seus operários.

O Brasil é um dos países da América Latina com um dos menores salários mínimos. A oferta de mão de obra é muito superior a oferta de emprego. Neste sentido o altò índice de desemprego e subemprego favorece de forma destacada o baixo nível salarial. Consequentemente as crianças são obrigadas a trabalhar para ajudar a família. O salário em termos reais têm se reduzido ano a ano. Estudos elaborados pelo DIEESE constatam que em 1961 um trabalhador precisava trabalhar 71 horas para atender os gastos necessários com alimentação. Em 1981 ele precisava trabalhar 157 horas para comprar a mesma quantidade de alimentos.

Em muitos países a jornada de trabalho varia de 40 a 46 horas por semana. No Brasil a jornada de trabalho é de 48 horas por semana. Naqueles países (EUA, Japão e países da Europa) o capitalismo é conduzido de forma diferente. Os salários são definidos entre os Sindicatos Operários e os patrões em negociação direta. Os sindicatos estão livres da tutela do Governo. São reconhecidos e respeitados por toda a sociedade e contam com direito de greve como um legitímo instrumento de luta para a defesa de melhores salários e melhores condições de trabalho.

No Brasil os sindicatos estão subordinados ao controle do Governo, vale dizer, mesmo quando estes não são pelegos (caso da minoria dos sindicatos) suas representações não são independentes do Estado, pois até para sua criação depende de um carta de reconhecimento expedida pelo Ministério do Trabalho. Isto significa que sua ação fica limitada às exigências impostas pelo governo e não de acordo com as ne-

cessidades determinadas pelo conjunto da Classe Operária. Só de forma precária, e com um sacrifício enorme os sindicatos combativos têm conseguido representar os interesses das categorias mais organizadas.

Registramos ainda que os meios de comunicação, muitas vezes, omitem e distorcem a realidade da Juventude Trabalhadora veiculando informações que não são de interesse dos trabalhadores. As mesmas de modo geral reforçam o individualismo, aspirações de consumo (que estão fora do alcance do poder aquisitivo dos jovens) e mensagens que dificultam a compreensão das causas de sua realidade.

O Governo através do decreto e "Pacote" reduziu 30% o salário do trabalhador. Tornando assim cada vez maior o lucro que se destina aos patrões. No Brasil os salários são baixos e não tem um aumento em seu valor real, porque os sindicatos estão sendo subordinados ao controle do governo. Numa mesma função profissional existem diferenças salariais.

No sistema capitalista nunca existirá um salário justo, fazendo assim que o jovem trabalhador seja o primido de todas as formas, pois o capitalista tenta constantemente reduzir os salários dos artigos de primeira necessidade, indispensáveis para produzir, desenvolver, conservar e perpetuar a força do trabalho.

O jovem trabalhador não tem participação nenhuma no que diz respeito à decisão econômica. A produtividade é usada para enganar o jovem trabalhador, quanto ao seu salário. Propõe quanto mais produzir, mais ele ganhará, com isto ele engana e manipula os índices, dificultando reconhecer realmente a produtividade.

2. FATOS QUE COMPROVAM ESTA REALIDADE

A fim de ilustrar as constatações por nós apontadas, passamos a relacionar fatos que comprovam nossa realidade.

1. As "Casas Sendas" no Rio de Janeiro (Nova Iguaçu, São João de Meriti) deu aos menores um jaleco e alimentação para que eles trabalhassem. Não Não recebem salários, apenas gorjetas dos fregueses de casa.
2. Em Caxias do Sul as empresas "Madezzatti", "Randon", "Eberle", estão propondo acordos aos trabalhadores visando demití-los e readmití-los com salários menores.
3. O salário família de um trabalhador é de Cr$1738,00, equivalente a 5% do salário mínimo. Entretanto uma criança que tenha de 1 a 6 meses, necessita, pelo menos de 1 litro de leite por dia, o que significa um gasto mensal de pelo menos Cr$4350,00 por mes (considerando leite tipo C, mais fraco e mais barato).
4. Os trabalhadores da Construção Civil de Teresina-Piaui, ganham atual-

mente de 1a1/2 salario mínimo regional.

5. Em 1981, em São Paulo, na Telefunken, houve a 3a. greve local, com 5 mil participantes. A categoria exigia um reajuste de 57% e a empresa propunha 35%. A greve durou três dias, o sindicato abandonou a luta e houve repressão policial. A maioria dos participantes coagidos, tiveram que voltar ao trabalho perdendo os três dias parados e obtendo um reajuste de 40%.

6. Na COSINOR, em Recife, o trabalhador na hora de receber seu salário recebe abaixo do seu salário fixo combinado.

7. No Rio de Janeiro, no início do mes de Maio último, a Empreendimentos Shopping Center S/A demitiu vários empregados e colocou outros empregados com acúmulo de funções.

8. Num consultório Dentário de Novo Hamburgo foi colocado um anúncio de emprego no Jornal oferecendo uma vaga de auxiliar e durante o dia marcado para a entrevista compareceram ao local de trabalho 200 moças interessadas na vaga.

9. Na Varig, houve uma redução do salário inícial devido a grande oferta de mão de obra (Porto Alegre)

10 O SALARIO MINIMO ATUAL É DE Cr$ 34.776,00 (Centro Sul)

Média que um operário pode gastar com este salário

Alimentação	44%	Cr$ 13.996,80
Habitação	24%	Cr$ 7.634,32
Vestuário	22%	Cr$ 6.998,40
Higiene	7%	Cr$ 2.226,75
Transporte	3%	Cr$ 954,32
Previdência Social	8%	Cr$ 2.955,96
Total		Cr$ 34.806,85

11 Pelos cálculos do DIEESE, um trabalhador deveria ganhar em abril deste ano para sustentar uma família de 4 pessoas:

Alimentação	Cr$ 45.624,00
Transporte	Cr$ 3.110,78
Habitação	Cr$ 24.996,31
Vestuário	Cr$ 22.812,44
Higiene	Cr$ 7.258,50

Isto representa um total de Cr$ 113.258,84

Nota.: O cálculo não considera saúde, educação, lazer, levando em conta que alguns pontos a inflação é mais alta na região Norte - Nordeste e o salário atual nesta região é de Cr$ 30.600,00.

12 Em Sorocaba, na categoria têxtil, profissionais exercem a mesma função com diferentes salários, como por exemplo a firma têxtil "Barbaro", que paga para pesadores de matéria prima Cr$ 84.000,00 e Cr$ 90.000,00

enquanto a têxtil "Votorantim" paga ao mesmo profissional salário mínimo de Cr$ 34.776,00 a 39 mil)

13. O decreto 2045, que reduz aumento do salário de 100% à 80% do INPC.

14. Expurgo do INPC - corte dos subsídios do Petróleo, os produtos que subiram na entresafra e por condições climáticas.

15. A empresa "Barberá", em Barra Mansa, chamou o sindicato para convocar uma assembléia e colocar que ia reduzir o salário e horas de trabalho (20/03).

16. Os sindicatos dos petroleiros (BA), petroleiros (Paulinia), bancários (SP), Metroviários (SP) e metalúrgicos (São Bernardo do Campo), sofreram intervenção federal pelo Ministério do Trabalho quando lutavam legitimamente pela não redução de salário de sua categoria.

17. Nas "Lojas Americanas S/A", funcionários trabalham 4 horas por dia e ganham 80% do salário mínimo

18. Em Pedreira (SP), as firmas "Santana" e "Vera Cruz" alegaram estar em crise. Foi proposto e aceito pelos empregados a redução de jornada de trabalho para 6 horas diárias com redução de 25% do salário, em troca os trabalhadores tiveram 90 dias de estabilidade. Em outra industria, "Nadir Figueiredo", esta proposta foi recusada pelos trabalhadores. Em consequência, ocorreu dispense em massa.

19. O banco "Noroeste" (São Paulo) e demais bancos do mesmo estado, os salários dos funcionários estão sendo cortados ilegalmente pela redução da jornada de trabalho em virtude das horas-extras.

3. CAUSAS

Muitas decisões são tomadas pelos responsáveis pela administração política e econômica do País. Verificamos que apesar da Classe Operária e demais segmentos da sociedade reivindicar e denunciar suas dificuldades, elas não são consideradas. Apontamos abaixo algumas causas que afetam de forma direta ou indireta nossos salários.

1. A estrutura sindical que dificulta os trabalhadores de se mobilizarem por ser ela vertical e controlada pelo Governo, através do Ministério do Trabalho. Todas as vezes que as categorias conseguem fazer greve, estas são consideradas ilegais e a polícia é acionada para reprimir os manifestantes, e ainda como se isso não bastasse, intervém nos sindicatos.

2. Os executores da política econômica consideram como uma das causas da inflação os reajustes de salários. Assim sendo tudo é feito para os salários se manterem abaixo do "minímo necessário" para a sobrevivência. Os cálculos são manipulados com cortes através do Decreto Lei 2.012 e 2.024 afetando mais uma vez o nosso poder aquisitivo. Este ul

timo inconstitucional. Entretanto bancos e outros setores da economia recebem enormes aumentos de lucros.

3. A falta de fiscalização pelos órgãos competentes no cumprimento da Legislação Trabalhista, pois visando maiores lucros os patrões nem sequer respeitam a mesma, burlando os encargos sociais.

4. Para que os trabalhadores possam fazer greves são tantas as exigências por parte da legislação que na prática ela é muito mais uma lei anti greve. A greve é um instrumento que os trabalhadores dispõem para bargenhar salários e condições de trabalho em todo o mundo. Porém, no Brasil, ela é fortemente limitada, tornando praticamente impossível a luta por melhores salários e condições de trabalho.

5. O desestimulo por parte do Governo aos trabalhadores rurais (pequenos proprietários, meeiros, arrendatários, posseiros e assalariados em geral) expulsa os produtores da terra, contribuindo para a diminuição da oferta de gêneros alimentícios de primeira necessidade. Cerca de 80% destes alimentos seriam produzidos para o consumo interno a um custo mais barato que quando produzidos por empresas agrícolas. No entanto, o governo não incentiva-os a ficar no campo, elevando então o custo de vida e a oferta de mão de obra nos grandes centros, que contribui para desvalorizar a mão de obra.
Processo semelhante ocorre quando grande volume de recursos financeiros são tomados no Exterior para financiar grande obras de infra estrutura ou grandes empreendimentos.

6. Subordinação do Governo Brasileiro às exigências do Fundo Monetário Internacional - FMI, pois dentro elas um dos pontos exigidos foi a contenção de salários.
Após a decisão do Governo e outros grupos econômicos de associar setores vitais da economia nacional às multinacionais passou a se estimular a entrada de capital estrangeiro no país, sendo que uma das vantagens oferecidas foi o baixo salário recebido pelo operário brasileiro em relação aos operários pagos nas matrizes.

7. Registramos ainda como causa dos baixos salarios a limitação dos jovens trabalhadores, em particular, e de todo o conjunto da Classe Operária, no geral, em organizarem-se e assim conquistarem melhores salários, melhores condições de trabalho e de vida, isso por todas as dificuldades apontadas anteriormente entre outras.

8. As Empresas Estatais operam visando lucros. O excesso de despesas realizadas por elas e demais órgãos públicos são repassados para os consumidores em geral através dos preços de seus produtos ou serviços , contribuindo para aumentar a inflação e diminuir principalmente o poder aquisitivo dos trabalhadores.

9. A causa principal é o sistema capitalista, com todas as suas normas e uma estrutura fixada na exploração do trabalhador, levando ao enriquecimento de poucos em função do empobrecimento da maioria.

10. O Governo apoia as multinacionais garantindo o sistema e quem tenta reivindicar seus direitos e um salários justo, corre o risco de ser enquadrado na Lei de Segurança Nacional.

11. Na firma mecânica "Usimec", no Rio de Janeiro, existe 30 soldadores que exercem a mesma função, recebem salários diferentes.

4. CONSEQUÊNCIAS

Os trabalhadores recebem salários que não dão segue' para' suprir necessidades, básicas, assim sendo são obrigados a fazer horas - extras, biscates, etc. De modo geral a família dos trabalhadores se desgasta precocemente, as crianças são desnutridas. A mortalidade infantil elevada, o alcoolismo, o uso de drogas e a violência são muito comuns ' principalmente nos bairros de periferia e nas favelas onde estão concentradas a grande parte dos assalariados. Numa palavra, crescente parte ' da população brasileira vai se marginalizando.

A formação industrial de reserva, o desemprego, excesso de acidentes de trabalho, inexistência de lazer, medo do desemprego, rotatividade de mão de obra, criminalidade, etc. são aspectos desta marginalização.

Pelo fato de o salário mínimo não ser suficiente, o jovem' trabalhador, por necessidade de ajudar a família, se lança do mercado' de trabalho muito cedo, deixando o estudo, a profissionalização em segundo plano.

Frente a todas essas dificuldades não podendo planejar o ' futuro, não vão ter condições de realizar as suas aspirações, os jovens' trabalhadores se sentem frustrados, humilhados, revoltados e sem ânimo.

A competição na propria firma, a rivalidade e não permitindo uma organização dentro da fábrica, são consequências de um desnível' salarial dentro de mesma profissão.

5. REIVINDICAÇÕES

5.1. REIVINDICAÇÕES ESPECIFICAS DA JUVENTUDE TRABALHADORA

Que se acabe com o salário do jovem trabalhador estagiário, reivindicando um salário que seja o mínimo um piso salarial de categoria.

Que o jovem trabalhador estagiár o tenha direito de ter ' uma carteira assinada com todos os direitos de um trabalhador profissional.

5.2. REIVINDICAÇÕES GERAIS

1. Que o direito de greve seja um instrumento de luta de todos os trabalhadores para a obtenção de melhores salários, melhores condições de trabalho e de vida!
2. Que a jornada de trabalho seja reduzida à 40 horas semanais sem a diminuição de salário.
3. Que o salário mínimo seja unificado no país e que o mesmo responda às necessidades básicas do trabalhador e as de sua família conforme prevê a Constituição Federal no seu artigo 165.
4. Que os sindicatos sejam autônomos dos partidos políticos e do Estado, para que de fato possam representar livremente os interesses dos trabalhadores.
5. Que a política salarial do Governo seja radicalmente mudada de forma a garantir.
   - Aumento real dos salários historicamente corroídos pela inflação.
   - Redução das diferenças salariais
   - Reajustes trimestrais dos salários
   - Salário igual para mesma profissão
   - Congelamento dos preços dos gêneros de primeira necessidade
   - Instituição de salário desemprego a fim de minorar as injustiças sociais acarretadas pela incapacidade do modo de produção capitalista de gerar emprego para quem dele precisa para sobreviver com dignidade, certificando que esse dinheiro não seja retirado do salário do empregado
   - Pelo fim do decreto 2012 e 2045.
6. Que os artigos dos gêneros de 1a. necessidade sofram um aumento somente quando o salário for reajustado e que este aumento seja igual ao índice do reajuste salarial.
7. Que o abono noturno ultrapasse os 20% por hora conforme a legislação em vigor. E que as horas extras sejam extintas a fim de gerar novos empregos.
8. Que o aumento da produtividade deve ser compartilhado através de aumento de salário e diminuição dos preços dos produtos.

6. PROPOSTA DE AÇÃO

Visando responder às duras dificuldades e violências enfrentadas a cada dia e buscando nos organizar frente às reivindicações por nós levantadas propomos:

1. Continuidade e fortalecimento do trabalho de base junto aos jovens trabalhadores nos locais de trabalho (por categorias) nos bairros

e escolas para refletir seus problemas, suas causas e saídas.

2. Que a greve geral seja um instrumento de negociação para reconquistar melhores salários e melhores condições de vida.

3. Que os jovens trabalhadores se organizem em suas entidades de classe, discutindo a sua realidade de vida e trabalho inclusive os problemas salariais buscando formas de luter contra essa situação.

4. Participação massiva dos jovens trabalhadores através de grupos nos locais de trabalho, no seu sindicato, para reivindicar melhores condições de trabalho e salário.

5. Aprofundar e discutir a sua realidade de jovem trabalhador para que possam assumir a nossa condição de classe.

6. Que todos os congressistas continuem o trabalho que caracterizou o processo do Congresso acompanhando os congressistas de cidade para viabilizar esta proposta do Congresso Nacional

---

3º CONGRESSO NACIONAL DE JOVENS TRABALHADORES



TESE

JUVENTUDE TRABALHADORA

E OS MEIOS DE C. DE MASSA

São Paulo, 22/23/24 - Julho - 1983

3º CONGRESSO NACIONAL DE JOVENS TRABALHADORES CONQUISTA DE TRABALHO E JUSTIÇA

10. A JUVENTUDE TRABALHADORA E OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO DE MASSA

1. CONSTATAÇÕES

Verificamos que os Meios de Comunicação de Massa, como os meios de produção, são propriedades de representantes da classe dominante. Estes reproduzem valores e mensagens que não contribuem para a formação dos jovens, não despertando nem senso crítico dos mesmos. A classe trabalhadora passa a ser portadora de uma ideologia imposta pela elite. O que existe é propaganda e programas com conteúdo que alienam as pessoas, alterando comportamentos, hábitos e a cultura da população.

Existem órgãos como por exemplo o Conselho Superior de Censura e DENTEL (Departamento Nacional de Telecomunicações), que controla toda a programação a ser veiculada pelos meios de comunicação. Há monopólio de informações através de Agências Noticiosas Estrangeiras que manipulam a entrada e saída de notícias. Assim sendo só são reproduzidos aspectos ideológicos que convém a organização política e econômica vigente do país.

Constatamos a importância dos meios de comunicação de massa no que estes representam de avanço tecnológico, entretanto, a maneira pela qual são utilizados não contribuem para a promoção humana.

Constatamos que os M.C.M levam ao consumismo, anunciando produtos que em grande parte estão fora do alcance dos trabalhadores.

2. FATOS QUE COMPROVAM ESTA REALIDADE

1. Os comerciais em geral procuram incutir na cabeça do consumidor que um determinado produto é mais importante, associando-o com pessoas bem dotadas fisicamente e intelectualmente (ex.: Minister, Quick, Rexona).
   Programas que apresentam a violência policial de forma a incutir que esta seja necessária (ex.: Povo na TV - RJ e SP, Barretta RS, RS, RJ, PA, Ademom Filho PA.
2. Conforme pesquisa feita em 1980 (o país na televisão, Revista Isto É 20.01.1982) a televisão teve um crescimento extraordinário servindo inclusive de instrumento ideológicos para a consolidação do golpe de 1964. Em 1970, 24,1 dos domicílios estavam equipados com aparelhos de TV, em 1980, 54,9 dos domicílios passaram a possuir televisores.

Nas cidades, cerca de 73,1% das casas tem televisão. Pelo menos naque la época tinha mais televisores que geladeiras.

3. De acordo com pesquisa realizada em 1982 (dados da CNBB-CF82), entre 4 e 8 horas são gastas por dia em função da televisão. Enquanto o sis tema escolar atinge cerca de 30 milhões de pessoas a televisão atinge 42 milhões. As crianças e jovens principalmente passam mais tempo dian te de um aparelho de TV do que na sala de aula.

4. Levantamentos realizados em 1980 provam que a presença estrangeira na televisão em termos de conteúdo é menor do que em 1970 embora o estilo e a forma são fortemente influenciado pelos padrões norte americanos (Jornal Movimento 05/82).
Dos 15 maiores anunciantes privados da televisão brasileira em 1979, apenas quatro eram brasileiros.
Em 1980, dos 15 anunciantes apenas cinco eram nacionais
Os principais anunciantes são empresas multinacionais com origem nos EUA, Suiça, Inglaterra, Holanda e Leichtesten.
Trinta segundos durante o jornal nacional custa 7.400.000,00 (rede Globo) 6.83).
Em relação a publicidade, a televisão domina 55,9% da verba destina - da à todos os meios de comunicação, de acordo com dados de 1979. O se tor publicitário no Brasil é o 7º mais importante do mundo em termo de volume de recursos movimentados.
O que é anunciado está fora do poder aquisitivo do telespectador e estima-se que o número de consumidor é 35% inferior ao dos telespec tadores (Estado de São Paulo - 14.09.80).
Uma série brasileira em média custa 30 a 40% mais caro do que um "enlatado" americano, em razão disto foi cortado uma série de programas brasileiros (dados do Instituto Metodista de Ensino Superior)

5. O rádio é o segundo meio de comunicação no Brasil, está presente em cerca de 65% dos domicílios, contando com 8,5% da verba publicitá - ria.
Em termos de penetração é mais importante que a TV. Seus patrocinado- res na sua maioria são empresas de capital estrangeiro. Há cerca de 1.200 estações, 60% de programação é produção brasileira embora músi- cas estrangeiras estejam presentes em quase toda a programação.

6. Jornais e revistas ficam com 1/3 da verba publicitária. Atingem um público que não chega a 20% da população. Existe aproximadamente 37 jornais diários circulando para cada 1.000 habitantes. Os principais patrocinadores continuam sendo representantes do capital estrangeiro. As notícias vindo do exterior são produzidas e controladas por agên - cias noticiosas, conforme dados de 1975 a situação era a seguinte: UPI 39% (United Press International), AP (Associated Press) 21%, AFP Associated France Press) 1%. Reutres 9% (dados colhidos com o jorna-

nalista Paulo Cenabreva de Cadernos do Terceiro Mundo.

Essas empresas produzem 15.000,000 de palavras por dia, o que há cerca de 15 milhoes de dolares (retirado de Temas de Comunicação - Edições Paulinas).

Em relação a uma manifestação popular em favor da Greve Geral no RJ, a Rede Globo anunciou que havia 12.000 pessoas no dia 21.7.83 à noite, quando na realidade houve mais ou menos 100.000 pessoas conforme dado obtido com um participante presente no 3º C.N. de Jovens Trabalhadores.

8. Quatro agências controlam 79% do fluxo de comunicação na AmericanLatina. Houve época em que controlava 95%. Os patrocinadores asseguram o lucro da tiragem. Os proprietários dos jornais não se interessam de aumentar a tiragem. A Editora Abril controla 80% do mercado de revistas no país, tem como proprietário um cidadão que nem é Brasileiro, o que contraria a constituição do país, dito foi funcionário do Grupo Time Life que deu origem a Rede Globo.

A forma e estilo destas revistas acompanham o padrão americano (A Fraude da Informação - Brasil Hoje - 03.03.82).

9. Cinema: em 1977 o Brasil chegou a ser o terceiro maior produtor de longa metragem, isto devido a intervenção do estado que criou a EMBRAFILME financiando principalmente filmes pornográficos.

10 Industria Fonografica é o setor da industria cultural em que a presença do capital é multinacional (transacional) é mais ostensiva no Brasil. Neste campo as empresas estrangeiras dominam 66% do mercado fonográfico: discos, fitas, etc.

11 Livros o Brasil produz anualmente aproximadamente 220 milhões de livros por ano. menos de dois para cada habitante. Edita-se mensalmente 3 mil Boletins populares numa tiragem de 2 milhoes de exemplares.

12 No dia 07 de julho durante o Jornal doRádio Bandeirante, o Pental interrompeu as transmissões quando o jornalista Jocmir Betting fazia comentários sobre a greve que se realizou no Grande ABC alegação de falhas, ficando evidente que o motivo foi o teor dos comentários.

13. Segundo pesquisas: violência na TV e suas possíveis consequências por Ismar de Oliveira Soares tem se que:

. O tempo ocupado até a adolescência (até 14 anos)
. 22.000 horas diante da TV (para 11.000 na escola)
. neste período o adolescente ja viu:
  250.000 apelos publicitários
  15.000 mortes violentas
. Violência física em dados:
  8 em cada 10 programas tem violência física
  2 em cada 10 autores estão envolvidos em assassinatos

de 60 a 70, personagens estão envolvidas de alguma forma de violência

9 em cada 10 programas infantis baseiam-se em tramas violentos.

3. CAUSAS

A necessidade da classe dominante em manter o poder necessidade de manter o consumismo e o controle da população.

Setores representativos do governo e dos grupos econômicos têm como objetivo fundamental, alienar e dominar a população politicamente e culturalmente.

Os proprietários dos M.C.M. não tem como objetivo levar informação mas sim obter lucro.

4. CONSEQUÊNCIAS

O jovem trabalhador passa a ter uma ideologia consumista e individualista, gerando falsas perspectivas de vida

Provoca descaracterização da cultura nacional

Menor relacionamento e diálogo, principalmente na família

Contribui para idiminuição da criatividade das crianças e retém o seu desenvolvimento cultural.

Os M.C.M. colaboram na concentração da renda nas mãos da classe dominante e empobrecimento da classe trabalhadora.

Causa danos psicológicos tais como medo e frustração.

REIVINDICAÇÕES

5.1. REIVINDICAÇÕES ESPECÍFICAS DOS JOVENS TRABALHADORES

Que nós do 3º Congresso Nacional de Jovens Trabalhadores exijamos do Ministério das Comunicações programas relacionados com a realidade valorizando também a cultura brasileira.

Que nós do 3º Congresso de Jovens Trabalhadores exijamos do Ministério das Comunicações uma parte do horário nobre para nos pronunciarmos.

5.2. REIVINDICAÇÕES GERAIS

Exigimos do Ministério de Comunicações a reformulação da programação dos meios de Cominicação de Massa no sentido de veicular informações que sejam de real interesse da população trabalhadora.

Do Ministério do Trabalho exigimos melhores salários e condições de trabalho para que os trabalhadores possam melhorar suas informações, ter acesso a jornais livros e outros instrumentos que contribuam para sua formação.

Real liberdade para a imprensa.

6. PROPOSTA DE AÇÃO

Formação de grupos de Jovens Trabalhadores para discutir os seus problemas e sua realidade a partir do próprio local de trabalho.

Que os Jovens trabalhadores do 3º Congresso Nacional participando de grupos de bases e nos locais de trabalho, estudo e outros incentivem a discussão sobre os M.C.M.

Que os Jovens Trabalhadores procurem conhecer, divulgar e criar veículos de comunicação, sejam folhetos, livretos, teatros elaborados em linguagem popular para suas comunidades.

Que se forme uma central de informações para intercâmbio de acontecimentos nas diversas cidades do país através de circulares.

Que os jovens Trabalhadores do 3º Congresso nacional realizem um intercâmbio de cartas e materiais (folhetos, livros, jornais) de sua localidade.

3º CONGRESSO NACIONAL

DE JOVENS TRABALHADORES



MANIFESTO

PUC - S.PAULO - 22/23/24

JULHO - 1983

São Paulo, 22/23/24 - Julho - 1983

MANIFESTO DO 3º CONGRESSO NACIONAL DE JOVENS
T R A B A L H A D O R E S
"CONQUISTANDO TRABALHO E JUSTIÇA"

INTRODUÇÃO:

Nós 622 JOVENS TRABALHADORES DO BRASIL, representando 122 Congressos a nível de bairro, realizados em 38 cidades, e 25 Congressos a nível de cidade, reunidos em CONGRESSO NACIONAL, na cidade de SÃO PAULO nos dias 22/23/24 de julho/83, discutimos e analisamos nossa realidade, e suas causas, consequências e saídas, e agora dirigimo-nos ao conjunto da sociedade denunciando esta realidade, exigindo soluções e nos comprometendo em atuar de forma organizada frente a nossos problemas específicos e no processo de luta da classe trabalhadora, visando a conquista de uma sociedade onde possamos realizar plenamente nossas aspirações como trabalhadores.

Este Congresso é resultado de 3 anos de trabalho que se iniciou desde 1980. Sua convocação feita pela JOC (JUVENTUDE OPERÁRIA CATÓLICA) reunida em CONSELHO NACIONAL em janeiro de 1982. Teve etapas importantes como seu lançamento público na semana Nacional da Juventude Trabalhadora em abril de 1982, a realização de uma pesquisa entre 7.000 Jovens Trabalhadores, sobre a realidade da juventude trabalhadora, feita por nós próprios, jovens trabalhadores, no primeiro semestre de 1982, realidade esta que foi retomada e aprofundada nos congressos de bairros e de cidade, realizados em janeiro a maio de 1983, com a participação de cerca 6.000 jovens trabalhadores.

QUEM SOMOS A JUVENTUDE TRABALHADORA DO BRASIL:

Somos mais de 22 milhões de jovens de 14 a 29 anos, que trabalha em fábricas no comércio, na construção civil, em prestações de serviços, no meio rural, nos sub-empregos.... que estamos desempregados, que vivemos nos bairros e que dependemos de salário para sobreviver e manter a família.

Como juventude trabalhadora somos parte integrante da classe trabalhadora. Vivemos as mesmas condições de vida, trabalho e aspirações como classe, mas apresentamos muitas caracteristicas e problemas especificos como jovens.

Nascemos e crescemos em condições desumanas de sobrevivência. Estamos obrigados a incorporar prematuramente o mercado de trabalho, sem condições também para a formação a que temos direito nesta etapa da vida.

Temos muitos valores como jovens trabalhadores, porém somos neles sufocados, porque somos entregue a todo tipo de exploração, principalmente através do trabalho. Mas se conscientes, unidos e organizados no conjunto da classe trabalhadora, somos a maior força de transformação da sociedade.

ESTA É A NOSSA REALIDADE:

Em nosso Congresso pudemos analisar um grande número de problemas que enfrentamos como jovens trabalhadores. Um resumo do conjunto destes problemas é o seguinte:

Começamos a trabalhar normalmente entre 10 a 14 anos, sem termos chances de escolher livremente por trabalhar, pois as condições financeiras de nossas familias, nos obrigam a procurar qualquer tipo de emprego.

Um dos nossos grandes problemas é o primeiro emprego, pois as empresas geralmente exigem trabalhadores com prática comprovada em carteira profissional.

Além disso, o desemprego é constante no sistema em que vivemos e é ainda maior nesta época, atingindo milhões em nosso país, como comprovam até mesmo dados do governo. Cerca de 60% dos desempregados são jovens de 14 a 25 anos segundo os dados do IBGE.

A automatização crescente das atividades industriais, comerciais, rurais e de prestação de serviço; a especialização exigida para ingressar no mercado de trabalho; a não estabilidade no emprego e a rotatividade planejada de mão de obra, são mecanismos que nos arrancam o direito ao trabalho e assegura às empresas uma permanente reserva de mão de obra barata.

Por isso, muitos dos trabalhadores desempregados, principalmente jovens, para sobrevivermos lançamos mão do sub-emprego, que não nos possibilitam ganhar sequer o necessário para a alimentação.

Os empregos que conseguimos não respondem às nossas aspirações e necessidades, como ocorre com todos os trabalhadores. Somos explorados como meio de produzir lucros às empresas que nos submetem a péssimas condições de trabalho.

Trabalhamos em ritmo acelerado em ambientes insalubres, quase sempre sem segurança e sem fiscalizações das CIPAS; por isso, constantemente acidentamo-nos e adquirimos doenças profissionais. Nossa jornada de trabalho é muito longa e constantemente prolonga-se em horas extras além do permitido por lei.

Como não temos o direito de participar nas decisões sobre a política salarial, os patrões e o governo, estão arrochando cada vez mais nossos salarios, que não permitem satisfazer as mínimas necessidades nossa e de nossa familia. Os reajustes salariais não estão acompanhando a inflação. Em algumas regiões mais / pobres do país o salário minimo é mais baixo, sendo que o custo de vida é o mesmo ou até mais alto que nas outras regiões.

Além disso, nós como jovens trabalhadores, sofremos uma discriminação salarial em relação aos trabalhadores adultos, recebendo menos e produzindo o mesmo em iguais funções.

E nós, menores trabalhadores, sofremos ainda mais, pois somos utilizados para trabalhar como adultos sem termos condições e sem ganharmos como eles, sem siquer termos as garantias exigidas por lei.

De modo muito diferente nós mulheres trabalhadoras, principalmente jo- / vens, também somos submetidas a estes regimes de trabalho e salário, sendo exigido de nós, principalmente nas lojas e escritórios, aparência fisica que agrade frequeses e satisfaça patrões. Quanto às empregadas domésticas são poucos os nossos direitos garantidos por lei e nem siquer estes são respeitados; além do que, por não sermos consideradas pela CLT como categoria profissional, não temos direito de formarmos sindicatos, o mesmo ocorrendo com os funcionários públicos.

Entre nós há uma categoria que, apresenta uma realidade especial; os trabalhadores rurais, especialmente bóias-frias. Vivendo nas periferias das cidades não temos salário fixo e vamos ao campo amontoados em transportes inseguros, enfrentar jornada de trabalho pesado, ganhando baixo salário sem vínculo empregaticio, tornando-nos totalmente inseguros e com pouca condições de nos organizarmos para defender os nossos direitos.

Moramos em bairros sem a mínima infra-estrutura e serviços necessários. Grande parte de nós não temos casa própria, e devido a especulação imobiliária (alto preço de terrenos, casas e aluguéis) sujeitamo-nos muitas vezes em morar em favelas, sob constantes ameaças de despejo.

As casas populares fornecidas pelo BNH, pagas com o dinheiro dos trabalhadores, não são suficientes, são pequenas e mal construidas, e os que ganham salarios baixos não as conseguem.

Moramos em locais distantes do trabalho, da escola, e centros comerciais, principalmente nas grandes cidades. Além disso, faltam transportes, os poucos ônibus que existem estão sempre lotados, atrasam e são muito caros.

Nossa alimentação, devido a falta de recursos, e a consequente subnutrição, gera doenças fisicas e mentais muitas vezes irrecuperáveis.

Os serviços de medicina preventiva são insuficientes, pois o governo investe somente em assistência médica muito mal prestada através do INAMPS. As doenças aumentam cada vez mais, por não serem atacadas suas causas. Há falta de hospitais, de postos de saúde, de médicos e os remédios são caros. Mas muito / mais do que isto, há falta de condições sociais e econômicas que nos garantam / saúde.

Sofremos discriminação em vários sentidos: primeiro, somente por sermos jovens, os adultos já exigem nossa submissão e nos consideram muitas vezes irresponsáveis; os que têm estudo é que mandam nas empresas e na sociedade também nos submetem por sermos trabalhadores; os que somos deficientes somos tratados como pessoa sem valor, sujeitos a melosa comapixão. Principalmente os de raça negra somos tratados como inferiores, sem direito em muitos casos até a frequentarmos certos ambientes elitizados. Somos muitas vezes perseguidos pela policia somente por nossa aparência.

Por isso tudo muitos de nós jovens trabalhadores, nos frustamos, revoltando-nos com violência e buscamos fuga nos tóxicos que nos deforma fisica e mentalmente, provocando também conflito em nossas famílias.

Essa situação de exploração e marginalização a que estamos submetidos reforça a mentalidade competitiva e individualista que nos divide, criando muitos problemas de convivência. Desde crianças somos deformados em nossa afetividade influindo no modo como compreendemos e vivemos a sexualidade. Além disso, nosso cansaço, nossas angustias e falta de tempo e recursos para lazer, geram / problemas de desintegração familiar e carências afetivas que se extravasam em vivermos a sexualidade dentro ou fora do namoro e do casamento, de forma irresponsável. Formamo-nos somente a partir de nossas experiências, das quais, resultam valores mas também muitas frustações.

Os meios de comunicação de massa principalmente a televisão que ocupam o tempo de dialogo e convivência em nossas familias, não nos mostram a realidade da sociedade com fidelidade aos fatos. Eles manipulam nossos desejos e aspirações, distorçem nossos valores, deformam nossas personalidades, fazendo-nos consumistas e individualistas, enfin, controlam nossas atitudes.

A educação que recebemos não nos forma integralmente e não nos prepara para enfrentar a realidade. As con dições de ensino nas escolas são péssimas. Nosso acesso à educação está cada vez mais dificil principalmente por causa da privatização do ensino. As chances para entrarmos nas escolas públicas, são ainda menores e para um trabalhador é praticamente impossível chegar a um curso superior.

Muitas vezes deixamos de estudar por causa do excesso de trabalho, horas extras, cansaço e fome, que nos tiram as condições de acompanhar o ritmo de ensino.

Grande parte das escolas profissionalizantes são particulares e não / respondem ao número de jovens que querem ter uma profissão. Buscamos este tipo / de formação como condição de encontrar trabalho, mas além de não capacitar-nos / suficientemente um curso tecnico deixa de lado outros aspectos necessários à nossa formação integral.

A estrutura, o conteúdo, o método e a pedagogia de ensino são impositivos e alienantes, incutindo-nos valores de individualismo, conformismo, passividade e obediência que reforçam a ideologia da classe dominante à qual estamos submetidos.

Esta ideologia nos mantém afastados de todo tipo de participação em todos os setores da sociedade, não participamos nem mesmo das decisões que envolvem diretamente nossas vidas.

Como trabalha dores participamos ativamente através da produção e comercialização dos bens que se concentram nas mãos dos que são donos dos meios de produção. Com tudo não nos é dado o direito de desfrutarmos destes bens e do capital produzido; não podemos opnar sobre o que é, para quem, como produzir e vender.

Dentro dos partidos politicos, a nossa participação é limitada; somos muito mais chamados a executar tarefas engrossar fileiras em função de eleições e atividades massivas, sem que se importem com as nossas necessidades de formação politica, a partir de nossa realidade, aspirações e valores como jovens da classe trabalhadora.

Temos poucas organizações que defendam realmente nossos interesses de classe trabalhadora, menos ainda organizações que levem em conta a importância de nossa participação e nossos interesses específicos de jovens trabalhadores.

Nossas organizações sindicais estão enquadradas em uma estrutura vertical atrelada ao Ministério do Trabalho, fazendo com que nossos dirigentes sindicais pelegos se voltem tão somente a interesses burocráticos e assistenciais e sejam conciliadores com os patrões nas lutas reivindicativas dos trabalhadores.

Todo esse conjunto de problemas está dificultando a construção de uma organização de classe com poder político para conquistar uma sociedade onde todos tenhamos trabalho e justiça e onde possamos participar e contribuir com todos os valores de jovens da classe trabalhadora.

PORQUE VIVEMOS NESTA SITUAÇÃO:

A causa principal está no modelo econômico do país, que se caracteriza pelo controle das riquezas nacionais por uma minoria, a classe dominante:

1. É uma minoria que tem a propriedade sobre a terra e as empresas, assim, como o controle da produção e sua distribuição.
2. A economia nacional não se orienta a responder as necessidades da classe trabalhadora, mas aos interesses dessa minoria que coloca o país em função do mercado internacional.
3. Abrindo-se as portas para a entrada das empresas multinacionais, estas vêm se apoderando dos recursos naturais, sem pagar impostos durante muitos anos" e exploram nossa mão de obra barata, já que nosso salário mínimo é mais baixo em relação ao país de origem destas empresas.
4. A inferioridade de nosso país nas relações internacionais, provoca uma elevada dívida externa e condiciona as decisões mais importantes a nível nacional às exigências dos centros financeiros mundiais, controlados principalmente pelos Estados Unidos.
5. Para garantir esse modelo econômico em nosso país, o regime político brasileiro impede a participação dos trabalhadores e do povo em geral, nas decisões a nível político bloqueando todas as iniciativas de organização e mudança, especialmente as operarias.

NOSSAS PRINCIPAIS REIVINDICAÇÕES

Frente a esta situação de opressão a que estamos submetidos, nós jovens trabalhadores não estamos passivos, lutamos para transformá-la, por isso fazemos as seguintes reivindicações:

1. PELO DIRETO AO EMPREGO E ESTABILIDADE PARA TODOS OS TRABALHADORES;

   REDUÇÃO DA JORNADA DE TRABALHO PARA 40 HORAS SEMANAIS, SEM REDUÇÃO DO SALÁRIO;

   EXTINÇÃO DAS HORAS EXTRAS;

   CONDIÇÕES SEGURAS DE TRABALHO E CRIAÇÃO DE CIPAS ELEITA PELOS TRABALHADORES;

   EXTENSÃO DOS DIREITOS DOS TRABALHADORES ÀS EMPREGADAS DOMÉSTICAS.

2. MUDANÇA POLÍTICA SALARIAL DE FORMA A GARANTIR:

   SALÁRIO MÍNIMO UNIFICADO A NÍVEL NACIONAL;

   AUMENTO REAL DOS SALÁRIOS;

   INSTITUIÇÃO DO SALÁRIO DESEMPREGO;

   RESTITUIÇÃO DOS 10% ALÉM DO INPC;

   REDUÇÃO DAS DIFERENÇAS SALARIAIS.

3. INFRA-ESTRUTURA COMPLETA PARA TODOS OS BAIRROS E INSENÇÃO DE IMPOSTOS DE ÁGUA E LUZ PARA OS DESEMPREGADOS;
   PARTICIPAÇÃO DOS TRABALHADORES NA POLÍTICA HABITACIONAL;
   ESTATIZAÇÃO DO TRANSPORTE COLETIVO;
   PASSES DE ÔNIBUS GRATUITO PARA OS DESEMPREGADOS;
   AMPLIAÇÃO E MELHORIA DO ATENDIMENTO FEITO PELO INAMPS, HOSPITAIS E POSTOS DE SAÚDE;
   ASSISTÊNCIA MÉDICA E GRATUITA PARA OS DESEMPREGADOS;
   REDUÇÃO E CONGELAMENTO DOS PREÇOS DE GÊNEROS DE 1a. NECESSIDADE.

4. ENSINO PÚBLICO E GRATUITO;
   AMPLIAÇÃO E MELHORIA DO SISTEMA DE ESCOLAS PROFISSIONALIZANTES GRATUITAS;
   FACILIDADE DE HORÁRIO DE TRABALHO PARA O JOVEM TRABALHADOR QUE ESTUDA.

5. MUDANÇA NO ATUAL MODELO ECONÔMICO E DO REGIME POLÍTICO;
   ELEIÇÕES DIRETAS A TODOS OS NÍVEIS;
   REFORMA AGRÁRIA COM CUMPRIMENTO DO ESTATUTO DA TERRA E RECONHECIMENTO DE POSSES DE TERRA NO CAMPO E NA CIDADE;
   REVOGAÇÃO DA LEI DE SEGURANÇA NACIONAL, LIBERDADE DE MANIFESTAÇÃO E DIREITO DE GREVE;
   ABERTURA DE MAIS ESPAÇO PARA A PARTICIPAÇÃO DOS JOVENS TRABALHADORES NAS DECISÕES POLÍTICAS.

6. REESTRUTURAÇÃO DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO DE MASSA E REAL LIBERDADE DE IMPRENSA.

7. LIBERDADE E AUTONOMIA SINDICAL;
   REFORMULAÇÃO DA CLT (CONSOLIDAÇÃO DAS LEIS DO TRABALHO);
   FORMAÇÃO E RECONHECIMENTO DAS COMISSÕES DE FÁBRICA;
   DIREITO A FORMAÇÃO DE SINDICATO DOS FUNCIONÁRIOS PÚBLICOS;
   CRIAÇÃO DE DEPARTAMENTOS JUVENIS NOS SINDICATOS.

NOSSO COMPROMISSO

Para continuarmos desenvolvento o processo de formação, organização e reivindicação que realizamos neste CONGRESSO, assumimos os seguintes compromissos:

1. CONTINUARMOS DESENVOLVENDO UM PROCESSO DE FORMAÇÃO, A PARTIR DA NOSSA REALIDADE DE CLASSE, VALORES E PROBLEMAS ESPECÍFICOS, AVANÇANDO NA ANÁLISE DAS CAUSAS, AGINDO JUNTOS E FRENTE ÀS MÁS CONDIÇÕES DE VIDA E DE TRABALHO E PLANEJANDO E REVISANDO CONSTANTEMENTE NOSSAS VIDAS E AÇÕES.
2. CONTINUAREMOS ORGANIZANDO GRUPOS DE TRABALHADORES, ESPECIALMENTE JOVENS, A PARTIR DO LOCAL DE TRABALHO; DA CATEGORIA E DO BAIRRO; QUE ATUEM DENTRO DO MOVIMENTO POPULAR E SINDICAL, CONTRIBUINDO PRINCIPALMENTE PARA A CONSTRUÇÃO DE UM SIDNICALISMO NOVO, A PARTIR DA BASE, CLASSISTA, MASSIVO, AUTÔNOMO E UNIFICADO.

3. CONTINUAREMOS CRIANDO OPORTUNIDADES DE ENCONTROS, UNIFICANDO MAIS NOSSAS AÇÕES, GARANTINDO LINHAS COMUNS DE ORIENTAÇÃO E RESPEITANDO AS REALIDADES DO LOCAL.

4. CONTINUAREMOS AVANÇANDO NA LUTA PELA CONQUISTA DE ESPAÇOS DE PARTICIPAÇÃO ORGANIZADA DOS JOVENS TRABALHADORES EM TODOS OS SETORES PRINCIPALMENTE NOS ORGANISMOS DE CLASSE E NA DIREÇÃO POLÍTICA DA SOCIEDADE.

5. CONTINUAREMOS ATUANDO EM CONJUNTO COM TODAS AS ENTIDADES QUE LUTAM POR TODOS OS OPRIMIDOS E MARGINALIZADOS, APOIANDO SUAS AÇÕES E VALORIZANDO O NASCIMENTO E CRESCIMENTO DE GRUPOS QUE TENHAM UMA PRÁTICA LIBERTADORA EM MEIO A TODOS ESTES MARGINALIZADOS.

FAZEMOS UM CHAMADO A TODOS OS JOVENS TRABALHADORES, A TODAS NOSSAS ORGANIZAÇÕES DE CLASSE E AO POVO EM GERAL, A DISCUTIR E DIFUNDIR ESTE MANIFESTO QUE É RESULTADO DO 3º CONGRESSO NACIONAL DE JOVENS TRABALHADORES.

SÃO PAULO, 24 DE JULHO DE 1983.

OBSERVAÇÃO : Além dos 622 delegados, participam como convidados deste congresso: 2 Comissões especiais sendo uma do Meio Rural formada por 14 jovens e outra de menores que apresentaram para o plenário do Congresso a sua realidade de Vida e Trabalho.

alvorada

PRELAZIA DE
SÃO FÉLIX
DO ARAGUAIA
MATO GROSSO

ANO 15 – Nº 5 | SETEMBRO/OUTUBRO 1985 | Cr$1.000

A visita de nosso Bispo à NICARÁGUA



RECADO DO NOSSO BISPO

Queridos irmãos todos da nossa Igreja de São Félix do Araguaia, agora mais queridos do que nunca.

Acabo de chegar da Nicarágua. Depois de quase dois meses de ficar lá, rezando, sofrendo, esperando, com aquele povo, tão carinhoso como heróico. Tenho muita coisa para contar. Deus ajudando vou logo visitar todas as comunidades e poderemos partilhar juntos essa experiência de fé e de irmandade.

Vejam o que dizem os irmãos nicaraguenses nas cartas e mensagens que publicamos neste número de ALVORADA. Eles já se sentem gente nossa, como nós nos sentimos gente deles. Brasil-Nicarágua, São Félix do Araguaia-Nicarágua.

Eu que já havia pedido a todos — a todas as comunidades da nossa Prelazia — que dediquemos, todo mês, um dia de vigília — oração, jejum, partilha, reflexão — por Nicarágua e por toda América Central. Pela paz desses povos, contra a agressão, pela liberdade plena.

Visitei também EL SALVADOR e rezei diante da tumba de nosso São Romero da América. Visitei refúgios salvadorenhos. Meio milhão de salvadorenhos vivem como presos dentro de sua própria pátria, e outro meio milhão vive refugiado no estrangeiro. Visitei ainda Cuba, onde se sente forte interesse pela fé cristã, pela Igreja comprometida com o Povo, pela Libertação que todos nós sonhamos.

Tive saudades de vocês, mas os senti muito perto. Suas cartas e mensagens e, sobretudo, sua oração me acompanharam e acompanham todo aquele povo nica, tão querido.

Vocês foram maravilhosos com sua compreensão, cedendo seu bispo para ajudar os irmãos de longe.

A Igreja é universal. Toda a Igreja é nossa Igreja. Toda América Latina e o Caribe são nossa Pátria Grande. América Central é hoje um desafio, uma cruz de morte e de libertação e nós todos devemos sentir como carne e missão nossas essa América Central sofrida.

Seu companheiro e bispo, irmão na Esperança que nos garante Jesus Cristo, o Libertador Ressuscitado,

Pedro

A visita de nosso Bispo à NICARÁGUA



Bispo Pedro celebrando em Estelí, Nicarágua.

ENTREVISTA COM NOSSO BISPO PEDRO

Alv.: Aqui no Brasil quase não temos notícia nenhuma sobre a Nicarágua. Como está a situação do país?

Pedro: Há um verdadeiro boicote, um cerco de informações. Nicarágua e América Central estão proibidas de serem notícia.

Durante esse mês todo que fiquei rodando na montanha e pela fronteira, a gente se viu nas áreas mais conflitivas. Inclusive por 3 vezes nos encontramos com a "contra-revolução". Quase que nos pegam.

Aqui de longe, temos a impressão de que tem algum combate de vez em quando. Não se tem uma idéia de que há uma guerra constante contra Nicarágua. Os do "contra" geralmente andam drogados e carregam na brutalidade: matam, seqüestram, violam, torturam, queimam casas, povoados inteiros.

Alv.: Qual a atitude dos bispos nicaraguenses?

Pedro: Os bispos não apoiam a Revolução Popular. Alguns não me quiseram receber, outro fugiu de mim. Falta a esses bispos aproximação com o sofrimento do povo, aos caminhos, às mães, à montanha, à fronteira. Fui nalguns lugares onde nunca tinha ido um bispo.

Alv.: O que ficou da visita do Papa à Nicarágua?

Pedro: Aquela visita do Papa foi, posso dizer com toda clareza e com muita dor também que foi lamentável. Ele não teve a sensibilidade de rezar pela paz, não teve um gesto de carinho como teve noutros lugares do mundo.

Alv.: Qual a impressão mais forte que teve na Nicarágua?

Pedro: Foi com as mães. Assim como tem tanta mãe na Nicarágua rezando pelos seus filhos, me pedindo orações por eles, mostrando suas fotos. Na Nicarágua, as 3 palavras que mais ouvi foram: "Deus, Mães e País".

Alv.: Como o povo recebeu na Nicarágua a solidariedade de São Félix do Araguaia?

Pedro: Com grande alegria. Sempre perguntavam pelo Brasil, sobre a região, os índios, os lavradores, os conflitos com os latifúndios e a repressão. Faziam questão de perguntar sobre as mães, as comadres.

Alv.: E o que diz da juventude Nicaraguense?

Pedro: Tive vários encontros com jovens da Nicarágua, por exemplo, os jovens mutilados na luta. Visitei hospitais em que havia só juventude. Encontrei rapazes e moças, mestres na montanha. Lembrei nossos professores e professoras no sertão. Lá muitos jovens se oferecem como voluntários para dar aulas.

Alv.: Como podemos levar nossa solidariedade à Nicarágua?

Pedro: Nicarágua pede em 1º lugar, ser conhecida. Que a sua causa se saiba no mundo. Em 2º. lugar pedem atos de celebrações, atos públicos nas escolas, nas Universidades. Em todo lugar, principalmente, nas comunidades cristãs, se devia fazer em cada mês, um dia de vigília pelo povo nicaraguense e da América Central, com celebrações, notícias e onde se assumissem compromissos. É importante a criação de Comitês de Solidariedade. Precisam muita ajuda de material escolar, de pneus para o trabalho popular e de remédios.

- Cartas do Povo da Nicarágua

Nesta página publicamos trechos de algumas cartas que o povo nicaraguense escreveu à Prelazia e ao Bispo Pedro depois de sua visita àquele povo sofrido. Lamentavelmente não temos espaço para publicar todas as mensagens recebidas. Porém, podemos sentir o sofrimento e o desejo de paz que aquele povo, nosso irmão, passa e deseja.



"A D. Pedro,
Que uniu sua voz a nossa voz.
Que caminhou braço a braço com o povo. Juntos, com os mesmos sonhos.
Com as mesmas esperanças.
Nicarágua lhe diz obrigado. .
Fraternalmente,

Daniel Ortega (Presidente da Nicarágua).

"Com uma saudação Cristã e Revolucionária nos dirigimos ao povo inteiro, bispos e sacerdotes do Brasil.
Enviamo-lhes esta humilde carta, porém cheia de amor e esperança de que todos os pobres cheguemos a ser iguais no mundo inteiro, que essa voz dos pobres marginalizados se escute pelos irmãos maiores como pastores que guiam suas ovelhas . . . hoje a Igreja pobre se sente orgulhosa com a visita do Bispo PEDRO CASALDÁLIGA, que com muito amor e sacrifício veio até os últimos rincões de nosso povo para solidarizar-se conosco. Quanto desejamos ter um bispo como o bispo Casaldáliga . . . "

Igreja Católica de Jícaro – Nicarágua

"D. Casaldáliga, nós, os jovens deste povo, que lutamos por uma paz verdadeira e um futuro melhor, queremos expressar nosso sofrimento e o de nossas mães para você e os demais organismos que representa, já que você vem visitar-nos nos momentos em que centenas de jovens de nosso povo se encontram defendendo a soberania pátria com sua vida, com seu sangue, como demonstra na quantidade de mortos e feridos dos quais temos alguns presentes. . . . Como jovens que lutamos por formar uma pátria de onde irradie a paz, pedimos sua oração e que sua voz seja uma mensagem para os jovens dos demais povos do mundo que igual a nós sofrem as investidas das bestas do império norte-americano . . . "

Juventude Achuapeña (Achuapa, Nicarágua)



"Como mães de combatentes pedimos sua oração a Nosso Senhor e suas palavras de alento, que vocês sejam porta-voz diante do mundo que nós queremos a paz e não queremos mais destruição em nosso povo. Sabemos que você, como um pastor que se preocupa por seu povo, vem visitar suas ovelhas que estão sendo feridas pelos lobos e que necessitam de quem venha curar essas feridas . . .
Agradecemo-lhe em nome de todas as mães e do povo que sofre, esta visita . . . "

Mães de Heróis e Mártires e Combatentes do S.M.P. do município de Achuapa, departamento de Léon.

"Srs Conselho Pastoral da Diocese (Prelazia)
São Félix, Mato Grosso,
Desde estas terras convulsas da América Central queremos saudar-lhes, agora que os sentimos mais próximos e solidários pela presença de seu pastor D. Pedro Casaldáliga, quem em forma sensível e clara testemunhou a fraternidade de vocês para conosco . . . "

Cristãos de Las Segovias, Nicarágua.

"Obrigado por suas mensagens de paz e esperança para este povo ensanguentado".

Refúgio "Domus Mariae", San Salvador, El Salvador

"QUEREMOS A PAZ!
D. Pedro Casaldáliga, você escutou muitas vezes este grito do povo pobre e humilde de meu povo: Ajude-nos a conseguí-lo.
Recordaremos muito de você. Teu irmão, Luiz. Pátria libre ó morir".

(Luiz Aguirre, animador de CEB's, motorista que acompanhou nosso bispo na Nicarágua)

"D. Pedro Casaldáliga,
Receba esta humilde presente, de uma mãe cujos dois filhos caíram na defesa da soberania e que agradece seu gesto solidário, com a dor do povo nicaraguense . . . "

Zoila Rosa Domínguez (alfabetizadora. Deixou no quarto do Pedro uma cestinha de flores).

"Humildemente quero fazer-te uma sugestão: antes de voltar a tua terra seria muito bom pastoralmente uma entrevista pela televisão em um tom reconciliador e testemunhal, dizendo a nossos bispos e "bons católicos" de dentro e de fora de Nicarágua que os que estamos com a libertação, com o povo não somos inimigos, nem "ateus", nem . . . , sim que os amamos, que nos dói muito não nos sentirmos juntos . . . "

Ricardo, sacerdote, Nicarágua.

" . . . Adeus, Senhor Bispo. Muito em breve nossas mãos entrelaçadas juntas cantarão ao Senhor: VIVA AMÉRICA LATINA LIVRE E SOBERANA.
Entre REVOLUÇÃO E RELIGIÃO NÃO HÁ CONTRADIÇÃO.
Desejamos-lhe boa viagem".

Cristãos do Bairro Triunfo da Revolução (Condega, Nicarágua).

"Pai Deus onipotente
dono de céus e terra,
hoje te pede Nicarágua
a paz do mundo inteiro

Os pastores de tua igreja
hoje se sentem obrigados,
há oração e há jejum
pela paz de Nicarágua

Que a agressão se derreta
como a cera no fogo,
e a oração dos fieis
como insenso suba ao céu.

Talvez hoje conheceremos
a bala da oração,
serve de rifle e espada
e sem nenhuma exploração.

A bala é a fé do homem
quando chega do coração
a oração é a explosão
quando chega até o Senhor.

Vamos, vamos, vamos todos
mortos e ressuscitados
formar os esquadrões
com Jesus sacramentado.

A trincheira o Pai Nosso
a metralhadora ave Maria,
repitamos noite e dia
Viva Jesus Maria

Renda-se o imperialismo
inveja, ódio e rancor
e que se apague o furor
do inferno e do traidor.

(De uma comadre velha, de um bairro de Manágua)

RIBEIRÃO/ CASCALHEIRA: FAZENDEIROS SE ARMAM





Logo após o anúncio do plano de Reforma Agrária pelo Governo Federal, os latifundiários se armaram de uma maneira mais organizada. Em várias regiões foram criadas associações de fazendeiros que, juntos, contrataram grupos armados para proteger suas grilagens e expulsar posseiros.

Temos exemplos disto acontecendo em nossa região:

1. na primeira semana de junho foram vistas 4 camionetas de diferentes fazendas, todas com policiais;

2. no dia 16 de agosto, chegou um ônibus com PM para pegar informações sobre os posseiros da gleba, da qual a Fazenda Santa Lúcia se diz dona;

3. no dia 22 de agosto, apareceu um carro tipo blindado, cor verde, com placa de Cotia-SP, com emblema e escrito "ALVORADA". Seus ocupantes usam fardas parecidas com as usadas por militares e estão todos armados.

Ao saber desta situação, o prefeito de Canarana, o Sr. Francisco de Assis (Diá), comunicou com o comandante da PM em Barra do Garças e este lhe disse que já havia recolhido os policiais que estavam na área. Também disse que se houvesse qualquer PM nesta região, a não ser a do destacamento local, estava sem ordem dele.

Estes ditos homens fardados e armados continuam na região, passando o maior tempo nas ruas do Ribeirão Bonito e Cascalheira. Vários membros das duas comunidades os têm visto e constatam que sempre estão armados com revólveres, carabinas e já foram vistos andando na rua do comércio com metralhadora na mão.

Até a própria PM do destacamento local diz estar preocupada com as atitudes destes agentes da firma "ALVORADA". Contudo, não tomaram nenhuma medida efetiva para pôr fim a tudo isso.

Consideramos a presença destes homens armados, contratados por um grupo de fazendas desta região, como uma afronta à dignidade e soberania do povo destas comunidades e uma ameaça à segurança, deixando descoberta a falta de responsabilidade da PM local que, depois de quase um mês, não tem resolvido este problema ainda, o que nos leva a questionar: o que haverá por trás que até a polícia se sente incapaz de tomar medidas contra eles?

Luciara: um povo envergonhado

A população do município de Luciara, hoje é um povo envergonhado. O Prefeito *José Liton Luz,* no dia 9 de agosto, matou de emboscada o ex-prefeito *Sebastião Gomes* e seu filho *Valdez,* maior de idade. Acompanhava o Liton nessa empreita o seu filho, *Pedro Rico* e o *Florismon,* filho de *Mariano Paciente,* conhecido por Caju, e possivelmente alguns outros. Sebastião Gomes foi eleito prefeito em 76. Foi a partir da campanha eleitoral que começou a rixha entre os dois, que vinha se agravando cada vez mais, cada dia era um que atentava o outro. Sebastião Gomes teve uma administração bastante corrupta. Nenhum dos dois era flor que se cheirasse!

Os culpados foram presos. Porém somente por *alguns dias.* O boato que corre é de que o juíz tinha um cheque de cento e oitenta milhões de cruzeiros do Liton. O povo, até os que votaram nele, já estava desacreditando no prefeito pela sua má administração. Desacreditou mais ainda quando surgiram provas de corrupção — foi no tempo em que a Câmara dos Vereadores tentou cassar seu mandato.

A população está envergonhada e bastante revoltada, pois tem no cargo mais alto do município um prefeito que, além de corrupto, é criminoso

Luciara teve seis prefeitos desde sua emancipação. Três da família Luz. Dois que não cumpriram o mandato, ameaçados pela família Luz e o outro que faltava era o Sebastião Gomes.

ALTO DA BOA VISTA:

Ao Boletim ALVORADA:

Nós, posseiros aqui da Azulona e Gameleira, queremos que este caso saia no ALVORADA. Faz muito tempo que a gente vem lutando, sofrendo, morrendo, correndo, apanhando, mas estamos aprendendo. Em nome do Sindicato estamos vencendo e nós todos unidos chegamos lá.

Os posseiros velhos e o Sindicato apoiamos os posseiros novos. Vamos morrer para os filhos viverem. Vamos sofrer para nossos filhos aprender.

No dia 2 de junho de 1965, chegou um paulista dizendo que era dono desta gleba Azulona e Gameleira — o Sr. Meloni. Ele fez muita pressão, e a polícia judiou de muitas pessoas, humilhou, queimou muitas casas.

Mas, os posseiros sempre persistiram firmes e com coragem. O Sr. Meloni acabou vendendo a gleba para outros grileiros, **Gustavo e Odilon.** *As dificuldades dobraram.*

Eles entraram fazendo picadas, tirando madeiras. Queriam fazer a cerca, mas os posseiros nunca deixaram.

A FAZENDA

A fazenda Bandeirantes é de propriedade de Ailon Vieira Diniz, residente em Brasília. O seu gerente, Alaor Pedrosa. Durante muito tempo os lavradores conheciam a fazenda Bandeirantes como se fosse Agropasa. Em 1983, ficaram sabendo que aquela parte da fazenda constituía um outro lote, que era denominado fazenda Bandeirantes.

A GLEBA

O Grotão é um gleba de terras situada a 2 km do vilarejo do Alto da Boa Vista, margeando a estrada que vai a Barra do Garças. Sua ocupação se deu nos idos da década de 70, quando as primeiras famílias ali se situaram. Existem posses de 10 a 5 anos. A gleba,



Posseiros da gleba diante

O governo desapropriou uma parte da área, mas a Delegacia Sindical de Gameleira nunca se conformou só com esta parte. Queremos a desapropriação da área toda! Isso porque ficaram muitos posseiros na outra parte, uns cinqüenta. E todos já vinham lutando e aguentando as ameaças.

Estes anos de luta foi um tempo de precisão, eles vinham proibindo os posseiros de fazeresm serviço e de plantarem.

Os posseiros desta parte que não foi desapropriada vivem aguentando forte pressão.

Os fazendeiros dizem que os posseiros não plantam as roças e que vão tirar todos de lá. Dizem que vão quebrar o cerrado. Mas nós, posseiros, não vamos aceitar.

Os tais fazendeiros saíram dizendo que foram cercados por 4 posseiros que queriam matá-lo na estrada. Isso é mentira, eles queriam nos complicar e esses posseiros foram intimados pela Delegacia de Polícia.

Moradores do Alto Boa Vista

já há algum tempo vem sendo objeto de disputa entre a fazenda Bandeirantes e os lavradores que ali vivem. Este ano a disputa recrudesceu. A fazenda ameaça destruir o trabalho dos lavradores e expulsá-los. Para isso conta com pesadas máquinas que ficam expostas no vilarejo próximo numa ameaça constante aos lavradores. São o símbolo do poder da fazenda. E como se isto não bastasse, o gerente espalha pela região que vai tirar os lavradores de qualquer jeito. São 20 famílias ameaçadas de ficarem sem o seu sustento. O encabeçador de tudo isso é o gerente Alaor Pedrosa.

No último dia 14 de julho, misteriosamente, nasceu um fogo e se propagou na área de terra dos lavradores, fazendo com que eles ficassem todo o dia e parte da noite tentando apagá-lo.



da Delegacia de Polícia

SÃO FELIX DO ARAGUAIA:

AGROPASA insiste nas provocações

Continua tensa a situação na Gleba Carnaúba, onde desde 1980, um grupo de posseiros estão em conflito com a fazenda AGROPASA.

Depois do último relato de Alvorada sobre a situação no local, novos fatos surgiram:

No dia 24 de agosto reuniram-se 75 posseiros e pararam o serviço da cerca e as máquinas da fazenda. Dentro de poucas horas chegou o fazendeiro SIMÃO SARKIS, proprietário de parte da Agropasa, perguntando quem chefiava o movimento. Os posseiros disseram que todos eram responsáveis.

Em seguida, chegaram os policiais e levaram para a Delegacia de Polícia de São Félix, 14 posseiros, acusados de serem os "cabeças". Foram colocados numa sala fechada e chamados de dois a dois para depor, humilhados e obrigados a confirmar declarações que não haviam feito. O presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, Antônio Gomes Cavalcante, foi barrado na porta, impedido de se encontrar com os posseiros, empurrado pelo policial DIVINO GOMES DE MELO. Quando, finalmente, o Delegado de Polícia, CID ARAÚJO, permitiu-lhe a entrada, foi bastante insultado pelo fazendeiro e o próprio delegado na sala de depoimento.

No dia 4 de setembro, os posseiros perceberam que a fazenda voltara a fazer a cerca e novamente se juntaram para impedir o serviço, indo em seguida para suas roças. Perceberam no dia seguinte a presença de policiais na área.

Novamente, no dia 13 de setembro, os lavradores voltaram a pedir aos homens da fazenda que parassem a construção da cerca.

Diante desses fatos, ficou claro para os trabalhadores que:

1.º — a fazenda tem interesse de continuar gerando tensão na área. Prova disso é a insistência em construir a cerca e a contratação de mais homens para "corrigir" o serviço.

2.º — a polícia continua dando total apoio à fazenda, permanecendo na área e usando veículos da mesma para rondas.

3.º — as 30 famílias dos posseiros continuam firmes na sua decisão de permanecerem na área.

O Sindicato dos Trabalhadores Rurais de São Félix do Araguaia, no dia 17 de setembro, publicou uma nota denunciando esses fatos e solicitando ao Ministro da Reforma e Desenvolvimento Agrário e ao Presidente do INCRA, que tomem "medidas sérias e efetivas" para pôr fim a tal situação.

JAGUNÇOS MORREM NO MANDI

Todo o Brasil tomou conhecimento da morte de sete jagunços ocorrida no Mandi, Pará, próximo à divisa com o Mato Grosso, dia 31 de agosto.

Mas o que muita gente não sabe é que meados de agosto, um suposto fazendeiro, com título de terra do Mato Grosso, foi àquela área, no Pará, acompanhado do Delegado de Polícia de Vila Rica, Paterno Felisberto da Silva e de um grande destacamento de policiais militares. Lá chegando fizeram todo tipo de pressão sobre os posseiros, para que desistissem de suas terras. Inclusive espancaram várias pessoas. Alguns, sob esta pressão, assinaram desistência de posse. O fazendeiro e o Delegado prometeram voltar dizendo querer a área limpa. (Há posseiros com 6 anos de posse).

Depois deste acontecimento que apanhou os posseiros de surpresa, eles se organizaram e mandaram avisar que não se atrevessem a voltar.

Dia 31, os jagunços voltaram e encontraram a resistência dos posseiros. Os corpos ficaram no local até dia 2 de setembro à tarde, quando foram recuperados.

Mesmo assim dia 3, três carros lotados de PM do Mato Grosso se dirigiram ao Mandi, mas encontraram a PM do Pará que já controlava a situação. Sorte destes policiais colocados a serviço da ganância dos fazendeiros. Diante do anúncio da Reforma Agrária muitos estão cuspindo fogo. Para os que se iludiam com a suposta bondade de alguns fazendeiros é só abrir os olhos.

VILA RICA: *As melhoras que o povo espera*



Moradores na fila do único poço com água num setor de Vila Rica.

Encerramos, neste número, a apresentação dos resultados da pesquisa efetuada na Vila Rica no ano passado. Nesta edição, as respostas às perguntas: Quais os anseios e reivindicações do povo de Vila Rica? O que o povo espera? O que é preciso melhorar?

As grandes reivindicações do povo de Vila Rica eram: Saúde, Comercialização, Estradas, Luz, Água, Escolas e Emancipação Política.

12,1% dos entrevistados achavam que o problema principal é a falta de assistência à saúde por parte do governo. Expressaram isto de diversas formas, dizendo que é preciso ter Fundo Rural, Assistência Médica, Posto de Saúde, Sindicato (o Sindicato é praticamente identificado com assistência médica e dentária).

A cada dia cresce o clamor por esta falta de assistência. Muitos colonos tiveram que deixar no hospital tudo o que colheram durante o ano.

11,1% achavam que faltava uma melhor comercialização dos produtos, preços melhores para os produtos do agricultor, fiscalização do comércio, armazéns. Muitos achavam que este problema seria resolvido com uma Cooperativa.

Nos meses agosto/setembro deste ano, funcionários da Coopercana estiveram na Vila e receberam proposta de associação de 236 colonos.

Outros levantavam o problema de estradas e pontes ruins e a falta de transporte, 8,7%. 10,9% desejavam instalação de Bancos; 9,7% reclamavam da falta de luz na cidade e 7,3% da água.

O Bradesco já abriu agência, este ano, mas o povo quer também o Banco do Brasil. E quanto a estradas, luz e água, as reclamações aumentam todo dia.

Mais escolas, escolas melhores. 2.º grau era a reivindicação de 9,3% dos entrevistados.

No ano passado havia 8 escolas municipais nos projetos, neste ano são 18. O 2.º grau ainda é sonho.

6,2% desejam a Emancipação Política da cidade.

Este desejo foi frustrado, não tendo sido aprovada a Emancipação neste ano.

Além destas, muitas outras reivindicações se apresentaram: ter terra para quem quer trabalhar, mais empregos, menos exploração nos salários. Também se pedia assistência social, assistência técnica agrícola, financiamento para compra de gado. Correio, telefone, cartório, TV, lazer e recreação são outros anseios da população de Vila Rica, captados pela pesquisa.

PARECE QUE FOI ONTEM...

Todos lembram com clareza quando o Governador Júlio Campos por aqui passou. A cidade transformou-se num alvoroço. Foram discursos para todo lado. As forças de segurança destacavam-se com todo seu aparato repressivo. As chamadas lideranças políticas buscavam pessoas de todos os lados para recebê-lo. O posto do Banco foi construído às pressas para o governador poder inaugurar alguma coisa. Houve discursos de alguns políticos e alguns líderes. Os discursos estenderam-se até a noite. A esquina estava repleta de pessoas que se deslocaram ou foram deslocadas de suas casas. Então o Governador, com seu discurso, findou o comício dizendo que, o que estivesse ao seu alcance, faria por Vila Rica. Por coincidência a luz desapareceu no instante em que discursava. Em cima deste incidente o Governador aproveitou o lance e falou de peito estufado: "Da próxima vez que vier aqui, haverá luz da CEMAT e isso não acontecerá novamente". Passou o comício, passou a euforia, enfim, passou a alegria de alguns, mas a falta de luz, água, telefone, posto de saúde ainda existe. Talvez da próxima vez o Governador fará seu discurso de dia. Será melhor pra discursar e vociferar em frente a uma população humilde e já desiludida, que se desloca do extremo sul do Brasil em busca de uma vida melhor, confiando em propagandas de que aqui há Banco do Brasil, escola de segundo grau, luz, água. Quando por aqui chegam, cansados, não encontram nada disso e sim péssimas estradas, malária, falta de serviço público de saúde e alguns políticos oportunistas que fazem de tudo para andar de bem com tudo e com todos, esquecendo-se de levar adiante a luta pela Reforma Agrária, a Constituinte, etc...

9 MORTOS NA VOLTA AO SUL

O caminhão que ia transportando as mudanças de 4 famílias que retornavam de Vila Rica para Gondai, SC, incendiou e 9 pessoas morreram neste trágico acidente. Eram pai e três filhos casados que se assustaram com a malária de Vila Rica e não se acostumaram com a vida do Mato Grosso. Nem bem completavam 60 dias de chegada, voltaram ao sul e, na viagem, encontraram este triste fim.

Destas famílias salvaram-se duas pessoas, que ficaram em Goiânia para se tratar de malária e dois meninos que foram jogados do caminhão. Um caiu sobre uma touceira de capim e nada sofreu, o outro teve graves fraturas.

CONCENTRAÇÃO DE JOVENS

Dia 29 de setembro houve o primeiro grande encontro de Jovens de Vila Rica. Os jovens de todas as comunidades se reuniram no Projeto Beleza I para se conhecerem melhor e discutirem sobre Juventude e Família, Juventude e Trabalho e Juventude e Lazer.

ASSEMBLÉIA PAROQUIAL

Dias 5 e 6 de outubro será realizada a Assembléia Paroquial de Vila Rica. Nesta Assembléia decidir-se-á sobre a Organização do Conselho de Pastoral e o Dízimo.

Em todas as comunidades foram realizadas assembléias preparatórias para esta grande Assembléia.

PORTO ALEGRE E CANABRAVA SE MOSTRAM FORTES

Dia 14 de setembro teve uma movimentada e animada eleição em Porto Alegre; foram 506 votos. Não foram mais porque o povo ficou amedrontado por causa das ameaças que vinham de Luciara. Todos votando na diretoria da ***AMPACA — Associação dos Moradores de Porto Alegre e Canabrava.*** A diretoria é composta de 20 pessoas: 10 de P. Alegre, 6 de Canabrava, 1 do Mutum, 1 da Colônia Goiás, 1 do Rio Sabino e Ponte, 1 do Quebradão e Córrego do Júlio. A diretoria mostrou que essa Associação já nasceu forte.

Em Canabrava a eleição foi no dia 15 e votaram 470 pessoas. Aí vai a ***AMPACA,*** com muita fé e força!

MULHERES do ARAGUAIA



Podemos dizer que há uns anos atrás, 95% das mulheres de nossa região eram marginalizadas. A menina em casa, mesmo entre os irmãos, não tinha voz, sem direito ao estudo, a dar uma opinião. Era obrigada a ouvir desaforos e apanhar antes mesmo de explicar suas razões e obrigada a viver situações decididas e executadas por outros.

Quando moça, era entregue a um marido a quem não tinha escolhido por companheiro e passava da escravidão da casa paterna à do seu novo dominador . . . Então se tornava a empregada submissa, cheia de filhos, prejudicando sua saúde e seu futuro . . . e esses filhos, repetiam as injustiças que viam o pai cometer.

Aos poucos, aqui em nossa região, as coisas começam a mudar. Abrem-se novos horizontes na escola, na organização das comunidades, grupos de jovens, clubes de mães e de comadres, contribuindo para a valorização da mulher. A abertura para novas direções na Igreja, na Política, a descoberta de lideranças, fez com que a mulher fosse mostrando sua capacidade e coragem para enfrentar situações em que há alguns anos somente os homens tinham voz e vez.

Essa caminhada não foi fácil: houve e ainda há tensões, lutas, discussões no próprio lar, onde muitas vezes os homens sentem cair das mãos as rédeas com que decidiam e governavam tudo e todos. Mas, a mulher vem mostrando cada vez mais a sua força, paciência e coragem para mudar sua situação na sociedade.

Agora, uma nova situação se apresenta em nosso país: estamos às portas de uma nova Constituição. Não vamos permitir que "outros" decidam nosso destino e de nossos filhos, dando um passo atrás na caminhada que com tanto sacrifício vínhamos fazendo. Vamos exigir nossos direitos, pois temos capacidade e força para nos organizarmos, nos unirmos cada vez mais e assim, unidas, venceremos!



Nosso nome é MULHER

Desde a alguns anos, as mulheres do cabaré de Santa Terezinha vêm tomando parte nos festejos da Padroeira, assumindo as celebrações, os leilões, e também dramatizando algumas partes da Bíblia. No cabaré funciona um grupo de alfabetização, que muito tem ajudado àquelas que são fracas de leitura. Desde 1983 elas começaram a fazer a Novena de Natal, Via-Sacra e formaram um grupo que se reúne semanalmente, onde discutem, refletem, fazem abaixo-assinados, reivindicações e celebram a vida.

Foi por isso que se organizaram, apesar das dificuldades, para participarem do Encontro da Pastoral da Mulher Marginalizada, em Belém do Pará.

ENCONTRO DA MULHER MARGINALIZADA

Em julho último, foi realizado em Belém do Pará, o VI Encontro Nordestão da Pastoral da Mulher Marginalizada.

O que nós queremos?

Entre inúmeras respostas foi destacado: levar alguma coisa para as colegas e integrar-se no trabalho, participar de cursos, levar as mulheres a se engajarem na sociedade, crescer na luta até vencer, ajudar as outras que precisam de uma amiga, ser unidas em todos os lugares.

Por que nós mesmas não resolvemos os nossos problemas? Temos que assumir a nossa verdadeira identidade, para nos conscientizarmos do problema que está nos atingindo. Não somos prostitutas, somos mulheres prostituídas. Nosso nome é mulher!

Frei Leonardo Boff, teólogo da Libertação, enviou uma carta às participantes do Encontro: "O que quero lhes dizer com todo o coração é isto: a causa de vocês é a causa do Evangelho. Vocês estão no coração da mensagem de Jesus. Se tomamos a sério a palavra de Jesus — e devemos tomá-la a sério, as mulheres marginalizadas que crêem e caminham para a plena libertação delas e dos outros, chegarão antes no Reino do Pai, do que eu, do que os bispos e do que o Papa. Isso é assim porque elas têm o privilégio de terem sido as interlocutoras, junto com os pobres de Jesus e dos Apóstolos. O Evangelho apresenta-se somente com a boa-notícia, quando é anunciado e vivido pelos oprimidos e quando os outros não-oprimidos se solidarizarem com eles e caminharem juntos na mesma direção . . . "

Foi feito uma carta de solidariedade a Frei Leonardo Boff e todos os presentes assinaram.

Para nós de Santa Terezinha, este Encontro foi um estímulo muito grande. Pudemos ver a caminhada de nossas companheiras que estão na luta por mais tempo e isto exigiu de nós um compromisso maior, assumindo melhor nossas reuniões de grupo.

CONSTITUINTE

O PINTO QUE SAI DO OVO ou DE COMO SE FAZ A LEI MAIOR

Há muito se vem falando
pelos cantos do Brasil
de direitos, liberdades
de tudo que já se viu
e se vem anunciando
que tudo está mudando
nesta terra varonil.

Prá falar de liberdade
para a Pátria e a Nação
não podemos esquecer
de fazer uma menção
à grande necessidade
do campo e da cidade
de nova legislação.

Prá que se tenha liberdade
de viver dignamente
é bom se anunciar
bem alto prá toda a gente
que a Lei traz a verdade
mas a força da unidade
faz o direito da gente.

E por falar em direito
chegamos ao nosso tema
de como resolveremos
o nosso grande dilema
faremos um grande pleito
pela força do direito
venceremos o problema.

Este pleito tem um nome
que a história consagrou
seu nome é CONSTITUINTE
o povo inglês batizou
um nome sem sobrenome
não pode vencer a fomr
se na luta não ingressou.

CONSTITUINTE DE LUTA
temos de assim batizar
a grande convocação
que em breve vai começar
será uma grande disputa
do pobre e rico na luta
veremos quem vai ganhar.

Desta luta o objetivo
é uma LEI SUPERIOR
é uma CONSTITUIÇÃO
nova e de muito valor
e o trabalhador ativo
precisa estar muito vivo
prá conversa do doutor.



O QUE É UMA CONSTITUIÇÃO?

CONSTITUIÇÃO É A DECLARAÇÃO DA VONTADE POLITICA DE UM POVO, EXPRESSA POR UMA LEI SUPERIOR A TODAS AS OUTRAS LEIS DO PAÍS.

Isto quer dizer que a Constituição deve conter a **vontade de todos,** e não apenas de alguns poucos em prejuízo para a maioria.

Dizemos que é a Lei Superior, a Lei mais importante do país, pois as outras leis como o Estatuto da Terra, a Lei da Previdência Social, as Leis Trabalhistas, devem estar subordinadas à Constituição.

Ela é o conjunto dos direitos fundamentais, indispensáveis para que cada pessoa e cada organização possam viver dignamente.

A Constituição estabelece também a forma de governo que o povo deseja.



Nisto não há novidade
não há muito aqui de novo
que uma CONSTITUIÇÃO
é pinto que sai do ovo
é uma necessidade
de expressar a vontade
política de um povo.

Mas o povo é todo mundo
trabalhador e patrão
e quando se junta tudo
ocorre um grande azarão
trabalhador fica mudo
o patrão mandando em tudo:
morreu CONSTITUIÇÃO.

Prá que isto não ocorra
quando tudo for juntado
representantes autênticos
trabalhador deputado
tem que puxar a gangorra
pro lado que o povo corra
para não ser tapeado.

Ao lado de tudo isto
temos aqui que avisar
que por mais que se consiga
quase nada vai mudar
se depois de tudo visto
não se tiver já previsto
como se garantirá.

Que o direito do pobre
trabalhador brasileiro
não seja enganbelado
pelo rico e o grileiro
por mais que a gente cobre
na hora de ver o cobre
o do rico vem primeiro.

Por isso queremos ver
muita organização
no campo e na cidade
pra que a CONSTITUIÇÃO
venha mesmo prá valer
já é hora do pobre ter
um pouco de decisão.

Fonte: Suplemento "Cadernos do CEAS" n.º 34.

AS MULHERES



NO EVANGELHO

APRESENTAÇÃO

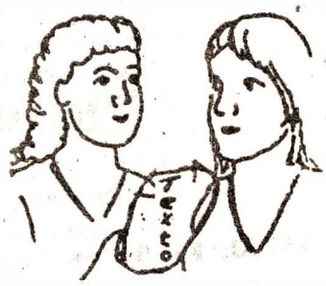
Nossa Senhora está presente na vida dos cristãos.
Ela é a Maria de nossas devoções, de nossas Romarias novenas e terços.
Nestes mês de maio, dedicado à devoção de Nossa Senhora, a Coordenação de Pastoral coloca nas mãos das comunidades este folheto de Oração e Reflexão. O texto não é nosso. É do Movimento Popular de Mulheres do Paraná.
São 12 Encontros bíblicos sobre a Mulher.
Nossa sugestão é que sejam aproveitados com criatividade:

a) Encontros alternados : um dia com este subsídio, o outro com a Reza do Terço ou Ladainha;
   OU
b) Três encontros semanais de Oração e Reflexão. (Em 4 semanas se completaria o mês e se refletiria os 12 Temas).

O encerramento se faria com a Coroação e Consagração da Comunidade à Nossa Senhora.
Que este mês seja de Oração e Louvor, mas também repleto do compromisso profético e libertador cantado por Maria no seu Magnificat.

DIOCESE DE NOVA IGUAÇU
Coordenação Diocesana de Pastoral
Rua : Capitão Chaves, 60 - 3º andar.
Tel.: 767 0472
- 26.220 - Nova Iguaçu - RJ.

JESUS
NÃO DESPREZA
A MULHER



TEXTOS: Jo 4, 4-18
Jo 4, 27-30
Jo 4, 30-42



1 - Ler o texto 2 vezes (1ª vez uma pessoa - 2ª vez dialogando)

2 - Quais as pessoas?

3 - O que diz e faz?

PARA REFLETIR:

1 - Jesus fala com uma mulher e mulher Samaritana.

A própria mulher se admira: "Como é que tu, judeu, podes dar de beber a mim, que sou samaritana"?
Também os discípulos se admiraram que Jesus fale com uma mulher:
Por quê? No tempo de Jesus a mulher não tinha valor, ela era considerada propriedade do homem, não podia ser testemunha, não tinha voz na sociedade. Jesus não concorda com essa situação, ele sabe que a mulher tem valor.
E hoje...?
Será que a mulher acredita no valor da mulher ou ainda acha que o homem é sempre melhor?

- E os homens...?
Têm ainda a mentalidade dos tempos antigos?

CANTO: Nossa alegria é saber que um dia... ... ...

2 - A Samaritana acredita em Jesus e se torna missionária.

* Não foi fácil para a Samaritana entender o que era a água viva que Jesus oferecia. Mas ela não desiste e continua perguntando e buscando.

* Ela não esconde a verdade diante de Jesus, reconhece a sua situação errada.

* Jesus a encoraja: "Disseste bem... nisto dissestes a verdade".
E ela se torna missionária:
  - "Deixou p cântaro, foi a cidade e disse aos homens: Vinde ver um homem que me disse tudo que tenho feito".
  - "Muitos foram os Samaritanos que creram por causa do que a mulher dissera sobre Jesus".

- Qual é a mensagem que a mulher samaritana dá para nós hoje?

CANTO: Louvado Seja Meu Senhor... ... ...

" A Esperança traz algo de Maria dentro de si, ou seja, a presença nova de Deus e os serviços feitos por amor".

"MULHER...
... SAL DA TERRA...
... E LUZ DO MUNDO"

TEXTO: Mt 5, 13-16

Vós sois o sal da terra. Ora, se o sal se tornar insosso, com que o salgaremos? Para nada mais serve, senão para ser lançado fora e pisado pelos homens.
Vós sois a luz do mundo. Não se pode esconder uma cidade situada sobre uma montanha. Nem se acende uma lâmpada e se coloca debaixo do alqueire, mas no candelabro e assim ela brilha para todos os que estão na casa. Brilhe do mesmo modo a vossa luz diante dos homens, para que, vendo as vossas boas obras, eles glorifiquem vosso Pai que está nos céus.

- **ANIMADORA:** Jesus na sua pregação, para dar a sua mensagem, costumava usar símbolos conhecidos como: pão, água, semente, luz, sal, etc...
Quem não conhece a função do sal na comida? E a luz de uma lampada na escuridão?
Vamos partir destes dois símbolos, para descobrir a mensagem que está por tras destas palavras de Jesus!

(Colocar na mesa uma Bíblia aberta, uma vela acesa, um pratinho com sal, convidar as pessoas a olhar os símbolos que estão na mesa e provar o sal).

LEITOR 1 - Reler o versículo 13 na Bíblia.
= Para que serve o sal?
= Quando é que estraga a comida?
"Vois sois o sal da terra"...
= Eu, mulher dou sabor ao que?
== Quando, como e onde faço isso?
(Parar para conversar)



LEITOR 2 - Reler os Versículos de 14 até 16.

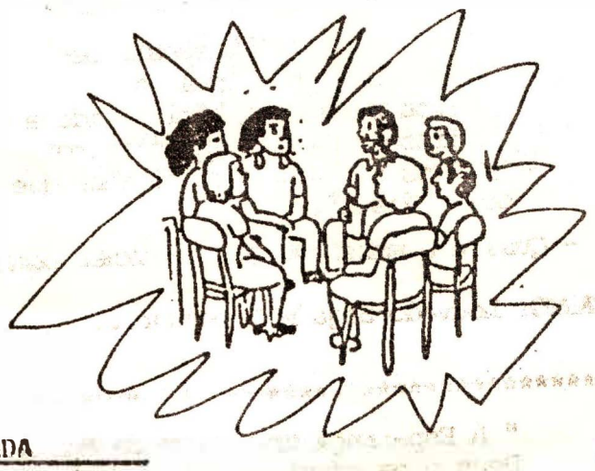
= Para que serve a luz? Quais são as situações que precisam ser iluminadas pela mulher?

= Se eu, mulher do grupo, não ilumino, não oriento outras mulheres, muitas irão ficar na escuridão e nunca irão ter voz e vez na sociedade.

= Se o meu conhecimento fica só para mim acaba de ser luz...
Se diz: "O dom sem doador não é mais dom".

- **ANIMADORA:** Nós mulheres conscientes, dos grupos organizados, como podemos este ano 1988 viver estas duas palavras: Vós sois o sal da terra
Vós sois a luz do mundo?

Nós podemos esquecer que neste ano o nosso ser luzeeser sal se refere também para a conscientização política: ter idéias claras, participar dos movimentos, orientar, esclarecer os outros, não se deixar enganar por falsas promessas, favores dos tempos de eleições.
Eis a nossa missão de mulher.



= Concluir com a ORAÇÃO ESPONTÂNEA ....

CANTO: A escolha do grupo.

MULHER ORGANIZADA JAMAIS SERÁ PISADA

MULHERES,

DISCÍPULAS DE JESUS

********** Lc 8, 1-3 **********

Logo depois Jesus andava por cidades e aldeias, pregando e anunciando a Boa-Nova do Reino de Deus. Acompanhavam-no os doze e algumas mulheres, que tinham sido curadas de espíritos malignos e enfermidades: Maria, chamada Madalena, de quem tinham saído sete demônios, Joana, mulher de Cuza, administrador de Herodes, Suzana e muitas outras que os serviam com seus bens.

****



1 - Ler o texto 2 vezes (1ª vez pessoalmente, 2ª vez em voz alta)

2 - Quais as pessoas nomeadas no texto e o que fazem?

3 - Qual é a mensagem para nós hoje?

PARA REFLETIR:

1 - Quando Jesus foi anunciar o Boa-Nova nas cidades e aldeias levou consigo não só os 12 discípulos mas também mulheres.

Ninguém tinha visto uma coisa igual naquele tempo. Os mestres só tinham homens como discípulos.
Jesus começa um jeito novo de valorizar a mulher e de formar as Comunidades.



2 - QUEM ERAM ESTAS MULHERES?



O Evangelho diz que estas mulheres "tinham sido curadas de espíritos malignos e enfermidades".

O QUE QUER DIZER ISTO?
Não quer dizer que estas mulheres eram pecadoras e tinham o demônio no corpo. O número 7 (sete) significa "Plenitude", isto é, elas tinham todas as dificuldades, as cruzes, as lutas, que se possa pensar.

QUE MULHERES ERAM?

Mulheres do povo, sofredoras, que não se entregavam, mas lutavam, sabiam partilhar o que tinham e o que sabiam fazer.

E nós? Será que somos menos do que elas?

Porque será que continuamos dizendo: "eu não sei, eu não posso..."

Quando alguém nos pede de coordenar uma reunião, um grupo, de assumir um serviço de Comunidade?

O que mais nos ensina este trecho do Evangelho?

Jesus veio também para libertar a mulher dos medos, de se sentir inferior, acanhada... ... ...

Com Jesus começa um mundo novo onde homens e mulheres sabem o seu valor e juntam as forças para melhorar.

CANTO: Nossa alegria é saber que um dia... ... ...

MULHER CURADA PELA FÉ

Mt 9,20-22

Uma mulher, que a doze anos sofria de hemorragia, se achegou por trás e lhe tocou a ponta do manto, dizendo para si mesma: só com lhe tocar o manto ficarei curada.
Jesus virou-se e, vendo, lhe disse:"Filha, tem confiança, tua fé te salvou". E a mulher ficou curada naquele momento.



1 - Ler o texto 2 vezes (1 vez cada uma por conta;
A 2ª vez uma pessoa em voz alta).
2 - Quais as pessoas nomeadas no texto e o que fazem?
3 - Qual é a mensagem para nós mulheres hoje?

PARA REFLETIR JUNTAS

1 - A mulher sofre de males

Quais os males que a mulher sofre hoje?

- A mulher do Evangelho sofria de um fluxo de sangue, e talvez não tinha coragem nem de comentar, por isso acha que tocando o manto de Jesus vai sarar. Não é verdade que tem males, desgostos que não se podem comentar com qualquer? São problemas da minha família, da minha pessoa, do meu marido, que prefiro ficar quieta.
Mas a mulher do Evangelho confia em Jesus, mesmo sem contar, com o gesto de tocar a veste, acredita nele e fica curada.
Os nossos males podem ser confiados a Jesus e nele iremos encontrar a cura.
Os nossos males podem ser confiados a Jesus e nele iremos encontar a cura como: luz, força, coragem para encontrar saídas das nossas preocupações.
Poderíamos contar algumas experiências da nossa vida onde a encontramos em Deus, ou nas pessoas amigas esta força e luz para resolver os nossos males.

CANTO: Louvado Seja o meu Senhor... ....

2 - A mulher acredita e fica curada

A fé abre o coração da pessoa para a obra de Deus e aí pode acontecer o milagre "Ânimo minha filha a tua fé te curou".
Jesus elogia a fé da mulher, como meio de salvação para ter saúde e vida.
Não é verdade que a fé e confiança em Deus ajuda a curar os nossos males?
Não é verdade que desanimando, se entregando, os nossos males se tornam montanhas, impossíveis de ser superados?
Ter fé em Deus é acreditar nos outros também. Em Deus e nos outros encontro a minha salvação.

Eu, mulher, como sinto a minha fé, na pessoa de Jesus Cristo e nos outros?

Sinto de confiar os meus males e sentir-me acolhida nos momentos de baixa e de dificuldades... ... ...

O que levo para casa de força, de mensagem?

Concluir com uma oração espontânea no Deus da nossa vida, confiando os nossos males (em voz alta, ou no silêncio) e terminar com uma Ave Maria à Nossa Senhora - mulher e mãe de todos nós!

UMA VIÚVA
PARA SALVAR O PROFETA



TEXTO: 1 Rs 17, 7-16

1 - Ler o texto

2 - Ler o texto, mais uma vez, e se possível dialogando

3 - Quais as pessoas nomeadas no texto e o que fazem?

4 - Qual a mensagem para nós mulheres, hoje?

PARA REFLETIR MAIS:

Animador - Qual a situação da viúva de Sarepta?
Mulher - pobre - viúva - nem o seu nome ficamos sabendo

- Ela acreditou na Palavra de Elias, mesmo sem nada, oferece o pouco que tem, qual foi o resultado?

Leitor 1 - Elias viu que a Palavra de Deus estava se realizando.

Leitor 2 - Elias encontrou abrigo a um exemplo de disponibilidade que deu ânimo para a sua missão.

Leitor 1 - "A vasilha de farinha não se esvasiou e a jarra de azeite não se esgotou... e comeram durante muito tempo".

Leitor 2 - "Os caminhos de Deus não são os nossos".
Como entender o jeito de Deus de escolher uma pobre viúva, sem nada para sustentar e animar o profeta? Deus conhece o coração do pobre: aberto, disponível, capaz de partilhar. Por isso escolhe e está ao lado do pobre.

Animador - Alguém tem experiência que isso acontece mesmo?
- Hoje temos pessoas como a viúva de Sarepta?

CANTO: E todos repartiam o pão e não havia necessitados entre eles... ... ...

CONCLUSÃO: Concluimos rezando 3 Ave marias para todas as mulheres pobres, que sabem partilhar para que nunca falte a fé e a confiança que é "dando que se recebe".

Leitor 3 - DE OLHO EM ELIAS

Coitada da viúva:
só lhe sobrou uma broa
para o seu garotinho comer.
Mesmo assim ele morreu.
De que?
doença? fraqueza? fome?
Garoto pobre morre a toa.
Quando não morre...
será que ele vive mesmo?
O ricaço quer mais terra,
mais, mais, mais, sempre mais.
Para conseguir,
mente, mata, rouba.
Diz que é para defender a religião.
Está na Bíblia.
Está no jornal. Elias enxerga
Ele é homem de Deus.
Está do lado dos pequeninos.

Aprende deles
precisa deles
caminha com eles
defende a sua causa,
apanha junto com eles.
Elias é um homem como nós:
têm desânimos, tem fraquezas,
Busca uma força de Deus:
um só Deus, o verdadeiro.
Elias, pobre, corajoso, bom, homem de Deus, profeta, prepara
o caminho para Jesus.
Está na Bíblia.
Está no Jornal.

VAMOS APRENDER DE ELIAS?

VAMOS SEGUIR JESUS?

AS LEIS DO POVO DE DEUS
OS DEZ MANDAMENTOS



1 - QUE TAL COMEÇAR CONVERSANDO?
- Quem nos ensinou os Dez mandamentos?
- Como você explica quando a criança lhe pergunta? "Maê o que são os Dez Mandamentos?
- A quem servem os Dez Mandamentos?

2 - AGORA VAMOS LER NA BÍBLIA onde estão escritos os Dez Mandamentos e para que servem.

LEITORA 1 - Os Dez Mandamentos estão no livro do Êxodo Cap. 20 de 1 a 17. A Bíblia diz que Deus os entregou a Moisés depois que libertou o seu povo da escravidão do Egito.

Isto aconteceu em torno de 1250 anos antes do nascimento de Jesus. Jesus não anulou esta lei. Ele veio completá-la (Mt 5,17).

Esta lei vale até hoje para todos os que acreditam em Deus.

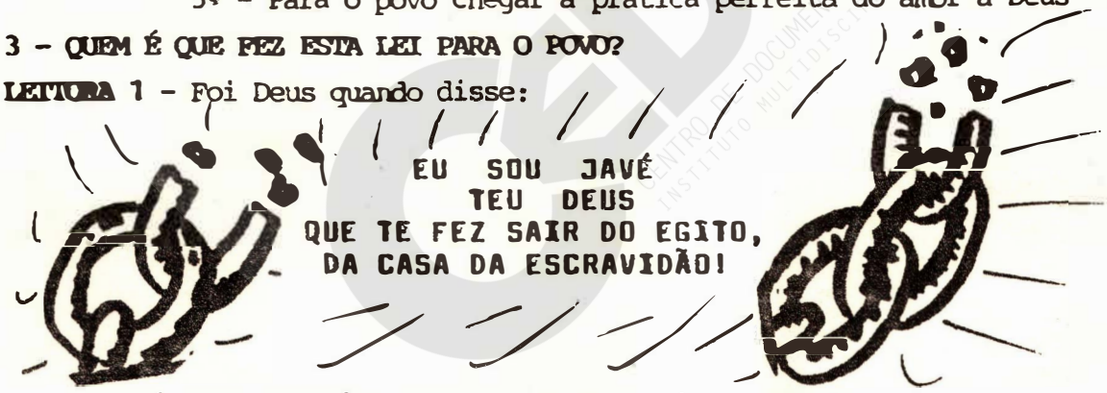
LEITORA 2 - Os Dez Mandamentos são como os ponteiros na estrada. Indicam o caminho a seguir.



O Caminho para que?
1º - Para o povo nunca mais voltar a viver na escravidão.
2º --Para o povo conservar a liberdade que conquistou saindo do Egito.
3º - Para o povo viver na justiça, na fraternidade e na partilha.
4º - Para o povo ser um povo organizado, sinal de Deus no mundo.
5º - Para o povo chegar à pratica perfeita do amor a Deus e ao próximo.

3 - QUEM É QUE FEZ ESTA LEI PARA O POVO?

LEITORA 1 - Foi Deus quando disse:



(alguém leia na Bíblia estas palavras: Êxodo 20,2)

4 - Será que Deus tem autoridade para fazer uma lei para o povo, para nós? (quem quizer pode dar sua opinião)
Ler de novo: Êx 20, 2

LEITORA 2 - Como vimos, Deus faz questão de dizer que ele dá esta lei ao seu povo porque **ele foi o libertador do seu povo** fazendo-o sair do Egito., Deus quer continuar a libertar também o povo de hoje.

5 - Será que nós precisamos ser libertados de alguma escravidão?
Qual é hoje a casa da escravidão que nos tira a verdadeira liberdade?
(deixar falar e no meio das colocações cantar:)
Vem Senhor, vem Senhor, vem libertar o seu povo

6 - AVALIAÇÃO do Encontro:

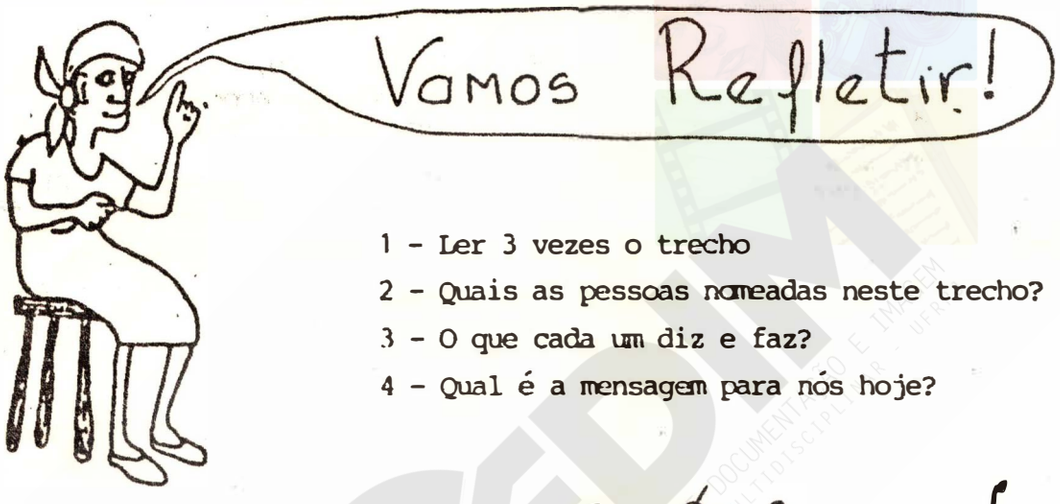
1 - Valeu este encontro sobre os mandamentos?
2 - O que aprendemos ou ficou mais esclarecido?
3 - O que mudaria na sociedade se todo mundo observasse os Dez Mandamentos?

MULHERES -
TESTEMUNHAS DA RESSURREIÇÃO

TEXTO: Mt 28, 1-10

"Após o sábado, ao raiar do primeiro dia da semana, Maria Madalena e a outra Maria vieram ver o sepulcro. E eis que ouve um grande terremoto: pois o Anjo do Senhor, descendo do céu e arpoximando-se, removeu a pedra e sentou-se sobre ela. O seu aspecto era como o do relâmpago e a sua roupa, alva como a neve. Os guardas tremeram de medo e ficaram como mortos. Mas o Anjo dirigindo-se às mulheres, disse-lhes: "Não temais! Sei que estais procurando Jesus, o crucificado. Ele não está aqui, pois ressuscitou, conforme havia dito. Vin de ver o lugar onde ele jazia. Ide contar aos discípulos que ele ressurgiu dos mortos, e que ele vos procede da Galiléia. Ali o vereis. Vede bem, eu vo-lo disse! Elas, partindo depressa do túmulo com medo e grande alegria, correram a anunciá-lo aos seus discípulos.

E eis que Jesus veio ao seu encontro e lhes disse: "Alegraí-vos". Elas, aproximando-se, abraçaram-lhe os pés, prostrando-se diante dele. Então Jesus disse: "Não temais! Ide anunciar a meus irmãos que se dirijam para a Galiléia; lá me verão".



1 - Ler 3 vezes o trecho
2 - Quais as pessoas nomeadas neste trecho?
3 - O que cada um diz e faz?
4 - Qual é a mensagem para nós hoje?

CANTO: Cristo Ressuscitou... ... ...

PARA REFLETIR MAIS:

A - No tempo de Jesus a mulher não podia prestar testemunho porque sua palavra não tinha validade.

- No Evangelho vemos que as mulheres foram as primeiras a reconhecer Jesus Ressuscitado. Ele as manda a anunciar sua ressusrreição para os discípulos.
- Jesus achava que a mulher era digna de confiança.
* E hoje, nós, acreditamos em nós mesmas?
* Todos têm confiança na mulher?

B - Jesus disse às mulheres:

"Ide e anunciai aos discípulos que eu ressuscitei"

* Qual é a missão que Jesus ressuscitado confia hoje às mulheres?

CANTO: Louvado Seja meu Senhor... ...

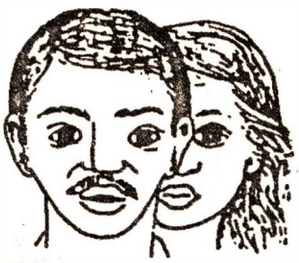
PARA OUTROS ENCONTROS:

Mc 16, 1-11 Lc 24, 1-11 Jo 20,1-2; 11-18

NA ALEGRIA DA VIDA NOVA

DO CRISTO RESSUSCITADO

BOA CAMINHADA MULHERES, NOS GRUPOS!



TEXTO: Jo 20, 1-18

1 - Ler devagar, todo o texto;
2 - Ler outra vez, os dois primeiros versículos e gravar bem.

CANTO: Cristo Ressuscitou... ... ...

Animadora: O texto nos ilumina sobre a Ressusrreição do Cristo, nos ajuda a descobrir quem por primeiro percebeu que o Cristo tinha ressuscitado. Quem o viu, como o Cristo se apresenta?

Leitor 1 - Tentamos imaginar o que aconteceu aquela manhã de Páscoa. (Contar a história de Maria Madalena).

Leitor 2 - Maria Madalena,no primeiro dia da semana de manhã cedo, foi ao sepulcro. Maria Madalena levanta cedo, se interessa do que está acontecendo ao seu redor,não pode ficar fechada em casa, vai ver o lugar onde sepultaram Jesus.

Leitor 1 - Maria Madalena viu a pedra removida percebeu que algo tinha acontecido, se preocupa, se pergunta o que fazer, imagina que o roubaram e toma decisão.

Leitor 2 - Maria Madalena corre para avisar os discípulos não guarda para si o elemento novo do fato, corre, não fica duvidando, fechada,percebe que algo de novo tinha acontecido, vai avisar, despertar os discípulos e convida: Vamos ver o que aconteceu!

PARA REFLETIR:

Animadora:

a - Qual a mensagem que Maria Madalena traz para nós mulheres, hoje?

b - Nós mulheres somos as primeiras em descobrir os sinais de Ressusrreição, a vida nova das pessoas?

* VAMOS DESCOBRIR JUNTAS AS ATITUDES QUE CARACTERIZAM A VIDA DA MULHER DE HOJE!

1 - A mulher é atenciosa, se preocupa dos fatos, das pessoas, não só dentro de casa, mas lá para fora.

2 - levanta cedo, é a primeira que percebe as coisas.

3 - Tem olhos e coração de mãe, que nada passa despercebido.

4 - Percebendo o valor da luta não fica parada e calada, corre, avisa, convida, se organiza.

5 - Tem o carismo, o jeito de cativar as pessoas, animando, estimulando como Maria Madalena fez para com os discípulos.

6 - Somos motivo de esperança, ajudando a perceber sinais de vida, de vitória.

VAMOS CONTINUAR DESCOBRINDO AS ATITUDES DAS MULHERES DO NOSSO GRUPO, NAS SITUAÇÕES CONCRETAS!

Animadora:

- Concluímos assumindo um compromisso em comum que fortaleça o nosso espírito de luta e de organização.

- Para concluir, interiorizamos tudo o que o Espírito sugeriu dentro de nós com a sua Palavra, os fatos da vida, e rezamos juntas:

"O Deus nosso Pai, por meio do teu Filho Ressuscitado no meio de nós, torna-nos sensíveis como Maria Madalena, para percebermos que hoje também tem sinais de vida, de ressusrreição, que é preciso descobrir, anunciar a todo o Povo. Daai-nos coragem de sair correndo, anunciar e fazer tudo o que leva a crescer na tua vida como filhos. Te pedimos isso por meio de tua Mãe Maria.
Rezar 3 Ave-marias

CANTO: a escolha... ... ...

OUTROS TEXTOS SOBRE A RESSUSRREIÇÃO

Jo 20, 19-29; Lc 24, 13-32; Mt 28, 1-15



"OBRIGADA PELA VISITA"

TEXTO: Lc 1, 39-45

****

"Maria visita Isabel. Naqueles dias Maria pôs-se a caminho e foi apressadamente as montanhas para uma cidade de Judá. Entrou em casa de Zacarias e saudou Isabel. E aconteceu que, mal Isabel ouviu a saudação de Maria, a criança estremeceu-lhe no seio, e cheia do Espírito Santo exclamou em voz alta: "Bendita és tu entre as mulheres e Bendito é o fruto do teu ventre! Donde me vem a honra de vir a mim a mãe do meu Senhor? Porque assim que ecoou em meus ouvidos a voz da tua saudação, a criança estremeceu de alegria em seu seio. Feliz aquela que teve a fé no cumprimento do que lhe foi dito da parte do Senhor.

****



1 - Ler 3 vezes o trecho;

2 - Quais as pessoas nomeadas neste trecho?

3 - O que cada uma diz e fez?

CANTO: Maria de Nazaré... ...

PARA REFLETIR:

Qual é a mensagem deste texto para nós?

1 - Maria visita Isabel e fica com ela para ajudá-la num momento de necessidade.

2 - Maria visita Isabel porque ela também precisa ser ajudada e entender melhor o que o anjo lhe havia anunciado: "ser a mãe do Salvador".

3 - Isabel reconhece as maravilhas que Deus está fazendo através de Maria e se alegra dizendo: "Bem aventurada aquele que acredita, porque vai acontecer o que o Senhor lhe prometeu.

PODEMOS AGORA CONVERSAR ENTRE NÓS:

1 - O que nós levamos e o que nós recebemos das visitas que fazemos?

2 - Os nossos encontros, as visitas nos ajudam descobrir e acreditar mais nos dons que Deus nos dá para o bem da família - comunidade - sociedade?

Concluir cantando ou rezando...

As mesmas palavras que Maria proclamou na visita a Isabel.

Ler o Evangelho de Lc 1, 46-56 ou

Canto: Virá o dia em que todos... ...

VIRÁ O DIA EM QUE TODOS AO LEVANTAR A VISTA
VEREMOS NESTA TERRA REINAR A LIBERDADE...

- Minha alma engrandece o Deus libertador / se alegra o meu Espírito em Deus meu Salvador, pois ele se lembrou do seu povo oprimido e fez de sua serva a mãe dos esquecidos.

- Imenso é seu amor, sem fim a sua bondade / prá todos que na terra, o seguem na humildade / bem forte é nosso Deus, levanta o seu braço / espalha os soberbos e destroi todos os males

---

MÊS DE MAIO, MÊS DE MARIA, MÊS DAS MÃES



MÊS DE MAIO,

MÊS DE NOSSA SENHORA

E DO DIA DAS MÃES... ...



Que tal olharmos para Maria nas Bodas de Caná?

- Vamos ler o Evangelho de São João, cap 2, 1-12
- Deste fato podemos destacar 3 pontos:

1º - Maria percebe a situação: "Não têm mais vinho";

2º - Maria assume em primeira pessoas o problema e busca uma solução;

3º - Maria tem fé absoluta em Jesus.

VAMOS APROFUNDAR ESTES TRÊS PONTOS:

1º - Maria percebe a falta de vinho, percebe o mal estar, enxerga o que está faltando para a festa ficar mais completa e bonita.

* Esta atenção de Maria, não é uma característica da mulher? Será que os homens têm a mesma facilidade de perceber algo que não está bom, que o ambiente está pesado, que algo está faltando...? O que nós achamos?
* Qual é o "vinho" que hoje está faltando mais para o bem estar e a alegria do lar, da comunidade e da sociedade?

2º - Não só Maria percebe a situação, mas assume o problema e busca uma solução. Não tira o corpo fora achando que os noivos deviam ter providenciadoo melhor... ela assume e vai falar com Jesus.

* Será que frente aos problemas só ficamos em queixas, em críticas, achando que outros devem resolver... ou nós arregaçamos as mangas para encontrar uma solução?

QUE TAL FAZERMOS UMA ENCENAÇÃO QUE EXPRESSE ESTES DOIS MODOS DE ENFRENTAR UM PROBLEMA:

- Grupo 1 - só fala, critica e fica de braços cruzados;
- Grupo 2 - vê, fala, critica e busca uma solução.

3º - Maria diz aos servos: "Fazei tudo o que ele vós disser".
Maria tem uma fé absoluta em Jesus, tem certeza de que ele pode dar um jeito.
Maria é mulher de fé, não se deixa abalar nem pelas dificuldades que o próprio Jesus coloca.

* O que nos ajuda a ter uma fé tão viva que nem a fé de Maria?

** Antes de terminar podemos pedir a Maria para sermos no nosso lar, na comunidade, como foi Maria nas bodas de Caná **

MARIA ESTÁ PRESENTE
NA HORA DO SOFRIMENTO E DA MORTE

********** TEXTO: Jo 19, 25-27 **********

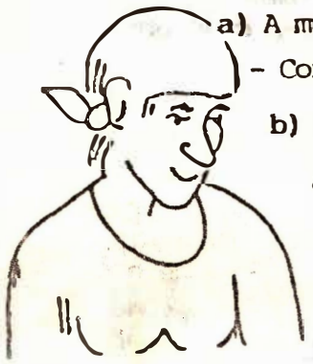
Entretanto estavam de pé junto à cruz de Jesus sua Mãe, a irmã de sua Mãe, Maria mulher de Cléofas e Maria Madalena. Jesus vendo sua Mãe e junto dela o discípulo que ele amava, disse a sua mãe: Mulher, eis aí o teu filho. Depois disse ao discípulo: Eis aí a tua Mãe. E desta hora por diante, a levou o discípulo para sua casa.

****

1 - Ler três vezes o trecho
2 - Quais as pessoas nomeadas neste trecho?
3 - O que cada uma diz e faz?
4 - Qual é a mensagem para nós hoje?



PARA REFLETIR MAIS:



a) A mulher muitas vezes está presente no momento do sofrimento e da morte - Contem alguns casos.

b) Maria aos pés da cruz recebe a missão de colaborar para formar a Igreja.

- E hoje, a mulher como colabora para fazer crescer a Comunidade?
- Está valorizada por aquilo que faz?

ORAÇÃO: Rezar 10 Ave Marias, colocando a cada uma, uma intenção.



Para outros encontros: Mc 15, 40-41.
Lc 23, 17-31
Lc 23, 50-56
Lc 24, 1-12

Para cada trecho seguir os pontos acima: 1 - 2 - 3 - 4



PARA CONHECER MELHOR A BÍBLIA:

- Você sabe encontrar um trecho na Bíblia?
- Cada livro da Bíblia é dividido em CAPÍTULOS (número grande) e cada Capítulo é dividido em VERSÍCULOS = frases (números pequenos)
- Exemplo: Mt 5,3 = Mateus, Capítulo 5, Versículo 3

Mt 5, 3-6 = Mateus, Capítulo 5, Versículos de 3 até 6.

Mt 5, 3.10 = Mateus, Capítulo 5, Versículo 3 e 10

Pede-se treinar para que todos aprendam.

MARIA
MULHER
DO SEU TEMPO



No mês de maio refletimos, rezamos, olhamos para Nossa Senhora, como modelo, como mãe, como mulher. Queremos encerrar este mês, destacando algumas atitudes de Maria, que gostaríamos que as tornassem nossas.

- O que nós diz a Palavra de Deus sobre Maria?

Leitor 1 - "O anjo do Senhor foi enviado por Deus a uma jovem casada com um homem que se chamava José, e o nome dela era Maria". (Lc 1,27)

Leitor 2 - Maria era uma jovem simples, humilde, pertencia a classe pobre, sentia na carne a injustiça que o povo passava e esperava o Libertador. E Deus escolhe Ela para colaborar na obra da Salvação.

Leitor 1 - "Sou a serva do Senhor: faça-se em mim segundo a tua Palavra" (Lc 1,38)

Leitor 2 - Maria é a mulher que se considera serva, pobre por isso é a criatura mais livre do mundo, para fazer a vontade de Deus.

Leitor 1 - "Maria deu à luz, seu filho primogenito envolvendo-o em faixas, reclinou-o num presépio, porque não havia lugar para eles na hospedaria" (Lc 2,7)

Leitor 2 - Maria sofreu as injustiças do tempo, fez uma viagem de 120 km, num momento para ela muito pesado. Em Belém ninguém tem lugar para o filho de Maria, só um lugar usado para animais, se abriu para o filho de Deus.

Leitor 1 - "Meu filho, teu pai e eu te procurávamos aflitos... Ele responde;
- Não sabeis que eu devo me preocupar com as coisas do meu Pai? E Maria guardava todas estas coisas em seu coração mediatando-as". (Lc 2, 48)

Leitor 2 - Maria se preocupa do seu filho, não entende o mistério que está nele, mas guarda e medita todos estes fatos, palavras, gestos, no seu coração.



a) Nós mulheres dos grupos, das comunidades, o que temos para aprender de Maria?

b) Nós mães, sentimos, como Maria a preocupação dos filhos, a dificuldade de atendê-los, de dar para eles o estudo, a educação, uma profissão, um futuro bom?

c) Maria era uma mulher simples, pobre, mas aberta e atenta aos outros. Eu como mulher, como me sinto quando assumo algo nos grupos, na comunidade, na associação?

* Concluímos rezando 10 AVE MARIAS e um canto a NOSSA SENHORA (a escolha).

BOLETIM NACIONAL

Pastoral Operária

ANO X – Nº 42 | Comissão Nacional de Pastoral Operária – linha 1 – setor leigos – CNBB | MAIO – 1987

EDITORIAL

LIBERTAÇÃO - ROSA A DESABROCHAR

Na caminhada histórica da Pastoral Operária já ficou claro que o objetivo maior da luta política é a libertação (ação que liberta) integral da classe trabalhadora. Mas libertação de que? Da opressão política, da exploração econômica e da alienação ideológica. São três lados da mesma e única caminhada de libertação.

Por muitas vezes aprendemos e reaprendemos que a classe trabalhadora não é um muro que você vê, conhece, mede e pesa a torto e a direito. Esta não é simples. Mas também não é simplesmente uma categoria(*) de análise que revela a sociedade dividida entre os que trabalham e que detêm o controle do exercício do poder e o do saber e os que não detêm o controle do exercício do poder e o do saber.

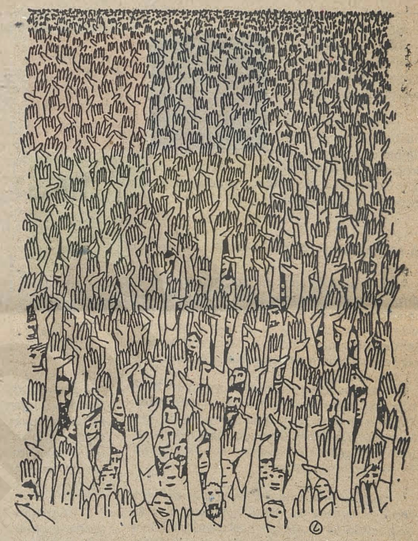
Embora sabendo da divisão da sociedade em classes sociais isso não quer dizer, por outro lado, que nos damos conta de toda a situação dos trabalhadores e das trabalhadoras. Por quê? Porque estes vão pra lá das categorias de análises. Pra lá no sentido de que a vida do João, a da Maria, a da Joana, a do André, a do Paulo, a do Henrique, a da Irene, a da Francisca, enfim, a vida dos homens e das mulheres, que trabalham, é complexa por si mesma.

Por isso mesmo não pode ser reduzida e submetida unicamente ao nível das categorias de análises sociais. Estas categorias revelam a realidade conflitiva, mas não dizem tudo. Aqui é preciso ouvir mais do que nunca o que os próprios trabalhadores têm a dizer a respeito de si mesmos. As categorias e teorias científicas não podem abafar a voz dos próprios sujeitos da libertação.

Essa reflexão quer nos conscientizar da complexidade básica e fundante que está na raiz da própria vida dos (as) trabalhadores (as). De dentro dessa visão ninguém tem autorização, seja grupo político, partido ou pessoas, a deter exclusivamente o controle do exercício do poder nem o do saber.

Neste contexto, os diferentes grupos políticos com suas diferentes práticas políticas devem ter a humildade e a solidariedade de uns em relação aos outros. Não adianta querer ter o domínio de um sobre o outro. Pretender e praticar isso é alienação.

Donde vem esta convicção? É simples. Na raiz fundante da vida existe uma sabedoria que não aceita



dominação de quem quer que seja. A vida nasceu e existe para ser livre e solidária.

Esse olhar profundo que brota da vida e da liberdade deve permear nossa luta política. Inspiradas nessa compreensão, a vida e a liberdade não nos perguntam se o fulano de tal é cristão, ateu, atoa ou marxista. O que a vida e a liberdade nos perguntam no atual contexto histórico brasileiro de exploração, dominação, alienação e de lutas por libertação, é se a nossa prática política está ajudando positivamente a construir pessoas com vidas e de vidas livres.

Esse é o desafio colocado a nós trabalhadores e trabalhadoras que acreditamos e queremos ver o reino de Deus desabrochar no canteiro de rosas do projeto político alternativo da classe trabalhadora.

*A palavra "categoria" aqui no texto não significa categoria profissional (metalúrgico, bancário, etc.) mas princípio de análise.

Zézinho – Goiânia – CPO Nacional

NACIONALISMO E MORATÓRIA



Na decretação unilateral, pelo governo brasileiro, da recente moratória há duas vertentes que interessa examinar para uma abordagem objetiva do problema.

A primeira tem suas raízes na insolvência do Brasil, enquanto a segunda procede do alinhamento do governo brasileiro com as propostas apresentadas por dirigentes do Partido Democrata dos Estados Unidos para reformular a dívida internacional.

A MORATÓRIA TÉCNICA

O presidente José Sarney, ao anunciar a disposição de não pagar os 65 milhões de dólares correspondentes à parte dos juros da dívida externa brasileira se propunha agitar os sentimentos patrióticos e nacionalistas que ele sabe existirem na sociedade brasileira.

Seu discurso teve muito sucesso em Brasília, particularmente entre parlamentares do PMDB que esperavam uma repetição da performance do Plano Cruzado, garantia da vitória esmagadora do governo nas eleições de 15 de novembro passado.

Sabe-se que José Sarney é manipulador hábil, e cerca-se de gente competente, mas na questão da moratória nacionalista esbarra com uma realidade mais forte que as declarações de intenção. Quando a moratória aconteceu as condições já estavam reunidas para que, em vez do sucesso esperado, viesse o desgaste.

A moratória é assunto explosivo que, tratado em tom emocional, pode criar unanimidade e render prestígio, como aconteceu realmente no Peru, com Alan García. Entretanto, a moratória, nas condições em que foi decretada, é apenas o reconhecimento formal da falência econômica dos governos presente e passados.

O governo brasileiro reconheceu fatos já conhecidos, como o desaparecimento das reservas internacionais, a queda das exportações, provocando déficit do balanço de pagamentos e o crescimento contínuo da dívida que já tinha chegado a 109 bilhões de dólares em julho de 1986, segundo estimativas do Banco Central.

Com reservas cambiais a zero, resultado negativo no balanço de pagamentos, queda nas exportações e desconfiança generalizada dos banqueiros internacionais a situação é crítica, inviabiliza o atual sistema de manejo da dívida, e pede uma avaliação séria do regime pelos movimentos populares.

Até o final do ano o Brasil terá de pagar 14 bilhões de dólares apenas a título de amortização de parte de uma dívida externa. Além disso, deverá desembolsar 12 bilhões de dólares para pagamento de juros dos empréstimos e outros encargos. Como em 1986 o Banco Central do Brasil só pagou 25% do total das amortizações por não ter dinheiro em caixa, em 1987 poderá sair para um calote geral, tentando empurrar montanha acima a bola de neve que poderá virar avalanche.

São 26 bilhões de dólares em 1987 a título de amortizações e juros, compromissos que, não honrados trazem multas e outras retaliações, engrossando a dívida futura.



Quanto mais dinheiro novo o governo conseguir levantar no exterior piores serão as perspectivas, pois as empresas estatais e órgãos oficiais não pagam ninguém, tendo um endividamento de 92,5 bilhões de dólares no exterior, engrossado continuamente por novos empréstimos.

Enquanto isso as perspectivas do balanço de pagamento são sombrias, com um déficit previsto de 2,8 bilhões de dólares, causado sobretudo pelos resultados negativos do balanço comercial e o crescimento dos gastos com serviços.

O pequeno resultado positivo conseguido pelo Brasil no comércio internacional no mês de fevereiro deste ano, 261 milhões de dólares, em lugar dos 628 milhões de dólares de fevereiro de 1986 é um indicador seguro da necessidade de continuar tomando novos empréstimos e aumentar os níveis de endividamento, uma gestão tradicional da dívida que interessa aos banqueiros e, ao mesmo tempo os apavora, quando se imagina que a situação atual do Brasil poderá vir a ser a dos 15 principais países em desenvolvimento devedores, cujas dificuldades acumuladas, em conjunto, provocariam a ruína do atual sistema financeiro internacional.

A RESPONSABILIDADE DOS BANCOS INTERNACIONAIS

Embora a decisão política de suspender o pagamento da dívida externa tenha sido forçada pelas dificuldades de caixa, há um segundo aspecto a considerar nas propostas apresentadas por políticos democratas dos Estados Unidos, cujo breve histórico fazemos a seguir.

A dívida externa brasileira foi contraída basicamente no circuito europeu de divisas, onde circulam os euro-dólares, em operações que escapavam ao controle das autoridades monetárias americanas, nas décadas de 60 e 70, quando havia grande disponibilidade de capitais em busca de boas oportunidades de investimento. Na época o governo brasileiro, precisamente o nacionalista João Goulart, adotou uma legislação liberal favorecendo a toada de empréstimos no exterior.

Foram criados consórcios bancários e outras instituições, operando em Londres, Paris, Frankfurt, Genebra e alguns pequenos paraísos financeiros livres de qualquer controle, ao mesmo tempo que, nos Estados Unidos, os severos controles das operações bancárias incitavam os grandes bancos americanos a internacionalizar suas operações, criando uma vasta rede de operações com euro-dólares, realizando empréstimos que, a longo praço, se revelariam de alto risco, sem possibilidades de recuperação.

AS SOLUÇÕES ALTERNATIVAS

Neste momento os banqueiros americanos estão tentando ao mesmo tempo evitar um possível colapso do sistema monetário internacional; enfrentar as restrições comerciais que paralizam as importações americanas, inibindo o crescimento econômico dos países do terceiro mundo; conter as perspectivas alarmantes de uma recessão mundial.

A CONVERGÊNCIA CAPITALISTA

Banqueiros ligados ao Partido Democrata através de parlamentares que os representam no Congresso dos Estados Unidos têm apresentado projetos que, introduzindo uma reforma na legislação americana facilitam a solução do problema da dívida.

O projeto mais abrangente apresentado até agora é o do congressista John La Falce, representante democrata do estado de Nova Iorque.

Seu projeto autorizaria o governo americano a abrir rodadas de negociação com os países credores para propor ao Fundo Monetário Internacional a criação de uma carteira especial do Fundo, encarregada de comprar os créditos dos bancos privados, aplicando em cada caso uma taxa de desconto que corresponderia à taxa de risco de cada país. Por exemplo, cada dólar da dívida do México seria comprado por 60 centavos de dólar, cada dólar da dívida do Peru seria comprado por 20 centavos de dólar, enquanto um dólar da dívida boliviana valeria apenas 7 centavos de dólar.

Os recursos para operação dessa carteira viriam em primeiro lugar do próprio Fundo, mais a garantia do Banco Central de cada um dos países credores, em tese diretamente interessados na solução do problema. Outros recursos seriam levantados no mercado aberto.

O sistema funcionaria desde que um determinado país devedor solicitasse à Carteira Especial que comprasse a dívida dos bancos credores com o desconto relativo à taxa de risco desse país, cobrando o desconto do país solicitante. A dívida assim diminuída seria renegociada com prazo mais longo e condições novas.



A justificativa do congressista La Falce e seu projeto é de que o estancamento da economia dos 15 principais países devedores do Terceiro Mundo é o principal responsável do resultado negativo da balança comercial americana, 170 bilhões de dólares em 1986.

Depois de estar no Brasil, onde manteve conversas com os nacionalistas para afiar argumentos na defesa das teses democratas o ex-senador Gary Hart, declarou: "Se ajudamos o crescimento das economias latino-americanas, em vez de asfixiá-las podemos aumentar as exportações americanas para a região, ao mesmo tempo que fortalecemos suas democracias e a segurança dos Estados Unidos".

No caso presente a retórica de Sarney é de nítida inspiração lafaciana, via Gary Hart, e pede na realidade uma reestruturação do sistema de operação do Fundo Monetário Internacional e não vai além disto, sendo pois uma posição bastante conservadora, para não dizer inconsequente diante da enormidade da crise.

O drama da democracia americana e do nacionalismo peemedebista é Ronald Reagan, depois de se aconselhar com seus secretários da área financeira e com os dirigentes do FMI declarou que se opõe a qualquer modificação nas atuais regras do jogo, insistindo na velha tecla de que os devedores devem negociar diretamente com os credores pois "se os devedores perceberem que podem dar calote impunemente nunca irão abandonar os velhos costumes que causaram toda essa confusão".

Reagan é defensor intransigente do Plano Baker, elaborado por seu secretário de Tesouro que prevê aumentos de créditos para as principais nações devedoras desde que elas adotem planos de contenção de investimentos, saneiem suas finanças e reestruturem suas economias. Enfim, adotem as velhas receitas do FMI, que causaram toda essa confusão.

Em resumo, a fala nacionalista de José Sarney não é nenhuma manifestação de rebeldia bakuninista, apenas mais um balão de ensaio de um setor liberal da burguesia americana que propõe a reestruturação da dívida e a revisão dos rígidos critérios de operação do FMI como saída para os graves problemas da balança comercial dos Estados Unidos.

Castro Alves – CEDAC

UM POUCO DE NOSSA HISTÓRIA

A GREVE GERAL DE S. PAULO

Em julho de 1917, uma greve geral paralisou completamente São Paulo.

O conflito iniciou-se com greves nas fábricas têxteis, ainda no mês de junho. Reivindicava-se melhores salários e melhores condições de trabalho.

A greve estendeu-se a outras fábricas. No dia 9 de julho, à porta da Teceiagem Mariângela, do grupo Matarazzo, a Força Pública reprimiu violentamente uma concentração de operários.

Foi assassinado o sapateiro Antonio Martinez. Dia 11, no enterro, o povo se manifestou violentamente contra a polícia e o movimento se generalizou. Organizou-se o Comitê de Defesa Proletária. A greve geral recebeu adesões de trabalhadores do interior paulista, além da solidariedade da Federação do Rio. O número de grevistas chegou a 50.000. O Governo Estadual pediu reforços para a repressão ao Governo Federal com o deslocamento de tropas do interior e a vinda de dois navios de guerra até as docas de Santos.

Desencadeou-se nas ruas verdadeira revolta popular. Saques a armazéns, ataques a autoridades, piquetes, comícios e pancadarias.

Garotos depredavam os lampiões de gás, deixando as ruas às escuras, enquanto grupos de jovens invadiam os bondes e convenciam os motorneiros a alterar o trajeto.

Os bairros operários tornaram-se verdadeiras fortalezas de resistência; barricadas e esconderijos impenetráveis espalharam-se pelos cortiços e becos.

A burguesia industrial percebeu que a pura repressão não acabaria com o conflito. Uma Comissão de jornalistas serviu de mediadora.

A greve terminou no dia 15: os operários conseguiram 20% de aumento e garantia de emprego aos grevistas.

O governo comprometeu-se a fiscalizar as condições de trabalho, o preço e a qualidade dos gêneros alimentícios e a libertar os grevistas presos.

(Calendário do Povo Latino-Americano, 1986, CEHILA-Popular, Edições Paulinas)

PELA REFORMA URBANA

Conseqüência direta do êxodo rural provocada pela extrema concentração da terra em poucas mãos, as questões urbanas, materializadas na existência de milhões de favelados, na multiplicação dos cortiços, na generalização da violência urbana e nas péssimas condições de vida a que está submetida a maioria da população das cidades, está intimamente relacionada com a luta pela Reforma Agrária.

O aumento recente do número de "invasões" não é certamente fruto das maquinações de um cérebro maligno que trama contra a propriedade privada. Este fato reflete as carências estruturais de um sistema econômico que há muito fez sua opção preferencial pelos ricos e que em nada mudou com a nova República. Mas que agora, com o descongelamento geral dos preços, consegue piorar a situação na medida em que dispara os preços dos aluguéis e termina por reduzir drasticamente o número de pessoas com direito a morar.

As formas de enfrentar esta situação são variadas. O povo, a seu modo, vai encontrando caminhos, se organizando em associações as mais diferentes e inclusive partindo para o exercício de seu direito de propriedade, o que as vezes passa pela legítima ocupação de área ociosa e acintosamente a serviço da especulação.

A nível da Constituinte nossa luta é para que a nova Constituinte aprove



o imposto progressivo sobre imóveis ociosos, a desapropriação por interesse público, a decretação de área de utilidade pública, o direito real de concessão de uso e outros instrumentos legais que permitam a realização de uma profunda Reforma Urbana.

Irma Passoni
(Deputada Constituinte – PT-SP)

O POVO DECIDIU OCUPAR TERRA!

A situação do Povo na imensa periferia de São Paulo como, aliás, no Brasil todo, é dramática. São Paulo retrata, na carne de sua gente, dois países: Biafra da fome e a Suíça da fartura, do esbanjamento. De um lado, os ricos, os privilegiados do sistema sócio-econômico-político opressor; do outro lado, a grande massa dos empobrecidos! Espremido pela vergonhosa alta dos aluguéis, morando em cortiços e favelas, diante da criminosa omissão dos governantes, o Povo não teve outra alternativa: começou a ocupar terrenos de particulares, no Estado e Município, onde o capim cresce, abrigando não aos filhos de Deus, mas a ratos e baratas!



A Igreja na Região de São Miguel tem, na TERRA a ser purificada do pecado, da injustiça, sua 1ª prioridade pastoral. Neste setor, temos nos organizado, unindo e conscientizando o Povo. Nas ocupações – são 32 mil famílias ocupantes – não estamos nem atrás, nem à frente, estamos *COM* o Povo! "O Verbo se fez Carne e habitou entre nós" (Jo 1,14). A serviço do Sistema, a velhaca guarda Metropolitana de Jânio Quadros investiu contra um dos numerosos acampamentos. Saldo: um trabalhador morto e alguns feridos. E o povo resiste pacificamente! Criou raízes na terra ocupada (Não se arranca o homem da terra pois sua carne, sua vida, precisam desta TERRA que deve ser transformada em terra de IRMÃOS porque de DEUS!).

Quando atiram em nosso rosto, a afirmação do direito à propriedade particular, nossa Pastoral da Terra responde que este direito para, ser legítimo, deve ser de todos, não de poucos às custas da espoliação de muitos. E citamos as iluminadas palavras de Paulo VI, na "Populorum progressio", nº 23: *"A terra foi dada a todos e não somente aos ricos. Quer dizer que a propriedade privada não constitui um direito incondicional e absoluto para ninguém. Ninguém tem o direito de reservar para seu uso exclusivo aquilo que é supérfluo, quando a outros falta o necessário. Numa palavra, o direito de propriedade nunca deve exercer-se em detrimento do bem comum"*.

Neste tempo de ***ocupações***, realizamos duas memoráveis Assembléias reunindo, mesmo debaixo de chuva, perto de 20 mil pessoas, em cada uma delas! O Secretário da Habitação do Estado de São Paulo apresentou ao Povo, a resposta do Governo: construção imediata de 20 mil casas! É bastante, mas é muito pouco diante da situação! Por este motivo, comemorando a VITÓRIA, continuamos mobilizados para que todos tenham terra, para que todos tenham casa. Na luta, somos animados pela certeza de que o Senhor da História, o Deus dos Pequeninos, vendo aflição de seu Povo, vem para libertá-lo (cf. Ex 3,7-12). E, "se Deus está com a gente, quem poderá derrotar-nos?" (cf. Rom 8,31).

D. Angélico Sândalo Bernardino

ASSINATURA ANUAL – Cz$ 100,00
ASSINATURA DE APOIO – Cz$ 200,00
A PARTIR DE 10 ASS. – Cz$ 80,00
PARA O EXTERIOR – US$ 10.
AVULSO – Cz$ 10,00

Envie sua contribuição para:
SECRETARIA NACIONAL
DA PASTORAL OPERÁRIA

Av. Pres. Kennedy 1861/11
25.020 – Duque de Caxias - RJ – tel.: 771-3459

A Vida da Pastoral Operária

Santos, 1º de abril de 1987

Caros Companheiros,

A razão desta, é encaminhar a vocês algumas denúncias de fatos graves que vêm ocorrendo em nossa região com os trabalhadores (coisa que não é mais surpresa!).

Em virtude da última greve dos operários do Porto de Santos, 48 companheiros foram demitidos por justa-causa, sendo que todos os 48 eram lideranças em seus locais de trabalho. Depois de muito jogo político, envolvendo parlamentares de vários partidos, os companheiros foram readmitidos, porém sem as poucas vitórias que a categoria teve. Nem mesmo o gatilho! Na COSIPA, após a greve nesta siderúrgica, 14 companheiros, a maioria da oposição sindical, foi afastada sem remuneração, por tempo indeterminado, além de inúmeros espancamentos, a que os trabalhadores foram vítimas da polícia, por ocasião do movimento.

Os professores da Universidade Católica entraram em greve pois direção da Universidade aumentou em mais de 100% as mensalidades, sem contudo aceitar dar aumento aos companheiros professores, e a reitoria continua intransigente.

Mas, o fato mais grave, é o do companheiro metalúrgico da COSIPA, afastado por "leocopenia" (doença provocada pela contaminação pelo benzeno, que reduz os glóbulos brancos e a resistência do organismo a outras molestias), que forçado pela empresa a voltar a trabalhar, se suicidou no último dia 24. Mais uma vítima do conflito "capital e trabalho". Como dizia Marx, no seu manifesto O Trabalho Alienado: *"... O trabalhador afunda até um nível de mercadoria, e uma mercadoria das mais deploráveis, e a miséria do trabalhador aumenta, com o poder e o volume de sua produção..."*.

Espero que possam divulgar estas denúncias nos boletins da CPO, colocando-nos à disposição,
um abraço fraterno.

Até a vitória, companheiros,

Otávio César da Silva

BOLETIM NACIONAL

Pastoral Operária

ANO X – Nº 43 | Comissão Nacional de Pastoral Operária – linha 1 – setor leigos – CNBB | Junho – 1987

EDITORIAL

AVANÇANDO A LUTA POLÍTICA

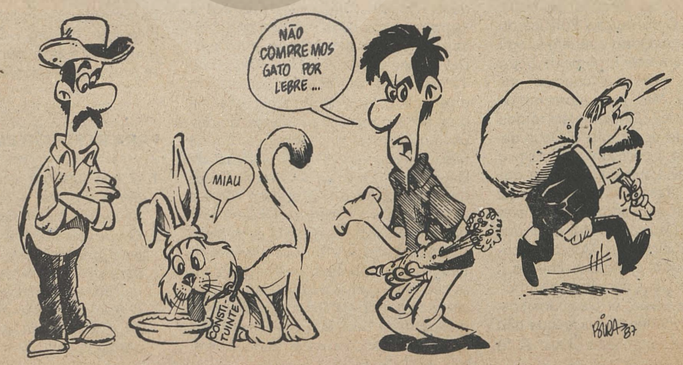
Na atual etapa da conjuntura Constituinte, já é possível fazer um balanço e redefinir táticas para a etapa futura da luta democrática no país. Tudo aponta no sentido de que a influência da sociedade na nova Constituição, em termos de conteúdo e de mudanças, será pequena. O principal está determinado pela sua composição política conservadora, com hegemonia de centro-direita. É o que ocorreu até agora, etapa de trabalhos de sistematização. Podemos afirmar que, enquanto fato jurídico, desembocando numa nova Carta Magna, o Congresso Constituinte está decidido. Não somos pessimistas, apenas acreditamos que alimentar ilusões conduz a desilusões e, neste caso, a curto prazo.

Trata-se, então, de continuar a luta no campo social, das pressões populares, campanha das 30 mil assinaturas, caravanas, etc. Contudo, desde já, criar as condições para um salto de qualidade: acumular forças com o objetivo de preparar a etapa pós-Constituinte. O povo está desencantado, é um fato. Cremos, também, que o atual Governo está findo, acabou. Se não morreu ainda , no falar de Guimarães Rosa, "se encantou". Neste momento, limitar-se-á refletir o estágio atual, é legitimá-lo.

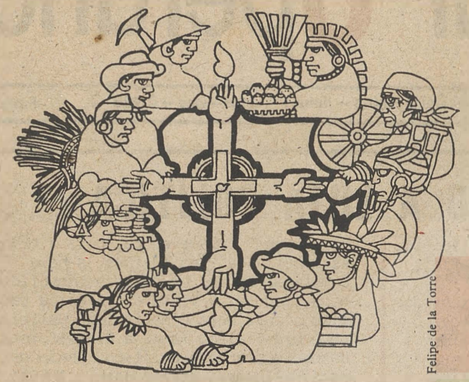
Desde o início, entendemos a Constituinte como um meio e não como um fim-em-si-mesma. É, ou foi, um fim para legitimar a "transação" conservadora, pois a transição está definida. Sem dúvidas, a nova Constituição vai traduzir a consolidação conservadora. A visão estratégica tem como eixo a luta pela constituição política do povo brasileiro. Tomar a Constituinte enquanto processo político, cheio de possibilidades, aberto para o futuro.

Não defendemos uma desmobilização da política atual de lutas em torno da Constituinte, pelo contrário, avançarmos a partir destas lutas. Permanecer na realpolitik é cair no realismo ingênuo, no imediatismo, ficar a reboque da hegemonia liberal-conservadora. A linha estratégica aponta no sentido de buscar a capitalização do acúmulo de forças da luta constituinte e, seguir com a pressão e a mobilização populares (garantir o calendário das assinaturas e caravanas), agora, para levar adiante uma nova etapa, isto é: a luta pelas DIRETAS enquanto forma de avançar a luta pela democracia e pela soberania. Contudo, é apenas a forma, o conteúdo devendo centrar-se numa campanha de mais fôlego, em torno de questões que são inerentes ao movimento social no seu conjunto: DÍVIDA EXTERNA, REFORMA AGRÁRIA, POLÍTICA ECONÔMICA (salários, congelamento real, etc.), REFORMA URBANA.

Cláudio Nascimento
23 de junho de 1987



O NOME DE DEUS NA NOVA CONSTITUIÇÃO DA NICARÁGUA



Felipe de la Torre

AGEN – "No dia 9 de janeiro de 1987 foi proclamada a nova Constituinte da Nicarágua, com esta introdução:

Em nome do povo nicaraguense, de todos os partidos e organizações democráticas, patrióticas e revolucionárias da Nicarágua, de seus homens e mulheres, de seus operários e camponeses, de sua gloriosa juventude, de suas heróicas mães, dos cristãos que a partir de sua fé em Deus se comprometeram e se inseriram na luta pela libertação dos oprimidos, de seus intelectuais patrióticos, de todos os que com seu trabalho produtivo contribuem para a defesa da Pátria, e dos que lutam e oferecem suas vidas diante da agressão imperialista para garantir a felicidade das novas gerações.

Nunca na história da América Latina houve uma discussão tão profunda e um resultado tão lúcido como – aconteceu na Nicarágua – a respeito da introdução ou omissão do nome de Deus na Constituição Política do país. Os conservadores queriam a todo custo que aparecesse o nome de Deus. Os liberais e marxistas queriam que fosse omitido. Mas, num momento de lucidez profética, a Assembléia tomou consciência de que tanto o Deus defendido como o negado não eram o Deus que havia inspirado a luta dos cristãos pela libertação dos oprimidos. A luta entre conservadores e marxistas era sobre um Deus que não o Deus dos cristãos revolucionários. O deus discutido pelos assim chamados crentes e ateus era um Deus abstrato, metafísico, intranscendente. O Deus dos cristãos revolucionários da Nicarágua não tem nada a ver com esse Deus. A fé cristã é 'atéia' a esse Deus, e o considera um ídolo criado e fabricado pelo sistema dominante. O Deus que finalmente entrou na Constituição foi o Deus bíblico, o Deus de Jesus, o Deus verdadeiro, o Deus dos pobres, o que luta pela vida e pela justiça.

É muito curioso constatar que a maioria dos cristãos conservadores (incluído alguns bispos) se opunha a que se introduzisse o nome de Deus na Constituição, para evitar que se manipulasse o nome de Deus por parte do Governo. Os marxistas tradicionalmente também se opunham, claro que por motivos diferentes. Mas, nessa discussão entre conservadores, sejam cristãos ou marxistas, ninguém se perguntava finalmente sobre qual Deus se estava discutindo. Desde há muito tempo na Teologia da Libertação se tem dito que o problema de Deus, na América Latina, não é a existência de Deus, como esse Deus é e onde está, quais são suas opções e como nós o representamos. Não é mais significativo que alguém diga que crê em Deus. Deve especificar em qual Deus crê. Tampouco é significativo que alguém diga que é ateu. Deve especificar de qual Deus é ateu. O problema teológico fundamental na América Latina não é demonstrar a existência de Deus, mas discernir o Deus de Jesus dos falsos ídolos. O problema não é o ateísmo, mas a idolatria. Tanto a idolatria que substitui o Deus verdadeiro por outros deuses (o deus dinheiro, o deus mercado, o deus prestígio, o deus poder etc.) como a idolatria que perverte o sentido de Deus, que deforma a imagem de Deus ou o invoca em vão. É maravilhoso constatar que esta discussão teológica sobre Deus, tão presente nas Comunidades Eclesiais de Base de todo o continente, tenha sido a discussão que se deu na Assembléia da Nicarágua. Foram fundalmentalmente os deputados sandinistas os que defenderam que se introduzisse o nome de Deus na Constituição, mas que se falasse de um Deus Histórico, desse Deus que havia interferido historicamente na libertação dos oprimidos e dos quais os crentes revolucionários haviam dado testemunho. O que se decidiu no último instante, na discussão na Assembléia, foi a leitura, por um deputado sandinista, de uma carta que um rapaz escreveu ao pai antes de morrer na guerra, na qual ele lhe contava a respeito de sua fé em Deus como fonte decisiva de fortaleza para defender a Pátria.

O dia 9 de janeiro de 1987 ficará como uma data importante, não somente na história da libertação da América Latina, como também na história teológica de nosso continente. É uma data que mostra a importância da fé no Deus de Jesus que está no interior dos processos de libertação. Sobre esta importância, uma vez mais a revolução sandinista deu testemunho. Com isto, a revolução tem sido conseqüente com o comunicado oficial da Direção Nacional da FSLN, de outubro de 1980, sobre a Religião. Ali se dizia: ***... os sandinistas afirmamos que nossa experiência demonstra que quando os cristãos, apoiados em sua fé, são capazes de responder às necessidades de seu povo e da história, suas mesmas crenças os impulsionam à militância revolucionária.***

Existe na Nicarágua não somente uma revolução econômica e política, mas também uma revolução espiritual que está se enraizando profundamente na alma do povo nicaraguense. A proclamação da nova Constituição não poderia deixar de dar testemunho desta profunda revolução espiritual."

Pablo Richard

PARA REFLETIR EM GRUPO

1. ***O que significa para nós, trabalhadores cristãos, a inclusão do nome de Deus nas cédulas do cruzado?***
2. ***O que está por trás da pressão de alguns grupos sobre os Constituintes para que incluam o nome de Deus na futura Constituição brasileira?***
3. ***O que a inclusão do nome de Deus na Constituição da Nicarágua nos ensina?***

CALHA NORTE - SEGURANÇA OU AMEAÇA?

Em meados de março, o CIMI (Conselho Indigenista Missionário), juntamente com a CNBB Regional Norte I (AM, PA, AP, RR), CPT, Cáritas Brasileira entre outras entidades lançaram uma *campanha nacional pela suspensão do Projeto Calha Norte.*



O QUE É O PROJETO CALHA NORTE?

O Calha Norte é um projeto de natureza bélico-militar e desenvolvimentista. Ele está em andamento secreto desde 19 de junho de 1985. Foi elaborado na calada da noite, sob inspiração dos Conselho de Segurança Nacional, pelos ministros militares, do planejamento, do interior, da fazenda e do exterior. Visa ampliar a presença militar e sócio-econômica do governo federal na desembocadura norte dos rios Amazonas e Solimões. Abrange uma faixa de fronteira de 6.500 km entre Tabatinga (AM) e Oiapoque (AP), atingindo 14% do território nacional, na fronteira do Brasil com a Venezuela, Colômbia, Suriname, Guiana Francesa e República Cooperativista da Guiana.

Projeto estimado em 1 bilhão de cruzados (45 mil dólares). Até 12 de novembro passado já contava com verbas liberadas da ordem de 220 milhões de cruzados, dos quais 100 milhões para o Ministério do Exército, 50 da Aeronáutica, 20 para a Marinha, 10 para o Interior e 35 para a Secretaria do Planejamento.

Segundo o general-de-brigada Rubens Bayma Denys, secretário geral do CSN, o projeto se propõe a:

– aumentar a presença militar na área;
– demarcar definitivamente as fronteiras;
– redefinir a política indigenista para esta região;
– construir estradas e hidroelétricas;
– implantar projetos econômicos e pólos de colonização.

CONSEQUÊNCIAS PARA A AMAZÔNIA E SUA POPULAÇÃO

As entidades que lançaram a campanha estão preocupadas com a "filosofia" do Calha Norte e com suas "reais conseqüências" para a população amazônica, transformando a Amazônia em "um recurso disponível ao apetite de empresas nacionais e transnacionais, reserva do governo para o pagamento da dívida externa e campo de manobra da geopolítica militar". Segundo as entidades que lançaram a campanha, o Calha Norte poderá "abrir caminho para a destruição do meio ambiente, não menciona as populações ribeirinhas e de seringueiros, prende-se a grandes estruturas e acena com investimentos do grande capital".

Na área do Calha Norte vivem cerca de 50 mil índios (22,8%) dos 220 mil que ainda habitam o solo brasileiro. Essa invasão dos seus territórios e a já divulgada remoção das tribos envolvidas para outras áreas da região ameaçam profundamente essas nações.

APELO

As entidades da Campanha apelam:

"A população da Amazônia quer decidir o seu futuro e ter participação nos projetos que lhes dizem respeito. *Nós recusamos as 'novas bandeiras' que desconsideram os povos da Amazônia e sua cultura.* Não podemos continuar assistindo passivos ao saque da Amazônia."

"Por isso, em defesa dos povos indígenas, do meio ambiente e da população amazônica, pedimos a todos que enviem mensagens de repúdio ao Projeto, exigindo sua imediata suspensão, às seguintes autoridades:

- Presidente José Sarney – Palácio do Planalto – 70.150 – Brasília – DF – Telex 061.1451
- Gen. Rubens Bayma Denys – Conselho de Segurança Nacional – Palácio do Planalto – 70.150 – Brasília – DF – Telex 061.1160
- Ministro do Planejamento – Secretaria de Planejamento – 70.063 – Brasília – DF – Telex 061.2207
- Ministro Abreu Sodré – Ministério de Relações Exteriores – 70.170 – Brasília – DF.
- Dr. José Paulo Setulzeda Pertence – Procurador Geral da República – Av. L 2 – Sul Q. 603 – 70.200 – Brasília – DF – Telex 061.1144.

CONTATOS

CIMI NORTE I – Cx. Postal 984 – 69.000 Manaus – AM – Fone (092) 233.5020
CIMI NORTE II – Cx. Postal 1454 – 66.000 Belém – PA – Fone (091) 229.3191

UM POUCO DE NOSSA HISTÓRIA

GRANDES QUILOMBOLAS DO BRASIL

Eis uma lista bastante superficial de alguns dos grandes quilombolas ou líderes de quilombos no Brasil. Na realidade brasileira, eles são seguidores de Moisés, que procurou libertar o seu povo da escravidão do Egito. A diferença é que este movimento libertador não chegou a ser bastante forte para derrubar o poderio dos "faraós". Mas os quilombolas são da raça de Moisés e sua memória deve ser preservada. Eis alguns:

– Zumbi; o mais famoso, que morreu no dia 20 de novembro de 1695, em Alagoas;
– Ambrósio, que morreu em 1746, em Minas Gerais;
– Manoel Congo, do Rio de Janeiro;
– Isidoro, que foi torturado até a morte em 1809, em Minas Gerais;
– Pedro Cosme, que morreu em 1841, no Maranhão;
– Lucas, de Feira de Santana, que morreu em 1849, na Bahia;
– Manoel Balaio, que morreu em 1839, no Maranhão.

Os quilombolas provaram uma coisa muito importante para todos os que se interessam pela alimentação do povo brasileiro: os habitantes dos quilombos passavam muito bem, mesmo sendo cortados do abastecimento que vinha das cidades e das fazendas.

Os quilombolas provaram que o Brasil é um país rico, que pode facilmente alimentar seus filhos por suas próprias forças, sem necessitar de ninguém de fora.

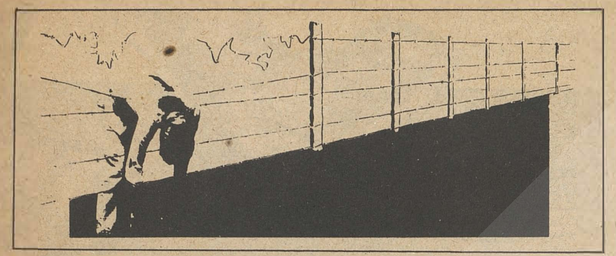
Os quilombos mostravam a todos fartura de alimentos, de árvores frutíferas, de roças bem feitas.

Os quilombolas podiam assim colocar nas feiras da redondeza o excedente de suas produções agrícolas.

Houve milhares de quilombos no Brasil e diversos bairros atuais de grandes cidades brasileiras nasceram como quilombos: Por exemplo: Morumbi, na cidade de São Paulo; Catumbi e Catete no Rio de Janeiro e outros.

(Calendário do Povo Latino-Americano, 1986, CEHILA-Popular, Edições Paulinas)

CONFLITOS DA TERRA HOJE



A Pastoral Operária se fez presente na região chamada "Bico do Papagaio", por ocasião da 1ª Celebração do martírio do Pe. Josimo, dia 10 de maio pp.

Essa extensa região que se situa na confluência dos rios Tocantins e Araguaia, estado de Goiás, juntamente com a zona vizinha do Sul do Pará, é um dos focos de maior conflito na luta pela posse da terra, hoje, no Brasil. Lá nasceu o Pe. Josimo Morais Tavares, la exerceu seu ministério sacerdotal, inteiramente voltado para a defesa dos lavradores, e lá veio a ser martirizado, dando seu sangue àqueles a quem tinha emprestado sua voz, comprometido sua cor negra e dedicado toda sua vida.

A celebração, promovida pela CPT Regional e intitulado "Celebração da Libertação", no seu conteúdo e no seu contexto, revelou uma tríplice realidade.

Em primeiro lugar, a cada dia que passa recrudesce a luta no campo. Os conflitos da terra se multiplicam e os crimes do latifúndio contra lavradores e posseiros são sempre mais freqüentes e mais bárbaros. Há um fato, ainda não muito conhecido, que mostra bem a gravidade da situação. Enquanto um bando de jagunços executava o despejo de algumas famílias de posseiros (como sempre, não respeitando os mínimos requisitos da lei!), a polícia mantinha de joelhos homens, mulheres e crianças, voltados para os barracos, obrigando-os a presenciar calados a queima das suas casas e a destruição dos seus roçados. Tudo isto ao longo de um dia inteiro, sob um sol causticante, sem comer e sem beber.

Está comprovado que os fazendeiros e latifundiários estão ferozmente determinados a manter seus privilégios a qualquer preço, não importando o número de vidas que venham a ser sacrificadas.

Em segundo lugar, não há mais como disfarçar a vergonhosa conivência dos Poderes Públicos, inclusive o Poder Judiciário, com este verdadeiro "sindicato do crime". Entre os mil assassinatos ocorridos no campo, nos últimos 20 anos, que tiveram processo judicial instaurado, somente *dois* foram julgados, e ambos concluíram pela absolvição dos criminosos.

A esta impunidade, acrescente-se ainda a falta de vontade política do governo em realizar a Reforma Agrária. A inércia e a omissão das autoridades está deixando no abandono e levando ao desespero 10 milhões de lavradores sem terra, hoje, no Brasil.

Em meio a esta dolorosa constatação, verdadeira vergonha nacional, há um *terceiro aspecto* da realidade que não pode ser omitido: os lavradores não se intimidaram.

É animador ver crescer a organização e o número daqueles que resistem a esta situação. O Movimento Nacional dos Trabalhadores Rurais Sem Terra e os Sindicatos da CUT conquistaram a credibilidade dos lavradores como seus legítimos representantes classistas e como única força política capaz de fazer avançar o processo de libertação do homem do campo.

Esta análise, mesmo superficial, desemboca necessariamente no seguinte desafio: os trabalhadores rurais e urbanos, como um todo, são chamados, com urgência, a reforçar sua organização de classe, para opor resistência ao evidente avanço da direita, nitidamente hegemônica na atual composição das forças políticas.

Pe. Armindo Cattelan

ASSINATURA ANUAL – Cz$ 100,00
ASSINATURA DE APOIO – Cz$ 200,00
A PARTIR DE 10 ASS. – Cz$ 80,00
PARA O EXTERIOR – US$ 10.
AVULSO – Cz$ 10,00

Envie sua contribuição para:
SECRETARIADO NACIONAL
DA PASTORAL OPERÁRIA

Av. Pres. Kennedy 1861/11
25.020 – Duque de Caxias – RJ –
Tel.: 771-3459

A Vida da Pastoral Operária

Salvador, 13 de abril de 1987

Caros amigos da Pastoral Operária, como vão vocês? Nós aqui na Bahia estamos caminhando. Como sempre é tanto fraco. A nível de algumas paróquias estamos nos articulando. A única categoria, em Salvador, apoiada pela Pastoral Operária é a das lavadeiras. As domésticas também têm uma boa caminhada a nível da diocese.

ACONTECIMENTOS

– No dia 8 de março tivemos um encontro sobre sindicato com os trabalhadores de Camaçari e Salvador. Aí nasceu a idéia de um outro encontro para pensar alguma coisa para o 1º de Maio. Este encontro aconteceu no dia 29 de março. Marcamos outro encontro, que será um seminário no dia 17 de maio. O assunto a ser discutido será a conjuntura atual, dando mais prioridade para aprofundar a questão da situação econômica no Brasil e algumas colocações sobre outros assuntos como o gatilho salarial.

– As lavadeiras fizeram uma outra assembléia este ano no dia 22 de março, tratando do assunto das tabelas novas que saiu este anò feita pelas próprias lavadeiras, com a ajuda de alguns agentes que acompanham o movimento. Elas já estão pensando na próxima tabela depois do aumento salarial. Mas para fazer isto, acham necessário um trabalho mais sistemático, e se pensou em sindicato. Mas com a orientação de algumas pessoas que já têm alguma experiência, viu-se que antes do sindicato, seria necessário um passo menor, como no caso uma associação para arrumar as coisas melhor. A idéia é se criar um novo modelo de associação. Elas pensam formar um grupo de mulheres onde discutam juntas os seus problemas de vida, INPS, aposentadoria, escolas para os filhos etc.

– Alguns grupos por áreas estão preparando peças teatrais com casos concretos, relacionados ao trabalho para o 1º de Maio e o dia das Mães.

– Alguns jovens da Pastoral da Juventude do Meio Popular (PJMP) estão se interessando e se engajando no movimento sendo que alguns são filhos de lavadoras.

– O Movimento de Defesa dos Favelados (MDF) continua se articulando cada vez mais. O interessante é que é organizado e levado a frente pelos proprios moradores das áreas de ocupação.

São estas as novidades.

Envio o meu abraço a vocês, companheiros de luta, e que possamos nesta Páscoa ressuscitar com o nosso povo oprimido e morto e pelo pecado social.

Felicidades,

Irmã Izabel – S.S. Família

DIA 19 DE DEZEMBRO

Assembléia das Comissões

Final de ano. É hora de refletir, *avaliar* e, também *planejar* um novo ano de trabalho.

Todas as *Comissões Diocesanas* estão convidadas.

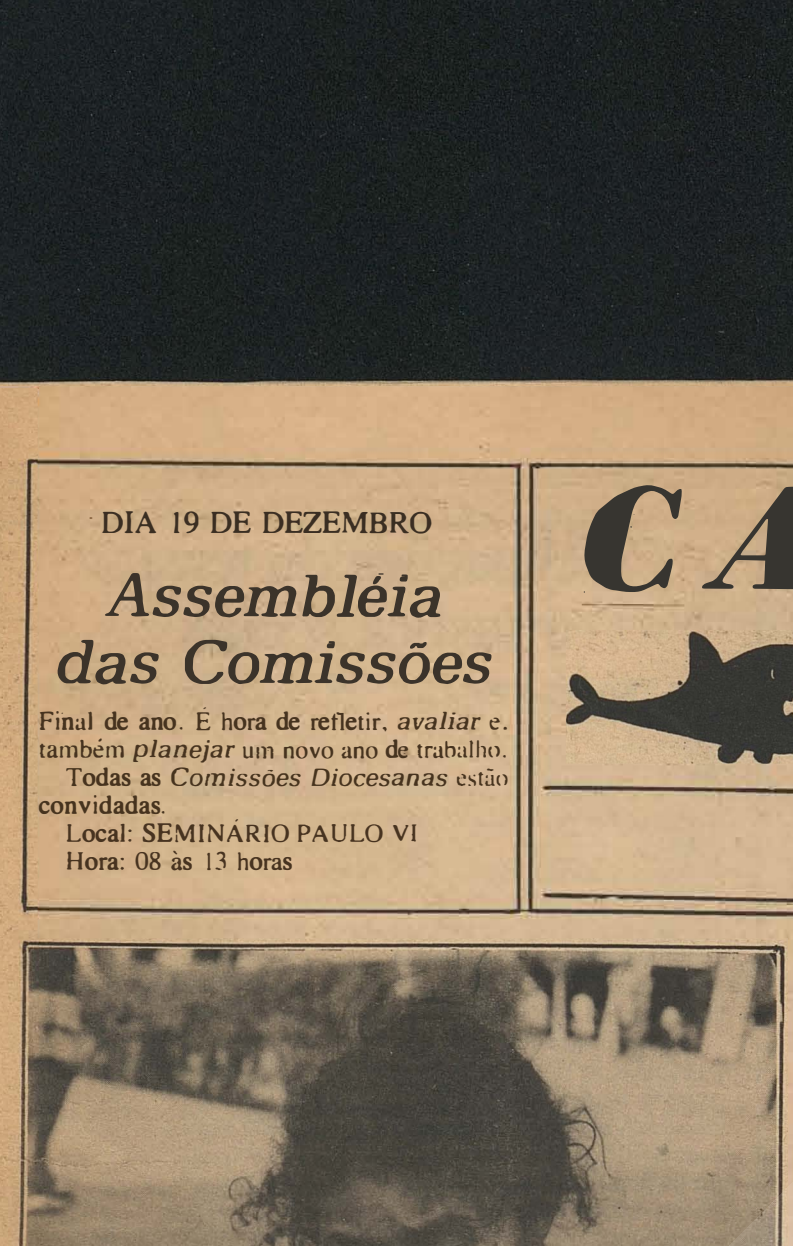
Local: SEMINÁRIO PAULO VI

Hora: 08 às 13 horas

CAMINHANDO

INFORMATIVO DA DIOCESE DE NOVA IGUAÇU

ANO I — Nº 12 — DEZEMBRO DE 1987



Natal hoje: nosso povo busca o Deus libertador.

A ORDENAÇÃO DO NEGRO AILTON

Não vou reportar a ordenação sacerdotal do Ailton, na Catedral de Nova Iguaçu. Tem coisa que não dá para descrever. Nossos níveis profundos são irreportáveis e a própria fotografia só capta a exterioridade. E de forma bem estática. Na celebração eclesial daquela sexta-feira à noite, atingiram-se níveis bem mais profundos e essenciais do que a mera preocupação jornalística. Foi um daqueles raros momentos de harmoniosa convergência entre tudo o que possuímos de mais puro, de mais parecido ao modelo original de felicidade, segundo o qual nos ensinam que fomos criados.

A pessoa foi criada com níveis diferentes de possibilidades existenciais. Níveis mais superficiais e níveis mais profundos. Na busca da alegria ou, se quiserem, da felicidade, atravessamos momentos de vibração, os quais curtimos através das atitudes apropriadas: cantamos, dançamos, assoviamos, batemos palmas. Saímos do esconderijo de nós mesmos, porque perdemos o medo, no sentimento de sermos irmãos. Pois bem, tais atitudes não apenas se intensificam mas mudam de essência, quando produzidas pelo nível profundo da religiosidade. Aí, tendência e necessidade da alegria bate à porta de sua própria fonte.

Plantamos as raízes de sua alegria nas terras divinas do seu nível religioso, o ser humano faz caminhada de volta, que o aproxima à humanidade original, pura e feliz como saiu das mãos do Criador, naquela manhã do sexto dia. Um destes momentos de graça foi intensamente vivido na Catedral de Nova Iguaçu, durante a ordenação sacerdotal do negro Ailton. Ailton negro e pobre, descendente de escravos. Tudo o que nossa Igreja tem de melhor, mais forte e poderoso reuniu-se, em seu máximo esplendor, por causa e em função do Ailton pobre e negro, alçado agora ao trono do qual os poderes foram, em sua cegueira, derrubados.

O Ailton pobre e negro, agora glorificado em sua ordenação para o serviço ao Povo de Deus, confirma profundas intuições. Não é o grande que liberta o pequeno. Não é a burocracia eclesiástica que vai libertar o Povo de Deus. Não são os códigos formais que abrirão as portas para o Povo de Deus passar. Passos à frente serão dados, se o Povo oprimido de Deus der passos à frente. Na liturgia e nas celebrações, serão conquistados espaços, se o Povo inibido de Deus, em sua criatividade e inocência, atropelar os formalismos bem comportados e estéreis, afim de fazer valer sua espontaneidade e a riqueza de seus sentimentos, de sua música, de sua dança. Nessa hora, não são os profissionais da religião, mas o Povo santo de Deus que diz *presente!*

O acontecimento eclesial da ordenação do Ailton traz muitos recados a nós, burocratas religiosos. Lembra a imensa responsabilidade da Igreja oficial, quando ela impede que passos libertadores sejam dados; que a liturgia seja expressão da alma do povo; que a alegria espontânea, abrindo as portas do melhor de nós mesmos, seja impedida de comparecer à festa, pela presença impiedosa dos ritualismos formalistas. Estes têm mais a ver com manutenção de poderes e menos com povo oprimido celebrando a libertação.

Não entendo como a administração central de nossa Igreja não percebe isso, não vê o pecado que estamos cometendo: por causa de formalismos autoritários, impedimos que o Povo espoliado de Deus tenha acesso ao serviço libertador de mistérios, menos dificultados pela ânsia insensata de patrulhamento em cima do Espírito. (FLT)

NOVA MESQUITA NO REGIONAL I

O Conselho Regional II (Prata, Belford Roxo, Piam, Cruzeiro do Sul, Heliópolis, Jardim Gláucia, Santa Maria e Lote XV), em sua última reunião do ano planejou o trabalho pastoral de 1988.

Entre as prioridades apresentadas, optaram como tarefa regional, para o próximo ano: *Família* e *Círculos Bíblicos*. O Regional se dedicará também a aprofundar o tema "Igreja Católica e Associações de Moradores".

Sebastião Cosme, Coordenador da Região II, aproveita para agradecer o apoio das paróquias do regional. Deseja a todos um *FELIZ NATAL!* E convoca as comunidades para estarem firmes na caminhada, ano que vem.

REGIONAL 2 PREPARADOS PARA ENFRENTAR 88

Depois de consultar os regionais 1 e 4, o Conselho Presbiteral aprovou a transferência da paróquia de São José Operário, de Nova Mesquita, que passa da Região IV para a Região I.

Nova Mesquita já havia participado do Regional I. Mudanças nos regionais, há alguns anos, fez com que optassem pelo Regional IV. Da Região IV participam a paróquia de Edson Passos, as 2 paróquias de Nilópolis e as 2 de Olinda.

Agora Nova Mesquita vem se juntar a Mesquita, K-11, Catedral, São Jorge, Santa Eugênia, Califórnia, Rocha Sobrinho e aos curatos de Jacutinga e BNH. Aumenta a Região I e diminui o Regional 4, que passa a contar apenas com as paróquias do Município de Nilópolis.

Acampados de Morro Agudo sofrem violência policial

No Brasil todo, multiplicam-se aceleradamente os casos de ocupações rurais e urbanas.

Em Nova Iguaçu, acontece mais um mutirão para ocupação da terra para morar. Foi no começo de novembro. Cerca de 100 famílias ocuparam terras em Morro Agudo.

Na proximidade de dois outros mutirões vitoriosos e estabelecidos: Jardim Iguaçu e Metropolitano.

Mas, "alegria de pobre dura pouco". Policiais militares e homens em trajes civis, invadiram o acampamento. Puseram abaixo tudo o que havia sido construído.

Espancaram com violência quem ousou questionar a invasão. Quatro pessoas foram presas.

Um dos acampados contou que dormia, juntamente com a mãe e a irmã, quando os policiais chegaram, obrigando-os a sair e, em seguida, derrubaram o barraco, feito de madeira e coberto de plástico, e jogaram seus pertences na fogueira.

As famílias estão apavoradas.

Continuam a sofrer pressões e ameaças de policiais e desconhecidos ligados ao suposto dono das terras. De madrugada, muitos carros rondam a área.

O irmão-bispo D. Adriano: 21 anos servindo à Baixada

Funcionários e seus familiares, agentes de Pastoral, padres, freiras, seminaristas e amigos de D. Adriano celebraram, no sítio de Tinguá, os 21 anos da chegada do irmão-bispo à Diocese de Nova Iguaçu. O churrasco de confraternização reuniu cerca de 250 pessoas. Foi um momento de encontro e de descontração, one se comemorou também os 82 anos de vida de Monsenhor Arthur, vigário da Paróquia de São Sebastião, em Olinda.

Depois do almoço, o bispo cortou o bolo comemorativo dos seus 21 anos de Diocese. Os funcionários do CEPAL ofereceram a ele, como presente uma *estola*. Emocionado, D. Adriano agradeceu a homenagem.

SUA CHEGADA, UMA BENÇÃO PARA O POVO

Dom Adriano chegou à nossa Diocese, em 6 de novembro de 1966. Nomeado pelo Papa Paulo VI como 3º bispo de Nova Iguaçu, D. Adriano — que até então era bispo auxiliar de Salvador, na Bahia — encontrou, em sua chegada, uma Igreja que não se preocupava muito com as condições em que o povo vivia. Uma Igreja fora da realidade, que falava bonito, mas de pouca ação.

A passagem de D. Adriano por nossa Diocese tem sido marcada por transformações: aumentaram o número de comunidadesm, nas reuniões, o Evangelho ilumina os problemas de cada dia, eleições democráticas têm marcado as mudanças de lideranças em Conselhos e Comissões, cresceu a participação dos leigos nos serviços e ministérios. As grandes decisões foram tomadas em Assembléias, onde a maioria dos participantes eram os cristãos engajados. E ultimamente, o 1º Sínodo Diocesano tenta repensar nossa transmissão de fé e propor caminhos pastorais que melhor atendam às necessidades do Povo de Deus presente na Baixada.

UMA MAIORIDADE FELIZ E SOFRIDA

O anúncio e a denúncia profética, assumida pela Diocese, custou a D. Adriano um seqüestro, com espancamento e ameaças de morte, em 22 de setembro de 1976. E em 20 de dezembro de 1979 uma bomba destruiu o sacrário da catedral e profanou a Santíssima Eucaristia.

Mas se a Igreja mudou com a chegada do bispo em Nova Iguaçu e com o comprometimento da Diocese com a causa do povo bom e sofrido da Baixada, o mesmo não aconteceu a nível político e social. Segundo D. Adriano "a situação da Baixada continua a mesma. Há falta de segurança". E "o momento político brasileiro é "vergonhoso".

A FESTA CONTINUA

No próximo ano mais duas comemorações marcarão a vida de Dom Adriano e da Diocese. No dia 18 de janeiro, o bispo faz 70 anos e em fevereiro celebra o seu jubileu de prata episcopal.

Toda a Diocese se une em orações e se alegra com seu bispo. Desejando que o Senhor o proteja, guarde e o conserve como pastor, irmão e guia de nossa Diocese e do povo da Baixada.



D. Adriano: 21 anos servindo a Baixada.

Posseiros de Babi pedem ajuda

As 32 famílias que, há cerca de dois anos ocuparam uma vasta extensão de terras, na localidade de Babi, estão na eminência de serem despejadas.

As terras ficam próximas da antiga linha de trem "Maria Fumaça", que ia de Belford Roxo à Xerém. Antes da ocupação essas terras serviam de lixeira. Aí os posseiros encontraram até restos de cadáveres humanos.

Ocupada a terra, apareceram logo os supostos proprietários. As famílias buscaram, então, auxílio de entidades que contribuíram com remédios, alimentos e material para construir as barracas. E os posseiso se revezavam na construção de barracas, da cozinha comunitária e no serviço de vigilância, impedindo assim que as barracas fossem destruídas.

Semanas atrás os posseiros foram comunicados que a Ação de Despejo estava prestes a ser executada. Desde então, o clima no Mutirão rural de Babi é de apreensão. Tudo o que foi plantado está em ponto de colheita: mandioca, milho, banana, quiabo, feijão... Além disso, existem as casas, construídas com material fabricado pelo próprio movimento.

Os posseiros pediram ajuda à Diocese, através da Comissão Diocesana de Justiça e Paz. Procuraram auxílio do Estado na Secretaria de Assuntos Fundiários. E agora buscam o apoio e a solidariedade, de todos os que compreendem como é importante possuir um pedacinho de chão para morar e para plantar.

Como Alexandre e Chicó — que se dizem donos das terras —, se mostram dispostos a dialogar, é possível que se encontre uma solução que beneficie os companheiros de Babi.



Natal do Povo

Natal do Povo de Deus:
- da *criança abandonada* que na esperança da acolhida estende a mão.
- do *homem trabalhador* que luta para ganhar o pão.
- da *mulher* de todas as classes que esperam por igualdade.
- do *preto* que, por causa da cor, é sempre marginalizado.
- do *índio* sem terra para plantar, sem saúde e sem lar.
- do *mendigo* esquecido, que todos passam sem olhar.
- da *Reforma Agrária* que todos esperam e precisam acreditar.
- de todos os que morreram, por causa da verdade.
- daqueles que se doam para o povo evangelizar.
- Enfim, Natal para todo o Povo de Deus, que no sofrimento aprendeu a amar.

(Maria da Conceição M. Pereira — Paróquia de Santa Maria — N. Iguaçu)

Ocupações de terra e justiça social

PALAVRA DO BISPO — Adriano, Bispo Diocesano

Em nossa Diocese, em nosso Estado do Rio de Janeiro, em todo o Brasil têm acontecido inúmeros casos de ocupações ou invasões de terras abandonadas, tanto do Governo como de particulares.

Por que acontecem as ocupações?

O motivo mais profundo é a insegurança social, é a crise econômica, e a recessão que tomou conta do Brasil nos últimos tempos. O Povo humilde dos assalariados, que recebem de um a dois salários-mínimos, vê-se obrigado a fazer funcionar seus humildes e pacíficos instrumentos de defesa.

Que instrumentos são estes?

Muitos operários fazem bistates em sábados e domingos, assumem horas-extras, vendem as férias. Em muitas famílias de operários as mulheres assumem também toda espécie de trabalho, para fortificarem o orçamento familiar. E não são raros os casos de colocarem também os filhos, em tenra idade, a fazer toda espécie de trabalhos.

Esses instrumentos não bastam para enfrentar os constantes aumentos de aluguel, de gêneros alimentícios, de serviços públicos, de escola, de remédios, de roupas. Os aumentos salariais são sempre inferiores à taxa oficial de inflação, uma taxa média que não corresponde à realidade concreta do trabalhador assalariado. Daí por que, na fantasia criadora do pobre, ele procura descobrir outros instrumentos de compensação e de defesa.

Em nossa região muitíssimos operários vieram das zonas agrícolad do país: do Norte fluminense, do Espírito Santo, de Minas Gerais e, sobretudo, do Nordeste. Vieram tentar a sorte. Vieram atraídos pelas condições mais humanas de vida, que nunca encontraram no atraso feudal das regiões agrícolas. Como se trata, geralmente, de operários sem qualificação profissional, a maioria acaba na construção civil. Acontece a recessão, ao sabor das medidas improvisadas do Governo que nunca sabe muito bem o que quer: esses operários são jogados na rua da amargura. Moram nos bairros da periferia, do Grande Rio. E aqui vêem com olhos gulosos as muitas terras abandonadas, antigas fazendas de café ou laranjais, hoje entregues ao mato ou a algumas cabeças de gado. Terras que, sem cultura, causam enorme prejuízo à economia nacional. Que surpresa ver com os olhos gulosos de terra boa, e com o coração oprimido pela miséria crescente se acendem de desejos: ocupar a terra abandonada, seja de quem for, e pelo trabalho produtivo levar a fartura aonda só existia a carência?

O Povo humilde que ocupa áreas abandonadas, quer trabalhar. Quer, pelo trabalho, sobreviver dignamente. Quer, pelo tamanho das terras abandonadas, fomentar a produção de gêneros alimentícios para si e para os outros. Quer, pelo casamento da semente com a terra, contribuir para o progresso do Brasil.

Contra estes irmãos nossos, homens e mulheres que ocupam terras abandonadas sem pesar nada ao Estado, justamente porque não querem pesar sobre a sociedade, cai, esmagador, o pedo da propriedade privada, mal entendida, acionado pela Justiça antiquada, pela polícia acionada pela Justiça dos homens, e pelos jagunços alugados ou forçados pelos grandes proprietários. Contra o irmão pequeno, com o qual se identifica Jesus Cristo (basta reler o capítulo 25 do Evangelho de S. Mateus), se aliam violentas e solidárias as elites do poder: Justiça, Polícia, proprietários, empresários, grandes jornais e revistas, televisão e rádio.

Se visitarmos uma dessas ocupações, logo no início, veremos no rosto sofrido destes irmãos e irmãs nossos, filhos do mesmo Pai, mas cidadãos de segunda ou terceira classe a alegria dos puros e a esperança dos profetas. Por que não ajudá-los na procura de uma solução justa e cristã? Humana e social?

EXPEDIENTE

Caminhando

Uma publicação da Diocese de Nova Iguaçu — R. Capitão Chaves, 60 - CEP 26.220 — Nova Iguaçu — RJ

Coordenador de Pastoral: Pe. RENATO STORMACQ

Equipe de Redação:

Jorge L. Soares e Ademir Peçanha

Composto e Impresso nas oficinas da Gráfica e Editora Jornal de Hoje Ltda.

Miguel Couto acolhe menores de rua

Igual à maioria das paróquias de nossa Diocese, a Paróquia de Miguel Couto se localiza em área de profundo abandono e pobreza.

Entre as muitas crianças que lhe batiam à porta pedindo alimento, algumas se tornaram freguesas assíduas do almoço na Creche Comunitária.

Veio a inquietação e a pergunta: *O que fazer por essas e outras crianças que ficam na rua catando papéis, latas, ferro-velho, pedindo esmolas e até roubando?*

Faltava uma pessoa que quisesse reunir essas crianças, que apareciam para almoçar e, com elas, tentasse algo mais do que saciar-lhe a fome. Apareceu Rosângela, muito jovem ainda, mas disposta a organizar a turma.

PARTILHANDO OS DONS E OS BENS

No começo eram apenas 3 ou 4 crianças. Após uma acolhida e um tempo de diálogo para entrosamento, participavam do almoço. Em seguida eram encaminhados para a escola. Outra tarefa era a de organizar o trabalho e o lazer.

A turma foi aumentando. Agora são 16 menores, com idade entre 10 e 14 anos. Oito deles participam diariamente. Os outros ainda estão num processo de vai-e-vem.

Às 8 horas da manhã começam as atividades. Após os primeiros cumprimentos, ajudam a varrer o quintal da creche. Tomam café e fazem, *juntos*, o programa do dia.

E lá vão eles, ganhando a rua, vendendo picolé e balas. Outros vão para a horta e, algumas vezes, catar latas e ferro-velho para vender.

O produto do trabalho de cada um é entregue à Rosângela, que, no final da semana, reparte entre todos.

Após os trabalhos, tomam banho e almoçam. Brincam um pouco e vão para a escola. À noite voltam para jantar e se despedir.

VIDA SOFRIDA, MAS CHEIA DE ESPERANÇAS

À noite e nos fins-de-semana, estes menores de rua ficam com a família. Para muitos deles, a mãe e os irmãos são as pessoas mais importantes. É para ajudar a mãe e os irmãos, que eles trabalham. Mas mostram-se profundamente revoltados contra o pai. Alguns chegam a chamar o pai de "vagabundo".

Os menores de rua de Miguel Couto, como tantas outras crianças, têm sonhos. O primeiro desejo de todos é ter uma casa bonita e uma profissão. Alguns até dizem que profissão querem ter: motorista, cobrador, carpinteiro, cantor...

Segundo Irmã Maria, as estruturas para este serviço, por enquanto, são quase nenhuma. Disse-nos ela: "*Estamos tentando ajuda de todos quanto sentirem que o trabalho com menores é alguma coisa que vale a pena, para o Brasil e para o mundo*". E concluiu: "*Sabemos que D. Adriano estava pensando num Centro Profissionalizante para Menores.*



UDR decreta: Morte a Padres e Bispos

A União Democrática Ruralista (UDR), formada por grandes fazendeiros, com dois anos de existência, já se espalhou por 19 Estados brasileiros. São 132 regionais e 150 mil sócios.

Equipada com três aviões, a UDR está percorrendo o Brasil, convencendo os pequenos proprietários de que a Reforma Agrária trará prejuízo para eles. E os convoca a se associarem à entidade.

A UDR tem também seus representantes na Constituinte. São deputados e senadores, filiados ou simpatizantes das idéias desses latifundiários. Estes constituintes estão lá para garantir o direito de propriedade e impedir a Reforma Agrária. Segundo o fazendeiro Ronaldo Caiado, presidente da UDR, "Governo Democrático é aquele que faz o que '*nós*' queremos e até impomos, e não o que nos quer ditar normas".

Além da guerra organizada contra a Reforma Agrária, a UDR decretou guerra contra a Igreja. Uma nova tática foi pedir que as mulheres interrompam a missa e conteste o padre, toda vez em que se falar sobre problemas de terra na Igreja.

Por ordem da UDR há 45 padres e 12 bispos marcados para morrer, com nomes e endereços. No Estado de Goiás, pistoleiros já têm até tabela de preços: A vida de um sindicalista vale apenas 50 mil. Advogado ou freira militantes morrem por 100 mil. E um padre, quando aparece alguém que se arrisca a matá-lo, morre por 300 mil. Um lavrador ou pessoa sem prestígio social, religioso ou político, é morta até por mil cruzados.

A UDR realiza leilões milionários, com o objetivo de angariar fundos para suas matanças e impedir a Reforma Agrária.

E se não bastasse há uma campanha, organizada por militares, contra as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) e o que é pior, apoiada por certos bispos e padres.

Catedral superlota na festa dos Reis Negros

Ó, que coisa bonita/ Ó que coisa bonita/ acolher negro-irmão, sem discriminação/ Ó, que coisa bonita.

Nada melhor que uma estrofe desse canto, que foi o inicial, para expressar a alegria e beleza que foi a ordenação sacerdotal de AILTON IZAÍAS DA SILVA, negro, 33 anos, e pertencente a Congregação dos Missionários do Sagrado Coração. O acontecimento realizado na Catedral de Santo Antônio, Nova Iguaçu, no dia 20 de novembro — Dia Nacional da Consciência Negra — atraiu cerca de duas mil pessoas que se emocionaram com o desenrolar da festa que teve vários destaques: dezenas de grupos de cultura afro-brasileiras, padres de várias regiões do país, o Bispo Diocesano Dom Adriano Hipólito e o Bispo Ordenante Dom José Maria Pires, antes conhecido por "Dom Pelé" e agora carinhosamente apelidado "Dom Zumbi", numa alusão ao fato de dedicar sua vida à luta dos negros, como ele.

Desde o início se percebia que esta ordenação, geralmente uma coisa cheia de formalidades, seria diferente. À medida em que se desenvolvia a celebração o povo ia se contagiando com o ritmo, a alegria, o calor humano que se irradiava pelos ares gerando um clima de verdadeira KIZOMBA, palavra africana que significa confraternização.

"DEUS OUVE O CLAMOR DE SEU POVO"

Obertal Xavier, seminarista e membro do Grupo de Agentes de Pastoral Negros da Baixada, afirmou que "ganhar um padre é motivo de festa para a Igreja; ganhar um padre negro é motivo de festa duas vezes, para uma Igreja que quer e precisa tanto assumir o clamor do povo negro". Com relação as dificuldades que o Movimento Negro vem enfrentando na Arquidiocese do RJ — onde inclusive não se adotará o lema oficial da Campanha da Fraternidade-88, que abordará a questão do negro — Obertal respondeu: — "A ordenação de Ailton, no Dia de Zumbi, e com a presença de Dom José Maria Pires, não representa um ato de desagravo, mas estamos com isso dando uma lição na Arquidiocese do Rio de como se viver um clima de fraternidade, de partilha, com todos, vivendo a dimensão da fé como irmãos".

Na homilia, Dom Zumbi lembrou que "para o negro, ontem era a escravidão, hoje é a discriminação. O preconceito, que não é uma coisa provocada pelo negro, está entranhado na sociedade em que vivemos, voltada para o lucro e o prazer. Uma situação iníqua, presente também na Igreja. Na verdade, a escravidão não foi abolida em 1888. Ela persiste ainda hoje. Ou não são escravos os que sobrevivem com um salário-mínimo?"

Finalizando, o Arcebispo da Paraíba fez vibrar toda a assistência quando afirmou: — "Deus ouve sempre o clamor de seu povo. No passado, escolheu Moisés para livrar os Hebreus da escravidão do Egito. Hoje, ouvindo o clamor do povo negro, Deus escolheu Ailton, para lutar pela libertação de seu povo".

FRATERNIDADE QUE SUPERA INJUSTIÇAS

"Tá caindo fulô/ Tá caindo fulô/ lá no céu, cá na terra/ ê, tá caindo fulô/... Cantava a multidão, no ritmo forte dos atabaques, enquanto o novo padre, dançando, era cumprimentado pelos colegas mais antigos. Muitos destes não resistiam e, embora um tanto desajeitados, ensaiavam uns passinhos, o que levava a multidão ao delírio. No final da celebração, de forma apoteótica, Ailton recebeu emocionado a maior ovação de sua vida, com as duas mil pessoas gritando freneticamente Ailton, Ailton...

Na recepção que se seguiu os comentários eram unânimes: a Igreja de um modo geral e, a de Nova Iguaçu particularmente, nunca mais será a mesma após esta festa. Além de ganhar mais um padre, ela recuperou a alegria da vida no canto e na ginga do povo negro. O Deus da libertação mostrou que a fraternidade supera as injustiças e que, como irmãos, estamos na mesma luta: a construção de seu Reino, a partir do amor ao próximo e da igualdade.



QUEM GOVERNA ESTE PAÍS

A Reunião Mensal de Pastoral, na 1ª terça-feira de novembro, no Centro de Formação, contou com a participação de Jorge Luiz Carrera, do Centro de Ação Comunitária (CEDAC). Na ocasião o jovem historiador, apresentou uma síntese da Conjuntura Brasileira, que repartimos com os leitores de "CAMINHANDO".

* O Brasil é a 8ª economia do mundo e o 3º exportador de armas. Mas não consegue resolver seus problemas por causa da Dívida Externa.

* O Governo que aí está não é de ninguém: Não é do povo, porque nasceu de acordo político com empresários, militares e latifundiários. E nem é de Partido nenhum.

* A Constituinte é conservadora. Mas a Comissão de Sistematização conseguiu alguns avanços na área social. Há grupos tentando derrubar no Plenário as conquistas feitas. Estão querendo invalidar todo o trabalho já realizado com novo substitutivo frito por políticos de centro.

* A questão do Parlamentarismo é, na verdade, uma luta por poder. A mudança no regime de Governo não visa o bem do povo. É fruto da ambição política.

* O Povo, por sua vez está se organizando: os Movimentos Populares, muito mais que os sindicatos.

* Os sindicalistas não conseguem reunir os trabalhadores, justamente num momento em que a situação da classe trabalhadora é uma das piores da história.

* O Movimento Popular, que antes só sabia denunciar, agora faz propostas: reivindica, exige, apresenta solução e até gerencia os projetos.

* Uma grande massa popular ainda está fora desse processo de união e organização popular. Só as chamadas "*igrejas eletrônicas*" já têm 10 milhões de seguidores, Financiadas com dinheiro americano, usam o nome de Deus para manter o povo na opressão.

* Mas há os que tentam bloquear a participação popular. Quando o ex-Presidente Figueiredo lança nota sobre o atual Governo, não está criticando Sarney. Está criticando e zombando da sociedade civil. Está dizendo que os militares são mais capazes de governar o Brasil, do que os civis. Procura, assim, fazer a população se descreditar em si mesma.

Uma Igreja dividida ou unida na diferença?

"Há diversidade de dons e mistérios, diversos modos de agir, mas é o mesmo Deus que realiza tudo em todos" (1Cor 12,4-6)

Cada Diocese tem sua linha pastoral, que não é a única opção possível. É necessária uma liberdade criativa, mas é preciso também, um mínimo de unidade.

Diante de algumas tendências, pronunciamentos e ações eclesiais, se pergunta: ***A Igreja está dividida, ou unida na diversidade?***

• Num momento em que as Associações de Moradores, membros de Comunidades e até comerciantes, se unem contra os desmandos da Prefeitura de Nova Iguaçu, uma paróquia destaca no programa da festa de sua Padroeira, uma homenagem especial ao Prefeito Paulo Leone. Será que o ***Deus Libertador*** se tornou cúmplice dos opressores do povo? Nossa Senhora que anunciou: o Senhor ***"derruba os tronos, os poderosos e eleva os humildes"***, agora deu de abençoar quem maltrata seus filhos?

• Em várias paróquias há grupos "carismáticos". Eles reconhecem que há, na vida do povo, problemas de doença, de fome, de drogas. Mas separam Fé e Vida. Frustram as esperanças. Ignoram as raízes sócio-político-econômicas dos problemas. Apelam para milagres, expulsão de demônios e curas maravilhosas. Juntam-se a eles os que apelam para "aparições" de Nossa Senhora, que só aparece em países ricos. Mas, será que Nossa Senhora está querendo mandar recados aos seus filhos empobrecidos, através dos poderosos, causadores da fome do Povo?

• A Arquidiocese do Rio de Janeiro faz sua Campanha da Fraternidade de 1988 diferente da Conferência dos Bispos (CNBB) e das outras dioceses brasileiras. A Arquidiocese do Rio considera que "o material distribuído pela CNBB, acirra o racismo". O Rio conservou o tema "a Fraternidade e o Negro". Mas em vez do lema "OUVI O CLAMOR DESTE POVO", terá por lema "Várias raças, um só Povo". A Arquidiocese terá texto-base, Via-Sacra, cartaz, filme para TV, adesivos e camisetas próprios.

Seria tudo isto uma divisão na Igreja? Ou seria "manifestação variada do Espírito em vista do bem comum" (1Cor 12,7)?

A diversidade de ações não nos pode afastar da unidade nem de princípios fundamentais, que movem a vida da Igreja. Somos Povo de Deus. Fizemos uma opção pelos pobres. E, professamos a fé no Deus Libertador e Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, nosso salvador e nossa salvação.

Nossa atuação pastoral — mesmo quando faz anúncio e denúncia no campo social — não se baseia em ideologias. É a Fé quem orienta a nossa ação. E aí já não é possível divisão. O que transmitimos é o que recebemos do Senhor.



Um olhar sobre a Baixada

MORRO AGUDO, O MUTIRÃO CAÇULA

Frei Luís Thomaz

De uns anos para cá, vêm acontecendo coisas. Parece que se esvazia o balão da sacralidade da propriedade privada. No Brasil todo, multiplicam-se, aceleradamente, os casos de ocupações rurais e urbanas. Freqüentemente motivadas pela fé no mesmo Deus, usado antes para justificar a situação dos destituídos. Entra em recesso a pregação de céu e inferno e, em seu lugar, entra a de Egito e Terra Prometida; opressão e libertação; indignidade inafiançável em história pessoal que não se repete ou cidadania plena, neste único mundo e nesta única vida que Deus nos deu como sendo dela a geografia única.

Em Nova Iguaçu, sucede mais um mutirão para ocupação de terras para morar, este agora em Morro Agudo. Na proximidade dos mutirões de Jardim Iguaçu e Metropolitano, ambos vitoriosos e estabelecidos. Visitando o mutirão caçula, na manhã do terceiro dia, alguém lembrou do Egito, na véspera da partida; ou de Israel, no dia da chegada: as formiguinhas do povão de Deus enfiando estacas no meio do capinzal, sem ligar para ameaças, os olhos brilhando na determinação de ter conquistado a chance de realizar o direito fundamental de possuir casa para a família. Debaixo dos plásticos, a alegria de estar morando, finalmente, no que é seu.

Parece tão pouco, mas quanta luta até a vitória! É quase nada, mas quantos passos foram dados para chegar até ali. Aparentemente insignificante, mas portador de insuspeitadas mudanças. É muito mais do que mudança de endereço. No processo, escondem-se largos passos de aproximação ao Brasil diferente; ao povo brasileiro menos desrespeitado; ao mundo novo ou, se quiser, ao Reino de Deus. Se quiser mais ainda, aproximação à propriedade como direito e necessidade de todos; moradia e segurança ajudando a realizar as famílias, e não algumas famílias. A propriedade, de fato, é sagrada, por isso precisamos lutar para que todos tenham acesso a ela.

Reafirmo: nestes mutirões populares de ocupação, estão acontecendo coisas muito importantes. A limitação do espaço obriga a apenas fazermos enumeração, que pode ser posteriormente explicitada. O povão, em suas organizações muitas vezes rudimentares, está atropelando a legalidade burguesa cartorial. A legalidade não é mais buscada em pedaços de papel, mas no direito de todos. Os mutirões de Nova Iguaçu simplesmente avacalham os separatismos humanos em nome das igrejas. Esvaziam as pretensiosas ortodoxias particulares, destituindo-as da condição de critério para afirmar o que é verdade e o que não é.

Calendário Pastoral

DEZEMBRO DE 1987

01 (terça) — 09 horas — Reunião Mensal da Pastoral — CENFOR
— 15 horas — Comissão de Vocações, Missões e Ministérios — CEPAL
03 (quinta) — 19:30 h — Comissão de Catequese — CATEDRAL
04 (sexta) — 15 horas — Equipe Diocesana de Clube de Mães — CEPAL
05 (sábado) — 07:30 h — Comissão da Família — CATEDRAL
— 08 horas — Equipe Diocesana de Crisma — CEPAL
— 09 horas — Equipe de Comunicação — CEPAL
— Comissão de Justiça e Paz — CENFOR
— 15 horas — Comissão de Juventude — CEPAL
— Comissão de Círculos Bíblicos — CEPAL
06 (domingo) — 14:30 h — Região Pastoral 3
08 (terça) — Feriado na Cúria Diocesana
11 (sexta) — 19:30 h — Região Pastoral 1 — CATEDRAL
15 (terça) — 09 horas — Reunião do Clero — CASA DE ORAÇÃO
— 19:30 h — Região Pastoral 1 — NILÓPOLIS-Conceição
17 (quinta) — 09 horas — Conselho Pastoral — CEPAL
18 (sexta) — 19:30 h — Região Pastoral 7
19 (sábado) — 08 horas — Assembléia das Comissões — SEMINÁRIO
22 (terça) — 09 horas — Conselho Presbiteral — CEPAL
— 19:30 h — Região Pastoral 6 — CABUÇU
25 (sexta) — NATAL

HOMENAGEANDO NOSSO BISPO

Os funcionários do Centro Diocesano de Pastoral (CEPAL), na comemoração dos 21 anos da chegada de D. Adriano à Diocese, ofereceram a ele, como presente, uma *estola*. Mas, aproveitando a homenagem, fizeram também uma pequena brincadeira. Entregaram-lhe uma *pistola* de brinquedo e uns versinhos, que explicavam a razão do presente:

Fui à loja pra comprar
Uma *estola* pra você.
Quando disse: — É pró bispo!
Uma *pistola* me fizeram trazer.
Do poder sacerdotal
O símbolo é a *estola*.
Mas na violenta Baixada,
Tu precisas de *pistola*.
Se o poder na Baixada sofrida
se mostra com a *pistola*.
Tu, com a tua *estola*
Mostras o quanto essa gente é querida.
Pistola rima com *estola*
Isto é fácil perceber.
Mas, se a *pistola* mata os homens,
tua *estola* os faz viver.
Todo teu "poderio" se abriga,
sabemos, é na *estola!*
Com 21 anos de Baixada
Nós ti damos é a *pistola!*

Feliz e emocionado, D. Adriano agradeceu a homenagem. E para alívio de todos, guardou os versinhos, aceitou a *estola*. E a *pistola*... a pistola ele a devolveu.

COLUNA DO CARLITUS

* Nossos parabéns a Dom Adriano pelos 21 anos de Baixada. Nossa Diocese tem um bispo de maior idade, que ganhou seu último brinquedo de adolescente com festa e bolo em Tinguá. O programa foi apresentado pela nossa Hebe Camargo Lúcia Bertolini.

* Padre Germano tomou posse em Belford Roxo dia 25 de outubro último. As Comunidades de Solidão e Matriz não perderam tempo. Antes da posse (às 16 horas), ofereceram uma farta feijoada para testar se o novo padre era de ficar de olho vivo ou olho sonolento em sua primeira missa.

* Na Catedral, um grupo de senhoras caridosas chamava atenção do Pe. Agostinho: "Padre, a roupinha do Menino Jesus caiu nos braços de Santo Antônio..." E com muita classe o Pe. Agostinho então respondeu: "Deixem o menino NU! Deixem o menino NU! Ele não é um menor abandonado não!!!

* Pe. Fernando mais gordo. Santa Eugênia festejou seu aniversário e no dia seguinte, dia do recolhimento da Congregação, dedicou a sua oração matinal ao almoço, lanche e jantar festivos que a Comunidade lhe presenteou.

* SINO...DO Natal em Belford Roxo! A Comunidade de São Sebastião, em Belford Roxo, vai ressoar as 24 badaladas na noite do dia 24 ~~de~~ comemorando o Dia de Natal. Pe. Pedro, pode anotar em sua agenda mais esse compromisso sinodal.

* Apesar de tudo... a Escola de Samba da Mangueira aderiu à Campanha da Fraternidade no Rio. Eis o tema: "100 anos de Liberdade, Realidade ou Ilusão". Sintam um pouco da poesia do povo do Rio-Cidade Fraterna.

"...Pergunte ao Criador/ Quem pintou esta aquarela/ Livre do açoite da senzala/ Preso na miséria da favela. Sonhei... que Zumbi dos Palmares voltou./ A tristeza do Negro acabou/ Foi uma nova redenção, Senhor. Eis a luta do bem contra o mal/ Que tanto sangue derramou/ Contra o preconceito racial..."

* Parabéns ao nosso irmão e diácono Ailton, que assumiu, no dia 20 passado, Dia de Zumbi, às 20 horas, o seu sacerdócio em nossa Catedral. Dom José Maria Pires (Bispo de João Pessoa foi o Ordenante com o nosso Povo de Deus).

Até logo...

SAIU NOS JORNAIS

Inflação deste ano será a maior da história para o Dieese:400%

BRASÍLIA - O programa de estabilização econômica brasileiro, em vigor há 20 meses, não deu certo. A conculsão é do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos (Dieese), que prevê para o ano de 1987 a maior taxa anual de inflação da história do país: 400%.

Até o mês de outubro, a taxa acumulada do índice do Custo de Vida do Dieese alcançou v295,24% para a faixa de 1 a 30 salários mínimos. O índice oficial de inflação também poderá ultrapassar os 350% este ano se a inflação acumulada em novembro e dezembro for superior a 24,5%.

Em estudo distribuído ontem, o Dieese compara os programas clássicos do Fundo Monetário Internacional, adotados no Brasil durante o regime militar, e o plano de choque heterodoxo, introduzidos com o cruzado. Em 1983 e 1984, a política do fundo resultou em uma inflação oficial de 887,07%. Em 1986 e nos dez primeiros meses de 1987, a taxa de inflação acumulada é de 600,91%. "As políticas antiinflacionárias promovidas pelos planos cruzados, como as do FMI, não foram capazes de promover a manutenção da taxa de inflação em patamares baixos, e nos últimos 20 meses a taxa de inflação acumulada já se encontra próxima do valor registrado no periodo imediatamente anterior", constata o estudo.

Segundo o Dieese, o crescimento da inflação comprova o fracasso da aplicação de medidas de redução do salário real como instrumento de combate à elevação do custo de vida. A estimativa do órgão é de que, de março de 1986 a 31 de outubro deste ano, os trabalhadores tenham perdido 49,88% de seu poder aquisitivo. A proposta dos sindicatos, conforme afirma o documento, é a adoção de medidas que garantam a recuperação dos salários reais para promover o desenvolvimento econômico e, ao mesmo tempo, o ataque a problemas como a dívida externa e interna, "formas de apropriação exorbitante de renda"

(T. da Imprensa 12.11.87)

Fome nos EUA atinge operários

BOSTON — A fome está se tornando um fenômeno freqüente entre um número cada vez maior de trabalhadores americanos, adverte um estudo preparado por 23 pesquisadores e médicos da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de Harvard. "É cada vez mais significativo o número de trabalhadores que já foram produtivos e que agora estão recebendo alimentos gratuitamente", diz o relatório.

Intitulado de *A Fome Alcança a Classe Operária dos Estados Unidos: uma Recuperação Desiquilibrada da Economia de Serviços*, o relatório de 65 páginas analisa uma grande variedade de dados sobre empregos e salários e faz uma comparação com o desenvolvimento dos programas de alimentação de emergência nos estados do Texas, Louisiana, Ohio, Iowa, Pensilvânia, Califórnia, Minnesota e Virgínia.

Pobreza — "Essa é uma análise dos Estados Unidos de hoje: podemos observar um lado brilhante, rico e florescente e outro que sequer aparece nos gráficos econômicos. Um país onde muitas pessoas trabalharam arduamente e agora estão famintas", explica o relatório, que atribui tal tendência ao fracasso da política econômica do presidente Ronald Reagan em reduzir os impostos. Segundo análise dos especialistas, as pessoas com mais recursos puderam aumentar seus investimentos, mas as vantagens decorrentes desta madida não atingem as faixas socias de menores rendas.

Calcula-se que cerca de 20 milhões de americanos enfrentam problemas de sobrevivência. "Dos 13 milhões de novos empregos criados nos últimos 10 anos, 8 milhões 200 mil são de pagamento inferior a 7 mil dólares por ano e o nível de pobreza estabelecido pelo governo para uma família com dois filhos é de 9 mil 69 dólares, salienta o responsável pela pesquisa, Larry Brown. (JB 7.11.87)

Trabalhador conquista direitos que assustam político conservador

Maria Inês Nassif

"Que fará um trabalhador braçal durante 15 dias de férias? O lar não pode prendê-lo e ele procurará matar as suas longas horas de inação nas ruas. A rua provoca com freqüência o desabrochar de vícios latentes e não vamos insistir nos perigos que ela representa para o trabalhador inativo, inculto, presa fácil dos instintos subalternos que sempre dormem na alma humana, mas que o trabalho jamais desperta".

O trecho é de um memorial lançado pela Fiesp em 1925, no qual a associação do empresariado paulista condenava a concessão de férias de 15 dias aos trabalhadores. É a arma que o deputado Nelton Friedrich (PR), do grupo *progressista* do PMDB, sempre saca de sua pasta para calar os conservadores, quando advertem que os avanços permitidos pela Comissão de Sistematização na área trabalhista vão desorganizar o sistema produtivo. "Na abolição da escravatura, a classe dominante dizia que o pobre do escravo iria morrer de fome. Contra o 13º salário diziam que a economia não ia agüentar — e foi normalmente absorvido", recordou.

Capitalista moderno — Para o deputado Alceni Guerra (PFL-PR), todavia, a fórmula aprovada foi justamente o meio-termo entre a total falta de garantia do emprego existente hoje e a estabilidade absoluta. "Ela vai impedir, por exemplo, que o erro de um gerente de *marketing* de uma indústria automobilística recaia sobre trabalhadores que têm famílias para sustentar". Dono de uma empresa urbana e outra rural, Guerra, partidário do que chama "capitalismo moderno", não tem dúvida de que a economia assimilará rapidamente as inovações introduzidas na Constituição. "A hora extra em dobro levará os patrões a criarem outros turnos e a igualdade de direitos entre trabalhadores rurais e urbanos obrigará a propriedade rural a se modernizar. Eu, por exemplo, trato de forma igual os meus empregados no campo e na cidade — e não levo prejuízo algum", afirmou.

Para Alceni, a jornada de 44 horas — segundo ele apenas o reconhecimento de uma conquista obtida pela maioria das categorias profissionais em acordos coletivos —, aliada à hora extra em dobro, ajudará a criar 1,8 milhão empregos que o país deve ter a mais, anualmente, para absorver a mão de obra que ingressa no mercado de trabalho."

Século XIX — "Em comparação ao que já existe na legislação trabalhista da Itália e dos Estados Unidos, o que a Comissão de Sistematização está fazendo é apenas tornar o Brasil contemporâneo do passado destas nações", ironizou o deputado Paulo Delgado, para quem os princípios acatados nesta etapa da Constituinte apenas "fizeram furor no início do século XIX". Delgado lastima, contudo, terem sido mantidos os princípios rigorosos de organização sindical, que datam da década de 30: "Agora não é mais possível acusar Mussolini ou Getúlio Vargas. A Constituinte de 1987 manteve a mesma estrutura fascista de organização sindical atrelada ao Estado." (JB 24.10.87)

Retrato do Brasil: uma mãe esquelética, num hospital no interior cearense disse:
"Tive 11 filhos,
mas Deus levou 9".
(T. da Imprensa 15.10.87)

Melhores momentos da Guerra do Paraguai—

Uma das atrações do "Wandergleyson Show" é um compacto com os melhores momentos da guerra do Paraguai, com cenas extraídas de um livro "para ler e colorir", publicado pela Biblioteca do Exército em 1964. Sob os acordes de música épica, a primeira imagem mostra uma reprodução do quadro de Pedro Américo sobre a independência do Brasil, que se funde com a de um pasto gaúcho. A música de fundo torna-se bucólica, ouvem-se trinados de pássaros, quatro ou cinco vacas entram em foco e a voz de um locutor estilo Alberto Curi inicia a narração:

"1848. O Cone Sul passa por um momento de grande tensão geo-política".

Tomada geral, tempo nublado, dois pequenos canhões, um virado de frente para o outro. Em volta, alguns soldados fazem guerra de travesseiros. Ruído de explosão, gritos de dor.

Narrador: "O Brasil é obrigado a auxiliar nossos irmãos paraguaios a se libertarem do jugo do insaciável ditador Solano López. E assim foi deflagrado o conflito que ficou conhecido cmo a Guerra do Paraguai".

Entre uma cena e outra, combatentes recebem uma torta na cara.

Narrador: "O Brasil dispunha então de um vasto poderio bélico e pôde testar contra o exército inimigo terríveis armas biológicas".

Depois de olhar por uma luneta, um oficial vira-se para trás e grita: "Tragam os canhões"!

De trás de uma colina surge uma fileira de mulheres horríveis, que avançam em direção aos paraguaios, de braços estendidos, aos gritos de "vem cá, meu bem", "Vamos fazer uma coisa gostosa", "siri na toca" etc.

No meio da batalha, um senhor vestido de Caxias está sentado numa escrivaninha cheia de papéis e carimbos, trabalhando compenetradamente.

Narrador: "As tropas brasileiras eram comandadas pelo grande Caxias".

Grupo de pessoas, com paletós sobre os ombros, como que saindo de um escritório, no final do expediente. Um deles bate no ombro de Caxias.

Funcionário: "Grande Caxias!"

Caxias: "Tamos aí na batalha..."

Secretária (insinuante): "Vamos tomar um chopinho, seu Caxias?"

Caxias: "Não dá. Eu tô por aqui de trabalho..."

Todos: "Esse cara é muito CAXIAS".

Numa clareira, tropas paraguaias perfiladas, sob o comando de um general vestido de malha preta com os dizeres "Vamos ao teatro".

Narrador: "Mas o exército paraguaio estava bem preparado e havia contratado um general de vanguarda para dirigir o teatro de operações".

O general explica como os soldados devem atuar: "Você tá muito preso, Gimenez. Tem que se soltar mais. E você, Ramon, você não entrou no personagem. Trabalha mais, tá"

A outro soldado com uma lança trespassada na barriga o general recomenda: "Você, então, tá um horror. Você tem que trabalhar mais o corpo. A guerra é uma coisa visceral. Você tem que sentir lá dentro, entende?"

O grupo de soldados segue as instruções como se fosse uma aula de expressão corporal.

General: "Agora vamos fazer um exercício. Todo mundo relaxando. Vamos fazer de conta que vocês são flores no alto da colina. Vocês estão desabrochando, crescendo, abrindo suas pétalas. Agora começou a bater uma brisa. Isso, assim, sinta o vento, essa coisa roçando o seu caule".

Um soldado: "Uuuuuuuu"!

Narrador: "E foi neste momento que as tropas brasileiras se aproveitaram da situação e fizeram mal ao exército paraguaio".

Corte para cena de despedida em estação de trem. Soldados paraguaios grávidos se despedem do trem chorando e agitando lenços. Música grandiosa. Vozes gritam "adiós", "se fuera hombre se llamará Roberto Carlos", "Caramba". Corte para um general de pijama, deitado na cama, com lágrimas nos olhos. Sua mulher aparece na porta com uma bandeja na mão, e diz: "Avelar, o médico já disse que você não pode assistir a essas coisas". (T. da Imprensa 23.10.87)

SAIU NOS JORNAIS

Criança, a caminho da morte

O que existe, na verdade, é embuste para cobrir a tragédia da mortalidade infantil em nosso país que, dia a dia, cresce de maneira assustadora. Ninguém precisa ir ao Nordeste para ver a miséria.

Edmar Morel

Criança-esperança! O certo seria, criança a caminho da morte.

Mesmo que os resultados da campanha, sob os auspícios da Unicef, tenha relativo sucesso, representa uma gota d'água no oceano. A propalada assistência da Unesco aos povos subnutridos aparece como uma imensa obra social dos norte-americanos, quando, na verdade, os próprios brasileiros pagam os alimentos que recebem, inclusive, o leite do FISI. O Brasil, em certa época, por não ter pago a cota de milhões de cruzeiros, foi ameaçado de ter suspensa a remessa do produto essencial à saúde da criança.

Tudo conspira contra a indefesa criança brasileira, o futuro da pátria...

As estatísticas apontam a fome como a principal causa da mortalidade infantil. Que pode um trabalhador, que ganha o miserável salário-mínimo de 2.600 cruzados, comprar de gêneros alimentícios para sua prole? Só o transporte leva 22%. O INPS fica com 8 1/2%. No campo assistencial à infância tudo serve para desonestidade. O leite enviado pelos Estados Unidos, pago através do FISI, é acompanhado de um comprimido de vitamina, que a maioria dos postos distribuidores no sertão vende à parte.

O médico Oscar Meira, do Pará, denunciou que várias crianças flageladas adquiriram a cegueira em virtude do consumo do leite sem o comprimido de vitamina.

Em plena campanha Criança-Esperança, o pediatra Jamal Wehba, da Escola Paulista de Medicina, durante o XXV Congresso Brasileiro de Pediatria, realizado em São Paulo, revelou que de 10 a 15 milhões de crianças morrem antes de atingir 5 anos de vida, sendo que 50% das mortes são causadas por diarréia, doença provocada por alimentos deteriorados e água sem nenhum tratamento. Os outros 50% são conseqüência da fome. São 5 milhões de crianças desnutridas.

A mortalidade infantil no Brasil cresce horizontalmente, enquanto o Brasil se orgulha de possuir obras faraônicas.

Não existe, na verdade, uma estatística que mostre exatamente o índice da mortalidade infantil em nosso país.

Fazendo uma cobertura jornalística no Norte, em 1964, durante uma seca, na cidade de Capistrano de Abreu, distante 120 quilômetros de Fortaleza, alarmado com os enterros de recém-nascidos, perguntei ao coveiro:

— Quantos anjinhos são enterrados por dia?

— De vinte para cima.

Nenhum sepultamento tinha o registro civil.

Na seca de 1964, senhoras da sociedade, sedentas de publicidade, organizaram um *show* para que cada família flagelada recebesse uma sacola com dez quilos de arroz, feijão, macarrão, leite e óleo, como se fosse possível estancar a fome com migalhas de alimentos. Lembrei-me de um diálogo que mantive em Iguatu num hospital, ao lado do médico Gouveia, com uma mãe esquelética:

— Quantos filhos?

— 11 e Deus levou nove.

Nenhuma campanha alcançará o objetivo de salvar a criança da morte certa se o mal não for atacado pela raiz. O bebê nasce sob os cuidados de uma parteira, de um modo geral, sem a mínima noção de higiene. Nasce e vive na sujeira. A mãe que não tem leite alimenta o bebê com pirão de mandioca. A água, quando tem, é tirada do riacho que é o escoadouro do esgoto.

A Unesco fixou em 3,3 quilos o peso ideal para o recém-nascido; entretanto, 90% das crianças nascidas nas regiões carentes não pesam dois quilos.

A miséria não reside só nos sertões. Em São Paulo, o coração da economia do país, 60% da população não têm rede de esgoto. No Rio o problema é maior e mais grave: 72% da população não têm esgoto e, nas favelas, com mais de 2 milhões de habitantes, falta o principal: a água.

Não mudou nada nesses últimos anos. A criança continua abandonada e morrendo de fome. Primeiro falta trabalho para o pai de família. Existem 5 milhões de desempregados. Falta tudo. Alimentos e postos médicos para atendimento e orientação às mães.

A demagogia oficial atinge as raias do cinismo, quando a TV anuncia que a mortalidade infantil está diminuindo graças ao plano social do governo. O que existe, na verdade, é embuste para cobrir a tragédia da mortalidade infantil em nosso país, que dia-a-dia, cresce de maneira assustadora. Ninguém precisa ir ao Nordeste para ver a miséria.

Na área interna da Associação Brasileira de Imprensa, no Centro do Rio, homens, mulheres e crianças comem o lixo do restaurante instalado no 11º andar. O episódio não é único. Quando as feiras-livres terminam, bandos de famintos arrastam tudo o que podem — frutas e legumes estragados — e ali comem o lixo. Os órgãos assistenciais da ONU, que recebem grossas parcelas de pagamento pelos alimentos "doados", pouco ou nada fazem pela infância que nasce para morrer, um problema que aflige o mundo.

Milhões de brasileiros passam fome, pois o salário-mínimo é de 2.600 cruzados e não permitindo que a criança tome leite, coma carne, frutas e legumes.

Um pediatra, salvo engano, Rinaldo De Lamare, bradou:

— A criança, no século XX, no Brasil, nasce para morrer.

(T. da Imprensa 15.10.87)

Impunidade de alto a baixo

"Para mim não dá mais". Foi exatamente com esta frase que o promotor Raphael Cesário começou o documento em que pediu desligamento da comissão encarregada pela Procuradoria de Justiça de apurar os crimes ligados à contravenção. E com estas mesmas palavras ele abre o prefácio escrito para **Ávestruz, Água e Cocaína**, do amigo Valério Meinel. A repetição procede. Os entraves que o trabalho da comissão encontrou pela frente, alguns deles inexplicáveis, fazem bem o clima do livro, em que a relação entre o crime e o bicho é mostrada às claras.

Também é por isso que o promotor Cesário é um dos debatedores, que, lado a lado com o ex-secretário Nilo Batista, com o jurista Virgílio Donnicci e o Capitão Sérgio Miranda, aquele do caso Para-Sar, vai discutir o tema "Crime e Impunidade", que ocorrerá paralelo ao lançamento do livro, no Centro Cultural Candido Mendes.

Na contravenção em si, se nos limitarmos apenas ao jogo do bicho, Raphael não vê problema nenhum. "Seria até o caso de legalizar um jogo que já faz parte das tradições populares. "E em sua ligação com o crime organizado, como pôde constatar nos mais de cem sequestros e homicídios levantados, pela comissão em que trabalhou, que a contravenção tem que ser duramente combatida, na opinião do promotor.

- O problema para mim é muito mais grave. A certeza de impunidade nos traz essa onda de violência a que assistimos quase impotentes. A ligação do bicho com a droga, por exemplo, é daquelas coisas que todo mundo sabe, mas de que não se tem provas concretas. Agora eu pergunto será que um Escadinha teria condições financeiras de trazer da Bolívia partidas de cocaína, financiar o refino em laboratórios daqui? De onde vem todo este dinheiro?.

Por outro lado, ele deplora a aqueles que conseguiram se dar bem, ganharam dinheiro, não importa como. Estes critérios, segundo Cesário, colocam o traficante no topo da lista, como figura até atraente às jovens de classe média que ultimamente vêm tomando conta do noticiário do jornal por seu envolvimento com bandidos. "E ainda por cima, têm aquela aura de enfrentar qualquer perigo, o que lhes dá um toque de romantismo".

Tudo isso, para Raphael Cesário, tem ainda relação estreita com a crescente desmoralização da sociedade brasileira.

- Acompanhamos tantos escândalos financeiros sem punição, em que, ao contrário, muitos responsáveis aparecem hoje como pessoas inteligentes e bem-sucedidas, que vivemos, como consequência, o modelo Gerson: gostamos de levar vantagem em tudo. Acho que precisa ser encontrada uma solução urgente para tudo isso.

(T. da Imprensa, 27.10.87)

Filho da classe média tem medo de sair sozinho

"As crianças estão com fobia de saírem sozinhas" — alerta o psicanalista João Batista Ferreira, diante de um fenômeno recente verificado nos consultórios: o medo de assaltos. Segundo o psicanalista, tais crianças tendem a se tornar adultos desiludidos, pouco ousados na política, nas artes e no trabalho. Do outro lado da guerra das ruas, os pivetes geralmente têm raiva dos *Mauricinhos*, como chamam os meninos da classe média. Eles gostam de camisetas da Company, tênis All Star e enfrentam os adversários com facas. (JB 7.11.87)

Nossos militares

Desci no aeroporto dos "Confins" pensando em Jakson de Figueiredo, que não era nenhum esquerdista, muito pelo contrário, talentoso líder da direita católica, que converteu Tristão de Athayde: — "Não há em nossa história figuras mais ridículas do que as dos nossos militares que se fazem políticos" (Políticos e militares") vocês devem estar se lembrando de Costa e Silva, Figueiredo. Infelizmente não foram só os dois, mas dezenas, centenas deles.

Ridículos e nefastos. Deram o golpe de 1964, tomaram o poder, fizeram o que quiseram do país em 20 anos e acabou nisso aí. A nação entalada numa terrível crise econômica, social, política e moral, da qual não conseguiu sair apesar de todas as esperanças, promessas e discursos da Nova República. Não se raspa em dois anos a lama acumulada de uma ditadura militar de duas décadas. Ainda há muito lodo para remover. (Tribuna da Imprensa 18.11.87) — S. Nery.

Diretor roubava combustíveis de penitenciárias

Lemuel Santos de Santana, exonerado da direção da Penitenciária Muniz Sodré há dois dias, e o diretor da Divisão de Transportes do Desipe, Eliel Dias Pires, foram denunciados na Justiça por roubo de combustível, assim como três agentes penitenciários e um motorista. Só em maio foram desviados 7 mil 725 litros de gasolina, 2 mil 614 de álcool e 563 de óleo diesel. Um ex-diretor do Desipe, Valneide Serrão Vieira, descobriu o roubo, que era feito com o uso do número de placas de carros desativados. (JB 29.10.87)

SAIU NOS JORNAIS

O povo vai estourar

Estamos navegando em águas turvas e não acredito, sinceramente, que a esta altura as autoridades ditas constituídas possam evitar o que já está acontecendo no Brasil. Estamos mergulhados em um plano diabolicamente arquitetado para levar o país a uma convulsão social de conseqüências imprevisíveis, ou calculadamente previstas.

O país entrará num período de profundas reivindicações política e sociais tão violentas, até certo ponto aceitáveis que não vai ser possível frear sem um grande desgaste nas lonas de freio já tão gastas dos responsáveis atuais de manter a ordem neste país. Tenho convicção absoluta do que afirmo, será apenas uma questão de tempo. É só esperar. *(Otacílio Vasconcelos Ribas — Rio de Janeiro.* (JB Cartas 11.11.87)

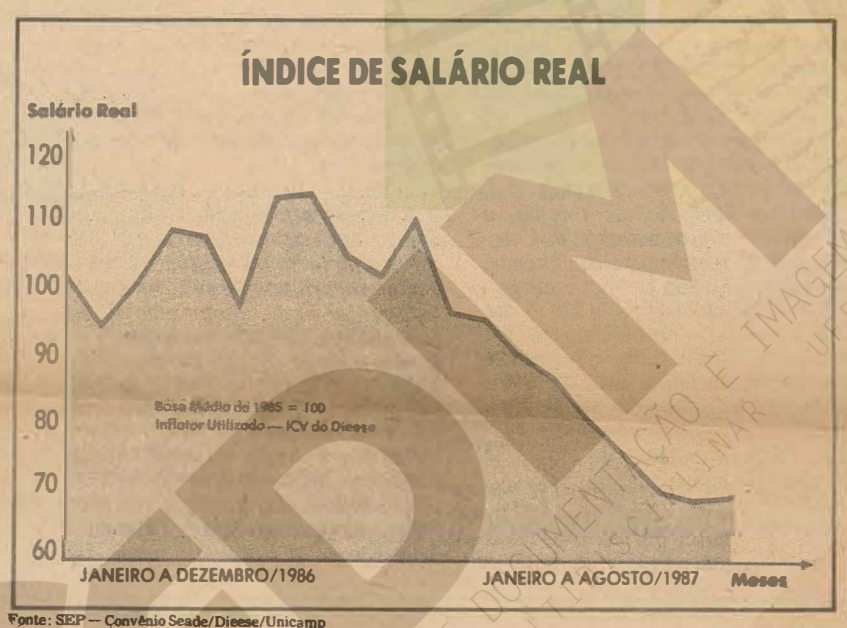
Collor diz que Sarney envergonha o país

Os governadores reagiram com firmeza à declaração do presidente José Sarney de que a partir de agora quem optar por cinco anos será considerado inimigo. O mais veemente foi o governador de Alagoas, Fernando Collor de Mello.

— O Brasil não pode ser tratado por uma pessoa que não tem estatura para dirigir o país. Segundo Collor de Mello, "é uma vergonha estar num país em que um presidente age assim". (T. da Imprensa 13.1187)

A culpa não é dos salários

WALTER BARELLI E FÁBIA TUMA



Fonte: SEP — Convênio Seade/Dieese/Unicamp

SALÁRIOS REAIS MÉDIOS

Meses	Salário Real (Em Cz$ ago./87)	Índice de Salário Real (Base: média de 1985 = 100)
Janeiro/86	15.049	102,3
Fevereiro	13.975	95,0
Março	14.868	101,0
Abril	16.010	108,8
Maio	15.891	108,0
Junho	14.475	98,4
Julho	16.715	113,6
Agosto	16.790	114,1
Setembro	15.[illegible]	105,6
Outubro	16.555	112,5
Novembro	16.297	110,7
Dezembro	14.339	97,4
Janeiro/87	14.196	96,5
Fevereiro	13.443	91,3
Março	12.938	87,9
Abril	12.030	81,7
Maio	11.240	76,4
Junho	10.466	71,1
Julho	10.309	70,0
Agosto	10.364	70,4

Variações (%)

★ Ago-87/Mar-86.....-30,3
★ Ago-87/Ago-86.....-38,3
★ Ago-87/Jul-87..... 0,5

Fonte: SEP — Convênio Seade/Dieese/Unicamp
Inflator Utilizado: ICV do Dieese

Fracassa mais uma tentativa de reduzir a inflação no Brasil. O índice oficial que mede a variação de preços superou os 9% em outubro e aponta para um percentual de dois dígitos para novembro. O mercado financeiro, que pode ser considerado o termômetro da economia, reitera estas expectativas e sinaliza o futuro com taxas de juros que atingem 1.000% ao ano.

O painel atual da economia não deixa dúvidas. Mais um plano econômico não deu certo. Diante desta evidência, o governo se desespera. E busca no que ainda não ocorreu (recuperação salarial) as causas do que já está ocorrendo (aceleração da inflação).

Este é o sentido do documento divulgado no final da semana passada pelo Ministério da Fazenda. Atribuir aos trabalhadores a responsabilidade pela desorganização de nossa economia. Ao mesmo tempo, o governo parece manter alguma esperança de reestabelecer o controle sobre os preços ao tentar impedir que os assalariados venham a obter reajustes que incluam a inflação de junho. E argumenta: "A brusca redução da taxa de inflação ocorrida a partir de julho mais do que compensou a exclusão da inflação acima mencionada".

Uma vez que o próprio ministro da Fazenda admite que suprimiu o mês de junho dos cálculos dos reajustes salariais, não vemos necessidade de reafirmar nossas posições. Estas são compartilhadas inclusive pela Justiça do Trabalho, que tem julgado de forma favorável os recentes dissídios coletivos, concedendo a recuperação integral dos salários. Nossa preocupação neste artigo será a de comprovar as perdas salariais sofridas pelos trabalhadores, em virtude desta e de outras medidas, e justificar a procedência das atuais reivindicações do movimento sindical.

Primeiramente, cabe responder à tentativa feita no referido documento de desqualificar as informações sobre as perdas salariais fornecidas pelo Dieese, sob a argumentação de que estas "estimativas precipitadas" foram efetuadas levando em conta apenas a aplicação estrita da política salarial, desprezando os aumentos reais determinados pelo mercado em função do forte aquecimento econômico ocorrido no ano passado.

Decididamente não entendemos esta crítica, pois o que se pretendia com tais estimativas era justamente avaliar as perdas decorrentes da simples aplicação da política salarial do Plano Cruzado (gatilho de 20% num contexto de inflação explosiva) e do Plano Bresser (supressão da inflação de junho, parcelamento dos resíduos e aplicação das URPs). Se as perdas não foram tão grandes, como quer fazer crer o ministro Bresser Pereira, efetivamente não foi mérito do governo.

Os dados apresentados no documento do Ministério da Fazenda para avaliar a situação real do mercado de trabalho foram os índices de salários nominais da Fiesp deflacionados pelos índices de custo de vida da Fipe. Sobre o trabalho empírico desenvolvido a partir destas informações, nos limitaremos a levantar apenas duas críticas que são suficientes para questionar suas conclusões.

A primeira refere-se à série utilizada de salários nominais, que corresponde à massa total de salários pagos na indústria. O correto seria trabalhar-se com dados de salários médios, procedimento que excluiria os efeitos das oscilações do nível de emprego. Causa-nos perplexidade tamanho descuido no tratamento destas informações, principalmente quando se sabe que a fonte consultada dispõe dos dados adequados.

A segunda diz respeito ao método de deflação que é usado para se chegar aos salários reais. Reafirmamos nossa opinião de que os salários referentes ao trabalho efetuado num mês é gasto no próprio mês. Seja porque grande parte dos trabalhadores da indústria e do comércio, principalmente, recebem antecipações (vales) no meio do mês, seja porque seus gastos em cooperativas e supermercados conveniados com suas empresas são realizados ao longo do mês, a preços correntes, para desconto posterior em folha.

Na realidade, o trabalhador gasta antecipado o salário que ainda está para receber. Mesmo o pagamento do aluguel que hoje consome uma parcela expressiva de seus rendimentos e é efetuado, geralmente, assim que é recebido o restante do salário, corresponde ao mês que passou e não ao que virá. O mesmo raciocínio vale para os gastos efetuados com educação. O pouco que sobra, para o cigarro ou para o transporte do dia-a-dia, até o recebimento da próxima antecipação salarial não nos parece justificar a metodologia de deflacionar o salário nominal de um mês pelo índice de inflação do mês subsequente.

As informações sobre rendimentos médios mensais da população assalariada da Grande São Paulo fornecidas pela pesquisa realizada pelo convênio Seade-Dieese-Unicamp revelam uma realidade bastante distinta daquela apresentada no trabalho que ora comentamos. Logo após terem alcançado um crescimento de cerca de 11%, desde a decretação do Plano Cruzado em março de 86 até outubro de 86 (quando a inflação volta a acelerar), os salários sofrem uma queda vertiginosa.

Em agosto de 1987 a média salarial já se encontra reduzida a cerca de 70%, se comparada à média de 1985 ou mesmo aos níveis vigentes em março de 86, refletindo uma perda próxima de 30%. Se o salário real daquele mês for comparado com o mesmo do ano anterior a perda é ainda maior, chegando a 38%. Apenas na última variação mensal, de julho para agosto de 87, é que se nota um ligeiro crescimento de 0,5%.

Aí está a real situação do mercado de trabalho, incorporados inclusive os aumentos salariais que porventura tenham ocorrido. Não é estranho, portanto, que os trabalhadores estejam reivindicando reajustes mínimos de 45% para recuperar o poder aquisitivo de seus salários. Mais estranha nos parece a insistência em se impor uma perda definitiva aos assalariados, quando mais uma vez é demonstrada a ineficácia do arrocho salarial como instrumento de combate à inflação.

WALTER BARELLI, 49, economista, é diretor-técnico do Dieese (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos) e professor do Programa de Mestrado da PUC-SP.

FÁBIA TUMA, 30, economista, mestra pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

(F. de São Paulo 1.11.87)

Crime e impunidade

Valério Meinel

Não se pode mais aceitar a definição romântica de que o jogo do bicho é apenas um traço cultural do nosso povo. Justamente sob esse disfarce age o crime organizado. Mais do que cinematográfico, o furto de um processo do tribunal de júri, em que poderoso banqueiro-de-bicho era acusado de homicídio, para ser queimado em uma bandeja de prata, em um bar no Recreio dos Bandeirantes, durante uma festiva reunião de contraventores, tem a marca indelével da impunidade. Refeito o processo, com a lentidão característica de nossa Justiça realmente cega e sem recursos, perdidas provas importantes e desaparecidas testemunhas que antes haviam prestado depoimento, o réu-contraventor foi absolvido.

Há menos de dez anos um juiz disse em entrevista que a última conquista tecnológica da Justiça fora a máquina de escrever. E praticamente nada se alterou em quase uma década. Ainda hoje nas varas criminais, de família e cíveis os processos são costurados, abertos e novamente recosturados à medida que as partes juntam documentos aos autos.

Mas o emperramento burocrático da Justiça é mero detalhe na impunidade que, efetivamente, vem se convertendo - mais do que o jogo do bicho - em traço característico deste país. Uma impunidade que grassa à sombra da corrupção policial e da própria Justiça; do tráfico de interesses e de acordo com os desejos dos que manipulam o poder.

O repórter que há cerca de dois anos denunciou em um vespertino do Rio de Janeiro a existência de um cassino de propriedade de um poderoso contraventor deste estado, foi humilhado e coagido pelo próprio juiz encarregado do processo no momento da tomada do depoimento da importante testemunha.

Não faz mais sentido, hoje, perguntar-se onde estão os assassinos de Cláudia Lessin, de Araceli, ou de Mônica Granuzo. Sabe-se que passados tantos anos desses crimes, eles ainda não foram julgados. Porque são poderosos e de famílias ricas e influentes. Como também se sabe que os porteiros de um edifício que seqüestraram Denise foram julgados e exemplarmente punidos - porque eram pobres.

Hoje importa mais perguntar pela impunidade do crime organizado. Se os contraventores do passado tinham a preocupação de acobertar o jogo do bicho com alguma outra atividade, os bicheiros do presente, ao contrário, valem-se da contravenção para encobrir atividades criminosas realmente dolosas, como o contrabando, o tráfico de drogas e a exploração de jogos de aza como o videopôquer.

E em que processo foram punidos?

Pouco se pode esperar de uma assembléia constituinte em uma nova república que convive com um dos maiores abortos da ditadura - a Lei Fleury, que continua a garantir aos ricos e poderosos o direito de aguardarem seus julgamentos em liberdade - e de em liberdade recorrerem da sentença condenatória, rara - sempre que forem primários. Uma lei que só protege os ricos. O pobre é primário porque só tem o curso primário - quando consegue concluir o primeiro grau. Nossas cadeias e penitenciárias estão entulhadas de homens e mulheres que pertencem em sua totalidade às camadas mais pobres da população. É nesta massa carcerária, o maior percentual é de negros.

Talvez porque a Justiça seja cega e não consiga ver onde estão os criminosos ricos e brancos.

Este estado de imoralidade, de corrupção institucional, é fácilmente comprovado todos os anos, quando respeitáveis juízes de direito se permitem assistir aos desfiles das escolas de samba instalados em camarotes comprados a peso de ouro por poderosos contraventores do jogo do bicho. Que isenção terão esses juízes, para condenar, mais tarde, o bicheiro anfitrião - se é que algum dia este contraventor irá sentar-se no banco dos réus?

Há menos de um mês o Secretário de Segurança de Minas Gerais rompeu um acordo feito com os bicheiros do seu estado e que permitia a exploração do jogo em troca de recursos financeiros para obras sociais. O secretário de Segurança de Minas Gerais passou a perseguir a contravenção, ao tomar conhecimento de que os contraventores do seu estado estavam se associando a banqueiros do bicho do Rio de Janeiro. A autoridade justificou sua atitude, afirmando: "Não vou tolerar aqui o crime organizado."

(T. da Imprensa 27.10.87)

SAIU NOS JORNAIS

Padre da UDR continua a pregação

Desta vez a coisa virou bate-boca: até ruralista o considera reacionário

Ricardo Kotscho

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS (SP) — De batina cinza até os calcanhares, como há muito tempo não se via mais, o padre Eduardo Rebouças de Carvalho, 75 anos, mais conhecido como "o padre da UDR", acabara de fazer mais uma pregação em defesa da propriedade, quando um homem sentado na cerca do curral da Fazenda das Irmãzinhas — uma propriedade de 30 alqueires das Irmãs de Maria Imaculada, arrendada à Cooperativa dos Pecuaristas de São José dos Campos — pediu a palavra.

Os cerca de 100 fazendeiros presentes a mais um "Dia de Campo" — promoção da regional da UDR no Vale do Paraíba para ensinar a fazer "cerca elástica" e conhecer o padre amigo — não puderam acreditar no que ouviram e quase engasgaram, mal dando tempo de tirar o espeto de churrasco da boca.

— Eu não sou comunista — foi logo falando o homem. — Sou brasileiro, acima de tudo, e não posso ficar em silêncio ouvindo essas coisas, quando sabemos que 90% da população da América Latina vivem em condições sub-humanas e a maioria do nosso povo passa fome.

O que era apenas mais uma festa de confraternização da UDR regada a cerveja gelada e com muita carne macia acabou se transformando num acalorado bate-boca como se, de repente, o plenário da Comissão de Sistematização da Constituinte tivesse sido transferido para essa fazenda, na estrada vicinal que liga São José dos Campos a Jacareí, a menos de 80 quilômetros de São Paulo.

— *Marajá, Marajá*! — protestaram em coro os outros comensais, à medida que o homem se entusiasmava com seu discurso a favor dos trabalhadores oprimidos, "aos quais nós pagamos um salário de fome, e isso ninguém pode negar".

O homem xingado era Roberto Vilela, 54 anos, alto funcionário aposentado da Petrobrás, que recebe CZ$ 120 mil por mês e é dono de uma propriedade rural de 15 alqueires em São José dos Campos.

E o padre não é um padre qualquer: ao se apresentar, vai logo informando que foi colega de Dom Agnelo Rossi — "o terceiro homem da Igreja na hierarquia do Vaticano, depois do papa" — na primeira turma do Pontifício Colégio Pio Brasileiro de Roma, em 1934. Ex-diretor arquidiocesano de ensino religioso da capital paulista, em 1944, e vigario de Barra do Piraí, no Estado do Rio, o "padre da UDR" não se fez de rogado quando Vilela contestou sua pregação. E o diálogo que se seguiu é tipico do Brasil da Nova República.

Padre — Você já falou, agora me deixa falar.

Vilela — Espera aí. Eu faço parte das equipes de Nossa Senhora e estive recentemente na Europa, onde as Irmãzinhas com quem me encontrei me falaram da miséria em que vivem os trabalhadores brasileiros...

— Devem ser as Irmãzinhas do Politburo... — retruca Ana Maria Ferreira Leite Pinto, a primeira mulher dirigente da UDR no país, que preside a regional do Vale do Paraíba.

Fazendo sinais de *deixa para lá* com as mãos, padre Rebouças caminhou em direção a Vilela de dedo em riste.

Padre — Escuta aqui, eu só quero saber qual é a solução que o senhor me apresenta. Não adianta nada eu dar as coisas que tenho para os pobres, porque serei apenas mais um pobre. Sou filho e neto de fazendeiros, conheço a luta dessa gente.

Vilela — O problema é que vocês da UDR, pelo que o senhor falou, estão lutando para manter a situação injusta que está aí.

Padre — A UDR não defende a propriedade, mas o produtor rural, e o senhor tem que entender que tem muitos comunistas agindo nesse setor e nós temos um governo corrupto.

Vilela — Mas o senhor sabe que o pobre é injustiçado no nosso país e vocês não fazem nada contra isso.

Padre — A injustiça contra o pobre é grave, mas contra o rico também. Por acaso, agora é crime ser rico? Minha empregada, que está comigo há 32 anos, ganha CZ$ 4 mil por mês. É fácil distribuir por aí dinheiro dos outros, como fazem esses padres progressistas. Mas eu já criei 13 crianças, que não são parentes, com meus próprios recursos.

Vilela — Tudo bem, mas Deus quando fez o mundo não repartiu a terra do jeito que está, dando muito para uns poucos e nada para a maioria do povo, como nós estamos vendo hoje no Brasil.

Padre — O senhor por acaso estava lá quando Deus fez o mundo? Então, como é que fala? O senhor por acaso é proprietário rural?

Vilela — Eu sou, mas...

— Mas não produz nada — aparta novamente Ana Maria, já perdendo a paciência. — Você é um marajá *que tirava 300 litros de leite por dia e acabou com a criação porque achou que não dava dinheiro. Vou indicar sua propriedade ao governo para fins de desapropriação porque ela é improdutiva.*

— Fala aí quanto você ganha da Petrobrás, seu marajá, *mentiroso — desafia Antônio Gomes de Oliveira Filho, economista e herdeiro de tradicionais pecuaristas da região. Ao ouvir a resposta de Vilela, dizendo que ganha CZ$ 120 mil por mês, ele não se conforma, sai gritando: — Aqui ninguém ganha isso e nós somos chamados de latinfundiários. Minha fazenda este mês teve uma renda bruta de CZ$ 160 mil e não tiro 5% disso. Faz as contas, seu* marajá.

Diante do quiproquó, o churrasco acaba antes da hora e padre Rebouças se retira, indignado com o bate-boca:

— Deixa ele para lá.

E sai caminhando ligeiro em direção à residência das Irmãzinhas, que o esperam com uma mesa de legumes e verduras: ele é vegetariano.

(JB 29.10.87)

É a avacalhação total?

Está na hora de o presidente Jose Sarney provar que governa o país e que no Brasil existe lei. O acaso pode permitir ao presidente demonstrar que as multinacionais também podem ser atingidas pelo braço da legislação, que não vale, por exemplo, para que os automóveis fabricados pela Autolatina tenham as mesmas especificações de segurança dos exportados para os Estados Unidos e Europa. A Ford e a Volkswagen colocam no mercado brasileiro carros que não passam nos testes mais rudimentares fora do país. Agora, um cidadão alemão desafia todo um governo e as leis de um país como se estivéssemos na Idade Média. Volta para Berlim, Wolfgang Sauer, e tenta enfrentar os teus conterrâneos. O sorriso de confiança estampado ontem, na primeira página de 'O Globo', em telefoto da própria Autolatina, mostra que Sauer tem aliados muito poderosos no front interno. Mas, a posição dos governadores de cinco dos estados mais importantes da Federação em não aceitar as normas ditadas pela multinacional somada à decisão do ministro Bresser de romper o cartel e abrir o mercado automobilístico para indústrias japonesas mostra que pode existir uma luz no fim do túnel, que hoje mais parece uma locomotiva em sentido contrário. Ou Sarney dá o murro agora ou não terá condições nem de conseguir um cafezinho na copa do Palácio. (T. da Imprensa 11.11.87)

SOMOS 22 MILHÕES DE JOVENS TRABALHADORES EXPLORADOS E MARGINALIZADOS! CONQUISTEMOS NOSSOS DIREITOS DE PARTICIPAÇÃO, EMPREGO E MELHORES CONDIÇÕES DE VIDA E TRABALHO!





SEMANA NACIONAL DA JUVENTUDE TRABALHADORA ABRIL 84 JOC

LOCAL: DATA:

Oficiante: Leitura na Epístola - I Coríntios 13, 1 a 9

CÂNTICO CORAL: "Maravilhoso Amor!" - Coral da Igreja Presbiteriana de Ramos

Palavra dos Movimentos de Não Violência na América Latina

Adolfo Perez Esquivel - Prêmio Nobel da Paz

Oficiante: Leitura no Evangelho - Mateus 5, 1 a 12

Palavra da IGREJA

1. Pastora Rosângela Soares de Oliveira - Metodista

CÂNTICO CORAL - Conjunto "Magnificat" - da Pastoral de Juventude -Vicariato Suburbano.

2. Daniel de Castro - Padre Católico

CÂNTICO JOVEM - "Momento Novo" - Conjunto de Jovens da 2a. Igreja Presbiteriana da Penha

3. Pastor Rolf Schunemann - Luterano

V - PRECES DE INTERCESSÃO

PREPARAÇÃO PARA O ATO - Coral da Igreja Presbiteriana de Ramos

Oficiante: Para que, como Igreja de Cristo, na qual somos chamados a servir no meio do povo, manifestemos a nossa fidelidade a Deus na busca de formas concretas, a fim de que a libertação do homem se realize em toda sua plenitude, OREMOS AO SENHOR...

TODOS: SENHOR, ESCUTA A NOSSA PRECE !

Oficiante: Pela memória de Dom Oscar Romero e dos outros mártires dos movimentos de libertação dos povos oprimidos, para que os seus ideais e suas lutas não tenham sido em vão, e que um dia possamos viver na América Central e na América Latina a justiça plena, livres da fome, da doença, da violência e da miséria a que somos submetidos, OREMOS AO SENHOR...

TODOS: SENHOR, ESCUTA A NOSSA PRECE!

Oficiante: Para que as nações mais desenvolvidas e poderosas do mundo se convertam e respeitem o direito dos povos mais fracos de se autodeterminarem, OREMOS AO SENHOR...

TODOS: SENHOR, ESCUTA A NOSSA PRECE!

Oficiante: Pela recuperação rápida do Sr. Presidente da República, DR. TANCREDO DE ALMEIDA NEVES, para que assuma de fato e o mais rapidamente suas funções, uma vez que tantas esperanças animam os corações brasileiros, na espectativa de novas oportunidades, OREMOS AO SENHOR...

TODOS: SENHOR, ESCUTA A NOSSA PRECE!

Oficiante: Pelas perspectivas do novo Governo do País: para que de fato se façam as mudanças capazes de reporem a dignidade de vida dos nossos patrícios, tão atingida nestes anos passados; para que recuperem cada vez mais seus direitos e sua capacidade de decidir sobre o próprio destino e construa a Nova República do Novo Brasil, OREMOS AO SENHOR...

TODOS: SENHOR, ESCUTA A NOSSA PRECE!

TODOS CANTAM: "Pra não dizer que não falei das flores"

Caminhando e cantando e seguindo a canção
Somos todos iguais, braços dados ou não
Nas escolas, nas ruas, campos, construções
Caminhando e cantando e seguindo a canção

VEM, VAMOS EMBORA QUE ESPERAR NÃO É SABER
QUEM SABE FAZ A HORA, NÃO ESPERA ACONTECER

Pelos campos a fome em grandes plantações
Pelas ruas marchando indecisos cordões
Ainda fazem da flor seu mais forte refrão
E acreditam nas flores vencendo o canhão

VEM, VAMOS EMBORA QUE ESPERAR NÃO É SABER
QUEM SABE FAZ A HORA, NÃO ESPERA ACONTECER

Há soldados armados, amados ou não
Quase todos perdidos de armas na mão
Nos quartéis lhes ensinam antigas lições
De morrer pela Pátria ou viver sem razões

VEM, VAMOS EMBORA QUE ESPERAR NÃO É SABER
QUEM SABE FAZ A HORA, NÃO ESPERA ACONTECER

Os amores na mente, as flores no chão
A certeza à frente a história na mão
Caminhando e cantando e seguindo a canção
Aprendendo e ensinando uma nova lição

VEM, VAMOS EMBORA QUE ESPERAR NÃO É SABER
QUEM SABE FAZ A HORA, NÃO ESPERA ACONTECER

VI - RITOS FINAIS

Palavras de Agradecimento.

TODOS: A Oração do Pai Nosso — Bênção Apostólica

CÂNTICO CORAL: "Aleluia! - Coral da Igreja Presbiteriana de Ramos

CELEBRAÇÃO ECUMÊNICA DE AÇÃO DE GRAÇAS

PELA VIDA DOS MÁRTIRES QUE LUTARAM PELA LIBERTAÇÃO DOS POVOS OPRIMIDOS DA AMÉRICA LATINA.

TEMPLO DA IGREJA PRESBITERIANA DE RAMOS

Domingo, 24 de março de 1985

o r i e n t a ç ã o l i t ú r g i c a



CEDIM
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR - UFRRJ

I - ACOLHIDA

Prelúdio Musical - "Chegada" - pelo Conjunto Jovem da 2a. Igreja Presbiteriana da Penha

Oficiante: Meus irmãos em Cristo: estamos aqui reunidos para celebrar a vida de mártires que se deram pela libertação de povos oprimidos, Profetas de nossos dias que morreram no cumprimento de sua missão. A data marca o martírio de um dos maiores, entre eles, DOM OSCAR ROMERO.
O Deus revelado, tanto no Antigo como no Novo Testamento, é um Deus que liberta. Ele fala na História, no nosso mundo. Ele fala de sua preocupação com os oprimidos. Ele fala através de seus Profetas. No passado Ele falou através de Moisés, de Amós, de Isaias e de muitos outros. Hoje, no século XX, Ele nos vem falando através de Martin Luther King, do Mahatma Gandhi e de outros profetas da libertação.
Esses homens do nosso tempo são sinais visíveis da Palavra de Deus. Procuremos escutá-los e nao fechemos nossos ouvidos diante de suas palavras e de seus testemunhos. Está na lógica das forças repressivas que a voz do profeta deve ser calada. Apesar dos mártires, entretanto, estas vozes são cada vez mais presentes nos corações, nas vidas e na prática do povo, que fiel a Jesus Cristo, pensa em suas responsabilidades, cantando:

TODOS CANTAM: Que estou fazendo se sou cristão?
Se Cristo deu-me o seu perdão.
Há muitos pobres sem lar e sem pão,
Há muitas vidas sem salvaçao;
Meu Cristo veio pra nos remir,
O homem todo sem dividir
Não só a alma do mau salvar
Também o corpo ressuscitar.

Há tanta fome no meu País,
Há tanta gente que é infeliz
Há criancinhas que vão morrer,
Há tantos velhos a padecer.
Milhões não sabem como escrever,
Milhões de olhos não sabem ler,
Nas trevas vivem sem perceber
Que são escravos de outro ser.

Há tanta fome no meu país,
Há tanta gente que é infeliz,
Há criancinhas que vão morrer
Há tantos velhos a padecer.
Aos poderosos eu vou pregar,
Aos homens ricos vou proclamar
Que a injustiça é contra Deus
E a vil miséria insulta os céus.

II - ATO PENITENCIAL

Oficiante: Senhor, perdão para nós cristãos, pastores e comunidades, que muitas vezes somos levados pelo nosso comodismo e por isso ficamos indiferentes às injustiças que são cometidas não só em nosso País, como também em outras nações, especialmente com os nossos povos irmãos da América Central.

TODOS: Perdoa-nos, Senhor.

Oficiante: Senhor, perdão pela nossa covardia. Muitas vezes sob o pretexto de uma falsa prudência, nos omitimos e calamos diante da tirania, do autoritarismo dos poderosos que dominam pela força e pela violência.

TODOS: Perdoa-nos, Senhor.

Oficiante: Senhor, perdão para nós que nos dizemos cristãos, mas que na realidade, nem sempre temos a coragem e a coerência, a exemplo de Oscar Romero, de levar o nosso compromisso evangélico até as últimas consequências.

TODOS: Perdoa-nos, Senhor.

Oficiante: Perdão por este desejo que não vem de ti, por este amor construído fora de tuas mãos, mas ao qual nós nos agarramos, por sermos pecadores.

TODOS: Perdão por termos amado algo que não podíamos amar e por nos termos distanciado de ti, Senhor.

Oficiante: Perdão por não sermos novos cada manhã, transparentes a cada rosto que colocas em nosso caminho.

TODOS: Perdão por não crermos que sabes perdoar e renovar e retomar tudo em ti. Perdão por pensarmos que estamos sós, quando estás bem perto de nós.

TODOS CANTAM: Se sofrimentos te causei, Senhor;
Se a meu exemplo o fraco tropeçou,
Se em teus caminhos eu não quis andar. Perdão, Senhor!
Se vão e fútil foi o meu falar,
Se a meu irmão não demonstrei amor,
Se ao sofredor não estendi a mão, Perdão, Senhor!
Se indiferente foi o meu viver,
Tranqüilo e calmo, sem lutar por ti
Devendo estar bem firme no labor, Perdão, Senhor!
Escuta, oh! Deus a minha oração
E vem livrar-me de incertezas mil
Transforma este pobre pecador. Amém, Senhor!

Oficiante: O Deus Onipotente, nosso Pai celestial, que, por sua grande misericórdia, promete o perdão a todos quantos, com sincero arrependimento e viva fé, para Ele se voltam, vos perdoe e liberte de todos os vossos pecados, vos confirme e fortaleça em todo o bem e vos faça perseverar em fidelidade, mediante Jesus Cristo, nosso Senhor.

TODOS: Amém!

CÂNTICO CORAL - "Cio da Terra" - Coral "Magnificat" (da Pastoral de Juventude do Vicariato Suburbano"

III - RITO DE CONSAGRAÇÃO

Oficiante: Somos o teu povo, Senhor, e queremos te servir. Nessa esperança, nós nos dispomos a trabalhar. Colocamos nossas vidas a serviço do Reino.

TODOS: Queremos viver a nossa vida com espírito de dedicação e serviço pela causa do Reino. Repartindo a esperança de um novo tempo. Para nossas comunidades. Para nosso Presbitério. Para todo o povo.

TODOS CANTAM: "A Oferenda dos Sentidos"
(durante o cântico serão levantadas ofertas para o Concílio)

Mil línguas eu quisera ter para proclamar o teu amor,
e celebrar com gratidão o teu louvor.
Mil línguas eu quisera ter pra denunciar a escravidão,
as injustiças sociais e protestar.
Mil olhos eu quisera ter pra ver no céu, no mar, na flor,
a tua face salutar e Te adorar.
Mil olhos eu quisera ter pra te encontrar também na dor
dos desolados e sem lar, e protestar.
Ouvidos mil quisera ter pra ouvir contrito a tua voz,
e no silêncio da manhã ficar feliz.
Ouvidos mil quisera ter pra ouvir também o teu clamor
no grito amargo da opressão e protestar.
Narinas mil quisera ter pra perceber o santo olor
do incenso bom e do jardim, e respirar.
Narinas mil quisera ter pra perceber na poluição
a inimizade e a frustração, e protestar.
Oh! Quem me dera ter mil mãos para o Evangelho carregar,
pra te aplaudir com emoção e te tocar.
Oh! Quem me dera ter mil mãos pra nosso mundo transformar,
unindo-as todas, e, afinal, o libertar.
Só Tu nos dás mais de um milhar de ouvidos, olhos, línguas, mãos;
Só Tu nos podes convocar pra Te servir.
Só Tu nos dás mais de um milhar de dons, de forças, de razão,
pra nosso mundo transformar, ao Te servir.

CÂNTICO JOVEM - "Seu Nome é Jesus Cristo" - Conj. Jovem da 2a. Igreja Presbiteriana da Penha

IV - PROCLAMAÇÃO DA PALAVRA DE DEUS

Oficiante: Leitura no Velho Testamento - Êxodo 3, 7 a 10

Palavra dos Movimentos de Não Violência dos Estados Unidos
Pastor Brady Tisson - Metodista

CÂNTICO - Música Afro-brasileira - Conjunto Agbara Dudu (dois números)

Palavra dos Movimentos de Não-Violência da Europa.

Jore Schravesande

CEDIM CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR

CENTRAL ÚNICA DOS TRABALHADORES - CUT
Fundada em 28 de Agosto de 1983

Companheiro Fidel Castro
Comandante em chefe da Revolução Cubana
Companheiro Roberto Veiga
Secretário Geral da Central dos Trabalhadores de Cuba
Companheiros da Presidência
Companheiros e companheiras sindicalistas da América Latina e do Caribe

Em nome de 12 milhões de operários e camponeses representados no Congresso de fundação da Central Única dos Trabalhadores tenha a honra de lhes dirigir a palavra.

A CUT é filha das batalhas travadas no interior das fábricas do coração insdustrial do Brasil e das ocupações organizadas das terras do latifúndio nos campos da nossa Pátria.

Nossa primeira palavra é de saudação a todos os companheiros e companheiras presentes a esta Conferência Sindical sobre a dívida externa, especialmente aos companheiros da Central dos Trabalhadores de Cuba, a quem coube a histórica tarefa de convocar e sediar esse evento.

Entendemos que a presença massiva e a representatividade dos dirigentes aqui reunidos significam um compromisso de luta e de unidade da classe trabalhadora de toda América Latina e do Caribe frente à tremenda crise econômica, social e política que se abate sobre o nosso continente.

A Conferência Sindical dos Trabalhadores da América Latina e Caribe é de suma importância para o avanço e a unificação das nossas lutas. Vemos esta Conferência como o fator detonante de multiplas iniciativa que haverão de se desdobrar em futuras ações conjuntas contra o inimigo comum de nossos povos, o imperialismo.

E, precisamente, estamos convencidos de que a luta contra a dívida externa converterá numa bandeira que unificará todos os povos do continente que são submetidos a uma política neo-colonialista de extorsão e saque.

Companheiros e Companheiras:

Representamos aqui uma parcela significativa dos trabalhadores de um grande país. Um país gigantesco. Até nos seus problemas. E nós, trabalhadores brasileiros, a partir das lutas que travamos dia a dia, vamos alcançando a consciência clara da dimensão desses problemas e da responsabilidade que temos na tarefa de apresentar ao povo trabalhador de nossa pátria o caminho da sua superação.

A dívida externa que 21 anos de ditadura militar lançaram sobre os ombros da classe trabalhadora brasileira alcança hoje a cifra astronômica de 104 bilhões de dólares. A dívida é uma força tão poderosa que já nos habituamos a dizer que não é o Brasil que administra a dívida, mas é a dívida que administra o Brasil.

Para que os companheiros e companheiras possam dar-se conta do vulto da crise que nos envolve são necessários alguns dados:

- em 1964, quando os militares assumiram o poder, a dívida externa correspondia a 15% do Produto Interno Bruto; hoje, corresponde a 46,3% do PIB;
- no período entre 1973 e 1984 o Brasil pagou 68 bilhões de dólares somente em juros e serviços da dívida. Se os bancos credores tivessem mantidos a mesma taxa de juros de 1973, equivalente a 6,68% ao ano, que a taxa real, haveríamos pago 30 bilhões de dólares a menos.

Que nome damos a esta operação, companheiros e companheiras? Isso é roubo! Esse é estelionato internacional!

Vejamos agora o que significa para o povo trabalhador do Brasil [illegible] car 56 bilhões de dólares em juros de uma dívida que não foi por ele contraída: significa que 114 milhões de brasileiros tiveram que trabalhar um mês gratuitamente para produzir esse volume de riqueza.

Que nome damos a isso, companheiros? Só há uma palavra para definir: ESCRAVIDÃO.

Não há contudo, uma dívida externa especificamente brasileira. Ela é parte de um grande jogo que contrapõe os países capitalista industrializados aos países do 3º Mundo, particularmente os da América Latina e Caribe. O aspecto particular da dívida externa brasileira reside apenas na voracidade da rapinagem do imperialismo e no servilismo absoluto da ditadura militar e dos nossos servidores das classes dominantes, as suas exigências.

A dívida externa do nosso país corresponde atualmente a mais de 25% do total devido pela América Latina.

Chegamos a essa cifra alarmante graças ao processo político que se desenvolveu no país a partir do golpe militar de 1964. O modelo econômico que se implantou consistiu basicamente na crescente desnacionalização da economia brasileira com sua total integração e subordinação aos interesses do capital internacional. Internamente, sofremos a mais violenta concentração de renda de todos os tempos.

No início da década de 80, com o recrudescimento da crise mundial e a conseqüente insolvência dos países devoradores, os credores internacionais passaram a exigir dos governos programas de "Reajustes" econômicos, que, na política não significam outra coisa que a imposição de maiores sacrifícios à classe trabalhadora. Esses "reajustes" buscavam e buscam gerar saldos comerciais favoráveis para evitar a insolvência absoluta.

O Fundo Monetário Internacional foi acionado para coordenar as negociações atuando como "xerife" de um projeto global, o FMI impôs uma política de cortes drásticos sem atentar para as especificidades de cada país.

Bastaria mensionar apenas um dado para darmos conta da situação a qual foi levado o nosso continente: segundo a Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL), entre 1982 e 1984 nossos países pagaram mais de 109 bilhões de juros da dívida externa e dividendos dos investimentos estrangeiros. Se descontarmos a entrada de recursos de 36 bilhões de dólares no mesmo período, transferimos liquidamente para o exterior 73 bilhões de dólares. Somente o Brasil pagou 35,9 bilhões com uma transferência líquida de 14,6 bilhões. Este é o vergonhoso paradoxo de uma região pobre e carente que envia maciços recursos aos países industrializados.

Esta política de vampirismo, que vem se desenvolvendo em nossa pátria e que encontra nos programas de reajustes seu ponto máximo de contradição com os interesses dos trabalhadores e da soberania nacional, apresenta atualmente o seguinte quadro produtivo, para citar apenas alguns exemplos:

- a agricultura está estagnada, chegando a decrescer no caso do algodão e do açúcar;
- o setor agro-industrial está completamente controlado pelas empresas transnacionais;
- 7 milhões de famílias camponesas estão sem terra, enquanto as multinacionais controlam quase 50 milhões de hectares, num crescente processo de desnacionalização;
- a tecnologia agrícola é totalmente dependente insumos industrializados [illegible]

portados e produzidos pelas transnacionais.

Dessa forma, o quadro social não poderia ser outro:

- 10 milhões de crianças abandonadas, sem qualquer tipo de assistência;
- cerca de 20 milhões de analfabetos;
- quase 11 milhões de desempregados ou sub-empregados;
- a cesta básica mensal de alimentos para uma família no Brasil custa cerca de 80 dólares (um milhão de cruzeiros). O salário mínimo decretado pelo governo no último 1º de Maio é de 333 mil cruzeiros, ou seja 42 dólares;
- na área rural do Nordeste 4 milhões e 600 mil trabalhadores rurais tem uma renda igual ou inferior a um salário mínimo, representando 82,3% da mão-de-obra da região.

Entendemos que com a derrubada dos regimes militares o imperialismo busca novas formas de dominação tem se traduzido no conjunto dos países da América Latina e do Caribe em propostas de pactos políticos-sociais com os trabalhadores.

No Brasil, especificamente, o pacto político proposto pelo novo governo aos trabalhadores é a expressão política, a nível interno, das exigências do Fundo Monetário Internacional. Em outras palavras: se os trabalhadores rechaçam o pacto político-social o novo governo não terá condições de cumprir com as determinações do FMI. E a Central Única dos Trabalhadores rejeitou formalmente o pacto. Não cabe dúvida para nós que a classe trabalhadora brasileira, de toda a América Latina e do Caribe não pode mais submeter-se a novos sacrifícios em nome de honrar compromissos assumidos por governos servis aos interesses do imperialismo.

Portanto, companheiros e companheiras, essa histórica conferência dos trabalhadores começará, na realidade, no dia do seu final. Quando representamos aos nossos países para lançar-nos ao trabalho de mobilização e organização de cada categoria do campo e da cidade:

1. Pelo não pagamento definitivo da dívida externa imposta pela agiotagem internacional aos nossos povos; cumpriremos com essa decisão aprovada no 1º Congresso Nacional da CUT em 1984;
2. Por um dia internacional de luta em todo o continente contra a dívida externa;
3. Por uma nova ordem econômica internacional que assegure novas bases para os preços dos nossos produtos no mercado mundial;
4. Pela nacionalização das empresas multinacionais que atuam nas nossas economias como sangue-sugas dos bens que produzimos;
5. Pela distribuição das terras em poder das empresas transnacionais aos trabalhadores rurais sem terra.

Para concluir, companheiros e companheiras, assumimos aqui publicamente o compromisso de continuar lutando pelo imediato reatamento das relações diplomáticas ente o Brasil e Cuba e reafirmamos nosso compromisso inarredável de solidariedade com o heróico povo da Nicarágua, que hoje é vitima da agressão armada do imperialismo.

VIVA A UNIDADE E A LUTA DOS TRABALHADORES DA AM. LATINA E DO CARIBE!

Havana, 16 julho de 1985.

CPO INFORMA

15.06.87 COMISSÃO NAC. DE PASTORAL OPERÁRIA Nº 107

CPO NACIONAL ENVIA NOTA SOBRE CF/88

A Comissão Pastoral Operária Nacional enviou, à toda Igreja do Brasil, à todas entidades, movimentos e pastorais, a seguinte nota sobre a Campanha da Fraternidade de 1988:

A CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) definiu , em agôsto pp., como tema da Campanha da Fraternidade para o ano de 1988 " **A FRATERNIDADE E O NEGRO"**. Este tema foi uma conquista dos movimentos negros existentes no Brasil e de todos os que lutam pela causa dos marginalizados da sociedade brasileira, principalmente negros , índios e os assalariados.

A CPO (Comissão de Pastoral Operária), já no ano passado,como signatária da solicitação da CNBB para o tema**"Fraternidade e o Negro"** não pode fugir ao dever de estar ao lado do negro.

Segundo a CPO, 1988, sendo o Centenário da Abolição da escravidão no Brasil, será manipulado através de eventos promovidos pela classe dominante que escondem a real necessidade e situação da comunidade negra na sociedade brasileira, encobrindo assim, através de espasmas, a grande dívida que a raça branca, descendentes de colonizadores, tem para com a raça negra, descendentes dos escravos que, durante mais de três séculos, viveram sob o regime da escravidão e , ainda hoje, são vítimas da discriminação e marginalização social, política e econômica.

É dever de toda Igreja no Brasil levantar sua voz conscientizadora a fim de contribuir no processo de resgate dos valores culturais e religiosos da comunidade negra colocando o negro no papel de grande participante e construtor da sociedade brasileira.

Para que a CF/88 aconteça realmente convém lembrar qûe:

- foram 450 anos de brutal e direta escravidão, violentação de seres humanos (lembre-se aqui de modo especial violentação às mulheres negras), com desaraiza - mento cultural, social e reli - gioso dos diversos povos africanos que para cá foram transportados;
- são atualmente cem anos, após a oficial abolição da escravi - dão, de total descaso, abandono, discriminação e marginalização impostos aos negros que foram empurrados para as favelas e su - búrbios das cidades sem direito de fato a um salário justo, educação, moradia digna e respeito à sua cultura;
- hoje ainda, os trabalhadores mais explorados são os de raça

negra que, esquecidos pelo sistema de ensino e educação, se tornaram os mais desfavorecidos dentre os desfavorecidos trabalhadores, todos vítimas do projeto sócio-político-econômico executado nestes quase cem anos de República.

Para que a Campanha da Fraternidade de 1988 seja, realmente, um oportunidade especial em que a sociedade brasileira se redima da culpa na escravidão do negro e, a Igreja não continue na atitude de conivência, ausência ou silêncio frente a problemática negra, a CPO alerta para que:

- a Igreja assuma a herança cultural negra expressa através de manifestações típicas afro-brasileiras arraigadas na "alma" brasileira como: estilo musical costumes, cultura, etc;
- as reflexões e discursos eliminem o tom conciliador que não deixa claro a real problemática da sociedade para com os negros, procurando, em contrapartida, recuperar a dimensão histórica da comunidade negra negada ou ausente em todos os textos e discursos de ótica branca e classista. Dentro disto, deve-se eliminar também todos os restos de servidão que relembrem ou conotem o serviço escravo;
- na reflexão teológica deve-se ter cuidado com a falsa teologia do sofrimento na qual se apela ou promove o sofrer pelo sofrer. A teologia deve refletir corajosamente sobre a igualdade de todos os homens, denunciando e condenando como contrário ao projeto de Deus toda forma de escravidão, todo sistema político segregador de raça e toda filosofia que mantenha determinada classe subalterna a uma outra;
- no trabalho pastoral é ncessário denunciar preconceitos enraizados no subconsciente em que o negro é visto e entendido como subraça ou raça inferior à branca. É necessário denunciar e condenar conteúdos preconceituosos latentes que desvalorizem, ou menosprezem e discriminem a população negra.

NEGRO CLAMA POR JUSTIÇA! É o que a CPO de todo o Brasil quer proclamar para a Igreja e toda a sociedade brasileira.

Executiva Nacional da CPO.
Duque de Caxias, maio de 1.987.

ACIDENTES DE TRABALHO

O ano de 1986, da euforia do Plano Cruzado, aumentou também as estatísticas negativas no Brasil. Com a explosão de consumo registrada no ano passado, as fábricas trabalharam a todo vapor e, com isso, aumentaram os acidentes de trabalho: estima-se que, durante o ano passado, cerca de 800 mil trabalhadores tiveram suas mãos mutiladas. Esses acidentes, além de terem custado cerca de US$ 8 bilhões, mataram diariamente, no ano passado, 29 pessoas.

RECADO DA PAST. OPERÁRIA

A Pastoral Operária das comunidades de Santa Angela e Imaculada Conceição, de Vila Brasilina, setor Imigrantes, na Região de Ipiranga-SP, promove reuniões com os militantes todo 2º e 4º domingo, das 15 às 17h. Mesmo

pequeno, o grupo de Pastoral Operária procura, atualmente, "aprofundar a questão histórica das origens da organização da classe trabalhadora e o sindicalismo no Brasil para entender as causas das questões atuais e, a partir daí, criar uma consciência crítica sobre os problemas enfrentados pela classe trabalhadora e organizar uma sociedade onde o salário e as condições de trabalho da maioria da população são aviltantes à sua condição de seres humanos criados à imagem e semelhança de Deus; onde a liberdade não pode ser entendida como tal, onde a injustiça social é uma constante". Os missivistas afirmam a possibilidade de transformar tal realidade "por acreditarmos na força do homem que tenta construir uma Nova Terra" e porque ela não é estática. Comunicam ainda que no dia 3 de maio foi celebrada missa, para recordar o dia 1º de Maio, na qual "se traçou um paralelo entre a criação do mundo e do homem e os problemas vivenciados, de há muito tempo, pela classe trabalhadora. Além disso, por ser maio, mês de Maria, mulher simples e trabalhadora, mas, forte e sempre presente, foram também levantados os problemas enfrentados pela mulher na nossa sociedade".

Os membros da Pastoral Operária dessas comunidades concluem a sua mensagem com uma frase de dom Hélder: "Quando a gente sonha sozinho não passa de um sonho; quando a gente sonha junto é a realidade que começa".

(Jornal O São Paulo - 22 a 28/05/87)

DÍVIDA EXTERNA EM DEBATE

A deflagração de um dia de paralisação de âmbito continental no próximo dia 23 de outubro é uma das principais propostas em discussão na Conferência Sindical Latino-Americana e Caribenha sobre a Dívida Externa, aberta dia 19/05 às 11h na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), São Paulo, com a participação de representantes de 37 centrais sindicais de vinte países da região. A proposta de greve geral é defendida pela Central Única dos Trabalhadores (CUT), que convocou a conferência juntamente com a Central Geral dos Trabalhadores (CGT), a Central Obrera Boliviana (COB) e a Central Uruguaia Plenário Intersindical dos Trabalhadores/Convenção Nacional dos Trabalhadores (PIT/CNT). Os sindicalistas tentaram definir um programa de ação que pressione os governos do continente a rejeitarem o pagamento da dívida externa nos termos exigidos pelos bancos dos países credores e pelo Fundo Monetário Internacional (FMI). "Precisamos unificar o movimento sindical da América Latina para fortalecer a defesa, com intransigência, da liberdade e soberania desses países sufocados pelo pagamento injusto e desumano da dívida", disse o presidente da CGT, Joaquim dos Santos. Entretanto, os dirigentes sindicais precisarão discutir muito para chegar da teoria à prática. O próprio "Joaquinzão" disse à Folha que considera difícil a realização de uma greve de âmbito continental. A CGT, segundo seu vice-presidente Ricardo Baldino, não se oporá à tese da CUT. A

proposta de um dia de paralisação tem o apoio da Central Obrera Boliviana, que também defenderá "outras alternativas de luta " durante a conferência. O secretário de Legislação Social da COB, Albert Echazu, disse que a COB está sugerindo um boicote dos trabalhadores contra produtos de países - credores ou devedores - que não se movimentem para uma revisão da atual contabilidade da dívida externa."Chega de encher a barriga dos banqueiros, precisamos encher a barriga dos trabalhadores", disse o presidente da CUT, Jair Meneguelli, no encerramento da sessão de abertura.

A Pauta da Conferência Sindical sobre a Dívida Externa teve três itens básicos: 1)os efeitos econômicos e sociais na vida dos povos da América Latina e Caribe; 2) propostas de soluções para o problema; e 3) propostas de formas conjuntas de luta contra a dívida externa. O evento teve circuito interno de TV e serviço de tradução simultânea e a edição de uma revista especial e de um almanaque sobre a dívida externa. Além de ceder o local para a conferência, a Unicamp deu uma contribuição acadêmica ao debate dos sindicalistas: o reitor Paulo Renato Souza apresentou as conclusões do seminário sobre a dívida externa realizado pela universidade.
(Aconteceu nº 410 - Maio/87)

O MENOR OPERÁRIO EM SC

Por ser menor, mão-de-obra barata, lucrativa e sem fiscalização, ele torna-se alvo de exploração.

Em Blumenau e Joinville o menor operário tem maior expressão devido, principalmente, ao grande número de indústrias nestes locais.

A rotina do trabalho infantil sofre o descaso de uma fiscalização falha. "O menor está protegido pelas normas especiais de tutela do Trabalho. A CLT - uma legislação feita em 1943 - dedica 13 artigos ao assunto, chegando a limitar a idade do menor entre 12 e 18 anos de idade. E ainda cita que adolescentes com até 14 anos de idade tem garantida a frequência à escolae só poderão executar trabalho de natureza leve".

Ocorre porém, que o mercado de trabalho (formal e informal) absorve a mão-de-obra do menor e desconhece a legislação. A jornada de trabalho, ultrapassa muitas vezes 48 horas semanais. Menores trabalham entre as 22:00 e 05:00 da noite o que é contrário à Lei. Desse modo as crianças vão conhecendo a dura realidade dos indefesos. Filhos da pobreza entram na competição e na luta pela sobrevivência abreviando a própria infância, se é que as tiveram.
(Boletim Informativo do Regional Sul IV Nº 26)

CPO - Secretariado Nacional
Av. Pres. Kennedy, 1861 - Sala 11
25.020 - Duque de Caxias - RJ.

DEMOCRACIA NA TERRA

O GOVERNO ITAMAR E A REFORMA AGRÁRIA

No final de fevereiro, o presidente Itamar devolveu ao Congresso a chamada "Lei Agrária", que havia sido aprovada pela Câmara dos Deputados em 27 de janeiro e que, desde outubro de 1989, já deveria ter sido concluída. Na realidade, a lei em pauta regulamenta os artigos da Constituição Federal de 1988 que dizem respeito à reforma agrária. A novidade do processo de tramitação do projeto de lei refere-se a dois pontos básicos: a) a própria votação da lei (ao contrário do ocorrido na Constituinte) significou um avanço no processo de negociação; a obrigatoriedade do cumprimento da função social para o exercício da propriedade privada no campo é um ponto fundamental na peça legislativa; b) da forma como foi encaminhado o processo, sobretudo na sua passagem pelo Senado Federal e pela última rodada na Câmara antes de chegar às mãos de Itamar, a grande massa de pequenos e médios produtores rurais foi preservada. Conseguiu-se, também, isolar os representantes parlamentares dos segmentos mais reacionários no campo. Este argumento pode ser comprovado pela redação final do projeto de lei e pela participação "destoante" dos líderes mais conservadores.

A apreciação que o Palácio do Planalto fez do projeto implicou na sanção da maior parte dos artigos e no veto a outros seis, em boa parte atendendo às reivindicações das entidades comprometidas com a democratização no campo. Da mesma forma, a justificativa dos vetos sinaliza o espírito da equipe agrária que assumiu o INCRA. Entre os artigos vetados destacam-se dois: a) o artigo 14, que previa a permanência do desapropriado até a conclusão da ação judicial; b) o parágrafo único do artigo 17, que estabelecia o território nacional como parâmetro para desapropriar as terras ociosas. Este dispositivo impedia que terras com menor grau de ociosidade, nos estados do Centro-Sul, fossem utilizadas para o assentamento de *(continua na página 4)*

10 ANOS DE CAMPANHA, 500 ANOS DE LUTA

HERBERT DE SOUZA

Sociólogo, secretário-executivo do Ibase

Em 28 de abril de 1983, na Associação Brasileira de Imprensa (ABI), várias entidades se reuniram para lançar a Campanha Nacional pela Reforma Agrária (CNRA). Eram seis: a linha 6 da Confederação Nacional dos Bispos no Brasil (CNBB), a Comissão Pastoral da Terra (CPT), a Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (CONTAG), a Associação Brasileira de Reforma Agrária (ABRA), o Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (Ibase) e o Conselho Indigenista Missionário (CIMI).

Centenas de pessoas participaram do ato, lembrando que aquela campanha era apenas a continuidade de uma luta que vinha de muito tempo. Reafirmava-se a atualidade da questão da terra e a necessidade imperiosa de realizar uma reforma agrária como condição básica para a existência do desenvolvimento e da democracia no País.

Nesses dez anos a Campanha cresceu, ampliou das seis entidades iniciais para quase cem. Travou várias batalhas importantes em vários campos: legislação, solidariedade concreta com as lutas pela terra, denúncia das violências e da violação dos direitos humanos, propostas de programas governamentais, mobilização da opinião pública nacional e internacional.

A Campanha viu as promessas e decepções do governo Sarney, a impostura do governo Collor e se vê agora diante de novas possibilidades no governo Itamar. Assiste também o agravamento da pobreza e da miséria no Brasil, em grande medida resultado da inacreditável concentração das terras e da expulsão de milhões de pessoas para as grandes cidades, a coexistência incrível de terras usadas para gerar a riqueza de uma minoria e de terras ociosas usadas como patrimônio de uns poucos ou arma de pura especulação.

Ao longo de nossa história, o Brasil se transformou num grande território cercado de arame farpado por todos os lados, garantindo o privilégio de uma fantástica minoria!

Nessa luta não faltaram aqueles que afirmavam ser desnecessária uma reforma pelo fato de nossa economia ser urbano-industrial, de nossa agricultura ser capitalista e moderna e por ser a reforma na verdade um tema ultrapassado, enterrado na história.

E, no entanto, a questão permanece moderna, viva, urgente, decisiva para a própria sobrevivência do Brasil como Nação, como sociedade organizada e civilizada.

Nada mais moderno hoje do que a democratização da terra em todas as suas dimensões: fundiária, agrícola, ecológica, social, política, científica e cultural. Nada mais decisivo, para mudar o rumo desse grande Titanic em direção ao desastre, do que a democratização ampla e profunda da terra, esse espaço planetário apropriado por cercas, preconceitos, dilapidadores da natureza, senhores de um





mundo que já não pode mais ser contido nas escrituras enlouquecidas, onde uma empresa ou pessoa se diz proprietário de um território equivalente a um país !

Num mundo onde o ar, os rios e mares são públicos, onde o uso social e econômico da terra se afirma em meio a avanços e contradições, onde a dimensão planetária passa a ser uma referência obrigatória, não é mais possível deixar de rever em profundidade tudo que já fizemos sobre a terra: o que é ser proprietário de terra, as funções produtivas, privadas e públicas da terra, os limites mínimos e máximos da terra, os usos, a proteção global ao meio ambiente (terra), as grandes cidades e tantas outras dimensões.

A democratização da terra não pode mais ser vista como uma luta em torno de escrituras, que garantam o caráter privado da propriedade, mas como uma luta em torno dos usos sociais, públicos da terra como um patrimônio comum da humanidade.

Pensando a terra dessa forma, parece absolutamente anacrônico sobrevoar o Brasil de hoje e verificar todo um mundo isolado pelas cercas, vazio de gente nos campos, enquanto a miséria se expande e se concentra nas grandes cidades.

A luta contra a pobreza e a miséria no Brasil passa pela democratização da terra e por sua transformação num grande instrumento de desenvolvimento e surgimento de uma nova sociedade fundada em novas relações entre os seres humanos e a natureza.

É preciso reafirmar que a terra é de todos e que todos devem participar dessa obra comum, de dar-lhe um sentido comum, fecundo e democrático.

(continuação da página 1) de famílias, visto que as terras da região Norte apresentam um aproveitamento menor das áreas.

Entretanto, é bom lembrar que o Estatuto da Terra, editado em 1964, tornou-se letra morta durante o período ditatorial e que a recente lei agrícola teve o conteúdo dos seus artigos vetados colocados em prática nos três pacotes subseqüentes. Assim, com base na lei, é necessário que o governo apresente um programa mínimo de trabalho que atenda às demandas mais urgentes na área: consolidação do processo de assentamento das famílias que já ingressaram nos projetos; assentamento de novas famílias e disponibilidade orçamentária para tanto; elaboração de um cadastro de imóveis rurais que subsidie a identificação de imóveis ociosos; descentralização administrativa e operacional da política agrária, aproveitando convênios com órgãos situados na esfera dos governos estaduais e municipais.

Nunca é demais ressaltar que uma proposta séria de democratização da terra, vital para o desenvolvimento nacional, deve ser pautada por uma sólida pavimentação política.

Só assim poderemos sair do desastre que caracterizou o governo Collor, esboçar um programa de médio prazo para o setor e assegurar condições político-institucionais que permitam aos órgãos públicos competentes executar um programa formado a partir da consulta às organizações da sociedade civil diretamente envolvidas.

CNRA/Campanha Nacional pela Reforma Agrária
Rua Vicente de Souza, 29 – CEP: 22251-070 - Botafogo – Rio de Janeiro – RJ – Brasil
Telefone:(021)286-0348 • Telefax: (55-21)286-0541 • Telex:2136466 BASE BR
AlterNex (Via Renpac - Brasil) 12150479 • (Via Renpac - Exterior) 72412150479 • ID. no AlterNex:CNRA
Produção Gráfica: A 4 Mãos • Editoração Eletrônica: Affonso F. Araujo

DEMOCRACIA NA TERRA

NOME:_____

ENDEREÇO:_____

BAIRRO:_____ CEP.:_____ TEL.:_____

CIDADE:_____ ESTADO:_____

PROFISSÃO/ATIVIDADE:_____ _____ DATA / /

Envio anexo: Vale postal ❑ Cheque nominal ao IBASE/CNRA ❑

ASSINATURA ANUAL		
Brasil	Individual: Cr$ 100 .000,00	Institucional: Cr$ 150.000,00
Exterior	Individual: US$ 30,00	Institucional: US$ 60,00

Rua Vicente de Souza, 29 – Botafogo – Rio de Janeiro – CEP.: 22251-070 – Tels.: (021) 286-6161 / (021) 286-0348

ESTA LUTA É NOSSA



JORNADA PELA REFORMA AGRÁRIA

ORGANIZAÇÃO: FETAG • MJDH • CPT • MST/RS • CNBB-SUL 3 • STR/RS • BANCÁRIOS • ABRA • IECLB - Região 3 • CUT • MOVIMENTO JUSTIÇA E NÃO VIOLÊNCIA/SUL • PJ/RS • ADURGS • CPO • CETAP • UAMPA • AMPA • CECA • CPERGS • CÁRITAS • SINDICATO DOS JORNALISTAS • FRACAB • SINDICATO DOS METALÚRGICOS DE PORTO ALEGRE / CANOAS • SINDICATO DOS ARQUITETOS • SINDICATO DOS RADIALISTAS • CEBs • ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA DE SÃO LEOPOLDO • UEE

O que se fala por aí

Você já deve ter ouvido falar muito sobre Reforma Agrária. Talvez tenha ouvido conversas como estas:

— O Governo está só enrolando os colonos!

— A maioria que recebeu terra já vendeu adiante!

— Não existe colono sem terra, existem colonos vagabundos!

— Reforma Agrária é coisa de comunista!

— Os acampamentos são grupos aproveitadores!

— Sou a favor de Reforma Agrária, mas sou contra invasão de terra!

— A Igreja tá se metendo onde não devia!

— Estes colonos não querem terra, só querem agitação!

— Não adianta dar terra para vagabundos!

— Quem tem terra é porque trabalhou. Não acho justo tirar destes e entregar para vadios!

— Tem política por trás destes movimentos. Tem gente se aproveitando!

— Estes colonos são massa de manobra de grupos radicais!

Nas rodas de conversa, nas horas de chimarrão, nos bares, nas festas, saem conversas deste tipo. Mas você já teve uma informação clara, serena, tranqüila e verdadeira sobre o que é mesmo a tal Reforma Agrária, como acontece a luta para conquistá-la e como é a vida dos que já conquistaram terra e hoje estão assentados?

A reforma agrária não é de hoje

Tem gente que pensa que a luta pela Reforma Agrária começou agora há pouco tempo. Está enganado. É uma luta já de muitos anos.

No século passado, quando se lutou muito para acabar com a escravidão negra no Brasil, exigia-se junto com isto uma melhor distribuição das terras.

Em 1950, vendo o rumo que estava tomando a situação dos pobres no meio rural, um Bispo, chamado D. Inocêncio Engelke, de Campanha, Minas Gerais, disse: "Com nós, sem nós ou contra nós, será feita a Reforma Agrária no Brasil". Desde esta época muitos cristãos enxergaram a necessidade da Reforma Agrária.

O início dos anos 60 conheceu vários Movimentos organizados que exigiam a Reforma Agrária (Ligas Camponesas, Sindicatos de Trabalhadores Rurais, Movimento dos Agricultores Sem Terra do RS, etc.) Em 1963 foi apresentada uma emenda à Constituição da época que permitiria realizar a Reforma Agrária, mas foi derrubada pelos políticos latifundiários.

Foi o próprio Governo Militar do Marechal Castelo Branco que aprovou, em 1964, o Estatuto da Terra que permite a desapropriação de latifúndios, cria medidas de seguro rural e garante pagamento dos custos de produção, mão-de-obra e mais 30% de lucro no preço dos produtos agrícolas dos colonos. Estava aberto o caminho para se fazer a Reforma Agrária que favoreceria os sem terra e os pequenos proprietários. Mas isto não saiu do papel.

Em 1979, com o 3º Congresso Nacional dos Trabalhadores Rurais, os Sindicatos levantaram de novo esta bandeira. De lá para cá, a busca de uma verdadeira Reforma Agrária, para atender os sem terra e pequenos proprietários, só avançou e se reforçou.

A situação hoje

Hoje, os pequenos proprietários estão em situação cada vez mais difícil. Mais de cem mil pequenos proprietários perderam suas terras nos cinco estados do sul nos anos de 1986 e 1987. Os baixos preços dos produtos agrícolas e os altos juros bancários estão estrangulando os pequenos agricultores.

Por não terem condições de pagar financiamentos bancários com estes juros absurdos, honestos agricultores estão sendo colocados na cadeia.

Se a vida dos pequenos proprietários está difícil, imagine quem trabalha em terra de outros dando metade do que produz ou ainda mais quem trabalha de peão, ganhando por dia. A vida é de miséria para quem trabalha na terra e não tem terra. **São hoje mais de 140 mil famílias sem terra no Rio Grande do Sul.** E atrás destas, vem uma enorme fila de jovens, filhos de pequenos agricultores que querem ficar na terra, mas seus pais não tem condições.

Ao lado disso existem alguns absurdos:

— O povo na cidade passando fome.

— Grandes projetos de colonização que querem jogar de novo os gaúchos no meio do mato, no norte do Brasil com falsas promessas.

— A maior parte da terra está concentrada nas mãos de poucos e além do mais mal aproveitada. E o pouco que é aproveitada é com trabalho de peão mal pago.

As propriedades com menos de 500 hectares somam 94,6% das propriedades do Brasil, mas só ocupam 25,2% da área; enquanto as propriedades com mais de 500 hectares somam apenas 5,4% das propriedades, mas tem na mão 74,8% da área do país.

BUSCANDO SAÍDAS



Ficar lamentando não adianta. O jeito é buscar saídas. A Grande saída é REFORMA AGRÁRIA que distribua a terra a quem precisa dela para trabalhar, que garanta o crescimento à pequena propriedade e alimentação para o povo da cidade.

Para conseguir isto, existe outra forma a não ser se organizar e lutar?

Os pequenos proprietários, no ano passado fecharam bancos, bloquearam estradas e derrubaram a correção monetária.

Os "sem terra" formaram acampamentos onde se organizam em pequenos grupos, comissões de saúde, negociação, barracos, alimentação, etc. Tudo se decide com participação de todos. É uma forma dos sem terra se juntar e organizados conseguir seus direitos. E com isto conquistaram o assentamento de 1060 famílias em 23 áreas no RS, nos últimos anos.

Temos prova que dá certo

Tem gente que não acredita que a Reforma Agrária funcione mesmo.

Mas a pequena propriedade, com toda uma política agrícola contrária, continua produzindo e alimentando as cidades. Caso recebesse mais atenção e incentivo, produziria muito mais, não estaríamos importando alimentos como feijão e arroz e haveria bem estar social para mais gente.

E tem exemplos que a vida melhora mesmo. Em muitos lugares, como forma de enfrentar a exploração, pequenos proprietários formam associações comunitárias, trabalham em mutirão, compram máquinas e insumos em conjunto, vendem seus produtos direto para a cidade. Estão melhorando de vida, tirando o pé do barro.

Os que já conquistaram terra e hoje estão assentados, estão melhorando de vida. Pegam no pesado para valer. Procuram trabalhar em conjunto. Lutam por recursos para produzir melhor. Nos 23 assentamentos que já existem, o povo melhorou de vida e fez as terras, antes abandonadas, produzir alimentos. Lá você encontra comunidades fortes, gente animada e contente, gente que viveu anos em terra alheia, meses e meses embaixo de barraco de lona, e hoje, tem sua casa, cultiva sua terra e alimenta seus filhos.

Os agricultores estão provando na prática, que as técnicas impostas pelas multinacionais estragaram sua saúde, a qualidade dos alimentos, destruíram a natureza e ajudaram a empobrecer o pequeno. Estão buscando novas formas de cultivar a terra e produzir alimentos sadios sem uso de venenos.

Outra prova é que países hoje desenvolvidos e com grande produção agrícola, antes, fizeram Reforma Agrária. Assim foi na Itália, na Alemanha, nos Estados Unidos e no Japão. Está na hora do Brasil fazer o mesmo.

VEJA. COMPARE.

A Produção, as pessoas vivendo bem, a vida comunitária na Fazenda Itaíba, em Cruz Alta, antes e depois do Assentamento.

FAZENDA ITAÍBA
Área de 3.100 hectares

	ANTES	HOJE
PROPRIETÁRIOS	1	87
MORADORES	3	453
PRODUÇÃO	800 reses	800 reses - 800 suínos -6.000 aves 300.000 litros de leite/ano 107.000 sacos de grãos/ano 1 grande silo-graneleiro 25 colheitadeiras 90 tratores 21 caminhões, muitos carros.
COMUNIDADE	nada	3 escolas 1 capela 1 clube mercado posto de gasolina campos de esporte oficinas 25 hectares de reserva florestal

Reforma Agrária é:

- **Aumento da produção agrícola;**
- **Melhores condições de vida para todo o povo;**
- **Eliminação da fome em todo o Brasil;**
- **Desapropriação de grandes propriedades;**
- **Assentamento de verdadeiros agricultores sem terra e filhos e de pequenos proprietários;**
- **Apoio à pequena propriedade;**
- **Preço justo para os produtos agrícolas;**
- **Seguro agrícola verdadeiro;**
- **Financiamento com juros acessíveis;**
- **JUSTIÇA SOCIAL**



Foto: Karine Ejzenbaum

A Reforma Agrária que queremos!

• A Reforma Agrária verdadeira, que nós queremos e pela qual estamos lutando vai beneficiar diretamente o pequeno proprietário.

• A Reforma Agrária que nós queremos não vai mexer na terra dos médios proprietários, considerados até 500 hectares. A média propriedade no Brasil cumpre com uma importante função social.

• O que não se justifica é a grande propriedade.

• Porque ela gera graves problemas sociais.

• Porque ela é injusta.

• Porque ela é, na maior parte, herança de sesmaria, doações do tempo do império ou até antes.

• Porque muitas grandes propriedades foram conseguidas por meios desonestos.

• Porque ela impede o desenvolvimento do país.

• Porque ela produz muito pouco.

• Porque ela aproveita mal a terra.

• Porque ela não produz alimentos básicos para o povo Brasileiro.

• O ALVO DAS DESAPROPRIAÇÕES É A GRANDE PROPRIEDADE. COMEÇANDO PELA GRANDE PROPRIEDADE QUE PRODUZ POUCO, QUE É MAL APROVEITADA.

Veja a utilização de 10 hectares de terra numa grande e numa pequena propriedade

Grande propriedade com gado

Em 10 hectares: 8 cabeças de gado.

Grande propriedade com soja

Em 10 hectares produz 250 sacas de soja, numa produção de 25 sacas por hectare.

Utilização de 10 hectares numa pequena propriedade. Produção num ano.

Gado: 8 cabeças.
Suínos: 10 cabeças.
Batata Inglesa: 10 sacas 50 kg
Batata doce: 200 kg.
Abóbora: 450 Kg.
Mandioca: 1.000 kg.
Arroz: 12 sacas 60 kg.
Feijão: 14 sacas 60kg.
Milho: 150 sacas 60 kg.
Soja: 80 sacas 60 kg.
Amendoin: 20 kg.
Melado, Chimia e açúcar de cana: 80 kg.
Galinhas: 80.
Mel: 60 kg.
Cebola: 20 tranças
Alho: 10 tranças
Horta e Frutas

Foto: Miriam Pichler



Você que é pequeno proprietário

A Reforma Agrária que nós queremos vai trazer grandes benefícios para você e vai dar tranqüilidade quanto ao futuro dos seus filhos.

A reforma agrária e os operários

Os colonos, permanecendo na roça e com terra para plantar, não irão para a cidade engrossar as favelas e as vilas e nem ocuparão o lugar dos operários, que lutam para conseguirem se manter nos seus empregos. Além do mais o trabalho do operário será mais valorizado e bem remunerado. Isto só acontece com uma Reforma Agrária realizada pelos próprios trabalhadores.

Além de acabar com o êxodo rural forçado, a Reforma Agrária gera mais empregos tanto na indústria como na agricultura, pois quanto maior a produção, mais se precisará de mão-de-obra para transformar e industrializar estes produtos. Quanto mais alimentação existir no mercado, menor será o preço da mesma.

Você que é jovem

A Reforma Agrária que nós queremos vai proporcionar a permanência dos filhos de agricultores na terra.

Nas cidades não haverá excesso de mão-de-obra barata, pois o mercado de trabalho ficará para o Jovem da Cidade e a terra para o Jovem da Zona Rural.

O próprio comércio e a indústria serão beneficiados com a redistribuição da terra. Às vezes é difícil entender isto. Mas é fácil provar com fatos.

Vejam um exemplo:

— As cidades, onde predomina a pequena propriedade, se desenvolveram extraordinariamente nos últimos anos. As cidades, onde predomina a grande fazenda, fazem séculos que foram fundadas e estão do mesmo jeito. Compare o desenvolvimento de Santa Rosa, região de pequena propriedade, com Tupanciretã, região de grandes fazendas. Há 50 anos, Santa Rosa estava recém começando e Tupanciretã já era cidade feita. Hoje, Santa Rosa é duas vezes maior que Tupanciretã.

Vejam outro exemplo:

— Depois do 3º ano de plantio na terra conquistada, os assentados de Erval Seco, RS, melhoraram de vida e, graças as economias feitas em conjunto resolveram colocar algum conforto dentro de casa, pois ninguém nasceu para sofrer a vida inteira. No final de dezembro de 1987 eles estavam pesquisando preços para comprar 15 geladeiras para as famílias assentadas. Se eles estivessem trabalhando à meia ou de peão, estas geladeiras não seriam vendidas e estes colonos estariam na miséria. E os comerciantes de geladeiras da região, mesmo que antes tivessem até falado contra estes colonos, se mostraram muito interessados em vender as geladeiras.

Agora você imagine uma coisa. Que tal a gente multiplicar exemplo como estes?

E além disto. Que tal melhorar de verdade as condições de vida e de trabalho dos pequenos proprietários que hoje estão estrangulados? Não sairemos todos ganhando?

Foto: Regina Vilela



Reforma Agrária significa esperança para todas as crianças.

JORNADA PEÇA REFORMA AGRÁRIA. PARTICIPE DAS MOBILIZAÇÕES. "ESTA LUTA É NOSSA".



CPT

COMISSAO PASTORAL DA TERRA REGIONAL RIO DE JANEIRO
CX. POSTAL 1243 · CEP 20001 · RIO DE JANEIRO · RJ
TEL. (021) 285.6840

FOLHA INFORMATIVA

CPT - RJ

TRABALHADOR RURAL PASSARÁ A TER MESMOS DIREITOS DO URBANO

Por 92 votos contra o do deputado Ricardo Fiuza (PFL-PE), a Comissão de Sistematização estendeu ontem aos trabalhadores rurais os mesmos direitos dos trabalhadores urbanos. Em tese, com a promulgação da nova Constituição, os bóias-frias deixarão de existir, já que está praticamente assegurada a estabilidade empregatícia.

"É um ganho importante para os trabalhadores do campo", disse o professor de Direito Constitucional, José Afonso da Silva, que assessora a liderança do PMDB no Congresso constituinte. Embora esteja implícito que os direitos são os mesmos para "os trabalhadores", Afonso da Silva afirmou que a decisão de explicitá-los, legitima a conquista. O deputado Plínio de Arruda Sampaio (PT-SP) disse que a emenda proposta pelo deputado Paulo Paim (PT-RS) tem como principal mérito igualar os avanços dos trabalhadores. Apesar de ter conquistado muitos benefícios no Estatuto do Trabalhador Rural, a norma constitucional amplia os ganhos. "É uma grande conquista", declarou Plínio de Arruda Sampaio. Com a aprovação da estabilidade no emprego, pela primeira vez na história do Brasil os trabalhadores rurais terão esse direito. Além de ganhos do ponto de vista do contrato de trabalho, como a possibilidade de seguro-desemprego (caso seja mantida a proposta de Cabral), o trabalhador rural terá avanços na parte previdenciária e acidentária. O serviço de Previdência Social do trabalhador urbano será estendido ao rural, substituindo o Funrural. Segundo Arruda Sampaio, não será possível a existência de dois tipos diferentes de assistência social com a aceitação desse novo preceito constitucional. **(FSP - 8/10/87)**

CNBB PEDE ELEIÇÕES GERAIS APÓS NOVA CONSTITUIÇÃO

A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) quer eleições em todos os níveis, logo após a promulgação da nova Constituição. Esse é um dos seis pontos para o "pacto político" que a CNBB relaciona na nota "Golpe contra a democracia", divulgada ontem, onde a entidade ataca o "comportamento desesperado" do governo. O Executivo, segundo o boletim da CNBB, encontra-se "deslocado das instituições e dos partidos" e "isola-se num programa próprio de mera sustentação de grupos que disputam entre si o poder num afastamento dos objetivos da transição e num golpe contra a democracia". A CNBB mostra-se preocupada também com a Constituinte. "Demonstração de desrespeito à Constituinte é a permanente ameaça que o Executivo lança contra a soberania do processo constitucional, difundindo que se aprovado o regime parlamentar irá arguir no Supremo Tribunal os limites do poder constituinte para deliberar sobre a questão". E espera que não se distancie o "Supremo da vontade popular expressa na emenda constitucional de convocação da Constituinte". "No jogo forte que hoje se traça, envolvendo os governos estaduais, governo federal e parlamento", afirma o boletim, "a única saída que se firma como a mais próxima à retomada do processo de transição, rompido bem antes da desagregação atual da Aliança Democrática, é a formação de um novo pacto político". A base desse novo "pacto" seria: as eleições após a promulgação da Constituinte; a real possibilidade de participação direta da população nas decisões constituintes; a supressão do regime de exceção ainda mantido pela Lei de Segurança Nacional; uma nova política econômica, voltada para o fortalecimento do mercado interno e na organização de nova política agrícola; reforma agrária; e, por fim, a garantia de referendo popular para as questões mais controvertidas da Constituinte. **(FSP - 12/10/87)**

Trabalhadores Rurais

REFORMA AGRÁRIA TEM VERBAS REDUZIDAS EM 67% PARA 88

A reforma agrária, considerada como programa prioritário do governo, teve seu orçamento para o próximo ano reduzido em 67%. A proposta orçamentária feita pelo Ministério da Reforma e Desenvolvimento Agrário (Mirad), com base em custos de abril passado, previa para 1988 um total de Cz$ 45,8 bilhões, para o assentamento de duzentas mil famílias de agricultores. A meta de assentamento foi mantida. Entretanto, o projeto de lei orçamentária, remetido ao Congresso Nacional em agosto último, destina ao ministério Cz$ 30,7 bilhões. Para atender apenas às ações de reforma agrária, o Mirad havia solicitado, na proposta original, Cz$ 37,8 bilhões. Segundo o orçamento previsto para 1988, o Mirad terá apenas Cz$ 19,8 bilhões, o que significa uma diminuição de 52% nos recursos para o cumprimento de sua atividade. O presidente José Sarney, há exatamente dois anos (20 de outubro de 1985) aprovou o Plano Nacional de Reforma Agrária (PNRA), através do decreto nº 91.766. Ele determinava que os ministérios envolvidos deveriam definir em seus orçamentos os recursos necessários às ações complementares exigidas pela reforma agrária. Ainda no ano passado, o presidente da República instalou a Comissão

Interministerial de Desenvolvimento Rural (CIDR), composta pelos quatorze ministérios envolvidos com a reforma agrária. A CIDR deveria consolidar todos os orçamentos, prevendo as despesas com as ações complementares ao programa. Entretanto, com exceção dos ministérios dos Transportes e da Agricultura, nenhum outro destinou recursos, em seus orçamentos do próximo ano, ao programa de reforma agrária, como determinava o decreto do presidente José Sarney. Até agora, o governo desapropriou 2,1 milhões de hectares, que representam uma capacidade de assentamento para 59.186 famílias. Isto significa que dois anos após a aprovação do PNRA foram cumpridos apenas 2,2% da meta de desapropriação e provavelmente beneficiadas 13,1% das famílias previstas para o mesmo período. **(FSP - 10/10/87)**

SOCIÓLOGO CONTESTA ANÁLISE DO BNDES SOBRE REFORMA AGRÁRIA

"Se a reforma agrária concentra a renda, como concluiu levantamento do BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social), então o latifúndio, que é a concentração de terras, democratiza a renda." O comentário foi formulado em tom de blague por um dos coordenadores da Campanha Nacional pela Reforma Agrária, o sociólogo Herbert de Souza, a propósito de pesquisa do BNDES publicada na edição do JB de domingo, dia 4. A publicação dos resultados do levantamento do BNDES - que ainda não chegou ao fim, como admitiu seu responsável, o economista Márcio Henrique de Castro - deixou revoltadas as 10 entidades que participam da campanha pela reforma agrária, que se reuniram para debater a questão. Passamos por um momento muito delicado - disse o sociólogo Herbert de Souza - correndo o risco de ter, na nova Constituição, uma reforma agrária que fique aquém até mesmo do Estatuto da Terra, da época do general Castelo Branco, e das legislações posteriores, como a da época do general Costa e Silva, que dava prazo de 48 horas para posse da terra. Como um levantamento feito em um período superado, antes das mobilizações populares, pode chegar à conclusão de que a reforma agrária é prejudicial ao homem do campo? É uma conclusão absurda, até porque nunca existiu reforma agrária no país. Um dos vícios da pesquisa, segundo o coordenador da Campanha Nacional pela Reforma Agrária, é o fato de que o BNDES trabalhou com a idéia de que os assentamentos teriam de ser auto-suficientes. "Não existe agricultura auto-suficiente em sistema capitalista, e em países como o Japão e os Estados Unidos ela é subsidiada, como teria que ser a nossa." Outra crítica feita por Herbert de Souza é que o BNDES afirma que a renda dos parceleiros do Incra foi baixa, sem referir-se ao que ganhavam antes do assentamento. "A partir de um estudo de 26 casos em um universo de renda baixa não se pode concluir que a reforma agrária concentra renda. Além do mais, o próprio estudo do BNDES diz que dos casos examinados, só 30% receberam crédito do governo. Para ele, a partir das informações relacionadas em seu levantamento, o BNDES apresenta argumentos contra a reforma agrária sem, no entanto, ter demonstrado a existência desta reforma e sem ter qualificado o significado desses assentamentos feitos durante o governo do general João Figueiredo. "O que há", comentou ele, "é uma articulação de dados truncados do ponto de vista científico e do político". Outro ponto de levantamento do BNDES contestado pelos coordenadores da Campanha pela Reforma Agrária é a afirmação do Banco de que "caipira não conhece agricultura", o que significa, segundo eles, que apenas a agricultura altamente tecnificada pode dar certo. Isto é falso - argumenta Herbert de Souza - porque, no Brasil, os pequenos produtores usam menos insumos, produzem 70% dos alimentos consumidos, empregam mais gente e recebem do governo menos créditos. As propriedades com mais de 100 hectares gastam mais agrotóxicos e fertilizantes, empregam menor número de pessoas comparativamente e destinam a maior parte de sua produção ao mercado externo. Estas constatações, segundo ele, não significam que a Campanha Nacional pela Reforma Agrária defenda a agricultura primitiva, sem tecnologia. "Nós achamos apenas", diz ele, "que o pequeno produtor brasileiro tem revelado uma capacidade de sobrevivência que desafia toda política praticada até agora pelo governo". **(JB - 11/10/87)**

CEDIN
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E INFORMAÇÃO
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR

NOTA DE ESCLARECIMENTO AO POVO

Nós, Bispos Diocesanos da Região Araguaia-Tocantins, denunciamos mais uma vez publicamente a grave situação de violência perpetuada contra os trabalhadores rurais e seus aliados.

Situação de Violência

Somente no ano de 1987, de 1º de janeiro a 8 de setembro, na Diocese de Conceição do Araguaia/PA, foram mortos 18 trabalhadores rurais, por questões possessórias e trabalhistas, 115 espancados, 80 famílias despejadas e 32 casas queimadas ou destruídas. Em várias ocasiões, nos últimos anos, foram entregues às autoridades, listas de trabalhadores mortos nesta região e até hoje os responsáveis por estes crimes continuam impunes. A omissão e a conivência do poder público com o latifúndio propiciam um clima de impunidade tal, que favorecem aumento da violência. Enquanto não se detêm pistoleiros e seus mandantes, 112 posseiros foram presos este ano.

1 - BELA VISTA

Destacamos o conflito da área Bela Vista, Conceição do Araguaia, como um exemplo que bem ilustra essa realidade, onde vivem e trabalham, há 8 anos, aproximadamente 400 famílias de trabalhadores. O proprietário, Jurandir Gonçalves Siqueira, desde o final de abril de 1987, implanta o terror entre os camponeses.

Houve a morte de um pistoleiro que dizia ter sido contratado para matar 8 lavradores. Após esta morte, a PM e o gerente da fazenda, sob as ordens do próprio Jurandir, praticam muitas arbitrariedades e chegaram a torturar 12 lavradores. Entre os 12, encontra-se Antonio José Sabino e Oity Farias Leite, que permaneceram presos injustamente por 42 dias. Ambos estiveram internados 5 dias no Hospital do Estado, em Conceição do Araguaia, por causa dos atos de crueldade. Posteriormente constatou-se, através de laudos médicos, que Antonio José Sabino tinha uma vértebra fraturada, sendo necessário manter-se engessado por 20 dias. Queimaram 19 casas, roubaram objetos de valor, além de proibirem o trânsito no rio Araguaia, daquela região.

A violação do direito constitucional de ir e vir provocou a morte por tétano, no dia 9 de maio de 1987, de Maria Goretti de Sousa, de 4 anos, por falta de assistência médica. O fazendeiro e 9 soldados estiveram na casa do posseiro João Moreira de Sousa, casado, 12 filhos. Fizeram muitas pressões e ameaças aos familiares presentes. Em virtude desse ato, Mary Rosa Mendes, sua nora, grávida de 6 meses, sofreu aborto. Foi transportada numa rede através da Fazenda São Luiz, porque o trânsito no caminho mais curto estava fechado pela polícia, o que ocasionou o aumento de perigo de vida. João Moreira de Sousa, que vinha sendo ameaçado por Jurandir, saiu da área e foi alcançado no município de Arapoema, Goiás e no dia 13 de agosto de 1987, assassinado barbaramente a pauladas. O posseiro Raimundo do Nascimento Moreira, 37 anos, casado, teve a mesma desventura dois dias depois. Seus familiares, com a participação de dezenas de lavradores, só conseguiram enterrar o corpo 8 dias depois, porque os pistoleiros mantinham emboscadas prontas a matar quem se aproximasse.

Por volta do dia 9 de setembro de 1987, o fazendeiro abandonou a área, e segundo informações, teria vendido as poucas cabeças de gado, o que ele dizia serem suas e colocou fogo na roça dos lavradores, causando graves prejuízos. O fogo se alastrou incontrolavelmente, atingindo pasto dele próprio.

Ameaça de Morte

O latifúndio da eliminação física de pais de família, lideranças sindicalistas, agentes de pastoral, advogados comprometidos com trabalhadores rurais, procura amedrontar, através de constantes ameaças de morte. Nesta região do sul do Pará há pelo menos 65 pessoas que correm risco de vida. Nestes últimos dias, as campanhas de difamação, ameaças, perseguições, vem se intensificando, inclusive através da Rádio Regional do Araguaia, que repetidamente insiste que um grupo de 6 (seis) tem que ser eliminado.

Sandinistas

Foram feitas denúncias levianas a respeito da presença de sandinistas guerrilheiros no sul do Pará.

Acusações destituídas de quaisquer provas ou indícios de veracidade. Tais acusações não ofendem apenas um sacerdote, mas ofende-se desta forma, o povo e o governo da Nicarágua, pois que mantém relações diplomáticas amistosas com o Brasil.

Repúdio

Rejeitamos as calúnias feitas em relação ao Padre Ricardo Rezende Figueira, Sacerdote da Diocese de Conceição do Araguaia e Coordenador do Regional Araguaia-Tocantins da Comissão Pastoral da Terra (CPT). Há muitos anos o conhecemos e acompanhamos seu trabalho, testemunhando sua atuação evangélica, sempre em comunhão conosco, de acordo com orientações da Igreja a serviço dos oprimidos do campo. Manifestamos nosso total apoio e solidariedade ao Padre Ricardo.

Compromisso e Apelo

Afirmamos que apesar das graves ameaças de morte a alguns de seus agentes de pastoral, a Igreja não abandonará seu compromisso de apoio ao povo camponês, oprimido e massacrado desta região.

Continuamos juntos para que os trabalhadores conquistem, neste país, uma verdadeira reforma agrária, sem a qual não haverá paz no campo. Apelamos às autoridades competentes a tomar providências urgentes para a segurança devida de nossos irmãos ameaçados de morte, evitando mais derramamento de sangue. Para que isso seja possível, é necessário que a justiça torne-se mais ágil e inicie por apurar cada caso de morte violenta na região.

Neste momento, queremos retomar as palavras do Conselho Permanente da CNBB, de 28 de agosto próximo passado: nossa fé opera na caridade comprovada no sofrimento e se alimenta de grande esperança. Temos certeza de que Deus caminha conosco e nos confirma em nossa missão evangelizadora. A força da ressurreição pulsa no meio de nosso povo. Nossa Senhora Aparecida, Mãe e Padroeira do Brasil, especialmente neste Ano Mariano, nos ampare na insistente busca da justiça e fraternidade.

Convidamos todos os católicos a participarem, no Dia Nacional de Oração Pela Paz, 12 de Outubro, festa de Nossa Senhora Aparecida, rezando o terço pela superação da violência em nosso querido Brasil.

Conceição do Araguaia, 18 de setembro de 1987.

D. Patrício José Hanrahan, C. SS. R. - Bispo de Conceição do Araguaia - PA
D. Frei Jaime Antonio Schuck, O. F. M. - Bispo de Cristalândia - GO
D. Jaime Collins, C. SS. R. - Bispo de Miracema - GO
D. Frei Celso Pereira de Almeida, O. P. - Bispo de Porto Nacional - GO
D. Pedro Casaldáliga, C. M. F. - Bispo de São Félix do Araguaia - MT

MNDDH	SERVIÇO DE INTERCÂMBIO NACIONAL Cx.Postal.581.25.600.Petrópolis/RJ

Memorando nº 81/87 15/10/87	Encaminhado ao Brasil. SERVIR À VIDA

DENUNCIANTE:

Comissão Arquidiocesana de São Luis
Rua Pedro II, s/nº
65.000 - São Luis - MA.

O FATO:

O COMITÊ DE LUTA PELA REFORMA AGRÁRIA e demais entidades querem tornar público o seu mais veemente repúdio às violências físicas e morais sofridas por mais de 25 posseiros dos povoados de "JIQUIRI, SÃO RAIMUNDO, AREAIS", e ao presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Santa Rita, Sr. Clovis Alves de Souza, praticadas pelo Delegado de Polícia daquele município, Sr. Francisco Cantanhede Cordeiro e vários policiais-militares, no dia 30 último, às 9:30.

Momento antes dessas violências, esses lavradores, acompanhados do dirigente sindical, compareceram naquela delegacia de polícia para prestar depoimento a respeito de conflito de terra na região em que vivem e trabalham. Na presença do Delegado Sindical, policiais-militares passaram a provocar e insultar os lavradores e impedir que o presidente do sindicato assistisse seus associados. Logo depois, esses policiais passaram a praticar toda a sorte de violências e agressões físicas, através de pauladas, pontapés, murradas, empurrões. O Delegado de Polícia ainda disparou um tiro no chão, quase atingindo os pés do dirigente sindical e do lavrador Tomé Ferreira. Resultado dessa pancadaria da polícia: o Presidente do Sindicato e os posseiros Filomeno Ferreira Santos e Elpidio Pereira sairam muitos machucados, com serias escoriações.

Queremos repudiar também o atentado ao direito de representação do dirigente sindical, impedido ilegalmente de assistir os associados do sindicato nas audiências na Polícia e exigir do Governo Cafeteira a apuração dos abusos e violências e a punição rigorosa do arbitrário delegado de polícia.

Queremos finalmente denunciar que, apesar do compromisso e do discurso do Governo Cafeteira, a Polícia continua sendo uma força de apoio ao latifúndio e a serviços de grupos políticos.

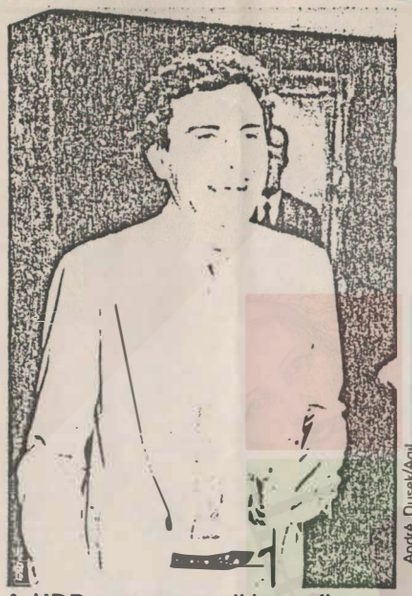
A reforma sai de campo

O sonho acabou. Pelo menos essa é a sensação que fica depois do decreto do presidente Sarney sobre os novos rumos que pretende imprimir ao seu arremedo de reforma agrária. O decreto, às vésperas da votação da Sistematização sobre o tema, sinaliza claramente os limites admissíveis ao governo. Com o agravante de significar uma clara aliança do governo com as correntes mais conservadoras do País, sobretudo a UDR.

Essa foi a conclusão do presidente da Confederação dos Trabalhadores na Agricultura (Contag), José Francisco da Silva, após reunião de toda a diretoria, na quinta-feira, 21. Ele declarou que o presidente "está tirando a máscara" e que, mais que a UDR, "é a direita que se está confundindo com o governo e formando sua nova base de sustentação".

O decreto presidencial – um recuo em relação ao substitutivo de Bernardo Cabral – incorpora boa parte das emendas apresentadas pelos deputados Rosa Prata, Jorge Viana e Cardoso Alves, todos do PMDB, responsáveis pela derrubada do relatório de Severo Gomes, na Comissão da Ordem Econômica. Além de levar em conta as sugestões do próprio ministro da Reforma Agrária, Jáder Barbalho, que desde a posse enfrenta a resistência e a desconfiança dos trabalhadores rurais.

O decreto foi apresentado como uma derrota da UDR, por excluir a possibilidade de desapropriação das propriedades cujo tamanho não ultrapasse 250 hectares (sul-sudeste) e 1.500 hectares (norte). Isso seria um passo no sentido de esvaziar o movimento de resistência à reforma que cooptou os pequenos e médios proprietários. O que não se diz é que já havia essa disposição na lei, preservando as pequenas propriedades. Só que os limites eram inferiores. Não se diz, também, que os conflitos mais graves, como os do Bico do Papagaio (GO), ocorrem, justamente, em áreas da nova dimensão excluída de desapropriação.



André Dusek/Agil

A UDR amarga sua "derrota"

O detalhe de excluir da desapropriação, em áreas de até dez mil hectares, 25% das terras, à escolha do proprietário, está sendo interpretado pelos adeptos da reforma como um golpe no conceito de função social da terra. A mesma acusação se faz à exclusão para fins de desapropriação de áreas em produção, mesmo dentro de propriedades desapropriadas. Ou seja, a reforma agrária de Sarney fará tudo, menos alterar efetivamente a estrutura fundiária do País. O latifúndio, em qualquer hipótese, será privilegiado, seja pela manutenção de até 2.500 hectares para qualquer fim, inclusive especulação, seja porque um simples desmatamento, na ausência de outros critérios, o caracterizará como produtivo.

O direito de uso real, que impedirá os beneficiários da reforma agrária de negociar, penhorar ou dar qualquer destinação as suas terras, foi considerado um "socialismo só para os pobres", de vez que os latifundiários continuam livres para fazer o que bem entenderem. Além de que configura um duplo ordenamento jurídico para o direito de propriedade no País.

A extinção do Incra e sua absorção pelo Mirad servirá somente para tirar ao órgão executor da reforma agrária a flexibilidade e autonomia características de uma autarquia. E a criação do Inter (Instituto Jurídico das Terras Rurais) para cuidar do aspecto jurídico da reforma contradiz com a intenção anunciada pelo governo de unificar todas as suas procuradorias jurídicas.

SENHOR/345 - 27/10/87

JB 25/10/87

Estado quer criar rede de armazéns

O sistema de condomínio privado para viabilizar a construção de uma unidade armazenadora com capacidade para 30 mil toneladas, a partir de um protocolo de intenções firmado entre a Secretaria de Agricultura e Abastecimento e os produtores rurais reunidos ontem na Fazenda da Saudade (2.800 hectares) — do Grupo Monteiro Aranha — configurou a nova política agropecuária do Estado do Rio de Janeiro.

Foi um encontro em grande estilo. O governador Moreira Franco aterrissou de helicóptero e o anfitrião, Olavo Monteiro de Carvalho, transmitiu sua apreensão com a Constituinte, sugerindo que o momento se transformasse numa "reunião de conscientização" sobre o perigo da destruição da democracia e das garantias para a propriedade privada. Ao que Moreira Franco respondeu dizendo que estava ali para estimular o investimento e a organização do trabalho. "Para as indagações e angústias em relação à Constituinte há um representante aqui: Ronaldo César Coelho" — ressaltou o governador.

O deputado federal pondorou que, quando Getúlio Vargas estabeleceu a jornada de trabalho em oito horas, seu avô achou que o Brasil estava liquidado. Entre os grandes produtores, Ozaná Almeida não demonstrava qualquer pessimismo, apesar de confidenciar que seu único medo é a "desestabilização do campo". Para ele a agricultura só pode ser viável ao nível de três segmentos: pequeno, médio e grande produtor.

De acordo com Ozaná Almeida, ano passado, uma parte da produção fluminense teve de ser vendida *in natura* para São Paulo por falta de armazéns no Estado do Rio. Em conseqüência, os produtos, depois de industrializados em São Paulo retornaram ao Rio de Janeiro, criando um adicional ao preço do consumidor. Ao discutir esse problema com os produtores, o secretário de Agricultura, Elcio Costa Couto, propôs aos empresários um estudo de viabilidade de silos, econômica sob administração privada. Daí o convênio assinado em que a secretaria se responsabiliza em realizar, juntamente com a COCEA, estudos para implantação do projeto, facilitar a obtenção do terreno em local conveniente e promover os meios para sua integração ao sistema rodo ferroviário, se necessário. Além de providenciar, juntamente com a Pesagro, a seleção das sementes mais apropriadas para garantir a produtividade e uniformização das culturas.

JORNAL DO BRASIL terça-feira, 27/10/8

Tribuna determina decisões na Sistematização

Partidos formam grupos de especialistas para orientar voto do plenário

Aglaé Lavoratti

BRASÍLIA — Ninguém melhor do que os grupos ideológicos e os partidos que integram a Comissão de Sistematização para saber que é preciso "dançar conforme a música", como reconheceu o deputado, hoje ministro, Prisco Viana. Por isso, a cada item do projeto posto em votação, entram em campo os parlamentares especialistas em cada assunto, que, mesmo sem voto, têm voz na Sistematização. Eles formam uma espécie de linha de frente devido ao profundo conhecimento sobre o que está sendo analisado.

Não foi por outro motivo que, no capítulo referente aos direitos dos trabalhadores, os empresários Afif Domingos (PL-SP) e Albano Franco (PMDB-SE), de um lado; e os sindicalistas Luís Inácio da Silva, Lula, (PT-SP), e Paulo Paim (PT-RS), do outro, monopolizaram as atenções do plenário. Afif e Albano defendiam emenda dos empresários gaúchos que acabava com a estabilidade e tinham como reforço o deputado Darcy Pozza (PDS-RS), especialista em economia da ala conservadora.

Enfrentaram a tropa de choque da esquerda, capitaneada por Lula e Paim, ambos da CUT. "O Lula estava jogando tudo. O problema é que o trabalhador do ABC não é o trabalhador brasileiro", disse Pozza. Lula jogou tudo e melhor que os conservadores. Ganhou. O capítulo referente aos direitos dos trabalhadores incluiu todas as suas propostas. "O Afif não soube articular, ficamos perdidos", admite o deputado Ricardo Fiúza (PFL-PE), da ala conservadora.

Cronograma — A necessidade de contar com os especialistas levou os partidos a fazerem um cronograma para os trabalhos de plenário. No PT, por exemplo, a deputada Irma Passoni (SP) ainda não apareceu na Comissão de Sistematização. Ela é a especialista do partido em reforma agrária e atuará na Comissão de Sistematização junto com o deputado Plínio de Arruda Sampaio (SP), quando chegar a hora.

Irma e Plínio, trabalharão com os especialistas do PCB e PC do B — deputados Roberto Freire (PE) e Aldo Arantes (GO) — e ainda com o deputado Osvaldo Lima Filho (PMDB-PE) e os deputados Nelton Friedrich (PR) e Vicento Bogo (RS), da dissidência pemedebista MUP (Movimento de Unidade Progressista). O grupo prepara uma proposta que assegura imissão imediata na posse da terra desapropriada.

Os especialistas das esquerdas enfrentarão no plenário o batalhão de frente dos conservadores, entre os quais se destaca o deputado Roberto Cardoso Alves (PMDB-SP), que até agora apenas passeou pelo plenário, sem intervir nos debates. "É claro que atuarei na reforma agrária, porque estão querendo acabar com a propriedade produtiva", justifica Cardoso Alves. Para o mesmo assunto, o PFL terá os deputados Ricardo Fiúza e Alysson Paulinelli (MG).

Rodízio — Os partidos respeitam, em cada assunto, a tendência natural de seus integrantes e fazem um rodízio de especialistas. No PDT, por exemplo, quem brilhou na votação do capítulo dos direitos individuais e coletivos foi o deputado Lysâneas Maciel (RJ), que cedeu lugar para o deputado Vivaldo Barbosa (RJ) na questão da organização partidária e eleitoral. Quando a reforma agrária e a ordem econômica entrarem em pauta, Vivaldo abrirá caminho para o deputado Amaury Muller (RS), que cederá seu lugar para o deputado Floriceno Paixão (RS) na questão previdenciária.

No PT, Lula e Antônio Paim atuam nas questões dos trabalhadores, os deputados Paulo Delgado (MG) e José Genoíno (SP), na questão eleitoral e partidária e Forças Armadas; os deputados Florestan Fernandes (SP) e Gumercindo Milhomem (SP), no sistema de governo; e o deputado Olívio Dutra (RS), nas áreas de comunicações, ciência e tecnologia.

No PDS, não existe uma organização rígida. "Respeitamos os conhecimentos de cada parlamentar na sua área", afirma o deputado Adylson Motta (RS), que começará a atuar com mais freqüência quando entrarem os temas administração pública, saúde e prrevidência. O deputado Gerson Peres (PA) é o constitucionalista coordenador do PDS, enquanto os deputados Bonifácio de Andrada (MG) e Victor Faccioni (RS) passarão a atuar no sistema de governo.

Mesmo um partido pequeno como o PC do B, com direito a somente um voto na Sistematização, faz questão de trazer especialistas para o plenário da Sistematização: deputada Lídice da Matta (BA), para questão eleitoral; deputado Edmilson Valentim (RJ), trabalhadores; deputado Eduardo Bomfim (AL), sistema de governo; e deputado Aldo Arantes, organização econômica e reforma agrária. O líder da bancada, deputado Haroldo Lima, ficou com o tema Forças Armadas e com a coordenação geral.

Na liderança do PMDB, existe um grupo coordenado pelo deputado Nelson Jobim (RS), que distribui o trabalho. É composto pelos deputados Antônio Brito (RS), Pimenta da Veiga (MG), Nelson Wedekin (SC), Antônio Mariz (PB), Jorge Hage (BA) e Octávio Elísio (MG) — os dois últimos representando o MUP. Para cada assunto a ser tratado, o grupo reúne-se com os especialistas, que são, entre outros, o deputado Jutahy Jr.(BA), para organização do Estado; o senador Severo Gomes (SP), ordem econômica; o deputado Artur da Távola (RJ), ciência e tecnologia; o deputado Lídio Ferreira Lima (PE), sistema de governo; e Octávio Elísio, educação. Discute-se o mérito do que entrará em votação e a opinião do especialista determina a atuação do grupo no plenário.

Convencimento — A presença dos especialistas, mesmo que eles não votem, é considerada fundamental porque, ao usarem a tribuna, podem modificar votos de indecisos e esclarecer o assunto em discussão. Foi o que aconteceu quando o deputado Prisco Viana, especialista em legislação eleitoral, alertou os companheiros *moderados* que os partidos políticos poderiam receber recursos do estrangeiro, se fosse aprovada uma emenda do senador José Richa (PMDB-PR). O próprio autor da proposta não havia percebido isso e pediu "clemência à Mesa porque o entendimento que havia era outro". A Mesa, sob a presidência do senador Fernando Henrique Cardoso (PMDB-SP) não só deu "clemência", mas acabou passando por cima do regimento e atendeu ao pedido de Prisco.

A especialista nas questões da família, deputada Sandra Cavalcanti (PFL-RJ), por interpretação diversa da do deputado José Genoíno, foi à tribuna e defendeu com veemência a emenda do deputado petista, que transforma a censura de espetáculos e programas de televisão em classificatória, por idade. Virou os votos dos deputados Edme Tavares (PFL-PB) e Ricardo Izar (PFL-SP), da ala conservadora, a favor de Genoíno.

Arquivo 3/1/85



Egídio: governo

Arquivo 30/10/84



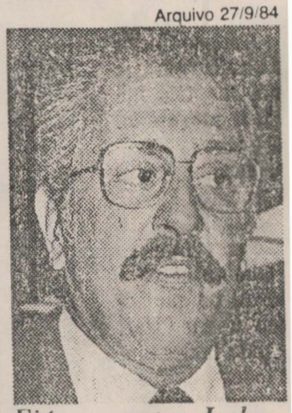
Cardoso Alves: espera

Arquivo 14/6/87



Jobim: coordenação

Arquivo 27/9/84



Fiúza: contra Lula

Arquivo 8/12/86



Paim: vitorioso

Arquivo — 3/9/82



Lysâneas: direitos

Arquivo 6/7/78



Paulinelli: terra

Arquivo 10/10/86



Albano: estabilidade

Padre da UDR continua a pregação

Desta vez a coisa virou bate-boca: até ruralista o considera reacionário

Ricardo Kotscho

São José dos Campos (SP) — Murilo Menon



Padre Rebouças e Roberto Vilela tiveram uma discussão azeda

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS (SP) — De batina cinza até os calcanhares, como há muito tempo não se via mais, o padre Eduardo Rebouças de Carvalho, 75 anos, mais conhecido como "o padre da UDR", acabara de fazer mais uma pregação em defesa da propriedade, quando um homem sentado na cerca do curral da Fazenda das Irmãzinhas — uma propriedade de 30 alqueires das Irmãs de Maria Imaculada, arrendada à Cooperativa dos Pecuaristas de São José dos Campos — pediu a palavra.

Os cerca de 100 fazendeiros presentes a mais um "Dia de Campo" — promoção da regional da UDR no Vale do Paraíba para ensinar a fazer "cerca elástica" e conhecer o padre amigo — não puderam acreditar no que ouviram e quase engasgaram, mal dando tempo de tirar o espeto de churrasco da boca.

— Eu não sou comunista — foi logo falando o homem. — Sou brasileiro, acima de tudo, e não posso ficar em silêncio ouvindo essas coisas, quando sabemos que 90% da população da América Latina vivem em condições sub-humanas e a maioria do nosso povo passa fome.

O que era apenas mais uma festa de confraternização da UDR regada a cerveja gelada e com muita carne macia acabou se transformando num acalorado bate-boca como se, de repente, o plenário da Comissão de Sistematização da Constituinte tivesse sido transferido para essa fazenda, na estrada vicinal que liga São José dos Campos a Jacareí, a menos de 80 quilômetros de São Paulo.

— *Marajá, Marajá!* — protestaram em coro os outros comensais, à medida que o homem se entusiasmava com seu discurso a favor dos trabalhadores oprimidos, "aos quais nós pagamos um salário de fome, e isso ninguém pode negar".

O homem xingado era Roberto Vilela, 54 anos, alto funcionário aposentado da Petrobrás, que recebe CZ$ 120 mil por mês e é dono de uma propriedade rural de 15 alqueires em São José dos Campos.

E o padre não é um padre qualquer: ao se apresentar, vai logo informando que foi colega de Dom Agnelo Rossi — "o terceiro homem da Igreja na hierarquia do Vaticano, depois do papa" — na primeira turma do Pontifício Colégio Pio Brasileiro de Roma, em 1934. Ex-diretor arquidiocesano de ensino religioso da capital paulista, em 1944, e vigario de Barra do Piraí, no Estado do Rio, o "padre da UDR" não se fez de rogado quando Vilela contestou sua pregação. E o diálogo que se seguiu é tipico do Brasil da Nova República.

Padre — Você já falou, agora me deixa falar.

Vilela — Espera aí. Eu faço parte das equipes de Nossa Senhora e estive recentemente na Europa, onde as Irmãzinhas com quem me encontrei me falaram da miséria em que vivem os trabalhadores brasileiros...

— Devem ser as Irmãzinhas do Politburo... — retruca Ana Maria Ferreira Leite Pinto, a primeira mulher dirigente da UDR no país, que preside a regional do Vale do Paraíba.

Fazendo sinais de *deixa para lá* com as mãos, padre Rebouças caminhou em direção a Vilela de dedo em riste.

Padre — Escuta aqui, eu só quero saber qual é a solução que o senhor me apresenta. Não adianta nada eu dar as coisas que tenho para os pobres, porque serei apenas mais um pobre. Sou filho e neto de fazendeiros, conheço a luta dessa gente.

Vilela — O problema é que vocês da UDR, pelo que o senhor falou, estão lutando para manter a situação injusta que está aí.

Padre — A UDR não defende a propriedade, mas o produtor rural, e o senhor tem que entender que tem muitos comunistas agindo nesse setor e nós temos um governo corrupto.

Vilela — Mas o senhor sabe que o pobre é injustiçado no nosso país e vocês não fazem nada contra isso.

Padre — A injustiça contra o pobre é grave, mas contra o rico também. Por acaso, agora é crime ser rico? Minha empregada, que está comigo há 32 anos, ganha CZ$ 4 mil por mês. É fácil distribuir por aí dinheiro dos outros, como fazem esses padres progressistas. Mas eu já criei 13 crianças, que não são parentes, com meus próprios recursos.

Vilela — Tudo bem, mas Deus quando fez o mundo não repartiu a terra do jeito que está, dando muito para uns poucos e nada para a maioria do povo, como nós estamos vendo hoje no Brasil.

Padre — O senhor por acaso estava lá quando Deus fez o mundo? Então, como é que fala? O senhor por acaso é proprietário rural?

Vilela — Eu sou, mas...

— Mas não produz nada — aparta novamente Ana Maria, já perdendo a paciência. — Você é um marajá *que tirava 300 litros de leite por dia e acabou com a criação porque achou que não dava dinheiro. Vou indicar sua propriedade ao governo para fins de desapropriação porque ela é improdutiva.*

— Fala aí quanto você ganha da Petrobrás, seu marajá, *mentiroso — desafia Antônio Gomes de Oliveira Filho, economista e herdeiro de tradicionais pecuaristas da região. Ao ouvir a resposta de Vilela, dizendo que ganha CZ$ 120 mil por mês, ele não se conforma, sai gritando: — Aqui ninguém ganha isso e nós somos chamados de latinfundiários. Minha fazenda este mês teve uma renda bruta de CZ$ 160 mil e não tiro 5% disso. Faz as contas, seu* marajá.

Diante do quiproquó, o churrasco acaba antes da hora e padre Rebouças se retira, indignado com o bate-boca:

— Deixa ele para lá.

E sai caminhando ligeiro em direção à residência das Irmãzinhas, que o esperam com uma mesa de legumes e verduras: ele é vegetariano.

Vem da Terra

Uma experiência para os pequenos produtores

Um dos principais problemas enfrentados pelos pequenos agricultores de todo o país, é a dificuldade em comercializar o seu produto, precisando sempre de passar a safra para o intermediário, perdendo muito do lucro. Em Bela Vista, próximo de Goiânia, um grupo de agricultores, pensando em evitar a presença dos intermediários, resolveu criar a Associação dos Pequenos Produtores de Bela Vista.

A Associação tem pouco mais de um ano de existência e já deu resultados que mostra que a experiência é válida. Antônio Alonso, da diretoria da Associação, disse que a Associação está muito no começo, mas os resultados mostram que este é um bom caminho para os pequenos agricultores. Com este pequeno tempo de vida a Associação já garantiu o aumento da produtividade da safra deste ano. Outras experiências também estão sendo feitas na área de agricultura alternativa e trabalhos com hortas comunitárias.



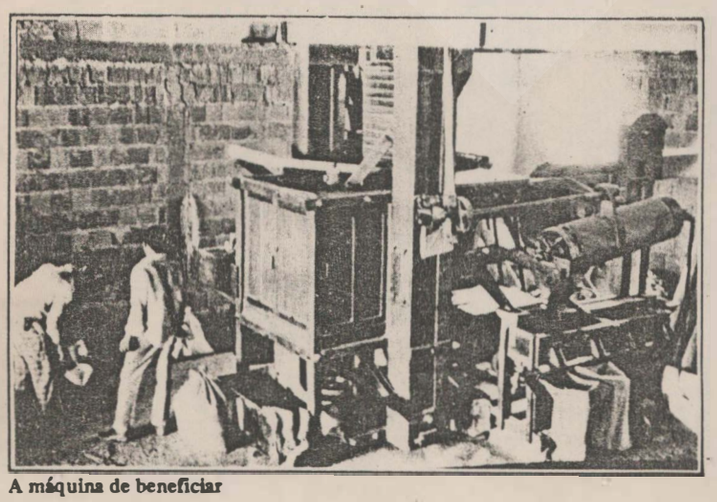
Um pouco do estoque de arroz

TRABALHO

Através de uma entidade na Holanda e com a ajuda da Paróquia local, os agricultores adquiriram um trator pequeno, uma máquina de beneficiar arroz e um caminhão para transporte. O pessoal que trabalha com os maquinários é da própria Associação e também é remunerado pelo serviço que presta. A Associação tem em torno de 120 filiados e hoje os associados estão pensando em adquirir outro trator, porque só um é pouco para a demanda que existe. Quem utiliza o trator paga pela hora de trabalho, que fica em torno de Cz$ 300,00 (metade do preço cobrado pelos grandes fazendeiros).



Repoinos na horta comunitária



A máquina de beneficiar

Depois da colheita a safra vai então para a máquina de beneficiar e os associados combinam a forma de pagar o trabalho que pode ser através do pagamento de uma porcentagem em dinheiro ou com uma parte da própria safra. Desta forma a Associação tem sempre na máquina de beneficiar um estoque de arroz que é comercializado para a população local. Também neste caso o preço do produto é mais barato do que o que é vendido nos supermercados.

O trabalho desenvolvido nas hortas comunitárias também nasceu com a Associação dos Pequenos Produtores. Existem duas áreas - uma no terreno da máquina de beneficiar arroz e outra no campinho de aviação - que são utilizadas para desenvolver pequenas hortas. Grande parte dos produtos das hortas são doados para o programa de alimentação escolar, mas os agricultores também podem fazer a feira na horta. O pessoal cultiva vários tipos de verduras e legumes como: tomate, pimentão, vagem, alface, repolho e outros.

Antônio Alonso disse que apesar do trabalho ainda estar no começo já existe uma discussão com outras cidades para que elas também criem suas associações. As principais discussões estão sendo feitas com Itapuranga, Silvânia, Goiatuba e algumas outras. Segundo informou Alonso, o grande objetivo dos pequenos produtores é criar uma associação para todo o Estado a fim de fortalecer a luta contra o esquema dos latifundiários.

Companheiro injustiçado

O Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Bela Vista está denunciando a injustiça cometida com um trabalhador da Granja Saito S.A., que tem uma filial no município. Idumar Simião Pires trabalhava há quase dois anos na empresa e tem sérios problemas de saúde. Um dia ele foi ao médico que lhe pediu uma radiografia, mas Idumar não tinha dinheiro para pagar o exame e o médico não quis dar o atestado para ele. Idumar foi repreendido na empresa sofrendo suspensão de sete dias. Logo depois ele foi chamado na secretaria e ouviu o seguinte: "se você pedir suas contas você recebe. senão nós te mandamos embora e você não recebe nada". O Sindicato está pedindo explicações para o fato senão o companheiro Idumar não vai assinar sua demissão.

Homenagem aos mártires dos trabalhadores

Dezenas de caixões representando nossos companheiros assassinados estão sendo confeccionados pela Pastoral de Juventude da Arquidiocese de Goiânia. Esses símbolos serão carregados em uma procissão no dia dos mortos, 2 de novembro, pela cidade de Goiânia, com paradas, encenações sobre a situação de violência contra os trabalhadores. Ao final, uma celebração com a presença de D. Antonio Ribeiro, D. Tomás Balduino e D. Pedro Casaldáliga. Com o evento, a Pastoral de Juventude pretende manter viva a memória dos companheiros mortos, exigir a punição dos culpados e alertar as autoridades: o povo não está cego diante da Justiça.

Cartas/Opinião

A campanha do "Estadão" contra a Igreja e os índios

BISPOS DA AMAZÔNIA DENUNCIAM A FARSA

Bispos da CNBB da Amazônia redigiram um documento onde denunciam que a campanha contra a Igreja e os índios tem objetivos claros: não permitir que constem da nova Constituição leis que defendem as terras e os demais direitos dos povos indígenas. Para alcançar esse objetivo, é válida até mesmo, a falsificação de documentos.



A carta responde às denúncias feitas ao CIMI pelo "Estadão". Julio Mesquita Neto negou que Mauro Nogueira fraudou os documentos. Mas a CPI presidida por Cardoso Alves e que tem como relator Ronan Tito, comprovou a fraude.

Existe uma grande campanha contra os povos indígenas e contra a Igreja. Isto levou os bispos da CNBB - Regional Norte I - reunidos em Assembléia em Manaus (21 a 27/09/87), a refletirem sobre o significado desses acontecimentos. Concluímos que é nossa obrigação esclarecer as comunidades cristãs e toda a população, o seguinte:

- as agressões contra a Igreja: calúnias, ameaças, expulsões de missionários, visam a invasão, ocupação dos últimos redutos territoriais das nações indígenas e seu extermínio, por parte de poderosas empresas capitalistas.
- solidários com estes membros da Igreja tingidos e particularmente com os povos indígenas, afirmamos com o apóstolo Paulo: "Se um membro sofre todos os membros compartilham o seu sofrimento" (1 Cor 12,26) (...)

Nos 350 anos de presença missionária na Amazônia, a Igreja fez consistir a evangelização não só na transmissão da palavra de Deus e no conhecimento de Jesus Cristo, mas também na defesa da saúde, educação e crescimento cultural. Reconhecemos que durante essa longa caminhada houve erros, principalmente por omissão, quando ficamos assistindo passivamente a morte de muitos povos da Amazônia. Por esses erros humildemente pedimos perdão (...)

A campanha visa impedir leis de defesa da terra

A Igreja, em particular o Conselho Indigenista Missionário (Cimi), tem acompanhado com aflição e denundo, nos últimos vinte anos, a invasão violenta de dezenas de territórios indígenas, por estradas, fazendas, garimpos, projetos de mineração, hidroelétricos, e outros, destruindo seu patrimônio, semeando a morte física e cultural e transferindo suas terras para a grande empresa privada ou estatal. (...).

A campanha que vem sendo feita agora, ataca sobretudo o trabalho mais positivo da Igreja e tem uma finalidade muito clara: não deixar entrar na Constituição brasileira lei, que defendam as terras e os demais direitos dos povos indígenas.

Para alcançar seus objetivos servem-se dos MCS, que facilmente tem seus espaços mais abertos à mentira e à falsidade do que à busca da verdade; do aliciamento de lideranças indígenas, provocando a divisão entre os pequenos; da falsificação e manipulação de documentos. (...)

Diante de tudo isto, reafirmamos o nosso compromisso de apoiar e defender a vida particularmente a vida ameaçada dos povos indígenas.

A eles renovamos a nossa solidariedade na defesa de seus direitos. Alertamos para os perigos de uma integração forçada na sociedade brasileira, onde fatalmente se encontrarão em condições de inferioridade, e estimulamos as comunidades indígenas a se organizarem, sempre melhor.

Aos missionários manifestamos nossa admiração e apoio e fazemos um apelo para que, em nome de Jesus Cristo libertador, não desanimem, não se deixem intimidar e apesar de ordens arbitrárias não abandonem seu trabalho.

A sociedade envolvente, em especial aos pobres da nossa terra, pedimos que não se deixem influenciar por campanhas contraospovos indígenas e contra a Igreja e que mantenham o espírito de Jesus Cristo que nos faz todos irmãos.

Finalmente queremos relembrar e fazer nossas as palavras que o Papa João Paulo II dirigiu aos povos indígenas, em Manaus, no dia 10 de julho de 1980: "Confio aos poderes públicos e outros responsáveis, os votos que neste encontro com vocês eu faço de todo coração, em nome do Senhor. Que a vocês, cujos antepassados foram os primeiros habitantes desta terra,

A Igreja reconhece o direito dos indígenas

tendo sobre ela um particular direito ao longo de gerações, seja reconhecido o direito de habitá-la na paz, na serenidade, sem o temor, verdadeiro pesadelo, de serem desalojados em benefício de outrem, mas seguros de um espaço vital que será base, não somente para sua sobrevivência, mas para a preservação de sua identidade como grupo humano, como verdadeiro povo, como verdadeira nação".

D. Moacyr Grechi - Rio Branco / AC (Pres. CNBB - Reg. Norte I); D. Clovis Frainer - Manaus / AM; D. Walter I. de Azevedo - S. Gabriel da Cachoeira / AM; D. Aldo Mongiano - Boa Vista / RR; D. Jorge Marskell - Itacoatiara / AM; D. Adalberto Marzi - Alto Solimões / AM; D. Adriano J. M. Veigle - Borba / AM; D. Luiz Herbst - Cruzeiro do Sul /AC; - D. Gutemberg F. Regis - Coari / AM; - D. Mario Clemente Neto - Tefé / AM; D. José M. da Silva - Porto Velho / RO; D. Miguel D'Aversa - Humaitá / AM; D. Geraldo Verdier - Guajará Mirim / RO; D. Antonio Possamai - Ji-Paraná / RO.

O governo federal cortou o PNRA

Os números do orçamento do ano que vem mostram que o discurso, que faz da reforma agrária uma preocupação central do governo não passa de retórica. As metas do Programa Nacional de Reforma Agrária foram redimensionadas drasticamente. Inicialmente, o governo prometia assentar 900 mil famílias de 1.986 a 1.988, e mais 500 mil em 1.989, completando 1,4 milhão de famílias beneficiadas pela reforma agrária. O PAG (Programa de Ação de Governo), recém anunciado por Sarney, reduz essas metas para 280 mil famílias assentadas até 1.988 e 1 milhão até 1.991. Isto é, 400 mil famílias ficaram inapelavelmente de fora.

A redução das metas é acompanhada por semelhante corte no orçamento do Mirad, que pretendia Cz$ 45,8 bilhões para assentamento de famílias de agricultores em 1.988, e terá apenas Cz$ 30,7 bilhões, 67% do que foi pedido pelo ministério. Para as ações de reforma agrária, o Mirad havia previsto 37,8 bilhões mas ficará com 19,8 bilhões, 52% do que julgou necessário para o o cumprimento de sua atividade.

A dotação orçamentária parece consolidar o ritmo lento da reforma agrária. Até agora, o governo desapropriou 2,1 milhões de hectares, capazes de assentar apenas 59.186 famílias. Isto é, em seus dois anos de existência, o Plano Nacional de Reforma Agrária cumpriu apenas 2,2% das metas de desapropriação e beneficiou apenas 13,1% das famílias previstas originalmente.

A situação atual revela que "há um erro técnico que se consubstancia na ausência de um programa", diz Paulo Couto Teixeira, secretário de planejamento do Mirad. Para ele, os cortes nas metas e no orçamento dão a "impressão de que a reforma agrária já não é prioridade".

JORNAL DOS TRABALHADORES
SEM TERRA

São Paulo — outubro de 1987 nº 67 ANO VI

Resumo do documento

Hoje, a luta dos pequenos agricultores é pela sobrevivência. A política agrária e agrícola do governo contribui para a concentração da terra e dos meios de produção. As soluções técnicas que evitariam a continuidade dessa situação não são difíceis e foram apontadas por diversas vezes. Entretanto, falta ao governo a decisão de fazer o que é preciso, respondendo às necessidades do pequeno agricultor, que é responsável por 80% da produção de alimentos e constitui a grande maioria dos produtores rurais do Brasil.

Entre as exigências básicas do pequeno agricultor estão:

Crédito Rural — assegurando aos pequenos agricultores, que trabalham em até três módulos rurais, disponibilidade de recursos, sem burocracia, tanto para investimentos, como para custeio, com taxas de juros e correção monetária subsidiadas e vinculadas à evolução dos preços dos produtos financiados.

Preços de Comercialização dos Produtos Agropecuários — Preços mínimos devem garantir uma justa remuneração e devem ser definidos a partir dos levantamentos de custos de produção da pequena propriedade, onde seja assegurada a participação do Movimento Sindical dos Trabalhadores Rurais.

Seguro Agrícola — Instituição imediata de seguro agrícola para os produtores, independente do crédito rural, e que garanta o custo da produção real, inclusive a remuneração do trabalho familiar e cobrindo todos os prejuízos decorrentes de situações que comprometem o desenvolvimento de atividades agrícolas ou pecuárias.

Assistência Técnica e Extensão Rural — Reorientada no sentido de melhorar a renda familiar do pequeno agricultor e que os serviços de assistência técnica e extensão rural prestados pelo governo atendam só os que trabalham com até três módulos rurais.

— Eles também reivindicam a realização de pesquisas voltadas para a necessidade do mercado interno e à pequena propriedade, além de controle rigoroso dos insumos, implantação de cooperativismo, garantias de armazenagem, priorização do mercado interno e o direito do Movimento Sindical dos Trabalhadores Rurais nas decisões sobre a política agrícola, inclusive no Conselho Monetário Nacional.

Resumo do documento

Os Trabalhadores Rurais Brasileiros organizados nos seus Sindicatos, Federações, Contag, Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, Central Única dos Trabalhadores e acompanhados pelas Entidades da Sociedade Civil engajadas na Campanha Nacional pela Reforma Agrária, estão em Brasília exercendo um direito de cidadania...

No último ano 594 mil brasileiros foram envolvidos na luta pela posse da terra, disputando uma área de 12.615.847 hectares. Essa é apenas uma das múltiplas faces da violência contra os trabalhadores que inclui desde a exploração de mão-de-obra escrava, com 46 casos denunciados em 86, até o assassinato de 201 trabalhadores, entre eles muitos dirigentes sindicais e de comunidades. Os conflitos trabalhistas se multiplicam, envolvendo 203.561 trabalhadores. Esses conflitos não têm sido resolvido pelo diálogo... como ocorre nas sociedades civilizadas. Os latifundiários, os grileiros de terra buscam resolver o conflito pela eliminação física ou pela exclusão forçada dos opositores. Assim, estão incluídos nas denúncias de conflitos trabalhistas a exploração de mão-de-obra escrava, a prisão, a tortura, as ameaças de morte e o assassinato de trabalhadores rurais.

Depois de enumerar as formas de violência, os trabalhadores encerram o documento, formalizando suas exigências pela paz no campo:

1 — Apuração imediata de todos os casos de assassinatos de trabalhadores rurais, com a abertura de inquéritos dos crimes não esclarecidos ou em que a Justiça sofreu algum tipo de coação; 2 — Punição imediata para os mandantes e assassinos de trabalhadores rurais; 3 — Desmantelamento das milícias armadas dos latifundiários; 4 — Investigação sobre as atividades das Empresas de Segurança Privada e maior rigor na expedição de alvarás para a abertura dessas empresas; 5 — Coibir a utilização do aparelho policial contra trabalhadores rurais; 6 — Rigorosa investigação nas fazendas onde existem denúncias da prática de trabalho-escravo; 7 — Divulgação do inquérito efetuado pela Polícia Federal no caso do navio "Nobistor".

Resumo do documento

No documento entregue à embaixada norte-americana é denunciada a exploração que as empresas, bancos e a própria moeda dos Estados Unidos submetem toda a América Latina. Além disso, uma grande articulação conservadora, embebida com recursos econômicos daquele país, tenta impor ao Brasil uma Constituição retrógada, contando com o apoio de parlamentares do PDS, PFL, PL, PTB, PDC e PMDB.

Mais de 60% da dívida externa brasileira são relativos a bancos norte-americanos. De 1949 a 1986 entraram no Brasil 135 bilhões de dólares em empréstimos. Neste período, pagamos 127 bilhões, mas continuamos a dever 110 bilhões. Por isso, no documento, os trabalhadores rurais protestam contra o que chamam de "colonização moderna", que está levando milhares de brasileiros ao desespero, pela fome e pela exploração desenfreada.

O documento menciona, ainda, o caso do navio "Nobistor", que foi detido em 1986, no Rio de Janeiro. Ele estava repleto de armas e tripulado por mercenários norte-americanos. O material bélico misteriosamente sumiu. Segundo denúncias da imprensa, ele foi parar nas mãos de membros da UDR. A tripulação foi presa. Mas fugiu, reaparecendo em Miami, onde alegou ter escapado com apoio da embaixada.

Solidários

Os trabalhadores rurais brasileiros são contra as invasões militares americanas em outros países e contra o pagamento da dívida externa. Eles defendem a luta do povo nicaragüense e dos trabalhadores de El Salvador, pelo fim do imperialismo norte-americano.

Além da solidariedade à luta dos povos, pela liberdade e independência, o documento informa, ainda, que apoia integralmente os acordos de Paz assinados recentemente na Guatemala e exige que não seja aprovada pelo Congresso dos Estados Unidos a ajuda de 270 milhões de dólares às tropas anti-sandinistas na Nicarágua.

Resumo do Documento

É grave a questão agrária no Brasil. Aumenta a concentração da propriedade rural nas mãos de uns poucos. Cresce também a concentração do crédito e dos incentivos a favor de uma minoria de privilegiados — os grandes proprietários de terra. Menos de 4% dos proprietários rurais detém quase 70% da terra cadastrada no País. São os próprios dados oficiais que indicam a existência de 162 enormes latifúndios, com área superior a 100 mil hectares, totalizando mais de 36 milhões de hectares. Enquanto isso, 2 milhões e meio de pequenos proprietários de áreas inferiores a 25 hectares, detém menos de 25 milhões de hectares. São 12 milhões de trabalhadores rurais vivendo com suas famílias na mais absoluta miséria...

Nas duas últimas décadas, mais de 20 milhões de pessoas foram expulsas do meio rural, inchando as cidades e aumentando o desemprego, a miséria, a fome e a violência no campo e na cidade. O poder econômico e político está concentrado nas mãos de uns poucos. Ainda assim, sem uma política agrícola justa que os apóie, são os pequenos e médios proprietários, meeiros e parceiros com menos de 100 hectares que produzem 88% da produção de mandioca, 79% da produção de feijão, 68% da produção de milho, 66% da produção de algodão, 47% da produção de soja e 37% da produção de arroz...

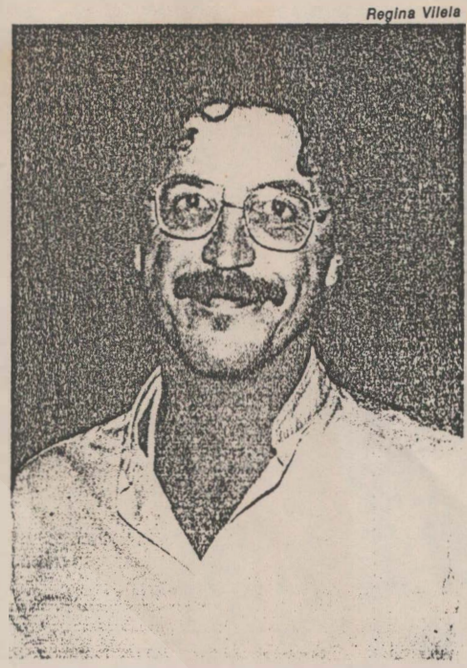
Em 10 de outubro de 1985, o Governo aprovou o 1º Plano Nacional de Reforma Agrária da chamada "Nova República"... Decorridos 2 anos de aprovação do Plano, o Governo desapropriou tão somente 2 milhões de hectares... (Após enumerar suas seis exigências mínimas, que começa com a reivindicação de que "a propriedade da terra não seja privilégio de poucos mas um direito de todos que nela trabalham ou queiram trabalhar", os trabalhadores encerram seu documento com a exigência):

Na sua soberania, cabe à Assembléia Nacional Constituinte não permitir nenhum recuo em relação às conquistas já consagradas na legislação atual e garantir os avanços exigidos em praça pública pelo povo brasileiro e pelo sangue derramado dos mártires da Reforma Agrária.

VIOLÊNCIA

JÁ NÃO BASTA PERSEGUIR LAVRADORES

Regina Vilela



Estão preparando o caminho para assassinar o padre Ricardo Rezende

A tática da direita contra os trabalhadores rurais está se enriquecendo. Além de perseguir certas lideranças dos lavradores, agora eles tentam isolar os setores que lhes dão apoio. Foi assim com o CIMI, acusado de atentar contra a soberania nacional. A denúncia foi publicada no jornal O Estado de S. Paulo, com base em documentos falsos. Agora, a direita quer atingir a Igreja, através da CPT. Para isso, a UDR foi buscar o apoio do juiz Eronildes de Souza Primo, da comarca de Conceição do Araguaia, que acusou o padre Ricardo Rezende, coordenador da CPT Araguaia/ Tocantins de ter levado para o sul do Pará "quatro guerrilheiros nicaragüenses para treinar posseiros a invadirem fazendas".

Quando o padre Josimo Tavares foi morto, a 10 de maio de 1986, em Imperatriz (MA), o padre Ricardo Rezende encabeçava a lista das pessoas que, naquele momento, estavam ameaçadas de ter o mesmo destino: ser assassinada, a mando de algum latifundiário.

Por isso, o padre Ricardo encara as denúncias contra ele como parte "da tentativa de me desmoralizar perante a opinião pública, com o objetivo de diminuir o impacto de minha morte".

A irresponsabilidade do juiz Eronildes de Souza Primo levou logo o diretor da Polícia Federal, Romeu Tuma, a dar declarações à imprensa de que iria mandar investigar o caso, ameaçando intervir com força federal no sul do Pará.

O juiz Eronildes Primo fez a acusação na sede da UDR, em Brasília, ao lado do fazendeiro Jurandir Gonçalves Siqueira, pretenso dono da fazenda Bela Vista, em Conceição do Araguaia, há oito anos ocupada por 400 famílias de posseiros. O objetivo foi montar um esquema para atrair mais repressão à região e, ao mesmo tempo, garantir uma boa indenização para a desapropriação da fazenda, que está na relação das propriedades a serem atingidas pela reforma agrária.

A denúncia contra o padre Ricardo provocou enérgico protesto do ministro da Cultura da Nicarágua, Ernesto Cardenal. Além de negar a presença de sandinistas em território brasileiro, o ministro afirmou que "revolução não se exporta".

Depois de advertido por seus superiores, o juiz Eronildes Primo mudou a sua história, dizendo que o jornal paulista não reproduziu com fidelidade as suas declarações. Mas até o dia 17 de setembro o juiz não havia procurado o padre Ricardo Rezende ou qualquer outra pessoa ligada à CPT, para confirmar suas novas declarações.

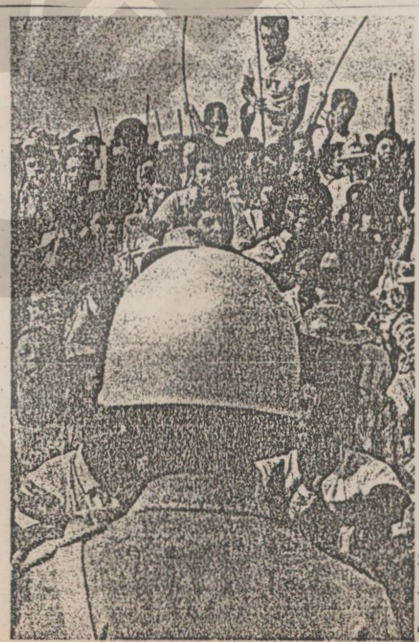
O juiz e o padre Ricardo já se confrontaram uma outra vez. No início de 1985, padre Ricardo fez críticas ao juiz Eronildes Primo, que estava sendo processado pelo deputado Ademir Andrade (PMDB-PA), um conhecido defensor dos sem-terra no sul do Pará. Intimado a depor, o padre Ricardo acusou o juiz de parcialidade, afirmando que ele era conhecido como "juiz dos fazendeiros".

Agora, diante das recentes denúncias do juiz Eronildes Primo, uma boa maneira de mostrar solidariedade ao padre Ricardo Rezende é escrever para a Corregedoria do Estado, Belém, Pará.

Na força faremos nossas leis

Foi para exigir Reforma Agrária, Política Agrícola, punição aos criminosos dos assassinatos dos trabalhadores e protestar contra o imperialismo americano, nos reunimos em Brasília nos dias 5, 6, e 7 de outubro com 10 mil trabalhadores rurais, vindos de vinte e um estados do Brasil. Nossa força e vontade de participar na elaboração da nova Constituição, mostrou para os políticos da burguesia e para a UDR que os trabalhadores rurais já não querem mais só trabalhar e ter condições de produzir, mas queremos, também, participar das decisões e da vida política do País, ajudando a planejar e administrar corretamente, que é o que a burguesia e os políticos tradicionais nunca conseguiram fazer direito.

Por ser um Congresso Nacional Constituinte, composto na grande maioria por latifundiários e representantes do capital financeiro, comercial e industrial, já, de antemão, sabíamos que iriam ignorar e tentar neutralizar nossa manifestação de protestos e exigência. Mas, por outro lado, sabíamos que nunca conseguiriam apagar o aprendizado e as lições de companheirismo e união que demonstramos no terreiro da casa onde eles tramam a corrupção e preparam todas as artimanhas para dominar os trabalhadores da roça e da cidade.



Douglas Mansur

Primeira Lição

Constatamos que o presidente Sarney, quando escolhe ministros de Estado, não o faz para servir o País e os trabalhadores, mas para atender as pressões e interesses da burguesia. Isso ficou claro nas audiências forçadas que tivemos com Íris Resende, ministro da Agricultura e com Jader Barbalho, ministro da Reforma Agrária. Ambos fizeram muitos comentários, mas não assumiram compromisso algum.

Exemplo de medo e covardia veio do ministro da Justiça, Paulo Brossard, que entocado e protegido pelo Exército em seu gabinete, recusou-se a receber um documento, onde exigíamos punição aos assassinos e fim da violência no campo. Mais uma vez, Brossard demonstrou que seu compromisso é com a UDR, ajudando a acobertar a impunidade e colocando a polícia federal somente contra os trabalhadores.

Segunda Lição

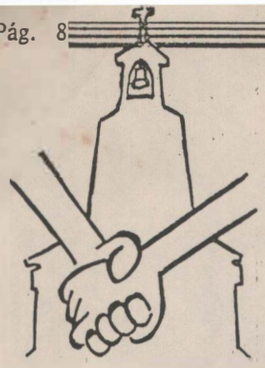
Conseguimos também ver de perto quem é que manda no Brasil. Enquanto pressionávamos os capatazes, ou seja os ministros do governo, tudo transcorreu normalmente. O que a "jagunçada" não permitiu, foi quando decidimos protestar contra o patrão, representado pela embaixada dos Estados Unidos e demonstrar nossa solidariedade aos povos da América Central. Mesmo cercados por cães, bombas de gás e pelos cassetetes "democráticos da Nova República" e longe da porteira da embaixada, protestamos contra a política suja do governo americano na América Central, contra os dólares que foram enviados para o Brasil nas eleições passadas para eleger deputados constituintes e enviar armas para a UDR no carregamento do navio Nosbitor.

Terceira Lição

A terceira grande e decepcionante lição foi ver que a nova Constituição do Brasil será feita por idéias velhas e por políticos, na grande maioria descomprometidos com os trabalhadores. Observamos que as leis no capitalismo, servem para regulamentar a exploração e a dominação da classe trabalhadora e dar segurança para os que mandam e se privilegiam com a corrupção.

Próximos passos

Até aqui, em relação a Constituinte demos passos importantes, elaboramos nossas próprias leis, fizemos amplas discussões nas bases, coletamos 1,2 milhão de assinaturas de eleitores e realizamos a maior caravana popular a Brasília de trabalhadores rurais na história do País. Daqui pra frente, teremos que nos preparar ainda mais para disputar palmo a palmo de terra com os fazendeiros, na certeza de que a maior pressão é a ocupação. Organizar grandes protestos contra a política agrícola, organizar a defesa de nossos companheiros ameaçados de morte, bem como forçar a punição dos assassinos e mandantes e nos juntar com todos os trabalhadores do Brasil para repudiar e desrespeitar as leis que não nos deixaram fazer e colocar em vigor apenas as nossas.



As verdades de um país socialista



Frei Beto é frade da Ordem dos Dominicanos e ex-dirigente da Ação Católica Brasileira. Foi preso duas vezes, em 1964 e 1969, por sua ação ao lado da classe trabalhadora. É autor de vários livros e um estudioso da questão do socialismo e a religião e viajou recentemente para URSS.

Sem Terra — Qual é o significado da visita de vários teólogos à URSS?

Frei Beto — A visita nasceu de um convite feito pela Igreja Ortodoxa Russa para que fossemos visitar o país e conhecer as atividades religiosas dessa Igreja e dos católicos na Lituânia e na Letônia. Ela faz parte de um trabalho que venho desenvolvendo em países socialistas, procurando conhecer as igrejas e refletir com elas a relação entre Cristianismo e Socialismo.

Sem Terra — Como vive o povo soviético no Socialismo?

Frei Beto — Um rico brasileiro acharia aquilo lá um inferno. Um classe média, um purgatório. Um trabalhador brasileiro, um paraíso. Ou seja, o povo soviético vive em condições de vida muito dignas. Eles têm assegurados pela sociedade a educação e a saúde gratuitas; a moradia, equivalendo nunca mais de 10% do salário; o transporte e alimentação muito baratos. Há pleno emprego. Porém existem dificuldades. Embora não existam favelas, para que todos possam morar dignamente, muitos moram apertados. Eles não conseguem construir tanto quanto o número de casais que exigem seu teto particular.

Sem Terra — Na URSS existem Sem Terras e latifundiários?

Frei Beto — Não. Os últimos desapareceram em 1917 com a Revolução. Toda terra foi dividida entre os trabalhadores. Não existem mais latifúndios na União Soviética, embora haja propriedade privada, coletivas e estatais.

Sem Terra — Como vivem os agricultores?

Frei Beto — Um agricultor pode ganhar mais que um engenheiro. Na União Soviética, para evitar o êxodo para a cidade, desenvolveu-se uma política de valorização do trabalho do agricultor. Isto resultou, do ponto de vista financeiro, no fato de um agricultor ter uma renda mensal superior a um engenheiro, advogado, ou médico da cidade; facilitando a fixação do homem no campo. Além disso, os trabalhadores têm assegurados todas as condições sociais: saúde, escola, educação, transporte, luz elétrica, meios de comunicação etc. Portanto, eles têm um poder aquisitivo tão bom quanto o pessoal da cidade.

Sem Terra — Aqui, normalmente, os filhos dos agricultores vão para as grandes cidades para estudar ou tornarem-se operários. Na URSS a tendência também é esta?

Frei Beto — A tendência não é só do pessoal se manter, mas até de voltar para o campo, na medida em que, com o aumento da população, as cidades vão ficando um pouco insuportáveis, apesar de que na URSS há o princípio de que, em cada cidade com mais de um milhão de habitantes deve se construir um metrô.

Sem Terra — O salário na URSS é digno? Como é o trabalho assalariado?

Frei Beto — O menor salário é do estudante universitário, que ganha 90 rublos, ou seja, os estudantes recebem para estudar e não precisam trabalhar enquanto estudam. Agora, dos trabalhadores, o menor salário é de 120 rublos e o maior salário são 750 rublos. Os ministros ganham por volta de 600 rublos e o salário médio é de 200 a 250 rublos.

Só os grandes artistas ganham 750 rublos para evitar a evasão e as tentações da corrupção, pois eles são muito assediados pelas grandes empresas ocidentais. Então, o salário é digno e os trabalhadores sempre conseguem guardar pelo menos a metade desse salário na poupança, que é para as suas férias.

Sem Terra — É verdade que lá não existe liberdade, que o Estado controla tudo, o povo só trabalha para o governo e não tem uma perspectiva livre de vida?

Frei Beto — É verdade que lá não existe liberdade para explorar, para aumentar os juros bancários, para tomar terras dos posseiros, para impedir que as crianças freqüentem escolas, para utilizar a saúde como negócio lucrativo. Este tipo de liberdade não existe. Lá, procura-se seguir o princípio que a minha liberdade é tanto maior quanto mais eu torno livre os demais, ou seja, a minha liberdade termina no momento em que ameaço a sua liberdade.

Sem Terra — Existe também liberdade religiosa?

Frei Beto — Existe, na medida em que não há repressão a uma pessoa que manifeste ou professe sua fé. Ocorre que a lei que trata da questão religiosa é ainda de 1929, da era stalinista. Ela impede manifestações religiosa públicas, fora das áreas dos templos, isso faz com que se iniba um pouco a atuação da Igreja, dos cristãos. Porém, o próprio ministro que trata das questões religiosas admite que essa lei está sendo ultrapassada, na prática, pelas Igrejas. E com a "Glasnost", que é essa nova política do Gorbatchev, é necessário modificar a legislação.

Sem Terra — Pelo que você diz, o socialismo é interessante, que propiciaria que os trabalhadores brasileiros vivessem dignamente. Agora, por qual motivo a imprensa e alguns padres falam tão mal do socialismo e da União Soviética?

Frei Beto — Por causa da ideologia que predomina em nossa sociedade, que é anticomunista. Então, as pessoas acabam sendo deformadas pelos meios de comunicação, por uma tradição religiosa anticomunista e por uma série de outros fatores que nos levam a acreditar que o socialismo é o que há de pior. Ele é o que há de pior para aqueles que têm bens a defender, para quem adora o deus do dinheiro, para quem coloca a propriedade privada e a exploração acima dos direitos da população. Mas isso está terminando. A Igreja está abrindo os olhos e, felizmente, a bandeira do anticomunismo está sendo rasgada e tende a apodrecer nos recantos da História.

FRATERNIDADE SACERDOTAL

JUNHO - 86 Nº 69



JESUS CÁRITAS

- IMPRESSÕES DE RWANDA
- A FRATERNIDADE NO RS
- ENTREVISTA COM FREI BETTO
- NOSSO ENCONTRO DE NOVEMBRO
- CARTA ABERTA PARA PRESTAR CONTA DA VIAGEM A NICARÁGUA

Salvador, 26 de junho de 1986

Carissimo companheiro ou companheira,

Estamos lançando novamente nossa Carta Circular. É pela primeira vez que está saindo, neste ano. Com tanta coisa boa para circular a partir de nossas experiências de trabalho de evangelização, e a gente sem tempo de comunicar.... É isto mesmo...

Desta vez, o material redigido veio de S. Paulo, recebi das mãos de Bizon. O próximo material para o boletim fica a cargo do companheiro Jaime - do Pará.

Nesta carta, temos de extraordinário, uma entrevista dada por frei Beto à folha de S. Paulo que nos coloca a par do que está acontecendo no campo da política.

Temos também uma carta de D. Pedro Casaldaliga, prestando conta de sua viagem a Nicarágua. D. Pedro levou a solidariedade de 23 irmãos bispos ao Pe. Miguel D'Escoto que fazia um Jejum pela paz na Nicarágua. Creio que foi um dos acontecimentos mais importantes do ano passado, em nivel de hierarquia.

Bom proveito. Na mesma fé e compromisso pela construção do Reino

Pe. Antonio de Oliveira

****

Responsáveis por região, no Brasil

Região Norte - Jayme de Moura Pereira
Rua Major Cornélio, 568
68 786 - Santo Antonio do Tauá - Pará
Região Nordeste: Pe Antonio de Oliveira
Praça da Revolução, nº 49, - Periperi
40.000 - Salvador - Bahia
Região Centro - Pe. José Bizon
Rua Mariazinha Vicenzoto, 41
Região Sul - Pe. Edson Damian
Casa Paroquial
97.210 - Formigueiro - R.S.
Tesoureiro - Pe. Freddy Goven
Rua Dr. Manoel Vitorino, 369
48.100 - Alagoinhas - BA

FRATERNIDADE SACERDOTAL

JESUS CÁRITAS

Jaciara, 14 de fevereiro de 1986.

Queridos irmãos

Não queria escrever uma nova Carta Circular, prefereria escrever a cada um de vocês entrando num diálogo muíto pessoal, contando as coisas concretas da vida. Mas reconheço nisto minhas limitações.Mesmo assim, já que a "Fraternidade é a vida dos padres" (Vieux Frère),quero contar o que neste momento se passa pela minha cabeça. Seria bom esta carta pudesse alcançar o maior número possível de irmãos.

Em primeiro lugar quero agradecer as muitas cartas que recebi pelo Natal, mas que não consegui respondê-las pessoalmente.

Logo no início deste ano parti em viagem para me encontrar com Michel e Jim em Camarões. Antes ainda visitei Rwanda e mesmo que rapidamente Quênia. A Igreja da África é uma Igreja nova. Em Camarões em 1990 será celebrado o centenário da chegada dos primeiros missionários. A primeira Igreja construïda em Rwanda data de 1906. Em comparação, a Igreja da Alemanha que em 1992 festeja seus 500 anos de existência, é uma "velha Igreja".

Também as fraternidades lá estão bem no início e merecem o apoio de todos nós.Isto eu peço a vocês: manter o contacto com os padres da África que vocês conhecem.

A Fraternidade mais antiga que existe em Camarões teve um bom início, mas hoje os nossos irmãos são todos idosos, em torno de 70 anos.

Da África trouxe uma lembrança que irá me acompanhar de agora em diante, a malária. Levou-me ao hospital de onde estou escrevendo esta carta.

Graças a Deus tenho Martin, meu companheiro que é um verdadeiro irmão. Já acostumado e adaptado em Jaciara, lidera todos os trabalhos da Paróquia. Minhas tarefas além das paroquiais, se estendem também à Diocese. Faço parte das equipes de CEBs, Pastoral da Terra,Indios e agora por último à Pastoral dos Direitos Humanos que para poder iniciar tive que me responsabilizar com as despesas. Contratamos um jovem advogado que tem uma experiência de seus anos neste trabalho. Todas estas pastorais são urgências e nelas me inseri por causa de minha opção pelos pobres.

A nossa paróquia de Jaciara está indo bem. Principalmente o trabalho com as comunidades cresceu muíto através dos cursos de Evangeliza - ção e "se o Evangelho e a vida" se encontram, a Comunidade se transforma. As pessoas que antes não abriam a boca já agora dão palestras para outras O povo antes passivo, começa agora tomar a sua própria história nas mãos. É uma alegria ver nossa gente que apesar de sua pobreza são alegres e cheios de esperança.

Na pastoral da juventude enfrentamos dificuldades. Os jovens também são uma opção da Igreja da Al. Ainda não encontramos as lideranças que possam deslanchar o trabalho. Além disto também aqui, a juventude é mais crítica frente à Igreja. Um número crescente de jovens são absorvi - dos pela sociedade de consumo. Também não faltam críticas de algumas famílias ricas diante do nosso posicionamento junto aos pobres. Martin e eu nos entendemos muíto bem e foi uma grande graça ele ter vindo morar comigo.

Na minha responsabilidade diante da Fraternidade estou agora na metade do 4º ano. Quando iniciei o meu programa fosse talvez um tanto idealista, mas atualmente já me sinto mais na realidade. Muíto me ajudaram Jim e Michel para a Fraternidade. Michel, para a Fraternidade.Michel,crei o trabalhou mais que eu. Neste ano, no mês de maio próximo,Michel e eu iremos visitar os irmãos da Ásia. Ano que vem já se iniciam as Assembléias Continentais em preparação à Assembléia Geral em Santo Domingos.

Sobre isto pensamos anualmente no Conselho.

No ano passado em Granada fizemos a conta e somos cerca de 3.000 padres distribuídos em 46 países, dos quais alguns têm mais de uma Região. Pensamos muito também em quem deve participar da Assembléia Geral. Por um lado gostaríamos que do maior número possível de paises viessem representantes, mas por ex. EEUU com mil padres mandaria um e Malta com 15 também um? Como chegar a uma representatividade justa? Em Alger votamos as condições para constituir uma Região, assim algumas fraternidades, uma carta circular, Mês de Nazaré e o pedido de reconhecimento ao Responsável Geral. Mas parece que nós não assumimos, talvez porque o assunto sobre Regiões devesse ser mais aprofundado. Peço que me enviem sugestões sobre isto.

Li no último livro de Schillebeeckx que na Igreja primitiva as Comunidades paulinas com forte estrutura organizativa se desenvolveram muito enquanto as joaninas cuja organização era baseada no amor e testemunho após algum tempo foram absorvidas pelas outras. Já que somos três mil padres, o que significa para nós hoje "as mínimas" de que fala o Diretório?

As Assembléias Continentais deveriam ser levadas muito a sério e muito bem preparadas e delas partir as contribuições - propostas e sugestões para a Assembléia Geral. No ano passado em Granada, no Conselho amplo, tentamos definir o tema. Vocês receberam a Carta de Granada. Penso se pode concentrar em três palavras chaves: Fraternidade - Ministério - Eucaristia.

Depois de 82 refletimos bastante sobre o capítulo II do Diretório "Nas encruzilhadas da Igreja e do Mundo". Desejaria que isto nos tivesse ajudado a sermos mais abertos e críticos diante da problemática do mundo e da Igreja de hoje. Espero que esta reflexão que precisamos responder, "para sermos irmãos de todos os homens" (capítulo I do Diretório, no objetivo). Entendo isto não num sentido idealista nem sentimental de me sentir irmão de todos. Também não o entendo num sentido restrito às pessoas com quem convivo dia a dia - isto é tão claro que nem precisamos mais falar. Entendo ser irmão num sentido político, trabalhar junto para que nossa Sociedade se torne mais humana e fraterna.

Como realizar isto na prática? Quais as mediações? Que tipo de ministro é necessário para realizar este projeto? Como devemos entender nossa identidade de padres? E nosso ministério hoje na realidade que cada um vive? E a Eucaristia tem a ver alguma coisa com tudo isto? Que exigência nos faz para nossa vida e ministério? Seria bom ler o artigo de H.Dussel em Concilium nº 172 de 1982/2 pg. 65 -185.

Nisto tudo é importante ter-se em conta que não trabalhamos individualmente mas inseridos no presbitério de nossa diocese. Sou muito agradecido se entre nós se desenvolvesse um diálogo sobre estes questionamentos. Me ajudariam muito para esclarecer o encaminhamento da Assembléia Geral. Peço sinceramente a todos vocês.

Começamos o tempo de quaresma. Como todos os anos os bispos brasileiros lançaram mais uma Campanha da Fraternidade. O tema deste ano é: converter-se à fraternidade no que diz respeito à distribuição justa da Terra. É um assunto quente. Terra de Deus Terra de irmãos.

Desejo que o tempo da Quaresma seja graça e coversão para todos nós.

Abraços do irmão.

ass. Gunther

A FRATERNIDADE NO RS

No RS há um grupo da Fraternidade com 10 anos de caminhada e dois outros de formação. Vamos falar sobre o grupo de Santa Maria, coração geográfico do RS. É formado por 28 pessoas e tem algumas características peculiares; é misto, ecumênico e subdividido em grupos de base - 4 religiosas, 6 leigos, 1 pastor da IECLB, 17 padres. Apenas 2 padres não pertencem à dioceses de S.Maria.

A cada dois meses realizamos um encontrp de dois dias, sempre com a participação de mais de 20 membros. Uma equipe se encarrega de preparar e coordenar o encontro. O programa varia conforme a necessidade ou circunstâncias. Mesmo assim, alguns assuntos são permanentes: partilha e/ou revisão das práticas pastorais; análise da conjuntura nacional e/ou eclesial; comunicações dos cursos assistidos e notícias dos amigos da Fraternidade; programação de cada um para possibilitar entre-ajuda e/ou intercâmbio: reflexão de algum tema do Diretório; uma noite dedicada à oração-Eucaristia. Tais encontros, aguardados com expectativa, transcorrem num clima de franqueza e alegria. Revigoram as energias, sustentam a esperança na luta, aprofundam e clarificam as opções comuns, trazem novas luzes para a prática pastoral.

Como somos numerosos e para que a Fraternidade não fique só nos grandes encontros, decidimos subdividir-nos em vários grupos de base. Alguns estão organizados dentro da mesma paróquia, outros entre paróquias vizinhas. Nestes grupos participam também algumas pessoas simpatizantes da Fraternidade, nossos companheiros de trabalho. Os encontros destes grupos são mais informais e e geralmente surgem nas horas de necessidade e aperto. Por isso, a partilha é mais real e a entre-ajuda é bem concreta. Basta citar um exemplo: neste ano a diocese de S.Maria realizou Missões Populares para marcar o jubileu de 75 anos. Foram pregadas pelos agentes pastorais (padres, religiosas, leigos) da própria diocese. Os grupos da Fraternidade foram muito valiosos, pois já organizados puderam trabalhar com maior entrosamento e eficiência.

NOSSO ENCONTRO DE NOVEMBRO

Nos dias 25 e 26 de novembro realizamos o último encontro de 85. Foi na Vila Caramelo, em Santa Maria, onde trabalha o Pe. Cláudio Dalbon. Serviu também para agradecer ao Cláudio o serviço que, desde o início, prestou à Fraternidade e despedir-nos dele, pois irá ao Recife no próximo ano.



No 1º dia fizemos a revisão de vida à luz dos seguintes critérios:

1- Olhar de fé sobre nossa caminhada, guiados pelo Projeto de Deus;

2- Prioridades de vida e ação: opção pelos pobres e CEBs;

3- "Fraternidade de base": a mística da Fraternidade encarnada no dia-a-dia e partilhada com os companheiros de trabalho.

4- O que ficou de cada encontro deste ano?

5- Outros gestos concretos: solidariedade nas horas difíceis, visitas gratuitas, entre-ajuda, etc.

A revisão teve três momentos: 1- Oração em comum: Cristo Total, do mártir boliviano Luís Espinal (+ 22/03/80): Evangelho: Lc 10,17-24: a volta dos 72 discípulos; 2- Revisão em pequenos grupos; 3- Revisão no grande grupo.

Dedicamos a noite para rezar juntos Buscamos inspiração no testemunho do Irmão Carlos, pois no dia 1º de dezembro transcorre a data do seu martírio (1916). Fizemos pontes do seu testemunho com outras pessoas que marcam nossa época. Recentemente um escritor alemão Ludwing Kaufmann publicou uma obra -"Para que Passamos Crer Amanhã"- mostrando a vei profética que perpassa Charles de Foucauld - João XXIII - Oscar Romero. Como um dos companheiros tinha à disposição o documentário: "Os Pobres são nossos Mestres", sobre a vida do Pe. Alfredinho, lembramos que a veia profética continua impulsionando muita gente também em nossos dias. Com a projeção do documentário, leitura de alguns textos do Irmão Carlos e Romero,

reminiscências de cada um sobre o Bom Papa João, realizamos uma reflexão-oração muito viva, participada, comprometedora. Tudo transcorreu à luz de Jo 12,23-26: "Se o grão caído na terra não morrer ficará só, mas se morrer produzirá muito fruto". Esta passagem exerceu grande influência na vida do Irmão Carlos. Foi também o último Evangelho lido e pregado por Romero durante a missa em que foi assassinado (24/03/80 - San Salvador "Se me matarem, ressuscitarei no coração do meu povo". Concluímos a oração noturna com a celebração da Eucaristia, envolvidos pela presença simples e misteriosa do Deus-conosco.

O 2º dia foi preenchido pelas comunicações e pelas perspectivas em relação ao "futuro de cada um".

I - Comunicações: 1-CEBI: quase todos os membros da Fraternidade participam de cursos promovidos pelo Centro Ecumênico de Estudos Bíblicos. Vários. Vários são também os multiplicadores destes cursos em nossas comunidades. O CEBI tem uma aceitação e divulgação muito grande no RS. Devolver a Bíblia ao povo, lê-la com os olhos dos pobres, interpretá-la com o fio condutor do Projeto de Deus, assumi-la como proposta de libertação integral, tudo isso abre caminhos novos e surpreendentes para as comunidades. Por isso, decidimos reservar ao CEBI algum tempo dos nossos encontros. Pe. Irineu Sterz e o Pastor João Guilherme Biehl coordenadores do CEBI na região centro, são membros da Fraternidade

2- 1º Encontro Nacional do Clero: o Pe. Edson Damian, um dos representantes da Diocese de S.Maria no 1º ENC, relatou as principais conclusões e perspectivas que se abriram com este histórico acontecimento.

3 - Mês de Nazaré: fez-se a motivação deste importante meio para conhecer e viver a mística da Fraternidade. Vários se mostraram interessados. Receberam a carta-convite e a ficha de inscrição. Provavelmente uns três participarão, apesar da longa distância e da penúria financeira.

4 - Ocupação da Fazenda Anoni: 2.500 famílias, aproximadamente 10.000 pessoas ocuparam a Fazenda Anoni (Sarandi-RS) na madrugada de 29 de outubro. Até agora as autoridades não tomaram nenhuma medida para reassentar as famílias naqueles 7.500 hectares ociosos há 13 anos. No dia 03 de dezembro haverá uma concentração de agentes de pastoral naquele local. A Fraternidade decidiu lotar um ônibus com representantes das nossas comunidades.

II - "O Futuro de cada um". Fim de ano é, para alguns, tempo de transferências. Cada um falou de coração aberto sobre decisões já tomadas ou sonhos em relação ao próximo ano. Constatou-se que durante a existência da Fraternidade nunca houve um ano com tanta movimentação como este. Pelo menos 11 membros mudarão de residência. Em relação ao futuro, todos estão andando, vários até mudando de lugar social para radicalizar o compromisso com os pobres.

CONCLUSÃO:

A Fraternidade tem a chance de significar muito quando atinge aquilo que deve ser: um grupo de amigos que se esforça para viver a beleza e a radicalidade do Evangelho: "Todos que vós sois os meus discípulos se vos amardes uns aos outors" (Jo, 13,35). O Evangelho é a história da grande amizade de Deus que se fez um conosco e deu sua vida por nós: "Não existe amor maior do que dar a vida pelos amigos"(Jo 15,13). Disto resulta que somente poderemos evangelizar quando nos tornamos amigos, servos uns dos outros: "O grande serviço que a Igreja presta ao mundo e aos homens é a evangelização"(Puebla 679). Dante Alighieri ao descrever Francisco de Assis e seus companheiros no Paraíso afirmou: "Eles encantaram o mundo com sua concórdia(amizade) e seu rosto alegre".

A Fraternidade não existe simplesmente para oferecer mais encontros e compromissos além daqueles que a Pastoral já exige de nós. Em meio a multiplicação de atividades e reuniões que podem nos fazer correr o risco do esgotamento, do desvio das opções prioritárias, da perda da alegria, a Fraternidade nos possibilita um espaço de simplicidade e confiança entre amigos que se estimam e se ajudam mutuamente. Aparentemente a Fraternidade se apresenta muito frágil, mas a vida pulsa muito intensa e vibrante dentro dela.

Edson Damian

Santo Antonio de Tauá - PA

Caro Bizon

Escrevo-lhe esta carta não com preocupação de vê-lo publicada(a não ser que você assim o deseje). Escrevo como alguém que deseja colocá-lo a par da nossa caminhada.

Nosso grupo de padres continua se reunindo mensalmente. Neste encontro o Evangelho é colocado no centro como luz para iluminar a nossa ação. Normalmente seguimos o calendário litúrgico(a não ser que algo especial surgira outro texto). O esquema de reflexão é muito simples, primeiro deixamos que o texto fale por si mesmo ; depois surgem os questionamentos em cima da nossa prática.

Na paróquia, como você, temos 2 religiosas engajadas que procuram também viver a opção preferencial pelos pobres. Com elas formamos uma pequena fraternidade onde avaliamos e planejamos o trabalho pastoral.

Outra experiência que temos feito é a convivência mais prolongada nas comunidades do interior. Vou aos povoados e passo, digamos, 3 dias. Participo da vida do povo. Ajudo nos trabalhos de lavoura, mutirões etc e à noite estudamos a Bíblia comunitariamente, fazemos as celebrações e procuramos dar uma força às CEBs.

Para entender o nosso contexto aí vai uma pequena informação.O norte é muito marcado pela tradição da "desobriga" (visita periódica do sacerdote aos povoados do interior para dar oportunidade ao povo de fazer a comunhão pascal. Feita a páscoa, o povo está "desobrigado"). Em alguns lugares o padre só aparece nesta ocasião e nas festas de padroeiros. É muito pouco, evidentemente, mas, em alguns casos, dada a distância, é só o que se pode fazer. Acontece que nestas visitas não nos é possível conhecer mais de perto a realidade em que vive o nosso povo. Tudo é muito festivo, artificial, e muita coisa escapa à nossa observação, ao passo que este contato que temos feito, fora das ocasiões de festa e participando da dura realidade do povo nos aproxima muito mais dele e nos revela a verdadeira face da vida que leva. Caem os formalismos, torna-se possível uma conversa mais franca e aparecem melhor certos valores evangélicos vividos no cotidiano e que pouco aparecem num ambiente festivo.As irmãs também têm experimentado este tipo de inserção.

Com isso vai aparecendo uma nova imagem de padre e religiosa.

Reconhecemos que esta experiência não se adapta a qualquer lugar nem pretende ser um modelo para quem quer que seja. Parece uma quebra de estrutura paroquial a que estamos habituados. Respeitamos a opinião dos que discordam. É apenas uma experiência, uma busca motivada por um apelo interior. Uma experiência muitas vezes exigente, mas que começa a dar alguns frutos.

Pe. Jaime Pereira.

MÊS DE NAZARÉ E RETIRO EM LIMPEZA - ESPERANTINA - PI

Aconteceu no Centro de Limpeza em janeiro passado"o mês de Nazaré". Estiveram presentes ,representantes de 13 estados do Brasil e alguns irmãos da Europa. Ao todo participaram 39 pessoas. A maioria veio antes para participar dos dias de Nazaré e outros vieram para o retiro. O orientador das reflexões foi pe. Martins de Mato Grosso. Foi uma experiência muito rica. Não nos limitamos a uma reflexão teórica. Houve um forte contato com os lavradores pobres da região. Trabalhamos na roça, participamos de farinhada e conversamos muito com os lavradores sem terra da região.

Aprendemos muito nestes poucos dias de convivência com os irmãos explorados. Fizemos desertos, vigílias e revisão de vida. Participaram leigos, padres e religiosos. Mais uma vez ficou claro que devemos nos esforçar muito para nos encarnar mais na realidade dos pobres e que a mudança do lugar social é essencial para vivermos como Jesus em Nazaré e nos fortalecer pela mística do irmão Carlos de Foucauld. Foram impressionantes as celebrações feitas nas comunidades e na capela de Limpeza, quando as várias comunidades vieram celebrar com muita animação. Esta experiência marcou muito nossas vidas e ao povo da região. os padres e leigos também deram um reforço muito especial à festa de São Sebastião.

Nós de Esperantina, queremos deixar nossa gratidão a todos que vieram passar estes dias conosco.

Pe. Ladislau João da Silva.

****

ENCONTROS DOS RESPONSÁVEIS REGIONAIS

De 7 a 12 de abril passado, na casa de Jaime (Sto.Antonio do Tauá -PA) Gunther, Bizon, Edson, Freddy e eu nos encontramos. Na pauta:

1. Programamos o encontro Nacional de padres da Fraternidade, a ser realizado em S. Paulo, de 03 a 08 de janeiro de 1987. Os temas sugeridos para este encontro foram: Reencontro da Fraternidade com a espiritualidade de Charlhes de Faucould; nossa espiritualidade face aos conflitos e desafios de hoje; experiencias de fraternidade.
2. Encaminhamos algumas propostas para o encontro continental;
3. Avaliamos o mês de Nazaré; como anda a nossa Carta Circular, as finanças e a lista de endereços;
4. Terminamos o nosso encontro com uma revisão de vida onde colocamos nossa caminhada como fraternidade junto a realidade em que vivemos.

Não se esqueça: marque na sua agenda - encontro nacional dos padres da Fraternidade - 03 a 08 de janeiro. Você vai receber a ficha de inscrição breve.

Antonio de Oliveira (BA)

IMPRESSÕES DE RWANDA:

Rwanda o país das mil colinas, situado um pouco ao Oeste do Lago de Victória, é um país pequenino e cercado de de muítos países vizinhos · Uganda ao norte, Venia, Tansânia, Burendi, Zaire e a República Centro Africana. Hoje Rwanda há 6 milhões de habitantes, dos quais 60% são cristãos. Com 144 pessoas por Kilometro/quadrado o país é densamente habitado. O clima é muíto agradável, não demasiadamente quente e o ano inteiro há chuva. Depois de ter sobrevoado o deserto foi bonito ver, ainda do avião, as casas espalhadas por tudo e em torno de cada casa as plantações de bananas, milho, tudo verde, como um grande jardim.

Não há aldeias, as casas são espalhadas por tudo. O solo é fértil e o povo são agricultores. Cada família mora distante da outra e faz em torno da casa sua roça. Além das bananas,milho,mandioca,feijão,ervilhas e legumes, mas também café e fumo. Todas as roças são feitas com trabalho manual, não há ainda máquinas. Por isso o desemprego ainda não é problema. As famílias tem 8 a 10 filhos a metade de todos os Rwandenses tem menos de 15 anos de idade. A capital Vigali está quase no dentro do país e está num processo de um rápido crescimento.

Minha acolhida foi muíto cordial e a cordialidade me acompanhou até a despedida. Denis Schamana com quem tinha correspondido, estava no aeroporto à minha espera. Porque não nos conhecemos pessoalmente, uma das irmãzinhas de Jesus Mônica veio junto. Assim logo entramos em contacto. É bom de ser acolhido tão bem num país onde se está pela primeira vez. Nós visitamos as irmãzinhas de Vigali e depois do almoço fomos a Butare 150 Km ao Sul.

Denis foi 5 anos Reitor do seminário menor. Agora ele é Reitor do Instituto Catequético Africano. Neste Instituto estudam também Catequistas dos países vizinhos. O curso é de dois anos, Nós visitamos a cidade a Universidade, a Catedral, o Mercado onde sempre é uma multidão de gente vindo com seus produtos da roça e indo com outras coisas. As roças são cheias de gente, todos caminhando, carregando coisas e quase todos descalços. Nós visitamos o seminário menor, 350 seminaristas. O seminário maior, um seminário central por todo o país (8 dioceses) 150 seminaristas.Em Butare há muítas casas de religiosas e congregações. Não pude encontrar o Bispo que estava viajando.

A Igreja de Rwanda é nova, ela começou somente em 1906. Por isso ela é ainda fortemente marcada dos missionários europeus com suas grandes construções e terrenos, com as escolas e postos de saúde. Gostei muíto que a liturgia é celebrada na língua vernácula todos participando cantando seus cantos e expressões.

Depois das primeiras impressões Denis e eu falamos sobre a Fraternidade Jesus Cáritas. No início está um padre belga Jacques Lívramo.Não o pude encontrar porque está no norte do país. Importante para a fraternidade são também as irmãzinhas de Jesus, onde os padres da fraternidade são sempre bem acolhidos. Importante para a jovem fraternidade são as informações, boletim international, diretório, livros sobre Ir. Carlos,outras informações. Mesmo assim ficaram algumas dúvidas como fazer o dia de deserto, o dia da fraternidade o mês de Nazaré. Nosso diálogo foi bom e também eu pude aprender e compreender um pouco as interrogações dos padres de Rwanda, a busca de viver o Evangelho seriamente,a necessidade de rezar juntos, o anseio de ter alguém com quem falar aberta e sinceramente.É sentido a distância do povo, mas também a vontade de estar ao seu serviço. Um dia antes da minha despedida houve um encontro em Savé a primeira paróquia de Rwanda, pertode Butare. É um bom encontro, simples e familiar. Vieram Denis, Calixt Reitor do seminário menor Jean Maroe Vianney e Eduardo os dois vigários em Saré. Thomas e Bonifácio, pároco da Catedral, não puderam estar conosco. tenho a possibilidade apresentar mais uma vez a Fraternidade.

Importante para os jovens padres de Rwanda é um aprofundamento espiritual, uma vida evangélica, estar perto do seu povo, que nem sempre é fácil por causa das estruturas da Igreja, a procura de encontrar o seu próprio caminho como padres Rwandenses.

Tenho certeza que não foi um acaso que me conduziu a Rwanda, mas o Dedo de Deus. Estou muíto grato de poder ter encontrado estes irmãos. Certamente a jovem Fraternidade terá que procurar seu caminho, mas o início é feito. Nós temos nossos irmãos, rezemos por eles.

GUENTHER

entrevista frei Betto



'O decreto da reforma agrária do governo é demagogia de efeito eleitoral'

Folha — Seu livro "Fidel e a Religião" é o maior sucesso editorial da história cubana, com 1,1 milhão de exemplares vendidos nos últimos cinco meses. No Brasil, o livro está na 13ª edição, com 60 mil exemplares vendidos, e outros 25 países publicaram ou estão em negociações para traduzir o livro. Como o sr. explica o grande interesse despertado pelo livro?

Frei Betto — Há várias razões. Primeiro, o fato de se tocar num tema que durante vinte anos de Revolução Cubana era tabu —o tema da religião—, porque a Igreja em Cuba, quando houve a revolução, não havia passado por todo esse processo de renovação, iniciado pelo Concílio Vaticano 2º e, na América Latina, confirmado pela Conferência Episcopal de Medellín, em 1968. A Revolução Cubana, em 1959, antecedeu a esse processo de ornamento da Igreja. De modo que a Igreja muito identificada com as antigas classes burguesas cubanas também se pôs contra a revolução e serviu de trincheira para a contra-revolução. Isso fez com que o socialismo cubano se consumisse dentro de uma concepção de que um revolucionário não podia ser um cristão e de que um cristão não podia ser um revolucionário. Essa situação histórica inicial foi superada com o tempo. Não há mais classes dominantes em Cuba, a Igreja nunca rompeu relações com Cuba, a Igreja encontrou um novo modo de ser dentro da Revolução Cubana e busca agora um maior diálogo e entrosamento com o regime cubano e com a revolução. Isso é recipocro. Também da parte do regime há um interesse de uma maior aproximação com a Igreja. E essa reciprocidade questiona uma série de critérios, que até então eram quase que dogmáticos de ambos os lados. E esse questionamento leva a uma abertura para uma inserção dos cristãos na construção do socialismo cubano, conforme foi dito por Fidel Castro agora no informe que ele forneceu ao 3º Congresso do Partido Comunista Cubano. Tocando o tema da religião, automaticamente está se tocando os outros temas tabus. Numa sociedade que contra sua vontade esteve bloqueada mais de vinte anos

Folha — No recente encontro do episcopado brasileiro com o papa, sua santidade fez um elogio forte ao seu livro, dizendo que ele "ajudou a Igreja em Cuba e levou Fidel Castro a fazer uma autocrítica sobre a religião". O papa lhe enviou uma mensagem mais direta?

Frei Betto — É a segunda vez que eu recebo uma mensagem indireta de um papa e é o segundo papa que é meu leitor. Quando eu estava na prisão, o meu primeiro livro, "Cartas da Prisão", que antes de sair no Brasil saiu na Itália, em 1971, e teve muito boa aceitação pelos leitores italianos, foi comentado pelo papa Paulo 6º. Também agora, indiretamente, eu fico sabendo que numa conversa informal com os bispos brasileiros se teria perguntado ao papa o que ele achou do livro e ele disse que é um livro interessante.

Folha — O segmento mais conservador da Igreja fez pressões contra a publicação do livro?

Frei Betto — Não, porque o processo de publicação do livro surpreendeu não só a Igreja, mas a todos. Eu tenho, como escritor, uma superstição: a de jamais falar da obra que estou preparando. Os meus filhos, eu gero no silêncio. Há uma espécie de sorte em torno desse silêncio. O Fidel quis anunciar o livro em algumas entrevistas de imprensa e eu pedi que não o fizesse. Agora o livro teve as reações as mais diferentes. Essa do papa, algumas reações contrárias, que eu respeito, embora não concorde, e de maneira alguma me preocupo em me defender diante delas. Eu sigo, religiosamente, um conselho do velho Tristão de Athayde, que me disse "jamais se defenda de ataques pessoais". Eu o tinha como uma espécie de guru, de pai espiritual e intelectual.

Folha — Como defensor da Teologia da Libertação, que frutos o sr. espera alcançar com esse livro?

Frei Betto — O livro já é fruto de um processo de luta pela justiça na América Latina. Na verdade, o livro é reflexo dessa unidade que se dá, na prática, entre todos aqueles que na América Latina buscam a autodeterminação de seus povos, a melhoria de condições de vida dos pobres, a não ingerência do governo norte-americano em suas coisas internas. Por outro lado, é um livro que faz as pessoas, tanto cristãos como comunistas, reconsiderarem certos princípios dogmáticos, que, na verdade, não encontram fundamentos nas fontes do marxismo nem nas fontes do cristianismo.

Folha — O sr. se considera um embaixador da Teologia da Libertação em Cuba?

Frei Betto — Eu estou muito identificado com a Teologia da Libertação. Ela me confirma na fé. A expressão da minha vivência cristã encontra sua melhor expressão nessa Teologia. Agora, eu não estou em Cuba propriamente como um embaixador da Teologia da Libertação, embora o seja de fato, na medida que a Igreja cubana teve poucos contatos com a Teologia da Libertação e através dos diálogos que nós temos tido, eu tenho tido a oportunidade de levar livros dessa Teologia e discutir com eles. Mas a minha presença em Cuba é mais de uma pessoa que ajudou as relações Igreja-Estado.

Folha — Como o sr. vê a pessoa de Fidel Castro?

Frei Betto — É uma pessoa muito coerente, que tem uma vida inteira consagrada à luta pela justiça e à consolidação do socialismo cubano. Você imagina um jovem, que como qualquer jovem universitário brasileiro, sonha com a mudança de seu país, mas não só consegue realizá-la, passando por todos os riscos, mas consegue desfrutá-la. Apesar disso, eu sinto no Fidel uma profunda modéstia. Ele é uma pessoa tímida por natureza. Acho até que ele fala demais para encobrir a timidez. É, por outro lado, uma pessoa transparente, muito intuitiva, que pensa pelo coração e que tem uma sensibilidade muito aguçada para a causa dos pobres.

Folha — É mais que respeito, é uma admiração.

Frei Betto — Uma admiração profunda. Acho que Fidel encarna as três grandes vertentes da Revolução Cubana: a tradição martiana, de José Martí, a formação cristã e a ideologia marxista.

Folha — Jesus Cristo, no seu livro, e Che Guevara, no "Diário da Guerrilha", são dos dois maiores "best-sellers" da literatura cubana. Que semelhanças existem entre esses dois personagens?

Frei Betto — No lançamento do livro em Cuba, em dezembro do ano passado, durante a abertura do 2º Encontro Latino-americano de intelectuais, eu disse num breve discurso que o futuro homem novo latino-americano será objetivamente revolucionário e subjetivamente místico. Se eu fosse ilustrar essa afirmação, diria que será objetivamente um Che Guevara e subjetivamente um Jesus Cristo. Embora Che Guevara não fosse cristão, eu tenho certeza que um autêntico comunista é um cristão, embora não o saiba, e um autêntico cristão é um comunista, embora não o queira.



'Tenho certeza que um cristão autêntico, é um comunista, mesmo sem querer'

Folha — Então o cristianismo está mais próximo do comunismo, do que do capitalismo?

Frei Betto — Muito mais próximo do comunismo. Primeiro, porque a proposta comunista é realizada no projeto bíblico do Antigo Testamento. Quando os hebreus entram na Palestina, a forma de regime social que eles implantam nas antigas cidades-estado é uma forma socialista, onde a terra é propriedade de todos, onde não há divisão entre Exército e povo, onde pela primeira vez, a alfabetização é estendida a todo povo, não é restrita a uma pequena casta sacerdotal, onde todos tem o direito de repartir o fruto do trabalho.

Folha — Na luta dos países oprimidos em busca de sua libertação, o sr. acha que o povo pode contar com o uso de armas?

Frei Betto — Eu defendo rigoro-

samente que nós temos de buscar a paz, através dos meios pacíficos.

Folha — Mas tanto a revolução cubana como a sandinista empregaram armas.

Frei Betto — Eu concordo com meu confrade São Tomás de Aquino, de que esgotadas todas as vias pacíficas, o mal que o tirano causa ao povo é superior à cota de problemas que traria uma reação desse povo para derrubá-lo. Então é direito legítimo desse povo de tirá-lo através da luta armada. Esse princípio é repetido pelo papa Paulo 6º e acaba de ser repetido pelo cardeal Ratzinger na 2ª Instrução sobre a Liberdade e a Libertação cristã.

Folha — Isso poderia vir a ocorrer no Brasil?

Frei Betto — Não considero que isso que acabo de dizer se aplique no caso do Brasil.

Folha — Então o sr. condena o assalto praticado pelos militantes do PCBR em Salvador?

Frei Betto — Nós temos hoje amplas possibilidades legais de ação política. Não há uma situação de flagrante opressão, como no caso das ditaduras que eu citei. Considero o assalto do PCBR um gesto voluntarista, romântico, vanguardista. Embora não queira me associar nem à polícia nem à direita, no tipo de indignação que expressam com o que aconteceu na Bahia, porque eu também passei por uma situação semelhante dentro de outro contexto.

Folha — O sr. está falando que o Brasil hoje é outro. O Brasil de Sarney, do "pacote econômico" está mais próximo dos pobres?

Frei Betto — Acho que as mudanças são pouco significativas. Elas são mais de caráter político, do que propriamente de caráter econômico e social. O achatamento salarial é o mesmo. O nível de desemprego alcançado nos anos 80 ainda não foi reposto. Se o país consegue crescer durante toda essa década de 80 num nível de 4% a 5% ao ano, nós vamos conseguir a reposição do nível de desemprego só em 1990. Sendo que o Brasil precisa criar 1 milhão de novos empregos por ano. As medidas tomadas pelo governo tem um grande efeito psico-social, como o "pacote econômico", mas efetivamente não estão levando a uma melhoria das condições de vida do povo. Porque, para isso, era preciso que o governo solucionasse corajosamente o principal problema brasileiro que é a questão fundiária, a reforma agrária.

Folha — Mas o governo Sarney acabou de anunciar um projeto de reforma agrária.

Frei Betto — Um projeto tímido, que efetivamente não levará à reforma agrária e que é um retrocesso diante do próprio Estatuto da Terra, dos militares. Uma reforma que não vai reformar nada. Porque nem sequer foram determinadas as áreas prioritárias de expropriação. É um decreto meramente demagógico para efeito eleitoral, tendo em vista a importância das eleições deste ano.

Folha — Então o sr. considera o governo de Sarney tão de "direita" como o dos militares.

Frei Betto — Não, ele não é tão de "direita". Ele é mais hábil que os governos militares, tem mais respaldo político, tem uma preocupação de ceder alguns anéis para não perder os dedos. Mas efetivamente eu não poderia apontar, até agora, medidas que viessem em benefício dos 100 milhões de brasileiros que essa noite vão dormir com fome.

Folha — O sr. está defendendo a mesma posição do PT. O sr. vai votar nos candidatos do PT nas próximas eleições?

Frei Betto — O meu candidato ao governo do Estado se chama Eduardo Matarazzo Suplicy. Os candidatos à Constituinte ainda não tenho claro em quem vou votar. Tenho muitos amigos que vão ser candidatos. Pode ser o Lula, por quem eu torço e espero que seja eleito, porque acho que será uma das pessoas que terá condições de melhor desempenho no Congresso constituinte. Embora eu não seja militante do PT, continuo acreditando muito na proposta do PT e acho que é uma proposta que reflete o grande anseio desses 100 milhões de habitantes, que não tem acesso a um nível digno de vida humana.



"Tenho admiração profunda por Fidel Castro, por sua luta pela justiça"

Folha — As eleições desse ano terão significado vital para o país. O que o sr. pretende fazer para ajudar seus candidatos se elegerem?

Frei Betto — Eu não aceito que usem o meu nome, a minha foto, não participo de comícios políticos, por causa do meu trabalho pastoral. Eu sou sobretudo um homem de Igreja. Não há razão para ficar abençoando candidaturas em público. Agora, é um ano importante porque o povo é formalmente chamado para elaborar as novas leis que deverão nos governar. Mas acontece que tudo está sendo encaminhado para excluir o povo dessa participação. A começar da comissão dos notáveis, e do segredo que cerca essa comissão. Depois não está se concedendo nos grandes meios de comunicação espaço para essa questão tão importante como a Constituinte. Se nos meios de comunicação, houvesse o mesmo espaço que foi reservado para a discussão do "Je Vous Salue Marie", tenho impressão que o povo brasileiro estaria muito mais ciente do seu dever como eleitor desse Congresso constituinte. Por outro lado, as classes dominantes estão preparando um rico "lobby" para evitar a mudança da composição de classe do atual Congresso brasileiro. São 479 deputados, 3 operários, 1 índio, nenhum lavrador ou camponês e mais de 300 empresários.

Folha — Uma pergunta dupla. A CNBB acabou de divulgar um documento com reivindicações básicas para o Congresso constituinte. Como o sr. avaliou o texto? E o sr. acha que a Igreja brasileira está sabendo se posicionar frente a esse momento político?

Frei Betto — A Igreja continua sabendo se posicionar frente a esse momento histórico, porque ela continua numa expectativa crítica frente à Nova República. Ela teve a ousadia de denunciar os crimes da ditadura militar, através do livro "Brasil, Nunca Mais", o que nenhum partido político fez. Ela alertou a opinião pública a respeito do blefe dos projetos de reforma agrária aprovados pelo governo e agora levanta uma proposta de Constituinte.

Folha — Proposta feita pela cúpula.

Frei Betto — Exatamente. Eu critico o fato dessa proposta não ter sido antes amplamente discutida nas Comunidades de Base. E entre a proposta da CNBB e a do Fábio Comparato, eu tendo a preferir a do Fábio Comparato, porque ela responde mais diretamente aos interesses das classes trabalhadoras, enquanto a proposta da CNBB, em questões de interesses patrimoniais da Igreja, não avança muito.

Folha — A proposta de Fábio Konder Comparato, elaborado a pedido do PT, tem como eixo básico a questão da propriedade privada. Esse é o ponto fundamental?

Frei Betto — Esse é o ponto fundamental, porque a concepção liberal-burguesa, que predomina no cenário político brasileiro, considera que o direito natural se funda no direito da propriedade. É cidadão aquele que é proprietário. Nós precisamos acabar com isso.

Folha — O sr. é pelo fim da propriedade privada?

Frei Betto — Eu sou pelo fim da propriedade privada dos meios de produção. Eu sou pelo socialismo.

Folha — Fidel está repensando um dos maiores dogmas da "esquerda", o de que a religião é o ópio do povo, o sr. acredita que isso poderá se refletir nos partidos comunistas da América Latina?



'Defendo o fim da propriedade privada dos meios de produção; sou socialista'

Frei Betto — Eu espero que sim, porque muitos destes partidos tem uma posição religiosa frente à religião e, portanto, muito pouco marxista e pouco científica. Ninguém me tira da cabeça que a militância ateísta é uma forma de expressão religiosa sem nenhuma base na tradição genuína do marxismo. Então, eu espero que os partidos comunistas brasileiros estejam não só mais abertos a essa reflexão tão profunda de Fidel Castro, como a própria realidade brasileira, onde a grande maioria desse povo é profundamente religiosa. Nisso eu não peço que os partidos caiam no oportunismo de sendo ateus se declararem cristãos, porque isso é mentira e o povo tem suficiente sensibilidade para perceber quem crê e quem não crê. Algumas vezes numa comunidade de base, quando alguém de algum grupo político recém-nascido está presente na comunidade para fazer um trabalho político e na hora da celebração o sujeito se denuncia, porque ele fica tão vermelho, tão sem-jeito por não saber articular as palavras do "Pai Nosso", que ele não volta a segunda vez.

Folha — A "esquerda" usa a Igreja?

Frei Betto — Não, a esquerda não usa a Igreja porque a Igreja não é usável.

Folha — Mas usa os fiéis?

Frei Betto — Às vezes, algum grupo, alguma tendência da esquerda brasileira consegue fazer a cabeça de um ou outro. Mas à medida em que vai fazendo, esse um ou outro vai se isolando da comunidade. A Igreja brasileira tem uma dificuldade muito grande de relacionamento com a esquerda. Sem falar no fato, de que o Brasil é o único país do mundo, onde alguns partidos comunistas estão à direita da Igreja.

Folha — Em seu livro, Fidel narra o sistema eleitoral cubano, baseado no voto distrital, mas em nenhum momento o sr. questionou-o sobre sua permanência no poder há 27 anos. Fidel é um ditador ou a sua democracia prescinde de eleições presidenciais diretas?

Frei Betto — Nunca ninguém acusou o papa de ditador, embora ele morra no poder. O critério de regime político, à luz da fé cristã, é diferente de à luz do liberalismo, ou seja, a primeira pergunta que um cristão faz a um regime político é se ele traz mais ou menos vida a seu povo. Porque a questão do voto não é o critério fundamental.

Folha — No livro o sr. mostra uma admiração grande pela organização social de Cuba, que conta com controle de natalidade, inclusive com a liberalização do aborto. Como o sr. vê isso?

Frei Betto — O controle da natalidade é aceito pela Igreja. A discussão está nos métodos desse controle. Sou radicalmente contra o aborto. E porque sou contra acho que temos de iniciar uma ampla discussão nacional sobre o aborto.

Folha — Falando em dogmas da Igreja, o sr. assistiu ao filme "Je Vous Salue Marie"?

Frei Betto — Assisti o filme com muita dificuldade, porque o filme é chatíssimo. Se eu fosse um bispo conservador, eu obrigaria passar esse filme em todas as aulas de catequese na minha diocese, porque ele é rigorosamente dentro do dogma da virgindade de Maria, na sua concepção mais tradicional da Igreja.

Folha — Num de seus livros, "A vida suspeita do subversivo Raul Parelo", consta um conto erótico. Qual o espaço para o erotismo na vida de um frei dominicano?

Frei Betto — O erotismo na tradição cristã e teológica, até litúrgica, sempre teve um papel destacado. O erotismo é a expressão da comunhão no amor. A versão religiosa do erotismo é à liturgia, onde a comunidade expressa sua adoração a Deus. Entre um casal o erotismo é a forma mais elaborada, mais profunda de sua relação, onde o contato prescinde até de palavras. Na vida de um frei isso não se coloca aonível da relação humana, por causa da opção pelo celibato, mas não quer dizer que a gente não defenda essa questão.

Folha — Após um ano de "silêncio obsequioso", o frei Leonardo Boff afirmou que o papa João Paulo 2º é o "papa da Libertação". O que aconteceu? Mudou a Igreja ou mudou o frei Boff?

Frei Betto — Mudou a Igreja. Estou inteiramente de acordo com o frei Boff, o atual papa é o "papa da Libertação". A partir do contato que o papa teve os bispos brasileiros, ele compreendeu a situação do Brasil e da América Latina. E isso foi consagrado no documento que enviou aos bispos no mês de abril.

FOLHA DE S. PAULO — Sábado, 10 de maio de 1986

Aos Bons Amigos,

Lygia, Aurinha, Jaime, Antonio e Francisco

Primeiramente os votos de uma feliz páscoa a voces e todos aqueles que com vocês trabalham.

Que bom, vocês aí "encontrados" na luta pelo Reino do Pai, cheios de ardor pela causa dos irmãos mais precisados. Ao meu ver a cartinha, me sente muito unido ao grupo.

Realizou-se a audiência no dia e hora marcados. Não deu porém, para terminar nesse dia. Foi continuar no dia 06 de mais próximo. Foram ouvidas inhas 3 testemunhas. As da outra parte ainda não foram ouvidas. Esteve presente muita gente e também repórteres e até uma equipe da Globo do programa fantástico. Está constando porém que não vai ser apresentados por intervenção de terceiros importantes. Na conciliação o Sr. Bispo propôs que eu me converta e lhe peça perdão, aceite a linha de pastoral da Diocese, do contrário que eu procure outra Diocese onde a pastroal seja do tipo da minha ideologia. Indagado pelo advogado sobre qual é o tipo da minha ideologia, o Bispo respondeu: é conhecida de todo tipo de idéias que encontram o trabalho do Padre Eider e do grupo de Sacerdotes e religiosos que seguiam as orientações de D.Francisco Hélio Campos, idéias baseadas na Teologia da Libertação em vigor em vários países da América Latina de conteúdo dogmático um tanto divergente da ortodoxia doutrinária da Igreja Católica. E concluindo disse: "A Pastoral da Igreja Católica fundamentada na Teologia da Libertação do tipo latino-americano está claro nos documentos da Igreja como sendo condenada pela Igreja".

É isso aí meus amigos. Ficou claro que a minha condenação é por causa da Teologia da Libertação, que , diz o Bispo, eu adoto. Frei Leonardo Boff já foi liberado felizmente.

Vamos para frente meus irmãsos, Muito obrigado pela solidariedade de apoio que voces me prestaram.

Estou tentando me lembrar do Francisco. Esta carta vai chegar em Santo Antonio talvez por ocasião do Encontro de representantes regionais da Fraternidade Sacerdotal

A todos o meu abraço amigo

Eider

CARTA ABERTA PARA PRESTAR CONTA DA VIAGEM À NICARÁGUA

DOM PEDRO CASADALIGA, Bispo de
São Felix do Araguaia, Mato Grosso

Queridos irmãos, companheiros de Esperança,

Devia esta carta a quantos - colegas bispos, entidades, amigos - me acompanharam publicamente com sua solidariedade na minha viagem à Nicarágua. Envio também a carta a outros irmãos que estão interessados nesta causa comum da América Central- seus povos, suas Igrejas. Por esses povos, por essas Igrejas, passo o futuro próximo de nossos Povos e Igrejas, em toda esta Pátria Grande.

Algo terão sabido da minha viagem pelos meios de comunicação, mesmo com as tergiversações ou o silêncio cúmplice com que as grandes agências tratam a Nicarágua, Guatemala, El Salvador...

E esta é uma primeira constatação. Estamos muito mal informados.

Durante as três primeiras semanas o jejum do P. Miguel D'Escoto, nos Estados Unidos não apareceu uma notícia sobre o particular. A "Voz da América" anunciava cinicamente o fim de um mês de jejum como o término de umas "férias". E anunciava o sequestro da "Flotila de la Paz"- detida pelos bandos de Pastora - como "um show montado pelo Governo Sandinista". Minhas declarações em São Paulo, agora, de regresso, foram praticamente silenciadas apesar de ter sido bem concorrida a coletiva de imprensa. O maior desespero do Povo de Guatemala, que vive num contínuo massacre genocida, é não ser ouvido, ser sistematicamente ignorado.

Outra constatação irrefutável é que Nicarágua está em guerra, há mais de quatro anos, numa guerra de agressão, financiada e dirigida pela Administração Reagan.

Muítos grupos pacifistas americanos e vem denunciando publicamente. Dizer que se trata de uma "guerra civil" é ignorância crassa ou cumplicidade. Assessores militares, armas, equipamentos, verbas e publicidade de contra-revolução são norte-americanos.

Uma mulher de Santa Maria - último município da Nicarágua na linha fronteiriça com Honduras - analisa lucidamente essa guerra: "são os próprios Estados Unidos quem fez com que eles (os "contras) venham fazer-nos todas essas crueldades. Parece que esse senhor presidente dos Estados Unidos não quer este pequeno país da Nicarágua livre, porque ele quer nos dominar".

Honduras e Costa rica são utilizados pelo Império - subservientes os respectivos governos - para refúgio dos mercenários, que entram e saem pelas longas fronteiras montanhosas; também são utilizadas como acampamentos de treinamento e para os sequestrados e como plataforma de contra-informação através de potentes emissoras.

Perez Esquível - premio Nobel da Paz - contava-me, horrorizado, o clima de agressividade que se conseguiu criar em Costa Rica contra a vizinha Nicarágua. Honduras, tão sofrida em sua população camponesa, está sendo utilizada de tal modo que ficará sócio-politicamente traumatizada por muítos anos.

Essa guerra significa um profundo desgaste à nação nicaraguense. Não precisa chegar a invasão aberta. A Nicarágua já esta sendo "invadida" pela agressão militar, pelo terrorismo sistemático, pelo bloqueio econômico, pela contra-informação, pela manipulação religiosa. 40% do orçamento nacional deve-se empregar na defesa direta. Os jovens vivem mobilizados. Decai a produção, o processo de alfabetização - que reduziu o analfabetismo de 65% a 12% - sente-se afetado, há precariedade na Nicarágua e até carestia. Na montanha, sobretudo e na fronteira vive-se frequentemente sob o terror. "los campesinos" trabalham de dia e viagem de noite. "Sou delegado da Palavra, produtor e defensor", confidenciava-me um lavrador de El Escambray, na fronteira mesmo.

Vi muíta morte, muíta dor, muítas mães com filhos caídos, muítos órfãos, muítos mutilados muítas famílias com parentes sequestrados, muítos nicaraguenses se perguntando pelo futuro, vivendo "desassossegados por la Paz", como ponderava um "campesino". os sequestros de homens, mulheres e crianças - sobretudo de animadores das comunidades cristãs e de responsáveis pela educação e pelas organizações populares são pão amargo de cada dia. As mortes mais brutais, as torturas ou mutilações, as violações, a destruição de moradias e roças, de povoados, escolas, cooperativas, centros agrícolas... Em poucos meses, quase 400 escolas viram-se obrigadas a fechar, no setor camponês da Nicarágua. Doze mil mortos nicaraguenses calcula-se, como vítimas de toda essa agressão.

A "contra" - composta de ex-guardas somozistas e parentes seus, de mercenários e de alguns camponeses sequestrados - normalmente atua drogada.

A manipulação da Religião - os nomes de Deus, do Papa e de Reagan, invocados pela "contra" como um só nome de guerra - e a divisão interna da Igreja são outro drama na Nicará

gua atual. As comunidades da cidade e do campo e seus agentes de pastoral agradeceram comovidamente minha presença e a solidariedade humana e eclesial do Brasil. (Nunca senti-me mais brasileiro. Eu era o "bispo do Brasil", assim recebido, anônima e coletivamente muitas vezes).

Infelizmente não pude dialogar com a hierarquia católica da Nicarágua. Ela não respondeu minhas cartas. Enviou, sim - e era seu direito - uma nota de protesto à CNBB, por minha presença na Nicarágua. Eu sabia da conflitividade da minha viagem, e a considerava evangelicamente inevitável. Assim o expresei em minhas cartas, como também manifestei nelas o caráter pessoal da viagem, respaldada, porém, por 23 irmãos bispos e por muitos organismos e amigos brasileiros.

Devo lamentar que a hierarquia nicaraguense não se manifeste abertamente contra a agressão externa e em favor da auto-determinação de seu povo e de toda América Central. Na Nicarágua é evidente que a hierarquia é contra o processo revolucionário, ou declaradamente ou submissão ou por uma espécie de pacto corporativo.O Cardeal Obando é util, com bandeira, pela burguesia e pelo antisandinismo em geral, dentro e fora do país, em Miami sobretudo. Monsenhor Bosco Vivas, auxiliar de Manágua, em titulares de jornal,de página inteira, acusava a suposta "Igreja Popular", de "comunista e atea". monsenhor Pablo Vega, presidente da Conferência Episcopal Nicaraguense,justificativa,há duas semanas em Bonn, Alemanha, o pedido de ajuda (dos Estados Unidos, entendia-se facilmente) porque a Nicarágua, segundo ele, conculam-se os direitos Humanos. Anistia Internacional, em seu informe último, afirma que na Nicarágua não há violação dos direitos humanos(e sim em El Salvador, em Honduras e na Guatemala, países que, segundo o Departamento de Estado dos EUA, são agredidos pela Nicarágua...).O mesmo Monsenhor pretendia, também em Bonn, desautorizar as eleições de seu país e negava motivações religiosas e quantos fomos à Nicarágua para unirmos à "Insurreição Evangélica". Nessas datas, no Tribunal Internacional de Haya a Administração Reagan estava sendo processada por sua agressão ao Povo nicaraguense.

Ouvi muitas pessoas sofridas do Povo reclamando da distância e da incompreensão de seus pastores. Em várias dioceses, em oposição aos centenares de Delegados da Palavra - heróicos servidores da Igreja durante tantos anos, mártires muito deles, todos em constante - estão se promovendo, numa espécie de alternativa, outros Delegados,com carnet oficial eclesiástico. Um bispo cehgou a dizer que sua diocese estaria bem se não houvesse nela sacerdotes estrangeiros nem religiosos. Um porta-voz da cúria de Manágua,dois anos atrás, até brindou até, diante de muítos colegas sacerdotes, pela pronta chegada dos marineranques. A visita do Papa, permanece como ferida aberta no coração de muítos nicaraguenses. Não há possível "neutralidade" nessa pátria dilacerada pela ditadura somozista durante 40 anos, conquistada depois pela revolução, atacada agora pela agressão imperialista.

Entretanto, para quem aceitar meu testemunho, posso afirmar diante de Deus e da Igreja que, percorrendo boa parte da Nicarágua e em contato direto com suas comunidades eclesiais de base e seus agentes de pastoral, não encontrei um só sacerdote, religiosa, delegado da Palavra ou catequista, que pretendesse uma "Igreja Paralela" ou negasse o ministério episcopal. De minha parte insisti sempre na unidade fundamental da Igreja de Jesus, dentro de um pluralismo adulto e compreensivo;insisti também na oração e no compromisso real com os pobres e com seus processos históricos.

Há muíta fé na Nicarágua, apesar de tudo. Muíta religiosidade popular. Como há muita combatividade e consciência e ternura e até alegria.

A "Insurreição Evangélica" e a solidariedade de tantos irmãos de fora reanimou alí a fé conturbada de muítos. Também disso sou testemunha.

Nesses dias, afirmei-me na convicção que a Igreja na Nicarágua e em toda a América Central deve exercer primordialmente a pastoral da consolação e a Pastoral da fronteira-entendida esta geograficamente e sócio-politicamente - para assim manter aquela credibilidade que a nova situação desses povos martirizados e em processo de liberação exige. Credibilidade que condicionará a própria credibilidade do Evangelho e até mesmo a credibilidade do Deus vivo.

Falar em perseguição religiosa na Nicarágua seria grosseiro demais. Houve erros concretos, na expulsão de alguns sacerdotes, por exemplo, como os próprios dirigentes sandinistas reconhecem. Muitos menos "erros" porém, que em outros países que todos nós conhecemos como "democráticos" ou como "democrátas-cristãos". Ninguém é incomodado na Nicarágua por causa de sua fé. As celebrações religiosas ostensivas, com inegável caráter antisandinista, repetem-se diariamente.

Também seria grosseiro falar simplesmente em censura. Há a censura que a guerra exige e é norma internacional. "La Prensa" - jornal da oposição, porta-voz da Religião e da Igreja "antisandinista" - fala, mente e calunia a verdade, como eu mesmo comprovei todos os dias.

Visitei ainda Cuba - dois dias e meio - Cuba vive um tempo novo para a Fé Cristã, como é reconhecido pela própria Igreja do país. Sou testemunha das aquisições que na saúde, na educação e na produção fez o povo cubano.Devemos abrir o coração e o Evangelho sobre essa Ilha admirável. Em Cuba entrevistei-me com o Núncio Apostólico. E também com Fi-

del Castro.

Em El Salvador - um dia apenas e uma noite - visitei o "hospitalito" e o sepulcro de nosso São Romero da América, bem como dois "refúgios" estremecedores. Há meio milhão de refugiados salvadorenhos dentro do país e mais de meio milhão fora. A administração Reagan entrega diariamente um milhão de dólares ao governo salvadorenho contra a Insurgência Popular.

Não entro em maiores detalhes, por ora, acerca dessas duas visitas, marcantes para mim Em Salvador fui recebido muito cordialmente pelo Arcebispo Mons. Rivera e Damas, presidente do SEDAC, conselho episcopal centro-americano. Em Panamá entrevistei-me com o arcebispo Mons. Mac-Grath, presidente da Conferência Episcopal Panamenha, com o Núncio Apostólico de Panamá e com Mons. Rodrigues, presidente da Conferência Episcopal Cubana Todas essas personalidade eclesiásticas da América Central sentem o drama da região como gravíssimo e concordam na necessidade de uma urgente ação conjunta por parte da Igreja, em favor da Paz e da Autonômia daqueles Povos trucidados.

Termino, irmãos. Poderia escrever livros de lembranças entranhadas e desafios inadiáveis para qualquer latino-americano, para os cristãos principalmente.

De ninguém vou exigir que sinta por Nicarágua o carinho que eu sinto por ela, mais agora depois de ter vivido sua terra, seu Povo, sua História candente. Quero, entretanto, agradecer a todos em nome da própria Nicarágua que assim o manifestou repetidas vezes, o apoio que vocês me deram nessa viagem de comunhão. A todos peço ainda, irmãos e companheiros, uma efetiva solidariedade com a Nicarágua e com toda a América Central.

Aos colegas bispos que me respaldaram publicamente, peço que convidem suas Igrejas a um de vigília, mensalmente, por Nicarágua e América Central. A todos peço que se inscrevam nos Comitês de solidariedade e que colaborem efetivamente com as campanhas que se forem organizando.

Peço a todos que vivam informados e que informem. Devemos romper o bloqueio da mentira e do silêncio. que corra a denúncia, que corra o bloqueio da mentira e do silêncio. Que corra o anúncio: a má-boa-notícia de morte e ressurreição que estão vivendo nossos irmãos centroamericanos. Seu sangue - pobre e generoso - deve cair em nossos corações, feito eucaristia. Façamos nossa a palavra profética, que um nica, sobrevivente do massacre de Wiwili, perpassado de dor, dizia ao Pe. Teófilo Cabestrero: "Eu fiquei vivo para contar isso, para que isso tenha história e o mundo o saiba".

Confio na vontade de Libertação desses Povos heróicos, e creio no sangue torrencial de seus mártires. Acredito plenamente no Deus da Vida, Pai dos Pobres e em seu Filho, Jesus e Libertador total. De nossa parte, vamos forçar a chegada do Dia, companheiros!

Abraça a todos com muita amizade, nesta Esperança e com este Compromisso

(BOLETIM IGREJA HOJE) Seu irmão

Pedro Casadaliga
bispo de São Felix do Araguaia

Testamento espiritual do padre Josimo

Jornal O S.Paulo Nº: 1569/30/05/86

"Pois é, gente, eu quero que vocês entendam que o que vem acontecendo não é fruto de nenhuma ideologia ou facção teológica e nem por mim mesmo, ou seja, pela minha personalidade.

Acredito que o porquê de tudo isso se resume em quatro pontos principais:

1) Por Deus me ter chamado com o dom da vocação sacerdotal e eu ter correspondido.

2) Pelo sr. bispo D. Cornélio me ter ordenado sacerdote.

3) Pelo apoio do povo e do vigário de Xambioá, então Padre João Caprioli, que me ajudaram a vencer nos estudos.

4) Por eu ter assumido esta linha de trabalho pastoral que pela força do Evangelho me levou a comprometer-me nesta causa a favor dos pobres, dos oprimidos e injustiçados.

O discípulo não é maior que o mestre. Se perseguirem a mim, hão de perseguir vocês também...

Tenho que assumir, agora estou empenhado na luta pela causa dos pobres lavradores indefesos, povo oprimido nas garras dos latifundiários. Se eu me calar, quem os defenderá? Quem lutará a seu favor?

Eu, pelo menos, nada tenho a perder. Não tenho mulher, filhos e nem riqueza sequer. Ninguém chorará por mim...

Só tenho pena de uma coisa: de minha mãe que só tem a mim e não mais ninguém por ela. Pobre viúva. Mas vocês ficam aí e cuidarão dela.

Nem o medo me detém. É hora de assumir. Morro por uma justa causa.

Agora, que vocês entendam o seguinte: tudo isto que está acontecendo é uma consequência lógica resultante do meu trabalho, na luta em defesa dos pobres, em prol do evangelho que me levou a assumir até as últimas consequências.

A minha vida nada vale em vista da morte de tantos pais lavradores assassinados, violentados, despejados de suas terras. Deixando mulheres e filhos abandonados, sem carinho, sem pão e sem lar."

Esse pronunciamento foi feito pelo Padre Josimo de Moraes Tavares, no dia 27 de abril, durante Assembléia Diocesana de Tocantins, depois de ter sofrido um atentado, no dia 15 de abril. Dias depois, em 10 de maio, Josimo foi assassinado por pistoleiros.

GRUPO
UNIÃO E CONSCIÊNCIA NEGRA

ATA DA VII ASSEMBLÉIA NACIONAL

Aos dez e onze dias do mes de setembro de mil novecentos e oitenta e oito, reunimos-nos no Centro Comunitário de Piracolino, Quilometro dezoito da BR trezentos e sessenta e quatro, Vilhena - Rondônia. Presentes oitenta e uma pessoas representantes de oito estados: São Paulo, Rio de Janeiro, Mato Grosso, Rio Grande do Sul, Bahia, Maranhão e Minas Gerais. Ausente o estado do Paraná. Iniciamos as nove horas e quarenta e cinco minutos com o canto Quilombos Ontem. O Presidente Nacional fez a abertura dos trabalhos, o Presidente estadual de Rondônia deu as boas-vindas . Foram lembrados os companheiros que morreram pela causa do negro com um minuto de silêncio. Foi feita a pauta. Dia dez: I-Informes dos estados e outras entidades; II - Discução do Regimento interno e CGC; III - Painel de Cultura e Religião; IV - Painel A questão da criança Negra; V -Painel A questão da Mulher Negra; VI - Painel: A questão Política. Conjuntura e Constituinte. Dia Onze: I - Finanças; II - Leitura da Ata da Assembléia' de oitenta e sete; III - Eleição; IV - Avaliação do Centenário da Abolição e Campanha da Fraternidade oitenta e oito; V - Posse da Nova Diretoria ; Avaliação da Assembléia e Marcação da Próxima Assembléia;VI - Programação Cultural e Encerramento. Encaminhamentos: A mesa foi composta pelo Presidente Eufraudísio Modesto Filho; Secretária: Neide Ferreira Rogues; Cronometrista: Admilson Alves Beserra. Tempo de fala: três minutos explanação de informes: dez minutos; direito de voto: os delegados credenciados. Foi feita a chamada: São Paulo -nove delegados; Rio de Janeiro -cinco; Mato Grosso -quatro; Rondônia, seis; Rio Grande do Sul, um ; Bahia,- dois; Maranhão - quatro; Minas Gerais - quatro. Total: Trinta e cinco delegados. I - Informes dos Estados e outra Entidades: Os estados' de Maranhão, Minas Gerais, Rio de Janeiro; São Paulo, Bahia, entregaram os informes por escrito. As outras entidades também falaram de suas atividades. A Barra do CGC não foi providênciada porque não foi feita a declaração do Imposto de Renda. Foi decidido que a nova Diretoria resolva esta questão. Recebemos convite para o III Congresso da Central Unica dos Trabalhadores. Decidimos enviar telegrama, agradecendo e justificando a ausência. Rondônia e São Paulo se encarrecaram da redação. Foi informado que o novo Ministro da Cultura e o Senhor José Aparecido, Ex. Governador de Brasília que comandou a matança de favelados. Decidimos enviar uma carta ao Presidente Sarnei, repudiando esta nomeação. Assumiram a redação da carta: Rio de Janeiro, Rondônia e São Paulo.Foi informado o afastamento do companheiro José Carlos (Tijolo) e Eufraudísio do Grupo União e Consciência Negra. II - Discução do Regimento Interno do Grupo: Formaram-se nove grupos para discutir esse assunto. Foram apresentadas ' duas propostas sobre a leitura dos resultados dos trabalhos dos grupos . Venceu a primeira proposta com vinte e quatro votos a favor, quatro vo

GRUPO
UNIÃO E CONSCIÊNCIA NEGRA

tos para a segunda proposta, três abstenções e quatro ausencias. - Leitura dos resumos sem discução na plenária e levar aos estados para aprofundamento das questões. Foi lida a carta do companheiro José Gomes de Montes Claros - Minas Gerais. III - Painel de Cultura e Religião; Foi falado na discriminação sofrida pelo Candomblé ontem e hoje, a participação da Igreja na Escravidão, sobre o sincletismo religioso. Foram feitos muitos comentários e perguntas. Proposta para um melhor aprofundamento:- Sobre a questão do Ecumenismo; - A questão do bem e do mal; - Os valores culturais e sua resistência. Proposta para continuar com estas questões religiosas nas bases; nas Assembléias estaduais o assunto religião seja colocado em pauta; Que a Nacional Assessore os Encontros estaduais onde se enfoque a religiosidade do negro. Estas propostas foram passada como orientação e não como deliberação. IV - Painel A questão Política Conjuntura e Constituinte. Foi demonstrado como está a sociedade atualmente e o avanço na Constituinte na questão do Negro. Constituição de sessenta e sete. Todas são iguais perante a Lei, sem distinção de sexo, raça, trabalho, credo religioso e convicção política. "Será punido pela lei o pre - conceito de raça". Constituição de oitenta e oito: A prática do racismo consciste: crime inafiançável, impresoritível, sujeito a pena de recrusão nos termos da lei. No caso de discriminação racial, procurar o Delegado, o Promotor de Justiça ou o Juiz. Outras orientações foram passadas Houve vários comentários e pergutas. Dia onze - Iniciamos as oito horas e e quarenta e cinco minutos. Presentes noventa e uma pessoas representantes de oito estado. Faltou o estado de Paraná. Foram chamados os delegados, responderam ao chamado 38 delegados. I - Painel A questão da Criança Negra: Foi falado sobre a realidade da criança negra, as dificuldades e pespectivas de continuidade deste trabalho. Foi lida a carta das crianças de Salvador propondo um Encontro do Grupo União e Consciência Negra Mirim na Bahia em Janeiro de oitenta e nove. Proposta aceita. Foi recomendado que se estabeleça como prioridade a questão do menor. II -Painel A questão da Mulher Negra. Foi dito que cinquenta mulheres se fizeram presentes na Assembléia. Na Constituinte foi garantido os cento e vinte dias de licença a maternidade, foi um avanço na questão da mulher. Recomendação para que se ponha em prática as experincias que foram colocadas na Assembléia: Encontro de Mulheres do Grupo União e Consciência Negra, trabalho com empregadas domésticas, Clube de Mães, Encontro de Mulheres juntamente com os homens. Foi indicada a Raimundinha do Maranhão responsável pelo intercambio dos trabalhos entre os estados. Painel Política Conjuntural - continuação do Painel de Política: foi falado, entre outras coisas do Projeto Polo Noroeste e suas consequências em Rondônia e Mato Grosso. Foi denunciada a devastação da Amazônia, exploração de minérios

GRUPO
UNIÃO E CONSCIÊNCIA NEGRA

por Empresas Multinacionais, concentração de latifundios e correntes políticas em favor da elite. Vimos que após a queda da Ditadura militar os movimentos sociais começaram a retroceder. Foi proposto que é necessário priorizar nos estados curso de formação política. E que a Nacional' elaboraria material para os estados. Proposta aceita com vinte nove votos a favor,uma abstenção e oito ausências. A explanação da proposta do companheiro Wagner, obteve seis votos a favor, dezoito contra, cinco abstenções e nove ausências. III - Ata da Assembléia de Oitenta e sete : Foi lida e aprovada a Ata que foi registrada. Atá fiel da Assembléia será lida em oitenta e nove. IV - Avaliação do Centenário da Abolição,da Campanha da Fraternidade oitenta e oito e Cobrança de Indenização. Esiste uma verba do Centenário da Abolição, que não foi distribuida. A Camnha da Fraternidade foi rachada e não atinjiu os objetivos. Foi lida a carta de cobrança de indenização. Proposta de que este documento seja de nível nacional e internacional. Proposta aprovada por unanimidade. V - Finanças. Foi feita e aprovada a prestação de contas. Foram apresenta - dos dois projetos: o Miserior e Solidariedade- Seria enviada a presta - ção de contas para a Miserior e um novo projeto para Assembléia de oitenta e nove. Foi aprovada a distribuição de mil (1.000) cartazes para os estados. VI - Eleição e Posse da Nova Diretotia. Foi apresentada chapa única: No cargo de Presidente: Ana Maria Ramos de Rondônia; Vice Presidente - Ana Rosa dos Santos da Bahia; Secretário: Expedito Pires de de Minas Gerais; Segundo Secretário: Admilson Alves Bezerra de Rondônia Tesoureiro: Geraldo Henrique Costa de Mato Grosso; Segundo Tesoureiro : Wilson da Silva Conceição do Rio Grande do Sul; Assessoria política e Cultural: Maria Raimunda Braga do Maranhão; Relações Pública Nacional e Internacional; Angelina dos Reis de São Paulo; Conselho Fiscal: Beatriz Aparecida Ferreira de Minas Gerais, Maria de Fátima dos Reis de São Paulo , Silvano Simão de Souza de Rondônia; Suplente: Gutemberque Serafim do Rio de Janeiro e Maria das Graças Moura de Minas Gerais. Esta chapa foi aprovada com vinte e nove votos a favor, zero contra, sete abstenções e duas ausências. VII - Avaliação e Marcação da próxima Assembléia Foram apresentados três estados para sediar a próxima Assembléia. Foi posto em votação; Mato Grosso seria sede da oitava Assembléia Nacional' com dezenove votos; Minas Gerais recebeu sete votos, Rio Grande do Sul dez votos; duas ausências. Foi decidido que a próxima Assembléia seria para mudança de estatuto. Foi lida a carta de protesto enviada ao Presidente Sarnei e o telegrama enviado a (CUT) Central Única dos Trabalhadores. Foi feita a avaliação desta Assembléia. Houve mais pontos positivos que negativo. Nada mais havendo a tratar terminamos a reunião com

GRUPO
UNIÃO E CONSCIÊNCIA NEGRA

música. Para constar lavrou-se a presente Ata que foi assinada por todos os presentes.

Vilhena 11 de setembro de 1988.

Graça Fortunato - Grupo União e Consciência Negra - RJ
Epaminar Castor da Silva - GRUPO UNIÃO E CONSCIÊNCIA NEGRA
Maria da Graça Araujo - Grupo de União e Consciência Negra S.P
Gutemberg de Sena Lima - Rio de Janeiro
Antonia Santos Serafim - Rio de Janeiro
Carlos Martins Costa - S.P
João Bosco da Silva (M.T)
[illegible] - GRUPO UNIÃO E CONSCIÊNCIA NEGRA - RJ
Francisco Faustino da Costa - MG.
Beatriz Aparecida Souza Ferreira
Claudionir P. Carneiro (MT)
Silvia de Melo Castro (MT)
Conceição de Maria Freitosa (MA)
Rozely Alves (RJ)
Maria Alice Luiz (SP)
Maria das Graças Moura dos Santos (MG)
Maria Monica Nunes
Jurmano Francisco Oliveira (SP)
Angelina Apdos Reis Carmo (SP)
Maria Raimunda Ribeiro Braga (MA)
Teresa Fatima Silva
[illegible]
Maria Elvira Rocha
[illegible]
25. Raimundo Expedito Pires (MG) 26 - [illegible]

Í N D I C E

I - AS POLÍTICAS: UMA VISÃO GLOBAL 2

II - REFORMA AGRÁRIA 7

III - POLÍTICA AGRÍCOLA 9

IV - POLÍTICA TRABALHISTA 11

V - POLÍTICA DE INFORMAÇÕES 15

VI - POLÍTICA DE SAÚDE 19

CEDIM CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM MULTIDISCIPLINAR UFRGS

I - AS POLÍTICAS: UMA VISÃO GLOBAL

O GOVERNO SARNEY "TOMA POSSE": OS DISCURSOS DA NOVA REPÚBLICA

OS ANTECEDENTES:

O Presidente José Sarney reuniu-se no dia 17 de julho, em Brasília, com 26 governadores dos estados e territórios nacionais. Esse encontro, convocado e coordenado pelo governador Montoro, teve por objetivo dar respaldo à posição do governo na questão da dívida externa e ao programa de investimentos sociais. Não foi o pacto social necessário e prévio às grandes reformas - políticas, econômicas e sociais, mas foi o acordo possível.

De um lado, os governadores exigindo descentralização e, consequentemente, reforma tributária imediata. Mas, por outro lado apoiando, em nota de solidariedade, preparada por Montoro, um programa de 5 pontos:

- eleições diretas em todos os níveis e convocação da Constituinte;
- negociação da dívida externa sem sacrifício do desenvolvimento e de soberania do país;
- combate à inflação e atendimento às prioridades nacionais, com a geração de empregos;
- implementação da Reforma Agrária, com base no Estatuto da Terra;
- encaminhamento da reforma tributária fortalecendo estados e municípios.

Sarney ofereceu uma prévia de seu discurso à nação, que seria feito no dia 22 de julho, destacando o federalismo (segundo ele, reabilitado em outubro de 1983, no encontro de Foz do Iguaçú) e chamando a atenção para a necessidade de medidas imediatas e de emergência, enquanto se processa a discussão da Constituição.

Sarney falou, então, de um pacto político e social para a "transição institucional", enquanto o Ministro Dornelles falou sobre a dívida externa, propondo a estratégia de Delfim e Galvêas (alongamento dos prazos e redução dos custos financeiros). Falou também sobre a administração das finanças do país, pregando a eficiência, condenando a emissão maciça de moeda e prometendo um acréscimo de Cr$4,9 trilhões no repasse de recursos dos impostos federais para os estados e municípios. Trata-se de antecipação do recolhimento do IPI e do imposto de renda das pessoas jurídicas, onde a maior parte fica com o governo federal, e o restante é transferido, por força da lei, aos estados e municípios. Aliás, estas medidas foram adotadas por recomendação do FMI.

O DISCURSO DA POSSE

Assim, no dia 22 de julho, foi produzido o verdadeiro discurso de posse de Sarney, elaborado com a retórica do escritor, a modernidade da televisão e dirigido basicamente à classe média.

Em linguagem acessível, mas nem por isso menos elegante do que uma peça acadêmica, o texto do discurso é extenso e repete todas as teses já conhecidas. Sob certo aspecto, foi seu discurso de adesão às "propostas que projetaram Tancredo ao longo da campanha sucessória" e que se encontram no documento da Aliança Democrática.

Os 5 temas do discurso-- liberdade, desenvolvimento, opção social, identidade cultural, soberania e independência-- revelam uma posição

certamente liberal e privatizante. Os comentários de lideranças mais esclarecidas demonstram esperança por propostas concretas ou decepção.

Foi um relato das iniciativas e do desempenho do governo e uma carta de intenções. Só que não apresentaram metas. É sabido que agosto é o mês da cobrança do sistema financeiro internacional. O FMI vai querer definir as metas de nossa próxima Carta de Intenções...

É bem verdade que foi anunciado um programa de irrigação para pequenos agricultores, abrangendo um milhão de hectares. Este programa, porém, simplesmente não existe, nem foi discutido até agora. Em compensação, as metas propostas para a Reforma Agrária no período de 85/89-- beneficiar 1,4 milhões de trabalhadores rurais-- não foram sequer enumeradas.

É também verdade que foi anunciado o aumento de 4 para 20 milhões de pessoas que recebem auxílio do programa de implementação alimentar. Mas é sabido que os recursos não existem até agora no orçamento.

A gravação, a cargo da Rêde Globo, durou cinco horas e trinta minutos. A montagem final, de 43 minutos, foi cortada pelo próprio Presidente para 29 minutos. Foram usados recursos de luz e som (vinhetas para fundo musical), pontuação de frases com movimentos de mãos e de cabeça (ritmo e fluência), mudanças de plano, etc. Tudo isto custou cerca de Cr$300 milhões. Porém, os serviços foram prestados gratuitamente por decisão da empresa, que qualificou o seu trabalho como "uma colaboração ao país."

Foi um discurso moderno, embora tenha havido críticas ao talento do ator.

OS DISCURSOS DE TANCREDO E DE ALAN GARCIA

Quase ao mesmo tempo, dois discursos foram dados a conhecer: a obra póstuma de Tancredo (divulgada pela Veja) e o discurso de posse do Presidente Alan García, do Peru.

O discurso de Tancredo é o texto até agora mantido sigiloso e que seria pronunciado no Congresso, dia 15 de março. Também elegante e muito mais direto, ataca duramente as elites brasileiras e, em 27 laudas, traça um perfil do governo: Constituinte, Reforma Agrária, Dívida Externa, Saneamento de Instituições Financeiras, Estatais, Programas Sociais.

Partindo da constatação de que o progresso político recente deve-se "à força reivindicatória do povo" e não à consciência das elites, faz um apelo dramático pelas mudanças. Propõe que os juristas ouçam o povo para o estudo da Constituição, advoga o acesso à terra e à água (referência pioneira aos recursos hídricos), estabelece metas para a produção agrícola, não admite a desnacionalização das estatais e apóia "resolutamente" o Grupo de Contadora para a solução dos problemas da América Central.

Que diferença para o discurso atribuido a Tancredo lido por Sarney onde a tônica era a política recessiva ("é proibido gastar"). Já o discurso de Alan García, o mais jovem Presidente de um país sul-americano, com 36 anos, é uma clara rejeição à política do FMI. Alan García anunciou que somente pagará em juros externos, nos próximos 12 meses, o equivalente a 10% do valor de suas exportações. Com uma dívida externa de 14 bilhões de dólares, o Peru teria de pagar 3,7 bilhões aos credores e suas exportações alcançam apenas 3,0 bilhões de dólares. Lembrou, com rara objetividade, que estes credores não exigiram austeridade dos governos que tomaram os empréstimos. E lembrou também que a taxa de mortalidade infantil do Peru é três vezes superior à média da América Latina. Tudo isso, num clima tenso pela ação de grupos extremistas e enormes dificuldades econômicas e financeiras.

Que diferença para os discursos nossos, que sequer mencionam o Consenso de

Cartagena-- proposta de ação conjunta dos 11 países mais endividados da América Latina para a negociação da dívida externa.

AS DEMANDAS DA SOCIEDADE E AS RESPOSTAS

Os governos estaduais e municipais continuam a pressionar a reforma tributária, já que o grupo de trabalho nomeado logo após a reunião de 17 de julho não admite ampliar as transferências de recursos. Esta comissão, mal inicia os trabalhos, está num difícil impasse.

Trata-se de um grupo de 22 membros, sendo 4 representantes do governo federal, para examinar as medidas de emergência para a reforma tributária. Estas vão desde a maior participação dos estados e municípios nos recursos do IPI e IR até as mudanças na Taxa Rodoviária e ressarcimento de perdas de ICM dos produtos exportados (emenda do Deputado Airton Sandoval). Os representantes do governo federal não admitem, porém, qualquer mudança em 1985. Os prefeitos se lembram da promessa do Presidente Sarney em 18 de junho, perante 1500 prefeitos municipais, quando afirmou que "pressionaria o Congresso Nacional para votar e aprovar a emenda Sandoval"...

A sociedade brasileira continua com a necessidade de encontrar oportunidades de trabalho e com carências sociais de alimentação, saúde, moradia, educação e transporte.

As pressões continuam existindo sob a forma de greves (como é o caso dos médicos e previdenciários) e sob a forma de profundo desalento de todos aqueles que acreditaram em programas sociais. No dia 27 de junho, eram anunciados cortes no orçamento federal, no valor de Cr$4,4 trilhões. Parte destes cortes atingirá os programas de controle de endemias, de compra de vacinas e medicamentos, de alimentação e nutrição de carentes, de trens urbanos, etc.

Os recursos destinados à produção de alimentos básicos não atingiram os valores necessários e o crédito agrícola não chegou ao pequeno produtor. E, no entanto, a participação no financiamento de soja atingiu 100% da produção. Os subsídios internos (trigo, açúcar) deixaram de ser dados e, no entanto, permanecem subsídios à exportação. Os programas do FINSOCIAL para a área de saúde são descontinuados e o empreguismo recrudesce, levando à demissão o responsável pela SUCAM-- um dos principais e mais bem concebidos programas de saúde pública. Programas de habitação popular não são iniciados; a educação popular continua a ser figura de retórica e o vale-transporte não sai.

Os projetos do governo que andam são apenas aqueles em que os organismos internacionais participam-- Cerrados e Carajás, por exemplo. Os planos e programas não são submetidos ao debate público.

O Plano Nacional de Desenvolvimento, anunciado como proposta para ser submetida à ampla discussão, não conta com qualquer iniciativa ou sistemática para iniciar o processo de consultas e de participação da sociedade. Embora lhe falte consistência e coerência, é um ponto de partida válido pois permitiria discutir a questão do investimento público, a questão da reforma financeira e os próprios programas da área social.

Os custos dos investimentos, embora realizados com bastante racionalidade, não têm contra-partida de aplicação em programas de alta resposta de emprego, de mão-de-obra ou de maior utilização do parque industrial instalado no país. Nem mesmo programas de desenvolvimento tecnológico são implementados. Permanecem a visão e a prática recessivas. E, no entanto, as necessidades e oportunidades de investimento já são bastante conhecidas. Estão aí o setor

de transporte, de produção de energéticos e o setor siderúrgico, que vivem estrangulamentos sérios e irrecuperáveis.

O próprio Plano de Reforma Agrária, completamente descolado da política de alimentação, não mobiliza a máquina do governo. À exceção de um ou outro pronunciamento, como o do Ministro Fernando Lyra, os demais ministros não se apresentam. E não se diga que não são capazes de se organizar em "mutirão"...

A tecnocracia nacional esteve unida para discutir e aceitar o Projeto Nordeste, concebido basicamente pelo Banco Mundial. Representantes de todas as áreas envolvidas estavam mobilizados, abrindo seus orçamentos, discutindo suas prioridades (e revendo-as), colocando seus quadros e instrumentos de ação à disposição deste projeto.

No entanto, onde está o Ministério do Interior com suas autarquias e verbas? Onde está o Ministério dos Transportes com suas vicinais e infra-estrutra já se adaptando para a Reforma Agrária? E onde estão os Postos de Saúde, escolas e universidades para sustentar este programa? E os armazéns e os mecanismos controlados pelo Ministério da Agricultura?

Aí, também, podemos estar deixando de lado a oportunidade de modernizar o país e evitar fortes tensões sociais. E, mais ainda, promover soluções para a demanda crescente de equipamentos, a um nível de investimento incomparavelmente maior, contribuindo para melhorar a qualidade de vida da maioria. E, ainda mais, pode-se estar perdendo a oportunidade de ampliar e ativar o mercado interno e, com isso, a noss possibilidade de ingressar num período de desenvolvimento a taxas mais altas, auto-sustentado e com maior justiça social.

Às demandas dos governadores e dos carentes e marginalizados é preciso, porém, acrescentar a demanda da classe empresarial.

Não é de hoje que os empresários brasileiros percebem que com as taxas de juros crescentes não vale a pena investir, e mais vale aplicar no mercado financeiro do que produzir. Questões como a privatização são mais de natureza ideológica. Todo mundo já sabe que o déficit das estatais corre por conta, na sua maior parte, do endividamento interno e principalmente externo. E, no entanto, se o corte dos investimentos das estatais (Cr$19,3 trilhões) aplicados provavelmente com acerto, tivesse redirecionado metade deste valor para investimentos produtivos ou sociais, o reflexo sobre o aumento do PIB seria da ordem de 0,3%, dado o nível de ociosidade de nossa indústria.

E que dizer do corte de Cr$4 trilhões na previdência?

Estudos já demonstraram que é possível reduzir imediatamente em 1/3 os juros que incidem na emissão de títulos da dívida pública. Isto significa economizar Cr$5 trilhões conforme afirmativa do Ministro Sayad em 4 de junho de 1985.

Já não resta dúvida, para a grande maioria dos economistas que estudam seriamente a nossa economia, que é preferível emitir moeda, de forma controlada e com utilização bem definida, do que emitir títulos de dívida pública. Além de menores efeitos sobre a inflação (segundo alguns o efeito é nulo), teríamos menor pressão sobre a taxa de juros.

Quem sabe, estando a classe empresarial mais informada, consciente e mobilizada, seja possível reduzir juros e prosseguir o processo de retomada. Existe uma expectativa que no segundo semestre a política de emissão de títulos da dívida pública seja substituída.

CONCLUSÃO

O discurso do governo precisa de terra firme e não pode ficar no céu da

retórica por muito tempo.

O governo precisa de uma base social, além de um acordo político.

É preciso uma definição clara sobre a dívida. E isto terá de ocorrer em agosto. Tanto no Grupo de Contadora como em Washington o conflito de interesses entre o Brasil e o FMI poderá surgir.

É preciso dar início aos programas sociais e levar a sério o projeto de Reforma Agrária.

É preciso definir a alocação dos recursos para o investimento público e privado de modo a ocupar os setores ociosos e, ao mesmo tempo, atender carências e tirar partido de oportunidades, especialmente com a ampliação do mercado interno.

E é preciso dar início à reforma financeira e tributária.

As demandas dos governadores e prefeitos, as carências de todo um povo e a própria sobrevivência da classe empresarial não-rentista exigem gestos e ações concretas.

O governo, seja através de seus ministros ou através de seu ministério paralelo (Célio Borja, Castelo Branco, Rosemberg), terá de apresentar respostas imediatas. Já se esgotaram os 100 dias, e ainda não se esgotaram todas as alternativas, nem se ouviram as sugestões e respostas dos vários setores da sociedade.

Os espaços existem. As propostas também existem.

É preciso, portanto, que os setores mais organizados encontrem os caminhos para participar do projeto de construção de uma sociedade moderna, vale dizer, livre e soberana para definir um modelo e processo de desenvolvimento que, afinal, beneficie a maior parcela da população.

CEDIM CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR UFRRJ

II. REFORMA AGRÁRIA

O QUADRO ATUAL E A POLÍTICA DO GOVERNO

Um dos fatos mais significativos noticiados pela imprensa foi a referência à reforma agrária feita por Sarney no seu discurso de julho quando afirmou: "será feita a reforma agrária que o país deseja e exige. Agora.", e na declaração à imprensa estrangeira quando falou ser a reforma agrária "irreversível".

A partir dessas declarações e de várias outras, o governo conseguiu pelo menos em parte, superar a maré de ondas contra reformistas que agitaram o país nos meses de maio e junho deste ano.

Se essas declarações pressupõem um compromisso com a reforma agrária, cabe perguntar-se que forças econômicas e sociais estariam por trás do plano permitindo ao governo continuar avançando nesta linha.

Pensamos que existem alguns fatores e alguns indícios que fundamentam a possibilidade de que alguma coisa será feita no sentido de introduzir mudanças na estrutura fundiária do país.

Começando pelo fator econômico, uma nova hipótese começa a circular, levantada por alguns analistas: a de que o plano de reforma agrária não sairá nem do Incra, nem do Mirad e nem dos intelectuais que assessoram o governo nos diversos estados, mas sairá efetivamente de São Paulo, onde o grande capital estrangeiro e paulista estaria estudando seriamente a questão. O grande capital parte da constatação da sua própria estagnação econômica no Brasil, devido à saturação do mercado interno que impede seu crescimento.

A estratégia de ampliação do mercado via exportações, demonstrou-se frágil e sujeita a forças que não dominam. Nesse sentido, haveria uma intenção de se voltar para o mercado interno. No entanto, esse caminho pelo lado da redistribuição de renda no setor já ocupado não é fácil, na medida em que implica em efeitos inflacionários.

Dentro desse contexto, a reforma agrária se colocaria como uma alternativa de criação de novas fontes de renda sem ter que aumentar salários a curto prazo no setor industrial. Criar-se-ia mercado e renda transferindo o problema para o setor especulativo e latifundiário. Com novas fontes de renda, aumentaria o consumo de rádios, bicicletas, TVs, tratores, maquinárias agrícolas, etc.

É claro que, entre os possuidores do grande capital industrial, existem também donos de terra, o que só complica e retarda a decisão; porém, se essa lógica econômica vingar, deverão primar os setores ligados à produção sobre os especuladores de terras, na medida que estes só representam uma saída complementar e não principal do setor produtivo.

No que diz respeito aos fatores político-sociais, o governo percebe a necessidade de recriar uma nova "ordem" no campo, que lhe permita superar sua crise de dominação. Uma das heranças mais pesadas deixada pelos governos militares foi justamente essa crise de legitimidade. Todos os pilares, criados desde 1964 para manter a "ordem" no campo, foram caindo: a igreja que participou do golpe, converteu-se numa das mais importantes forças contestatórias contra o regime no campo; os sindicatos criados para atrelar os trabalhadores rurais voltaram-se a uma ação reivindicativa; as próprias cooperativas nascidas para disciplinar os pequenos produtores hoje também reclamam por reforma agrária, sobretudo no sul do país; além do que se desenvolveram inúmeros organismos como o movimento dos sem-terra, as CEBs, os grupos de assessoria e outros que

hoje ameaçam em vários lugares do país a antiga ordem.

Ao mesmo tempo, a principal política estruturada pelo governo para esvaziar as tensões sociais, que foi a colonização na região amazônica, resultou no efeito inverso; assentou as bases de novos conflitos e maior tensão social onde não havia esse problema anteriormente.

Uma das principais e mais diretas consequências sobre a ordem é a progressiva perda de eleitores dos partidos conservadores na área rural. Seguindo essa linha de raciocínio, o estado precisaria, urgentemente, preencher esse vazio antes que outras forças antagônicas tomem conta desse espaço, e a reforma agrária, controlada, organizada de cima para baixo, seria uma das formas que estão sendo estudadas para recriar essa nova ordem, desta vez liberal.

Vejamos agora os indícios concretos de que algum tipo de reforma agrária será feito. Neste sentido, o noticiário vem comentando nos últimos meses os repetidos "erros" dos funcionários e diretores do Incra/Mirad, mas até o momento, e apesar das brutais investidas contra eles, inclusive por parte de setores do próprio governo, o pessoal do Incra/Mirad continua firme, quando, em outra conjuntura, já teriam caído pelo menos cinco vezes. O máximo que se conseguiu foi a demissão do presidente regional do Incra do Rio Grande do Sul.

Outro indício é que a luta real, excetuando-se os editoriais da grande imprensa, está sendo travada entre os latifundiários, de um lado, e os sem-terra, do outro, sem mediações nem apoios explícitos para nenhum dos dois lados por parte do grande capital industrial e comercial. O próprio exército e os serviços de segurança mantêm-se no mais absoluto silêncio, e os conflitos continuam.

Se a intenção fosse acabar com a reforma agrária, já deveriam ter havido "ações exemplares" contra o movimento social, mas como dissemos anteriormente, o governo é consciente de que a via repressiva hoje não resolverá o problema, somente o agravará.

Em suma, a idéia de fazer a reforma agrária continua de pé, embora sujeita a todo o tipo de negociações e limites impostos pelos setores mais conservadores, inclusive do próprio PMDB.

O resultado desse processo de negociações ficará mais explícito no dia em que o presidente Sarney assinar o decreto da aprovação do super discutido e remanejado "Plano Nacional de Reforma Agrária".

III - POLÍTICA AGRÍCOLA

O QUADRO ATUAL E A POLÍTICA DO GOVERNO:

O governo, através do Ministério da Agricultura, continua imprensado em sua política de financiamento de comercialização da safra e de formação de estoques reguladores.

No mês de junho foram liberados Cr$ 3,55 trilhões para a comercialização de grãos, somando até agora Cr$ 11,55 trilhões entre os meses de abril, maio e junho de 1985. O governo recuou em sua intenção inicial de só destinar 50% do EGFs (Empréstimos do Governo Federal) para financiamento da soja em função das pressões recebidas e por decisão do CMN elevou-se esse limite até 100% do pedido efetuado pelo produtor. Continuam crescendo, em razão dessa política, os estoques reguladores de grãos que estão hoje em torno de 5 milhões de toneladas. Parte desse estoque será liberada gradualmente, em função da demanda, embora ainda subsista a polêmica sobre a cotação dos grãos a serem liberados. O ministro Dornelles pretende reduzir ao máximo essa cotação com o objetivo de diminuir a inflação, enquanto o Ministro da Agricultura exige que o preço seja pelo menos compensador do gasto efetuado na aquisição desses grãos. Se vingar a proposta de Dornelles, o máximo que se conseguirá será a redução de uma parcela da inflação, criando um enorme déficit de caixa no Ministério da Agricultura.

Mas o que ainda não foi esclarecido é o que se fará com o estoque de soja enquanto perdurarem os preços baixos no mercado internacional.

Em relação ao açúcar, o governo pretende diminuir sua exportação para tentar elevar o preço no mercado internacional; mas, por outro lado, continua subsidiando esse produto que foi aumentado em 40% em todo o país. O subsídio totalizará, se continuar essa política, US$ 270 milhões no final do ano.

Houve também algumas medidas conjunturais como a prorrogação do prazo de pagamento dos créditos referentes a produtos afetados por enchentes, e a decisão do IBC de reter o café para venda no mercado interno para aumentar seus estoques e elevar os preços no mercado interno. Essa última medida visa compensar as perdas decorrentes das geadas, sem necessidade de recorrer ao financiamento público.

No final de julho (29/07) foram definidos os recursos que serão destinados para financiamento do custeio e investimento na próxima safra. O montante que alcançará Cr$24,5 trilhões em custeio, mais Cr$ 3 trilhões para investimento, foi inferior ao solicitado pelo Ministério da Agricultura. A diferença, aproximadamente Cr$ 6 trilhões, deverá ser financiada pelos bancos comerciais e juros de mercado.

Dentro desse total continua beneficiando-se a soja com o maior volume individual de crédito - Cr$ 5,2 trilhões. Sobrando em torno de Cr$ 9 trilhões para o arroz, feijão, milho e mandioca. No caso do arroz, feijão, mandioca e milho os pequenos produtores receberão até 100% dos seus VBCs. Aumentou-se assim, o financiamento em 10%, já que antes recebiam 90%.

O impacto desta medida no plantio e na próxima safra de alimentos básicos será relativo. Primeiro porque o reajuste dos VBCs foi inferior à inflação do último ano; segundo porque os pequenos produtores, embora recebam mais crédito, são os que produzem habitualmente com menos crédito; portanto, o efeito não será tão importante; terceiro porque os próprios bancos oficiais e particulares não se interessam em emprestar dinheiro aos pequenos em função do risco de inadimplência. Preferem emprestar aos grandes produtores.

Por outro lado, continuam em andamento os grandes projetos governamentais do Governo Figueiredo. Nos meses de maio e junho foram liberados recursos para vários desses programas:

PROGRAMAS	ÓRGÃO	RECURSOS
Polo Nordeste	MINTER/BIRD	Cr$ 15 bilhões
Pro-Várzeas	Banco Central	Cr$ 29,5 bilhões
Prog.Desenv.Cerrados	BDMG	Cr$ 120 bilhões
Proj.Nordeste (RN,SE)	SUDENE/BIRD	US$ 122 milhões
Proj.Nordeste (MG)	SUDENE/BIRD	Cr$ 3 trilhões
Prog.Recuperação Áreas Atingidas p/enchentes no Nordeste (novo)	MINTER	Cr$ 3 trilhões
Irrigação Nordeste - 1 milhão de hectares.		

Entre os programas em estudo cabe destacar os planos de retirada do subsídio ao setor do açúcar e do álcool e o condicionamento aos tomadores de empréstimos agrícolas de plantar pelo menos 10% de sua área com produtos básicos.

CONCLUSÃO

Até o momento a política agrícola vem seguindo as linhas tradicionais de crédito, preços mínimos e estoques, com algumas mudanças devidas substancialmente às restrições orçamentárias. No sentido transformador ainda não se percebeu claros indicadores. O projeto de apoio ao pequeno produtor, mal contido nas últimas decisões sobre VBCs, é bastante tímido e se não estiver acompanhado de uma real reformulação do setor fundiário não terá efeitos positivos de importância.

Ainda não se conhecem os programas de assistência técnica e de crédito de investimento que serão implementados para desenvolver a agricultura.

No entanto, os programas de apoio aos grandes projetos continuam em andamento, ou seja, embora combinando instrumentos diversos a tendência continua favorecendo a concentração de renda na agricultura.

IV - POLÍTICA TRABALHISTA

O QUADRO ATUAL:

O momento atual se caracteriza por um intenso debate tanto no setor empresarial quanto no setor dos trabalhadores a respeito do anteprojeto governamental de Negociação Coletiva e do Direito de Greve. Os empresários já se manifestaram com um substitutivo apresentado pela CNI (Confederação Nacional das Indústrias) que representa um passo atrás no anteprojeto do governo. Do lado dos trabalhadores, existem várias críticas ao anteprojeto conforme documento das resoluções do último Congresso da CONTAG: "o anteprojeto governamental não atende as aspirações da classe trabalhadora, mantém normas inadmissíveis e piora a legislação atual (...)". O documento da CONTAG enumera uma série de pontos negativos:

- continuam as normas vigentes de limitação nas negociações coletivas;
- o anteprojeto mantém as atividades essenciais, proibindo para essas o exercício do direito de greve;
- o anteprojeto comete o absurdo de conceder poderes à diretoria do sindicato de encerrar o movimento grevista, poder que só pode ter a assembléia geral. O documento da CONTAG conclui afirmando que: "o anteprojeto governamental a exemplo da lei 4.330/64 não atende às reivindicações da classe trabalhadora, não refletindo os compromissos assumidos pela Nova República, representando o pensamento das forças conservadoras que estão no governo".

A questão para a sociedade brasileira e em particular para os trabalhadores é a de mudar uma legislação trabalhista e uma estrutura e organização sindical altamente atrasadas. É por isso que em reunião com o Presidente Sarney e dez Ministros de Estado, dirigentes sindicais apresentaram o que seriam os principais reivindicações dos trabalhadores:

- reformulação da política salarial, de forma a recompor o poder de compra;
- maior autonomia sindical e adoção de uma lei de greve liberal;
- maior prazo para a instauração do dissídio após a deflagração da greve.

Nesta mesma reunião os dirigentes sindicais apresentaram críticas ao anteprojeto de lei de greve do governo, principalmente o fato de que haverá a manutenção da proibição da greve em serviços essenciais. Reivindicaram também a participação na gestão do FGTS, PIS/PASEP, Previdência e BNH.

A POLÍTICA DO GOVERNO

Em discurso recente (23/07/85) o Presidente Sarney afirmou que o governo da Nova República fez uma grande opção pela questão social. Os programas para a área social não terão cortes e sim "recursos crescentes a cada ano". Declarou na mesma ocasião que na área econômica procurará aumentar a oferta de trabalho: "Isso, com os sindicatos livres, permitirá que os naturais mecanismos de ação social melhorem as condições dos assalariados." (...) os entendimentos entre patrões e empregados são efetuados sem ingerência do governo".

O Presidente Sarney prometeu ainda recompor o poder aquisitivo dos salários, advertindo, porém, que a reposição não poderá ser imediata, pois poderia se voltar contra os próprios trabalhadores.

Por sua vez, o Ministério do Trabalho encaminhou uma série de sugestões ao

IBASE-- AVALIAÇÃO DAS POLÍTICAS DO GOVERNO FEDERAL-- JULHO/1985

PND da Nova República, através de um documento que será entregue ao Ministro do Planejamento, João Sayad. Dentre as sugestões destacamos:

a) o governo não pode permitir, sob qualquer justificativa, a imposição de sacrifícios adicionais aos assalariados, "sob o risco de repercussões sociais incontroláveis".
b) propõe que a superação dos problemas motivados pela recessão deve caracterizar-se pela ação compensatória do Estado com os grupos sociais que tenham sido mais afetados.
c) o documento defende a necessidade de reformulação do sistema de relações de trabalho, porque a "legislação trabalhista vigente já demonstrou ser obsoleta frente à realidade econômica e social do país".

OS FATOS RELEVANTES:

Além do grande debate sobre a nova lei de greve, as medidas e fatos relevantes, até agora, para o período de junho e julho foram os seguintes:

1) Reunião do Presidente Sarney com nove dirigentes sindicais e dois representantes do DIEESE na Granja do Torto. Compareceram dez Ministros de Estado. A reunião serviu para consultas e avaliações da política econômica até agora adotada pelo governo. Do lado dos trabalhadores foram feitas críticas e sugestões, além de reivindicações.
2) O Ministro do Trabalho anunciou que foram criadas mais 98 juntas de conciliação e julgamento, que agilizarão o funcionamento da Justiça Trabalhista.
3) A proposta do Ministério do Trabalho ao Plano Nacional de Desenvolvimento da Nova República prevê a utilização de Cr$ 2,4 trilhões, no período de 1986 a 1989, no programa de combate ao desemprego e de melhorias de salários e de condições de trabalho. O Ministro do Planejamento, João Sayad, no entanto, cortou a metade dos recursos solicitados para a realização destes programas. Os recursos solicitados para o próximo ano (Cr$ 368,1 bilhões em 1986) sofreram corte de Cr$ 159,6 bilhões.
4) Pazzianotto informa que sua assessoria deverá entregar-lhe, em breve, um documento reunindo todas as sugestões e críticas feitas ao anteprojeto da nova lei de greve. As que não foram absorvidas por seu Ministério poderão ser analisadas posteriormente pelo Congresso.
5) A Secretaria de Emprego e Salário do Ministério do Trabalho divulgou relatório que demonstra que os cortes de Cr$ 15 trilhões nos gastos das empresas estatais e de Cr$ 1,7 trilhões nas despesas com pessoal na administração direta aprovados pelo Presidente Sarney acarretará a perda de 162 mil postos de trabalho.
6) O Ministro do Trabalho e o Ministro dos Transportes uniram-se para fortalecer a proposta de subsídio ao transporte de trabalhadores, com o sistema de "vale-transporte". Pazzianotto divulgou o texto do novo anteprojeto de lei de greve que prevê a instituição da medida através de negociações coletivas entre patrões e empregados. O novo projeto retira o caráter compulsório da medida e introduz o vale-transporte como objeto de negociação durante as convenções coletivas de trabalho.

CONCLUSÃO

Um dos fatos mais importantes deste período (junho/julho) foi a reunião de seis horas do Presidente Sarney e dez Ministros de Estados com representantes sindicais. Isto é uma significativa mudança de postura em termos de política

governamental para o setor sindical, pois foi a primeira vez, em 21 anos, em que representantes dos trabalhadores são chamados para participar de uma discussão com o governo. Os sindicatos foram unânimes em considerar positiva a reunião, pelo caráter democrático representado pela iniciativa. Segundo o Presidente da CONTAG, José Francisco da Silva, resumindo a impressão causada aos sindicalistas pelas exposições dos Ministros e do Presidente da República ficou patente que a Nova República enfrenta dificuldades. É evidente que com a reunião, o governo tentava ganhar ou recuperar sua credibilidade entre a classe trabalhadora. O governo pode não ter recuperado totalmente sua credibilidade, mas deu um passo adiante. A CUT, embora convidada oficialmente, não quis comparecer. Alegou que não queria diluir suas reivindicações com as das outras entidades e solicitou uma audiência particular ao Presidente Sarney.

Outro fato a se destacar éa polêmica criada em torno do anteprojeto de lei de greve do Ministro do Trabalho. A polêmica demonstra as dificuldades que o governo enfrentará neste setor nos próximos meses. De um lado houve uma reação muito forte ao anteprojeto governamental por parte dos empresários e de alguns setores mais conservadores do governo. O substitutivo dos industriais entregue ao Ministro do Trabalho pelo Presidente da Confederação Nacional das Indústrias é extremente conservador e representa um endurecimento com relação a proposta do Ministro. Dentre a lista de sugestões da CNI destacamos:

- a volta da intervenção do Ministério do Trabalho por um período de seis meses, nos sindicatos que fizerem greve ilegal, proíbe a formação de comissões de fábricas e ainda propõe que as centrais sindicais devam ser proibidas.

A grande dificuldade do Ministro Pazzianotto como de resto do governo como um todo, será o de tentar conseguir um consenso mínimo, o que é muito difícil devido aos pontos de vista tão diversos como os de empresários e trabalhadores.

Na verdade, o anteprojeto de lei de greve está muito aquém das aspirações da classe trabalhadora. A presença do Estado ainda é muito forte. As principais mudanças introduzidas não chegam a aproximar a legislação trabalhista brasileira da dos países mais democráticos (França, Itália, etc.), mas apenas a afasta da exercida nas ditaduras. No entanto, é necessário ressaltar que o Ministro criticou o substitutivo do CNI, na medida em que propõe a volta da intervenção nos sindicatos e qualificou seu anteprojeto como sendo o "mínimo" para a tual conjuntura. Este ponto é importante, pois o anteprojeto governamental pode ser qualificado como sendo de emergência, para lidar com as greves do segundo semestre, evitando assim que o Ministério do Trabalho aplique as leis que vigoravam no tempo da ditadura e já defasadas há muito tempo. Este carater transitório da nova lei de greve perdurará apenas até a formação da Assembléia Nacional Constituinte, onde então se espera modificações mais profundas e que atendam aos interesses dos trabalhadores de uma maneira mais substancial.

Deve-se mencionar também alguns outros aspectos contraditórios da política governamental na área social e do trabalho. A nível de promessas, o Presidente Sarney, em seu último discurso, afirmou: "A nossa grande opção é social. Estes programas não terão cortes e sim recursos crescentes a cada ano". O discurso do Presidente Sarney foi desmentido pelas medidas tomadas pelo seu Ministro do Planejamento, que cortou pela metade os recursos solicitados para a realização de programas de combate ao desemprego e de melhorias de salários e de condições de trabalho.

Outro aspecto contraditório na atuação do Ministro do Trabalho é que ao mesmo tempo que ele afirma que o governo não pode permitir, "sob qualquer

justificativa, a imposição de sacrifícios adicionais aos assalariados", ele declara que não vai apoiar a trimestralidade para os reajustes salariais, reivindicada por todo o setor sindical, preferindo, assim, não entrar em choque com os Ministros da área econômica.

Finalmente, o ponto crítico e de maior desafio para o governo na área trabalhista se encontra no tratamento das greves nos chamados serviços essenciais. No mês de maio foram demitidas centenas de funcionários da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, principalmente os líderes do movimento, em atitude autoritária do Ministro das Comunicações. No mês de julho estes funcionários demitidos fizeram greve de fome e reivindicaram a reintegração às suas funções.

O Ministro da Previdência também enfrenta dificuldades com a greve dos previdenciários, considerando legítimo o direito de greve mas, ao mesmo tempo, recorrendo a algumas medidas punitivas, como o corte de ponto, sem no entanto demitir ninguém.

A atual legislação que ainda não permite a sindicalização dos funcionários do serviço público representa um grande desafio na área trabalhista para o governo da Nova República.

CEDIM CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR - UFRRJ

V - POLÍTICA DE INFORMAÇÕES

QUADRO ATUAL:

Ao longo dos vinte anos de regime autoritário foi edificado o Sistema Nacional de Informações (SISNI), uma intrincada malha de agências e agentes cujo objetivo principal, pelo menos até o início da Nova República, era "identificar o inimigo interno", para combatê-lo. Das definições simplistas contidas na Doutrina de Segurança Nacional, elaborada pela Escola Superior de Guerra para justificar o autoritarismo, até a implantação dos DOIs - Destacamentos de Operaçoes Internas, um longo caminho foi percorrido. O resultado - a máquina secreta conhecida como "comunidade de informações" - chegou intacto à Nova República e em visível contradição com as propostas democratizantes do novo governo.

Tudo começou com a transformação do Serviço Federal de Informações e Contra-Informações (SFICI), que era vinculado à secretaria do Conselho de Segurança Nacional., em um Serviço Nacional de Informações (SNI). A 13 de junho de 1964 nasce o SNI, sob a coordenação geral do General Golbery do Couto e Silva. Legalmente o SNI se destina a assessorar a Presidência da República, em estreita ligação com o Conselho de Segurança Nacional e sem a supervisão do Congresso Nacional. A hipertrofia desse serviço, porém, o levou a ser protagonista de episódios como o caso Capemi, a morte de Alexandre Baumgarten, a morte do jornalista Mário Eugênio e o caso do Riocentro. Além disso, o serviço também se envolveu em áreas menos rumorosas, aparentemente observando, mas na realidade manipulando atividades como a exploração de madeira em Tucuruí, programa nuclear, garimpo, compra de fazendas, projetos de colonização, conflitos indígenas, etc.

Mais que isso, o sistema - além do SNI - criou órgãos subalternos que permeiam toda a administração pública. Pior ainda é a herança nefasta deixada pelos anos duros da repressão, que gerou posturas autoritárias e policialiescas em todos os níveis da vida social, como o controle dos moradores de edifícios de apartamentos, feito através de fichas emitidas pelas Secretarias de Segurança e distribuídas aos síndicos, criadas para impedir que se instalassem "aparelhos" (termo usado para designar o local onde funcionava uma célula clandestina de organizações de esquerda). Essas fichas entraram em desuso ainda no governo Geisel, mas continuam a ser exigidas em alguns condomínios, por mero ato arbitrário dos síndicos.

No governo Costa e Silva, foram criadas as DSIs - Divisões de Segurança e Informações, encarregadas do controle interno dos ministérios; logo depois surgiram as ASIs - Assessorias de Segurança e Informações, instaladas com o mesmo objetivo nas empresas estatais e autarquias. Paralelamente se travava, no interior do sistema, uma disputa. Correntes militares mais empolgadas com a repressão, de posse de relatórios sobre os projetos de luta armada discutidos pelas organizações de esquerda, defendiam a implantação de uma estrutura especialmente voltada para o confronto armado. Até então, a atividade repressiva estivera a cargo dos órgãos da polícia federal e dos departamentos estaduais de ordem política e social. Havia resistência contra a formação de uma nova estrutura dentro do sistema, mas o primeiro encontro das forças regulares do exército (a Artilharia de Costa de São Paulo) com as forças guerrilheiras de Carlos Lamarca, no vale do Ribeira, forneceu o argumento definitivo que permitiu a criação do Centro de Informaçoes do Exéercito (CIE), em 1967, seguido pelo CISA - Centro de Informações e Segurança da Aeronáutica

e pela reestruturação do CENIMAR - Centro de Informações da Marinha. Em 1969, com uma festa a que compareceram governador do estado, secretário de segurança e comandante do I Exército, instala-se, em São Paulo, a Operação Bandeirante (OBAN), um projeto-piloto da repressão que daria origem ao sistema de DOIs.

A nova estrutura interna do sistema continuou com o SNI na cabeça, secundado pelos centros de informações. Em seguida vinham os CODIs - Centros de Operações de Defesa Interna, executor direto do Plano de Defesa Interna e, subordinados a eles, os DOIs. Esta estrutura, somadas às segundas seções das unidades militares formam, afinal, o SISNI. E o SISNI continua existindo tal como foi constituído. É importante lembrar que nada dessa estrutura é clandestino, pois consta dos documentos da SEPLAN onde são publicados os organogramas dos Ministérios Civis e Militares. Na sua atuação nos anos setenta podem ser identificadas três modalidades de ação: oficial e ostensiva, com uso de farda ou não, que efetuava prisões ditas "legais"; outra oficial, mas de certa forma secreta, que agia em sigilo, sem se identificar perante a vítima, sem registrar a prisão até que ela tivesse fornecido todas as informações. E uma terceira, inteiramente secreta, levada a efeito pelo agentes dos centros de informações ou dos DOIs, que agiam sem dar conta de seus atos aos comandantes da área, na maioria dos casos apenas para obter informações e nem sequer chegavam a encaminhar o prisioneiro para a fase "legal". Nessa faixa de atuação é que se formaram os "aparelhos clandestinos de repressão". O termo correto seria "aparelho secreto de repressão", pois sua existência era reconhecida pelo sistema secreto.

Em 1981, o sistema inteiro - segundo dados publicados pela imprensa - empregava 200 mil pessoas, desde os agentes regulares até meros informantes, cooptados em troca de pequenos favores ou pagamento em dinheiro. As fichas guardadas na central do sistema chegariam a 250 mil. O orçamento que sustenta o sistema é secreto. Figuram dotações simbólicas como a que apareceu em 1964, dando verba inicial do SNI como sendo de Cr$ 200 mil. Em 1971, o SNI teria recebido Cr$ 700 mil, para cobrir as despesas de suas 13 agências. Mas o sistema recebe suplementação através de verbas secretas.

Por lei, os agentes do sistema são desobrigados de deporem na Justiça, conforme consta do texto do decreto de criação do SNI. Além disso, todas as suas atividades são consideradas de interesse de segurança nacional, respaldadas pelo Regimento de Salvaguarda de Assuntos Sigilosos. Por isso, mesmo quando agentes do sistema aceitam depor na Justiça, ou são obrigados quando se trata de assunto com características policiais comuns (como o caso Baumgarten), ao final do processo pouco se consegue esclarecer, pois o depoente tem toda a cobertura legal para omitir informações sob a alegação de que se trata de assunto de segurança nacional.

POLÍTICA DO GOVERNO:

As mudanças aparentes do sistema começaram a surgir ainda no governo Geisel, quando a morte do jornalista Wladimir Herzog nas dependências do DOI de São Paulo provocou a demissão do comandante do II Exército e, mais adiante, ajudou a engrossar a crise que resultou na queda do Ministro do Exército. O Presidente da República tomava medidas internas contra abusos do sistema, mas não expunha a organização a um julgamento judicial. Os passos eram lentos, impedindo a apuração dos atentados à bomba a bancas de jornais e instituições da sociedade civil como a OAB e ABI.

Estrategicamente, durante o governo Figueiredo, a imprensa soltava "balões de ensaio" sobre alterações, modernizações, limitações do sistema.

Alardeava-se que havia de fato uma mudança porque o sistema não mais estava envolvido em atividades repressivas. Esqueciam-se de dizer "repressivas contra quem", pois as organizações de esquerda, o chamado "inimigo interno" que era seu principal alvo, estava fora do jogo. Daí, não era mérito nenhum a ausência de ações repressivas. Também falavam muito numa resistência interna das Forças Armadas contra a comunidade de informações. Esqueciam-se de explicar que não era uma reação declarada publicamente em nenhuma ocasião, nem uma reação fundamentada nos postulados de direitos humanos, mas uma reação própria daqueles que se sentiam, eles mesmos, ameaçados pela vigilância inter-colegas, que não raro obstruiu algumas carreiras promissoras.

Também foi muito enfatizada a desativação e queima de arquivos dos DOPs, que não mais atuavam na repressão política. Esqueciam-se de dizer que queimar os arquivos só beneficiava os seus autores, já que em muitos estados a oposição ganhara as eleições de 1982, o que lhe daria acesso a uma história secreta da repressão. Também foi noticiado como um grande marco na desativação do sistema, a mudança de nome do Centro de Informações e Segurança da Aeronáutica, que passou a se chamar CIA - Centro de Informações da Aeronáutica. O vazio da medida nem precisa ser explicado.

Finalmente, na Nova República, podemos identificar uma estratégia especial para o SISNI. Não uma estratégia de desativação, mas de mudança de imagem, elegantemente empreendida pelo chefe do SNI, general Ivan de Souza Mendes. Orgulhosamente ele declarou, ao assumir o cargo, que o SNI não mais se intrometeria na vida privada dos cidadãos, mas fez uma ressalva: exceto quando os interesses de Estado forem atingidos. Mas, quais interesses de Estado, podemos indagar? Continuam eles definidos nos limites da segurança nacional? E quem, ou quais forças determinam o que seja de interesse da segurança nacional? A nação, entendida como sociedade, formada de cidadãos? Ou a nação, encarnada pelos seus dirigentes?

Tancredo Neves, segundo foi noticiado na imprensa, tinha planos para o sistema, que pretendia reduzir. Haveria oito pontos nesse plano:

- indicar um magistrado para a chefia do SNI;
- retirar seu estatus de Ministro de Estado;
- remanejar para os quartéis os oficiais de informações e trocá-los por outros, dando prioridade a civis;
- redução do quadro de efetivos;
- produção de informações econômicas e sociais;
- subordinar a ESNI (Escola Nacional de Informações) ao Itamaraty, para que ela seguisse as necessidades da chamada "espionagem internacional";
- encarregar a Polícia Federal de assuntos psicossociais, imitando o FBI.

Instalada a Nova República, o que realmente ocorreu foi o seguinte:

- foram recolhidos os arquivos das organizações regionais de informações (a medida pode ser interpretada como eliminação das provas dos excessos cometidos pela repressão, ocultar métodos e outros dados relevantes);
- o general Ary Pereira foi transferido para Buenos Aires (foi afastado da área que entraria para a berlinda com o caso Baumgarten);
- o material de trabalho, como gravadores, foram retirados da sede do SNI e levados para o Rio de Janeiro (com isso desapareceram as provas de escutas, e um acervo que permitiria aferir quanto foi gasto com esse tipo de material);
- foi anunciada a diminuição das contratações para o sistema (já que o serviço não atua tão ativamente na repressão direta, o contingente

necessário é menor; além disso, não se tem controle sobre o efetivo);
- diminuição das operações e anúncio de que os telefones não mais serão grampeados (a abertura colocou a esquerda falando em público, os partidos de esquerda foram legalizados e se tornou fácil manter em dia as fichas de dados pessoais, daí as operações de repressão terem diminuído, mudado de qualidade e ser desnecessário grampear tantos telefones quanto antes; além disso, não se tem nenhum controle sobre os grampos, não se sabe se efetivamente isso desapareceu);
- dispensa de agentes para que voltassem aos quartéis (foram remanejados; só na PM carioca existem 44 ex-agentes do DOI e 77 deles foram empregados no serviço de segurança do legislativo);
- o CENIMAR anunciou que limpou seus arquivos (medida de precaução);
- jornalistas poderão visitar a ESNI (muito interessante do ponto de vista formal, mas de efeito prático nulo);
- inquérito sobre a morte de Alexandre Baumgarten (serve para isolar o caso, limpando a imagem da instituição);
- o mesmo acontece com o caso Mário Eugênio. As investigações não atingem o sistema e o processo caracteriza que um grupo "isolado" se excedeu.
- encontra-se em discussão o acesso dos cidadãos às suas fichas ideológicas (em qualquer texto de lei existente em países, onde é permitido o acesso, há uma ressalva que veta o visto em casos de segurança nacional).

A política governamental, portanto, nesse setor, tem sido cautelosa e estrategicamente concebida para evitar um desfecho como o da Argentina. Por enquanto, não há nada de realmente concreto que nos permita dizer que o sistema mudou essencialmente.

VI - POLÍTICA DE SAÚDE

O QUADRO ATUAL: CRISE E A DÍVIDA SOCIAL

O quadro de crise no sistema de saúde e previdência social, colocado em destaque pelas greves de médicos, enfermeiros e previdenciários, é fruto de um longo e profundo processo de esvaziamento dos programas sociais.

Não é de hoje que se sabe das dramáticas condições da saúde pública e das necessidades de investir e, sobretudo, organizar esta área. Documentos do Governo apontam que os indicadores de "morbi-mortalidade são, em termos gerais, extremamente desfavoráveis". A média nacional da taxa de mortalidade infantil está entre 80 e 90 crianças mortas antes de completar um ano de idade, para cada 1000 nascidas vivas. E é nas regiões Norte e Nordeste que se encontram os índices mais elevados.

A grande novidade nos últimos 15 anos é a alta incidência de taxas elevadas de mortalidade em grandes cidades e nas regiões Metropolitanas (Rio, São Paulo, Recife e Belo Horizonte) onde se concentram populações marginalizadas e favelizadas.

"Em relação à morbidade"-- dizem documentos oficiais-- "são ainda elevadas as prevalências de doenças infecciosas e parasitárias e das doenças endêmicas, incluindo-se entre estas a malária, chagas e esquistossomose". Surtos de lepra que caracterizam um quadro endêmico têm se registrado em regiões como a área do projeto Carajás, alastrando-se de modo assustador e de difícil controle.

Neste caso, também, existe concentração dentro das áreas mais pobres (Norte e Nordeste), onde 25% dos óbitos de 1980 decorreram de doenças infecto-contagiosas e parasitárias (difteria, sarampo, coqueluche, tuberculose, enterites e outras). Na região Sul, o percentual foi de 8%, ficando bastante clara a correlação entre estas taxas e os níveis de atendimento do abastecimento de água, do saneamento básico e da destinação de dejetos.

Configura-se, assim, um quadro em que é facilmente medido o número de mortos em consequência da dívida social. Já houve um Ministro da Saúde que revelou notável insensibilidade ao anunciar o número de mortos previstos para o exercício em curso (1984), sem anunciar também qualquer medida para evitar esta "meta".

Este quadro não estaria completo se não se acrescentasse alguns elementos:

- a absoluta falta de condições para o atendimento médico na medida em que os remédios e medicamentos prescritos não estão disponíveis ou acessíveis aos doentes que procuram os postos de saúde, hospitais e entidades previdenciárias;
- a descontinuidade de programas de controle de endemias, como é o caso da SUCAM, fazendo-se perder todo o esforço feito, uma vez que todo o trabalho terá de ser reiniciado com o perigo de recrudescimento dos surtos;
- a total falta de uma política para o tratamento de doenças mentais;
- a virtual inexistência de soros e vacinas anti-ofídicas levando a população rural a ficar à mercê da sorte para escapar da morte por mordida de cobra(!).

Portanto, as greves dos servidores do setor são apenas a ponta de uma situação escandalosa que não pode ser apenas classificada de "carências sociais".

É uma situação criminosa. Inclusive porque para programas elitizantes não faltam recursos nem mobilização.

A POLÍTICA DO GOVERNO: INCOMPETÊNCIA E FALTA DE PLANOS

O Ministério da Saúde é, reconhecidamente, um dos ministérios mais mal administrados. Não se trata de criticar a onda de empreguismo que continua a existir. Mas constatar que um ministério com orçamento de Cr$2 trilhões nada ou quase nada pode fazer.

O próprio ministro informa que os portadores de malária passaram de 100.000 para 400.000 doentes de 1980 a 1985. E que temos "6 milhões de chagásicos, de 6 a 8 milhões de portadores de esquistossomose, 250 mil tuberculosos e 300 mil leprosos". E anuncia para breve uma epidemia de febre amarela.

Nada propõe como política de saúde. Apenas pede em clara luta de poder, para receber o INAMPS (com o seu programa de assistência hospitalar, com um total de Cr$18 trilhões). Isto logo após receber a transferência da Central de Medicamentos (CEME), em decisão política ou "à salomônica" do presidente Sarney (conforme classificou o ministro da previdência).

Aliás o ministro Waldir Pires acredita que o melhor lugar para a CEME seja o Ministério da Indústria e do Comércio e, nisto, ele parece ter um bom argumento (é uma central de produção) e bastante racionalidade. Racionalidade e busca de políticas, bem como recuperação de um mínimo de moralidade pública parecem ser os desejos e as ações na área da previdência. Aí, sim, existem não apenas escândalos (alguns já descobertos e passíveis de enquadramento na Justiça), mas interesses enraizados e de difícil superação.

Isto contrasta com a área específica de Saúde. Não há um mínimo de competência (nem nunca houve), nem existem planos.

Tudo isto revela uma falta de prioridade do Governo para esta área. Aliás, as promessas de Tancredo nada previam. E nada existe no discurso de Sarney, além de breves referências aos problemas.

FATOS RELEVANTES: A CONEXÃO FRANCESA E O PLANO DE ASSISTÊNCIA À MULHER

Enquanto as greves indicam um quadro de crise e de total falta de política de saúde, dois fatos merecem reflexão: a conexão francesa e o plano de assistência à mulher.

A conexão francesa, amplamente divulgada, onde importações no valor de US$172 milhões são feitas na véspera da conclusão do governo Figueiredo, é bastante significativa. No momento em que o Brasil não conseguia obter US$50 milhões para acertar o caixa do Banco do Brasil, o sistema financeiro internacional em perfeita conexão com as autoridades monetárias brasileiras concede este empréstimo.

A questão é mais grave do que um crime. A Justiça comum deveria indiciar, prender, julgar e, certamente, condenar este "grupo" chefiado pelo ex-Ministro Delfim Neto. É provável que certas altas figuras do governo Figueiredo também fossem condenadas. E é bem possível que as autoridades financeiras francesas-- onde o sistema bancário está praticamente estatizado-- tivessem elementos para agir, punindo os que utilizam criminosamente os recursos dos depositantes franceses e dos contribuintes.

Mas isso é crime comum. Mais grave é que este fato esteve presente nas aquisições de equipamentos para hidroelétricas paulistas, no programa de eletrificaçãao da FEPASA e em tantas outras operações. O Relatório Saraiva contém informações mais detalhadas. O valor das operações sobe a US$4 ou US$5

bilhões.

Em todos os casos, porém, existem crimes contra a segurança do país, contra o desenvolvimento do Brasil e de suas empresas e contra a nossa própria soberania. Aqui, sim, é que o fato se revela em toda a sua extensão e gravidade. Quanta coisa prioritária se deixou de fazer e se deixará de fazer, na medida mesma em que tentamos pagar as dívidas contraídas e responder pelos compromissos assumidos.

Outro fato que exige reflexão é o Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher. Trata-se de programa que contou com a participação de vários movimentos feministas na sua concepção. Tem caráter abrangente, não se restringindo à questão do controle da natalidade. Em São Paulo, Goiás, Espírito Santo, Paraíba e Maranhão, uma série de medidas e providências já estão em curso. É uma abertura que não encontra espaço na imprensa.

Esta é uma alternativa ao programa da BEMFAM, nitidamente ligado a interesses externos, com recursos externos e ampla cobertura da imprensa.

Existe uma forte esperança de que programas como este possam prosseguir. Recursos do FINSOCIAL poderiam ser direcionados, em caráter plurianual, progressivamente, para este tipo de programa.

CONCLUSÃO: TRANSPARÊNCIA E CONTROLE SERÃO POSSÍVEIS?

As políticas de saúde dificilmente poderão ser formuladas com o quadro de recursos humanos existentes.

O Governo está descoordenado. Não tem uma política social. Nem tem uma política de saúde.

Os recursos do FINSOCIAL poderiam ser utilizados para dar início a uma sistematização das ações na área. Agora mesmo, ficou transparente toda a jogada do governo Figueiredo com estes recursos: aplicação na compra de ORTNs e LTNs sem que fossem corrigidos quando revertidos para as áreas sociais, valores fixos das colocações dos orçamentos do FINSOCIAL e perdidos seu valor real (até em 50% a 60%) quando de seu uso pelos beneficiários finais, descontinuidade e desarticulação dos programas nas várias regiões (e até mesmo cidades). Ficou evidente, também, que é possível o controle destes recursos. O Ministério do Planejamento já tem um bom número de informações, desde a elaboração dos planos do COPAG e os demais ministérios também possuem estas informaçoes. Parte delas já foi passada pela imprensa. O Congresso não tem estado presente. Mas há informações, pois a Câmara e o Senado têm comissões específicas para esta área.

Diante do quadro de genocídio praticado pelos sucessivos governos e sabendo-se que, apesar das deficiências institucionais e dos obstáculos existentes, existe um início de transparência e de controle, fica a pergunta:

- Continuaremos a matar, numa verdadeira guerra civil lenta e incruenta? Ou teremos uma política de saúde para o País, com prioridade para as populações pobres?

INFORMATIVO AATR

ASSOCIAÇAO DOS ADVOGADOS DOS TRABALHADORES RURAIS DA BAHIA

ANO III - Nº 09 - MARÇO 1985 - SALVADOR - BAHIA



NESTE NUMERO:

EDITORIAL

INFORMAÇOES GERAIS

PACTO SOCIAL

PROGRAMAÇAO PARA 1985

E D I T O R I A L

Assiste-se no momento um reacender do movimento de massa em nosso país. São mais de 50 greves espalhadas pelo território nacional, desde o combativo e efervescente ABC Paulista até os mineiros de Jacobina, em nosso Estado.

A "Nova República" vê infiltração política, bagunça no movimento grevista. Todos os seus expoentes reafirmam o direito de greve dos trabalhadores, contanto que ele não seja exercitado.

A verdade é que os operários e demais assalariados cansados de/ tantos anos de arrocho salarial, jornada de trabalho extenuante e péssimas condições de trabalho, resolveram levantar-se contra esta situação. As reivindicações mais sentidas são: redução da jornada de trabalho(40 horas semanais para alguns e para outros, 30 horas a exemplo dos mineiros qe trabalham no sub-solo), reposição salarial, reajuste trimestral, estabilidade e etc.

O governo da "Aliança Democrática" tenta manobrar, de um lado// diz defender o direito de greve dos trabalhadores e do outro faz ameaças veladas, reprime e usa a mesma linguagem dos ditadores(bagunça, infiltração de radicais de esquerda que querem o caos etc.). Entretanto não poderia ser ao contrário, a Aliança Democrática é composta das várias frações da burguesia muitas delas oriundas do regime ditatorial e que portanto tem os seus interesses de classe a defender.

Além do mais, preocupados em passar o seu projeto de pacto social vêem com maus olhos as greves que estão acontecendo.

Todavia, continuarão cercando a classe operária no sentido de / conseguirem uma trégua(suspensão das greves por um determinado período) até que// consigam vencer a crise para continuarem por mais anos explorando a classe trabalhadora.

Resta as lideranças dos trabalhadores terem muita firmeza para/ não deixaremse iludir pelas migalhas que por certo serão dadas.

I N F O R M A Ç Õ E S G E R A I S

FÉRIAS - REMUNERAÇÃO EM DOBRO

Foi apresentado e se encontra em tramitação no Congresso Nacional, o Projeto de Lei nº 3254/84, de autoria do Deputado Federal Djalma Bom, PT-SP, que altera a redação do art. 142 da CLT, referente ao pagamento do empregado durante o período de férias. Pelo Projeto, o trabalhador perceberá, durante as férias, o dobro da remuneração que lhe for devida na data da concessão.

Jornal Trabalhista, Ano II, nº 31 - DF

PROJETO AMPLIA PRAZO PRESCRICIONAL TRABALHISTA

Foi apresentado pelo Deputado Federal José Eudes, PT-RJ, projeto de Lei que amplia para cinco (5) anos o prazo de prescrição dos direitos trabalhistas. Segundo o Deputado, na justificativa do Projeto 3.049, "o prazo prescricional de dois anos do art. 11 consolidado tem estimulado a prática, por parte dos empregadores de constantes violações dos direitos trabalhistas de seus empregados". Ao concluir sua justificativa, afirma o parlamentar: "Cabe ao legislador, mesmo porque está previsto na Constituição Federal, em seu art. 160, inciso II, "a valorização do trabalho como condição da dignidade humana", corrigir as omissões legais. Assim procedendo, estarão restabelecidos os princípios da Justiça Social, protegidos os trabalhadores contra o abuso do poder econômico".

Jornal Trabalhista, Ano II, nº 30 - DF

ESTATUTOS SOCIAIS DAS ENTIDADES SINDICAIS

O Ministro do Trabalho, Murilo Macedo, assinou a Portaria MTb nº 3.280/84, de ... 7.12.84, revogando a Portaria 126/58, que instituiu modelos-padrão de estatuto social para as entidades sindicais e dá outras providências.

Eis, na íntegra, a Portaria:
O Ministro de Estado do Trabalho, no uso de suas atribuições, resolve:

Art. 1º Revogar a Portaria nº 126 de 26 de junho de 1958, que institui modelos-padrão de estatuto social para as entidades sindicais.

Art. 2º Os estatutos sociais das entidades sindicais serão elaborados segundo as disposições legais vigentes devendo ser submetidos à aprovação da assembléia geral ou conselho de representantes.

Art. 3º Esta Portaria entra em vigor na data de sua publicação.

Murilo Macedo

Como se vê, os sindicatos não estão mais obrigados a usarem o modelo-padrão de estatuto, mas poderão elaborar suas próprias cartas, de acordo com a realidade e os anseios de cada região. A exigência do Art. 2º da nova Portaria é que tais estatutos deverão estar de acordo com os princípios legais vigentes, como tem que ser quaisquer outros, dentro do sistema em que vivemos.
Agora os trabalhadores poderão elaborar os estatutos de seus sindicatos sem estarem obrigados às aberrações do modelo padrão.

I N F O R M A Ç Õ E S G E R A I S

MÍNIMO ATUAL É MAIS BAIXO

Em 1984, o salário mínimo atingiu o mais baixo nível dos últimos 33 anos, sofrendo uma queda real de 16%, de 1980 para cá, conforme dados divulgados pelo Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Sócio-Econômicos - DIEESE. O estudo mostra também que atualmente o salário mínimo está defasado em cerca de 50% em relação à época de sua criação, em julho de 1940. Segundo o DIEESE, a média do ano passado está 48% do que valia o primeiro salário-mínimo divulgado.

O DIEESE acrescenta que o salário-mínimo de hoje, em valor real, nos 45 anos de sua existência, supera apenas o do período 1947 a 1951, que está dentro do espaço de tempo em que ele ficou congelado, que vai de dezembro de 1943 a dezembro de 1951.

Desde novembro do ano passado, o salário mínimo vigente é de Cr$166.560, mas se fosse mantido o valor real que foi instituido em 1940, deveria ser da ordem de Cr$309.936,em valores de dezembro do ano passado. O estudo do DIEESE constata que o salário-mínimo atingiu o maior nível no início de 1959, quando correspondia a Cr$446.561

Hoje, cerca de 40% da População Economicamente Ativa - 21 milhões de trabalhadores - recebem o salário-mínimo.

Jornal Trabalhista, Ano II, nº 33 - DF

FGTS PARA TRABALHADOR RURAL - NA DESPEDIDA MAIS UM PRESENTE DE GREGO

O ex-Presidente João Figueredo, enviou ao Congresso Nacional Projeto de Lei estendendo o FGTS aos trabalhadores rurais Segundo o ex-Ministro Mário Andreaza, do Interior, o Projeto atende reivindicação da C. Nacional da Agricultura. Só podia ser!

CUT E CONCLAT AGORA SÃO LEGAIS

O Ministro do Trabalho, Almir Pazzianotto, assinou dia 25 de março, a Portaria nº 3.100, revogando a Portaria 3.337/78, que proibia a associação de carater intersindical. Assim, as duas centrais de trabalhadores existentes no país, CUT e CONCLAT, deixam de ser ilegais.

A portaria revogada impedia a organização intersindical, afirmando que tal atividade era proibida pela Consolidação das Leis do Trabalho.

O Ministro Pazzianotto justificou a publicação da nova Portaria dizendo que "o princípio da autonomia sindical tem como um de seus pressupostos a livre associação sindical e intersindical,

---

ESTABILIDADE PARA O DESEMPREGADO OPTANTE PELO FGTS

O Deputado Francisco Pinto, PMDB-Ba, apresentou ao Congresso Nacional o Projeto de Lei nº 4.104/84, pelo qual instituiu o regime da estabilidade aos trabalhadores, mesmo optantes, após dois anos de trabalho na mesma empresa.

Segundo o Projeto, o art. 492 da CLT passará a vigorar da seguinte forma:

"O empregado que contar mais de dois anos de serviço na mesma empresa não poderá ser despedido senão por motivo de falta grave ou circunstância de força maior, devidamente comprovada.

O PACTO E SUAS PROPOSTAS PARA O CAMPO

As crises do capitalismo podem nos levar a um processo revolucionário quanto podem nos levar a um recuo e a uma forma mais aperfeiçoada de dominação, alternativas estas que estão ligadas a organização, à capacidade política das classes e à correlação de forças entre elas, emluta, existentes.// por outro lado, a burguesia, através dos seus diversos seguimentos, tem conseguido, durante nossa história, puxar as forças chamadas progressistas e revolucionárias para dentro do âmbito ideológico e político de suas propostas com inegável competência. Esta discussão se faz presente no momento, quando, em // meio a uma crise, cujos custos têm recaído sobre os ombros das classes trabalhadoras, este processo de cooptação ideológica das massas pela burguesia se faz particularmente útil para ela, e perniciosa, para as massas, principalmente neste momento de crise em que ela lança mão desse expediente como uma pre-// missa para sair dessa mesma crise antes que as classes exploradas o façam a // seu modo. E a cooptação se faz justamente porque as classes exploradas não estão de posse de um projeto alternativo seu.

Foi assim nos idos de 45 e oportunidades outras, chegando até o golpe de 64, quando a cooptação ideológica conjunturalmente se fazia insuficiente, a burguesia sentiu que, para seu projeto, o que mais se adequava na-// quele momento de crise era a forma de dominação da ditadura militar. Ditadura/ esta baseada nos atos e leis de exceção, na repressão, cassações, no bipartidarismo e, no plano econômico, no chamado "Milagre Brasileiro" conseguido às custas do arrocho salarial e de um endividamento externo sem precedentes.

Mas, a partir da segunda metade dos anos 70, com o aparecimento dos primeiros e profundos sintomas da crise, do surgimento da oposição e // com acrescente votação do eleitorado no mdb, a forma da ditadura militar começou a não ser a mais adequada para aquela conjuntura. Assim é que determinados seguimentos do capital começaram a debandar das hostea arenistas para o MDB e o governo passou a elaborar uma estratégia geral para contra atacar: Iniciou-a com a"distensão", desta passou para a "abertura" e de posse disso começou o processo geral de cooptação e dominação da crise política.

Com efeito, a concentração sem precedentes das riquezas pelos monopólios nacionais e estrangeiros com a predominância, já, do capital financeiro sobre o capital industrial, a queda da taxa de lucro e a quebra e a incorporação das empresas nacionais atingiu crescentes setores da burguesia que/ passaram paulatinamente, para a"oposição" no ritmo do agravamento da crise estabelecida. O movimento operário e, também, os trabalhadores em geral começara a pressionar e o regime vai cumprindo suas etapas da distensão" (Geisel), da " "abertura" (Figueredo), começando abrir espaços para o "pacto" e, por último a "Nova República" - etapa presente de todo este amplo processo conjuntural.

É evidente que o "pacto" é um projeto da burguesia para ganhar tempo, vencer a crise e com isso continuar a sua dominação de classe.

Aos trabalhadores se pede trégua, não fazer greve, e, em troca, oferece algumas migalhas muitas delas já conquistadas na luta a exemplo da anistia aos dirigentes sindicais cassados. Aos camponêses prometem Reforma Agrária, bem entendida no Estatuto da Terra o que passaremos a examinar agora.

Estatuto da Terra - Antecedentes

O movimento camponês em enfrentado diversas lutas durante a nossa história. Estas lutas quase sempre foram ignoradas pela historiografia oficial. Alguns destes movimentos merecem registros, como as lutas do café em S.Paulo (na região de Santos) e as lutas do Norte do Paraná (dos posseiros pela terra). O movimento , entretanto, que conseguiu maior repercussão e ativar mais a burguesia, foi a das ligas camponêsas, surgidas em Pernambuco e depois disseminadas para outros Estados. A ação das ligas camponêsas, a necessidade da expamsão do capitalismo no campo como também a do mercado preconizado pela industrialização, combinada com a demandade mão de obra para o mesmo processo de industrialização das cidades, foram entre outros, os elemnetos inpulsionadores da aprovação de dois instrumentos necessários ao desenvolvimento do capitalismo no campo.

O Controle do Movimento - A Experiência Getuliana bem sucedida

Inicialmente para controlar o movimento camponês a exemplo do que ocorria com o movimento urbano foi criado o Estatuto do Trabalhador Rural e regulamentada a criação de sindicatos no meio rural, tarefa desempenhada por setores da Igraja e mais tarde seguida pelo " Partidão". Assim, o sindicalismo rural passa também a caminhar por dentro da disciplina imposta pelo Ministério do Trabalho, pondo fim às associações Rurais, e, de cer

ta forma, às ligas que foram de resto violentamente reprimidas em 64. Assim, a burguesia criava instrumento para dominar a organização e precisava, então,, de um outro para modificar o uso da terra apropriando-a ao desempenho capitalista.

Dessa forma nasceu o Estatuto da Terra, traçando normas sobre terras públicas e particulares, distribuição de terras, criando órgãos e lhe atribuindo funções, traçando diretrizes para crédito, tributação, cooperativismo e contratos agrários. O espírito que predominava o Estatuto da Terra é o da implantação do capitalismo no campo, e por isso mesmo encontramos a empresa rural elevada ao trono e aparece a taxação do latifundio e do minifúndio, para adequá-las à dimensão e a forma da exploração capitalista. A colonização foi sempre usada de forma a deslocar trabalhadores para desbravar áreas inóspitas e reter mão de obra para as grandes explorações. Nas cooperativas encontramos mais uma vez a intervenção do Estado, através do Incra e do BNCC, sendo as mesmas quase sempre elemento intensificador de consumo de insumos industrializados. Quanto à desapropriação que poderia ser feita nas áreas de grande "tensão social"(nome dado à luta de classe no campo), com pagamento em LTN, da terra, pois as benfeitorias tem de ser pagas à vista, não se encontra muito registro de terem ocorrido com frequência, e muitas vezes as terras desapropriadas são terras do próprio Estado ou que foram vendidas a preços simbólicos pelo mesmo.

Concluindo, não seguimos a opinião daqueles que afirmam que o Estatuto da Terra não foi aplicado e que agora volta a apresentá-la como proposta da Reforma Agrária. Entendemos que o Estatuto da Terra é a proposta do "pacto" para o campo. E, conforme se anuncia, depois de sofrer alguns vernizes feitos pelas comissões que estão tratando do assunto, deverá ser apresentado pelo governo no 4º Congresso de Trabalhadores Rurais em Brasília, com o apoio do sindicalismo oficial.

Restam pra debate, algumas questões de grande importância para quem labuta com a questão agrária numa perspectiva de transformação da sociedade. Uma delas é a questão da propriedade individual, e sua ideologia, no processo de transformação, e a questão da propriedade coletiva. A outra também, de grande dimensão, é a questão dos "bóias frias, que não têm revelado interesse de voltar a cultivar a terra no modo camponês. Esta questão se faz fundamental para uma intervenção consciente e consequente na questão teórica e prática da Reforma Agrária.

DIAS 20 E 21 DE ABRIL

ASSEMBLEIA GERAL COMEMORATIVA

DO

3º ANIVERSARIO

DE

FUNDAÇAO

DA

ASSOCIAÇAO DOS ADVOGADOS DOS

TRABALHADORES RURAIS

AATR -- BA.

CEDIM CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR - UFRRJ

INTRODUÇÃO

A rea lidade da juventude Trabalhadora

Es te documento, preparado pelos militantes da JOC de Nova Iguaçu, se dirige aos novos militantes e contatos. Quer contribuir para a análise que os setores e categorias estão desenvolvendo em função de preparar o Movimento JOC de Nova Iguaçu para o Congresso Nacional 84. Seu ponto de partida foi a análise que fizemos na Semana da Juventude Trabalhadora, consubstanciada na carta Aberta dos Jovens Trabalhadores. Aí destacamos os problemas dos jovens trabalhadores de algumas categorias o n de estamos desenvolvendo uma ação, tais como domésticas, professoras, comerciários, desempregados e jovens do bairro.
A função deste documento é aprofundar a an-alise que estamos fazendo nos setores e com isso fazer avançar a ação dos desempregados do setor Bairro ou das categorias (domesticas, professoras, comerciarios, texteis e bolsa) nos sindicatos, nas associações de moradores, na organização dos desempregados , nas entidades profissionais (CEP e Associação de Em pregadas Domesticas).
Por isso, nós jovens trabalhadores de Nova Iguaçu, parte dos 22 milhões de jovens trabalhadores do país, marginalizados e explorados, lutamos para conquistarmos direitos de participação, emprego e melhores condi-lões de vida e trabalho para todos.

Principais reivindicações do Movimento Operário hoje no Est. do Rio

O Congresso das Classes Trabalhadoras do Est. do Rio levantou as principais reivindicações do Movimento Operário para a hora atual. Chamou a atenção que o regime militar de opressão, não é um problema brasileiro apenas, mas é uruguaio, paraguaio e chileno. Em todos estes países, os trabalhadores estão se levantando e organizando para pôr fim a estes regimes.
Junto a isso o grande causador do arrocho salarial, da marginalização, miséria e opressão de nossos povos é a política econômica atrelada ao FMI, em especial aos banqueiros dos EEUU, da Europa e do Japão.
Um povo impedido de participar das decisões que lhe dizem respeito e dos destinos do país, exige eleição Diretas Já como busca de um veículo de maior participação.
Levando em conta que os Estatutos da Terra não são observados e que crescem dia-a-dia os conflitos no campo, exigimos reforma agrária sob o controle dos trabalhadores.
Um dos grandes causad ores do desemprego, da rotatividade da mão-de-obra e da desarticulação do Movimento Operário foi a implantação do FGTS. Daí exigimos o seu fim com a volta de estabilidade no emprego, desde o primeiro dia de carteira assinada.
A política recessiva do governo, imposta pelo FMI , tem levado ao desem prego em massa, ao desesperoe à fome. Daí a exigência do Salário Desemprego, não como solução mas como recurso para fazer justiça àqueles que estão pagando pela crise sem ser devedor à ninguém.
A luta pela abertura de mais oferta de emprego, inclue algumas medidas

que a tornem viável, tais como a extinção das horas-extras e a diminuição da jornada de trabalho para 40 horas, sem diminuição salarial; aplicação de uma tecnologia menos sofisticada.
Dentro destas reivindicações, duas conseguem dar uma volta no arrocho salarial como aconteceu com os metalúrgicos do ABC, que são o reajuste trimens tral e o pagamento do INPC integral. Aí também se situa a aprovação do Novo Código do Trabalho, que garante a liberdade e autonomia sindical e o fim das intervenções nos sindicatos.
Dentro das lutas está também a reivindicação contra os reajustes do BNH de 130%; a revogação dos desconto de prestação dos serviços médicos dos beneficiários do INPS (pela nova regulamentação da consolidação da Lei de Previdência).
Também os s ervidores públicos estão reivindicando reajuste semestral; 13º e direito à sindicaliza ção.

O Congresso das Classes Trabalhadoras do Est. do Rio

O Congresso das Classes Trabalhadoras do Est. do Rio estabeleceu um plano de lutas a nível político e econômico, saindo do bojo das lutas do conjunto da sociedade pelas eleições Diretas Já para presidente da República. A nível político, portanto, associou-se à luta pelas eleições Diretas Já, à luta por amplas liberdades, sem Lei de Segurança Nacional, sem lei anti-greve, sem intervenções nos sindicatos, sem repressão e com ampla liberdade de manifestação.
Nº plano econômico, as preocupações cairam em cima da luta contra o modelo econômico vigente, contra os acordos com o FMI e o não pagamento da dívida externa. A implantação do salár io desemprego, conforme progeto a s er apresentado ao Congresso em agosto. E também a luta pela isenção de pagamentos das taxas de luz, água e transporte para os desempregados.
Para o encaminhamento dessas lutas o CECIÁT RJ apontou para uma ação unitária do Movimento Sindical, globalizando todos os segmentos da classe trabalhadora a saber - a fundação da CUT RJ e a filiação dos sindicatos e Associações Profissionais à mesma.
Para garantir esta implantação da CUT RJ decidiu-se um programa mínimo de trabalho:
- criação de comissões de fábrica ou empresas.
- criação da Secretaria Estadual do Direito ao Trabalho da CUT RJ para emcaminhamento das propostas.
- organização da Assessoria Jurídica da CUT com caráter profissional, ligada à Secretaria Estadual do Direito ao Trabalho da CUT RJ.
- organização de núcleos da CUT RJ nos sindicatos não vinculados, para ganhar a base sindical e poder intervir nos sindicatos.
- discussão da CUT no interior das categorias.
- Criação de uma Coordenação das oposições sindicais em organização ou já organizadas para troca de experiências e mútua solidariedade e assim integrá-las na CUT RJ.
- organização das finanças da CUT.
- A CUT, através da Secretaria Estadual de Formação Educação e Cultura, a ser criada, prover cursos de formação sindical .

- criação do Boletim da CUT RJ como veículo de comunicação estadual.
- A CUT se fazer mais presente nos sindicatos rurais e nas categorias que congregam maior número de trabalhadores metalúrgicos, bancários, construção civil e rodoviários.
- através dos Comitês pro-diretas e dentro de sua capacidade específica de articulação, promover e participar no processo de discussão da Greve Geral.

CEDIM
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR - UFRRJ

JORNAL DOS TRABALHADORES

SEM TERRA

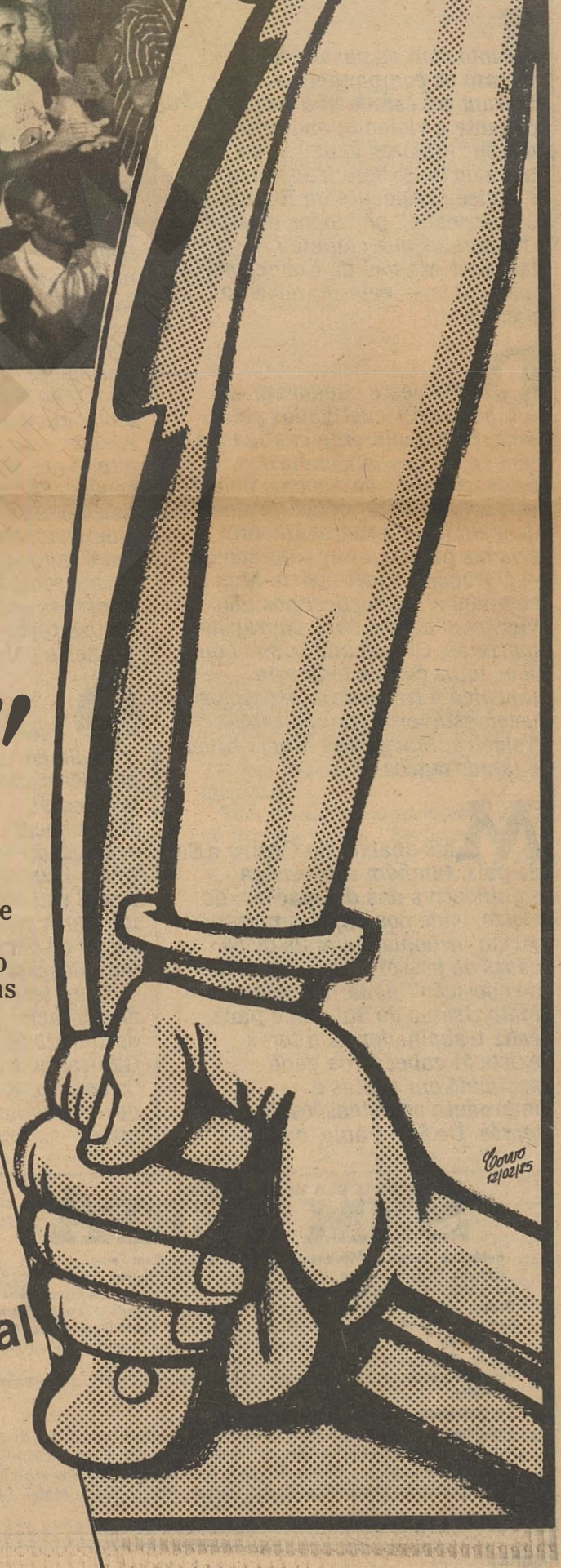
Porto Alegre | Fevereiro de 1985 | Ano III — Nº 42

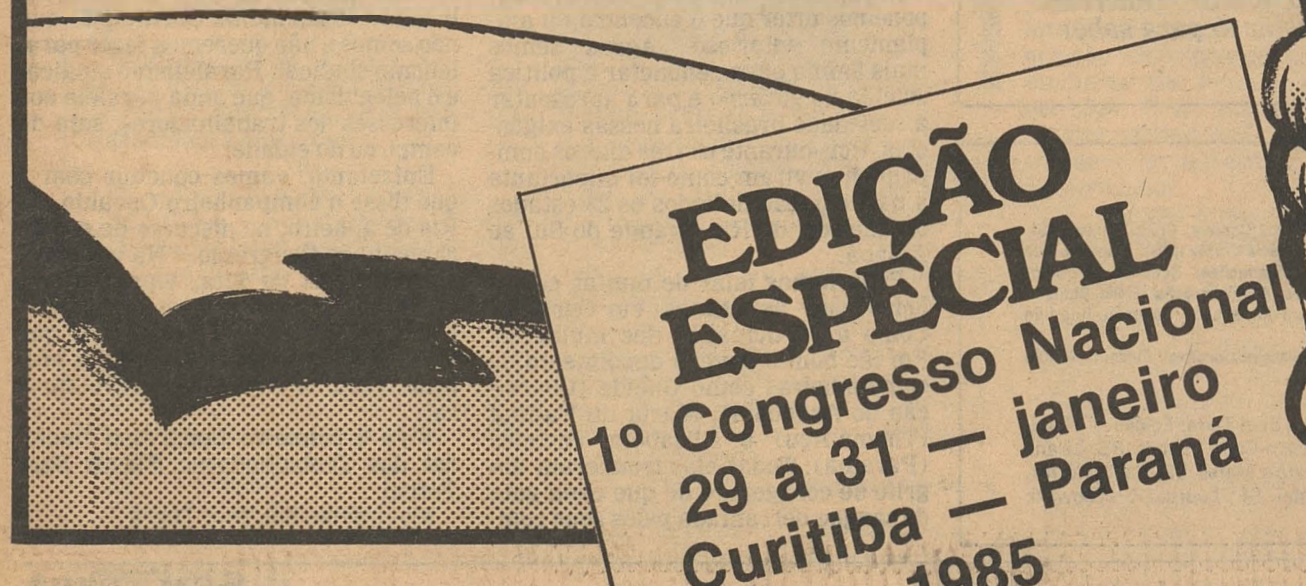


"SEM TERRA NÃO HÁ DEMOCRACIA"

Cerca de 1.500 lavradores de todo o Brasil realizaram em Curitiba, PR, o maior encontro pela terra dos últimos anos. Após três dias de discussões, os trabalhadores aprovaram um documento que será entregue ao futuro presidente da República, onde deixam claro, entre outras coisas, que o acesso à terra é princípio básico para um governo democrático. Tancredo Neves, convidado, não compareceu. Mas centenas de entidades, lideranças sindicais, religiosas, políticas e cinco delegações estrangeiras prestigiaram o 1º Congresso dos Trabalhadores Sem Terra.

Tudo sobre o Congresso nesta **edição especial** de 20 páginas.





EDITORIAL

Sem terra não há democracia

Os primeiros a chegar foram os companheiros do Pará. Viajando em barcos, boléia de caminhão e ônibus, alguns levaram até dez dias para estar em Curitiba. Mas vale tudo para quem tem muito a contar sobre a violência que sofrem os trabalhadores rurais num estado governado pela "oposição". Mas contar, sobretudo, que lá se resiste a este barbarismo, como fez Quintino e fazem os companheiros da Gleba Cidapar e do sindicato de Santarém.

Junto com os paraenses vieram os companheiros do Maranhão, estado não menos distante e violento; onde reside um dos maiores grileiros de terra do país, hoje transformado em vice-presidente da República e "perdoado" por todos os atos truculentos que cometeu. O lavrador Manoel da Conceição que o diga — veja matéria na página 14.

Do Nordeste chegaram os companheiros castigados pela seca, principalmente castigados pela cerca dos latifundiários, pelos usineiros do açúcar, pelos coronéis do PDS, pelas frentes de trabalho, "generosamente" criadas para manter o estado de exploração daquele povo. Mas os companheiros nordestinos não vieram somente para chorar as lágrimas. Chegaram falando de suas lutas contra toda esta injustiça e trouxeram exemplos incontestáveis disto: Elizabete Teixeira, Margarida Maria Alves e tantos outros.

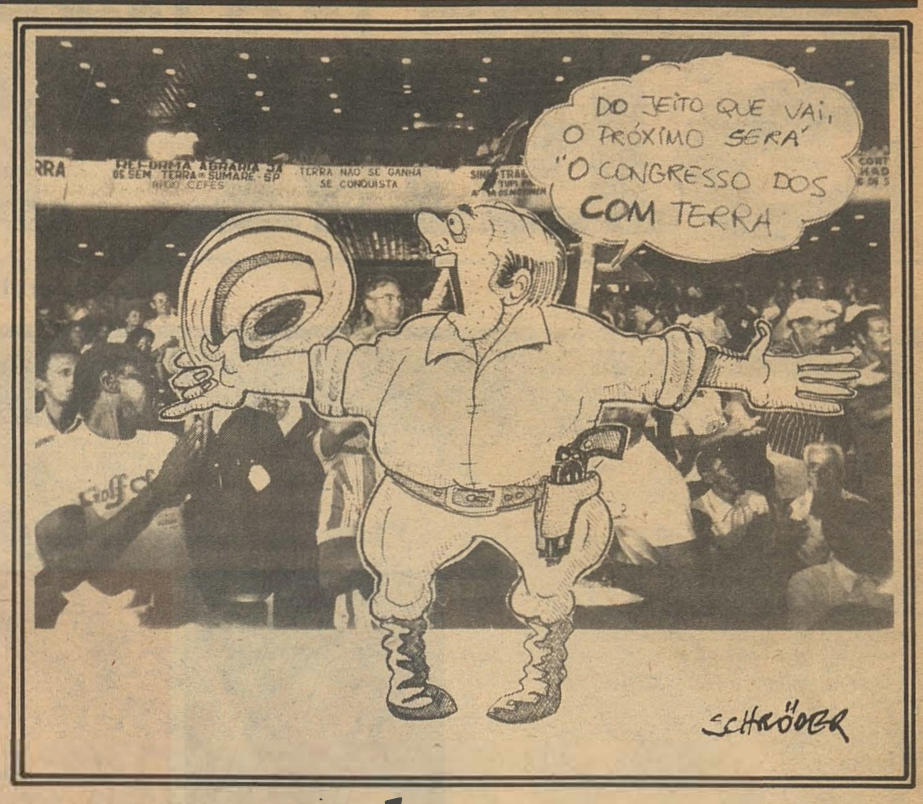
Mais abaixo, do Centro e Sul do país, também a presença significativa das delegações: de Goiás, onde nos últimos meses foram incendiadas mais de 60 casas de posseiros e o "governo de oposição" nada investigou. Do Mato Grosso do Sul, onde para cada trabalhador sem terra existe 51 cabeças de gado pastando em vastas e improdutivas extensões de terras. De São Paulo, onde a polícia é democrática, massacra os trabalhadores, mas depois pede desculpas.

Enfim, trabalhadores vindos de todos os cantos do país, para falar de suas experiências, trocar idéias e traçar planos para unificar esta grande luta do Movimento dos Sem Terra pela Reforma Agrária. Foram momentos de muita discussão, debate, de depoimentos dramáticos, alegres, bonitos e de muita coragem, que transformaram o Congresso num marco da luta pela terra no Brasil.

Se por um lado os trabalhadores mostraram-se motivados e não mediram esforços para chegar a Curitiba, o mesmo não aconteceu com as autoridades; em especial o futuro presidente da República, dr. Tancredo Neves. Convidado ainda em outubro em Porto Alegre — veja matéria na página oito — ele não se dignou a enviar sequer um representante. Nem mesmo um comunicado oficial: simplesmente preferiu ignorar um Congresso de trabalhadores rurais considerado pela grande imprensa como um dos maiores e mais representativos que já se fez neste país.

O que podem esperar os trabalhadores de um governo que desconhece os seus problemas e aspirações? E desconhecer um Movimento organizado a nível nacional, que reúne 1.500 trabalhadores rurais dos 23 estados brasileiros, é ignorar a realidade política e social do campo. Ou será mesmo puro descaso?

"Sem terra não haverá democracia", dizia uma faixa destacada no alto do Teatro Guaíra, no encerramento do Congresso. E o dr. Tancredo deveria estar lá para saber disso!



OPINIÃO

Os objetivos foram alcançados

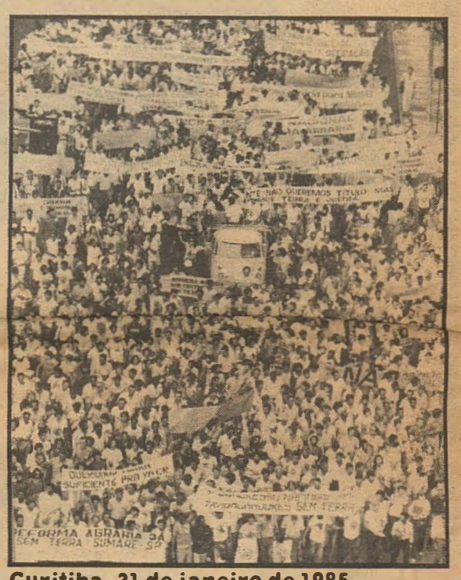
Reunir num único local quase 1.500 agricultores sem terra de um país tão grande como o Brasil é uma façanha para ninguém botar defeito. Mas quando se consegue isso e, ainda mais, unificar a luta de todos os sem terra pela Reforma Agrária, é algo extraordinário. Por isso, a Executiva Nacional do Movimento dos Sem Terra concluiu que o 1º Congresso Nacional dos Trabalhadores Rurais Sem Terra atingiu todos os seus objetivos.

Alguém pode perguntar que objetivos são esses. A própria Executiva Nacional responde: a) unificar e ampliar o Movimento em todos os estados; b) estimular a articulação da luta pela terra; c) chamar a atenção do povo e da sociedade em geral para dizer que o Movimento existe e que vamos lutar pela terra, custe o que custar; d) denunciar a crescente violência no campo; e e) fazer uma grande confraternização entre os sem terra. Tudo isso foi alcançado e, se alguém duvidar, que fale com um lavrador que foi ao Congresso.

O 1º Congresso Nacional não serviu para fazer grandes discussões desligadas da realidade brasileira. Serviu, isto sim, para conscientizar o pessoal que a terra, que a Reforma Agrária, só se consegue com um trabalho sério, de base, levado a todos os cantos do Brasil onde tem gente que precisa de terra para viver. Os lavradores foram a Curitiba para se unir. Afinal, nós sabemos que a força da classe trabalhadora está no número cada vez maior de trabalhadores organizados. Isso foi alcançado.

Depois do Congresso de Curitiba, podemos dizer que o encontro foi amplamente vitorioso. Agora temos mais ânimo para denunciar a política suicida do governo e para apresentar à sociedade brasileira nossas exigências. Pois durante os três dias os companheiros viram como foi importante a participação de todos os 23 estados brasileiros, do Rio Grande do Sul ao Amapá.

Poderíamos falar de muitas coisas belas que assistimos em Curitiba. Como a participação das mulheres. Foi tão bonito ouvir o depoimento de companheiras como Oneide (Conceição do Araguaia), Maria de Fátima (Thomé-Açu) e Elizabete Teixeira (Paraíba). Todas elas trouxeram um grito de coragem, e de que cada gota de sangue derramada pelos seus companheiros mortos na luta pela terra brotarão milhares de novos companheiros dispostos a seguir em frente.


Curitiba, 31 de janeiro de 1985

Poderíamos falar também do carinho e do apoio recebido pelos companheiros lavradores do Peru, Equador, México e Bolívia. Foi muito importante a presença dessa gente, por que pudemos trocar experiências e, sobretudo, fortalecer nossos laços de amizade e de solidariedade para enfrentarmos juntos nossos inimigos comuns: o FMI, a política norte-americana e os latifundiários.

Poderíamos falar ainda da necessidade que o pessoal sentiu em conquistar os sindicatos, para transformá-los em ferramentas de luta. O Movimento saiu consciente de Curitiba de que não somos e não queremos fazer paralelismo sindical. Paralelismo sindical é o peleguismo, que anda paralelo aos interesses dos trabalhadores, seja do campo ou da cidade.

Entretanto, vamos concluir com o que disse o companheiro Osvaldo, do Rio de Janeiro, no discurso de encerramento do Congresso: "Na volta aos nossos locais de luta, vamos agora ampliar e qualificar nossa organização, tendo como ideal a certeza de que a Reforma Agrária será obra dos próprios trabalhadores. Na lei ou na marra!".

Viva o primeiro Congresso Nacional dos Trabalhadores Rurais Sem Terra!

Movimento dos Sem Terra

JORNAL DOS TRABALHADORES
SEM TERRA

Publicação mensal do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra

Editores: Flademir Araújo, Rafael Guimarães. **Reportagem:** Sérgio Carlos Canova, Chico Daniel (RS), Mario Milani (PR), Maristela Mafei (SP), Ulisses dos Santos (Araraquara), Cácia Cortez (MS). **Planejamento Gráfico e Arte:** Humberto Monteiro. **Montagem:** Rogerio Ferreira. **Ilustrações:** Schoroder, Corvo. **Fotografia:** Protásio Nene, Itamar Garcez. **Revisão:** Lizete O. Kummer. **Administração:** Hélio Bianchi. **Distribuição:** Décio Favaretto. **Composição e Impressão:** Zero Hora Editora Jornalística. **Redação:** Rua São Manoel nº 35, bairro Rio Branco, Porto Alegre — RS — Brasil.

Produção gráfica: Centro de Assessoria Multiprofissional (CAMP). **Jornalista responsável:** Flademir Araújo (RP 4805)

Tiragem deste edição: 20 mil exemplares.

Trabalharam nesta edição especial do 1º Congresso Nacional dos Sem Terra: **Edição** — Flademir Araujo e Sérgio Carlos Canova **Textos** — Marcos Celso Viola e Caco Schmit, RS; Liliana Lavorati, Mario Milani, Carlos Arruda e José Maschi, PR; Maristela Mafei, SP; Cacia Cortez, MS **Reportagem fotográfica**: Itamar Garcez, RS; Maristela Mafei, SP; Lourdez Grzybowski, RJ.

RESPINGOS

Segurança segura

A equipe de segurança foi tão eficiente que um dia, bem cedo da manhã, não deixou duas companheiras entrarem no colégio Esperança, onde se realizava o Congresso. Elas estavam sem crachá e deveriam fazer a limpeza do local. Final da história: o colégio ficou sujo até perto do meio-dia, quando a situação foi contornada e elas puderam entrar. Trabalho sério esse....

Um só ideal

Três personagens de fé abraçados na passeata. Três líderes combativos. Três frentes de trabalho. Três gerações diferentes. Mas três grandes corações. Eram Avelino Ganzer, Dom José Gomes e Luís Inácio Lula da Silva. Três pessoas mas um só ideal: tornar o Brasil um país onde haja justiça para a classe trabalhadora.

Pisando na bola

Os companheiros que integravam a Coordenação do Congresso mostraram que além de bons na luta, são também bons de bola. Fizeram um time de futebol para enfrentar o pessoal do Norte. Resultado do jogo: 9 X 5 para o time da Coordenação, com um "banho" de bola. Dizem os fofoqueiros que os nortistas voltaram para casa treinando no ônibus para uma futura revanche...

Engravatado

No Teatro Guaíra, durante o encerramento do Congresso, uma cena diferente: o chefe da Casa Civil do governo do Paraná, Dr. Euclides Scalco, que representava o governador José Richa, era o único da mesa com gravata. Se deu conta e, rapidamente, foi atrás da cortina, tirou o adorno e guardou-o no bolso. Depois, voltou tranqüilamente à mesa.

Platéia animada

Do diretor do Teatro Guaíra: "Nunca vi esse Teatro com uma platéia tão animada". Também pudera, quem precisa de um pedaço de chão para viver faz qualquer coisa. Se for preciso grita, xinga, mete o pau no governo, enfrenta jagunços, a polícia e os latifundiários. É o jeito da classe trabalhadora.

Homenagem

O editor deste jornal, o companheiro Flademir Araujo, entregou o símbolo de gratidão do Movimento dos Sem Terra ao jornalista Juvêncio Mazzarollo, condenado e preso por defender os agricultores paranaenses atingidos pela hidrelétrica de Itaipu. O fato é importante porque a gente sabe que o governo dos patrões faz de tudo para calar os trabalhadores e também aqueles que de uma forma ou de outra estão ao lado destes.

Sem língua, sem fronteiras

Todo o mundo gostou do discurso do companheiro do Equador, Messias Tatamuez, na abertura do Congresso. Outro muito aplaudido foi o representante dos índios, Álvaro Tucano, que falou em nome da União das Nações Indígenas (UNI).

Tatamuez não fala português, mas se fez entender muito bem. Isso prova que para a classe trabalhadora não existe línguas nem fronteiras.

Gafe jornalística

A colega jornalista Maristela Mafei, de São Paulo, estava num pique de trabalho tão intenso na Assessoria de Imprensa do Congresso que numa manhã, ao encerrar o boletim noticioso para uma rádio da capital paulista, comentou: "Maristela Mafei, ao vivo, para a Rádio...! Detalhe: ela falava por telefone.

Estrangeiros

Um jornalista procurava pela delegação estrangeira na portaria do alojamento e ao ser informado pelo porteiro quis saber quais eram os estrangeiros hospedados no local. "Tem um mexicano, um boliviano, um do Equador, do Peru e um índio", informou o rapaz.

Infelizmente, para o porteiro e tantos outros brasileiros, o índio continua sendo um estrangeiro dentro de sua própria pátria.

Pinga proibida

Por determinação da Coordenação, a bebida alcoólica só foi liberada na noite de encerramento do Congresso. Comentou-se que o pessoal do Norte e Nordeste, bastante acostumados com a "pinga nossa de cada dia", passaram muito mal nesses dias.

Solidariedade

E quem se preocupou com a situação do pessoal lá de cima foi o Agnor Bicalho Vieira (o popular Parafuso), que durante os três dias insistiu junto à Coordenação para que liberasse a bebida. Diz ele que fazia isso tão somente pelos companheiros do Norte.

Como a coordenação não cedia, a solução que Parafuso encontrou "para o pessoal do Norte", é bom que se diga, foi um boteco nas proximidades do Congresso. Para a alegria da turma do mée...!

Rumo à Globo

Depois do bom desempenho do gaúcho Antonio Campigotto e do paranaense Valdair no comando dos microfones do Teatro Guaíra, durante a abertura e o encerramento do Congresso, surgiu a seguinte informação: de tão bem que eles foram, serão contratados pela Rede Globo para apresentar o programa Som Brasil. Será mesmo?

A repercussão na grande imprensa brasileira

O 1º Congresso Nacional dos Sem Terra repercutiu em todo o país através da grande imprensa. Os principais jornais do país noticiaram com destaque a realização do Congresso. Alguns deles, principalmente da região Sul do país, analisaram o Congresso em seus editoriais. A cobertura do congresso na área eletrônica (rádio e televisão) também foi eficiente; a rede Bandeirantes e a Rede Globo, bem como rádios de todo o país, utilizaram temas do Congresso em seus noticiários. Aqui está uma amostra do noticiário veiculado pela grande imprensa sobre o Congresso dos Trabalhadores Sem Terra.

Sem-terra exigem reforma agrária
(Trabalhador sem terra é como peixe fora d'água)
O Estado do Paraná (Curitiba)

Sem terras abrem Congresso reivindicando reforma agrária
Jornal do Estado (Curitiba)

Trabalhadores sem terra estão preparando primeiro congresso
Gazeta do Povo (Curitiba)

Agricultores de 22 Estados querem terra
O Globo (Rio)

O grande momento dos sem-terra
Correio de Notícias (Curitiba)

Lavrador quer influir na reforma agrária no país
Jornal do Brasil (Rio)

Sem-terra começam congresso com reivindicações e denúncias
Folha de Londrina (Paraná)

Agricultores sem terra fazem passeata-protesto
Jornal de Santa Catarina

Congresso discute problemas dos trabalhadores sem terra
Zero Hora (Porto Alegre)

Trabalhadores pedem usufruto da terra
Folha de S. Paulo

Nas faixas, nossas lutas



Os sem terra pelas ruas de Curitiba

As delegações de todo o País que compareceram ao 1º Congresso Nacional dos Sem Terra, além dos debates e das discussões, trouxeram em suas faixas algumas opiniões sobre a Reforma Agrária, o futuro governo, a questão da violência e tantos outros assuntos que interessam aos trabalhadores rurais. As faixas estiveram presentes em todos os momentos do Congresso: nos ônibus, em plenário, no teatro e nas ruas. Eis aí algumas delas:

- "Nordestino, a ordem é viver"
- "Queremos ser tratados como seres humanos"
- "Terra não se ganha, se conquista"
- "400 famílias ocupam a Fazenda Campo Alegre, RJ"
- "INCRA: Reforma Agrária na televisão não é a solução"
- "INCRA: Instituto Nacional Contra a Reforma Agrária"
- "Reforma Agrária só com ocupação"
- "Queremos terra, não guerra"
- "Espírito Santo, junto na luta pela terra"
- "Reforma Agrária já — sem terra de Sumaré (SP)"
- "Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Tupi Paulista apóia os movimentos e lutas"
- "Queremos Reforma Agrária controlada pelos próprios trabalhadores"
- "Tancredo, não seja como Figueiredo"
- "São Paulo não espera o INCRA"
- "Se nos prenderem, se nos matarem, voltaremos e seremos milhões"
- "Reforma Agrária para mudar"
- "600 famílias lutam pela terra em Parati"
- "Ceará em busca de terra e pão"
- "Terra! como produzir sem ela?"
- "Os sem terra lutam pelo fim do latifúndio"
- "Chega de promessas, queremos terra e justiça"

Curitiba reuniu mais de 1.500 lavradores de todos os 23 estados brasileiros

O maior Congresso pela terra

Curitiba, 29 de janeiro de 1985. São duas horas da tarde. Antonio Campigotto, do Rio Grande do Sul, e Valdair Mantovani, do Paraná, se dirigem aos microfones do Teatro Guaira. Está sendo aberto o 1º Congresso Nacional dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Na platéia, cerca de 1.500 lavradores de todo o pais. Ali estão representados todos os 23 estados brasileiros.

O Congresso, na verdade, não estava começando neste momento. Começou muitos meses antes, com encontros nos municípios, nos estados e regiões. Não é para menos, pois um encontro deste tamanho não se faz de um dia para o outro. Precisa de tempo, organização, vontade e um motivo forte, que é a terra para trabalhar.

Foi sem dúvida a maior e mais representativa concentração nacional pela Reforma Agrária dos últimos anos. Por sinal, muito bem organizada.

No microfone do Teatro Guaíra, um dos apresentadores dizia bem alto: "Vamos mostrar para os engravatados que nós, trabalhadores sem terra, também sabemos fazer Congresso". Os três dias de trabalho, até o encerramento, mostraram que esta afirmação era verdadeira.

Durante a abertura aconteceram muitas emoções, como os discursos dos trabalhadores sem terra e das pessoas convidadas. São trechos que ficarão registrados na história dos trabalhadores rurais brasileiros. Vamos mostrar alguns.

REFORMA AGRÁRIA

"Nós temos que fazer Reforma Agrária, por mal ou por bem. Todos os brasileiros dependem da Reforma Agrária. Vamos conquistá-la nem que tenhamos de derramar o nosso sangue", disse Jader de Paula, de Uberlândia, Minas Gerais. O lavrador Otacílio Teixeira, de Goiás, ao falar em nome da região Centro-Oeste, contou a expulsão do lavrador de sua terra em forma de verso: "Eu vivia feliz em minha terra/Até que certo dia uma firma muito rica me expulsou/E da noite para o dia virei bóia-fria". Muitas palmas para ele.

Todos também se emocionaram ao ouvir a voz do índio Álvaro Tucano, que falou em nome da União das Nações Indígenas. Disse ele que a ganância dos grandes acabou com mais de 700 nações indígenas no Brasil. E para o índio a terra não tem dono, a terra é de quem nela trabalha, afirmou Tucano. Ele terminou seu discurso perguntando onde estão os direitos humanos e a tal da democracia? Palmas.

AMÉRICA LATINA

O camponês Messias Tatamuez, que falou em nome dos lavradores do Equador e das outras delegações estrangeiras presentes, discursou em espanhol, mostrando que a língua não tem fronteiras. "Os problemas são todos iguais na América Latina. Os assassinatos na luta pela terra também têm os mesmos motivos. Temos que nos unir para enfrentar nossos inimigos comuns, como o FMI, o imperialismo norte-americano e os latifundiários". No final de sua fala observou que "só a revolução popular pode libertar os explorados". Mais palmas.

Muito bonito o discurso do companheiro Avelino Ganzer, vice-presidente nacional da Central Única dos Trabalhadores e presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Santarém, no Pará, o maior do Brasil. Ganzer iniciou denunciando a violência em seu estado e o trabalho escravo que existe nas grandes fazendas do Pará. Em seguida, disse que "não nascemos para ser escravos, nem nascemos para morrermos peões. Temos que mostrar que também somos capacitados para decidir e determinar os destinos deste país". A platéia toda saudou as palavras de Ganzer de pé.

PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES

A companheira Santina Gracielle, do Mato Grosso do Sul, falou em nome das mulheres sem terra. Ela denunciou que o modelo agrícola brasileiro só beneficia as multinacionais. "Enquanto o pais exporta, o povo passa fome", afirmou. Ao final pediu que todos trabalhadores brasileiros, do campo e da cidade, tomem as rédeas da história em suas mãos. Palmas também para ela.

Desde 1964, quando os militares tomaram conta do Brasil, tudo que é autoridade sempre foi contra a Reforma Agrária. No Paraná, depois da eleição das oposições em 82, a coisa é diferente. Por isso, o secretário da Agricultura daquele estado, Claus Germer, foi convidado a participar da mesa de abertura do Congresso e fazer uso da palavra. Ele disse que finalmente os trabalhadores sem terra estavam ocupando um espaço político e defendeu a imediata realização da Reforma Agrária no pais.

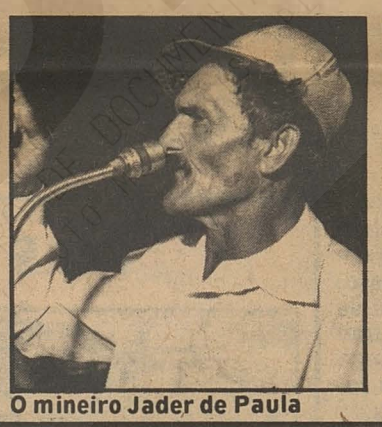
NA LEI OU NA MARRA

Depois de muitos discursos bonitos, foi a vez do companheiro Otalívio Vieira, o "Formiga", falar na abertura do Congresso em nome do Movimento. "A história do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra está sendo construida com muita luta, com muito sofrimento e com muita garra", afirmou ele e em seguida observou: "Trabalhador rural sem terra é como peixe fora d'água".

Por fim, Otalívio fez um alerta muito importante: "Só haverá Reforma Agrária no Brasil se os trabalhadores se organizarem. Queremos alertar que o Movimento dos Sem Terra, daqui para a frente, terá sempre na cabeça a idéia de que conseguiremos a Reforma Agrária na lei ou na marra". Todos bateram palmas e, juntos, gritaram: "-Povo unido, jamais será vencido". Um grito que seria ouvido por muitas e muitas vezes nestes três dias em que Curitiba reuniu trabalhadores de todo o Brasil.

Antoninho e Valdair abrem o Congresso





O mineiro Jader de Paula



Messias Tatamuez



As delegações levantam as pastas para identificar os estados de origem.

Uma mesa bastante democrática

Na mesa da abertura do Congresso tinha tantas pessoas que um dos apresentadores brincou ao dizer pelo microfone que tinha mais gente na mesa do que na plenária.

A mesa foi integrada por todos aqueles que, de uma forma ou outra, têm apoiado os trabalhadores sem terra. Foi, sem dúvida, uma mesa muito democrática. Estavam lá os bispos Dom José Gomes, de Chapecó, presidente nacional da Comissão Pastoral da Terra; Dom José Rodriguez, de Juazeiro, Bahia; Dom Ladislau Biernarski, de Curitiba; o arcebispo Dom Pedro Fedalto, também de Curitiba e o pastor Werner Fuchs, da Igreja Luterana no Brasil.

Tinha outras pessoas, além dos representantes das coordenações nacional e estaduais do Movimento; os secretários paranaenses Claus Germer, da Agricultura, e Nelton Friedrich, do Interior; o advogado João Bonifácio Cabral, do Instituto de Terras do Paraná; Avelino Ganzer, da CUT; Ataídes Maranho, líder sindical do Paraná e o senhor Guido Leroy, representando as entidades religiosas da Europa. Havia ainda representantes da OAB, dos índios, do Movimento de Consciência Negra, dos desempregados, dos Filhos da Terra, do Centro de Defesa dos Direitos Humanos, da Juventude Operária Católica, do CIMI, do Centro de Estudos Migratórios, das delegações estrangeiras e deputados do Paraná e de outros estados.

NORDESTE

Enfrentando todas as dificuldades possíveis para chegar até o Congresso dos Trabalhadores Sem Terra, alguns agricultores das regiões Norte e Nordeste do país tiveram que sair de suas casas com quase um mês de antecedência. Muitos lavradores percorreram milhares de quilômetros, a pé, de bicicleta, a cavalo, de canoa e até mesmo de trem. Todo este esforço foi feito com um único objetivo: discutir seus problemas, suas reivindicações e fazer as suas exigências depois de tantos anos de silêncio, vivendo nestas regiões, onde os conflitos pela posse da terra têm sido os mais graves já registrados no país. Nesta e nas duas páginas seguintes, mostramos como se desenvolve a luta pela terra nas cinco regiões do Brasil, como está a organização das mulheres do campo e a situação dos projetos de assentamentos.

Mutirão para derrubar a cerca

O Nordeste dos coronéis bandidos e dos políticos grileiros desceu em peso a Curitiba para participar do Congresso Nacional. A reportagem do SEM TERRA ouviu algumas das principais lideranças da Região. Nos depoimentos; dois fatos importantes. O primeiro é a pressão organizada dos latifundiários (com o apoio das autoridades). O segundo é a resposta mais organizada ainda dos lavradores.

Em Pernambuco, e parte da Bahia, sete mil famílias do campo e mais 17 mil da área urbana estão ameaçadas pela construção da Barragem de Itaparica, no rio São Francisco. Petrolândia e Itacura, em Pernambuco, e Rodelas, na Bahia, ficarão totalmente embaixo da água. Mas o pessoal não foge da briga: quer 25 hectares para cada família. E mais: que os projetos de assentamento tenham a participação dos lavradores.

Nas áreas que ficarão perto do lago da barragem, se agravam os conflitos. Os fazendeiros estão grilando as terras, por causa da valorização trazida pela água. Vários lavradores já morreram por reagirem à grilagem. "Se esta violência não acabar e as famílias não forem assentadas logo, vamos parar a obra", diz Eraldo José de Souza, do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Petrolândia.

CERCA

Para Damião da França Pinheiro, dirigente do STR de Touros, Rio Grande do Norte, os maiores problemas do Nordeste são a cerca e os conflitos pela terra, que em seu estado chegam a 21 e envolvem 43 mil pessoas. "A polícia e a Justiça não desarmam os latifundiários e seus jagunços. Por isso, nós só confiamos na nossa organização", diz Eliziel Barbosa da Silva, do município de Montanhas. Apesar das pressões, os lavradores tiveram algumas conquistas, como o recente assentamento de 32 famílias.

Na Paraíba, o pessoal mostra que não está para brincadeira. Aconteceram muitas ocupações de terra no ano passado. "Nós entramos e fazemos o roçado, pois não temos emprego, terra e nem caderneta de poupança para viver de juros", justifica Daniel Firino da Silva, do STR de Bananeira. No Baixo Araruna, 43 famílias foram presas e processadas por fazerem um barreiro (poço) numa área de mil hectares onde pretendem viver. Os pontos de conflito no estado estão nos municípios de Bananeira, Araruna, Cajá, Mafumbo e Alagoa Grande, onde foi assassinada a líder Margarida Alves.



No Nordeste, os maiores problemas são a seca (foto) e a cerca dos latifúndios

GRITO DE GUERRA

O pessoal do Maranhão chegou a Curitiba cantando o grito de guerra do Congresso. *"O risco que corre o pau, corre o machado/ Não há o que temer/Aquele que manda matar, também pode morrer"*. Os maranhenses não pararam de denunciar a violência cometida pelos latifundiários, com o apoio dos políticos do PDS e do PMDB e da Frente Liberal (leia-se José Sarney). Para evitar a expulsão das áreas ocupadas, o pessoal do Maranhão usa a cabeça: trabalho em mutirão, na base do coletivo.

Grilagem, expulsões, seca, falta de recursos no plantio, pressões de órgãos como a SUDENE, violência sistemática dos grandes, desestabilização dos sindicatos e associações através dos grileiros e pouca terra. Estes foram os principais problemas levantados por um grupo de lavradores da Bahia, Ceará, Piauí, Sergipe e Alagoas.

ORGANIZAÇÃO

Na Bahia, a organização dos lavradores é fortalecida com a luta sindical e ocupações de terras. Na base do mutirão, o pessoal já pôs abaixo barragens construídas pelos fazendeiros, que inundavam suas roças. Os principais conflitos estão situados nos municípios de Santa Maria da Vitória, Gandu, Wenceslau, Guimarães Itamari e Teotônia. Os lavradores destes municípios trabalham em mutirão para construir suas casas destruídas por pistoleiros. A organização começa a partir dos roçados e das colheitas feitas em conjunto.

No Ceará, onde a perseguição de sindicalistas e o assassinato de líderes é constante, há 23 conflitos declarados pela posse da terra. A fome é outro problema, como mostra a prisão e o espancamento de um grupo de lavradores por matar uma vaca da Fazenda Teotônio, em Quixeramobim, para alimentar os filhos. Já em Quixadá, o fazendeiro Manoel Pereira Lima armou dez pistoleiros para expulsar os lavradores de uma área de dois mil hectares. Mas ninguém quer sair...

RESISTÊNCIA

No Sergipe, os principais conflitos estão nos municípios de Santana dos Frades, Alto da Rolinha, Ilha de São Pedro e Mondeu de Ouço. São conflitos ainda não resolvidos, onde se destaca a resistência dos lavradores, apoiados por sindicatos combativos. A luta é de resistência para não entregar a terra e dentro do possível ocupar as áreas griladas.

No Piauí, a realidade é a mesma dos demais estados do Nordeste. Uma das lutas principais ocorre nos seringais nativos, onde os grandes querem criar gado. Esta situação se verifica em quase todo o estado. O pessoal resiste à expulsão e ao corte dos seringais. Os seringueiros reclamam do pouco apoio dos sindicatos.

MULHERES

Ao lado dos homens, sem medo da luta



Mulheres buscam fortalecimento no Movimento

As mulheres agricultoras, em número superior a 300, trabalharam bastante neste 1º Congresso Nacional dos Sem terra. Participaram de um debate com a imprensa, das discussões dos grupos de trabalho e ainda tiveram fôlego para se reunirem separadamente a fim de discutir seus problemas específicos. Valeu esse esforço todo, tanto que conseguiram lugar na Executiva Nacional do Movimento.

As mulheres do campo, depois do Congresso de Curitiba, buscam agora uma maior integração na luta pela terra a nível municipal, estadual e nacional. A seguir, divulgamos o documento aprovado e muito aplaudido na Plenária de encerramento, e anexado ao Documento Final do Congresso.

— **PARTICIPAÇÃO:** Formar grupos de mulheres por município; realizar reuniões tendo uma representante por núcleo; participar ativamente dos movimentos reivindicatórios, sem temer a luta; participar mais do sindicato e da luta pela Reforma Agrária; conquistar espaço politico na sociedade; assumir a luta de igual para igual com os companheiros; acreditar na sua capacidade de luta; organizar as mulheres nas ocupações, greves e movimentos populares e exigir espaços nos trabalhos de base e nas assessorias.

— **ARTICULAÇÃO:** Fazer maior divulgação da luta da mulher sem terra em todos os locais em que houver necessidade da aplicação da Reforma Agrária; formar coordenações de mulheres a nível estadual, depois de se conseguir organizações de base e exigir maior participação e direitos iguais aos homens na Coordenação Nacional do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.



SUDESTE

A região Sudeste tem quatro Estados: Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro e São Paulo, onde está localizado o maior número de bóias-frias do Brasil. Somente em Minas Gerais, são mais de dois milhões e meio. Mas é uma região onde a luta pela terra existe de forma organizada, como mostram os exemplos do Vale do Ribeira, SP, de Unaí e Vereda de São Francisco, MG.

Lavrador vira favelado na cidade

No Espírito Santo, como nos outros estados, "a terra está desaparecendo das mãos dos trabalhadores". A opinião é do lavrador José Rainho Júnior. As pesquisas do próprio governo demonstram que o fato é verdadeiro: em 1970 existiam 64 mil pequenas propriedades rurais; em 1980, este número baixou para 51.844. Enquanto isso, os minifundiários viram assalariados, passando a morar em povoados ou favelas das cidades.

MINAS GERAIS

Em Minas a terra concentra-se nas mãos dos latifundiários. Cento e setenta e três estabelecimentos agrários detêm cerca de 15 por cento das terras do estado. Lá, existe um contingente de 2 milhões e 500 mil bóias-frias. Este ano foram assassinados 11 trabalhadores rurais. Tudo isso, dentro do mito que se cria a nível nacional de que o mineiro é pacato, é da conciliação e do diálogo.

O governo federal, que patrocina a colonização do cerrado, através da empresa Campo (japoneses e brasileiros) terminou a fase experimental do projeto JICA. Cem mil bóias-frias foram usados para preparar os terrenos para os colonos do Sul utilizarem e agora prometem utilizar um milhão de trabalhadores estendendo o projeto para outras áreas de Minas, Goiás, Bahia e Mato Grosso.

As conseqüências deste projeto são as seguintes: os trabalhadores caem na miséria, os pequenos proprietários vão sumindo, os venenos agrícolas estragam a região de tal modo que os produtos tradicionais, milho, feijão, desaparecem. Os próprios colonos do Sul, junto com os grandes da região, protestaram contra os aumentos de juros dos financiamentos que inviabilizaram a produção.

O governo federal fez, neste ano, duas desapropriações em Minas. No Saco Grande, em Unaí, e Vereda de São Francisco. Estas são conquistas dos trabalhadores organizados em sindicatos, mas muitas lutas dos trabalhadores rurais foram frustradas.

Os posseiros de Cachoeirinha estão passando fome, plantando em pequeníssimas áreas que lhes foram entregues. Os sem terra da região noroeste ocuparam pequena parte da Fazenda Menino (90 mil hectares) e foram retirados pela força policial. Mas os grileiros com seus capangas continuam amedrontando posseiros. Numa das regiões do País, com terras ociosas e devolutas, o povo passa cada vez mais fome.

RIO DE JANEIRO

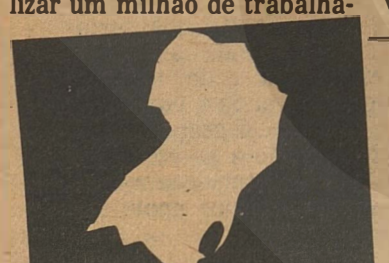
Osvaldo de Oliveira, de Cachoeira do Macacu, falando sobre o problema da terra no Rio de Janeiro, disse que "acabou a repressão da porrada, mas existe a repressão psicológica que é pior. Na minha área, por exemplo, o exército faz manobras na rua. Em 13 municípios, existem áreas conflitantes, como Cachoeira do Macacu, Nova Iguaçu, Caxias, Parati, Angra dos Reis, Macoco, São José do Alto, Macaé, São José da Boa Morte. Inclusive, uma área que foi desapropriada em 1981, o INCRA até agora não entregou para o pessoal 600 lotes de um projeto, só 160 foram entregues e todos estão se organizando para recuperá-los".

SÃO PAULO

José Fernandes do Vale da Ribeira diz que foram feitas diversas ocupações em São Paulo. "As ocupações valeram a pena, porque tinha muita gente aí passando fome: eram bóias-frias, não tinham segurança no emprego e agora vários deles já estão tirando a primeira lavoura, já têm o que comer, e isto já é alguma coisa".

Segundo José Fernandes a receita para o sucesso das ocupações está na organização dos agricultores em torno do Movimento dos Sem Terra e, aí, "cria-se o movimento e pau na máquina".

Bóias-frias, de Andradina, São Paulo



SUL

Organização nasce na base

No Paraná, os Movimentos dos Agricultores do Oeste, Sudoeste, Litoral e do Norte, mostram sua força de organização através de ocupações e acampamentos.

Em Santa Catarina o trabalho consciente cresce. Os sindicalistas pelegos começam a cair, para dar lugar a dirigentes combativos. No Rio Grande do Sul o Movimento ganha respaldo político e já se estende por vários municípios. Este é o Movimento dos Sem Terra no Sul do Brasil.

A reforma agrária entendida como a justa distribuição de terras para alcançarmos uma sociedade igualitária, sem exploração, só será conseguida através da organização dos trabalhadores em suas entidades. Este ponto de vista foi um dos principais assuntos discutidos pelos lavradores da região Sul (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul). Mas o lado político da luta pela terra não foi esquecido.

De todas as entidades de luta, a principal é o sindicato. Na região Sul, como de resto no Brasil, a maioria está nas mãos da pelegada. É gente que pensa como o patrão, como o latifundiário, e só quer saber de assistencialismo barato, sem se preocupar com a luta pela terra. Mesmo assim, com a cumplicidade do governo em muitos casos, a pelegada está caindo. Em seu lugar, assume lavrador bom de briga, fazendo nascer um sindicalismo novo, onde o explorado do campo encontra uma arma para exigir os seus direitos.

"Na nossa caminhada quem mais incomodou foram os pelegos. A própria Federação atrapalhou, ela que devia estar na frente da luta. Felizmente, ela está perdendo prestígio junto aos lavradores". Quem diz isto é Jandir Basso, do MASTRO. Ele lembra que, graças à força da organização, 423 famílias de Medianeira, São Miguel do Iguaçu e Mangueirinha serão assentadas em breve.

SANTA CATARINA

Em Santa Catarina, como explica o companheiro Wilson Santin de Xenxerê, há um governo populista, comprometido com os grandes grupos econômicos. Recentemente, fez grandes financiamentos a juros baratos para o grupo Sadia. "Se eles são bem organizados, nós também temos que ser", diz Santin. "Por isto estamos conquistando os sindicatos pelegos. Na região oeste já temos bom sindicalismo, agora estamos caminhando para o litoral, para afogar no mar a pelegada e a Federação".

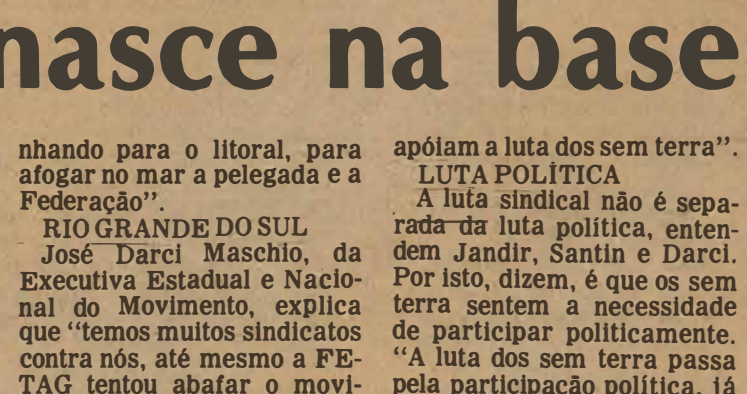
RIO GRANDE DO SUL

José Darci Maschio, da Executiva Estadual e Nacional do Movimento, explica que "temos muitos sindicatos contra nós, até mesmo a FETAG tentou abafar o movimento, fazendo um levantamento dos sem terra. Não adiantou nada porque a nossa organização nasce das bases, é dirigida por agricultores e não por pelegos acostumados a sombra e água fresca. Hoje, dos 230 sindicatos, mais de 60 apóiam a luta dos sem terra".

LUTA POLÍTICA

A luta sindical não é separada da luta política, entendem Jandir, Santin e Darci. Por isto, dizem, é que os sem terra sentem a necessidade de participar politicamente. "A luta dos sem terra passa pela participação política, já que, em qualquer sistema de governo, tudo é decidido politicamente. Estamos despertando para a necessidade de participação política, inclusive dentro de partidos, mas sem perder a autonomia", afirma Jandir Basso.

Acampamento de Imaribo, Paraná



JORNAL DOS TRABALHADORES SEM TERRA

ASSENTAMENTOS

Em todo país é igual: falta assistência



A experiência mostra que é mais vantajoso trabalhar coletivamente nos projetos de assentamento

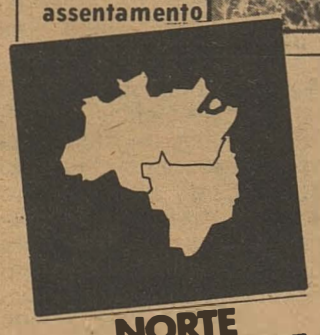
Como usar adequadamente o solo. Como conseguir assistência do governo. Formas de organização e cultivo da terra e, ainda, como ajudar o Movimento dos Sem Terra. Estas foram algumas das principais discussões do Grupo dos Assentados durante o nosso Congresso. Ao final dos debates, uma conclusão: os problemas são os mesmos em todos os projetos de assentamento espalhados pelo Brasil. Para superar esses problemas, ficou decidida a realização de um encontro nacional de assentados, com data a ser marcada.

A falta de assistência dos governos federal e estaduais foi considerada o principal problema. " O sem terra, ao ser assentado, tem poucos recursos para produzir. Para complicar, somos assentados geralmente em terras ruins, que precisam de muitos recursos", diz Antônio Campigotto, do Rio Grande do Sul.

Por isso, o Congresso colocou um item importante no documento final sobre os assentamentos: " Que o Estado garanta todas as condições de produção e assistência nas terras distribuidas". E mais ainda: casas, escolas, sementes, máquinas, preparo do solo, energia elétrica, etc...

Sobre os financiamentos, o Grupo recomenda não pegar dinheiro no banco, só em último caso. A solução é lutar por um crédito coletivo, subsidiado pelo governo. Falando em coletivo, outra recomendação: o trabalho individual, cada um por si e Deus por todos, é meio perigoso. Sempre que possível, o assentado deve produzir coletivamente, porque sai mais barato e aumenta a produção.

"Não adianta se matar lutando por terra, se a gente se desorganiza depois no assentamento. Temos que vencer, senão o governo diz que somos vagabundos. Isto não pode acontecer. Temos um compromisso com o Movimento dos Sem Terra. Esse compromisso, companheiros, é mostrar que sabemos fazer a terra produzir. O alerta é de Juvenal Barbosa da Silva, assentado em Nioaque, Mato Grosso do Sul.



As regiões Norte e Centro-Oeste, juntas, são as maiores em território e também em problemas fundiários. É neste local que está o famoso Bico do Papagaio, conhecido como a região mais violenta do país. Rica em minérios e grandes extensões de terras ainda inexploradas, a cobiça dos fazendeiros não tem limites e vale tudo na posse pela terra. Da invasão de cartórios e falsificação de escrituras a assassinatos frios de trabalhadores. A violência foi o tema que predominou nos debates desses companheiros. Não poderia ser diferente.

Imenso território de problemas

Agmar Souza Gomes, representante do Sindicato de Ouro Preto do Oeste, conta que as colonizadoras levam mão barata do trabalhador de Minas, Espirito Santo, Paraná, para desmatar e amansar a terra para os fazendeiros. "Os colonos migrantes aparecem com a esperança de se fixarem na terra. Quando sentem-se frustrados, começam os conflitos. O governo une-se aos latifundiários para baixar o pau nos colonos e os produtos colhidos são esparramados pelas estradas".

"Existem em Rondônia 10 grandes proprietários de terras, entre políticos, empresários e multinacionais que dominam nove milhões de hectares". Entre estes proprietários, encontra-se o atual ministro do Planejamento Delfim Netto. "Por outro lado, os miseráveis colonos levados pelo INCRA vivem em condições precárias, sem assistência médica, além de enfrentarem jagunços e pistoleiros".

MATO GROSSO

Para o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Nova Brasilândia, José Aparecido Rodrigues, os trabalhadores estão conscientes de que Tancredo Neves não vai fazer Reforma Agrária. "Seu partido lutou para que o povo tivesse o direito de escolher o presidente através do voto direto, ao ver que poderia vencer no colégio eleitoral, deu o golpe no povo. Outra decepção — para José Aparecido Rodrigues —, é o governador Julio Campos, do Mato Grosso, porque "além de ladrão, nunca atendeu a nenhuma reivindicação do trabalhador". "A única saída é fazer a reforma agrária na marra, vai haver muito derramamento de sangue, mas o povo não agüenta mais, a paciência já se esgotou".



Os projetos de colonização só agravam o problema da terra

BICO DO PAPAGAIO

No chamado Bico do Papagaio, considerada uma das regiões mais violentas do país, está a presença marcante do padre Ricardo Rezende Figueira. Ele tem acompanhado de perto os inúmeros assassinatos de camponeses. De 80 a 84, segundo ele, já morreram 104 pessoas na região. Neste grupo de mortos, diz o padre Figueira, encontram-se, além de camponeses, também fazendeiros e pistoleiros. Infelizmente a participação das forças militares e policia federal é constante.

"Há dois tipos de problemas na região: as questões por posse de terra e o trabalho escravo. Grupos empresariais expressivos estão envolvidos diretamente nestas questões. A exemplo, a fazenda Volkswagen, a Fazenda Atlântica Boa Vista, a Fazenda Leite Morais, a Fazenda Novo Mundo, a Fazenda Santa Rosa e um conjunto de empresas agropecuárias que acumulam terras, utilizando dinheiro público através de incentivos fiscais e mesmo de empréstimos com juros negativos, sem qualquer função social. Por outro lado, transformam os trabalhadores em escravos. Não há, por parte do governo, nenhuma preocupação em apurar as denúncias que temos levado".

AMAZONAS

Numa artimanha engendrada pelo governador do Amazonas, Gilberto Mestrinho (PMDB) e do governador de Rondônia, Jorge Teixeira (PDS), com o objetivo de desarticular o movimento que brigava por terras em Rondônia, 400 famílias de sem terra foram levadas para o projeto Aripuanã (AM) e jogadas no meio do mato como bichos. Segundo Dirceu Leal dos Santos, um dos iludidos, "inicialmente eles nos deixaram à noite na beira do rio e disseram: aqui a terra é de vocês". "Mais tarde descobrimos que tinha dono, era o deputado federal José Mario Frota, do PMDB. Depois Mestrinho tentou negociar com ele, dando 50 milhões pela terra".

"Ficamos lá sem qualquer tipo de assistência". "Não agüentamos, em pouco tempo as crianças começaram a morrer. A desnutrição foi braba, eu mesmo perdi dois filhos no projeto. Então começamos a nos organizar e a exigir os nossos direitos.

Mestrinho contratou pistoleiros para me matar e acabar com as reuniões. A repressão foi forte. De 400 famílias só restam no local 80. Mas Mestrinho não desistiu, vendo o projeto esvaziado, ele foi a Curitiba e levou 106 famílias para colonizar a área. Quando viram que foram enganadas, as famílias constituíram uma comitiva e foram falar com o governador. No entanto, em Manaus, foram todos presos e fichados no DOPS.

Ficaram presos e só foram liberados com a intervenção da Igreja".

No Acre, a luta dos lavradores se divide praticamente em duas etapas. A primeira foi para manter as terras quando começaram a chegar os empresários do Sul querendo tomar conta de tudo. A atual etapa de luta está em torno dos projetos de colonização. Milhares de colonos do Sul e do Sudeste do Pais chegam todos os anos ao Estado, muitas vezes ocupando terras já habitadas.

PARÁ

A gleba Cidapar, no estado do Pará, onde vivem 11 mil famílias de posseiros, é uma das áreas, inclusive envolvendo o Bico do Papagaio, mais violentas do país. A luta pela terra é feita atualmente de forma armada e organizada. O problema nesta região é que ela é rica em ouro, diamantes e titânio. O conflito na região vem desde a época do Império. Vale tudo na posse pela terra, até invasão de cartórios e roubo de escrituras.

A violência se intensificou mais a partir do momento em que o ex-governador Alacid da Silva Nunes montou um esquema de segurança para assegurar os investimentos de empresários do Sul. O principal agente de segurança deste esquema é o ex-capitão do exército James Vita Lopes, que nos últimos anos tem torturado e matado vários posseiros. As denúncias destas atrocidades cometidas contra os posseiros têm sido constantes, mas nenhuma providência foi tomada até agora. Em contrapartida, os colonos já começaram a dar o troco. Organizados em grupos, eles começaram a revidar, matando grileiros, fazendeiros e jagunços. Nesta resistência, surgiu a figura de Quintino, o gatilheiro. Chamado de Lampião, Quintino, que era a verdadeira liderança rural, foi morto numa caçada, feita por 600 homens da policia militar.

MATO GROSSO DO SUL

No Mato Grosso do Sul os sem terra já conquistaram uma vitória provisória com o assentamento de 476 famílias na Gleba Padroeira do Brasil em Nioaque. Ao comemorar a vitória eles não esqueceram as dificuldades pelas quais passaram, o trabalho escravo, prática comum dos usineiros daquela região, onde cerca de 20 mil trabalhadores vivem em péssimas condições de alimentação e moradia.

Um dos problemas enfrentados pelos sem terra de Mato Grosso do Sul é o INCRA que em vez de ajudar só atrapalha. Para reassentar 47 famílias em Corumbá, o INCRA desalojando nada menos de 90 famílias que há muitos anos moravam naquela terra.

ENCERRAMENTO

Depois de três dias de trabalhos, os 1.500 lavradores encerraram o Congresso com muita vibração ; só lamentando a ausência do convidado especial, Tancredo Neves

Só faltou o presidente

"Sem terra não há democracia". Este foi o lema do encerramento do Congresso, marcado com muita emoção e vibração. Os 1.500 lavradores de todo o País estavam certos de que a participação popular é o único caminho para que o Brasil torne-se realmente democrático. A frase acima também serviu de alerta ao próximo governo.

Pois, para haver democracia, deve primeiro haver justiça. E só haverá justiça quando todo o homem que dependa da terra para viver tenha o seu lote para plantar.

No plenário do Teatro Guaíra, muita agitação e euforia dos delegados. E no palco, a mesa teve que ser aumentada para acolher todos os nossos convidados especiais. Apenas um lugar ficou vazio, apesar de ter sido reservado há muitos meses: a cadeira do presidente eleito, Tancredo Neves, ou de seu representante legal.

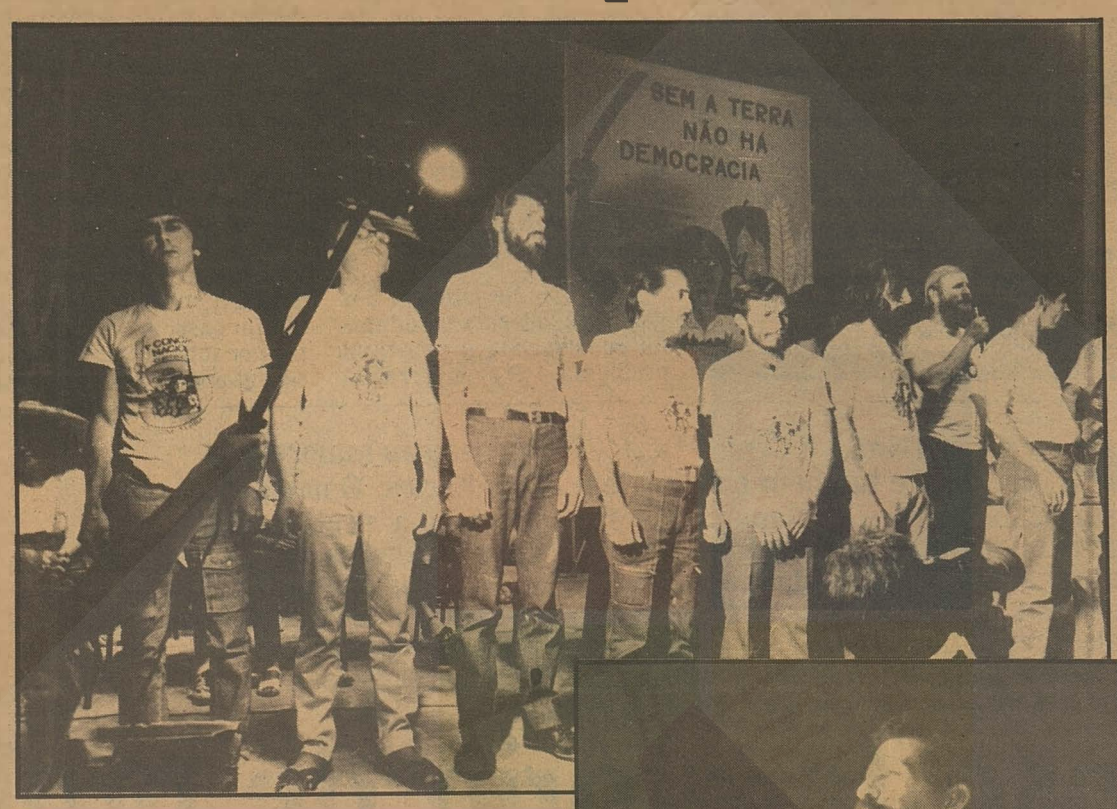
Nem Tancredo, nem seu representante, se dignaram a comparecer. Este fato não tirou o brilho do Congresso, classificado pela imprensa nacional como a maior manifestação dos sem terra brasileiros pela Reforma Agrária.

O SÍMBOLO

O ato de encerramento começou com a entrega do "Símbolo da Gratidão" aos nossos homenageados. Seguiu com a apresentação do documento dos 236 assassinatos no campo e a entrega de um exemplar para os convidados, autoridades e a imprensa. Em seguida, a nova Coordenação Nacional do Movimento tomou posse e prestou o juramento. O líder sindical Avelino Ganzer foi o padrinho e fez a leitura do ato de juramento.

Após o juramento, foi feita a leitura do Documento Final do Congresso, seguida da leitura de todas as moções de apoio aos sem terra. Terminadas as leituras, foi a vez dos discursos de nossos convidados, alguns muito emocionantes, a exemplo da abertura. O último a falar foi o companheiro Osvaldo de Oliveira, do Rio de Janeiro, em nome da direção nacional do movimento.

Por fim, os delegados saíram em passeata pelas ruas centrais de Curitiba. A passeata foi muito bonita, bem organizada, e contou com a participação dos trabalhadores urbanos da capital do Paraná. Durante a caminhada, o pessoal fez a queima dos pelegos, isto é, daqueles que, em vez de estarem ao lado dos trabalhadores, estão ao lado dos grandes. Entre os queimados, estavam as federações de agricultores e o ex-governador do Paraná, o latifundiário Jayme Canet, inimigo da Reforma Agrária.





A nova Executiva Nacional. Na foto menor, o companheiro Osvaldo encerrando o Congresso.

COISAS GRANDIOSAS

"Hoje vocês estão num Congresso Nacional que vai entrar para a história do Brasil. Este fato tem um significado profundo, porque toda a ação organizada de um povo marca os caminhos políticos. Vocês estão mostrando que os pobres têm força, e quando estão unidos estão no caminho para conquistar os seus direitos". Palavras de Dom José Gomes, bispo de Chapecó, e presidente nacional da Comissão Pastoral da Terra, ao dar início a série de discursos.

MENTIRA

O INCRA mente quando diz que entregou um milhão de títulos para os sem terra nos últimos 20 anos. Esta denúncia esteve contida no discurso do companheiro Luiz Guedes Pinto, presidente da Associação Brasileira de Reforma Agrária (ABRA). De acordo com ele, o INCRA vem falsificando os dados, e, na verdade, só entregou 50 mil títulos. "O INCRA contou como Reforma Agrária a entrega de títulos até aos grandes proprietários" completou ele.

SECRETÁRIOS

Na abertura do Congresso, o secretário da Agricultura do Paraná, Claus Germer, defendeu a imediata aplicação da Reforma Agrária. No ato encerramento, foi a vez do secretário da Agricultura de Santa Catarina, Vilson Kleninding, tomar o mesmo caminho. "Vocês estão abrindo um novo canal para as discussões dos problemas dos trabalhadores", disse ele, para a seguir completar que defende "uma Reforma Agrária imediata".

INDEPENDÊNCIA

"É preciso acabar de uma vez com os latifúndios. As próprias estatísticas do Governo demonstram que 70 por cento dos alimentos são produzidos nas propriedades de até 100 hectares. O Brasil só será um país rico e independente quando o povo estiver de barriga cheia, com saúde, com educação e vendo os filhos crescerem com a maior dignidade possível". Palavras de Luís Inácio Lula da Silva, presidente nacional do Partido dos Trabalhadores, o representante político mais aplaudido no encerramento do Congresso.

AGRADECIMENTOS

Ao falar em nome do Movimento, o companheiro Osvaldo de Oliveira, do Rio de Janeiro, agradeceu o apoio das entidades, a presença dos companheiros latino-americanos, as instituições públicas do Paraná, a imprensa e a todos que, diretamente ou indiretamente, colaboraram com a realização do Congresso. Após os agradecimentos, Geraldo exigiu dos parlamentares e das autoridades "peito e coragem para nos defender, de acordo com as nossas exigências apresentadas no Documento Final".

No discurso de encerramento, os sem terra mostraram à sua disposição: "Na volta aos nossos locais de luta, vamos ampliar a nossa organização, tendo como ideal a certeza de que a Reforma Agrária será obra dos próprios trabalhadores e sairá na lei ou na marra". No final, uma lição aos engravatados de como se faz um congresso representativo e bem organizado.

TANCREDO NEVES

"Irei ao Congresso como presidente ou cidadão"

Dia 2 de outubro de 1984. Mais de 40 mil agricultores de todo o Rio Grande do Sul estão reunidos no estádio Gigante da Beira-Rio, em Porto Alegre, para protestar contra a política agrícola do governo. A maior atração deste acontecimento é a presença do candidato da Aliança Democrática, Tancredo Neves. A essa altura, todos já sabiam da vitória de Tancredo no Colégio Eleitoral. Por isso, fora convidado pela FECOTRIGO, organizadora da manifestação chamada de "O grito do campo".

Tancredo Neves chegou às seis e meia da tarde, cercado por mais de 30 seguranças. Mesmo assim, os companheiros Plínio Kirsch, Darci Maschio e Geraldo dos Santos, do Movimento dos Sem Terra do Rio Grande do Sul, conseguem chegar até Tancredo Neves. Os três entregaram um documento mostrando a realidade fundiária do Brasil e, junto, um convite para participar do 1º Congresso Nacional dos Trabalhadores Sem Terra.

O candidato da Aliança Democrática sorriu amigavelmente e afirmou: "Irei ao Congresso de vocês, seja como cidadão, seja como presidente eleito". A imprensa gaúcha registrou o fato no dia seguinte. No dia 31 de janeiro de 1985, a cadeira do Teatro Guaíra reservada para Tancredo Neves estava vazia. O novo presidente não cumprira com a promessa que, meses antes, assumira em público. Os sem terra esperam que Tancredo, quando assumir em 15 de março, leve mais a sério suas promessas. Afinal, não se pode brincar com problemas tão sérios como estes que enfrentam os trabalhadores rurais brasileiros.



Tancredo confirmando sua presença no Congresso

JORNAL DOS TRABALHADORES
SEM TERRA

IMAGENS

1º CONGRESSO NACIONAL
29 a 31 janeiro 1985
Curitiba Paraná

Reportagem fotográfica
Fotos de
Itamar Garcez
Maristela Mafei
Lourdes Grzybowski
Orlando Kissner



A grande passeata pelas ruas de Curitiba após o encerramento.



Até crianças na caminhada pela terra.



Sempre tem a primeira vez em tudo na vida. A primeira vez que lavramos a terra, botamos roça, que colhemos. A primeira vez que tiramos frutos do pomar, temos filhos, alegrias e emoções.
Tem aquela primeira vez, também, que os poderosos nos expulsam da terra, matam nossos filhos, nossos maridos e agridem nossas mulheres. Mas sempre tem, igualmente, a primeira vez que reagimos, nos unimos para lutar. Pela terra. Pela vida.
A primeira vez sempre marca, nos acompanha o resto da vida.

O 1º Congresso, no Paraná, é dessas coisas que marcam, entram para a história. Para a nossa história!
É o palco do nosso despertar coletivo. A primeira vez que, vindos de todos os cantos do país, trocamos idéias de nossas lutas, em grandes plenárias, em reuniões de grupos, em salas ou sob as árvores, e traçamos os planos de nossa caminhada, daqui para a frente.

Paraná passa a ser o símbolo de um novo tempo: o da nossa força. Botamos a cara para fora, sem medo. Lado a lado, nordestinos, gaúchos, paraenses, paulistas, enfim, sem terras de todo o Brasil, nos unimos e saímos, depois, pelas ruas de Curitiba, numa marcha sem igual na nossa história de trabalhadores sem terra. Mas mostramos com ela que a nossa marcha não ficará apenas aí: está começando. E continuará pelos campos, matas, caatingas, serras e em cada palmo de terra desse gigantesco país, que é nosso.



A resistência dos trabalhadores sem terra ficou simbolizada na presença destas cinco mulheres. Todas tiveram os companheiros assassinados porque lutaram por justiça.

Em meio ás propagandas das multinacionais, dez "outdoors" divulgando o Congresso dos Sem Terra atraíram a atenção da população de Curitiba durante o mês de janeiro.



Qualquer lugar foi lugar para debates em grupos.



Exercício de democracia: é hora de votar



Messias Tat



TERRA NÃO S
SE CONQU

Trocamos idéias, misturamos nossos sotaques regionais, nossa cultura, música, falamos de coisas sérias e, por que não, nos divertimos quando os intervalos assim o permitiam. Tudo porque temos certeza da importância desse encontro que realizamos no Paraná. A nossa organização, seja nos momentos de preparação, divulgação, na infra-estrutura do 1º Congresso, aflorou como semente na terra; e a consciência de que todos os estados lutam se materializou como rocha inquebrável.

E ficamos mais confiantes. Não estamos sós nesta caminhada pela terra. Pela tribuna do Teatro Guaíra passaram diversos companheiros, líderes sindicalistas, políticos, representantes do Estado, da Igreja, brasileiros e estrangeiros, todos nos mostrando que estamos no caminho certo e que temos mais apoio do que podia parecer. Nossos irmãos índios estiveram presentes no 1º Congresso. Eles que foram os primeiros a sofrer com a ganância dos poderosos, expulsos de suas antigas terras e — maldita sorte a dos oprimidos —, jogados pelos grandes contra nós, os pequenos. Paraná serviu para mostrar ainda mais que a nossa luta é uma só, o inimigo é o mesmo, e o nosso espírito guerreiro e combativo será o instrumento da nossa vitória.

De todas as raças e cores, de brancos, negros, amarelos, vermelhos e mestiços. Será a vitória do caboclo brasileiro sobre o latifundiário, sobre o capital.
Paraná foi importante também pela significativa presença e atuação das nossas mulheres trabalhadoras. Agora, não só ladeiam o marido, o pai, o irmão na roça, como lideram grupos, movimentos e organizam a luta, a nossa luta, que é a luta de toda a família dos sem terra deste país.



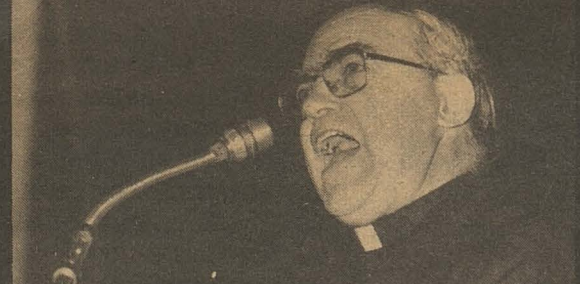
Quem não usou o microfone se manifestou de outra maneira, como fez o "capinador" que veio do Rio



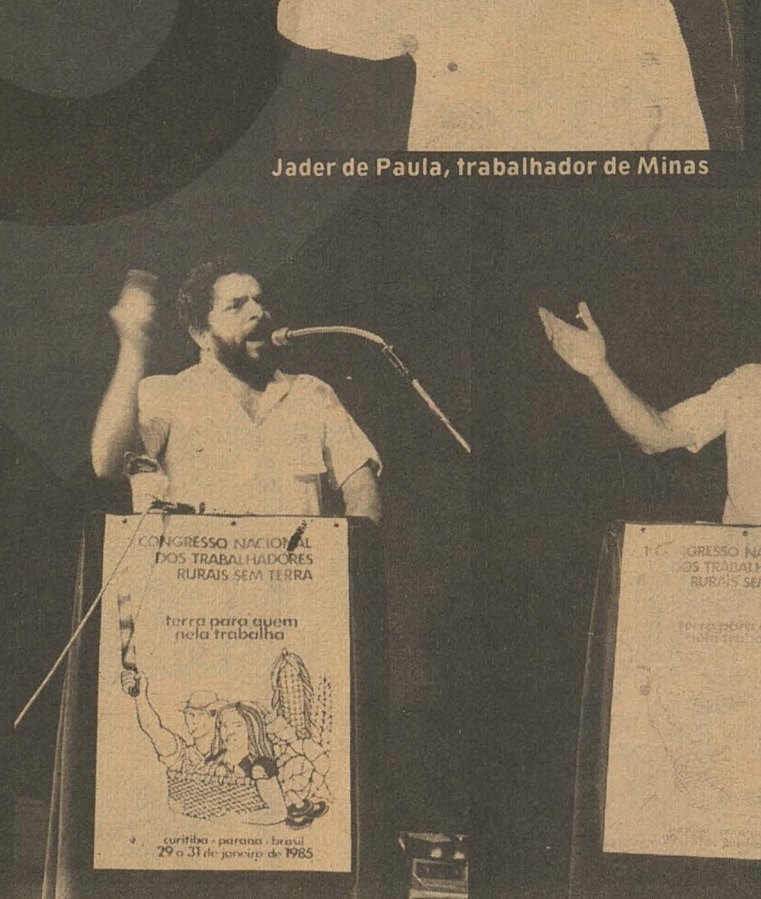
Avelino Ganzer, pela CUT.



Jader de Paula, trabalhador de Minas



Dom Pedro Fedalto, arcebispo de Curitiba



Luís Inácio da Silva, o Lula.

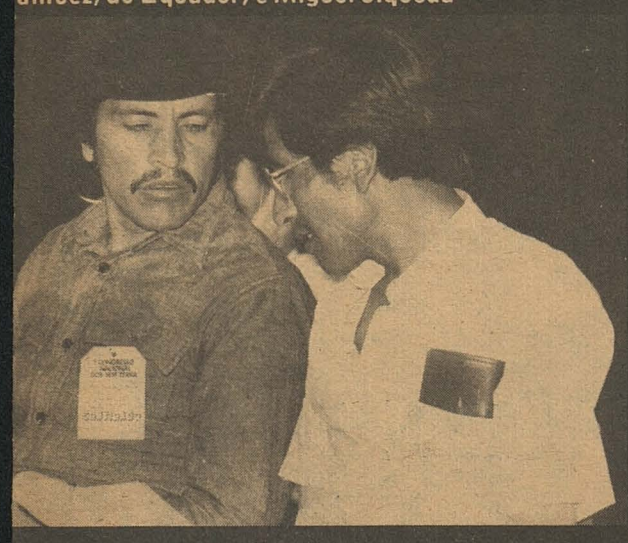


Claus Germer

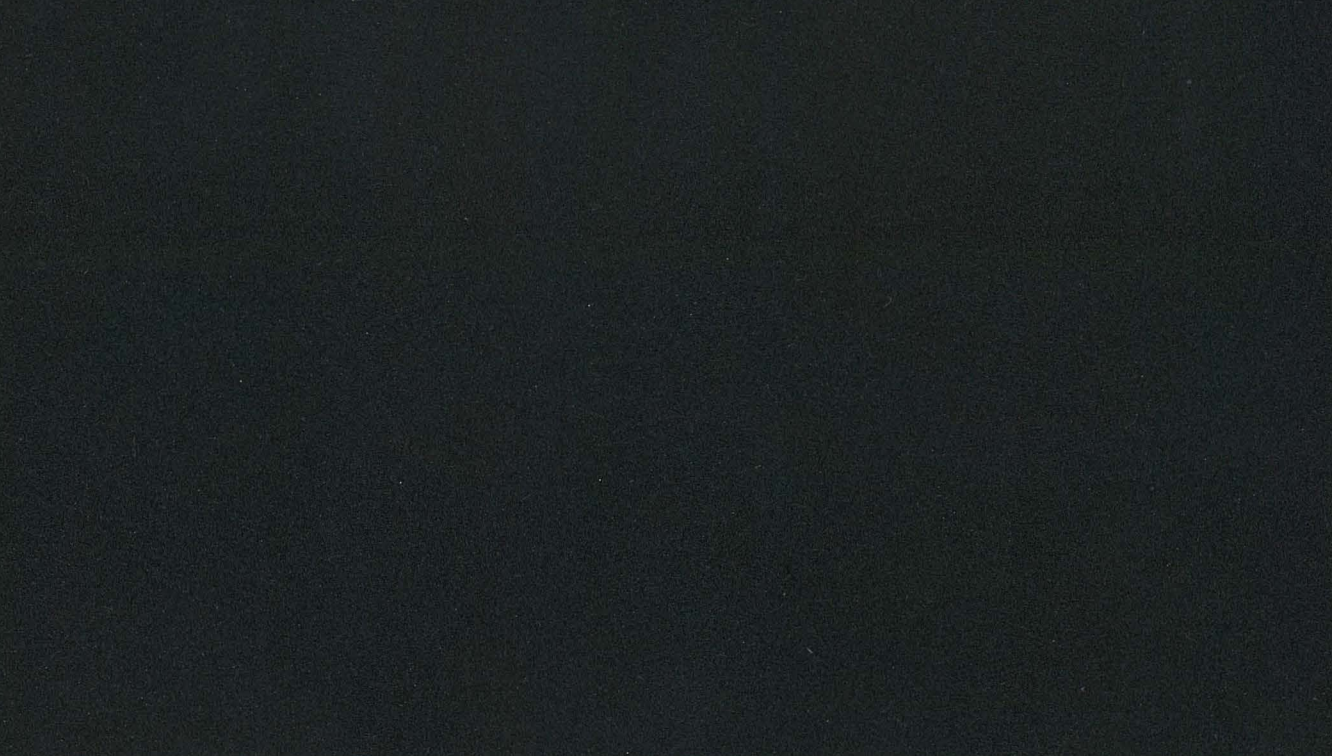


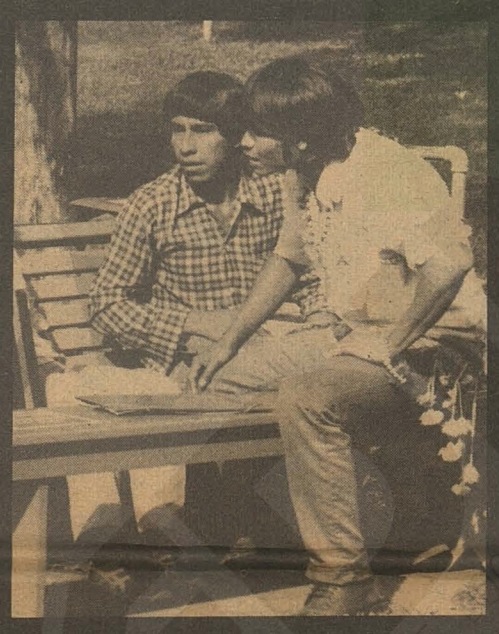
Pela tribuna do Teatro Guaíra passaram dezenas de vozes manifestando apoio aos trabalhadores sem terra: lideranças sindicais, políticas, religiosas, autoridades e trabalhdores.

amuez, do Equador, e Miguel Siqueda





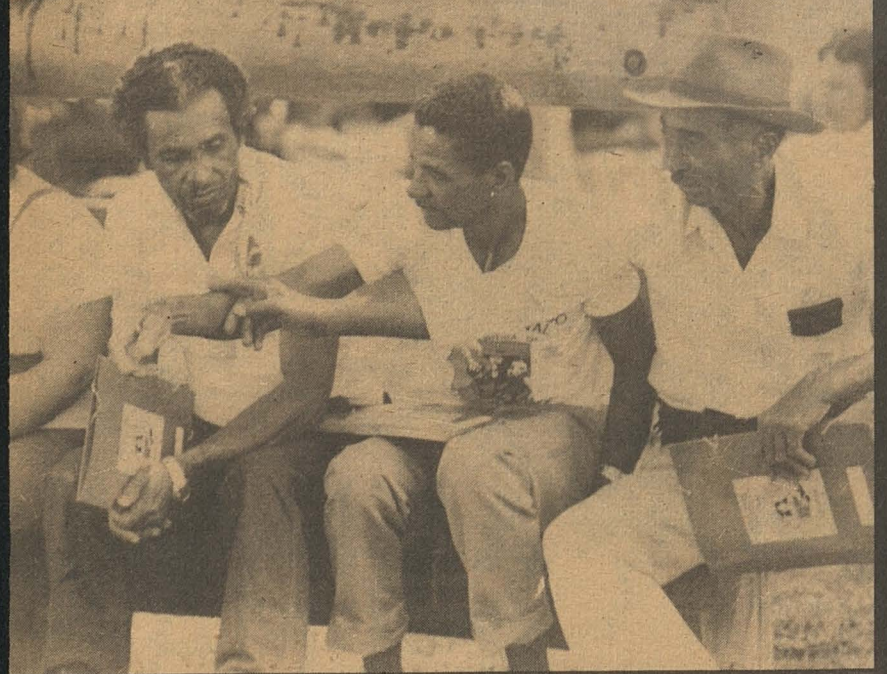






As mulheres, os índios, os trovadores, os companheiros de foice e enxada prontos para a briga, a pausa para a janta, os braços fortes que trabalham a terra se encontrando, e os artistas do couro e das cordas. É o Congresso dos sem terra em confraternização.

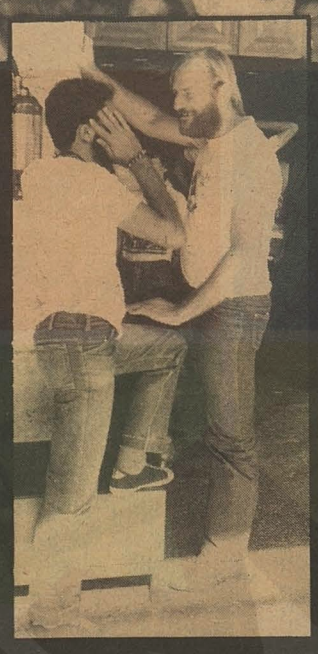


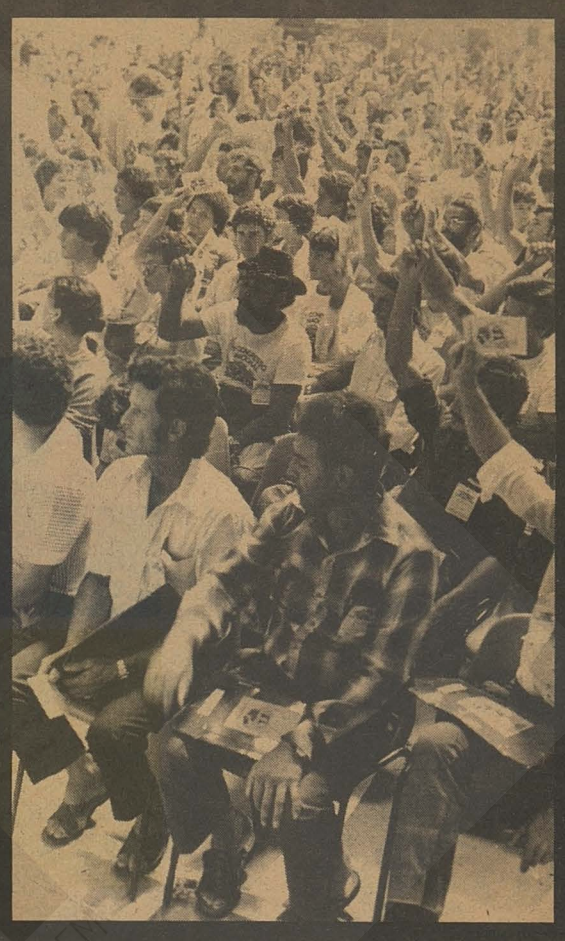




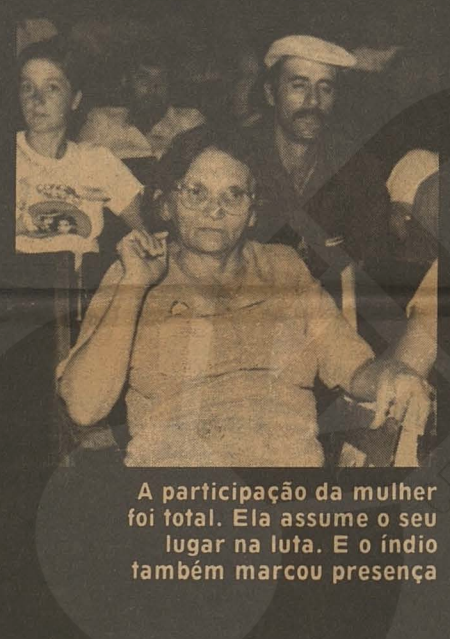


Antes da votação não faltou o conchavo, como de costume

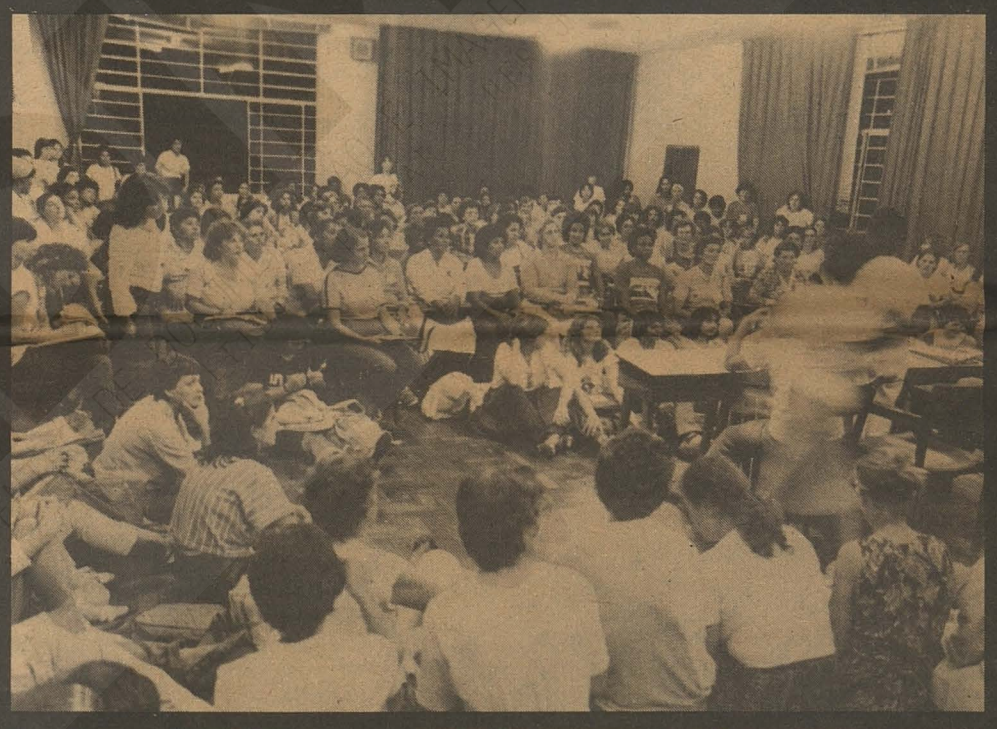








A participação da mulher foi total. Ela assume o seu lugar na luta. E o índio também marcou presença



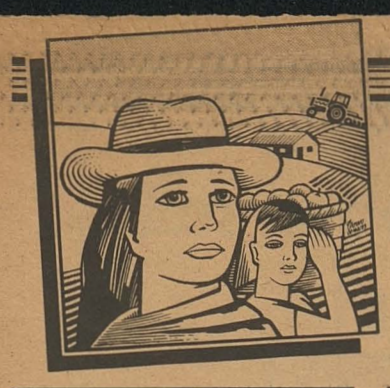
Pelos corredores, pátios e jardins, discussões em altos brados, conversas de pé-de-orelha, conchavos e manifestações espontâneas. Até comunicação por gestos entre irmãos separados por diferentes línguas e territórios, mas unidos pelo mesmo ideal.
O terreno mostrou-se fértil para semear nossa luta, realimentando-nos de esperança e força para continuar; renovou a certeza de que terra não se conquistará no papel, tampouco no papo, e sim no pau. É o despertar de um novo tempo. O prenúncio de grandes vitórias.

Por isso, Paraná se multiplicará como o grão semeado na hora da colheita. E os sem terra, das matas amazônicas às coxilhas rio-grandenses, marcharão juntos outra vez. Organizados em grandes encontros como este do Paraná, mas, sobretudo, Acampando à beira de estradas; ocupando fazendas; enfrentando jagunços, grileiros e fazendeiros a bala; pressionando parlamentares e autoridades. Seja à custa de nosso sangue e de nossas lágrimas, haveremos de conquistar a terra, fator fundamental para a nossa vida. E, a partir de agora, a palavra de ordem, como mostra a feliz imagem de um cartaz na passeata, é

reformagrar...



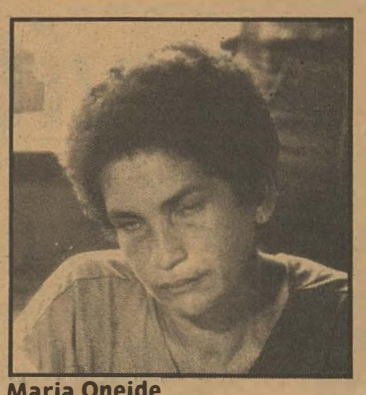
É hora de gritar pela Reforma Agrária



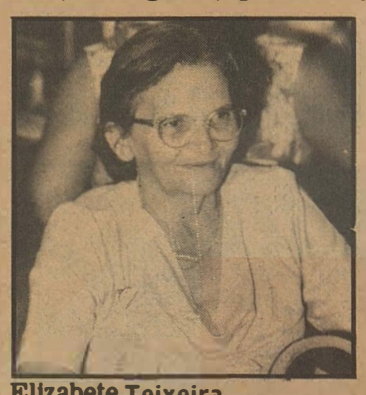
As mulheres trabalhadoras rurais foram um acontecimento à parte neste Congresso. Participaram ativamente dos trabalhos em grupos, das reuniões plenárias; exigiram vagas na Coordenação Nacional do Movimento e ainda tiveram fôlego para varar a noite discutindo os seus próprios problemas. O jornal **SEM TERRA** reuniu cinco lideranças femininas e promoveu um debate com a participação de jornalistas dos jornais: **O Estado de S. Paulo, Jornal do Brasil, Folha de Londrina, Correio de Notícias** (Paraná), Revista **Isto É** e vários outros. O debate foi coordenado pela companheira Ana Maria Maneschi, advogada, que atua junto aos lavradores do Pará.



Maria de Fátima



Maria Oneide



Elizabete Teixeira



Santina Gracielle



Lina

As mulheres vão à luta

Neste debate, cinco mulheres, trabalhadoras rurais, relataram a luta travada pelos agricultores Sem Terra. Três delas, Maria Oneide da Costa Lima, de 33 anos, de Conceição do Araguaia, no Pará, Maria de Fátima Lima Bandeira, de 33 anos, de Thomé Açu, norte do Pará, e Elizabete Teixeira, de 59 anos, da Paraíba, tiveram seus companheiros assassinados, quando defendiam seus direitos pela posse da terra.

Elizabete Teixeira, junto com seu marido João Pedro, foram os personagens principais do filme "Cabra Marcado Para Morrer". Participaram também do debate: Santina Gracielle, de 29 anos, de Mato Grosso do Sul, integrante da Coordenação Nacional do Movimento dos Sem Terra e Maria Pinheiro Pereira, a Lina, de 37 anos, de Londrina (Paraná) integrante da Comissão Executiva Estadual dos Sem Terra.

OS DEPOIMENTOS

Os depoimentos das cinco mulheres, trabalhadoras rurais, foram marcados pelo sofrimento. Maria Oneide, mãe de seis filhos menores, relatou como foi a morte de seu marido, o Gringo (Raimundo Ferreira Lima), e as lutas travadas por sua gente em Conceição do Araguaia. Maria de Fátima Lima, esposa de Benezinho (Benedito Alves Bandeira), descreveu a sua luta, que continua depois da morte do seu marido.

Elizabete Teixeira, mãe de 11 filhos, narrou o assassinato de seu companheiro, o líder camponês João Pedro, quando a liga camponesa da qual faziam parte já estava com 7.000 associados. Santina Gracielli, mãe de três filhos, falou sobre a vitória que os trabalhadores de Ivinhema, em Mato Grosso do Sul, obtiveram com o assentamento em Nioaque. Lina, mãe de cinco filhos, era favelada em Londrina, quando participou da ocupação da gleba do antigo projeto da Penitenciária Agrícola de Tamarana. Lina, por sua vez, fala o que pensa das mulheres Sem Terra.

Folha de Londrina — (Paraná) — Gostaríamos de saber como é que está se dando a luta da mulher no campo?

Maria Oneide — Na minha região, não tem nenhuma luta específica em serviço da mulher. Logo após a morte do Gringo, a luta era para dar mais apoio aos lavradores. Também porque, na época, a gente tinha que se deslocar para Conceição e não tinha nenhum tipo de transporte, foi difícil, a partir daí a gente formou um grupo de mulheres para acabar com todas estas coisas. Devido à repressão, o grupo foi desativado. Agora, a gente participa na organização de um sindicato, luta por escolas para os filhos e ajuda os maridos na luta.

Estado de São Paulo — Pediria que as mulheres que tiveram seus maridos assassinados relatassem como foi que aconteceram estes fatos?

Elizabete Teixeira — Nós começamos a luta camponesa na Paraíba, no início de 1958. João Pedro organizou os camponeses e fundou a associação dos lavradores. Conseguimos acabar com o "cambão", que era um dia de trabalho semanal de graça que os trabalhadores davam para o patrão. Com isto, a situação de João Pedro foi ficando cada vez mais difícil. Mesmo assim, ele continuava a luta no campo.

Quando os dois policiais militares e um fazendeiro assassinaram João Pedro, no dia 12 de abril de 1962, havia 7.000 camponeses associados na Liga Camponesa. Assumi, então, o comando da luta em lugar dele. A repressão virou contra mim. A mulher não pode ficar de braços cruzados, ela tem que enfrentar e lutar. Quando eu vi o marido barbaramente assassinado, enfrentei a luta em protesto por aquele assassinato. Fui várias vezes presa, mas voltava sempre. Quando chegou o golpe de 64, fui presa pelo Exército. Passei dois meses presa. Quando me libertaram, voltei para a casa de meu pai, reencontrando meus 11 filhos que tinha abandonado. Mais tarde, tive que fugir outra vez, porque sabia que ia morrer. Fiquei 17 anos no Rio Grande do Norte, usando nome trocado.

Correio de Notícias — E os homens aceitaram a sua liderança?

Elizabete Teixeira — Não houve dificuldades. Os camponeses me consideravam, a luta cresceu e chegamos ao ponto de ter 16 mil associados. Foi a maior liga camponesa do Nordeste. O filme (Cabra Marcado para Morrer) é um relato, é a história de uma família da liga camponesa daquela época, é a destruição de uma família pelo sistema, a família de João Pedro Teixeira. Então, agradeço muito quem for assistir ao filme, fica sabendo melhor da realidade da história do nosso Brasil.

Maria Oneide — A gente entrou na luta no final de 75. O Gringo começou a conscientizar os lavradores. Nós tínhamos um sindicato pelego, os lavradores viram que a situação só mudaria se mudasse o presidente do sindicato. Em 1979, os lavradores escolheram o Gringo para a chapa de oposição. Em abril de 1980, ele foi convidado a participar de uma reunião em São Paulo, quando voltou foi morto em Araguaína, em Goiás.

Sem Terra — Em que pé está a situação do sindicato? E a apuração do caso?

Oneide — Olha, o sindicato continua na mão do pelego Bertoldo. Quanto ao assassinato do Gringo, nunca foi aberto inquérito.

Maria de Fátima Lima — Benezinho começou trabalhando, organizando o pessoal. Os lavradores acharam que ele deveria ser delegado sindical. Dois anos depois, elegeram ele de presidente. Aí, os latifundiários acharam que ele não estava sendo "bom" como presidente. Então, o fazendeiro Acrino Breda, do Espírito Santo, mandou três pistoleiros matarem ele.

Isto É — Qual foi a reação da população?

Maria de Fátima Lima — Mais de duas mil pessoas, entre homens, mulheres e crianças, se reuniram. A revolta era tanta que destruíram a cadeia e mataram os três bandidos. Se a polícia não fugisse, morreria também. A única coisa que lamento é o fato do mandante estar vivo. Ele tinha que acabar como o Benê, morto.

Sem Terra — Gostaríamos que a Lina e a Santina relatassem suas experiências dentro do Movimento dos Sem Terra.

Lina — Ocupamos o terreno de 109 hectares da Penitenciária de Tamarana, que estava desocupado. Tivemos muitas dificuldades, como problemas de saúde. A gente sabe que os grandes querem esvaziar a nossa luta, mas estamos firmes. A gente perdeu a safra, mas tenho certeza que ninguém perdeu a coragem. Vamos, agora, exigir apoio do Estado. Ele tem obrigação de nos ajudar.

Santina — Sem a participação da mulher, o homem pouco avança na luta. Talvez agora, depois deste Congresso, as mulheres participem mais ativamente, porque aqui estão quase 400 companheiras de todo o Brasil participando dos trabalhos, discutindo e se fazendo ouvir.

As mulheres têm condições de fazer as' mesmas coisas que o homem. A mulher tem que conquistar o seu espaço. E não apenas ganhar espaço, sem fazer força. Chegamos aqui no Congresso e constatamos que não havia nenhuma mulher na mesa. Achamos que era injusto. Discutimos bastante e acabamos com duas mulheres ocupando a mesa e a Coordenação Nacional do Movimento. É assim que deve ser feito. Porque nós, mulheres, acreditamos que qualquer vitória no campo, seja a conquista de um pedaço de terra, seja a Reforma Agrária, só será alcançada quando a mulher e o homem estiverem juntos na luta, em igualdade de condições.



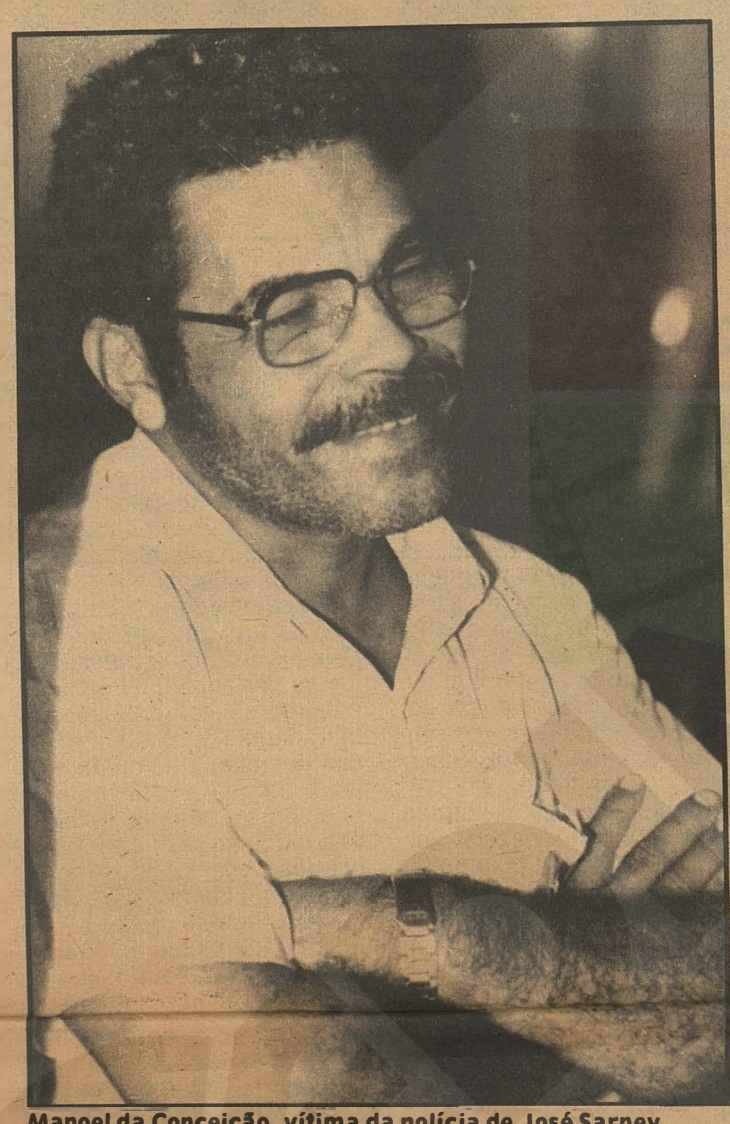
As mulheres agricultoras, unidas, avançam na sua organização



A questão da violência é outro tema que preocupa os trabalhadores rurais. E não é por menos: somente nos últimos três anos foram assassinadas 236 lideranças camponesas. Um verdadeiro massacre. Os dados constam no documento divulgado pelo Movimento dos Sem Terra durante o Congresso — veja matéria na página ao lado.

Violência: falam as vítimas

Para falar sobre esta questão reunimos quatro pessoas que conviveram com formas e em épocas diferentes de violência no campo: o padre Ricardo Rezende, da CPT do Araguaia-Tocantins; Francisco Chagas, posseiro de Viseu, Pará, onde recentemente a policia assassinou o lavrador Quintino; Manoel da Conceição Santos, natural de Coroatá, Maranhão, ativo militante camponês desde 1955, e o jornalista Juvêncio Mazzarollo, condenado (e preso) pela Lei de Segurança Nacional por defender os interesses dos trabalhadores rurais desalojados pela hidrelétrica de Itaipu, no Paraná. Esta seção de depoimentos foi coordenada pelo advogado Daniel Rech, da CPT Nacional, Goiânia, e acompanhada pelos jornalistas que fizeram a cobertura do Congresso.



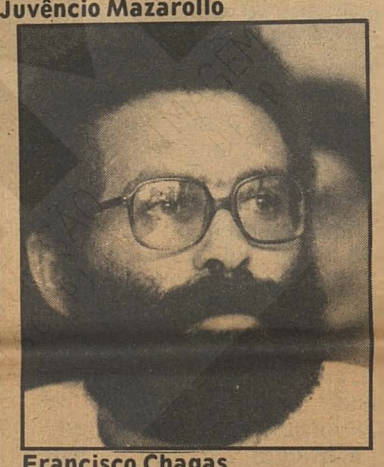
Manoel da Conceição, vítima da polícia de José Sarney



Padre Ricardo Rezende



Juvêncio Mazarollo



Francisco Chagas

PADRE

A violência pela posse da terra não se limita à matança covarde de indefesos lavradores. Há outros tipos de violência, também comuns, como a destruição de roças, expulsão de terras, incêndios criminosos de casas, sevicias de mulheres, o trabalho escravo, a prisão e a tortura. Enfim, tudo é válido para afastar o lavrador de seu chão, ou para calar todos aqueles que se posicionam ao lado dos explorados. Esta é a visão do padre Ricardo Rezende sobre a violência.

Ele fala:

— Moro em Conceição do Araguaia, no sul do Pará. A região está mergulhada na violência e tem sido assaltada por grandes projetos agropecuários, cujas sedes estão em São Paulo ou no estrangeiro. A violência pela terra tem deixado um rastro de sangue muito grande. Outro problema grave é o trabalho escravo nesses grandes projetos.

Os dados do padre Rezende são chocantes, mas não o suficiente para sensibilizar as autoridades e a Justiça. Nos últimos quatro anos, em sua região, morreram 104 pessoas, ocorreram 291 ameaças de mortes, 195 pessoas foram espancadas, 411 famílias despejadas, 340 casas destruídas, 90 lavradores presos e 1.100 pessoas trabalhando como escravos. Ele revela:

— Temos provas da participação das policias Federal e Militar nesses acontecimentos. Denunciamos isso à Justiça, mas ela só atua contra os lavradores e religiosos. Em Araguaina, quatro lavradores estão presos desde dezembro, seis lavradores estão com prisão preventiva e, ainda, 10 agentes pastorais, no norte de Goiás e no sul do Pará, têm ações tramitando contra eles, afirma o padre.

E o que fazem as autoridades? O padre Rezende responde:

— O governador Iris Rezende (PMDB), de Goiás, colocou 20 juízes em nossa área, sem contratar defensores públicos. Já o governador Jáder Barbalho, do Pará, também do PMDB, defende com unhas e dentes o grupo Joaquim de Oliveira, do Rio Grande do Sul, responsável pelo massacre na Gleba Cidapar, no município de Viseu.

QUINTINO

Para falar sobre a violência na Gleba Cidapar, ouvimos o posseiro Francisco Chagas, que conta em detalhes tudo o que acontece por lá. As noticias não são nada boas, como a morte de Quintino Silva Lira, "o matador de cabra safado". "Quintino era amigo de todo o mundo porque botava os jagunços a correr", conta Francisco. "Quando ele foi assassinado, o pessoal chorou muito".

A violência na região começou quando o grileiro Moacir Pinheiro Ferreira, usando documentação falsa, quis se apossar de uma área de 387 mil hectares, onde vivem mais de 10 mil famílias. Ele passou a documentação para um tal de Mignone, que conseguiu um grande empréstimo com o Banco Denasa de Investimentos para desenvolver um projeto. Pegou o dinheiro, enfiou no bolso e disse que o projeto fracassou.

Para não perder o dinheiro e em vez de processar o responsável, o Banco simplesmente passou a área para 11 empresas, entre elas o Grupo Joaquim Oliveira. Nesta negociação, participaram os ex-governadores Alacid Nunes, do Pará, e Amaral de Souza, do Rio Grande do Sul.

As empresas queriam a área de qualquer maneira porque tem ouro, diamantes e outros minérios, mas não contaram com a resistência do pessoal. Contrataram o capitão James Vita Lopes, do Doi-Codi de São Paulo, para expulsar os lavradores. Usando helicóptero e chefiando um bando de jagunços armados de fuzis e metralhadoras, ele fez de tudo.

— Violentaram mulheres, prenderam colonos, torturaram, queimaram casas, jogaram bombas e mataram lavradores e garimpeiros para roubar o ouro, relata Francisco. Frente à violência, não restou outra saida aos posseiros senão reagir para se defender. Assim surge a figura de Quintino — que, antes de se tornar matador de cabra safado, teve o pai e um cunhado assassinados.

Durante os conflitos, Quintino perdeu a companheira Antônia. Hoje, os lavradores da Gleba não só choram a morte de Quintino, mas também de outros companheiros. Entre eles, Enoque, Sebastião, Elias Afonso, Silvestre, Porto Cabralzinho, Torres, todos assassinados devido à ganância dos grandes, com o apoio da polícia e das autoridades.

SARNEY

Manoel da Conceição Santos, natural de Coroatá, Maranhão, hoje vive em Recife, Pernambuco. Há 30 anos está na luta pela terra. Nesse tempo, sofreu muito com a violência. E conta:

"Entre 60 e 62 fundamos uma associação rural no Maranhão. Durante uma reunião, a casa foi cercada pela polícia. Sete companheiros morreram fuzilados", diz ele. Com o golpe militar de 64, Manoel teve que abandonar o Brasil. Exilou-se na Suíça e voltou em 79 com a anistia política.

Quem acredita em mudanças no governo Tancredo Neves e José Sarney tem que ouvir a história de Manoel:

— O Sarney é o maior grileiro do Maranhão. Em 62, quando era governador do estado, a sua polícia tentou me matar. Me acertaram sete tiros e, por causa de um deles, perdi a perna direita. O Sarney tirou a terra de muita gente.

— Eu sempre fui preso por defender os lavradores. Mas, até hoje, nunca conseguiram nada. Eu tenho um processo contra o Sarney, que está parado. Mas agora vou tocar para a frente, porque ele merece, né? Ele não só grilou as nossas terras, como quase todo o Maranhão. Quem fez tem que pagar, não importa quem seja a pessoa, concluiu o líder camponês.

PRISÃO

O último depoimento sobre a violência no campo foi o do jornalista Juvêncio Mazarollo, do Jornal "O Nosso Tempo", de Foz do Iguaçu, Paraná. Por defender os agricultores expropriados pela usina de Itaipu, foi condenado pela Lei de Segurança Nacional. Ficou um ano e meio encarcerado, e foi o último preso político no Brasil pós-64. Acabou virando o símbolo da luta do povo brasileiro contra essa miserável lei.

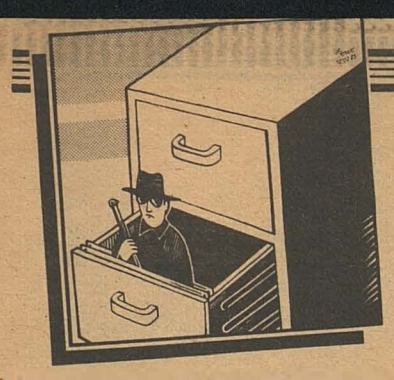
Atualmente, Juvêncio se dedica a escrever um livro contando os podres que envolveram a construção de Itaipu e a tragédia ecológica que representa esta obra. Para os trabalhadores rurais do Brasil, Juvêncio diz:

— Em qualquer parte do mundo, onde os trabalhadores estão organizados, a violência é sempre menor. Se todo o povo brasileiro se unir, tenho certeza que não haveria nenhuma violência e acabaria a expulsão da terra.

Seguem os depoimentos

Na próxima edição o SEM TERRA continua com a seção de depoimentos que reuniu Dom José Gomes, presidente da CPT Nacional; José Gomes Novaes, baiano, secretário rural da CUT; Luiz Guedes Pinto, da ABRA; Dom José Rodrigues, bispo de Juazeiro, BA; Darci Maschio, lavrador gaúcho, da Coordenação Nacional do Movimento dos Sem Terra. Eles falam sobre a questão agrária face ao novo governo.

A quarta e última etapa dos depoimentos é sobre a realidade agrária na América Latina. Falam sobre esta questão os representantes das delegações do Peru, Bolivia, México, Equador; e os brasileiros Avelino Ganzer, vice-presidente da CUT e o lavrador Agnor Bicalho Vieira, do Movimento dos Sem Terra.



DOCUMENTO

Assassinatos no campo

Crimes e impunidades

1982 - 1983 - 1984

A apresentação do documento **Assassinatos no Campo — Crimes e Impunidades**, foi o ponto alto do 1º Congresso Nacional dos Trabalhadores Sem Terra. O documento, preparado especialmente para o Congresso, levou cinco meses para ser concluído.

Três pesquisadoras, Lyz Melo Duarte, Maria Cristina Vanuchi Leme e Maria Joana Araújo Poletto, não mediram esforços na difícil e triste tarefa de pesquisar os arquivos da Comissão Pastoral da Terra (CPT), relatórios de entidades sindicais, boletins do movimento popular e as publicações da grande imprensa.

ASSASSINATOS

O documento, que abrange três anos de pesquisa (1982/83/84), apresenta a relação de 236 assassinatos, ocorridos por questões de terra, não incluindo os índios, garimpeiros e os bóias-frias. Mesmo assim trata-se do estudo mais completo já realizado no país, estimando-se que ainda estes dados referem-se a apenas 10% da real violência praticada no campo contra os trabalhadores rurais.

O documento responsabiliza diretamente a política agrária do governo pela guerra não reconhecida oficialmente, não declarada, contra os camponeses. Esclarece ainda e fornece os nomes, tanto das vítimas como dos criminosos, bem como também as datas e circunstâncias em que ocorreram os crimes. Um dos objetivos principais do documento é demonstrar que a luta pela terra não é um caso de polícia em defesa do capital, mas uma luta pela justiça social.

IMPUNIDADES

Outro ponto abordado pelo documento é a impunidade, ou seja, a falta de providências jurídicas na maioria dos casos. Praticamente nenhum dos assassinatos de trabalhadores rurais foi levado a tribunal e tanto os mandantes como os executores permanecem sem julgamento de nenhuma espécie. Por isto, o Movimento dos Sem Terra, através deste relatório, exige uma justiça verdadeira em relação a estes companheiros assassinados, bem como a localização e condenação dos assassinos.

O documento exige também que as famílias das vítimas sejam protegidas e amparadas, que a política agrária brasileira seja radicalmente modificada, passando a terra e os recursos públicos para as mãos dos trabalhadores rurais e não mais para os grandes fazendeiros. Alerta o documento que se nada for feito, nem forem tomadas medidas oficiais para favorecer o acesso à terra aos trabalhadores sem terra, o Movimento vai continuar a buscar as ferramentas necessárias para conquistar a terra com as suas próprias mãos, usando, também, os meios ao seu alcance para defender suas lideranças e suas vidas.

A fim de que o documento cumpra a sua função de tornar públicos estes fatos, uma vez que a imprensa oficial e as autoridades omitem de forma generalizada a violência que ocorre no campo, o relatório está sendo enviado às autoridades ligadas à área, ao poder judiciário, aos parlamentares, aos partidos políticos, às entidades comprometidas com as lutas populares e à opinião pública brasileira.

AS VÍTIMAS, MATADORES E MANDANTES



Elói Ferreira da Silva

Casado, 54 anos, 10 filhos, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de São Francisco, Minas Gerais.

Autoria do crime: os prováveis assassinos são os jagunços José Mendes e Paulo Leonardo, que haviam ameaçado Elói 48 horas antes do assassinato.

Descrição do crime: ocorreu na localidade de Serra das Araras, a 200 quilômetros de São Francisco. Elói foi abatido com três tiros.

Causa do crime: Elói defendia famílias de agricultores pressionados por grileiros interessados em suas terras.

Providências jurídicas: as diligências foram iniciadas dia 17 de dezembro pelo delegado Sebastião Miranda da Silva.

Clemente de Oliveira

Lavrador, casado, líder de um grupo de arrendatários, pai de filhos, foi assassinado a 5 de agosto de 1983 na Fazenda Junqueira, município de Eldorado, Mato Grosso.

Autoria do crime: mandante — fazendeiro Eduardo Junqueira. Praticante — empregado da fazenda.

Descrição do crime: Clemente foi assassinado friamente na lavoura onde trabalhava juntamente com uma filha de 12 anos, espancada quando correu em socorro do pai.

Causa do crime: Clemente liderava a luta de 30 famílias de arrendatários ameaçadas de expulsão pelo proprietário Eduardo Junqueira.

Providências jurídicas: foi aberto processo e o julgamento dos culpados ocorreu em dezembro de 1984 no fórum de Eldorado, Mato Grosso. Não se tem notícias do resultado do julgamento.

Raimundo Alves da Silva (Nonatinho)

Lavrador, casado, 50 anos, 12 filhos, residente em Santa Luzia, Maranhão. Era tesoureiro do Sindicato dos Trabalhadores Rurais e foi seu primeiro presidente.

Autoria do crime: três pistoleiros não identificados.

Descrição do crime: um carro amarelo, marca Volkswagen, aproximou-se da casa de Nonatinho e disparou quatro tiros, fugindo em seguida.

Causa do crime: O sindicato defendia os lavradores contra os grileiros de terra em vários conflitos na região de Pindaré.

Providências jurídicas: deputados subscreveram telegramas ao Ministério da Justiça e ao governo do Maranhão, exigindo a punição dos criminosos. O processo foi remetido ao judiciário e estão sendo feitas diligências para identificar os assassinos.



Henrique José Trindade

Posseiro da localidade de Capão Verde, município de Alto Paraguai, Mato Grosso. Com 42 anos de idade, casado, três filhos, foi assassinado a 4 de outubro de 1982 (a esposa estava grávida no oitavo mês de gestação)

Autoria do crime: mandante — Augusto José da Costa, proprietário da Fazenda Coreana. Praticantes — a polícia civil e jagunços da fazenda.

Descrição do crime: foi morto ao tentar reagir à invasão de sua casa pela polícia e jagunços da fazenda. Durante o tiroteio travado dentro da casa um dos filhos de Henrique foi ferido. O corpo do posseiro foi encontrado no dia seguinte com um dos olhos perfurado por tiros, o outro olho arrancado e o lábio inferior decepado.

Causa do crime: o fazendeiro pretendia anexar à sua propriedade uma área devoluta de 1.200 hectares onde vivem quatro famílias de posseiros.

Providências jurídicas: Nenhuma

Avelino Ribeiro da Silva

Delegado sindical e lavrador de Igarapé Preto, município de Santarém, Pará. Casado, cinco filhos, foi assassinado a 24 de março de 1984.

Autoria do crime: grileiro Otacílio Alves Feitosa

Descrição do crime: Avelino foi alvejado a tiros por Otacílio quando passava em frente à casa deste. O grileiro, na ânsia de acertar mais tiros no lavrador, acabou matando sua própria filha que estava ao lado.

Causa do crime: Avelino atuava em defesa dos posseiros da região.

Providências jurídicas: o pistoleiro foi preso mas logo solto. O processo até dezembro de 84 estava parado.



Sebastião Rosa da Paz

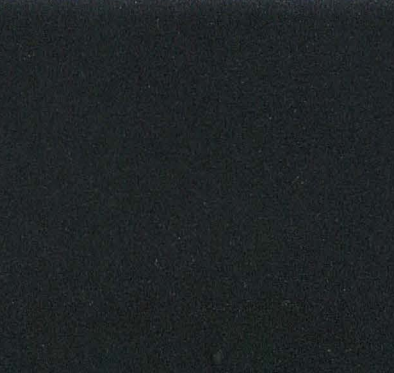
Lavrador, 54 anos, casado, oito filhos, residente em Uruaçu, Goiás. Sebastião era presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais e agente pastoral. Foi assassinado a 28 de agosto de 1984.

Autoria do crime: mandante (provável) — Vadjon Quintino Moreira e fazendeiros da região. Praticantes — dois pistoleiros desconhecidos na região.

Descrição do crime: os pistoleiros chegaram na casa de Tião e perguntaram qualquer coisa sobre direitos do trabalhador rural. O lavrador respondeu e foi alvejado por três tiros, tombando morto ao lado da filha e mulher.

Causa do crime: como presidente do Sindicato defendia os direitos dos trabalhadores contra os fazendeiros da região.

Providências jurídicas: foi aberto inquérito que será acompanhado pelo delegado regional. A Secretaria de Segurança Pública aguardava verbas para deslocar um policial até Uruaçu, a fim de fazer as investigações.



Por defender sua gente e sua terra, o índio sofre as mesmas conseqüências que sofrem os agricultores sem terra. Ele tem suas lideranças perseguidas e assassinadas pelos latifundiários. Ele tem suas roças invadidas, as casas destruídas, as matas queimadas e os rios envenenados. Um grupo de índios participou do nosso Congresso levando a seguinte proposta: união de índios e sem terra para a conquista da Reforma Agrária.

Índios querem união

O índio brasileiro luta contra aquela imagem mentirosa que mostra-o como um selvagem que não faz nada e vive apenas da caça e da pesca. O índio, pelo contrário, também trabalha. Por isso precisa da terra para viver, assim como qualquer família de agricultor sem terra. Para o índio, a terra é a própria vida.

Para relatar a sua realidade e denunciar o extermínio de sua gente, os índios participaram do Congresso Nacional dos Sem Terra . Eles não foram a Curitiba de mãos abanando, não foram passear. Eles levaram uma proposta muito boa. Os índios propõem uma união entre eles e os lavradores sem terra para, juntos, lutarem pela Reforma Agrária e pela derrubada da cerca do latifúndio.

Mostramos os depoimentos dos índios Álvaro Tucano, presidente da União das Nações Indígenas (UNI), Cláudio de Souza, o "Nenito", índio guarani, primo de Marçal de Souza, do Mato Grosso do Sul, assassinado em 83 (ver última página), e de Hermes Araújo, também guarani do MS.

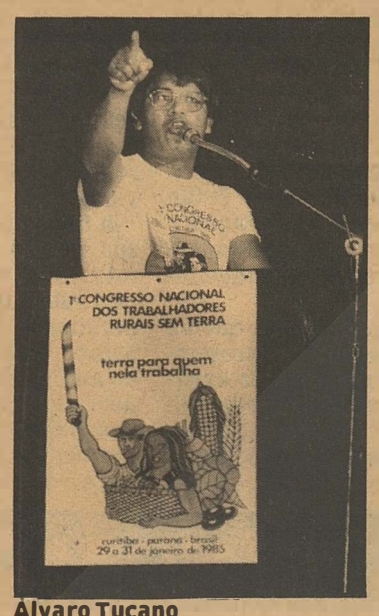
UNIÃO

"Os índios também precisam de apoio. Somos iguais aos trabalhadores sem terra, não temos nação. Índio também é filho de Deus. Somos nativos da terra. Nós devemos lutar juntos. Chega de sofrer, chega de ser massacrados. Nós precisamos da Reforma Agrária, sim. Os companheiros sem terra precisam de um pedaço de chão para manter os seus filhos. O índio também. Por isso estamos participando deste Congresso, para nos unir com o sem terra". Palavras de Hermes Araújo.

"O índio jamais viveu fora da terra, assim como nenhum trabalhador rural vive sem a terra. O que o governo está fazendo em cima do povo é um massacre. Rouba e trai os filhos da terra. Por isso a gente precisa de união e coragem do povo sofrido para que a Pátria seja de seus filhos. Há mais de 400 anos o índio defende a sua terra. Não vejo nenhuma diferença entre índio e sem terra. Tanto o índio como o agricultor têm que retomar a sua terra". Palavras de Álvaro Tucano.

INCRA E FUNAI

Assim como os lavradores enfrentam o INCRA, que deveria fazer a Reforma Agrária mas na prática só ajuda os latifundiários, os índios também têm uma pedra no calcanhar. É a Fundação Nacional



Álvaro Tucano

do Índio, a FUNAI, que entre outras coisas deveria demarcar as reservas e proteger os índios. A FUNAI, pelo contrário, só atrapalha o índio, assim como o INCRA só atrapalha o sem terra.

Nenito, o primo de Marçal, está proibido pela FUNAI de dar entrevistas e fazer denúncias sobre a situação de sua gente em Dourados, no Mato Grosso do Sul. Ele teve sua casa invadida diversas vezes pelo Capitão Ramão Machado, um índio que, em vez de trabalhar por sua gente, faz o jogo da FUNAI. Ramão Machado espanca os filhos de Nenito, já expulsou sua família da reserva e o persegue toda vez que ele fala da exploração dos índios guaranis e caiuás de sua região.



Representantes dos índios no Congresso

Alvaro Tucano diz o seguinte sobre a FUNAI: "Nós já perdemos a paciência e muito sangue por causa da FUNAI. A FUNAI é um órgão que tem que ir para o inferno, principalmente os presidentes que passaram por sua direção". Álvaro denuncia que a tática da FUNAI é igual à tática do INCRA. "Eles sempre jogam irmão contra irmão, para nos enfraquecer".

POUCA TERRA

Os índios esclarecem que eles não têm tanta terra, como dizem os latifundiários para justificar as invasões. Na região de Dourados, por exemplo, 12 mil índios que moram em aldeias e mais dois mil que não têm aldeias, vivem em 19 mil hectares. Na aldeia Caarapó, onde vivem 2.100 famílias, a área é de apenas 2.800 hectares. Fala agora Hermes Araújo.

"O governo e os latifundiários dizem que o índio tem terra suficiente. Isso é mentira. Os índios vivem em pouca terra. Nós precisamos de mais porque também somos agricultores. Os fazendeiros dizem que somos invasores. Invasores são os fazendeiros. Para melhorar a nossa situação, faço um pedido. Nós, índios, temos que lutar junto com vocês, companheiros sem terra. Se lutarmos juntos, unidos, cortamos qualquer cerca".

CORAGEM

Os índios, quando é para lutar por sua terra, mostram que têm coragem. O maior exemplo é o do cacique Raoni, que enfrentrou jagunços e latifundiários para demarcar as terras dos Apinajés, em Tocantinópolis, norte de Goiás. "O chefe Raoni e o Nenito, primo do Marçal, mais outros líderes, querem que os lavradores se unam numa mesma luta para que não haja mais derramamento de sangue, nem de índio, nem de colono", diz Álvaro Tucano.

O presidente da UNI alerta que alguns colonos estão caindo no jogo dos latifundiários ao invadir reservas indígenas. Segundo Álvaro Tucano, o colono invade, mas quem acaba ficando com a terra são os grandes. "Os irmãos brancos têm que civilizar os seus parentes, porque essas brigas entre nós são desnecessárias. Nós temos que nos unir e brigar com os grandes, que ficam massacrando índio e colono, que jogam irmão contra irmão". Para Tucano, as terras que têm que ser invadidas são os latifúndios e as terras devolutas, "não a terra que o índio precisa para viver".

TANCREDO

Com relação ao presidente eleito, Tancredo Neves, os índios também querem a mesma coisa que os sem terra exigem: participar dos órgãos públicos e ter voz nas decisões. "Não dá para fazer negócios com latifundiários e multinacionais ou com deputados que sustentam esse fascismo sobre os índios. Se Tancredo não ouvir os nossos gritos, vamos brigar direto com ele", finaliza Álvaro Tucano.

Hoje, os índios são agricultores que também lutam por terra



ESPECIAL

O professor José de Souza Martins escreveu este artigo especial para o Jornal dos Trabalhadores SEM TERRA alguns dias antes da reunião do Colégio Eleitoral, que depois de 21 anos de ditadura militar escolheu um governo civil para o país. No entanto, ele não espera grandes mudanças na política agrária e na situação dos trabalhadores rurais, pois até agora o futuro governante não deu uma resposta clara às perguntas desses trabalhadores.

A Reforma Agrária do Dr. Tancredo na "Nova República"

José de Souza Martins *

O problema começa com a única afirmação positiva feita por Tancredo: ele vai aplicar o Estatuto da Terra, que não teria sido aplicado até agora. A verdade, entretanto, é que a ditadura aplicou o Estatuto esse tempo todo. O objetivo principal do Estatuto não é o de redistribuir terra para quem nela trabalha, mas fundamentalmente promover a expansão da agricultura empresarial. Em todos estes anos de ditadura, foram feitas pouco mais de 160 desapropriações de terra, quando, só em 1981, houve mais de 1300 conflitos, envolvendo 1 milhão e 200 mil pessoas. O Governo alega que distribuiu um milhão de títulos de terra. Distribuir títulos não é a mesma coisa que distribuir terra. Muitos deste títulos são meras licenças de ocupação para pessoas que já estavam na terra. Outros são títulos que regularizam posses antigas.

O futuro presidente diz que vai aplicar o Estatuto. Qual Estatuto? Na primeira quinzena de janeiro, os militares do Conselho de Segurança Nacional, através do Ministério de Assuntos Fundiários, estiveram concluindo a preparação de um **Novo Estatuto** da Terra, novas leis relativas ao problema fundiário: uma consolidação das leis da terra. Uma coisa já se sabe: o Estatuto de 1964 estabelece que o trabalhador que ocupar a terra devoluta durante **um** ano tem preferência para adquiri-la. A lei 6.383, de 1976 (governo Geisel), estabelece que o posseiro que more e cultive a terra por um ano faz jus à legitimação de 100 hectares.

O novo Estatuto, que os militares vão oferecer de presente ao Dr. Tancredo, estabelece que é preciso ocupar a terra por **três anos** para adquirir o seu domínio legal. Portanto, o que era difícil vai ficar mais difícil ainda.

As Alianças Políticas

Outro ponto que deve preocupar os trabalhadores é o das alianças políticas que permitiram a eleição de um candidato do PMDB à presidência da República. A candidatura Tancredo só se tornou possível graças ao apoio de uma ala do próprio partido da ditadura — PDS — liderada por Aureliano Chaves. Esse grupo que está fundando o Partido da Frente Liberal, junto com o PMDB, deve formalizar a sustentação do novo regime político chamado "Nova República". Tanto quanto o PMDB, esse partido tem desde banqueiro, como Olavo Setúbal, até latifundiário e grileiro, como José Sarney. Este, aliás, será justamente o vice-presidente.

Lembro, aqui, que em 1977 Sarney mandou expulsar violentamente os posseiros da Fazenda Maguary, no Maranhão, de que se diz proprietário. É pouco provável que um partido que só pode chegar ao poder com o apoio de oligarquias regionais, como as do Nordeste, tenha **condições políticas** para fazer uma verdadeira Reforma Agrária no Brasil.

Os Governos de "Oposição"

Outro ponto que deve deixar os trabalhadores rurais preocupados e vigilantes é que, desde 1982, quando foram eleitos diversos governadores de oposição, a repressão contra os trabalhadores rurais foi mantida e até aumentou em vários Estados. No Amazonas, as violências do Governo contra os posseiros e colonos do projeto Novo Aripuanã são conhecidas. No Pará, também governado pelo PMDB, houve violência, documentada pela televisão e pelos jornais, contra os colonos do projeto Pacal, na Transamazônica, em que até o bispo do Xingu apanhou da Polícia Militar. Poucos dias antes do Natal, o próprio governador deu ordens à polícia militar para colocar 600 soldados na gleba Cidapar, município de Viseu, na divisa do Maranhão. Esta gleba tem 370 mil hectares e 10 mil famílias de trabalhadores rurais. Muitos destes trabalhadores estão na terra desde o tempo da escravidão, no século passado, há quase 100 anos. Esta imensidão de terra foi parar nas mãos do Banco Denasa, que repassou uma grande parte dela para o grupo Joaquim Oliveira, do Rio Grande do Sul. Este grupo, e o próprio banco, organizou uma força de jagunços para expulsar os posseiros, desencadeando na área uma grande violência.

No estado de Goiás, cujo governador também é do PMDB, na região do norte do Estado, somente entre 1º de agosto e 30 de outubro de 1984, nove trabalhadores rurais foram assassinados, dois foram feridos, houve 154 despejos, 98 casas queimadas, 13 trabalhadores presos e quatro torturados. Em quase todos estes acontecimentos esteve envolvida a polícia militar do Estado.

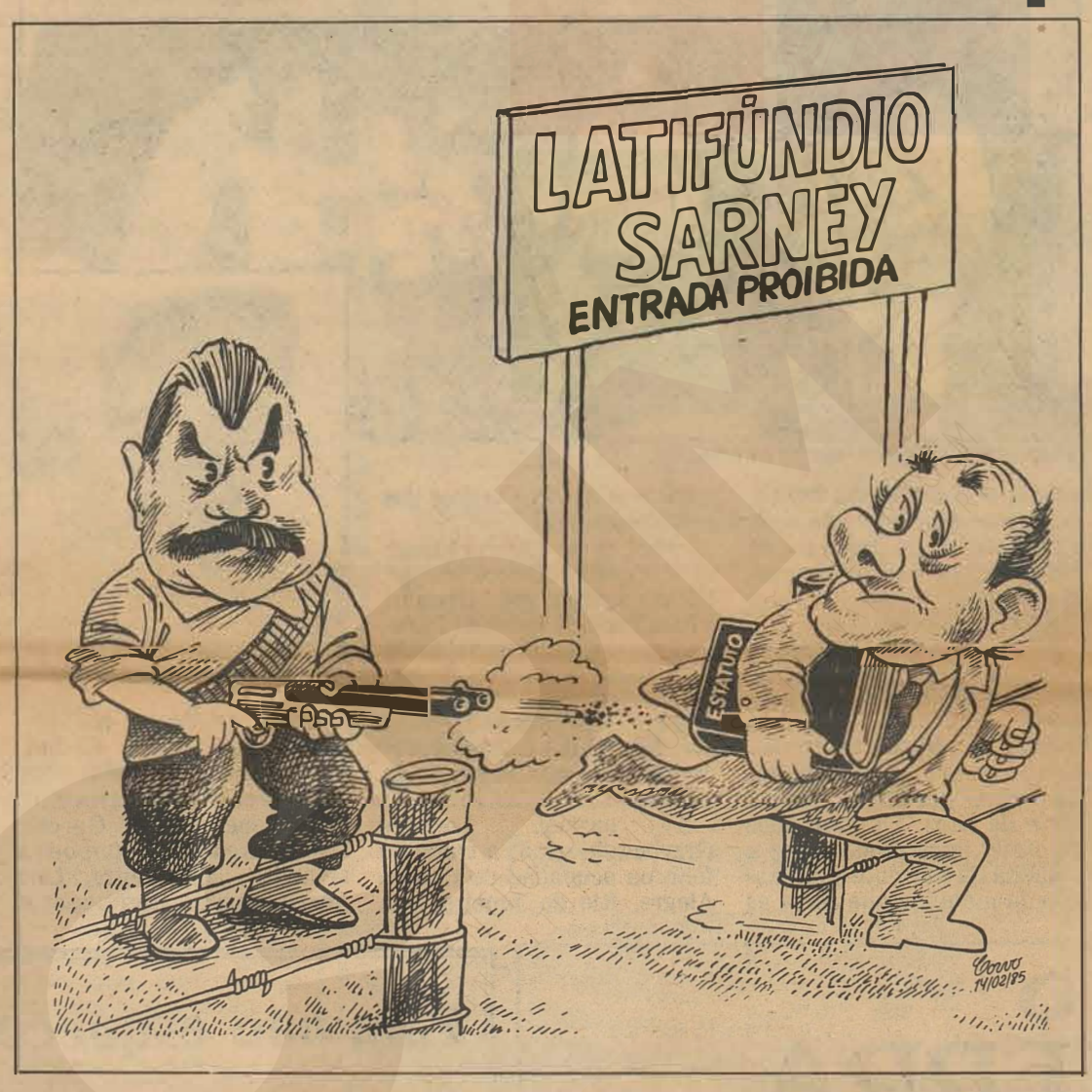
A Política de Colonização

Esses diferentes e lamentáveis fatos, de responsabilidade de governos do PMDB, o mesmo partido do futuro presidente da República, parecem mostrar qual será a linha de atuação do novo governo na questão agrária. Os indícios são de que não haverá grande diferença em relação à política agrária da ditadura militar: a resistência será grande em relação ao movimento dos sem terra; será igualmente grande em relação a muitas lutas dos posseiros; provavelmente, procurará incentivar a política de colonização, direção, aliás, que já vem sendo resultado das pressões do Banco Mundial, que tem hoje uma influência muito grande no encaminhamento da questão fundiária no Brasil e em outros países.

A Constituinte

O único trunfo dos trabalhadores rurais é a possibilidade de influírem na composição da Assembléia Nacional Constituinte, que fará a nova Constituição do país e que poderá definir o novo direito de propriedade. A Constituição poderá estabelecer limites severos ao direito de propriedade, impedindo que o bem comum e o interesse social sejam sacrificados em favor dos interesses econômicos de uma minoria de latifundiários. A questão é saber quem vai ter mais força: os 13 milhões de trabalhadores rurais ou os poucos milhares de grandes proprietários.

Se os trabalhadores rurais cresceram muito em organização sindical e luta nestes 21 anos, isto não quer dizer que estejam politicamente fortes. Ao contrário: os trabalhadores rurais estão politicamente abandonados e fracos, divididos e confusos. Além do mais, nenhum dos atuais partidos políticos de oposição tem clareza sobre a luta da terra, limitando-se a formulações programáticas muito vagas e que, de modo geral, não foram elaboradas pelos próprios trabalhadores. Se não se organizarem em tempo, estarão perdendo a oportunidade de, pela primeira vez na história deste país, conseguir, com a sua própria voz, o reconhecimento dos direitos pelos quais têm pago um tributo de sangue.



* José de Souza Martins é professor da Universidade de São Paulo, assessor da Comissão Pastoral da Terra e autor, entre outros livros, de **Os Camponeses e a Política no Brasil, Expropriação e Violência** e **A Militarização da Questão Agrária no Brasil.**



O 1º Congresso Nacional não serviu somente para discutir as questões ligadas à conquista da terra ou quanto à segurança dos lavradores e suas lideranças. Serviu também para um intercâmbio cultural entre todos os 23 estados brasileiros. Aconteceram shows musicais, trovas, declamação de poesias, exposição de fotos e pinturas, lançamentos de livros e projeção de filme. Foi, enfim, a cultura popular ocupando o seu verdadeiro lugar: junto ao povo.

A arte com cheiro de terra

As atividades culturais ocuparam o tempo dos delegados nos intervalos dos trabalhos em grupo e durante os horários noturnos reservados para esta finalidade. Destaques para o filme "Um cabra marcado para morrer", para as exposições de fotos e telas, shows musicais e lançamentos de livros. Essas atividades proporcionaram momentos de lazer e descontração, além de servir como intercâmbio cultural para os sem-terra dos 23 Estados brasileiros.

Elizabeth Teixeira, a principal personagem do filme "Cabra marcado", ficou emocionada ao rever as cenas do assassinato de seu marido, o líder camponês João Pedro, ocorrido em dois de dezembro de 1962, na Paraíba. Ela destacou que o filme é uma grande chance para os companheiros conhecerem parte da luta dos lavradores brasileiros antes do golpe militar de 1964.

O Congresso serviu para o lançamento dos livros "A travessia do rio dos pássaros", da jornalista Cácia Cortez, com participação de Edson Silva e Luiz Taques, e "Queremos reforma agrária", do sindicalista rural e poeta gaúcho Adão Preto. O primeiro livro conta a história da ocupação da Gleba Santa Idalina, em Ivinhema, no Mato Grosso do Sul, e dá um retrato da situação fundiária desse estado. O segundo, em forma de versos e poemas, fala da vida sofrida do homem do campo e sua luta pela reforma agrária.



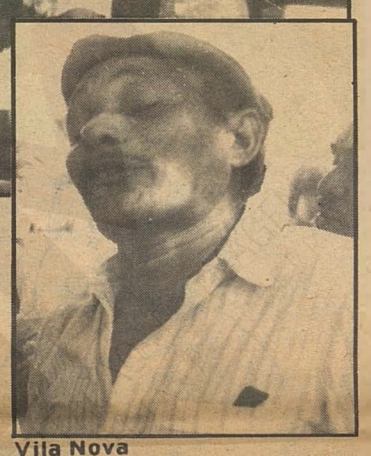
Shows musicais com muita animação.

EXPOSIÇÕES

A exposição de 150 fotos, reunindo trabalhos de fotógrafos profissionais e dos próprios lavradores, registrou momentos importantes da luta pela terra. Rino Marconi, da Bahia, participou com a série de fotos "Os mutilados do sisal", mostrando desde a colheita da fibra até a utilização da máquina que corta as mãos e partes dos braços dos trabalhadores.

João Urban, Alberto Viana, Júlio Covello, Carlos Ruggi, Edison Jansen, João Bruschz e Xico Tebaldi, todos do Paraná, mostraram cerca de 50 fotos sobre ocupações de terras, a repressão policial, o despejo, a produção na área invadida e o dia-a-dia nos precários acampamentos do Estado.

A carioca Lourdes Grzybowski expôs o trabalho feito na ocupação de Campo Alegre, Rio de Janeiro, e a Marco Aurélio Couto, do Rio Grande do Sul; James Tavares, Orestes Araújo e Tarcísio Mattos, de Santa Catarina; Maristela Maffei, Vicente Sampaio e José Azevedo, de São Paulo.


Vila Nova

A pintora mato-grossense Eni Nantes Martins da Cruz expôs doze telas que retrataram a ocupação da Gleba Santa Idalina, ocorrida em abril de 1984. Eni se inspirou na situação das mais de mil famílias que entraram na área, para expressar o direito do homem à terra e à vida.

SHOWS

Nos shows dos lavradores, como não poderia deixar de ser, o assunto foi a terra. Acompanhados da velha gaita, do violão ou do pandeiro, sulistas, nordestinos e nortistas cantaram a sua dor e a sua esperança na conquista da Reforma Agrária. Destaques para o pernambucano Miran e seu grupo e para o maranhense Vila Nova, que compôs a letra "O Risco", muito cantada durante os shows nas filas do almoço e da janta, nos ônibus e na passeata. Um trecho da música diz: *"Aquele que manda matar também pode morrer/Nós estamos em guerra, o lado de lá já decretou/Já contratou pistoleiro para matar lavrador/Eu já tenho machado/Só falta botar a cunha/E fazer a moda gato/Dá um tapa e esconder a unha.*

Romaria da Terra, no interior do Rio Grande do Sul. Participaram também das exposições os fotógrafos Protásio Nene, Itamar Garcez, Daniel Andrade, Humberto Monteiro, José Netto, Luis Abreu, Assis Hoffmann e

Assine o SEM TERRA

O 1º Congresso Nacional mostrou a força e organização dos trabalhadores sem terra. Todos saíram deste grande encontro de Curitiba com o propósito de unificar e fortalecer ainda mais o Movimento em todos os estados. O Jornal SEM TERRA tem sido um importante instrumento nesta luta e será ainda mais depois do Congresso

Aproveite os preços de 84 e assine já o SEM TERRA. A partir de março os valores das assinaturas sobem para 20 mil cruzeiros (normal) e 40 mil (de apoio).

Desejo fazer uma assinatura do Jornal dos Trabalhadores SEM TERRA. Para isto estou enviando um Cheque Nominal ou Vale Postal em favor do **Jornal dos Trabalhadores SEM TERRA, Rua São Manoel, 35, Cx. Postal 1916, CEP 90.000, Porto Alegre, RS.**

☐ Assinatura anual (normal) Cr$ 10.000,00

☐ Assinatura de apoio Cr$ 20.000,00

☐ Cheque Nominal ☐ Vale Postal

NOME_____

PROFISSÃO_____ FONE_____

ENDEREÇO_____

CIDADE_____ CEP_____ ESTADO_____

Para não esquecer Tião da Paz

No dia 27 de janeiro, o pessoal de Goiás fundou o Comitê Sebastião Rosa da Paz, que luta para esclarecer e punir os culpados pela morte deste companheiro, ocorrida a 28 de agosto de 1984. O Comitê desenvolve uma campanha nacional na busca de justiça, não só para este caso, mas para todos os crimes cometidos contra os lavradores e suas lideranças. Um dos trabalhos do Comitê é divulgar o poema "SEBASTIÃO ROSA DA PAZ", de Pedro Tierra, que transcrevemos.

SEBASTIÃO ROSA DA PAZ,
se chamava.

Até as 8 horas da noite
quando explicava
aos assassinos sem rosto,
o direito à vida
e a cidade mergulhou
num rio de treva.

Que nome lhe dará nesta hora
e na pedra da memória
o grito de teus irmãos?
Sebastião Rosa de Dor.

No coração dos filhos.
Sebastião Rosa de Canto.

Na boca dos Peregrinos.
Sebastião Rosa de Esperança.

Na marcha dos que prosseguem.
Sebastião Rosa de Fúria.

No peito dos oprimidos.

Sebastião Rosa de Rebeldia
nos olhos da multidão.

Na garganta do Povo sem Terra.
Sebastião Rosa de Liberdade.

Até que retorne, um dia
pela mão dos libertados
a ser
SEBASTIÃO ROSA DA PAZ.

E já não serás apenas ROSA
mas uma PRIMAVERA inteira
convocada, multiplicada,
sobre a terra dos homens.

• Pedro Tierra.

No Documento Final, as principais reivindicações a serem encaminhadas às autoridades.

As exigências do Movimento

Depois de três dias de muita discussão, os 1.500 delegados, representando todos os estados brasileiros, aprovaram o documento final do 1º Congresso Nacional dos Trabalhadores Sem Terra. O documento será entregue às autoridades fundiárias estaduais e federais, e ao futuro presidente da República, Tancredo Neves, em audiência que deverá ser marcada para o próximo mês de março. Destacamos aqui alguns pontos dos seis itens que aborda o documento:

Em relação à distribuição e uso das terras:

— Que seja realizada uma Reforma Agrária no Brasil com a plena participação dos trabalhadores rurais

— Que o governo aplique no mínimo 5 por cento do orçamento da União para a Reforma Agrária.

— Que o governo distribua imediatamente todas as terras que estão nas mãos dos governos estaduais e federal.

— Que os governos estaduais tenham autonomia para realizar desapropriações para a Reforma Agrária.

Sobre as multinacionais:

— Expropriação de todas as terras das multinacionais e proibição de estrangeiros adquirirem terras daqui para a frente no Brasil.

Colonização:

— Fim de toda e qualquer colonização dirigida, seja pelo governo, empresa privada ou cooperativa.

— Assistência adequada, em todos os níveis, nos projetos de colonização já existentes.

Sobre os órgãos governamentais de política fundiária:

— Extinção do GETAT, SUDAM, CODEVASF, SUDENE e do Ministério de Assuntos Fundiários, além dos institutos de terras estaduais.

— Criação de novos organismos federais e estaduais, com a participação dos trabalhadores no processo de criação e na administração.

Em relação à violência no campo:

— Exigimos que o governo federal assuma a apuração de todos os assassinatos e a punição dos mandantes e executores dos crimes.

— Exigimos o desmantelamento de todos os organismos de repressão, inclusive os paramilitares.

— Exigimos a autonomia do Poder Judiciário e a criação de um Fórum de Justiça Agrá ria dentro do Poder Judiciário.

E com relação ao **Estatuto da Terra**, os trabalhadores rurais acabaram decidindo pela sua extinção e a criação de novas leis agrárias, com a participação dos trabalhadores rurais e com base na prática e experiência de lutas dos mesmos.



A nova Coordenação Nacional do Movimento dos Sem Terra

A Direção Nacional

A nova Coordenação Nacional ficou composta por dois lavradores de cada um dos estados que oficialmente fazem parte do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra. Além desta Coordenação, responsável pelas decisões políticas do Movimento, os sem terra escolheram uma Executiva de dez membros, entre a própria Coordenação. Esta Executiva deverá encaminhar as atividades do Movimento durante o ano. Abaixo destacamos os nomes dos representantes da Coordenação e da Executiva Nacional.

RIO GRANDE DO SUL
Darci Maschio — Executiva
Geraldo Rodrigues
SANTA CATARINA
Francisco Dall'chiavon — Executiva
Agnor Bicalho Vieira
PARANÁ
Neuri Mantovani — Executiva
Jandir Basso
SÃO PAULO
Francisco Nascimento — Executiva
José Fernandez
MATO GROSSO DO SUL
Santina Gracielle — Executiva
Milicio Pereira da Silva
RIO DE JANEIRO
Osvaldo de Oliveira — Executiva
Laerte Rezende Bastos
ESPÍRITO SANTO
Osvaldo Xavier — Executiva
Silvio Manoel dos Santos
MINAS GERAIS
Santos Luiz Silva — Executiva
Antonio Inácio Correa
BAHIA
Adalberto Rocha Pacheco — Executiva
Olinda Maria de Oliveira
RONDÔNIA
Valdecir Assis de Andrade — Executiva
Lourival Dias de Oliveira

"Vale a pena a mulher buscar a libertação"

Santina Gracielle, 29 anos, casada, três filhos, é uma das duas mulheres que fazem parte da Coordenação Nacional do Movimento dos Sem Terra. Para chegar a esta posição ela enfrentou muitas barreiras impostas, às vezes, pelos próprios homens companheiros de Movimento. Mas Santina tem uma vida de luta e não se deixou intimidar com isso. No Congresso, ela e outras companheiras reuniram todas as mulheres e exigiram a participação na Coordenação Nacional. São duas apenas e Santina acha pouco, por isso afirma que vai continuar esta luta dentro do Movimento dos Sem-Terra.

Nesta entrevista, ela fala um pouco de sua vida de posseira e desta nova esperança que surge para a mulher trabalhadora do campo.

ST — Fale um pouco de sua vida.

SANTINA — Sou posseira, filha de trabalhador rural que sempre migrou em busca de terra. Saí do Rio Grande do Sul e fui para Mundo Novo, no Mato Grosso. Daí para o Paraguai, e depois de novo para o Mato Grosso do Sul, até que decidimos, junto com outras famílias, entrar na Gleba Santa Idalina, na terra que a SOMECO dizia ser dela.

ST — E depois?

SANTINA — Em maio de 1984 fomos despejados com muita violência pela polícia. Fomos para a Vila São Pedro, da Igreja de Dourados e ficamos quase cinco meses acampados.


Santina, firme na luta

ST — E hoje?

SANTINA — Fui caminhando, fui aprendendo. Em 29 anos de idade eu não aprendi o que aprendi em 10 meses de Movimento. Foi muito importante esta experiência para mim. Por isso, eu acho que vale muito a pena cada mulher buscar a sua libertação, a sua participação.

ST — Como foi a conquista da terra em Nioaque?

SANTINA — Foi com muita pressão, muita organização. O governo cedeu 2.500 hectares para as 476 famílias na Gleba Padroeira do Brasil, no município de Nioaque. A conquista foi parcial, porque a terra não dá para todos, tem parte que não é produtiva.

ST — As mulheres tiveram participação nesta conquista?

SANTINA — Sim, tiveram e foi bastante. Nos grupos a gente sempre reunia mulheres, embora tem muitas que, até hoje, acham que a mulher não deve assumir a luta. E ainda hoje tem homens dentro do acampamento, que são lideranças, que acham que as mulheres não devem participar das decisões. E eu acho que tem pouca mulher participando, que a Coordenação deve ter homens e mulheres em número igual.

ST — Como é que você faz para ir em reuniões, viagens... Seu marido aceita?

SANTINA — É difícil, tenho muitas dificuldades para participar. Ele não gosta, não participa, mas também não interfere. Às vezes ele coloca resistência, mas com diálogo mostro a ele que é importante a participação. Eu vou para a roça, cuido da casa, lavo, passo, cozinho, cuido das crianças, e ainda participo do Movimento. Já vou educando meus filhos com igualdade.

Tem vezes, como aconteceu agora, eu fico pensando: "Será que devo ir, será que devo deixar meu marido doente com os meninos?". Mas depois, vejo que tenho que lutar por eles, tenho que lutar para que meus filhos tenham uma vida melhor. Não ia adiantar nada se eu ficasse dentro de casa. Se eu não sair e não lutar, minha família vai ficar em situação ainda pior. Tenho certeza de que as mulheres que estão aqui têm consciência disto.

ST — Você acha que é necessário fazer reuniões só de mulheres?

SANTINA — Eu acho. Quando a reunião é junto com homens, a mulher se reprime. A mulher tem medo de decisões. Quando a reunião é só de mulheres, ela consegue se abrir.

ST — Você acha que isto da mulher conversar com outras e se abrir para a luta aconteceu aqui no Congresso?

SANTINA — Sim, e bastante. Muitas mulheres vão sair daqui mais fortes, muitas lideranças de mulheres estão sendo descobertas. As mulheres estão se ajudando, estão conquistando espaço. E estão também conversando sobre elas, coisa que, normalmente, a gente não tem tempo e nem oportunidade de fazer, que é conversar sobre a gente, sobre os filhos...

SÍMBOLO DA RESISTÊNCIA

Nos últimos 20 anos, e mesmo antes de 64, os trabalhadores rurais pagaram caro pela ganância dos ricos. A violência andou solta no campo. Muitas casas e roças foram destruídas, trabalhadores foram torturados, outros tiveram que fugir para não morrer. É impossível registrar as injustiças cometidas, de tantas que aconteceram. Por isso, o Congresso Nacional dos Sem Terra escolheu algumas pessoas para fazer uma homenagem especial a todos aqueles companheiros que perderam as suas terras, suas casas, parentes ou a própria vida porque lutaram pela Reforma Agrária. A homenagem aconteceu no encerramento do Congresso e consistiu na entrega de uma escultura em madeira, Símbolo da Resistência. A seguir, os homenageados:

Elizabete Teixeira

viúva de

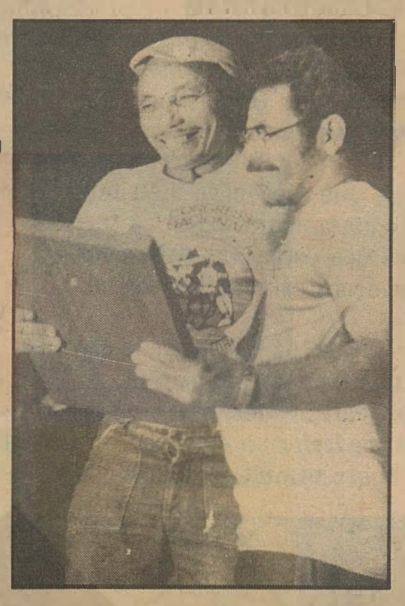
João Pedro Teixeira



líder das ligas camponesas de Sapé, Paraíba, na década de 60. JOÃO PEDRO foi assassinado em 1962 por latifundiários da região. Em seus nomes (ELIZABETE E JOÃO PEDRO), são homenageados todos aqueles que resistiram e lutaram durante os 20 anos de repressão do regime militar.

Manoel da Conceição

líder camponês do Maranhão, nos anos de 1968 a 1973. Em 1970 foi preso e barbaramente torturado, além de levar cinco tiros, pela polícia do grileiro José Sarney. Em seu nome são homenageados todos aqueles que com sua coragem sofreram em silêncio para libertar o nosso povo.



Irmã Aurélia Duranti

religiosa italiana da Congregação Franciscana do Verbo Encarnado. Em seu nome são homenageados todos os religiosos que, por estarem ao nosso lado, são perseguidos e sofrem injustiças por parte da burguesia ou da própria hierarquia da Igreja.

Benedito de Assis Bandeira

(BENEZINHO) era presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Tomé-Açu (Pará). Foi assassinado no ano passado pelo fazendeiro Acrino Breda, do Espírito Santo. Em seu nome são homenageados todos os sindicalistas que defendem com coragem a classe a que pertencem.

Índio Marçal de Souza

Homem humilde que se destacou na luta em defesa dos direitos dos povos indígenas. Foi assassinado em novembro de 1983. Em seu nome são homenageados todos os indígenas que pagaram com sua vida por lutarem pelo direito de serem indígenas.

Santo Dias da Silva

operário metalúrgico de São Paulo, e membro da Pastoral Operária. Durante a greve de 1979, foi covardemente assassinado pela polícia de Paulo Salim Maluf. Em seu nome são homenageados os companheiros operários que sofrem por lutarem por seus direitos.



Juvêncio Mazarollo

jornalista do Jornal "O Nosso Tempo", de Foz de Iguaçu, Paraná. Ficou preso um ano e meio por defender os expropriados de Itaipu. Em seu nome são homenageados todos os jornalistas, escritores e intelectuais que estão ao nosso lado e por isso sofrem perseguições e injustiças da burguesia.

HOMENAGEM ESPECIAL

AOS QUE LUTAM POR JUSTIÇA NO CAMPO



Raimundo Ferreira da Silva



(O GRINGO), valente mas pacato lider camponês, de Conceição do Araguaia (Pará). Após sofrer diversas emboscadas, foi assassinado em maio de 80, ao voltar de um congresso de trabalhadores. Em seu nome, são homenageados todos aqueles que sofreram (e sofrem) perseguições por se envolveram no movimento sindical.

João Maria de Paula

52 anos, era casado e pai de nove filhos. Foi posseiro da Fazenda Anonni, no Paraná. Acabou assassinado no dia 21 de junho de 1983. Em seu nome, são homenageados todos aqueles que lutaram (e lutam) e deram sua vida pela conquista da Reforma Agrária.



Joaquim das Neves

advogado e defensor do Movimento dos Sem Terra do Mato Grosso do Sul. Por causa de sua luta, foi assassinado em 1981. Em seu nome são homenageados todos os advogados que, de uma forma ou de outra, sofreram (e sofrem) perseguições por estarem ao nosso lado.

Margarida Maria Alves

foi presidente do Sindicato dos Trabalhadores de Alagoa Grande, na Paraíba. Mulher de luta, nunca se entregou. Foi assassinada em agosto de 1983 na porta de sua casa. Em seu nome são homenageados todos aqueles que com sua valentia e sua luta defenderam e organizaram a classe camponesa em busca de uma sociedade mais justa, sem explorador. Margarida representa ainda uma homenagem a todas as mulheres que estão nesta luta.

JORNAL DOS TRABALHADORES SEM TERRA

JUVENTUDE TRABALHADORA

★ NUMERO ESPECIAL ★ DEZEMBRO DE 83

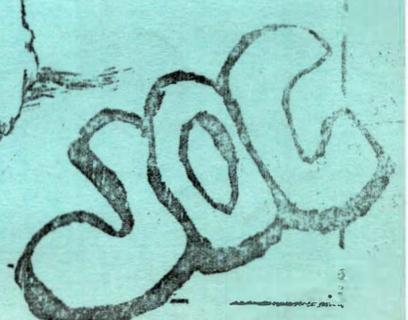
NO NASCIMENTO, FORÇA NOVA PARA LUTAR

NATAL



NA RESSURREIÇÃO A CERTEZA DA VITÓRIA





Companheiros

No Natal, os trabalhadores sofrem mais uma injustiça dos que têm o poder.

Sabemos que trabalhamos o ano todo como escravos, sem direito a nada, e ao chegar o fim do ano nossos patrões nos dão brindes, para não podermos ver o verdadeiro sentido do Natal.



Frente à realidade, não só os Jovens Trabalhadores, mais como toda a Classe Trabalhadora no fim do ano pensa que temos patrões bonzinhos em nos dar um pedaço de pão e não podendo ver todo pão que nos tiram de nossas mesas durante o ano todo.

Nós temos a missão, e creio que este é o objetivo de todos, de denunciar esta situação, e reivindicar o pão que / falta em nossas mesas todo ano.

Companheiros vamos nos unir e avançar na luta, no local de trabalho, com todos que trabalhamos, para podermos juntos conseguir a transformação que tanto esperamos, por uma sociedade/ justa e de igualdade para todos.

Para que todos os dias do ano tenhamos mesa farta, porque isto é um direito de todos, porque Jesus Cristo veio para que todos tenham vida e vida em abundancia.

RELEITURA DO CAPITULO 25 DO EVANGELHO DE MATEUS FEITA POR MILITANTES DA JOC A PARTIR DE SUA EXPERIÊNCIA DE AÇÃO.

E quando o Filho do Homem vier e todas as nações da terra serão reunidas diante Dele;

Os japoneses, os franceses, os coreanos,
Os Brasileiros, os Filipinos, os Americanos,
Os Comunistas e os não Comunistas,
Os patrões e os operários, os jovens trabalhadores
Ele separará os homens uns dos outros,
Ele colocará uns a sua direita e outros asua esquerda.
Então dirá aos que estiverem a sua direita:

PORQUE:



EU ESTAVA MUDO E VOCÊS ME ENSINARAM A FALAR
EU ESTAVA CEGO E VOCÊS ME ABRIRAM OS OLHOS
EU ESTAVA PRESO E VOCÊS ME LIBERTARAM
EU ESTAVA ISOLADO E VOCÊS ME FIZERAM POVO
EU FUI ESTRANGEIRO E VOCÊS ME ACOLHERAM
EU ESTAVA DOENTE E VOCÊS ME CURARAM
EU ESTAVA FAMINTO E VOCÊS ME ALIMENTARAM
EU FUI EXPLORADO E VOCÊS ME FIZERAM JUSTIÇA...

Tudo isto é Natal e Vida

ENTÃO OS JUSTOS SE ADMIRARÃO E DIRÃO: ...
"QUANDO TE VIMOS EXPLORADO; MUDO, CEGO, PRESO, ISOLADO,
ESTRANGEIRO, FAMINTO, E TE SERVIMOS?"

E ELE LHES RESPONDEU: ...

EU ESTAVA MUDO NOS MILHARES E MILHARES DE JOVENS TRABALHADORES
DO BRASIL E DO MUNDO, QUE NÃO TINHAM CORAGEM DE SE EXPRESSAR,
AMEDRONTADOS, COMO CONSEQUÊNCIA DE UMA EDUCAÇÃO ERRADA;
E VOCÊS TIRARAM DE MIM ESTE MEDO:
E VOCÊS DENUNCIARAM ESTA FALSA EDUCAÇÃO;

EU ESTAVA CEGO NOS MILHARES E MILHARES DE JOVENS TRAEALHADORES
DO BRASIL E DO MUNDO, NÃO ENXERGANDO A SUA VERDADEIRA SITUAÇÃO,
CEGADOS PELA T.V, PELA PROPAGANDA, PELO RÍTMO DE PRODUÇÃO
NO TRABALHO,
E VOCÊS ABRIRAM OS MEUS OLHOS PARA ENXERGAR AS VERDADEIRAS
CAUSAS DA CRISE ECONÔMICA,
E VOCÊS ME AJUDARAM A VER QUE A FÁBRICA ME EXPLORAVA;

EU FUI PRESO NOS MILHARES E MILHARES DE JOVENS TRABALHADORES
QUE NÃO TINHAM CORAGEM DE ARRISCAR-SE, FICANDO APEGADOS
A SEUS TRABALHOS, ÀS SUAS FAMÍLIAS, QUE NÃO TINHAM CORAGEM
DE REIVINDICAR OS SEUS DIREITOS. EXIGIR AS SUAS FÉRIAS E
O AUMENTO DE SEU SALÁRIOS;
E VOCES ME AJUDARAM A REIVINDICAR AS MINHAS FÉRIAS E
MELHORES SALÁRIOS, A RECUSAR O RÍTMO ACELERADO DE PRODUÇÃO,
A ME DESPRENDER DE PENSAR SOMENTE EM MINHA FAMÍLIA,
E VOCÊS ME AJUDARAM A ROMPER AS CORRENTES QUE ME ESCRAVIZARAM.

Cristo Nascendo Vida Nova ... Natal

EU ESTAVA ISOLADO DENTRO DO LOCAL DE TRABALHO, NAS GRANDES CIDADES
LONGE DA MINHA TERRA NATAL, CORTADO DOS OUTROS TRABALHADORES
POR MEIO DA CONCORRÊNCIA COM ELES, OBRIGANDO-NOS A VIGIAR UNS AOS OUTROS,
A ENTRAR EM COMPETIÇÃO COM JOVENS TRABALHADORES
DO MÉXICO, DA ESPANHA, DA CORÉIA, DA ÁFRICA DO SUL,
E VOCÊS ME AJUDARAM A DESCOBRIR AS LIGAÇÕES QUE EXISTEM
ENTRE OS TRABALHADORES DE UMA MESMA FÁBRICA, DE FÁBRICAS DIFERENTES,
DE PAÍSES DIFERENTES,
E VOCÊS ME AJUDARAM A ENTRAR NA LUTA DA CLASSE OPERÁRIA.
EU FUI ESTRANGEIRO NOS MILHARES E MILHARES DE JOVENS TRABALHADORES
COM ESTÔMAGOS DOENTES, PULMÕES DOÍDOS PELOS GASES DAS FÁBRICAS,
EU TINHA MEUS MEMBROS DOÍDOS E CORTADOS, OS NERVOS IRRITADOS
POR CAUSA DO RÍTIMO DA PRODUÇÃO QUE ALMENTAVA,
E VOCÊ LUTOU COMIGO PARA QUE ACABASSE
AS CAUSAS DESSAS DOENÇAS E DESTES ACIDENTES.
EU ESTAVA FAMINTO E MORRIA DE FOME
NOS MILHARES E MILHARES DE AFRICANOS,
INDIOS, EU VIVIA DE UM SALÁRIO MISÉRIA
NUMA FÁBRICA NO EGITO; NA ARGENTINA;
NOS ESTADOS UNIDOS, E VOCÊ LUTOU
COMIGO.
CADA VÊZ QUE VOCÊS LUTARAM
PARA ROMPER AS CORRENTES
PARA LIBERTAR SEUS IRMÃOS
PARA FAZER MUDAR UMA SOCIEDADE
INJUSTA
É A MIM QUE VOCÊS FIZERAM
NOS MILHARES E MILHARES DE ROSTOS
HUMANOS
NOS MILHARES E MILHARES DE TRABALHADO
RES
E JOVENS TRABALHADORES DO BRASIL
E DO MUNDO....



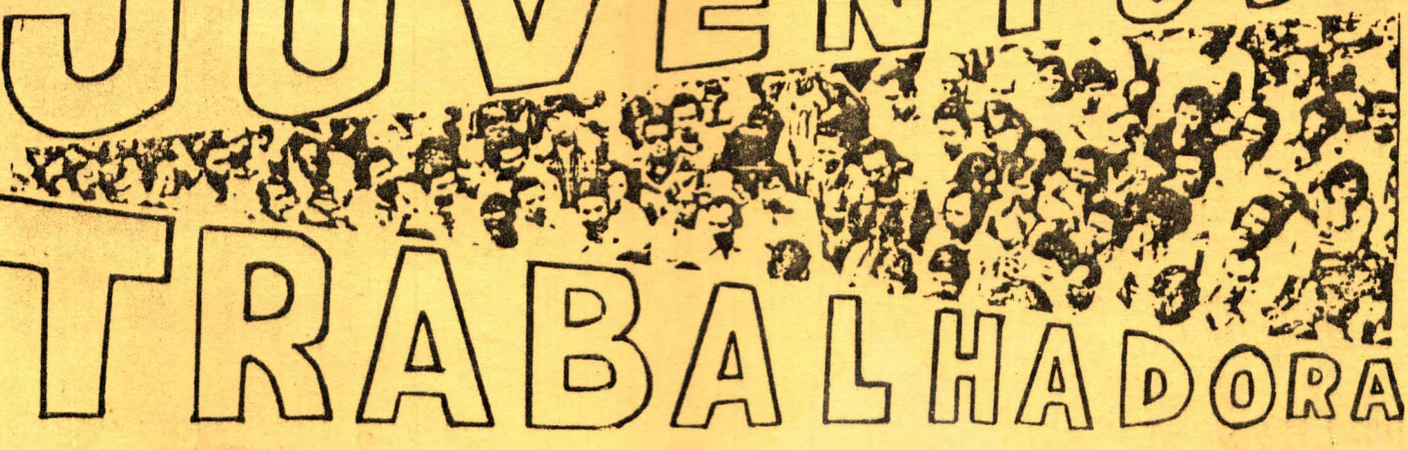
JUVENTUDE TRABALHADORA
INFORMATIVO DA JOC BRASILEIRA
O MOVIMENTO JUVENTUDE OPERÁRIA
CATÓLICA BRASILEIRA (JOC), ESTÁ
LIGADO AO SETOR LEIGOS - DA LI-
NHA UM-UNIDADE VISIVEL-DA CON-
FERENCIA NACIONAL DOS BISPOS -
DO DO BRASIL(CNBB) E PARTICIPA
DO CONSELHO NACIONAL DE LEIGOS.

É CRISTO QUE NASCE NAS LUTAS E CONQUIS
TAS DOS TRABALHADORES.... É NATAL.....
NOSSA LUTA É JUSTA, CRISTO VEIO AO
MUNDO PARA CONCRETIZAR E TESTEMUNHAR
UMA PROPOSTA E PELA QUAL FOI MORTO; CO
MO MATAM HOJE PESSOAS COMPROMETIDAS
COM A LUTA; LIDERES SINDICAIS; TRABA
LHADORES QUE JUNTOS CONTINUAM CONS
TRUINDO A PROPOSTA DE CRISTO. ELE RE
NASCE SEMPRE QUE OS TRABALHADORES ES
TÃO SE ORGANIZANDO; TOMANDO CONSCIÊN -
CIA QUE ESTE MUNDO TEM QUE SER MUDA
DO.
CADA GRANDE OU PEQUENA CONQUISTA SIGNI
FICA VIDA, AI CRISTO RENASCE...

JUVENTUDE TRABALHADORA
MARILIA ANTONIA DE SOU
SA. CAIXA POSTAL: 1370
001.000 -SP-BRASIL



JUVENTUDE TRABALHADORA



FEVEREIRO / MARÇO 1984

CONQUISTEMOS NOSSOS DIREITOS DE PARTICIPAÇÃO EMPREGO E MELHORES CONDIÇÕES DE VIDA E TRABALHO!







JOC

SEMANA NAC. DA JUVENTUDE TRABALHADORA - ABRIL 84



Companheiros!

Novamente chega em suas mãos mais um número do Informativo Juventude Trabalhadora. Nele destacamos: Depoimento de um Jovems Trabalhador sobre o subemprego. Semana Nacional da Juventude e Dia Internacional da Mulher.

REFLEXÃO BIBLICA

"... CONTINUEM UNIDOS A MIM, E EU CONTINUAREI UNIDO A VOCÊS...)
(Jo. 15,4)

Cristo nos tráz uma mensagem de vida. Chama os cristãos a viverem unidos. União, que Jesus se refere, é repartição de bens com igualdade. Trabalho, moradia e vida digna para todos. Pois todos somos filhos de um unico Pai. E um Pai não ama um filho mais que a outro. Pelo contrário, dá direitos iguais a todos. Cristo nos confirma isso quando diz que veio ao Mundo ' para que todos tenham vida plenamente.

Hoje vivemos a realidade bem diferente: Desemprego, baixo salário, alto índice de custo, más condições de vida e trabalho. Causando muitas vezes doenças, mortes... Frente a isso percebemos que o povo vive em constante clima de tensão, desconfiança, medo e competição. Levando - os cada ' vez mais ao individualismo.

Diante dessa realidade, continua presente a mensagem de Jesus Cristo. De permanecermos unidos. Mas para isso é necessário que comecemos a nos questionar. Sentirmo - nos agentes dessa mensagem. Confrontando-a sempre com a realidade que estamos vivendo. Buscando formas de resistir a essa estrutura de dominação a qual estamos submetidos. Para isso precisamos estar refletindo sempre essa situação. Vendo as causas e tentarmos buscar saídas concretas.

Diante disso é que a JOC promove e organiza a Semana Nacional da Juventude Trabalhadora no período de 24 de abril a 1º DE MAIO. Esta Semana' poderá ser um momento onde juntos com outros Jovens Trabalhadores possamos' está discutindo mais sobre nossa realidade, E também possibilitando que tenhamos mais consciência dos nossos valores. Assumindo mais o compromisso' que Jesus Cristo nos propõe.

(NONATA - JOC DE SÃO PAULO).

DEPOIMENTO DE UM JOVEM TRABALHADOR

"Tem sido este o sonho de minha vida, a libertação da Classe Operária"

Os problemas que a Classe Operária enfrenta são muitos, vou citar um que você já deve ter percebido ou ouvido falar: as locadoras' como chamam os patrões, empreiteiras ou gatas, como nós trabalhadores entendemos.

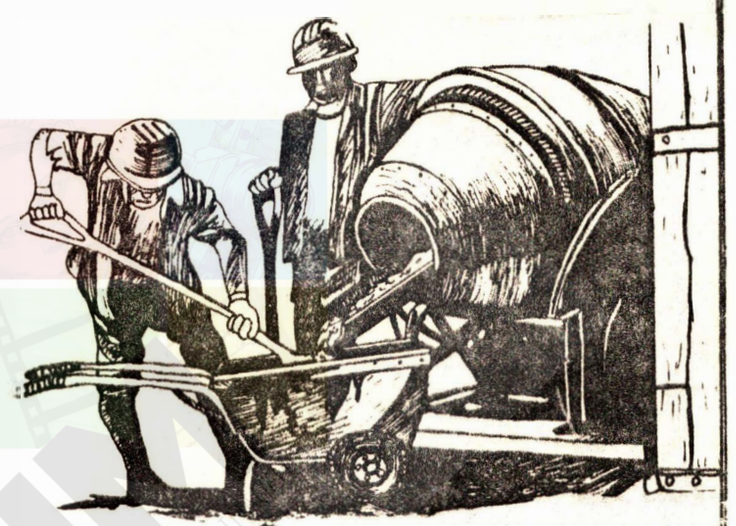
A Classe Operária atravessa hoje por um período de grandes transformações, que visam acima de tudo dividir cada vez mais sua fibra de lutas e transformação, que' está mudando esta sociedade e sobretudo se libertando.

Antes o que mais os patrões faziam era a divisão salarial dos trabalhadores em uma mesma empresa, embora o nível de produção exigido fosse a mesma. Com este método, de forma não muito visivel colocava uns contra os outros, ou coloca porque isto ainda não acabou, isto leva na maioria das vezes o trabalhador que ganha mais ficar esquecido daquele que ganha menos, não ficando nem um pouco preocupado com os seus problemas e aspirações; e os trabalhadores que ganham menos cria distância e se sente diferente daquele que ganha mais.

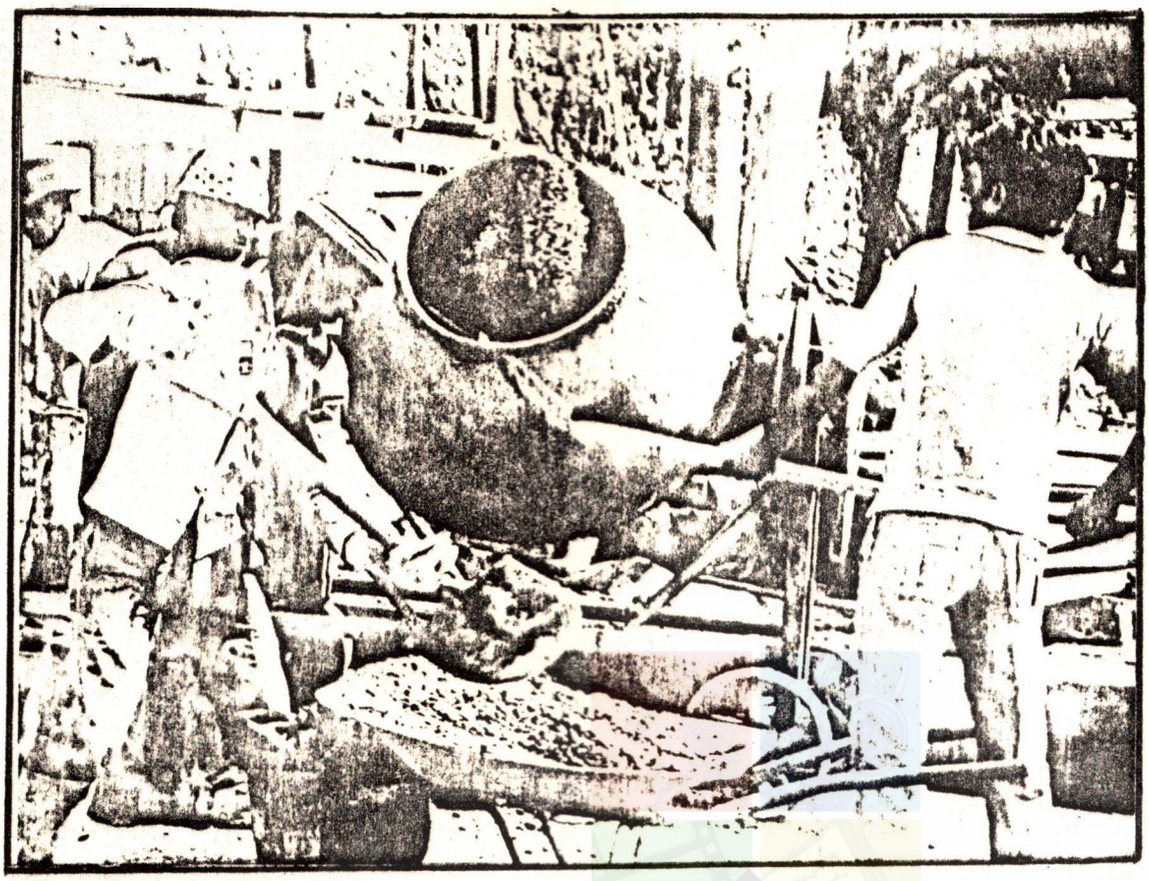


Conseguem assim matar o sentido de viver e discutir juntos 8,10 12 ou mais horas por dia. enquanto no fundos os dois são explorados. Mas a situação não pára por aí não. Alguns "senhores" preocupados com a força e o avanço da Classe Operária criam ou reformulam os mais diferentes meios de divisão. Estas formas ficam mais evidentes nas grandes indústrias. E como já falei, vou colocar sobre os mecanismos de divisão dos trabalhadores. Chamado popularmente de "gatas" ou"empreiteiras": Estas pequenas firmas, além de ajudar garantir o lucro das grandes empresas. Tirando também seu lucro. Joga os trabalhadores no ridículo. No subemprego e rotatividade. Elas geralmente vivem no interior de outras firmas. Pulando de uma para outra ' quando perde ou ganha concorrência.' E neste pula pula diminui ou aumenta o número de funcionários conforme o tamanho da empreiteira. Sendo muitas da construção civil. Têm algumas "gatas" que se colocam como de maior importância: refeitório, vigilância, ' limpeza... Existem inúmeras outras que atuam nos mais variados serviços dentro da empresa.

Além da grande rotatividade, falta de segurança e de ser um tremendo subemprego, os patrões garante que os trabalhadores não se sindicalizem, isto é, faça parte de um sindicato, porque não têm uma categoria definida. também ajuda a dividir a Classe, porque as industrias deveriam contratar trabalhadores para fazer este mesmo serviço. Fazendo parte do seu quadro de funcionários. Podendo se sindicalizar. O que não ocorre com as "gatas". Mas o que interessa aos patrões e que com isto' eles conseguem manter na mesma área trabalhadores que se sentem honrados por ser funcionário da empresa e trabalhadores que se sentem humilhados por ser subempregado e pertencer a uma "gata".



Em algumas industrias do polo petroquimico de Camaçari na Bahia, trabalhadores de uma mesma área, por ser de "gata" não tinham direito de usar o bebedouro da empresa. Outra diferença muito grande que ajuda na divisão dos trabalhadores e que as firmas grandes, geralmente multinacionais fornecem ôni - bus especial para os funcionários. Enquanto para aqueles destas mesmas firmas, só que contratados por "gatas" são transportados como "sardinhas" nos pau-de-araras (caminhões) SEm as mínimas condições de segurança. Levando assim trabalhadores a se distanciarem cada vez mais dos seus companheiros. Esquecendo do sangue que corre nas veias de todos, também esquecendo que filhos '



de uma mesma Classe. Explorados da mesma forma.

A saída para organizar os trabalhadores das "gatas" não é criando organismo de luta separado, como um novo sindicato, mas terminar' com estes intermediários. Que têm como principal objetivo explorar e humilhar.

Processo que nós, na nossa caminhada de Jovens Trabalhadores, começamos a olhar mais para o nosso trabalho e ver se esta situação existe. Porque se a gente começar a ver, é um grande número de jovens que se submetem a estes trabalhos, por serem os filhos dessa Classe Operária, recém chegados no mercado de trabalho. Quer seja a procura do primeiro emprego ou por ser desqualificados sem profissão e também sem oportunidades de melhorarmos. Diante desta situação nós jovens ou nos sujeitamos ao subemprego, ou ficamos desempregados.

Tenho certeza, não são estes os únicos problemas que sufoca os jovens trabalhadores e a classe operária. Mas vendo esta realidade triste que vivemos, temos muita fé, como também teve Cristo. Vamos cada vez mais nos aproximando uns dos outros. Construindo entre nós uma nova sociedade. Onde cada trabalhador seja um tijolo' dessa nova construção. O alicerce a solidariedade com o telhado bem firme de justiça e liberdade.

"Juntos Vamos Conquistando

Esta Nova Sociedade"

(J.T. de Camaçari - BA.)

SEMANA NACIONAL DA JUVENTUDE TRABALHADORA

DE 24 DE ABRIL A 1º DE MAIO

SEMANA NACIONAL DA JUVENTUDE TRABALHADORA, foi criada em 1970 e oficializada no mesmo ano no Conselho Nacional da JOC. A partir daí todos os anos na data de 24 de abril a 1º DE MAIO, Jovens Trabalhadores de vários lugares do Brasil se encontram para discutirem seus problemas e colocar em comum suas aspirações e criatividade possibilitando que mais jovens trabalhadores tomem consciência de sua situação. Seus valores e assumam a partir daí um compromisso a transformação dessa situação

O tema da Semana Nacional da Juventude Trabalhadora é: " SOMOS 22 MILHÕES DE JOVENS TRABALHADORES EXPLORADOS E MARGINALIZADOS, CONQUISTEMOS NOSSOS DIREITOS DE DE PARTICIPAÇÃO, EMPREGO E MELHORES CONDIÇÕES DE VIDA E TRABALHO". E tem como objetivo:

. Levar os Jovens Trabalhadores a se encontrarem de forma organizada. Discutindo seus principais problemas e reivindicando soluções.

. Levar os Jovens Trabalhadores a a mostrarem seus valores.

. Levar os Jovens Trabalhadores a manifestarem-se no 1º DE MAIO de forma organizada e em conjunto com or



ganizações operárias.

No 3º CONGRESSO NACIONAL DE JOVENS TRABALHADORES, assumimos o compromisso de continuar desenvolvendo um processo de formação a partir de nossa realidade de classe, valores e problemas específicos avançando na análise das causas, agindo juntos frente as más condições de vida e trabalho. Planejando constantemente nossas vidas e ações

A SEMANA DA JUVENTUDE TRABALHADORA vai ser um meio de reforçar as organizações surgidas com o Congresso e também de levarmos a público nossas bandeiras de luta



Diversas cidades já formaram comissão organizadora da Semana Nacional da Juventude Trabalhadora. E começam a fazer a divulgação através dos meios criados a nível nacional: camisetas, cartazes, colantes, e também slids do Congresso.



Algumas cidades já estão programando atividades como: Abertura da Semana com dimensão internacional; atividades nos bairros, levando os jovens a analisar os principais problemas da Juventude Trabalhadora. Reunir-se por categoria, reunir desempregados e tendo como encerramento o 1º DE MAIO com a participação massiva dos Jovens Trabalhadores.

Participe em sua cidade

8 DE MARÇO

DIA INTENACIONAL

DA MULHER

O DIA 8 DE MARÇO TEM UMA HISTÓRIA:

Em 1857, as operárias da fábrica de tecidos Cotton, de Nova Iorque, Estados Unidos, fizeram a primeira greve. Conduzida unicamente por mulheres.

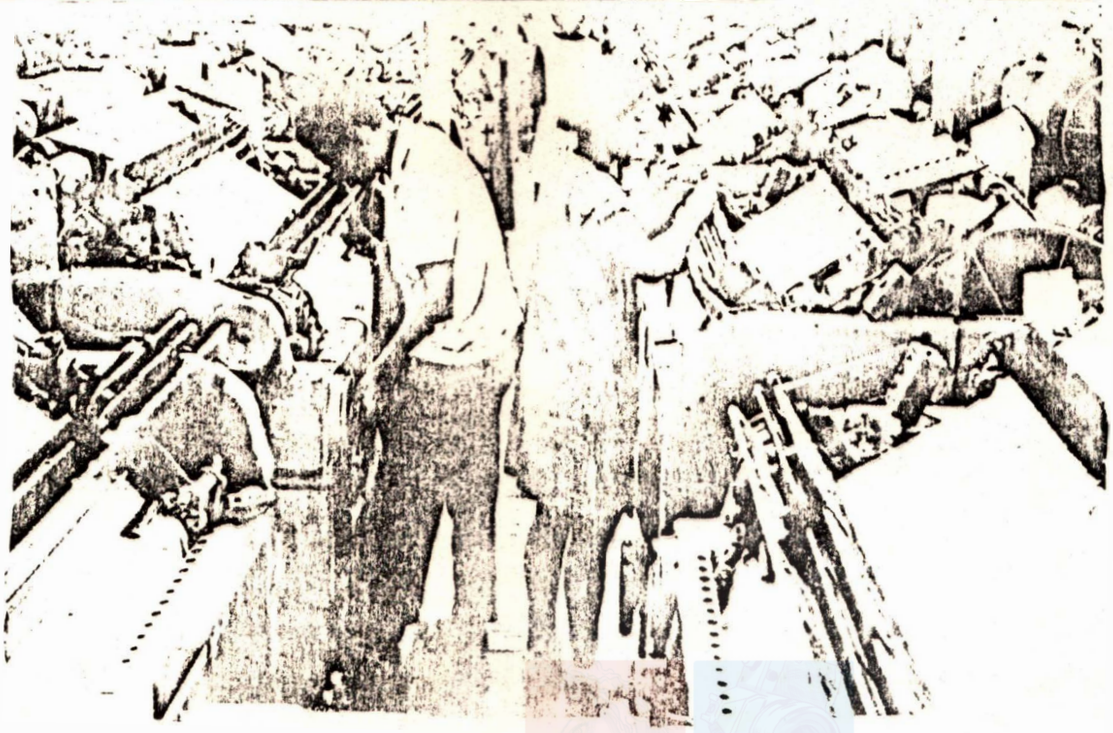
Protestavam contra as péssimas condições de trabalho a que eram submetidas: trabalhavam de 14 a 16 horas por dia. Recebiam salários miseráveis, chegavam a dar à luz no interior da fábrica. Morriam vítimas de tuberculose. Sofriam todo o tipo de humilhação.

Não aguentando mais tanta miséria e exploração, resolveram reivindicar, principalmente duas coisas: REDUÇÃO DA JORNADA DE TRABALHO e EQUIPARAÇÃO SALARIAL. Mas os patrões não quiseram ouvir. Não estavam interessados em atender essas justas reivindicações.

Perante a negativa dos patrões, as tecelões resolveram ocupar a fábrica. Como represália os donos fecharam todas as portas da firma. Jogaram gasolina no telhado e puseram fogo no edifício. Cento e vinte e nove mulheres morreram queimadas.



Em homenagem a estas trabalhadoras, Clara Zetkin, durante o 1º CONGRESSO INTERNACIONAL DE MULHERES, realizado em Copenhague, em 1910 propôs que o dia 8 de março fosse instituído como o DIA INTERNACIONAL DA MULHER.



Em 1983, no 3º CONGRESSO NACIONAL DE JOVENS TRABALHADORES tivemos oportunidade de discutirmos e analisarmos nossa realidade. Constatamos que a mulher trabalhadora encontra ainda mais barreiras para conseguir trabalho e garanti-lo. Não se leva em conta seus problemas pessoais e específicos como a menstruação, a gestação e amamentação.

Frequentemente é demitida por esses motivos.

As empregadas domésticas não são registradas. Não têm horário, são marginalizadas, provocadas para serem usadas como objeto sexual. Vivem na casa do patrão, assimilando valores busgueses, e na sua grande maioria não têm nem o salário mínimo. São negadas a esta categoria os direitos mais elementares como trabalhadoras.

A lei fala em trabalho igual, salário igual para ambos os sexos. Mas a mulher é mais explorada, pois mesmo quendo faz o mesmo trabalho, recebe menos. Muitas empresas mandam embora as jovens trabalhadoras logo que elas se casam. Outras têm como regulamento não admitirem mulheres casadas. Em geral assistimos a uma exploração sem limites da mulher, inclusive no plano afetivo, sexual. Isto em todos os setores onde trabalha, pois é coagida a "programas", "transas" para aumentar e garantir seu emprego.

A causa dessa realidade é que o sistema capitalista, visando somente lucro, transforma a mulher em objeto. TEndo interesse em que ela continue sendo explorada, manipulada, usando toda uma ideologia que contribue para que se mantenha essa situação.

Diante disso percebemos que é de fundamental importância a participação da mulher nos órgãos de classe. Levando também suas reivindicações específicas.

COMPANHEIROS



Após avaliações e sugestões de algumas cidades sobre a elaboração de conteúdo, diagramação e formato deste boletim, decidimos fazer algumas modificações na esperança que ele possa contribuir cada vez mais na formação e informação ao maior número possível de jovens trabalhadores.

A princípio pensamos que ele passe a ser no formato 30/29 cm (tipo um jornalzinho).

- impresso em papel jornal,
- 2 cores,
- 8 páginas.

E também está sendo formada uma equipe que ficará encarregada de planejar e coordenar todo o processo de formação do boletim. Para que essa equipe possa trabalhar bem é preciso contar com sua colaboração, com sugestões, de desenho de como deve ser o novo símbolo, fotos, artigos etc...

CONTAMOS COM A COLABORAÇÃO DE TODOS.



JUVENTUDE TRABALHADORA
INFORMATIVO DA JOC BRASILEIRA

O MOVIMENTO JUVENTUDE OPERÁRIA CATÓLICA BRASILEIRA (JOC), ESTÁ LIGADO AO SETOR LEIGOS - DA LINHA UM - UNIDADE VISÍVEL - DA CONFERENCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB) E PARTICIPA DO CONSELHO NACIONAL DE LEIGOS (CNL).

PACS/CENPLA - PROGRAMA ALTERNATIVAS PARA O CONE SUL/CENTRO DE ESTUDOS, PESQUISA E PLANEJAMENTO

METODOLOGIA DA PRÁXIS NO TRABALHO POPULAR

por Marcos Arruda

ÍNDICE

TAREFAS DA FORMAÇÃO DOS TRABALHADORES

FILOSOFIA DA PRÁXIS E O TRABALHO POPULAR

DESENVOLVER A CONSCIÊNCIA CRÍTICA: DESAFIO PARA O EDUCADOR POPULAR E PARA O EDUCANDO

APLICAÇÃO DA METODOLOGIA DA PRÁXIS À ANÁLISE DO TRABALHO POPULAR (continua)

---

* Este texto foi preparado para o Encontro Nacional de Agentes de Pastoral Operária, Rio de Janeiro, 30/06-3.7/87 .

"Os filósofos não fizeram senão interpretar o mundo: o que importa, é transformá-lo." (Tese XI - Sobre Feuerbach, K. Marx)

"Que dança e dançarino sejam uma única e mesma coisa." (O mestre arqueiro, em A Arte Cavalheiresca do Arqueiro Zen, E. Herrigel)

TAREFAS DA FORMAÇÃO DOS TRABALHADORES

Na perspectiva da Práxis, o objetivo estratégico de todo processo político-educativo, em particular da capacitação para o trabalho sindical, social e político, é o desenvolvimento das capacidades e dos potenciais de cada educando para agir e pensar de forma crítica, autônoma e criativa, dentro do contexto do grupo social em que vive e trabalha.

Este objetivo da ação político-educativa não é neutro nem meramente técnico. Dentro dele se escondem diversas concepções cruciais, como :

. que o conhecimento humano, em qualquer área ou aspecto, é um processo sempre em construção;

. que a prática social, refletida pelos próprios sujeitos em todas as suas dimensões e articulações, é a fonte privilegiada do novo conhecimento;

. que o educando deve tornar-se, desde o início, sujeito do processo político-educativo, pois só aprenderá a agir, agindo e a pensar sobre a ação, pensando;

. e que, portanto, o educador é não mais do que um guia, um apoio num processo de descobrimento permanente dos próprios sujeitos do aprendizado. O desafio para ele é, em essência, tornar-se um sujeito entre sujeitos, potencializando as capacidades criativas de cada um na dinâmica do trabalho coletivo.

Esse objetivo estratégico envolve duas tarefas. Primeiro, transmitir aos educandos o conhecimento universal acumulado pela humanidade ao longo da história, e ajudá-los a apropriar-se desse conhecimento. Nas sociedades fragmentadas em classes, este tipo de conhecimento é monopólio das minorias que não estão diretamente envolvidas no trabalho produtivo e que têm a possibilidade e os recursos para passar 20 ou mais anos estudando. É ele que dá o estofo de saberes necessário para as tomadas de decisão. E a sua carência, em maior ou menor grau , é um dos fatores importantes de subordinação das maiorias trabalhadoras à condição de meros executores das decisões alheias, dependentes, portanto, daqueles que "sabem , pensam e decidem".

É por isso que uma das tarefas prioritárias do trabalho popular consiste em romper aquele monopólio do conhecimento universal, criando com as maiorias trabalhadoras ou marginalizadas mecanismos e formas de aprendizado que conduzam à apropriação e utilização deste saber segundo a lógica das suas próprias necessidades e interesses. Sobre isto refletiremos futuramente.

Qual a origem do conhecimento universal que vem sendo acumulado e aprofundado ao longo dos milênios de história humana? Este saber não nasceu da cabeça de alguns iluminados, mas foi gerado e teorizado a partir da prática de segmentos da humanidade em diferentes épocas e etapas de desenvolvimento da história e da consciência. E os seus horizontes foram se ampliando em dois sentidos. Um é o que resulta da

expansão da consciência humana, que foi-se tornando capaz de abranger dimensões cada vez mais profundas e completas do universo, da natureza, da história e do próprio ser humano nesses contextos. O outro provém das transformações que resultam da interação de todos os elementos que compõem o que chamamos de "Realidade". Uma vez que a Realidade está em permanente mutação, os conceitos e definições que os seres humanos têm criado para compreendê-la também têm mudado ao longo do tempo. É justamente por isso que a própria idéia de "conhecimento científico" como algo rígido e definitivo, ou como algo que é porque pode ser comprovado pelos cinco sentidos, também está em questão.

É tarefa fundamental do trabalho popular, portanto, ajudar os setores oprimidos da sociedade a apropriar-se desse conhecimento, seja no seu aspecto específico e local - por exemplo, a anatomia ou a irrigação do milho, no caso de trabalhadores rurais que produzem este cereal - seja num âmbito mais geral ou global - p.e., a botânica, o processo evolutivo, a fitopatologia, a política agrária do governo, as relações sociais no campo.

A outra tarefa fundamental consiste em colaborar com os educandos na criação do novo conhecimento, num processo de ensino-aprendizado que articula clara e corretamente prática com teoria e conduz educandos e educador a uma visão cada vez mais profunda, dinâmica e articulada do Real e a uma crescente capacidade de transformá-lo e recriá-lo. Este é o processo de agir e pensar de forma crítica, autônoma e criativa. Através dele, os educandos se tornam capazes de gerir sua própria vida, seu próprio processo educativo e, oportunamente, a sociedade.

Esta tarefa, portanto, contém em si todo um projeto político e uma visão de mundo ou filosofia. Ela faz parte indispensável da "utopia" (no sentido de um possível que hoje ainda é irrealizável, mas amanhã já não será, se nos empenhamos em preencher todas as condições necessárias e suficientes para realizá-lo) de uma sociedade de sujeitos, capazes de conviver entre si e com outros grupos sociais e outros povos em harmonia e felicidade.

FILOSOFIA DA PRÁXIS E O TRABALHO POPULAR

Eis aí o projeto de sociedade que orienta a prática e a visão de mundo do educador popular. É um projeto explícito, que busca continuamente redefinir-se, à luz da prática social dos próprios sujeitos da História, as classes trabalhadores. Peçamos a um capitalista para definir o seu projeto histórico. Ele vai se enrolar, pois terá muita dificuldade em convencer-nos e, no fundo, convencer a si próprio, de que o lucro máximo não é a finalidade de sua atividade econômico-social, e de que o motivo do lucro máximo conduz a um mundo de harmonia, justiça e felicidade.

O educador popular, ao contrário, precisa ter claro, para si, e explicar àqueles com quem trabalha, com sinceridade e transparência, o projeto que guia e dá sentido às suas ações. E não basta uma definição geral e abrangente, como a que fizemos há pouco. É preciso trabalhá-la, burilá-la coletivamente, até que, como um belíssimo diamante, ela possa revelar todo o seu esplendor.

Mas aí corremos o risco de ser acusados de sonhadores. Isto tampouco é grave. A História foi sempre construída a partir de sonhos. Nem um edifício, nem uma máquina, nem uma plantação surgiram num passe de mágica: todas foram primeiro sonhos, para depois virarem realidade, quando um conjunto de trabalhadores lançou mão de ferramentas e instrumentos adequados para realizá-los.

É importante, porém, nos perguntarmos: e de onde vieram aqueles sonhos? Pois eles foram suscitados a partir da prát ca anterior daque -

les que os sonharam. Foram os problemas, as contradições e as ambiguidades do que eles estavam fazendo que os levaram a sonhar com novas soluções, novos caminhos para avançar. Assim, sua ação sobre o mundo foi transformando não apenas o mundo mas eles próprios. Eis aí o centro da explosão que o ser humano representou no seio da natureza: a capacidade reflexiva dele permite que pense o mundo, atue conscientemente sobre ele e, transformando-o, forme e transforme a si próprio.

Esta é uma das concepções básicas da Filosofia da Práxis. Segundo ela, o conhecimento resulta da ação transformadora - trabalho, luta político-cultural - do ser humano sobre o mundo e a sociedade, refletida no plano da sua consciência. E, ao mesmo tempo em que o sujeito atua sobre o mundo e a sociedade, esta atuação se volta sobre ele mesmo e sobre o seu conhecimento do mundo. Ao pensar, ele "é pensado", ao fazer, ele é feito, ao construir, ele é construído.

Esta visão supera um dos divórcios mais antigos da história e das filosofias: o divórcio entre prática e teoria. A prática, nesta perspectiva, é o ponto de partida e de chegada do conhecimento humano e é também o critério da sua veracidade. Por outro lado, o conhecimento, porque procede da prática e se orienta para ela, é um processo nunca acabado ou definitivo, mas sempre em construção.

Quais as consequências para o educador ou o trabalhador popular deste modo de conceber o conhecimento? Primeiro, obriga-o a relativizar e a problematizar todo e qualquer conhecimento, situando-o no seu momento do tempo e do espaço e não se iludindo, nem aos outros, com a idéia de que é um conhecimento absoluto, inabalável, definitivo. Enquanto fluir e se trarsformar a realidade natural e humana, o conhecimento desta realidade fluirá e se transformará com ela. Portanto, para transformar consciente e criativamente a Realidade, é preciso partir dela.

Segundo, obriga-o a pesquisar o mundo para identificar a Realidade em todas as suas dimensões. Isto porque a Realidade não é algo dado, evidente, imediatamente identificável por nós. O que vemos ou percebemos do mundo com os nossos cinco sentidos não nos dá uma visão completa do Real, apenas uma visão das suas aparências. Ao longo de mais de dois milhões de anos de sua existência, o ser humano aprendeu que o Real é complexo e que por detrás da enorme diversidade com que ele se apresenta existe uma surpreendente unidade, que só o desabrochar da nossa consciência permitiu e permite captar.

Esta longa caminhada tem que ser refeita por cada um de nós, individual e coletivamente, ao longo da nossa própria existência. Nela, vamos descobrindo que o que é local e particular não existe por si só, mas em relação com o global/universal e o geral. Assim também a parte em relação ao todo, o imediato em relação ao mediato. Com isto, começamos a entender a natureza do trabalho teórico: ele consiste em procurar o todo que se esconde nas partes, o uno que se esconde no múltiplo, sem perder de vista a realidade dos dois polos, isto é, que é o todo e o uno que articula e dá sentido à pluralidade das partes e, ao mesmo tempo, é esta pluralidade, articulada de forma evidente ou sutil, clara ou obscura, harmônica ou conflituosa, que constitui o todo e o uno.

Terceiro, o educador popular não reduz a educação ao "simples" processo de transmissão do conhecimento universal acumulado e já sistematizado aos educandos. Este processo é de extrema importância, conforme indicamos acima, e nele importam não só o conteúdo do que é transmitido, mas também o modo, o método de transmití-lo. Ainda mais importante, porém, é capacitar-se o trabalhador, enquanto indivíduo, comunidade e classe social, na arte de teorizar a sua própria prática, isto é, de compreendê-la dentro dos vários contextos em que ela se dá - o his

tórico e o físico, o econômico, o social, o político, o cultural, o espiritual. Assim, o conhecimento universal acumulado passa a ser concebido como algo relativo e não definitivo, a ser continuamente alargado, questionado, aprofundado, "completado" e haverá sempre mais a aprofundar e a completar.

A apropriação deste conhecimento pelas classes trabalhadoras é uma condição necessária, mas não suficiente para que elas conquistem o poder sobre o seu próprio destino. É combinando esse conhecimento com o desenvolvimento da sua capacidade de explicar e entender o mundo na sua integralidade e universalidade que os trabalhadores poderão edificar por si próprios o novo conhecimento, a nova práxis, o novo mundo, livre de opressão, dominação, alienação, servidão.

Outros aspectos fundamentais da Filosofia da Práxis para o trabalho popular, além do aprofundamento da teoria do conhecimento que enunciamos acima, serão discutidos futuramente.

DESENVOLVER A CONSCIÊNCIA CRÍTICA: DESAFIO PARA O EDUCADOR POPULAR E PARA O EDUCANDO

O educador popular toma o saber popular como ponto de partida para a construção do conhecimento científico. Este é o primeiro passo no esforço de desenvolver a consciência crítica do povo. As tendências vanguardistas acreditam que são as vanguardas que dão ao povo este nível de consciência. Acreditamos, ao contrário, que ninguém dá consciência a ninguém.

Isto, por diversas razões. A principal é que os trabalhadores desenvolvem sua consciência individual e coletiva, ao longo da sua existência, não a partir de idéias ou conhecimentos já elaborados que lhes são transmitidos, mas de sua própria prática de vida e, principalmente, de trabalho produtivo. No caso particular do capitalismo, este trabalho é realizado socialmente, mas seu produto (ou os benefícios por ele gerados) é apropriado pelos donos do capital, que não participaram - pelo menos diretamente - no ato de produzí-lo. Esta contradição intrínseca do capitalismo é como uma semente de consciência crítica plantada no trabalhador. Se ele é levado a pensar com a lógica da burguesia, bombardeado que é por todas as armas ideológicas de que o capitalismo dispõe, sua prática social e produtiva estão continuamente conflitando com aquelas idéias, imagens e crenças.

O processo de desenvolvimento da consciência crítica, portanto, não vem de fora nem de cima (do plano das idéias), mas do interior mesmo da prática do trabalhador, ainda que possa ter como estopim ou como catalizador um elemento externo ou um conjunto de idéias. Se isto é verdade, então não há dúvida de que o ponto de partida daquele processo é duplo: por um lado, a prática do trabalhador e, por outro, sua própria teoria desta prática, que, tomada no seu nível menos elaborado, confunde-se com a consciência espontânea que ele tem do Real, uma consciência aprisionada às aparências, que reduz o Real ao particular, ao local e ao imediato, noutras palavras, à forma visível como ele se manifesta aos seus sentidos, aqui e agora.

O trabalho do educador popular consiste, então, em ajudar os trabalhadores a mergulharem além dessas aparências, a descobrirem uma nova maneira de compreender sua prática social e produtiva - individual e coletiva - em todas as suas dimensões e implicações, a confrontarem estes descobrimentos com as idéias que tinham até então do mundo e de si próprios e, enfim, a tomarem nas suas próprias mãos as iniciativas de ação libertadora.

Notemos que, em tudo que dissemos acima, o sujeito de cada passo não é o educador, mas o próprio trabalhador. Eis porque sublinhamos com tanta ênfase que o papel do educador popular é o de um guia, um apoio numa caminhada que não pode ser feita senão pelo próprio trabalhador, com suas próprias pernas, com seu próprio intelecto, com seu próprio corpo.

Não esqueçamos, porém, dois aspectos muito importantes desse processo. Um é que o educador popular deve reconhecer para os trabalhadores e para si próprio que, no plano da capacitação que os trabalhadores esperam dele, exerce um papel de liderança que precisa ser claramente explicitado. Ele traz consigo uma marca de autoridade inegável, pois teve acesso a conhecimentos de caráter universal e aprendeu a pensar de forma sistemática e disciplinada. Estes trunfos são valorizados pelos trabalhadores, que reconhecem sem qualquer ingenuidade a utilidade e o poder a eles associados.

Negar esta autoridade e este poder, mais que ingenuidade, é oportunismo, pois não há como deixar de exercê-los na relação político-educativa, mesmo quando se tenta mascará-los. A menos que o educador se entregue a uma atitude de passividade, que resulta da mistificação do saber popular e da consciência espontânea do trabalhador. Tal educador não merece este título, pois não colabora para que o trabalhador se ultrapasse e caminhe sempre mais além de onde já chegou, no que respeita a sua própria capacidade de conhecer o Real, de criar novos conhecimentos e de transformar o mundo e a si próprio.

O outro aspecto do desenvolvimento da consciência crítica é que o educador popular que concebe este processo dialeticamente não cai na ingenuidade de acreditar que este processo avança de forma linear, elevando o sujeito como se ele estivesse subindo uma escada. Ao contrário, é um processo complexo, contraditório, que envolve avanços e recuos, ou avanços desiguais em diferentes planos da nossa consciência.

Portanto, ninguém deve iludir-se pensando que "possui" uma consciência crítica de nível superior e, assim, pode dirigir e conduzir sem erro a luta dos trabalhadores. Tal arrogância esquece que não somos anjos mas seres históricos e sociais e, portanto, que em cada um de nós convivem várias lógicas. À medida que a qualidade crítica da consciência se desenvolve, aquelas lógicas entram em crescente conflito uma com a outra, um conflito que, sem qualquer dúvida, irá durar toda a nossa existência. Noutras palavras, a revolução capaz de gerar um novo mundo e uma nova humanidade não tem por palco apenas as estruturas e instituições da sociedade, mas também e, simultaneamente, o interior de cada um de nós, os nossos valores, atitudes, comportamentos e modos de relação conosco mesmos, com os outros da nossa própria classe, com a humanidade como um todo e com a natureza. Tem que ser uma revolução da vida.

APLICAÇÃO DA METODOLOGIA DA PRÁXIS À ANÁLISE DO TRABALHO POPULAR

No nosso trabalho político-educativo, constumamos distinguir entre metodologia e método, da mesma forma como fazemos uma clara distinção entre tecnologia e técnica.

(Continua).

* * * * * * * * * * * * * *

Rio, 01 de julho de 1.987.
CPO Nacional.

O MÉTODO DIALÉTICO: Desafio para a Prática Pastoral

Implícita na Pastoral Operária e a sua metodologia tradicional do "ver-julgar-agir" está o método dialético. Não é o caso de muito planejamento e prática pastoral que refletem um pensamento "idealista" e uma prática "funcionalista". Para podermos aprofundar a nossa prática na P.O. e nos situarmos melhor numa pastoral de conjunto é importante explicitar o que e como se pratica a dialética. Aqui ofereço alguns exemplos de como tenho percebido a importância da dialética na minha análise e na minha prática.

A dialética compreende a realidade "como contraditória e em permanente transformação". O pensamento idealista procura ver a identidade estática das coisas e o funcionalismo especifica sua função como se fossem membros de um corpo. A P.O. vê a si própria como espelho da contradição fundamental entre capital e trabalho que prejudica o dia a dia do trabalhador, realidade que precisa de uma transformação profunda à luz do Evangelho. Muitas vezes a P.O. é vista numa pastoral de conjunto como uma pastoral entre outras, cada qual com seu papel, membros de uma Igreja cuja identidade se define em si e não em relação com a realidade social.

Assim a P.O. se enquadra numa auto-compreensão dialética que traz profundas conseqüências para sua análise da realidade e sua prática pastoral. Aqui proponho explicitar duas categorias da dialética que são utilizadas para enxergar a realidade e duas que orientem a prática social.

1. O concreto e a totalidade

O método dialético parte de uma análise de uma realidade concreta na sua materialidade. Na P.O., por exemplo, partimos da vivência do dia a dia do trabalhador. Daí a dialética leva a ver a ligação entre as coisas e situa cada realidade numa totalidade. Parte do concreto e o situa nas conexões de uma totalidade em constante movimento.

Na P.O. o nosso uso do ver, parte do dia a dia e leva o trabalhador a explicitar sua parte no trabalho global da firma e seu relacionamento com os outros trabalhadores. É um método indutivo, parte do específico do trabalho de uma pessoa e analisando sua conexão com o trabalho de outros e as relações entre os vários trabalhadores, chega a uma visão de como funciona uma firma na sociedade capitalista. O instrumento prático para este aprofundamento é perguntar as causas e conseqüências de um determinado fato. Assim nenhum problema é visto isolado.

Tanto o salário baixo, como o ritmo de produção acelerado, e até o "comodismo" dos companheiros são vistos tendo uma origem comum na estrutura da sociedade capitalista.

Em contraste, uma pastoral que utiliza uma visão da realidade idealista ou funcionalista descreve o problema em si. Por exemplo, pode destacar o salário baixo do trabalhador, o menor abandonado, e a falta de mora -

dia como três problemas, cada qual precisando de uma atenção pastoral específica, sem analisar a ligação entre eles.

2. A Contradição

Analisando o concreto na totalidade aparecem as contradições. No caso da P.O., aprofundando o porquê de um problema trabalhista qualquer, aparece a contradição fundamental do capitalismo, a contradição entre o capital e o trabalho. O uso do método dialético não nos deixa tratar os problemas do trabalhador desligados desta contradição fundamental. O idealismo, por outro lado, pode nos levar a ver o problema familiar do trabalhador simplesmente como problema moral, e não enxergar suas causas mais profundas na realidade do mundo do trabalho. O idealismo tem como modelo a harmonia entre as coisas, que no caso do trabalhador se traduz em harmonia entre as classes. A dialética não encobre a divisão em classes que o capitalismo produz, classes com interesses objetivamente antagônicos.

A dialética nos leva a assumir o conflito que existe por causa da exploração de uma classe pela outra. Esta situação objetiva exige uma opção, opção quando norteada pelo evangelho costumamos chamar de "opção pelos pobres". O idealismo e funcionalismo fogem desta realidade do conflito, procurando uma harmonia na Igreja impossível numa sociedade dividida.

No evangelho e na Teologia, seria o apelo profundo para a prática da justiça.

3. Ação em Espiral

A dialética nos orienta na nossa atuação para a superação das contradições. Ajuda a perceber o que dá para mudar. Por isso, por exemplo, na P.O. enfatizamos a importância de termos uma compreensão da estrutura do capitalismo e de cada conjuntura emergente para podermos avaliar como agir num determinado momento histórico.

O conceito do processo de transformação em espiral é que a superação das contradições se dá por sucessivas superações parciais. Não é um processo linear. Na prática costumamos nos referir aos "altos e baixos", ao "fluxo e refluxo" no movimento. Se não entendemos este processo de transformação parcial, da atuação possível em determinadas conjunturas podemos facilmente desanimar nas épocas de refluxo. Os militantes que permanecem comprometidos a longo prazo conseguem utilizar o momento de refluxo no movimento em geral para acumular forças, por exemplo através de estudo ou aprofundamento pessoal ou trabalho de base.

Para nós cristãos, o conceito do espiral se liga à nossa compreensão da cruz e ressurreição de Jesus, à morte quando tudo parece perdido seguido por um salto na fé e na atuação dos discípulos guiados pelo Espírito Santo.

4. O Salto de Qualidade

A última categoria da dialética que levanto para ajudar a entender a nossa ação é o salto de qualidade. A mudança não acontece de uma forma linear, ou quantitativa, mas por saltos qualitativos que são determinados tanto pela conjuntura "externa" como pelo acúmulo de consciência de classe e experiência, que influi na correlação de forças.

Na prática pastoral vemos este fenômeno quando uma pessoa ou um grupo "de repente" se torna líder numa situação de conflito. Do outro lado podemos ver o impasse enfrentado por um indivíduo ou grupo cuja categoria ou firma oferece pouco "espaço" de militância. Pois o salto se dá quando as condições objetivas tornam uma ação pequena de extraordinário efeito. Para agir de maneira correta no momento histórico oportuno precisamos estar atentos à correlação de forças que ajuda a ver qual a ação possível naquela situação.

Ao mesmo tempo entender este processo nos dá uma paciência histórica que valoriza o acúmulo de forças a longo prazo e nos tira de um imediatismo e ativismo que se esgotam logo.

Uma prática pastoral baseada em planejamento e prioridades pode passar por cima desta dinâmica de transformação. Pois tende a dar um valor exagerado ao que aparece num determinado momento e subestimar um processo menos visível mas mais eficaz a longo prazo. O salto de qualidade não pode ser "planejado", mas também não acontece se não houver uma insistência no engajamento dentro de um método dialético.

Conclusões: Formação na P.O.

A explicitação de categorias do método dialético: o concreto e a totalidade, a contradição, o Espiral, e o salto de qualidade, nos ajuda a aprofundar a metodologia usada na P.O. e clarear a nossa função como agentes de pastoral. O uso de uma metodologia dialética tem momentos distintos, que costumávamos chamar de ver-julgar-agir mas que talvez se expressam melhor pela designação prática-teoria-prática. A contribuição histórica da P.O. para a classe trabalhadora e para a Igreja do Brasil depende de sua compreensão e sua fidelidade a esta metodologia, que permite uma intervenção consciente e transformadora da realidade. Para nós agentes o desafio é grande pois a tentação de cair no idealismo e funcionalismo ainda é grande e marca a pastoral de conjunto.

Vejo três desafios concretos para nós como agentes de pastoral operária:

1) Conhecer e usar o método dialético na nossa prática pastoral como um todo, com atenção especial ao processo de formação de trabalhadores. Seria partir da prática social dos trabalhadores e daí fazer um aprofundamento teórico (inclusive religioso) que ajude a clarear a análise e a ação.

2) Assumir a dialética como guia para nossa atuação interna na Igreja onde as práticas muitas vezes são outras, embora o objetivo declarado pode ser o mesmo. Um exemplo seria partir ou de uma pequena ação numa comunidade ou de uma prioridade escolhida e procurar ligar este fato com suas causas na estrutura da sociedade. Esta pedagogia nos leva a escolher ações que contêm dois níveis: fazer logo de concreto diante um problema imediato, e ao mesmo tempo procurar atingir o problema pela raiz.

3) Permitir que a visão dialética cada vez mais penetre em nossa espiritualidade, nosso entendimento Bíblico e teológico.
A nossa fé tem por base uma pessoa histórica situada na história de seu povo. A fé em Iahweh aparece nas contradições sociais e da força para enfrentá-las na prática da justiça e "opção pelos pobres." Assumir uma prática de P.O. nos engaja profundamente num processo junto com trabalhadores cristãos, e nos desafia a assumir os conflitos e tensões que esta opção gera, tanto na sociedade como também na Igreja.

* * * * * * * * * * * * * * * * * *

1. Konder, Leandro. O que é Dialética. São Paulo, ed. Brasiliense, 1981, pag. 8.
Outro livro de referência para esta reflexão foi Lógica Formal, Lógica Dialética. Henri Lefebvre - Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira, 1987.

2. Visão esta contida na Encíclica "Sobre o Trabalho Humano"
Laborem Exercens de João Paulo II, 1981.

Holly Chenery

Duque de Caxias, 18 de junho de 1.987.

CARTA-POEMA A UM COMPANHEIRO NA FRENTE DE BATALHA

"Hoje perdi este filho e um sobrinho;
há quinze dias perdi outro filho,
mas sei que está com vida, pois
trabalhavam na vinha do Senhor".

(De uma mãe de La Trinidad...
Nicarágua Libre)

Com as armas da Paz te saudamos.
E desde o coração do Continente
de terra e de luz
estendemos nossas mãos,
reconcentradas em tuas mãos
de águia
e de ternura,
aos ombros dos combatentes.

Visitarás cada trincheira,
cada barricada
e serás a nossa Palavra
proferida no idioma dos relâmpagos,
língua libertada de todos
cânones, códigos e cadeias,
a "Insurreição Evangélica" viva,
a língua que não sabe
dos dicionários da sombra,
do suborno, do silêncio maculado.
antes verso solidário,
canto desatado dos irmãos.

Mais que palavra,
frágil sopro dos humanos,
serás gesto.
Abraço.
Aperto de mão.
Serás a atadura que estanca
o sangue dos feridos.
A Paz que cicatriza,
o beijo no rosto das crianças.
Serás a espiga que alimenta
a boca dos combatentes,
a esperança do Povo.

CEDIM
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR - UFRRJ

E se chegar a hora,
serás coragem,
pólvora e rastilho,
serás fuzil:
metal da insurreição.

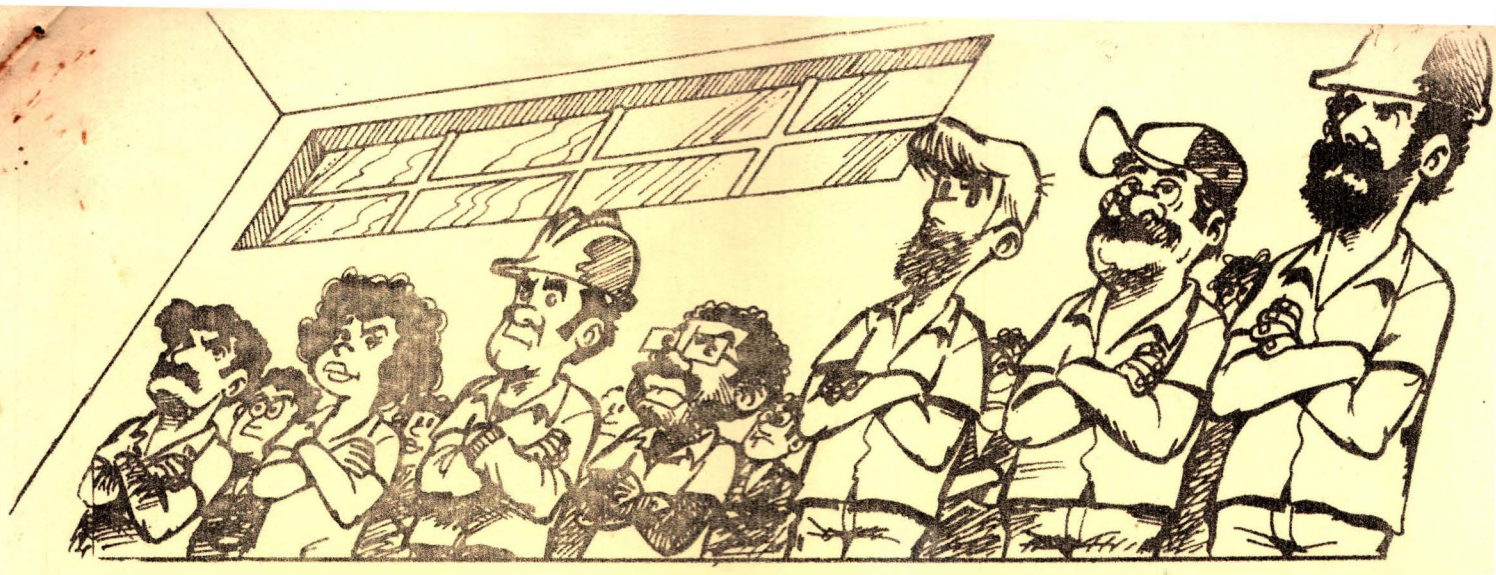
E os olhos de contas de vidro,
dos filhos da proveta
de Mr. Regan
entenderão por fim
que de mar a mar,
os campos de Nicarágua
serão a garganta incandescente
do vulcão acorrentado
de América Latina!

E nos algorjes do regresso
trarás
entre versos
e a infinita crença nos filhos do Povo,
a lição que esta menina NICARÁGUA nos repete
e nos ensina
"Hay que endurecerse, pero sin perder la ternura
jamás".

V Assembléia Nacional da CPT
Goiânia, 10 de agosto de 1985
No século da solidariedade a Nicarágua

pedro tierra

CEDIM CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR - UFRRJ



PLANO de AÇÃO

JOC - BRASILEIRA



PERÍODO DE

AGOSTO DE 83

A

JULHO DE 84

PLANO DE AÇÃO DA JOC BRASILEIRA

PERÍODO: AGOSTO DE 83 A JULHO DE 84

OBJETIVO GERAL:

UMA AÇÃO PELA FORMAÇÃO ORGANIZAÇÃO E REIVINDICAÇÃO DA JUVENTUDE TRABALHADORA DENTRO DA LUTA DO MOVIMENTO OPERÁRIO.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS DESTE PERÍODO:

1. Garantir a continuidade do processo de Ação Comum que foi desenvolvido através do Congresso;
2. Garantir que todos os jovens trabalhadores atingidos pelo Congresso, continuem assumindo a Ação Comum desenvolvida pelo movimento.
3. Garantir uma formação e organização que desafie o maior número possível de jovens trabalhadores a assumirem-se como militantes da JOC;
4. Garantir uma manifestação mais pública dos resultados do Congresso, destacando principalmente as reivindicações mais importantes dos jovens trabalhadores;
5. Garantir um melhor planejamento das ações que o movimento realiza, desde a ação militante de base até a Ação Comum a nível nacional.

ISTO IMPLICA:

1. AÇÃO FORMATIVA:

   Garantir uma análise contínua da nossa realidade de classe, valores e problemas específicos, avançando na análise das causas, planejando e revisando constantemente nossas vidas e ações.

2. AÇÃO ORGANIZATIVA:

   Garantir organização de trabalhadores, especialmente jovens, a partir das realidades do TRABALHO, BAIRRO e DESEMPREGO, formando grupos de ação nos locais de trabalho, em cada categoria, nos bairros e de desempregados, avançando na organização, principalmente dos setores fábrica e comércio;

3. AÇÃO REIVINDICATIVA:

   Garantir a luta pela conquista de espaços de participação organizada dos jovens trabalhadores em todos os setores da sociedade, principalmente nos organismos de classe;

4. AÇÃO DENTRO DO MOVIMENTO OPERÁRIO:

   Garantir a participação dentro do movimento operário, principalmente reivindicando soluções para problemas específicos da juventude trabalhadora;

5. RELACIONAMENTO COM OUTRAS ENTIDADES.

   Garantir relacionamento, apoio e autonomia frente a outras entidades que lutam pela transformação da sociedade, principalmente as que são de trabalhadores.

PROGRAMA DE AÇÃO

O Programa de Ação desta período, supõe a continuidade do processo de formação, organização e reivindicação, desenvolvido pelo Congresso. Portanto, até julho de 84 continuaremos desenvolvendo a Ação Comum que apresentará três momentos marcantes:

1º Momento: ETAPA ORGANIZATIVA

Preocupação central: Organização dos jovens trabalhadores que participaram do Congresso, principalmente em cima das reivindicações e propostas de ação mais importantes.

2º Momento: ETAPA REIVINDICATIVA

Preocupação central: Ação massiva diante das principais bandeiras de luta dos jovens trabalhadores.

3º Momento: ETAPA FORMATIVA

Preocupação central: Revisão de todo o processo de Ação Comum, desenvolvido pelo movimento, aprofundamento da análise da realidade e replanejamento da ação a nivel nacional.

OBJETIVOS E MEIOS ESPECÍFICOS DE CADA ETAPA

1a. ETAPA: ORGANIZATIVA

A preocupação central nesta etapa é garantir a organização do máximo possivel de jovens trabalhadores que participaram do Congresso, a partir das realidades do TRABALHO, BAIRRO e DESEMPREGO, que foram as principais realidades que sairam no Congresso.

Visamos com isso, que esses jovens trabalhadores desenvolvam as propostas de ação que foram definidas no Congresso e que se referem principalmente à luta frente problemas do trabalho, bairro e do desemprego.

Para isso, há a necessidade de retomarmos com os atingidos pelo Congresso, os aspectos mais importantes da realidade levantada no Congresso, garantindo uma análise mais ampla dos principais problemas destacados e sobre o que queremos com as propostas de ação.

Isso necessita ser feito de forma planejada, portanto os militantes, as coordenações de setor, cidade, estado, triângulo e nacional, necessitam planejar melhor suas ações dentro das seguintes pistas:

- Como avançarmos nossa organização frente à realidade de categoria, bairro e desemprego?
- Que meios de formação vamos utilizar para os militantes, os novos, os contatos e os atingidos?
- Como vamos garantir como militantes os que mais se destacam?

Nesse processo precisamos garantir a divulgação massiva do Manifesto do Congresso Nacional, dando ênfase às reivindicações mais importantes dos jovens trabalhadores, para o que necessitamos realizar um processo de discussão e levantamento das principais bandeiras de luta em torno das quais realizaremos uma ação reivindicativa de forma massiva.

MEIOS ESPECÍFICOS DESTA ETAPA

1. Divulgação massiva do manifesto do Congresso Nacional, primeiramente para o máximo possivel de jovens trabalhadores, atingindo os sindicatos, CONCLAT, Comunidades, Pastorais, Câmaras municipais, estaduais, federal, rádio, jornal, etc.

2. PLANO E CRONOGRAMA:

   Todas as coordenações fazerem Planos de Ação e Cronogramas pedagógicos, que possibilitem um fácil manuseio, com objetivos, etapas e meios bem definidos, fundamentados e claros, e que contribuam realmente como instrumento de trabalho dos militantes e coordenações.

3. Organizar ENCONTROS COM JOVENS TRABALHADORES que participaram do Congresso:

   a) Reunir nas cidades, todos os delegados que forma ao Congresso Nacional, para programar como encaminhar o resultado do Congresso.

   b) Assembléia com todos os j ovens trabalhadores que participaram das três etapas do Congresso, para continuarem discutindo o que saiu nas teses e no manifesto, e definir como agir diante disso, preocupando-se principalmente em tirar as principais bandeiras de de luta.

   c) Encontros com os jovens trabalhadores, visando organizá-los em torno de uma ação sindical, de bairro e de desempregados:

      - Ação sindical: aproveitar principalmente o conteúdo das teses de trabalho, salário e sindicato.
      - Ação de bairro: aproveitar principalmente o conteúdo das teses de condições de vida e saúde.
      - Ação de desempregados: aproveitar principalmente o conteúdo sobre desemprego da tese de trabalho.

      Obs: Utilizar também as outras teses.

4. Realizar o MÊS DA JOC INTERNACIONAL (25 de agosto a 25 de setembro):

   Objetivos:
   - Desenvolver atividades que nos ajudem a conhecer mais a realidade da Juventude Trabalhadora a nivel mundial,
   - Promover atos de solidariedade, principalmente aos Povos da América Central,
   - Realizar uma Campanha Financeira para o VI Conselho Internacional da JOC.

   Sugestões de como realizar:

   - Militantes se encontrarem e planejarem, visando principalmente uma preparação para o Conselho Internacional,
   - Comemorar o dia 25 de agosto como o dia da JOC-Internacional,
   - Levantamento de informações sobre a realidade da classe trabalhadora em outros países, através de jornais, revistas, pessoas, materiais do movimento, etc,
   - Enviar as informações colhidas, para o Secretariado Nacional,
   - Debate público onde se coloca em comum esta realidade, dando ênfase Principalmente à América Central. Buscar comitês de solidariedade. Encaminhar manifestações de apoio à Nicarágua através da Coordenação Continental, u tilizando cartas, telegramas, etc;
   - Desenvolver algum meio financeiro em função do Conselho, partindo da divulgação através do folheto enviado às cidades. Pedir contribuição para amigos do movimento (principalmente antigos jocistas), criar outros meios.
   - Contribuição dos militantes e outros que puderem, com 1 dia de salário, por ocasião do dia 25 de Agosto.

5. Boletim "JUVENTUDE TRABALHADORA"

Divulgar e vender o máximo possivel

Em julho/agosto/stembro/outubro, sairá um único boletim.
Conteúdo principal: Resultado do Congresso Nacional.

Conteúdo do boletim de novembro/dezembro: Natal.

Boletim "MILITANTE"

Conteúdo central do boletim nº 3 (julho): Análise da realidade, Reflexão sobre o processo da JOC-Internacional, incluindo pontos sobre a orientação do movimento a nivel internacional, Experiência de ação militante sindical; Avaliação e perspectivas da ação comum (Congresso); Notícias; etc.

Conteúdo central do boletim nº 4 (outubro): Análise da realidade; Realidade da Juventude Trabalhadora a nivel mundial, Característica Internacional da JOC, incluindo Conselho Mundial; Avaliação e perspectivas da Ação Comum (Congresso). Informes sobre as cidades em extensão no Brasil, sobre a extensão aos Estados Unidos e sobre nosso apoio à iniciação da JOC na Argentina; Notícias; etc.

6. VISITA DOS LIBERADOS: De 12/09 a 07/11

Objetivo central:
- Avaliar o Plano de Ação de cada cidade e estado, levando em conta a continuidade do Congresso;
- Contribuir na formação dos militantes, principalmente coordenadores;

Exigência: garantir no mínimo uma reunião com todos os militantes de cada cidade e também com as coordenações.

7. INTERCÂMBIOS PLANEJADOS:

Na visita dos liberados às cidades, em setembro e outubro, consultar os militantes sobre as possiblidades de intercâmbios para o início de 84 ou em julho.
Programar os intercâmbios na parada da equipe, em novembro e dezembro.

8. CONCLAT:

Elaborar um informativo especial sobre o CONCLAT, para ser enviado aos militantes antes de sua realização.

Máximo possivel de cidades enviarem telegramas de apoio ao CONCLAT em nome da JOC;

Milditantes da JOC que participarem do CONCLAT, tentar garantir as bandeiras de luta da Juventude Trabalhadora.

9. DESCANSO COM LAZER:

Desenvolver atividades de lazer que envolvam o conjunto dos jovens trabalhadores que estão dentro da ação do movimento, com o objetivo de integrar mais os contatos e atingidos, além de criar condições de descanso para os militantes.

Período: final de 83 e início de 84.

Através de atividades recreativas (forrós, teatros, excursõs, etc), realizar em janeiro uma Campanha Financeira para a JOC-Brasileira, com o objetivo de que o conjunto dos militantes avancem no assumir os gastos do movimento a nivel nacional e com isso garantir a autonomia do movimento.

2a. ETAPA: REIVINDICATIVA

A Preocupação central nesta etapa é garantir uma ação massiva - diante das principais bandeiras de luta dos jovens trabalhadores que - foram destacadas durante a etapa organizativa.

O objetivo principal nesta etapa, é garantir o máximo possivel- de espaços de participação organizada dentro das organizações de clas- se, como forma de irmos introduzindo reivindicações principalmente so bre problemas específicos da juventude trabalhadora, e também, de ir- mos aprendendo como desenvolver uma ação dentro destas entidades.

MEIOS ESPECÍFICOS DESTA ETAPA

1. Realização da SEMANA NACIONAL DA JUVENTUDE TRABALHADORA (De 24/04 a 1º de Maio), com caráter massivo e reivindicativo.

   Objetivos desta Semana:

   - Levar os jovens trabalhadores a se encontrarem de maneira organizada, discutindo seus principais problemas e reivindicando so luções;
   - Levar os jovens trabalhadores a mostrarem seus valores;
   - Levar os jovens trabalhadores a manifestarem-se no 1º de Maio,- de forma organizada e em conjunto com as organizações operárias.

   Exigências:

   - Que seja realizada por etapas, de modo a reforçar a organização por categorias, de bairro e de desempregados;
   - Reapresentar massivamente o Manifesto do 3º Congresso Nacional- de Jovens Trabalhadores;
   - Que se crie um cartaz, colante e camiseta a nivel nacional, com tema comum chamando a atenção para as principais bandeiras de luta dos jovens trabalhadores;
   - Até novembro, enviar para o Secretariado Nacional, sugestões de conteúdo, cartazes, colante, camiseta, tema e bandeiras de luta; e também, quantos cartazes, colantes e camisetas cada cidade as sume;
   - Recolher durante esta "Semana", 1 hora de trabalho de todos os atingidos com a ação do movimento, como Campanha Financeira pa- ra a JOC-BRASILEIRA.

2. Elaboração da AGENDA 1985:

   Cada cidade enviar até março de 84: avaliação da Agenda 84; suges - tões de conteúdo para Agenda 85 e compromisso de quantas assumem pa ra o ano 85.

3. VISITA DOS LIBERADOS: 10/02 a 20/05 (3 meses e 10 dias)

   Objetivo central:
   - Contribuir com o carater massivo e reivindicativo da ação;
   - Impulsionar nas cidades o processo de preparação ao Conselho Na cional de 84.

3a. ETAPA: FORMATIVA

A preocupação central desta etapa, é retomar de maneira mais - forte a análise da realidade, dando ênfase à análise do movimento ope- rário; avaliar todo o processo de Ação Comum desenvolvido pelo movimen to, aprofundando o que significou para a Juventude Trabalhadora, para- o movimento operário, para a Igreja e para a JOC, e destacar as falhas que tivemos nesse processo; elaborar desde os militantes de base e das coordenações a todos os níveis, as pistas para planejarmos a ação do movimento durante o período de julho de 84 a julho de 86.

MEIOS ESPECÍFICOS DESTA ETAPA

1. ENCONTROS para análise da realidade, [illegible]mente sobre o movimento operário, envolvendo o maior número possivel de jovens trabalhadores que estejam dentro da ação do movimento.

2. ENCONTROS DE MILITANTES E COORDENAÇÕES a todos os níveis, para avaliar todos os aspectos da Ação do Movimento, desenvolvida a partir do planejamento feito no Conselho Nacional de 82:

   Exigências:
   - Avaliar como têm sido feitos e aplicados os planos do movimento a todos os níveis;
   - Elaborar pistas para fazer e aplicar o plano de ação do movimento, para o período: julho/84 a julho/86.

3. CONSELHO NACIONAL DE 1984:

   Objetivos principais:

   - Fortalecer um quadro de militantes com uma visão do conjunto da Ação do Movimento a nivel nacional;
   - Avaliar e impulsionar a Ação Comum do movimento.

   Participantes: Todos os coordenadores nacionais; todos os extensionistas; coordenadores do triângulo; militantes-chaves nos estados e nas cidades; comissão de encaminhamento das conclusões e continuidade do 3º Congresso Nacional de Jovens Trabalhadores.

MEIOS COMUNS A TODAS AS ETAPAS

1. Ação de acompanhamento pessoal, feita de forma planejada.

2. Reuniões constantes de militantes para revisarmos e planejarmos nossas vidas e ações, levando em conta os objetivos e meios centrais de cada etapa da ação.

3. Reuniões de coordenação a todos os níveis, garanti do planejamento e revisão a partir da responsabilidade de cada nivel.

4. Militantes usarem um CADERNO especial para escreverem constantemente suas análises da realidade e suas experiências de ação militante do dia-a-dia.

5. ENCONTROS DE FORMAÇÃO, se necessário e possivel, chamando assessoria.

   - Garantir que estes encontros ocorram de forma massiva, pelo menos de 6 em 6 meses;
   - Aproveitar visitas dos liberados para ajudar nos encontros de formação dos militantes;
   - Encaminhar encontros de formação de militantes a nivel regional. Proposta para o Nordeste: Semana Santa.

6. Utilizar melhor os boletins "Juventude Trabalhadora" e "Militante".

   - Divulgar mais o Boletim Continental "Juventud Trabajadora" e o Boletim Internacional "INFO".
   - Provocar mais discussões sobre o conteúdo destes boletins entre os militantes.

7. Elaborar um PROGRAMA DE FORMAÇÃO E ORGANIZAÇÃO FINANCEIRA:

Encontro Nacional de tesoureiros: 04 e 05 de Março de 84.

Objetivos:
- Tirar linhas de orientação para formação e organização financeira, de forma a garantir a autonomia financeira;
- Capacitar os tesoureiros das cidades.

Garantir outros meios:
- Cotização militante de 2% do salário mensal e 13º;
- Venda de Agenda 84;
- Contribuição organizada dos amigos do movimento;
- Venda de boletins e outros materiais do movimento;
- Realizar Campanhas Financeiras para a JOC-Brasileira;
- Criar sempre meios novos, criativos e educativos de assumir financeiro.

8. PUBLICAÇÕES:

Editar o folheto "ASSIM COMEÇA A JOC", visando ser um instrumento para os militantes utilizarem com os jovens trabalhadores que estão iniciando no movimento. Tiragem: mil números.

Editar um li o sobre o 3º CONGRESSO NACIONAL DE JOVENS TRABALHADORES, com objetivo de mostrarmos mais publicamente todo o seu processo, seu conteúdo e sua importância para a Juventude Trabalhadora e para o movimento operário.

Confeccionar um conjunto de AUDIO-VISUAL sobre o Congresso, para servir como instrumento de trabalho do movimento.

Editar uma apostila sobre a HISTÓRIA DA CLASSE OPERÁRIA NO BRASIL.

Elaborar um material de análise da realidade e perspectivas de ação a partir das categorias, do bairro e do desemprego. Quanto à realidade e ação em torno das categorias, dar prioridade à realidade e ação que envolvem os setores Fábrica e Comércio.

Continuar criando e elaborando mais materiais que sirvam de impulso à ação do movimento, tanto a partir das cidades, dos setores, das regiões, como a nivel nacional.

9. INTERCÂMBIOS PLANEJADOS:

Formas de se realizarem:
- Cada cidade destacar as necessidades que têm os seus militantes;
- Definir uma cidade ou região onde se possa buscar resposta a estas necessidades;
- Comunicar-se com a cidade escolhida, propondo o intercâmbio, apresentando o que se quer, quem e quando iria;
- Buscar meios financeiros para isto;
- Cidade que envia e cidade que recebe planejam o que querem com o intercâmbio;
- Cidade que recebe e cidade que envia, avaliam;
- Fazer relatório do intercâmbio, enviando-o para a coordenação estadual e nacional, liberada e não liberada.

Obs: Aproveitar período de férias e desempregados;
As coordenações de estado, triângulo e nacional, colaborarão na programação dos intercâmbios.

10. ENCONTRO CONTINENTAL de militantes de EMPRESA e BAIRRO (Maio de 84)

11. ENCONTRO DE MILITANTES SINDICAIS:

Rio Grande do Sul: 10 e 11 de setembro.

São Paulo: Foi programado para ser a cada 2 meses.
O próximo será 17 e 18 de setembro.

ENCONTRO DO TRIÂNGULO: 12, 13, 14 e 15 de Novembro.

12. ENCONTRO NACIONAL DE ASSISTENTES: 13, 14 e 15 de Novembro.

Local: Sede da JOC de Santos.
Ver a possiblidade de alguns coordenadores nacionais não liberados participarem.
A coordenação nacional encaminhará a preparação e coordenação do Encontro.
Como preparação, cada cidade e estado onde houver assistente, deverá avaliar o trabalho do assistente.

13. RELACIONAMENTO COM OUTRAS ENTIDADES:

Avançar nos meios de maior entrosamento com as entidades - mantemos relacionamento como movimento, ou seja ACO, Pastoral Operária, Pastoral da Juventude, etc. Extender mais o entrosamento - com as entidades que veiculam um conteúdo de classe trabalhadora, mantendo nossa autonomia.

Planejar melhor este relacionamento.

14. EXTENSÃO DA AÇÃO DO MOVIMENTO:

A nivel nacional:

- Fortalecer as cidades que iniciaram a extensão, dando apoio, prioritariamente ao movimento que está iniciando-se em São Paulo, Porto Alegre, Rio de Janeiro, Bahia e Recife;
- Iniciar a extensão em Curitiba a partir do início de 1984, através de dois militantes que passaram pela coordenação nacional;
- Continuar a reflexão sobre a extensão ao Vale do Aço e Fortaleza.

A nivel internacional:

- Acompanhar o máximo possivel a extensão aos Estados Unidos, - para a qual estamos enviando um casal com dois filhos.
- Contribuir com a reiniciação do movimento na Argentina:

  Meios: - Realizar um intercâmbio entre os dois paises, - enviando um militante da JOC-Brasileira à Argentina e convidando militantes da JOC da Argentina, principalmente por ocasião da Semana Nacional da Juventude Trabalhadora e Conselho Nacional de 1984;
  - Trocar correspondências através das coordenações nacionais;
  - Intercâmbio de materiais de análise da realidade, experiência de ação e de formação e informação;
  - Planejar melhor o apoio com o delegado da JOC - da Argentina que vai ao Conselho Mundial.

POR UM POVO-CONSTITUINTE

PROJETO EO. POPULAR PARA A CONSTITUINTE - CEDAC-CEDI-CPO-CPT-IBASE-PACS/CEMPLA-SEP
RIO DE JANEIRO Nº 4 - JULHO 1987

COMO ESTÁ A CONSTITUINTE ?

Acabou mais uma etapa do processo Constituinte que o país está vivendo: as comissões encerraram os seus trabalhos.

Os conservadores vão impondo seus interesses, contra a vontade da maioria, da população em geral. A se julgar pelo ocorrido até agora, não podemos alimentar ilusões: o Congresso Constituinte, enquanto fato jurídico, já está decidido.

Trata-se de continuar a luta no campo social, das pressões populares, da **campanha das 30 mil assinaturas**, caravanas etc. No entanto, devemos criar, desde já, as condições para um salto de qualidade, acumular forças para a etapa pós-constituinte.

Trata-se de avançar a luta pela democracia e pela soberania, centrando-se numa campanha de mais fôlego, em questões chaves que reforcem o movimento social : DIRETAS JÁ, DÍVIDA EXTERNA, REFORMA AGRARIA, REFORMA URBANA, POLÍTICA ECONÔMICA (salários, congelamento real etc.)

Após esta fase que findou, **como está a Constituinte?** É o que veremos a seguir...



COMISSÃO DA ORDEM ECONÔMICA. Esta comissão inclui os princípios geral da sociedade, isto é: transporte, reforma agrária, reforma urbana, papel do estado na economia, monopólio do petróleo, das jazidas minerais (ouro, prata etc.), do direito de herança, da estatização e privatização das empresas, enfim das leis que a economia deverá obedecer.

Nesta comissão as coisas não andaram muito bem para o lado do povo brasileiro, pois se tudo ficar como foi decidido pelos parlamentares desta comissão, não vai haver reforma agrária de forma alguma, pois a terra não terá que **obrigatoriamente** ser do trabalhador rural e continuará sendo do grande proprietário que nela não planta e explora o trabalhador rural. Toda a desapropriação de terra para fazer a Reforma Agrária deverá ser paga em dinheiro e antes de ser dada a terra ao trabalhador: todos sabem que o governo não tem dinheiro para isto, e desta forma não haverá reforma agrária no Brasil. O dono da empresa nacional não precisará ser brasileiro, ou seja, qualquer estrangeiro poderá ter no Brasil o que ele quiser, tudo o que o seu dinheiro comprar. Já imaginou?! O Governo será responsável pelo transporte público coletivo, mas apenas se usar as empresas privadas para fazer esta exploração, portanto, continuará tudo da mesma forma, e piorará ainda mais, pois as linhas do Estado deixarão de circular.

COMISSÃO DA ORDEM SOCIAL. Esta comissão teve como sua responsabilidade os direitos dos trabalhadores, servidores públicos, seguro social dos negros, das populações indígenas, dos deficientes e das minorias.

Esta comissão tratou das 40 horas semanais de trabalho, do direito de greve, a liberdade sindical, da estabilidade no emprego, das aposentadorias, da proteção ao meio ambiente, dos direitos dos negros, dos índios e das minorias.

Os resultados desta comissão não traduzem a vontade do povo brasileiro. Só para termos uma idéia dos fatos, esta comissão aprovou estabilidade no emprego, mas a forma desta estabilidade será discutida depois. Também foi decidido que todos têm o direito de greve garantido pela lei, desde que não venham a ferir esta mesma lei. Na verdade estamos vendo uma brincadeira criança, na qual recebemos um pirulito para provar e o mesmo nos é tirado logo em seguida.

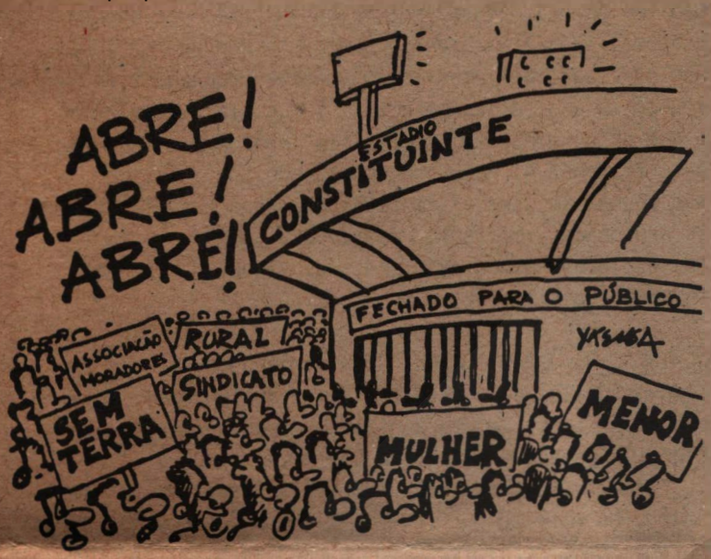
COMISSÃO DA FAMÍLIA,DA EDUCAÇÃO, CULTURA E ESPORTE, DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA E DA COMUNICAÇÃO. Esta comissão trabalhou temas de muito interesse para nós. São eles: o ensino público obrigatório e gratuito, a censura, o divórcio, as normas de concessão de rádio e televisão, as escolas privadas e escolas públicas, o casamento etc.

Nesta comissão a bagunça foi tamanha que os constituintes não conseguiram apresentar sequer um relatório para a comissão de sistematização. Estas questões que deveriam ter sido tratadas por esta comissão não foram concluídas e o relator da comissão de sistematização está encarregado de preparar um parecer que inclua também esta comissão. Pelo que assistimos das discussões, as coisas também não estão andando muito bem para o nosso lado.

A sociedade e o Congresso não terão o controle sobre a concessão das rádios e canais de televisão pelo Brasil afora. O Governo poderá continuar a dar estas concessões para quem bem entender. Como mudar a situação?

COMISSÃO DA SOBERANIA E DOS DIREITOS E GARANTIAS DO HOMEM E DA MULHER. Esta foi uma das comissões que mais avançou, mas parece que não terá um fim diferente das outras. Esta comissão tratou de se colocar diante dos direitos de cada um de nós, e diante da soberania de nosso país. O resultado não foi muito satisfatório, mas também não desagradou. Foram tratados temas como as relações do Brasil com os outros países do mundo, os direitos políticos de cada um de nós, os direitos individuais e as garantias destes direitos. Falou-se sobre o habeas corpus, tortura, divórcio, aborto, casamento, pena de morte, igualdade entre o homem e a mulher etc.

Esta comissão concluiu que o homem e a mulher são iguais em todos os direitos, o divórcio pode se dar em qualquer número, todos têm direito à vida desde o nascimento, proibiu o aborto, a pena de morte e a prisão perpétua.



Este é um resumo da atual situação. Não podemos bobear nesta hora decisiva, se não quisermos que a situação fique pior. Precisamos pressionar o Congresso Constituinte com as **Iniciativas Populares**, caravanas, telegramas etc. Devemos nos organizar rapidamente em torno das mais de 20 **Iniciativas Populares** que estão colhendo assinaturas pelo Brasil afora. As propostas populares que conseguirem 30 mil ou mais assinaturas, obrigarão os Constituintes a pô-las em votação.

ALGUMAS INICIATIVAS POPULARES

Apresentamos o resumo de algumas **Iniciativas Populares** para você conhecer, divulgar, e possivelmente, assinar.

REFORMA AGRÁRIA

A Reforma Agrária é uma das lutas mais antigas dos trabalhadores brasileiros. Sem ela não haverá mudanças reais para a população do campo e da cidade. Esta iniciativa foi preparada pela Campanha Nacional pela Reforma Agrária e reúne as principais reivindicações dos trabalhadores rurais. São elas: a terra deve estar sempre a serviço do bem social; a propriedade rural que não possui função social será desapropriada sem apelação judicial; a terra possui função social quando é bem aproveitada, conserva os recursos naturais, mantém justas relações de trabalho, não tem área acima do limite regional, não permite produção para fins especulativos ou fora da lei, e respeita os direitos das populações indígenas que vivam por perto

PARTICIPAÇÃO POPULAR

Esta iniciativa foi preparada pelos Plenários e Movimentos Pró-Participação Popular na Constituinte, espalhados pelo Brasil. Ela dá direito do povo brasileiro exigir: a aplicação da Constituição; consulta através do voto (referendo); propor leis e estas serem votadas em 6 meses; alterar (emendar) a Constituição; reclamar coletivamente na justiça sem ter que pagar; de proibir o Governo de fazer coisas que prejudiquem o povo; de reclamar na Justiça quando a Constituição for desrespeitada; exigir informações sobre atos do Governo; participar no planejamento e no controle das atividades do Governo. Dá direito, também, dos Sindicatos e Associações defenderem coletivamente seus associados.

DIREITOS DOS TRABALHADORES

Esta iniciativa conta com apoio da CUT, CGT, USI, CONTAG e outras entidades. Traz as propostas que garantem ao trabalhador um salário mínimo que cubra todos os custos da necessidade básica de uma família, a participação nos lucros das empresas, o 13º salário com base no salário integral, estabilidade no emprego, direito de greve ilimitado, aposentadoria aos 30 anos de serviço para os homens e 25 para as mulheres. No campo, a aposentadoria se dará aos 55 anos para os homens e 50 para as mulheres.

REFORMA URBANA

Proposta apoiada pela Articulação Nacional do Solo Urbano, Conferação Nacional dos Mutuários, Movimento de Defesa do Favelado, Federação Nacional dos Engenheiros e outras. Propõe: o Poder Público deve assegurar a todo cidadão o direito de moradia digna, transporte, saneamento, educacão, saúde e lazer; a posse como moradia por 3 anos de de uma área máxima até 300 m2 dá direito ao domínio da mesma; o usocapião coletivo; o transporte não pode consumir mais que 6% do salário mínimo; um veto popular de um mínimo de 5% do eleitorado municipal pode suspender uma Lei que contrarie os interesses populares.

ENSINO PÚBLICO GRATUITO

Proposta do Forum Nacional da Educação na Constituinte em Defesa do Ensino Público Gratuito. Estão contidas nesta iniciativa: todos têm direito ao ensino público gratuito; o ensino de 1º grau (8 séries) é obrigatório a partir dos 7 anos; a União deve aplicar 13% e os estados e Municípios 25% da receita na Educação; as escolas particulares não têm direito a verbas públicas.

CIDADÃO 30 mil
ARME-SE DO SEU **TÍTULO DE ELEITOR**
E ASSINE SUA PROPOSTA DE LEI

LEMBRE-SE:
- VOCÊ PODE ASSINAR NO MÁXIMO TRÊS PROPOSTAS
- 17 de julho, Dia Nacional de Mobilização e Coleta de Assinaturas, é o último prazo prá você assinar as Iniciativas

PROJETO ED. POPULAR PARA A CONSTITUINTE
Rua Benjamin Constant, 108
Glória - 20040 Rio de Janeiro - RJ
Fone: (021) 242-9693 A/C Floricena

tempo e presença

Publicação do CEDI • Número 199 • Julho de 1985 • Cr$ 3.000

VIOLÊNCIA



NO CAMPO E NA CIDADE

cartas cartas cartas cartas cartas cartas

À equipe do CEDI,
Gostamos muito da revista "Tempo e Presença" nº 197, principalmente dos artigos sobre Juventude e Constituinte. Estou passando a revista a outros colegas.

Margarida Maria de Jesus, Cabo Frio, RJ.

•

Companheiros do CEDI,
Escrevo para parabenizá-los pela excelente revista sobre a juventude (T e P nº 197). Nós da Pastoral da Juventude no Meio Popular sabemos o quanto são importantes estas publicações para a Pastoral da Juventude em geral.

Luciano Mendes, Contagem, M G

•

Prezados amigos,
A revista "Tempo e Presença" tem nos trazido muita contribuição para as reuniões que participo com outras militantes da Renovação Cristã no Brasil (não confundir com a Carismática).
Gostei do último número, dedicado a Frei Leonardo Boff; e espero que continuem assim por bastante tempo.

Heloísa Nunes da Silva, Rio de Janeiro, RJ

•

Prezado Editor,
Acabo de receber o material publicitário destinado a divulgar o XI Congresso Eucarístico Nacional, a realizar-se em Aparecida-SP, neste mês de julho. Fiquei impressionado diante de enfática coincidência. Num cartaz maior, o símbolo genial do Congresso: emoldurada pelo mapa do Brasil, a imagem estilizada da Virgem Aparecida; no seio desta, a Hóstia consagrada; logo abaixo, uma palavra latina, escrita em caracteres grandes e escuros, o título do cântico de Maria; mais abaixo, duas mãos repartindo um pão e em letras negras e bem magrinhas, a palavra de ordem do Congresso: "Pão para quem tem fome"...; mas o que sobressaia mesmo — e logo dava na vista de quem olhava de longe — era o nome do patrocinador:
B R A D E S C O! Isso, em letras gordas e vermelhas, sobre branco. Recebi também um cartaz pequeno, reproduzindo o mesmo desenho, mudando porém o patrocinador, desta feita o B F B, Banco Francês e Brasileiro S.A.... Finalmente, um informativo sobre o Congresso, que me chega pontualmente pelo Correio, "gentileza do I T A Ú, o banco eletrônico"!

Realmente, num habilidosíssimo passe de mágica ou super-engenhosa alquimia, os protagonistas do importante evento conseguiram fundir, numa originalíssima amálgama, o Sacramento maior dos cristãos e o símbolo mais eloqüente do sistema capitalista; o mais contundente canto de protesto da nossa fé, o Magnificat, poema de louvor ao Deus que arrasa com os soberbos, com os poderosos, com os ricos, toda classe de opressores, e as siglas dos expoentes máximos da opressão, da prepotência, da riqueza e da exploração em nosso país; mãos e dizeres que falam de pão repartido entre todos os que têm fome, e os tentáculos deste povo quase irresistível, que não obstante as esporádicas e ilusórias aparências assistencialistas, se nutre do sangue dos empobrecidos, desnutridos e anêmicos, que são a imensa maioria do povo desta terra.
O que eu gostaria de saber mesmo era qual a teologia que está por trás de tão espúrios processos. Para este tipo de teólogos, porém, nenhuma censura, nenhum padrenosso de penitência. Paciência, Frei Leonardo! Se eles não tivessem as mãos a Populorum Progressio, a Octogesima Adveniens, a Laborem Exercens, os documentos de Medellin e de Puebla, mereceriam o perdão do Pai. Mas eles sabem o que fazem.

Pe. Reginaldo Veloso, Recife, PE.

•

Prezado Sr.
Já há tempos conheço esta revista. Já usei vários artigos para refletir e para organizar algum trabalho com o povo.

Cecilia B.Franco, Mirandópolis, SP.

•

Amigos,
"Como o quero-quero na coxilha
Grita se alguém se aproxima
"Tempo e Presença" chega do correio
Todo o meu ser logo se anima"
Agradeço o envio de suas publicações e faço votos que sempre continuem com a mesma coragem a denunciar os erros e apontar saídas. Deus abençoe seu esforço e nos una sempre mais!

Pe.Ivo Antonio Moehleck, Estação Getúlio Vargas, RS.

•

Aos amigos do CEDI,
Acabo de receber e ler a última "Tempo e Presença", nº 198. Acredito que, em forma de revista, foi o que de melhor saiu, em relação ao "caso Boff". O objetivo desta carta vai neste sentido, ou seja, que as informações não estão chegando como deveriam chegar às bases. Gostaria que me mandassem 10 exemplares da citada revista, pois pretendo passá-las aos coordenadores e responsáveis de comunidades, para que possam tomar conhecimento da amplitude do problema, bem como da reação que houve, não só a nível do Brasil, mas sim internacional.

Pe.Wilson Roberto Zanetti, Limeira, SP

•

Ao CEDI,
En los actuales momentos tan duros y difíciles por los que atraviesa nuestra nación y los cuales nuestro pueblo enfrenta valiente y heroicamente en aras de la libertad, la justicia y la construcción de la patria nueva con la que todos soñamos. Es necesario que la voz profética y evangélica de los cristianos se haga sentir, con su mensaje de esperanza y de acompañamiento a nuestro pueblo en su justa lucha por construir su propio destino.

Asimismo queremos dejar constacia de nuestro más enérgico repudio al embargo económico contra Nicaragua adoptado por la administración norteamericana. Esta medida agresiva, de quien queriendo disfrazarse de Cristiano cuando al asumir el poder fué juramentado con la mano sobre la Biblia, solo puede ser calificado de inmoral vergonzoso y diabólico ya que viene a agudizar aún más nuestra dramática situación económica.

Estamos convencidos que pese al bloqueo o cualquier otra medida agresiva, el pueblo no se detendrá en su marcha hacia la construcción de la sociedade nueva, en las que reine la paz, la unidad y la justicia y nosotros dentro del marco de la acción pastoral, tenemos el compromiso histórico de marchar con nuestro pueblo hasta las últimas consecuencias.

Comunidad de Estudiantes del Seminário Teológico Bautista de Nicarágua.

•

As cartas para a revista "Tempo e Presença" devem ser enviadas, aos cuidados do editor, para o CEDI — Av. Higienópolis, 983 — 01238 — São Paulo — SP.

tempo e presença

Revista mensal do CEDI
Número 199
Julho de 1985

CEDI
Centro Ecumênico de Documentação e Informação

Rua Cosme Velho, 98, fundos
Telefone: 205-5197
22241 — Rio de Janeiro — RJ

Av. Higienópolis, 983
Telefone: 66-7273
01238 — São Paulo — SP

Conselho Editorial
Aloizio Mercadante Oliva,
Jether Pereira Ramalho,
José Oscar Beozzo,
Rubem Alves,
Zwinglio Mota Dias.

Editores
Dermi Azevedo
José Ricardo Ramalho

Jornalista Responsável
Dermi Azevedo -
Reg. Prof. n. 239

Editor Gráfico
Sérgio Alli

Sagarana Editora Ltda.
Av. Nazaré Paulista, 146 - sala 4
05448 — São Paulo — SP

Composição e impressão
Cia. Editora Joruês

Selo da Constituinte feito a partir de foto de Sérgio Berezovsky/ Colaboração do DEDOC/EDITORA ABRIL

Foto de Capa:
Luiz Morier/
JORNAL DO BRASIL

Preço do exemplar avulso:
Cr$ 3.000
Números atrasados:
Cr$ 2.000

editorial

ÍNDICE

Terra
4 UM BALANÇO DO 4º CONGRESSO NACIONAL DOS TRABALHADORES RURAIS
Regina Reyes Novaes
7 A QUESTÃO DA TERRA E A "NOVA REPÚBLICA"
João Pedro Stédile

Violência
10 VIOLÊNCIA POLICIAL NA GREVE DOS BÓIAS-FRIAS
José Domingos Braghetto
12 A VIOLÊNCIA NA GREVE DO ABC
Programa Movimento Operário e Igrejas no ABC

Constituinte
14 O COMPROMISSO DA CONSTRUÇÃO DE UMA SOCIEDADE DEMOCRÁTICA
Entrevista de Jó Resende a José Ricardo Ramalho

Caso Boff
16 CRISTÃOS ALEMÃES PROTESTAM CONTRA SILÊNCIO IMPOSTO A BOFF
Documento do "Grupo de Freckenhorst"

América Central
17 PAZ NA AMÉRICA CENTRAL INTERESSA AO BRASIL
Entrevista de Rubem Zamora a Dermi Azevedo
19 O BRASIL NÃO PODE ASSISTIR IMPASSÍVEL À DECLARAÇÃO DE UMA GUERRA NO CONTINENTE
Documento da Conferência "O Brasil frente à crise centro-americana"

Livros
21 EUCARISTIA E COMPROMISSO SOCIAL
De Antônio Haddad,
AGRICULTURA SUICIDA
De Paulo San Martin

Bíblia Hoje
22 LITURGIA (1)
Rubem Alves

Poema
24HINO A REAGAN
Dom Pedro Casaldáliga

Morte contra vida

A terra — dom de Deus a ser administrado, com justiça, pelos homens — tornou-se, no Brasil, um fabuloso objeto de negócio e campo de uma verdadeira guerra. Uma guerra declarada por empresas e empresários (ajudados, nos últimos 21 anos, pelo governo militar) contra milhões de trabalhadores sem terra, indígenas e pequenos proprietários, gradativamente sufocados pelo grande capital. As vítimas são contadas aos milhares: espoliação das terras dos índios, assassinato de lideranças sindicais, migração forçada do campo para a cidade, suicídio de agricultores (como ocorreu, recentemente, no Sul) ao verem suas terras devoradas pelo latifúndio.

O anúncio da aplicação do Estatuto da Terra pelo atual governo foi suficiente para que essa guerra fundiária chegasse às manchetes. E para que o ódio acumulado contra os promotores de mudanças em profundidade, no país, ressurgisse em grande escala. É difícil, neste momento, fazer qualquer prognóstico sobre as conseqüências deste acirramento de contradições no campo.

Uma visão conjunta campo/cidade indica que a mudança de governo não trouxe qualquer alteração substancial quanto aos direitos sindicais dos trabalhadores e nas bases institucionais da negociação coletiva. A Convenção 87, da OIT, que garante liberdade e autonomia sindical, foi aprovada na Câmara, mas continua bloqueada pelo governo, com o apoio da burocracia encastelada na estrutural sindical e apesar da pressão da CUT e lideranças sindicais autênticas. O anteprojeto de lei de greve do Ministério do Trabalho modifica a forma, mas mantém, na essência, a impossibilidade legal de movimentos grevistas. Mais grave do que tudo isso, tem sido a atuação do governo contra os trabalhadores em greve: mais de 100 demissões nos correios, conivência com as montadoras de automóveis na não negociação e na demissão de mais de 3 mil operários no ABC paulista, uso da polícia contra os grevistas bóias-frias no interior de São Paulo e contra os metalúrgicos, nas recentes greves.

No plano internacional, a violência contra o projeto de libertação dos povos centro-americanos — particularmente contra a Revolução Sandinista e a luta salvadorenha — marcam este mês de julho. O boicote comercial contra a Nicarágua e a aprovação de novas verbas para a contrarevolução somozista, por parte dos EUA, torna ainda mais presente a ameaça de intervenção plena dos marines na América Central.

Aumenta, em contrapartida, a solidariedade internacional para com estes povos. Cresce o consenso mundial em favor de soluções justas, pacíficas e negociadas para os conflitos nessa região. Os cristãos e todas as pessoas de boa vontade unem-se para freiar o projeto belicista de Reagan.

Avulta, também, outra terrível violência: a do sistema financeiro capitalista que esmaga o Terceiro Mundo, transferindo até a última gota de sangue dos países dominados para os grandes centros do capitalismo, como se observa na monstruosa lógica da dívida externa, das taxas de juros e do FMI.

Diante de todas as forças da morte, dentro e fora de nossos países, cresce a consciência da articulação das forças da vida. Unem-se, numa só luta, metalúrgicos do ABC, bóias-frias de Ribeirão Preto, latino-americanos que resistem ao Império e norte-americanos que tomam consciência de que são as primeiras vítimas do complexo industrial-militar. Todos vamos aprendendo, na prática, a distinguir quem realmente separa e divide a humanidade.

Um balanço do 4.º Congresso Nacional de Trabalhadores Rurais

O 4.º Congresso Nacional dos Trabalhadores Rurais, realizado recentemente em Brasília, representou, em termos gerais, um avanço com relação ao anterior, no plano da análise política e do alcance das reivindicações. As questões mais polêmicas, entre os congressistas, foram a Reforma Agrária com ou sem o Estatuto da Terra; a nova Lei de greve; unidade, unicidade ou pluralismo sindical.

Regina Reyes Novaes

Realizou-se em Brasília, de 25 a 30 de maio passado, o 4.º Congresso Nacional de Trabalhadores Rurais, promovido por 2600 sindicatos, 22 Federações e pela CONTAG (Confederação Nacional dos Trabalhadores da Agricultura), com a participação de 4455 dirigentes sindicais, delegados de base, assessores e observadores credenciados. A abertura teve a presença do Presidente José Sarney e, durante o congresso, falaram e responderam às perguntas dos trabalhadores os Ministros da Reforma e Desenvolvimento Agrário, do Trabalho, da Previdência Social e da Agricultura e o Presidente do INCRA. Participaram do encerramento representantes da Igreja Católica, do Ministro da Justiça e do Presidente da Câmara dos Deputados. O momento mais importante do encerramento foi, sem dúvida, a leitura dos nomes dos trabalhadores rurais assassinados nos últimos anos. Inicialmente, depois de cada nome lido, o plenário respondia: "presente!" Porém, em dado momento, depois de cada nome, a plenária passou a clamar em uníssono: "justiça!"

QUESTÕES POLÊMICAS

Funcionaram, durante o Congresso, seis comissões de trabalho: Sindicalismo, Questões Trabalhistas, Questões Agrárias, Política Agrícola, Questões Nacionais e Previdência Social. Cada uma delas produziu documentos que foram posteriormente apresentados à plenária para discussão e aprovação.

A composição das comissões foi heterogênea em termos de categorias de trabalhadores (pequenos proprietários, assalariados, posseiros, etc), em termos regionais e, também, em termos de diferentes concepções e correntes sindicais.

Varias questões produziram debates e polêmicas durante o Congresso. Destacaremos aqui apenas três:

REFORMA AGRÁRIA COM O ESTATUTO DA TERRA?

A Comissão de Questões Agrárias teve na questão da concepção e viabilização de Reforma Agrária um dos pontos principais de discussão.

Sindicalistas da área de influência da CUT e do Movimento dos Sem Terra exibiam um adesivo: "REFORMA AGRÁRIA, SIM, - ESTATUTO DA TERRA, NÃO." Isto porque, em seu ponto de vista, o "Estatuto da Terra já foi aplicado e é contra o interesse dos trabalhadores", pois acaba por combater uma outra Reforma Agrária que vem surgindo a partir dos próprios trabalhadores através da resistência e ocupações de terra.

Em contrapartida, para a maioria dos que integravam a Comissão, o Estatuto da Terra ainda se apresenta hoje como um instrumento de democratização do acesso à terra que — se aplicado — resultaria em benefício para trabalhadores de várias regiões.

Neste grupo prevaleceu a tentativa de considerar e dialogar com a minoria atuante (sem apelar para votações precipitadas como demonstração de força). Desta forma pôde-se encontrar formas intermediárias, levando-se em conta as divergências.

Quanto ao Estatuto da Terra, o documento enviado à plenária ficou com a seguinte redação: "Imediata aplicação do Estatuto da Terra, para que seja iniciado o processo de Reforma Agrária, respeitadas as decisões do 4.º Congresso Nacional dos Trabalhadores Rurais. Elaboração imediata de uma proposta de Lei de Reforma Agrária, a partir dos pontos positivos do Estatuto da Terra e baseada nas resoluções do 4.º Congresso a serem apresentadas à Assembléia Nacional Constituinte".

UMA NOVA LEI - ANTI GREVE?

O anteprojeto governamental de Negociação Coletiva e do Direito de Greve, apresentado pelo Ministro do Trabalho, foi motivo de acalorada discussão no grupo sobre "Questões Trabalhistas."

A partir da análise feita pelos assessores jurídicos, ficou claro que tal anteprojeto não atende às aspirações da classe trabalhadora. Ao contrário das expectativas positivas, em determinados pontos é um retrocesso diante da atual legislação.



FOTO: MARISTELA MAFEI

campo, com os governos de oposição nos estados, tem sido das piores possíveis.

Vejamos os exemplos: os governos estaduais tidos como mais avançados, como os de Franco Montoro (em São Paulo) e José Richa (no Paraná), agem com extrema lentidão e burocratismo, quando não utilizam a polícia contra os trabalhadores. Montoro não consegue, já há dois anos, resolver o problema de 400 famílias do Pontal do Paranapanema e de cinco ocupações de terras públicas da CESP, FEPASA e Secretaria da Agricultura em que os agricultores foram duramente reprimidos pela polícia.

A violência policial e de empresários rurais tem aumentado nos governos do PMDB, no Pará e em Goiás. No ano passado, foram assassinados 118 lavradores, a maioria deles líderes. E, em grande parte, em estados governados pelo PMDB. O governador do Espírito Santo, Gérson Camata, ajudou a acobertar o seu amigo, o fazendeiro Acrino Breda, mandante do assassinato do presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Tomé-Açu, Benedito Alves Bandeira, o Benezinho. O governador do Mato Grosso do Sul, Wilson Martins, chegou a enviar a Polícia Militar — em trajes de combate à guerrilha — para amedrontar uma festa da vitória, realizada em Nioaque, depois que os agricultores já estavam assentados. E isto há apenas dois meses!

E os novos coordenadores regionais do INCRA — que poderiam exercer um papel positivo no processo de Reforma Agrária — foram e estão sendo escolhidos, com raras exceções, através de conchavos políticos entre os deputados federais da Aliança Democrática. Há, inclusive, o caso de um estado em que a disputa entre deputados foi feita através de sorteio.

A experiência tem, portanto, demonstrado que, desse tipo de governo, pouco se pode esperar. E isto apesar da boa vontade de alguns. Do lado dos trabalhadores rurais, a situação, no entanto, não é de esmorecer. Ao contrário, o povo está se conscientizando cada vez mais. É cada vez maior o número de sindicatos que se transformam em combativos. E a organização na base está avançando.

Nesse ano de 1985, tem sido muito rico esse processo de articulação e organização. Em janeiro passado, realizou-se o 1º Congresso Nacional dos Trabalhadores Rurais Sem Terra que reuniu, em Curitiba (PR), mais de 1.500 delegados de todo o país para discutir e encaminhar suas lutas. E, no final de maio, aconteceu, em Brasília, o 4º Congresso Nacional da CONTAG (Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura) que reuniu quatro mil delegados para discussão e troca de experiências sobre o enfrentamento da realidade em seus estados.

É, também, importante destacar a realização, no mês que vem, da assembléia nacional da CPT (Comissão Pastoral da Terra). Apesar de não ser um organismo de trabalhadores, a CPT avaliará sua caminhada de dez anos de lutas, serviço e apoio aos trabalhadores rurais, inspirada no Evangelho de Jesus Cristo e independente de todas as pressões, vindas de toda parte.

Este é, em síntese, o quadro da questão da terra na "Nova República". Entre os lavradores, existe uma grande esperança de dias melhores. Mas está cada vez mais claro — como algo certo — de que a Reforma Agrária só acontecerá a partir da organização dos próprios trabalhadores. Não são suficientes boas intenções, discursos e planos bonitos.

"A Reforma Agrária vai depender da gente. O governo só mudou o jeito de tratar", concluiu um dirigente do Movimento dos Sem Terra, depois de ficar uma semana em Brasília, discutindo o novo Plano de Reforma Agrária.

João Pedro Stédile é assessor do Movimento dos Sem Terra, da Comissão Pastoral da Terra e de sindicatos de trabalhadores rurais.

Com a Velha ou a Nova República, a violência contra os trabalhadores que se manifestam, pacificamente, em busca de seus direitos, continua a mesma. É o que indicam estes testemunhos sobre violências contra os metalúrgicos do ABC e contra os bóias-frias da região de Ribeirão Preto (SP) nas recentes greves. Os relatos são impressionantes pela sua simplicidade que reforça o peso do que denunciam: a investida permanente — travestida, às vezes, de democrática — das forças do capital contra a autêntica classe produtora, a classe trabalhadora.



FOTO OSMAR R. CARDES/ COLABORAÇÃO DA CPT

Bóia-fria morto, possivelmente pela Policia Militar, durante a greve de maio de 1984.

Violência policial na greve dos bóias-frias

José Domingos Braghetto

A mais recente greve dos trabalhadores rurais volantes no Estado de São Paulo atingiu cerca de 28 cidades, num total de aproximadamente 80 mil bóias-frias e ocorreu no período de 21 de maio a 1º de junho passado. Envolveu trabalhadores da área canavieira e os que apanham laranja. Este pequeno relatório visa detalhar, na medida do possível, fatos que envolveram a Polícia Militar do Estado de São Paulo que, mais uma vez, encarou o problema social com violência e como "caso de polícia". Se a greve não teve o sucesso esperado, foi devido ao aparato policial que atemorizou os trabalhadores, submetidos a diversas formas de violência.

22 DE MAIO

A PM dissolve o principal piquete na entrada de Pitangueiras, município vizinho a Ribeirão Preto e dentro da área de comando do capitão Milton Pink. São seis horas da manhã. Os comandantes Lombardi e Camargo dão a ordem de dispersar. Camargo ameaça prender os trabalhadores que, por acaso, estejam no trevo que dá saída para Jaboticabal e Ribeirão. A PM — com licença do prefeito de Pitangueiras — aloja-se no Centro Esportivo que o próprio prefeito cedera, um dia antes, para a assembléia dos trabalhadores.

Até os últimos minutos, a PM se recusa a sair do local, dizendo, a alguns trabalhadores que já estavam chegando para a assembléia, que a mesma havia sido transferida de local. Essa mentira só serviu para desmobilizar e desacreditar as lideranças do Sindicato que tentavam, a todo custo, com o capitão Milton Pink, a cessão do local. Neste dia, os bóias-frias decidem, em assembléia, não mais fazer piquetes para não provocar a polícia, uma vez que o movimento sempre foi pacífico. Doze trabalhadores são detidos em Bebedouro.

23 DE MAIO

Dois trabalhadores rurais (Silvio Ribeiro de Freitas, 27 anos e Celi Mar-

ques dos Santos, 32) estão conversando num bar, às 11 horas, pacificamente. De repente, a polícia chega, espancando e predendo. Os dois ficam presos até às 16 horas. A advogada da Fetaesp (Federação dos Trabalhadores na Agricultura no Estado de São Paulo), Olga Maria e o deputado do PT (Partido dos Trabalhadores), Anísio Batista, conseguem libertá-los, depois de conversarem com o capitão Pink, em Pitangueiras.

Neste mesmo dia, em Pitangueiras, a PM invade casas, espanca trabalhadores. Não deixa ninguém se reunir, nem na rua. Um trabalhador está diante de sua casa e é obrigado a trabalhar, forçado por um policial que lhe encosta o revólver nas costas. Um helicóptero da PM começa a sobrevoar toda a região, causando medo na população. Este tipo de aparelho não aparece, com freqüência, no interior. Configura-se o estado de sítio em Pitangueiras. A Polícia utiliza um caminhão tipo furgão para disfarçar o transporte da tropa: a chapa LZ 5199 é de São Paulo.

25 DE MAIO

São presos 56 trabalhadores em Serrana. Todos ficam confinados na praça de esporte da cidade: não há lugar na delegacia. Eles participavam de um piquete. Quando os policiais atacaram, deitaram-se no chão e foram levados. Em um piquete, em Pitangueiras, a PM espanca vários trabalhadores: Elza Fernandes da Costa, Geraldo Domingos de Carvalho e Élcio Wagner de Oliveira têm que ser medicados no hospital da cidade. A Polícia utiliza até holofote para procurar trabalhadores no mato e prendê-los. Policiais cortam o pneu da bicicleta de um bóia-fria e espancam trabalhadores que esperavam o caminhão, no ponto e que não participavam da greve.

Sabemos, hoje, que, dia 21, doze soldados invadiram a casa de José Pedro Rodrigues, em Pitangueiras e espancaram o jovem Agnaldo Pires dos Santos e seu colega Darlete que levou pelo menos quinze cacetadas. Os policiais quebraram os utensílios domésticos, entre os quais o caldeirão de levar comida para a roça.

28 DE MAIO

Há muita tensão, pela manhã, no bairro Jardim Alvorada, em Bebedouro. A polícia chega por volta das seis horas e persegue os trabalhadores que se encontram num piquete. Os tenentes Alaor e Andreoli comandam a tropa. Dois trabalhadores são presos e ficam duas horas no camburão: o carro da polícia dá voltas com eles, pela cidade, com freadas bruscas e zigue-zagues.

O carro de um dos diretores da Fetaesp, Waldomiro, é apreendido, sob acusação de furto. Este carro foi doado pelo Ministério do Trabalho para uso do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Santa Fé. A PM quer, visivelmente, prejudicar a Federação. Os trabalhadores de Bebedouro fazem uma passeata pacífica, acompanhada, ostensivamente, pela tropa de choque da PM, intimidando os agricultores em sua liberdade de manifestação. Três trabalhadores (Carlos Eduardo Lima, Paulo César Lima e Petronilo) são presos no distrito de Taquaral, Pitangueiras.

29 DE MAIO

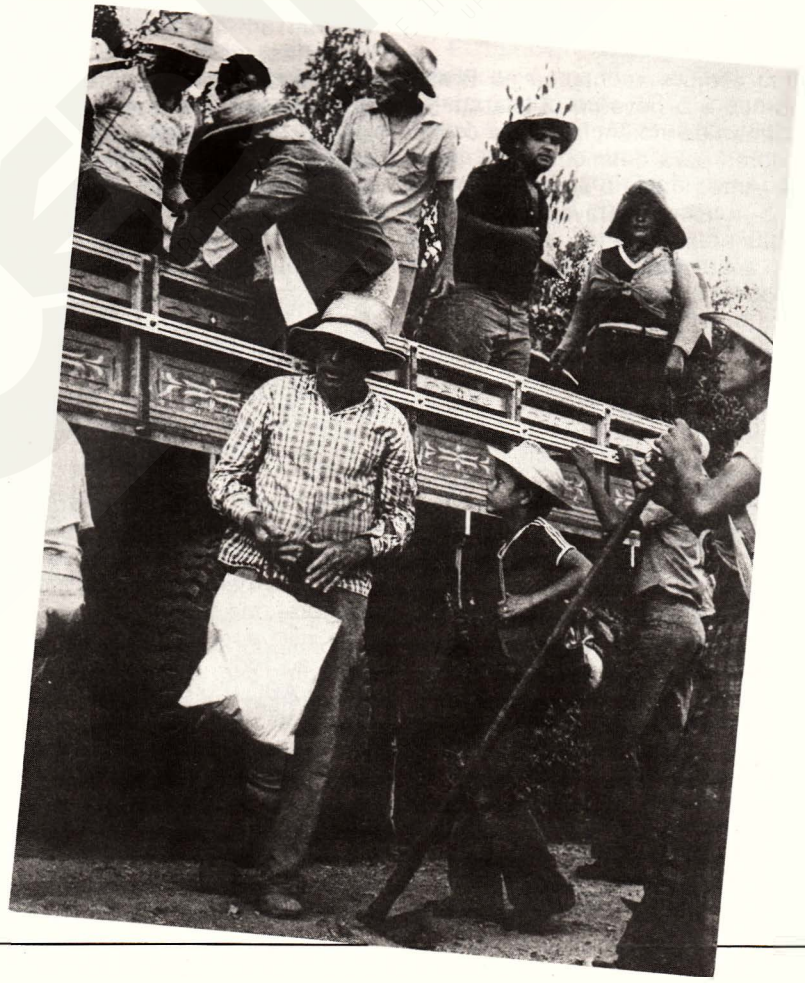
Os soldados amanhecem nos piquetes, impedindo que se organizem. A tensão continua. Por volta das 11 horas, a PM persegue trabalhadores que se escondem numa casa. Há um clima de terror no bairro Cláudia, de Bebedouro. Um carro do Sindicato consegue recolher alguns lavradores. A PM persegue o automóvel e depois desiste.

OFENSA MORAL

Estes foram alguns casos e situações que registramos. Muitos outros aconteceram. A PM conseguiu transformar uma luta pacífica por melhoria de vida num combate entre policiais e trabalhadores. Trata-se de uma luta, sem dúvida, desigual, pois o povo é ordeiro e pacífico e não tem nenhuma intenção de atacar quem quer que seja. Se reagiu algumas vezes, foi em legítima defesa, diante de uma policia que exorbitou de suas funções, agiu arbitrariamente e obrigou os trabalhadores a trabalhar. Em alguns municípios, como em Barrinha, a PM agiu conjuntamente com os chamados "gatos" ou empreiteiros de mão-de-obra.

Além das ofensas físicas, houve muita ofensa moral contra os trabalhadores, por parte dos soldados. Esperamos que tudo isso seja apurado e que os culpados sejam realmente punidos, para um novo ordenamento social.

O padre **José Domingos Braghetto,** da diocese de Jaboticabal, coordena a CPT (Comissão Pastoral da Terra) no estado de São Paulo.



A violência na greve do ABC

Programa Movimento Operário e Igrejas no ABC, do CEDI.

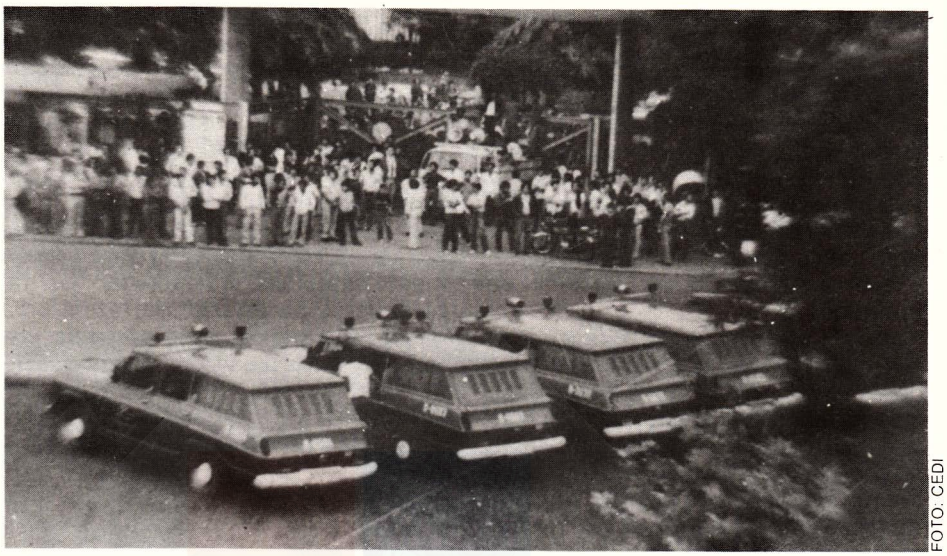


FOTO: CEDI

A campanha salarial dos metalúrgicos começou em março passado. Depois de vários dias de negociação, como não se chegou a nenhum acordo entre a FIESP e os sindicatos independentes, a greve começou a 11 de abril, reivindicando jornada de trabalho de 40 horas semanais, reajuste trimestral dos salários, estabilidade no emprego e o reconhecimento das comissões de fábricas.

Como sempre aconteceu no Brasil, os patrões e o governo utilizaram várias formas de violência contra os trabalhadores para desmobilizar o movimento. Antes mesmo da greve ser iniciada, a polícia já estava na porta das fábricas, prendendo os ativistas que pediam aos trabalhadores para não fazerem horas extras, durante a distribuição dos boletins do sindicato, sobre a campanha.

As empresas chamaram a polícia, com o argumento de proteger o seu patrimônio. Na verdade, ela veio intimidar os trabalhadores, de diversas formas, nas portarias e dentro das fábricas. Nesses locais, ficavam os carros da Operação Polo e da Ronda Escolar, mais os camburões da PM, a cavalaria e os caminhões da tropa de choque. Segundo o governo Montoro, tudo isso serve para proteger a população.

Os policiais ameaçavam os trabalhadores que estavam fora da fábrica de bater neles com os cassetetes, caso não voltassem ao trabalho. Houve casos, como na Carfriz, em Diadema, em que os policiais chegaram a entrar nos banheiros femininos, levando, à força, as mulheres para as máquinas. Dentro das empresas, outras táticas foram utilizadas: contratação de um grande número de seguranças de firmas particulares e de "coringas", pessoas cuja única função dentro das fábricas é a de descobrirem os ativistas e verificarem como o movimento está se organizando; corte da água e do café para os operários, fechamento dos restaurantes e retirada dos ônibus para criar um clima de tensão entre os grevistas; assembléias nas secções, presididas pelos chefes, afirmando que a greve era política, ameaçando demitir e apresentando, como único acordo possível, a decisão do segundo julgamento do TRT.

O Tribunal Regional do Trabalho declarou-se incapaz de julgar a legalidade ou ilegalidade da greve, no primeiro julgamento. Mas, no segundo, declarou a greve ilegal. Apesar de o primeiro julgamento determinar 45 dias de estabilidade, as firmas começaram a demitir, por justa causa, depois dos primeiros dias de greve.

Nas fábricas, os seguranças faziam um corredor na portaria e todos os funcionários deviam mostrar suas carteirinhas. Os demitidos ficavam sabendo na hora, que tinham sido dispensados e já não podiam mais entrar. Ocorreram, ao todo, quase 6 mil demissões só no ABC. Foram dispensados trabalhadores com doenças profissionais, pessoas acidentadas, mulheres grávidas e até mesmo alguns operários que já tinham morrido, pouco antes do início do movimento, além de ativistas, membros das comissões de fábricas, CIPA e diretores do sindicato (apesar de terem estabilidade garantida por lei) em um total desrespeito à legislação. Na Volks Automóveis e na Volks Caminhões, houve uma média de 23 demissões diárias.

As listas já estavam prontas há muito tempo porque as empresas em que os trabalhadores estavam mais organizados não conseguiam dispensar ninguém, pois toda a secção entrava em greve. As indústrias aproveitaram o momento para reduzir o pessoal e mandar embora todos os ativistas. O desemprego é uma ameaça que amedronta o trabalhador, diante da dificuldade de conseguir outro trabalho. Além disso, as fábricas colocaram anúncios de que tinham vagas e, ao lado dos grevistas, ficavam as filas com milhares de desempregados.

DEPOIMENTO DE UM OPERÁRIO

É este o depoimento de José Milton de Souza, que trabalha na Motores Perkins e é 1º secretário do Sindicato de Metalúrgicos de São Bernardo e Diadema:

"...não se podia fazer rodinha na Piraporinha, a polícia vinha com cassetetes na mão e dispersava essas rodinhas. Um fato que também aconteceu é que como eles dispersavam essas rodinhas, mas não conseguiam colocar ninguém para dentro da fábrica, eles saíam com os seguranças da fábrica que apontavam quem era funcionário da Arteb. Os policiais, com os cassetetes, puxavam os trabalhadores para dentro da fábrica, cutucando e, às vezes, até batendo nos trabalhadores, até eles entrarem na fábrica.

Um dia chegou um esquema muito forte de segurança, parece-me 4 ou 5

caminhões da tropa de choque, vários camburões e uma Polo e vários trabalhadores, cerca de 300, 400 da Arteb e da Carfriz, que são duas empresas praticamente vizinhas, estavam tentando entrar em conflito com a polícia militar. Para a gente evitar, ficamos eu e o companheiro Cândido, mais o companheiro Ernesto, da Carfriz, pedindo que o pessoal se retirasse e não entrasse em conflito com os PMs. Infelizmente eles pegaram a gente, prenderam na porta da Arteb, bateram muito na gente, levando para a delegacia, dizendo palavras de baixo calão em cima do nosso nome, dizendo que a gente era baderneiro, grevista, piqueteiro, e que iam levar a gente para o Riacho Grande, para dar um pau. Passando da porta da Arteb, segurando a gente dentro da perua da Polo que é H 675, levando a gente lá para o 6.º batalhão, depois do 6.º batalhão conversaram com o comandante, levaram a gente lá para o 3.º DP do bairro Assunção. Descendo da 675, a gente apanhou muito e no fim colocaram eu e o companheiro Ernesto numa roda de 8 policiais, primeiro o companheiro Ernesto, bateram muito no companheiro, depois chamando eu, colocando numa roda de muitos policiais, me bateram muito dizendo que eu ficava em cima do microônibus do sindicato, fazendo discurso, que eles passavam fome. Na verdade não é isso que tinha acontecido um dia antes, no qual estava pedindo que os policiais entendessem a posição do Sindicato que também o salário deles era de fome. Eles me reprimiram muito, chutando a boca, batendo. No momento foi uma dor. Passando isso eu entendi que esse pessoal é perigoso e que não têm nada com o trabalhador mesmo. Depois, o próprio delegado do 3.º DP, que é um delegado civil, conversando comigo disse que esse pessoal é dessa forma mesmo, que ninguém muda a cabeça deles. Depois me colocaram numa cela, dando umas pancadas dentro da cela. O advogado do sindicato chegou, me liberando da cela. Eu fui falar com o comandante Porfírio, eu e dr. Rui a respeito do que tinha acontecido. Esse comandante disse para a gente que ia avaliar, se realmente os PMs dele tivessem culpa, eles iam ser castigados. Só disse isso para a gente, em 2 ou 3 minutos que ele falou com a gente. O que nós entendemos é que foi ordem mesmo desse comandante que parece que agora foi transferido para Santos. A gente ficou na prisão, fomos presos às 7 e meia da manhã, ficamos na delegacia até 4 horas da tarde, mesmo com o advogado do Sindicato. Apesar de toda essa repressão nós tínhamos cerca de 700, 800 trabalhadores fora da fábrica. Dias depois eu convidei o companheiro Jair e o Lula para participar de uma assembléia, na qual eles nem falaram, quem fez uso da palavra foi eu e o companheiro Paulo Okamoto, pedindo para os companheiros retornarem ao trabalho. A gente foi porque se eu chegasse com o carro de som, sozinho, porque até passando na Piraporinha, eles queriam me prender. Então eu chamei o companheiro Lula para um apoio maior no momento..."



FOTO: CEDI

"...Depois que o Sindicato pediu o retorno ao trabalho, aconteceu que se reunissem mais de 2 ou 3 companheiros, policiais da PM, pagos 50 mil cruzeiros por dia, pela Arteb, para eles fazerem esses plantões, esse policial PM chegava e espancava esses companheiros. Espancando e dispersando uma rodinha de 2 ou 3 companheiros. Bateram num companheiro que estava tentando organizar uma operação tartaruga, na sessão de produção, os PMs pegaram esse companheiro, levaram para dentro de uma sala da chefia, bateram nesse companheiro dentro da sala da chefia. Depois de 3 dias ele foi dispensado também por justa causa. Os policiais até hoje estão dentro da empresa. Não chegam a ser bem fardados, mas às vezes usam quepe, chegam assim no carro mesmo da polícia. Chegam com a Polo, ficam 3 ou 4 soldados lá dentro e ficam vigiando a fábrica, diariamente..."

"...Esse esquema policial foi montado na Arteb, na Carfriz, na Toyota, três empresas que estavam agora se organizando e muito bem. A Carfriz demitiu 106 companheiros, a Arteb mais 300 e a Toyota toda a Comissão de Fábrica mais 47 companheiros".



FOTO: CEDI

Constituinte: o compromisso da construção de uma sociedade democrática

A participação do movimento popular no processo que leva à Constituinte é fundamental para que ela seja aberta e comprometida com os interesses do povo. Nesse sentido, TEMPO E PRESENÇA foi buscar a opinião do líder comunitário e ex-presidente da Federação das Associações de Moradores do Estado do Rio de Janeiro (FAMERJ), Jó Resende. Jó desenvolveu intenso trabalho à frente da FAMERJ, na defesa dos mutuários do BNH, e atualmente está sendo cogitado para concorrer à vice-prefeitura da cidade do Rio de Janeiro, na chapa do PDT.

Entrevista a José Ricardo Ramalho



Jó Rezende

T e P — Qual a importância da Constituinte do ponto de vista das Associações de Moradores?

Nós das associações de moradores e das diversas formas de organização da população, além das lutas reivindicatórias do nosso trabalho em busca de melhores condições de vida, temos um compromisso básico, que é a construção de uma sociedade democrática. De uma sociedade onde o povo, de maneira organizada, tenha uma participação efetiva nas decisões; onde se respeite todas as diferenças de pensar e de agir e se admita a convivência democrática dessas diferenças; onde o social, o atendimento às necessidades fundamentais das pessoas, prevaleça sobre as relações do capital ou seja onde o trabalho prevaleça sobre o capital: uma sociedade no qual as iniciativas comunitárias micro-localizadas tenham expressão; onde toda essa prática social, se desenvolva plenamente e possa desembocar em novas propostas; uma sociedade onde os partidos políticos sejam representativos, tenham compromissos com os seus representados e com a população; onde não haja discriminação ideológica, filosófica, religiosa ou partidária de nenhuma natureza; onde o poder legislativo seja respeitado e tenha um papel representativo, que expresse nas leis, no controle sobre a administração pública, o desejo de população; onde o poder executivo municipal, estadual ou federal, sejam efetivamente, um poder executivo, subordinado ao legislativo, ao judiciário e à população nas suas diversas formas de expressão; onde os recursos orçamentários sejam compartilhados na sua elaboração com todos esses poderes; onde a alimentação, a habitação, a saúde, a educação, sejam direitos básicos, constitucionais, que não sejam apenas direitos circunstanciais em função do interesse político momentâneo ou que isso seja passado para trás em função de uma economia em fase de expansão ou de recessão; que antes de se pensar na acumulação do lucro se garanta a sobrevivência; que antes de se pensar no ócio de poucos se garanta a sobrevivência de muitos. Tudo isso se traduz através do trabalho do dia-a-dia da população, na luta dos mutuários, na luta pelo saneamento básico, na luta pelo transporte coletivo, na luta pelo abastecimento, pela saúde, enfim em todas essas ações coletivas, permanentes, diárias da população, tudo isso deve produzir, ser canalizado, ser encaminhado para a elaboração de uma Constituição democrática, participativa, mobilizadora. Nós sabemos que se uma Constituição dessa não for buscar fundo na população a sua representatividade e a sua ação, ela acaba sendo uma Constituição conservadora, reacionária, preservadora dos privilégios. Por tudo isso, a Constituinte é, para nós, uma questão da mais absoluta prioridade hoje. Não se pode pensar em Constituinte, se não pensarmos nessa mobilização e nas propostas para a Constituinte. Constituinte não é só mobilizar e eleger os constitucionais porque, nesses termos, o poder econômico vai prevalecer e vai eleger uma Constituinte reacionária, conservadora e que pode ser igual ou pior à que nós temos aí.

Por outro lado, não podemos mais ficar na dependência de que alguns sábios decidam pelo povo, retirem das prateleiras as suas propostas constitucionais e que o povo venha atrás ape-

nas para referendá-las; isso que aconteceu, sistemáticamente, na história brasileira.

Não podemos também, admitir que se pense em uma Constituição quando a organização partidária, quando a lei de greve, quando a lei de imprensa, quando os privilégios, quando a lei de segurança nacional, quando tudo isso ainda permanece intacto, nos seus resquícios, atuando para desmobilizar, desorganizar e reprimir a população. Eu diria que a luta está apenas iniciada. Queremos Constituinte sim, mas queremos Constituinte com esse grau de mobilização e de intervenção no processo da sua elaboração.

T e P — Como a sociedade civil pode, na prática, influenciar na Constituinte?

Isso vai se dar, na medida em que, em cada local de trabalho, em cada moradia, em cada partido político, em cada cidade, em cada colégio, em cada universidade, em cada estado, a Constituinte passe a ser um tema em debate. Varando, rasgando, se irradiando, para que a gente tenha a questão da Constituinte como uma questão básica de nossa discussão fundamental. Eu acho que esse é o modo pelo qual nós podemos elaborar uma nova Constituição. Temos que colocar em debate todas as questões constitucionais imediatamente em todos os locais. Uma mobilização que possa ter como desfecho uma elevação do grau de consciência e uma grande mobilização da sociedade em torno da Constituição.

T e P — Como você vê a questão de candidatos avulsos, não necessariamente ligados aos partidos, à Constituinte?

Eu concordo com isso. Eu acho que em uma Constituinte, com a vida partidária ainda debilitada como a nossa, após todos esses anos de autoritarismo, os nossos partidos ainda no seu processo de formação, de organização, uma Constituinte agora não poderia, apenas, ser representada por constituintes partidários. Nós precisamos de constituintes que sejam da sociedade. Nós temos eminentes pessoas que são representativas da sociedade, que são representativas da nossa organização social e que, por diversas razões, não têm militância partidária. É fundamental que essas pessoas possam também ser constituintes, que devem, nesse caso, ter um papel complementar junto com o Congresso Nacional. O Congresso Nacional tem o seu papel, mas a Constituinte é a Assembléia soberana de uma nação. Então essa Constituinte deverá ter a ação partidária e a ação não-partidária de pessoas eleitas diretamente para a Constituinte.

T e P — A Constituinte se reuniria à parte do Congresso?

Sim, pode ser uma reunião. Isso nós temos que debater quais as melhores formas, qual o melhor mecanismo. Pode ser simultânea , pode ser anterior, pode ser até posterior mas eu acho que o Poder Constituinte deve ser um poder não congressual. O poder congressual, ele deve estar ali, cumprindo as leis vigentes enquanto a Constituinte se reúne. O parlamentar, deputado federal ou senador, pode ser simultaneamente constituinte ; eles podem estar com a legislação ordinária, atuando com a legislação ordinária enquanto, também, como constituintes.

T e P — Na campanha política para as prefeituras de capitais, a Constituinte, vai ser um tema primordial da campanha ou você acha que outras questões, no momento, estariam acima em termos de campanha eleitoral?



Há uma tendência que devemos evitar que se fixe que é a tendência à polarização nacional de questões que acabam sendo muito superficiais, nesse debate eleitoral das prefeituras. Acho que devemos fazer todo o esforço, eu inclusive me proponho a isso, me engajo nisso, para que a eleição municipal seja acima e antes de tudo, um debate das questões locais associadas às questões gerais. Por exemplo, o debate da Constituinte é um debate local e que deve estar associado ao debate nacional, certamente, mas eles têm que estar presentes, os dois, imediatamente, a questão local, a questão das necessidades da população, a questão da Constituinte, são questões que têm que estar presentes nesse processo.



FOTO: CLAUDIO EDINGER

Cristãos alemães protestam contra silêncio imposto a Boff

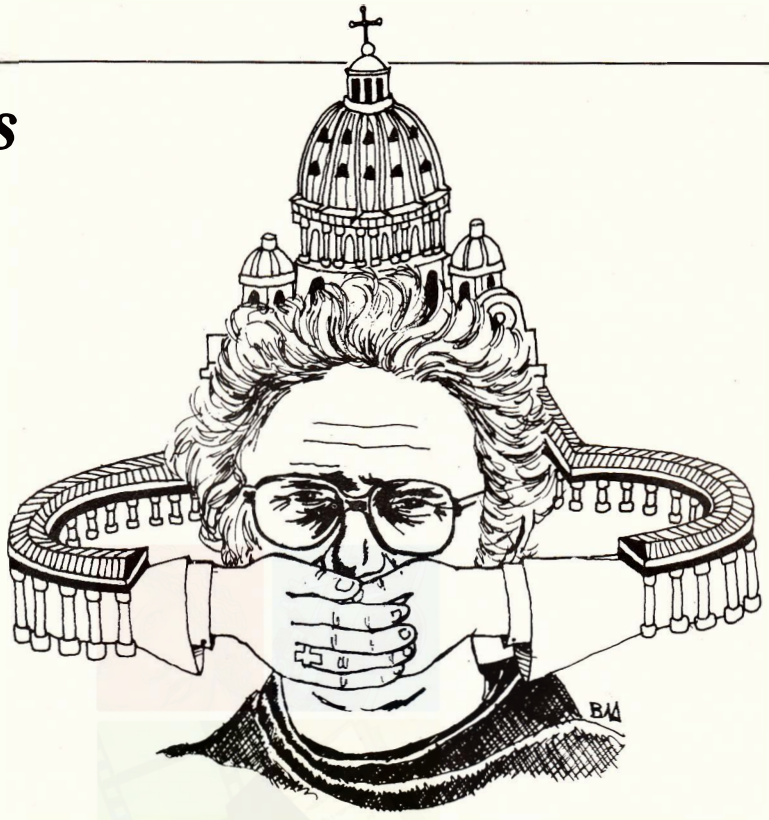


ILUSTRAÇÃO BIA / EXTRAÍDO DO BOLETIM "SIN"

Um protesto contra a pena de silêncio, imposta, pelas congregações para os Religiosos e para a Doutrina da Fé, da Cúria Romana, ao teólogo Leonardo Boff, foi formalmente enviado ao cardeal Joseph Ratzinger pelo ''Grupo de Freckenhorst'', integrado por cristãos da República Federal da Alemanha. O texto também foi encaminhado ao episcopado alemão e à CNBB. Segue-se a tradução, preparada por Horst Goldstein, tradutor dos livros de Boff e de alguns títulos de Rubem Alves para a língua alemã.

Comissão Permanente do "Grupo de Freckenhorst"

Tristes e irritados, soubemos da condenação ao silêncio enunciada pelo Vaticano contra o padre franciscano brasileiro e professor de teologia frei Leonardo Boff O.F.M. Contra tal recaída em formas de disciplinamento julgadas superadas desde o Concílio, devemos levantar a nossa voz. A medida tomada contra Leonardo Boff parece-nos incrível, uma vez que tais métodos de calar alguém só são praticados por sistemas totalitários. Diante destas tentativas de silenciar a voz de alguém, ainda não foi solucionado nenhum problema espiritual. Forçosamente, a decisão romana confirma as proposições críticas sobre o exercício do poder por parte dos órgãos eclesiásticos, expostas por Leonardo Boff como "ensaios de eclesiologia militante" em seu livro "Igreja: Carisma e Poder". À "notificação" da "Congregação para a Doutrina da Fé", datada de 11 de março de 1985, declarando algumas teses do livro "insustentáveis" e perigosas para a sã doutrina da fé, Leonardo Boff, em sublime solidariedade com a Igreja concretamente existente, declarou ser-lher absolutamente natural obedecer ao mais alto magistério da Igreja, repetindo sua posição já anteriormente formulada: "Prefiro caminhar com a Igreja e andar sozinho com a minha teologia".

Perguntamos: Estão as instâncias romanas esquecendo as proposições do Concílio de, reconhecendo-se a instituição divino-espiritual do ministério, também o Povo de Deus ter recebido o espírito profético? Além disso, devemos lembrar o fato histórico de algumas instâncias romanas não raramente terem tomado graves decisões errôneas, com consequências desastrosas tanto para pessoas particulares como para a Igreja inteira. Queremos pedir que levem em consideração o abismo cada vez maior entre tais proposições enunciadas pelas congregações romanas e amplos setores do povo fiel e engajado na Igreja. Nas nossas paróquias e comunidades, estamos sentindo que a autoridade da Igreja, em virtude de tais medidas, está desgastando-se cada vez mais. O nosso serviço pastoral de sarcedotes e leigos está sendo dificultado enormente.

Constrage-nos, muito particularmente, o procedimento centralístico, renovado pelas Congregações Vaticanas. Abandona-se, com isto, o princípio de colegialidade, decidido pelo Concílio, atribuindo-se grande autonomia às Igrejas particulares, embora reconheça-se a fundamental unidade de todos. Com a condenação do franciscano, passou-se por cima da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos) que, pelo procedimento unilateral das instituições romanas, ficou surpreendida e até menosprezada. Sabemos que muitos bispos brasileiros, inclusive cardeais, ficaram consternados diante desta medida, que atingiu não apenas Leonardo Boff pessoalmente, mas também os pequenos e pobres que, na Igreja, inclusive através dos livros e da atividade docente do franciscano, recebem ânimo humano e impulsos de fé. Impede-se, agora, a emergência de uma Igreja forte na esperança.

Antes de tudo, porém entristece-nos e irrita-nos o fato de a decisão romana constrager, profundamente, a Igreja do Brasil e a grande maioria dos seus bispos ainda por um outro motivo: os econômica e politicamente poderosos sentem-se apoiados. Na opinião dos que estão interessados sobretudo na conservação do atual **statos quo**, Roma parece ter confirmado que a Igreja, renovada pela sua "opção preferencial pelos pobres" (Puebla), está no caminho falso e injusto. Os que estão sendo veemente criticados pelas grandes conferências episcopais latinoamericanas e mesmo pelo Santo Padre, por tirarem seu proveito da exploração econômica, sentem-se confirmados por essa tomada de posição por parte de Roma.

Faz-se necessário uma discussão interna sobre as teses de Boff. Resta-nos pedir, insistemente, a revogação da proibição de Leonardo Boff manifestar-se publicamente, pelo bem da Igreja e do Evangelho. Além disso, comprometemo-nos com a divulgação mais ampla possível e com a discussão substancial dos muitos livros e artigos do franciscano brasileiro. Diante do silêncio de Boff, outros muitos deverão falar.

Eucaristia e Compromisso Social



"Qual o significado da celebração da eucaristia num continente marcado estruturalmente pela injustiça?". É para esta pergunta que o padre Antônio Haddad, sacramentino mineiro, tenta apresentar respostas.

Seu ponto de partida è a dimensão essencialmente comunitária do mistério eucaristico, da presença de Jesus Cristo em nosso meio como alimento, "caminho, verdade e vida". No Brasil e na América Latina, a eucaristia tem significado, basicamente, a comunhão da dor, da exploração e do martírio. O próprio autor vivenciou, em sua própria carne, esse mistério, num dos episódios mais escabrosos perpetrados pela ditadura militar de 1964.

Mas a Eucaristia também tem significado, em nosso meio, como enfatiza o autor, o momento do encontro dos que lutam e têm esperança. E têm esperança porque resistem e lutam. Cada vez mais, em toda parte desta Pátria Grande, cristãos, homens e mulheres de boa vontade, reúnem-se em torno da mesa do Senhor para celebrar a comunhão dos que lutam, dos que sofrem, morrem e ressuscitam na caminhada da libertação.

Além da sua própria experiência e na vivência do seu povo, o autor inspira-se na reflexão de Paulo 6º. Homem permanentemente angustiado, mas de espirito sempre aberto, Montini parece hoje — no contexto eclesiástico de restauração — uma figura saudosamente distante. Ele, João 23 e João Paulo 1º parecem figuras que viveram há séculos, diante de tudo o que vemos e vivemos, hoje, na estrutura autoritariamente verticalizada da Igreja Católica. O autor demonstra como Montini pregava e vivenciava a autêntica dimensão comunitária e política da Eucaristia. "Uma grande lição nos advém desta herança eucaristica por ele deixada: o mistério da Eucaristia deve ser visto, considerado, estudado, analisado, pregado e vivido sob todos os prismas possíveis desde que exerçam influência libertadora na pessoa, na comunidade-Igreja e na inteira sociedade humana", diz Haddad.

Ele enfatiza que essa compreensão da Eucaristia terá, inclusive, um influxo no ecumenismo, "a fim de que se prossiga num diálogo proficuo, eliminando mágoas e divisões do passado. E trabalhar para que o advento do sentar-se todos em volta de um mesmo pão da unidade dos cristãos não demore a se concretizar; a credibilidade de nossa tarefa no mundo exige este sinal visivel". O livro de Antônio Haddad sugere-nos, basicamente, o resgate da Eucaristia de uma compreensão individualista e egoista. Endereço das Edições Loyola: Rua 1822, nº 347 Cep 04216 SP. (DA)

Agricultura Suicida

Um retrato do modelo brasileiro



Em "Agricultura Suicida — um retrato do modelo brasileiro", recentemente lançado pela Editora Ícone, Paulo San Martin analisa o autêntico caos gerado, no sistema agricola brasileiro, por um modelo de desenvolvimento voltado mais para interesses de acumulação do capital do que para o atendimento das necessidades básicas do povo. Seu ponto de partida é o de que "a chamada "modernização" da agricultura brasileira modificou a fisionomia, a cultura, o semblante e a vida da Nação. Criou o pais da miséria no meio da riqueza e da fartura, agravou a fome. É um Brasil que as estatisticas retratam mas não revelam." Os titulos dos capitulos falam por eles mesmos: "Revolução verde, poder militar e o mito da modernização rural", "Revolução termonuclear: novas mudanças no quadro internacional", "Retratos do modelo: Brasil revelado em 3 x 4", "A viagem prossegue. E chega ao mito dos novos eldorados", "Projeto JICA: uma aventura de ocupação e entrega do cerrado", "Genocidio no Nordeste: espelho da tragédia gestada pelo modelo", "Uma nação em guerra: o balanço das baixas", "A tragédia da terra e a violência ecológica", "Alternativas: buscando a nova dimensão da vida e do homem" e um apêndice: "Ciranda de corrupção: até o ministro se afoga no mar de lama que gerou".

"Os últimos vinte anos de modelo suicida da agricultura brasileira — diz o autor — arrastam atrás de si um verdadeiro mar de lama que se mistura e se confunde com a ciranda de corrupção que permeou por todos os poros do Poder do Pais".

Questiona-se, agora, se a chamada "Nova República" começa, efetivamente, a mudar esse panorama. Neste campo (e noutros ligados a situações básicas da estrutura sócio-econômica de qualquer pais) não são suficientes as boas intenções. Para que haja uma mudança efetiva seria necessário aplicar medidas que, inevitavelmente, entrariam em contradição com interesses dominantes e (muito bem) encastelados em altos postos do atual governo. É por isso que os militantes das entidades que atuam no campo e com os camponeses (CPT, Sem Terra, entre outros) enfatizam que nada virá de cima para baixo, em termos de melhorias para os trabalhadores rurais. Tudo deverá ser conquistado, através da luta organizada. Endereço da Ícone Editora: Rua Anhanguera, 66. CEP 01135, São Paulo, SP.

Rubem Alves

LITURGIA (1)

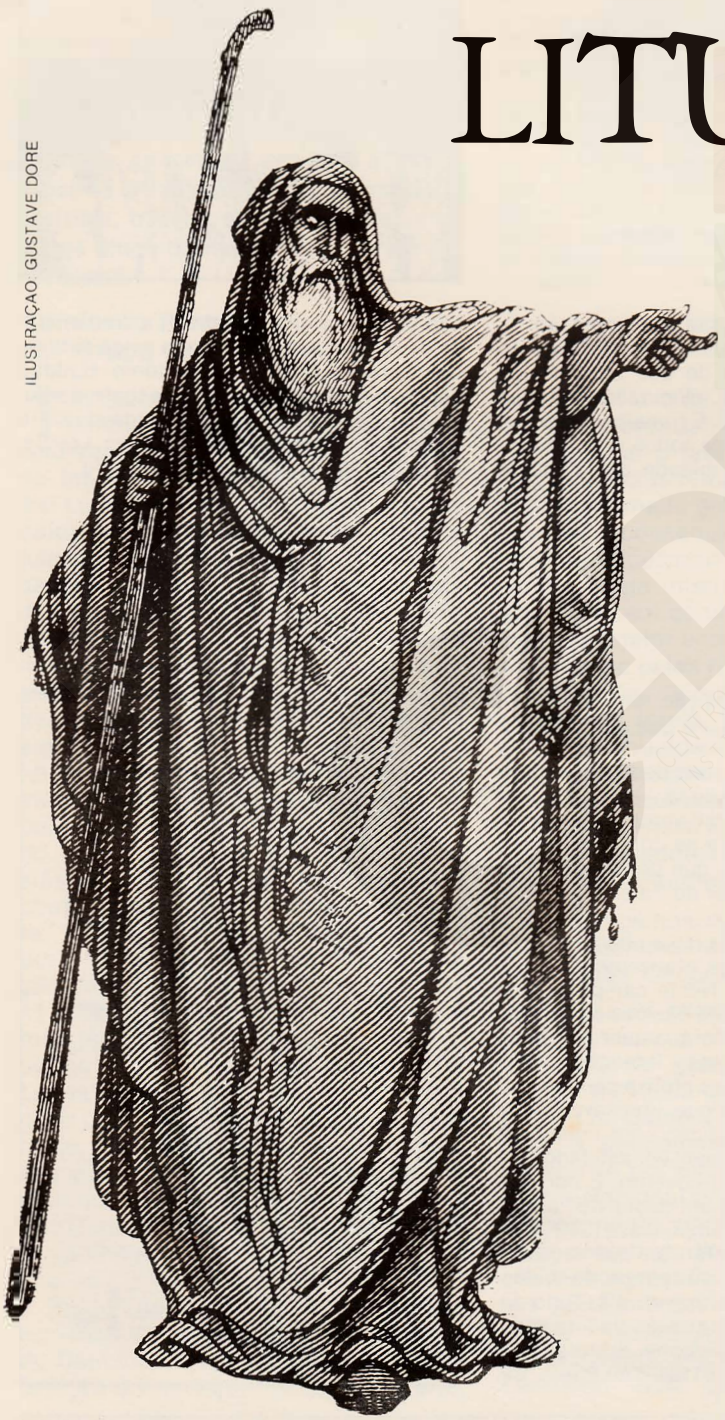


ILUSTRAÇÃO GUSTAVE DORE

Um filho: será que alguém pode ter um desejo mais terno que este? Um filho é como um caminho: há coisas boas bem ali, ao alcance da mão, amoras silvestres, fontes escondidas, sombras. E também há o mistério do destino, escondido no horizonte e na noite. Um filho é como o mar: espuma que brinca com pés descalços e funduras que nunca haveremos de compreender.

E, no entanto, ali está a carne da nossa carne, corpo onde colocamos os nossos desejos mais altos. Como se fosse um altar, lugar de esperança. A gente envelhece e se vê moço de novo naquele que nasce da gente. Nele continuo a viver.

Ter um filho é isto: saber-se cheio de vida, transbordante como se fosse fonte, para regar jardins: sementes voantes, em busca do fundo da terra, mulher, eterno nascer e renascer. Num filho nos destinamos ao futuro: esperamos...

Imagino que era isto que Abraão pensava, comtemplando em silêncio as planícies, sorrindo, vendo coisas que ninguém mais via. Tão sozinho, mas naquela solidão saíam de sua carne multidões sem fim, incontáveis como as areias do mar, homens e mulheres, duros pelo trabalho, alegres na colheita, à sombra de figueiras e parreirais. E os jovens, amando sob os pés de romãs. Crianças nos seios das mães. Velhos sonhadores, brincando com seus netos. Tudo isto lhe vinha à mente quando pronunciava as palavras mágicas: "Meu filho..." Como era isto possível, se o filho ainda não havia nascido? Como era isto possível se este nome apenas marcava uma ausência, o lugar de uma grande nostalgia? Sara sabia. Conhecia os sonhos daquele olhar silencioso. Como ela era bela... Como havia ternura em seu olhar. E olhando para o seu corpo de quase menina, imaginava que ali dentro um sonho haveria de se tornar carne.

Mas o tempo passava. O corpo da mulher continuava o mesmo: pequenos seios de adolecentes, o ventre liso que não conheceu a gravidez. E a cada mês o sangue anunciava de novo que as sementes haviam caído sobre a pedra...

"— Não importa", dizia Abraão. "Ele virá..."

Mulher sensata, a Sara. Sensata e boa. Como amava aquele sonhador. Mas ela sabia melhor do que ele. Sabia que há sonhos que não se realizam. Sabia que há sementes que não germinam. Olhava para o rosto de seu marido e havia ali as marcas de uma saudade sem fim de uma criança que não nascera. E ela bem que o sabia, em silêncio: "Nunca haveria de nascer". A sabedoria lhe ensinara que quando os desejos são impossíveis, a gente os troca por coisas menores. Quem não pode ter uma estrela pode, pelo menos, acender uma vela. Quem não pode ter um grande amor pode, pelo menos, cantar uma canção. Quem não pode gerar um filho no seu próprio ventre pode, pelo menos, adotar uma criança, nascida de outra...

"Abraão", disse ela um dia. "Sei que você me ama. Sei que você deseja um filho que nasça de dentro de mim. Mas minha fonte está seca. Meu jardim está fechado. Coloca tua semente em Hagar, minha escrava. E esta criança será o meu filho..."

E assim foi. A semente germinou. O ventre de Hagar cresceu. E nasceu um filho de Abraão. Ele o amou, a Ismael. Mas tudo foi inútil. A alegria não chegou. Continuavam no seu rosto aquelas mesmas marcas tristes de uma ausência, o filho que seria dele e da mulher a quem amava.

O tempo passou.

Vieram os sinais da velhice. Olhos baços, braços fracos, abraços poucos, seios murchos, e o sangue que nunca mais voltou, dizendo da inutilidade das sementes... Só uma coisa não envelheceu: o sonho daquele homem velho, que continuava a olhar as mesmas planícies e a ter as mesmas visões: como as areias do mar...

Foi no calor mais forte do dia, quando tudo fica quieto, a hora quando do corpo saem os sonhos de quem ainda está acordado, e nenhuma folha dos carvalhos se mexia, algo estranho, três homens surgidos, não se sabe como, daquela imensa solidão, apareceram. E ali ficaram, sob a árvore, e começaram. E ao se despedirem disseram:

"Voltaremos. Daqui a um ano. E quando voltarmos, Sara terá tido um filho..."

Sara, que ouvia tudo à distância achou que aquela era uma piada engraçada. Poder-se-ia imaginar coisa mais cômica que uma mulher velha, cara enrugada, boca sem dentes, seios murchos, com o ventre inchado e seios túrgidos de mulher grávida? Só se o mundo enlouquecesse, e as coisas que são deixassem de ser, e as coisas que não viessem a ser, tudo às avessas, ao contrário, de cabeça para baixo, montanhas virando abismos, de desertos nascendo jardins, virgens engravidando, mortos ressuscitando... Mas Sara era mulher sensata, que sabe que estas coisas não acontecem. Sabia as lições do possível e do impossível. E ela não pôde conter o riso... Os estranhos visitantes tinham um forte senso do engraçado. E enquanto ria, caminhava para a cozinha, lugar de realidade, ali onde seus desejos eram modestos e possíveis: guisados, pães, coalhadas. E teve pena de Abraão e dos seus sonhos...

Mas Abraão, sem haver aprendido as lições do possível e do impossível, vivia no mundo dos desejos que ainda não aconteceram. Ele acreditou no sonho, sorriu, tomou um machado, cortou uma árvore, e começou a construir um bercinho.

Naquela noite, no silêncio da tenda de Abraão, dois mundos apareceram, tão próximos e tão infinitamente distantes.

O primeiro nascia da boa e sensata Sara, do seu senso do possível, dos seus pães. Os pães eram nada mais que pães. Mudos. Não falavam.

O outro nascia das mãos do visionário Abraão, mãos possuídas pelo futuro, voando por sobre os limites do possível. Primeiros entalhes naquilo que seria um berço. Era mais que um berço. Um poema. Sacramento. Um altar...

Abraão não sabia: mas seus gestos eram uma liturgia...

HINO A REAGAN

Dom Pedro Casaldáliga

Comigo te excomungam os poetas,
as crianças, os pobres da Terra:
ouve-nos!
É preciso pensar humanamente o mundo.
Não banques o Nero.
Não estás filmando, mico das telas:
és o mandatário de uma grande nação!
(Eu direi ao teu povo que limpe para sempre
a merda que tua bota de cow-boy
grudou em sua bandeira.
E lhe direi que saiba, quando vota,
que pode estar vendendo
muito sangue e sua honra)

Tereis embriagado de coca-cola o mundo,
mas resta algum lúcido para dizer-vos não!
O lucro e o poder de vossas armas
não pode atingir maior cotização
do que o pranto febriciante
de um menino de cor.

A raça dos homens já não está para impérios.
Reagan, escuta:
o sol
nasce de novo para todos
e o mesmo Deus chove
sobre todas as vidas que chamou à festa.
Nenhum povo é maior.
Faz teu quintal em tua casa, respeita-nos!

Raquel te conhece, Herodes,
e terás de responder por tua desolação.

A estrela de Sandino te espreita na montanha,
e no vulcão desperta um só coração:
como um mar de coragem, a Nicarágua menina
romperá tua agressão.

O sangue dos mártires sustenta nossos braços
e em nossas bocas torna-se cântico e manancial:
Tu nunca viste a montanha, Reagan,
nem ouviste em seus pássaros a voz dos sem voz,

Tu não sabes de vida, nem entendes de canção.
Não nos venha agora com morais hipócritas,
genocida que abortas todo um povo e sua
Revolução.



ILUSTRAÇÃO: MIA

A mentira que tentas pregar ao mundo
(e ao Papa) é a droga maior.
Existe Liberdade (com exclusividade)
e cerceias os passos da Libertação.

"Os Estados Unidos são potentes e grandes..."
All Right! "We trust...in God" (*)
Podeis acreditar-vos donos, podes ter tudo,
inclusive deus, teu deus
— o ídolo sangrento de teus dólares,
o maquinal Moloch —,
mas te falta o Deus de Jesus Cristo,
a Humanidade de Deus!

Eu juro pelo sangue de Seu Filho
que outro império matou,
e juro pelo sangue da América Latina
— prenhe de aurora hoje —
que tu
serás o último
(grotesco)
imperador!

(*) Tudo bem! "Nós confiamos... em Deus".

tempo e presença

Publicação do CEDI • Número 211 • agosto de 1986 • Cz$ 6,00



Foto: Carlos Fanerich

Terra é mais que um pedaço de chão

cartas cartas cartas cartas cartas cartas

A equipe da CPT Diocesana de Caxias (MA), às 12 horas do dia 10/6/86, foi avisada de que no lugar conhecido como "Cascudo" ou "Bebedouro estava sendo realizado o despejo das famílias de posseiros ali residentes que desde 1977 vêm resistindo em suas posses.

De imediato a equipe se deslocou até a área verificando os seguintes fatos:

1) Encontravam-se no local os indivíduos Fernando Tavares de Sá e Raimundo Batista, acompanhados dos oficiais de justiça Juvenal e Manoel Cardoso, um contingente policial composto de onze PMs armados com fuzis, revólveres, escopetas e metralhadoras, um caminhão com ferramentas para a derrubada das casas, uma caminhonete e nove ajudantes com o objetivo de despejar as citadas famílias — no total de 53 crianças e 36 adultos.

2) O mandato de manutenção de posse, datado de 23 de dezembro de 1985 e cumprido nesta data evidencia a facciosidade dos serventuários da justiça que tem o prazo de trinta dias para cumprir um mandato e recolhê-lo ao cartório.

Considera-se ainda a ausência do manutenido dr. Floriano Tavares de Sá, gerente da Itaporanga Agricultura e Pecuária Ltda., autora da ação, cuja sentença foi proferida em 22 de novembro de 1985.

3) Questionando o oficial de justiça sobre a ausência do representante da autora, a equipe foi grosseiramente interpelada por Fernando Tavares de Sá e Raimundo Batista, respectivamente irmão e cunhado do dr. Floriano, para entregar a terra ao irmão dele que estava ali presente e que, de revólver na cintura, se dizia agente de policia. Este, imediatamente, declarou poder fazer o "serviço" de despejo das familias ameaçando prender os lavradores que não aceitaram assinar o mandato, vista não reconhecer o dono.

Contando com a policia à sua disposição, Fernando Tavares de Sá só não executou as suas ameaças em virtude da interferência da equipe da CPT e do oficial de justiça Juvenal, que esclareceu não ter recebido ordem nenhuma de despejo e sim de manutenção de posse.

Vista a firmeza dos lavradores, após terem ameaçado os mesmos e a equipe, foram-se embora debochando, proferindo expressões de baixo calão e afirmando que coisas piores viriam.

A CPT Diocesana de Caxias pede encarecidamente às autoridades que tomem providências urgentes e cabíveis para evitar graves, sérias e lamentáveis consequências.

Comissão Pastoral da Terra
Diocese de Caxias
Caxias (MA)

Há bastante tempo que ouço bons comentários sobre os trabalhos e as publicações do CEDI, principalmente da revista "Tempo e Presença".

Gostaria de receber alguns dados sobre o CEDI e suas publicações, e como fazer para recebê-las.

Paulo Fernandes Keller
Praia do Campeche
Florianópolis (SC)

Estão de parabéns pelo conteúdo da Revista e sua apresentação.

Grato pelo serviço.

D. Waldyr Calheiros
Bispo de Barra do Pirai-Volta Redonda
Volta Redonda (RJ)

Solicito uma cópia do "Dossiê Constituinte". A nossa Open (Ordem dos Pastores Evangélicos de Natal) tem se interessado muito pelo assunto, graças ao volume de informações que o Cedi tem fornecido. Sou grato pelo trabalho de vocês.

Rev. Roberto Bittencourt Junior
Presidente da Open e pastor da Igreja Presbiteriana Central.
Natal (RN)

II ASSEMBLÉIA GERAL DO
CONSELHO LATINO AMERICANO DE IGREJAS

Indaiatuba (Itaici), SP-Brasil, 28 de outubro a 2 de novembro de 1988

Tema: IGREJA:
A CAMINHO DE UMA ESPERANÇA SOLIDÁRIA

CLAI

Informações: Secretaria Regional para o Brasil
C. P. 55.202. 04799 - São Paulo - (011) 523-9622

tempo e presença

Revista mensal do CEDI Agosto de 1986

CEDI Centro Ecumênico de Documentação e Informação

Rua Cosme Velho, 98, fundos
Telefone: 205-5197
22241 - Rio de Janeiro - RJ

Av. Higienópolis, 983
Telefone: 825-5544
01238 - São Paulo - SP

Conselho Editorial
Heloiza de Souza Martins
José Oscar Beozzo
José Ricardo Ramalho
José Roberto Pereira Novaes
Pedro Pontual
Rubem Alves
Zwinglio Mota Dias

Editores
Dermi Azevedo
Jether Pereira Ramalho

Jornalista Responsável
Dermi Azevedo
Reg. prof. nº 239

Secretário de Redação
Flávio Irala

Produção Gráfica
Sérgio Alli

Diagramação e Secretaria Gráfica
Marco Antonio Teixeira

Composição e Impressão
Cia. Editora Joruês

Preço do exemplar avulso: Cz$ 6,00

editorial

ÍNDICE

Terra

4 CAMINHOS DA ANTI-REFORMA AGRÁRIA
Ivo Poletto

8 CUT E O MOMENTO DA REFORMA AGRÁRIA
Leandro Lamas

11 A URGÊNCIA DA REFORMA AGRÁRIA

12 AMAZÔNIA: GRILAGEM E VIOLÊNCIA
Lúcio Flávio Pinto

14 TRABALHO ESCRAVO NO BRASIL HOJE
Neide Esterci

18 CANAVIEIROS DO NORDESTE: TRAJETÓRIA DE LUTAS E DESAFIOS ATUAIS
Regina Célia Reyes Novaes

21 DEUS ACAMPOU ENTRE OS POBRES DA TERRA
José Lourenço Pechtol

Rubem Alves

22 MINHA HORTA, MEU ALTAR

Bíblia Hoje

24 UMA TERRA BOA (Êx 3.8)
Milton Schwantes

Constituinte

27 A NOVA ORDEM CONSTITUINTE E A PROPRIEDADE DA TERRA
Maria Angélica Gentile

América Latina

29 CRÔNICAS DE UMA TRAGÉDIA QUE PODIA SER EVITADA

31 AINDA HÁ TEMPO
Gustavo Gutiérrez

Debate

32 HÁ TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO NA ÁSIA E ÁFRICA?
Enrique Dussel

África do Sul

37 JOVENS SE SOLIDARIZAM COM O MOVIMENTO DE LIBERTAÇÃO

38 DÉLCIO: PERDE-SE UM COMPANHEIRO

Livros

39 A IGREJA E A QUESTÃO AGRÁRIA
Neide Esterci

"Terra é mais que um pedaço de chão"

A questão da terra no Brasil tem significado muito mais amplo do que seus aspectos meramente econômicos. Não se trata simplesmente de se assentarem no campo umas tantas mil famílias.

Luta-se por princípios básicos de respeito à condição humana e aos direitos à cidadania dos trabalhadores brasileiros. De fato, se por um lado os pequenos produtores que reivindicam terra merecem que a eles se estenda o direito de propriedade, por outro lado, a luta sem trégua dos assalariados do campo revela que o arbítrio, a violência e o descumprimento sistemático das leis trabalhistas estão diretamente relacionados ao monopólio do poder que decorre da concentração desmedida da propriedade da terra.

Essa questão não se resolve trocando os ministros da reforma agrária, ou fazendo-se tímidas desapropriações. Ela questiona a própria estruturação da nossa sociedade. Precisa, pois ser projeto de um governo, que tenha realmente compromissos com a classe trabalhadora do país e não se subordine aos interesses dos grupos dominantes.

Os lavradores e os operários já perceberam isso e estão cada vez mais se organizando e se mobilizando para exigir do Estado medidas mais radicais e urgentes de encaminhamento dessa questão. Já estão mesmo por iniciativa própria estruturando, nos seus acampamentos, uma nova ordem social baseada na participação, igualdade e justiça. Perceberam que esse problema é do interesse nacional, tanto daqueles que vivem no campo, como dos moradores da cidade.

Essa luta dos camponeses já lhes tem custado muito sofrimento e mortes. Mas o povo não se intimida. Ele tem consciência que está lutando pela vida, por uma causa justa e que vai ser vitorioso. O sangue dos seus mártires converte-se em semente, inspiração e esperança para essa caminhada.

As Igrejas não podem estar ausentes dessa luta. Seria uma traição aos próprios princípios do evangelho. Também não é um compromisso confessional. É, na verdade, uma ação ecumênica. Todos estão convocados para juntos, cerrar fileiras com os trabalhadores nessa árdua conquista.

Finalmente, lembramos a conclamação que os participantes do 6.º Encontro Intereclesial das Comunidades Eclesiais de Base (Trindade — 21 a 25 de julho) fizeram aos brasileiros: "esclarecidos e animados por estas reflexões, convidamos vocês todos, irmãos e irmãs, para entrarem com toda a firmeza e fé nesta luta por uma reforma agrária do povo". E acrescentam com confiança: "sabemos que Deus está conosco, Ele que chama Abraão para ir em busca da terra. Chama Moisés para libertar o povo do Egito e conduzí-lo para a terra onde corre leite e mel. De Jesus temos a promessa: 'estarei com vocês até o fim dos tempos'. Ele disse: "coragem! Eu venci o mundo!"

Caminhos da anti-reforma agrária

Ivo Poletto

Nos anos 70, costumava-se dizer que o conflito maior acontecia entre Estado e Igreja. Foi preciso ter muita firmeza para revelar o verdadeiro conflito: o Estado confronta-se com a Nação. Nada melhor que as grandes manifestações de massa das "diretas já" para tornar visível o que a burguesia, apoiada na reacionária força militar, tentava ocultar.

A bem da verdade, contudo, vale destacar que o movimento social que melhor revelou o conflito entre Estado e Nação não foi o "diretas já"; foram as greves operárias e de outras categorias profissionais, juntamente com a teimosa luta dos posseiros e dos sem terra contra o monopólio da propriedade da terra, que revelaram a base real do conflito social no Brasil: a burguesia enfrenta-se com classes trabalhadoras cada vez mais organizadas. Falar em conflito entre Estado e Nação sem destacar a contradição prática entre capital e o trabalho pode levar a visões falsas da realidade. Havia realmente o conflito Estado/Nação na medida em que o Estado já não servia às classes dominantes para manter as relações de exploração do trabalho e, por isso, não conseguia mais escamotear ideologicamente os interesses reais em conflito.

Na mobilização popular visando a superação do domínio militar foi possível arrancar da burguesia aparentemente descontente, e por isso em aliança com as classes trabalhadoras, promessas de política social progressista, especialmente em relação ao salário e à questão da terra. A chamada Aliança Democrática prometeu realizar em seu governo — eleito indiretamente — a Reforma Agrária. Ela seria uma prática indispensável para completar o processo de democratização.

Agora, passados quase 18 meses do governo da "Nova República", fazendeiros e membros do governo voltam a apresentar o conflito existente no campo como um conflito entre **UDR/Igreja,** ou mesmo entre **Igreja/Governo.** Procura-se, de novo, fazer e apresentar uma visão ideológica da realidade, escamoteando as contradições reais e promovendo os interesses das classes dominantes.

Procuraremos analisar mais atenta e objetivamente os fatos, para que nosso esforço analítico nos permita detectar as tendências políticas presentes no movimentos histórico concreto.

NÃO ESQUECER O MONOPÓLIO

Não passou muito de 100.000 os proprietários da terra com mais de 500 hectares. Mas eles detém 56% das terras tituladas. Para que não se pense ser irreal essa informação, tenhamos presente esse dado: as 10 maiores propriedades dos Estados do Pará, Amazonas, Acre e Rondônia, controlam nada menos que 12.800.000 ha de terra, sendo que a maior delas detém o recorde de 4.300.000 ha.

Assim sendo, menos de 1% da população controla 60% das terras do Brasil, podendo fazer nelas e delas o que desejar, mesmo nada. É esse o poder que a propriedade lhes dá, poder reconhecido e protegido pela lei: "direito de usar e abusar". A mesma lei, que teve sua primeira formulação aprovada em 1850, na "lei de terras", define a propriedade como um direito inalienável, podendo ser defendida como se fosse extensão do próprio corpo. Intocável, a propriedade seria base de nossa democracia, garantia da liberdade. A ela teriam todos igual oportunidades de acesso, sendo apenas necessário ser possuidor de dinheiro, uma vez que a lei determina que o Estado só pode



João Roberto Ripper/F4

É preciso apressar o dia da libertação.

reconhecer propriedade de terra mediante compra e venda.

A lei, que em seu texto expõe uma aparência de igualdade, produz e justifica, ao ser base da política agrária, uma terrível desigualdade social e política: o monopólio da terra. Expropriando posseiros e demais produtores independentes, amplia a massa dos explorados, podendo impor preços da força de trabalho (salários) que garantam altas e crescentes taxas de lucro. Detendo o domínio sobre a terra, os proprietários podem impor o preço da terra, através da especulação, encarecendo os custos e preços de todos os produtos. Adquirem, por fim, quase um poder de vida e morte sobre a população, podendo destinar terra para produtos de exportação, provocando carestia geral, fome generalizada.

Lembremos ainda um detalhe. Com a criação da Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia — Sudam — e do Banco da Amazônia — Basa — abriu-se um canal legal e institucional para que a terra da Amazônia passasse ao domínio das grandes empresas capitalistas, nacionais e transnacionais. O financiamento dos projetos aprovados pela Sudam provinha de fundos originados da retenção e depósito de 50% do imposto de renda devido pelas empresas e por indivíduos. Em outras palavras: parte significativa das grandes propriedades da Amazônia foram constituídas através de dinheiro público, de dinheiro destinado a atender a necessidade da população. O capital — moderno, empreendedor, desenvolvimentista — precisava, para levar o desenvolvimento a essa região atrasada, de estímulos. E estímulos adequados: certeza de novos e maiores lucros. No caso em análise, não havia nenhuma possibilidade de fracasso. No mínimo, no caso em que a produção não compensasse, restaria a propriedade da terra, e com altos preços gerados e impostos pelo monopólio. Esse "mínimo" já é tentação para capital algum botar defeito!

NÃO ESQUECER AS OLIGARQUIAS

A militarização da questão agrária, produzida nos vinte últimos anos de ditadura, gerou uma ilusão em muita gente. Pensou-se que os militares, por serem favoráveis a um política de modernização, poderiam estar em relativo conflito com os proprietários. De fato, a análise do processo revela que as forças de repressão substituíram, por algum tempo, as "tropas" dos coronéis. Com isso os coronéis se tranquilizaram, deixando ao Estado a tarefa de defender seus domínios. E se fosse conveniente modernizar um pouco a propriedade, para evitar sua identificação como latifúndio, lá estava o Estado pronto e generoso para oferecer fartos e subsidiados empréstimos.

Dito de outro modo, a militarização se deu em defesa do latifúndio, ainda que sob a aparência da promoção de uma política modernizadora. Ela promoveu de fato, uma modernização conservadora, mantendo e aprofundando uma estrutura agrária altamente concentradora. A existência da terra serviu como respaldo legal a essa prática política elitista e ampliadora de privilégios.

Ao serem os militares substituídos por burgueses civis, e diante da ameaça aparente dogoverno da "Nova República" fazer reforma agrária, ou iniciar um tímido processo de "democratização da propriedade da terra", os antigos e novos proprietários reapareceram, dando cara nova ao antigo poder das oligarquias. Nas oligarquias tradicionais, o apoio político dado ao governo era pago pelo silêncio e conivência em relação as atos de violência "ne-



Nair Benedicto/F4

cessários" para ampliar e garantir o poder dos coronéis sobre a terra e sobre as pessoas do lugar.

Hoje, a oligarquia rural, ao mesmo tempo que age com renovada violência ao nível local, articula-se politicamente de forma relativamente autônoma, tendo como objetivo afirmar-se como parcela decisiva da burguesia. A condição básica de sua existência, de sua participação no processo de reprodução do capital e de sua aliança com os demais setores da burguesia está na preservação do estatuto legal da propriedade privada capitalista da terra. Se ela for atingida, os oligarcas rurais perdem sua base de poder.

DE COMO NÃO SE FAZ A REFORMA AGRÁRIA

O governo Sarney, ao apresentar sua proposta de plano nacional de reforma agrária, em maio de 1985, queria, acima de tudo, produzir a aparência de que cumpria a promessa feita nas "diretas. já" e na "aliança democrática" do colégio eleitoral. Se quisesse realmente fazer reforma agrária não teria agido tão "democraticamente" como procedeu. Havia, então, a respeito da questão agrária, mais condições de agir rapidamente, "por decreto", se necessário, do que na aplicação das medidas conhecidas como "plano cruzado". Porque não o fez? E por que foi tão "eficiente" no tocante ao "controle da inflação"?

O processo real está mais claro hoje do que em maio de 1985. Lá se podia supor que o governo realmente se propunha fazer algo de reforma agrária. Tinha boa equipe e tinha necessidade de conquistar apoio popular. Mas agora, passado um ano, verifica-se que ele nunca abandonou sua aliança com os proprietários de terra. E parece decidido a não buscar apoio entre os milhões de sem terra, convencido, provavelmente, que a rearticulação das oligarquias garanta os "votos de cabresto", nos "currais eleitorias".

Vejamos os dados. De uma proposta de reforma agrária que se baseia na desapropriação de terras em todas as regiões, para assentar lá os lavradores sem terra, chegou-se a um Plano Nacional de Reforma Agrária que retoma a prioridade da colonização (chamando-a reforma agrária), o que significa deslocamentos de população para as regiões menos habitadas. De uma proposta que detectava áreas de conflito, em que se feria os direitos de posseiros e sem terra, e sugeria medidas de desapropriação de "áreas de emergência", chegou-se a um PNRA e a Planos Regionais que condicionam a definição das áreas prioritárias e dos imóveis a serem desapropriados à decisão das Comissões Agrárias, em que haverá forte ou decisiva presença e ação dos representantes dos proprietários. De uma proposta que calculava o preço do imóvel na base da declaração de valor feita pelos proprietários, chega-se a uma perspectiva de pagar o preço de mercado, fruto do monopólio.

O que foi apresentado como prioridade número um, como pagamento de uma "dívida social", não conta sequer com os mínimos recursos necessários para deslanchar. E como será implementada essa "reforma agrária", se a tendência for a de pagar em dinheiro, e no preço de mercado?

Nair Benedicto/F4



O governo nunca elegeu os trabalhadores rurais como seus aliados na luta pela Reforma Agrária...

Ricardo Malta/F4



...e o sol não se tampa com peneira.





João Roberto Ripper/F4



Os descaminhos, os recuos sucessivos, a falta de decisão política, tudo isso foi revelado nas demissões sucessivas do presidente do INCRA (José Gomes da Silva), do ministro do MIRAD (Nelson Ribeiro) e de todos os assessores que se propunham iniciar um processo efetivo de reforma agrária. E como o sol não se tampa com peneira, nem a política agrária se reafirma com a simples troca de ministro. Só a prática demonstrará se o governo se propõe "democratizar a propriedade da terra". Até o momento, tudo indica que não. A tendência desse governo da "nova república" é a de dar continuidade e complementação às políticas agrárias das "velhas repúblicas", aquela que Antônio Conselheiro acertadamente definia como "república dos coronéis".

A ALEGRE E DIFÍCIL TAREFA DE SERVIR

A luta de classe, conduzida pela União "Democrática" Ruralista — UDR — dos proprietários de rurais, tem alcançado tal intensidade que se tornou rotineiro falar em "guerra não declarada", em "guerra civil".... De fato, posseiros e sem terra, pressionados pela falta absoluta de outras alternativas, cansados de ser vítimas de violências e injustiças, motivados pela sua disposição de cultivar a terra, aumentam suas organizações para conquistar terra de trabalho. Existe o Movimento Nacional dos Sem Terra; existe a articulação do sindicalismo de trabalhadores rurais mais combativo, na CUT; existe pelo menos um partido político que reforça, na maioria das regiões, a luta pela terra; essas organizações, mesmo sendo ainda insuficientes para articular o poder popular para conquistar já a Reforma Agrária necessária, podem sustentar um relativo enfrentamento com o poder e a violência dos proprietários. Foi por causa dessa organização dos sem terra que os proprietários criaram seu "braço avançado" e sua "caixa 2" na UDR: para pressionar sobre um governo que parecia ceder às propostas e "encantos" da massa dos milhões de camponeses sem terra, apoiados pela maioria absoluta dos brasileiros.

A CPT, como serviço evangélico, tem-se colocado do lado dos posseiros, dos sem terra, dos assalariados e desempregados, dispondo-se a realizar os serviços que o movimento popular no campo necessita. Em todo e qualquer serviço procurou, acima de tudo, alimentar a esperança, na certeza de que a promessa de Deus se cumprirá: a terra será libertada, será uma "nova terra". Por sua opção e por sua prática, está sofrendo as dores dos que lutam pela libertação da dominação capitalista sobre a terra e sobre o trabalho: foi vítima da violência covarde dos proprietários, neste ano de modo especial na pessoa de Pe. Josimo Tavares. A ferida aberta pela falta dos companheiros — e são tantos — nos faz sofrer, mas no provoca também para uma caminhada ainda mais firme, para um serviço mais eficaz: É preciso apressar o dia da libertação. E esta libertação será fruto da luta dos expropriados e explorados de nosso país.

Ivo Poletto é assessor da CPT (Comissão Pastoral da Terra).

CUT e o momento da Reforma Agrária

Leandro Lamas

O caminho percorrido pelo Governo da "Nova República", desde maio de 85 até hoje, no tratamento da chamada questão agrária brasileira demonstra, incontestavelmente, que não faz parte de seu projeto econômico-político a realização de uma reforma agrária, tal e qual reivindicada e proposta pelos trabalhadores rurais e urbanos.

A Central Única dos Trabalhadores — CUT, tem alertado e denunciado desde o lançamento da 1ª proposta do PNRA pelo então ministro do Mirad, Nelson Ribeiro, para os mais de 4.000 dirigentes sindicais presentes ao 4º Congresso da Contag, que, em primeiro lugar, a "Proposta" apresentada não contemplava as reivindicações e exigências expressas pelos sindicalistas rurais durante o mesmo Congresso que se realizava. No geral, a formulação do 4º Congresso, consubstanciada nas propostas aprovadas, concebiam a Reforma Agrária não apenas como um processo de ampla distribuição de terras, mas sim a alteração profunda de relações e estruturas responsáveis pelo quadro de expulsão maciça e violenta de milhões de camponeses de suas terras e marginalização econômica e política imputada às populações do campo. Isto é, propostas que apontavam na direção da democratização da propriedade da terra, da modificação do atual direito de propriedade, do atendimento das necessidades imediatas colocadas para os trabalhadores, do combate às políticas de desenvolvimento excludentes e marginalizadoras e da afirmação de direitos já conquistados em lutas travadas nas últimas décadas. Mais que o cumprimento da legislação vigente, o que se colocava era a afirmação de outros direitos legítimos, que poderiam se opor e reverter o chamado processo de concentração da terra e da renda no campo.

Naquele momento a CUT foi por muitos acusada de contraditoriamente reivindicar do Estado medidas concebíveis somente num processo de "Revolução Agrária", fora, portanto, dos marcos capitalistas da realidade brasileira. O "realismo" político aconselhava que o possível e o viável era a adequação/combinação das reivindicações dos trabalhadores com as necessidades do desenvolvimento capitalista no campo, com isso estabelecendo como primeiro passo a extinção do "latifúndio", entendida como uma necessidade colocada tanto para os trabalhadores rurais e camponeses quanto para o grande capital "urbano, moderno e produtivo".

Além do simplismo e do maniqueísmo subjacentes em tais afirmações, elas cuidaram de ocultar aquilo que

João Roberto Ripper/F4



Não está nos planos da "Nova República" uma reforma agrária que atenda as reivindicações dos trabalhadores rurais e urbanos.

uma análise mais cuidadosa e objetiva das questões em jogo poderia revelar, e que fundamentou o segundo alerta formulado pela CUT: a de que a composição de classes formada pela aliança política que instaurou a "Nova República" tornava inviável a concretização até mesmo da "Proposta" apresentada.

O ESVAZIAMENTO DE UMA VERDADEIRA REFORMA AGRÁRIA

Alguns surgiram na tentativa de explicar o processo que se desenrolou desde o lançamento da "1ª Proposta", em maio de 85 até hoje: "recuo do Governo", "Contra-Reforma em marcha", "indecisão política" e outros. O fato é que, um ano e dois meses após comprometer-se com a execução da Reforma Agrária, o Governo agita a bandeira da intocabilidade da propriedade "produtiva", brada contra as organizações e entidades dos trabalhadores, acusando-as de procurarem promover a desordem e a desestabilização do poder constituído, ataca a ação da Igreja no campo e retoma o processo de militarização da questão agrária, transformando os conflitos pela posse da terra e os assassinatos de trabalhadores rurais em questão de polícia, cuja solução encontra-se no desarmamento "espiritual e de fato" de trabalhadores e fazendeiros. Não bastando ainda, o governo atinge apenas 10% da meta de assentamentos a que se propôs, em verdade apenas legalizando situações criadas de fato pelas ocupações ou posses de há muito tempo, afirma ser a Reforma Agrária um ato de Governo, a seu critério e sob sua responsabilidade e de ninguém mais e, para encerrar a lista que poderia ser imensa, recupera os planos de comunicação de massa tão característicos da Ditadura Militar. De um processo que contaria com a mais ampla participação popular, o PNRA da "Nova República" transfigurou-se numa ação exclusiva do Governo Federal, onde as ações de pressão e de conquista promovidas pelos trabalhadores, como acampamentos e ocupações, são consideradas como fruto da ação radical, intransigente e politicamente arquitetadas pela CUT, PT e Igreja. Enquanto os assassinatos de trabalhadores rurais permanecem impunes, as ocupações de terra são enquadradas como crime e a violência no campo descolada das suas raízes na estrutura fundiária.

Porém, aquilo que se se revelava como tendência da ação governamental não era necessariamente a única alternativa possível. Contudo ela ganhou espaço de consolidação e força no pragmatismo realista de entidades que, na óbvia porém insuficiente análise de que a conjuntura havia mudado, passaram a fazer do PNRA a sua referência de discussão e atuação. Aquilo que está sendo chamado de "sistemático recuo" do Governo com relação mesmo à sua proposta, não é outra coisa senão o **avanço e a explicitação** dos reais projetos da "Nova República", graças ao **recuo da mobilização e organização populares e dos princípios e reivindicações estabelecidos pelos trabalhadores**, em favor dos marcos estabelecidos pelo Governo e pela reação histérica dos grandes proprietários. Este recuo real daqueles que se propunham a defender a Reforma Agrária, transformou-a numa estéril discussão sobre números e metas, abstraindo e ocultando a dimensão mais profunda que possuíam as exigências dos trabalhadores.

Os recentes posicionamentos da Contag, demonstram este recuo. Abandonando o conteúdo das propostas do 4º Congresso, tem pautado seu discurso e sua ação a partir dos limites estabelecidos pelo discurso e ação oficiais, preocupada sempre em que o governo avance "ao menos um passo". O "acordo" firmado agora no final de junho na região do Bico do Papagaio, entre o Governo, a Contag e os proprietários de terra, implica no acatamento das regras determinadas pelo Governo e no reforço da concepção de que a violência "tem dois lados" e se deve à "transgressão das leis". Que outra interpretação pode ser dada ao compromisso de "coibir a violação dos direitos sociais e de natureza trabalhista dos trabalhadores rurais"? Certamente, entre os "direitos sociais" a serem preservados estará o da propriedade privada... Ou não?

É neste terreno que o Governo encontra condições favoráveis de superar as crises e os desgastes que vinha sofrendo a cada lance da Reforma Agrária. O chamado "Plano Mestre" que orienta a ação política do Governo na questão agrária, tem como um de seus pressupostos exatamente a cooptação de entidades, dirigentes sindicais, imprensa, etc., apoiada numa ampla manobra de produção de uma opinião pública favorável à ação governamental nesta área. Para tanto, a realização de algumas desapropriações, acompanhadas da devida divulgação, a nomeação de Dante de Oliveira e Rubens Ilgenfritz para o Mirad e Incra, respectivamente, de aparência democrática e progressista, são elementos desta nova política que ao mesmo tempo que procura legitimidade junto à opinião pública, golpeia a organização dos trabalhadores rurais e seus aliados. O quadro geral nos permite avaliar



João Roberto Ripper/F4

É preciso retomar a luta pela conquista do que se considera legítimo.

que está se consolidando um "Plano Cruzado" para o campo, atingindo a questão agrária e a violência no campo, já então diluida em violência "rural e urbana". Ainda na tentativa de eliminar o incômodo que hoje representa a existência da UDR, que afronta e questiona a posição oficial com relação a sua política para o campo, o Governo certamente incentivará a chamada "Frente Ampla", cujo carro-chefe são as cooperativas, que buscarão sobrepor-se à voz dos expoentes da UDR apoiando a política agrária do Governo e recolocando os problemas do campo em termos da definição e do aprimoramento de uma "Política Agrícola".

Neste momento, em que fica clara a associação cada vez maior do latifúndio com o grande capital comercial, bancário ou industrial, o que torna inconcebível, como ação política voluntária do Governo, uma "Reforma antilatifundiária", e que o projeto econômico formulado para o campo passa pelo incremento da produção via modernização, elevação da produção e da produtividade das grandes propriedades, e não via redistribuição de terras, a CUT entende ser fundamental a retomada da bandeira da Reforma Agrária sob controle dos trabalhadores e o aumento da luta e da organização autônomas dos trabalhadores rurais e camponeses por suas reivindicações. Contrapondo-se à afirmação do legal, é preciso retomar a luta pela conquista do que se considera legítimo.

A LUTA NÃO PODE ESMORECER

Não se trata de colocar a discussão em termos de "Revolução Agrária" ou "Reforma Agrária". O que se pretende, nos marcos da atual dinâmica do capitalismo, é opor-se à continuidade do processo de concentração da terra, da renda, da marginalização sócio-política, da subordinação crescente do agricultor ao grande capital, à exploração em escala máxima do trabalhador assalariado e do bóia-fria, à violência e à impunidade reinantes. Neste sentido, a Reforma Agrária é **bandeira**, que incorpora aquelas reivindições e lutas que, neste momento, detém o poder de questionar este processo e afirmar direitos legítimos para os trabalhadores.

Baseada nesta avaliação, a CUT considera fundamentais: a denúncia da farsa da Reforma Agrária montada pelo Governo; a denúncia da violência contra os trabalhadores rurais, sua impunidade, seus responsáveis bem como a conivência, a omissão e o envolvimento das autoridades públicas; a responsabilização do Governo Federal nestes casos; o repúdio à "Operação Desarmamento", buscando exigir o imediato desmantelamento das milícias privadas e agências de pistolagens, que o governo já tem identificadas; a ampliação da discussão, articulação e mobilização dos setores urbanos pelas reivindicações dos trabalhadores rurais; a continuidade da luta pela desapropriação das áreas indicadas pelos trabalhadores; a defesa intransigente das formas de luta dos trabalhadores pela defesa e conquista da terra; a não participação dos trabalhadores nas "Comissões Agrárias"; a retomada das reivindicações já expressas nos vários congressos e encontros de trabalhadores rurais e a articulação destas lutas com aquelas desenvolvidas pelos assalariados e pelos pequenos produtores em torno de condições de vida e de produção.

Leandro Lamas é assessor da CUT.



João Roberto Ripper/F4



Lewy Moraes/F4

A extinção do latifúndio é uma necessidade dos trabalhadores rurais.

A urgência da Reforma Agrária

Desde a aprovação do Primeiro Plano de Reforma Agrária pelo governo Sarney, em 10/10/85, vem se sucedendo uma série de recuos em relação à proposta inicial, demonstrando que o Governo não tem decisão política, nem força para realizar a reforma agrária.

As entidades que integram e apóiam a Campanha Nacional pela Reforma Agrária, iniciada em abril de 1983, vêm a público denunciar as manobras de distorção e a liquidação do processo de reforma agrária, tanto por parte dos latifundiários como do próprio Governo.

PROPOSIÇÕES DO CNRA

1) Que o governo tome a imediata decisão política de implantação da reforma agrária, antilatifundiária, ampla, massiva e imediata, com a participação e controle dos trabalhadores rurais e seus órgãos de classe, pondo-se fim ao latifúndio nacional e estrangeiro, com distribuição aos trabalhadores rurais sem terra ou com terra insuficiente, dando prioridade aos que moram na região, de acordo com as necessidades e aspirações dos trabalhadores, e àqueles que foram expulsos e querem voltar à terra;

2) Imediata aplicação do Estatuto da Terra para que seja iniciado o processo de reforma agrária, respeitadas as decisões do 4º Congresso Nacional os Trabalhadores Rurais;

3) Desapropriação imediata de todos os latifúndios nas áreas de conflito;

4) Assentamento definitivo e imediato dos posseiros e ocupantes nas terras desapropriadas, ou não, com participação dos trabalhadores rurais diretamente interessados;

5) Que sejam proibidos os despejos, uma vez que o trabalhador dá à terra sua função social;

6) Que seja instituída uma lei que limite o tamanho da propriedade de acordo com a região;

7) Que no caso de constatação de áreas griladas por latifundiários seja processado criminalmente o grileiro e a área seja titulada e entregue imediatamente aos trabalhadores;

8) Desapropriação imediata da grandes propriedades ocupadas por parceiros e arrendatários;

9) Desapropriação das terras das pessoas jurídicas estrangeiras e multinacionais;

10) Fim da política de incentivos e créditos aos grandes projetos agropecuários, manifestamente anti-sociais;

11) Demarcação imediata das terras indígenas, com reassentamento dos posseiros em áreas da mesma região;

12) Elaboração de uma Política Agrícola que favoreça aos pequenos produtores, aos beneficiários da reforma agrária e que promova a produção de alimentos para o mercado interno;

13) Extinção imediata do Getat;

14) Revisão da Política de Colonização oficial com participação do movimento sindical dos trabalhadores rurais;

15) Suspensão imediata das licitações de terras públicas, da colonização privada e da entrega de terras aos latifundiários nacionais ou estrangeiros;

16) Apuração imediata de todos os crimes contra os trabalhadores rurais com a punição dos assassinos e mandantes.

CONTAG/CIMI/ABRA/IBASE/ Movimento dos Trabalhadores Sem Terra/ CUT/ CGT/ INESC/ FASE/ Pastoral Operária/Diocese de Goiás.



Lewy Moraes/F4

A luta pela Reforma Agrária não é uma luta isolada e exclusiva dos trabalhadores rurais.



Amazônia: Grilagem e Violência

Lúcio Flávio Pinto

Em 1960, apenas 6,4% da área da Amazônia Clássica (que exclui parcelas de Goiás, Maranhão e Mato Grosso, integrantes da Amazônia Legal para efeito de incentivos fiscais) estava ocupada por imóveis rurais. Duas décadas depois, já sob os efeitos de todos os benefícios concedidos pelo governo a particulares para induzir a ocupação da região, as áreas constituídas em imóveis ainda representavam 11,4% da extensão territorial amazônica e, por sua vez, eram 11,3% do total de imóveis em todo o país (evolução não tão expressiva quanto poderia parecer, já que o Norte tem 40% do território nacional e, em 1960, contribuia com 9,3% das áreas com imóveis do Brasil).

Os imóveis avançam pelas estradas, impulsionados pelo combustível dos favores oficiais. O estado do Amazonas continua um vazio demográfico em seu interior porque a inexistência de rodovias afasta o apetite do lucro. Mas 15% do sul do Pará já foi desmatado porque ali os recursos naturais podem ser transformados em produtos econômicos ou, como ocorre com mais freqüência, em instrumento de ganhos financeiros.

Se ainda uma pequena parte da Amazônia está catalogada com o sinete da propriedade, o crescimento do número e da área dos imóveis levou a uma concentração da propriedade mais acentuada do que nas regiões de mais antiga ocupação. O que tem acontecido na Amazônia é o agravamento dos fatores que causam distorções e por isso geram tensão e conflito. Em 1982, por exemplo, o Incra — com base no seu cadastro — divulgou alguns dados interessantes. Em Curralinho, no Pará, um único imóvel ocupava 21% da área do município. Também um só imóvel se estendia por 23% da área de São Miguel do Guamá. E a Jari se dizia dona de uma área que representava 54% do município de Almeirim que tem 11 milhões de hectares.

AMAZÔNIA NÃO É FRONTEIRA DE TERRAS DISPONÍVEIS

Quando conclamou os deserdados da terra de todas as zonas conflagradas no meio rural brasileiro a rumarem para a fronteira amazônica, no início da década de 70, o governo acenava-lhes com a promessa de transforma-

Fotos: João Roberto Ripper/F4



Muitos trabalhadores migraram em busca de um lote de terra na Amazônia: Gleba Caxias do Sul, Linguara (PA).



Os posseiros ou se deslocam para as cidades ou aceitam as perspectivas do conflito.



Pela grilagem das terras devolutas, pela violência, se constroem as grandes propriedades.

los finalmente em proprietários do chão que iriam explorar. Não seria realizada a reforma agrária nas áreas mais valorizadas do país, mas quem optasse pela migração teria a garantia de receber um lote na Amazônia e ali livrar-se das seculares formas de aprisionamento à serventia, à parceria, ao arrendamento ou à "meia".

Quase duas décadas depois, a situação real é um violento contraste com a idealização publicitária desencadeada na administração Médici. A Amazônia não é a fronteira de terras disponíveis: ao contrário, aquelas que têm valor, aquelas que podem ser transformadas em mercadoria (porque servidas de infra estrutura montada pelo governo e amparadas pelos benefícios oficiais), já têm dono, que são poucos e detêm vastas extensões. Não importa como foram formadas essas propriedades: elas recebem legitimação governamental por sua extensão e por quem as possui. As maiores propriedades, conforme as informações cadastrais fornecidas por seus supostos proprietários, têm como base a "grilagem", uma fraude montada em cima de terras devolutas com a conivência do Estado. É o caso dos 4,3 milhões de hectares declarados como seus pela Manasa ou os 2,3 milhões que Pedro Aparecido Dotto cadastrou em seu nome, ambos no Amazonas, ou os 1,6 milhão que a Agropecuária Rio Cajari registrou como propriedade, no Pará.

Na Amazônia de hoje, 50% das terras constituídas em imóveis rurais pertence a 1% dos proprietários, distorção mais grave do que a observada em dimensão nacional. São, em geral, terras improdutivas, reserva para negócios feitos em cartório, barreiras ao assentamento de lavradores atraídos de outras regiões e que, impedidos de acesso às áreas mais valorizadas (e sub-utilizadas), reduzem-se à eterna condição de posseiros em migração permanente, deslocam-se para cidades e garimpos, ou aceitam a perspectiva do conflito, uma realidade tumultuada e caótica que transformou essas áreas num barril de pólvora exposto a algum rastilho aceso.

EMPRESÁRIO DO SUL, CAPITÃO-DE-MATO NA AMAZÔNIA

O que se convencionou chamar de "sul do Pará" é o mais perigoso desses barris. São aproximadamente 217 mil quilômetros quadrados, onde estão instaladas grandes fazendas, garimpos, mineração, índios e serrarias. Segundo um levantamento feito no cadastro do Incra em dezembro de 1980, havia ali 59 projetos agropecuários, ocupando 4,5 milhões de hectares (tamanho médio das fazendas: 75 mil hectares), mais que o dobro da área do estado de Sergipe.

Como uma estatística empírica estabeleceu que para cada projeto agropecuário há três fazendas (isto é, propriedades não incentivadas diretamente pelo governo), o sul do Pará abrigaria em torno de 250 fazendas de gado. Mesmo considerando-se que elas têm uma área média inferior à dos projetos - Sudam, seria possível concluir que aproximadamente metade da área física dos 217 mil quilômetros quadrados lhes pertence. Mas o processo de "grilagem" permite ir além, criando situações bizarras, como em Conceição do Araguaia, município que possui 2.875.200 hectares, mas no qual estão cadastrados 3.297 imóveis, com 3.002.670 hectares. Falta, portanto, terra para tanta pretensão.

Colidindo com essa realidade há um fluxo migratório incontrolável. Em 1970 a população da região somava pouco mais de 77 mil habitantes. O censo de 1980 registrou quase 260 mil e as projeções oficiais para 1986 já estão próximas de 500 mil habitantes. Quatro núcleos abertos a partir da metade da década de 70 na principal estrada da região somam, hoje, 150 mil habitantes. A maioria deles é lavrador caçando um lote.

Seria este o cenário ideal para uma reforma agrária? Todos parecem concordar, pelo que dizem e pelo que silenciam. Em nenhuma outra região morre mais gente por causa de disputa de terras, em nenhum outro local foi mais violenta a reação ao Plano Nacional de Reforma Agrária da Nova República. Não foi uma reação do nativo, mas do proprietário que, tendo empresa rural no sul (sobretudo São Paulo), por essa condição imune a desapropriações, no norte montou um típico latifúndio improdutivo, que agride as leis (inclusive a maior, a Constituição) e a realidade fática do local. No sul, aparece como empresário moderno. No norte, é o secular "capitão-do-mato", convencido de que as regras para amansar a terra e submeter o bugre são imutáveis. A mesma família que deu o presidente da Associação dos Empresários da Amazônia, a lídima representante desses proprietários, possui, 1,3 milhão de hectares no Pará. Não é mera coincidência.

Com este pano de fundo, dá para entender melhor a Amazônia, que nada tem a ver com a fronteira aberta no oeste norte-americano, mesmo que permaneça uma campanha publicitária buscando comparações.

Lucio Flávio Pinto é jornalista em Belém do Pará.

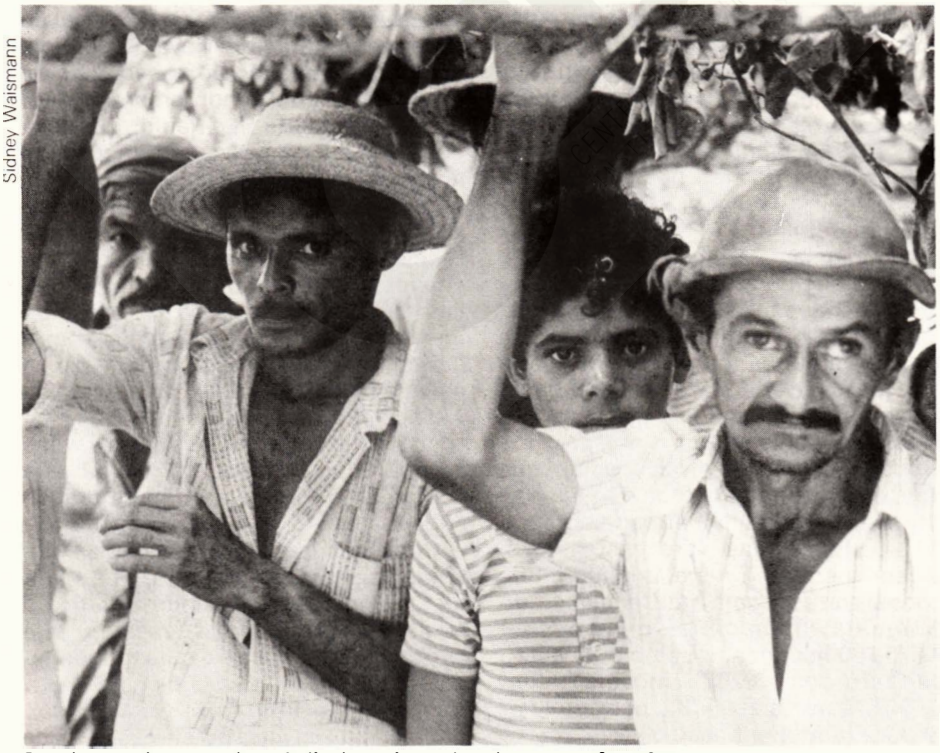
Trabalho escravo no Brasil hoje

Neide Esterci

Quando em 1966, sob a égide do primeiro governo militar pós-golpe, foram criadas a Sudam e as leis de incentivos fiscais para investimentos na Região Amazônica, estavam dadas as pré-condições para o ressurgimento do trabalho escravo. De fato, abriu-se para o capital a perspectiba de apostar-se de terras e recursos, através de investimentos a serem deduzidos quase inteiramente do imposto devido aos cofres públicos. Através desses instrumentos e outros que se seguiram, como a quebra dos limites de área impostos às aquisições de terras devolutas, por particulares, foi sendo ampliada, para o capital, a margem de concentração da terra e apropriação dos recursos financeiros em escala cada vez maior. Surgiram propriedades de milhões de hectares, casos de proprietários que controlavam 80% da superfície territorial de um município e também surgiram os aliciadores que recrutavam levas de 500 e até 1.000 trabalhadores por vez para empregar-se nas tarefas de implantação dos novos empreendimentos.

Tornou-se rotineira na região, a prática de mecanismos de coerção impensáveis, porque opostos a noção de que, com o desenvolvimento do capitalismo, viria o aceleramento do processo de proletarização, introduzindo, em grande escala, o trabalho leve no campo.

Um dos termos da equação estava dado pela presença de empresas e empresários notáveis: Fiat, Bordon, Volkswagen, Banco Mercantil, Banco Nacional de Crédito, Atlântica Boa Vista, Itaú, Tamakavy, Junqueira Vilela, Ometo, Conde, Lunardelli e outros. Do outro lado, porém, trabalho escravo. Como explicar?



Sidney Waismann

Grandes contingentes de trabalhadores foram levados para a Amazônia.

AS MANHAS DO CAPITAL

Desde o final dos anos 60 e por toda a década de 70, a imprensa, a Igreja e os próprios trabalhadores fizeram chegar à opinião pública e às autoridades denúncias de mais esta forma de ilegalismo cometida contra os trabalhadores brasileiros.

"Comprei este escravo", era como se iniciava a matéria de um repórter descrevendo sua aventura em Barra do Garças, Mato Grosso, da qual saíra acompanhado de três peões e com a impressão de que "era o único sujeito... neste mundo que tinha no bolso um documento de posse de gente..." (Realidade: 1972).

"Escravidão e Feudalismo no Norte de Mato Grosso" era o título de um informe-denúncia do bispo de São Felix do Araguaia, redigido em 1970 (Casaldáliga: 1970).

Dos próprios trabalhadores era possível ouvir-se expressões como a seguinte: "Nós estamos aqui, presos num curral e nossos companheiros já fugiram" (Peão da Codeara: 1967).

O que fazia configurar-se naquele momento o trabalho escravo era, em primeiro lugar, o fato de os empreendimentos em questão requererem a realização de tarefas que exigiam grandes contingentes de mão-de-obra, por períodos determinados de tempo, em áreas pioneiras onde a mão-de-obra não existia na escala necessária. Eram áreas desabitadas ou pontilhadas por núcleos de posseiros que, por terem acesso à terra e ao trabalho autônomo, ou por estarem eles mesmos em conflito com os interesses representados pelos donos dos empreendimentos, se recusavam a servir-lhes como empregados. Colocava-se, pois, a alternativa de buscar fora da região, os trabalhadores necessários.

Como pretendiam dispender de um mínimo de recursos para cumprir os compromissos de implantação dos projetos aprovados pela Sudam e, assim apoderar-se em tempo hábil de novas parcelas de financiamento, os donos desses empreendimentos superex-

ploravam a força de trabalho passando a intermediários (empreiteiros e gatos), as funções de recrutá-la e organizá-la no trabalho. Através de intermediação, negavam aos trabalhadores as obrigações trabalhistas que lhes facultava a lei, eximindo-se de ter com eles qualquer vínculo empregatício juridicamente reconhecido.

Os intermediários por sua vez, para aumentar sua margem de ganho, utilizavam uma série de expedientes através dos quais extraíam mais trabalho aos contingentes contratados. Debitavam em suas contas não só os alimentos, mas também instrumentos de trabalho, despesas de viagem e os materiais necessários aos precários abrigos construídos na mata; e como a remuneração era feita por produção, avaliavam sempre por baixo o montante da tarefa realizada pelos trabalhadores.

Movidos pela ilusão de que aumentando a produção, conseguiriam superar as despesas a eles debitados, e deixar o serviço com o saldo desejado, os trabalhadores, em princípio, estendiam a jornada de trabalho e intensificavam ao limite a força necessária a realização da tarefa contratada. Entretanto, ao final de algum tempo, diante das condições insuportáveis a que se viam submetidos, sem meios para fazer cumprir os contratos verbais formados no ato do recrutamento, e sem vislumbrar a possibilidade de saldar a conta, os trabalhadores perceberam que a única saída para eles era abandonar o serviço. A dívida, então, entrava como pretexto para que os empreiteiros caracterizassem como fuga a saída dos trabalhadores. Os donos dos empreendimentos passavam às suas milícias, jagunços travestidos de fiscais, a tarefa de manter sob vigilância armada, perseguir e punir os que tentassem a fuga.

A OCASIÃO FAZ O LADRÃO

Um rápido olhar sobre a história demonstra que, apresentando-se a oportunidade, os donos do capital estão sempre dispostos a lançar de quaisquer relações supostamente superadas, contanto que seus lucros sejam maximizados.

De fato, em diferentes países do mundo, depois da avaliação da escravatura, registraram-se práticas conhecidas como peonagem e denunciadas como formas de escravidão disfarçada: por meio de adiantamentos a serem deduzidos do trabalho, criava-se a dívida que se transmitia de uma geração à outra, tornando não só o trabalhador como também sua família, como que propriedades dos seus supostos credores. Enquanto não saldassem a dívida, esses trabalhadores não podiam vender a outros sua força de trabalho e assim perdiam sua condição de livres possuidores de uma mercadoria — o trabalho.

No Brasil, o cerceamento da liberdade dos trabalhadores de disporem livremente de sua força de trabalho, através de mecanismos de endividamento, tem ocorrido em várias circunstâncias. No período áureo da extração da borracha, grandes contingentes de trabalhadores nordestinos foram mantidos à força nos seringais da Amazônia, a pretexto de estarem em dívida com os barracões. Entre os seringais existia inclusive, acordos, para perseguição e devolução, ao seringal de origem, de trabalhadores em fuga. Na época de implantação das grandes fazendas de cacau do sul da Bahia, também foi posta em prática a instituição da dívida para manter aprisionados os trabalhadores empregados nas extensas derrubadas que precediam as plantações. Nas "plantations" açucareiras do litoral nordestino, a dívida dos moradores com os barracões os imobilizava e, nas fazendas de algodão do sertão cearense, se transmitia a seus filhos que se obrigavam a continuar trabalhando para seus patrões até que a dívida fosse liquidada.

Nos anos recentes, a utilização do trabalho escravo no Brasil, assumiu proporções maiores, primeiramente, logo no início da nova fase de ocupação da Amazônia. Os povoados camponeses dos estados de Mato Grosso, Goiás, Maranhão, eram os pontos de recrutamento privilegiados pelos agenciadores. Compunham os contingentes que se formavam, fundamentalmente, membros de famílias camponesas cujos recursos exigiam complementações fosse para fazer face à necessidades imediatas, fosse para aumentar o estoque de terras necessário à reprodução de novas unidades que se formavam com os casamentos da nova geração. A prática costumeira dos camponeses de trabalhar em troca de assalariamento temporário para responder a tais necessidades facilitava a ação dos agenciadores que, além do mais, para vencer as barreiras da perspectiva do desconhecido e das longas distâncias a percorrer, os seduziam com falsas promessas de ganho fácil — por isso são chamados gatos.

As denúncias de trabalho escravo, no entanto, já não se restringem às atividades da fase de implantação de grandes empreendimentos, nem estão circunscritas à região amazônica. Pelo contrário, o reflorestamento, o corte de cana e a colheita de café, também têm sido mencionados, de modo que além de Rondônia, Pará, Mato Grosso e Goiás, têm sido palcos deste tipo de ilegalidade estados do sul e sudeste



Carlos Fonenich

Há também denúncias de trabalho escravo nos estados do sul e sudeste.



É preciso que os trabalhadores tenham o seu "pedaço" da riqueza e do poder político nacionais.

do país, como Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná e Santa Catarina.

Também já não são apenas os povoados camponeses os núcleos de trabalhadores que estão na mira dos aliciadores, incluindo-se agora as populações pobres e carentes de emprego dos bairros periféricos das cidades no interior.

Por ser uma atividade clandestina fica muito difícil computar numericamente as dimensões em jogo mas alguns autores falam em cifras assustadoras:

"Desde 1970 até hoje, dados ainda incompletos indicam a ocorrência de 105 casos de cativeiro. Em 55 deles, foram contados 19.713 escravos, dos quais apenas 1.292 conseguiram fugir". (José de Souza Martins, Terragente, nº 39, 1986).

Evidentemente, além do empobrecimento e da falta de alternativas de emprego que se colocou segmentos cada vez mais amplos da classe trabalhadora, há outros fatores que levam os aliciadores sempre adiante na busca de novos nichos de mão-de-obra. Um deles, pelo menos, se deve a ação dos próprios trabalhadores que escapam da situação de confinamento e alertam seus companheiros. As formas de divulgação por eles utilizadas e a eficácia das mensagens para afugentar os gatos podem ser constatadas num texto produzido pelo Cepac — Centro Piauiense de Ação Cultural:

"No dia 17 de agosto de 1984 a população do bairro Vila São Francisco foi sacudida por uma notícia trágica e assustadora: cerca de 42 homens que tinham saído da Vila no dia 11 de julho em um caminhão sob a coordenação do sr. Antonio Triunfo tinham se tornado escravos na fazenda Santa Rosa, em Xinguara, no Pará.

"A notícia que apavorou esposas, mães, pais, irmãos e outros parentes dos trabalhadores que foram ao Pará, foi fornecida por João da Cruz Silva de 22 anos, casado e pai de um filho, que tinha chegado em Teresina após muita dificuldade e tentativa de fugas da fazenda e finalmente depois de ter oferecido seus serviços no reconhecimento de outros fugitivos que os jagunços encarregados da fazenda estavam interessados em capturar e castigar. Conforme relato de João da Cruz, os seus companheiros estavam trabalhando sem receber salários, recebendo alimentação à base de arroz e mamão e impedidos de deixar a fazenda ou mandar correspondência para seus parentes. As denúncias feitas por João aos moradores da Vila, na "Rádio Pioneira" e através do "Jornal da Manhã" em sua edição de 18 de agosto de 84, seriam confirmados por dois outros trabalhadores que fugiram da fazenda. (...)

"Segundo o relato dos três homens que conseguiram escapar do trabalho escravo, Antonio Triunfo está acostumado a conseguir pessoas para o trabalho escravo no Piauí, porque os encarregados das fazendas e empresas de reflorestamento não conseguem mais mão-de-obra na Região Norte, devido às denúncias que têm sido feitas de escravidão branca na região." (Cadernos do CEAS nº 95, 1985).

O GATO E O RATO

A organização e mobilização dos trabalhadores rurais assalariados para defesa de seus direitos tem sido um desafio para as lideranças, entidades sindicais e de apoio. O cumprimento das leis trabalhistas — salário mínimo, carteira assinada, descanso remunerado, etc. — no campo, tem exigido

dos trabalhadores esforços e mobilização constantes que se manifestam nas campanhas salariais e nas greves que, desde 1973 em Pernambuco, e nos anos seguintes também em vários outros estados como Bahia, Minas Gerais, São Paulo, Rio Grande do Norte, Paraíba e Rio de Janeiro, tem sido realizadas.

A condição dos trabalhadores de que trata este artigo, no entanto, deixa de ser a de assalariados para tornar-se a de **escravos.** Não basta, pois reivindicar que lhes sejam estendidos os direitos trabalhistas previstos por lei. Para trabalhadores reduzidos a condição de **escravos** o que cabe lembrar são direitos, os mais elementares que assistem aos cidadãos.

Os empregadores sabem disso, e uma das formas pelas quais promovem o assalto à cidadania dos trabalhadores que contratam é o aprisionamento, ou simplesmente a queima dos documentos pessoais de identificação dos mesmos. Afastados de suas famílias e das relações sociais mais próximas, ameaçados do enterro em cova rasa e sem nome no meio da mata, caso sejam acometidos de doença ou agressão violenta, a tentativa é fazer com que os próprios trabalhadores assumam a indigência que lhes é imposta.

As leis brasileiras condenam a prática do aliciamento, de toda e qualquer forma de trabalho compulsório, definindo também os termos jurídicos que facultam a ação dos intermediários. O que está em questão é, portanto, a aplicação da lei e a punição dos infratores. Mas as leis nada valem se não têm a respaldá-la um Estado democrático, orgãos governamentais eficazes e dispostos a exercer a tarefa de fiscalização e sanção.

Em meados deste ano, o aumento do número de denúncias sobre **trabalho escravo** era de tal ordem que o próprio Ministro da Reforma e Desenvolvimento Agrário, assim explicou o novo surto desse ilegalismo:

"Isto tem ligação com a reforma agrária. Latifundiários estão apressando a derrubada das matas para transformá-las em pastos e simular produtividade" (Isto É, 16 de julho de 1986). Ou seja, aqueles mesmos que concentram nas mãos os incentivos, fazem tudo para que as suas grandes propriedades escapem à classificação de latifúndio e dessa forma escapem da desapropriação que a lei faculta. Os mesmos leiloam cabeças de gado para garantir espaço na Constituinte. Não há como pensá-los como os radicais simétricos às organizações de trabalhadores, sejam elas quais forem. Eles estão com a faca e o queijo, os outros querem um pedaço.

Algumas investidas feitas nos últimos meses por orgãos governamentais sobre as propriedades denunciadas pela prática de coação física sobre os trabalhadores resultaram em flagrantes de centenas de trabalhadores aprisionados. Resultaram também infelizmente, na constatação, por parte dos encarregados desses mesmos orgãos da dificuldade de levar a cabo a tarefa de uma fiscalização plenamente eficaz. Que o Estado saiba, pois, compensar a sua fragilidade admitida e abra espaço às organizações de trabalhadores para que elas possam cumprir a sua parte de pressão por uma redistribuição mais equitativa da riqueza e do poder político, única base sólida para o exercício pleno dos direitos dos cidadãos.

Neide Esterci, é professora do Departamento de Ciências Sociais da UFRJ e coordenadora do Programa Movimento Camponês / Igrejas do CEDI.

COMUNICAÇÕES do ISER

19
Maria

A censura gerou a notícia. Em circunstâncias normais, o filme **Je vous salue, Marie**, de Godard, teria passado sem despertar maiores emoções. Com a censura, entrou na lista dos mais procurados e virou manchete de jornal.

COMUNICAÇÕES DO ISER foi ver de perto e produziu um debate sobre Maria, também no cinema: católicos, protestantes, agnósticos, teólogos, psicanalistas, antropólogos e jornalistas discutem as imagens de Maria, os motivos do escândalo, o sentido da virgindade na visão de Godard, a imagem coletiva da mãe sem desejo, a concepção pela palavra, o mistério de Maria e sua relação com o mistério de Jesus. Além do debate, este nº de **COMUNICAÇÕES DO ISER** apresenta o pré-roteiro de Godard e uma entrevista da psicanalista Françoise Dolto sobre "A Sagrada Família".

COMUNICAÇÕES DO ISER nº 19: a partir de 14 de julho no ISER – Instituto de Estudos da Religião (R. Ipiranga, 107 – Rio – CEP 22231 – tel.: 265-5747), e nas livrarias.

Exemplar avulso: Cz$ 25,00
Assinatura anual (6 números): Cz$ 120,00

Canavieiros do Nordeste: trajetória de lutas e desafios atuais

Regina Célia Reyes Novaes

Aos trabalhadores rurais da cana-de-açúcar do Nordeste interessa a regulamentação das relações de trabalho. O Estatuto do Trabalhador Rural (1963) e, posteriormente, a extensão da CLT ao campo deveriam garantir a efetivação dos requisitos básicos da **contratação individual,** nos parâmetros da legislação vigente no país. As campanhas trabalhistas, iniciadas em 1979, por sua vez, visam — através de **contratação coletiva** — assegurar melhores condições de vida e trabalho para o conjunto da categoria.

Neste artigo pretendo, ainda que de forma sintética, indicar alguns dos componentes de um complexo cenário em que se confrontam, por um lado, trabalhadores de cana e seus órgãos de representação e, por outro, usineiros e fornecedores de cana congregados em associações e sindicatos patronais.

EXPROPRIAÇÃO E SUPEREXPLORAÇÃO DA FORÇA DE TRABALHO

Os anos que se seguiram à promulgação do Estatuto do Trabalhador Rural só podem ser descritos em termos de deteriorização das condições de vida e trabalho dos trabalhadores da cana-de-açúcar. Os usineiros e fornecedores de cana do Nordeste, no bojo da competição com seus pares do sul do país pelo mercado interno, sempre barganharam junto ao Estado subsídios e créditos, assim como aumentos do preço do açúcar. Tendo reduzido progressivamente seu poder de influência junto ao poder central, em uma economia em que a mão-de-obra representava 70% dos custos totais, só lhes restou um mecanismo para se manterem na cena econômica: cumprir ao máximo as despesas com a força de trabalho.

E como se fará tal compreensão? Moacir Palmeira em artigo publicado em agosto de 1979, responde a questão: "liberando contingentes considerados supérfluos, aumentando a taxa de exploração da mão-de-obra empregada e tentando burlar de qualquer forma a legislação trabalhista rural e a legislação agrária". (**Desmobilização e Conflito: relações entre trabalhadores e patrões na agroindústria pernambucana**; in Revista de Cultura e Política, Cedec).

O "roubo do patrão", como definem os trabalhadores, se expressa, por exemplo, na medição do trabalho já executado ou a ser executado, no "corte dos sítios" onde cultivavam produtos alimentares e no não pagamento das indenizações das benfeitorias existentes.

Concomitantemente, a expropriação tem seu ato final na expulsão direta, ou incentivada indiretamente, dos moradores das propriedades, passando-se a utilizar maior contingente de mão-de-obra temporária nos momentos de safra.

E a legislação trabalhista vigente nos anos posteriores a 64? Referindo-se a Pernambuco, Palmeira (1979:44) afirma que os Sindicatos de Trabalhadores Rurais, nesta época, impõem o cumprimento mesmo parcial das obrigações trabalhistas e incentivam a resistência na terra através de acordos ou "questões" levadas à justiça. Em Pernambuco, as "tabelas de campo", (elaboradas em 63, durante o governo de Miguel Arraes, e em 64, após o movimento militar, para estabelecer equivalências entre tarefas e o salário-mínimo regional), se não funcionaram como "acordos coletivos de trabalho", foram ponto de referência para a arbitragem dos conflitos no cotidiano do interior dos engenhos e usinas e no encaminhamento dos sindicatos. Se esta situação configurou-se em certos municípios da Zona da Mata de Pernambuco, não poderíamos dizer o mesmo dos outros estados que compõem o conjunto da agroindústria açucareira nordestina. Em Alagoas, ao que se sa-



Fotos: Jorge Bassoum



be, a ausência de um sindicalismo atuante facilitou a expansão e a "modernização" do setor canavieiro, sem a menor correspondência em termos de cumprimento dos direitos trabalhistas básicos. Na Paraíba e Rio Grande do Norte, ainda que existissem alguns poucos sindicatos que intermediassem acordos entre trabalhadores e patrões ou que encaminhassem questões individuais à justiça do trabalho, a grosso modo, podemos dizer que não foram generalizados sequer os requisitos mínimos da contratação individual, tais como: contrato formalizado através da assinatura da carteira de trabalho, repouso remunerado, 13º salário. Daí que se possa imaginar o nível de arbitrariedade existente — frente à ausência total de regulamentação — entre as tarefas a serem executadas e a remuneração a ser percebida pelos trabalhadores.

A partir de 1975, com a implantação do Pró-Álcool, o Estado passa a oferecer financiamentos a juros quatro vezes mais baixos do que os vigentes, com três anos de carência para o início do pagamento e, ainda, após doze anos, a incorporação das destilarias ao patrimônio dos patrões a preços altamente compensadores. A utilização do álcool para combustivel resultou em duplicação da produção de cana-de-açúcar. No entanto, a atual situação de expansão econômica não trouxe nenhum benefício para os trabalhadores. O que se observa é apenas o aprofundamento do lamentável quadro descrito acima em termos de superexploração da força de trabalho e, principalmente, em termos da expulsão da terra dos moradores, arrendatários, foreiros e posseiros para dar lugar aos novos canaviais.

A LUTA PELA CONTRATAÇÃO COLETIVA DE TRABALHO: CONVENÇÕES E DISSÍDIOS

A contratação coletiva deve representar conquistas não previstas em lei, tais como salário acima do mínimo, tabela de tarefas, salário na doença, etc.

Cerca de quinze anos após à primeira "tabela do campo", os trabalhadores da cana de Pernambuco retomam sua luta pela contratação coletiva de trabalho. Sob a coordenação da Federação dos Trabalhadores da Agricultura de Pernambuco (Fetape) e da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (Contag), iniciaram, em 1979, campanhas trabalhistas, definidas como "contratação coletiva quente". Ou seja, ao invés de "contratação coletiva fria" em que há apenas negociações por cima entre diretorias de sindicatos de trabalhadores e sindicatos patronais, utiliza-se a CLT e a lei de greve (Lei 4330, quase "antigreve" por todas suas exigências), onde se considera a greve legal no intervalo entre o rompimento das negociações entre as partes envolvidas e o julgamento do dissídio coletivo pelo Tribunal Regional do Trabalho. Neste contexto, haveria a tentativa de recolocar a "contratação coletiva" dentro de um contexto de luta, utilizando a greve legal como instrumento de mobilização dos trabalhadores e pressão durante o julgamento do dissídio.

Em Pernambuco, este processo vem se repetindo desde 1979, ainda que hajam pequenas modificações de um ano para outro que correspondam a táticas das forças em confronto. O mesmo processo se inaugura no Rio Grande do Norte, em 1982, e na Paraíba, em 1984. Ainda não tendo se iniciado em Alagoas.

A opção da coordenação do movimento tem sido pela participação de todos os sindicatos de trabalhadores rurais de cada estado que estejam localizados em área de plantio de cana-de-açúcar.

Por um lado, obviamente, esta opção de uma campanha a nível estadual fortalece e unifica o movimento, criando mais poder de pressão e estendendo as conquistas para o conjunto da categoria. É neste contexto que a designação **canavieiro,** antes de pouco significado para os trabalhadores rurais da cana, passa a ser utilizada pela imprensa, ganhando agora um significado para os trabalhadores a partir das campanhas trabalhistas.

No entanto, por outro lado, este procedimento de campanhas salariais conjuntas a nível de zona canavieira de cada estado nordestino não significa homogeneidade entre os sindicatos.

O primeiro aspecto que gera polêmica entre as próprias lideranças sindicais diz respeito ao maior ou menor comprometimento das diretorias sindicais. Os dirigentes menos comprometidos são pressionados pela própria base ou pela coordenação para participar da campanha, porém passado o mo-





Arlindo Marinho



Julio Jacobina

Canavieiro em greve na Zona da Mata, Pernambuco.

mento da greve, não se empenham absolutamente no cumprimento das conquistas. Assim, enquanto estes anos fortaleceram as **delegacias de engenho** e os **comandos de greve** em vários sindicatos, em outros foi o próprio sindicato que os desestimulou.

Outro aspecto a ser considerado diz respeito às diferenças existentes entre municípios ou entre fazendas e usinas na forma de exercer a dominação sobre os trabalhadores. Enquanto há municípios ou unidades em que a **negociação** faz parte pelo menos da retórica dos empresários, em outra o que há são demonstrações de prepotência e impunidade, com frases do tipo "a lei aqui sou eu". O que, invariavelmente, resulta em diferentes tipos e graus de violência em direção aos trabalhadores, lideranças e assessores.

E, finalmente, no perfil da agroindústria açucareira nordestina, temos desde usinas ou destilarias modernas e com índices consideráveis de produtividade, que podem incorporar certas obrigações trabalhistas, até outras que, tradicionais e ociosas, farão coro com os pequenos fornecedores de cana nos lamentos e ameaças de que "quebrarão" por culpa das exigências dos trabalhadores.

Tais aspectos interrelacionados permitem várias combinações, configurando diferentes situações dos sindicatos no que tange à mobilização para greve e cumprimento.

Quanto aos trabalhadores, não há dúvidas que há uma predisposição inicial para a greve que se baseia tanto na esperança de melhores condições de trabalho e de vida, quanto na vontade guardada no fundo do peito de contrapor outra "lei" — a "lei do sindicato" — à "lei" implacável "do patrão". No entanto, esta predisposição pode ser maior ou menor, em diferentes situações, pois passa também por avaliações constantes de vários aspectos, entre os quais estão aqueles que enumeramos acima.

E O QUE TERIA MUDADO COM A NOVA REPÚBLICA?

As campanhas trabalhistas dos canavieiros do Nordeste em 1985 se deram sob a Nova República. Por uma confluência de fatores, que passaram pela avaliação do movimento sindical, e que, sem dúvida, também por uma avaliação da classe patronal não se chegou ao dissídio coletivo, celebrando-se antes uma Convenção Coletiva de Trabalho.

Não há dúvidas de que a opção pelo "dissídio quente", através da Lei 4.330, refletiu a situação de estreitamento da liberdade e autonomia sindical, característica do regime militar que cerceou o direito de greve. A grande imprensa deu destaque ao empenho do ministro Almir Pazzianoto na realização da Convenção. Se o principal propósito do movimento sindical a favor da Convenção Coletiva foi evitar os costumeiros recursos dos patrões ao Tribunal Superior do Trabalho em busca da anulação das conquistas celebradas ao nível do Tribunal Regional, para o ministro tratava-se de evitar a greve, privilegiando o entendimento e a negociação, pressupostos da Aliança Democrática para construção de um "pacto social".

Sem entrar em consideração sobre o peso que a mediação do ministro teve no resultado final, a questão na qual teríamos que nos deter aqui diz respeito às condições para a efetivação de uma "nova república" no campo.

Para além da boa vontade do ministro, o pretenso Estado Moderno no Brasil não chegou ao campo. A fiscalização das Delegacias Regionais do Trabalho não são feitas (ou se fazem em escala insignificante) não apenas no que tange à Convenção Coletiva, como também no que diz respeito a legislação trabalhista vigente acerca da contratação individual. Por alegada "falta de verbas" e mesmo por comodismo ou cumplicidade dos que respondem por tais delegacias do trabalho, o Ministério do Trabalho não tem atendido as reivindicações do movimento sindical para fiscalização na zona canavieira. A falta de estabilidade no emprego permite dispensas injustificadas daqueles, delegados sindicais ou não, que ousam reivindicar o cumprimento daquilo que lhes foi legalmente outorgado. A violência contra trabalhadores rurais faz parte do dia-a-dia e as milícias privadas continuam impunes.

Enfim, à maior "civilidade" da classe patronal na mesa de negociações em 1985, sob ares da Nova República, não correspondeu nenhum avanço em termos das conquistas dos trabalhadores na zona canavieira. Há aqueles que esperam agora pela Constituinte Congressual como remédio para muitos destes males... Sem dúvida, este espaço deve ser aproveitado. Porém, não se trata de "esperar pela Constituinte", trata-se de procurar influenciar em seus rumos. E parece-nos óbvio que a única maneira para isso é a **organização** e **pressão** dos trabalhadores, do movimento sindical que busca sua autonomia frente ao Estado.

Neste sentido, sabemos que antes mesmo da Constituinte, nova campanha salarial dos canavieiros acontecerá entre setembro e outubro do corrente ano. E é este desafio que está colocado para as lideranças sindicais, para a coordenação das campanhas. Trata-se, ao meu ver, de não ter apenas como ponto de referência os procedimentos utilizados no período recente e que correspondem às possibilidades de luta que se colocavam durante os últimos anos do regime militar, mas incorporar outros que correspondam à atual conjuntura (do ponto de vista da classe trabalhadora) e à diversidade existente hoje no interior do movimento sindical.

Regina Célia Reyes Novaes é professora do curso de mestrado em Sociologia da Universidade Federal da Paraíba e colaboradora do Programa Movimento Camponês/Igrejas do CEDI.

Deus acampou entre os pobres da terra

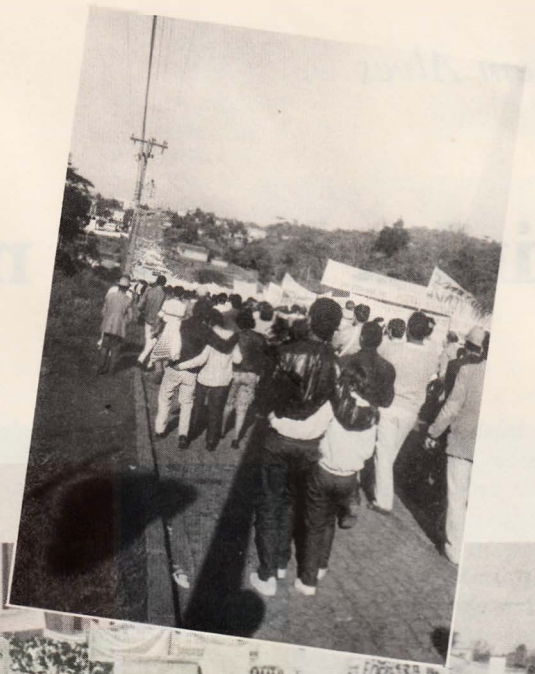
José Lourenço Pechtol

'Deus acampou entre os pobres da terra' foi o lema da segunda Romaria da Terra do Paraná, realizada, no mês passado, em Laranjeiras do Sul, na diocese de Guarapuava, a 378 km de Curitiba. Os romeiros eram 15 mil, vindos, em 137 ônibus, de outras regiões do estado. Acompanhados por oito bispos e pastores evangélicos, além de agentes pastorais, eles levaram, nos quatro quilômetros da caminhada, uma cruz de madeira, uma barraca de lona, ferramentas e faixas, lembrando os 26 acampamentos de sem terra do Paraná.

Um pouco antes do almoço, os romeiros reuniram-se para fazer uma colheita simbólica de milho. Depois de encherem muitos cestos com as espigas trazidas de suas lavouras, despediram-se de 35 companheiros que viajaram a Brasília para participarem de um jejum de três dias, com 45 agricultores de outros estados, durante a visita do presidente José Sarney ao Papa João Paulo 2.º

Na praça, o povo utilizou a tribuna livre para denunciar os desmandos do governo, assassinatos de lavradores, ameaças feitas por jagunços, pistoleiros e fazendeiros. A criatividade popular revelou-se nas reclamações, versos, desafios e na mensagem de um camponês que mandou um recado, cantado, para Sarney: "nós, sem terra do Brasil, à espera de solução, que um dia nós teria nosso pedaço de chão. Prá nele nós plantar milho, batata e feijão, prá evitar que, um dia, falte alimentação, até em sua mesa, Presidente da Nação".

Terminada a celebração, o povo recebeu um pouco de terra e uma semente de pinhão, simbolizando a esperança da conquista de um lugar no solo agrícola injustamente dividido.





Aspectos da caminhada e chegada dos romeiros.



Fotos: José Lourenço Pechtol

Celebração ecumênica de encerramento: padres e pastores (lutaremos) juntos na caminhada do povo de Deus.

Rubem Alves

Minha horta, meu altar



Fiz uma horta no meu quintal. Não é grande. Mas tem couve, espinafre, alface, cenoura, ora-pro-nobis, verdura de gente pobre, em Minas, hortelã, manjericão. No muro cresceu um pé de maracujá, que já deu a mais não poder, e agora está secando. É bom ir lá, e ver as coisas crescendo, especialmente depois da chuva, quando elas ficam agradecidas, como dizia o meu pai. É bom ver aquela terra que o esterco fertilizou, tão diferente daquela coisa dura e seca que ela era, antes que o desejo e as mãos a tivessem engravidado. Acho que ela também tem gratidão por se ver assim tão gorda. Mas não são só as coisas de comer. O corpo precisa de mais. O pão é pouco: a vida precisa também de alegrias e carinhos. E foi por isto que plantei coisas boas de cheirar, de ver, de agradar. O heliotrópio japonês, dezenas de cachos roxos, a magnólia, o cajá manga, flor-do-imperador, rosmaninho, camélia vermelha, o manacá da serra. Uma jabuticabeira, pelo cheiro das folhas, o cheiro das flores, o bom humor das jabuticabas. Já pensou nisto, que as frutas têm um humor especial, cada um diferente do outro? Maças e peras são sérias, não contam piadas, e são próprias para aparecerem em reuniões de pessoas graves. Bananas e cocos (exceto as bananas ouro, que são os bobos-da-corte) são, antes de mais nada, chatos, sem assunto. A jaca é uma enorme gargalhada. Enquanto jabuticabas, pitangas, caquis são coisas brincalhonas. Até acho que a fruta proibida, no paraíso, não foi maçã, como muitos dizem, mas foi caqui. Existirá coisa mais erótica? Já as uvas tem um ar de nobreza, combinam com música erudita. Plantei, por isto, uma pitangueira, minha primeira experiência de furto. Quando eu era menino, o vizinho tinha uma pitangueira, carregada de frutinhas vermelhas, que ficavam lá, e ninguém ligava. Pular o muro e ir roubar era demais para mim. Mas preguei uma latinha de massa de tomate na ponta de um cabo de vassoura, e furtei as pitangas, para minha alegria e o sorriso de Deus. Só muito mais tarde descobri que já naquele momento se delineava minha vocação teológica, pois Santo Agostinho fazia o mesmo, só que com umas peras verdes e azedas. Bom é o gosto da fruta proibida. E teologia é bem isto, um desejo de furtar dos deuses os seus bons frutos, disfarçados de poemas...

A produção não é lá grande coisa. Mas a imaginação e a alegria crescem ao ver a terra e as coisas que nela crescem e prometem. Prá mim, aquela horta, que é mais que horta e jardim, é um altar. Altar é um lugar onde os

olhos, ao verem as coisas que se podem ver, vêem também outras, com o olho interior. Ao ver meu jardim e ao ser agradado por suas cores e cheiros, penso que também eu cresço nele. Sou um irmão de couves e jabuticabeiras: meu corpo é um filho da terra. E é por isto (eu penso) que fico tão contente ao vê-la feliz. Fico pasmo ao ver aquelas casas em que os jardins foram substituídos por lajotões. Prá mim é cemitério, e imagino a terra, minha mãe, enterrada, sufocada, cheia de vida, sementes que não podem brotar. As pessoas fazem isto para evitar a sujeira. Terra é sujeira. Já perderam a memória de suas origens. Preferem o cimento, o sinteco, os azulejos, a fórmica: seres hospitalares, que tomam banho em pinho sol, para ter o cheirinho de limpeza. Na minha rua havia um ipê roxo. Um dia passei lá e, para o meu horror, vi que tinham cortado uma cinta na sua casca, volta toda, para que morresse: era como cortar as veias de uma pessoa viva. É que as flores sujavam o chão, e dava muito trabalho varrê-las. Imagino que, se pudessem, plantariam no seu lugar uma árvore de plástico. O ipê está lá, morto, sem folhas. E com certeza a pessoa que o matou está feliz, por não mais ter que varrer a calçada. Mas prá mim terra não é sujeira: é origem, é destino. Nascemos da terra. Somos nada mais que a terra modificada, misturada com a água, com o ar, com o fogo, como pensavam filósofos de muitos séculos atrás. Terra, pedaço do meu corpo, meu corpo além da minha pele, seio em que me alimento, e se ele se secar, eu morro. Pois é, são idéias como estas que me vêem à cabeça quando fico alí diante do meu altar, minha horta, meu jardim...

Tenho direito à terra como tenho direito ao meu próprio corpo: porque a terra pertence ao corpo, o corpo pertence à terra. E até dei ordens para ser cremado, quando morrer, e minhas cinzas serem colocadas na raiz de um ipê amarelo. É que tenho horror aos túmulos, claustrofobia, e desejo ser devolvido, com a maior rapidez possível, à circulação de fertilidade que acontece na terra. Que meu corpo fique semente.

Direito à terra: o problema está em onde se colocam as cercas. Claro que as cercas são necessárias. A pele é uma primeira cerca. Depois, a roupa. E a casa. Não posso ser invadido. Quem diz isto é o meu próprio corpo, que sente, com imensa sensibilidade, sua necessidade de um espaço. Tenho, numa árvore, um daqueles bebedouros para beija-flores. E um deles já tomou posse. É interessante ver o seu ciúme. Quando aparece qualquer intruso, lá vem ele, como uma flecha, defender a sua água. É a própria vida que determina o círculo de espaço que lhe pertence, que lhe é próprio. Daí, propriedade: aquilo que não me é estranho, que é parte de mim mesmo, que não pode ser tocado sem que eu sinta. O espaço que é propriedade do meu corpo é um dos direitos que a vida tem. Os limites da minha terra são os limites de que necessito, para viver. A terra é o meu pão, meu ar, minha água, meu calor. Mas há aqueles que fincam cercas para além dos limites da necessidade do seu corpo. E assim fazem aquilo a que Santo Agostinho deu o nome de "formas individuais de bem". Claro que é um bem ter um pedaço de terra. Mas é um bem que é individual, quando se apropria daquele espaço que é necessário para que o outro viva. Um latifúndio é formado com a carne de todos aqueles que são deixados de fora dele. E aí acontece aquela estranha metamorfose. Porque quando a terra é realmente ***propriedade,*** *algo que é próprio ao corpo, ela está constantemente sendo transformada em vida. Mas, quando a terra é mais do que o meu corpo necessita, ela deixa de ser vida, e se transforma em lucro. Lucro é aquilo que não foi consumido pela vida. Se fosse vida teria que ser consumido, transformado em alimento. Mas é precisamente por causa disto, por não ter sido transformado em alimento, que foi transformado em lucro. E é assim que ele pode ser poupado, capitalizado, sob a forma de dinheiro. Dinheiro é vida transformada em metal. E quanto isto acontece a terra deixa de ser um altar, lugar sagrado, e passa a ser uma extensão do banco, lugar onde o capital se transforma em lucro: os deuses, doadores da vida, se transformam em demônios, comedores de corpos. Daí a violência.*

Por isto volto à minha horta, passeio pelo meu jardim: e alí reaprendo lições dos poemas sagradas. Que a terra pertence a Deus, que não temos direito de colocar sobre elas cercas de arame farpado, que ela é sacramento oferecido à vida, e que aqueles que se sentem privados dela, é como se tivessem amputadas partes do seu próprio corpo.

Quem sabe chegará um dia em que o mais belo altar do amor humano será aquele dos canteiros onde crescem as plantas. Alí se aprende, com simplicidade inigualável, as lições mais belas do sagrado, que são lições do valor supremo da vida que é oferecida pela terra...

Uma terra boa

(Êx 3.8)

Milton Schwantes

1) Ontem a luta pela terra fez mais uma vítima. Hoje um metalúrgico em greve foi violentamente espancado pela polícia. Ontem o padre Josimo Moraes Tavares foi assassinado. Hoje Antônio Jesus da Cruz foi agredido a ponto de parar no hospital. O que foi ontem, repete-se hoje. A luta pela terra e por uma vida digna vem de longe. Tentam trucidá-la. Mas ela resiste. Ressuscita. O sonho por uma terra boa e liberta não cessa. Não desvanece. É afogado. Mas sobrevive mesmo que submerso. Avança mesmo que baleado e espancado.

A luta pela terra tem o tamanho da história do Brasil. Quando iniciou a invasão, a partir de 1500, começou a luta pelo solo e por seus frutos. Os povos indígenas foram massacrados aos milhões, porque teimaram em resistir. As riquezas do solo e o direito de nele plantar são apropriados por alguns dentre os invasores vitoriosos. A terra é aprisionada pelo latifúndio. E as pessoas que nele trabalham são feitas escravas. Durante séculos, os irmãos africanos, para cá deportados como escravos fizeram crescer, florir e produzir as terras brasileiras. Mas, o acesso ao chão e a seus frutos lhes foi negada, justamente também após a assim chamada abolição da escravatura. Vieram os colonos imigrantes. Vieram na ilusão da promessa da terra. Alguns receberam-na, outros não. Em todo caso, os filhos destes imigrantes gradativamente se vão juntando aos milhões de sem terra. Sim, nesta nossa história brasileira, a terra não foi de quem nela trabalha. Foi do senhor das armas que destroçou as nações indígenas. Foi do dono de escravos. É de quem tem dinheiro. Nisso reside a prisão da terra. E aí também tem sua razão de ser a luta pela terra.

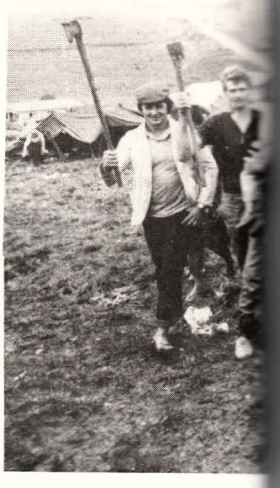
Poderia parecer que a luta pela terra estivesse sendo provocada pelos povos indígenas, pelos escravos, pelos colonos sem terra. Se assim fosse, a solução seria tratar de acalmar essa gente revoltosa. Aliás, esta sempre foi a interpretação dada pelos grandes. Mas, ela não confere. Invasores não foram os povos indígenas, mas os colonizadores. Provocador de conflitos é o latifúndio, suas cercas intermináveis, seus jagunços bem armados. Os pobres nem querem estes conflitos. Querem plantar e colher em paz.

Este projeto do povo camponês inúmeras vezes tomou forma, no decorrer de nossa história. Exercitou experiências novas. Testou suas alternativas. As nações indígenas continuam em seus hábitos de uso coletivo do solo e de seus frutos. No Quilombo dos Palmares, os escravos libertos fizeram sua experiência mais duradoura de vida em terra livre. Em Canudos e no Contestado, a gente do campo articulou experiências de grande alcance. Nestes e em outros tantos intentos, os camponeses propuseram suas alternativas, seu anseio quase messiânico por uma terra boa, uma roça livre. O sangue dessas experiências, cruelmente reprimidas, corre nas veias de nossa história. É seu reverso, pouco contado nos manuais escolares em uso.

Esta trajetória dos roceiros de nossa terra tem suas semelhanças com a história que a Bíblia nos conta sobre um povo camponês, escolhido por Deus. Teólogos e pastoralistas nem sempre tiveram olhos para enxergar esta semelhança. Os próprios lavradores a redescobriram. Na medida que se familiarizaram com a Bíblia, verificaram que nela era contada sua vida. E, desde então, a história bíblica anima e ilumina a organização da gente do campo. "É sua melhor companhia", como dizia um cantador popular. Vejamos em que sentido se dá este companheirismo entre a história bíblica e a luta dos sem terra, dos índios, dos posseiros de nossos dias.

2) A Bíblia tem predileção por alguns temas. Nela, certos conteúdos ou pessoas recebem maior atenção que outros. São privilegiados. Primazia é dada ao êxodo e aos profetas, a Jesus e a Paulo. Em cada um destes quatro assuntos centrais, a luta pela terra desempenha papel preponderante.

Adolfo Gerchmann





No êxodo, nos é narrada a história de gente recrutada para o trabalho forçado. Os hebreus escravizados pelo faraó não se submeteram a esta condição. Rebelaram-se. Foram em busca da libertação do trabalho forçado. Na força de Deus, alcançaram livrar-se das garras de faraó. Mas aí não se concluía seu projeto. Recém iniciava. A libertação da opressão foi só o começo de um projeto que chega a seu alvo com o assentamento nas montanhas palestinenses. A "terra boa" é o objetivo da libertação.

Os profetas ameaçam os soberanos dos tempos do Antigo Testamento. Prevêem o aniquilamento de cortes e cidades, de exércitos e Estados. Opõem-se aos donos do poder. Contestam sem tréguas os "covis de salteadores", isto é, os santuários estatais. Essas suas ameaças inusitadas provêm



do clamor dos camponeses. A opressão, a que os lavradores estavam submetidos, e o engodo idólatra, ao qual estavam expostos através da religião oficial, deram origem às profecias. A vida sofrida da gente do campo é o ninho dos profetas. Sua fala é a voz da terra cansada de ver lavradores sendo injustiçados.

Em Jesus, renasce esta voz do campo. Cristo tem sua origem entre a gente da roça. Ao seu redor, reúnem-se os mais pobres e sofridos da gente camponesa. São os que o latifúndio escravagista do Império Romano alijara para a miséria. São os que a exportação de alimentos para Roma transformara em magros, famintos, doentes, leprosos. A linguagem desse Jesus de Nazaré vem do ambiente rural. Suas parábolas são tiradas da experiência na roça. Falam do lavrador, do semeador, da semente, da colheita. E, enfim, ao ser crucificado, é-lhe imposta a pena que milhares de camponeses, críticos aos desmandos de templo e Império, foram submetidos. Jesus que vem do campo é aniquilado pela cidade. Também em sua vida aflora a luta pela terra.

Vemos, pois, que no êxodo, nos profetas e em Jesus — estes três focos privilegiados da Escritura — está presente a temática da terra. A luta por "uma terra boa" não é um propósito periférico na história bíblica. Sedia-se em seus pontos nevrálgicos. Aninha-se em suas experiências mais densas. Por isso, não é acaso que nosso povo do campo se sente em casa ao ler a Bíblia e ouvir suas histórias. Vêem-nas como companheiras de caminhada.

3) Contudo, convém que não se simplifique. Por mais que se experimente a Bíblia como companheira, ela nos conta uma história diferente da nossa. Fala de uma realidade específica. Convém que não se nivele. Justamente por isso trato de caracterizar, a seguir, a situação peculiar da terra no mundo da Bíblia.

Nele, cidade e campo antagonizam. A cidade de então não ia muito além de uma fortificação ampliada. Dava abrigo a pouca gente. Tão somente reunia aqueles que detinham o controle do conjunto social, do Estado. A cidade era, pois, a sede do aparelho de Estado: exército, sacerdotes, corte, mercadores e similares. Era o abrigo dos opressores.

A ampla maioria da população vivia no campo, em pequenas vilas. Fazia produzir a terra. Vivia do trabalho na roça. Estava organizada em famílias ou clãs. Seguia, pois, os costumes clânicos e tribais. A cidade a espoliava e a dominava.

Quem detinha o controle da terra, nesta sociedade, em que a minoria citadina detinha a hegemonia sobre a maioria campesina? A resposta não é fácil. Por vezes se tem a impressão de que o setor citadino teria as terras em suas mãos (1 Rs 21; Is 5.8). Neste caso, estaríamos num sistema de latifúndio. Os donos da terra seriam os senhores das cidades. Mas, isso parece ter sido algo muito raro. E quando ocorria, chamava tamanha atenção a ponto de receber repúdio geral. Portanto, na sociedade dos tempos bíblicos, a terra não era propriedade de latifundiários sediados nas cidades. A terra estava na mão da gente do campo. Cada clã tinha acesso a um pedaço, suficiente para alimentar o grupo. Esta era a herança do clã. Nela, provavelmente, estavam sepultados os antepassados. Esta herança era inegociável.

Portanto, os próprios camponeses detinham o controle da roça. No mundo da Bíblia, a terra se destinava ao uso de quem a trabalha. Era um espaço de liberdade do clã. Era o símbolo maior desta liberdade das famílias contra os espoliadores citadinos. Pode-se até mesmo dizer que a Bíblia é um dos frutos deste espaço de liberdade, propiciada às famílias e às pessoas pela herança, pela terra sob controle popular.

4) O próprio povo de Deus nasceu desde dentro da luta pela terra. A questão agrária está no berço de Israel. Os estudos históricos mais recentes comprovam-no de maneira bastante detalhada.

Coloquemo-nos no 13º século antes de Cristo. Na época, a Palestina era

controlada pelos egípcios. Era uma espécie de colônia faraônica. Contudo, esta dominação egípcia se restringia às planícies, pois, naqueles tempos, só elas estavam habitadas. Nessas planícies, o império faraônico espoliava a população através das cidades fortificadas. Eram cidades cananéias. Cada uma delas tinha um rei. Todos estes soberanos citadinos locais eram controlados pelos egípcios, a grande potência que a todos subjugava com seus carros de combate. Tanto a exploração colonialista dos egípcios quanto a dos soberanos locais recaia sobre os colonos. Pagavam tributos cada vez mais pesados. Na roça, a vida se tornava insuportável.

Neste contexto, formou-se Israel, no final do 13.º século. Israel se constituiu nas montanhas palestinenses, onde até então predominava a mata. Para os exércitos egípcios, as montanhas ficavam inacessíveis; não havia estrada para seus carros de combate. Nas montanhas, foram-se agrupando aqueles que, de uma ou de outra maneira, haviam sofrido sob a opressão dos faraós e dos soberanos locais. Para lá afluíram os hebreus libertos através de Moisés, no Egito. Juntaram-se os grupos de pastores semi-nômades que, nas estepes, sobreviviam como retirantes. Para lá subiram os colonos cananeus, espoliados e endividados nas planícies. Estes retirantes, escravos libertos, hebreus foragidos, enfim estes camponeses empobrecidos deram origem às tribos, a Israel. Este Israel entendeu-se em antagonismo a Canaã e ao Egito. Lá mandavam reis e soberanos. Lá imperava a extorsão. Aqui mandava o clã. Aqui os lavradores detinham o poder. Portanto, Israel vem da luta pela terra. É uma semente que germinou, nasceu e floresce. Anima-nos. Serve-nos de memória. Recordamo-la com alegria. De faraós e soberanos ninguém se lembra com saudade.

5) O apóstolo Paulo aparentemente diz pouco sobre a questão da terra. Afinal, seu âmbito de atuação foram cidades: Antioquia, Éfeso, Atenas, Roma, etc. Suas cartas tratam de assuntos surgidos neste contexto. E aí seria de estranhar, se tratassem da problemática da gente da roça.

A pergunta é se podemos encontrar no apóstolo Paulo enfoques correspondentes ao que no restante da Bíblia representa a terra. É evidente que existem muitos pontos em comum. Gostaria de chamar a atenção em especial para um.

Comparável ao que, em outras partes da Bíblia, representa a temática da terra é, no apóstolo Paulo, a questão do corpo. Em sua teologia, a defesa do corpo desempenha um papel preponderante. Entenda a igreja como corpo. Nele os diferentes membros desempenham distintas funções, sendo a defesa das partes mais fracas sua tarefa principal. Na eucaristia, o conceito do corpo vem a ser central. Afinal, todos participam do mesmo corpo. Por isso, o apóstolo insiste em que os pobres e escravos, que costumavam chegar atrasados para as celebrações, não fossem postos de lado. Além disso, o corpo da gente é entendido pelo apóstolo como santuário do Espírito Santo. Desse jeito o corpo passa ser sobremodo dignificado. E, por fim, Paulo inclusive insiste em falar e descrever a ressurreição do corpo.

Pode-se, pois, perceber, nestas alusões, quão relevante é o conceito do corpo para a teologia paulina. Penso que aquilo que o apóstolo diz sobre o corpo é comparável ao que outras partes da Bíblia dizem sobre a terra. Tanto a terra quanto o corpo são defendidos. São dignificados.

Poderia um lavrador viver sem acesso à terra? Poderia um operário viver sem acesso ao que produziu?

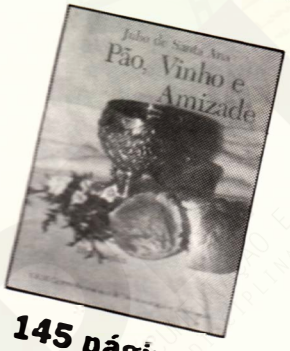
Milton Schwantes é Professor da Faculdade de Teologia (S. Leopoldo) da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil.

Julio de Santa Ana

LANÇAMENTO

Pão, Vinho e Amizade

Meditações do conhecido teólogo metodista sobre a Eucaristia. Enriquecido pelas experiências ecumênicas e pela prática eclesial das Comunidades de Base, o autor reflete sobre esse ponto tão central para a fé cristã. E traz à tona a riqueza de sentidos que a Santa Ceia possui. Sobretudo com a emergência dos pobres como atores de primeiro plano no desenrolar das lutas que conduzem ao Reino. "Na mesa há **pão** e **vinho**. Em torno dela há uma comunidade de **amigos**".



145 páginas
Cz$ 65,00

Faça seu pedido através de cheque nominal para o **CEDI**
Centro Ecumênico de Documentação e Informação
Av. Higienópolis, 983 — 01238 — São Paulo — SP.

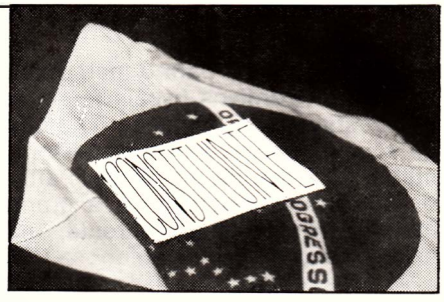
CADERNOS DO CEDI

Canavieiros em greve	Cz$ 20,00
Educação popular: Alfabetização e Primeiras Contas	Cz$ 20,00
Sexta Assembléia do CMI	Cz$ 20,00
Peões e garimpeiros: Terra e trabalho no Araguaia	Cz$ 20,00
Roças comunitárias & outras experiências de coletivização no campo	Cz$ 20,00
Deixai vir a mim os pequeninos	Cz$ 20,00

LEVANTAMENTO POVOS INDÍGENAS NO BRASIL

Volume 5 — Javari	Cz$ 35,00
Volume 3 — Amapá/Norte do Pará	Cz$ 55,00

Faça seu pedido através de cheque nominal para o CEDI
(Av. Higienópolis, 983. CEP 01238 — São Paulo — SP)



A nova ordem constitucional e a propriedade da terra

Maria Angélica Gentile

Neste ano de 1986, em que serão eleitos os representantes dos diversos segmentos sociais para elaborarem uma nova Constituição, isto é, o texto forma de lei que irá conter todas as regras que traçarão o perfil que a sociedade deverá assumir, e não o que realmente possui, uma série de questões nos assaltam:

— O que se pretende com uma nova Constituição?

— Quais as mudanças desejadas?

— Como atuar para influir decisivamente nesse processo de elaboração constitucional?

— É importante ou não ver inseridas na Constituição as medidas que possibilitem uma transformação da atual ordem político-social vigente?

Há uma questão preliminar a todas essas indagações que não pode ser esquecida: as regras do jogo para as eleições constituintes que se avizinham já foram previamente traçadas de modo a esvaziar ao máximo a participação popular no processo eleitoral. Assim, os pequenos estados do Nordeste e os do Norte, onde predominam as forças sociais comprometidas com o PDS e, por conseqüência, com a manutenção do **status quo** vigente, têm garantido um maior número de representantes na Assembléia, em detrimento dos estados do Sul-Sudeste, com maior número populacional, e onde as camadas populares atingiram um maior grau de organização, e conseqüentemente, uma maior capacidade de participação na vida política social brasileira. São eleições em que aqueles que se dispuserem a pleitear uma cadeira na Constituição terão de gastar vultosas somas em dinheiro.

A par desses fatores já existentes, não podem as amplas massas empobrecidas e marginalizadas socialmente acolher grandes expectativas com relação à nova ordem constitucional a ser elaborada, posto que pequena será a representação popular na Assembléia Constituinte.

Não obstante esses fatos, uma Constituição reflete sempre a correlação entre as diversas forças sociais não apenas no momento da escolha dos grupos sociais que estarão representados na Assembléia, mas também no momento em que a Constituição está sendo elaborada. Daí, forçoso é de se concluir que, a despeito da desigualdade que se dará entre representados e representantes, cumpre colocar o debate constitucional no terreno das necessidades básicas e inadiáveis da maioria da população, de molde a se conseguir imprimir as regras fundamentais que possibilitem o estabelecimento de uma sociedade menos desigual, capaz de permitir uma realidade menos injusta.

O ALARMANTE DESEQUILIBRIO SOCIAL

O Brasil vai bem, a população vai mal. Somos a 8ª economia do mundo, e um dos países com registro de maior índice de pobreza absoluta.

Cada vez mais as desigualdades entre classes, setores e regiões do país se acentuam. Constituímos uma nação em que são desatendidas as exigências biológicas mais elementares, a saber, alimentação, saúde, habitação.

Um dos grandes fatores responsáveis por essa desigualdade social reinante é, sem dúvidas, a estrutura fundiária concentracionista, que nas últimas décadas atingiu níveis alarmantes. Os estabelecimentos rurais com mais de 10 mil hectares aumentaram em número e área: em 1950, eram 1.611 e controlavam 45 milhões de hectares. Em 1980, passaram para 2.510 e controlam 64 milhões de hectares. A política desenvolvida no setor agrícola pelos governos autoritários dos últimos 20 anos, priorizou a produção dos produtos agrícolas ditos nobres, destinados à exportação para captação de divisas no mercado externo, em detrimento da



João Roberto Ripper/F4

Cumpre colocar o debate constitucional no teatro das necessidades básicas e inadiáveis da maioria da população.

produção agrícola para o mercado interno. Os incentivos fiscais foram assim destinados à produção do álcool, da soja, do cacau, e não do feijão, do milho, do arroz, da mandioca. Faltam os alimentos básicos para a grande maioria da população carente, mas existem excedentes de álcool.

A especulação fundiária transformou a terra em mercadoria destinada a propiciar lucros altos e rápidos à custa da expulsão, via de regra violenta, dos pequenos agricultores posseiros, parceiros e arrendatários. O contingente de mais de 7 milhões de assalariados rurais, submetido a níveis intoleráveis de miséria, não consegue sequer a garantia da remuneração mínima de suas tarefas (corte da cana, colheita da laranja, do cacau, da castanha), e dos mais comezinhos direitos trabalhistas e previdenciários.

Assine o Boletim

Aconteceu

Publicação semanal com um resumo das principais notícias veiculadas pelos orgãos de imprensa do país.

Assinatura anual Cz$ 30,00

América Latina: US$ 50 América do Norte: US$ 65 Europa, Africa e Ásia: US$ 75

Nome:_____
Endereço:_____
Cidade: _____ _____ CEP: _____ Est.: _____
Telefone: _____ Profissão: _____ _____ Idade: _____

Faça a sua assinatura através de cheque nominal para o **CEDI — Centro Ecumênico de Documentação e Informação**
Rua Cosme Velho, 98 — fundos — CEP 22241
Rio de Janeiro — RJ.

Assine a Revista tempo e presença

Publicação mensal do CEDI, com temas da atualidade analisados na perspectiva do ecumenismo comprometido com os movimentos populares.

Assinatura anual: Cz$ 50,00 ☐ **Assinatura de apoio: Cz$ 100,00** ☐

América Latina: US$ 30 América do Norte: US$ 40 Europa, África e Ásia: US$ 45

Fazendo uma assinatura de apoio você recebe de brinde um exemplar dos Cadernos do CEDI.

Nome:_____
Endereço:_____
Cidade: _____ _____ CEP: _____ Est.: _____
Telefone: _____ Profissão: _____ _____ Idade: _____

Faça sua assinatura através de cheque nominal para o **CEDI — Centro Ecumênico de Documentação e Informação** — Av. Higienópolis, 983 — 01238 — São Paulo — SP.

A PROPRIEDADE DO SOLO AGRÍCOLA E A CONSTITUIÇÃO

Encontra-se, portanto, na ordem do dia, a adoção de medidas que possibilitem uma organização social menos desigual, menos injusta, que venha a dar identidade às grandes massas populacionais marginalizadas.

Todavia, as verdadeiras normas que venham a possibilitar a transformação social que todos anseiam, de modo a assegurar a um maior número de brasileiros uma vida digna, deverão contar de Programas Específicos nas áreas econômicas e sociais e não da Constituição, cujas normas, via de regra, são programáticas e não auto-aplicáveis.

Isso não afasta a imperiosa necessidade de se traçar na Constituição as regras fundamentais que possibilitarão que a propriedade da terra seja capital produtivo de interesse nacional.

Logo, a propriedade do solo agrícola deverá necessariamente obedecer aos seguintes limites:

1) A sua aquisição sob a forma individual e nas dimensões necessárias à manutenção do agricultor e sua família;
2) Nos casos em que a propriedade privada não é condição da dignidade da pessoa humana, será desapropriada, seja latifúndio ou empresa rural;
3) O limite máximo para aquisição da propriedade do solo agrícola será de 500 hectares, respeitando sempre o módulo mínimo para cada região;
4) Em todos os casos de concentração abusiva da terra, ou de sua aquisição por qualquer meio fraudulento, descarte qualquer indenização na desapropriação;
5) O valor da indenização da terra e das benfeitorias, nos casos em que for cabível, será sempre aquele declarado pelo proprietário para fins de pagamento do imposto, e será sempre feito através de títulos da dívida pública, resgatáveis em 20 anos;
6) Dar-se-á a perda sumária da propriedade do solo agrícola por seu abandono por mais de cinco anos;
7) É vedada a aquisição do solo agrícola por estrangeiros;
8) Tanto a União como os estados poderão desapropriar terras para fins de Reforma Agrária.
9) Estatização de todos os cartórios de registros de imóveis.

Maria Angélica Gentile é advogada do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Casimiro de Abreu e do Sindicato dos Engenheiros do Rio de Janeiro.

Crônicas de uma tragédia que podia ser evitada

OS FATOS

— Na madrugada de 18 de junho, quarta-feira, ocorrem motins e tomadas de reféns em três penitenciárias de Lima, protagonizados pelos presos políticos.

— O Conselho de Ministros, presidido pelo presidente Alan García, decide encarregar o Comando Conjunto das Forças Armadas da restauração da ordem nas penitenciárias.

— Na prisão de Santa Bárbara, intervém a Guarda Republicana. As reféns são libertadas, e seis presas ficam feridas, das quais, segundo informações, duas acabam morrendo. 54 das 70 internas são transferidas para Chorrillos e Ica.

— Na noite de 18 para 19, tropas do Exército, em conjunto com a Guarda Republicana, executam intervenção em Lurigancho, resultando na morte de todos os internos do pavilhão industrial (124, de acordo com informação oficial). O refém sai vivo. Correm rumores de que dezenas de detentos foram fuzilados, apesar de terem se rendido.

— Em El Frontón, a operação é feita pela Marinha, o pavilhão azul é bombardeado até a quinta-feira, 19, pela tarde. Rendem-se 30 internos e são os únicos sobreviventes. Dos três reféns, dois se salvaram. Há informações de 30 mortos, porém veicula-se que muitos outros permanecem sob os escombros. Segundo informações diversas, haveria cerca de 200 detentos nesse pavilhão.

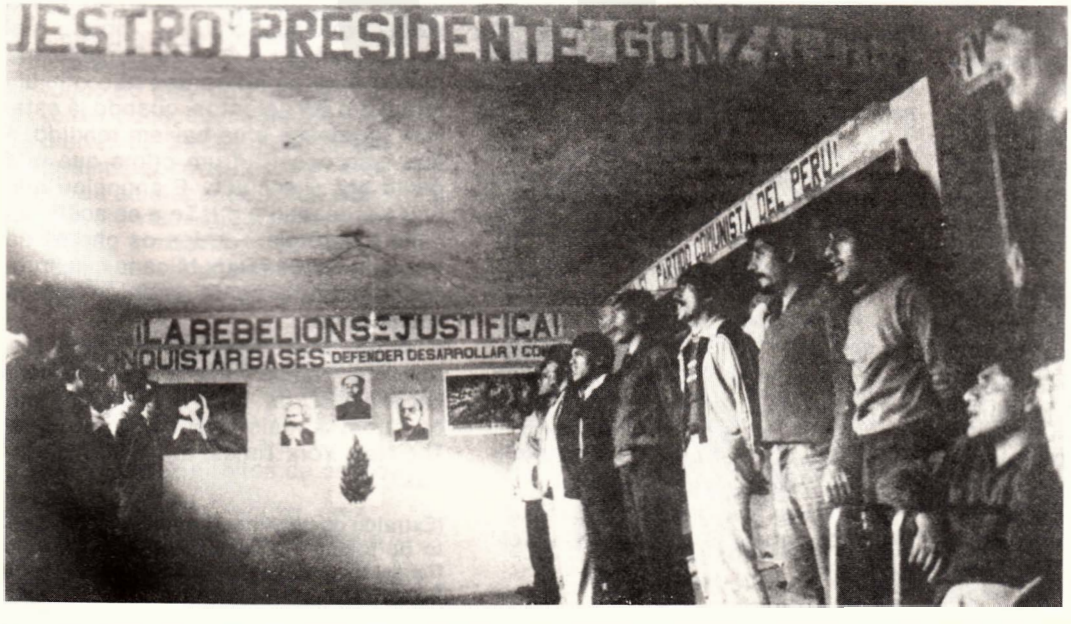
— Em todo esse processo de intervenção militar, não estão presentes nas penitenciárias as autoridades civis (juízes, fiscais, diretores das prisões). As penitenciárias são declaradas zona militar restrita, e nem as autoridades civis, nem a imprensa têm acesso. As informações procedem do governo, através de comunicados oficiais. Os dois primeiros comunicados são emitidos pelo governo, os de números 3, 4, 5 e 6 pelo Comando Conjunto das Forças Armadas. O último, sem número, assinalando excessos, pela Secretaria de Imprensa da Presidência da República. Não há pronunciamento do Ministro da Justiça.

— A Comissão de Paz nomeada pelo governo ofereceu sua mediação. Mas não lhe foi permitido o ingresso em Lurigancho na quarta-feira, dia 18. Em El Frontón, a Comissão se dirige aos prisioneiros a uma distância de 40 metros, e em Santa Bárbara recebe um comunicado das detentas, porém não há negociação nos dois casos. As operações militares são iniciadas logo depois.

REAÇÕES

— Na noite de quinta-feira, 19, informa-se por rádio e televisão que a ordem foi restabelecida nas penitenciárias, sendo indicados 30 mortos em El Frontón. São transmitidas entrevistas com pessoas nas ruas, as quais, em sua maioria, aprovam as ações. Mais tarde, um comunicado oficial informa sobre 124 mortos em Lurigancho e duas em Santa Bárbara.

— Na sexta-feira, dia 20, a imprensa publica cifras que vão de 159 (La República) a 250 mortos (El Comercio), embora editoriais falem de várias centenas de mortos (Expreso, El Comercio). Em geral, o tom é o de que as ações militares eram a única saída, ainda que



Concha Cubero

Pavilhão da prisão de San Pedro, em Lima, onde estavam recolhidos cerca de 260 militantes do Sendero Luminoso.



Tropas cercam o presídio feminino de Santa Bárbara, na capital peruana.

se lamente a elevada quantidade de mortos.

— No sábado, 21, aparecem declarações de diversos setores, uns aprovando as ações militares (porta-vozes da APRA, PPC, AP, CONACO) e outros em desacordo (IU, professores de Ciências Sociais da Universidade Católica).

— Na noite de sábado, veicula-se um comunicado do governo, dizendo que em Lurigancho haviam sido cometidos excessos, e que haverá investigação e penalidades para os responsáveis.

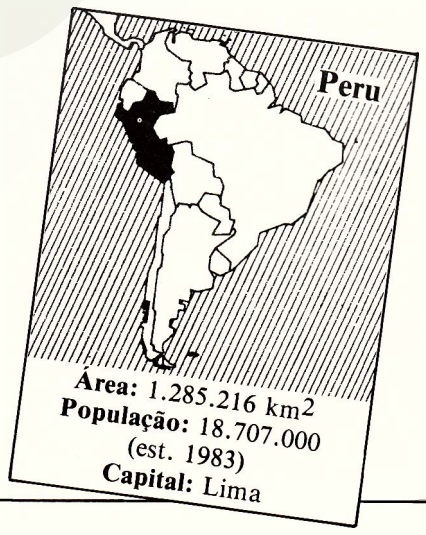
— Vários jornais (El Nacional, Expresso) protestam contra a inspeção no El Nuevo Diario. O prefeito de Lima afirma que o governo não autorizou a medida. No domingo, 22, à noite, não é emitido o programa "Uno más Uno", do canal 9, por interrupção nas transmissões.

— No domingo, La República destaca excessos, em primeiro plano.

— Na segunda-feira, 23, há mais reações. A imprensa publica comunicado da Internacional Socialista, expressando preocupação pelo número de mortos e pelos métodos utilizados, e apoiando a investigação anunciada pelo presidente Garcia.

— El Comercio publica, no mesmo dia, Carta Aberta de Mario Vargas Llosa a Alan García, refletindo sobre a "montanha de cadáveres" em que resultaram as operações militares, que poderiam e deveriam ter sido evitadas. O escritor considera que a matança é moral e legalmente injustificada, de maneira especial a de muitos seguramente inocentes. Também considera grave a ausência de autoridades civís e o fechamento do Nuevo Diario. Afirma que os fatos foram um terrível erro, de conseqüências incalculáveis, e diz que não pode ocorrer o suicídio da democracia nem uma "bordaberização" do país (referência ao ex-presidente Juan Maria Bordaberry).

— A revista Caretas, em editorial de 23 de junho, assinala que o governo perdeu a serenidade ante um motím e decidiu terminá-lo em um dia, sublinhando que "o grave e repelente está em como a força foi aplicada", e em "como foram exterminados deliberadamente todos os 126 detentos do pavilhão industrial da Penitenciária de Lurigancho, sem que tenha ficado um só sobrevivente". Atrocidade deliberada, afirma, indiscutível e sem paralelos nem sequer na Argentina. Fala em "operação de extermínio" e assinala que seria "cumplicidade terrível" não punir aos responsáveis. Menciona também que o Peru não parece estar ainda horrorizado com os fatos, porém que estes repercutiram na imprensa liberal do mundo e na Internacional Socialista. E declara que a maneira argentina não é a melhor nem a única de acabar com o terrorismo.



Em outra seção, Caretas repudia os métodos empregados e menciona vários outros procedimentos com quais tanta morte poderia ser evitada.

— A 24 de junho, terça-feira, o episcopado peruano se pronuncia, assim como os movimentos leigos. O arcebispo de Lima pede autorização para que os agentes pastorais possam entrar nas prisões.

— No mesmo dia, o presidente Alan Garcia, em mensagem à Nação, afirma que as Forças Armadas cumpriram ordens do governo e que por isso ele apóia "a severidade da ação praticada pelo Comando Conjunto"; porém que em Lurigancho a Guarda Republicana matou a 30 ou 40 (fontes não oficiais falam em 60) detentos, quando já estavam indefesos e se haviam rendido, e que isso constitui um crime que não podia ser silenciado. E anunciou que havia ordenado a prisão e as ações judiciais cabíveis a todos os chefes de tropa da Guarda Republicana que "procederam brutalmente ao aniquilar aos subversivos".

— A imprensa internacional reagiu fortemente. Rádios como a Voz da América, e a BBC de Londres, condenaram os fatos. Jornais também, entre eles, The New York Times, através de editorial.

(Extraído do boletim **Informativo,** do Instituto Bartolomeu de Las Casas (Rimac) e do Centro de Estudios y Publicicaciones, Lima Peru)



Ainda há tempo

Extratos de um artigo do padre Gutiérrez, um dos expoentes da teologia latino-americana, sobre o amotinamento e massacre dos presos políticos no Peru. Foi publicado inicialmente no jornal "La República", no dia 25 de junho, de onde o boletim "Informativo" extraiu e publicou os trechos centrais.

Gustavo Gutiérrez

Nós, peruanos, vivemos estes dias sob o peso de acontecimentos a que assistimos com dor e horror. Conforme as horas passam, cresce a convicção de que estamos atravessando uma hora sombria de nossa história. Um momento carregado de lamentáveis realidades e de piores previsões. Abordar de forma breve o ocorrido seria um grave perigo. Aumentar ou diminuir, por exemplo, em um ou vários dígitos o número de mortos nas prisões — e em todo este triste tempo de violência desencadeada — não muda qualitativamente o fato de fundo do qual não parecemos tomar consciência no país: as mortes de seres humanos não podem ser somadas, não são cifras adicionadas, cada vida tem um valor infinito. Para um cristão a existência humana, toda a existência, é sempre um dom do Deus no qual cremos.

Começamos a estar, se já não estamos, envolvidos em um círculo infernal de violência, de desprezo pela vida humana, de desrespeito aos mais elementares direitos da pessoa.

Uma miséria secular, uma injusta e cruel ordem social e econômica, o desdém pela dignidade humana de uma grande parte de nossa população configuram não apenas uma situação que repudiamos sem restrições, mas constituem também um permanente caldo de cultura a todo outro tipo de violência.

O ocorrido nestes últimos dias constitui uma triste vitória para os polos extremos do leque de posições hoje existente no contexto nacional. Afirma-se assim um processo em que eles tendem a resultar como os únicos interlocutores com direito à voz na cena política. Se estes extremos triunfassem, todo o resto não contaria, o espaço civil e democrático seria supérfluo, e os grupos sensíveis aos valores humanos não teriam opção histórica. Isso é o que não podemos admitir.

Nos fatos de Lurigancho e El Frontón não só tem de haver uma investigação sobre os excessos cometidos dentro de uma nação que se pretende válida. Além disso, e sobretudo, terão que ser examinadas as razões que levaram a uma ação que nos parece em si mesmo um excesso, um uso desproporcional do poder de destruição.

Não podemos nos resignar à camisa de força que se quer impor ao país. Contudo, é possível escapar do beco sem saída em que estamos entrando. Cremos em que existem os recursos humanos e meios necessários para que o consigamos.

Não haverá convivência humana e democrática se a fome de pão não desaparece como pedia João Paulo II durante sua visita à Vila El Salvador, se não se tira do esquecimento a porções inteiras da nação, se não acabam os injuriosos privilégios de alguns, se não se respeita a dignidade de cada pessoa. O mal tem de ser atacado pela raiz.

A luta pela justiça deve ser desenvolvida, ao mesmo tempo em que se reivindica a liberdade, não de uma minoria, ou de uma maioria, mas sim de todos. É necessário defender a vida democrática que, por imperfeita e frágil que seja, torna viável a proposta e a discussão de fórmulas alternativas para a construção de uma sociedade transformada. A todos, e em especial aos setores populares, custou muito conquistar esta possiblidade, e não podemos permitir, por isso, que ela se frustre. Ambos esforços — pela justiça e a liberdade — supõem um respeito pelos valores humanos que não podem ser abandonados nem sequer ante quem os viola, disseminando o terror e a morte.

Urge apelar a todas as forças sinceras do país, elas se encontram nos diversos setores de nossa sociedade, a fim de ser conquistado um consenso nacional no repúdio a toda forma de violência inumana e em favor da vida e da paz. Este compromisso não será fácil, a tarefa adiante é imensa e o custo pessoal pode ser muito alto. Para o cristão é claro, entretanto, que a vida, e não a morte e seus aliados, tem a última palavra; isso torna viva a nossa esperança e mais forte a fome de Deus.

Há Teologia da Libertação na África e Ásia?

Enrique Dussel

Quisemos expor com ponto de interrogação a questão que nos pediram para desenvolver, a fim de podermos explicar até que ponto ou limite ela existe e até que ponto não existe. Para tanto é necessária uma introdução que mostre as semelhanças e diferenças entre a América Latina (continente onde nasce a Teologia da Libertação) e a África e Ásia, com processos próprios e de grande importância.

SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS CONTINENTAIS

Desejamos, em primeiro lugar, esboçar sucintamente as semelhanças e diferenças que temos podido observar no já longo diálogo de dez anos (nos reunimos exatamente em 1976, em Dares Salam, Tanzânia) entre a África, a Ásia e a América Latina na Associação Ecumênica de Teólogos do Terceiro Mundo (EATWOT).

a) Semelhanças — As teologias da África, Ásia e América Latina têm muitos elementos em comum. Em primeiro lugar, são teologias de mundos culturais de alto desenvolvimento (ao menos em muitos dos seus povos, tais como as culturas da China, sudeste asiático, Índia, mundo árabe, as culturas da Etiópia e da estepe africana ao sul do Saara, as etnias Banto, os impérios astecas, as confederações maias, chibchas, o império inca), embora também tenha havido culturas de meros plantadores animistas e até comunidades nômades de colhedores e caçadores. Estas altas culturas sobrevivem até o presente. Por outro lado, são mundos culturais complexos e com autonomia relativa (como o mundo árabe), mais autônomos (como a Índia ou a China) ou absolutamente independentes (como os astecas ou incas) Isso criou personalidade própria para o cristianismo quando este consegue a sua emancipação junto a suas pátrias respectivas.

A presente semelhança, não só no nível sócio-político ou econômico mas também cultural, científico ou eclesial, é o haver sido (desde o século 16 ou 19, conforme o caso, para a América Latina, África e Ásia portuguesa; até o século 19 para a África belga, inglesa e francesa) colônias das cristandades européias centrais (Espanha, Portugal, Holanda, Inglaterra, França e, posteriormente, Estados Unidos). Sociedades dependentes culturalmente e exploradas em seu trabalho cotidiano (também economicamente). Culturas que de "centrais" e autônomas (ecúmenos independentes) transformaram-se em mundos "periféricos". Esta é a realidade semelhante do Terceiro Mundo, hoje subdesenvolvido (tecnologicamente), dominado (neocolonial e politicamente), alienado (cultural e cientificamente), paternalisticamente controlado (eclesialmente).

Todo esse Terceiro Mundo tem o sentimento subjetivo que os teólogos coreanos do *Minjung* (a massa-povo sujeito da história) denominam *han:* espécie de "raiva", "humilhação", "ressentida impotência" mas, ao mesmo tempo, de vida e potência criadora do povo que espera poder comer, ter casa, educação, libertação ...

b) Diferenças — A América Latina, emancipada politicamente no começo do século 19, é uma raça e cultura mestiça: parte índia, parte européia, parte negra. Os habitantes autóctones, os imigrantes conquistadores ou europeus empobrecidos e os escravos negros trazidos da África. Asiáticos de origem (todos os habitantes da América vêm da Ásia), europeus e africanos. Basta caminhar por uma rua de São Paulo ou do México para encontrar essa "mestiçagem" universal (a "raça cósmica" de que nos fala o mexicano Vasconcelos). Porém este mundo "mestiço" é de uma Cristandade hispano-luso-americana. Praticamente a totalidade de seus habitantes é cristã (se podemos falar em "ser-cristãos", contra o que se insurgiria Kierkegaard crítico e enfadado).

A África, com seu mundo árabe sobre o Mediterrâneo e avançando até o sul do Saara, a antiga Etiópia (Cristandade ortodoxa do 4º século), a África negra de dependência inglesa, francesa, belga e portuguesa, e, ao sul do Zambeze, Zimbábue e a África do Sul tão diferentes. Independentes muitas dessas nações depois da guerra (1945) e com a crise própria da "organização nacional" (que a Europa viveu a partir



do século 16 e a América Latina desde o início do século 19). Com um cristianismo crescente ante as religiões tradicionais (que com exceção do Islamismo no norte da África são religiões regionais, locais, tribais). Vigorosa personalidade cultural, debilidade institucional das novas elites africanas no poder dos novos Estados (agora a dominação nacional está em mãos de homens da mesma raça, cultura, língua). Uma Igreja com desenvolvido sentido de sua dignidade, da necessidade de uma liturgia própria, de uma teologia africana.

A Ásia, com 54% da população mundial e onde os cristãos são apenas 2,3% aproximadamente, dá ao cristianismo um sentido da "humildade" que falta na Europa ou na América Latina, onde um certo "triunfalismo" faz esquecer que a religião de Jesus é só uma das religiões do mundo. O hinduísmo (principalmente na Índia), o budismo (desde Sri Lanka mas absolutamente majoritário na Tailândia, por exemplo), o confucionismo (na China), o islamismo (do Marrocos até Mindanao nas Filipinas, que foi a única religião universal até o século 16) situam o cristianismo como "minoria" estrangeira, europeizante, recordação da época colonial. As grandes revoluções asiáticas (China, Vietnã, etc.), a presença no norte da URSS, os "populismos" como o Congress Party da Índia (onde a burguesia nacional domina a imensa população sofredora e miseravelmente empobrecida). Um cristianismo com dois pólos de atração: as Filipinas, majoritariamente cristã, e a Índia pelo número e profundidade de seus cristãos. O Japão é importante, porque é o cristianismo implantado num país asiático desenvolvido.

De qualquer modo, o "eclesiocentrismo" que parecia impetrar na "restauração" do estilo tridentino que alguns interpretam como o espírito do recente Sínodo Romano de dezembro de 1985 não é compatível com um Terceiro Mundo que necessita uma "Igreja dos Pobres" ao serviço daqueles miseráveis, roubados e explorados como o que o samaritano encontrou à beira do caminho.

TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO NA ÁFRICA

Na África podemos encontrar como que três momentos na história recente da teologia.

a) Primeiro momento — Nosso amigo Ngindu Mushete mostra bem os dois primeiros momentos em seu trabalho *The History of Teology in Africa.* É necessário, evidentemente, partir das brilhantes religiões tradicionais da África com seu vigor vital e espiritual, ou a reflexão de John Mbiti sobre *Concepts of God in Africa.* Do ponto de vista teológico é o tempo da "Teologia missionária" *(extra ecclesiam nulla salus):* a partir das missões portuguesas do século 16. A "teologia da implantação" da Igreja, desde 1920 aproximadamente, começa a ser uma crítica à teologia das conversões partindo de uma eclesiologia da Igreja local (na escola francesa temos P. Charles, P. Seumois, A. Mulders; na Holanda E. Loffeld; etc.). De qualquer modo, o "colonial factor" é determinante.

b) Segundo momento — Uma enorme renovação foi vivida na África depois da *All Africa People's Conference* em Acra, em 1958 — ao nível político — e da *All Africa Church Conference* em Kampala, em 1963. Se a isto somarmos a renovação produzida na Igreja Católica pelo Concílio Vaticano 2º (1962-1965) e a antiga declaração de *Desprêtres noirs s'interrogent* (1956) veremos surgir os grandes temas teológicos que, em muitos casos, são os atuais. A emancipação política das metrópoles européias coloniais produz necessariamente o "nacionalismo africano" e, por ele, o tema do "nacionalismo" na teologia: a indigenização, a afirmação da identidade cultural como tema central. Isto significa o tema "cultura" e "religião tradicional" e "teologia" como questão essencial — no plano da organização das igrejas, da vida litúrgica e dos símbolos, a dança nos ritos, a língua autóctone na vida eclesial, a história das igrejas nacionais. Enfim, uma "teologia africana" nascia na origem das novas nacionalidades e Estados. Daí o *Moratorium* missionário de Burgess Carr (1961) como chamado de atenção ao respeito à África.

Esta problemática é atual e tem uma importância maior. Cultura e teologia são temas centrais na África, Ásia e América Latina: ninguém pode descuidar deles nem esquecê-los.

c) Terceiro momento — Pensamos que, de modo geral, tem passado despercebido um terceiro momento que não ocorre simultaneamente em todos os países africanos e que em muitos deles ainda não se fez presente. Depois da emancipação anticolonial vem o momento da organização nacional e da institucionalização do Estado. Com o passar dos anos estes novos Estados devem optar por alguma das alternativas possíveis. Ou o capitalismo dependente e periférico (a maioria deles), ou o socialismo (apenas Angola, Moçambique e Etiópia). Por sua vez a África do Sul, sob o domínio dos brancos, tem um desenvolvimento industrial muito mais avançado que os outros países do sul do Saara. Agora é que pode surgir — ante o desgaste do entusiasmo do nacionalismo anticolonial, ante às novas burocracias agora africanas, ante à corrupção, à exploração, às novas estruturas africanas de domínio interno (articulado com o novo neo colonialismo euro-norte-americano) —, e às vezes surge, uma Teologia da Libertação. Muitos teólogos da segunda geração não podem acompanhar essa mudança. Permanecem ligados às novas burocracias no poder. Nas palavras de Jean-Marc Ela:

"A superexploração dos trabalhadores e o silêncio da oposição são as condições de sobrevida da burocracia administrativa cuja função se reduz,



ordinariamente, a manter a ordem pública. Qualquer oposição cria um estado de insegurança para os burocratas que, depositando sua confiança nos regimes estabelecidos, deles se aproveitam e auferem muitas prebendas. Nos territórios submetidos à dominação do capitalismo estrangeiro, o Estado neocolonial, que precisa da ajuda externa para pagar regularmente aos seus funcionários, não pode admitir a menor oposição (...) O estado neocolonial disputa ao homem o direito da oposição num contexto em que as economias estrangeiras beneficiam uma casta privilegiada. Esta é a verdadeira situação que hoje reflete o problema da tortura na África Negra". (*Le crie de l'homme africain,* Paris, 1980, p.93)

Surge, assim, uma Teologia da Libertação na África: "O que é certo é que uma leitura do Êxodo é necessária, hoje, nas comunidades cristãs da África". (*Ibid; p.51)*

Essa Teologia da Libertação africana não vem imposta da América Latina. Nada tem a ver. É uma teologia que surge na África por encontrar-se esta numa posição sócio-política e econômica dependente e periférica do mesmo capitalismo central (euro-norte-americano). É claro que nem todos os teólogos descobrem esse estado de dependência. Tal como na América Latina, muitos culpam o marxismo de criticidade desta teologia. A sua criticidade procede da miséria do povo africano, agora explorado por burocracias neoburguesas africanas (como no Zaire, por exemplo). Escreve o teólogo Camarún:

"A dependência das economias africanas é usada pelo capitalismo mundial em benefício de uma minoria de privilegiados. A política de desenvolvimento adotada pela maioria dos países africanos tende a se reduzir às grandes sociedades fazendo despejar nestas vultosos lucros, em geral repatriados ás regiões de onde vem o capital. (...) A situação das massas (do povo) se deteriora ao mesmo tempo em que essas empresas prosperam, enquanto os membros da classe dirigente constituem para si escandalosas fortunas pessoais colaborando para a exploração neocolonial." *(Ibid.,* p. 81)

Dessa miséria articulada com a exploração neocolonial-capitalista surge uma Teologia da Libertação africana:

"Na África Negra — não no passado colonial, mas hoje — as tarefas do Evangelho se inscrevem numa região do mundo onde os poderes do dinheiro decidiram fazer deste território da humanidade uma reserva de escravos e de mão-de-obra barata. Para as Igrejas, a resposta a essa situação é muito clara: todos os dias, em nome do Evangelho, escrever a história da libertação efetiva dos oprimidos." *(Ibid.,* p. 166)

Não é difícil, tampouco, entender a situação que faz nascer, ao mesmo tempo, uma "teologia negra" e de "libertação" na Africa do Sul. Existindo um poder repressor "branco", muitas das reflexões norte-americanas sobre a *"black theology"* — anti-racista — são muito pertinentes ante o racismo do *apartheid.* Ao mesmo tempo porém, por serem africanos de um país dependente capitalista, se conhece a causa sócio-econômica e política da discriminação racial. É uma *"black and liberation theology"* num país capitalista do Terceiro Mundo Africano. As obras de Manas Buthelezi, do bispo Desmond Tutu ou do teólogo da libertação Allan Boesak respondem a sua situação concreta, mas especial, da África.

No presente, pois, não poderão faltar as tensões entre a tradicional "teologia africana" — herdeira da problemática da pós-emancipação anticolonial — e a nova "teologia da libertação" africana — crítica dos Estados neocoloniais e do capitalismo dependente agora africano e explorador do próprio povo da África: agora o inimigo está dentro. Por isso, tal como na América Latina, muitos criticarão a Teologia africana da Libertação de ser marxista e, neste caso, a antiga "teologia africana" será populista: defenderá a nova burguesia nacional que oprime o povo africano em nome da cultura africana, nacional, indígena, mas que na realidade oculta sua função de ser meio da exploração do capitalismo central euro-norte-americano. A questão está levantada e os desenvolvimentos futuros nos mostrarão os sucessivos desenlaces.

TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO NA ÁSIA

A situação asiática é muito diferente. Contudo, de forma esquemática, poderíamos igualmente pensar em três momentos.

a) Antes da emancipação colonial — A Ásia é um continente de teologias, desde as invasões dos árias na Índia em 1500 a.C., e o Rig-Veda é um testemunho dessa riqueza. Desde a presença dos portugueses, especialmente com Francisco Xavier e posteriormente com Ricci e Nobili, houve uma rica teologia missionária. Entretanto, desejamos referir-nos a tempos recentes. Houve uma época de fermentação do que M.M. Thomas chama de *"Theology of Nationalism".* Na Índia, por exemplo, C.F. Andrews publicava em 1907 *"The Ideal of Indian Nationality".* Com ele, S. K. Ruda, S. K. Datta ou K. T. Paul constituíram uma geração até a chegada de Marcus Ward, *Our Theological Task* (Madras, 1946). Era a tentativa de uma *"Indigenous Theology".* O mesmo se pode encontrar em outros países asiáticos, como nas Filipinas depois da crise da Igreja Anglicana Independentista que se apôs à ocupação americana.

b) Renovação teológica com a emancipação — Após a guerra mundial, com a sucessiva libertação nacional das colônias das metrópoles européias (ou japonesa em alguns casos), a teologia tenta libertar-se da *"teutonic captivity"* — particularmente os protestantes — e da "escolástica



romana" — os católicos. Em 1949 as Igrejas protestantes se reúnem em Bangcoc para refletirem sobre a posição do cristianismo na revolução social. Em Kuala Lumpur, em 1959, a East Asia Christian Conference (EACC) vai discernindo a função das Igrejas na realidade asiática. M. M. Thomas exclamou:

"Há um consenso geral dentro das Igrejas no sentido de que Deus em Cristo está presente na revolução asiática e de que a sua vontade criativa, julgadora e redentora constitui a sua dinâmica essencial. *The Christian Response to the Asian Revolution* SCM Press, Londres, 1966, p. 27)

Pouco depois, na consulta de Kandy (Sri Lanka) em 1965, se reafirmou a necessidade de realizar uma teologia asiática. Na Conferência da EACC em Hong Kong, em 1966, se tenta sair do *"ghetto isolated"* das comunidades cristãs da Ásia. Mais tarde, a Conferência Asiática Ecumênica de Tóquio (1969) e a Conferência Panasiática de bispos católicos (novembro 1970) — culminando com a *All-Asia Consultation on Theological Education* em Manilha (março 1977) e o seminário "Theologizing in India" em Puna (outubro 1978) — nos mostram os sucessivos passos de uma imensa maturação teológica. A esses encontros deveríamos acrescentar ainda os Encontros de EATWOT em Sri Lanka e Delhi.

Dessa etapa desejamos mencionar um movimento teológico com criatividade e personalidade, nascido dos movimentos políticos dos anos 70 na Coréia do Sul: a *Minjung theology*. É uma *"political hermeneutics of the Gospel"* que afirma não ser *"neither by the foreing ideology of Marxism nor by an imported theology of human rights or politics"*. (David Kwang-sun Suh, "Minjung Theology in Korea", in *Minjung Theology. People as the subjects of History*, CCA-ATC, Singapura, 1981, p.19). Mostra-se, assim, uma teologia política, nacionalista, antimarxista — o que se explica tendo em vista a proximidade da Coréia do Norte e um governo repressor violento como é o de Seul.

Diz-nos Kim Yong Bock, um dos inspiradores do movimento:

"Os *minjung* constituem a realidade permanente da história. Os reinos, as dinastias e os estados se levantam e caem. Os minjung, porém, permanecem como uma realidade concreta da história, experimentando as chegadas e as saídas dos poderes políticos (...) Os *minjung* transcendem as estruturas de poder que tentam controlá-los por meio de seus contos históricos. O poder tem sua base nos *minjung*." (Messiah and Minjung", in *Ibid;* p. 185)

Minjung, a massa-povo que na América Latina se deve traduzir por "pueblo" — que não é idêntico a *Peuple* ou *Peuple* — é um conceito fundamental da teologia do mesmo modo que o é da Teologia da Libertação na América Latina. Diz-se com profundidade:

"Os *minjung,* como sujeito histórico, transcendem a determinação sócio-econômica da história e revelam seus "contos" muito além das meras possibilidades históricas no sentido de uma história nova ..." (*Ibid;* p.186)

Um dos problemas é deixar tudo ao nível do "relato", das "estórias", de uma teologia pedagógica da linguagem. Talvez falte acrescentar uma teologia do trabalho, da exploração e repressão econômica política do *minjung,* para escapar à crítica do populismo (que é certamente a tentação permanente da *"minjung theology"* e que se deixa ver por sua ambígua posição ante o marxismo).

c) Teologia da Libertação Asiática — Em todos os países da Ásia, mas principalmente nas Filipinas e na Índia, surgiram Teologias da Libertação dentro do contexto nacional ou regional. Tanto na Índia como nas Filipinas a presença de uma forte burguesia nacional dominadora (no primeiro caso) e a repressão interna (com Marcos) deram maior possibilidade a uma teologia crítica.

Carlos Abesamis, por exemplo, coordenador do Departamento de Justiça e Paz na ordem nacional, é um teólogo da libertação. Emérito Nacpitl, igualmente, é nas Filipinas um dos iniciadores do movimento.

Na Índia, a formação teológica e a experiência místico-espiritual de um Samuel Rayan, professor e militante em Délhi, mostram que, se podemos criticar o hinduísmo por suas castas, não menos devemos criticar a Igreja católica por seu hierarquicismo exagerado e fora de época. Em diálogo com o pensamento marxista, não pode ser esquecido o teólogo Sebastián Kappen, diretor do Centro de Reconstrução Social. Na Igreja de Kerala, ortodoxa síria, Geevarghese Mar Osthatios é muito conhecido por seus compromissos com os oprimidos e por sua teologia que parte de uma sociedade estratificada em classes.

Em relação ao tema da mulher na Indonésia, Henriette M. Katoppo começou a desenvolver uma teologia feminista da libertação.

Em Sri Lanka, Aloysius Pieris dialoga com o pensamento budista. Em Taiwan, Peter Lee explica uma teologia da libertação explicitamente. Embora japonês de origem, Kosuke Kayama, depois de longa experiência na Tailândia, explica uma teologia junto ao povo oprimido. Junto aos estudantes de esquerda, Takao Toshikazu critica teologicamente o capitalismo.

Desejamos, por último, referir-nos à obra de Tissa Balasuriya, *Planetary Theology* (Orbis, NY, 1948), que nos propõe uma reflexão a partir da Ásia e, particularmente, a partir de Sri Lanka. A obra, ao empregar tantos número, pode ser acusada de não passar de uma ingênua sociografia: os exegetas podem encontrar ambigüidades ou interpretações ligeiras. Mas é um livro ambicioso, fruto de um movimento dos teólogos do Terceiro Mundo, visto numa perspectiva mundial, a partir de um pequeno palmo periférico suficientemente pequeno para ver o largo mun-



do. Em Colombo, eu assisti a uma missa do dia do operário, em que o casulo e a estola do colebrante (e do próprio bispo) tinham bordados a foice e o martelo (os símbolos do Partido Comunista): Será que estando tão distantes de Roma esses católicos estão mais perto da pobreza do povo asiático?

Começa a obra de Tissa com uma vigorosa crítica à "teologia tradicional" (p.2-10), fundando a possibilidade das "teologias contextuais" (p.10ss). Desde a nação e a história universal, a classe social, os grupos étnicos e raciais, a mulher e a cultura — e os seus momentos sociais e religiosos —, tudo pode ser "teologizado". Cada um desses parâmetros pode permitir um nível de reflexão teológica, de dominação do pecado, de libertação. Em três capítulos (2, 3 e 4) se ocupa do "sistema mundial". Ressalta uma Ásia com 20,2% do território mundial e com aproximadamente 56,1% da população mundial; as nações capitalistas ricas compreendem 18% da população mundial e 65% do Produto Bruto Mundial enquanto a Ásia detém somente 10,9% da riqueza mundial. Entretanto, à dominação econômica sobrepõe-se a dominação cultural (p.41ss). Uma nova ordem mundial exige novas estratégias (cap. 5). a religião entra em tudo isso como um fator de importância (cap. 6) e, nesse contexto, as Igrejas cristãs (cap. 7) abordando temas tais como: "cristianismo e colonialismo", "cristianismo e capitalismo" e "desvios teológicos do cristianismo". Assim:

"Ao encontrar-se como pioneiro do capitalismo ocidental, o cristianismo foi violado no seu entendimento das Escrituras e de Jesus Cristo. As prioridades do Reino de Deus foram postas de lado por negligência. A eclesiologia foi levada ao tom do triunfalismo em vez do serviço evangélico. A teologia tornou-se cada mais defensiva..." (p. 126).

Por tudo isso, "o desafio da Ásia para a Cristandade" é uma chamada às igrejas para uma conversão radical, uma "conversão à libertação", uma inversão na história das missões. Agora é a periferia que evangelizará o centro da Cristandade:

"Hoje em dia as periferias estão provocando mudanças nos centros. Muitas vezes, missionários que regressam da América Latina, da Ásia e África é que desafiam as Igrejas centrais, suas agências e instituições. Este fenômeno se parece com o impacto de Paulo e Barnabé sobre o Concílio de Jerusalém, no tocante à prática da circuncisão dos conversos gentios (At 15). Para que haja impacto nesse sentido, se requer o diálogo entre as periferias e os centros eclesiais, e os centros devem estar dispostos a ser influenciados pelo que ouvirem" (p. 217).

ALGUMAS REFLEXÕES FINAIS

Lembro-me de quando, em 1975, nos reunimos com F. Houtart e Lourdusami Bimiwenyl Kweshi, em Lovaina, e falamos sobre a possibilidade de iniciar-se um diálogo entre os teólogos do Terceiro Mundo. Daí nasceu a Associação Ecumênica dos Teólogos do Terceiro Mundo que tanto deve a Sergio Torres (chileno exilado em Nova Iorque nessa época). Desses encontros nasceu uma mística. Ficamos conhecendo melhor nossas teologias. A Teologia da Libertação pôde ser repensada em outros contextos da África e Ásia, mas como muitas dessas realidades são análogas cresceu e estendeu-se. A crise das críticas lançadas contra a nossa Teologia pela Congregação da Doutrina da Fé (cujo prefeito foi meu professor em Münster, em 1962 e 1963), deu-lhe ainda mais vigor e expansão. Encontrava-me eu na Índia em 1984 e pude comprovar o impacto e a desaprovação da medida tomada pela "instrução". Mas "Deus escreve direito por linhas tortas" ...

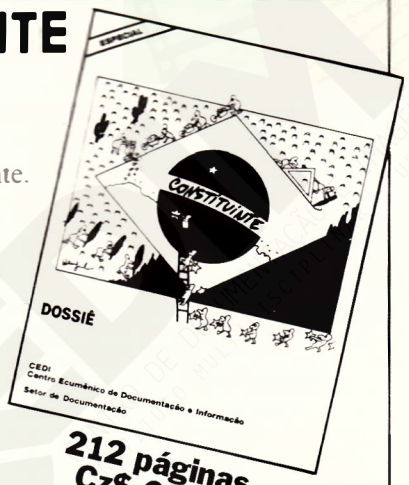
(México, Cencos, **3** (27): 28-33 março, 1986.)

EnriqueDussel é filósofo e teólogo. Argentino de nascimento, reside atualmente no México. Autor de "Caminhos da Libertação Latino-Americana" (Edições Paulinas - 4 vols.), "Para uma Ética da Libertação Latino-Americana" (Loyola/Unimep - 5 vols.) e "Filosofia da Libertação" (Loyola).

LANÇAMENTO

DOSSIÊ CONSTITUINTE

- A Constituinte de 1986: Construção da Democracia no Brasil.
- Documentos do Movimento Pró-Participação Popular na Constituinte.
- Os atores políticos no processo constituinte.
- Constituinte e Democracia Participativa.
- Movimento Constituinte Fluminense.
- A experiência constituinte de Vila Velha – Espírito Santo.
- Guarulhos ensina ao Brasil como se faz uma Constituinte Popular.
- Constituinte, Constituição! E agora?
- 20 textos inéditos e uma vasta cobertura da Imprensa.



212 páginas
Cz$ 60,00

Faça seu pedido em cheque nominal para o
CEDI Centro Ecumênico de Documentação e Informação
Av. Higienópolis, 983. CEP: 01238 — São Paulo — SP.

ACONTECEU ESPECIAL

Trabalhadores rurais 1980	Cz$ 10,00
Trabalhadores urbanos 1980	Cz$ 10,00
Trabalhador urbano 1981	Cz$ 10,00
Trabalhador rural 1981	Cz$ 10,00
Fiat 1981	Cz$ 10,00
Igrejas: Desenvolvimento e participação popular	Cz$ 20,00
Povos Indígenas no Brasil 83	Cz$ 30,00
Povos Indígenas no Brasil 84	Cz$ 55,00

Faça seu pedido através de cheque nominal para o CEDI
(Av. Higienópolis, 983. CEP 01238 — São Paulo — SP).

Jovens se solidarizam com o movimento de libertação

Cerca de 70 jovens do mundo inteiro participaram da reunião ecumênica internacional realizada em Harare, capital do Zimbábue, de 1º a 5 de julho e expressaram sua "compreensão total sobre a luta armada do movimento de libertação contra o regime ilegítimo de **apartheid** na África do Sul". A reunião foi organizada pelo Conselho Sul-Africano de Igrejas e pelo Conselho Mundial de Igrejas em seguimento à reunião de líderes de igrejas realizada na mesma cidade em dezembro último.

No final da reunião foi distribuído um manifesto contendo uma "mensagem à juventude do mundo". Nele é mencionado o fato de que dois delegados não puderam participar da reunião por proibição das autoridades sul-africanas. O jovem Edwin Arrison, 21 anos, que preside a Juventude Intereclesiástica e trabalha para o Movimento de Ação Ecumênica (ambos com sede na Cidade do Cabo), foi preso no dia 30 de junho, no aeroporto de Johannesburgo. Ele já havia passado pela alfândega e se encontrava no ônibus que o levaria ao avião juntamente com outros membros da delegação. Outro delegado que não viajou foi o vice-bispo luterano Zephania Kameeta, da Namíbia, porque as autoridades lhe negaram os documentos de viagem. Esses fatos foram condenados pelo manifesto, que ainda expressou a preocupação dos participantes com os delegados da África do Sul e Namíbia que participaram da reunião por "estarem sujeitos à prisão imediata" ao regressarem aos seus países.

O manifesto ainda destaca estes pontos:

— Renova o "compromisso de trabalhar pela destruição total do **apartheid**", em obediência "ao comando de Deus".

— Compartilha a responsabilidade pelo que está ocorrendo na África do Sul e Namíbia. Os participantes se declaram "indignados com a ditadura que ora exerce terrível poder sobre povos indefesos" e que farão "campanhas em todos os níveis" para acabar com esse sistema.

— Pede a "implementação imediata" da Resolução nº 435 da Onu sobre a independência da Namíbia.

— Pede "sanções obrigatórias e gerais contra o regime do **apartheid**" e expressa "indignação" contra os governos dos Estados Unidos, Inglaterra, Alemanha, Japão e "outros que ajudaram a construir o Estado do **apartheid**". E que "caso não decretem sanções obrigatórias e gerais, esses países terão que assumir a responsabilidade pela inevitável escalada de derramamento de sangue".

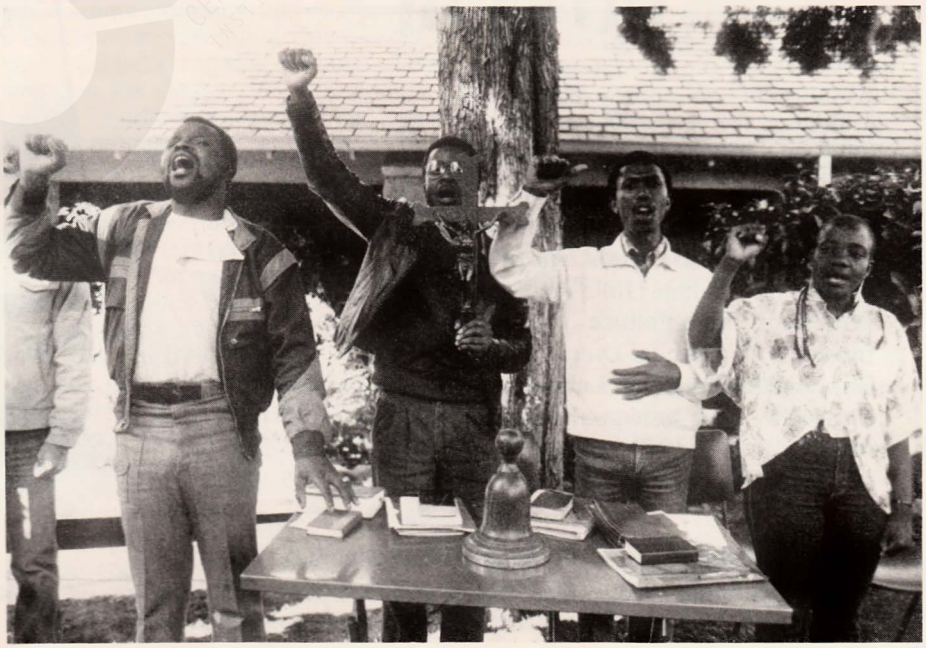
— Endossa a posição do Movimento Não-Alinhado sobre o "isolamento do regime racista sul-africano".

— Expressa "apoio a todos os esforços que possam trazer libertação aos povos da Namíbia e África do Sul".

— Pede especial atenção aos ban-

fotos: Peter Williams/CMI





cos dos Estados Unidos, Inglaterra, Alemanha e Suiça que ajudam a África do Sul.

— Mostra preocupação com os exilados da África do Sul e Namíbia, e apoia o ministério aos refugiados promovido pelo Conselho Sul-Africano de Igrejas.

— Insta "os países imperialistas, especialmente os Estados Unidos" a cessarem seus esforços para acabar com "as lutas dos povos pela libertação na África do Sul e na Namíbia, e com a transformação social no sul da África".

— Compromete-se a "aumentar a rede de informações" porquanto os regulamentos sul-africanos "impedem o acesso aos sofrimentos diários e às vítimas da repressão".

— Clama pela "libertação de todos os prisioneiros políticos, a legalização dos movimentos populares de libertação e o retorno dos exilados".

Na sua conclusão, a mensagem declara: "Nós afirmamos a fé do Cristo crucificado, e compartilhamos os propósitos redentores de Deus em Jesus Cristo. 'Quando começarem a acontecer estas coisas, tomai ânimo e levantai a cabeça porque se aproxima a liberação (Lc 21, 28)'. Apoiamos a libertação de Deus através de nossos atos de libertação".

(Ecumenical Press Service — Tradução Jaime Wright)

Délcio: perde-se um companheiro

Com a morte de Délcio Hilton da Silva Campante (14 de julho), o movimento ecumênico perdeu um de seus grandes incentivadores e lutadores. Ele foi um dos pioneiros do nosso Centro Ecumênico de Documentação e Informação (CEDI) e, por muitos anos, um de seus diretores.

Na Igreja Metodista ocupou, com bastante fidelidade e dedicação, diversos cargos de destaque apesar de, como seminarista da Faculdade de Teologia, ter sido vítima da prepotência que o desligou em 1968. Não deixou a sua Igreja. Prosseguiu na luta pelos seus ideais e veio a ocupar até o cargo de presidente do Conselho Superior da mesma Faculdade de que antes fora expulso. Exerceu ainda o pastorado numa pequena igreja de subúrbio do Rio de Janeiro, na qual foi amado pela sua dedicação e compreensão com as lutas dos pobres e oprimidos.

Um extraordinário talento musical era uma de suas virtudes. Excelente organista e regente de coro. O seu trabalho ultrapassou os próprios limites de sua Igreja Nacional. Fez o Curso de Letras e formou-se professor de Português. Defendeu tese de mestrado na Fundação Getúlio Vargas com monografia sobre o Instituto Central do Povo, instituição metodista que tem se dedicado, na faixa da educação e ação social, a setores pobres de uma favela e também a trabalhadores do cais do porto. No momento em que o perdemos, era diretor das Faculdades Bennett na função de orientador pedagógico.

Pessoa de espírito aberto, ecumênico de convicção e prática, sempre esteve presente nas lutas pelas justiça no que era acompanhado de perto por sua esposa, que foi secretária do CEDI por muitos anos. Ela e dois filhos passam agora pela experiência amarga da ausência do esposo e pai que perderam com apenas trinta e oito anos de idade.

Nós, companheiros e companheiras do Délcio, queremos, com sua morte, renovar os nossos compromissos comuns, e, influenciados por sua vida, reafirmar a nossa determinação de continuar no trabalho que ele tanto ajudou a construir.

PUBLICAÇÕES DO CEDI

Poesia Profecia Magia (Rubem Alves).....Cz$ 20,00
Creio na Ressurreição do Corpo (Rubem Alves).Cz$ 20,00
Poetas do Araguaia.....Cz$ 20,00
Batismo Eucaristia Ministério.....Cz$ 15,00
Profeta da Unidade (Júlio Andrade Ferreira).....Cz$ 15,00
Protestantismo e Política.....Cz$ 10,00
Ideologia e Fé (André Dumas).....Cz$ 10,00
Estudos Bíblicos de um Lavrador.....Cz$ 10,00
Chamados a dar testemunho hoje.....Cz$ 10,00
Jesus Cristo a Vida do Mundo.....Cz$ 25,00
De Dentro do Furacão (Richard Shaull).....Cz$ 30,00

Faça seu pedido através de cheque nominal para o CEDI
Av. Higienópolis, 983 — CEP 01238 — São Paulo — SP.



A igreja e a questão agrária

Neide Esterci

O livro reúne 16 textos, dos quais quase todos reproduzem exposições feitas por ocasião de um amplo seminário sobre o tema, realizado no Rio de Janeiro em 1983. Ao introduzir os textos, a organizadora procura dar conta do essencial do debate travado entre os expositores e uma platéia de cerca de 50 pessoas ligadas a entidades e organismos sindicais e de Igreja. Entre os expositores, um bispo, padres, assessores e cientistas sociais.

A relação entre o movimento sindical de trabalhadores rurais e a ação da Igreja no campo permeia toda a discussão. No passado, a posição anticomunista e reacionária da Igreja, uma posição institucional que, em termos de efeitos, preponderou sobre as práticas e posições setoriais da mesma Igreja colocadas à esquerda; no presente, uma corrente que, a partir de espaços organizativos de Igreja, se torna cada vez mais independente, assume contornos próprios e defende posições consideradas à esquerda daquelas defendidas pela corrente sindical majoritária.

No final da década de 1970, ao delinear-se uma nova conjuntura em nível nacional, grupos e forças que até então se abrigavam sob o guarda-chuva da Igreja começaram a reassumir sua identidade. As divergências passaram a ser explicitadas e romperam-se algumas alianças vigentes no período de repressão, o que provocou inquietações no plano da ação política entre os mediadores do movimento social no campo. Os primeiros momentos foram de embate surdo, e o confronto de posições ficou restrito aos diretamene envolvidos. Agora, arejada a cena política, e sem que as esquerdas possam se furtar a entendimentos, iniciativas como a deste livro-seminário abrem melhores perspectivas de compreensão das questões postas, na medida em que retiram o confronto dos espaços estritamente políticos, onde predominam a disputa de posições e as formulações acusatórias.

Trata-se primeiro de refletir sobre a própria história da formação do movimento sindical rural no Brasil. Como interpretar o movimento político, a busca persistente de unidade interna, a chamada via legalista, adotados pelas lideranças do movimento no período de resistência? Como avaliar o saldo organizativo resultante dessa estratégia? Como, de um ponto de vista centrado no movimento sindical, se podem avaliar os efeitos das posições assumidas pela Igreja em face da história das lutas camponesas? Que distingue ou aproxima as formas de percepção política das lideranças formadas nos espaços de Igreja daquelas formadas dentro do movimento sindical?

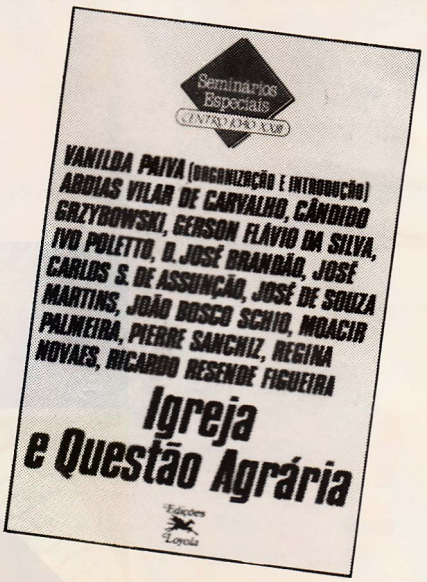
Outro conjunto de questões trata da relação Igreja — Estado / classes sociais. Vários autores lidam com o tema, tentando periodizar a história da Igreja universal e a das Igrejas particulares, relacionando as bandeiras levantadas pela Igreja com as conjunturas diversas em que a instituição disputa espaço e poder político. No bojo dessas questões, uma inquietação fundamental se refere aos chamados setores progressistas: serão eles dotados de consistência tal que lhes permita sobreviver, uma vez chegado o que se caracteriza hoje como momento de "retração" da Igreja? Ou tenderão a se diluir em nome da unidade institucional, tornando-se cada vez mais refratários a quaisquer alianças com as esquerdas?

Por outro lado, alguns autores procuram pensar também a especificidade mediadora do movimento dos trabalhadores, entre outros. Em que consiste essa especificidade e que atributos diferenciais têm os espaços propiciados pela Igreja? Como os símbolos, o ritual, o discurso religioso e o carisma da hierarquia podem atuar no sentido de legitimar as reivindicações camponesas? Disputa a Igreja o espaço das entidades de classe dos trabalhadores? Há depoimentos sobre a formação e os processos de reorientação de organismos e movimentos tão importantes como a CPT, a ACR e o MER: que posições defendem e que contradições seus militantes tiveram que enfrentar no interior da própria Igreja? Os autores são todos comprometidos em suas práticas, e cada um a seu modo, com a luta dos trabalhadores, e, a partir de seu lugar de militância, é possível compreender, pelo menos em parte, as diferenças de interpretação que assumem. Embora seu discurso seja também, em muitos casos, forjado pela prática acadêmica ou pelo esforço de sistematização e conceituação, a força do engajamento, da formação e dos compromissos construídos transparece, nas avaliações que fazem, no peso relativo e no caráter que atribuem à atuação da Igreja. Isto não é mau, pelo contrário, é mais uma contribuição oferecida ao leitor, na medida em que lhe permite ter acesso ao perfil de um conjunto importante de mediadores.

É preciso estar atento, entretanto, para algumas tendências. Por exemplo, a partir de práticas exercidas fora da Igreja, constroem-se análises que enfatizam o caráter institucional e a intencionalidade do apego da Igreja a bandeiras sociais. Já os que atuam em espaços de Igreja quebram com facilidade o caráter institucional, trazem depoimentos vividos de enfrentamento de contradições internas e estão dispostos a valorizar os avanços obtidos sobre os blocos mais conservadores.

Em meio a estas tendências, as análises de caso datadas — que procuram captar como a atuação da Igreja repercute sobre o movimento dos trabalhadores em situações concretas, independentemente até do seu projeto a mais longo prazo — têm o valor de um complemento inestimável às análises institucionais e transistóricas. O livro de Vanilda Paiva garante ao leitor acesso aos dois tipos de enfoque.

A IGREJA E A QUESTÃO AGRÁRIA, Vanilda Paiva (org.), São Paulo, Edições Loyola, 1985, 279 pp.



Neide Esterci, é professora do Departamento de Ciências Sociais da UFRJ e coordenadora do Programa Movimento Camponês / Igrejas do CEDI.

PELOS CAMINHOS DA AMÉRICA

Pelos caminhos da América
Latinoamérica!

Pelos caminhos da América,
há tanta dor, tanto pranto,
nuvens, mistérios e encantos,
que envolvem nosso caminhar
Há cruzes beirando a estrada,
pedras manchadas de sangue,
apontando como setas
que a liberdade é pra lá!...

Pelos caminhos da América,
há monumentos sem rosto!
Heróis pintados, mau gosto,
livros de história sem cor,
caveiras de ditadores
soldados tristes, calados,
com olhos esbugalhados
vendo avançar o Amor!

Pelos caminhos da América;
há mães gritando qual loucas.
Antes que fiquem tão roucas,
digam aonde acharão
seus filhos mortos, levados
na noite da tirania!
Mesmo que matem o dia,
elas jamais calarão!

Pelos caminhos da América,
no centro do Continente,
marcham punhados de gente
com a vitória na mão!
Nos mandam sonhos, cantigas,
em nome da liberdade.
Com o fuzil da verdade
combatem firme o dragão!

Pelos caminhos da América,
bandeiras de um novo tempo
vão semeando no vento
frases teimosas de Paz!
Lá, na mais alta montanha
há um pau d'arco florido:
um guerrilheiro querido
que foi buscar o amanhã!

Pelos caminhos da América,
há um índio tocando flauta,
recusando a velha pauta
que o sistema lhe impôs.
No violão, um menino,
e um negro toca tambores.
Há sobre a mesa umas flores
pra festa que vem depois!

Zé Vicente
(Crateús-CE)

3º CONGRESSO NACIONAL DE JOVENS TRABALHADORES



TESE

JUVENTUDE TRABALHADORA

E A AFETIVIDADE

São Paulo, 22/23/24 - Julho - 1983

3º CONGRESSO NACIONAL DE JOVENS TRABALHADORES-CONQUISTAN DO TRABALHO E JUSTIÇA

JUVENTUDE TRABALHADORA E A AFETIVIDADE

1. CONSTATAÇÃO

A Juventude trabalhadora vive numa carência afetiva muito grande que vem desde a infância.

Os jovens, por natureza, gostam de viver em grupo, de se relacionarem afetivamente com outros jovens, mas a amizade existente, em geral não é profunda. Não se conhece um ao outro em todos os aspectos da vida. Não existe liberdade para colocar a vida em comum, pois a sociedade prega o consumismo, levando os jovens ao individualismo, tendo cada um que se virar sozinho para resolver seus problemas. Diz-se que os problemas de cada um são pessoais e portanto resolve-se sozinho.

A amizade hoje em dia está sendo muito interesseira. Exemplo quando uma pessoa pede um favor a um amigo, ele pensa em receber algo em troca dentro desse favor feito. A amizade está sendo falsa, preconceituosa, inclusive, sendo racista e materialista, As pesssoas, olha o lado exterior, deixando de lado o interior de cada pessoa. Além disso, na profissão há uma competição provocada pelo Sistema.

Não conseguimos expressar afetos nos acontecimentos que nos rodeiam. O prolongado tempo de trabalho e de estudos aos quais estamos submetidos, desumaniza-nos, não nos dando tempo para a parte afetiva.

Há uma ideologia imposta na cabeça do jovem que cria o individualismo, afetando o seu relacionamento com os colegas. A televisão é o centro das atenções como forma de lazer barato, infiltra na cabeça do jovem o consumismo e falsas ideologias, deteriorizando sua personalidade, isolando-o dos outros, fazendo-o assumir outra personalidade e desejar subir a todo custo de posição social; ensina-o a não reagir as "estruturas".

As propagandas dizem que os jovens se encontram com LEWIS , comercializando uma aspiração importante da juventude que é a de se doar, ser amigo, confiar.

O tema da afetividade e sexualidade sempre foi um tabú que vem de geração em geração. Hoje parece estar se dando uma abertura , mas que está sendo amplamente utilizada comercialmente.

Os meios de comunicação criam uma mentalidade consumista e materialista através do cinema, revista... que lançam abertamente a por-

nografia influindo decisivamente na formação e comportamento dos jovens trabalhadores. O sexo é muito explorado pelo cinema e pela televisão. Revistas e filmes de pornochanchadas poluem a mente dos jovens, influi também no namoro, pois ele não está criando condições para os namorados realizarem seus desejos, A maioria dos jovens namoram para passar o tempo como meio de fugir dos seus problemas.

O namoro esta sendo invertido, iniciando-se com o sexo, indo o jovem assegurar a desvalorização que a sociedade de consumo impoe ao namoro.

Constantemente o homossexualismo, é, também um problema afetivo e é bastante explorado. É fruto de uma repressão sexual que se inicia na família e passa para a sociedade. O homossexual é vitima de risadas e gozações e, ao mesmo tempo é incentivado a "assumir" essa condição e reprimido por essa mesma sociedade.

O sexo se converte, muitas vezes, no caso das mulheres num drama. Há milhoes de mães solteiras, principalmente na classe pobre e o que é importante, são muitas as mães adolescentes. A gestação dessas adolescentes, muitas vezes vem acompanhadas de infecções, doenças venéreas, anemias, pressão arterial elevada. Muito poucas mesmo conhecem os anticoncepcionais, e algumas acham que devem tomar só no dia que vai ter relação e desconhecem que não só elas devem participar do processo de prevenção, mas também os homens. Como o aborto sai muito caro para os jovens trabalhadores, ainda é preferivel ter o filho ou submeter-se a "mãos curiosas", mesmo correndo o risco de ter que sair de casa, e vemos que muito poucas conseguem entender o educar o seu filho. Além disso as mães solteiras são discriminadas, encontrando dificuldades em conseguir emprego.

Em todos os sentidos a jovem é marginalizada, no caso das mães solteiras principalmente, e também os seus filhos, em quanto os pais solteiros são exaltados. Alias, ninguem fala em pai solteiro. Até a Igreja marginaliza a mãe solteira. Há padres que tratam mal a jovem trabalhadora, se sabe que está grávida, ou se não está vestida de forma tradicional e há lugares em que até mesmo é dificil batizar o filho da mãe solteira.

A hipocrisia é grande, pois, muitas vezes os jovens são obrigados a um casamento sem amor, apenas para garantir a "imagem da família". Somos levados a dar mais importância aos aspectos econômicos que nos valores das pessoas. Para as mulheres o casamento é apresentado como saida, ou como trampolin para uma vida segura e romper a tutela dos pais, e em alguns casos, escapar do trabalho nas fábricas, comércio, domesticas... A liberdade desejada mais tarde se converte em uma vida cheia de angustia, por causa dos problemas e da condição econômica da família operária, onde a mulher se converte em escrava da casa dos fi-

lhos e do marido.

O relacionamento da família é atrapalhado por um número grande de filhos, más condições de moradia, um horário diferente de trabalho. Nas famílias numerosas os filhos não tem condições de completar seus estudos porque tem que começar a trabalhar cedo, impedindo tempo de convivência. Falta condições (ambientais, de tempo e economia) para um diálogo entre pais e filhos. Muitos pais são autoritários e dentro desta autoridade não querem admitir o crescimento do próprio do filho, não tem confiança nos filhos, não ouvem as suas opiniões, não querem admitir que o filho forme sua própria personalidade, querem que os filhos andem com a cabeça dos pais, tem ciumes da sociabilidade dos filhos, Os filhos tem receios de defender perante os pais, as suas próprias opiniões por causa da sua dependencia afetiva e econômica.

No casamento as relações são limitadas por tempo, pois, existe a necessidade da mulher trabalhar também para a família ter melhor condição de vida, por isso mesmo os casados têm carência afetiva.

O jovem chega em casa cansado, esgotado e frustrado e não encontra um ambiente sadio onde possa conversar e desabafar. Não encontrando apoio na família, o jovem procura meios de solucionar seus problemas nas condições que a sociedade oferece - vícios, sexo, roubo, etc. Os filhos que conseguem trabalho ganham muito pouco e mesmo assim precisam ajudar em casa. Os nossos pais limitam- se a preocupar-se com o sustento da família, fugindo ou não percebendo a realidade, daí, não dando aos filhos uma perfeita orientação.

Também com a família nos sentimos inibidos, sem abertura para falar do que estamos vivendo, das transformações que vão se dando em nós e do que está dentro da gente.

O jovem trabalhador começa a trabalhar com pouca idade. Por necessidade financeira é pressionado pelos pais e obrigado pelas condições da família (impostas pelo sistema) a trabalhar cedo,onde são submetidos a qualquer condição de trabalho que nem sempre gostam (massacrante) e qualquer salário. Por outro lado, o desemprego para ele (assim como para todos os trabalhadores) é uma tragédia afetando seu relacionamento familiar com o (a) namorado (a), com os amigos, etc.

...Na verdade, nem temos tempo, quando temos não sabemos como , para fazer ou receber carinhos das pessoas. É aquela correria danada para se ter o ganha pão. Todos tem que sair cedo para trabalhar e a gente quase não se vê.

Daí o relacionamento do jovem com a família não é o ideal. Os filhos gostam dos pais de acordo como são tratados. Os pais, muitas vezes são inseguros, sem saberem o que os jovens precisam realmente. Uns procuram ou pelo menos querem dar aos filhos o que querem, mas não dão o que realmente precisam, abertura e atenção. É comum a falta de diálogo, e então o jovem vai buscar nos amigos o apoio, isto quando tem amigos.

Há pais que não permitim aos filhos, desde cedo, a chance deles escolherem o que querem, e então "determinam" que locais frequentar que amigos devem ter, que roupa devem usar, o que devem estudar e em que devem trabalhar. Com isto demonstram não acreditar nos filhos. Há filhos que não têm liberdade de levar amigos em casa, isto sem falar no ambiente carregado, brigas. Daí, por não terem ambiente bom, os jovens não gostam de ficar em casa e quando ficam é em frente da televisão que consome o seu maior tempo.

Em geral, pais e filhos descarregam os problemas, humilhações que vivem no trabalho, na escola, em cima da família. (na mulher, nos filhos e na mae). Outros vão se refugiar, de suas decepções, na bebida, nos tóxicos, etc.

A família do ponto de vista capitalista, está em crise, porque a sociedade está em crise. A sociedade trata diferente o homem e a mulher, fortalecendo o papel do homem, dando-lhe mais valor. Isto fortalece o machismo e desvaloriza a mulher. Esta não é motivada a participar, e muitas vezes nem sabe da vida do marido. O casamento depende muito das condições economicas do casal. Se este não tem condições para estudar, não tem boa casa... é mal visto. Todos esses problemas, unidos à falta de consciência de classe e a falta de organização dos jovens trabalhadores, os fazem perder o estímulo para continuarem lutando pelos seus ideais.

Alguns jovens tem vergonha de serem (por exemplo) negros pobres, operários, favelados, "cabelo duro"...

2. FATOS QUE COMPROVAM ESTA REALIDADE

Numa familia de um bairro em Campinas (SP) aconteceu o seguinte fato: Por ser uma família numerosa, tendo só o pai trabalhando com uma salário muito baixo, passando necessidade, um jovem desta família, não encontrando emprego e sofrendo pressão da família, sentiu-se frustrado buscou as seguintes saídas: drogas, bebidas, roubo... Isto não é uma realidade só desta família, mas de muitas outras também.

No bairro de Fátima em Canoas (RS), há uma família vinda do interior de Marcelino Ramos com 7 filhos. A principio treis deles se empregaram na construção doPolo Petroquimico. No término da obra houve a demissão dos mesmos. Não conseguindo um novo emprego na região, obri-

garam-se a deixar a família indo de encontro a empregos oferecidos por uma empresa situada na Argentina, acarretando assim o desmembramento familiar e dificultando mais ainda o relacionamento deste.

Em São Bernardo do Campo (SP) há uma família de 12 pessoas que não tem horário para almoçar: uns almoçam ao meio dia, outros às 2 horas ou 3, sem ter tempo para o dialogo e quando conversam brigam.

Entre 15 jovens trabalhadores de uma comissão de estudos sobre efetividade, do Congresso de N. Iguaçu e São João de Meriti, (RJ) apenas uma tem tempo para dialogar com a família.

Muitos jovens trabalhadores da Baixada Fluminense trabalham distante do local onde moram, por isso tem ele que dormir fora de casa, dificultando a comunicação em família pois gastam em transportes quase 6 horas diárias.

Jovens que "entregam" companheiros revelando falta de companheirismo.

Em Nova Iguaçu uma moça ficou grávida, foi rejeitada pela família, teve que sair de casa. Ela não tinha condições de assumir a criança que esta sendo criada por outra pessoa. Ela teve vergonha de voltar ao local onde morava. Não assume a condição de ser mãe solteira.

Em Canoas há um jovem que não conversa com o pai, há 5 anos ignorando a existência dele em sua vida e vice versa, isto em vista da ausência constante do pai na família, por causa do emprego que possuia.

Ainda em Canoas, existe outro jovem que entre seus irmãos não há nenhum tipo de dependencia efetiva, tornando o relacionamento nulo.

Uma jovem foi trabalhar numa firma e logo nos primeiros dias o chefe começou a paquerá-la, convidando-a para sairem juntos.

Uma jovem foi trabalhar na Petrobrás, e depois de um mes o chefe começou a querer pegar no seu corpo.

Em Porto Ferreira aconteceu o seguinte fato: um funcionário de uma certa fábrica recebeu o pagamento errado sendo que constava dinheiro a mais durante dois meses, por erro dos funcionários do escritório. Ele confiou em contar esse fato a seu amigo pensando que ele não ia prejudicá-lo, entretanto, imediatamente, ele foi comunicar ao chefe da seção.

Laura, uma garota de 15 anos, trabalha e estuda. Não se entende bem com a mãe, por esta ter recebido outra educação.

Depoimento de uma jovem trabalhadora: "Quando veio a minha primeira menstruação, foi um susto para mim. Não sabia o que era aquilo Só mais tarde é que vim sabef através de amigos. Isto porque nossos pais tem vergonha de falar sobre esses "assuntos".

3. CAUSAS

A causa de isto tudo é o sistema em que vivemos que não visa a pessoa humana, mas sim o lucro e o poder e que usa vários meios para analisar o jovem impondo falsos valores e oprimindo suas reais aspirações.

A política econômica desonesta adotada pelo sistema capitalista prejudica o trabalhador que fica sem dar a mínima condição de vida para sua família. Trata-se, pois da estrutura da sociedade onde interesses de pequenos grupos que concentram os bens nas mãos de poucos, fazem com que a situação continue assim.

A sociedade está organizada de tal maneira que nos manipula a fazer o que ela quer e não o que nós gostamos.

O sistema utiliza os meios de comunicação de massa, para nos levar a dar valor aos aspectos econômicos e sociais, nos tirando a personalidade e nos incutindo valores de falsa efetividade, bem como padrões de beleza (por exemplo ser belo é ser loiro) que justificam a discriminação crocial e criam conplexos em alguns jovens.

A situação economica das famílias está atropelhando o relacionamento entre as pessoas. A falta de emprego, o salário baixo a competição para assegurar o emprego, a cansativa jornada de trabalho, a substituição da mão de obra pela máquina, o machismo, a falta de união entre as pessoas, a falta de consciência crítica, a falta de dialogo, de consideração e de amizade e mesmo o conservadorismo da religião, a que pertence, caracterizam as causas que ocasionam toda problemática da juventude trabalhadora com relação a efetividade.

A isso ainda se junta o ingresso prematuro dos jovens trabalhadores no mércado de trabalho, sujeitando-se a todo tipo de exploração. Além disso, ainda há como causa a falta de consciência do jovem e a falta de orientação na escola e meios de comunicação.

Os jovens não encontram apoio até mesmo dos pais para se organizarem e enfrentarem seus problemas. Muitas pessoas acham graça daqueles que se unem para discutir problemas que são de enteresse dos jovens.

5. REINVIDICAÇÕES

5.1. REIVINDICAÇÕES ESPECÍFICAS DOS JOVENS TRABALHADORES

1. Maior espaço para atuação dos jovens em diversas atividades na comunidade e na Igreja.

2. Programas de formação, conscientização promovidos pelos meios de comunicação social, com a participação do jovem trabalhador, que levam em conta a realidade do jovem trabalhador, frente à família, namoro, sexo, prostituição, aborto, metodo para evitar filhos, homossexuais etc.

5.2. REINVINDICAÇÕES GERAIS

1. Redução da jornada de trabalho, sem diminuição dos salários proporcionando um maior tempo livre para diálogo com a família.
2. Não exploração da questão sexual através dos meios de comunicação.
3. Maior conscientização nas escolas e na família sobre sexo, namoro, casamento, relacionamento, etc.
4. Mudança na estrutura dos meios de comunicação e do sistema existente.
5. Que os meios de comunicação mostrem claramente à população relacionamentos afetivos sem deturpação.
6. Que se crie mais emprego para se evitar a prostituição.
7. Lutar por um salário desemprego e por uma política de emprego justa, que atenda à toda a população trabalhadora dando, portanto, condições para que o trabalhador tenha uma vida digna a qual refletirá no seu bem estar físico, mental e afetivo.

6. PROPOSTA DE AÇÃO

1. Participar de organizações como grupos de jovens, sindicatos, associações, etc. onde possam tratar deste problema e reivindicar seus direitos.
2. Promover encontros para discutir a questão afetividade frente a Política Economica e propor saidas.
3. Cultivo dos valores humanos através de atividades culturais, fazer, organização nas cidades, através de seus grupos de base.
4. Continuação dos grupos que discutem seus interesses, após este congresso, extendendo a outros jovens e pais e que o conjunto do congresso ajude o jovem a descobrir sua responsabilidade e, toda esta situação.
5. Depois de debatermos toda esta situação e aprendermos a trocar ideias, com os colegas, pretendemos levar para os clubes, escolas trabalho e amigos, levando isto através de diálogo dentro da amizade das pessoas em uma corrente unida e resistente.

Adendo
ao Relatório do

"*Grupo de Aprendizado em Desenvolvimento Participativo*"

I - Introdução

Louvamos o excelente trabalho do *Grupo de Aprendizado em Desenvolvimento Participativo* (GADP). Aproveitamos a oportunidade para contribuir com nossas visões, escrevendo para consideração da Gerência e da Diretoria.

Este é um documento crítico - o desfecho de um longo processo de ouvir, aprender e construir compreensão e consenso com respeito ao significado e prática do desenvolvimento participativo pelo Banco Mundial. Concordamos com a afirmativa do Diretor-Gerente do Banco, Sven Sandstrom, em nosso Encontro de que a *"participação **é o caminho certo de fazer negócios** - e isso beneficia toda a atividade de desenvolvimento*".

Como Gunilla Olson, do *Swedish International Develoment Autority* (SIDA) afirmou, *"O Relatório Inicial do Grupo de Aprendizado descreve - o que é chamado de tendência oculta crescente do interesse (no Banco) pelo uso de abordagens participativas. Agora me parece que isto pode ser posto em prática, que esta tendência oculta tem potencial de se tornar a mais fantástica onda. Uma onda que os levará para o alto e eventualmente os deixará em uma nova praia*". Isto não será fácil. Muitos acreditam que isso não será possível, dado o tamanho, estrutura, prioridades e procedimentos do Banco.

Incentivamos a Gerência e a Diretoria a executar as recomendações operacionais do GADP. Este Adendo visa fortalecer as recomendações e aumentar as perspectivas para uma bem-sucedida implementação.

Operacionalizando as recomendações (colocando em prática) do GADP (como descrito, elaborado e salientado neste Adendo), o Banco enviaria um sinal claro às partes interessadas, especialmente os povos pobres e governos, de que um enfoque participativo das atividades de desenvolvimento apoiadas pelo Banco serão regra (como anunciado pelo Presidente do Banco Lewis Preston em abril de 1993), e não exceção.

Baseado no discernimento e humildade contidos no termo *Grupo de Aprendizagem*, o Banco poderia tornar-se uma *Instituição de Aprendizagem*.

II - As principais mensagens deste Adendo

A. A ênfase deve ser na participação das pessoas pobres

Algumas vezes durante os seus três anos de vida, o GADP foi rebatizado como o *Grupo de Aprendizagem no Desenvolvimeto Participativo*. Reafirmamos a meta original deste grupo de aprendizagem: aprender sobre a participação *popular*, a qual foi definida como participação "*principalmente dos grupos marginalizados*", que são freqüentemente esquecidos pelo desenvolvimento. Pedimos que o Banco enfoque mais resolutamente a expansão da sua capacidade e o compromisso de alcançar e envolver as mais importantes partes interssadas - os pobres - em decisões que os afetam.

O Banco está incentivando os governos a *se apropriarem* das operações por ele fianciadas. Incentivamos o Banco a trabalhar com os governos para empregar *mecanismos fortalecedores* (como aqueles descritos na página 5) que assegurariam que os fornecedores primários de recursos - os pobres - tenham as primeiras vantagens, os primeiros resultados.

Porque os pobres têm menos influência do que os poderosos, já atendidos em seus interesses, instituições de desenvolvimento tais como o Banco deveriam trabalhar com os governos para estabelecer uma "*opção preferencial pelos pobres*". Exercer esta opção implica prover incentivos especiais, facilidades e acesso a recursos aos pobres para saltar o fosso do poder do conhecimento e da propriedade dos meios de desenvolvimento. Fortalecer os pobres nestas direções ajudará a assegurar que eles

tenham: (1) a capacidade de usar efetivamente os recursos e os insumos tecnológicos disponíveis, e (2) mecanismos realistas para promover seu próprio desenvolvimento.

O Desenvolvimento econômico erguido sobre as aspirações dos pobres e marginalizados modifica o controle sobre recursos e tomadas de decisão em relação a eles. Sistemas de governo bons e responsáveis, assim como boas políticas econômicas, incentivam desenvolvimento sólido e controle descentralizado.

B. A necessidade de repensar o âmbito do projeto

Dar curso à participação requererá uma evolução e mudança no âmbito do projeto. O Relatório não tem muito a dizer sobre este assunto. A evolução do projeto deveria permitir aos doadores e acionistas efetuarem avaliações das necessidades e, com base nos resultados, testar e programar atividades que fortaleçam a capacidade de organização dos pobres. Dentro dos próximos dois anos, o Banco deveria trabalhar com organizações governamentais e não-governamentais para adequar tais processos desordenados e intuitivos.

C. Processos participativos não devem ser usados para propagandear metas do Banco ou dos Governos, devem ser usados para trazer à luz objetivos e lideranças das comunidades

O Relatório define o desenvolvimento participativo como um processo através do qual os acionistas "*influenciam e compartilham o controle sobre as iniciativas de desenvolvimento, e as decisões e recursos que os afetam*". Recomendamos que a palavra *iniciar* seja acrescentada a essa definição. Isto é importante porque, para promover um desenvolvimento ambiental eqüitativo e ambientalmente sustentável, a participação deverá centrar-se no comprometimento e fortalecimento das comunidades para decidirem suas próprias prioridades. É um enfoque diferente daquele em que a população local tem que acatar os projetos dos governantes e doadores, como o propósito de ampliar a sustentabilidade. O primeiro foco de participação é transformador; o último é instrumental.

Reafirmamos a profunda diferença (ver item 2 página 9 do Relatório) entre mecanismos amplamente instrumentais que são "*pré-condições necessárias à participação*" (troca de informações, reuniões e avaliação conjunta) e mecanismos potencialmente transformadores (decisão partilhada, colaboração e fortalecimento). **Nos enfoques instrumentais da participação, o Banco está basicamente comprometido com um marketing social de seus planos operacionais**. Este é o ponto central. No enfoque transformador, os **acionistas primários** têm poder de decisão significativo. No Encontro, Robert Chambers referiu-se a uma declaração de um representante do Banco citado no *SourceBook* : "*Através da participação perdemos o 'controle' do projeto e assim ganhamos propriedade e sustentabilidade, coisas preciosas em nosso negócio*". Incentivamos o Banco a mudanças ousadas para empregar mecanismos transformadores. Acreditamos que o sucesso nesta área corresponderá ao sucesso do projeto.

D. O Banco é uma parte interessada

O texto descrevendo o papel do Banco como uma parte interessada foi retirado do texto final. Essa é uma omissão preocupante e significativa. Convites sem ambigüidades e genuínos a apropriar-se de operações de empréstimo podem ser estendidas a outras partes interessadas somente se o Banco for claro sobre suas visíveis responsabilidades para com as partes interessadas, com respeito a cada operação de empréstimo.

III - Resposta às Recomendações

RECOMENDAÇÃO DO BANCO 1: **Criando ambiente para a participação**

Apoiar um ambiente mais favorável e reformas institucionais para um desenvolvimento participativo dentro de países clientes, avaliando os obstáculos à participação de países tomadores de empréstimos (dentro da estratégia de assistência do país e através do trabalho econômico e setorial) e trabalhar com os governos para remover as dificuldades maiores, através de uma colaboração autêntica entre o governo e partes interessadas primárias e secundárias; e reforçar as capacidades e os compromissos do governo central e local em adotar modelos de desenvolvimento participativo, através de programas de treinamento, diálogo político, e de atividades de gerenciamento do setor público.

RÉPLICA AO BANCO

1.1 - Encontros nacionais sobre participação

Adotar a participação nem sempre é uma alta prioridade dos governos. Eles precisarão ser convencidos das razões desta ser a maior prioridade do Banco. Além de reforçar as capacidades e compromissos dos governos central e local nas formas assinaladas nesta recomendação, recomendamos que facilitadores independentes estejam engajados em conduzir encontros sobre participação em países tomadores de empréstimos. Tais encontros, que envolveriam o Banco, governos, organizações da sociedades civil e o setor privado, deveriam explorar o desenvolvimento efetivo como conseqüência de um bom governo e meios participativos. Tais encontros deverão informar sobre as estratégias do Banco para os países e produzir programas concretos de ação para intensificar a participação em ampla escala, especialmente por parte dos pobres. O próximo encontro regional sobre a fome, em Mali, poderia produzir um modelo para este processo.

1.2 - Incentivos dos países

O histórico dos índices de desempenho, bem como o modelo de alocação dos recursos para ajuda deverão recompensar de forma significativa os governos que apóiam um ambiente adequado para o desenvolvimento participativo.

RECOMENDAÇÃO DO BANCO 2:**Participação no trabalho econômico e setorial**

Estabelecer procedimentos e alocar recursos para a partilha do trabalho econômico e setorial (ESW) com um grande grupo de parte interessadas. Em alguns países a implementação de alguns tipos de ESW podem ser passadas para, ou divididos com entidades locais, enquanto em outros o Banco ainda precisará ter responsabilidade básica até que a capacidade do mutuário seja fortalecida. Em qualquer caso, o trabalho setorial por si mesmo, bem como o processo de revisão pode ser iniciado de forma útil, como foi evidenciado nos processos participativos sobre tributos em relação à pobreza, alguns planos nacionais de ação ambiental e outro ESW, para incluir partes interessadas primárias e secundárias com opniões positivas e negativas sobre as posições mantidas pelo Banco. O Banco ainda deteria o direito de decidir sobre recomendações políticas e suas áreas prioritárias de assistência.

RÉPLICA AO BANCO

2.1 - Participação na formação política

Sr. Sandstrom afirmou que:

> *"... há uma tendência crescente à participação na formulação de estratégias de assistência aos países e nas ESW. Isto é, estamos caminhando além do nível do projeto e aplicando abordagens participativas a nível político, aonde elas poderão ter um impacto até maior".*

Entretanto, o Grupo de Aprendizado examinou somente alguns exemplos de reformas políticas participativas. Incentivamos o Grupo a estudar casos onde os pobres expressaram pontos de vista sobre prescrições de ajuste. Pedimos que se utilizem indicadores adequados para registrar e medir até onde programas de ajuste são fiéis às prescrições concebidas pelos acionistas primários envolvidos nas ESW.

2.2 - O progresso nesta área pode trazer uma poderosa contribuição ao desenvolvimento

Como o Banco enfatizou repetidamente, as reformas políticas tiveram um efeito muito mais arrebatador do que os projetos. Com freqüência, os pobres carregam a carga dos programas de ajuste setorial e estrutural, porque eles não participam da sua elaboração.

RECOMENDAÇÃO DO BANCO 3:

Estimular os processos de revisão que assegurem que a preparação da estratégia do país, o trabalho de análise e as operações de empréstimo incluam a identificação de partes interessadas relevantes e especifique se e como eles serão envolvidos na atividade apoiada pelo Banco.

Especificamente, os gerenciadores da tarefa seriam chamados no início do processamento dos ESW a: (a) identificar acionistas chave no trabalho analítico ou no trabalho do projeto, e (b) estabelecer que esforço (se necessário) seria feito para facilitar e engajar a participação de cada parte interessada. Na revisão das tarefas propostas o gerente responsável poderá confirmar ou (se for o caso) modificar as propostas de identificação e envolvimento das partes interessadas. O progresso na implementação da estratégia acordada seria então acompanhado pela divisão responsável durante a preparação e execução do projeto.

RÉPLICA AO BANCO

3.1 - Procedimentos de depuração do projeto

Infelizmente, esta recomendação chave do Relatório não é sufucientemente clara. Apoiamos a recomendação constante da versão revista do Relatório pelos participantes do Encontro de que os *planos de participação* sejam exigidos no estagio de preparação do projeto. Antes que a participação possa se tornar "*uma forma de se fazer negócio*" ajustes significativos serão necessários. Pedimos ao Banco para garantir a liderança e recursos para capacitar os gerentes a fazerem os ajustes e facilitar a preparação de tais planos de participação.

Quase reafirmando a primeira recomendação, insistimos que o Banco seja mais claro sobre onde e quando ele documentará o nível e o tipo de participação que busca em operações de empréstimo. Particularmente, temos três perguntas:

(1) O Memorando Inicial sobre trabalho econômico e setorial e o Resumo do Projeto Executivo são breves documentos de planejamento. Podem eles ser ampliados para detalhar a qualidade do envolvimento das partes interessadas no ESW e na preparação do projeto?

(2) Pode o Documento de Informação do Projeto conter todas as informações disponíveis sobre a natureza e a qualidade da participação durante a preparação do projeto?

(3) Podem os Relatórios de Avaliação da Equipe ser modificados para refletir não somente o objetivo do empréstimo da operação de empréstimo proposta, mas também o trabalho de base que foi realizado no processo de preparação do projeto pelos acionistas?

Outras questões são as seguintes:

(4) Como afirma uma versão anterior do Relatório, o Banco não é uma entidade imparcial. Não é uma parte interessada qualquer, mas uma parte interessada com dinheiro. No IEPS ou IM, deverá identificar como interpreta sua reponsabilidade fiduciária relativa às operações de empréstimo. Isto ajudará a diferenciar a *área* de atuação do Banco da *área* de atuação dos outros acionistas e, assim, esclarecer quem tem a propriedade de quais aspectos das operações de empréstimo.

(5) Metodologias para identificar partes interessadas primárias e secundárias precisam ser desenvolvidas, testadas e aprimoradas. Erros ou negligências na identificação adequada podem produzir conflitos, atrasos e incertezas.

(6) Os IEPS ou IM devem também incluir uma descrição do risco ou lucro dos acionistas primários e outros acionistas na operação de empréstimo, conflitos de interesses existentes ou potenciais entre acionistas, e uma fundamentação para o tipo e nível proposto de atividade participativa.

(7) O sistema de classificação de projetos para revisão, apresentado no parágrafo 59, deverá ser aprimorado de forma a prover uma base mais adequada à revisão e análise.

3.2 - A necessidade de evitar a participação isolada

Com vistas a por em andamento a participação, a concordância com procedimentos eficazes de participação deve ser procurada tão constantemente quanto procedimentos de aquisição e desembolso. Tais procedimentos devem ser instituídos sobretudo nos novos países independentes, como na Ásia e na África, assim como nas operações setoriais simples ou complexas e no estágio de planejamento e identificação do projeto, e nos estágios de implementação. A participação restrita a determinar estágios, (em particular, setores regiões ou estágios no âmbito do projeto) não é uma participação efetiva.

3.3 - Facilitadores imparciais

Como assinalamos no parágrafo 3.1(A), o Banco é, ele próprio, uma parte interessada. Assim, existem limites para o grau e tipo de participação que ele pode gerar. Recomendamos que numa forma experimental, o Banco trabalhe com partes interessadas para identificar facilitadores imparciais para conduzir um fluxo de trabalho participativo paralelamente ao próprio trabalho do Banco. O diálogo entre tais facilitadores e o *staff* do Banco poderia ser uma importante fonte de aprendizado.

RECOMENDAÇÃO DO BANCO 4: **A adoção de uma Cultura de Participação**

Reforçar a capacidade do Banco em apoiar a participação, e incentivar uma cultura de participação dentre o *staff*. Isto exigirá:

(i) Proporcionar oportunidades de aprendizagem e programa de treinamento para o *staff* do Banco, com respeito a experiências participativas. Escolher um gerente em PMD para estabelecer e supervisionar um programa de aprendizado e treinamento de experiências, e trabalhar em colaboração com consultores identificados em cada

Região, bem como com HRO, EDI e ENV. Os componentes deste programa devem incluir (a) conduzir um treinamento conjunto (i.e. partilhas de experiências) em participação para o *staff* do Banco, representantes governamentais e não-governamentais, a nível regional e nacional; (b) desenvolver estudos e testemunhos de casos pelo *staff* do Banco sobre como eles aprenderam e abordagens de participação implementadas, e se eles mudaram suas opiniões sobre participação ao longo do processo; (c) como recomendado na estratégia para ONGs proposta pelo Banco, estabelecer uma abertura sabática popular de três meses aberta a todo *staff* operacional do Banco para trabalhar e aprender com ONGs sobre desenvolvimento comunitário, usando abordagens participativas em países tomadores de empréstimos; e (d) esquematizando por um ano duas visitas de "*exposição e diálogo*" pelos gerentes senior para organizações de base, com base na experiência positiva de um programa similar operado pelo GTZ. Estas diversas oportunidades de aprendizado devem ter como objetivo familiarizar o *staff* do Banco com abordagens participativas (incluindo a divisão de poder que elas implicam e os possíveis riscos que elas ocasionam) e deixá-los à vontade para usarem eles mesmos essas abordagens participativas e/ou delegar poder a outros para fazê-la.

(ii) Ajustar os conhecimentos gerais do Banco, corrigindo falta de conhecimentos em sociologia, antropologia do desenvolvimento, mudanças organizacionais planejadas e grupos de base ou comunicação participativa, treinamento e desenvolvimento. O recrutamento deve almejar incluir pessoas com experiência operacional e facilitadora em atividades de paticipação (que podem ou não advir de experiências setoriais ou disciplinas particulares), pessoas de diferentes formações institucionais (incluindo ONGs) - não somente pessoas com qualificação formal em ciências sociais. Capacidade nesse assunto deve ser útil para todos dos Departamentos dos Países, localizados em DOCs, e SODs apropriados, com recursos adicionais nos CVPUs e TDs regionais, para apoiar e alertar gerentes de serviço. *Missões Residentes* devem ser envolvidas na identificação de instituições e indivíduos do país experientes em abordagens participativas, e na ligação de gerentes de serviço com estes contatos. Nos países onde o trabalho do Banco depende significativamente das abordagens participativas, as *Missões Residentes* devem ser incentivados a recrutar uma combinação de *staff* local e de sede, experientes em métodos participativos.

RESPOSTA AO BANCO

4.1 - Missões Residentes

A última frase desta recomendação especifica que as *Missões Residentes* devem ser incentivadas a recrutar um *staff* hábil em métodos participativos "*onde o trabalho do Banco depende significativamente das abordagens participativas*". Gostaríamos que o Banco identificasse para nós estes países onde seu trabalho depende de abordagens participativas. É nossa opnião que a norma deve ser fielmente seguida nas abordagens participativas. Assim, esperamos que a maioria das *Missões Residentes* designe ou recrute pessoas do *staff* senior para unir-se a governos, ONGs e outras organizações da sociedade civil em empreendimentos participativos.

A descentralização do Banco da sede para *Missões Residentes* deve habilitar o Banco a desenvolver melhores relações e acordos de trabalho com tais organizações. Acreditamos que esta orientação é importante, e que as *Missões Residentes* devem ser expandidas para outros países onde os projetos do Banco estejam mal encaminhados. Onde for possível, o *staff* responsável pelos empreendimentos de participação deve estar localizado fora de Washington ("Capitol City").

4.2 - Treinamento experimental do *staff* em participação

Saudamos a inclusão nesse Relatório final de recomendação para proprocionar oportunidades ao *staff* de aprendizado e programas de treinamento experimentais. Este treinamento e reorientação são elementos cruciais de qualquer estratégia para introduzir mudanças na cultura do Banco e em suas práticas de trabalho. Até então, realmente nada foi feito para implementar as recomendações do Encontro de maio de 1993 sobre treinamento experimental.

4.3- Estudo de casos devem ser preparados em operações de empréstimo em cada setor e para cada tipo de abordagem participativa descrita na página 5.

4.4 - Sabáticas Populares.

Endossamos a recomendação para instituir "*uma abertura sabática popular de três meses para todo "staff" operacional do Banco, para trabalhar e aprender com ONGs de desenvolvimetno comunitário sobre a utilização de abordagens participativas em países tomadores de empréstimos*". Em termos simbólicos e reais, tal programa poderia fazer brotar a consciência de que a inovação, o conhecimento, e a liderança podem nascer do povo.

4.5 - Combinação de capacidades, de valores e recrutamento

Endossamos a recomendação para corrigir a "*falta de conhecimento em sociologia, antropologia do desenvolvimento, mudanças no planejamento organizacional e grupos de base ou comunicação participativa*, treinamento e desenvolvimento". Um registro de novos salários de indivíduos com habilidade nessas áreas deve ser mantido. Ao recrutar para diversos postos, o Banco deve dar um grande peso ao compromisso pessoal com a participação e com valores participativos, para experiência no campo popular.

RECOMENDAÇÃO DO BANCO 5: **Incentivos à participação**

Manter a inovação, o aprendizado, e o hábito de participação.

(i) Através do uso apropriado do Fundo para Abordagens Inovadoras em Desenvolvimento Humano e Social - e além disso a expansão de fundos para tal proposta - manter incentivos ao *staff* para testar novas áreas e abordagens de participação. **(ii)**Estabelecer um processo de aprendizado sobre implicações da mudança organizacional com a implementação dentro do Banco, promovendo trocas de experiências no setor privado e outras agências de desenvolvimento, continuando, em paralelo, com uma versão modificada do atual processo de aprendizado de todo o Banco na participação (ver a recomendação abaixo). **(iii)**Apoiar a implantação de melhores práticas de participação testadas para (a) simplificando e clarificando procedimentos internos (através de tendências e procesos já interrompidos no EA1 e no programa GRIF das Regiões Africanas; e melhorando orientações de aquisição e OD11.00, tornando as aquisições pelas comunidade de base mais fáceis de serem aplicadas); (b) conceder incentivos à qualidade em empréstimos, requerendo o acompanhamento do projeto para obter a qualidade do processo bem como metas quantitativas, e adaptando o escopo do projeto para permitir mais flexibilidade e tempo em seu esboço e implementação; (c) dando maior reconhecimento e incentivo para os membros do Banco que empreendem iniciativas participativas, assegurando que as "*Performance Review Records*" (PRRs) claramente levem em conta esses reforços.

RESPOSTA AO BANCO

5.1 - Recursos financeiros

Saudamos a afirmativa do Sr. Sandstrom que a maior parte dos recursos para apoiar os processos de participação virão do orçamento central do Banco. Pedimos que a dimensão até a qual os recursos do orçamento central são reorientados para apoiar a participação seja monitorada de perto. Em um contexto de crescimento zero do orçamento, compromissos de reforma requerem o reodenamento das prioridades.

5.2 - O novo Fundo de US$ 2 milhões para Abordagens Inovadoras para o Desenvolvimento Humano e Social tem potencial para incentivar experiências. O Fundo deve ser significativamente ampliado, monitorado e reposto, sempre que necessário. Recomendamos que, especialmente para pequenas somas, o Fundo possa se rapidamente acessado, sem maiores exigências. Uma parte significativa do Fundo deve apoiar o trabalho econômico e setorial participativo.

5.3 - Aprendizado adicional

Estamos satisfeitos com o fato de que o Grupo de Aprendizagem, de alguma forma, continuará o processo de aprendizado. Um aprendizado adicional é necessário em váreas áreas, tais como: gerenciamento do setor público, governância, reforma política e melhor prática de participação em todos os setores. O aprendizado deve continuar, não somente com respeito às operações do Banco, mas também com respeito às operações dos demais - governamentais e não governamentais - bem como do setor privado. O aprendizado mais importante terá relação com o modo de construir o compromisso e a capacidade de operacionalizar as recomendações do Relatório.

5.4 - Mudança organizacional

Afirmamos a necessidade de um "*um processo de aprendizado paralelo (para o Grupo de Aprendizagem) quanto às implicações das mudanças organizacionais a partir da implantação de uma participação dentro do Banco, intercambiando experiências com o setor privado e outras agências de desenvolvimento*". Sugerimos que após consulta a diversas partes interessadas, o Banco escolha um pequeno grupo *independente* para este propósito. Entre outras coisas, o grupo deve analisar como os vários aspectos da cultura do Banco (valores, incentivos, recompensas, formas de operação, comunicações internas, critérios de recrutamento e promoção) atuam como estímulos ou desestímulos à participação, e fazer recomendações sobre como a cultura pode encorajar a participação.

5.5 - Fases do projeto e monitoramento

É nossa opinião que, para operacionalizar a recomendação 5 (III) (b), o Banco precisará, extraordinariamente, modificar muitos de seus procedimentos. Incentivamos o Banco a trabalhar com pessoal externo neste processo de estabelecimento e acompanhamento dos objetivos, para reforçar o ciclo do projeto para que o ciclo seja o servidor, não o patrão, do processo de desenvolvimento.

RECOMENDAÇÃO DO BANCO 6: **Liderança e capacitação no Banco**

Proporcionar acordos institucionais para supervisionar e apoiar a adoção de participação do Banco. **(i)**Estabelecer um comitê consultivo de alto nível, dirigido por um Diretor Gerente, com representação da gerência senior de vice-presidências regionais e centrais selecionadas para supervisionar a implantação de abordagens

participativas nos negócios do Banco, e para orientar revisões de *staff*, treinamento, orçamento e implicacões de mundança organizacional nesta implantação. **(ii)** Reafirmar os papéis e recorrer adequadamente às Vice-Presidências Ambientais de Recursos Humanos e um outro grupo de aprendizado de todo o Banco na participação para continuar proporcionando às lideranças identificar e promover novas técnicas participativas, e ao mesmo tempo engajando ativamente outras divisões e departamentos em suas áreas de competência característica. Por exemlo em colaboração com o DEC, instituir um programa de pesquisa sobre efetividade do custo da participação nos diferentes tipos de trabalho de desenvolvimento; e com PMD e EDI, determinar como expandir o treinamento do *staff* no desenvolvimento participativo. **(iii)** Reforçar a capacidade dentro das regiões para habilitá-los a continuar desempenhando um papel ativo na implantação da participação, colocando à sua disposição conhecimentos adicionais (como na recomendação 4), junto com fundos descentralizados para iniciativas de participação. Apoiar um grupo de aprendizado em participação de consultas inter-agências que aproxime o Banco de outras instituições (doadores, ONGs, institutos de pequisa e treinamento) para promover uma colaboração inter-organizacional nas áreas de aprendizado, liderança e capacitação, e divulgação de resultados de pesquisa.

RESPOSTA AO BANCO

6.1 - Comitê consultivo de alto nível. Afirmamos a necessidade de tal comitê.

6.2 - Aprendizado inter-institucional.

Concordamos com a recomendação 6 (iii) relativa ao apoio "*a um grupo de aprendizado consultivo inter-agências*" e convidamos a um diálogo futuro com o Banco sobre que confirguração o grupo deve ter.

6.3 - Custo

Nos alegramos em ver que um comitê de alto nível trabalhará (com o DEC) para instituir um programa de pesquisa sobre efetividade-custo da participação nos diferentes tipos de trabalho de desenvolvimento. Como o Relatório assinala, "*... os primeiros custos são mais prontamente reconhecidos do que os benefícios decorrentes*". Em suas recomendações no Encontro, Gunilla Also enfatizou que:

> "*... Existe ainda uma tendência geral (não somente no Banco...) de valorizar mais a entrada que a saída ou a repercussão. E, medir o progresso em termos de quanto se atendeu a estratégias instituídas e já determinadas... Nessas circunstâncias abordagens participativas acharão sempre dificuldades para competir*".

A pesquisa deve identificar completamente e avaliar os benefícios decorrentes - sociais e ambientais - e dar a esses benefícios o valor e o peso devidos.

IV - Participação e erradicação da pobreza

Erradicação da pobreza e esforços de participação devem reforçar-se mutuamente. O Diretor Gerente Sandstroom afirmou:

> "*A participação é um importante fim em si mesmo. Mas é também um meio - para um redução mais efetiva da pobreza. Isso lhe dá potência adicional. Um número crescente de pesquisas confirma que a participação pode ser altamente efetiva para ajudar as comunidades a superar as deficiências em diversos sistemas de economia e de governo*"

Partes Interessadas primárias - os pobres - normalmente precisam expandir a capacidade de melhorar suas próprias vidas através de uma participação efetiva nos esforços de desenvolvimento. A redução direta da pobreza deve andar de mãos dadas com o desenvolvimento participativo.

Apreciamos a simplicidade do recente Relatório do Banco, ***Redução da pobreza e o Banco Mundial - Progress in Fiscal 1993***, que documenta o progresso dos pobres e os verdadeiros erros em algumas áreas.

Como a redução da pobreza é uma proposta global do Banco, pedimos que o Banco comprometa-se à proposta mais fundamental para sua erradicação, ao embarcar no processo de implementação da participação. A esse respeito, incentivamos o Banco a: (a) Redobrar esforços para assegurar que os empréstimos ao setor social (que cresceram significativamente) atinjam e melhorem diretamente a vida dos pobres; (b) expandir fortemente a categoria e o programa dos investimentos dirigidos (PTI), que aumenta o acesso dos pobres ao capital produtivo; (c) como parte da aprovação da Diretoria de cada programa de ajuste, demostrar como o programa protegerá e beneficiará os pobres; e (d) analisar amplamente se e como a estratégia do Banco de crescimento do trabalho intensivo para reduzir a pobreza consegue reduzir a vulneralbilidade dos pobres.

"*Avaliacões de Pobreza Participativas*" (PPAs) são uma inovação bem vinda; são potencialmente muito mais que instrumentos participativos para coleta de dados. Recomendamos que o Banco: (a) proporcione fundos de seu orçamento central para que todas as avaliações da pobreza possam ser participativas; (b) Engajar os pobres em identificar os seus próprios indicadores de pobreza e vulnerabilidade; (c) assegurar que ESW, planos de ação ambiental de avaliação de pobreza produzam estratégias que sejam caracteristicas-chave da estratégia de assistência de cada país; (d) trabalhar com um grupo de partes interessadas para comparar a natureza das análises e estratégias participativas e não participativas.

V - Conclusão

O Banco merece elogio por seu Relatório. Sugerimos algumas emendas às suas recomendações.

O principal desafio será a implantação da participação - "*o de colocar em prática o combinado*".

No curso dos próximos dois anos, estaremos acompanhando de perto o processo do Banco para operacionalizar as recomendações. Gostaríamos de ter um diálogo com o Banco sobre os tipos de indicadores que possam avaliar adequadamente o progresso com respeito às recomendações do Relatório e deste Adendo.

Sugerimos um novo encontro com nossos colegas de Banco em meados de 1996, para compartilhar novos aprendizados que tenham emergido da operacionalização das recomendações sobre participação. No final de 1996, a Diretoria deverá rever o progresso e as recomendações, baseada nos novos aprendizados.

CEDIM CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR - UFRRJ

Armas sumidas podem estar com UDR

As armas que desapareceram do rebocador Nobister em março — quando a Polícia Federal descobriu um carregamento de 6 toneladas de armamentos e equipamentos militares, que saíram da Argentina com destino a Gana, — podem estar nas mãos dos fazendeiros da UDR (União Democrática Ruralista). A Polícia Federal foi acionada e está investigando o caso.

A suspeita foi levantada após se constatar a presença de dois oficiais reformados da Marinha argentina — representantes da empresa proprietária do rebocador — a bordo do navio durante os dias em que ele ficou fundeado clandestinamente em Itaipu, Niterói. Um deles, Oscar Lattuada, fez duas ligações para São Paulo: para a Agropecuária Lugomes Ltda., pertencente ao fazendeiro Luís Eduardo Gomes, e outra para Benedito Tella Maggiora. As ligações foram feitas antes da chegada da polícia ao barco.

Quase dois meses depois da entrada do Nobistor em águas brasileiras, descobriu-se que parte do armamento foi desembarcado aqui: duas metralhadoras, seis pistolas, duas escopetas, duas granadas de boca para fuzil e farta munição. (Página 21)

As armas que sumiram do rebocador Nobistor, em março, quando a Polícia Federal encontrou carregamento de seis toneladas de armamentos e equipamentos militares, que saíram da Argentina com destino a Gana, podem estar em mãos de fazeneiros da UDR — União Democrática Ruralista. A Polícia Federal foi acionada e investiga.

A suspeita foi levantada depois de se constatar a presença de dois oficiais reformados da Marinha argentina — representantes da empresa proprietária do rebocador — a bordo do navio durante os dias em que ele ficou fundeado clandestinamente em Itaipu, Niterói. Um deles, Oscar Lattuada, telefonou para fazendeiros em São Paulo, antes da chegada da polícia ao barco.

A suspeita

O inquérito instaurado pela Polícia Federal está com o mesmo delegado que investigou a chegada do rebocador, apreendeu o carregameno de armas e prendeu toda a tripulação. Quase dois meses depois da entrada do Nobistor em águas territoriais brasileiras, as autoridades descobriram que parte do armamento fora desembarcada em território brasileiro: duas metralhadoras, uma submetralhadora, seis pistolas, duas escopetas, duas granadas de boca para fuzil, além de farta munição, "que daria para abastecer um batalhão".

O episódio da apreensão das armas está encerrado, com os tripulantes condenados e cumprindo penas. Mas relatório do Serviço Secreto da Marinha — provando que os argentinos Oscar Garcia Lattuada e Luiz Cabut estiveram a bordo do Nobistor várias vezes antes da chegada da Polícia Federal, mantiveram encontros em escritório na Rua Primeiro de Março e ligaram para fazendeiros em São Paulo — levou as autoridades a pedirem à Polícia Federal a abertura de inquérito para apurar os fatos.

O Serviço Secreto da Marinha obteve dados sobre o envolvimento do cabo Luís Tadeu Olegário dos Santos com os tripulantes do Nobistor. Ele havia conhecido Oscar Lattuada, quando este se hospedou no Hotel de Trânsito da Marinha, entre 11 e 13 de maio do ano passado. O cabo serviu a Oscar como motorista, pois tem um Opala branco, placa OZ 6669, e nas horas de folga o aluga. Em 1986, Oscar voltou ao Brasil (dia 11 de março), justamene quando aqui chegava clandestinamente o Nobistor. Ele veio com a mulher, Maria Rita, um filho e Luís Cabut. Oscar ficou novamente no Hotel da Marinha e seu amigo foi para outro hotel, por falta de vaga.

Dia 12, Oscar e Luís Cabut foram a uma casa de câmbio — Loja Cambitur, em Ipanema, — trocar dólares e depois para Itaipu, onde entraram no Nobistor, ancorado ilegalmente ao largo. Quem os levou foi o cabo Luís Tadeu. Nesse dia, o cabo levou a Niterói dois dos norte-americanos, um dos quais era Robert Dee Early. Em Niterói, o americano fez várias ligações para o exterior. Nos dias 13 e 14, Oscar e Luís foram servidos por outro motorista, Artur Deolindo de Jesus, no táxi TM 2086. Por duas vezes, Oscar foi ao Nobistor e conversou com a tripulação.

Dia 13, Luís Cabut deixou o Brasil e dia 15, pela manhã, o cabo foi procurado por Oscar, que lhe exigiu jornal que noticiava a prisão dos tripulantes. Foi então ao Hotel Glória e depois ao Consulado argentino. O cabo, no Serviço Secreto da Marinha, negou que tenha retirado sacos ou caixas com armas do navio e disse não saber sobre internamento de material bélico em território brasileiro.

Os telefonemas

A Polícia Federal descobriu em 14 de março, o Nobistor em águas brasileiras e fez a apreensão, encontrando o armamento. A partir da apreensão, o argentino Oscar Lattuada não mais foi encontrado. Em levantamento no Hotel de Trânsito da Marinha, o Serviço Secreto constatou que Oscar havia feito, entre 11 e 15 de março, cinco ligações telefônicas: três para Buenos Aires e duas para São Paulo. Para a Argentina, Oscar ligou para 743.9639, 312.7591 e 983.8445. Para São Paulo as ligações foram para 0182 711774 (Presidente Venceslau) e 011521-0226 (Santo Amaro). Os agentes descobriram que o telefone 711774, de Presidente Venceslau, pertence à Agropecuária Lugomes Ltda, sediada na Fazenda Clotildes. A fazenda pertence a Luís Eduardo Gomes, que esta semana veio ao Rio de Janeiro. O telefone 521-0226 pertence a Benedito Tella Maggiora, que mora em Santo Amaro, na capital paulista.

Nas investigações, uma pergunta ficou no ar: por que os dois argentinos, que vieram ao Rio com a missão de regularizar a situação de seu navio, procuraram fazenderios em São Paulo? E por que foram abertos várias caixas e retiradas armas? Para a polícia, só há uma explicação: o armamento que desapareceu foi internado em território brasileiro.

As diferentes versões

O Nobistor chegou ao Brasil em 11 de março, sob o comando do capitão Eduardo Oscar Gilardoni. Ele havia saído da Argentina dia 1º de março, com destino a Gana, com carregamento de seis toneladas de armas e equipamentos militares. Conduzia 10 tripulantes e oito mercenários norte-americanos, todos veteranos da guerra do Vietnã. Dez dias depois, o navio mudou a rota e entrou em águas do Brasil ilegalmente, ficando fundeado em frente à praia de Itaipu.

A decisão do ingresso clandestino no país foi tomada pelo escritório da empresa armadora, em Buenos Aires, e transmitida via rádio ao capitão Gilardoni. Isso porque o comandante e o chefe do grupo de mercenários — John Dee Early — se desentenderam. O capitão alegou que havia avaria na casa de máquinas e por isso decidiu ingressar em águas brasileiras; Dee Early disse que tomou a decisão de mandar o navio vir para o Brasil porque descobriu que o armamento não era para o governo de Gana e sim para guerrilheiros. A Polícia Federal só descobriu o navio porque o consulado norte-americano tentou regularizar a situação dos mercenários "e acabou dando a localização do Nobistor".

JORNAL DO BRASIL — Pág. 21, de 07/09/1986.

SENADOR DENUNCIA DINHEIRO NORTE AMERICANO

O SR. JAMIL HADDAD – Agradeço o aparte de V. Exa. e quero deixar consignado, também, que recebi uma documentação – não sou de fazer acusações sem provas –, estou procurando analisar, em profundidade, os dados que recebi, que me parecem ser de extrema gravidade, dados levantados por uma empresa jornalística americana de que atrás dos dólares do Irãgate, atrás da ajuda aos "contras" da Nicarágua, existia um chamado plano da democracia e que através de organismos – não estou colocando como fato concreto porque não tenho provas, é a citação de uma revista americana – através da Confederação das Associações Comerciais do Brasil tendo a frente o Sr Amaury Temporal, e o Sr Teófilo Azeredo da Fenabam; da Ordem da Cruz de Malta, tendo à frente o Príncipe Orleans e Bragança, teria entrado neste País, para eleições de parlamentares ligados aos interesses do capitalismo internacional, dinheiro arrecadado na operação para os "contras" da Nicarágua, teria entrado, tambem, neste País, dinheiro, como ocorreu com o IBAD no passado, Instituto Brasileiro de Ação Democrática, para fazer uma bancada majoritária na época da Constituinte. Estou compilando dados, estou apenas dizendo o que li e os dados que tenho de uma revista americana. Parece-me de extrema gravidade; não sou de fazer acusações sem provas, estou apenas citando fatos denunciados por essa revista e está havendo, inclusive, apuração pelo Senado dos Estados Unidos da América, em profundidade, a respeito da apuração do chamado escândalo do Irãgate, e que propiciou uma grande quantidade de dólares através do Cel. Oliver North.

Queria apenas deixar consignado este fato e dizer que estou aguardando novos dados para poder trazer, realisticamente, a esta Casa.

Quero dizer que o Movimento de 1964 me pareceu extremamente inteligente, foi muito bem feito. Durou 21 anos, e, agora, na hora da feitura da Constituição, querem mantê-la extremamente retrógada, na manutenção dos grandes interesses dos grupos capitalistas nacionais e internacionais, em detrimento da população sofrida e das reformas sociais que desejamos neste País. (Palmas.)

Durante o discurso do Sr. Jamil Haddad, o Sr. Dirceu Carneiro, 3o. Secretário, deixa a cadeira da Presidência, que é ocupada pelo Sr. Humberto Lucena, Presidente.

FONTE: Diário do Congresso Nacional – 26.05.87

As acusações do deputado. A CIA.

Com alguma surpresa e muitas palmas, cerca de mil delegados que assistiam ao encerramento do Congresso Estadual do PMDB ouviram o deputado federal João Hermann Neto acusar a CIA, agência da inteligência norte-americana, de envolvimento com a Constituinte. E em seguida, levantar suspeitas sobre a fatalidade do acidente de avião que matou o ministro da Reforma Agrária, Marcos Freire, e a diretoria do Incra.

Ele afirmou que parte dos dólares arrecadados na operação Irã-Contras foi desviado pela CIA para o Brasil, e empregado no financiamento de esforços por uma Constituinte do agrado dos Estados Unidos, segundo depoimento secreto do coronel Oliver North ao Congresso norte-americano.

Depois de falar nesse caso, o deputado Hermann Neto pediu uma investigação "rigorosa" do acidente com Marcos Freire.

E levantou uma série de questões: "Onde estava o ministro da Aeronáutica quando houve a queda do avião? Estava na embaixada americana de onde saiu três horas depois, às 22h20' "Por que o piloto do avião que deveria levar Rafael de Almeida Magalhães (ministro da Previdência) para o Rio na última hora foi deslocado para levar a cúpula da reforma agrária?" "Por que a tripulação do HS naquele dia foi afastada e recolhida por três horas em um hotel de Carajás?" Segundo o deputado, até a direção da reforma agrária se rearticular, a Constituinte já terá concluído seus trabalhos, sem que ninguém do Ministério esteja presente nessa fase decisiva. "Por esses detalhes, o PMDB deve exigir apuração rigorosa", afirmou João Hermann Neto.

FONTE: JORNAL DA TARDE – 14.09.87

AVALIAÇÃO dos TRABALHOS de 1977



CLUBES de MÃES - SETOR CAPÃO REDONDO



CLUBES de MÃES - SETOR CAPÃO REDONDO

AVALIAÇÃO

dos

TRABALHOS

de

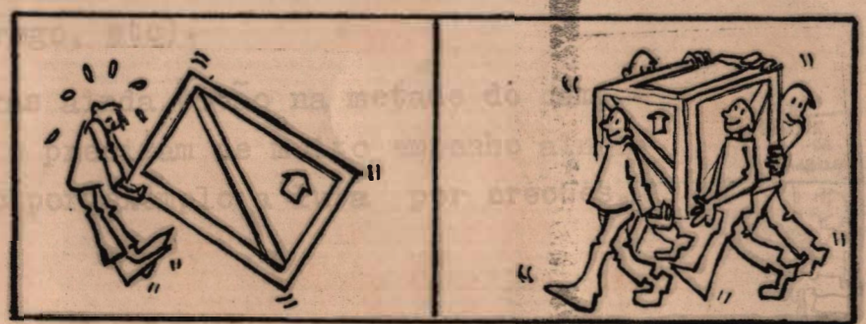
1977

O QUE FAZER DAQUI PARA FRENTE ?

VAMOS voltar a discutir nos grupos os problemas e as sugestões que já saí - ram, e outros ainda;

Vamos ter uma reuinão geral de todos os clubes para discutir as idéias e propostas de trabalho;

Vamos fazer um planejamento para 78, tendo em vista sempre uma melhor organização nossa e uma maior participação de outros em nossos trabalhos.



JÁ SAÍRAM ALGUMAS SUGESTÕES
para enfrentar algumas dessas falhas:

+ fazer uma reunião mensal só re - creativa
+ fazer uma pesquisa para ver o que o pessoal dos grupos realmente quer
+ fazer mais visitas, conversar mais (diálogo)
+ fazer "coisas novas" para atrair mais pessoas (cursinhos, festas com as famílias, exposições, caderno de receitas)
+ organizar lazer e lanche para as crianças
+ cada reunião uma mãe cuidar das crianças
+ dar mais responsabilidade a cada um
+ organizar um clube de meninas (bordado, pintura, etc)

AVALIAÇÃO DOS CLUBES DE MÃES

Setor Capão Redondo

Nós, participantes dos Clubes de Mães do Setor Capão Redondo, pensamos juntas, no fim do ano passado, sobre os trabalhos que fizemos.

Preparamos e respondemos, nos grupos, 13 perguntas para avaliar:

* em que o clube serviu para cada uma de nós pessoalmente,
* em que o clube serviu para o trabalho geral dos bairros onde moramos,
* e quais foram nossas vitórias e nossas falhas.

Neste folheto está o resultado dessa avaliação.

São Paulo, Março de 1978.

antes...

O QUE AS MULHERES PENSAVAM DO CLUBE ?

POR QUE VINHAM PARA AS REUNIÕES ?

Vinham só por curiosidade,
por insistência de convites.
Vinham para bater papo,
para fazer amizade,
para se distrair, se divertir,
para sair de casa,
para ser mais feliz,
para unir o povo, colaborar,
para melhorar o bairro,
para lutar pelo bem comum,
para melhorar as coisas erradas,
para conhecer as coisas.

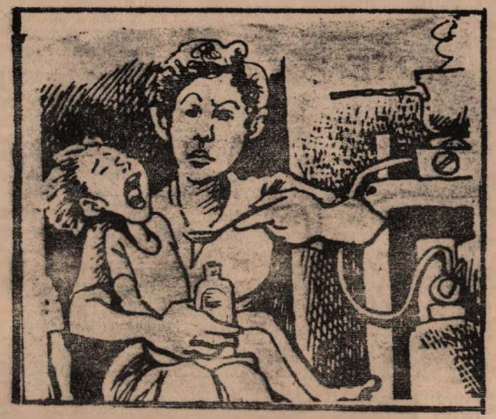
Vinham porque

achava que era um lugar de gente bacana;
que era escolinha para as mães,
mas não pensava que era tão séria;
pensava que era lugar de passear com os filhos,
lugar de dialogar, de dar e receber,
lugar onde se esquecem os problemas de casa.

Outras falhas:

* as crianças atrapalham (não há quem tome conta; falta local para brincarem)
* dificuldade em coordenar as reuniões
* falta de organização
* trabalhos manuais mal acabados
* falta de local para as reuniões
* falta de cooperação dos maridos
* falta de cooperação dos padres
* não há tempo para discutir os vários assuntos que chegam até o clube
* pessoas que coordenam não dão oportunidade para outras
* falta de oportunidade para abertura de problemas pessoais
* o clube exige muito e dá pouco
* reuniões cansativas, demoradas
* falta de animação.





MAS... NEM TUDO SÃO FLORES!

HÁ TAMBÉM OS "OSSOS DO OFÍCIO"

e as falhas mais apontadas nos trabalhos deste ano foram:

* falta de participação de algumas mulheres;
* desistência
* falta de pontualidade
* mulheres que aprendem os trabalhos manuais e não voltam mais ao clube
* dificuldade de muitas em partici - par das discussões (fogem do assu

e depois...

O QUE É O CLUBE PARA AS MULHERES HOJE?

É uma família, um segundo lar,
uma comunidade;
é responsabilidade,
também é diversão.

É um lugar onde a gente se valoriza e dá valor aos outros;
onde se aprendem coisas úteis para a casa;
onde se fica mais calma, onde se recebe carinho e apoio;
onde se acorda para a vida.

É pesado porque compromete demais as pessoas.



Para a pergunta

"O CLUBE AJUDOU VOCÊ ? COMO ? ",

as duas respostas que mais apareceram foram:

ajudou a me sentir mais importante, a me valorizar;

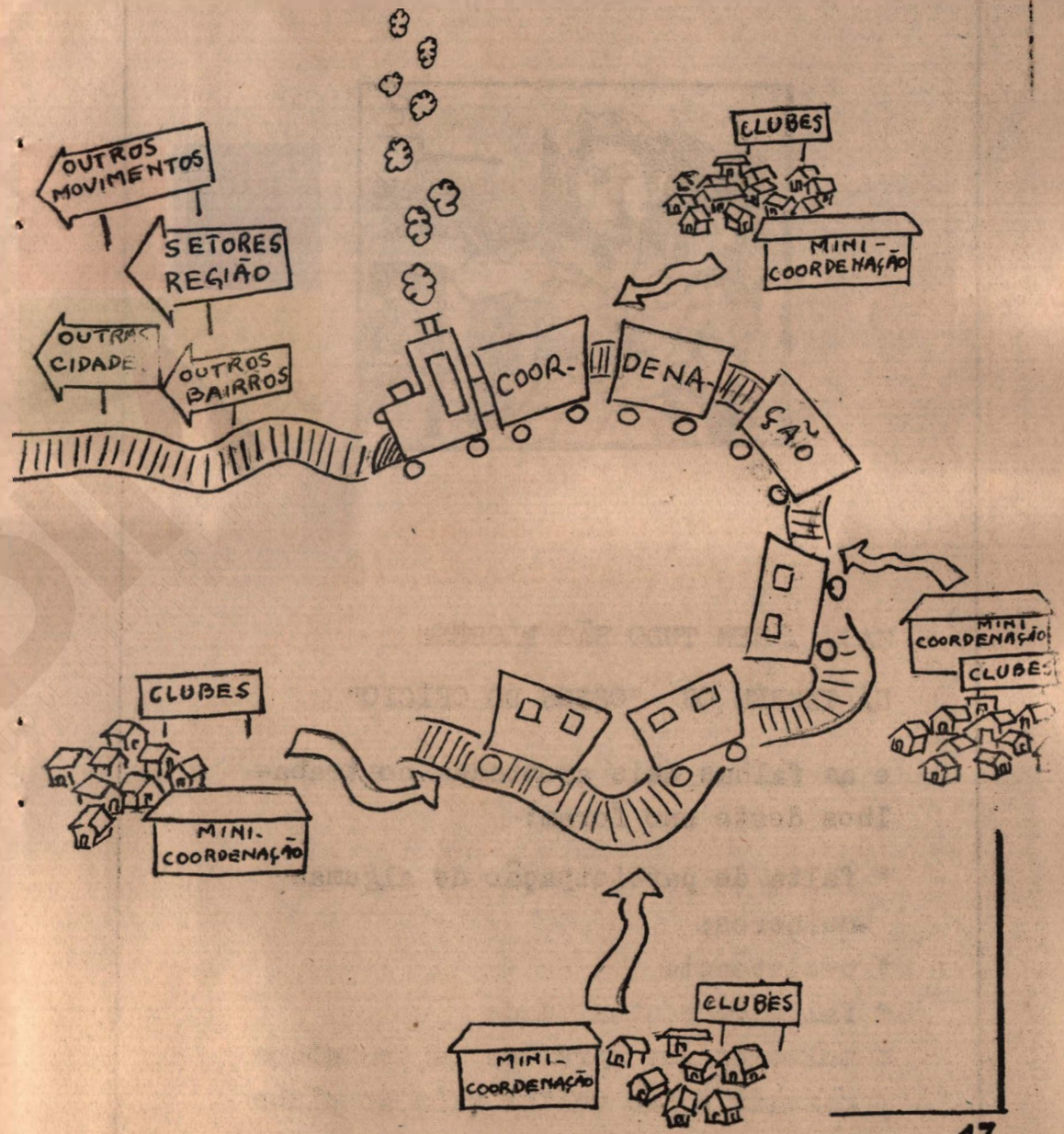
ajudou a fazer mais amizades.

Outras respostas foram:

ajudou a conhecer vários lugares, outros clubes;
ajudou a relaxar os nervos.
Ensinou a ser mais livre e ter coragem de enfrentar a vida,
a exigir nossos direitos,
a orientar os filhos,
a conversar com os filhos e o marido,
a me relacionar com os outros,
a receber visitas.

Algumas mulheres responderam que o clube ajudou no começo, mas agora está atrapalhando a família porque têm que sair muitas vezes de casa.

COMO FUNCIONAM OS CLUBES ?



Para onde vai o dinheiro:

* para uso do clube na compra de material (lã, tintas, linhas, agulhas , tecidos, espuma, jornais, revistas, livretos, papéis, enxoval e presentes para recém-nascidos, etc).
* empréstimo para as próprias mulheres dos clubes para compra de gás, remédio, condução, alimentação, construção de barracos, etc .
* contribuição para as paróquias e para construção de centros comunitários
* colaboração com outros movimentos no bairro e fora do bairro (creche, escolas, custo de vida, etc)
* condução para as mulheres que participam de tarefas fora do bairro.



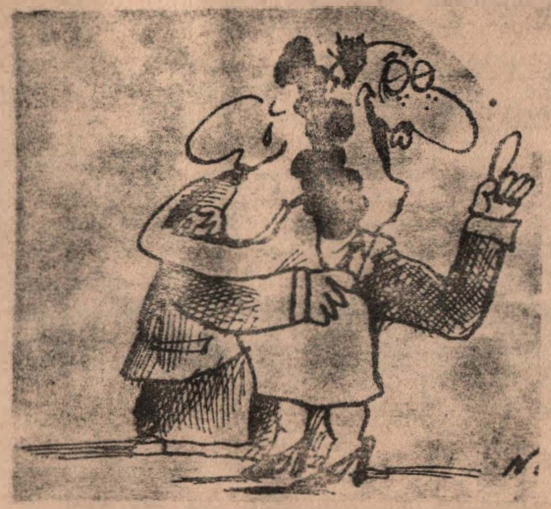
O QUE ESTÁ ATRAPALHANDO A VINDA DAS MULHERES AOS CLUBES ?

Em primeiro lugar, o que vem atrapalhando mais é:

* doença da própria mulher ou na família;
* falta de ter com quem deixar as crianças;
* incompreensão do marido ou da família;
* trabalho da mulher fora de casa (muitas trabalham por dia, em casa de família).

Há outros motivos:

falta de vontade, outros compromissos, muito barro nas ruas em dias de chuva, horário de escola dos filhos, construção em casa, serviços de casa, férias e viagem, gravidez, fofocas, falta de local para as reuniões.



E POR QUE MUITAS DESISTEM ?

a maioria de quem desiste vem só para aprender trabalhos manuais e não gostam de discutir problemas ; o trabalho dos clubes exige luta e responsabilidade.

Outras desistem porque a situação financeira obriga a trabalhar fora.

Muitas têm problemas com o marido e crianças pequenas.

Há também falta de interesse, ou medo de se comprometer.

A NOSSA CAIXA COMUM

A maioria dos clubes organizou uma Caixa Comum que funciona assim:

Como entra o dinheiro:

* quem participa do clube dá uma mensalidade.
  Essa contribuição é espontânea: dá quem pode e o quanto pode.

* há também o dinheiro que vem da colaboração entre as próprias mulheres: fazem trabalhos manuais que são vendidos no bazar, organizado por elas mesmas .

Serviços dos clubes aos bairros:

Colaboração na construção de salão comunitário, galpões e igrejas; criação de pré-primário e cursos de alfabetização.

Visitas às famílias dos bairros:

para mulheres que se afastaram dos clubes, para novos convites, para trabalhos de reivindicação, para organização de reuniões por ruas (pelo Movimento do Custo de Vida).

Atividades religiosas:

organização de missas e cultos comunitários nos bairros, vias-sacras, novenas de Natal, Missa do dia das Mães, festa de Natal.



O que foi mais importante?

o trabalho em benefício de todos ;
as comemorações em conjunto, como Dia das Mães, 1º de Maio;
o crescimento juntos, a união e a amizade, os papos e desabafos, a confiança, a valorização do ser humano, a comunicação;
a conscientização das pessoas,
as lutas pelo Movimento Custo de Vida por creches, escolas, postos de saúde e outras;
os cursos de orientação familiar, higiene, educação sexual;
a chance de aprender e ensinar;
o lazer;
a responsabilidade de cada um pelos clubes;
os trabalhos de visitas à favela;
as novenas de Natal.

e tem mais →



A participação nos clubes e nos trabalhos

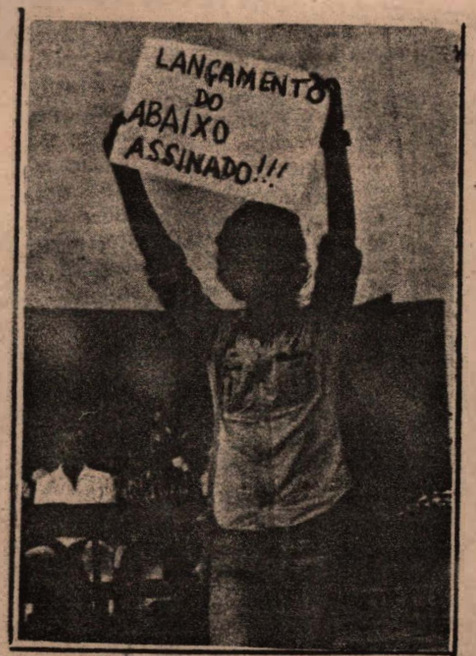
* dá entusiasmo, une as pessoas;
* ajuda-nos a crescer, a ter mais consciencia;
* valoriza a mulher, ajuda a mulher a assumir seu papel na sociedade, além do papel de simples dona de casa;
* favorece o progresso dos outros.

Participação dos clubes em outros movimentos:

Missas e encontros de Direitos Humanos, Dia Internacional da Mulher, Assembléias dos Setores, palestras de alguns clubes em outros bairros, outras cidades e outros estados, visitas entre os clubes, participação no Movimento do Custo de Vida.

Estudos:

treinamentos, curso de técnicas áudio-visuais, curso de orientação para as mães dos bairros (educação sexual e orientação de filhos), cursos de leis trabalhistas.



AQUI VAI UMA LISTA DE TODOS OS TRABA - LHOS DOS CLUBES:

Trabalhos manuais:

crochê, tricô, corte e costura, pintura, arte culinária, flores, bordado.

Trabalhos de reivindicação e melhorias:

(veja lista na página anterior)

Lazer:

passeios, shows, festas de Natal.
Foi muito positiva a festa de Natal com participação dos maridos, pois muitos deles passaram a entender o trabalho a partir daí.

Meios de arrecadar fundos e unir os moradores dos bairros:

festas juninas, churrascos, bazar, jantar.



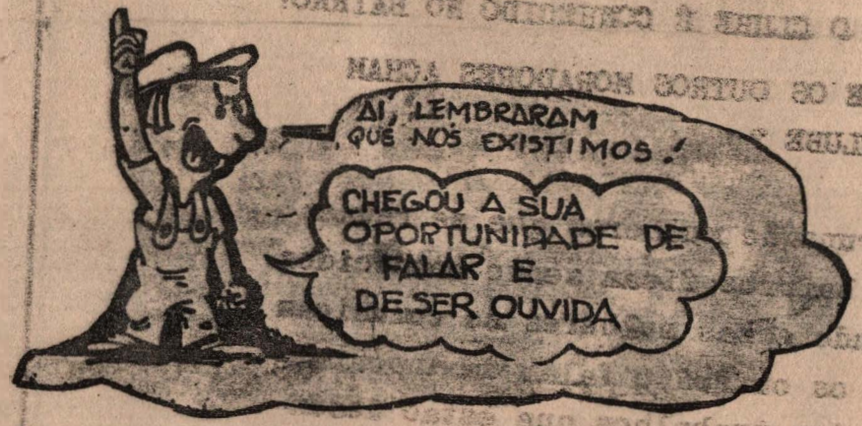
E... O CLUBE É CONHECIDO NO BAIRRO?

O QUE OS OUTROS MORADORES ACHAM DO CLUBE ?

Os grupos de mulheres que se reunem nos bairros ficam sendo conhecidos quando essas mulheres se comunicam com os outros e falam da importância dos trabalhos que estão desenvolvendo.
Ficam conhecidos também quando fazem trabalhos abertos para os bairros, como por exemplo bazares e trabalhos de reivindicações, junto com os outros.

Em alguns bairros os moradores conhecem os trabalhos dos clubes, mas criticam. As críticas que mais aparecem são:

nos clubes se mistura religião com política;
o clube é lugar de mulher desocupada;
o clube é lugar de aprender e ensinar trabalhos manuais e não lugar de discutir problemas.



Na avaliação já saíram algumas respostas a essas críticas:

antigamente os problemas dos bairros e da sociedade ficava nas mãos só de alguns políticos, e só nossos. Hoje, sabemos que esses problemas são de responsabilidade de todos e também das pessoas ao nosso redor. Se as outras criticam é porque não entendem o que está sendo feito, ou porque acomodam.

O esforço de participar é um valor do nosso trabalho e, aos poucos, vai sendo entendido pelas pessoas dos clubes e dos bairros.

QUAIS SÃO OS TRABALHOS DOS CLUBES ?



A grande maioria dos clubes fazem trabalhos de reivindicação e melhoria nos bairros, junto com :

* outros clubes
* outros grupos das paróquias
* algumas sociedades amigos de bairro.

Que reivindicações e melhorias?

* creches, escolas, cascalho nas ruas, coleta de lixo, feiras-livres, luz, ônibus, posto de saúde, farol na saída da escola, limpeza de córrego, lutas contra loteamentos clandestinos, denúncias à imprensa de situações injustas.



Dessas lutas, muitas já foram vitoriosas e devem continuar para que se estendam a outros bairros(escola, cascalho, coleta de lixo, feira, limpeza de córrego, etc).

Outras ainda estão na metade do caminho e precisam de muito empenho ainda, como por exemplo a luta por creches.





BOLETIM

ATUAIS E ANTIGOS JOCISTAS

NO.2 - OUTUBRO/94

25 DE AGOSTO DIA INTERNACIONAL DA JOC

Foi realizada no dia 25 de agosto, na Igreja de Santa Ifigenia, a missa comemorativa do Dia Internacional da JOC. Foi um momento rico de reflexão e partilha do que é e do que está sendo a JOC em nossas vidas. Um aspecto que marcou muito, foi a reflexão do Pe. Dario ao afirmar: "A JOC tem que mudar para ser a mesma. Nunca perder de vista suas características, pois se perder uma delas, deixa de ser JOC. Trazer sempre consigo o método **ver, julgar e agir."**

Confraternização: Troca de Experiência e Festa

No dia 27 de agosto, os atuais e antigos militantes voltaram a se encontrar para um momento de partilha e troca de experiência.

Teve futebol, bate-papo, volei, lanche comunitário, celebração com a apresentação da trajetória histórica da JOC, desde seu início em 1930, até os dias de hoje.

Brincamos, cantamos e celebramos procurando recuperar aqueles momentos ricos da participacão de cada um, num período da história do movimento.

O resumo do que foi a trajetória do movimento, é apresentado como anexo deste boletim. Assim, todos terão a oportunidade de saber um pouco o que foi a JOC nestes sessenta anos de Brasil.

Confraternização dos antigos jocistas do R.G.do Sul

Dia 25 de junho, por ocasião da passagem do Pe. Agostinho Pretto, ex-assistente nacional e latinoamericano da JOC por Porto Alegre, os antigos jocistas se reuniram num almoço de confraternização e falaram sobre suas novas experiências. Eram mais de cincoenta antigos jocistas.

Em Memória

Faleceu no dia 20 de agosto último, **MALVINA RODRIGUES VIEIRA,** ex-jocista. Em toda sua vida, viveu o ideal jocista, na família, trabalho e sociedade.

Na família, ajudou seus pais a criar e formar outros filhos, que não os seus. No trabalho, conquistou muitos militantes. Na JOC de Santana, foi dirigente.

Foi fundadora e pertenceu à diretoria da CROPH - Coordenação Regional das Obras de Promoção Humana.Pertenceu à diretoria da Cáritas Arquidiocesana .

Juntamente com outros antigos jocistas, fundou a Casa de Cardijn, em Ubatuba com a finalidade de reunir antigos e atuais jocistas em férias ou estudos.

Participou da fundação da Creche em Santana, da qual foi presidente.

Fazia parte do grupo de antigos jocistas e demais leigos, na Casa de Santa Zita, pertencendo à equipe dirigente.

Na região de Santana, tomava parte do movimento de evangelização, sendo o braço direito do Bispo D. Joel.

Sempre foi ótima colaboradora, com posições democráticas e de profunda espiritualidade, estabelecendo desta maneira, a união entre os participantes.

Padre Melanson

Ao registrarem-se os dez anos do falecimento do Pe. Oscar Melanson, no último dia 11 de setembro, sua figura permanece viva na memória dos antigos jocistas que tiveram a felicidade de conhecê-lo de perto, absorvendo os seus ensinamentos que, como ninguém, sabia transmitir, através de sua personalidade marcante. Profundamente alegre, ao falar sobre a mística jocista, transmitia toda sua fé e confiança na juventude trabalhadora.

Sacrificou grande parte de sua vida abrindo mão da convivência na sua comunidade, a Ordem de Santa Cruz, para viver na casa da JOC e estar em contato direto com os jocistas e jovens trabalhadores.

Padre Melanson, com seu trabalho, veio completar a ação do padre Roberto, então assistente da JOC desde sua fundação. Ambos dedicaram suas vidas ao movimento.

Foi assistente da JOC na Capital, regional pelo estado de São Paulo e do Nacional, como também, assistente Latino-Americano.

A JOC deve muito aos assistentes pioneiros do Movimento, graças a quem continua sua caminhada até os dias de hoje.

JOC Hoje

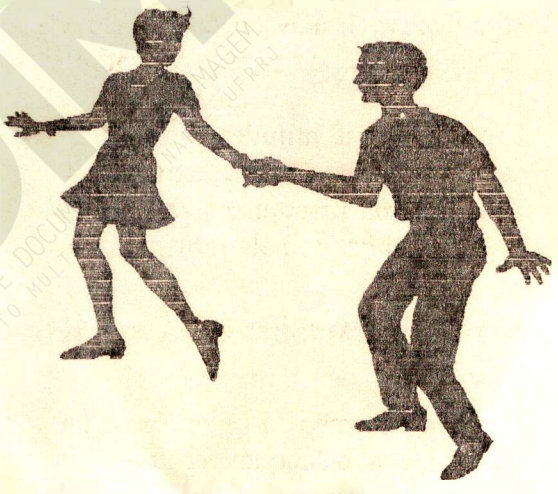
Aconteceu nos dias 8 a 11 de outubro, o encontro nacional da JOC Brasileira, para discutir a Revisão da Declaração de Princípios do Movimento (D.P.).

Este encontro faz parte de um processo em curso a nível internacional e será concluido no Conselho Mundial da JOC, no próximo ano, na África do Sul.

Tem como objetivo atualizar e adaptar a JOCI, aos desafios que a realidade apresenta ao Movimento.

A Declaração de Princípios é um documento de referência da JOCI e foi aprovada no Conselho Mundial de Linz, na Austria, em 1975. É o resultado de um processo desenvolvido pelos movimentos dos diversos, paises à partir das suas experiências e foi motivada principalmente pela ausência de Cardjin , pois, quando em vida, era êle quem dava unidade ao movimento.

O objetivo neste momento, é garantir que a JOCI siga como um movimento fiel ao seu objetivo de formação e organização dos jovens trabalhadores, com eles e para eles.



JOC em Santos

Foi realizada na sede da JOC, em Santos, uma festa-baile, com a participação de mais ou menos cem pessoas. Estiveram presentes alguns antigos militantes da JOC de Ribeirão Pires, Sorocaba, Mauá e da Coordenação Nacional.

O objetivo da festa era uma confraternização e marcou também a retomada da JOC na cidade.

Que viva a JOC!

Jenny & Carlão

Realizadas as Bodas de Prata da Jenny, a Baixinha do Taboão com o Carlão, comemoradas no último dia 28 de agosto. Muitas felicidades aos casal cuja passagem pelo movimento, deixou um testemunho muito forte. O compromisso do Carlão e da Jenny, faz com que ainda hoje dêem apoio e ajuda a várias iniciativas da JOC.

Campanha Financeira

Com relação aos esforços que vem sendo feitos para conseguir o suporte financeiro do movimento, queremos registrar a significativa ajuda prestada pela Ordem de Santa Cruz, na pessoa do padre Lionel Corbeil, do Colégio Santa Cruz. Esperamos que atitudes como esta, sejam seguidas por outras entidades que acreditam na juventude trabalhadora e no trabalho realizado pelo movimento.

Repercussão do Boletim

De mão em mão, o boletim foi parar na Bélgica, com o Jacques Jerome. O Jacques foi contemporâneo da Emilia Zanardo e da Cida Nassif, nos anos quarenta e cincoenta, aqui no Brasil. Enviou-nos uma carta muito interessante, da qual reproduzimos alguns trechos

"É com muita emoção e grande alegria que eu tomei conhecimento deste no. 0 do Boletim".

"Felizes somos nós (jocistas), que recebemos esta mensagem, a verdadeira mensagem de libertação! Viva o Boletim da JOC que transmite e propaga esta mensagem, por isto penso que o nome do Boletim, deveria ser simplesmente BOLETIM DA JOC, sem referência a antigos ou atuais jocistas".

"Encontrei em cada um deles (Lourdinha e Adevair, da Coordenação Nacional, que acabaram de chegar da Bélgica, onde contaram com o Jacques como tradutor), toda a juventude trabalhadora do Brasil. Senti-me novamente jovem como nos anos cincoenta. Foi uma grande alegria, uma saudade imensa. Obrigado a vocês, JOCistas do Brasil. Mais do que nunca, isto é melhor do que antes, formarmos um só corpo, um só coração, uma só alma. Viva a JOC! Viva Cardjin!".

Obrigado Jacques. Você também nos emocionou.

Campanha de Cadastramento

Estamos lançando uma campanha para aumentar o cadastro de antigos jocistas.

Atualmente contamos com duzentos nomes cadastrados, o que é muito pouco se imaginarmos a quantidade de militantes que passou pelo movimento ao longo da sua história.

Portanto, se você está recebendo normalmente nossa correspondência, apresente **mais um nome** para o nosso cadastro. Basta telefonar para (011) 605-5146 e deixar os dados, inclusive CEP, com a Ivonete ou Izilda, ou escrever para o enderêço abaixo.

NOTA: Bartolo Perez, de Porto Alegre, enviou-nos, 35 nomes e endereços de antigos jocistas, os quais passam a receber o boletim à partir deste número.

O Brasil que nós Queremos

Noticiou-se no início de setembro que fiscais da Prefeitura de São Paulo, estavam retirando das ruas, os objetos pertencentes aos mendigos no intuito de "limpar" a cidade.
No Japão, conta-se que devido ao grande avanço tecnológico, é comum encontrar no lixo, aparelhos de som, vídeos e televisores, em boas condições e com menos de 3 anos de uso. Joga-se fora para comprar o último modêlo.
Estes fatos nos levam a refletir sobre a realidade brasileira em sua totalidade. Nos últimos anos tem-se feito discursos e adotado políticos que visam inserir ainda mais o Brasil no cenário Mundial.
Já nos anos noventa, o Brasil encarna em si, a globalidade do mundo com todas as suas contradições. De um lado é o telefone celular, o carro importado, a alta das ações na Bolsa de Valores, as viagens turísticas à Disneylândia ou para assistir à copa do mundo, etc. De outro lado, são os 32 milhões de miseráveis, as filas de aposentados do INSS, a morte nas filas e corredores dos hospitais, as crianças na rua por falta de escola, o salário mínimo de minguados setenta reais ao mês e o aumento do desemprego.
Mas a economia vai bem.
Os bancos, a indústria automobilística e a farmacêutica, obtiveram lucros astronômicos. As passagens de ônibus urbano custam os "olhos da cara" e o real vale mais que o dolar! Nosso futuro é o primeiro mundo e só não vê quem não quer.
Diante deste quadro, como enfrentar a situação? Qual deve ser a responsabilidade dos governantes e parlamentares recém eleitos?
Pode-se "limpar" e embelezar as cidades eliminando a sujeira ou quem a provoca (massacre da Candelária, do Carandiru, etc.). A culpa é sempre dos empobrecidos.
Na campanha eleitoral, quantas vezes não ouvimos a expressão; "No meu govêrno...
Se eu for eleito... vou dar um basta nesta situação!"
Vivemos um momento de grande expectativa. O povo também vive na esperança de dias melhores. Porém, não dá para esperar e depois constatar que "o tempo passou na janela". É preciso exercitar plenamente nossa cidadania. É necessário que coletivamente reivindiquemos nossos direitos e estejamos atentos aos atos de nosso governantes, não só exigindo transparência, como também o direito de participar nas decisões que nos concernem.
Não basta ver as notícias na televisão. E' preciso agir, para ser de fato cidadão.
Como diz o poeta: "A gente quer ser uma nação. A gente quer ser um cidadão".

Antonio de Paulo (Campinas)

Colaboraram nesta edição: Bartolo Perez, Genoefa Frederico, Emilia Zanardo, Cida Nassif, Amaro Vieira da Silva, Marli de Fátima Aguiar, Valter Alves Tavares e Antonio de Paulo.

Apoio: Papelaria São Miguel.

Expediente: Grupo de Atuais e Antigos Jocistas
Rua Condessa de São Joaquim, 215 - Cep 01320-000
Tel.605-5146 SãoPaulo - SP

TRAJETÓRIA DA JOC

(anexo ao boletim no. 2)

O texto a seguir é o resumo do trabalho realizado pelos antigos e atuais militantes, apresentados no DIA INTERNACIONAL DA JOC.

Caminhada

A apresentacão da trajetória mostrou claramente a caminhada iniciada nos anos 30, passando por situações tortuosas, soldados armados, golpe militar, perseguição aos trabalhadores e movimentos populares, fundação da nova capital, Brasilia, imposição do AI-5, Brasil tri-campeão na copa do mundo de 70, quando o povo e a juventude deliravam. O movimento e seus militantes continuaram a caminhada: estiveram nas prisões, onde militantes foram torturados, porém não desanimaram; chegaram à conquista da anistia, do direito de greve até a reorganização dos trabalhadores. Caminhando um pouco mais, encontra o movimento Diretas Já, a inflação, o desemprego, a derrubada de um "collorido" traidor do povo e continuou a caminhar ... "Pois quem começa caminhar, cansa se parar".

Um Pouco de História

Na década de 30, não havia um movimento que fosse ao encontro dos anseios da juventude trabalhadora. Militantes cristãos em visita à Belgica, tiveram contato com o movimento da JOC, entusiasmaram-se com a sua dinâmica e procuraram implantá-lo em nosso país. Assim, com o surgimento da JOC, passou a haver um movimento que ia ao encontro das aspirações e ideais dos jovens trabalhadores, trazendo novas perspectivas de transformação e renovação.

Em 1948, a JOC foi oficializada no Brasil, quando foram realizadas duas Semanas de Estudos, uma estadual e outra nacional, as quais resultaram em várias conquistas dos Jovens Trabalhadores.

Os jocistas atuavam nos sindicatos, Associações de Bairros, Cooperativas, etc.

A JOC se desenvolveu inspirada nas palavras de Cardijn: "Os jovens entravam para o trabalho puros e saiam embrutecidos, enquanto a matéria prima entrava bruta e saia lapidada".

1948 a 1964

Nos primeiros anos de sua oficialização no Brasil a JOC procurava desenvolver e aplicar a técnica de conquista da Juventude Trabalhadora, assim como estimular a atuação dos militantes em seu meio.

O Boletim bimestral do militante e o folheto "Construir", orientava as reuniões de militantes, de revisão de vida e as assembleias gerais, sempre dentro do método **ver, julgar e agir.**

Em 1957, com a realização do 1o. Conselho Mundial da JOC, em Roma, onde participaram vários jocistas do Brasil, o movimento experimentou uma fase de crescimento, tendo surgido em várias cidades brasileiras.

As semanas Regionais de Estudos, para militantes, lançaram os programas da JOC com frases bastante eloquentes como "Pedra por pedra a JOC constrói a Cidade Cristã de amanhã".

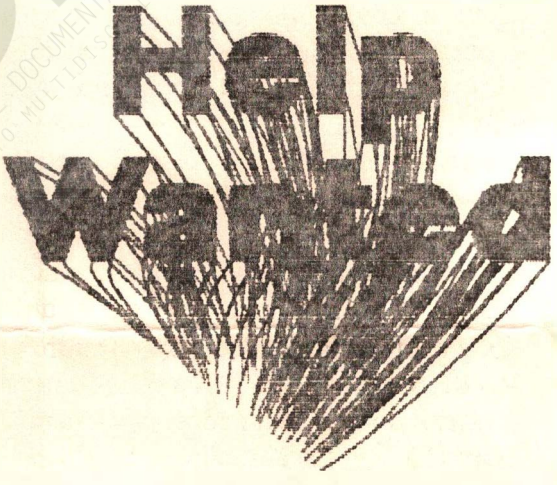
Havia na época a JOC Juvenil, que se preocupava com a proteção e profissionalização do menor que trabalhava. Os programas iam se destacando: "A Cultura não é privilégio dos ricos".

Em 1959, se priorizava na base, cursos de cultura operária, relações humanas,

psicologia feminina, namoro, alfabetização, estudos sobre as profissões.
Em 1960 começavam os preparativos para o 1o. Congresso de base, cidade e Nacional da Juventude Trabalhadora, em São Paulo. Assim que começaram os preparativos, a JOC continuou a crescer, durante e após os Congressos. Esse crescimento se intensificou principalmente nos anos de 1961 e 1962, com o surgimento de várias seções Jocistas.
De 62 a 64, o movimento voltava à sua normalidade, com altos e baixos, tendo participado nas Greves da Perus e Aymoré.
Em 1964, com o golpe militar, o movimento sofreu perseguições com prisões e invasão da sede nacional.
Os militantes colocavam que na JOC obtinham consciência do Evangelho, diante da consciência política e principalmente sindical. Vários desses militantes, posteriormente, chegaram à direção de seus sindicatos.

1965 a 1970

O início desse período foi marcado pelo esforço de re-articulação do movimento, após o golpe militar ocorrido em março de 1964. Foi criada uma equipe de propagandistas da JOC masculina com apoio de antigos militantes e realizado um encontro de re-articulação nacional em Nova Friburgo.
Ocorria em paralelo a renovação na Igreja (comunhão: pão e vinho) e articulação com o clero (bispos, D.Isnard, liturgia).
Realizada campanha contra o desemprêgo, atuando junto com ACO, Ação Católica Operária e FNT Frente Nacional do Trabalho e outros, além de exercer pressão sôbre o clero para que se manifestasse.
Na campanha para o Conselho Mundial de Bangkok, houve um passeio a Jandira, onde, com o grande número de participantes, foi possível organizar onze times de futebol. Nesta altura o movimento gozava de respeito junto à hierarquia da Igreja.
Em 1967, foi realizado o primeiro encontro entre JOC-M e JOC-F, em Belo Horizonte, onde se inicia uma discussão mais aberta sôbre as questões sociais, luta de classes, movimentos politicos, amplia as posições mais extremadas e acelera os questionamentos de alguns militantes.
Dá-se a secularização de alguns assistentes do movimento. O método **ver, julgar e agir** é utilizado nas reuniões e em revisão de vida. Em articulação com a Pastoral da Juventude, é realizado um passeio com cerca de 250 jovens na Zona Leste. É lançado o jornal "O Independente" e realizados encontros, passeios, caminhadas, teatros e jograis sôbre a realidade brasileira. Começa a ocorrer o envolvimento de grupos politicos no movimento.



Os militantes tem participação ativa na organização antes, durante e após o 1o. de Maio na Praça da Sé. São presos dois dirigentes (Nelson e Odair).
Nas greves de Osasco e Contagem houve a participação de militantes, assistentes e antigos na sustentação e nos contatos com as familias. Houve repressão com prisão de cerca de mil grevistas, inclusive um dirigente regional (Zezinho).

antigos na sustentação e nos contatos com as famílias. Houve repressão com prisão de cerca de mil grevistas, inclusive um dirigente regional (Zezinho).
No encontro nacional de Recife, em junho de 1968, são retomadas as discussões frente à "praxis" e conta-se com o assessoramento de pessoas ligadas às questões políticas e sociais do Nordeste. Há uma opção para uma ação nas fábricas; é emitido um "documento conclusivo que posteriormente levaria à repressão ao movimento. A Igreja sente que o movimento está se "afastando".

Participação na preparaçao do encontro dos Bispos em Medellin que lançaria a "Teologia da Libertação". São realizados encontros de militantes em horários de almoço para discussão da realidade brasileira e ações contra a carestia e a favor do voto nulo.

Com a edição do AI-5, tem início o processo de repressão com a prisão de vários dirigentes, assistentes e militantes. Em marco de 1969, ocorre a prisão dos dirigentes da JOC Nacional (Teodoro, Vandir, Marcia, Ironi, Pe.Arnaldo, Marli e outros). A sede da rua Condessa de S.Joaquim é invadida. Na prisão de um assistente em B.Horizonte, é apreendido o documento elaborado no encontro de Recife. Os militares declaram aos jornais que haviam sido realizados treinamento de guerrilha. Os testemunhos dos dirigentes não sensibilizam o clero mesmo com a presença do padre sucessor de Cardjin. Ocorrem mais prisões de militantes na zona leste, zona sul, Osasco e Taboão.
Talvez tenha sido o período mais crítico que a JOC viveu, junto com outras organizações e movimentos. Este período foi marcado pela vigência do AI-5 que proibia a organização e a manifestação dos trabalhadores sob pena de forte repressão. Vários militantes foram presos e torturados.

A atuação da JOC passou a ser semi-clandestina, não chegando porém a ser extinta como ocorreu com vários outros movimentos.
Vários simpatizantes viam na repressão, um sério obstáculo, deixando de participar do movimento.
Em 1970, o Brasil conquistou o tri-campeonato mundial de futebol o que foi muito usado pela ditadura, para tapar a visão dos trabalhadores, não permitindo que eles enxergassem sua dura realidade.

1971 a 1980

São realizados dois encontros nacionais, em Campinas e em Caxias do Sul. Este último foi um verdadeiro desafio porque foi realizado debaixo da maior repressão. Contou ainda com participantes do Chile, Paraguai e Colombia. Neste encontro se fez muito uso da análise marxista da realidade, porém, os militantes que lá estavam, notaram que faltava algo. Na verdade, o que faltava, era o reconhecimento da presença de Deus que acompanha toda a ação do jocista.
A casa da Condessa de São Joaquim não era utilizada e não havia local para se reunir. Não havia militante liberado para fazer a coordenação. Não havia dinheiro e o militante tirava do próprio bolso para pagar suas despesas com o movimento. Foram realizados alguns passeios e excursões, mas o lado afetivo dos militantes era frequentemente deixado de lado.
Fazia-se militância nos bairros e nos locais de trabalho. Nestes, tinha-se que contatar as pessoas uma a uma para não chamar atenção dos chefes, o que era feito na hora do almoço ou na saida.
O método **ver, julgar e agir,** era utilizados nas reuniões e se buscava o apoio dos antigos jocistas, adaptando a sua experiência para os problemas enfrentados.

A JOC se rearticula a nível nacional participando dos movimentos sociais, políticos e sindicais.
Partindo da realidade dos trabalhadores eram desenvolvidas ações no local de trabalho e no bairro, despertando a juventude trabalhadora a se organizar.
A revisão de vida era frequente nas esquipes, constituindo-se numa ferramenta onde se encontravam forças para que cada um seguisse sua militância. Cada militante tinha seu grupo de base e desenvolvia o acompanhamento frequente a outro jovem trabalhador.
A JOC se tornava presente à partir das açoes de cada militante.

1980 a 1994

Retomada da JOC em todo o país. O espaço de ação era mais forte no local de trabalho, onde os militantes desenvolviam suas ações e a partir das suas ações, atuavam nos sindicatos.
Um momento político importante foi a organização dos trabalhadores, greves dos metalúrgicos e fundação da CUT e do PT. Os militantes da JOC participavam e atuavam nas discussões.
No período de 1980 a 1994, foram realizados três congressos Nacionais de Jovens Trabalhadores, onde a JOC se expandiu a várias cidades do Estado e a nível de Brasil. As ações dos militantes se davam no local de trabalho, bairro, associações de moradores e grupos de jovens.
Foram vividos momentos muito importantes na política do país, como a campanha das "Diretas Já", campanha do voto aos 16 anos, do "fora Collor", luta contra o desemprêgo e a miséria.

Avaliamos como muito importante a participação da JOC e da Juventude Trabalhadora neste processo.
Em 1990, se amplia o campo de ação militante para a escola, fábrica, comércio, grupo de jovens, bairro, igreja, ou seja, os militantes devem estar onde a Juventude Trabalhadora estiver.
Sempre atuando com o método **ver, julgar, agir** e rever. A revisão de vida tem cumprido um papel de confronto da vida com a ação de cada militante. É o momento em que celebramos e comungamos nossas ações com outro Jovem Trabalhador.

História da JOC

Pedimos aos antigos jocistas, de qualquer época ou cidade, que enviem colaborações para que não se perca o que foi a caminhada da JOC. Algum fato interessante, ocorrido nos diversos períodos, para conhecimento e estímulo aos atuais jocistas.

Resumo da Trajetória

Esclarecemos que o texto publicado neste boletim sobre a trajetória do movimento, é um resumo, elaborado pela Marli de Fátima, do trabalho realizado pelos antigos e atuais militantes de São Paulo e apresentado no Dia Internacional da JOC. Marli é, atualmente, liberada para a JOC do Estado de São Paulo.
Evidentemente, tanto o trabalho apresentado no último dia 27 de agosto, como o resumo acima, não tem a pretensão de apresentar toda a riqueza produzida pelo movimento e que está dispersa na alma e no coração de milhares de militantes pelo país afora.

ANO IX
SETEMBRO-OUTUBRO 1983
Nº 48

boletim

da comissão pastoral da terra (ligada à linha 6 da CNBB)



LEIA NESTE NÚMERO

UNIDADE, UNIDADE... MAS PRA QUE ?
(Editorial)

LUTERO, 500 ANOS DEPOIS - VIOLÊNCIA E MORTE NO BAIXO-ARAGUAIA - C O N C L A T

ÊXODO: DEUS DÁ FORÇA E LIBERDADE AOS OPRIMIDOS - NOTÍCIAS DE TODO CANTO

boletim
da comissão pastoral da terra (ligada à linha 6 da CNBB)

Uma Publicação do
Secretariado da CPT
Caixa Postal - 749
74.000 - Goiânia-GO

A S S I N A T U R A S

ESPECIAL (Colaboração)	- Cr$	1.500,00
NORMAL	- Cr$	400,00
PARA LAVRADORES	- Cr$	140,00
PARA O EXTERIOR	- US$	10.

IMPORTANTE

O pagamento das assinaturas pode ser feito através de VALE POSTAL ou CHEQUE VISADO pagável em Goiânia, em nome da COMISSÃO PASTORAL DA TERRA.

CAPA - Trabalhador Volante
Foto - Iolanda Huzak

A COMISSÃO PASTORAL DA TERRA é um organismo ligado à linha Missionária da CNBB. Tem como objetivo central "interligar, assessorar e dinamizar os que trabalham em função dos homens sem terra e dos trabalhadores rurais..." (Conclusão nº 1 do Encontro de Goiânia sobre terra e Migrações na Amazônia Legal, junho de 1975).

Editorial

U N I D A D E, U N I D A D E ... MAS PRA QUE ?

Vocês se lembram daqueles joguinhos de um tempo, aqueles cubinhos pintados que encostados com paciência davam a imagem de um sacy pererê, de uma onça pintada na mata, de uma fada de olhos azuis e de cabelos louros ?

Hoje é outra coisa. Menino de cidade tem televisão. Mas a gente ficava sentado no chão, juntando peça por peça para descobrir o desenho, ou para inventar imagens novas, que era uma maravilha.

É que, às vezes, chegava a mãe, atrazada nos afazeres de casa ou querendo nos obrigar a deixar o jogo pelo estudo, e varria tudo, juntando as peças, que colocadas na caixa davam só uma grande confusão de linhas e de cores, sem casar umas com as outras.

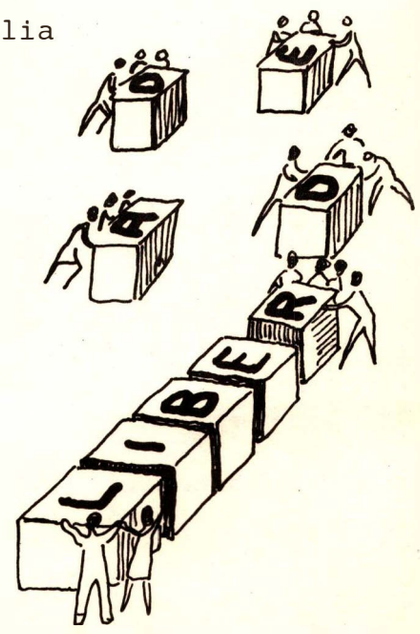
A nossa sociedade é esse jogo para menino que se tornou adulto.

Uns tem a imagem já feita na cabeça e empurram as peças para se encaixarem, queiram ou não, no plano estabelecido por eles. A sociedade está pronta, é só montar. Outros juntam as peças segundo os interesses, os brancos com os brancos, os verdes com os verdes e depois colocando tudo unido afirmam que a sociedade está unida e prontinha, mesmo com aquelas divisões aberrantes. Outros enfim vão tentando organizar as peças descobrir os valores, enfrentar as contradições, superá-las e assim construir, no dia a dia, uma sociedade não preestabelecida, mas nova e livre.

Todo mundo está nessa jogada. Você não está? Vai ver.

- Salvador - São Paulo - Brasilia

Dom Boaventura Kloppenburg, bispo auxiliar de Salvador lança o seu livro contra a 'Igreja Popular'. O Cardeal do Rio faz a apresentação e envia o livro a todos os bispos. O Bispo acusa os teólogos da Libertação e os agentes das comunidades de base de bagunçar a unidade da Igreja. A fé está em perigo, o futuro da Igreja está em perigo, a túnica de Jesus vai ainda uma vez ser dividida. Dom Boaventura se ergue defensor da unidade contra os novos hereges.



Editorial

- Roma - Wittemberg -

Nas salas dos palácios romanos o Papa Leão X e a corte estavam preocupados, naquele 1517 com a pregação de um monge, até então desconhecido, Martinho Lutero, rebelde ao poder, conclamando à liberdade. Lutero prejudicava a ordem estabelecida, dividia a Igreja unida, prejudicava a economia da corte.

- Brasília - Belém -

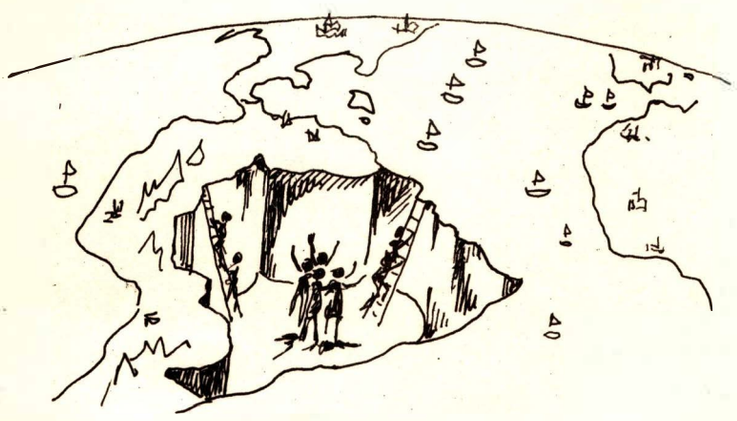
Os padres e posseiros do Araguaia estão na cadeia faz já 2 anos. Para alguns bispos, e vários cristãos eles são subversivos. O Tribunal os julgou não só porque atentaram à segurança nacional mas porque dividiram o povo cristão, desrespeitaram as belas e antigas tradições de nossas famílias, levaram pobres e ignorantes a sonhar um mundo irmão contra o mundo de ricos e pobres, estabelecido por Deus, dividiram a IGREJA.

- Brasília - São Bernardo -

A classe trabalhadora se prepara para a CUT: encontros, debates, moções, adiamentos e, ao final, sai o CONCLAT mas o movimento está dividido. A CONTAG e outras Federações não participam, os sindicalistas ligados à Voz da Unidade e à Tribuna Operária, também não participam, os grandes pelegos, Ari Campista, por exemplo, acusam de comunista a CUT que saiu. É o racha! Quem não foi a São Bernardo acusa os companheiros de divisionistas. A unidade da classe não pode ser prejudicada. E para manter a unidade teremos a CUT 2, a CUT 3 e sei lá quantas outras.

- Brasília - Rio - Belo Horizonte - etc...

O País está na beira do abismo (não sabe disso?). Tetônio Vilela já diz que não estamos à beira do abismo, já somos o próprio abismo. Para evitar o desastre, para evitar o golpe os políticos da situação e da oposição chamam todo o país à unidade. A saída é o pacto social entre as classes. Os trabalhadores têm que se sacrificar para o bem do país. Não é possível nesta hora fazer greves, e xigir salários. Quem se colocar contra o decreto 2.045, que corta o valor aquisitivo do salário de 30 ou 40% não é patriota e vai contra a segurança nacional!



Unidade, Unidade... mas qual ? Pra que? Pra quem?

Editorial

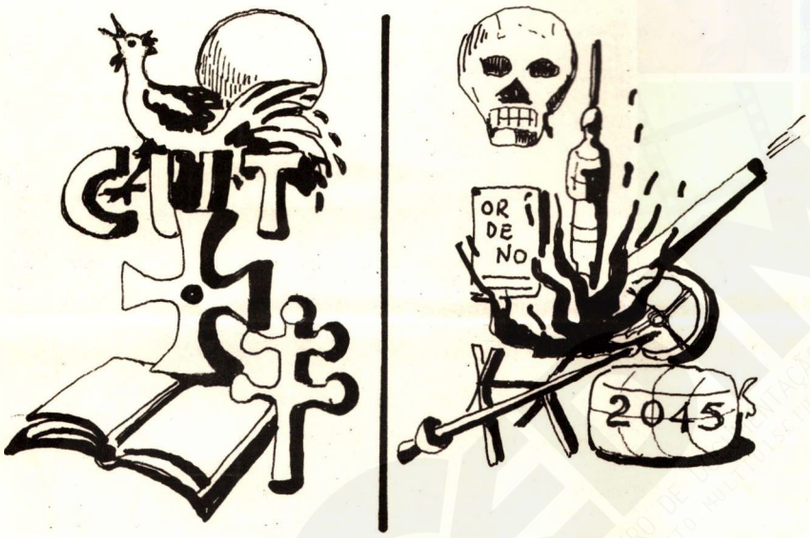
Unidade, senhores, não é juntar pessoas como se fossem peças de um jogo estabelecido, teleguiado pelos donos do poder.

Unidade, senhores, não é defender a própria fraqueza e o próprio medo atrás de estruturas de opressão e divisão.

Unidade, senhores, não é dizer que estamos unidos não obstante uma história de sangue e de lágrimas.

Unidade, senhores, não é tapar a boca dos famintos para não ferir os ouvidos sensíveis dos que estão de barriga cheia.

Unidade senhores, não é jogar um pano sobre as divisões, para não estragar a festa de alguns.



A unidade da Igreja não passa pela caça às bruxas, as excomunhões, a mão pesada do poder, mas pela procura da liberdade, pelo respeito dos carismas e dos caminhos das várias Igrejas, pela dedicação aos pobres.

A unidade da classe trabalhadora não passa pelos decretos dos Presidentes das Confederações ou das Federações, nem pela bênção do Ministério do Trabalho, mas pelo debate livre das várias tendências, pelas lutas dos trabalhadores, pela participação ativa da base.

A unidade do país não passa pelo Duque de Caxias e pelos militares promotores do golpe, nem pelos decretos do Planalto ou os conchavos das velhas raposas da política, mas pelas lutas dos trabalhadores e dos marginalizados na conquista de seus direitos.

Unidade é fruto de luta e de procura, de cabeça aberta ao futuro, de esperança em algo novo e muitas vezes ela para acontecer, precisa rasgar o pano que falsamente mostra unido o que está dividido.

Unidade, senhores, tem nome, ela se chama Oscar Romero, Martin Luther King, Rodolfo, João Bosco, Alceu Amoroso Lima, Gringo, Santo, Pe. Henrique, Margarida, Joaquim, Eugênio, Gabriel...

DOCUMENTO

VIOLÊNCIA E MORTE NO BAIXO ARAGUAIA



Ao rosário de violências que tem sido a vida dos trabalhadores rurais brasileiros nos últimos meses, acrescentamos aqui o relato que o STRs de XINGUARA e a CPT ARAGUAIA-TOCANTINS apresentaram a 3 de setembro.

As pessoas que lerem este documento assinado pelo organismo de Classe dos Trabalhadores terão a impressão que estes fatos tem mais relação com a situação de El Salvador do que com a situação brasileira.

Essa impressão é falsa. Para provar o que afirmamos juntamos ao documento a lista de líderes sindicais e lavradores assassinados nos 8 meses de 83.

São os números macabros de uma guerra em que se somam o terrorismo de massa indiscriminado contra mulheres, crianças e anciãos como o posseiro Domingos assassinado aos 68 anos de idade, ao terrorismo seletivo contra lideranças sindicais que vitimou MARGARIDA ALVES, em ALAGOA GRANDE - Paraiba.

O comportamento das autoridades diante desta guerra surda contra os trabalhadores do campo quando não é de participação aberta nos despejos e assassinatos é de conivência com os criminosos.



SINDICATO DOS TRABALHADORES RURAIS DE XINGUARA - PARÁ
E A COMISSÃO PASTORAL DA TERRA ARAGUAIA-TOCANTINS.

O Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xinguara, Pará, e a Comissão Pastoral da Terra -CPT - Araguaia-Tocantins, vem denunciar que:

Está havendo desmedida violência nas áreas de castanhal do distrito de São Geraldo do Araguaia (nas localidades: Gorgulho, Pacú, CIB, Taboão...) município de Xinguara, no sul do Pará. Este sindicato já denunciou às autoridades e ao povo em geral, no dia 30 (trinta) de junho de 1983, que na localidade chamada Gorgulho, houve um despejo muito violento nos dias 19 (dezenove) e 20 (vinte) do mesmo: sequestros, roubos, espancamentos, queima de barracos, humilhações,

DOCUMENTO

etc...; despejo este executado por 5 (cinco) pistoleiros, que prometiam a chegada de muitos outros para "limpar a área" (despejar todos os posseiros a bala).

Pois bem, o que passaremos a relatar agora é continuação deste episódio - tudo aconteceu na mesma região:

a. No dia 28 de junho, o posseiro José Pereira, 28 anos, natural de Exu, Pernambuco, foi assassinado em um castanhal em litígio entre lavradores e a família Mutran, enquanto trabalhava na sua posse com outros companheiros. Foi assassinado por pistoleiros que ainda feriram a bala outros 2 posseiros. Isto ocorreu na localidade chamada Pacu.

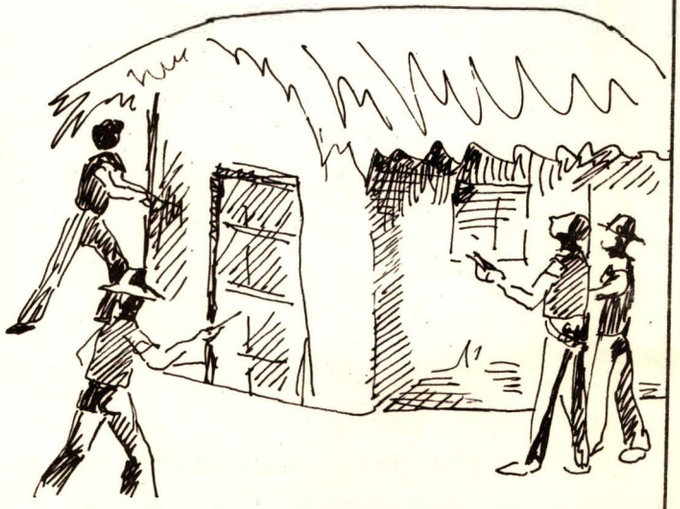
b. No dia 15 de agosto de 1983, foi barbaramente assassinado o posseiro Wilmar Costa Marinho, 23 anos, natural de Inhumas, Goiás.

Alguns dias antes ele foi avisado que os pistoleiros iriam atacar mas isso não aconteceu. Depois que o ambiente esfriou, no dia 15 de agosto, às 5 horas da manhã, enquanto ele ainda dormia no barraco com dois filhos menores do seu amigo José Martins, o barraco foi violentamente atacado por mais de 10 pistoleiros fortemente armados. Quando as crianças o avisaram que estava chegando alguém, ele tentou fugir, mas foi baleado pelas costas com mais de 15 tiros. Depois de ele já ter caído, levou tiros a queima roupa e teve seu corpo arrastado para dentro da mata. Ainda lhe quebraram a cabeça com sua própria espingarda, lhe roubaram vários pertences, quebraram o resto, mataram cães e galinhas e queimaram o barraco.

c. No dia 28 de agosto foi morto o posseiro Domingos, de 68 anos de idade.

Quando os pistoleiros estavam chegando, o lavrador José Martins, jurado de morte quando foi assassinado Wilmar Costa Marinho, por ser mais jovem conseguiu fugir. Foram ouvidos mais de 30 tiros em duas rajadas. José Martins, 2 dias depois conseguiu chegar em São Geraldo e avisar a Polícia Militar. Esta se deslocou para a área e verificou que houve linchamento e o pesçoco da vítima estava com duas punhaladas: um de cada lado.





Como a polícia ficou sabendo do ocorrido depois de al-

DOCUMENTO

guns dias, ao chegar ao local, encontrou o corpo já sendo devorado por urubus e em decomposição.

Observação: Estes 2 últimos posseiros foram assassinados na área pretendida pela CIB (Companhia Industrial do Brasil).

d. Por volta do dia 20 de agosto, um posseiro de nome Félix, enquanto trabalhava, teve a casa atacada pelos pistoleiros, que mataram cachorros e galinhas, queimaram o barraco, etc. No momento do ataque estavam no barraco a esposa do Sr.Félix com 4 crianças. Até hoje (3 de setembro), o Sr.Félix procura a familia perdida(morta?) na mata, que se ainda estiver viva deverá estar passando muito medo e muita fome.

e. Dia 29 de agosto, outro posseiro teve seu barraco atacado a tiros das 19 horas até a meia noite. O mesmo conseguiu fugir para a mata e não se sabe o que aconteceu com seus pertences (é tudo o que tem) pois, não conseguiu voltar para lá e anda se escondendo na mata.

OUTROS DADOS

1. O Wilmar e o Domingos antes de serem mortos foram avisados pelos pistoleiros que seriam assassinados.

2. Outros posseiros estão "marcados" (avisados) para morrer; os pistoleiros andam colocando cruzes nas estradas e desenhando o "Cinco Salomão" (estrela que anuncia a morte), na porta dos barracos.

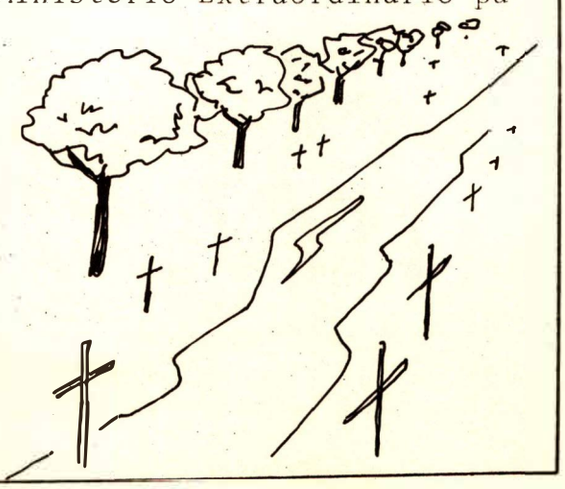
3. Todos os casos envolvem muitos pistoleiros bem armados.

4. Todos os casos aconteceram em área de castanhal, que são pretendidos pelos Mutran - nos últimos casos, em área pretendida pela CIB (Companhia Industrial do Brasil), os posseiros dizem que os pistoleiros são contratados pelo Azize Mutran na Fazenda Pau Preto.

5. Os pistoleiros já estão no ponto 2 da "limpeza" que vêm fazendo: a) Despejo e assassinato na localidade do Gorgulho;

b) Dois assassinatos e outras violências na área pretendida pela CIB. O ponto 3, prometido pelos pistoleiros é a localidade chamada Tabocão. Outra área prometida por eles pode ser a da Terra Nova.

6. Segundo notícia do Jornal "Folha de São Paulo" de 24.07.83, "está sendo analisado pelo MEAF (Ministério Extraordinário para Assuntos Fundiários), o problema dos "títulos de aforamento", distribuidos há mais de 20 anos, pelo governo do Pará aos castanheiros da região.



Como a decisão deverá sair em "breve", os castanheiros querem limpara a área para "ganharem" o título definitivo das terras que aforam. Porque a resolução do problema deverá ser no sen-

DOCUMENTO

tido de "vender" a terra a quem nela vive e trabalha (posseiro ou aforador).

7. A Polícia Federal, que tem uma forte presença na região, não tomou nenhuma providência e tem dito que a apuração destas violências é de competência da Polícia Militar, que tem na área de São Geraldo, um efetivo de: 1 Sargento e 2 soldados.

8. O GETAT (Grupo Executivo de Terras Araguaia-Tocantins), quando foi procurado por um posseiro disse que "não dava apoio porque para entrar na área você não nos consultou".

9. Há ameaças de que chegarão pistoleiros paraguaios, com armas de grande potência e "surdas" (adaptadas com silenciador).

10. Outro motivo da violência é que os castanheiros venderam ilegalmente madeira dessas terras. Com isso usam de violência contra os posseiros para poder roubar a madeira.

****

Casos o governo não coloque um paradeiro na ação criminosa desses jagunços assalariados pelo latifúndio, a situação poderá ter desdobramentos imprevisíveis. É necessário ainda que se reconheça o direito destes lavradores de cultivarem a terra, dando-lhes a garantia do trabalho.

Diante dos fatos tão graves, neste segundo ano da prisão absurda dos 13 posseiros e 2 padres, exigimos que o poder público rescinda o contrato de aforamento na área, apure imediatamente as violências e os assassinatos e puna conforme a lei os responsáveis.

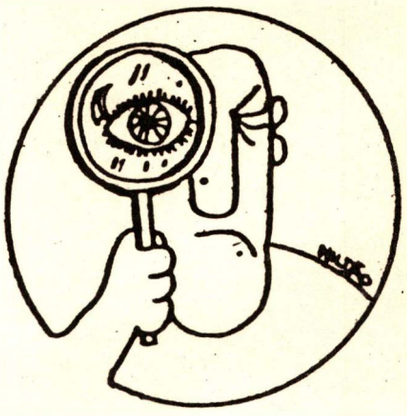
Belém, 03 de setembro de 1983

ANTONIO JOSÉ FERRAZ DA SILVA
Sind.dos Trab.Rurais de Xinguara-PA.

PE.RICARDO REZENDE FIGUEIRA
Comissão Pastoral da Terra do Araguaia-Tocantins



Abre o olho



A CPT por meio do Mouvement Internacional des Juristas Catholiques PAX ROMANA apresentou ao plenário da Sub-Comissão de Direitos Humanos da ONU denúncia contra a violência que sofrem os trabalhadores rurais no Brasil.

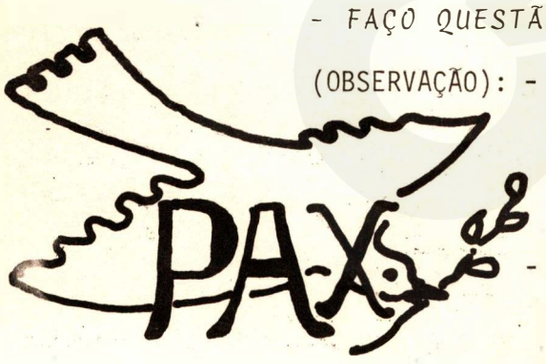
Foram apresentados inúmeros fatos que confirmam uma política de terror contra os trabalhadores em geral, movida por latifundiários através do seu braço armado - Jagunços e pistoleiros - apoiados comprovadamente em repetidas ocasiões por forças policiais e funcionários de órgãos governamentais ligados à questão fundiária como GETAT e INCRA.

Ao mesmo tempo se desenvolve uma verdadeira operação de terrorismo seletivo do Estado contra lideranças sindicais que são assassinados e cujos autores estão impunes sob os olhos da Justiça.

Aqui reproduzimos um diálogo entre o representante da CPT que ofereceu a denúncia e o OBSERVADOR do governo brasileiro na Sub-Comissão:

- Bom dia, eu sou observador do governo brasileiro. Já sabíamos que ia ser feita uma intervenção sobre esse problema. Só não sabíamos em que ponto da ordem do dia. O senhor anunciou que iria distribuir cópias. Espero que me possa dar uma

- FAÇO QUESTÃO DE LHE ENTREGAR EM MÃOS ANTES DO ALMOÇO.



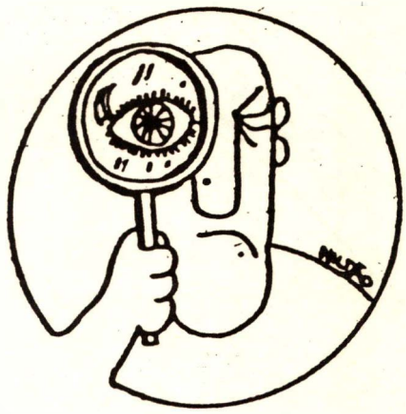
(OBSERVAÇÃO): - Como ele sabia que ia ser feita a intervenção se na pauta estava no ponto 9 - Administração da Justiça: 7º PAX ROMANA, M. Pressburger. Somente isto, sem maiores dados sobre o conteúdo?

- E como é que ele não sabia em que ponto iria ser feita a intervenção, e chegou ao plenário exatamente 15 minutos antes?

(Continuação do Diálogo)

- A questão que o senhor levantou é realmente grave. Mas Brasília já está sensibilizada para o assunto e creio que alguma coisa de concreto já está sendo feita. Em todo caso, vou me comunicar com a Secretaria do Conselho de Segurança Nacional e na

Abre o olho



segunda-feira vou dar uma resposta à sua intervenção.

- É CLARO. EU ACHO QUE O SENHOR TEM A OBRIGAÇÃO DE FAZER ISSO.



(OBSERVAÇÃO): O homem é diplomata, portanto funcionário do Ministério das Relações Exteriores. Por que não se comunica com seu ministério e sim com o Conselho de Segurança Nacional? E por que fez questão de deixar isso bem claro?)

(Continuação do Diálogo)

- Aqueles casos que o senhor alegou, eu acho que são de competência estadual e não do governo federal. Será que na instância jurídica estadual não há como se remediar ?

- QUANTO MAIS NÃO SEJA, POR OMISSÃO O GOVERNO FEDERAL TAMBÉM É RESPONSÁVEL. MAS EU NÃO ACREDITO EM OMISSÃO E SIM EM DELIBERADA LINHA PROGRAMÁTICA. MAS O SENHOR, REPITO, TEM OBRIGAÇÃO DE RESPONDER, E SE QUISER USE ESSE ARGUMENTO. EU VOU DISTRIBUIR A RELAÇÃO NOMINAL DE 110 ASSASSINATOS QUE CONTINUAM IMPUNES.

- Bom. Aguardo minha cópia. A propósito, no Brasil o senhor está ligado a que entidade ?

- À CPT.

- Ah! Sim, sim. Muito obrigado e passe bem.



Especial

FRUTO DE UMA LONGA E CONSCIENTE CAMINHADA

Waldemar Rossi

Os trabalhadores brasileiros, principalmente os sindicalistas mais conscientes, há muito perceberam que um dos mais graves problemas que afetam nossa vida é a divisão da classe trabalhadora em milhares de entidades sindicais isoladas uma das outras. Essa divisão vai mais profundo quando impede, na prática, a organização dos trabalhadores a nível da empresa. Nossa consciência tem avançado quando sentimos a presença de um fabuloso plano de propaganda do sistema capitalista, condicionando-nos ao consumismo, à ganância, ao individualismo e implantando em nosso meio um clima de medo e insegurança, seja pela repressão policial, seja pela repressão patronal. Através de mecanismos como controle policial, legalismo e a dominação ideológicos, governo e patrões -farinha do mesmo saco- têm conseguido impor e manter a divisão entre os trabalhadores e com isso aumentar violentamente a exploração que nos conduz à miséria progressiva.

Tal realidade de violência tem provocado reações entre os trabalhadores que buscam, constantemente, formas de luta para superar essa situação desesperadora.



A organização de grupos nos locais de trabalho, de comissões de fábricas e de lutas intersindicais, têm permitido ampliar o leque das nossas experiências. - Conhecendo vitórias e derrotas, fomos percebendo a importância dessas formas locais de organização da Classe, mas também suas limitações. A organização de base é vital, mas não é tudo. Sem uma organização mais ampla dos trabalhadores, somos ineficazes nas lutas contra as medidas da política econômica do governo, principalmente o arrocho salarial. Percebemos também que, separados or

Especial



ganicamente, os patrões nos impõem medida de desemprego e achatamento salarial, sustentados que estão pelas leis que nos impuseram e pela repressão governamental.

É neste quadro de dura realidade que vem se desenvolvendo a proposta da criação de uma Central Única dos Trabalhadores, como instrumento indispensável ao avanço de nossa organização e de um plano de lutas capaz de resistir à crescente exploração capitalista . Essa proposta vem sendo amadurecida através das milhares de reuniões, grandes e pequenas, locais, interregionais e nacionais. Germinou durante muitos anos sob forte repressão governamental, patronal e pelego sindical. Nasceu e cresceu até chegar à maturidade. Demos o passo decisivo neste CONCLAT: 5.059 delegados de 912 entidades sindicais (rurais e urbanas) e Associações de funcionários públicos, decidiram pela criação de nossa CENTRAL DE TRABALHADORES. Ela se dá em momento de extrema gravidade para a Classe Trabalhadora, quando o índice de desemprego no Brasil ultrapassa os 20% e o sub-emprego é impossível de ser quantificado: ela se dá às vésperas da votação do decreto 2.045- que rouba 30% dos nosso reajustes salariais- enquanto o custo de vida chega perto dos 150% ao ano.

O CONCLAT, realizado neste fim de agosto, superou todas as expectativas. Esperávamos uma presença aproximada de 4.000 delegados e superamos os 5 mil (muito pelego falou que seria um "picnic" inexpressivo). Havia o temor de um clima de sectarismo e tivemos um ambiente de seriedade e companheirismo que impressionou até os pessimistas. Tinhamos receio de vacilações e encontramos determinação . Foi impressionante a rapidez com que se discutiu e se decidiu sobre as propostas apresentadas, já que os encontros estaduais realizados em 82 e 83 fizeram amadurecer os pontos de vistas diferentes. Os delegados presentes percebiam claramente o rumo do consenso ou da opinião da maioria. E a vontade da maioria jamais foi contestada. Pode-se dizer que as decisões foram praticamente, consensuais, apesar das propostas divergentes e do calor dos debates. Ninguém abdicou de suas

Especial

propostas. Submeteu-se à maioria.

Mas não foi fácil chegar onde chegamos. Houve e há muita divisão interna ao movimento sindical brasileiro. A imprensa foi o porta-voz das manobras divisionistas que se desenvolveram às vésperas do CONCLAT, pelas forças mancomunadas com o governo e com a burguesia nacional e internacional. Os editoriais de certos jornais jogaram tudo na "pixação" desse encontro, tentando esvaziá-lo. Alguns tradicionais Partidos, auto denominados de esquerda que se dizem porta-vozes da Classe Operária, jogaram tudo a fim de inviabilizar, outra vez, a realização do Congresso. Isso, depois que a realização do Congresso foi decidida pela Pró-CUT Nacional, onde esses pretensos representantes dos operários e os pelegos eram maioria. Passaram por cima das decisões de todos os Encontros Estaduais e Regionais. Chegaram ao cúmulo de se sentirem autorizados a destituir a Comissão Nacional, escolhida através dos Congressos Estaduais, e marcar outra reunião nacional para o início de novembro. É curioso notar que essa reunião acontecerá (?) depois da votação do Decreto 2.045.

O presidente da Contag, José Francisco da Silva, intimou suas federações a exigir que os sindicatos rurais boicotassem o Congresso. A resposta foi a presença de 1.658 delegados representando 310 sindicatos rurais.



O CONCLAT, realizado em São Bernardo, foi altamente positivo e se deu contra a vontade dos patrões, do governo, dos pelegos e da maioria dos reformistas. É importante observar, que o tempo todo, a linguagem usada por esses que foram contra o CONCLAT, é semelhante à linguagem usada pelos órgãos repressivos do governo. Será mera coincidência ?

O CONCLAT se deu, a CUT foi criada. Aumenta nossa responsabilidade em concretizar sua organização em nossas cidades, Estados, regiões e a nível nacional. É uma tarefa difícil a convocação dos outros setores do sindicalismo para que somem com o movimento sindical, tornando-o ainda mais unitário, fortalecendo-o. Mais que tudo é importante por em prática o plano de luta definido nesse Congresso.

Estudo

ÊXODO:- DEUS DÁ FORÇA E LIBERDADE AOS OPRIMIDOS - I

-"Será que Deus se lembra de nóis? A vida está tão dura! A gente trabalha tanto e ganha uma miséria! Lá em casa falta tudo: o dia que tem arroz, falta feijão; o dia que tem feijão falta farinha; carne, leite... nem se fala. Café... é como diz o compadre... "é chafé"... é um pouco de pó prá muita água... e a gente se mata de trabalhá... O que não falta em casa é a doença... e ainda o medo do patrão que não dá a terra prá nós tocar no ano que vem".

Mais parecia um velório que encontro de comunidade.

Dona Ana acrescenta: "É tem razão o seu Olegário, quando disse: Deus fez o pobre, Deus fez o rico; seja feita a vontade de Deus. A gente não pode se revoltar."

- Mas então até Deus é contra os pobres?... pergunta assustado o seu Zé e completa... se até Deus é contra os pobre então não tem jeito não. Está tudo acabado".

Margarida que tudo ouvia calada, tenta erguer a voz e diz: Minha vó falou que a gente tem que sofrer com paciência, nesta vida, porque Jesus sofreu também... depois a gente ganha o céu."

Seu Inácio ouvia calado... e a maneira como mexia a cabeça, dava para ver que ele não estava concordando com esta conversa. Aí ele falou:

-"Gente eu leio a Bíblia já faz muito tempo. A Bíblia é a Palavra de Deus... e por mais que eu já lí não encontrei isto que vocês estão falando".

Dona Margarida fala de novo: "Tudo que falamos ou nóis ou nossos pais aprendemos na Igreja."

Seu Inácio sem perder a calma continua:

-"Pode ser... aprenderam na Igreja... mas na Bíblia não. A Bíblia, Palavra de Deus, fala até diferente disto tudo que vocês falaram.

Tião impaciente, ergue a voz: "Fala logo, seu Inácio, o que é que a Bíblia diz.



Estudo

Seu Inácio, pega sua Bíblia já amarelada pelo uso e pelo tempo e fala:

"Aquí no segundo livro da Bíblia, o livro do Êxodo, conta que o Povo de Deus morava no Egito. O rei daquele tempo era cheio de vaidade e de maldade... e ao mesmo tempo era um rei medroso. Ele tinha medo que o povo de Deus crescesse muito e que ficasse mais forte que o povo dele. Ele às custas do trabalho pesado obrigou que o povo de Deus construisse para ele duas grandes cidades: a cidade de Pitom e a cidade de Ramsés. E ainda pesava mais ainda a vida deles obrigando a trabalhos pesados também na lavoura. Além do trabalho ser pesado eles eram bastante humilhados e desprezados. Mas o povo de Deus continuava crescendo em filhos. É como hoje: o pobre só cresce é no tamanho da família... e este crescimento dava medo ao rei e aos ricos dos palácios. Então o rei chegou na maldade de mandar que as parteiras matassem todo filho homem que viesse a nascer das mulheres do povo de Deus. As parteiras temeram a Deus e não cumpriram a ordem do Rei... então o rei que não temia a Deus deu esta ordem: "Todo o menino que nascer, joguem no Rio Nilo, só deixem viver as meninas".

Batista interrompe:

- "Eta rei ruim... rei, presidente e governador é só para judiar do povo".

Ai os comentários cresceram:

-"Sempre foi assim: os grandes constróem os palácios, as cidades às custas do sofrimento do pobre".

-"É não tem saída; as parteiras deixaram os meninos nascer e o rei mandou matar".

-"A vida do pobre sempre foi amarga: cheia de trabalho pesado".

-"Aí, seu Inácio, está vendo, o povo de Deus é o povo pobre e o pobre tem que sofrer mesmo. É a palavra de Deus que está contando".

-"Não gente, não é assim não", diz logo seu Inácio. "Este é o começo de uma longa história. O povo estava naquela situação e também pensava que até Deus já tinha esquecido deles. É aquí então que DEUS ENTROU NA HISTÓRIA E FALOU PRÁ MOISÉS ... e virou mais uma página da Bíblia, e como se tivesse lendo continuou a falar:

Estudo

-"DEUS FALOU PRÁ MOISÉS: EU VI, EU VI A MISÉRIA DO MEU POVO QUE ESTÁ NO EGITO. OUVI O SEU CLAMOR POR CAUSA DOS OPRESSORES; EU CONHEÇO SEUS SOFRIMENTOS. DESCI PARA LIVRAR O POVO DA MÃO DOS EGÍPCIOS E PARA FAZER O POVO MUDAR PARA UMA TERRA BOA E GRANDE, UMA TERRA DE FARTURA, ONDE CORRE LEITE E MEL. VAI MOISÉS, EU TE ENVIO AO FARAÓ PARA TIRAR O MEU POVO DA ESCRAVIDÃO DO EGITO".



Nos olhos de muitos começou a brilhar uma nova esperança. Seu Inácio que acabara de falar, tudo isto, com voz pausada , como se estivesse lendo para gravar as palavras no coração, fechou a Bíblia e continuou a falar:

-"Eu tenho uma certeza: DEUS ESTÁ OLHANDO PARA O NOSSO SOFRIMENTO E NÃO QUER ISTO NÃO. Naquele tempo Deus precisou de Moisés para libertar o povo dele. Moisés teve medo, mas aceitou a tarefa que Deus deu. A hora que nóis aceitar ser Moisés não terá mais escravidão em cima de nóis. A história não foi fácil. Outro dia a gente pode continuar esta história. Hoje eu só não queria que vocês ficassem pensando que Deus quer o sofrimento do pobre. Deus vê o nosso sofrimento e o nosso gemido. DEUS NÃO QUER ISTO NÃO. Vamos continuar nossa conversa. Vamos ver nossos assuntos de hoje que é o assunto do nosso sofrimento. Mas nós vamos sair dele, porque DEUS NÃO QUER O SOFRIMENTO DO POBRE. Na outra vez a gente continua ver na Bíblia como Moisés teve medo e enfrentou com a força de Deus a luta para sair da escravidão.

A reunião continuou. Em todos havia uma certeza e uma esperança: "SE DEUS VÊ O SOFRIMENTO DO POVO E NÃO QUER ISTO NÃO, ENTÃO, NÓS VAMOS SAIR DESTE SOFRIMENTO".

Especial

LUTERO - 500 ANOS

No dia 31 de outubro, há 500 anos atrás (1.483) nascia MARTINHO LUTERO nas terras aonde hoje é a Alemanha.

Que importância tem isso para nós do século XX ?

Toda a geração atual viu se desenvolver nas Igrejas cristãs modificações profundas. Elas não tocaram só nas formas do culto ou nas roupas dos ministros, mas fazem os cristãos reverem o próprio miolo da fé cristã e da ligação entre Igreja e mundo.

Um acontecimento que impulsionou esta mudança na Igreja Católica foi o Concílio Vaticano II, que reuniu todos os bispos do mundo durante 3 anos (de 1962 a 1965). Aqui na América Latina houve outras reuniões e uma tentativa de aplicar à nossa realidade estas descobertas.

Nas Igrejas Evangélicas, desde 1948, há o Conselho Mundial das Igrejas. Neste ano, de 22 de julho a 10 de agosto, ele reuniu mais de mil representantes de Igrejas, discutindo a ligação entre a fé em Jesus Cristo e a vida do povo.

Pois em tudo isto há como se fosse uma mão, um rastro, uma influência forte. É a continuada presença de Martinho Lutero, este monge agostiniano tímido e ao mesmo tempo valente; de inteligência brilhante e, em alguns casos, ingênua.

Naquela época, a Igreja Católica era centralizada demais em Roma, como um poder político, e estava se afastando, em vários pontos, do Evangelho de Jesus Cristo. Lutero, pouco a pouco percebeu isto. E através da meditação da Bíblia, especialmente da Carta aos Romanos, lutou para que a Igreja passasse de uma fé que não leva à justiça para uma fé que leva à justiça (Rom.1,17). A justiça de Deus, que salva os homens de graça e os liberta do jugo da lei e da opressão.



A repercussão disto superou de muito as discussões de teologia. Lutero defendia que a Igreja está abaixo da Palavra de Deus, e deve ser julgada por ela. Ensinava que todos os cristãos são sacerdotes, pelo batismo, e que não devem ser submissos à opressão do clero. E se o que nos salva é a fé, a estrutura sacramental da Igreja não deve ser imposta aos fiéis como necessária à salvação. Traduziu a Bíblia na língua do povo e fez com que qualquer pessoa pudesse ter acesso a ela.

Especial

Desafiou o poder constituido. Sofreu muito por causa disso. Mas provocou uma reforma na Igreja. E desde então se diz: "A Igreja é para ser convertida, reformada permanentemente".

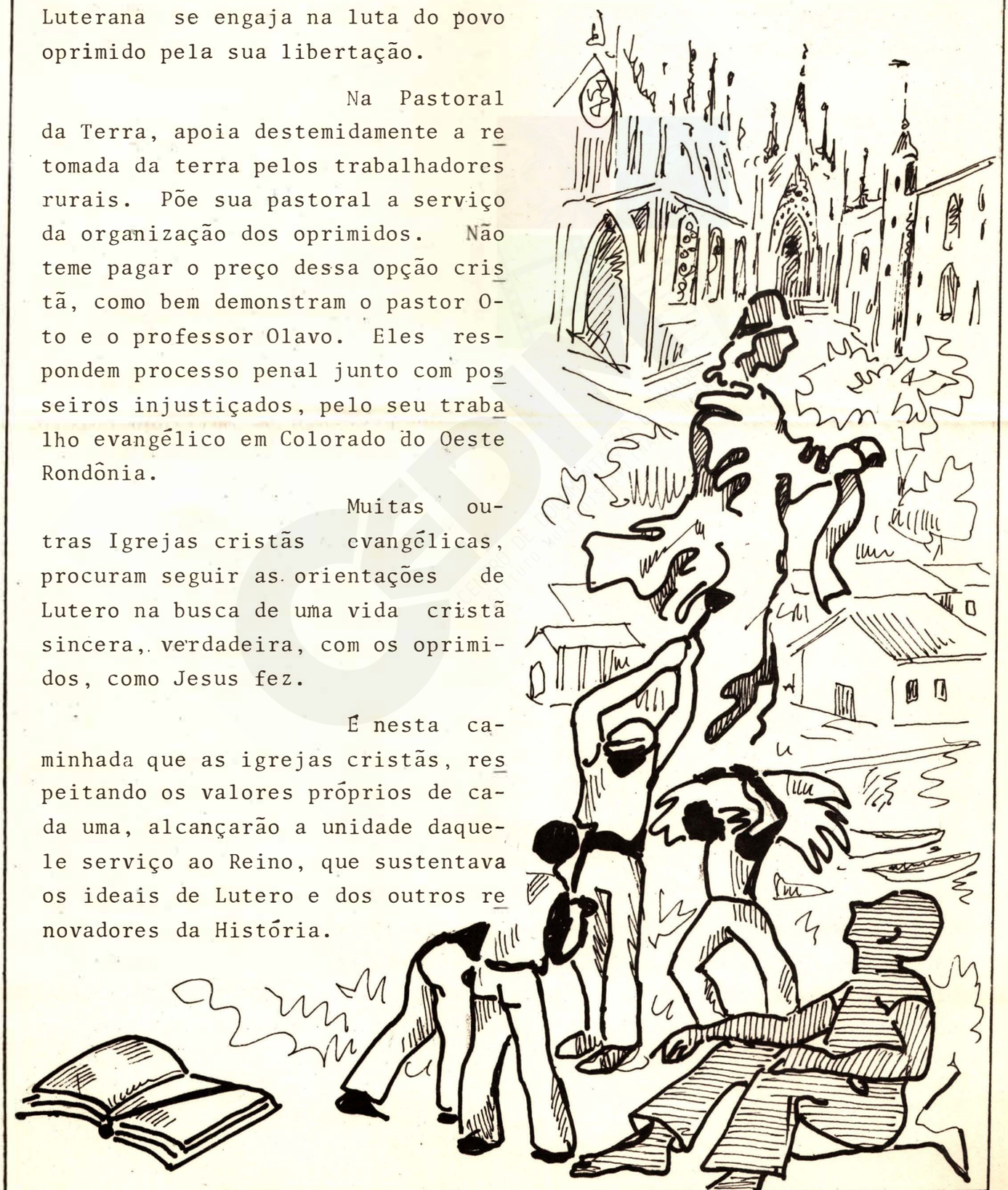
A Igreja católica que na época condenou, hoje em dia através do Concílio Vaticano II e de todo o movimento bíblico, redescobriu os valores de Lutero e aceitou muitos dos seus ensinamentos.

Aqui no Brasil a Igreja Evangélica de Confissão Luterana se engaja na luta do povo oprimido pela sua libertação.

Na Pastoral da Terra, apoia destemidamente a retomada da terra pelos trabalhadores rurais. Põe sua pastoral a serviço da organização dos oprimidos. Não teme pagar o preço dessa opção cristã, como bem demonstram o pastor Oto e o professor Olavo. Eles respondem processo penal junto com posseiros injustiçados, pelo seu trabalho evangélico em Colorado do Oeste Rondônia.

Muitas outras Igrejas cristãs evangélicas, procuram seguir as orientações de Lutero na busca de uma vida cristã sincera, verdadeira, com os oprimidos, como Jesus fez.

É nesta caminhada que as igrejas cristãs, respeitando os valores próprios de cada uma, alcançarão a unidade daquele serviço ao Reino, que sustentava os ideais de Lutero e dos outros renovadores da História.



Notícias e Comentários

SANTA MARIA DA VITÓRIA - BA

M E M Ó R I A

Há seis anos foi assassinado Eugênio Lira. Até hoje esse bárbaro crime permanece impune. A justiça põe a nu sua impotência diante dos latifundiários que decidiram e armaram a mão que executou o assassinato. Eugênio Lira era um desses poucos advogados que colocam o seu ofício a serviço da libertação da classe trabalhadora. Era advogado do Sindicato dos Trabalhadores Rurais. Hoje, seis anos depois, os trabalhadores vêm à praça para lembrar a vida e a morte do companheiro Eugênio Lira e dizer a quem quizer entender que o assassinato, a violência não os intimidou. A luta popular cresceu em força e organização. A luta pela terra, por liberdade sindical, por uma vida digna.

A manifestação reuniu mais de mil trabalhadores rurais de diversos municípios da região. Em seguida realizou-se uma celebração em frente à igreja. Nos pronunciamentos, os participantes lembraram Eugênio Lira e os companheiros lavradores assassinados recentemente na luta pela terra. E ressaltaram que apesar de toda a violência e de toda a repressão os trabalhadores avançam. E citaram como exemplo concreto a criação da Central Única dos Trabalhadores criada pelo IÇ CONCLAT.

SÃO BERNARDO - SP

I CONGRESSO NACIONAL

DAS CLASSES TRABALHADORAS - CONCLAT

COM A PARTICIPAÇÃO DE CERCA DE 6 MIL TRABALHADORES, 5.265 DELEGADOS, REALIZOU-SE EM S.BERNARDO DO CAMPO -SP, O IÇ CONCLAT. ERAM REPRESENTANTES DE 393 SINDICATOS URBANOS DAS MAIS DIVERSAS CATEGORIAS E 319 SINDICATOS DE TRABALHADORES RURAIS, TOTALIZANDO 1.664 DELEGADOS.

AS FORÇAS QUE DENTRO DO MOVIMENTO SINDICAL, APOSTARAM NA NÃO REALIZAÇÃO DO CONGRESSO OU CLARAMENTE BOICOTARAM O ACONTECIMENTO SOFRERAM UMA GRAVE DERROTA.

A PRESENÇA DOS TRABALHADORES RURAIS SOBRETUDO, COM O PESO E O SIGNIFICADO QUE TEVE DENTRO DO CONGRESSO FOI UMA CLARA RESPOSTA À DECISÃO DA DIREÇÃO DA CONTAG DE NÃO PARTICIPAR DO CONCLAT E EVITAR ASSIM A CRIAÇÃO DA CENTRAL ÚNICA DOS TRABALHADORES - CUT.

O CONGRESSO APROVOU FUNDAMENTALMENTE DUAS MEDIDAS: A CRIAÇÃO DA CUT - INSTRUMENTO DE UNIFICAÇÃO, ORGANIZAÇÃO E PLANEJAMENTO DAS LUTAS CONTRA A POLÍTICA ECONÔMICA DO GOVERNO.

A TAREFA MAIS IMEDIATA DESSE PLANO DE LUTAS É A MOBILIZAÇÃO DE TODOS OS TRABALHADORES PARA A GREVE GERAL DO DIA 25 DE OUTUBRO CONTRA A APROVAÇÃO DO DECRETO 2.045.

Notícias e Comentários

BRASILIA

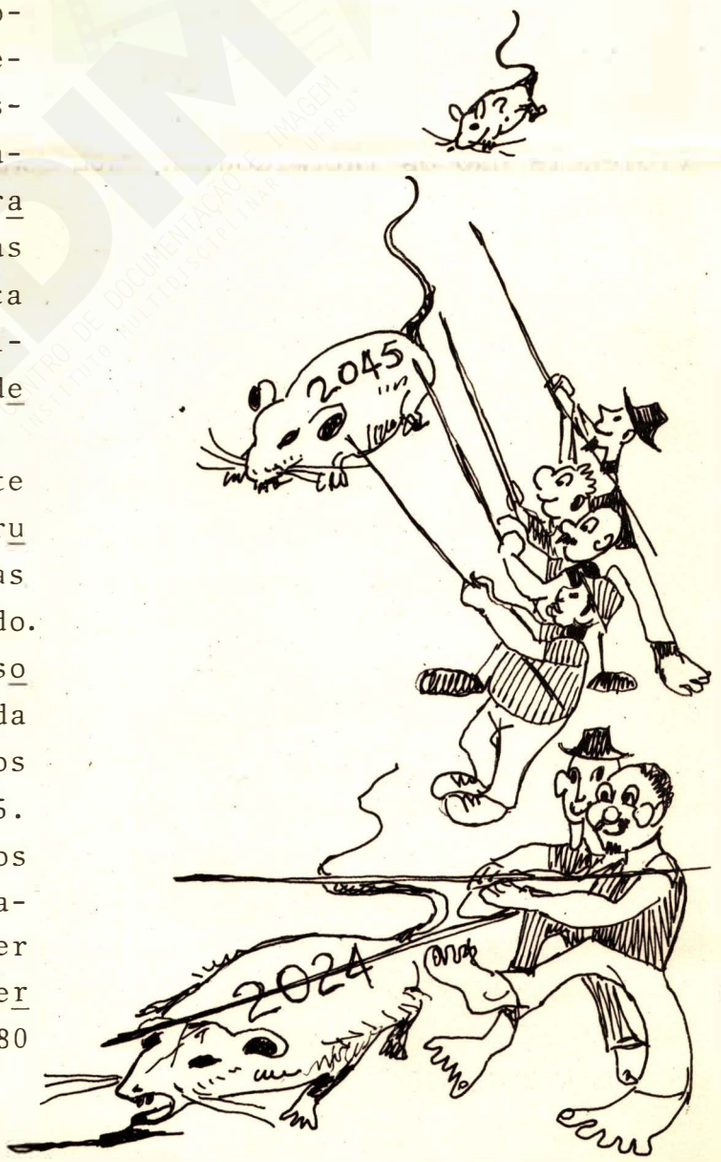
Decreto 2.024

OPOSIÇÕES DERROTAM O GOVERNO

Na noite do último dia 21, com os votos de 244 deputados de todos os partidos - inclusive do PDS - foi derrubado o Decreto-Lei 2.024. Esse Decreto, peça importante da política econômica do Sr. Delfim Netto impedia o reajuste dos salários dos trabalhadores acima de 100% do INPC -Indice Nacional de Preços ao Consumidor. A direção do Partido do Governo orientou seus deputados que se ausentassem do plenário para - com sua ausência - impedir o "quorum" (quantidade de deputados necessária para colocar qualquer assunto em votação) e dessa forma aprovar o Decreto por decurso de prazo. Delfim Netto e Ernane Galvêas foram surpreendidos com a presença e a unidade dos partidos de oposição que levaram ao plenário 244 deputados e derrubaram o Decreto.

É um fato político importante para os trabalhadores. Mas a derrubada do 2.024 não significa que as coisas refrescam para o nosso lado. Está em vigor um outro Decreto sobre política Salarial que é ainda mais abusivo contra o salário dos trabalhadores. É o Decreto 2.045. Esse decreto exige que os salários dos trabalhadores sejam reajustados em apenas 80% do INPC. Isso quer dizer que dentro de um ano o governo vai tomar dos trabalhadores 80 dias do seu salário.

O Decreto 2.045 é uma exigência do FMI para realizar seus acordos com o governo brasileiro. É a ferramenta para fazer os trabalhadores pagarem pela crise que eles não criaram. Esse Decreto deverá ser votado até o final de outubro. É importante que todos os trabalhadores exijam dos deputados em que votaram -seja de que partido forem - que votem contra. Que derrubem mais esse Decreto que agride a classe trabalhadora em nome dos interesses dos banqueiros internacionais.



Notícias e Comentários

BRASÍLIA - POSSEIROS E PADRES SERÃO JULGADOS

No próximo dia 11 de outubro os padres Aristides e Chico junto com os posseiros do Baixo Araguaia terão julgado no Superior Tribunal Militar seu recurso.

Não cessou, depois de dois anos a busca da Justiça para eles, vítimas da violência do latifúndio e da hiprocrisia dos poderes públicos. Os padres e posseiros do Araguaia são os reféns do latifúndio, que o regime militar mantem nos seus cárceres. A própria realidade se encarregou de desmascarar as calúnias desse processo forjado nos gabinetes do CSN e nas ante-salas dos órgãos de informações. Desde a prisão dos posseiros e padres a violência na região do Baixo-Araguaia não cessou de aumentar. Este fato inegável demonstra que os responsáveis pela violência na região permanecem à solta, impunes e cada dia mais agressivos.

****

PICOS - PI **ROMARIA**

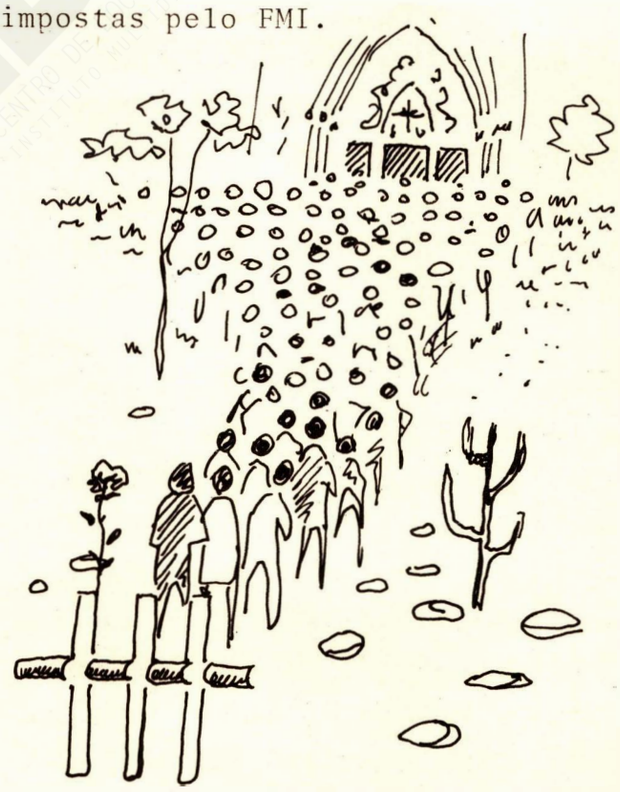
A DIOCESE DE PICOS - PIAUI REALIZOU EM 11 DE SETEMBRO ÚLTIMO A ROMARIA DA SECA. 10 MIL PESSOAS SE REUNIRAM NUM ATO DE FÉ E DE SOLIDARIEDADE COM O SOFRIDO NORDESTE. OS CRISTÃOS DE PICOS DEMONSTRAM COM SEU GESTO, COM O GESTO DE SUA IGREJA QUE É IMPRESCINDÍVEL OS PRÓPRIOS NORDESTINOS SE REUNIREM, SE MOBILIZAREM PARA OBTER SOLUÇÕES JUSTAS E PERMANENTES PARA SEUS ANGUSTIANTES PROBLEMAS.

SÃO PAULO
TARDE DE ORAÇÃO NA PRAÇA DA SÉ

Uma multidão de 50 mil pessoas respondeu à convocação da Igreja de São Paulo para a Tarde de Oração contra o Desemprego. A celebração foi presidida por D.Paulo Evaristo Arns, com a participação dos 11 bispos auxiliares e 410 padres.

O povo portava faixas: "Somos um povo que quer viver". "Chega de armas. Queremos Pão". "FMI - FOME MATA IRMÃOS". "A Igreja de São Paulo apoia os desempregados". E uma imensa faixa da CUT convocando para a Greve Geral no dia 25 de Outubro.

É com o povo na rua, nas praças, rezando, em romaria, nas manifestações, nas greves que combateremos o desemprego e as medidas econômicas impostas pelo FMI.



Notícias e Comentários

ESSES COMPANHEIROS FORAM ASSASSINADOS EM 83

ESSES COMPANHEIROS V I V E R Ã O

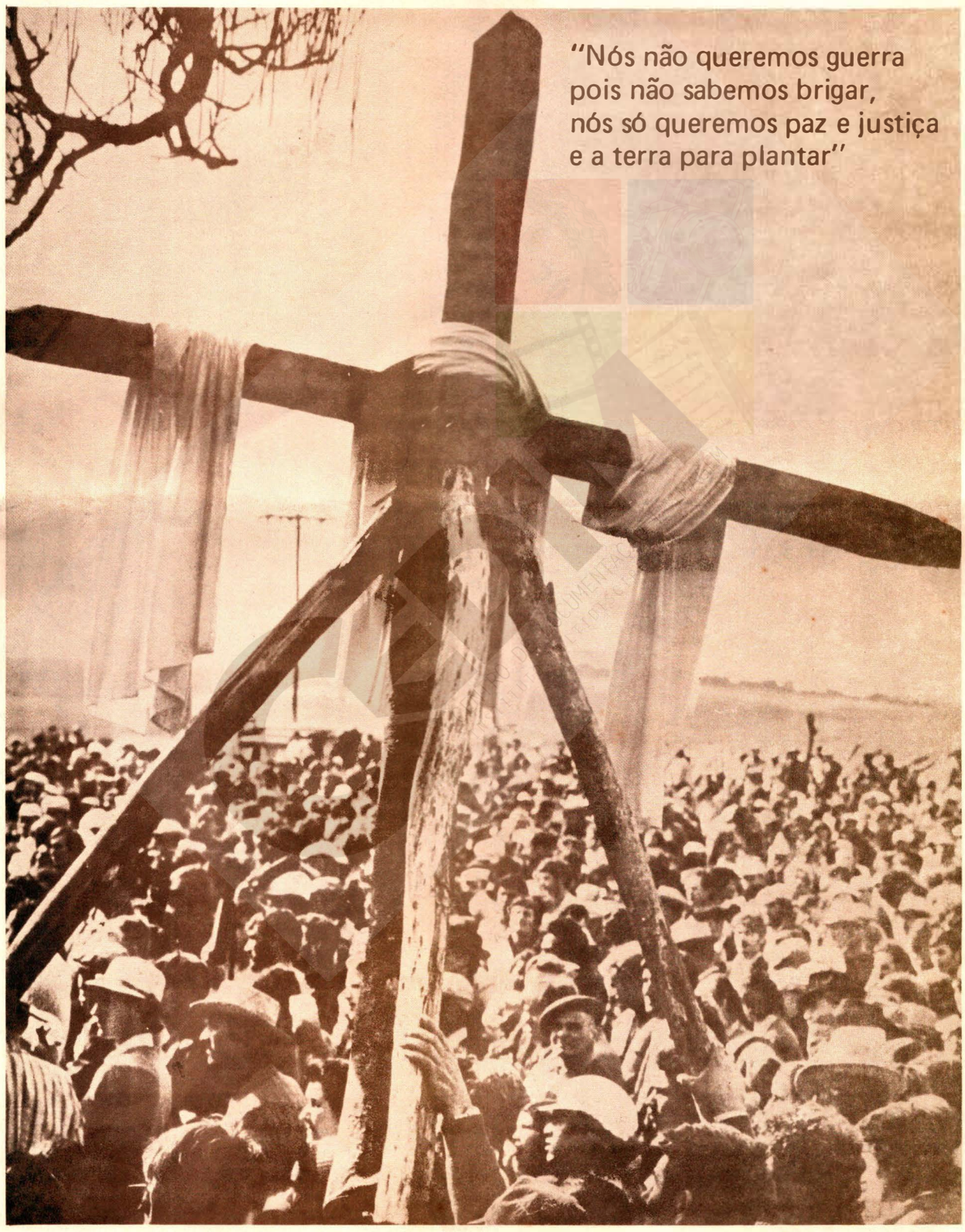
JANEIRO:	05 -	5 BÓIAS FRIAS	- Cambará - PR.
	17 -	9 BÓIAS FRIAS	- Adamantina - SP.
	28 -	ISIDÓRIO PEREIRA MATOS	- Irecê - BA.
FEVEREIRO:	03 -	CASSIANO DINÍSIO LOPES	- Una - BA.
	06 -	LEOPOLDINO INÁCIO ABADIA	- Bela Vista - GO.
	23 -	ARISTIDES TEIXEIRA DOS SANTOS	- Brejo - MA.
	25 -	RUFINO COELHO NETO	- Tamburil - GO.
	-	MANOEL ALVES PEREIRA	- PA - 150 - PA.
M A R Ç O:	02 -	ANANIAS DE OLIVEIRA SILVA	- Barreiras - BA.
	08 -	MANOEL RICARDO DA SILVA	- Bodoquena - MS.
	08 -	MANOEL RICARDO DA SILVA JUNIOR	- Bodoquena - MS.
	10 -	2 BÓIAS FRIAS	- PARANÁ
	10 -	TARCISIO SATIL DE MEDEIROS	- Itaberaí - GO.
	04 -	NAPOLEÃO A. DE LIMA	- Lapa - BA.
	07 -	JOSÉ CÂNDIDO DOS SANTOS	- Una - BA.
A B R I L:	17 -	JOSÉ SOARES DE LIMA	- Araguaína - GO.
	25 -	LOURENÇO CARDOSO DA SILVA	- Araguaina - GO.
	29 -	2 BÓIAS FRIAS	- Itaí - SP.
	-	JOSÉ OLEIRO	- Una - BA.
	-	JORGE DA CONCEIÇÃO	- Simões Filhos - BA.
M A I O :	19 -	MANOEL CÂNDIDO DE OLIVEIRA	- Canavieiras - BA.
J U N H O:	29 -	JOSÉ PEREIRA	- Xinguara - PA.
J U L H O:	06 -	24 BÓIAS FRIAS	- Assis - SP.
	10 -	ALCIDES MAXACALI	- Teófilo Otoni - MG.
	13 -	APARECIDA PEREIRA DA SILVA	- Riacho de Santana - BA.
	19 -	JOÃO OLIVEIRA DOS SANTOS	- Canavieiras - BA.
	21 -	JOÃO DE PAULA	- Marmeleiro - PR.
	27 -	DALMIR HENRIQUE NASCIMENTO	- Bodoquena - MS.
AGOSTO :	04 -	CLEMENTE FRANCISCO DE OLIVEIRA	- ELDORADO - MS.
	12 -	MARGARIDA ALVES	- ALAGOA GRANDE - PB.

(Não temos a relação dos nomes dos companheiros Bóias-Frias)

ANO VIII
MARÇO - ABRIL 1982
Nº 39

boletim

da comissão pastoral da terra (ligada à linha 6 da CNBB)



"Nós não queremos guerra
pois não sabemos brigar,
nós só queremos paz e justiça
e a terra para plantar"

LEIA NESTE NUMERO !

E se tivessem matado o Cardeal de Varsóvia ?
(*Editorial*)
A Luta dos Hebreus no Sertão do Nordeste - Carta dos colonos de Itaipu
EL SALVADOR: O Sangue dos Mártires Floresce na Luta

boletim
da comissão pastoral da terra (ligado à linha 6 da CNBB)

Uma Publicação do
Secretariado da CPT
Caixa Postal - 749
74.000 - Goiânia-GO

A S S I N A T U R A S

ESPECIAL (Colaboração)	- Cr$	1.000,00
NORMAL	- Cr$	250,00
PARA LAVRADORES	- Cr$	80,00
PARA O EXTERIOR	- US$	10.

IMPORTANTE

O pagamento das assinaturas pode ser feito através de VALE POSTAL ou CHEQUE VISADO pagável em Goiânia, em nome da COMISSÃO PASTORAL DA TERRA.

CAPA - A Cruz de Ronda Alta
Foto - Lurdes Maria Grzybowski

A COMISSÃO PASTORAL DA TERRA é um organismo ligado à linha Missionária da CNBB. Tem como objetivo central "interligar, assessorar e dinamizar os que trabalham em função dos homens sem terra e dos trabalhadores rurais..." (Conclusão nº 1 do Encontro de Goiânia sobre terra e Migrações na Amazônia Legal, junho de 1975).

CEDIM CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR UFRRJ

Editorial

E SE TIVESSEM MORTO O CARDEAL DE VARSOVIA ?

Polônia, Solidariedade, Lech Walesa. Nos jornais, no rádio, na televisão o problema polonês tomou a dianteira. Ninguém nega a importância da luta dos operários e camponeses da Polônia contra a violência e a repressão do exército. A Polônia é um país socialista em que a maioria do povo é católica de uma fé viva e profunda. A Polônia é um país sofredor, massacrado pelos povos vizinhos durante toda a sua história. A Polônia, no jogo de xadrez entre Estados Unidos e União Soviética é peça de primeira ordem.

A esta hora reina paz em Varsóvia. A paz dos cemitérios. O Sindicato independente Solidariedade foi declarado ilegal, os preços de alguns produtos de primeira necessidade subiram até 400%, o general Jaruzelski dirige o país em perfeita harmonia com Moscou. Até quando? O povo polonês tem demonstrado muitas vezes em sua história que não se dobra à opressão. A História do Povo Polonês não está terminada.

Na geografia mundial das lutas pela libertação do povo existe só a Polônia ? Não.

Aqui do nosso lado, há todo um continente, a América Latina inteira, transformada em palco de assassinatos, de opressão, de desrepseito aos direitos humanos. Não há na opinião pública mundial igual reação. No entanto reparem os números:

* **EL** SALVADOR - 13.353 assassinatos cometidos pelas forças militares e para-militares em 1981.
  - O Arcebispo de San Salvador, D. Oscar Romero assassinado a tiros quando celebrava a missa, em 1980.
  - 700 lavradores mortos em Morazán em fins do ano passado e 400 em Usulatán, nos primeiros meses deste ano.
* HONDURAS - Soldados do Exército Hondurenho (ajudados por militares de El Salvador) massacraram 300 camponeses que buscavam atravessar o rio Sunpul na fronteira entre os dois países, em 1980.
* **GUATEMALA** - 200 índios decapitados por tropas do governo em janeiro de 82. A Guatemala vive naufragada na violência ininterrupta desde 1954 quando o governo eleito do Presidente Jacobo Arbenz foi derrubado por um golpe de estado financiado e dirigido pelo serviço de inteligência dos Estados Unidos - (CIA).

Por que a opinião pública mundial não presta tanta atenção ao que acontece na América Latina como ao que acontece na Polônia ?

Editorial

Uma vez mais a história é colonial. Ela é escrita nos países ricos e lida pelos países pobres. Quer dizer, os governos dos países pobres obrigam os povos a ler a cartilha dos seus exploradores. Por essa cartilha o sofrimento dos povos latinoamericanos não deve tirar o sono da opinião pública.

El Salvador, que depois da Nicarágua é a pagina mais viva desta caminhada de libertação é lida pelos honestos e civis senhores do ocidente, utilizando os óculos do cow boy Ronald Regan. A subserviência é tal que não se pronuncia uma condenação, ignora-se sistematicamente os assassinatos, toma-se uma posição "neutral". Chega-se ao ponto de preferir correr o risco de um Vietnam-America



no, de por na mesma balança a chacina do exército e as ações de auto-defesa do povo através das forças guerrilheiras da Frente Farabundo Marti. De apostar nas eleições realizadas sob balas em que a disputa se dá entre dois partidos a serviço do mesmo projeto opressor.

A leitura da história nunca foi imparcial. Hoje muito menos. Quem propagandeia o problema polonês e ignora o massacre do povo salvadorenho e toda a América Latina está se posicionando consciente ou inconscientemente em defesa de interesses do capitalismo.

Quem se posiciona ficando ao lado do povo, de qualquer povo, de qualquer país, sabe ler a história numa postura correta, sabe gritar sem medo de ser acusado de partidarismo, sabe que de baixo de qualquer bandeira a luta é uma só, a liberdade dos oprimidos.

E aos detentores do poder econômico e político, aos senhores que em toda luta de libertação percebem a ameaça ao seu capital e seus privilégios, aos que se defendem por trás de uma tão falsa quanto inútil defesa dos valores cristãos e democráticos, perguntamos:

O que teria acontecido para a opinião pública mundial se em lugar de Dom Oscar Romero tivessem assassinado o Cardeal de Varsóvia ?

Documento

CARTA ABERTA DOS COLONOS DE ITAIPU

O MOVIMENTO JUSTIÇA E TERRA DOS AGRICULTORES ASSALTADOS POR ITAIPU AO POVO BRASILEIRO QUE SOFRE COMO NÓS E ÀS AUTORIDADES QUE DEVERIAM NOS DEFENDER.

Itaipu, a barragem do século, está rachada! Por detrás da grandiosa parede de cimento, tecnologia e palavras bonitas, a "taipa" continua derramando injustiça. Nós agricultores do futuro lago, voltamos a denunciar à opinião pública que:

1º. Pagamentos prometidos para 20/30 dias estão atrasados mais que 90 dias. Assim muitos de nós são obrigados anular contratos de compra de novas áreas ou a pagar juros altos aos vendedores.

2º. Faltando menos de dois meses para desocuparmos as terras restam mais de 600 propriedades sem indenização. Alguns nunca receberam propostas de preços, mas lembram-se que entre as muitas promessas não cumpridas, uma era que até o final de 1980 todos teriam seu pagamento justo em mãos.

3º. A maioria dos casos de litígio e de posse ainda estão sem solução e algumas áreas ainda aguardam titulação do INCRA. O trabalho de Itaipu começou em 1976 mas quem ganha salário folgado não tem pressa em terminar o serviço!

4º Propriedades já indenizadas ainda não foram recompensadas pela eletrificação rural, apesar de Itaipu ter prometido por escrito. Como poderemos retirar as benfeitorias até fim de abril se não há garantias reais e confiáveis de recebermos a indenização pelas redes! Por ironia, a Itaipu, que fornecerá a maior energia do mundo, não é capaz de indenizar uma simples indenização elétrica.

5º. Nem todos os preços são justos, por exemplo: um lote urbano na cidade de Santa Helena -Paraná, está sendo indenizado a 50 mil cruzeiros.

6º. Espalhadas pela região há famílias "esquecidas", sem escolas para os filhos, sem transporte e sem infra-estrutura.



Documento

79. Do lado do Paraguai repetem-se as mesmas situações sem falarmos dos índios, sem transporte e sem infra-estrutura.

Povo brasileiro, esta é a nossa verdade e o nosso sofrimento. A verdade publicada por Itaipu é outra. Pelo Brasil inteiro ela anuncia que já terminou com as desapropriações, todas "amigáveis, justas, humanas e de acordo com o espírito cristão". Quando reclamamos do atraso e dos preços respondem que está faltando dinheiro. Mas quem assim fala está com seu altíssimo salário rigorosamente em dia, e para a Empresa não faltam as verbas para o cimento e para transportar a maior turbina do século. Sabemos que dragão amarrado jamais vira moça bonita. Pelas nossas lutas nos anos passados, Itaipu foi obrigada a atender as nossas reivindicações, agora pensa que estamos fracos e que pode voltar a usar da mentira, da falsidade e da arbitrariedade. Não por incompetência, mas por maldade mesmo, é que nos encontramos nessa angústia. Mas vamos lutar, vamos resistir até o último indenizado.

Reunidos em Assembléia, decidimos:

a). Enviar a presente carta aberta.

b). Não aceitar e nem tolerar pagamento nos valores de novembro de 1981.

c). Não desocuparmos nossas terras até 30 de abril, mas continuar plantando até que sejamos notificados judicialmente.

d). Enviar uma comissão para apresentar nossas reivindicações a Itaipu, em regime de urgência.

e). Marcar nova Assembléia para daqui a três dias, afim de tomar atitude drástica, se necessária.



Nossas reivindicações:

1. Pagamento do cheque 15 dias após afirmado o acordo, como anteriormente respeitado por Itaipu.
2. Reajuste de fevereiro, mais reajustes mensais, para os atrasos, de acordo com o índice da inflação.
3. Permanecer na terra depois de 30 de abril.
4. Regularização urgente dos litígios e das posses.
5. Pagamento imediato das redes de eltrificação.

Documento

REFLEXÃO PASTORAL SOBRE O PROJETO "GRANDE CARAJÁS".

1. Nós, Bispos do Regional NE IV da CNBB, o qual abrange os estados do Maranhão e Piauí realizamos nossa segunda assembléia Pastoral em Teresina, dia 04 a 08 de janeiro de 1982.

2. Juntamente com leigos, religiosas e padres de nossas dioceses, em clima de oração e fraterna convivência, detivemo-nos sobre o campo da Pastoral Social.

3. Refletimos em particular sobre os grandes desafios que a realidade social apresenta à nossa ação pastoral.

4. Dedicamo-nos concretamente ao exame do projeto "Grande Carajás", localizado em parte, em território de nosso Regional.

5. Moveu-nos a isso, o conhecimento de algumas consequências desse projeto. Elas já começaram a manifestar-se francamente nefastas ao povo pobre da região atingida, com perspectivas que se desenham cada vez mais graves no plano econômico e social.

6. Reconhecemos a nossa incompetência sobre seus aspectos técnicos. Em virtude, porém, de nossa missão pastoral, assiste-nos o direito e incumbe-nos o dever de julgá-lo sob a inegável dimensão ética que comporta.



7. Nosso critério básico de julgamento é o próprio Homem, imagem e semelhança de Deus Criador e chamado a ser filho de Deus. Daí decorre a fundamental dignidade da pessoa humana, sua liberdade e condição de sujeito da própria história.

8. As informações que nos foram prestadas sobre o referido projeto aumentaram as nossas preocupações. De acordo com essas informações, seria o projeto "Grande Carajás":

9.1º- um projeto de grande porte, atingindo vasta área da Amazônia Legal, com sérias repercussões econômicas, sociais, culturais e ecológicas;

Documento

10.2º- um projeto para cuja elaboração e decisão não participaram nem foram ouvidas em suas necessidades e interesses a Nação e a Região em que se instalará;

11.3º- um projeto que, financiado em sua maior parte pelo capital estrangeiro e visando fundamentalmente à exportação, terá como consequência a internacionalização da Amazônia.

12. A execução de um projeto de tal magnitude, somada à de outros grandes projetos do Governo, redundará certamente em profundas mudanças para a convivência humana das populações atingidas.

13. "Não compete à Igreja analisar cientificamente estas mudanças. Mas ela considera sua tarefa fazer com que sejam sempre tidos presentes a dignidade e os direitos dos homens do trabalho, estigmatizar as situações em que são violados e contribuir para orientar as aludidas mutações, para que se torne realidade um progresso autêntico do homem e da sociedade" - (João Paulo II, Laborem Exercens, Introdução).

14. Considerando a maneira como, segundo as informações correntes, vem se consolidando o processo de realização do projeto: "Grande Carajás", nosso empenho de fidelidade à "opção preferencial pelos pobres, no intuito de sua integral libertação" (Puebla 1134) compromete-nos a:



15. *exigir o direito que tem o povo à informação sobre o que lhe diz respeito e à participação ativa no processo do próprio desenvolvimento. No caso concreto, direito à informação sobre o projeto "Grande Carajás" e à participação nele.

16. *estimular e apoiar as organizações populares para a reivindicação destes direitos e o enfrentamento das consequências advindas de eventuais desrespeito e violação deles.

17. Confiamos que o dinamismo do Espírito de Jesus Ressuscitado que habita sua Igreja, a fará sempre mais servidora, missionária e sacramento de comunhão, portadora de nova esperança para o mundo.

CONFLITOS

Documento



No mês de setembro de 1981 o Secretariado Nacional da Comissão Pastoral da Terra publicou os resultados dos Conflitos de Terra no Brasil acontecidos até julho de 1981.

Agora, continuando o levantamento, está divulgando os números dos conflitos que abrangem os meses de agôsto à dezembro de 1981.

Neste período, foram registrados 142 conflitos. A grilagem, a expulsão e o despejo continuam sendo os conflitos mais numerosos, confirmando que a violência e os desmandos da justiça são os carros chefes da expulsão do homem do campo. Aconteceram 16 assassinatos de lavradores, nestes cinco meses, confirmando assim a intensificação da violência no campo.

A Bahia apresenta a maior concentração de conflitos (50), seguindo-se o Pará (20) e Goiás (14). Confrontando com os dados anteriores, vemos que o clima de tensão social e de violência permanece no sul do Pará e no norte de Goiás e cresce na Bahia. Outra tendência mostrada, neste período, é o crescimento dos conflitos na Rondônia (7) em outras áreas, tidas até agora como sem problemas em relação à posse e uso da terra, como Santa Catarina (12) e Minas Gerais (10).



I CONFLITOS DE TERRA NO BRASIL

TABELA I

E S T A D O	NÚMERO DE CONFLITOS	NÚMERO DE FAMÍLIAS	NÚMERO DE PESSOAS	ÁREA EM HA.:
ACRE	02	01	350	463.000
ALAGOAS	01	01	17	--- ---
AMAZONAS	01	--	--	--- ---
BAHIA	50	1.703	4.999	54.223
GOIÁS	14	189	478	6.246
MATO GROSSO	06	92	2.220	38.200
MATO GROSSO DO SUL	01	--	---	200
MARANHÃO	03	80	400	2.772.500
MINAS GERAIS	10	968	4.857	--- ---
PARÁ	20	1.007	3.666	458.875
PARANÁ	03	17	725	147
PARAIBA	02	06	01	300
PERNAMBUCO	04	83	417	223
PIAUÍ	02	---	4.500	--- ---
RIO GRANDE DO NORTE	01	37	---	--- ---
RIO DE JANEIRO	01	---	---	400
RONDÔNIA	07	158	842	--- ---
SANTA CATARINA	12	2.290	8.680	24.475
SÃO PAULO	02	94	---	6.500
T O T A I S	142	6.726	32.152	3.825.289



ento

RELAÇÃO DOS LAVRADORES, LÍDERES SINDICAIS E ADVOGADOS ASSASSINADOS

TABELA IV

N O M E	DATA DA MORTE	LOCAL DA MORTE	CARGO
Índio Tuca: Antônio Pigo	1981	Ilha da Assunção - BA	
Agenor Dias Farias	1981	Paulo Afonso - BA	lavrador
José Antonio de Aquino	1981	Senhor do Bom Fim - BA	--------
Hélio Hilarião	1981	Senhor do Bom Fim - Ba	advogado
Otaviano Alves Ferreira	1981	Araguaçu - GO	lavrador
Praxedes Pereira da Silva	1981	Urucaia - MG	lavrador
Florisvaldo Oliveira Mendes	1981	Arraias - PA	lavrador
Francisco Sales Duarte	1981	Arraias - PA	lavrador
Honorato Oliveira da Silva	1981	Arrais - PA	lavrador
João Costa Oliveira	1981	Arraias - PA	lavrador
Fernando Francelino da Palestina:	1981	Arraias - PA	lavrador
José Silvino Valdivino	1981	Cruz do Espirito Sto-PB	lavrador
João Duda	1981	Bom Jardim - PE	lavrador
Filho de João Duda - 5 anos	1981	Bom Jardim - PE	lavrador
João Júlio da Silva Neto	1981	Rio Formoso - PE	lavrador
Waldir José Rodrigues	1981	S.Miguel do Araguaia-GO	lavrador

Nos últimos 21 meses foram assassinados
2 lavradores por mês no Baixo Araguaia !!!

Estudo — 25

Neste número deveríamos ter o estudo 19 que inicia o Novo Testamento. Mas como já está no livro "A LUTA PELA TERRA NA BÍBLIA" e todos os regionais o tem à disposição, julgamos melhor continuar esta série com relatos de experiências e depoimentos de lavradores e comunidades sobre como aplicam a Bíblia hoje na sua luta concreta.

Por motivos de método preferimos mudar alguns nomes de pessoas e lugares. Mas todos os casos contados serão reais e podem ser atestados.

Pedimos que se alguma comunidade ou pessoa deseja colocar nesta série sua experiência, nos envie logo. Este capítulo leva o nº 25 porque representa a continuidade da luta pela terra na Bíblia Hoje.

A LUTA DOS HEBREUS NO SERTÃO DO NORDESTE

Quem conhecer rápidamente o seu Cícero das Dores vê um homem moreno, com o corpo magro falando de pobreza e de muita luta com a enxada. Um homem sem leitura e sem nada que o distinga. Mas parece que não é assim que o vêem, os donos do poder, porque já lhe deram muita importância e até hoje exigem que Cícero faça uma visita à delegacia, parece que cada mês.



- Por que toda esta distinção ?

O próprio Cícero responde:

Em 1960 durante a seca o governo contratou os lavradores para abrir uma estrada no sertão. Era uma "frente de serviço". Havia um tal de salário de miséria que era Cr$4.040,00 por dia (atualmente seria Cr$4,40- quatro cruzeiros e quarenta centavos).

Acontece que o batalhão pagava só Cr$2.000,00 por dia. Então eu e alguns companheiros saímos pelas frentes de serviço, de barraco em barraco, exigindo a lei do salário mínimo deste estado.

O pessoal se organizou e começou a exigir o salário de lei. Os grandes negaram e começaram despedir quem falasse contra. Tudo isto aconteceu tão rápido que nem dá para acreditar. Num sábado de manhã uma grande turma de companheiros revoltados e necessitados invadiu a sede de fornecimento da SUDENE na minha cidade.

Estudo — 25

Os soldados vieram e prenderam sete companheiros. Bateram neles para eles dizerem quem chefiou a invasão. Entre os presos havia um lavrador já velho e doente. Ameaçaram matá-lo se não confessassem que tinha sido eu que mandei invadir. Depois de muito sofrer, os companheiros soltaram meu nome.

A polícia foi me buscar, mas eu estava reunido com mais de trezentos homens e eles não tiveram coragem de me prender.

No dia seguinte eu estava sózinho na sede do sindicato de trabalhadores rurais e de repente chegaram os homens, me cercaram e me levaram como se eu fosse o maior inimigo do Brasil.

É verdade que não sou de muita instrução, mas sei que para prender alguém tem de ter órdem do juiz. E eu descobri que eles me prenderam por órdem do desembargador. Então na cadeia comecei a gritar e a criticar que desembargador não tinha direito de me prender. Passei 36 dias de cadeia sem ser ouvido e sem saber o que ia acontecer. Aí me chamaram para depor.

Lá na sala estava o desembargador, um capitão, um tenente do exército e um cabo.



Então eles começaram a me acusar de invadir o fornecimento da SUDENE. Neguei. O que fiz foi só esclarecer os companheiros para exigir o cumprimento da lei.

E eles lá no tribunal deles disseram:

- O que é que você tem a ver com as leis?

Então respondi que todo o mundo tem a ver com as leis, porque as leis dão o direito. Eles interromperam minha palavra e disseram com ar de riso:

- Isso não vale para nós.

Então eu me achei num país sem leis. Pensei e falei:- "Mas quem criou estas leis não fui eu, nem os lavradores. Foi as autoridades mesmo".

Estudo — 25

- Que lei, rapaz. Conversa mole. Já viu trabalhador rural falar em lei. Estas leis não mandam nada.

E eu de boca aberta num país sem leis, procurando o que dizer aos homens da lei que me disseram que lei não vale.Aí encontrei:

- Vocês não respeitam as leis que vocês mesmos fizeram. Mas eu estou a par de uma lei superior a essas todas e que manda em tudo no mundo.

- De onde vem esta lei?

- É o Vaticano 2º e vale prá todos os países do mundo.

Quando me ouviram falar em Vaticano o desembargador me disse:

- Aí está a prova que você é mesmo comunista vindo com a lei dos estrangeiros:

Não me incomodei. Puxei o Evangelho e entreguei ao próprio desembargador. Ele me devolveu querendo que eu mesmo lesse, mas eu não conheço nome nenhum. Nem sei assoletrar. O desembargador pegou o livro de Deus, mas não sabia usar. Perdara-se ali dentro como um bicho andando num palácio.

Então passou para o sargento. O sargento para o capitão. Eles nem conseguiam folhear. Parece até que tinham medo.

Vendo a confusão deles, disse:

- Pode procurar a carta de S. Tiago no capítulo 5.

Eles faziam gestos de quem não entende nada. Tomei o livro deles e soprei no livro como se fosse para limpar. E falei claro:

- Taí a sabedoria de vocês. Deus não deixa vocês conehcerem essa riqueza que é só dos que estão do lado dele.

Abri a Bíblia na página marcada com tinta azul. Devia ser ali a passagem de São Tiago. E dei para eles lerem. Eles liam sozinhos e eu falei.

- E preciso ler em voz alta. Por que vocês não lêem?

Então o capitão colocou os óculos e disse. Aqui está escrito assim: "Vocês ricos, chorem e gemam por causa das desgraças que vêm aí em cima de vocês..." - E foi lendo: "Lembrem-se de que o salário que vocês deixaram de pagar aos trabalhadores rurais que estão na terra de vocês é como um grande grito e os gemidos dos lavradores chegam aos ouvidos de Deus."



Estudo — 25

Eles leram isso e parece que ficaram com mais raiva a inda. Acusaram-me de ter inventado um cartório falso que o pessoal chamava de"cartório de Deus".

Mas eu não inventei o cartório. A gente só fazia uma forma de escritura em nome de Deus. Eu ditava e outros escreviam.

Acabou que eles tiveram de me soltar, mas já faz 15 anos que estou respondendo um processo que não acaba mais nunca. E tudo isso por causa das palavras de Deus.

Cícero continua sua luta.

No julgamento, só para atemorizá-lo um promotor pergunta:

- Como é seu verdadeiro nome ?

Ele respondeu:

- Cícero das Dores, mas pode escrever ai: **MOISÉS** !



Especial

LEI ANILZINHO, LEI DOS POSSEIROS

Nós, camponeses da região do Tocantins (PA) (Baião, Cametá, Tucuruí, Mocajuba, Oeiras do Pará e Limoeiros do Ajurú), reunidos nos dias 6, 7 e 8 de novembro de 1981, pela segunda vez na Comunidade de Anilzinho-Baião, em encontro sobre "A QUESTÃO DA POSSE DA TERRA", depois de termos feito um levantamento da situação atual nas comunidades, reavaliação e estudo sobre a Lei Anilzinho e um debate sobre a Organização Fundiária, Sindical e Política, resolvemos reformular a Lei Anilzinho, que passa a ter a seguinte redação:

LEI ANILZINHO II

01. **RESISTIR NA TERRA**

1.1. De Maneira Imediata:

- Se for preciso com armas, machado, terçado, espingarda, etc., resistir à grilagem. - Comunicar e denunciar as arbitrariedades às comunidades vizinhas, sindicatos, CPT e demais entidades de apoio, imprensa; que haja solidariedade mútua.

1.2. De Maneira Permanente:

- Plantar culturas permanentes e de subsistência. - Morar na terra.

02. **PROPRIEDADE DA TERRA**

2.1. A terra é da comunidade.

2.2. Cabe às comunidades, com ou sem topógrafo, demarcar e dividir a área entre os seus membros.

2.3. Os membros assinam um documento preparado pela comunidade reconhecendo que a terra que eles trabalham ou irão trabalhar é da comunidade.

2.4. No caso do posseiro deixar a terra, só terá direito à indenização da benfeitoria, pois a terra pertence à comunidade.

03. USO DA TERRA

3.1. A terra é para trabalhar nela.

3.2. Dar prioridade à cultura permanente.

3.3. Manter cultura de subsistência para família e para a comunidade.

3.4. Não se comprometer com o banco.

04. **COMERCIALIZAÇÃO**

4.1. No processo de comercialização dos produtos, organizar cantinas ou cooperativas.

4.2. Procurar vender a produção e comprar os bens necessários em conjunto.

05. ORGANIZAÇÃO

5.1. Comunitária:

-Organizar a comunidade com homens, mulheres e jovens através de mutirão

Especial

e trabalho coletivo e deve ser coordenada por uma comissão mista. - Construir casa comunitária ou capela, exigir posto médico, escola para dar mais segurança na terra. - Criar comissões de trabalho e estudo, conforme a necessidade da comunidade.

5.2. Sindical:

-Todos os membros da comunidade devem ser sindicalizados.

-Fazer oposição sindical. Que o sindicato seja dos trabalhadores. Exigir do sindicato ação em defesa da classe. - As oposições sindicais existentes deverão criar comissões de educação sindical. - Lutar pela construção da Central Única dos Trabalhadores (CUT) pela base.

5.3. Política.

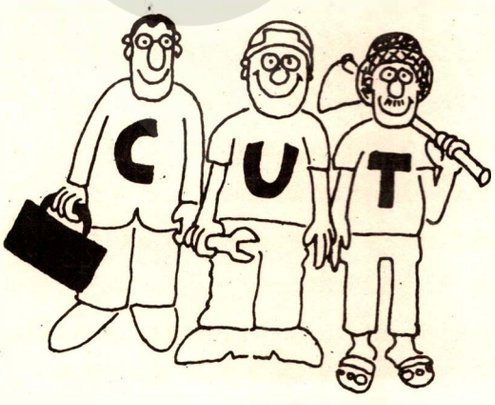
- Fazer oposição política.

06. ENCONTROS

6.1. Criar um fundo de manutenção dos encontros.

6.2. Em caso de encontros ou qualquer outro movimento festivo, as vendas seja feitas para o benefício das comunidades.

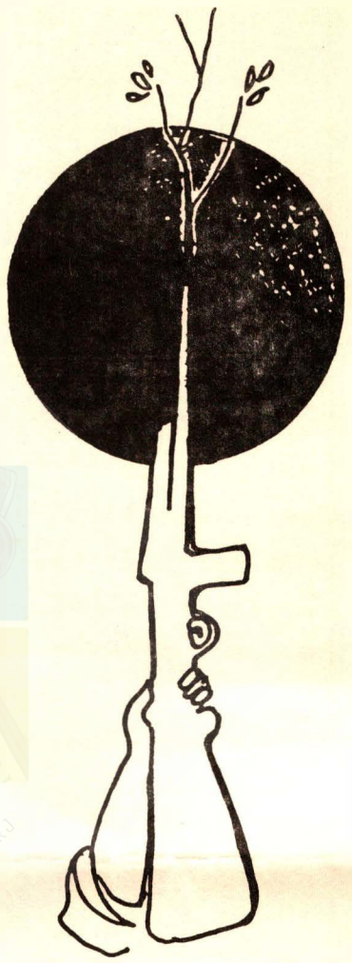
07. VINTE E CINCO DE JULHO - DIA DO LAVRADOR.





Abre o olho

El Salvador



Há cinquenta anos este pequeno país marcha entre o massacre e a insurreição.

Quatro milhões e quinhentos mil salvadorenhos se apertam numa área de apenas 21.393 quilômetros quadrados -o menor país da América Latina- vivendo da exportação de café, algodão e alguns produtos manufaturados. A economia do país é controlada por 14 famílias de latifundiários, aliados aos capitais dos Estados Unidos.

No último ano EL SALVADOR se transformou no centro da crise política e militar que atinge toda a América Central principalmente Guatemala, Honduras e Nicarágua. Com o isolamento completo da Junta Civil Militar que governa o país, o Governo Norte Americano de Ronald Reagan aumentou em enorme quantidade o fornecimento de armas, munições e instrutores militares ao Exército Salvadorenho. Hoje, se os Estados Unidos retirarem a ajuda Militar ao Governo de El Salvador, ele caíra por si. Porque todo o povo já se levantou contra ele.

O povo de El Salvador está organizado em duas frentes. Uma política: -A Frente Democrática Revolucionária= FDR e outra militar: -A Frente Marti de Libertação Nacional= FMLN. Alguns governos já reconheceram que essas duas organizações é que representam os verdadeiros interesses do povo de El Salvador. Os primeiros foram a França e o México.

Os guerrilheiros da FMLN já controlam 40% do território do país e aumentam dia a dia sua força política e militar. Diante desse avanço a Junta do Governo decidiu fazer uma manobra para confundir a opinião pública do mundo inteiro. Realizar eleições para uma Assembléia Constituinte. Os guerrilheiros da FMLN recusaram-se a participar de eleições realizadas debaixo de balas. Denunciaram que essas eleições são uma farsa, uma mentira. E provaram que o governo confeccionou 900 mil cédulas de votação sendo que nos país inteiro tem mais de 2 milhões de eleitores. Além do mais só os partidos de extrema direita vão participar das eleições.

Enquanto isso o governo de Ronald Reagan visita de um por um todos os países da América Latina pedindo que eles mandem soldados para invadir El Salvador. Quer dizer, querendo usar os soldados da Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, etc como bucha de canhão para defender os interesses dos Estados Unidos. Isso porque o povo norte-americano não está permitindo

Abre o olho

que ele mande soldados ianques para morrer em El Salvador.

Neste segundo aniversários do assassinato de D. OSCAR ROMERO, o BISPO DOS POBRES DE EL SALVADOR- o povo organizado na FDR-FMLN apressa o passo de sua caminhada para a libertação. A morte de D. ROMERO não foi em vão. Seu exemplo e a semente do seu sangue floresceram. A luta do povo salvadorenho, que é uma parte da luta de todos os oprimidos do mundo e particularmente da América Latina está ganhando cada dia mais força.

Os trabalhadores do Brasil devem refletir e discutir a luta dos seus companheiros de El Salvador e trabalhar no sentido de dar a eles todo o apoio, realizando campanhas de esclarecimento, campanhas de fundos, enviando cartas de solidariedade, realizando celebrações e manifestações exigindo que o governo brasileiro também reconheça os legítimos representantes do povo salvadorenho: A FDR e a FMLN.

NICARÁGUA VENCEU - EL SALVADOR VENCERÁ !

Ziraldo



PÁSCOA

PÁSCOA, PASSAGEM
PASSAGEM LUTA,
PASSAGEM SANGUE,
PASSAGEM DECISÃO;
PASSAGEM QUE EXIGE AMOR,
UNIÃO,
DOAÇÃO.

PÁSCOA, PASSAGEM
PASSAGEM DO LAVRADOR,
PASSAGEM DO OPERÁRIO,
PASSAGEM DO EMPOBRECIDO,
PASSAGEM DO OPRIMIDO,
QUE LAVRA A TERRA,
QUE FAZ A MÁQUINA,
QUE FAZ A CONSTRUÇÃO,
NA CERTEZA-ESPERANÇA
DO NOVO CÉU, DA NOVA TERRA.

PÁSCOA, PASSAGEM
PASSAGEM PARA A TERRA DO PÃO,
PASSAGEM PARA A TERRA DA JUSTIÇA,
PASSAGEM PARA A TERRA DA LIBERDADE.

PÁSCOA, PASSAGEM
PASSAGEM CONSTRUIDA,
NO SILÊNCIO DA VOZ,
NA ESCURIDÃO DA NOITE,
NA INSEGURANÇA DA VIDA
TENDO COMO ÚNICA CERTEZA
A VITÓRIA RESSURREIÇÃO,
A VITÓRIA VERDADE
DADA POR CRISTO
NOSSO IRMÃO-DEUS LIBERTADOR.

CEDIM CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR UFRRJ

Notícias e Comentários

PDS EM CAMPANHA NO RIO DE JANEIRO

No Rio o governo do Estado criou uma comissão de terras, que fêz convênio com o INCRA. A finalidade é a "regularização fundiária" tão falada pelo Paulo Yokota, particularmente para a região de Angra dos Reis e Paratí. Há uma verba de 16 bilhões para o INCRA fazer convênios com os institutos de terras estaduais neste ano. A proposição vai até as ações discriminatórias mas não chega nas desapropriações, que vão seguir seu curso normal. A campanha do PDS, como se vê é de muito fôlego.



G E T A T :-
SETE PALMOS DE TERRA PARA QUEM NELA TRABALHA.

Ao mesmo tempo em que o julgamento-farsa continua em Belém, os posseiros de São Geraldo permanecem esmagados em seus direitos fundamentais e os padres permanecem presos, acusados do crime de anunciar o Evangelho, a tragédia no Baixo Araguaia continua.

O grileiro Neif Murad desenvolveu no final de janeiro um rosário de violências, abençoadas pelos "justos juízes", e pelo GETAT, órgão carcerário do Governo para tratar da questão da Terra.

* 2 de janeiro: 6 operações repressivas derrubando casas, destruindo roças, envenenando gente.

* 26 de janeiro: operação contra 12 lavradores, dois deles apresentando em Belém marcas de torturas.

* 29 de janeiro: operação contra o lote 8 com um barraco destruido e 2 queimados

* início de fevereiro: nova operação contra o lote 8 com 5 casas queimadas.

E todo mundo sabe que Murad fraudou o documento das terras e que na liminar de despejo aparecem nomes de pessoas inexistentes ou que não moram mais na área.

Onde está a justiça? É esta a Reforma Agrária pacífica que o governo está fazendo? De quem é a violência? Dos que se defendem ou dos que semeiam o terror?

A propaganda do governo pela televisão devia mudar o slogan. Em vez de "Terra para quem nela trabalha" **"Sete palmos de terra para quem nela trabalha".**



Notícias e Comentários

S A N T A R É M:

AVELINO ASSASSINADO

O Companheiro Avelino Ribeiro da Silva, delegado Regional do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Santarém, foi assassinado friamente pelo delinquente Otacílio Feitosa, o Ota, como é conhecido na região. As pressões de Ota contra Avelino e outros companheiros foram denunciadas desde o ano passado. Nenhuma providência foi tomada pelas autoridades Quem responderá pela morte de Avelino? Onde estava a justiça na hora do assassinato?

Assembléia da Oposição Sindical dos Trabalhadores Rurais

A Oposição Sindical dos Trabalhadores Rurais de Goiás reuniu-se durante 4 dias, mais de cem trabalhadores em sua Assembléia anual.

A assembléia comprovou um fato importante: a classe exige cada vez mais combatividade dos seus dirigentes e dos seus instrumentos de luta: Associações, Sindicatos, Federação.

As maiores denúncias foram contra a política partidária do governo e o peleguismo que continua na FETAEG, um ano depois da derrubada do Pelegão Antônio Bueno.

Foram aprovadas as propostas gerais de luta da Oposição Sindical para o próximo ano, principalmente o esforço de participação no ENCLAT, CONCLAT e construção da CUT pela base.

JUSTIÇA E LIBERDADE

Aproxima-se o julgamento dos padres Aristides e Francisco e dos 13 posseiros de São Geraldo do Araguaia. Já fez mais de 200 dias que eles estão presos e somente agora se anuncia o julgamento para o fim de março ou início de abril.

Não é a verdade ou a justiça que decidirá a libertação dos presos. O que decidirá a sorte dos 15 será a consciência do Estado, daqueles que tem o dinheiro e o poder nas mãos para mantê-los presos ou soltá-los.

De qualquer forma se julgará a pastoral preferencial dos pobres e oprimidos, a situação calamitosa de milhares de agricultores perseguidos e expulsos das suas terras, a sede de liberdade, de organização e de justiça de todo o povo.

Portanto, é necessário que todos se empenhem a fim de que a justiça seja feita ou a injustiça seja denunciada.

C A R T A S

"Também para nós é importante preparar dias melhores: (...) nos sentirmos solidários e participantes da situação e das lutas dos trabalhadores no mundo: Trabalhadores pobres afastados de sues terras, presos, torturados, impedidos de desenvolver sua própria personalidade e o direito de governar-se democraticamente (...)"

OS AMIGOS DE MODIGLIANA
ITÁLIA

Noticias e Comentários

L E I A:- "OS CAMPONESES E A POLÍTICA NO BRASIL"
de José de Souza Martins - Editora VOZES -1982.

"O camponês no processo histórico é um excluido, um inferior, um ausente" afirma José de Souza Martins no seu novo livro editado pela VOZES: "Os camponeses e a política no Brasil".

Páginas entre as mais marcantes da história do Brasil foram escritas pelos camponeses, mesmo assim ficaram desconhecidas ou mal redigidas pelos autores oficiais.

Para redescobrir o papel e o valor do camponês, Martins traça um quadro rápido, porém completo, acompanhado, inclusive, de preciosa e indispensável documentação fotográfica, das lutas camponesas a partir das origens do campesinato no Brasil até os últimos conflitos.

Contrariamente a quanto poderia aparecer nos dados que fundamentam a política governamental e a análise de alguns grupos de esquerda, frequentemente muito longe da realidade brasileira, o autor prova o aumento dos posseiros e a diminuição dos assalariados permanentes. Isso indica que o processo de apropriação da terra pelo capitalismo, encontra uma barreira nos camponeses que a defendem ou a ocupam. A terra e o capital estão sempre mais unificados, os donos da terra são os donos do capital nacional e internacional.

O lavrador que luta pela terra, queira ou não, saiba ou não, está engajado na luta contra o capitalismo. Por isso, uma reforma Agrária que quisesse ser simplesmente distributiva nesta hora, não resolveria o problema.

L E I A :- AMÉRICA LATINA
FORAM MORTOS CONTINUAM VIVOS.

Memória dos que tombaram por causa do **REINO DE DEUS.**
Eles estão vivos na lembrança e na luta do povo latino-americano.

SEM FRONTEIRAS
Caixa Postal 26.040
05531 - SÃO PAULO - SP.

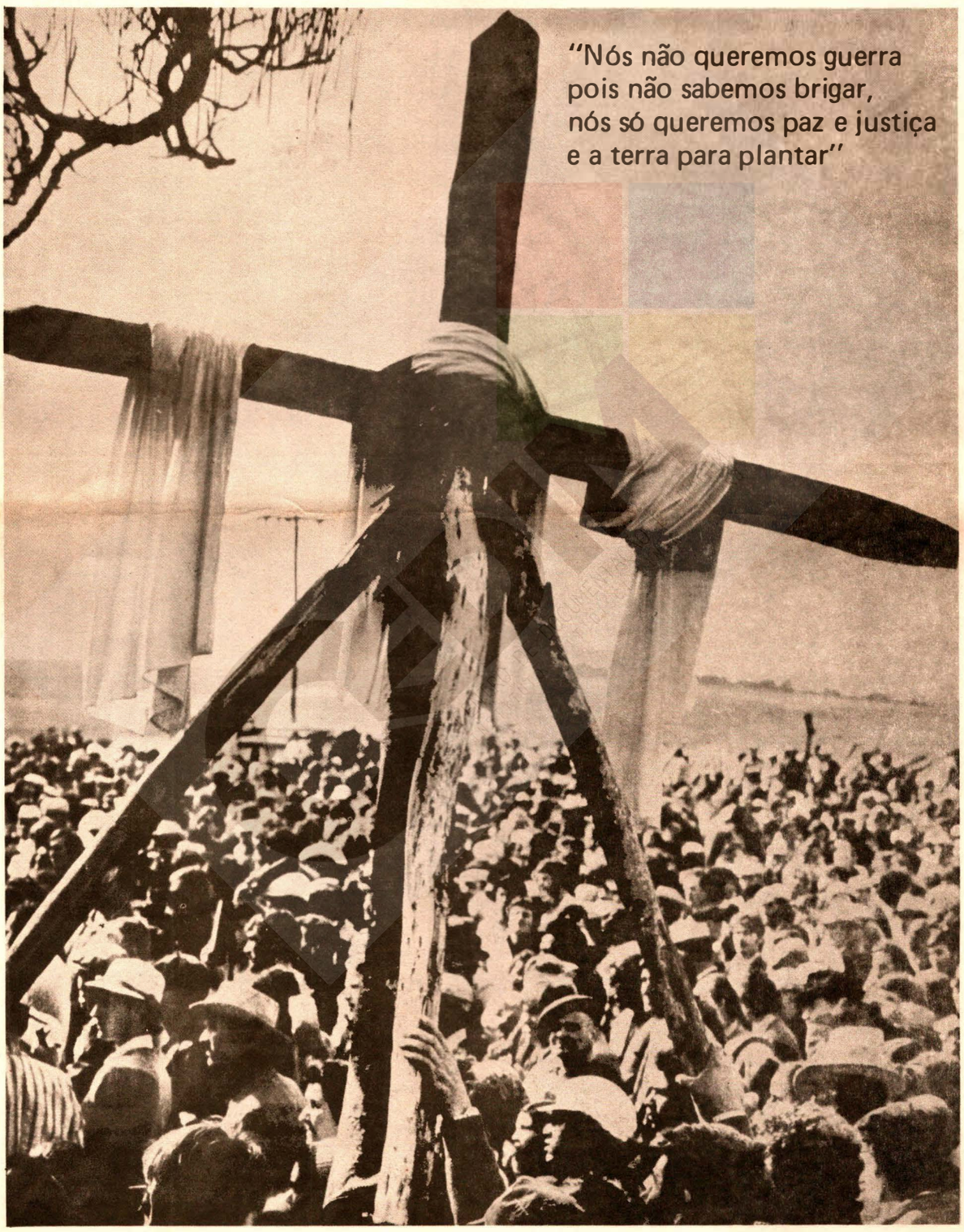
CEDIM
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR - UFRRJ

Descrição da Documentação	
Nome da Pasta	**JOC - PO - CPT**
Número de Documentos	117 documentos.
Tipo da Documentação	Revistas; Jornais; Periódicos; Boletins informativos; Cartas; Relatórios; Memorandos; Panfletos.
Data/Ano	Março de 1978 – Setembro de 2003.
Formato	A4, A3, A5, Ofício, Panfleto.
Descrição	A caixa contém grande quantidade de periódicos de organizações e grupos ligados à Igreja Católica, como a CNB, a Pastoral da Terra e da Juventude Operária Católica (JOC). Há também uma quantidade considerável de periódicos e panfletos em língua espanhola. Grande parte dos documentos apresenta relatos sobre conflitos e assassinatos no campo na América Latina. Há um grande conjunto de documentos referentes 3º Congresso Nacional de Jovens Trabalhadores, realizado em 1983. Outro conjunto de documentos diz respeito a orientações do Banco Mundial a países com investimentos na instituição.
Palavras-chaves	Banco Mundial; Comissão Pastoral da Terra (CPT); Constituinte; CUT; Democracia; Fundo Monetário Internacional (FMI); Fome; Juventude; Trabalho; Juventude Operária Católica (JOC); Movimento Sem-Terra; Nicarágua; Partidos Políticos; Pastoral da Criança; Pastoral Operária; Pastoral da Terra; Reforma Agrária; Sindicatos; Trabalhadores rurais; Violência no campo.
Observações	A documentação foi doada para digitalização pela Cúria Metropolitana de Nova Iguaçu, local em que estão depositados os documentos originais. Mantemos aqui a mesma organização da documentação que se encontra no Arquivo da Cúria: de forma geral, trata-se de Fundos, que estão subdivididos em caixas.

ANO VIII
Nº 40
MAIO - JUNHO 1982

boletim

da comissão pastoral da terra (ligada à linha 6 da CNBB)



"Nós não queremos guerra
pois não sabemos brigar,
nós só queremos paz e justiça
e a terra para plantar"

LEIA NESTE NUMERO !

A Libertação do Povo Não Passa Pelas Malvinas
(Editorial)
A Luta Pela Terra Na Bíblia - 1º de Maio - Nova Ronda Alta - CONCLAT

boletim
da comissão pastoral da terra (ligada à linha 6 da CNBB)

Uma Publicação do
Secretariado da CPT
Caixa Postal - 749
74.000 - Goiânia-GO

A S S I N A T U R A S

ESPECIAL (Colaboração)	- Cr$	1.000,00
NORMAL	- Cr$	250,00
PARA LAVRADORES	- Cr$	80,00
PARA O EXTERIOR	- US$	10.

IMPORTANTE

O pagamento das assinaturas pode ser feito através de VALE POSTAL ou CHEQUE VISADO pagável em Goiânia, em nome da COMISSÃO PASTORAL DA TERRA.

CAPA - A Cruz de Ronda Alta
Foto - Lurdes Maria Grzybowski

A COMISSÃO PASTORAL DA TERRA é um organismo ligado à linha Missionária da CNBB. Tem como objetivo central "interligar, assessorar e dinamizar os que trabalham em função dos homens sem terra e dos trabalhadores rurais..." (Conclusão nº 1 do Encontro de Goiânia sobre terra e Migrações na Amazônia Legal, junho de 1975).

CEDIM CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR UFRRJ

Editorial

A LIBERTAÇÃO DO POVO NÃO PASSA PELAS MALVINAS

Não deixa de espantar todo mundo a locura inglesa e argentina que, não satisfeita com os problemas que afetam a realidade mundial, quiseram atear novo fogo de guerra nas Ilhas Malvinas (ou Falkland, segundo os ingleses) bem no sul do Oceano Atlântico.

As ilhas, ocupadas pela Inglaterra desde o final do século passado, foram retomadas, com uma ação de força, pelo exército do General Galtieri. A Inglaterra respondeu à ocupação dos argentinos, enviando para a área sua força naval e aérea. Desencadeou-se a guerra. Os mortos desta nova chacina já são mais de 600, todos jovens de 20 anos, chamados a "morrer pela pátria e viver sem razão".

Mas o que mais espanta é a reação da massa do povo que seja na Inglaterra ou na Argentina, se deixou envolver e entusiasmar por uma guerra que não é sua e lhe trará só mortes e prejuizos. É a espiral dos regimes e governos, que sabem envolver na sua propaganda sutil o povo que massacram, torturam e oprimem.

Até aqueles que deveriam, nesta hora, ser a voz profética (lembrem-se dos profetas bíblicos gritando contra as alianças de guerra do povo de Deus, numa hora vendido ao Egito e noutra hora vendido à Assiria) vendem-se a interesses que nada tem de evangélico e declaram que as armas inglesas são a defesa da democracia e da liberdade contra a barbárie dos coronéis, ou que as armas argentinas cantarão a vitória contra o colonialismo do norte.



As Malvinas são ainda uma vez uma página suja da história em que os interesses das cúpulas e do capitalismo envolvem o povo para se jogar em aventuras alheias e esquecer a opressão, a fome, a serviço de uma bandeira (mesmo abençoada por uma Igreja servidora) que não foi, não é e não será a dele.

Aos coronéis argentinos, à dama de ferro, senhora Tachter, primei

Editorial

ro ministro inglês, não interessa o povo. Nos bastaria lembrar uma declaração que o duque Edimburgo, esposo da rainha da inglaterra, fez nestes dias demonstrando sua preocupação pela morte das... baleias na área do conflito e não com os filhos do povo.

O povo, todos os povos tem sua guerra (muitas vezes sem armas) e sempre sem as armas sofisticadas construidas e usadas pelo poder, contra e não a serviço destes governos opressores.

A guerra do povo trabalhador é a do 1º de Maio: lembrança e celebração das lutas e dos mortos, ponto de partida para novas vitórias.

A guerra do povo trabalhador são os mais de 50.000 metalúrgicos em greve, os professores exigindo salário e justiça, demitidos pela máquina arrasadora do Governo que não quer (não obstante as "aberturas") que se levante uma voz e um movimentode livre reivindicação.

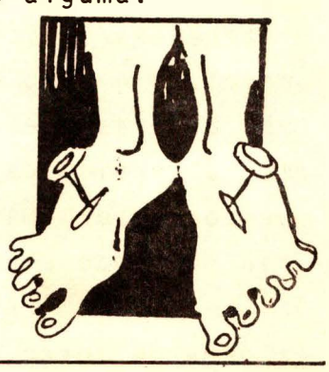
A guerra do povo trabalhador é a formação de uma Central Única dos Trabalhadores construida pela base, não um novo "pacote" sindical da aliança entre as cúpulas e o poder.

A guerra do povo é contra a corrida armamentista que com o dinheiro que deveria servir para o pão, a escola, a saúde, fabrica máquinas de morte sempre mais aperfeiçoadas.

E os que querem ser servidores do povo nesta guerra dos direitos e da liberdade experimentarão na carne as feridas desta luta.

Aristides e Chico não abençoaram as armas dos Curiós que servem à chacina do povo do Araguaia e por isso continuam presos, levados a um processo - farsa dos detentores da ordem (desordem) estabelecida. Dom Pedro não foi em carro blindado para se defender de quem quer sua morte ou sua expulsão. Por isso foi agredido, como Jesus Cristo, por ter falado a verdade.

A luta da libertação do povo da América Latina não passa pelas ilhas malvinas, passa porém por cada grito, cada luta que nasça do povo em procura de uma liberdade que não aceita opressão alguma.



Documento

Muitas comunidades do Brasil inteiro, pessoas e grupos engajados ou solidários com a luta dos trabalhadores tem-nos perguntado sobre o destino dos colonos de Ronda Alta depois que o acampamento foi desfeito.

Apresentamos aqui algumas reflexões dos companheiros da CPT sobre a situação atual das famílias dos acampados, extraídas do Boletim VOZ DA TERRA - Abril de 1982.

HISTÓRICO

Diante da situação insustentável em que se encontravam os acampados, devido às pressões de toda ordem, que pareciam culminar com a ameaça de uma iminente destruição do acampamento à força, uma comissão representativa dos colonos, na última reunião da CPT-RS fez um veemente apelo à Igreja, apresentando uma proposta.

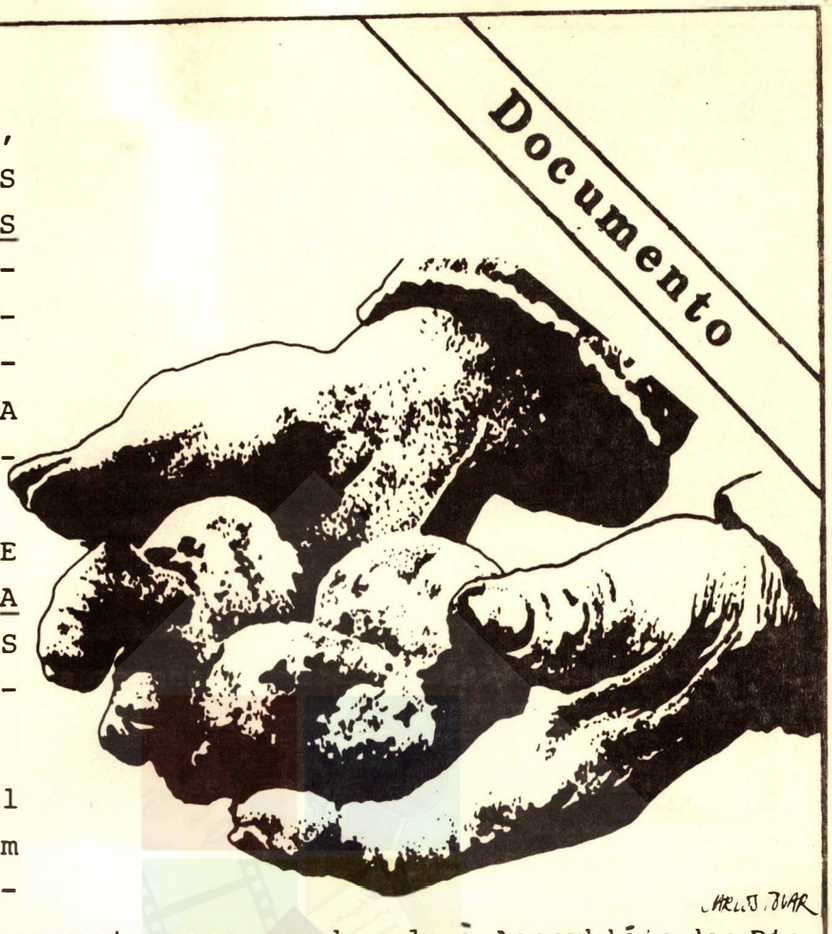


A proposta seria a mesma feita por D.Jaime Chemelo por ocasião da concentração dos 200 padres em Ronda Alta e que naquele momento não foi considerada oportuna.

Formou-se então uma comissão encarregada de falar com D.Jaime e alguns bispos mais voltados para o problema, afim de voltar a reestudar a proposta dos acampados.

Realizou-se, para isso, uma reunião no Bispado de Novo Hamburgo, com a presença de D.Paulo Moretto, D.Sinésio Bohna, D. Jaime Chemelo e diversas entidades.

Nesta reunião, alguns técnicos, a pedido dos participantes elaboraram e apresentaram cinco propostas. Depois de um diálogo entre bispos, acampados e demais presentes chegou-se à conclusão de que a proposta mais viável seria a primeira unida à quinta:



- COMPARAR UMA ÁREA DE 100 HA, ONDE ELES NÃO ESTARIAM MAIS SUJEITOS AO CONTROLE E REPRESSÃO VIOLENTA DA POLÍCIA, ESTADO E OUTRAS ENTIDADES. ISTO SERIA PROVISÓRIO E CUSTARIA 20 MILHÕES. NESTA ÁREA PODERIAM CONTINUAR REIVINDICANDO SEUS DIREITOS.
- FAZER UM FUNDO DE CRÉDITO E UM CAPITAL QUE DESSE AVAL PARA TER ACESSO AOS CRÉDITOS BANCÁRIOS E ASSIM IR AUMENTANDO A EXTENSÃO DAS ÁREAS.

No final da reunião ficou combinado com os bispos que os colonos deveriam apresentar uma proposta concreta para ser levada à Assembléia dos Bispos de Itaici. D.Jaime e os demais bispos presentes se comprometeram a apresentar a proposta aos bispos gaúchos durante o encontro de Itaici. O que foi feito e aprovada a proposta.

No dia da Romaria da Terra voltando com a resposta de Itaici, antes de falarem em público, os bispos, num dos barracos do acampamento, fizeram uma reunião com os representantes da comissão para ver se eles ainda mantinham de pé a solicitação feita ao episcopado. A resposta dos colonos foi firme: **"Se hoje não houver uma resposta positiva o acampamento vai terminar. Provavelmente amanhã sairão umas 60 famílias".**

Em seguida, durante a Missa, um representante dos acampados voltou a fazer oficialmente o seu pedido em público, aos bispos: D.Paulo e D.Estanislau responderam confirmando a aceitação por parte dos Bispos. Deixaram bem claro que, como Igreja, não poderiam deixar irmãos morrerem à míngua e tão violentamente. Por isso, num gesto concreto, estendiam a mão ao pedido. Esse gesto porém não seria uma solução definitiva e paternalista, mas um ato de justiça para retirá-los desta situação insustentável de miséria e repressão. Este gesto seria para dar-lhes um espaço livre onde tivessem as condições mínimas de se reorganizarem e seguirem a luta de reivindicação dos seus direitos junto às autoridades competentes.

COMO ESTÁ NO MOMENTO

Na mesma ocasião da Romaria os Bispos pediram um projeto concreto, isto é, local exato, preço, condições, etc...

Documento

Tudo foi feito em segredo pela comissão dos colonos e assessores. Ninguém podia saber, pois poderiam aparecer pressões e boicotes. Todo o negócio foi feito através de um advogado. No dia 11 de março ele saiu para fazer o negócio e só voltou às 2h da madrugada, com tudo em dia. Esta demora aconteceu porque os donos do terreno exigiram mais de um milhão, pagamento de 5 milhões num prazo de 60 dias e mais 60m^3 de lenha. Ficaram também com o direito de retirar o soja dos 30 ha plantados e mais a benfeitoria.

Marcaram a transferência para sexta feira, dia 12, com caminhões da prefeitura e alguns particulares. Porém só vieram os particulares. Os da prefeitura encalharam na barreira porque não tinham todas as exigências que a polícia rodoviária fazia: extintor, triângulo, sinaleira, etc.

Os particulares, após 3/4 de hora na barreira conseguiram entrar. Carregaram a primeira mudança com 7 barracos. Mas, aí deu outro enguiço, o povo exigia que a Grande Cruz fosse na frente, num caminhão só para ela. Com muito sacrifício colocaram-na num particular, já que os outros não vieram...

Esta foi a primeira leva que partia de tardezinha. A despedida foi emocionante: uma grande concentração ao redor da cruz, lembrando o sentido do acontecimento: Sinal de sofrimento que passaria a ser também sinal de glória e ressurreição (libertação). Agora eles iriam para a terra prometida, onde em linguagem bíblica se diria que corre leite e mel.

Após esta despedida diante da cruz, partiram cantando: Vitória tu reinarás, a classe roceira, nossa alegria é saber que um dia...até a primeira barreira. Também gritavam: "Povo unido, jamais será vencido."



Na barreira começaram as primeiras encrencas: Criança não podia viajar em cima da carroceria, etc.etc... E só conseguiram passar depois de muita discussão e do motorista se responsabilizar pelo que acontecesse.

A passagem por Ronda Alta também foi emocionante. A princípio queriam fazer uma volta olímpica pela cidade, mas depois só foram pela rua principal numa marcha lenta, pois tinham que levantar os fios.

Documento



Muitos aplaudiam, outros criticavam. Os acampados estavam tranquilos, mas derrepente estouraram foguetes, ai aumentou a alegria, toques de gaita e cantos.

Chegaram no local ao anoitecer. Lá estavam esperando uns 20 vigias dos acampados a fim de evitar que outros invadissem a terra como havia boatos. (Esta vigia se prolongou durante vários dias).

A chegada com a cruz ao alto, iluminada pelos farôis foi um quadro emocionante. Ai se fez a primeira celebração em torno da cruz, daquela cruz que sempre fora a força maior na caminhada. Nesta celebração houve orações, louvores, pronunciamentos, sentido da frase: "Povo unido, jamais será vencido".

Na primeira noite as mulheres acamparam numa casa e os homens em barracas improvisadas. A transferência teve momentos difíceis, pois não havia condições mínimas nem para fazer comida. As crianças choravam de fome, etc... Alguns jornalistas se aproveitaram para noticiar que o povo não estava satisfeito.

A transferência total terminou domingo, dia 13, às 18 horas.

Já tinham decidido que se estabeleceriam em 7 núcleos de 22 a 30 famílias. Os núcleos foram distribuidos à beira dos capões. Estes núcleos foram se formando espontaneamente, isto é, à medida que saíam do acampamento velho e chegavam no novo.

Ainda no domingo limparam uma área onde será localizado o Centro Comunitário. Nela foi colocado em lugar de destaque a cruz, dando-se uma motivação. Bem no alto uma faixa: **NOVA RONDA ALTA - TERRA PROMETIDA**. Também foi previsto o local da escola e da casa das irmãs.

Nos dias seguintes começaram a construir provisóriamente as suas barracas, com estruturas mais resistentes, pois sabiam que chegaria uma cobertura de brasilite e costaneiras.

No total se mudaram 204 famílias, entre as quais 200 crianças em idade escolar. Uma das primeiras atividades a ser concluida será a Escola. 1ª **NOVA RONDA ALTA**, como passou a ser chamado o acampamento é o maior distrito de Ronda Alta.

Documento

Eles tem muitos planos. Estão muito satisfeitos, pois hoje são eles que controlam a entrada do seu campo de trabalho e de reivindicações, e não a polícia.

REPERCUSSÃO

É um desafio em que a Igreja está envolvida. Há os que pensam que a Igreja assumiu e resolveu o problema. Mas a realidade é que o governo ficou "pendurado no pincel", pois a Igreja não resolveu em definitivo, mas só deu condições para que os colonos continuem reivindicando mais ainda. E para tal continuará dando apoio. Sobretudo dando condições para que haja uma organização de vida comunitária intensa, onde eles mesmos decidirão seu destino.

A união será a base de toda a sua organização, pois ela sempre foi a sua força.

No acampamento do projeto por parte dos técnicos deverá ser respeitada sempre a decisão consciente desses colonos, para evitar o perigo de que venham imposições de cima, o que é inconcebível.

A CPT e a Igreja não estão aí para fazer a reforma agrária, mas para iluminar, assessorar e fornecer as ferramentas necessárias, afim de que os próprios lavradores possam exigir a **Reforma Agrária**.



Estudo — 26

A LUTA PELA TERRA NA BIBLIA

No último número do boletim paramos os artigos sobre a descrição da luta na Palestina antiga que já está no livrinho impresso pela CPT e começamos uma série de experiências de luta e situações onde a leitura da Bíblia marca e suscita resistência e libertação no meio dos lavradores de hoje.

No número passado era uma luta do Nordeste na qual um lavrador assumia a função de Moisés. Neste número contamos uma realidade da Bolívia, bem perto da fronteira com o Brasil e onde a resistência já toma a forma de um trabalho profético

Uma comunidade de profetas no campo da Bolívia.

Francisco é um lavrador. Moreno, forte e com cara de índio. Meio calado, mas ao mesmo tempo tem um jeito de quem está sempre convidando o outro para um bom papo.

Em Sucre, cidade das montanhas de 2.800 m de altura da Bolívia ele estavam com tanto frio como qualquer brasileiro de terras baixas.

A vontade dele era saber como vão os lavradores do Brasil, mas acabou ele dizendo como vão os da Bolívia, a começar pelos do departamento de Beni que é uma região muito parecida com o Acre e a Rondônia. Perguntei:



- Você é pequeno proprietário ?

- Sou. Desde os anos cinquenta, o governo fez uma tal de reforma agrária e cada família de lavrador ficou com alguns hectares de terra. Você imagina que os pais tiveram filhos, os filhos cresceram, ca-

Estudo — 26

saram, também tiveram filhos e a terra nem aumentou, nem melhorou. O que aconteceu foi vir fazendeiro de fora e ir comprando a terra e às vezes até tirando a terra dos pequenos.

- O que vocês fizeram para resolver esta situação?

- Fundamos sindicatos e delegacias de defesa dos lavradores. Mas no ano passado tivemos mais um golpe militar e aí o trabalho dos sindicatos ficou proibido.

- Como o Governo militar da Bolívia trata os lavradores ?

- (Alguem tinha me alertado que a grande força de mobilização popular no país é a Central Operária boliviana, que reúne mineiros e operários de várias categorias. O governo para enfrentar os operários tentou usar e aliciar os lavradores).

Há alguns anos os generais criaram uma coisa chamada "Pacto Militar camponês". É uma lei; uma instituição. Tem uma sede em cada estado e um militar que é o coordenador do Pacto na região.

- E o que é que ele faz ?

- Ele visita constantemente as comunidades rurais, atende os lavradores, atende os lavradores e protege os lavradores contra o rico que ameaça tomar suas terras. Então ele participa por direito de qualquer reunião que se fizer no campo.



- E os lavradores gostam disso ?

- A maioria se acha protegida, mas já há várias comunidades que sentem que com isso não tem liberdade e são proibidas de andar por elas mesmas e de se unir.

- E você mesmo? o que faz?

- Vivo numa comunidade de 35 famílias de lavradores. A gente vive mais em comum. Planta prá nós mesmos e o que sobra, então vende. Tentamos organizar a força dos lavradores.

- Por que ?

- Porque a gente é cristão e o cristão tem de continuar as coisas que Deus começou no mun

Estudo — 26

do e destruir as tentações do demônio que andam por aí.

Bom, lá no Brasil vocês tem um trabalho bom dos padres e dos bispos junto com os lavradores. Aqui ainda não tem nada assim. Então lá na nossa área a gente mesmo é que começou a se virar. Eu sou catequista. E viajo o tempo todo na região para unir os companheiros e para ajudar à organização dos direitos da gente.

- E viajando tanto assim, como fica a lavoura? O que é que você tem em casa?

- Bom. A gente planta mandioca, café, milho, arroz. A banana só dá nas margens do rio Mamoré.



Quem me mandou fazer isso foram os companheiros. Aí é claro que eles ajudam também lá na roça quando é mais preciso. Eu me sacrifico muito, mas quando eu viajo, minha esposa e meu filho quase rapaz já resolvem o trabalho do dia. Assim eles tem a parte deles no meu trabalho.

- E você o que faz nestas andanças ?

- Tenho reunião de Bíblia com os companheiros e a gente vê como estão os lavradores de cada área para juntos um defender o outro. Eu mesmo já fui preso, mas me soltaram logo. O medo às vezes é muito forte, mas os poderes de Deus nunca me abandonam. E tanto eu como os que fazem o mesmo trabalho tem experimentado a força dos profetas de Deus. Acho que até os inimigos tem notado isso e isso não vem da gente. Vem de Deus.

- E os lavradores do alti plano, como estão ?

- Eles tem plantações de coca, de batata e pimenta. Mas a maioria já é empregado dos grandes. E só comem batata e enfraquecem.

Eles tem melhor do que nós uma coisa. Tem estradas, mesmo de terras e nós não temos nem isso lá na região amazônica.. Os de raça quétchua dos vales tem menos organização e quando são obrigados. Mas entre os aymara há bons trabalhos comunitários. E Francisco quis **mandar uma carta aos companheiros lavradores do Brasil**. -Esta carta vocês podem ler no ESPECIAL deste Boletim.

Especial



Sucre-Bolívia, 29 de janeiro de 1982.

Amados irmãos lavradores do Brasil,

A presente é portadora das saudações cordiais de mim próprio e de todos os irmãos lavradores bolivianos que vivemos em uma Comunidade Agrícola chamada SANTA FÉ. Estamos situados a uns 10 quilometros ao sul de Guayaramerin no estado de Beni, Bolívia, em frente de Guajará Mirím, estado de Rondônia, Brasil.

Nossa realidade é essa, nós trabalhamos a agricultura com nossos próprios esforços, não temos uma mão amiga que nos ajude a nos levantarmos e sair desta situação em que vivemos, não sei se vocês poderiam fazer algo por nós, ainda que vivamos distantes de vocês, porém o Espírito de Cristo é o mesmo que nos solidariza a todos os pobres e quer que estejamos em comunhão, trabalhando por seu Reino cá na terra.

Irmãos: nós estamos com os braços abertos para manter relações de ajuda mútua, tanto no trabalho material como no espiritual, contando sempre com a colaboração do Espírito Santo, porque sem ele não podemos nada.

Nos despedimos desejando-lhes todos os melhores êxitos em seu trabalho cotidiano e que sintam o amparo de nosso Pai e Mãe celestial. Os camponeses estamos oprimidos porém não estamos vencidos. Que Deus e a Virgem Santíssima bendigam seus lares.

O irmão em Cristo

Francisco Mendoza

Abre o olho

VAMOS CONSTRUIR A CUT

Os trabalhadores da base, aos poucos, vão tomando conhecimento das posições que existem no movimento sindical e popular.

Uma posição defende e pratica um sindicalismo de cúpula, quer dizer, de cima para baixo. Essa é a posição da UNIDADE SINDICAL (ou Bloco da Reforma).

A outra posição defende um sindicalismo pela Base, quer dizer, de baixo para cima. Essa é a posição da CORRENTE ANAMPOS (Articulação Nacional dos Movimentos Populares e Sindicais) (ou Bloco Combativo).

Apresentamos aqui, para os companheiros discutirem algumas idéias a respeito da criação da Central Única dos Trabalhadores.

AS DUAS MANEIRAS DE CONSTRUIR A CUT

A) A CUT PELA CÚPULA

Há pelo menos duas maneiras de se construir a CUT.

Uma delas é construir pela cúpula, quer dizer, primeiro se faz o telhado, depois os alicerces.

Outra é construir pela base, quer dizer, de baixo para cima, primeiro os alicerces, os esteios, depois o telhado.

Dentro do movimento sindical e popular no Brasil existem trabalhadores que defendem a idéia de criar a CUT pela cúpula.



Quem participou ou teve notícias da CONCLAT realizada na Praia Grande em agosto de 1981, tomou conhecimento das propostas defendidas pela Unidade Sindical, que é uma organização do Bloco da Reforma.

A Unidade Sindical encheu a boca com palavras de ordem de "CUT pela Base". Mas quando foi trocar em miúdos a posição, o pessoal da Unidade quis impor uma Comissão Pró-CUT só com presidentes de Federações e Confederações. Quer dizer, a BASE da Unidade Sindical

Abre o olho

é DE Presidente de Federação pra cima.

Esse tipo de Central Única dos Trabalhadores nós já conhecemos. é Irmã gêmea daquele CGT que morreu falando sozinho em 1964.

* A CUT pela Cúpula vai ser um organismo burocrático como as Federações e Confederações que já estão aí.
* A CUT pela Cúpula vai virar um órgão do Ministério do Trabalho como aconteceu com o CGT antes de 64.
* A CUT pela Cúpula vai frear o movimento sindical e popular para fazer acordos com a Ditadura, nas costas dos Trabalhadores, porque a Base não vai ter controle de suas ações.
* A CUT pela Cúpula vai ser uma Comissão para coordenar congressos e não um instrumento de unidade das lutas da classe trabalhadora.



Mas dentro do Movimento Sindical e Popular no Brasil, o Bloco Combativo articulado no ANAMPOS defende a proposta de construir a CUT pela Base pra colocar nas mãos dos trabalhadores um instrumento de união e aprofundamento das lutas da classe. Como vamos fazer para por em prática essa proposta? Quais são os passos necessários?

B) A CUT PELA BASE

A segunda maneira de construir a CUT É PELA BASE, quer dizer, de baixo para cima, primeiro os alicerces, os esteios, depois o telhado.

Podemos dizer que as 4 idéias principais do BLOCO COMBATIVO ao propor a construção de uma CUT PELA BASE, são:

1º. O fortalecimento da luta e da organização de base nos locais de trabalho e moradia.

2º. A articulação do Movimento Popular com o Movimento Sindical.

3º. A conquista da Liberdade e da Autonomia Sindical e Popular.

4º. A Construção da União dos Trabalhadores.

FORTALECER A ORGANIZAÇÃO DE BASE

O fortalecimento da luta e da organização de base nos locais de trabalho e moradia é o primeiro objetivo da construção de uma Central Única dos Trabalhadores pela Base.

Da CUT devem participar não somente dirigentes sindicais, mas representantes dos grupos de luta da classe trabalhadora nos locais de trabalho e moradia, no campo e na cidade. Quer dizer: delegados sindicais, membros de Comissões de Fábrica e de Roça, representantes de lutas pela terra prá plantar e pelos direitos trabalhistas no campo, como posseiros e bóias-frias e ainda, companheiros que participam de movimentos organizados das cidades que lutam pelo direito de morar.

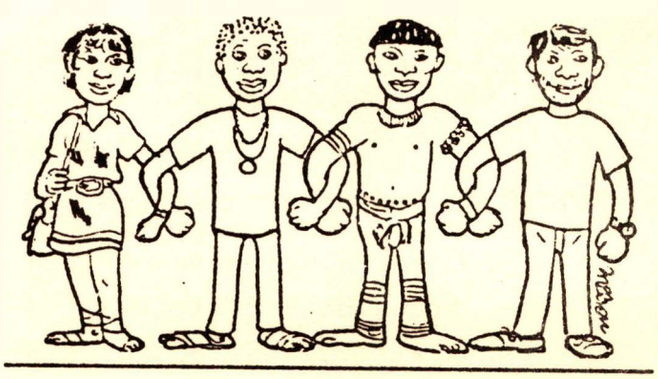
Sem uma base organizada e representada a CUT não será nunca um organismo de luta reconhecido pelos trabalhadores.

ARTICULAR O MOVIMENTO POPULAR COM O MOVIMENTO SINDICAL

A articulação entre o Movimento Popular e o Movimento Sindical, entre a fábrica, o bairro e a roça, é fundamental para o avanço conjunto da luta dos trabalhadores por 3 motivos:

1º. O Movimento Popular, na roça e no bairro, é um espaço de participação inicial de muitos trabalhadores para a luta sindical. Muitos companheiros que hoje participam de sindicatos e oposições sindicais combativos, começaram sua caminhada na luta participando de uma associação de bairro ou de um grupo de discussão na roça.

2º. O Movimento Popular é uma reta guarda permanente de organização do Movimento Sindical. Comitês de Apoio às lutas de massa de várias categorias de trabalhadores, fundos de greve e equipes de propaganda têm funcionado nos bairros das cidades e povoados do interior.



3º. Quando está ligado ao Movimen-

Abre o olho

to Sindical , o Movimento Popular rompe a barreira das suas próprias reivindicações localizadas por melhoria de condições de vida e moradia, acompanhando as lutas gerais da classe trabalhadora no país.

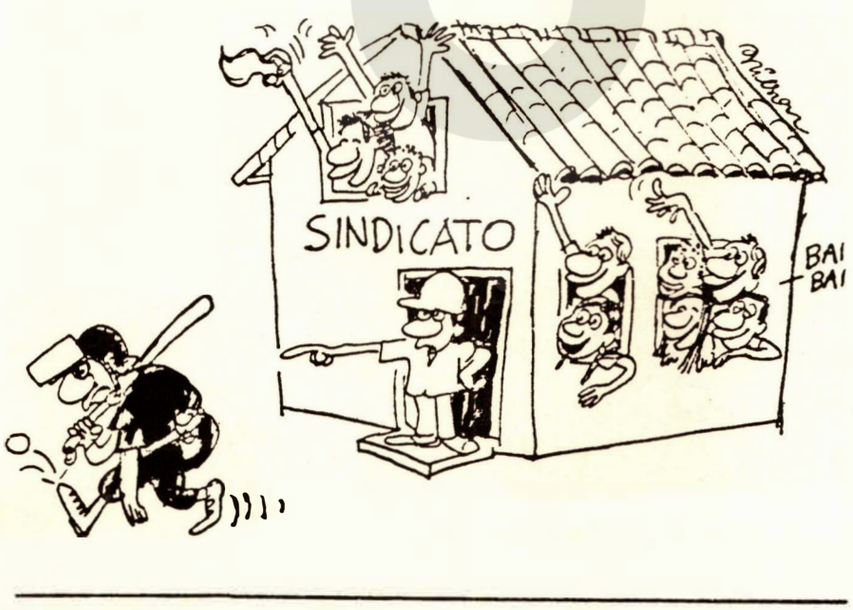
Para consolidar e fortalecer esta ligação das lutas de todos os trabalhadores, a CUT deve ser uma expressão da articulação do Movimento Sindical.

Na CUT, o Movimento Popular deve, de alguma forma, também estar representado.

CONQUISTAR A LIBERDADE E A AUTONOMIA PARA O MOVIMENTO SINDICAL E POPULAR

A luta pela conquista da Liberdade e Autonomia do Movimento Sindical e Popular é um ponto importante na construção da CUT.

Ao criar uma CUT PELA BASE como instrumento de luta, desatrelada do Ministério do Trabalho e sem pedir licença aos órgãos do governo, estamos rompendo, na prática, com a legislação fascista dos patrões e conquistando uma parte da nossa liberdade de organização sindical e popular.



Ao criar uma CUT PELA BASE, independente do Estado e dos Partidos Políticos, e independente também das organizações, Instituições e Entidades que não são do Movimento Popular e Sindical, estamos dando um passo importante na direção da conquista da nossa AUTONOMIA.

Abre o olho

É claro que a conquista da AUTONOMIA não para aí.

O Movimento Sindical e Popular só será autônomo na medida do seu poder de se organizar e de se administrar por si mesmo. E isso significa conquistar o controle sobre o uso dos meios necessários ao desenvolvimento das suas lutas.

CONSTRUIR A UNIDADE DOS TRABALHADORES

A classe trabalhadora só será forte se possuir instrumentos de unidade das suas lutas.

Com uma Central ÚNICA representativa e reconhecida pela maioria dos trabalhadores brasileiros, teremos uma poderosa ferramenta de unidade nas mãos. Uma ferramenta capaz de fazer os patrões e seu governo ouvir com respeito a nossa VOZ e ser obrigado a atender as nossas reivindicações.

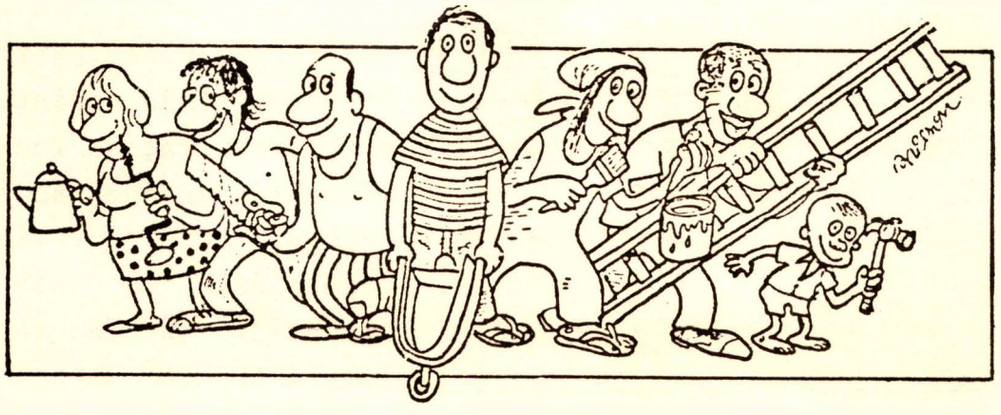
****

Mas como construir uma **CUT PELA BASE segundo essas** 4 idéias ?

-Em primeiro lugar parece claro que o caminho não é promover uma reunião de dirigentes sindicais e fazer um acordo para fundar a CUT.

O caminho é aquele sugerido pela história contada no início deste livrinho. A gente pega uma vara e junta com outras até fazer um feixe. Depois a gente junta os feixes num grande molho.

Para fazer isso, temos que criar um grande movimento pela construção da CUT:



1º. um movimento de esclarecimento dos trabalhadores, em todos os níveis, sobre o que é a CUT e qual a sua importância para toda a classe. Porque não adianta quase nada fundar uma CUT se a maioria dos trabalhadores não sabe nem o que significam essas 3 letras: C - U - T!

Abre o olho

2º. um movimento de "construção dos feixes", quer dizer: de grupos ou comissões interessadas em discutir, fazer sugestões e organizar a CUT A PARTIR DA BASE em cada lugar onde houver luta de trabalhadores.

Agora é importante que todos os companheiros que concordam com essas idéias de construção da CUT PELA BASE participem da próxima CONCLAT e participem também dos encontros preparatórios chamados ENCLATS em cada Estado.

Nós, do BLOCO COMBATIVO, temos que levar essas idéias nos ENCLATS e na CONCLAT. E se organizar para brigar, dentro desses encontros, por estas idéias.

Porque senão o BLOCO DA REFORMA aprova as suas propostas de construção de uma CUT PELA CÚPULA. E o pior é que eles ainda vão dizer que estamos aprovando uma "CUT pela Base"...

Com isso quem vai ganhar são os patrões e o governo. E quem, mais uma vez, vai perder, são todos os trabalhadores do Brasil.

LEIA LEIA LEIA LEIA LEIA LEIA LEIA LEIA LEIA

O sofrimento dos trabalhadores que caem nas unhas das colonizadoras é estudado no Nº 1 dos Cadernos CPT. O Caderno "O Colono Troteia ou Sai da Estrada" foi preparado pelo Regional MT da CPT. Está à venda por 30,00 CPT - Caixa Postal 749 - 74.000 - Goiânia-GO.

A Cartilha CONCLAT foi feita para discutir e ajudar na troca de idéias sobre a organização dos trabalhadores. Uma cartilha simples e direta para ser usada no trabalho de base. CEDAC - Largo do Machado,29-S/516 22.221 Rio de Janeiro - RJ

Nossos agradecimentos ao Senador Jarbas Passarinho. Ele fez tanta propaganda da Cartilha "Conquistando o Que é Nosso", na tribuna do Senado que está esgotada a edição. O Regional Centro-Sul avisa aos interessados que a Cartilha terá uma nova edição publicada por "Todos Irmãos", de Lins.

Notícias e Comentários

1° DE MAIO - SÃO BERNARDO

7 mil trabalhadores se concentraram em São Bernardo para comemorar o 1º de maio. Fizeram uma passeata afirmando sua disposição de luta e apontando para as batalhas imediatas dos trabalhadores na área industrial do ABC. A primeira luta é para receberem os 7% de produtividade que os patrões estão negando.

A concentração demonstrou também a solidariedade dos trabalhadores aos Povos de El Salvador, Nicaragua e Guatemala. A luta destes Povos e a luta dos trabalhadores é uma só.



1º DE MAIO - SÃO PAULO

Várias manifestações foram realizadas na capital paulista, pela passagem do 1º de maio. Em Itaquera, Zona Leste, Santo Amaro, Osasco. Participaram cerca de 800 trabalhadores, organizados pelas oposições sindicais e apoiados pela Pastoral Operária.

Na praça da Sé os pelegos e reformistas da Unidade Sindical reuniram 3 mil pessoas para ouvir um verdadeiro comício eleitoral que jogou a resolução dos problemas da classe trabalhadora para depois das eleições de 15 de novembro.



1º DE MAIO EM ITAPURANGA -GOIAS

O 1º de maio foi comemorado em Itapuranga por aproximadamente 3.500 trabalhadores rurais, convocado pelo Sindicato daquela cidade.

Os lavradores denunciaram sua situação, desemprego, falta de terra para morar e trabalhar, política do governo.

Após uma grande passeata pelas ruas da cidade, houve concentração em frente do sindicato.

Os lavradores de Itapuranga demonstraram sua força, provando na prática que a união da classe trabalhadora é que, de fato, vai transformar a estrutura de exploração que colocaram sobre os ombros dos trabalhadores.

Notícias e Comentários



STRs COMEMORAM 1º DE MAIO

Em Dianópolis-GO os trabalhadores rurais, convocados por seu sindicato, realizaram uma passeata e um ato público. Uns 300 trabalhadores, cantaram e gritaram palavras de ordem exigindo terra pra trabalhar , melhores salários e melhores condições de vida. Depois ouviram suas lideranças explicarem o sentido do 1º de Maio, dia da Luta dos Trabalhadores.



1º DE MAIO EM MINAS GERAIS

A cidade operária de CONTAGEM assistiu a uma manifestação de cerca de mil trabalhadores que se concentraram para lembrar o 1º de Maio. A Comissão pró-CUT promoveu o ato que representou um passo importante para a mobilização dos trabalhadores para um ENCLAT democrático e representativo em MINAS.

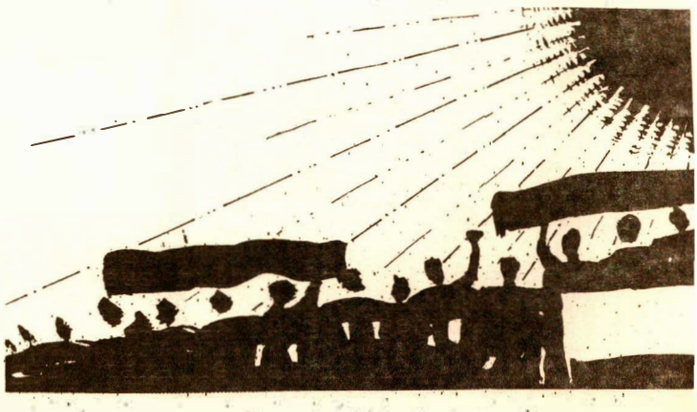
STRs DE ANAPOLIS

Cerca de 1.200 trabalhadores participaram da Assembléia do STR de Anápolis -Go., dia 24 de abril passado. Uma demonstração de força do sindicato que tem sofrido perseguições e ataques tanto da parte da Prefeitura de Anápolis como da FETAEG.

A Assembléia foi realizada para comemorar uma vitória importante dos trabalhadores do município. Várias famílias de trabalhadores tiveram seus filhos impedidos de frequentar a escola porque se recusaram a pagar taxa de matrícula, contribuição para a merenda Escolar.

Por meio de um mandado de segurança impetrado pelas famílias, com apoio do sindicato os filhos dos Trabalhadores conseguiram por ordem judicial voltar à Escola.

A Assembléia representou um voto de confiança -expresso por aclamação- em favor da diretoria do STR por sua atuação em defesa dos interesses da categoria. E manifestou também seu repúdio contra os pelegos da Federação por suas denúncias contra a linha combativa do Sindicato e sua política de aliança com os patrões.



Noticias e Comentários



SOLIDARIEDADE

Até dia 15 de maio de 1982 foram enviados:

* Ao Juiz Auditor de Belém 640 cartas e telegramas de protesto.

* Aos presos:

-8.949 cartões pelos holandeses;

-200 desenhos e cartas de crianças;

-960 cartas de apoio;

-um abaixo assinado da França com 15 mil assinaturas;

-um abaixo assinado do Brasil com 53 mil assinaturas;

-manifestações do Peru, Roma, Bolívia, Uruguai, Chile, México, Paraguai e Argentina.

Pede-se que todos enviem cartas, telegramas ou outras manifestações aos presos e também de protesto ao juiz auditor. O MLPA -Movimento Libertação dos Presos do Araguaia- sugere que se criem núcleos do MLPA em todos os lugares onde for possível. Para tanto o MLPA dispõe de material explicativo do Movimento, cartões dos presos, folhetos, camisetas, etc. Os pedidos poderão ser feitos ao Movimento de Libertação dos Presos do Araguaia. Praça Frei Caetano Brandão, 17 - 66.000 BELÉM -PA. ou a CPT-GOIÂNIA - Caixa Postal 749 - 74.000- GOIÂNIA -GO.

Notícias e Comentários

O PDS E A REFORMA AGRARIA

Em abril de 1981 foi criado o MOVIMENTO TRABALHISTA NACIONAL-MTN, ligado ao Partido Democrático Social -PDS, partido do Governo. O principal articulador do MTN é o deputado Carlos Chiarelli do Rio Grande do Sul, que no PDS é o coordenador do Departamento Trabalhista e Sindical.

O objetivo único do MTN é conseguir o apoio dos sindicatos rurais e urbanos para o PDS. Na sua primeira reunião, feita na sede do PDS, participaram 20 dirigentes sindicais de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

O MTN está sendo testado em Santa Catarina. A experiência já tem mais de um ano. Conforme o Presidente do PDS, senador José Sarney, em Santa Catarina o MTN já possui mais de 80 mil trabalhadores associados.

O MTN está organizado em três níveis: nacional, regional e municipal. O agrupamento dos filiados é feito da seguinte forma:

a) Na cidade: Grupo -10 a 20 filiados, agrupados a partir do local de trabalho formam um grupo. Os grupos devem, de preferência, reunir categorias diferentes de trabalhadores. Célula- a célula é formada pela união de 5 a 20 grupos. Núcleo- mais de três células formam um grupo.

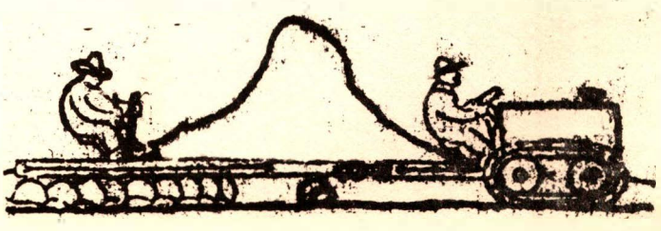
b) No campo: o núcleo é formado por trabalhadores de um mesmo sindicato. Neste sentido, os STRs se transformam em entidades importantes a serem conquistadas.

Os participantes dos núcleos tem o direito de ter representantes nas comissões executivas e diretórios do PDS e até indicarem candidatos.

O programa do MTN -para o campo- é estudar e discutir todos os problemas que atingem o homem do campo, conflitos de terra, grilagem, preços mínimos, financiamentos, previdência social, males do latifúndio, etc. etc. etc...

No entanto, se opõe categoricamente a encampar a luta do Movimento Sindical Brasileiro por uma Reforma Agrária sob o controle dos trabalhadores. A proposta do MTN é colocar a luta dos Trabalhadores sob a direção e o controle dos fazendeiros e do Governo.

Quer dizer, o MTN **na prática é contra a Reforma Agrária.** E procura enganar os Trabalhadores com promessas e a propaganda de que o PDS -que é partido dos inimigos dos trabalhadores- vai fazer a Reforma Agrária por eles.



CEDIM
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR - UFRRJ



CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM (CEDIM)

http://r1.ufrrj.br/cedim/

Acesse nosso site e saiba mais sobre nós.

Dezembro de 2017

Proibido todo e qualquer uso comercial.

Facebook: @cedimimufrrj

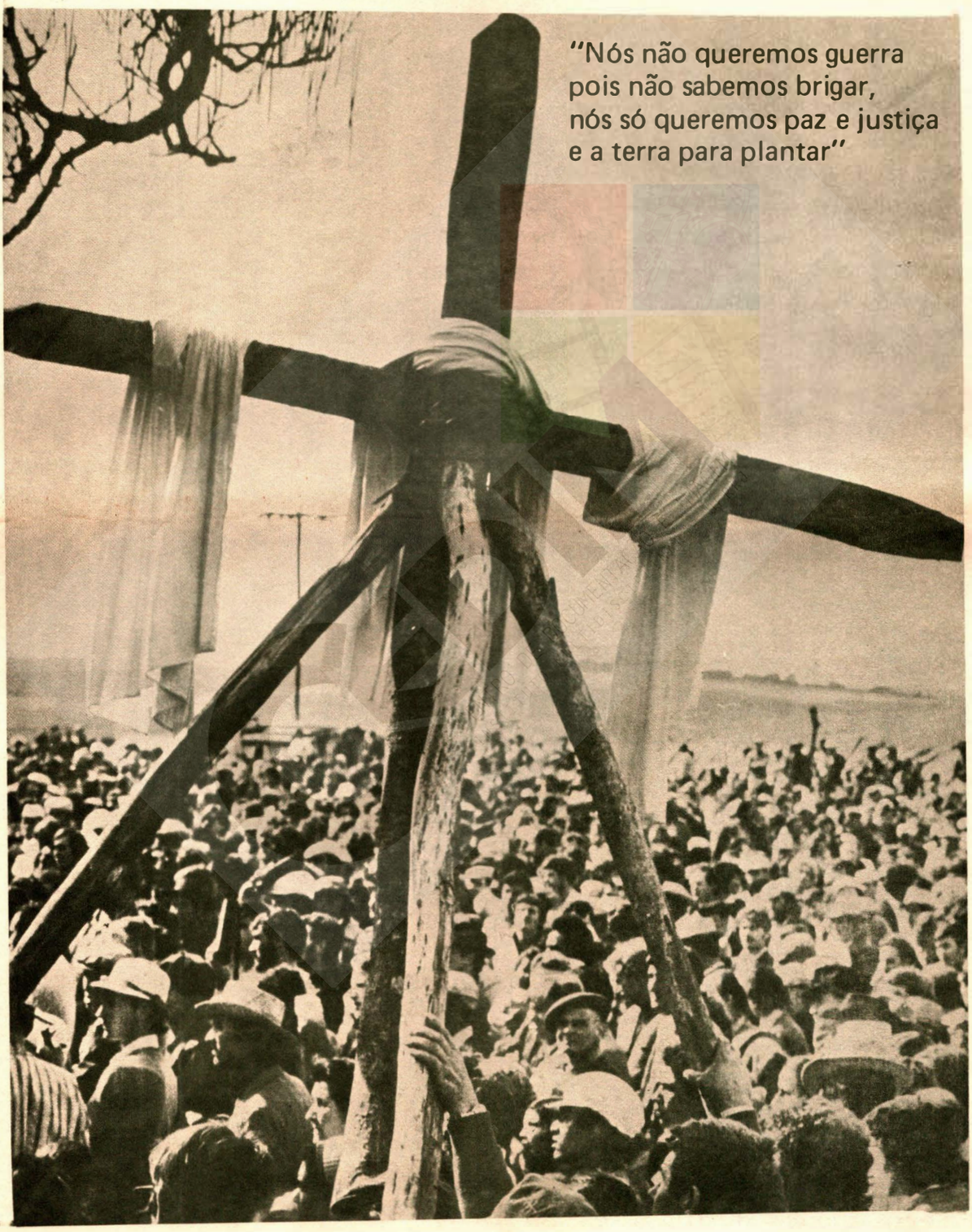
E-mail: cedim.ufrrjim@gmail.com

Site: http://r1.ufrrj.br/cedim/

ANO VIII Nº 71 JULHO - AGOSTO 1982

boletim

da comissão pastoral da terra (ligada à linha 6 da CNBB)



"Nós não queremos guerra
pois não sabemos brigar,
nós só queremos paz e justiça
e a terra para plantar"

LEIA NESTE NUMERO !

ELES FORAM CONDENADOS
(Editorial)
A Luta Pela Terra na Vida e na Bíblia - Encontro Intereclesial das CEBs
Carta da Prisão - Assassinado Gabriel Pimenta

boletim
da comissão pastoral da terra (ligada à linha 6 da CNBB)

Uma Publicação do
Secretariado da CPT
Caixa Postal - 749
74.000 - Goiânia-GO

A S S I N A T U R A S

ESPECIAL (Colaboração)	- Cr$	1.000,00
NORMAL	- Cr$	250,00
PARA LAVRADORES	- Cr$	80,00
PARA O EXTERIOR	- US$	10.

IMPORTANTE

O pagamento das assinaturas pode ser feito através de VALE POSTAL ou CHEQUE VISADO pagável em Goiânia, em nome da COMISSÃO PASTORAL DA TERRA.

CAPA - A Cruz de Ronda Alta
Foto - Lurdes Maria Grzybowski

A COMISSÃO PASTORAL DA TERRA é um organismo ligado à linha Missionária da CNBB. Tem como objetivo central "interligar, assessorar e dinamizar os que trabalham em função dos homens sem terra e dos trabalhadores rurais..." (Conclusão nº 1 do Encontro de Goiânia sobre terra e Migrações na Amazônia Legal, junho de 1975).

CEDIM CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR - UFRRJ

Editorial

ELES FORAM CONDENADOS

ELES FORAM CONDENADOS.

Todos fomos condenados.

Acompanhando o desenvolver dos fatos, naquele dia do julgamento em Belém, na porta da Igreja da Trindade, sitiado com o povo por mil e mil soldados em pé de guerra, me perguntava: Por que ?

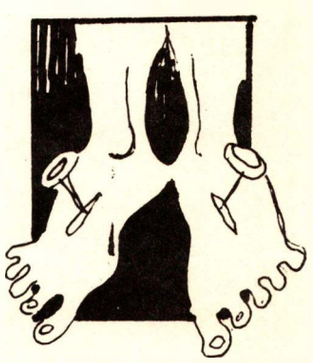
-Por que tantos soldados, filhos do mesmo povo que perseguiam, armados e intransigentes ?

E os "porquê" foram se juntando nestes dias, quase num jogo de palavras cruzadas na procura da palavra chave, a cada nova investida da repressão.

-Por que em Sampaio, no Bico do Papagaio, tentaram atear fogo à casa das irmãs Nicole e Lurdinha e arrancaram a cruz plantada pelo povo na beira do Tocantins ?

-Por que a polícia ameaçou o Pe.Josimo e os lavradores de Wanderlândia de prisão e de morte ?

-Por que a mesma polícia no município de Araguatins, entrou nas casas dos lavradores e tirou todas as ferramentas dos lavradores ?



-Por que fizeram de tudo para proibir a fundação do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Itaguatins ?

-Por que foi assassinado em Marabá o advogado dos lavradores Gabriel Pimenta ?

-Será que para GETAT, polícia, fazendeiros, e Governo são os lavradores, uns advogados, uns padres e irmãs as pessoas mais perigosas ?

OS LAVRADORES que traçaram a história e a geografia do país com suas andanças e agora querem fincar o pé na terra que eles formaram.

O ADVOGADO, que veio de Minas, entre os poucos corajosos e dedicados da sua classe, para se fazer servidor da causa dos pobres.

OS PADRES e IRMÃS que deixaram suas terras e seu povo para se fazer povo no meio dos oprimidos.

Editorial

O SINDICATO, órgão reconhecido, união da classe dos homens que trabalham para o pão de cada mesa.

-Serão eles mesmo que atentam à Segurança do País?

-Eles estão organizando a revolução, fabricando ou importando armas sofisticadas, abrindo as fronteiras ao inimigo, vendendo as terras, as riquezas, a cultura, o povo?

Tem que ser. Se não for, uma repressão tão organizada, tão violenta, tão impune não teria explicação.

Mas na mesma porta da Igreja da Trindade, como hoje me veio outra pergunta

-Será que Jesus Cristo foi tão perigoso para o Sinédrio de Jerusalém e a primeira pequena comunidade cristã tão perigosa para o Imperador de Roma ? Eram eles que afetavam a Segurança de Israel e a Segurança do Império ?

E AI VEIO A RESPOSTA.

Hoje a região do GETAT-CARAJÁS é o coração do País.

Lá se joga, segundo os tecnocratas do sistema, o futuro da nação. Lá se investe a esperança de um pulo desenvolvimentista até o Brasil chegar ao título de grande potência capitalista. Por isso eles, todos eles, tem medo dos que não tem armas, mas ideais, que não tem poder mas fome e sede de justiça e verdade; não tem meios, mas em nome de uma sociedade sonhada fazem de si próprios o meio para escrever uma outra história. É verdade o que escreveu o senhor Agostinho Noleto Soares de Imperatriz, mordido por ter seu nome na lista dos que ajudaram ou encobertaram a grilagem, no livro do Pe.Victor Asselin: "o lugar e o momento deste ajuste de contas sou eu, apenas eu, que tenho o direito de escolher".

Sempre o sitema foi fiel a esta afirmação, sempre quem está com as armas e com o dinheiro marca o ajuste de contas com o povo como ele quer e quando ele quer.

Mas este direito pode ser e já é cassado. Já os que mataram e matam, os que condenaram e condenam, os que ameaçaram e ameaçam, já são julgados pelo povo e pela história e não serão eles que escreverão a palavra final.



Documento

NOTA DA C. N. B. B.

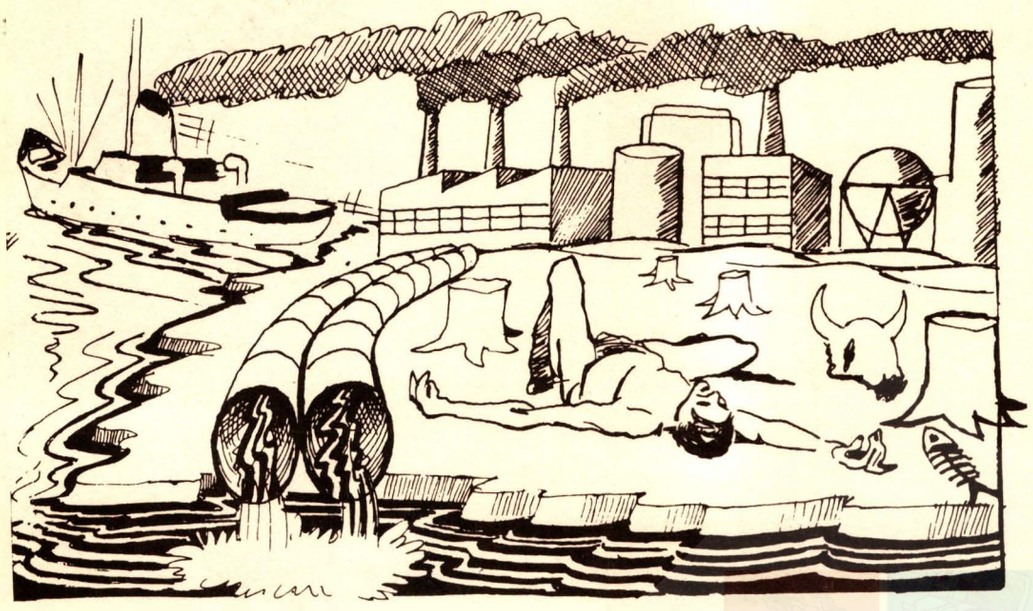
O dia 22 de junho de 1982 foi dia de luto. O Conselho de Sentença do Exército da 8a. Circunscrição da Justiça Militar de Belém condenou os padres Aristides Camio e Francisco Gouriou e treze posseiros de São Geraldo do Araguaia. Quinze anos para o padre Aristides, dez anos para o padre Francisco, nove anos e oito anos para os posseiros. Soubemos também das muitas irregularidades e pressões ocorridas durante o processo.

Temos plena certeza da inocência desses padres. Consideramos a sentença injusta e digna de repúdio. Os padres não praticaram incitamento sedicioso, nem atentaram contra a Segurança Nacional. Certamente muitos interesses estiveram por trás da decisão. Grupos radicais incomodados com a Ação Pastoral da Igreja, encaminharam o processo de modo a chegar a uma condenação. Temos convicção de que foi a Ação Pastoral da Igreja que esteve em julgamento.



Diversos Bispos de várias regiões do País, presentes ao julgamento, foram prestar solidariedade aos padres, vítimas de tão grande injustiça. Nós também em nome do Evangelho, reafirmamos nossa solidariedade para com todos aqueles que, estrangeiros ou não, trabalham na Ação Pastoral, acreditam na dignidade da pessoa humana, educam para uma consciência crítica, confiam na sabedoria e na capacidade do povo para se organizar e reivindicar seus direitos. Sustentamos a opção preferencial pelos pobres. Proclamos, em especial, o direito dos pequenos lavradores à posse da terra e o direito de morar. As mensagens dos nossos documentos serão sustentadas mesmo diante da perseguição aberta ou disfarçada. Nesses documentos está clara a defesa dos pobres e dos pequenos contra as injustiças dos grandes e poderosos.

Documento



Este acontecimento confirma a necessidade de rejeitarmos a atual Lei de Segurança Nacional, que continua sendo usada em flagrante conflito com as normas fundamentais do direito comum e do bom senso. Urge modificar também toda e qualquer legislação que, pouco a pouco, foi sendo penetrada pelas exigências absolutistas da Lei de Segurança Nacional, particularmente a vigente Lei dos Estrangeiros. Impõe-se uma Reforma Agrária que de fato faça justiça e reconheça o direito fundamental à propriedade da terra de quem efetivamente nela trabalha. Que estas exigências não fiquem esquecidas sobretudo num ano em que o povo é chamado à escolha de seus dirigentes pelo voto.

O Cristo Ressuscitado é o Senhor da História. Ele acompanha nossos passos e nos dará a força de plantarmos sementes de Justiça, Reconciliação e Paz, que fundamentam a verdadeira segurança do povo brasileiro.

Brasília, 24 de junho de 1982
Presidência e Comissão Episcopal
de Pastoral da CNBB.

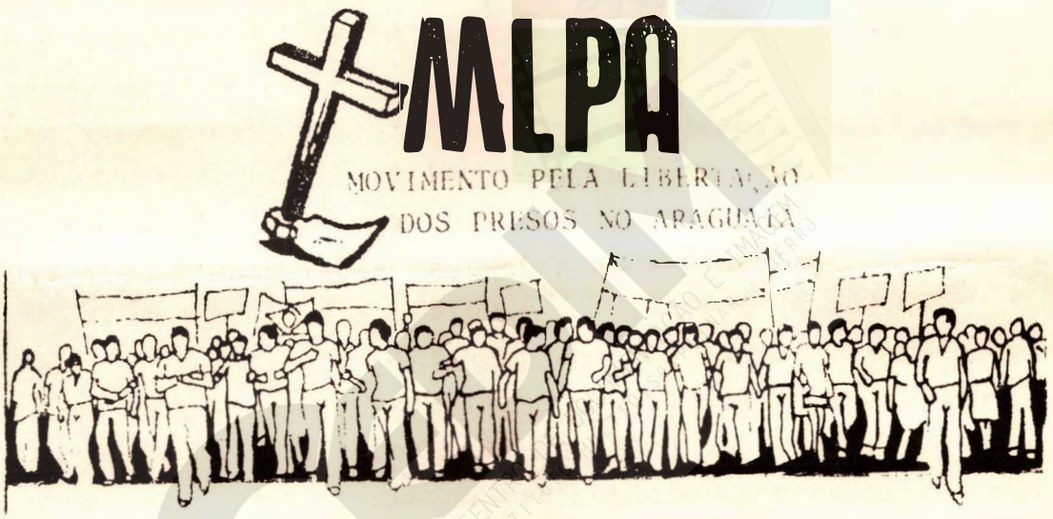
Documento

COMUNICADO DA CPT NACIONAL

A Diretoria e o Secretariado Nacional da CPT (Comissão Pastoral da Terra), com os Conselheiros, representantes dos 20 regionais e os assessores convidados, estamos reunidos em Salvador, Bahia, de 30 de junho a 2 de julho de 1982. Avaliando a atuação da CPT, estudamos concretamente os problemas e as perspectivas da Metodologia do Trabalho Popular no meio rural.

Nesse encontro sentimos que a realidade do campo, em todo o Brasil, continua gravemente conflitiva, apesar da propaganda oficial pretender demonstrar que o Governo estaria solucionando esta situação dramática.

Nesta hora, histórica para o campo do País e para a Igreja da terra, certos acontecimentos se apresentam como símbolos desta realidade.



Protestamos veementemente pela farsa e pela violência com que é conduzido o processo de São Geraldo do Araguaia, absurdamente enquadrado na Lei de Segurança Nacional.

Protestamos pela sentença iníqua do Tribunal Militar de Belém contra os padres Aristides e Francisco e contra os 13 lavradores. Pelos 9 meses de prisão a que eles foram submetidos, antes do julgamento e pelas torturas físicas e morais que os lavradores sofreram. Pelo advogado, ex-agente da polícia federal, imposto aos posseiros, que os utilizou contra os padres e os denegriu publicamente na hora do julgamento. Pelo repressivo aparato militar, que sitiou a cidade de Belém, naqueles dias, tentando impedir as manifestações de solidariedade da população.

Protestamos também pela arbitrária prisão do pastor luterano OTO RAMINGER e do Agente de Pastoral, OLAVO NIENOW e mais 5 lavradores de Colorado D'Oeste, em Rondônia, todos vítimas de processo, juntamente com outros 28 posseiros.

Documento

Sentimo-nos no trágico dever de denunciar à opinião pública nacional o alarmante número de bóias-frias, mortos em acidente DE TRABALHO, principalmente no interior do Estado de São Paulo.

As regiões de maior caos fundiário estão sendo submetidas a um verdadeiro clima de terror, por parte de gileiros, pistoleiros e agentes policiais, multiplicando-se as mortes de lavradores. Até agora, nenhum desses crimes foi apurado pela Justiça Oficial, tão zeloza em enquadrar e condenar os lavradores e os que com eles estão.

A CPT e outros setores voltados para a causa do povo são sistematicamente caluniados, através da Rádio Nacional, de panfletos e publicações apócrifas. E nossos companheiros em várias partes do país, são ameaçados e agredidos impunemente.

Nenhum desses acontecimentos é acidente isolado, mas expressões de um mesmo sistema e um mesmo momento de domínio e exploração. Por isso não protestamos contra tal ou qual ato iníquo principalmente, que o sistema perpetra, mas sobretudo contra o estado de opressão de que esses atos são fruto e sinal.

Apesar dessa perseguição organizada e desses processos, nós reafirmamos o compromisso, evangélico e político, que nos une COM O POVO LAVRADOR, na reinvindicação de seus direitos e na organização de sua classe.

Com a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, em sua nota de 24 de junho pp., rejeitamos "a atual Lei de Segurança Nacional, que continua sendo usada em flagrante conflito com as normas fundamentais do direito comum e do bom senso". Como também "toda e qualquer legislação, que pouco a pouco, vai sendo penetrada pelas exigências absolutistas da Lei de Segurança Nacional, particularmente a vigente Lei dos Estrangeiros".



Proclamamos nossa plena comunhão com os familiares dos companheiros perseguidos e com as Igrejas, Evangélica de Confissão Luterana no Brasil e Católicas de Conceição do Araguaia a Guarajá-Mirim.

Convidamos a todos os Regionais da CPT a uma especial celebração do 25 de julho, Dia do Lavrador, que neste ano deverá ter a característica de protesto, solidariedade e oração pelos processos de São Geraldo do Araguaia e Colorado D'Oeste e pelos Bóias-frias mortos em acidente de trabalho.

Documento

Diante desse quadro de injustiça nacional, convidamos também a todo o Povo Brasileiro a que se defina políticamente pela justiça, no dia a dia da vida e no dia 15 de novembro.

A caminhada continua. Difícil, porém consciente e cada vez mais fortalecida com a presença de novos companheiros.

Acreditamos no Povo Lavrador e confiamos em Jesus Cristo, Libertador dos oprimidos, Juíz de todo Tribunal e Senhor da História.

SALVADOR, BA, 02 DE JULHO DE 1982.



Documento

A CAUSA DO EVANGELHO FOI CONDENADA EM BELÉM

São Geraldo do Araguaia, Pará, onde trabalhavam os Padres Aristides e Francisco, ora condenados em Belém e mantidos incomunicáveis junto com mais treze posseiros, não fez a festa de costume nos dias 23 e 24 de junho. Depois da Missa no dia 24, às 11 horas, o povo se reuniu na pracinha pra um Ato Público, no qual falaram 10 lavradores, todos se manifestando, debaixo de palmas, a favor dos missionários. Eram cerca de 1.500 pessoas presentes no Ato, apesar de terem sido proibidas de comparecer sob forte ameaça de repressão. Na verdade, mais apavorado estava o Major que proibiu o ato. Sua casa ficou guardada por uma força de soldados armados, porque ele tinha medo do povo.

"Dois padres acabam de ser julgados e condenados pela Justiça Militar. Na verdade, porém, não eram as ocorrências em São Geraldo do Araguaia que estavam em causa e sob julgamento. O que os fizeram sentar na cadeira de réus foi a visão e o testemunho que a Igreja desenvolve na região sobre a questão fundiária. O trabalho pastoral é que foi condenado. Basta que se leiam as razões do Ministério da Justiça quando encaminhou o processo de expulsão dos padres franceses, onde se diz com toda as letras: VALORES UNIVERSAIS TRANSMITIDOS SOB A FORMA SENSÍVEL DA PRÁTICA RELIGIOSA A UM AMBIENTE RÚSTICO E ATRASADO, SIMPLES, PRIMITIVO E PAUPÉRRIMO DE PARTE DO INTERIOR BRASILEIRO, PODEM GERAR SITUAÇÕES INCONVENIENTES AOS INTERESSES NACIONAIS. Esta é a chave para entender o drama pelo qual passam os condenados do Araguaia..." (Bispos do Regional Sul 1 da CNBB).



"O testemunho de vocês, ao lado dos 13 posseiros estimula-nos a um compromisso maior e mais sério junto ao povo no empenho pe

Documento

la justiça, pelo direito, pela verdade e fraternidade. Repudiamos a condenação que pesa sobre cada um: processo vergonhoso que clama à terra e aos céus por justiça..." (Religiosas da Região Belém - SP).

"Homem algum é estrangeiro na terra dos homens". No nosso país não existe francês, inglês, americano. Existem sim aqueles que se colocam ao lado da justiça, da verdade e do direito e aqueles que se colocam do lado da injustiça, do entreguismo, da mentira e do capital estrangeiro". (Secretariado de Justiça e não Violência - Belo Horizonte).

"Mais uma vez constatamos que a violenta exploração e miséria que sofre hoje o povo brasileiro não decorre de razões incontroláveis, mas deriva de uma clara orientação da política econômica oficial adotada no país nos últimos anos. Política esta que não visa atender ao bem comum mas a interesses de grandes grupos econômicos. (....) Todos nós, participantes deste Simpósio, queremos registrar nosso veemente repúdio à condenação dos posseiros e padres do Araguaia. Este fato é apenas uma amostra, mas significativa, da atual orientação oficial quanto aos problemas fundiários no Brasil."

São condenados e perseguidos todos aqueles que buscam defender o direito dos trabalhadores de se organizarem..." (1º Simpósio Nacional de Migrações Internas).

"A causa porque foram condenados, é sinal, fermento no mundo, e servirá, não como desânimo e medo (como esperam os poderosos), mas como sal, testemunho para nossas comunidades, fortalecendo-nos na fé e na esperança de que este é o CAMINHO" (Barretos - SP).

"...Com e por vocês rezamos, cantamos e decidimos seguir o vosso exemplo. Terça feira pp à noite houve uma celebração aqui em São Luis, na Paróquia São Vicente de Paulo. Sábado e domingo próximo, se Deus quiser e N.Senhora, vou celebrar 20 anos de padre, vinte anos aquí no Maranhão. Estaremos em São Benedito do Rio Preto para esta celebração. Viveremos esta celebração com vocês dois, com os lavradores condenados com vocês. Que estes gestos sejam a expressão da nossa profunda solidariedade com vocês e com os lavradores." (Pe.Xavier - Coordenador da CPT - MARANHÃO).



Estudo — 27

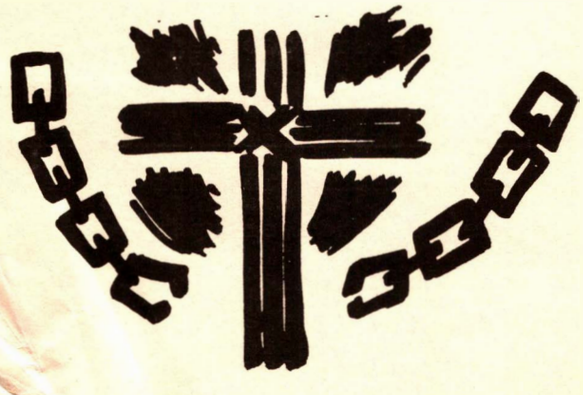
A LUTA PELA TERRA NA VIDA E NA BÍBLIA

Quem visse Belém do Pará naquela manhã podia até pensar que o Brasil estava em guerra. A cidade estava cheia de soldados armados. Um helicóptero sobrevoava as ruas. O clima era de muita tensão. Será que alguma potência estrangeira tinha invadido nosso país? Não. O motivo daquela agitação feita pelas próprias autoridades era que naquele dia iam ser julgados os dois padres e os treze posseiros de S.Geraldo do Araguaia, presos desde o ano passado.

Um verdadeiro exército contra aqueles pobres indefesos; padres presos e julgados arbitrariamente e lavradores torturados para dizer o que não queriam e pagando por um crime do qual eles são vítimas.

Uma comunidade cristã estava reunida em oração acompanhando aquilo tudo acontecer. E lembrava Jesus no Jardim das Oliveiras sendo preso por um batalhão de soldados, policiais do templo e por fariseus vindo com armas, lanternas e vara-paus (Jo.18,2-3).

A sala da auditoria militar de Belém foi como o pretório do governador em Jerusalém. Os discípulos que acompanhavam Jesus só puderam ficar à distância. Em Belém poucos de nós puderam entrar. E a maioria veio de todo Brasil para estar com os irmãos naquele dia.



Tivemos que nos reunir em duas Igrejas da cidade e mesmo lá houve pressões e violência por parte dos policiais contra o povo.

O julgamento durou toda a noite. Os posseiros estavam quebrados por muitos sofrimentos. Os padres pareceram serenos. Pela manhã os juízes deram a sentença de condenação.

Durante o julgamento, o advogado imposto aos posseiros e que é envolvido com a polícia disse enganando-se nas palavras: "A justiça tarda, mas não vem". Parecia Caifaz profetizando a condenação de Jesus.

Belém, nome da pequena aldeia em que nasceu Jesus,

Estudo — 27

foi a capital onde o povo lavrador, continuando a paixão de Cristo, foi condenado injustamente nas pessoas dos padres e posseiros.

De fato se cumpria com eles o que Jesus disse aos discípulos na véspera de morrer: "Lembrem-se de que o servo não é mais do que o seu Senhor. Se perseguiram a Mim, vão perseguir vocês também. Eles vão levar vocês aos tribunais e vão condená-los." (João 15,20 e Lc. 21,12).

As comunidades cristãs e organizações populares em todo o Brasil não se enganam. Não se deixam levar pelas mentiras do governo. Sabem que desde a época em que os nossos companheiros estão presos na mesma região do Araguaia, a cada mês ao menos dois lavradores tem sido assassinados nos conflitos de terra e por estes crimes todos até aqui nunca foi preso nenhum fazendeiro e nenhum pistoleiro.



Na Bíblia está claro que Deus não gosta de lutas e divisões. Mas também não gosta da paz feita de qualquer modo. O nosso Deus é um Deus guerreiro (Ex.15,3) E qual é esta guerra que Deus faz? Não é qualquer uma. Ele condena as guerras dos governos e promete transformar as armas de guerra em arados e instrumentos agrícolas. (Is.2,4).

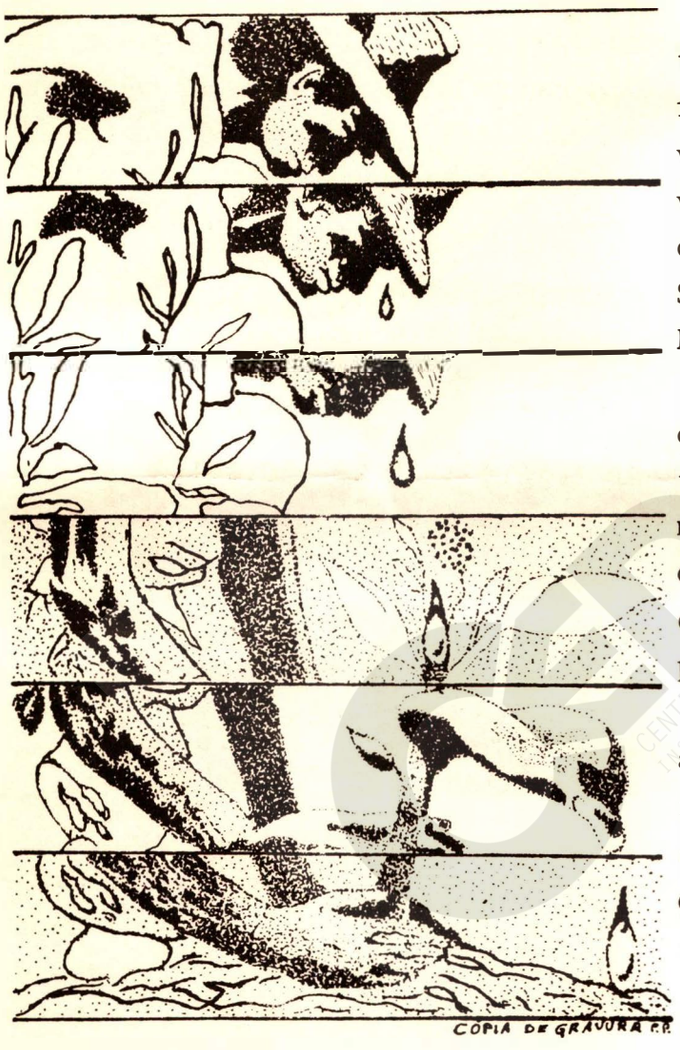
Mas Deus faz a guerra do povo hebreu oprimido para conquistar a terra dos cananeus opressores. E o povo canta indo para a luta: "Levante-se Deus e os nossos inimigos se espalham". (Salmo 68 e Números 11).

Deus condena os falsos profetas ligados às autoridades que dizem vai tudo bem, vai tudo bem, quando de fato vai tudo mal. (Jer. 8,11).

Para o Antigo Testamento a luta do povo pela sua libertação é o sinal do julgamento do Senhor, um anúncio do dia da sua vinda para estabelecer o Reino.

Estudo — 27

No Novo Testamento, Jesus Cristo que veio trazer a paz e uma paz diferente da paz da sociedade, anuncia que são estes conflitos e lutas, sinais de que o julgamento de Deus vai se realizar em breve. E diz aos discípulos "levantem a cabeça e se animem porque a libertação está chegando" (Luc.21,28).



Estas lutas não são feitas pelos oprimidos. São armadas e realizadas pelos que esmagam o povo. E os pequenos que detestam a violência não a utilizam a não ser como último recurso (como ensinou Santo Tomás de Aquino e lembrou o Papa Paulo VI)

Mas quem lê o Apocalípse de Jesus Cristo descobre que de vitória em vitória os opressores caminham para a derrota, enquanto que de derrota em derrota, pelo poder de Deus, os oprimidos caminham para a vitória.

E nós todos, juntos com a Igreja e os lavradores do Araguaia, escutamos hoje a palavra de Jesus: "No mundo vocês terão aflições. Coragem. Eu vencí o mundo. (Jo.16,33).

Especial

CARTA DA PRISÃO

Em recente correspondência ao Secretariado Geral da CNBB Pe.Aristides Camiou e Francisco Gouriou, assim se expressam:

"ESSA CONDENAÇÃO NÓS A OFERECEMOS À IGREJA DO BRASIL QUE TESTEMUNHA JESUS QUANDO SE COLOCA DO LADO DO POBRE; NÓS A OFERECEMOS A TODOS AQUELES BISPOS, CRISTÃOS, ENTIDADES DIVERSAS QUE DURANTE ESSES MESES DIFÍCEIS NOS APOIARAM, NOS DEFENDERAM E NOS MANIFESTARAM TANTO CARINHO. TODOS FORAM, E SÃO AINDA, A FONTE DE NOSSA FORÇA E DE NOSSA ALEGRIA NA CADEIA. A TODOS OFERECEMOS ESTE COMBATE SEM MERCÊ, MAS SEM ÓDIO NEM MÁGOA DE NOSSA PARTE, QUE NOS FOI IMPOSTO POR AQUELES QUE QUEREM VER NO POVO BRASILEIRO O MERO EXECUTOR DE SEU DESÍGNIO E NA IGREJA SIMPLES AVALISTA DE SUA POLÍTICA . HUMILDEMENTE, NA SOLIDÃO DE NOSSA CELA IREMOS ATÉ O FIM, CUSTE O QUE CUSTAR, CONSCIENTES QUE ESSA É A NOSSA MANEIRA DE SER PADRE AQUI NO BRASIL, DE VIVER O MISTÉRIO DA IGREJA A CAMINHO DO REINO E DE SERVIR AO POVO BRASILEIRO.

MUITO OBRIGADO PELO CARINHO E FIRMEZA DEMONSTRADA PELO SENHOR E TODA A IGREJA DO BRASIL REPRESENTADA PELA CNBB. SEMPRE UNIDOS NA MESMA ESPERANÇA E NA MESMA LUTA".

ARISTIDES e
CHICO.

Especial

SALMO DO JULGAMENTO DE BELÉM

A nossa Segurança
no está
na L.S.N.
- que é a segurança das Multinacionais.
A nossa Segurança está no nome do Senhor,
que fez a Terra para todos.

O nosso Tribunal
é o Tribunal do Povo,
na Auditoria aberta da história.

Nós temos um Juíz - a Testemunha fiel,
des-fardado e em cruz,
detrás e muito acima
do tribunal-mandado-pelo-arbítrio.

(As roças do Pará abortavam, há tempo, espigas de Terror.
Como um trator de esteira, irresponsável,
o Getat arrasava os direitos do Povo.
Morcego da perfídia,
em ciladas noturnas
o Curió vinha roendo as almas
dos lavradores presos...)

Belém sobressaltou-se
como cidade em sítio,
costurada de cães e de armas,
sobrevoada pela Prepotência.

E na praça da Sé, lápida antiga de antigas expulsões,
até o sol e o verde viraram pedra atônita.

Era Junho
e a Copa
encheria a medida
dos ensaiados sonhos brasileiros.
No cálice dos presos do Araguaia
transbordava a medida

Especial

da Justiça de Deus
e da Ira do Povo.

Brasília condenava na penumbra
(Brasília habituada com a Noite)
e o tribunal pelego promulgava:
- O Povo lavrador "não mais existe"
e não precisa terra.
Seja crucificada a Igreja dos Pequenos!

Mas houve a pelação:
a Deus e ao Povo!!!
O Aristides e o Chico podem sorrir, pastores da Alvorada!
Levantem a cabeça todos os lavradores,
agitem as enxadas na Alegria!

Eles se vangloriam
de terem condenado
a nossa Liberdade...
- A sua estupidez é sua maior dívida, diz o Senhor da Terra.
A Liberdade é um pássaro
cujas asas
arrombam
todos os tribunais e as grades todas...

Noites de São João virão ainda
e as línguas das fogueiras
proclamarão, no peito do Araguaia,
a nova Terra nossa.

Belém:sai de ti mesma,
vá na periferia,
rios e mata afora.
A Estrela, como sempre,
está velando o pranto, o canto e a esperança
dos Pobres rejeitados.

O Tribunal do Justo
fará nossa Justiça.
E o Povo, inteiro, a proclamará
Na Terra, com a vida, em liberdade!

Pedro Casaldáliga.

Abre o olho

"A VOZ DA CPT"

Todos os passos da CPT, seus trabalho, encontros, celebrações, publicações são comentados diariamente pela Rádio Nacional.

Agradecemos a atenção. Os trabalhadores também. Muitos que ainda não conhecem a atuação da CPT tem vindo nos procurar. E ficam satisfeitos com o que descobrem: a CPT é uma ferramenta a seu serviço.

Essa procura acontece porque os editores dos noticiários da Rádio Nacional ficam num beco sem saída. Além de atacar a CPT, caluniar e inventar "notícias", eles tem - afinal de contas são pagos para isso - que elogiar o carrasco dos posseiros Major Curió; tem que elogiar o GETAT, justamente o GETAT que nesses dias está querendo demarcar lotes com 5 alqueires de terra. Os posseiros já aprenderam com suor e sangue que seu direito não é uma brincadeira de burocratas irresponsáveis. E na Amazônia, todos sabem que a área mínima a que os posseiros têm direito é de 23 alqueires. Já aprenderam mais: se eles não reclamarem agora o ano que vem o GETAT vai demarcar só os quatro cantos das casas.

A Rádio Nacional é como os óculos do patrão. Quer fazer o povo enxergar a realidade como o GETAT, a Polícia Federal, os grileiros enxergam. Mas o Povo está tirando esses óculos que faz ele enxergar verde onde ele sabe que o fogo dos grileiros já queimou tudo. E desconfia dos oculistas da Rádio Nacional.

O importante é encontrar um modo de dar o troco. Os trabalhadores não tem o dinheiro que o governo tem para montar uma Rádio Nacional que lhes transmita notícias verdadeiras. Mas tem muitos outros recursos que os donos do poder nunca poderão ter. As armas da confiança, da solidariedade e sobretudo da verdade. Então cada comunidade deve procurar o seu jeito de fazer frente às mentiras da Rádio Nacional. A voz do povo chega onde a mentira dos exploradores nunca chegará.

Notícias e Comentários



CELEBRAÇÃO EM NAVIRAI - MS

No dia 13 de junho, Naviraí-MS, viu o povo da roça e da cidade reunido para celebrar o aniversário de morte do seu advogado JOAQUIM NEVES NORTE, assassinado a tiros porque defendia a causa dos oprimidos.

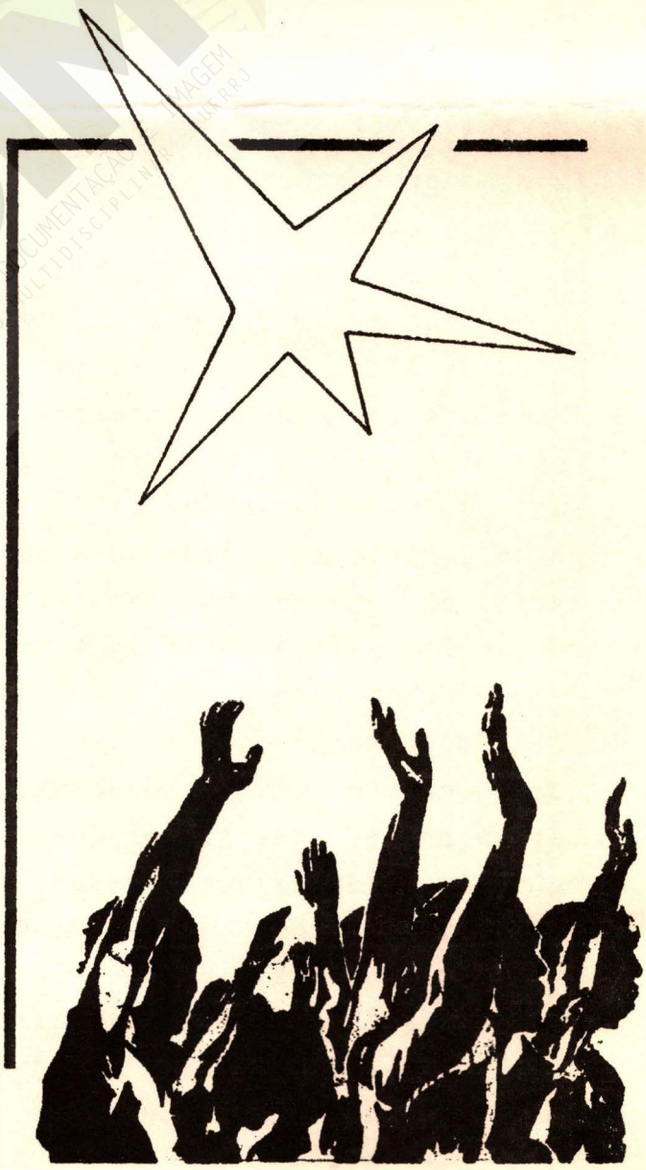
Celebrou a Missa dom Isidoro Kosinski, bispo de Três Lagoas, acompanhado por alguns padres da Paróquia de Campo Grande, de Goiânia e Goiás. Presentes a esposa, os pais, os filhos e familiares do advogado. Presentes representantes dos acampados da Nova Ronda Alta e do Movimento dos Sem Terra do Paraná.

Presentes os arrendatários das fazendas Jequitibá, Entre Rios, Água Doce ameaçados de expulsão e convidados pelo governo do estado a procurar terras em Rondônia e no Amazonas.

Presentes na preocupação de todos as famílias de Itaquirai que de 750 em 1981 quando ocuparam uma fazenda improdutiva, se reduziram a 80, deslocadas para nova área de litígio pelo governo do Estado e hoje acampadas sob pressão policial em Cassilândia, em situação trágica numa terra de areia que não dará condição para viver.

Presentes também José Francisco da CONTAG e políticos da oposição. A celebração e a passeata até o cemitério foi muito comovente. Todos em seus depoimentos se deixaram envolver pelo alto testemunho de Joaquim, que ainda uma vez apareceu mais vivo não só na lembrança dos que o amaram e conheceram, mas pelo incitamento à luta, à defesa da terra e dos direitos, ao compromisso com a causa do oprimido.

****



Noticias e Comentários

OS SEM-TERRA DO RJ ENFRENTAM GRILEIRO

Eram aproximadamente 15,30 min., quando se deu início ao ato ecumênico em prol dos sem terra da localidade de Areia Branca, estado do Rio, que vêm lutando pelos seus direitos de posse da terra. A luta é contra o grileiro e seus capangas e já dura quatro anos. Há 20 anos estão lá plantando, colhendo e assim garantindo o sustento de suas famílias. O ato ecumênico contou com a participação do sacerdote católico, padre Joaquim e do presbítero Lysâneas Maciel. Estavam presentes também ao acontecimento freiras, lavradores (católicos e protestantes) e solidários com a causa dos sem terra. Em Papucaia iniciou-se a caminhada do povo de Deus com a cópia da cruz de Ronda Alta (RS), em direção à Areia Branca. Éramos, aproximadamente 100 pessoas. Levávamos faixas, cartazes e cantávamos ao longo da caminhada. Muitos se ajuntaram a nós, queriam solidarizar-se com as 24 famílias de Areia Branca.

Quando chegamos perto do local onde seria dado término ao ato ecumênico, tivemos desagradável surpresa. Constatamos que no caminho que deveríamos passar, havia uma cerca; mais a frente, cinco capangas e o grileiro, encostado num luxuoso carro. O grileiro, opressor e cínico, havia ameaçado a família do lavrador Guedes.

As presenças do grileiro e da cerca provocaram um clima de tensão. O lavrador Guedes, questionou seus companheiros sobre a presença ilegal e provocadora daquela cerca e todos unidos decidiram abrir o caminho. Sentia-se o desmantelar da moral do grileiro às batidas corajosas do machado que o lavrador usava. Cada fio de arame partido era um sinal do porvir da justiça humana. Naquele momento em que se fez justiça, de nada adiantou as armas opressoras e todo o dinheiro que o opressor possuia. Os justos não se vendem, não se trocam, não se intimidam por qualquer tipo de poder humano.

Celebramos o final do ato ecumênico ao redor da cópia da cruz de Ronda Alta, onde foi feita a leitura do evangelho, logo depois comentado pelo presbítero Lysâneas Maciel. Após o comentário, foi dada a palavra aos lavradores que pediram uma maior união e, em seguida o padre solicitou a formação de um grande círculo para rezarmos, de mãos unidas, a oração da fraternidade, o PAI NOSSO. Terminado o ato ecumênico, os lavradores terminaram de arrancar a cerca e aproveitaram a lenha para fazer uma grande fogueira.



Noticias e Comentários

V ENCONTRO INTERECLESIAL DAS CEBs

NO ANO QUE VEM SERÁ EM CANINDÉ - DIOCESE DE FORTALEZA NO CEARÁ.

A DATA SERÁ DE 04 A 08 DE JULHO DE 1983.

O TEMA:- CEBs. POVO UNIDO, SEMENTE DE UMA NOVA SOCIEDADE.

EM CADA ENCONTRO DE CEBs QUE ACONTECE É SEMPRE MARCANTE A PRESENÇA DE MEMBROS DA BASE LIGADOS A PASTORAL DA TERRA.

HÁ UMA PERFEITA SINTONIA ENTRE OS TRABALHOS DAS COMUNIDADES ECLESIAIS DE BASE E O TRABALHO PASTORAL ANIMADO PELA CPT NO MEIO RURAL.

DAÍ O NOSSO ALÔ, PARA TODOS OS QUE TRABALHAM NA PASTORAL DA TERRA COMECEM A APROFUNDAR EM SUAS REUNIÕES E ENCONTROS DE BASE O TEMA PROPOSTO.

O RESULTADO DO APROFUNDAMENTO DESTE TEMA DEVE SER ENVIADO ATÉ DIA 30 DE JANEIRO DE 1983 PARA:

SECRETARIA
V ENCONTRO INTERECLESIAL DAS CEBs
Av.D.MANOEL, 3
C.POSTAL 715
60.000 -FORTALEZA - CE
FONE: (085) 231 51 92

GABRIEL PIMENTA, PRESENTE

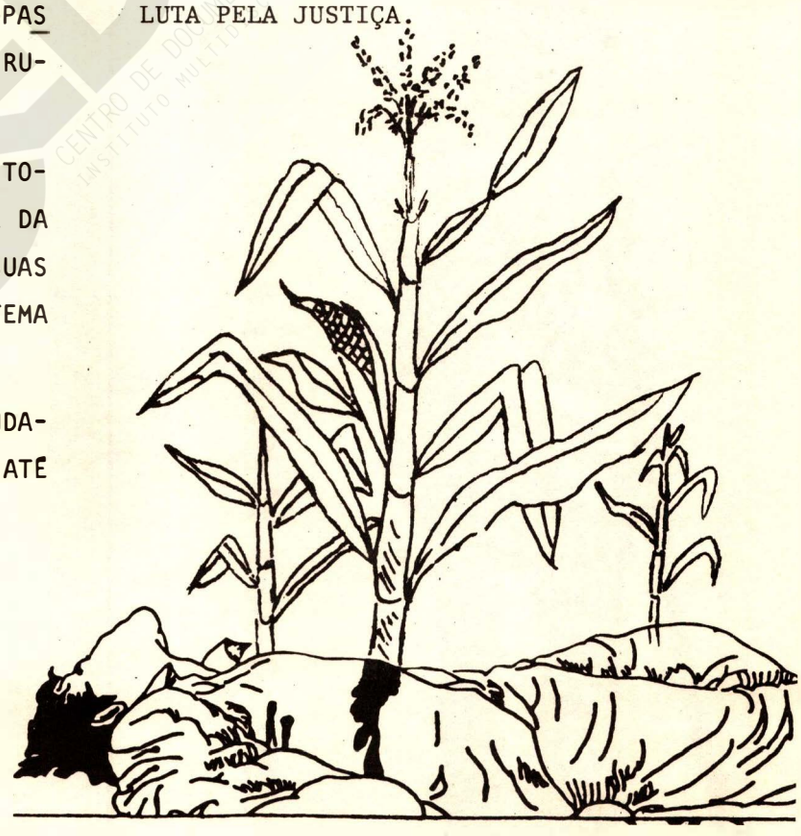
O MARTIR É GABRIEL PIMENTA.

JOVEM IDEALISTA QUE COLOCOU SUA VIDA A SERVIÇO DO LAVRADOR OPRIMIDO.

A ÁREA QUE ESCOLHEU PARA TRABALHAR MOSTRA A GRANDEZA DE SUA MISSÃO E DE SEU AMOR: A ÁREA CONFLITIVA DO GETAT. TRABALHAVA PARA O SINDICATO DOS TRABALHADORES RURAIS DE MARABÁ - PA.

SUA MORTE SE DEU COM 3 TIROS TRAIÇOEIROS A MANDO DE GRILEIROS NO DIA 18 DE JULHO. EM FRENTE A SUA CASA.

SEU SANGUE É VIDA QUE FECUNDA A TERRA E O CORAÇÃO DOS QUE CONTINUAM A LUTA PELA JUSTIÇA.



Noticias e Comentários

C O N C L A T A D I A D O

Numa manobra que mostra a força do dindicalismo de cúpula, o CONCLAT foi adiado.

Contra a decisão de 5 mil trabalhadores reunidos no I CONCLAT e contra a decisão da esmagadora maioria dos ENCLATs, meia dúzia de pelegos donos das Federações e Confederações e seus aliados reformistas resolveram não participar do CONCLAT.

Quem Ganha com isso? É importante para os trabalhadores do campo e da cidade realizar reuniões nos locais de trabalho e moradia e responder a esta pergunta: QUEM LUCROU COM O ADIAMENTO DO CONCLAT ? OS TRABALHADORES OU O GOVERNO ?



PORTO NACIONAL - JULGAMENTO DOS POSSEIROS

A Fazenda São João fica a 60 km de Porto Nacional, Goiás.

Desde 1972, oitenta famílias de antigos posseiros, vêm sendo ameaçadas pelo grileiro Guilherme Dicier Santana, residente em Goiânia. Quatro famílias foram expulsas no começo de 1979, com apoio de autoridade local.

Trinta e seis posseiros foram a Goiânia, distante 800km. de Porto Nacional, para uma audiência de discriminatória no dia 6 de junho de 1979, esta foi adiada para 7 de maio de 1980. A morosidade da justiça e a conivência das autoridades locais incentivam a arbitrariedade e a violência contra os posseiros.

A 18 de agosto um grupo de jagunços acompanhado pelo advogado Edmilson Meneses, a mando do grileiro Guilherme, incendiaram duas casas dos posseiros.

Dia 21 de agosto de 1979 os posseiros, agindo em legítima defesa da propriedade e da vida de terceiros, impediram que um grupo de jagunços tocasse fogo em outra casa, que servia de armazém de cereais. No tiroteio morreram dois jagunços.

O atual processo crime é movido contra 11 lavradores.

Pedimos a todos companheiros que se solidarizem com esses posseiros mandando cartas de apoio aos posseiros para o endereço:

Cx. Postal 59
Porto Nacional - Goiás
77.550

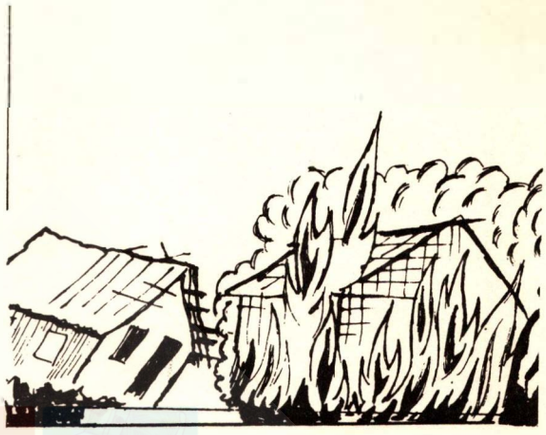
Notícias e Comentários

ATENTADO DE PISTOLEIROS CONTRA RELIGIOSAS.....

As irmãs Lourdes e Nicole trabalham na Pastoral da Terra no povoado de Sampaio, município de São Sebastião do Tocantins, Norte de Goiás. No dia 13 deste mês de julho, encontravam-se em casa, juntamente com o advogado da CPT do Regional Tocantins Araguaia, Dr. Osvaldo e sua esposa. Por volta de 23 horas, dois pistoleiros, um deles conhecido por Antonio Alagoano, tentaram forçar a porta da casa, dirigindo insultos às Irmãs. Como elas se recusaram a abrir a porta, os pistoleiros atearam fogo na casa, que é coberta de palha. A população imediatamente acorreu e conseguiu apagar as chamas, antes que toda a casa fosse destruída. Não contentes, os jagunços se dirigiram para às margens do Rio Tocantins e derrubaram uma grande cruz de madeira que o povo havia plantado.

A população está alarmada, várias pessoas se encontram em estado de choque, e algumas gestantes correm o risco de abortar seus filhos.

Enquanto levamos ao povo o conhecimento de mais este caso de violência contra a atuação da Igreja e de intimidação aos irmãos mais pobres, queremos registrar nosso protesto contra esta onda que parece não ter fim.



O ASSALTO AO SPAR

Na madrugada de 8 para 9 de julho último a sede do SPAR (Secretariado de Pastoral da Arquidiocese de Goiânia) foi assaltada por desconhecidos. Serviço de arrombadores profissionais: arrombaram a porta da sala onde trabalha a Ir. Claudina Scapini e um pequeno armário.

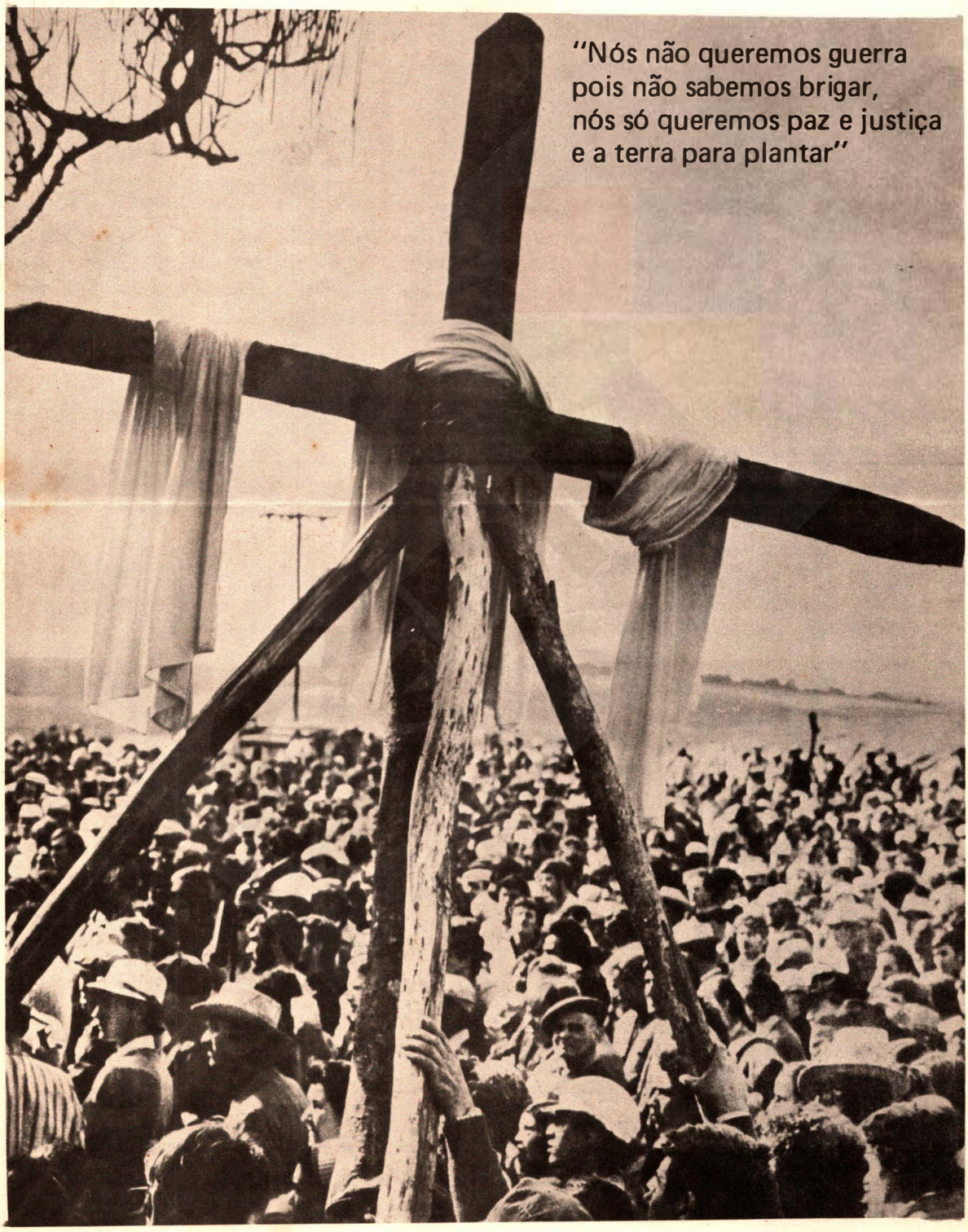
Tudo que se encontrava sobre a mesa, nas gavetas, no armário e na estante foi revolvido. Os originais da Revista da Arquidiocese - Edição de Julho - foram remexidos, além de livros e outros papéis.

Os terroristas roubaram os seguintes objetos de valor: 1 máquina de escrever IBM; 3 dúzias de fitas para IBM, 20 latas de tinta para mimeógrafo; um talão de cheques do Banco Nacional; Cr$30 mil cruzeiros em dinheiro e Cr$60 mil em cheques.

ANO VIII
SETEMBRO - OUTUBRO 1982
Nº 42

boletim

da comissão pastoral da terra (ligada à linha 6 da CNBB)



"Nós não queremos guerra
pois não sabemos brigar,
nós só queremos paz e justiça
e a terra para plantar"

LEIA NESTE NUMERO :

A DEMOCRACIA VEM AÍ ?
(Editorial)
Violência contra os Trabalhadores: os números dos Conflitos de Terra
O Encontro Nacional dos SEM-TERRA - Notícias das Lutas de todo Canto

boletim
da comissão pastoral da terra (ligada à linha 6 da CNBB)

Uma Publicação do
Secretariado da CPT
Caixa Postal - 749
74.000 - Goiânia-GO

A S S I N A T U R A S

ESPECIAL (Colaboração)	- Cr$	1.000,00
NORMAL	- Cr$	250,00
PARA LAVRADORES	- Cr$	80,00
PARA O EXTERIOR	- US$	10.

IMPORTANTE

O pagamento das assinaturas pode ser feito através de VALE POSTAL ou CHEQUE VISADO pagável em Goiânia, em nome da COMISSÃO PASTORAL DA TERRA.

CAPA - A Cruz de Ronda Alta
Foto - Lurdes Maria Grzybowski

A COMISSÃO PASTORAL DA TERRA é um organismo ligado à linha Missionária da CNBB. Tem como objetivo central "interligar, assessorar e dinamizar os que trabalham em função dos homens sem terra e dos trabalhadores rurais..." (Conclusão nº 1 do Encontro de Goiânia sobre terra e Migrações na Amazônia Legal, junho de 1975).

Editorial

A DEMOCRACIA VEM AI

O Brasil enfrenta uma de suas piores crises.

A dívida externa chegou ao teto de 80 bilhões de dólares. Os salários sobem pela escada e o preço das mercadorias sobem pelo elevador. A mesa do brasileiro está sempre mais carente dos alimentos fundamentais. Os conflitos aumentam no campo: 93 áreas de conflitos com 21 assassinatos nos últimos seis meses.

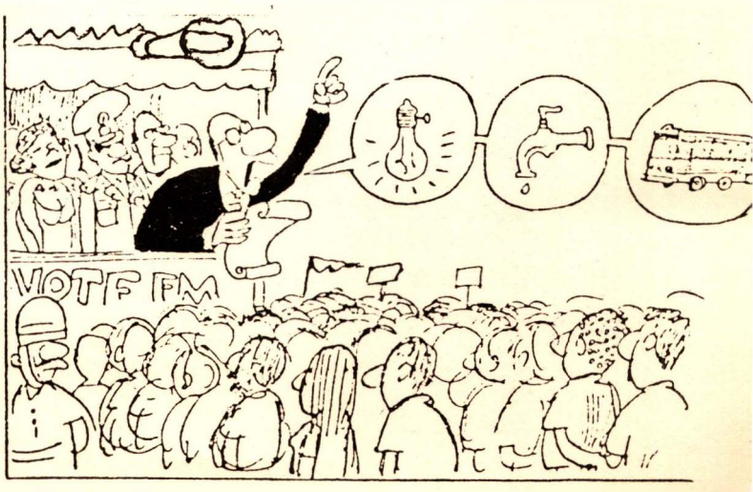
O que fazer ?

Renegociar a dívida externa, como fez o México?

Entregar-se nos braços do Fundo Monetário Internacional?

Esperar os resultados dos Grandes Projetos ?

Não. Não se trata disso. O país não está em crise. Basta olhar em volta e ver as cidades enfeitadas de cartazes multicores, retratos de políticos sorridentes, pichadores armados de pincéis e de cal dando um toque mágico às calçadas, às paredes das casas, ao asfalto. Bilhões de cruzeiros gastos em festas, shows, torneios, distribuição de brinquedos, alimentos, bugigangas. O sorriso do Presidente na TV.: "João, um brasileiro". O Finsocial criado para construir casas e acabar com as favelas. O Ministério da Terra para acabar com a grilagem. O GETAT para distribuir 10.000 títulos antes das eleições. Carros e aviões do governo a serviço da propaganda.

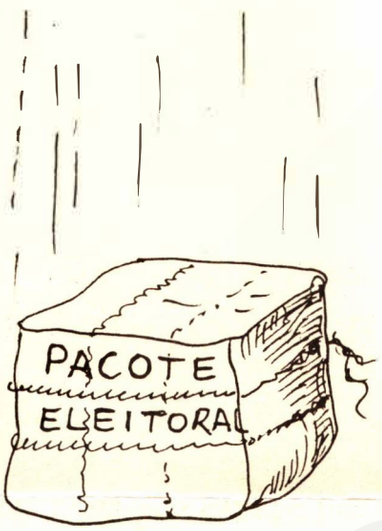


O país pode ir de água abaixo, como as cataratas de Sete Quedas, nessas eleições que mais parecem uma copa

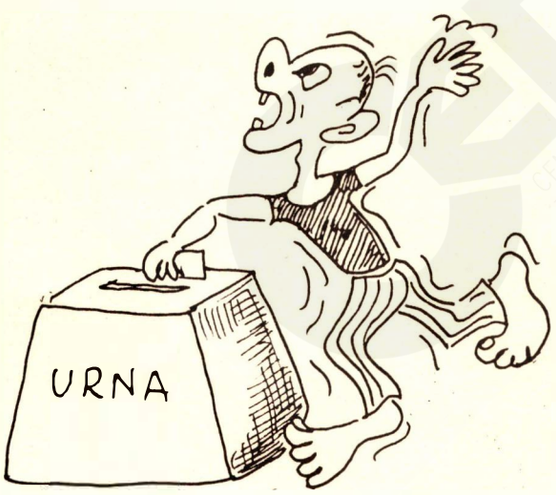
Editorial

do mundo. (Quantos pacotes e condenações passaram e ninguém se deu conta deles!). As eleições se tornaram uma grande festa que nos faz esquecer de tudo. No momento tudo fica entregue a este carnaval político, regido pelos candidatos e pago pelo povo, à espera do 15 de novembro.

Dá para esperar algum resultado? Dá para acreditar nas palavras de ordem, seja do governo seja da oposição? Serão essas eleições mesmo democráticas? Vamos derrubar mesmo a ditadura a poder de voto ? A Assembléia Constituinte dará mesmo um novo rosto ao Brasil ? Os novos governantes realizarão a Reforma Agrária ? E o salário, e o emprego e a casa e a terra ? Enfim, sairá um outro Brasil do doloroso parto de 15 de novembro ?



Empacotada pela Lei Falcão, estas eleições não são livres e, por isso mesmo, não são democráticas. Na verdade são as menos livres e menos democráticas desde 1964.



Os diversos pacotes eleitorais estabelecendo: o voto vinculado, aumento do número de deputados e senadores, a volta aos 2/3 para reformas na Constituição, impondo a cédula eleitoral contra o modelo do TSE (Tribunal Superior Eleitoral) retiram das eleições de 15 de novembro qualquer possibilidade de mudar alguma coisa seriamente. As manobras do governo são suficientes para garantir a ele que seu poder não sofra nenhum arranhão.

O Presidente chega a cair no ridículo nesta corrida de palavras e gestos para ganhar alguns votos para o seu partido, o PDS. Nunca se viu um presidente, no exercício do seu mandato, chegar ao baixo nível de se tornar porta-voz de um grupo tão pequeno de brasileiros e se fazendo inimigo de todos os outros.

Editorial

E a oposição? Jogos e análises políticas misturam nas oposições pessoas de todo tipo: industriais, latifundiários e banqueiros de braços dados com homens da repressão do governo Médici ; os que por interesses pessoais perderam espaço na velha ARENA; os grupos ditos de esquerda que acreditam na mudança se aliando a estas forças; os que se agarram ou se escondem atrás de uma não bem definida "doutrina social da Igreja"; os antigos militantes de uma política democrata-cristã feita para conservar o que está aí, com algumas pinceladas de reformismo.

E agora José ?

Não somos anarquistas. Apenas queremos olhar as eleições de 15 de novembro com espírito crítico. Pedimos aos trabalhadores olhar as eleições como uma etapa sem dúvida importante, um momento de revisão e de avaliação, mesmo com todos os limites acima mencionados. Mas as eleições não são e não serão o ponto definitivo da política do país, até que o povo não conquiste seu espaço. Todo o povo, não apenas Figueiredo, que se autodefine a "voz do povo" mas o povo brasileiro com o direito de livre reunião e organização, de livre manifestação e de livre recusa aos que dele se aproveitam e ainda uma vez apresentam seus nomes, já bem conhecidos, num jogo em que as regras foram ditadas e alteradas por eles próprios.



O que os trabalhadores têm a ganhar com as eleições?



Documento

CONFLITOS

Aquí está o resultado do levantamento dos conflitos do 1º semestre de 1982. É a continuação do trabalho que começamos em setembro do ano passado.

Repetimos que o objetivo da publicação dos números da violência contra os trabalhadores é apenas para identificar e traçar um quadro geral dela, para auxiliar a ação desenvolvida por agentes de pastoral e lavradores na organização da classe.

Neste período (de janeiro a junho de 1982) foram registrados 93 conflitos. Este número mostra, para quem quiser ver, que a violência no campo continua aumentando. No mesmo período do ano anterior, foram registrados 68 conflitos.

De todas as formas de violência, as que mais chamaram a atenção são a Grilagem, 26 casos; o despejo, 26 casos; e os assassinatos, 21 casos. Das 21 pessoas assassinadas neste período, 12 foram no Pará.

Neste 1º Semestre de 82 os conflitos continuam concentrados na área do GETAT. Dos 93 conflitos registrados 21 estão no Maranhão, 15 no Pará e 11 em Goiás.

Outro dado importante é que o número de famílias e pessoas envolvidas nos conflitos cresceu enormemente em relação aos levantamentos anteriores.

Lembramos que este levantamento não registra a totalidade dos conflitos existentes hoje no campo. É impossível, dada a situação material e política atual a CPT levantar o conjunto das circunstâncias que provocam a violência no meio rural.

Documento

CONTLITOS DE TERRA NO BRASIL: 1982 (1)

TABELA I

E S T A D O	Nº DE CONF.	Nº DE FAM.	Nº DE PES.	ÁREA/ha.
ACRE	02	112	560	151.900
AMAZONAS	03	660	3.315	--- ---
BAHIA	06	191	955	31.000
CEARÁ	04	1.200	6.001	--- ---
ESPÍRITO SANTO	02	25	2.125	50.000
DISTRITO FEDERAL	01	---	---	377
GOIÁS	11	520	2.614	5.475
MATO GROSSO	03	170	851	7.000
MATO GROSSO DO SUL	03	3.663	15.316	--- ---
MARANHÃO	21	2.912	14.577	34.000
MINAS GERAIS	03	270	1.350	--- ---
PARÁ	15	101	1.521	20.000
PARANÁ	03	35.030	150.151	880.990
PARAIBA	03	100	600	--- ---
PERNAMBUCO	01	11	55	--- ---
PIAUI/CEARÁ	01	150	600	45.000
RIO GRANDE DO NORTE	02	101	505	--- ---
RIO GRANDE DO SUL	03	197	985	2.912
RONDÔNIA	01	80	400	--- ---
SANTA CATARINA	02	73	365	--- ---
SÃO PAULO	02	30	151	--- ---
SERGIPE	01	25	110	--- ---
T O T A L	93	45.621	203.107	1.228.654

(1) Dados referentes ao 1º semestre de 1982, Janeiro à Julho de 1982.

Documento

RELAÇÃO DOS LAVRADORES, LÍDERES SINDICAIS E ADVOGADOS ASSASSINADOS

N O M E	DATA DA M O R T E	LOCAL DA MORTE	CARGO
Antonio Raimundo da Silva	27.02.82	Altamira-PA	lavrador
Manoel Raimundo de Sousa	27.02.82	Altamira-PA	lavrador
Joaquim Pereira Brito	28.07.82	Barra do Garça-MT	lavrador
Geraldo Castro	04.06.82	Bodoquema -MS	lavrador
Cícero Reinaldo Luz	-- -- --	Grajaú- MA	lavrador
Baltazar Carneiro Santos	-- -- --	Sucupira do Norte-MA	lavrador
João Carneiro	-- -- --	Turiaçu- MA	lavrador
José Candoca-menor	-- -- --	Urbano Santos - MA	lavrador
Mergulhão	-- -- --	Itaipavas - PA	lavrador
Marcos - menor	20.07.82	Conceição do Araguaia-PA	lavrador
Gabriel Sales Pimenta	19.07.82	Marabá - PA	advogado
Erudino Alves de Souza	13.02.82	Marabá - PA	lavrador
Avelino Ribeiro Silva	24.03.82	Santarém - PA	del. sind.
Belquior Martins Costa	02.03.82	Rio Maria - PA	lavrador
----------	07.03.82	Arraias - PA	peão
----------	26.02.82	B.Araguaia - PA	posseiro
----------	02.01.82	B.Araguaia - PA	lavrador
----------	02.01.82	B.Araguaia - PA	lavrador
Goiano	26.02.82	Rio Maria - PA	--------
José S. Valdevino	-- -- --	Cruz do Espírito Santo-PB	lavrador
----------	04.05.82	Colorado - RO	lavrador
Carlos da Silva	03.07.82	Eldorado - SP	posseiro
Florêncio Barbosa	09.11.81	Açailândia - PA	lavrador

Documento

ENCONTRO NACIONAL DOS SEM-TERRA

28 trabalhadores rurais sem-terra de 16 estados, juntamente com 22 agentes, estiveram reunidos de 23 à 26 de setembro, em Goiânia-GO., para discutir o problema da falta de terra para trabalhar.

Durante o encontro foram relatadas as diferentes experiências de lutas já ocorridas pela defesa ou conquista da posse e uso da terra. Após o relato, estas experiências foram avaliadas, analisando-se as falhas, erros, acertos, limites, ganhos e pressões sofridas . No final discutiu a validade de estabelecer uma articulação a nível nacional.

Os trabalhadores rurais sem-terra se dividiram em três grupos ou categorias para avaliar as suas lutas: posseiros, boias-frias e arrendatários, meeiros, parceiros. A decisão de se dividir os trabalhadores sem-terra nestes três grupos se fez necessária a partir da realidade de cada categoria e das diferentes maneiras como são tratados pela Política Agrária Brasileira.

Os participantes se detiveram a maior parte do tempo no relato de suas lutas e na analise das causas que determinam a existência de mais de 12 milhões de brasileiros que vivem da terra, mas não podem ter a sua posse ou o seu uso. Nesta analise se tentou, também, levantar os inimigos dos sem-terra e caracterizar a forma como se apresentam e como agem.

No que diz respeito a articulação, os participantes decidiram que devem se fortalecer as ligações regionais, isto é, a partir das categorias existentes nas grandes regiões, tais como os boias-frias do sudeste e sul, os arrendatários do sul, os posseiros do centro-oeste, os assalariados da zona da cana de Pernambuco, etc. Depois de fortalecida esta articulação regional estabelecer, então, uma articulação mais ampla e de nível nacional. Para manter esta articulação foi eleita uma coordenação, ainda provisória, dos sem-terra. Entre outras tarefas, esta coordenação, terá a função de preparar o 2º Encontro Nacional dos Sem-Terra, entre setembro de 1983 à janeiro de 1984.

Os trabalhadores presentes, no final do enconto, divulgaram seu pensamento e suas posições através de uma **CARTA AOS COMPANHEIROS SEM-TERRA DO BRASIL.**

Documento

CARTA AOS COMPANHEIROS SEM-TERRA DO BRASIL

Nós trabalhadores Sem-Terra vindos de 16 estados de diversas regiões do País, reunidos aquí em Goiânia, queremos endereçar este comunicado transmitindo o objetivo deste encontro, bem como da importância do mesmo.

Queremos ainda fazer de perto um convite a todos, para que entrem na luta pela CONQUISTA E DEFESA DA TERRA e dos direitos que são negados para nós.

Este valioso encontro teve como objetivos:

a. avaliar as lutas e a caminhada dos nossos movimentos;
b. colocar em comum todos os pontos positivos e negativos;
c. avaliar como estamos resistindo e que resultados está dando;
d. encontrar meios de continuar e reforçar nossas lutas.

Toda luta é difícil, porque ela exige muito esforço e uma dedicação comprometida.



Lamentamos e protestamos pela perda de muitos companheiros nossos que foram assassinados, vítimas da ganância dos grandes. Apesar disso, muitas vitórias já se teve por todo o país com os movimentos. Muitos irmãos nossos depois de muita luta venceram, conquistando o chão que lhes pertence e seus direitos. Não esquecemos ainda, que as lutas e o próprio movimento nos ajuda a tomar consciência da realidade e a descobrir quem são nossos verdadeiros amigos e nossos inimigos.

Verificamos que em todas regiões do país inteiro existem conflitos de terra, e o pior de tudo isso é a maneira como se resolvem esses problemas, lamentamos outra vez em dizer que estes problemas são resolvidos com repressão policial, e a corda quebra sempre do lado mais fraco.

Nós trabalhadores somos vítimas de um sistema que está voltado para o interesse das grandes empresas e latifundiários.

Documento

Se nós não nos organizar em nossos sindicatos e associações de classe em nossa região, estado e a nível de país, se não sentarmos juntos, analisar nossa luta, confrontar com esta realidade que hoje escravisa e manipula os fracos, se não fizermos isso nunca iremos sair fora desta vida de explorados e de verdadeira escravidão.

Vivemos num mundo **sem finalidade humana**, mundo que é fabricado por todo um sistema injusto, implantado em nosso país. A terra nas mãos de poucos, os salários baixos, as leis que favorecem os grandes poderosos, o poder e a riqueza nas mãos desta mesma minoria revelam claramente este fato que na nossa maneira de pensar é uma verdadeira violência contra o homem e a natureza. O sistema prega a violência e total desrespeito aos direitos fundamentais de cada pessoa. Este mundo, cuja finalidade não é o homem e que mantido pelo sistema implantado é o grande gerador de todo tipo de mal que infesta nossa sociedade como: a criminalidade, a fome, o roubo, o menor abandonado, a prostituição, a miséria e outros tipos de violências.

Alertamos ainda a todos os companheiros, da importância de uma participação consciente nas decisões políticas, porque os problemas citados são frutos das injustiças e da falta de participação. Convidamos para que pensem e não se deixem enganar pelas falsas promessas de pessoas que tem interesse pelo povo só na hora do voto.

Queremos através desta carta nos solidarizar com os canavieiros em greve no Pernambuco e com todos os companheiros de todo o País que estão lutando e sofrendo. Queremos dizer que continuem firmes e mais uma vez convidamos a todos os companheiros para que se unam e vamos lutar pelos nossos direitos.

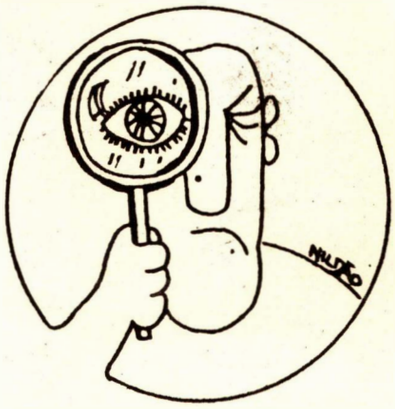
Ao encerrar, queremos em poucas palavras agradecer a todos que estão assumindo a causa do trabalhador.

Um abraço a todos,
Goiânia, 26 de setembro de 1982.

Assinam: Representantes dos Estados:

Goiás - Pernambuco - Maranhão - Paraná - São Paulo - Rio de Janeiro - Ceará - Rio Grande do Sul - Rio Grande do Norte - Espírito Santo - Paraíba - Piauí - Rondônia - Mato Grosso - Minas Gerais - Santa Catarina.

Abre o olho



NOVO MINISTÉRIO,

MAIS UM?

O Governo Militar fez mais uma lei sobre a questão da terra. É o Drecreto nº 87.457. Esse decreto intitui o Programa Nacional de Política Fundiária que será executado por um novo Ministério chamado MINISTÉRIO EXTRAORDINÁRIO PARA ASSUNTOS FUNDIÁRIOS.

As vezes, diante de tanta lei, de tantos Decretos a gente pensa: é mais um. Isso não vai alterar em nada a nossa vida. E deixamos de nos preocupar com aquilo.

Será essa a maneira mais correta de enfrentar nossos problemas ?

É assuntando cada ação do inimigo que conhecemos seus passos e descobrimos aonde ele quer chegar.

De 1964 para cá, os militares criaram uma porção de ferramentas com o objetivo de arrancar a terra das mãos dos trabalhadores rurais e entregá-la aos grandes fazendeiros e às grandes empresas estrangeiras. Essas ferramentas são de diversos tipos: Estatuto da Terra, IBRA, GERAN, INDA, INCRA, PROTERRA, GETAT, GEBAM, etc.... Cada uma delas faz um tipo de serviço diferente.

Agora chega o novo ministério, ligado desde o nascimento ao Conselho de Segurança Nacional. Isso quer dizer que os militares enxergam a luta dos trabalhadores para defender sua terra ou para conquistar terra para trabalhar como se fosse uma luta de inimigos da nação.

Quando, para defender-se de um grileiro, ou de um fazendeiro, o posseiro derruba uma cerca, ele está pondo em perigo a segurança da nação.

Mas os trabalhadores também não são brasileiros?

No entender da classe que dirige o país, os tra

Abre o olho

balhadores não pertencem à nação. O limite da nação termina onde termina a cerca do latifúndio. Quem fica fora dela, fica de fora da nação.

Para que vai servir o novo Ministério ?

Será ele uma ferramenta a serviço dos trabalhadores ?

A primeira tarefa que o novo ministério vai cumprir é unificar sob seu comando todas as ferramentas que tratam da política fundiária: INCRA, GETAT, GEBAM, etc. O objetivo dos militares é fazer estes órgãos todos trabalharem de maneira bem combinada, tirando dos estados qualquer poder de decisão sobre a questão fundiária. Centralizando nas mãos do poder federal todas as medidas com relação à terra.

A segunda tarefa que o novo ministério pretende realizar é a divisão dos trabalhadores em proprietários e não-proprietários. Quer dizer, uma pequena parte dos trabalhadores do campo receberá um pedaço de terra através das empresas de colonização e da entrega de títulos, e a maior parte fica do lado de fora da cerca, sem receber nada, transformado em assalariado, bóia-fria ou parceiros.

Por que o governo quer fazer isso ?

Em primeiro lugar para enfraquecer a luta dos trabalhadores, fazendo eles brigarem entre si. Os que tem um pouquinho contra os que não tem nada.

Em segundo lugar para conseguir o apoio político de uma parte pequena dos trabalhadores. Daqueles que receberam um pedacinho de terra.

Em terceiro lugar o governo quer enfraquecer a luta dos sindicatos, impedindo-os de participarem da principal reivindicação dos trabalhadores rurais: a luta pela terra para trabalhar.

E finalmente, os militares querem se apresentar aos trabalhadores do campo como seus verdadeiros defensores, jogando-os contra os operários da cidade, para impedir a união das lutas da cidade e do campo.

Qual é a resposta que os trabalhadores rurais devem dar à criação do novo ministério ?

Especial

Estes versos nos vieram do oeste da Bahia. Um lugar chamado SERRA DO RAMALHO, São Versos diretos, profundos e de grande beleza. Retratam a vida e o sofrimento - que aqui são uma coisa só - dos trabalhadores nas Agrovilas do INCRA.

O INCRA mostra tabela
Onde nosso trabalho tá representado
Por uns pontinho que tem nela
Com os número todos somados.

Mas na vida a gente não é um ponto
Nem um número calculado
Em nosso pequeno canto
Não somos um fogo apagado.

Dizer que um simples mapa
É o nosso resultado
É não dizer nada
Do que nós temos passado.

Nós temos sofrido um bocado
Não tem número que dê conta
Não dá pra ser mapeado
As coisa que a vida apronta.

Enquanto eles vão com mapa
Nós vamos com nossos casos
Furando feito uma faca
Aqueles mapinhas tão rasos.

Pra mostrar lá bem no fundo
Onde o olho enxerga e chora
Como é o nosso mundo
Atrás de um mapa de glória.

Nossa força é conhecer
A história de cada um
Com isso nós tem prazer
De ouvir de um por um.

Que aí a gente pode virar
Uma faca bem afiada
E muitos mapas furar
Como um trator abrindo estrada.

E a realidade deixar
Em nossa face estampada
Sem nunca nos queixar
De dela não saber nada.



Especial

Vamos conhecer o vizinho
Vamos varar os muros
Criar novos caminhos
Para um porto mais seguro.

E por aqui a gente fica
Levando muita esperança
De ver essas agrovila
Festejando a bonança.

Muito pão pra se fartar
Com sobra para vender
E o mundo alimentar
Na terra do bem viver.

Não se esqueçam dessa história
Ela ainda continua
Então, não fique por fora
Pois ela também é sua.

É de todo brasileiro
Que luta com sacrifício
Que trabalha o ano inteiro
E nunca tem benefício.

E agora me dão licença
Que eu já vou me retirando
Pois o trabalho não dispensa
No duro eu já vou pegando.



Noticias e Comentários

RIO GRANDE DO SUL

As mulheres camponesas reunidas em Pelotas -RS, no 1º Congresso de Mulheres Camponesas da zona sul, em agosto último, analisando a situação da mulher na agricultura apresentaram suas reinvindicações:

1. Aposentadoria da mulher do campo aos 45 anos de idade com 1 salário mínimo.

2. Seguro no acidente de Trabalho, auxílio invalidez, auxílio na natalidade.

3. Reforma agrária e crédito fundiário garantindo a posse da terra para todos e uma mudança urgente na política agrícola.

4. Direito de participação verdadeira da mulher camponesa na política sindical, podendo votar e ser votada.

5. Que a mulher do campo tenha os mesmos direitos da mulher da cidade.

6. Regulamentação da profissão de agricultora.

C E A R Á

Aquí em Tauá, estamos no quarto ano de seca. Diante da recusa do governo em empregar o povo nesta emergência, aumentam as tensões. Os trabalhadores rurais fizeram abaixo-assinados, fizeram manifestações e nada.

Em 24 de agosto 2 mil homens invadiram o armazém da CIBRAZEM e retiraram de lá 3 mil sacos de feijão. No dia seguinte a Polícia Federal começou a vasculhar as casas dos trabalhadores em busca do feijão e intimando a mulher do Presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais e outros companheiros a prestar depoimento.

É assim. Do governo os trabalhadores só conhecem duas faces: os impostos e a polícia.



Notícias e Comentários

RIO DE JANEIRO

POR RAZÕES INTERNAS DE SUA ORDEM RELIGIOSA, O AMIGO E COMPANHEIRO Pe. PEDRO GEURTS DEIXA A COORDENAÇÃO DA CPT-RIO DE JANEIRO.

"NÃO SEI COMO AGRADECER A DEUS E AO POVO DO CAMPO POR ESTES ÚLTIMOS SEIS ANOS" -ESCREVE ELE. "NÃO POSSO MAIS IMAGINAR MINHA VIDA SEM ESTE ACONTECIMENTO. POR ISSO NÃO ME CONSIDEREM AINDA "PERDIDO". E MESMO NÃO SERIA PERDIDO UM COMPANHEIRO QUE CONTINUARÁ EM OUTRO CAMPO A SERVIR A CAUSA DO POBRE". OBRIGADO PEDRO, E BOM TRABALHO.

****

G O I Á S

O lugar se chama Grotão do Socó, na região de Buriti, Município de São Sebastião do Tocantins-GO. Quem comanda os jagunços é o indivíduo de nome Salvador, capataz da Fazenda Santa Cruz. O nome do grileiro é Belizário Rodrigues da Cunha, conhecido já de outras violências contra os trabalhadores do Bico do Papagaio.

Foram vinte e tres casas incendiadas, vinte e tres famílias desabrigadas. Só em um paiol foram queimados 100 sacos de arroz. O resultado é a fome, a miséria, o medo. Até quando os trabalhadores vão esperar pela ação da justiça? A resposta é o fortalecimento cada vez maior da união e organização dos trabalhadores em seus sindicatos e associações.









Notícias e Comentários

BAHIA

NO INICIO DE AGOSTO, O FAZENDEIRO SEBASTIÃO TATAGIBA DESENCADEOU UMA SÉRIE DE AÇÕES VIOLENTAS CONTRA O TRABALHADOR JOÃO BARBOSA, O ADVOGADO GIL NUNES MAIA E O Pe. JOSÉ, NA COMUNIDADE DE ITANHÉM. O FAZENDEIRO É ALIADO AO SECRETÁRIO DA EDUCAÇÃO DO MUNICÍPIO, SR.PAULO RAMALHO E CRIA UMA VERDADEIRA ATMOSFERA DE TERROR. O LAVRADOR SEBASTIÃO FOI ESPANCADO E BALEADO, A CASA DO ADVOGADO INVADIDA E BOMBAS FORAM JOGADAS NA IGREJA PAROQUIAL PORQUE O Pe.JOSÉ APOIOU OS LAVRADORES E O MOVIMENTO DE REIVINDICAÇÕES DOS PROFESSORES LOCAIS.

****

MINAS

Forças do exército, PM e Agentes do DOPES vindos de Belo Horizonte, reprimiram violentamente uma manifestação de trabalhadores marcada para Cachoeirinha - MG. A cidade foi completamente tomada pelos militares, as caravanas foram retidas nas estradas, os participantes revistados, os mantimentos e o material de propaganda tomados pela polícia. A celebração era uma atitude de apoio a 212 famílias que tendo sido expulsas de suas terras em 1967, de maneira violenta, inclusive com 6 posseiros assassinados, resolveram voltar para ficar.

CEARÁ

Dom Aluísio Lorscheider enviou aos diocesanos de Fortaleza, uma carta pastoral sobre os problemas da terra. A partir de uma situação de conflito que atinge os lavradores no seu direito à terra e ao justo pagamento da parceria. Lembra os apelos do papa no México, o seminário sobre a seca e condena os despejos, os títulos falsificados ou não definidos e conclama os cristãos à conversão.

"Será que cristãos autênticos podem, sem remorsos de consciência, enricar à custa do suor do pobre?... Tudo bem considerado é uma blasfêmia contra o santo nome de Deus."



Noticias e Comentários

MOVIMENTO SINDICAL

Todos sabem que a Comissão Nacional Pró-CUT adiou o CONCLAT. Todos sabem também que essa medida é um desrespeito à deicsão dos 5 mil trabalhadores que se reuniram na Praia Grande, em agosto de 1981. Lá foi decidido que o II CONCLAT seria realizado em 28/ 29 de agosto de 82.

Por isso as Comissões Pró-CUT (ou INTERSINDICAIS) do Rio Grande do Sul, Goiás, São Paulo e Santa Catarina, convocaram uma reunião para os dias 28 e 29 de agosto. Acatando a decisão dos seus ENCLATs.

Este encontro reuniu, em São Paulo, no Sindicato dos Marceneiros, oito das 13 Comissões Pró - CUT existentes e mais representantes de 6 estados.

Ali foi feita uma avaliação do movimento sindical, diante da traição da Pró-CUT. O adiamento do CONCLAT/82, além de ser uma traição aos trabalhadores reunidos na Praia Grande, teve o objetivo de desmobilizar a luta da classe trabalhadora diante do avanço dos patrões e do governo e impor de cima para baixo, a partir das cúpulas das Confederações e Federações. Por isso a Comissão nacional Pró-CUT adianto o CONCLAT dividiu o movimento sindical brasileiro e deve ser responsabiliza da por isso perante a classe trabalhadora.



Noticias e Comentários

MOVIMENTO SINDICAL - II

DEPOIS DE GOLPEAR E TRAIR O MOVIMENTO SINDICAL, ADIANDO O CONCLAT, A COMISSÃO NACIONAL PRÓ-CUT ARTICULOU OUTRO GOLPE: REALIZAR UM ENCONTRO EM BRASÍLIA, NOS DIAS 11 e 12 DE SETEMBRO, COM O OBJETIVO DE PRORROGAR SEU PRÓPRIO MANDATO:

PARA ESSA REUNIÃO FORAM CONVIDADAS AS CONFEDERAÇÕES, OS MEMBROS DA COMISSÃO NACIONAL PRÓ-CUT, MAIS 3 REPRESENTANTES DE CADA ESTADO.

ALGUNS ESTADOS, COMO SÃO PAULO, PARANÁ, RIO GRANDE DO SUL, GOIÁS, PARÁ, ESPÍRITO SANTO, CEARÁ NÃO CONCORDARAM COM ESSE CRITÉRIO. ELEGERAM DE 3 A 10 DELEGADOS CADA UM.

NÃO HOUVE MEIO DA COMISSÃO NACIONAL PRÓ-CUT ACEITAR MAIS DE 3 DELEGADOS ELEITOS NOS ESTADOS. ESTABELECEU-SE A CONFUSÃO E A INTRANSIGÊNCIA. DIANTE DE TAL IMPOSIÇÃO E POR CONSIDERAR ILEGÍTIMA A COMISSÃO NACIONAL PRÓ-CUT, AS COMISSÕES ESTADUAIS PRÓ-CUT DE SÃO PAULO, PARANÁ, GOIÁS E PARÁ TOMARAM A DECISÃO DE SE RETIRAR DO ENCONTRO.

ALÉM DELES, REPRESENTANTES DOS ESTADOS DO RIO GRANDE DO SUL, CEARÁ, AMAZONAS, RIO DE JANEIRO E MINAS TAMBÉM SE AFASTARAM. EM SEGUIDA OS SINDICALISTAS EOSON CAMPOS, CLARA ANT, LUIS INÁCIO DA SILVA, JACÓ BITTAR, OLIVIO DUTRA, JOSÉ GOMES NOVAIS, NELSON DE ASSIS TELES, ENTRE OUTROS SE RETIRARAM POR ENTENDER QUE A COMISSÃO NACIONAL PRÓ-CUT EXTINGUIU SEU MANDATO NOS DIAS 28/29 DE AGOSTO, DATA EM QUE DEVERIA TER SE REALIZADO O CONCLAT. PORTANTO ELES DEIXAVAM DE PARTICIPAR DE UMA PRÓ-CUT QUE SE TORNARAM BIÔNICA.

AO ADIAR O CONCLAT/82 A PRÓ-CUT DIVIDIU O MOVIMENTO SINDICAL. NO MOMENTO EM QUE ELA DESRESPEITOU A DECISÃO DO I CONCLAT E DESRESPEITOU O RESULTADO DA CONSULTA QUE ELA PRÓPRIA FEZ AOS ENCLATs SOBRE A DATA DE REALIZAÇÃO DO CONCLAT/82 ELA SE DESMORALIZOU. AGORA, AO PRORROGAR SEU PRÓPRIO MANDATO, A COMISSÃO PRÓ-CUT PERDE INTEIRAMENTE SUA LEGITIMIDADE E CREDIBILIDADE PERANTE OS TRABALHADORES. NÃO PASSA DE UMA COMISSÃO BIÔNICA QUE SE ESFORÇA POR ENTREGAR A DIREÇÃO DAS LUTAS DA CLASSE TRABALHADORA AOS PATRÕES E À DITADURA.



VOCÊ QUER UMA CUT ASSIM ?

Noticias e Comentários

CPT - SEDE PROPRIA

Dia 30.09 às 8,00 h. um dia diferente na sede da CPT Nacional.

Estavam presentes D. Fernando, D.Moacyr, D.Pedro e toda a Diretoria e Conselho da CPT, mais assessores e a equipe interna de trabalho.

O motivo desta confraternização era a bênção e a inauguração oficial de nossa nova sede própria.

Ela fica à Rua 20, nº 251 - Centro. É a rua que passa em frente à Catedral.

Durante a cerimônia foi lida a passagem de Zaqueu. D.Fernando ao abençoar relembrou a caminhada da CPT desde as origens. Ainda pediu que a nova sede seja um instrumento útil como foi a árvore para Zaqueu, ajudando- nos a ver melhor a causa do trabalhador sendo sempre fiéis ao nosso compromisso de fé.

GOIANIA

No dia 1º de Novembro próximo, D.Fernando Gomes, Arcebispo de Goiânia, celebrará o seu 50º aniversário de sacerdócio, 25º de trabalho à frente da Arquidiocese de Goiânia. Celebramos com ele que sempre apoiou e apoia nossa caminhada.

ACRE

O SINDICATO DE XAPURI, no ACRE ESTÁ LUTANDO PARA DEFENDER A SUA AUTONOMIA. DEPOIS DE TER DERRUBADO EM 1981 A DIREÇÃO COMPOSTA POR PESSOAS QUE NÃO TINHAM COMPROMISSO COM A CLASSE TRABALHADORA ENCAMINHARAM UM PROCESSO DE PREPARAÇÃO PARA A ELEIÇÃO DA NOVA DIRETORIA: MESMO TENDO SEGUIDO À RISCA AS EXIGÊNCIAS DA LEGISLAÇÃO SINDICAL, OS LAVRADORES FORAM PRESSIONADOS PELA DELEGACIA REGIONAL DO TRABALHO PARA TIRAR UM COMPANHEIRO DA CHAPA. OS LAVRADORES NÃO ACEITARAM ESSA INTROMISSÃO, QUE É UM DESRESPEITO À SUA LIBERDADE DE ESCOLHER SEUS DIRIGENTES.

****

SÃO PAULO

Os trabalhadores de Lins, enviaram à imprensa uma nota exigindo maior vigilância e fiscalização no transporte dos bóias-frias: o respeito ao limite de velocidade, o pagamento do salário integral nos dias de chuva. É mais uma denúncia contra a absurda exploração de que são vítimas esses trabalhadores.

Noticias e Comentários

DISTRITO FEDERAL

A CONTAG CONCLAMA TODOS OS TRABALHADORES RURAIS A DEIXAR DE VOTAR NOS CANDIDATOS DO PDS QUE COM SUA AUSÊNCIA NO PLENÁRIO DO CONGRESSO PERMITIRAM QUE PASSASSE O "PACOTE DA PREVIDÊNCIA" POR DECURSO DE PRAZO. CHAMA TAMBÉM OS TRABALHADORES A SE MOBILIZAR CONTRA A VIOLÊNCIA NO CAMPO E EXIGIR AÇÃO ENÉRGICA DO GOVERNO NA APURAÇÃO DOS FATOS E PUNIÇÃO DOS CULPADOS.

****

DIA NACIONAL DOS PESCADORES

Os pescadores levantam a cabeça e estão se unindo em todo o país exigindo que as colônias sejam órgão de classe e não organismo nas mãos da Marinha. Conclamam todo mundo a assinar abaixo-assinados de apoio à luta para o próximo dia 21 de novembro DIA NACIONAL DOS PESCADORES.

****





CEARÁ

Francisco Chagas do Nascimento (Chico Chagas) de Porteiras, município de Caucaia - CE foi assassinado no dia 12 de agosto. O assassino é o fazendeiro Sampaio Pontos que queria expulsá-lo da terra sem pagar as benfeitorias. Outro mártir da violência impune dos latifundiários contra os trabalhadores.

****

PERNAMBUCO

Os lavradores de Pajeú -PE realizaram uma caminhada contra a fome a 29 de agosto, celebrando o dia de luta contra a fome. Cansados e famintos depois de quatro anos de seca e de promessas de terra para trabalhar, direito à educação, assistência médica e água. A passeata terminou com uma missa celebrada por Dom Francisco Austragésilo de Mesquita, bispo de Afogados da Ingazeira.

Noticias e Comentários

L E I A :

1. **CALENDÁRIO DO LAVRADOR - 1.983**

   -UMA FERRAMENTA PARA O TRABALHO DO ANO INTEIRO
   Para Lavrador Cr$50,00
   Outros Cr$100,00

2. **MINISTÉRIO DE ASSUNTOS FUNDIÁRIOS**

   - O QUARTEL DA TERRA -
   Cadernos de Estudo - CPT - Nº 04
   José de Souza Martins
   Para Lavrador Cr$ 20,00
   Outros Cr$ 50,00

3. **DADOS E INDICADORES SOBRE A ATUAL POLÍTICA** AGRÁRIA BRASILEIRA

   -Assessoria da CPT
   Para Lavrador Cr$ 15,00
   Outros Cr$ 30,00

4. **QUE SOLUÇÃO É ESSA ?**

   (AS AGROVILAS DE BOM JESUS DA LAPA)

   -Coordenação e divulgação: CPT - Bahia e Sergipe
   Para Lavrador Cr$ 50,00
   Outros Cr$ 150,00

Liturgia — Catequese

Evangelização

conteúdo do Ser

1 Seminário — Pároco — Vocacional clero Formação — Bispo — CEBs — Seminários — Pároco

2 Anúncio — Apostolado Bíblico — Catequese — Missões — cursos

3 Liturgia e Celebração

4 Sínodo Encerramento

5 Participação na Construção do Comunicação reinado

Aulas Jubileu Gal

6 Entidades e Administração e bens — e infra-estrutura em geral

serviços

ANO X
SETEMBRO - OUTUBRO 1984
Nº 54

boletim

da comissão pastoral da terra (ligada à linha 6 da CNBB)



LEIA NESTE NÚMERO :

GENOCÍDIO - *Editorial*
A CAMINHADA DAS COMUNIDADES E A DOUTRINA DOS DOZE APÓSTOLOS
CARTA AO CARDEAL RATZINGER - TIÃO DA PAZ ASSASSINADO
COLONOS ACAMPADOS - MOBILIZAÇÃO DOS POSSEIROS
OS MÁRTIRES DA TERRA

boletim
da comissão pastoral da terra (ligada à linha 6 da CNBB)

Uma Publicação do
Secretariado da CPT
Caixa Postal - 749
74.000 - Goiânia-GO

A S S I N A T U R A S

ESPECIAL (Colaboração)	- Cr$	2.000,00
NORMAL	- Cr$	800,00
PARA LAVRADORES	- Cr$	200,00
PARA O EXTERIOR	- US$	10.

IMPORTANTE

O pagamento das assinaturas pode ser feito através de **VALE POSTAL** ou **CHEQUE VISADO** pagável em Goiânia, em nome da **COMISSÃO PASTORAL DA TERRA.**

CAPA - POSSEIRO

FOTO - RUELLAN

A COMISSÃO PASTORAL DA TERRA é um organismo ligado à linha Missionária da CNBB. Tem como objetivo central "interligar, assessorar e dinamizar os que trabalham em função dos homens sem terra e dos trabalhadores rurais..." (Conclusão nº 1 do Encontro de Goiânia sobre terra e Migrações na Amazônia Legal, junho de 1975).

Editorial

GENOCÍDIO

Tancredo espirrou! Maluf ...!

Tancredo malufou e Maluf tancredou!

Dona Dulce gasta dois milhões por dia com a sua bela comitiva num passeio de fim de semana!

Figueiredo para ajeitar a coluna, ajeita também os cofres públicos: o jato presidencial cada semana vai dar uma volta por aí!

Reagan e Mondale, os nossos patrões, se preparam para dançar a dança do crioulo doido.

O Papa e a Cúria no Vaticano estão preocupadíssimos com a tal de Teologia da Libertação.

É isso o café da manhã que os jornais nos oferecem e o chá da noite que nos propicia a televisão.

Notícias do povo? Que povo? Que notícias? Assaltos? Estupros? Brigas? Isso sim, mas a vida e a morte deste povo você não vai encontrá-la em meio de comunicação nenhum. O povo não faz notícia! O povo não existe!

E o povo morre. Morre no Nordeste, não obstante um respeitável arcebispo insista em dizer que não é verdade. Morre com a chuva e com o "verde espalhado na plantação", morre porque não recebeu semente prá plantar, morre porque não tem terra prá plantar, morre porque não tem preço o que colheu.

Morre em São Paulo, sinal sacramental negativo de todas as cidades do Brasil, no desemprego, no trânsito, no coração esmagado, na fome. Morre em Cubatão por não ter mais ar puro para respirar e no "paraíso amazônico" jogado em projetos absurdos de colonização, sem recursos, assistência, liberdade e com muita malária.

É demais dizer que há um genocídio, organizado, planejado, encobertado pelo silêncio assassino dos meios de comunicação social?

O genocídio está tocando vértices assustadores no campo: 1 morto cada 5 dias. Um morto a bala, a faca, a fogo. Os líderes do povo são mortos. Para quem lê os nomes é uma lista como outra, de desconhecidos. Mas para quem os conheceu, quem sabe a paixão deles, o amor, a paciência secular, a ira santa, a dedicação aos companheiros, a luta para o pão e a liberdade, os olhos se enchem de lágrimas.

Sebastião, Bartolomeu, Domingos, Raimundo, Severino, Felício, Nonatinho: os mártires de setembro, companheiros, rostos conhecidos,

Editorial

amigos com quem se caminhou, se discutiu, amigos mesmo quando visões políticas diferentes nos separaram. Amigos massacrados neste país grande, nesta pátria que não é mais deles.

É mesmo, há dois países: o real e o que é vendido pelos meios de comunicação social.

No país real o povo é preso, torturado, massacrado.

No outro Brasil uns poucos homens brigam para ganhar o poder e usar o povo.

No país real os líderes do povo são assassinados.

No outro Brasil é a paz social guardada pelos autores da guerra.

No país real o secretário da CUT, Paim, é detido em Porto Alegre quando de saída para Buenos Aires para participar de uma Conferência Sindical.

No outro Brasil os assassinos recebem a medalha de pacificadores.

No país real o povo está sem governo, deixado a si próprio.

No outro Brasil o governo vive o seu mundo de esbanjamento e mentira.

Irmãos! Estamos sem governo, ou melhor, estamos com um governo assassino!

Não podemos aceitar que ele celebre a Missa de Sétimo Dia celebrando a festa do morto que ele matou.

A memória santa dos mortos nos chama a levantar a cabeça. Não tem espaço para nós, vamos conquistá-lo. Não tem história, vamos construí-la. Não tem vida, vamos ganhá-la. Não tem segurança, vamos nós, entre nós, construir a nossa segurança para nós mesmos, os companheiros, as famílias, os filhos.

Vamos fazer barreira contra este exército de carrascos e entoar, com o canto e com a união, o hino da vida!



DOCUMENTO



CARTA A JOSEPH RATZINGER

O Vaticano chamou a Roma o teólogo brasileiro Leonardo Boff. Numa audiência a portas fechadas foram-lhe pedidas explicações sobre o seu livro IGREJA, CARISMA E PODER.

O noticiário da imprensa deu grande cobertura ao fato. Entidades e personalidades religiosas e políticas pronunciaram sobre o assunto.

Aqui está a posição da CPT, enviada em carta ao Cardeal Joseph Ratzinger, Prefeito da Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé.

Eminência

Reunidos em encontro nacional, a Diretoria e o Conselho Pleno da Comissão Pastoral da Terra (CPT), organismo ligado à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e formado por 19 Regionais espalhados por todo o país, queremos expressar a Vossa Eminência a grave preocupação que nesta hora nos constrange. Preocupação que partilhamos com milhões de irmãos da América Latina e do mundo.

Estão sendo submetidos à suspeita e a processo a Teologia da Libertação e seus teólogos maiores, concretamente, entre nós, o querido Frei Leonardo Boff OFM. Não podemos deixar de sentir a convicção de que está sendo submetido a processo todo o caminhar das nossas Igrejas.

Sabemos perfeitamente que qualquer teologia, no passado e no presente, é suscetível de imperfeições. Nós, como pastores e como cristãos, queremos uma teologia sempre mais evangélica e sempre mais eficazmente pastoral. É por isso que nos sentimos na premência

DOCUMENTO

de, fraternalmente, manifestar a Vossa Eminência, a essa Congregação e à Igreja toda, quanto a Teologia da Libertação e, concretamente, os escritos, palestras e testemunho de nosso irmão Leonardo Boff vêm esclarecendo e fortalecendo a fé dos agentes de Pastoral Rural e do povo de nossos campos. Sentimo-nos, sobretudo, no dever filial de agradecer ao Pai, que suscitou entre nós esta Teologia providencial, voltada para o Evangelho e a serviço dos pobres do Senhor.

Dentro do espírito do Vaticano II e das Conferências de Medellin e Puebla, a condenação ou o simples processo da Teologia da Libertação e de seus teólogos afeta seriamente a credibilidade da Igreja nesta conturbada América Latina, lesa o legítimo pluralismo teológico, desautoriza a corresponsabilidade e colegialidade eclesiais, desmoraliza o esforço apostólico e até o heroísmo mártir de milhares de agentes de Pastoral em todo o Terceiro Mundo e defrauda mais uma vez a espectativa dos oprimidos, que se voltam para a Igreja de Jesus à procura da Libertação total.

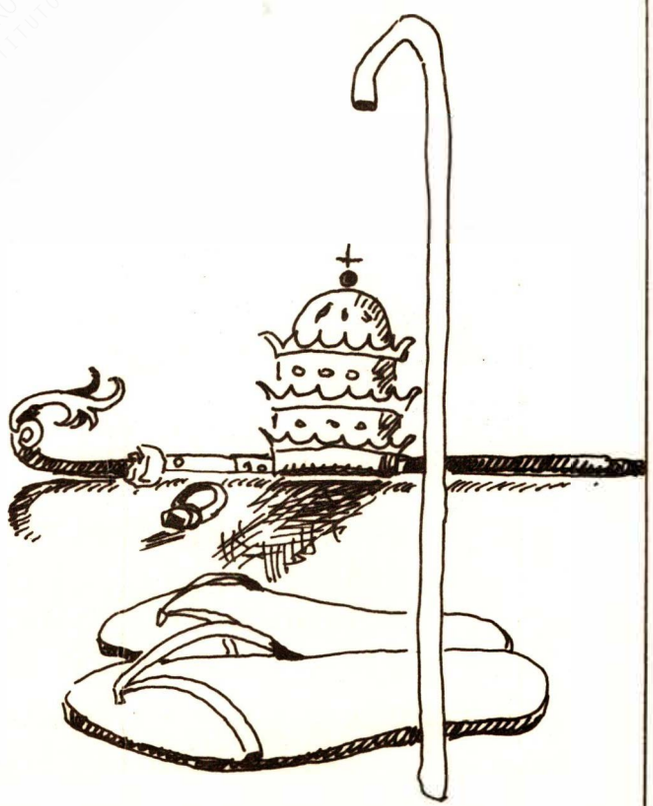
Os pastores das nossas Igrejas, a CNBB como um todo e sua Comissão da Doutrina da Fé são instâncias válidas, legalmente competentes e eficazes e não podem ser preteridas por essa Congregação Romana, sem contradizer a Colegialidade e a corresponsabilidade eclesiais.

Nesses tristes incidentes somente podem lucrar os inimigos do Evangelho e os prepotentes deste mundo: quantos se negam a partilhar a terra e o pão, e os regimes e empresas do lucro e da dominação.

As consequências são imprevisíveis no escândalo dos pequenos, no desalento de seus servidores pastorais e na nova dívida histórica da Igreja neste Continente.

Confiamos, entretanto, no Espírito de Jesus que sempre conduz sua Igreja e queremos confiar também na sensibilidade e percepção - pastoral Sua e dessa Congregação.

Fraternalmente em Cristo e na Esperança do Seu Reino.



DOCUMENTO

TIÃO DA PAZ ASSASSINADO

Foi assassinado na noite de 28 de agosto último o companheiro SEBASTIÃO ROSA DA PAZ, pai de oito filhos.

SEBASTIÃO ROSA DA PAZ retornava do 1º Congresso da Central Única dos Trabalhadores - CUT, realizado em São Bernardo do Campo - SP.

Foi o fundador e era o Presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Uruaçu, a 350 km de Goiânia, à margem da Rodovia Belém Brasília.

Esteve presente em todos os momentos da luta pela articulação do movimento sindical no Estado. ENCLATs, CECLAT e ao Congresso de Fundação da CUT.

Em virtude de sua posição firme em defesa dos direitos dos trabalhadores, vinha, há algum tempo recebendo ameaças por parte dos fazendeiros e das autoridades policiais. Está em andamento na justiça um conflito trabalhista envolvendo os Srs. Vadju Quintino Moreira e José Alves de Oliveira, proprietários da Fazenda Lavrinha de Baixo, e o lavrador Isaías. TIÃO DA PAZ assumiu integralmente a defesa do lavrador, tendo recebido ameaças em consequência disso.

SEBASTIÃO ROSA DA PAZ retornava de São Bernardo do Campo, onde participou como membro da Delegação dos Trabalhadores de Goiás, no Congresso da CUT. Durante os dias de ausência pessoas foram perguntar por ele em sua casa.

Eram cerca de 20 horas quando a cidade ficou completamente às escuras. Dois indivíduos se aproximaram da casa de TIÃO DA PAZ e chamaram por ele. Sua filha, de 13 anos atendeu e introduziu-os na varanda da casa. TIÃO DA PAZ veio conversar com os dois homens que lhe pediram informações sobre os direitos de um lavrador que está há cinco anos na terra.



DOCUMENTO

Quando TIÃO DA PAZ respondeu que a lei garantia os direitos do trabalhador, os indivíduos desferiram três tiros contra ele. Um alvejou o braço, um segundo a cabeça, o terceiro se perdeu. TIÃO DA PAZ caiu fulminado por balas explosivas ao lado de sua mulher. Ela correu para os fundos da casa, o corpo foi amparado pela filha e os assassinos fugiram ameaçando com suas armas os vizinhos mais próximos que corriam para ver o que estava acontecendo.

O corpo foi levado para o hospital para a autópsia. Foi atendido pelo Dr. Weslei que se preparava para fazer a autópsia quando foi interrompido pelo médico proprietário do Hospital, Dr. Bonfim Ribeiro, alegando que TIÃO DA PAZ era metido com negócios de Sindicato, que poderiam surgir complicações.

Foi aberto inquérito que será acompanhado pelo Delegado Regional Dr. Gerson de Soúza e pelo Delegado local José Carlos que não estava presente no dia do assassinato.

Logo que a notícia chegou a Goiânia se deslocaram para Uruaçu, o Presidente da CUT Estadual de Goiás, Prof. Delúbio Soares, os Presidentes dos Sindicatos de Trabalhadores Rurais de Bela Vista, Anápolis, Ceres, representantes da direção da FETAEG, o Presidente do CPG Prof. Osmar Magalhães e uma Equipe da Comissão Pastoral da Terra.

A Comissão Pastoral da Terra - CPT, organismo ligado à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, traz à opinião pública a denúncia desse grave acontecimento e exige das autoridades responsáveis, o Sr. Governador do Estado Iris Rezende de Machado e o Sr. Secretário de Segurança Pública do Estado José dos Santos Freire, o completo esclarecimento deste episódio e a exemplar punição dos MANDANTES E EXECUTORES DO CRIME. Sob pena de serem eles responsabilizados por omissão criminosa no cumprimento dos seus deveres de responder pela segurança dos cidadãos.



Expressamos por fim a nossa profunda preocupação com as dimensões de verdadeira guerra que está sendo movida por grileiros e pistoleiros contra os trabalhadores do campo e suas mais expressivas lideranças. O assassinato de SEBASTIÃO ROSA DA PAZ, não é um fato isolado. E como tal deve ser encarado. Não podemos aceitá-lo como um "caso a mais" entre as centenas de assassinatos cometidos contra os lavradores nestes últimos anos. Basta!

DOCUMENTO

MARTIRES DA TERRA

A cada 5 dias é assassinado um trabalhador rural no Brasil. São vitimados por uma violência que não é cega.

A violência dos grandes proprietários de terra, grileiros e jagunços atinge exatamente aqueles trabalhadores que mais se destacam na luta pela terra e nas lutas sindicais.

A vida destes companheiros só terá sido fecunda na medida em que nós, que prosseguimos sua luta, soubermos nos organizar para defender nossos dirigentes.

DIMAS
janeiro de 1984 - Marabá - PA

JOSÉ CÍCERO DOS SANTOS
07.01.1984 - Viçosa - AL

ANTÔNIO RODRIGUES DOS SANTOS
10.01.1984 - Paudalho - PE

JOSÉ GONÇALO DE OLIVEIRA
30.01.1984 - Trindade - PE

REGINALDO TELES DOS SANTOS
23.02.1984 - Três Morros - PA

JOSÉ MACHADO
27.02.1984 - Pio XII - MA

JOÃO CELESTINO COSTA

MARIA JOSÉ SANTOS (grávida)

ADAILTON CELESTINO COSTA (12 anos)
17.03.1984 - Canavieiras - BA

CARIVALDO DE SOUSA OLIVEIRA

SEBASTIÃO PEREIRA DE ARAUJO
25.03.1984 - Cristalina - GO

ANTÔNIO MIGUEL DE BRITO
03.04.1984 - Alagoa Grande - PB

JOSÉ ETELVINO DA SILVA
07.04.1984 - Ipubi - PE

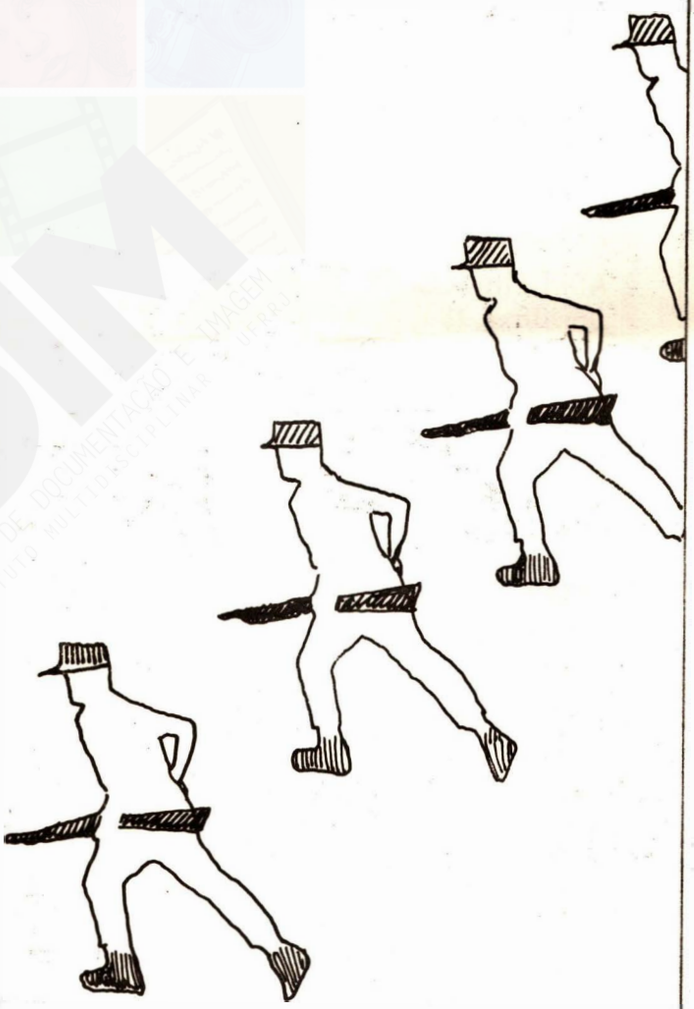
FRANCISCO MACHADO
25.04.1984 - Marabá - PA

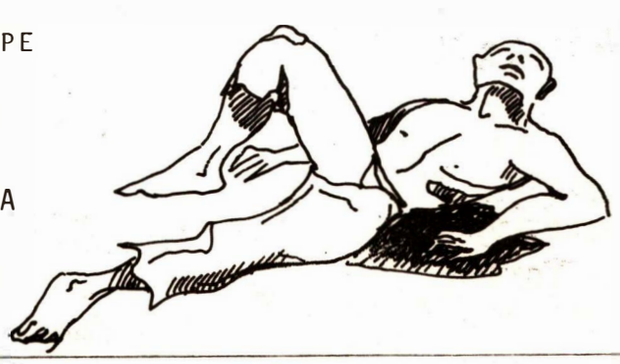
ARLINDO DE LIRA GOMES
28.04.1984 - São Lourenço - PE

RAIMUNDO NONATO DE OLIVEIRA
05.05.1984 - Matelândia - PR

DANIEL GONÇALVES DE OLIVEIRA
14.05.1984 - Santa Luzia - BA

JOSÉ AMARO MACENA (AMÉRICO)
05.06.1984 - Canindé - CE





DOCUMENTO

JOSÉ MARTINS
18.06.1984 - São Geraldo - PA

TRÊS POSSEIROS E MAIS QUATRO
TRABALHADORES DESCONHECIDOS
junho de 1984 - São Geraldo - PA

AGENOR RODRIGUES NEVES
30.06.1984 - Pimenta Bueno - RO

BENEDITO ALVES BANDEIRA
04.07.1984 - Tomé Açu - PA

RAIMUNDO PAULINO DE SOUZA
19.07.1984 - Rio Branco - AC

JOSÉ CELESTINO DE SOUZA
19.07.1984 - Rubelita - MG

MANOEL ALVES DE ARAUJO
22.07.1984 - Inhamuns - CE

DEOCLÁUDIO PEREIRA DA SILVA
23.07.1984 - Passira - PE

JOSÉ RODRIGUES
25.07.1984 - S. Félix do Araguaia-MT

EDUARDO JOSÉ DOS SANTOS
26.07.1984 - Salvador - BA

ADELINO GOMES MOREIRA
05.08.1984 - Xinguara - PA

HUGO FERREIRA DE SOUZA

JAIME
09.08.1984 - Arapoema - GO

JOAQUIM

CÍCERO

JOÃO CAOLHO
12.08.1984 - São Geraldo - PA

JOSÉ ALVES MARTINS
Santa Tereza - ES

ROQUE CASTRO
São Vicente Ferrer - MA

PITANGUÁ SOUSA NASCIMENTO
Açailândia - MA

BENEDITO RAQUEL MENDES
Santa Luzia - MA

BENEDITO NASCIMENTO BATISTA
Pilar - AL

ANTÔNIO NUNES DA SILVA
Dona Inês - PB

JÚLIO PINTO

BENTO ALVES DA SILVA
Lago Verde - MA

SEVERINO LOYOLA

MATEUS LOYOLA
São José de Ribamar - MA



DOCUMENTO

DOMINGOS NETO
setembro de 1984 - Xinguara - PA

BARTOLOMEU CARNEIRO COELHO
setembro de 1984 - Porto Nacional - GO

RAIMUNDO ALVES DA SILVA
setembro de 1984 - Santa Luzia - MA

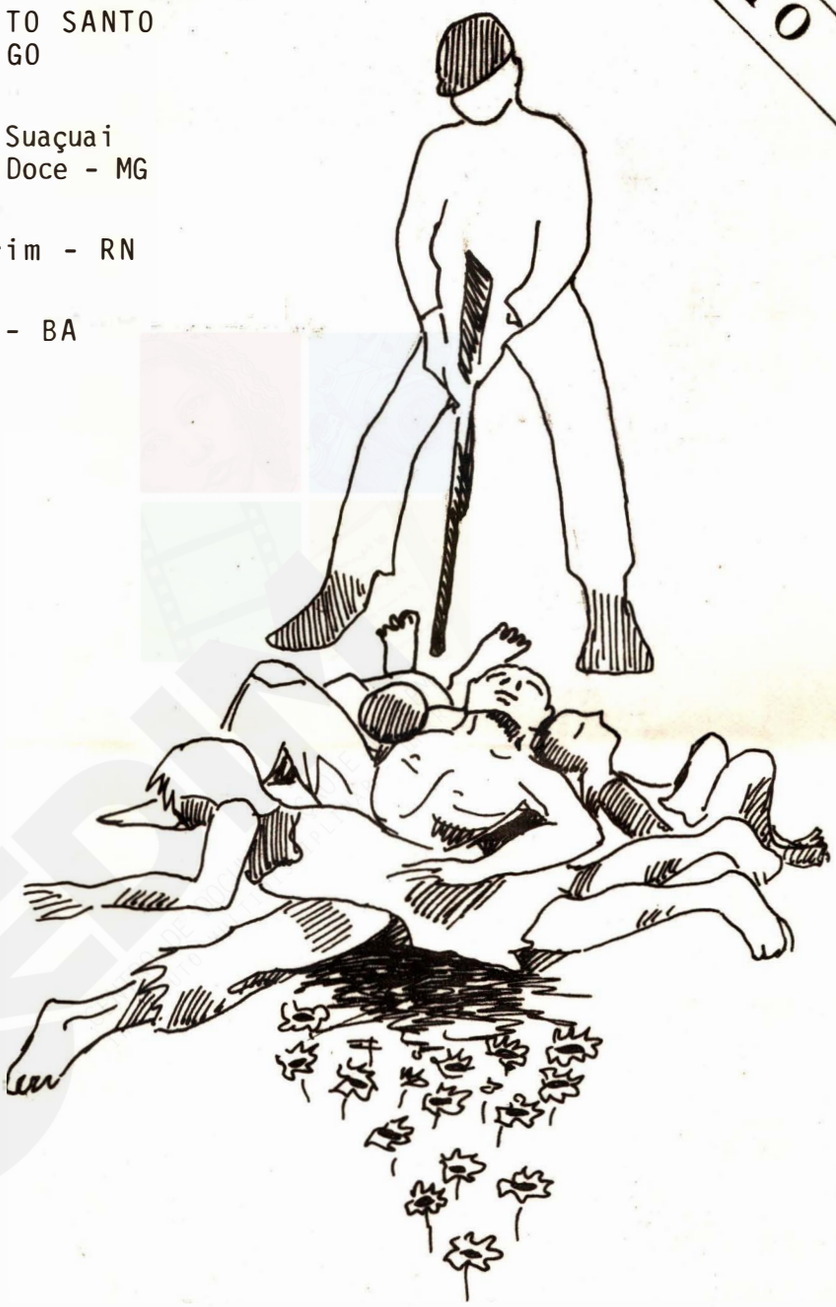
DOMINGOS DA CRUZ DO ESPIRITO SANTO
setembro de 1984 - Gurupi - GO

FELÍCIO GERMANO MENDES
setembro de 1984 - Ponta Maria Suaçuai
Vale do Rio Doce - MG

SEVERINO ANTÔNIO NICÁCIO
setembro de 1984 - Ceará-Mirim - RN

RAIMUNDO ALVES DE ALMEIDA
setembro de 1984 - Canavieiras - BA

SEBASTIÃO ROSA DA PAZ
28.08.1984 - Uruaçu - GO



Estudo

A IGREJA DOS PRIMEIROS TEMPOS E A LUTA DOS OPRIMIDOS

IV - A Caminhada das Comunidades e a Doutrina dos Doze Apóstolos



Marcelo Barros

Nas comunidades cristãs é muito comum falar de Caminhada. Muitas vezes nas reuniões um companheiro diz: "Eu me chamo Antônio ou José, ou Maria e já estou há tantos anos na caminhada." Estar na caminhada quer dizer participar da comunidade, ser consciente das opressões que o povo sofre e estar na luta da sua classe para se libertar.

O nome CAMINHADA também foi usado na Bíblia e entre os primeiros cristãos. Ser discípulo de Jesus era ser da Caminhada.

Na Caminhada há épocas em que os grupos se reúnem espontaneamente e não precisam de uma lei ou disciplina interna. Mas a caminhada dos cristãos é uma luta contra as opressões e para conseguir vencer, as comunidades acabam sentindo a necessidade de se organizar melhor.

O IVº Encontro das Comunidades de Base do Brasil foi em 1981 em Itaicí (SP) e teve como tema: "CEBs, povo unido que se organiza para sua libertação".

Às vezes pode ocorrer que uma comunidade se organize tanto que se fecha em si mesma. E aí mata a vida e a liberdade. A Igreja Católica às vezes caiu e cae nesta tentação.

O primeiro documento de organização da Caminhada das Comunidades, vem do ano 150 dC. Chama-se "Doutrina dos Doze Apóstolos", porque é bem simples e no lugar de lei parece mais conselho de um pai. Fala sempre assim : "Meu filho não faça isto", Meu filho cuidado com aquilo". É um livro fácil de ler. Tem 16 capítulos pequenos e pode ajudar nossas comunidades de hoje. Ele começa assim:

Temos dois caminhos para escolher. Um leva à vida. O outro conduz à morte. O caminho da vida consiste em participar da caminhada das comunidades que vivem a solidariedade e a justiça. Na época deste documento se chamava isto CARIDADE. No mundo de hoje a tradução melhor desta forma de amar é a luta pela transformação da nossa sociedade.

Estudo

Quando a gente lê este livro hoje em dia, nota que foi escrito em época de opressão do poder romano contra as comunidades cristãs. Logo no começo lembra a Palavra de Jesus sobre o amor aos inimigos e a necessidade de resistir às perseguições.

Em outro lugar pede que os cristãos tenham uma economia comunitária. Diz assim:

"Não te distancies do necessitado. Deves ter tudo em comum com teus irmãos. Se somos companheiros na imortalidade, mais ainda temos de ser quando se trata dos bens da terra." (IV,8)

Isto nos lembra o refrão de um cântico dos lavradores:

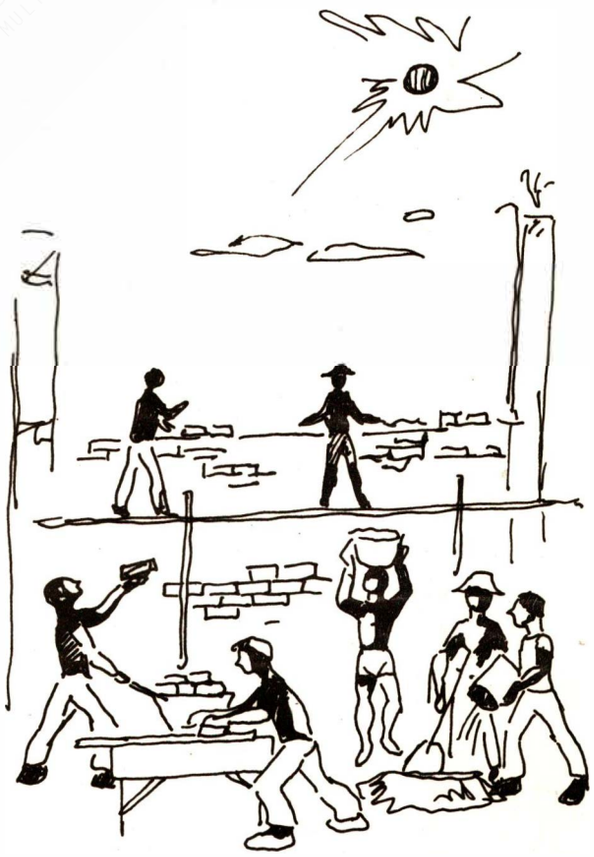
"Queremos terra na terra
já temos terra no céu".

A segunda parte deste livro trata de como os cristãos fazem o batismo e celebram a Ceia do Senhor (a Eucaristia). O livro conta os costumes das comunidades, mas dá muita liberdade na organização do culto e nas orações. Uma oração daquele tempo até hoje é usada na Eucaristia - (Oração Eucarística nº 2).

A última parte do livro trata da disciplina da comunidade (do cap 12 a 16).

A comunidade cristã deve sempre ver se há divisões entre seus membros. Cada domingo antes do culto os irmãos devem se reconciliar e só assim se faz a oração.

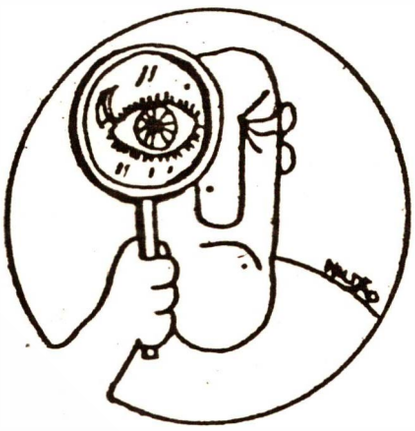
A cordenação das comunidades é variada. Como os católicos têm os padres e os evangélicos têm pastores, naquele tempo havia comunidades que tinham profetas e outras que tinham bispos. O documento insiste que eles pratiquem a Palavra que pregam. Que não sejam pesados economicamente para o povo. Se não se sustentam com seu trabalho, são negociantes e não ministros de Deus.



Talvez o mais importante da Doutrina dos 12 Apóstolos é a esperança. O Cristão tem de acreditar na transformação deste mundo e tem de lutar para isto. Esta esperança é expressa em palavras e imagens judaicas: O Senhor vem logo! Vem, Senhor Jesus!

Abre o olho

A SEGURANÇA DOS NOSSOS DIRIGENTES É UM PROBLEMA SÓ DELES?



Os Trabalhadores Rurais estão sendo assassinados como animais. Neste ano de 1984 cada 5 dias foi assassinado um lavrador em conflito pela posse da terra ou à frente da luta sindical.

Esta violência não é casual. Não é apenas a violência isolada de um latifundiário de maus bofes contra um trabalhador indefeso. A principal característica da violência que hoje se desencadeou contra os trabalhadores é que ela é uma violência de classe.

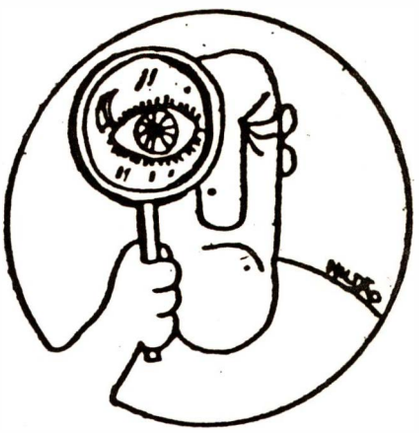
Por que dizemos isto?

Antes de tudo porque a violência é generalizada. Os conflitos estão presentes em todo o país. E cada um desses conflitos dispõe frente à frente os trabalhadores de um lado e do outro seus inimigos mais conhecidos: os grandes proprietários de terra e seus jagunços, as milícias particulares organizadas e armadas por grileiros, os pistoleiros de aluguel e por fim as diversas polícias, desde a Polícia Federal até as Polícias Militares.

Em segundo lugar, essa é a violência dos que têm contra os que não têm. É a violência dos que encontraram no monopólio da terra sua fonte de poder econômico e político - os grandes latifundiários -, contra os que estão lutando para quebrar o monopólio da terra e partilhar essa fonte de riqueza econômica e poder político - os trabalhadores.

Em terceiro lugar, essa é uma violência de classe porque sendo uma violência generalizada, ou seja, que está presente em todo o país, ela é, também, uma violência seletiva. Se olharmos com atenção a vida dos trabalhadores assassinados veremos que são precisamente aqueles que mais se destacaram nas lutas pela terra ou nas lutas sindicais. Em outras palavras os grandes proprietários, e seus jagunços, o governo e sua polícia, estão matando os nossos dirigentes, as nossas lideranças. Por que? Eles sabem que uma classe sem dirigentes é uma classe sem direção. E uma classe sem direção estará condenada a sempre repetir caminhos já percorridos. Estará sempre a recomeçar a marcha. Os grandes proprietários tomaram consciência de que os trabalhadores rurais não podem contar com lideranças reconhecidas na sua luta contra o monopólio da terra.

Abre o olho



Sendo uma violênica de classe, os trabalhadores não podem mais encará-la como se fosse um problema pessoal dos dirigentes. Quando um dirigente é ameaçado de morte, é toda sua classe que está sendo ameaçada. Se um dirigente é assassinado, toda sua classe sofre com sua perda. A classe levará anos e anos para produzir outro dirigente com a mesma experiência da luta e a mesma abnegação. Quanto tempo os trabalhadores do Pará levarão para produzir outro Raimundo Ferreira Lima (Gringo)? Quanto tempo levará para ressurgir na Paraíba outra Margarida Alves? Em Goiás, outro Sebastião Rosa da Paz? Em São Paulo, outro Santo Dias da Silva?

Como os trabalhadores encaram a partir de agora a questão da Segurança dos seus dirigentes?

Que medidas o Movimento Sindical e os Movimentos de Trabalhadores vão tomar para garantir a vida e as condições de luta dos seus dirigentes?

Como coordenar e articular essa defesa? Como refletir com os companheiros da base a questão da Segurança do Movimento e a Segurança dos dirigentes?

Só quando compreendermos o conteúdo de classe dessa violência e levarmos à prática uma política de auto-defesa dos Movimentos e dos nossos dirigentes, teremos reunido as condições necessárias para avançar na luta pela quebra do monopólio da terra. Na luta pela Reforma Agrária sob o controle dos trabalhadores.

Especial

BAIÃO DA MULHER

Zé Vicente - Crateús

Viva, viva a mulher desta nação
Que vai gerando no ventre
A nova semente, da Libertação
E vem trazendo no sangue
A semente nova, da REVOLUÇÃO.

Sertaneja, manhã cedo
Vai ela sem medo, já vai trabalhar
Trabalho duro, suado
Bolsão conquistado à duro penar
Sai de casa, come nada
E sem deixar nada pros filhos comer
Volta trazendo um pouquinho
O ganho mesquinho não dá prá viver.

Mulher do povo humilhado
Comprado, enganado, em toda nação
Mulher do povo ambulante
Tocado à ferro, tangido do chão
Pode inda ser diferente
Se o olho da gente, aberto enxergar
O mal que mata a pobreza
Se unindo a certeza, a gente lutar.

Companheira nordestina
Constrói nova sina, vamos caminhar
Ganhando a terra e a rua
A força que é tua, ninguém vai quebrar
Traz os teus filhos na praça
Na lei ou na raça, a vitória já vem
Une o teu braço ao do homem
Prá vencer a fome e cantar o BEM.

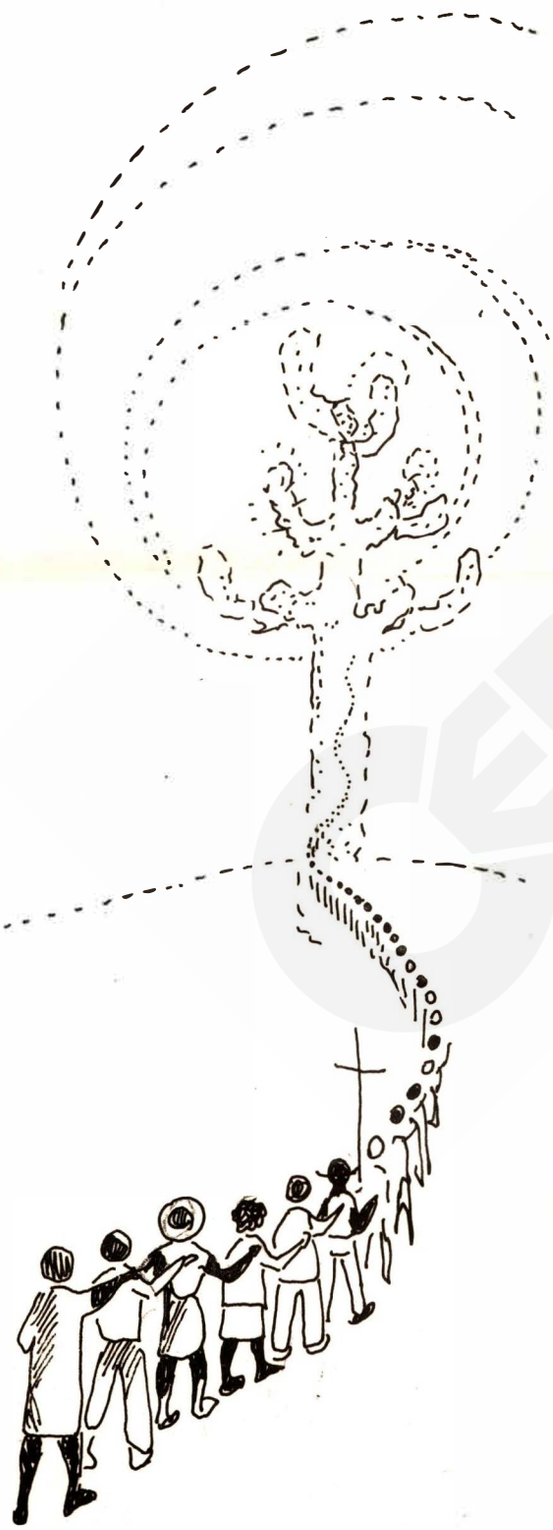


Especial

Operária da cidade
A brutalidade e a lei do patrão
Vai ter que ser destruída
Tua classe reunida, sacode a nação
A causa e a luta é comum
E o povo é um só, precisa se unir
A força nova da vida
Mesmo perseguida, de pé vai sorrir.

Dedico a todas as mulheres de Crateús que lutaram e lutam por justiça, especialmente as animadoras do Bairro da Ilha.

* * *



PISE FIRME

Zé Vicente - Crateús

Minha gente pise firme,
Cante alto, vamos lá
Vamos lutar conscientes,
Que este mundo vai mudar...

Nosso sofrer é tão grande
Muito dura é nossa dor
O governo não escuta
Nem olha o nosso clamor
Só vai chegar a saída
Quando ela for construída
Pelo povo sofredor...

Nem discurso, nem campanha
Nem promessa, nem esmola
Muda a face do nordeste
Engana, cala e consola
Ao povo pobre e faminto
Que vive apertando o cinto
Do grande levando sola.

Da união dos lavradores
Em nossas comunidades
Da luta dos operários
Pelos campos e cidades
Vai nascer o mundo novo
Feliz seja todo o povo
Que pratica esta verdade.

Companheiro, apressa o passo
Meu irmão me dê a mão
Vamos formar a corrente
Norte e sul da união
Com Deus no meio da gente
Vamos firmes para a frente
Renovar esta nação.

Notícias e Comentários

SÃO GERALDO - PARÁ

POSSEIRO ASSASSINADO

Foi assassinado no dia 31 de agosto em São Geraldo do Araguaia - PA, o posseiro **DOMINGOS VIEIRA NETO** de 29 anos de idade, órfão de pai e mãe.

ELE morava na posse do avô Domingos Vieira, no castanhal de nome Formigas, próximo à área do Cajueiro, onde vivem os 13 lavradores que estiveram presos no caso Aristides/Chico, a 60 km de São Geraldo do Araguaia.

A área do Castanhal é pretendida pelos irmãos José, Mário e Geraldino Almeida, testas de ferro do ex-deputado **JURACI TEIXEIRA** (PDS-GO) e por 80 famílias que moram lá há 5 anos.

O trator dos Almeida invadiu a posse destruíndo plantações de café, côco e cacau. O Sr. Domingos Vieira reclamou duas vezes, mas a Fazenda continuou a destruição.

No dia 31 de agosto, **DOMINGOS VIEIRA NETO** determinou que o tratorista suspendesse o serviço. Foi à Fazenda acompanhado de seu filho **BENÉ** de 9 anos de idade. No caminho encontrou-se com o pistoleiro Osório e seu filho de 15 anos. Tiveram uma discussão e o pistoleiro ordenou a **DOMINGOS** que voltasse. Em seguida desferiu um tiro de carabina e seu filho um tiro de revólver que atingiram e mataram o lavrador.

RIO BRANCO - ACRE

600 COLONOS ACAMPADOS EM FRENTE AO BANCO DO BRASIL

A 24 DE SETEMBRO ÚLTIMO, REUNIRAM-SE APROXIMADAMENTE 600 COLONOS EM FRENTE À AGÊNCIA DO BANCO DO BRASIL EM RIO BRANCO - ACRE, PARA REIVINDICAR A ANISTIA TOTAL DOS DÉBITOS BANCÁRIOS CONTRAIDOS COM FINANCIAMENTOS DE CUSTEIO PARA LAVOURA BRANCA, PARA MOTO-SERRAS E OUTROS, A PARTIR DE 1980. OS COLONOS ACAMPARAM EM FRENTE DO BANCO DO BRASIL, QUE FICOU FECHADO NOS DIAS 25 E 26 DE SETEMBRO. OS TRABALHADORES SÓ PERMITIRAM A ENTRADA DO CARRO FORTE PARA TRAZER E LEVAR DINHEIRO, PARA NÃO PARALIZAR TODA REDE BANCÁRIA DA CAPITAL.

A LUTA PELA ANISTIA QUE COMEÇOU HÁ UM ANO, NÃO DEU RESULTADO E OS COLONOS PREPARARAM ENTÃO UM DOCUMENTO ENVIADO A BRASÍLIA, E SEM RESPOSTA ATÉ AGORA.

DIANTE DA INSENSIBILIDADE DAS AUTORIDADES, OS TRABALHADORES SE VIRAM OBRIGADOS A TOMAR UMA ATITUDE MAIS FIRME PARA CHAMAR A ATENÇÃO PARA A GRAVIDADE DO PROBLEMA QUE AFLIGE MILHARES DE FAMÍLIAS AMEAÇADAS PELO BANCO DE PERDER ATÉ A TERRA, JÁ QUE NINGUEM CONSEGUE MAIS PAGAR UM CRÉDITO VENCIDO, COM A CORREÇÃO MONETÁRIA INTEGRAL SE ACUMULANDO CADA MÊS.

A MANIFESTAÇÃO OBTEVE RESPALDO POPULAR E O GOVERNO DO ESTADO SE COMPROMETEU PUBLICAMENTE A LEVAR A BRASÍLIA AS REIVINDICAÇÕES E OBTER RESPOSTA EM 30 DIAS.

A ASSEMBLÉIA AINDA DECIDIU, SE DE TUDO A ANISTIA FÔR IMPOSSÍVEL, ACEITARIA O PAGAMENTO DO TOTAL RETIRADO, SEM JUROS OU CORREÇÃO MONETÁRIA, NUM PRAZO DE 4 ANOS. NO FIM EXIGIRAM AINDA DO GOVERNO, CAMINHÕES E ÔNIBUS PARA LEVAR O PESSOAL DE VOLTA PARA CASA, NÃO ACEITANDO AS CAÇAMBAS INICIALMENTE OFERECIDAS.

Notícias e Comentários

GOIÁS - PORTO NACIONAL
Mobilização dos Posseiros

CERCA DE MIL E QUINHENTOS LAVRADORES PARTICIPARAM DA CELEBRAÇÃO ECUMÊNICA DE ENCERRAMENTO DO III ENCONTRO DE DIREITOS HUMANOS DO CENTRO-OESTE, EM PORTO NACIONAL.

NO ÚLTIMO DIA 30 DE SETEMBRO, A DIOCESE DE PORTO NACIONAL, A COMISSÃO ARQUIDIOCESANA DE JUSTIÇA E PAZ DE GOIÂNIA; A COMISSÃO PASTORAL DA TERRA, A COMSAÚDE E OUTRAS ENTIDADES MOBILIZARAM OS TRABALHADORES PARA A CONCENTRAÇÃO QUE OBJETIVOU SENSIBILIZAR A OPINIÃO PÚBLICA PARA A SITUAÇÃO DE EXTREMA VIOLÊNCIA - MARCADA POR PRISÕES, SEQUESTROS, DESPEJOS E ASSASSINATOS - QUE SE GENERALIZOU EM GOIÁS NOS ÚLTIMOS 60 DIAS.

JUNTO COM OS TRABALHADORES SE FIZERAM PRESENTES D.JAIME COLLINS, BISPO DE MIRACEMA, D. ALANO PENA , BISPO DE MARABÁ E D. TOMÁS BALDUINO, BISPO DE GOIÁS. ELES VIERAM TAMBÉM PRESTAR O SEU APOIO À IGREJA DE PORTO NACIONAL, VÍTIMA DAS PRESSÕES DOS FAZENDEIROS E GRILEIROS DA REGIÃO.



GOIÁS - GURUPI
Posseiro Assassinado

O lavrador Domingos da Cruz do Espirito Santo foi assassinado pelo pistoleiro Joel Bezerra, quando viajava - com sua mula nas matas do município de Peixe, Goiás.

O fato ocorreu a 19 de setembro último. Depois de assassinado, o posseiro e sua montaria tiveram seus corpos queimados. O pistoleiro Joel estava acompanhado, na hora do homicídio, pelo peão da Agropecuária Gurupi - AGROPIG, Sergio Lobo de Castro.

Desde março de 1984, Domingos do Espirito Santo e seu irmão Pedro estavam ameaçados de morte pelo gerente da Companhia AGROPIG e pelo pistoleiro Joel Bezerra.

No último dia 21, o próprio Delegado de Polícia de Gurupi, Dr. Tiago , informou verbalmente ao Frei Henrique des Roziers, da CPT Araguaia-Tocantins, e ao Pe. Osterval, vigário de uma Paróquia em Gurupi, que o assassino é Joel Bezerra. Até o momento o pistoleiro se encontra em liberdade andando pelas ruas de Gurupi.

O Gerente da AGROPIG, Manoel, acompanhado por pistoleiros está atacando os posseiros, inclusive o lavrador Raimundo que veio a Gurupi fazer a denúncia.

É importante registrar que a área da AGROPIG já foi inclusive desapropriada por interesse social pelo INCRA.

Notícias e Comentários

NOVO ARIPUANÃ - AMAZONAS

PROJETO ESPERANÇA ENGANA LAVRADORES

Os colonos do Projeto Esperança, de Novo Aripuanã enviaram carta ao Boto Tucuxi, desculpem, ao governador Gilberto Mestrinho, do Amazonas. Aqui um trecho dela:

"... As promessas eram boas , desfizemos dos nossos bens que nós tinha e viemos, trazidos pelo ITERAM. Foi prometido todo tipo de assistência, lotes demarcados e financiamento em três parcelas.

Ao chegarmos fomos bem recebidos, mas as promessas não foram cumpridas como nós esperava. Tivemos que demarcar nossos lotes, o transporte não foi como prometeram, somente uma vez foi uma doutora tirar sangue do nosso dedo e até hoje não sabemos o resultado. (...) Fizemos nova derrubada para o projeto de seringa, que não deu em nada. Agora, a conversa que recebemos no ITERAM é que "se vire, entreguem a moto-serra e podem ir embora, sem direito a nada".

Queremos que o Governador providencie um financiamento prá nós aguentar na terra, ou autorize financiamento pelo Banco do Brasil com uma Agência em Novo Aripuanã.





AMAZONAS

APLUB, INIMIGO DO POVO.

Representantes da Igreja, do Sindicato dos trabalhadores rurais e da FETAGRI, foram expulsos à mão armada da localidade de Gavião pelo gerente da APLUB, Sr. José Laury Kniphoff. Celebrava-se então e Dia do Agricultor, juntamente com o povo local. Este fato se deu no dia 26 de julho de 1981, um dia após a fundação do Sindicato. Mas, a dolorosa via sacra continua até hoje para os trabalhadores desta firma.

Segundo dados do INCRA (1979) a APLUB é dona de 2.194.874 hectares de terra na região. A firma explora apenas cerca de 1000 ha. com plantio de seringa, campo de gado e serraria.

A APLUB foi fundada em 1964, em Porto Alegre - RS. A firma congrega os profissionais liberais portadores de diploma universitário.

Na região, a APLUB atrasa os salários dos seus empregados até cinco meses, demite arbitrariamente os empregados e impede posseiros até de fazer melhoramentos mínimos em suas casas.

Senhores Profissionais Liberais, a previdência privada que os senhores desejavam deve se dar ao preço do massacre dos trabalhadores rurais?

Notícias e Comentários

CAXIAS - MARANHÃO

G R I L A G E M

O MUNICÍPIO DE CAXIAS, UM DOS MAIS PRÓSPEROS DO MARANHÃO, É TAMBÉM UM DOS MAIORES FOCOS DE GRILAGEM DE TERRAS. A GRILAGEM GERA GRANDES CONFLITOS SOCIAIS, EM QUE O HOMEM DO CAMPO É ACUADO POR FORÇAS OFICIAIS OU PARTICULARES MUITO SUPERIORES A ELE.

NOS ÚLTIMOS MESES A SOCIEDADE MARANHENSE DE DEFESA DOS DIREITOS HUMANOS E A CPT DA DIOCESE DE CAXIAS LEVANTARAM 28 CONFLITOS NESSA LUTA DESIGUAL ENTRE POSSEIROS E GRANDES PROPRIETÁRIOS.

NA LOCALIDADE DE CASCUDO, PERTENCENTES À UNIÃO, ONDE SE ENCONTRAM 19 FAMÍLIAS (ALGUMAS JÁ EXPULSAS DE OUTRAS ÁREAS) JUNTAMENTE COM OUTROS QUE VIVEM ALI HÁ MAIS DE 16 ANOS ESTÃO SENDO VÍTIMAS DE PERSEGUIÇÕES. ISTO PORQUE O DR. FLORIANO TAVARES DE SÁ AMPLIOU SUA POSSE PARA TODA A GLEBA DE TERRA DEIXANDO EM PÂNICO OS TRABALHADORES.

A PRÁTICA DA INTIMIDAÇÃO É A MESMA UTILIZADA EM TANTOS OUTROS LUGARES DO BRASIL. "OS MEUS HOMENS DO CEARÁ" JAGUNÇOS CHEGARÃO A QUALQUER MOMENTO PARA GARANTIR A LIMPEZA DA ÁREA, AFIRMA O FAZENDEIRO.

A SOCIEDADE MARANHENSE DE DEFESA DOS DIREITOS HUMANOS E A CPT DENUNCIAM NESTE CASO A PARTICIPAÇÃO DO SERVIÇO DE PATRIMÔNIO DA UNIÃO, QUE ESTÁ CLARAMENTE FAVORECENDO A GRILAGEM E IGNORANDO A LEGITIMIDADE DA POSSE DOS TRABALHADORES.

URUAÇU - GOIÁS

TRABALHADORES PROTESTAM CONTRA A VIOLENCIA

Mais de mil trabalhadores rurais e urbanos se concentraram em Uruaçu para protestar contra o assassinato do Presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, **SEBASTIÃO ROSA DA PAZ**. Até o momento os encarregados do Inquérito Policial não chegaram a nenhuma conclusão sobre o crime. Os manifestantes, vindos de 35 municípios do Estado, cobraram as providências do Governo Peemedebista de Iris Rezende Machado que não respondeu ainda sobre outros quatro assassinatos de trabalhadores só nos últimos sessenta dias. O governo de Goiás, não tomou nenhuma providência para punir, ou mesmo interrogar os mandantes e assassinos de Hugo Ferreira de Souza, Bartolomeu Carneiro Coelho e Domingos da Cruz do Espírito Santo. Está clara a conivência das autoridades com esses crimes, uma vez que os assassinos e mandantes são conhecidos e estão à solta.

A manifestação de Uruaçu, coordenada pela Oposição Sindical, pela CUT, pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Uruaçu, pela CPT, foi apoiada pela Igreja de Uruaçu, pelo Partido dos Trabalhadores e contou com a participação do Deputado Estadual Manoel Mota do PMDB, da FETAEG, da CONCLAT e do bispo de Goiás D. Tomás Balduíno.

Notícias e Comentários

CARTA
AO POVO DA NICARAGUA

Irmãos e Companheiros

O Conselho Nacional e os Representantes Regionais da Comissão Pastoral da Terra, com sua Diretoria e Secretariado Nacional, junto com representantes da Comissão de Pastoral Operária, do Conselho Indigenista Missionário, da Ação Cristã no Meio Rural, da Pastoral rural do Nordeste II, da Igreja Católica e da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, por ocasião de seu Encontro Nacional realizado na Cidade de Goiás, de 13 a 18 de agosto de 1984, vimos manifestar nossa solidariedade a todos vocês nesse momento histórico.

Acompanhamos o processo revolucionário nicaraguense e suas conquistas de participação popular e democrática, no atendimento às necessidades básicas da população, no que se refere, sobretudo, à saúde, alimentação, educação e moradia.

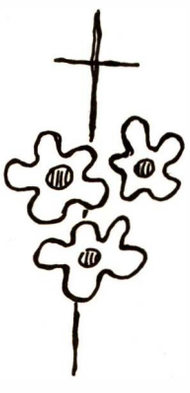
De modo especial, e por estar ligada ao nosso trabalho, nos chama atenção a Reforma Agrária em andamento nesse país e suas mudanças positivas na distribuição, na produção e comercialização.

Por outro lado, preocupam-nos as constantes agressões do imperialismo norte-americano, na tentativa de impor sua dominação, não só à Nicarágua, mas à América Central e a toda a América Latina. Preocupa-nos, igualmente, a manipulação ideológica das forças de direita incluindo, lamentavelmente, alguns setores conservadores da Igreja.

Repudiamos esta violação da liberdade de autodeterminação dos povos e dos direitos da pessoa humana.

Sensibiliza-nos a presença de inúmeros cristãos atuando na luta pela reconstrução da Nicarágua. Vemos com esperança todo esse processo democrático, no desejo que se aprofunde e se constitua no reforço à libertação de todo o povo latino-americano.

Nesta oportunidade, expressamos a nossa irrestrita solidariedade:



- às Comunidades que lutam e vivem sua fé no processo revolucionário, às religiosas e sacerdotes que estão prestando serviço especial na reconstrução do país;
- a todo o povo nicaraguense;
- à Junta de Reconstrução Nacional;
- às Associações de Classe.



VIVA A POVO NICARAGUENSE

VIVA A NICARÁGUA LIVRE

Notícias e Comentários

III ASSEMBLÉIA NACIONAL DO GRUPO DE UNIÃO E CONSCIENCIA NEGRA

Realizou-se de 7 a 9 de setembro em Goiânia a III Assembleia Nacional do Grupo de União e Consciência Negra contando com a participação de 110 representantes de 15 Estados e das seguintes entidades: CPT, CIMI, IBASE, NÃO VIOLÊNCIA, LINHA II da CNBB e mais uma pessoa de Porto Rico.

A Assembléia teve como objetivo avaliar os últimos dois anos de caminhada e buscar nova metodologia de trabalho.

Vimos que a discriminação racial que se impõe hoje sobre o ombro do negro é a mesma da época da escravidão, ter o negro como mão de obra barata sem o direito de participação na sociedade.

A falsa ideologia do embranquecimento é uma nova maneira de exploração, muda-se a mão mas a chibata é a mesma. O negro sem trabalho, terra para plantar, moradia, educação, saúde, etc, é jogado à margem da sociedade, no sub-emprego, desemprego, prostituição, mendicancia e marginalidade, assim como estão sendo jogados os posseiros, índios e toda a população pobre deste país.

A Assembléia deliberou a criação de uma Secretaria de Cultura destinada a fortalecer as raízes históricas, um intercâmbio nacional e internacional com entidades representativas do povo, elaboração de um projeto para educadores (político, literário e literatura infantil), confirmar o ecumenismo a partir da base.

E reafirmou os seus objetivos, despertar a consciência crítica dos negros diante da realidade social, política, econômica e cultural da sociedade brasileira, em particular da sociedade negra, sentindo a necessidade de se assumir como negro, despojando-se da ideologia do embranquecimento.

Conhecer nossas raízes negras, dedicando-nos à luta pela recuperação de nossa identidade, assumindo a negritude na descoberta dos valores pessoais e comunitários. Um maior apoio aos trabalhadores rurais na luta pela posse da terra e uma reforma agrária imediata sob o controle dos trabalhadores rurais e aos povos indígenas pelo seu direito à identidade enquanto povo e pelo direito à posse da terra.



CEDIM
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR



BOLETIM

ATENÇÃO!

RENOVE SUA ASSINATURA

PREZADO ASSINANTE:

Estamos no final de mais um ano, portanto em época de renovação da assinatura do Boletim.

No decorrer desse ano, você pôde acompanhar e ficar informado sobre a vida, a luta, as vitórias dos trabalhadores do campo. Caso você interesse em continuar a receber o Boletim no próximo ano, queira preencher o cupom abaixo e enviá-lo, com o valor correspondente da assinatura, para:

COMISSÃO PASTORAL DA TERRA
CAIXA POSTAL 749
74.000 - GOIÂNIA - GO

Para o próximo ano o valor das assinaturas é o seguinte:

ASSINATURA PARA LAVRADOR:.....	Cr$ 500,00
ASSINATURA NORMAL:.....	Cr$ 2.000,00
ASSINATURA DE COLABORAÇÃO:.....	Cr$ 5.000,00
ASSINATURA PARA O EXTERIOR:.....	Us$ 10,00

Como o gasto com o correio é maior que o valor da assinatura pedimos ao companheiro que junte várias assinaturas e mande o valor num mesmo vale postal. Ou então, envie o valor em selos. Melhor ainda seria sob forma de cheque visado. Sempre em nome da Comissão Pastoral da Terra.

CUPOM

NOME: _____

ENDEREÇO: _____ _____
Rua ou Avenida Número Bairro

_____ _____
Caixa Postal Cidade CEP

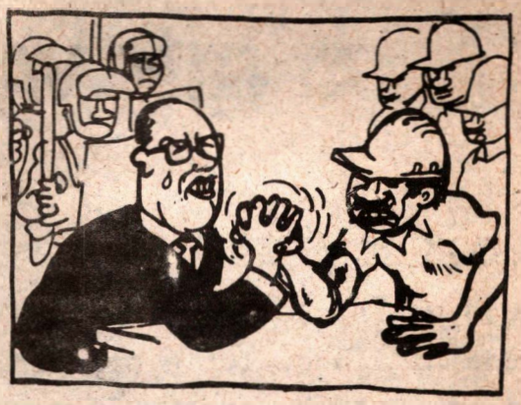
_____
Estado

OBS: Envie, através de _____ a quantia de Cr$_____

Boletim de Área

NOVA IGUAÇU

SINDICATO DOS METALÚRGICOS - RJ NOV/87



COM SINDICATO FORTE PATRÃO SE DÁ MAL

Salários baixos, demissões, péssimas condições de trabalho, abusos dos patrões: essa é a vida do trabalhador. Só conquistamos melhorias na LUTA. E para enfrentar os patrões precisamos estar UNIDOS E ORGANIZADOS nas empresas e em nosso Sindicato.

Para que serve o Sindicato ?

Para defender os interesses dos trabalhadores. Isolados, ficamos acuados na fábrica. Mas todos juntos temos força para brigar por nossos direitos. Por isso o Sindicato tem de ser LIVRE FORTE e COMBATIVO. Quando estamos fracos o patrão aproveita.

Até agora estava bom pra eles. Os companheiros estavam desanimados. Fomos enganados e sacrificados pelos pacotes do Funaro, do Bresser, da "Nova República". O governo Sarney, aliado dos patrões, achatou os salários e elevou o custo de vida nas alturas. A antiga diretoria do Sindicato não batalhava pelos trabalhadores e permitiu que o salário dos metalúrgicos do Rio se tornasse um dos mais baixos do Brasil.

Nós reagimos e elegemos uma diretoria comprometida com a categoria. Os companheiros que estavam descrentes já estão voltando a se organizar para a luta.

OS PATRÕES ATACAM

Encontramos o Sindicato como o empresário gosta: na desordem, sem dinheiro, cheio de dívidas, fraco. Mas temos coragem de sobra e estamos mudando essa situação

Os patrões fazem de tudo para atrapalhar, porque sabem que não conseguirão negociar com a nova diretoria por baixo do pano. Eles usam os antigos pelegos e puxa-sacos para tentar iludir os trabalhadores e evitar que o Sindicato se fortaleça.

Estão procurando nos convencer a não descontar o auxílio assistencial de 1% e 3%. MAS OS METALÚRGICOS NÃO FAZEM O JOGO DOS PATRÕES.

Sabemos que o desconto é importante para manter o Sindicato, porque dá INDEPENDÊNCIA aos trabalhadores para agir.

NÓS SÓ PODEMOS CONTAR COM AS NOSSAS PRÓPRIAS FORÇAS. Vamos nos defender e sindicalizar mais companheiros. Juntos seremos fortes para enfrentar os patrões.

REUNIÕES DE ÁREA

Outro passo importante para a nossa UNIÃO e ORGANIZAÇÃO é voltar a fazer as reuniões de área. Vamos debater nossos problemas e lutar pelas soluções.

TODOS À REUNIÃO DE NOVA IGUAÇU

DIA 18/11/87, QUARTA-FEIRA - 19:00 HORAS.

NA SUBSEDE DE NOVA IGUAÇU, RUA TOPÁZIO 52

(EM FRENTE À PREFEITURA)

O QUE VAI PELAS FÁBRICAS

MARVIM: A CAMPEÃ

Logo no início do mês a MARVIM ganhou duas medalhas: foi a primeira colocada em DEMISSÕES e também a primeira colocada em CÁLCULOS ERRADOS NAS RESCISÕES DE CONTRATOS. Sempre contra o trabalhador.

A empresa deu um aumento"cala-boca" e depois demitiu. Um companheiro tinha direito a férias e eles colocaram na rescisão do contrato 5/12 de 24 dias. Essa fórmula é para confundir o empregado, mas nós estamos de olho neles!

Ainda tem mais: quem dirige empilhadeira também tem direito à INSALUBRIDADE, mas a MARVIM não paga. VAMOS CORRER ATRÁS.

CRIBIA: MUITO MISTÉRIO E POUCA SAÚDE

Ninguém vê o cartão de ponto depois de fechado. Salário-família, só atrasado. Contra-cheque? O que é isso? Na CRIBIA não tem.

Mas tem um gerente que entende de medicina: se o trabalhador diz que está doente, o gerente pergunta se ele não pode ficar doente em outro dia.Se o trabalhador se acidenta e vai para o seguro, o homem liga para a clínica ou para o INPS, dá uma bronca nos médicos e manda dar alta ao empregado da CRIBIA, por mais grave que seja o acidente. JÁ ESTÁ NA HORA DE ACABAR COM ESSES ABUSOS.

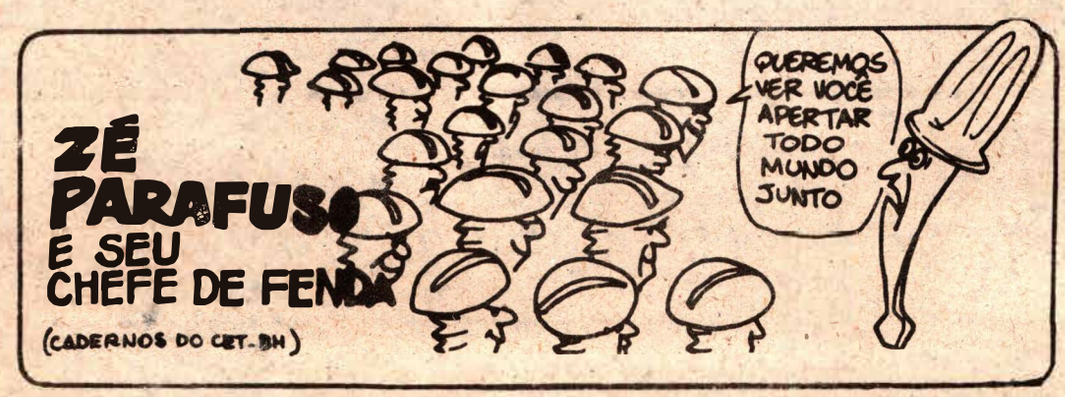
A COBRASCOM E O MAU PAPA

As irregularidades são tantas que não cabem neste espaço. A COBRASCOM tem um Papa que força os trabalhadores a fazer acordos contra a vontade, ameaçando-os com justa causa. Nossos advogados vão ganhar todas!

Os sanitários mostram bem a atenção que a COBRASCOM dedica aos trabalhadores. A sujeira é tanta que nós vamos pedir INSALUBRIDADE MÁXIMA para quem os usa. Vamos ganhar(a não ser que eles mandem limpar antes).

CAVAN: "NÃO ME COMPROMETA!"

A empresa paga o adicional de insalubridade. Mas não quer assinar a homologação. Por que será ? Achamos que por baixo desse angu tem caroço.VAMOS DESCOBRIR.



SINDICATO DOS METALÚRGICOS.RJ

BOLETIM NACIONAL

Pastoral Operária

ANO VIII – Nº 25 | COMISSÃO NACIONAL DE PO – linha 1 – setor leigos – CNBB | SETEMBRO – 1985

EDITORIAL

Com o mês de setembro, entramos numa verdadeira "reta-final" de importantes mobilizações da Classe Trabalhadora do Campo e da Cidade.

O processo da Reforma Agrária avança para seus dias decisivos, pelo menos quanto à aprovação do Projeto Governamental. Os trabalhadores rurais estão firmes e se mobilizando cada vez mais, percebendo que só assim vão garantir uma Reforma Agrária verdadeira. Os Acampamentos estão aí para ninguém duvidar!

Os bancários deram a saída (e que bela saída!) para o processo de mobilizações que a Classe Trabalhadora deverá realizar até dezembro. Metalúrgicos de diversos estados e tantas outras categorias organizam suas campanhas salariais. . . VEM CHUMBO GROSSO!!!

A "NOVA" POLÍTICA

Da parte do Governo e dos Patrões, muita incerteza e vacilação. Para os trabalhadores pouca coisa mudou com essa República (nova só de nome. . .). As mudanças da área econômica não tendem a vir em benefício real dos trabalhadores; a posição geral do Governo frente à Classe Trabalhadora continua a mesma: os trabalhadores devem **produzir** e respeitar a "legalidade". O resto é desestabilização, é ameaça à "ordem democrática". . . e por aí a fora!

Na área política, algumas questões começam a preocupar:

— A idéia do Congresso Constituinte (e não de Assembléia Constituinte ampla e democrática) é defendida mesmo por setores considerados progressistas do Governo e de seu partido. De outro lado, cresce a mobilização popular, o que permite prever um confronto importante na votação da emenda que decidirá a forma de convocação da Constituinte.

— O Congresso vem perigosamente sofrendo uma desmoralização diante da Nação. Os casos dos "botões apertados duas vezes" e dos "jetons", põem a nu uma instituição que a burguesia controla e que, embora deva representar o povo, representa em sua imensa maioria os setores dominantes deste país.

Para os trabalhadores, se é verdade que não interessa um Congresso desmoralizado, tampouco interessa um Congresso dominado por latifundiários e empresários que alí preservam os interesses de suas oligarquias. . .

SOLIDARIEDADE À CUT E À CPT

Além de tudo isso, empresários localizados no Partido da Frente "Liberal", tentam formar uma "cortina de fumaça" diante das imorais "caixinhas" que montam para eleger seus congressistas



constituintes. Tentam desmoralizar a CUT, na hora em que esta se destaca na articulação da vitoriosa greve dos Bancários, com a famosa história do dinheiro vindo da Alemanha para a CUT, a CPT e o PT.

Estes senhores não merecem resposta. A COMISSÃO Nacional de Pastoral Operária quer solidarizar-se com as entidades atingidas por essas ridículas acusações, particularmente com a CPT, nossa coirmã.

Não é difícil compreender o ataque a uma entidade que desempenha um papel decisivo no apoio à organização dos trabalhadores rurais contra o latifúndio. Principalmente se lembrarmos que a posse desses latifúndios por "coincidência" está muito relacionada aos senhores da Frente Liberal. . .

ELEIÇÕES

E finalmente, é bom não esquecer 15 de Novembro. Sabemos que nestas eleições, mais do que as prefeituras, o que está em jogo é o poder político regional e nacional, com vistas às eleições para o Congresso, para a Constituinte, o Governo dos Estados e a presidência da República.

Dentro de todo esse quadro, qual o nosso papel, de militantes cristãos inseridos nas lutas da Classe Trabalhadora?

O BOLETIM da Pastoral Operária procura nesta edição dar sua pequena contribuição a este grande desafio, tentando abordar os assuntos que hoje mobilizam a nação, e em particular, os trabalhadores.

Vamos à LUTA!

"O interesse principal da Teologia da Libertação é criar uma ação da Igreja que ajude, efetivamente, os pobres"
(L. Boff – *Da Libertação*, p. 13).

Os Trabalhadores e o Pacto Social

Tentando o pacto social, o governo iniciou uma série de encontros com sindicalistas. Dia 7 de setembro os ministros do Trabalho, Almir Pazzianotto e da Fazenda, Dilson Funaro, reuniram-se com a CONCLAT e dia 11 com a CUT.

O governo propôs à CONCLAT o seguinte: garantia de reposição real dos salários de acordo com a inflação, com a condição dos trabalhadores terem "paciência" não fazendo reivindicações "exageradas" nem greves, até que a situação econômica do país melhore. Além disso, nega-se a negociar a trimestralidade. Na verdade, a proposta do governo mantém o "arrocho salarial", negando a reposição de tudo o que foi tirado dos trabalhadores nos últimos 20 anos.

Na conversa com a CUT nem se tocou em pacto social. Nela o governo prometeu discutir com os trabalhadores, a partir de agora, os próximos planos e projetos na área trabalhista.

Com os pés no chão, sem exigir o impossível, sem precipitar as coisas, a CUT vai manter os trabalhadores mobilizados e informados, para forçar



concessões. Até o fim do ano, nas datas base de renovação salarial, prevê-se várias mobilizações trabalhistas: campanha dos canavieiros, metalúrgicos de São Paulo, petroleiros e outras.

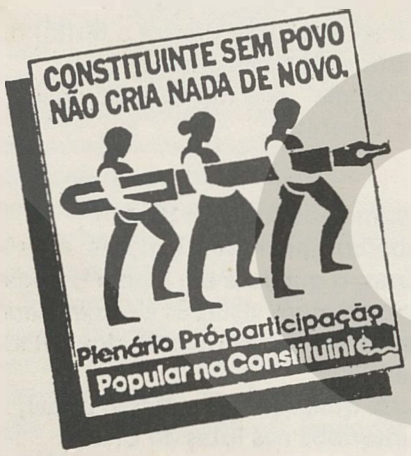
Para a CUT, a trimestralidade e a redução da jornada de trabalho não são absurdas. Por isso não abre mão dessas reivindicações. A trimestralidade corresponde a um aumento de apenas 0,7% no custo da produção. A redução da jornada aumenta a oferta de emprego: a Volks, por exemplo, ao reduzir sua jornada de trabalho para 43 horas, contratou mais de 9 mil operários.

Apesar da disposição da CONCLAT em aceitar o pacto, sente-se que os trabalhadores não estão indo na "conversa" do governo e dos patrões. Percebem que sua política em relação aos trabalhadores não mudou quase nada: demitem em massa líderes sindicais tentando desmobilizar a classe, enquadram os trabalhadores combativos na justiça comum como criminosos, deixam impunes assassinos de camponeses, propõem uma "nova" lei de greve que, na verdade, reforça a repressão ao Movimento Sindical, mantêm o arrocho salarial.

A resposta dos trabalhadores pode ser notada na vitoriosa mobilização dos bancários. Nesse confronto os patrões foram obrigados a reconhecer que "em termos de unidade de comando e eficiência, os trabalhadores ganharam de goleada das organizações patronais" (Camilo Calasans – Presidente BB).

Mesmo não se recusando a dialogar, os trabalhadores estão conscientes de que sua força está na sua organização e na disposição de luta. Só através delas é que reconquistarão os seus direitos e obterão novas vitórias.

Participação Popular na Constituinte



Dia 20 de agosto houve uma caravana a Brasília levando a reivindicação do povo brasileiro de ter uma Assembléia Constituinte especialmente convocada para este fim e com ampla participação popular.

A **PO** Nacional e de alguns estados esteve presente. A caravana levou a representação de mais de 500 entidades através de documentos e de milhares de assinaturas entregues ao deputado Ulisses Guimarães e ao senador José Fragelli. O presidente Sarney não recebeu a caravana.

Dia 8 de agosto o Presidente enviou ao Congresso Nacional um projeto para a convocação da Assembléia Constituinte. Este projeto consiste em **dar poderes constituintes ao Congresso** (dep. federais e senadores) que será composto com a eleição de novembro de 86 (inclui senadores eleitos em 82 e biônicos).

A caravana esteve presente à instalação de uma **comissão mista** (de dep. federais e senadores) com a tarefa de **estudar este projeto** e mais 13 emendas que substituem ou complementam o projeto do Presidente. Com esse estudo a comissão fará um **parecer** que deve orientar a votação no Congresso. A comissão tem **60 dias** para esse trabalho e a votação deve acontecer logo após o dia **20 de outubro.**

Existem várias emendas contrárias ao Congresso Constituinte e está crescendo a pressão para haver **delegados constituintes** (fora do Congresso) e Assembléias Consultivas municipais.

A caravana se reuniu em Brasília e marcou uma reunião no dia 14 de setembro em São Paulo para continuar a articular os movimentos pró-participação popular na Constituinte. Na reunião em São Paulo, participaram representantes de SP, RJ, PR, SC, RS, RO, CNBB (Brasília), CPO, CUT, Federação Nacional dos Arquitetos. Foram estudadas propostas para o movimento atuar a curto e a médio prazo.

A curto prazo (até 20 de outubro), para conseguir uma Constituinte desvinculada do Congresso, foram aprovadas as propostas:

– Intensificar o envio de aerogramas, telegramas e petições (abaixo-assinados) ao Congresso Nacional, a Flávio Bierrembach (relator da comissão mista) e aos demais Deputados e Senadores e suas famílias;

– participação intensa no plebiscito promovido pelo Jornal da Constituinte da Rede Bandeirantes;

– nova **Caravana Nacional à Brasília, na data da votação e vigílias** nos estados, com os que não forem na caravana;

– por ocasião da caravana, será realizada em Brasília, reunião de **dois dias** da articulação nacional.

A partir de agora, a CPO Nacional distribuirá à PO pelos Estados o *Boletim Nacional* do Plenário Pró-Participação Popular na Constituinte. Endereço: A/C CNBB – Regional SUL I – Av. Higienópolis, 901 – 01238 São Paulo SP – Fone: 3as e 5as, à tarde com a Yara) (011) 826-5055.

Brasília 24/9 – **URGENTE**

A aprovação do PNRA **sofre** sérias ameaças. **Não** se tem previsão do que poderá acontecer.

VAMOS APOIAR A REFORMA AGRÁRIA!

No último dia 6 de setembro, num dos acampamentos dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, em Marmeleiro, Paraná, nascia uma menina, DANIELA.

Sinal de esperança, Daniela trouxe muita alegria!

Uma outra "menina" está em gestação nestes Acampamentos. . . Ela tem no rosto os traços da Justiça e vai se chamar REFORMA AGRÁRIA. Seu parto, sua vida, vão ser, certamente, mais dolorosos que a vinda de Daniela ao mundo. Mas ela há de crescer e se desenvolver pela luta dos trabalhadores rurais e dos sem-terra. . .

Com acampamentos, manifestações, ocupações pacíficas de terras os Trabalhadores Rurais Sem-Terra estão forçando o Governo a aplicar imediatamente o Plano Nacional de Reforma Agrária (PNRA).

Este plano é limitado, e é muito semelhante ao "Estatuto da Terra", feito pelos militares em 64 e jamais cumprido. Mesmo assim, os latifundiários estão se mobilizando, se armando, agredindo lavradores e pressionando o Governo contra a sua aplicação.

Como o mês de setembro é o tempo limite para que o Governo aprove o Projeto, os trabalhadores rurais entendem que é preciso uma forte pressão para que o Governo pelo menos inicie o cumprimento de seu Plano. O resto é com a luta organizada da Classe Trabalhadora.

A Reforma Agrária interessa a todo o povo oprimido. Ela trará conseqüências para a população das cidades:

– Uma produção maior de alimentos e a baixa do custo de vida;

– O homem fixado no campo não será o desempregado de amanhã na cidade e mesmo trabalhadores hoje desempregados poderão voltar ao campo;

– A luta pela Reforma Agrária vai ajudar os trabalhadores a compreender que a Propriedade privada da Terra e dos meios de produção (máquinas, ferramentas, matéria prima) não pode ser um valor absoluto: O próprio Papa João Paulo II diz em sua Encíclica "Sobre o Trabalho Humano": "Terras para cultivo ficam abandonadas pelos donos, enquanto trabalhadores não têm terras onde trabalhar. Essas situações são claramente injustas". E diz ainda: "A propriedade privada dos meios de produção só é legítima quando serve aos trabalhadores e ao bem de todos. . ."

Os meios de produção resultam do trabalho dos trabalhadores de ontem e de hoje. Por isso não podemos aceitar o Capitalismo que defende o direito exclusivo da propriedade desses meios.

É preciso construir um sistema em que os trabalhadores sejam proprietários em conjunto dos meios de produção!

Vamos apoiar a luta pela REFORMA AGRÁRIA!

O MOMENTO ATUAL BRASILEIRO E A AÇÃO DA IGREJA

Aos poucos se constata: o povo sai do seu anonimato. Campanhas salariais, greves. Aprende-se a negociar, de forma organizada. A campanha das diretas, apesar das frustrações, deixou muitas lições. As propostas das elites liberais, que apenas concedem favores, é insuficiente para a solução dos grandes problemas nacionais. O povo quer participar ativamente. No interior da luta permanente há que ocupar os novos espaços criados.

Apesar do verbalismo exagerado da "Nova República", as mudanças reais ainda estão por acontecer.

Talvez, como nunca, seja esta a hora do povo. A crescente consciência de participação fez emergir a certeza de que só o povo organizado traz o novo.

Este novo é resultado do contato das massas com a dura realidade do dia-a-dia: Sobreviver, trabalhar, ter saúde, educação, transporte, alimentos, segurança real. Organizar a vida nacional, em bases profundas, significa optar, real e efetivamente por criar formas de participação, onde o povo seja ouvido no seu clamor.

A IGREJA E A CONSTITUINTE

A CONSTITUINTE está aí, exigindo a mobilização de todos. Caso contrário, a vida do país poderá se organizar apenas conforme o interesse dos que detêm o poder econômico, o poder de informação ou o poder político partidário. O **poder que emana do povo** é muito mais profundo e significativo. É muito mais do que a luta política de um partido, de uma associação, de algumas reivindicações. Há direitos reais que antecedem a toda e qualquer transformação desses direitos em lei.

A Igreja, nestes últimos anos, esteve lado a lado das mobilizações populares. A tônica de sua renovação foi a de ir ao encontro do povo, de suas aspirações, de seu desejo de participar, de se organizar.

O momento é de extrema importância para nós cristãos. A ação profética da Igreja volta-se, hoje, muito mais para alertar a respeito de uma nova ordem social, política e econômica, ordem que modifique substancialmente as relações entre o capital e o trabalho. A força viva, humana, é o principal investimento da nação.

A Constituinte e, conseqüentemente, a nova constituição aparecem como um sinal de esperança. O exercício de participação que nos levará à elaboração da nova Carta Constitucional, por si mesma já será um grande passo, único na nossa história, rumo a uma efetiva e real mudança.

O exercício de participação nesta fase preliminar e, posteriormente, no ato constituinte, dará oportunidade a que todos os segmentos da sociedade, e não apenas alguns iluminados, dêem a sua contribuição de como querem ver organizado o país, mais justo e equilibrado nas suas relações sociais.

A grande missão da Igreja, nesta hora, apoiada na sua fé em Jesus Cristo é dar sinais concretos de "novos céus e nova terra" para todos os brasileiros, diante dos grandes e tremendos desafios. E isso de maneira pacífica, participativa e organizada.

Pe. Virgílio Leite Uchoa
Subsecretário Administrativo da CNBB
Assessor da Comissão da Pastoral Operária

A Vida da Pastoral Operária

O Secretariado, com muita alegria, vem recebendo cartas que mostram como a PO tem vida e cresce por esse Brasil afora.

Para vocês conferirem e participarem dessa alegria, apresentamos trechos de cartas de duas militantes de base. Elas mostram como se constrói uma Pastoral Operária inserida na vida sindical, nos bairros; fermento na Igreja, preocupada com a formação de seus militantes e com a articulação do seu regional.

"Continuamos com o trabalho de formação e tentando organizar os trabalhadores por categorias a chegarem ao seu sindicato.
No momento estamos apoiando a Chapa 2 dos Trabalhadores no Comércio, junto com a CUT. Esta luta tem sido de muita coragem porque a outra chapa, que tem como candidato o presidente atual, foi aos jornais, televisão e falou que somos comunistas e que nós queremos tomar conta do sindicato para gastar o dinheiro e viajar para CUBA. Disse que a PO está ligada ao Partido Comunista e a CUT ao PT. Mas os integrantes da Chapa 2 foram à televisão e jornais e deram a resposta que ele merecia. Resumindo: ele fez tudo isso porque tem medo de perder a mordomia que há vinte anos comanda.
Sobre a Constituinte, estamos promovendo debates em algumas áreas, a nível de formação. Para colhermos assinaturas com os modelos que recebemos da CPO Nacional, resolvemos fazê-lo dentro da realidade de cada comunidade: aí os estudos serão mais profundos.
Estamos pretendendo fazer cursos sobre nossa formação pedagógica, metodológica e didática com os agentes de pastoral dentro de nossa prática. Para isso estamos contando com a ajuda da FASE.
Estamos realizando em São Luís, a primeira Reunião da Coordenação do Regional Norte, e esta tem como pauta: a avaliação do Regional e a preparação da Assembléia Regional em outubro."

Simone Pinheiro – São Luís – MA

PO

"A Pastoral Operária em Venâncio Aires vem exercendo suas funções já há 4 anos. Até novembro último a PO estava funcionando com um grupo só, agora se expandiu mais. Em alguns bairros está funcionando bem em outros não. Esta expansão se deu após às missões que se realizaram aqui em Venâncio Aires.
Para o 1º de Maio elaboramos folhetos com roteiros que foram distribuídos em toda a diocese e refletidos nos grupos de base. No dia 1º de Maio realizamos celebração, encenações e tribuna livre.
Em relação à Nova Constituinte escrevemos cartas aos Presidentes dos Partidos Políticos reivindicando uma Constituinte Democrática, juntamente com abaixo-assinado. Fizemos encontros onde debatemos sobre a Constituinte e a Constituição."

Nilcia Henckes – Venâncio Aires – RS

A Companheira, ainda relata que a PO tem apoio e incentivo do bispo, dos padres e das religiosas. A PO realizou um curso de sindicalismo a nível diocesano e participou da fundação dos sindicatos da Construção Civil e Mobiliário e dos Calçadistas. Apesar disto eles ainda deixam muito a desejar.

Com essas contribuições a PO vai trocando experiências e se enriquecendo. Mandem também suas contribuições.

ASSINATURA ANUAL – Cr$ 7.000,
ASSINATURA DE APOIO – Cr$ 20.000,
A PARTIR DE 10 ASS. – Cr$ 5.000, (cada)
PARA O EXTERIOR – U$ 10,
AVULSO – Cr$ 600,
Envie sua contribuição para:
SECRETARIADO NACIONAL DA PASTORAL OPERÁRIA
Conta nº 010354-9 – BEMG 0307 – Duque de Caxias – RJ
Rua Mariano Sendra dos Santos, 44/501
25200 – Duque de Caxias – RJ – Tel.: 771-3459

ARTE E DIAGRAMAÇÃO: IBASE
ILUSTRAÇÃO CAPA E CONTRA-CAPA: DANIEL CARVALHO

UM LOGOTIPO PARA A PO

Companheiro(a), este Boletim é seu. Pedimos sua ajuda mandando cartas falando da vida da PO, sugestões e críticas ao Boletim. Além disso pedimos que o(a) companheiro(a) mande desenhos sugerindo um **logotipo para a PO.**

BANCÁRIOS:

VITÓRIA MUITO IMPORTANTE!

A greve dos bancários realizada nos dias 11 e 12 de setembro tem um significado muito importante para o conjunto da Classe Trabalhadora brasileira:

– **Pelo seu caráter nacional,** esta greve representa um grande avanço e demonstra que a Classe Trabalhadora tem avançado em sua organização. É a partir destas greves por categorias profissionais que unificam suas lutas nacionais, que poderemos caminhar para a Greve Geral de todos os trabalhadores brasileiros;

– **pela combatividade demonstrada pelos trabalhadores de base e por setores do Movimento Sindical** esta greve foi um teste. O setor que aposta na conciliação, os reformistas e pelegos foram desmascarados e atropelados pelos trabalhadores, que realizaram a greve com ou sem apoio dos dirigentes. E quem se fortaleceu foram os dirigentes sindicais combativos, em sua grande maioria ligados à Central Única dos Trabalhadores.

– **pelo apoio obtido junto à opinião pública:** foi importante o apoio que o movimento grevista encontrou junto ao povo, que começa a compreender melhor o significado destas lutas e assim avança politicamente.

– **pela vitória econômica obtida: a vitória econômica é importante,** em primeiro lugar porque significa menos fome, menos miséria. Em segundo lugar porque estimula e anima a continuidade da luta. E finalmente porque se constitui num golpe à ganância dos banqueiros, que é o grupo de patrões que mais lucrou e explorou nos últimos anos o nosso povo.

– Apontamos também com surpresa e decepção o comportamento de setores governamentais que pretenderam recorrer à força e aos instrumentos de repressão da Velha República.

Nossos cumprimentos a esses valorosos companheiros bancários. É preciso continuar a apoiar essa luta e ser solidários agora, num momento em que a repressão patronal certamente vai se verificar através das demissões que já se iniciam em vários estados.

PE. EZECHIELLE, SEMENTE DE UM NOVO TEMPO

Na manhã de 24 de julho de 1985, pe. Ezechielle morreu assassinado por pistoleiros em Aripuã, MT. Pe. Ezequielle era um homem coerente com a opção pelos pobres. Corajosamente se colocava ao lado dos índios e dos trabalhadores sem terra.

A Pastoral Operária acredita que o sangue dos que lutam pela justiça, são a semente de um novo tempo. Tempo de justiça.

CARTA ABERTA AOS JOVENS TRABALHADORES

Nós, JOVENS TRABALHADORES, reunidos no Encontro de Encerramento da Semana Nacional da Juventude Tabalhadora, no dia 29 de abril de 1984, após analizar a nossa realidade em todos os seus aspectos, viemos a público conclamar:

1) CONSTATAMOS que nós JOVENS TRABALHADORES no Bairro sofremos todo tipo de problemas: desde a falta de lazer, às precárias condições de educação.

Nós JOVENS TRABALHADORAS DOMÉSTICAS somos muito exploradas e humilhadas, em geral não temos Carteira assinada, não temos horário de trabalho que nos permitam estudar, e somos marginalizadas como profissionais.

Nós JOVENS TRABALHADORES PROFESSORES nos formamos e não conseguimos o primeiro emprego, e como em outras categorias, somos contratados como estagiários fazendo Trabalho de Professores formados e ganhando um salário muito inferior.

Os Trabalhadores são levados a viverem em função de si só, a se isolar, a ser irresponsável, e a não se assumir como pessoa e como Trabalhador.

Nós JOVENS TRABALHADORES não conseguimos ter um bom relacionamento familiar, pois muites vezes trabalhamos longe de casa e só voltamos em casa para dormir.

Nós JOVENS TRABALHADORES somos hoje os mais sacrificados pela crise econômica, pois a maioria dos desempregados são JOVENS de 14 a 25 anos de idade: onde o principal problema que sentimos é a falta de oportunidade do primeiro emprego, onde os patrões exigem experiência na Carteira Profissional. Sem falar no grande número de sub-empregados que existem. Como exemplo os menores que vendem balas nos Trens.

2) Nós JOVENS TRABALHADORES concluimos que as CAUSAS dessas situações são:
O sistema político, econômico e social vigente no país que está organizado em função de garantir o lucro e os interesses dos capitalistas. Onde os meios de comunicação são utilizados para garantir a ideologia do sistema, criando nos Trabalhadores o individualismo que os impede de organizar como classe.

3) NÓS JOVENS TRABALHADORES como CONSEQUÊNCIA da vida que levamos muitas vezes nos sentimos frustrados e não vemos saídas para os nossos problemas; e muitos de nós são levados a buscar como refúgio a prostituiçao,o tóxico,a alienação, etc...

Nós JOVENS TRABALHADORES temos vários problemas com nossa saúde, desde estafa à sérias doenças contraídas pelas condições insalubres de trabalho a que somos submetidos.

A fome é uma das principais consequências graves que sentimos, pois por não termos uma alimentação básica desde o nascimento, crescemos totalmente deformados em todos os sentidos.

4) Diante dessa situação, nós JOVENS TRABALHADORES REIVINDICAMOS:
Fim da exigência de experiência para quem nunca trabalhou; pelo fim da contratação de estagiários como regentes de turma; reconhecimento dos direitos da categoria das domésticas; formação de Comitês de desempregados por categoria nos Sindicatos e Entidades Profissionais; melhores condições de vida nos bairros; diminuição na jornada de trabalho sem diminuição salarial; nova política econômica que atenda os interesses dos trabalhadores; regulamentação e aplicação imediata do salário desemprego; ampla liberdade de manifestação, inclusive através dos meios de comunicação de massa.

Esta situação nos desafia a um COMPROMISSO:

. Intensificar o nosso trabalho de conscientização e organização da JUVENTUDE TRABALHADORA que é:

- fortalecer o trabalho com as categorias profissionais de professores, domésticas, comerciárias e outras...
- afirmar aí dentro dessas categorias a Central Única dos Trabalhadores(CUT);
- criar ou reestruturar as associações de moradores de bairro e consequentemente, fazer avançar o movimento popular,(MAB).

Ter como prioridade nesta caminhada agora iniciar um trabalho com os desempregados.

Nós JOVENS TRABALHADORES conscientes nos comprometemos a criar condições para envolver o maior número possível de JOVENS TRABALHADORES,nesta luta, respeitando , porém, os diversos níveis de consciência e os diferentes aspectos de vida.

POR ISSO, NÓS JOVENS TRABALHADORES DE NOVA IGUAÇU, PARTE DOS 22 MILHÕES DE JOVENS TRABALHADORES DO PAÍS, MARGINALIZADOS E EXPLORADOS, LUTAMOS PARA CONQUISTAR NOSSOS DIREITOS DE PARTICIPAÇÃO, EMPREGO E MELHORES CONDIÇÕES DE VIDA E TRABALHO PARA TODOS.

Nova Iguaçu, 29 de abril de 1984.

JUVENTUDE OPERÁRIA CATÓLICA (JOC) DE NOVA IGUAÇU.

FELIZ PÁSCOA a todos os Amigos e Amigas que nos acompanharam nesta ida solidária à Nicaragua.

Lucínio tem o desafio de acompanhar mais de 50 comunidades e como estava doente pediu-me para vir ajuda-lo. Vim pois por Solidariedade às comunidades de camponeses do Rio São João. Esta área fica na fronteira com Costa Rica, a mais de 300-quilometros da capital Managua. É uma região fertil com rios, matas e florestas. Infelizmente a exploração exagerada de madeiras, está fazendo secar os rios e tornando a região deserta como outras áreas do país.

As distâncias entre os comunidades são muito grandes. À algumas só se vai de barco, outras de carro, outras só a pé ou a cavalo.

O povo se concentra nos emimeros assentamentos rurais. As casas são de tábuas, cobertas de palha ou zinco. O povo vive ai numa pobreza extrema. A preocupação constante com a guerra, fez com que os assentamentos não se tornassem viaveis em termos de produção. A produção básica é o milho, seguida pelo feijão e arroz em menor escala. Não se come frutas fora a banana e tão pouco se consume legumes.

A maioria veio da região fronteiriça de Honduras por causa da presença e ameaça da guerra. Perderam tudo e não conseguiram fazer nova vida nesta região. Muitos tem que caminhar uma, duas ou mais horas para chegar a sua terra, todos os dias.
As cooperativas no campo ou na cidade estão sendo muito ameaçadas pelos antigos donos ou de privatização. São comuns os conflitos e as invasões de terras das cooperativas, as vezes com resistência e mortes. A constituição lhes garantem o direito, o governo diz que as Comissões Agrárias vão regularizar as terras e dar título definitivo de posse. Na realidade os camponeses estão ameaçados de morte e muitos abandonam suas terras.
O governo não tem força política para manter suas promessas.
A Igreja está bastante acomodada, muito ligada aos setores do governo ou aos setores radicais dos ex-contra. Muitos da Igreja acreditam que o sandinismo é marxista e ateu e portanto os que o seguem não podem pertencer à Igreja católica. Contra isto reagem as Comunidades cristãs do campo e das cidades, impedindo que os cristãos que fizeram a revolução fiquem fóra da Igreja. As Comunidades se põem a serviço dos mais pobres e injustiçados, sendo para eles esperança e ânimo para continuar a luta. Apoiam não só os cristãos da Frente Sandinista mas também a todas as Comunidades Eclesiais, que se sentem isoladas e desprotegidas.

A C.N.P. (Comissão Nacional de Pastoral) coordena, assessora e apoia as Comunidades cristãs, que embora não sendo aceitas, q são consentidas pelos bispos.

• AGRADECIMENTO E APELO

TRABALHO REALIZADO.

Visitas às Comunidades... visitas às famílias... sentir suas necessidades e aspiraçõs. Esforcei-me em ajudar a defender a saúde em assentamentos em que o médico não vai, os postos de saúde não dispõem de medicamentos suficientes. Comecei a ler e praticar a medicina natural. A utilização do propolis, desconhecido aqui, foi um dos meios. Através da medicina chegávamos a muita gente. Também a Alimentação alternativa foi um meio de ajudar. Um livro da CNBB sobre formas variadas de alimentação serviu muito. Conservávamos e incentivavamos as técnicas alternativas de tratamento do solo e produção. Em tudo isto era eu apenas iniciante e com pouco conhecimento.

Fazíamos reuniões com a Comunidade para discutir os problemas e ~~melho~~ avançar na organização. Fazíamos também Celebraçõs da Palavra, Misa, Batisados e casamentos. Aqui não há o costume de casar na Igreja. E os que o fazem, o noivo tem que gastar muito dinheiro com a festa e o vestido da noiva.

Visitamos algumas Cooperativas e as apoiamos.

Participamos nos funerais do Comandante Carlos Muñoz Tellez. Foi a maior manifestação política deste tempo

com mais de 50.000 pessoas presentes. Daniel Ortega esclareceu e empolgou a multidão e também o Comandante Thomas Borge.
Passando por Managua ~~fui~~ apoiar os grevistas em suas reivindicações.
Visitei terras de particulares ou de cooperativas e trabalhei na terra alguns dias com os camponeses. Foi muito boa experiência de contato humano. Esforcei-me também em contribuir para a formação dos delegados da palavra e criar condições de trabalho pastoral para eles.

DIFICULDADES.

A língua. Não consegui dominar o espanhol nica. Deveria ter investido mais na aprendizagem.
As distâncias entre as comunidades e o Transporte escasso. Se sofre bastante.
As duas Igrejas Católicas em confronto. Apesar das dificuldades percebi que se fazemos trabalho de acompanhamento constante e inteligente conseguimos reunir muita gente mesmo ~~com~~ com a presença atuante dos crentes.
A Igreja oficial não nos reconhece mas nos tolera.
Foi difícil a integração na equipe pastoral da área e não se conseguiamos realizar reuniões produtivas e programáticas.

Contribuição dada: Minha presença foi um ânimo novo para as comunidades e delegados. Tentamos ser um elo entre a fé do passado e a a fé e esperança do futuro.
Descoberta de novos Delegados para as Comunidades sobretudo Delegados jovens.
Procurei ajudar a criar condições dos Delegados cumprirem sua missão.
Algumas vezes trabalhamos unidos e coordenados com outros membros da equipe, o que foi muito bom.

Contribuição Recebida:
Capacitação pessoal a nível de planejamento e estudo bíblico. Visão melhor das perspectivas e utopia latino-americana e missionária.
Iniciei-me no trabalho de medicina natural, alimentação e tecnologias alternativas.
Aprendi muito da experiência dos militantes cristãos que participaram da guerra em termos de organização popular e política.

Conclusão

Volto contente para o Brasil, consciente de que me esforcei para dar uma contribuição que queria dar e também receber em termos de perspectiva missionária.
Falta-me sensibilidade e técnica para sentir as reais necessidades e dificuldades do povo.
Este trabalho despertou-me para a urgência de melhor planejamento e avaliação.

não tenho que criar outro problema acima dos problemas, tenho que saber analizar e encaminhar soluções sem precisar perder os cabelos.

Vejo que assim como podemos e devemos apoiar o processo das Comunidades na Nicaragua. as Comunidades de Nicaragua podem e devem ajudar a fortalecer nossas Comunidades Brasileiras. Aqui o trabalho popular e organizativo podem nos ajudar muito por exemplo: a experiência de "compores a compores" Seria bom intercambiar experiências por ocasião de cursos que se dão no Brasil, e que se poderia ficar um ou dois meses para intercâmbio nas comunidades.

Só me resta louvar ao Deus da Vida por todos os dons que recebemos através dos irmãos sacerdotes, bispos e comunidades que me tornaram possível esta experiência tão rica e decisiva em minha vida.

Lamento que seja só aos 53 anos que me foi dada esta oportunidade.

A todos Vocês, a graça, a fé e as bençãos do Cristo Libertador para conseguirmos construir a terra nova em nosso continente latino-americano.

Está a disposição de Vocês fitas cassetes com entrevistas, saudações e musicas populares e libertadoras das Comunidades de lá dirigidas para nossas comunidades.

Fica uma pergunta final. Como intensificar a ajuda mútua entre as Comunidades de Nicaragua e as comunidades do Brasil? - Obrigado sem Ernesto Cardenal

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL
SE/Sul - Quadra 801 - Conjunto "B" - CEP 70401-900 - Brasília-DF
Caixa Postal 02067 - CEP 70259-970 - Brasília-DF - Brasil
Fone: (061) 225-2955 - Fax: (061) 225-4361
Telex: (61) 1104 e (61) 4954

Brasília-DF, 25 de agosto de 1994
P.nº 782/94

Prezado Irmão no Episcopado,

A paz de Cristo!

Neste ano de 1994, em que a Campanha da Fraternidade tem como tema a Família, convém que a Semana da Criança, de 11 a 17 de outubro, seja especialmente comemorada.

A criança, com efeito, é a bênção de Deus para seus pais e parentes. Ao dom de sua vida deve responder o amor de toda a família.

Por ocasião da Semana da Criança, intensifiquemos as preces pelas famílias. Procuremos, em especial, promover as ações básicas necessárias à vida, com o incentivo ao aleitamento materno - exclusivo até os primeiros seis meses, - as vacinações e o controle do peso e crescimento.

O Ministério da Saúde solicitou a participação dos dioceses, paróquias e comunidades para um amplo programa em favor das crianças. De bom grado, ofereçamos nossa colaboração a fim de salvar vidas de crianças e ajudá-las a crescer com saúde. Recomento, pois, às dioceses que se esforcem por organizar a Semana da Criança, com especial atenção às ações básicas essenciais, evitando a morte precoce e as enfermidades.

Que o exemplo de Jesus Cristo nos auxilie a acolher e desenvolver a vida dos irmãos menores.

A Pastoral da Criança que tem feito um grande bem, há de prestar um válido serviço, procurando diminuir a mortalidade infantil e promover sempre mais a vida e a formação cristã das crianças.

Cada paróquia, comunidade, conforme a orientação do próprio bispo, procure assim, organizar um programa de atividades em favor da criança, durante a Semana (11 a 17 de outubro).

Com todo afeto,

† Luciano Mendes de Almeida

† Luciano Mendes de Almeida
Presidente da CNBB

PASTORAL DA CRIANÇA
CNBB
Para que todas as crianças tenham vida

C N B B - Coordenação Nacional da Pastoral da Criança
Rua Pasteur, 279 - Curitiba - PR - CEP 80250-902 - Fone: (041) 225-6133 - Fax: (041) 224-6986

PCA. DO BATEL
CURITIBA-PR
BRASIL CORREIO
PS
= 0,15

15
PAR

PAR. CAT. DIOC. STO. ANTONIO
AV. MAL. FLORIANO PEIXOTO, 2262
CX.P.
NOVA IGUACU - CENTRO - RJ
26210-000

DH
CEDIM
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR UFRRJ



Conquistar

Ano XXI
nº 188
Setembro - 2003

Pastoral Operária do Brasil

"OPERÁRIO DE SONHO CRIANÇA"

Santo Dias da Silva, operário, metalúrgico, militante da Pastoral Operária. *Foi assassinado em 30 de outubro de 1979, em São Paulo, quando participava de greve por melhores condições de vida. A lembrança de sua garra e fé na luta nos motiva a refletir. O exemplo de sua coerência e persistência nos obriga a seguir.*

Outubro é o período em que a Pastoral Operária celebra em todo o Brasil a memória do operário Santo Dias da Silva, um dos líderes de um movimento importante de luta e resistência dos trabalhadores no Brasil.

Santo Dias nasceu em Terra Roxa-SP em 22 de fevereiro de 1942. Desde cedo começou a vivenciar o sentido da palavra comunidade, tornou-se um congregado mariano e despertou para a luta dos trabalhadores rurais, já que ele próprio foi bóia-fria.

Como tantos trabalhadores, este camponês deixou sua terra natal em busca da "cidade Grande". Chegando em São Paulo em 1962 foi morar na região sul. Três anos depois casou-se com Ana Maria, com quem teve dois filhos: Luciana e Santinho.

Em sua comunidade na Vila Remo foi ministro da eucaristia e ajudou a formar a Pastoral Operária na região, da qual depois viria a ser seu representante em nível estadual. Santo e Ana participaram ativamente das CEB's e dos movimentos populares da região: as lutas por melhoras condições de vida na saúde, educação, moradia, com destaque para o movimento contra a carestia.

Santo tornou-se operário e conheceu a Oposição Metalúrgica, onde desenvolveu sua militância sindical, realizando um grande trabalho de organização de base entre seus companheiros de fábrica. É importante ressaltar que os movimentos sociais, populares e operários se integravam de forma concreta nos bairros. Isso foi possível pela combinação de alguns fatores: A "Operação periferia" desenvolvida pela Arquidiocese de São Paulo, a articulação das CEB's e das comissões de apoio do movimento operário, além das comissões de fábrica no próprio local de trabalho.

Durante o regime militar o movimento operário foi fortemente reprimido, muito antes do assassinato de Santo Dias várias lideranças haviam sido presas e até mesmo torturadas, como é o caso do valoroso companheiro Waldemar Rossi que foi prisioneiro do DOPS durante quatro meses em 1974.

Em 1978 juntamente com Anísio Batista, Santo compôs a chapa da Oposição Metalúrgica contra o peleguismo histórico representado por Joaquinzão. Embora as urnas apontassem a derrota da situação, a oposição ganhou mais não levou, pois o Ministério do Trabalho interviu e reconduziu Joaquinzão à direção do maior e mais importante sindicato da América Latina.

O ano de 1979 foi marcado pelas grandes greves em São Paulo e no ABC, movimentos que eram fortemente reprimidos. Por isso, foi fundamental o apoio efetivo da Igreja , já que, quando não era permitido que os trabalhadores se reunissem em seus sindicatos, os templos católicos foram abertos para que os operários pudessem se organizar e realizar suas assembléias.

Numa destas greves, ocorre o assassinato de Santo Dias, ironicamente logo depois da promulgação da Anistia. Isto provocou uma grande comoção nos trabalhadores e uma enorme indignação na sociedade civil.

Santo Dias era uma liderança operária muito importante dentro e fora da Igreja. Vejamos o que diz Dom Paulo Evaristo Arns "o cardeal dos trabalhadores" a seu respeito: "Homem de autodomínio invejável, sempre respeitado pelos companheiros e nomeado presidente da Pastoral Operária (PO), colocou-se à frente dos colegas, pedindo-lhes que não reagissem. "Nisso recebe um tiro pelas costas, justamente porque estava de frente para os operários, sendo portanto um alvo fácil para ser atingido na altura dos rins. Era tarde do dia 30 de outubro de 1979, defronte à Fabrica Sylvânia, em Santo Amaro".

O Assassinato de Santo Dias não interrompeu a luta operária, pelo contrário, a greve se ampliou, e contribuiu para a derrubada do regime militar. O cortejo fúnebre levou cerca de 100 mil pessoas às ruas centrais de São Paulo. O trajeto entre a Igreja da Consolação e a Catedral da Sé (onde se realizou a missa de corpo presente) foi marcado pela emoção e pelas palavras de ordem contra a ditadura.

O policial militar responsável pelo disparo assassino, foi julgado e condenado em primeira instância pela Justiça Militar, mas absolvido em segundo julgamento da mesma Justiça, embora mais tarde, o Estado tenha assumido a sua responsabilidade pela morte de Santo Dias, tendo inclusive indenizado a família.

Ana Dias ressalta a importância da mística Pastoral e da Presença constante da Igreja nesse processo de manter viva a memória de Santo Dias, e sobretudo, a garantia da Continuidade de sua luta: "A Igreja foi a grande força, a fé e a esperança. Se não fosse a força da Igreja não teríamos continuado a luta do Santo. Se Santo não tivesse morrido, ele continuaria lutando sem medo até a vitória final da classe operária.Quero também que ninguém esmoreça, porque nossa luta continua. Eu continuo lutando até o fim."



Esse compromisso da Igreja com a classe trabalhadora que foi reafirmada em puebla também em 1979, foi definida com muita propriedade pela Cardeal Arns: "A primeira morte, do operário Manoel Fiel Filho, despertou um interesse enorme pela classe operária em toda a igreja. E depois da morte heróica de Santo Dias, que era presidente da Pastoral Operária, fez uma espécie de aliança da Igreja de São Paulo com o mundo Operário".

Sem dúvida, celebrar a morte de Santo significa renovar nosso compromisso classista de buscar incessantemente a construção de uma sociedade justa e igualitária. Neste ano tivemos a chegada de um operário a Presidência da República, porém, até o momento isso não significou um Brasil melhor. Ainda não ocorreram as tão esperadas mudanças nos rumos da economia que continua gerando desemprego e exclusão. Apesar disso, seguimos crendo...

Que o Deus trabalhador, o Cristo Operário e o Santo Espírito nos ilumine, nos fortaleça e nos encoraje, para que possamos celebrar a vida de Santo e de tantos companheiros que deram a vida por um mundo melhor.

"Santo, a luta vai continuar..."

Paulo César Pedrini
Membro da Coord. da Pastoral Operária Metropolitana/SP

Romaria

Reunimos 120 mil trabalhadores(as)

A nossa Romaria dos Trabalhadores e das Trabalhadoras está no seu 16º ano consecutivo. Organizada pela Pastoral Operária e Serviço Pastoral dos Migrantes, reúne militantes organizadores dos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo e Minas Gerais.



Neste 7 de setembro, foram mais de 120 mil romeiros e romeiras em Aparecida.



A programação das caravanas iniciou às 7 horas, com caminhada do Porto de Itaguaçú, local onde foi encontrada a imagem de Nossa Senhora Aparecida, até a frente da Basílica, onde, às 9h30, ocorreu o Grito dos Excluídos e às 10 horas, a Missa na Basílica. A Caminhada do Porto à Basílica reúne habitualmente, cerca de 10 mil pessoas que, com criatividade e mística, realizam momentos de oração e reflexão política.

Quem tem fé vai a pé

Desde 1998, alguns romeiros caminham até Aparecida, saindo da Região Episcopal Brasilândia, São Paulo. A partir de 1999, passou a sair um grupo oriundo da Diocese da Santo André, no ABC paulista. São sete dias, andando, cantando, celebrando, rezando e protestando. "Quem tem fé vai a pé" é um dos gritos dentre os vários que os caminhantes fazem ecoar pelas estradas por que passam. Para dormir e se alimentar, são acolhidos em comunidades dos municípios do Vale do Paraíba, em São Paulo.

Ecos do Grito no Brasil

Este ano, o 9º Grito dos Excluídos conclamou: **Tirem as mãos... O Brasil é nosso chão.** Um grito para afastar todos os que querem se apropriar das riquezas de nosso país, num esquema que se repete desde os tempos do Brasil colônia e ainda é ameaça nos dias de hoje.

A realização do Grito dos Excluídos mais uma vez mostrou que a união faz a força. Os ECOS DO GRITO repercutiram em todo Brasil. Desde Ananindeua no Pará, Parelhas no Rio Grande do Norte até Bagé e Passo Fundo no Rio Grande do Sul. Nestes nove anos estamos numa grande e forte corrente que desta vez envolveu mais de dois milhões de pessoas. Expressar as lutas, desejos e utopias com animação, mística e solidariedade foi a marca dos excluídos.

Na região **norte,** Belém realizou uma manifestação com 5 mil participantes e Ananindeua, 2 mil pessoas. No **nordeste** foi uma festa... Salvador com 40 mil pessoas, Recife 15 mil e Fortaleza envolvendo cerca de 20 mil participantes. Na região **Sul,** o Grito também deu conta do recado: Florianópolis em Santa Catarina, contou com mil participantes. Em Curitiba, cerca de 2 mil pessoas, Porto Alegre, contou com presença de mil pessoas. Na região **Centro Oeste,** Cuiabá colocou 2.500 pessoas nas ruas. Em Rondonópolis e Campo Grande cerca de 3 mil participantes realizaram o Grito. Já a região **sudeste** realizou um bonito Grito: em **Vitória,** 12 mil pessoas e mil em Cachoeiro do Itapemirim. Belo Horizonte contou com 1.200 participantes. Em Campinas foram 6 mil pessoas.

O Grito dos Excluídos que ocorre em Aparecida/São Paulo é o que reúne maior número de pessoas. Foram 120 mil participantes e romeiros da Romaria dos trabalhadores e da romaria a pé.

O Grito, de que temos notícia que mais recebeu repressão foi o de Mossoró/RN. O movimento sofreu represália policial (cavalos e motos) mas não recuou.

Em todas as regiões, os(as) manifestantes realizaram a coleta de assinaturas no documento que solicita realização de um plebiscito oficial sobre a ALCA. A campanha foi simbolizada pela vacinação contra a ALCA.

5 mil unidos na animação e na reflexão

O III Encontro Nacional de Fé e Política que ocorreu nos dias 20 e 21 de setembro reuniu mais de 5 mil pessoas no Ginásio Goiânia Arena, em Goiânia/GO. Vindos(as) de quase todos os Estados do Brasil, as caravanas misturaram animação estrondosa com reflexão silenciosa.

O tema "Conquistar a terra prometida" foi desenvolvido por teólogos, políticos e estudiosos, sob os olhares e ouvidos atentos da grande platéia.

No primeiro dia do encontro, após a abertura realizada pelo prefeito de Goiânia, Pedro Wilson (PT) e pelo Bispo Dom Tomás Balduíno, o destaque ficou com a Ministra do Meio Ambiente, senadora Marina Silva (PT), que desenvolveu o tema "Salvar a vida na terra", juntamente com o monge Marcelo Barros. A ministra destacou a urgência da defesa do meio ambiente, ligando a questão com os ensinamentos bíblicos. O Padre Marcelo Barros que discursou após a exposição de Marina Silva ocupou o espaço reservado ao teólogo Leonardo Boff que não pôde comparecer. Neste mesmo dia, os educadores Carlos Brandão e Roseli Caldart discorreram sobre o tema "Caminhar com os pés na terra".

No domingo, 21, segundo dia do encontro, ficou evidenciada a fala do teólogo e escritor Frei Betto, que acompanhado pelo pastor e teólogo Jether Ramalho, expôs considerações sobre o tema "Novo céu e nova terra". Frei Betto que atualmente é assessor especial da Presidência da República fez esclarecimentos sobre as iniciativas do Programa Fome Zero e animou a militância presente a persistir na luta por um novo céu e uma nova terra.

O Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva ficou impossibilitado de participar do encontro, devido a compromissos no exterior, mas enviou uma bela carta aos participantes, animando a militância à perseverança.

Editorial

Onde está Santo Dias?

Uma pergunta tem sido feita por muitas vezes, na história da nossa PO e na trajetória da nossa militância: O que nos une em termos de Brasil?

Uma pergunta, que merece ser respondida com outras perguntas: O que temos em comum dentro deste país tão grande, repleto de culturas tão diferentes? O que temos em comum, além do fato de pisarmos o mesmo chão? Além de vislumbrarmos a mesma lua? Além de sermos todos índios(as)?

À pergunta que merece profunda reflexão, ousamos responder que temos em comum entre nós, a lembrança, o exemplo e a presença de Santo Dias da Silva. Por todos os cantos do Brasil, sempre há presente, a figura deste trabalhador, que teve a vida roubada em plena luta pelos direitos.

Santo Dias da Silva está presente na esperança dos romeiros trabalhadores, na perseverança dos excluídos que gritam e na animação dos que refletem a fé e a política.

Está presente na figura de seus filhos e netos. Está gravado na presença simpática de Ana Dias, sua companheira por 14 anos.

A nossa Pastoral Operária do Brasil é o Instituto Nacional Santo Dias.

Em Fortaleza/CE temos a Associação Santo Dias e em Curitiba/PR, o Centro de Formação Santo Dias.

Em São Paulo/SP, existe a Escola Municipal de Educação Infantil Santo Dias e em Uberlância/MG, a Farmacinha de remédios naturais Santo Dias.

Numa atitude bem ousada, a Paróquia em Ipatinga/MG tem como padroeiro, Santo Dias.

Nas caminhadas e celebrações em São Paulo/SP e na grande romaria em Campina Grande/PB, Santo Dias está em nossa memória e construindo conosco a história.

Santo Dias está conosco todos os dias.

Espiritualidade

Um santo diferente...

No martiriológio popular da cidade de São Paulo – Brasil, consta Santo Dias da Silva, líder sindical, 37 anos, metalúrgico, militante da pastoral operária, mártir dos operários brasileiros. Bonito, muito bonito!

Era o ano de 1979, mês de julho, na Casa de Oração da Diocese de Nova Iguaçu – Baixada Fluminense, Rio de Janeiro, quando cerca da 35 trabalhadores, juntos, buscavam caminhos para sobreviver frente à vergonhosa repressão da ditadura militar, que Santo Dias, além de contribuir com sua experiência de luta na construção de uma Pastoral que viesse responder às angústias e aspirações dos trabalhadores, preocupava-se enormemente com sua esposa e filhos menores. Parece um detalhe pura e simplesmente natural, mas, no contexto do que viria acontecer, me parece importante lembrar: era a primeira vez que Santo vinha ao Rio de Janeiro. Terminada a reunião e animado por tudo que descobriu com os companheiros e pela beleza da "Cidade Maravilhosa", me perguntou: **"seria possível, no fim do ano, vir passar uns dias com família na tua casa?"**

Meu querido Santo Dias da Silva, o teu sonho aconteceu, mas de forma diferente e antecipada. O Senhor foi teu anfitrião e a sua casa a tua nova residência. O Senhor te projetou outra viagem e te elegeu como Guia e te consagrou com sangue: **"O sangue dos cristãos é uma semente"** (Tertuliano + ou – ano 220) e hoje nos convidas para que celebremos juntos a tua chegada. Parabéns! E te pedimos: **ensina-nos o caminho de VER, JULGAR E AGIR.**

Neste dia **30 de Outubro** que celebramos o teu aniversário,
queremos tornar presentes os teus companheiros que o Senhor elegeu:
Chico Mendes – presente
Margarida Alves – presente
Irmã Filomena – presente
Pe. João Bosco – presente
D. Oscar Romero – presente
Pe. Josimo – presente
D. Enrique Angelelli – presente
Camilo Torres – presente
Mário Mujica Córdoba – presente
Ronaldo Rodrigues – presente
Crianças da Candelária – presentes
As 21 pessoas de Vigário Geral – presentes
Os 10 trabalhadores de Corumbiara – Roraima – presentes
Outros e anônimos assassinados por causa da luta em busca
da justiça – presentes

Ensina-nos a VER a realidade do mundo que vivemos hoje. Este mundo em transição, onde os teus companheiros de profissão e outros; todos sentem que a estabilidade lhes foge e o futuro sem proposta os assusta.

Ensina-nos a JULGAR à luz da palavra, da Vida, da Esperança, da Promessa **"Eis que escutarei convosco todos os dias, até o fim do Mundo"**(Mt. 28, 20).

Ensina-nos a AGIR, superando pessimismos, especulações, divergências.

O desafio do Senhor, fica embaciado diante das mil contradições da modernidade, da violência, da impunidade, da corrupção, da ambição, do poder, da mídia e faz com que se reacenda cada vez mais em nós todos, o sonho da tua viagem redirecionada pelo Senhor. "Faça Senhor com o sonho profético do Novo Céu e da Nova Terra" (Is. 65, 17-25) se torne nossa referência de luta. Enfim, ensina-nos o caminho do serviço, da santidade.

O povo, querido Santo, já te beatificou e a Igreja o fará quando achar oportuno.

Santo Dias da Silva, mais uma vez Parabéns. Deus te chamou para ficares na história e nos ensinares o caminho do compromisso.

Pe. Agostinho Pretto

Receba as notícias da PO em casa. Faça sua assinatura.

☐ Sim quero assinar **Conquistar**

Nome:.....

Endereço:.....

..... nº..... Data Nasc.: ...../...../.....

Bairro..... CEP.....-.....

Cid.:..... Est.:.....

Tel.:..... E-mail:.....

Banco: **Bradesco** • Agência: **500-2** (Praça da Sé) • Conta: **47591-2**
Nome: **Instituto Nacional Santo Dias**

Para fazer a sua assinatura, basta preencher o cupom, ***depositar em nossa conta corrente o valor correspondente da assinatura e enviar-nos o comprovante de depósito pelo fax(0xx11) 3104-4382.***

Assinatura Anual: ***R$ 10,00*** *(dez reais)*
Assinatura de Apoio: ***R$ 15,00*** *(quinze reais)*
Assinatura para o Exterior: ***US$ 10,00*** *(dez dólares)*

Mística da PO

Viva Santo Dias

Falar da mística de Santo Dias é falar de martírio, de sangue derramado, de vida decepada... Mas porque não falr também de flores semeadas? Sim, porque o testemunho de Santo foi marcado por uma forte e consciente opção evangélica, que lhe custou a própria vida em pleno vigor de sua maturidade. Fica claro para todos(as) nós que o itinerário da vida espiritual de Santo Dias era alicerçado na proposta de Jesus de Nazaré. Prova disso é que lutou até as últimas conseqüências...

Assumir a proposta de Jesus é ter coragem de ir para o confronto, mesmo que isto custe a tão "Cara" existência, dom de Deus que ninguém tem o direito de tirar. E Santo Dias soube assumir esta proposta com o testemunho do compromisso efetivo e solidário com seus companheiros trabalhadores na hora mais violenta de um sistema que esmaga, oprime e mata. Ele foi capz de dar um grande salto de qualidade, passando da **fé em Jesus** para a **fé de Jesus de Nazaré.**

Nós, da Pastoral Operária e todos(as) os(as) cristãos(ãs) somos convocados(as) a seguir o exemplo de Santo Dias, o nosso Santo e re-criar os seus sentimentos de forma a dar sinais de vida em novas formas de trabalho.

Irmã Elza Rodrigues - Assistente Nacional da PO

Brasil Urgente

ALCA, REFORMA AGRÁRIA, TRANSGÊNICOS e MORADIA

QUATRO IMPORTANTES LUTAS NO BRASIL DE HOJE

Assistimos a uma retomada das lutas sociais, ainda que frágil. A (re)articulação dos movimentos sociais brasileiros através da Coordenação dos Movimentos Sociais (CMS) que organizou a jornada de mobilizações e lutas na semana de 08 a 13 de setembro, é uma manifestação dessa retomada.

A percepção do movimento social é de que o governo Lula se encontra próximo a uma bifurcação e que terá que decidir por qual rumo desejará trilhar. É aqui que os movimentos desejam contribuir, empurrar o governo para a 'agenda social' e fazê-lo romper com a 'agenda do mercado'. O movimento social já percebeu que para fazer o governo Lula avançar é preciso aumentar a mobilização.

É preciso 'empurrar' o governo brasileiro a partir de baixo, para que mantenha uma posição firme nas negociações.

Nessa perspectiva, alguns fatos chamam a atenção na conjuntura política, econômica e social nas últimas semanas.

1 – Entrega dos abaixo-assinados em Brasília pelo movimento social, solicitando a realização de um plebiscito relacionado à formação da Área de Livre Comércio das Américas (ALCA). Os EUA têm pressa em tornar a ALCA uma realidade para se contrapor a União Européia. Para que a ALCA dê certo é preciso que o Brasil participe, pois somos a terceira maior economia das Américas, só perdendo para o próprio EUA e o Canadá. A posição do governo Lula tem evoluído para o endurecimento nas negociações com os EUA. A realização da Conferência da OMC em Cancún (México), revelou o papel de destaque que o Brasil joga no cenário mundial a partir da sua liderança junto ao que se denominou de G-22 (grupo de países em desenvolvimento) que se contrapõe a União Européia e ao bloco do NAFTA. Em novembro se realiza a Cúpula de Miami. Na pauta, a continuidade das negociações da ALCA. Se o Brasil reproduzir a articulação política que fez em Cancún, cresce o poder de enfrentamento aos interesses dos EUA. Aqui entra a importância da mobilização popular contra a ALCA. É preciso 'empurrar' o governo brasileiro a partir de baixo, para que mantenha uma posição firme nas negociações.

2- Cresce a luta pela moradia. Assistimos a retomada com vigor da luta pela moradia em vários estados brasileiros. Trata-se de um fato conjuntural importante que coloca novamente na agenda a problemática dos 'sem teto' que andava um tanto esquecida.

3 – Nos últimos meses cresceram as ocupações de terra por parte do MST. Na avaliação das lideranças do Movimento Sem Terra o inimigo não é o governo Lula, mas sim o latifúndio. As ocupações têm como objetivo pressionar o governo para que agilize o processo de desapropriação de áreas para fins de reforma agrária. O governo Lula tem vacilado. A demissão do presidente do INCRA foi um recuo.

4 – A polêmica dos Transgênicos. O governo Lula titubeia. Liberou a comercialização da soja transgênica da última safra, mas 'avisou' que não permitiria mais o plantio. Agora liberou novamente. Os ruralistas vibraram, o movimento social lamentou. Por detrás dos transgênicos estão as grandes empresas, como a Monsanto. A avaliação é que se o governo liberar os OGMs, em pouco tempo nossa agricultura ficará dependente. O Brasil é decisivo nessa briga, pois atualmente é o segundo maior produtor de soja (só perde para os EUA). Do Brasil depende o futuro dos transgênicos internacionalmente.

Lutar contra a Alca, apoiar a luta pela Reforma Agrária e da moradia e se contrapor aos transgênicos, são importantes lutas a serem travadas por todos aqueles que desejam um Brasil economicamente justo.

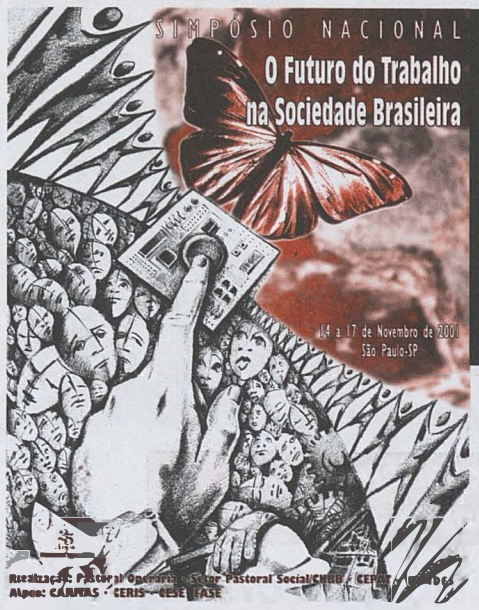
Cesar Sanson
é da equipe do CEPAT - Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores

Agenda

- Dia 11 de Outubro - **Dia Internacional da Mulher Indígena**
- Dia 12 de Outubro - **Grito dos Excluídos Continental/ Dia da Resistência dos Povos/ Fechamento de fronteiras**. em todos os paises
- De 04 a 11 de Outubro - **Consulta Popular sobre a Alca, Dívida e Militarização -** Argentina.
- De 13 a 14 de Outubro - **Reunião do Setor Social/CNBB**
- Dia 15 de Outubro - **Dia Nacional da Juventude.**
- Dia 30 de Outubro - **Assassinato do Santo Dias da Silva Ato Celebrativo tradicional em frente à Fábrica Silvania (Local da morte de Santo Dias) -** Rua Quararibéia, n.º 242 - Campo Grande/Santo Amaro. - **e Caminhada até o Cemitério Campo Grande,** onde ocorre Missa em memória de Santo Dias da Silva
- Dia 31 de outubro - **Dia Mundial da mulher Rural**

pastoral operária
Conquistar
IMPRESSO

EXPEDIENTE
Redação: Arnaldo V., Malu Nakata, Pedro, Maria Goretti e Aldo **Revisão: André Langer, Telma Bessa**
Jornalista: Antonia Carrara/MTB 13746-SP • **Diagramação:** Maria do Amparo
Secretaria Nacional da PO: Praça da Sé, 184 - Sala 1001 - Centro • São Paulo-SP • CEP 01001-000
Tel.: (0xx11) 3105-1393 • Fax: (0xx11) 3104-4382 • E-mail: po.nacional@ig.com.br



O Futuro do Trabalho na Sociedade Brasileira

Encarte Especial do Jornal Conquistar da **Pastoral Operária** Setembro/2003

O MEIO AMBIENTE E O FUTURO DO TRABALHO

Parece que o tema acima não tem nada a ver com a PO, mas se olharmos com cuidado veremos que tem tudo a ver. O meio ambiente é muito amplo, e não é possível tratar dele de uma só vez. Mas vamos começar falando sobre as áreas onde é possível gerar emprego. Em seguida falaremos sobre algumas áreas onde perderemos emprego, se nada for feito, e por último algumas pistas que podem nos dar saídas.

No estado de São Paulo temos uma estimativa de 76 áreas contaminadas (ex.: Acumuladores Ajax, contaminação com chumbo em Bauru, Shell em Paulinia e São Paulo, Solvay com dioxina em Sto André etc). Para descontaminar estas áreas teremos a geração de empregos, assim como a legalização das empresas em situação irregular: 40% das 55 mil empresas do Estado não têm licença, e as licenças só se tornaram obrigatórias na década de 70 do século passado.

A Cetesb (Companhia Estadual responsável pelo controle da poluição) realizou um levantamento no Estado de SP e constatou que dos 645 municípios, 192 foram reprovados no tratamento final do lixo, e apenas 26 tiveram nota dez. Ora, para acertar esta situação será necessário mais mão de obra. Isto sem falar na reciclagem. Só em SP capital são geradas 15 toneladas de entulho por dia.

12,1% das casas, no Estado, não têm saneamento básico, e a maior parte do esgoto coletado é jogado nos rios e córregos. Mais emprego.

Se observarmos o IBAMA(Instituto Brasileiro do Meio Ambiente) vamos ver as reservas ecológicas, estações ecológicas, parques nacionais,... necessitando de mais fiscais. Há 11 anos atrás tínhamos 203 animais na lista dos ameaçados de extinção. Hoje já são 305, mais 1 extinto e 2 extintos na natureza. Projetos para o salvamento destas espécies (como o projeto Tamar) poderão salvar mais empregos.

As RPPN (Reserva Particular de Patrimônio Natural) que hoje já são 392 áreas em todo o país, poderão gerar empregos na área de lazer, educação ambiental e pesquisa.

Mas não adianta gerar 10 empregos e destruir 100. Por isso precisamos mudar a nossa cultura de produção. Veja, hoje a nossa geração está consumindo 40% além do que o planeta pode suportar. Em Joanesburgo 2002 (Rio + 10), a ONU afirmou que se ampliarmos o consumo médio de um estadunidense para toda a população mundial, precisaríamos de três planetas. Ora só temos um. Assim, o sistema atual é inviável.

Vamos observar alguns outros pontos.

Sobre o efeito estufa, se nenhuma providência for tomada, ocorrerá uma catástrofe na nossa agricultura. Vejam alguns dados: devido ao aumento da temperatura teremos um prejuízo de R$ 260 milhões em SP/ano até 2050, com o café. Se a temperatura subir 1,5° C, 170 milhões de pequenos agricultores não conseguirão plantar mais milho na América Latina e na África, com um prejuízo de US$ 2 Bilhões. A produção de feijão irá cair. A velocidade do crescimento das plantas irá aumentar, reduzindo assim a absorção de sais e minerais essenciais à nossa subsistência. Os peixes de água fria sumirão do nosso litoral e as cidades baixas irão ficar debaixo d'água.

> ***Mas há saídas? Há. O primeiro passo é deixar de achar que a defesa do meio ambiente é coisa de burguês.***

A produção de grandes áreas de monoculturas (deserto verde) não é adequada para a região tropical. Com as chuvas, o solo fértil é levado da lavoura para os rios e córregos, assoreando-os e tornando o solo mais fraco.

Os desmatamentos são outro problema. Os 7% restante de Mata Atlântica, garantem água para 100 milhões de brasileiros, e continuam desmatando... Só restam 20% do nosso cerrado e a Amazônia vai para o mesmo caminho. Sem água, não há emprego, trabalho ou vida.

Mas há saídas? Há. O primeiro passo é deixar de achar que a defesa do meio ambiente é coisa de burguês. Precisamos entender e aplicar a Agenda 21. Ela foi criada em 1992, na Rio 92. Ela foi assinada pelos mais de 150 chefes de Estado presentes e possui medidas a serem efetivadas neste século (por isso agenda 21). Ela se baseia num tripé: economicamente viável, ecologicamente sustentável e socialmente equitativo. Como a esquerda não se envolveu nisto, a direita... Jamais podemos nos esquecer que, cada um pode fazer um pouco, e que isto ajudará no todo. Além disto a luta ecológica coloca o capitalismo em xeque mate: olhe os dados acima, além disto ela coloca a vida acima do lucro. Precisamos conhecer melhor este tema, para melhor utilizá-lo na nossa luta pela mudança da sociedade. Ela nos trará muitos subsídios.

Eduardo Paludette
é Coordenador da PO metropolitana/SP

JOVENS E O MUNDO DO TRABALHO

Dados e elementos da juventude no mundo do trabalho:

Desemprego: -

No Mundo - 180 milhões de desempregados e mais de 74 milhões são jovens (41%);

No Brasil Geral – PIA (população em idade ativa) 117,5% milhões de pessoas. Deste total, cerca de 80 milhões (68%) integram a PEA (População Economicamente Ativa).

Da PEA 72,6 milhões (90,8%) estavam ocupados e 7,3 milhões (9,2%) desocupados.

No Brasil Jovem (16 a 24 anos):

29,7 milhões de pessoas ou cerca de 25% da PIA com pelos menos 16 anos;

19,4 milhões compõem a PEA constituindo 24% da PEA nacional com 24 anos de idade ou mais.

Índice de Desemprego jovens - 16 a 24 anos:

Em 1995 11,3%. Em 2001 17,8%.

Entre os mais jovens com idade de 16 a 19 anos essa taxa é ainda maior subindo a 22%.

Em 2001 o total de jovens desempregados chega a 3,5 milhões em todo o país.

Resumindo, os jovens representam 44% da população desempregada do país; sendo 16ª 24 anos (17,8%) e 16 a 19 anos 22%.

Situação dos jovens 16 a 24 anos segundo a PNAD/ 2001:

32% - Trabalham e não estudam;
25% - Estudam e não trabalham;
19% - Estudam e trabalham;
6% - Não estudam e procuram emprego;
5% - Estudam e procuram emprego;

Evolução do Desemprego para a juventude:

Regiões	1995 %	2011 %
Norte	16,0	18,3
Nordeste	10,4	17,1
Sudeste	12,2	19,9
Sul	09,03	13,5
Centro - Oeste	10,8	16,2

♦ Se observarmos a tabela acima perceberemos que os jovens da Região sudeste foram os que sofreram um maior aumento da taxa de desemprego neste 6 anos;

Os maiores problemas vividos:

■ Carga horária excessiva (mais de 8 ou 12 horas diárias);

■ Baixa remuneração;

■ Não tem dia fixo de folga ou estas são em dias diferentes dos outros trabalhadores;

■ Deixam de estudar por falta de tempo e por cansaço. Deixam de ter contato com outros jovens ou mesmo de participar de outras atividades, como lazer, por falta de tempo e dinheiro.



Movimento Permanente contra o desemprego

MANIFESTO DA JUVENTUDE TRABALHADORA

Transcrevemos o Manifesto da JOC - Juventude Operária Católica

CONTRA O DESEMPREGO

Nós jovens pertencentes a classe trabalhadora viemos através desta denunciar a dura realidade a qual estamos submetidos.

Vivemos constantemente com as ameaças do desemprego, exclusão social e política, com a falta de acesso aos direitos básicos, contidos na constituição Federal: emprego, educação, saúde, lazer e cultura, participação social.

Apesar de sermos mais da metade da população economicamente ativa no país, representamos 49% dos desempregados, ou seja, cerca de 3,3 milhões de jovens na faixa etária de 15 a 24 anos (Fonte – pesquisa Márcio Pochmenn). O desemprego mina todas as nossas perspectivas de vida, roubando nosso direito de sonhar nos levando em muitos momentos, ao sentido de incapacidade e à depressão. Muitas vezes o envolvimento com o narcotráfico, a prática de pequenos delitos, tem sido a saída encontrada por grande parte dos jovens. Outros , tem externado toda sua angústia, através da violência, dos conflitos familiares e de drogas lícitas ou ilícitas.

A irrelevância com que é tratada nossa sexualidade e afetividade por toda a sociedade, trás grandes conseqüências em nosso cotidiano: deterioração das relações afetivas; desintegração familiar, altos índices de DTSs/ AIDS... crescente taxas de violência contra mulheres e homossexuais; número elevado de mortes por causa da gravidez precoce e abortos clandestinos....

Somado a toda esta realidade o sucateamento e a mercantilização do ensino público limita nossa formação para a vida e para o trabalho.

Esta realidade, trás grandes conseqüências, para nossa formação pessoal e desenvolvimento humano, nos fazendo sentir em muitos momentos, que somos culpados pela situação em que vivemos.

Entendemos que a causa principal desta realidade, está no modelo econômico adotado no país, que segue as ordens do capital internacional e do dito mercado, onde o controle das riquezas nacionais permanece nas mãos de uma minoria dominante.

Frente a esta situação de opressão a que estamos submetidos, nós jovens trabalhadoras/es, não estamos passivos, lutamos arduamente para transformar esta realidade e seguimos no compromisso de através do processo de formação e organização, sermos protagonistas desta transformação e assim descobrir o sentido mais profundo de nossas vidas.

Nossas principais Reivindicações:

PELO FIM DO SEMPREGO E DIREITO AO TRABALHO DIGNO PARA TODOS E TODAS.

- *Passe livre para estudantes e desempregados.*
- *Redução da Jornada de Trabalho para 36 horas semanais.*
- *Reforma agrária e urbana sob controle dos trabalhadores.*
- *Educação pública gratuita e de boa qualidade.*
- *Orientação Sexual nas escolas e bairros.*
- *Fim de todo e qualquer tipo de discriminação.*
- *Não à Flexibilização das leis Trabalhistas.*
- *Não à ALCA e à Guerra Imperialista.*

SEMANA INTERNACIONAL DA JUNVENTUDE TRABALHADORA

24 de abril a 1º. de maio de 2003.

Experiências de trabalho alternativo

Centro de Formação Santo Dias

Inaugurado no início de 2002, o Centro de Formação Santo Dias fica em Curitiba/PR, no bairro conhecido como Vila das Torres. Iniciativa do grupo de Pastoral Operária do local, foi idealizado e é coordenado pelo casal Marilde e Luiz Young.

O Centro abriga dois projetos largamente utilizados pela população: o Cursão Pré-Vestibular e a Oficina de Corte e Costura Solidariedade.

O pré-vestibular é freqüentado por jovens que, nos finais de semana recebem aulas e orientações de professores que preparam-nos para o concurso vestibular, de ingresso nas faculdades. Os(as) professores(as) realizam o trabalho de forma voluntária. No local, estão sendo constituídas mais salas, incluindo um espaço que funcionará como biblioteca.

A Oficina de Corte e Costura funciona como geração de trabalho e renda para mulheres da região, que produzem todos os tipos de roupas, incluindo uniformes escolares.

Associação Santo Dias

A Associação Santo Dias fundada em 23 de maio de 1997 é uma entidade sem fins lucrativos, que surgiu a partir do trabalho desenvolvido pela Pastoral Operária de Fortaleza/CE, na região 3 – Messejana. Envolvida na problemática do mundo do trabalho e preocupada com a sua prática, decidiu e realizou uma pesquisa na área, para determinar a maneira de atuar. O resultado foi a descoberta que o maior desafio é interferir na educação de jovens e adultos, para garantir-lhes uma profissão, uma ocupação, uma fonte de renda e melhores condições de vida.

Inicialmente, com verbas recebidas do FAT e doações de amigos, a entidade montou estrutura com computadores, máquinas de costura industrial, bancadas para instalações elétricas e equipamentos para confecção de pães. Assim, formou-se o Projeto Reconquistar, considerado modelo de educação popular, por integrar formação escolar (Certificação de Ensino Fundamental) com formação profissionalizante e crítica (Gestão). Reconhecido pelo Conselho de Educação do Ceará, pela mídia e sociedade organizada, recebeu o prêmio Medalha Paulo Freire da Câmara Municipal de Fortaleza.

Atualmente, em parceria com a Visão Mundial - ONG humanitária cristã – a Associação desenvolve o projeto "Vida de Criança", que amplia o atendimento realizado com jovens e adultos, para o público infanto-juvenil.

dados BASE

nº 15 - maio/junho - 1985

INSTITUTO BRASILEIRO DE ANALISES SOCIAIS E ECONÔMICAS

CONJUNTURA

Avanços e recuos

A morte do presidente eleito Tancredo Neves deixou a hegemonia liberal sem direção política, ameaçando a estabilidade da Aliança Democrática. José Sarney recebeu de herança as promessas de Tancredo, os acordos feitos por ele e as expectativas dos milhões de brasileiros que, mesmo sem terem votado, endossaram o pacto que permitiu o fim do regime militar. Sarney, porém, ainda não assumiu o poder e nem a direção de um ministério que não resultou de uma escolha sua. As consequências dessa situação já parecem claras: Sarney se vê obrigado a recorrer a reuniões com especialistas e representantes de segmentos da sociedade, formando quase que um corpo de conselheiros à parte; e encontra sérias dificuldades para levar adiante o pacto político que permitiria a unidade do plano de governo.

Outra coisa também parece clara. Sarney pretende fortalecer o Legislativo. Exemplo disso é a mensagem enviada ao Congresso Nacional para a convocação da Constituinte. Havia uma grande expectativa em torno desse documento, pois ao formar a comissão liderada por Afonso Arinos, Sarney deu a impressão de que apresentaria uma proposta fechada e, mais uma vez, o Congresso seria passado para trás. Mas, ao contrário o texto da mensagem transfere para o parlamento todas as atribuições para que o processo deslanche.

O despreparo da sociedade para a convivência democrática também ficou evidente nestes dois meses, levando a um quadro de avanços e recuos, pois muitas das forças que aceitaram a aliança liberal parecem ter esquecido dos compromissos assumidos e retomam velhas posturas, numa evidente intenção de manter as coisas como sempre estiveram. Três fatos merecem destaque nesse sentido. As fraudes ocorridas na votação da emenda dos dois turnos nas eleições municipais, na Câmara Federal. Os deputados acabaram protegidos pelo espírito de corpo da casa e não foram punidos, e nem a votação foi anulada apesar de todas as provas. Mas, sem dúvida, a imagem do Legislativo não ganhou nada com isso.

O segundo fato foi a apresentação, pela Confederação Nacional da Indústria, de um substitutivo para o anteprojeto da Lei de Greve. Os signatários desse substitutivo, que apoiaram a aliança e os acordos firmados com ela, pretendem manter em vigor a legislação anti-democrática herdada do fascismo e burilada ao longo dos anos de regime autoritário. Estes industriais continuam raciocinando em termos de greves legais e ilegais e defendem a intervenção nos sindicatos. Um recuo evidente se comparado aos discursos liberais de representantes do empresariado durante o ano passado.

Outro recuo relevante, e este de alcance social bem mais profundo, é a postura de setores rurais frente ao projeto de reforma agrária proposto pelo governo. Enquanto Sarney afirma que a redistribuição das terras é um projeto inadiável, aventando inclusive o apoio de forças militares para que se cumpra o que ficar definido, estes proprietários rurais engendram uma campanha de terror, apoiando-se em alguns órgãos da grande imprensa, pincelando um quadro de guerra civil que estaria sendo provocado pela insistência do governo em discutir a questão. A proposta da reforma agrária iluminou o quadro das contradições reais entre as minorias espoliadoras e as massas espoliadas. Depois de sair de cena por um certo tempo, a discussão da reforma agrária tráz de volta um personagem teimoso: a extrema direita, que sempre se vê como vítima de qualquer tentativa de mudança que possa abrir caminho para a superação das crises sociais.

Se, no cenário social e político, as tentativas de mudanças, atropeladas pelos recuos e pressões, caracterizam um período de transição, na economia as mudanças ainda não são substanciais. No setor da dívida externa, por exemplo, mesmo após a visita do FMI, não há nada definido. Uma nova visita do FMI neste mês de julho pode resultar no fechamento da 8ª Carta de Intenções, mas a negociação com os 700 bancos credores ainda pode se arrastar, apesar do prazo fatal ser agosto. Na melhor das hipóteses, o acordo com os bancos será prorrogado em 90 dias. Há, no entanto, pontos que terão que ser discutidos e acertados: a questão da auditoria que os bancos pretendem fazer na economia brasileira até o final do século; o foro dos julgamentos para os eventuais não cumprimentos de acordos, que hoje deixa o Brasil sem espaço para defesa; e as cláusulas impostas para as retomadas de dinheiro novo. Questões estas que estão intimamente ligadas à soberania nacional.

Na questão interna, os juros vão sendo pressionados para baixo, mas de forma muito tímida, enquanto o controle de preços obtém resultados discutíveis. O déficit público e os cortes de gastos, porém, continuam sem definição. As previsões são de que 21 projetos das estatais serão atingidos pelos cortes, mas isso só dará resultados concretos em 1986. A questão das estatais é um dos pontos delicados da política economica. Os cortes são uma imposição do FMI, e atingirão empresas produtivas. Enquanto isso, há manobras em andamento no sentido de abrir ainda mais a economia brasileira à ação das transnacionais através da privatização de mais de 30 empresas estatais.

Concluindo, pode-se afirmar que a hegemonia liberal continua, mas se ela não conseguir se definir como governo e dirigir a realização do seu projeto, pode se abrir um vazio que, neste momento, não há como ser preenchido pela proposta democrático/popular, que ainda espera seu tempo, apesar de estar viva na esperança de milhões de pessoas.

O QUE É

PROÁLCOOL, QUE ALTERNATIVA É ESTA?

Lançado como alternativa energética à crise do petróleo iniciada em 1973, a sociedade brasileira vê surgir no final de 1974 o Programa Nacional do Álcool ou PROÁLCOOL. Iniciativa do Estado, previa a redução das disparidades regionais e individuais de renda, crescimento da renda interna e produção de 10,7 bilhões de litros de álcool em 1985.

Passados dez anos, somente a estimativa de produção para o ano de 1985 parece alcançável, uma vez que se espera atingir com a safra atual a produção de 11 bilhões de litros de álcool.

Quanto aos gastos do projeto, não há uma avaliação precisa de quanto foi dispensado nesses dez anos. O que se sabe é que oficialmente cerca de 9 bilhões de dólares teriam sido investidos em 400 usinas e destilarias espalhadas pelo Brasil. Os jornais noticiam o não pagamento de empréstimos contraídos por várias usinas em bancos estrangeiros, com aval do Instituto de Açúcar e do Álcool; e observamos conflitos como o de Guarabira, Sertãozinho, Pradópolis e Jaboticabal, no Estado de São Paulo, movimentados por aqueles que tocam a indústria do álcool e que um dia foram lançados no papel como possíveis beneficiários. Hoje, na maioria, bóias-frias.

Até mesmo o Banco Mundial, forte financiador do programa, afirma que com um custo de 70.000 dólares por emprego gerado no Nordeste, este teve um efeito negativo sobre a população de baixa renda da região, isto levando em consideração a queda da produção de alimentos e expansão do monocultivo de cana-de-açúcar.

Com efeito, a área da lavoura canavieira de 1.932,6 hectares em passou para 3.867,2 hectares em 1984 (um crescimento de 100,1%), gerou concentração de terras e marginalizou a produção de alimentos básicos. O Estado de São Paulo é exemplo típico desses dois fenômenos gerados pelo PROÁLCOOL. No período 1975-1984 a área cultivada com cana-de-açúcar cresceu 146,1% (ver quadro). Enquanto no período de 1973/1974 a 1978/1979 as culturas de arroz e milho diminuiram, respectivamente, 35,4% e 18,3% e o feijão crescia minguados 17,6%.

O PROÁLCOOL, que no início de sua implantação sofreu forte resistência do setor automobilístico e de autopeças, tem, hoje, esses dois como os maiores aliados. Com as dificuldades enfrentadas pelo mercado mundial de açúcar, atualmente com excesso de produção e sem acordo internacional regulador, usineiros e setor automobilístico aliam-se e empenham-se em promover o Programa. Saída econômica para os dois. Os usineiros obtêm mais vantagens transformando sua produção em álcool do que em açúcar. O Programa, se aceito internacionalmente, gerará às multinacionais do setor automobilístico crescimento sem risco, desde que o álcool, ao contrário do petróleo, é uma fonte renovável de energia. Os usineiros ainda teriam a ganhar com a exportação da tecnologia de transformação do álcool.

É diante deste quadro que se realizou, em São Paulo, um simpósio internacional, patrocinado pela COPERSUCAR (Cooperativa dos Produtores de Açúcar e Álcool, que reúne 74 usinas e destilarias responsável pela industrialização de 40% da produção de cana), objetivando vender a alternativa do uso de álcool aos países desenvolvidos e em desenvolvimento.

O Programa, apresentado como alternativa energética e solução para a retração do mercado internacional de açúcar, esconde o desequilíbrio gerado por este mesmo, isto no que se refere aos trabalhadores e pequenos proprietários das regiões atingidas pela expansão do monocultivo do açúcar. Esconde conflitos como aqueles ocorridos em maio deste ano, quando trabalhadores rurais da cana, reivindicando, entre outros pontos, diária mínima de CR$ 50.000 , contrato de trabalho por 1 ano, registro da produção alcançada pelo trabalhador, receberam como resposta: forte repressão policial, prisões e estabelecimento de diárias de trabalho a CR$ 18.000 . Como avaliar positivamente um programa que traz contradições desta natureza?

Área cultivada com cana-de-açúcar (em 1.000 hectares)

Estados	1975	1980	1984
Alagoas	326,2	370,1	473,8
Amazonas	-	0,7	1,8
Bahia	15,5	13,9	26,6
Ceará	5,5	18,0	18,3
Espírito Santo	15,0	17,1	40,0
Goiás	6,6	14,5	70,0
Maranhão	-	8,0	12,8
Mato Grosso	3,0	6,7	17,6
Mato Grosso do Sul	-	15,8	65,6
Minas Gerais	85,7	124,5	195,9
Pará	-	5,5	6,0
Paraíba	37,7	82,0	136,0
Paraná	48,8	83,1	144,0
Pernambuco	391,2	420,0	472,0
Piauí	-	1,5	5,5
Rio de Janeiro	190,0	216,9	219,0
Rio Grande do Norte	13,4	24,0	53,5
Rio Grande do Sul	3,5	3,5	3,7
Rondônia	-	-	1,9
Santa Catarina	9,4	11,6	7,1
São Paulo	759,9	1.217,9	1.870,3
Sergipe	21,1	20,2	25,8
Brasil	1.932,6	2.675,6	3.867,2

Fonte: IAA/PLANALSUCAR. Relatório Anual (Diversos).

CEDIM CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E DIFUSÃO DO INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR - UFRRJ

REFORMA AGRÁRIA

A reforma agrária foi uma promessa anunciada em praça pública pelo presidente Tancredo Neves. O ministro Nelson Ribeiro foi escolhido por Tancredo, em acordo com os principais interessados na mudança no campo: movimento sindical e Igreja. Mas a reforma era vista muito mais como questão social do que como uma solução para o desenvolvimento ecônomico e político.

A realidade transformou a reforma agrária naquilo que ela é de fato: a questão central do desenvolvimento ecônomico, social e político do país. E está obrigando o governo a enfrentá-la como sua esfinge. Até maio deste ano, a Nova República havia prometido o seguinte:

- a aplicação do Estatuto da Terra começará pelo Nordeste;
- serão assentadas 6 milhões de famílias de agricultores sem terra, ao longo de um período de 15 anos, começando com 100 mil ainda este ano;
- as prioridades para a reforma começarão a ser definidas a partir dos homens e não das terras;
- o governo vai verificar onde estão concentrados os agricultores sem terra e procurará encontrar nessa mesma região terras onde possa abrigá-los;
- o INCRA divulgará os cadastros das terras que poderão ser desapropriadas;
- a reforma agrária não tem caráter traumático, pois não é contra ninguém;
- o resultado do trabalho das 17 comissões coordenadas pelo presidente do INCRA, para elaborar as propostas para o Plano de Reforma Agrária será submetido aos participantes do IV Congresso Nacional dos Trabalhadores Rurais e a toda a sociedade;
- os latifúndios improdutivos próximos aos centros mais populosos serão as primeiras terras-alvo da reforma;
- na reforma serão priorizadas as áreas de conflito, que somente em 1984 produziram 116 mortes;
- o GETAT e o GEBAM serão extintos até o final do ano;
- a reforma agrária tem de vir pela desapropriação do latinfúndio. A propriedade rural brasileira tem que deixar de ser fator de especulação no mercado e se transformar em terra produtiva;
- os grileiros, como são marginais, serão tratados como marginais;
- o Programa Nacional de Reforma Agrária deverá ser colocado e, execução no segundo semestre deste ano.

Estas são algumas das promessas e colocações feitas pelo governo através do presidente Sarney e seus ministros. A peça fundamental destas promessas, no entanto, é o próprio Plano, cujos pontos fundamentais são:

- a reforma agrária será um programa de governo na sua totalidade;
- o instrumento da reforma agrária será a desapropriação por interesse social a ser desencadeada em áreas de grande concentração do latinfúndio, de elevado índice de concentração de trabalhadores rurais sem ou com pouca terra, com formas injustas de relações de trabalho e produção;
- a discriminação de terras públicas se fará nas áreas de fronteiras agrícolas em expansão ou áreas de ocupação antiga com ocorrências de situações atípicas;
- as atividades de colonização serão desenvolvidas em terras públicas e devolutas;
- ações da reforma agrária para o próximo quadriênio:

1. contenção da expansão do latifúndio: desapropriação dos latifúndios extensos sem utilização, tributação, proposta de novas medidas legais e correção de políticas específicas;
2. garantia da destinação social das obras públicas no campo. Reverter os grandes investimentos públicos em favor do conjunto da sociedade;
3. atendimento às demandas sociais mais urgentes: solução dos conflitos, conter a violência, estancar o êxodo;
4. integração da sociedade civil na execução do plano;
5. cobrança dos devedores, pelo INCRA;
6. democratização dos dados cadastrais;
7. levantamento dos projetos inadimplentes;
8. aceleração na demarcação das terras indígenas.

Além do grande debate nacional sobre a reforma agrária, desencadeado pela proposta do governo, as medidas mais relevantes tomadas até agora foram:

- transformação do Ministério Extraordinário dos Assuntos Fundiários em Ministério da Reforma e Desenvolvimento Agrário, sem vinculação com o Conselho de Segurança Nacional;
- recadastramento pelo SERPRO de todas as terras da União, estados e municípios para orientar a execução do programa de reforma agrária;
- anúncio oficial, pelo presidente Sarney, da aplicação em 15 anos de US$ 12 bilhões no Programa de Apoio ao Pequeno Produtor Rural do Nordeste, conhecido como Projeto Nordeste;
- em caráter provisório, foi constituído no MIRAD um grupo de trabalho para discutir soluções relativas aos casos mais graves e emergências que possam resultar em despejo ou violência;
- o INCRA já definiu as primeiras oito áreas, que somam 50 mil hectares, para serem desapropriadas;
- a posição assumida pelo presidente Sarney, em sua entrevista coletiva de 17 de junho, reafirmando sua decisão de levar adiante a reforma agrária, depois de ter ficado um certo tempo em silêncio.

A reforma agrária, entretanto, não pode ser encarada como um fato estanque, isolado. O Brasil precisa de uma política agrícola, depois de tantos anos de casuísmos e atrelamento ao modelo exportador. Para que isso se concretize, além da reforma agrária seria preciso cuidar da produção e da comercialização, priorizando o mercado interno. Nos dois meses da Nova República algumas medidas de conteúdo contraditório foram tomadas: eliminação do sistema de cotas para a exportação do café e do açúcar, que poderá reduzir os preços no mercado interno, aumentar o consumo e permitir a redução dos subsídios, internacionais; o corte do subsídio do trigo, imposto pelo FMI e aceito pelo Ministério da Fazenda, aumentará o preço interno e reduzirá o consumo (tratando-se de um produto importado, a medida visa atingir a inflação); a isenção do ICM na exportação do algodão atendeu aos produtores, mas não atendeu à indústria têxtil, pois se trata de uma matéria-prima não manufaturada. São quatro medidas, duas favorecendo os consumidores e duas favorecendo os produtores.

Após três meses de governo, fica evidente que a política agrícola não parte do Ministério da Agricultura, mas do Ministério da Fazenda e do Conselho Monetário. A política agrícola obedecia à diretriz de apoiar a produção de produtos primários exportáveis, gerando estagnação do mercado interno, enquanto a população crescia em 30% em 20 anos. A mudança dessa situação enfrenta obstáculos na estrutura fundiária, daí a necessidade de reforma agrária, mas também enfrenta os interesses estabelecidos dos intermediários e exportadores e as pressões do FMI.

IBASE analisa política do governo

A partir de maio deste ano, o IBASE começou a realizar, mensalmente, uma avaliação do desempenho do governo federal.
A análise procura estabelecer um confronto entre as demandas da sociedade, as promessas feitas durante a campanha sucessória e as medidas concretas tomadas pela administração federal. O trabalho de análise das políticas governamentais é feito a partir do levantamento de toda ação do governo e das manifestações da sociedade civil a ele dirigidas. A matéria-prima básica é aquilo que a grande imprensa publica, completado por documentos oficiais e públicos. O resultado desse trabalho é distribuído mediante solicitação ao IBASE e sua reprodução é livre, desde que citada a fonte.
Em seguida,publicamos uma versão resumida da análise das políticas governamentais entre os meses de maio e junho.

Um mês de impasses

No mês que passou, a leitura das demandas da sociedade organizada sob a forma de sindicatos ou federações rurais, associações de bairro ou entidades de classe, deixa claro que é preciso:
- reativar a economia para gerar emprego;
- rever a estrutura fundiária para produzir alimentos;
- acionar os programas sociais para reduzir as carências de saúde, alimentacão, habitação, educacão e transporte;
- modernizar os instrumentos de política salarial, quer no setor público, quer na área privada.

Que respostas o governo tem dado a isso? A primeira evidência é a desarticulacão das equipes do governo e o não preenchimento dos escalões intermediários em setores fundamentais. As medidas que requerem uma ação conjunta de dois ou três ministérios são tomadas isoladamente. No interior de cada ministério a desarticulação também existe. Veiamos como isto se manifesta em algumas áreas:

- a política de reforma agrária, sob ataque cerrado dos latifundiários, ficou órfã do apoio presidencial explícito durante várias semanas e não encontra irmãos nos demais ministérios. No entanto, o projeto RADAM deveria colaborar com mapeamentos; o ministério do Interior, com a adaptação do seu (ou do Banco Mundial?) Projeto Nordeste; o ministério dos Transportes deveria rever seus planos de inversão em rodovias vicinais; o das Minas e Energia, deveria estudar programas de biogás.
- a política agrícola e as medidas para implementá-las estão, na verdade, nas mãos do Conselho Monetário Nacional e o ministro Pedro Simon, perplexo, descobre que o verdadeiro ministério da Agricultura é o Banco do Brasil, e o verdadeiro ministro são os interesses dos exportadores.
- a política salarial, descobre o ministro Pazzianotto, depende muito mais do cálculo do INPC e do IGP e, mais ainda, do Conselho de Política Salarial, do que do seu ministério. A lei de greve, reformulada, só valerá a partir do momento em que a FIESP e a Associação Comercial de São Paulo acabarem de preparar suas "alternativas" para o presidente Sarney.
- a política monetária não serve para sustentar um projeto econômico, como gostaria o ministro Sayad, mas para sustentar o sistema bancário com seus privilégios, conforme as decisões da reunião de 5 de junho. Aparentemente se beneficiam os bancos nacionais; mas, o que dizer da crescente participação dos bancos estrangeiros no mercado financeiro brasileiro?

O controle dos preços e a inequívoca prova de competência no caso do reajuste dos automóveis mostra um governo que assume responsabilidades e defende o interesse público. Sem dúvida, existirá impacto positivo para a redução da taxa de inflação. Existe um avanço também na política de estocagem de alimentos básicos, na revisão do papel da COBAL e nos planos de safra em andamento. E, certamente, na lei de greve.

Já os recuos correm por conta das articulações da direita e do conservadorismo: a ação repressiva do ministro das Comunicações na greve da EBCT; a posição monetarista do Lemgruber, apoiado por quase todos os banqueiros e Dornelles, no sentido de não reduzir as taxas de juros; a formação da Central Empresarial (Confederação Nacional da Indústria, Confederação Nacional do Comércio, Federação Brasileira de Bancos e Confederação Nacional de Agricultura), que em duas semanas se avistou com Sarney, acusou a Igreja pelas greves, conversou longamente com Gusmão e bombardeou a reforma agrária. Convém lembrar que o presidente Sarney tem ouvido economistas de quase todas as tendências, mas usa como conselheiro o diretor da Sharp e representante da Wharton Econometrics no Brasil, Yuichi Tsukamoto.

Os impasses, resultantes desse quadro, estão aí. A questão do BNH reflete os problemas da ciranda financeira e da própria política habitacional e assume uma importância enorme, pois definirá um padrão. O mesmo se repete na política de transporte, na previdência, na saúde, na produção de alimentos, na reforma agrária, nas relações do trabalho. Estas questões emergentes serão consideradas a partir dos interesses da sociedade ou serão condicionadas pelas imposições do FMI e do capital financeiro nacional e transnacional? A escolha será entre:
- crédito para os plantadores de soja, subsidiando o importador norte-americano e europeu, ou crédito para o pequeno agricultor e a produção para o mercado interno;
- lançamento de ORTNs com leilões, pressionando as taxas de juros para cima, ou redução dos juros com o Banco Central operando no "open";
- ingresso de novos recursos externos (de US$ 2 a 4 bi-

lhões) com o apoio do FMI ou ingerência do próprio fundo nos próximos 16 anos para vigiar o desempenho do Brasil;
- projetos de ferrovias em associação com os japoneses para exportar soja do Paraguai, para a exploração neo-colonialista do Cerrado e para a internacionalização de Carajás, ou recuperação da malha viária para o abastecimento interno; só a ferrovia "japonesa" de Paranaguá ao Paraguai representa um investimento de US$ 10 bilhões e, coincidentemente, tem o patrocínio do Sr. Eliezer Batista, presidente da Companhia Vale do Rio Doce;
- redução do déficit público pela via da redução dos juros internos e estancamento da drenagem de dólares para o exterior, ou corte indiscriminado dos investimentos em curso na Petrobrás, Eletrobrás, RFFSA e Siderbrás;
- desmantelamento da Caraíba e da USIMEC, ou geração de encomendas de equipamentos nas empresas nacionais.

A simples indefinição do govèrno diante desses impasses já é uma resposta. Ela permite a abertura de espaço para que se rearticulem os interesses externos e das minorias. Paralelamente ao governo Sarney, pode se constituir outro, o dos "ministros" Albano Franco, Luis Eulálio Vidigal, Guilherme Afif, Konder Bornhausen e Flavio Brito, ajudados por Ana Maria Jul e Diego Ascêncio.

Políticas Setoriais

Entre as políticas governamentais analisadas pelo documento do IBASE, destacamos a industrial e a energética. O quadro atual do setor industrial brasileiro é de um domínio amplo das empresas transnacionais em seu segmento mais dinâmico: montadoras e empresas do cartel elétrico, por exemplo. A indústria tradicional (têxtil, calçados, alimentos) tem seus setores mais dinâmicos também controlados por transnacionais, como a Nestlé, Danone, General Foods. Nas indústrias pesadas, há a presença do Estado sozinho (Siderbrás) ou associado ao capital transnacional (CVRD) ou a alguns grupos nacionais (Votorantim) e ainda o tripé nacional-Estado-transnacional no setor petroquímico. Apesar da presença da IBM, nos setores de ponta tecnológica a política de reserva de mercado sustentou o aparecimento de empresas nacionais (Cobra, Edisa, Elebra, Scopus).

Dentro desse quadro, as demandas maiores são a recuperação do nível de atividade econômica e a consolidação ou recuperação das empresas nacionais. O PND da Nova República definiu como prioritários os segmentos de informática, mecânica de precisão, biotecnologia, química fina e novos materiais, assinalando a necessidade de definir novas políticas de financiamento, desenvolvimento regional e setorial, regulamentação do papel de Estado e do capital transnacional. Os economistas da Unicamp, em sua "Proposta de Política Industrial para o Brasil", discutiram com alguns empresários e chegaram às mesmas posições. A equipe do ministro Gusmão, ainda trabalhando de forma tradicional, fechada ou em círculos restritos, faz uma formulação bastante semelhante. Parte da consideração de que existe uma indústria já implantada e pede créditos com juros subsidiados "de modo a permitir novos investimentos". Admite mudar a estrutura e forma de atuação do MIC. É, de longe, a melhor proposta em discussão.

Apesar dessa afinação de pontos de vista, chega a surpreender a visão deformada da tecnocracia e da intelectualidade que desconhecem o papel que os investimentos na infraestrutura básica (transportes e energia) e na infraestrutura social (em parte reconhecida por Sayad e Gusmão) possam ter no processo de retomada e de ocupação da indústria nacional. Esta, por sua vez, acostumada aos "Pacotes financeiros", nada faz para reverter a situação. Sayad admite a consolidação de alguns projetos e isto pode significar a garantia dos recursos internos de contrapartida para as importações de equipamentos já acertadas. Mas, a questão central é a seguinte: quem decide a política industrial? O governo, com suas boas intenções e planos, ou os setores articulados com interesses externos? Será que a única forma de pagar a dívida externa é abrir setores vitais para o capital estrangeiro?

Energia

A política de ajustamento da estrutura de produção da energia elétrica no Brasil, ao atuar também do lado da demanda, constituiu-se em experiência única no contexto das nações em desenvolvimento. No entanto, é possível detectar pelo menos quatro aspectos negativos:
- uso de pacotes financeiros para a implantação de programas energéticos, com total desprezo pela capacidade instalada de produção de equipamentos na país, com inadequado cronograma de entrega dos "suppliers";
- adoção de modelo e escala de produção visando otimizar a produção de energia, com grandes barragens e enormes compromissos financeiros, em detrimento de soluções intermediárias e uso múltiplo de águas;
- realização de um programa nuclear faraônico e equivocado, descontinuando os programas em curso no país (grupo do tório), servindo basicamente a interesses externos;
- desatenção às questões de transmissão e distribuição de energia, com reflexos na capacidade de interligar os sistemas, na geração dos sistemas e no próprio acesso do consumidor às fontes de energia;
- atrelamento dos programas e projetos aos financiadores externos, com flagrante e deliberada mudança no perfil de endividamento do grupo Eletrobrás e total dependência de suas decisões ao arbítrio dos financiadores.

Nestes primeiros meses da Nova República, ficou evidente o retardamento injustificável dos programas de gás natural e biogás; a falência do programa nuclear; a descoberta de equipamentos encaixotados; a degradação do meio ambiente e as "brechas" no programa de contratos de risco. O PND não toca nesse assunto. Mas a associação de Engenheiros da Petrobrás, no Maranhão, conseguiu reduzir a área de risco do contrato com a Chevron, mostrando que a sociedade organizada pode interferir nas decisões.

O setor energético é daqueles que, nos últimos anos, sofreu mudanças. Isto se deve à ação da Petrobrás, principalmente, no caso da Eletrobrás, mesmo com as negociatas e o atrelamento do capital financeiro externo, houve avanços. Existem potencialidades: gás natural, biogás, conservação. Existem questões novas: meio ambiente, padrão financeiro, política de encomendas e desenvolvimento tecnológico. Tudo isso exige reformulação, com dois objetivos:
- rever os planos estratégicos do setor (Plano 2000), redirecionando-o para interesses nacionais;
- tirar partido dos pesados investimentos necessários, para dar base ao processo de desenvolvimento auto-sustentado e permanente que o país precisa realizar.

Este setor, como os de transporte e de produção de alimentos, constituem as principais áreas de um programa de desenvolvimento que, junto com os setores estratégicos (bens de capital e novas fronteiras tecnológicas), poderão definir os investimentos do IV PND.

INFORME SINDICAL

A GREVE EM QUESTÃO

Avanços e recuos também caracterizaram a atuação do governo da Nova República face aos movimentos grevistas dos últimos dois meses. O Ministério do Trabalho tem atuado de forma a não interferir nos sindicatos, ao mesmo tempo em que continuam as gestões para modificar a legislação trabalhista herdada da ditadura. O presidente Sarney já tem em mãos o ante-projeto de lei de greve, onde o direito à greve é regulamentado e adequado ao novo regime, criando um sistema de negociações entre as partes que preserva a um só tempo o direito do trabalhador e o respeito à ordem pública.

O maior mérito do projeto é a revogação da atual lei 4.330 - a atual lei de greve - e demais despositivos da CLT, assim como o decreto-lei 1.632, que regulamenta as greves em setores considerados essenciais. Mesmo assim, ainda é mantida uma presença excessiva do Estado na questão trabalhista, além do sobre-dimensionamento das chamadas atividades essenciais onde a greve não é permitida. A proposta do Ministério do Trabalho ultrapassa, porém, a simples questão da legalidade ou ilegalidade das greves, para colocar a questão da legitimidade, ou seja, o limite em que uma greve pode ser aceita por todos. Essa proposta se limita no tempo e no espaço, até a convocação da Assembléia Nacional Constituinte, quando as relações entre a classe empresarial e os trabalhadores serão postas em debate.

Três fatos merecem destaque, nestes últimos dois meses, no que diz respeito à postura do governo em relação aos trabalhadores. Primeiro a nota oficial, emitida em 14 de maio, após reunião entre os ministros da Justiça, do Trabalho, da Indústria e do Comércio e os chefes do Serviço Nacional de Informações e do Gabinete Civil da Presidência da República. Eles fizeram uma ampla análise da conjuntura e concluiram que tudo caminhava dentro dos padrões de normalidade. Isto posto, o governo se compremetia, através daquela nota, a assegurar o direito de greve reivindicatória. Mas advertia que tais movimentos deveriam se manter nos limites da lei, assegurando o direito ao trabalho, preservando a propriedade e mantendo a ordem pública e a paz social.

O segundo fato relevante foi a entrega do ante-projeto de lei que altera a atual legislação sobre greve, pelo ministro Almir Pazzianotto ao presidente José Sarney. A Lei de Negociações Trabalhistas, que deverá substituir a atual Lei de Greve, regula a negociação coletiva e o direito de greve. Essa proposta terá que ser submetida ao Congresso Nacional.

Em terceiro lugar, o ministro do Trabalho não intervém em nenhum sindicato e se recusa a declarar "estado de greve" no caso dos empregados da EBCT. Pazzianotto entra em conflito com o ministro das Comunicações, que solicitou aos governos estaduais a intervenção da política militar e demitiu grevistas.

Tanto a CUT como a CONCLAT reivindicam o reconhecimento irrestrito do direito de greve. Jair Meneghelli, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Metalúrgicos de São Bernardo e Diadema e da CUT nacional declarou no dia 18 de maio que o Estado só deve intervir nas negociações trabalhistas para estimular o entendimento. Enquanto isso, representantes da diretoria Nacioanl da CUT entregaram ao ministro do Trabalho um documento endereçado ao presidente Sarney, onde além de reivindicarem o direito de greve, o fim da repressão policial nas fábricas e a readmissão de 4.419 trabalhadores demitidos durante a última greve, pede ao governo que abandone a postura de mero observador e passe a interceder politicamente contra a repressão e as demissões.

NOTÍCIAS

DEFENDENDO INTERESSES

Ao levar adiante o projeto de implantação da Reforma Agrária, o governo da Nova República certamente tocou no ponto mais frágil da aliança que permitiu a vitória dos liberais contra o continuismo de Paulo Maluf. Enquanto o projeto se manteve a nível das promessas, como parte do elenco de medidas anunciadas durante a campanha sucessória, ainda era possível camuflar a diversidade de interesses que se alojam na aliança liberal. Agora, porém, que a questão está colocada concretamente, uma rápida leitura na grande imprensa torna evidente os interesses que estão em jogo.

Fiquemos com quatro exemplos marcantes da utilização dos meios de comunicação como forum de defesa dos interesses dos grandes proprietários contrários à Reforma Agrária. O primeiro deles, muito sutil, é o da TV Globo, que a cada noticiário, quando entra o assunto reforma agrária, joga uma ilustração atrás do locutor que mostra uma grande plantação de repente sendo cortada por traços brancos. A intenção é óbvia: mostrar que as terras produtivas serão divididas. O segundo exemplo é o do Jornal do Brasil, que vinha mantendo uma posição discreta, mas no dia 23 de junho publicou uma extensa reportagem com o título: "Anúncio da reforma desperta no campo a corrida às armas". A intenção também é óbvia. Temos ainda o jornal O Estado de São Paulo, que tem primado como porta-voz das correntes conservadoras, conseguindo indentificar na aplicação do Estatuto da Terra, um projeto comunista. Mas, a manipulação mais escandalosa fica por conta da revista semanal Visão, do grupo Maksoud. Por três semanas consecutivas a revista dedicou várias páginas ao ataque à Reforma Agrária. Utilizando fotos de Karl Marx, a revista Visão tem procurado colocar a reforma como um projeto não só comunista, mas buscando em Marx as raízes do Estatuto da Terra.

REMEXENDO O PASSADO

O ex-presidente do IBGE, Jessé Montelo, ganhou nos jornais para remexer num assunto já dado como encerrado e que, para os trabalhadores é mais do que claro: a manipulação dos índices. Estranhamente a grande imprensa não deu espaço para que Marco Antonio de Souza Aguiar, que denunciou a manobra, se defendesse. **DADOS DE BASE** ouviu Marco Antonio: "O ex-presidente do IBGE procura justificar, dois anos depois, as manipulações que tentou fazer no INPC, inventando uma nova versão para o fato. Uma versão que o torna quase honesto. Devo esclarecer que não foi o que ele alega hoje, aquilo que nos determinou fazer há dois anos. Ainda temos a ordem dada por ele, por escrito, mandando fazer no INPC, não a título de estudo ou exercício, mas em caráter definitivo, coisa completamente equivocada e diferente da infantilidade descrita no Jornal do Brasil".

INFORME

NOVOS PARTIDOS

A partir de 1983 e, principalmente, a partir deste ano, novos partidos surgiram na cena política brasileira. Alguns deles já nascem grandes, como o Partido da Frente Liberal (PFL), dissidência do PDS, enquanto outros emergem da clandestinidade, como o Partido Comunista Brasileiro (PCB) e o Partido Comunista no Brasil (PC do B). Um outro fenômeno pode ser observado no quadro partidário brasileiro. São os chamados micro-partidos, todos eles à margem da grande cena política, com lideranças pouco conhecidas e com propostas diferentes. De forma esquemática, são estes os principais partidos que se enquadram nessa categoria:

Partido Humanista (PH) - fundado em março de 1984, se articulou a partir de uma organização chamada A COMUNIDADE, de idéias humanistas. Sua principal proposta é a valorização do ser humano. Propõe modelos cooperativistas para a organização da sociedade e a participação igualitária do jovem e da mulher, para os quais deveria ser criado um ministério. Há similares em 25 outros países e em Hong Kong conseguiu ganhar a prefeitura. No Brasil está organizado no Rio, São Paulo, Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Tem como lema: abaixo a "porcocracia"; e pretendem varrer do país os grandes monopólios e as multinacionais.

Partido Social Trabalhista (PST) - organizado pelo militar cassado Dalmo Honaiser e lançado em maio deste ano, no Rio. Se define como democrata, liberal, a favor da livre iniciativa e pelo direito à propriedade. É social-trabalhista, solidarista, reformista, nacionalista e cooperativista. Não é socialista e não admite o Estado como tutor. Dalmo Honaiser se define como "centro-direita", quer aliança com os pequenos e médios empresários e trabalhadores e repudia os partidos classistas. Só existe no Rio e tem como militantes sindicalistas e comerciários.

Partido Nacionalista Democrático (PND) - dirigido por Raymundo Bento Aguiar e organizado no Rio, tem como lema: Democracia, nacionalismo, justiça social para o bem do Brasil. Defende a mudança do modelo econômico, combate à inflação e à recessão, propondo a criação do "cruzeiro-ouro"

Partido Popular Progressita (PPP) - surgiu em maio deste ano e só existe na Paraíba. Seu líder é o italiano naturalizado Michele Lunetta, professor de física da Universidade Federal da Paraíba. É um partido de doutrina, nem marxista nem capitalista, aberto à participação das forças do trabalho e do capital

Partido Republicano Brasileiro (PRB) - lançado em fevereiro de 1985, presidido por Dênis Ribeiro, tem como propostas: descentralização administrativa, autonomia sindical e municipal, convocação da Constituinte, redução da ingerência estatal na economia, reforma tributária, defesa do meio ambiente, pagamento da dívida externa em bases mais justas, estímulo à iniciativa privada nas áreas da previdência social e financiamento da casa própria.

Partido Socialista Agrário e Renovador Trabalhista (PASART) - fundado em junho de 1985 pelo ex-senador Aarão Steinbruch, criador do MRT (Movimento Trabalhista Renovador) de 1962. Suas propostas são: reforma agrária começando pelas terras devolutas da União, combate à corrupção e à impunidade.

Partido Democrata Republicano (PDR) - tenta concretizar as propostas políticas de Pedro Aleixo, está com pedido de registro desde 1980. Seu líder é Sandra Cavalcanti, que acredita ter condições de se organizar em 11 estados. Sua principal proposta: lutar pela democracia.

Partido de Mobilização Nacional (PMN) - liderado por Celso Brant, ex-deputado federal pelo antido PR (Partido Republicano), se inspira em Tiradentes e suas propostas são: moratória conjunta da América Latina e África, criação de uma moeda neutra, dos "pequenos", para neutralizar o dólar; contra as greves, dá prioridade à soberania nacional antes da Constituinte.

Partido Democrata Cristão (PDC) - quer ser um partido forte e implantar a democracia cristã no Brasil. É contra o aborto, a favor do celibato clerical, se define como de centro. Seu presidente é o médico Jorge Coelho de Sá.

Partido Social Cristão (PSC) - presidido pelo advogado Victor Nosseis, está articulado em 18 capitais, destacando-se Minas Gerais como o estado onde está mais organizado.

Partido Nacionalista (PN) - foi fundado em 1958, mas só agora resolveu se inserir no processo eleitoral. Foi criado pelo coronel da reserva Nemo Canabarro e já está organizado em São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Pernambuco, Ceará e Alagoas. Suas propostas são: lutar pela extinção do salário, transformando o trabalhador em empresário e empresário em trabalhador; cuidar da nação como um todo, fazendo a unificação social pela transformação da empresa classista de patrões e assalariados em empresa nacional de trabalhadores/proprietários e proprietários/trabalhadores. Se define como não sendo de direita, nem de esquerda, nem de centro.

Partido Renovador Progressista (PRP) - defende o capitalismo moderno, e propriedade privada e coletiva, a livre empresa nacional e os desempregados. Tem em Tancredo Neves um símbolo. Seu líder é o comunista Paiva Ribeiro.

Partido Esporista Brasileiro (PEB) - baseado na palavra latina "sporo" que significa semente, tem uma proposta nacionalista/democrática, pregando vida digna para todos. A sede nacional é em Taguatinga (Brasília) e seu líder é o juiz Mário Linário Leal. Prega a união do cooperativismo com o socialismo.

Partido Social Ecumênico (PSE) - fundado pelo sociólogo e ex-monge budista Klared Amer Assrany, defende o socialismo contido nas pregações de Cristo, Buda e Maomé. Suas propostas são: educação e politização do homem, integral cumprimento da declaração dos direitos do homem, integridade territorial e soberania nacional, relações diplomáticas com todos os países e criação de uma comunidade latino-americana.

MULHER NO NORDESTE

Grupos feministas do Nordeste estiveram reunidos de 2 a 5 de maio, em Recife, para discutirem o caminho do movimento feminista, suas relações com o poder, a construção da identidade feminina e a especificidade do feminismo no Nordeste. Durante o encontro ficou clara a necessidade de uma rede de comunicação e os grupos também se dedicaram a temas como a pesquisa sobre a mulher, trabalho em comunidade e a técnica da linha da vida. As mulheres nordestinas também questionaram a representatividade do Conselho Nacional da Condição Feminina e não chegaram a definir se seriam ou não representadas naquele órgão. Participaram do encontro cerca de 40 mulheres vindas do Maranhão, Paraíba, Pernambuco e Bahia, representando cerca de 15 grupos.

CRONOLOGIA

Maio

01/05/85
O salário-mínimo que vigora a partir de hoje em todo o país foi fixado em Cr$ 333.120, dobrando em relação ao salário anterior e correspondendo a um aumento de 112,3% do INPC válido para maio (FSP).

01/05/85
O Instituto Brasileiro de Economia, da Fundação Getúlio Vargas, anunciou que a taxa de inflação de abril foi de 7,2%, inferior em 5,5% ao índice de março. A inflação acumulada em 12 meses fica em 228,8% e nos primeiros quatro meses do ano, em 49,9% (FSP).

01/05/85
A Fundação de Assistência ao Estudante (FAE) precisará de Cr$ 1,93 trilhão para dar merenda escolar durante os 180 dias letivos a 24,7 milhões de crianças entre sete e 14 anos (O ESP).

02/05/85
As empresas de construção civil devem à CEF Cr$ 900 milhões, dos quais Cr$ 130 milhões são da Sérgio Dourado (JB).

02/05/85
Os ferroviários de São Paulo suspenderam a greve e aceitaram a proposta da RFFSA de 136% de aumento do piso salarial, reajuste de 100% do INPC, 4% de produtividade, abono de Cr$ 100 mil e formação de uma comissão paritária para estudar a reclassificação dos cargos (JB).

02/05/85
Até 1989, a unidade da Bayer do Rio de Janeiro investirá mais de US$ 50 milhões em modernização e ampliação da sua capacidade de produção de defensivos agrícolas (O Globo).

03/05/85
Dois peões foram mortos ao tentarem fugir da fazenda Gameleira, em Marabá, no Pará, onde trabalhavam em regime de escravidão, comprovado pela Polícia Federal (O ESP).

03/05/85
O Banco Mundial (BIRD) vai emprestar mais US$ 122,7 milhões para o projeto Nordestão, elevando para US$ 494,7 milhões o total de empréstimos do BIRD ao Brasil (GM).

23/05/85
A dívida interna brasileira totaliza Cr$ 200 trilhões, devendo chegar a Cr$ 700 trilhões até o final do ano, o que representa cerca de 70% do PIB (O ESP).

28/05/85
O ministro da Reforma e Desenvolvimento Agrário, Nelson Ribeiro, entregou aos dirigentes do Congresso Nacional o Plano Nacional de Reforma Agrária, que prevê a aplicação do Estatuto da Terra e dá prioridade ao Nordeste (FSP).

28/05/85
A greve dos "bóias-frias", que atingiu 22 minicípios paulistas por quatro dias, chegou ao fim com a assinatura de correção integral do INPC mais 7% sobre os valores pagos em janeiro (GM).

31/05/85
Os trabalhadores rurais querem que a reforma agrária seja feita num prazo máximo de 5 anos, e não de 15 anos como propõe o governo; e que sejam assentadas anualmente pelo menos 2 milhões de famílias sem terra. Eles aceitam o Estatuto da Terra como ponto de partida para o projeto, mas querem que a Assembléia Constituinte, e ser eleita no próximo ano, crie a Lei da Reforma Agrária. Estes são alguns dos pontos definidos no documento aprovado pelos 4500 trabalhadores rurais que participaram do 4º Congresso Nacional da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (CONTAG), encerrado ontem, em Brasília. Para eles, o governo deve desapropriar imediatamente todas as áreas de conflito e englobar no projeto de reforma agrária as empresas rurais; as áreas de ocupação de arrendatários, parceiros, posseiros e ocupantes; as terras cultiváveis que são inexploradas ou ociosas; as terras da Igreja e as da União. Definiram também os trabalhadores que deverão ser assentados prioritariamente: os que lutaram na resistência pela terra; os arrendatários, parceiros e assalariados; os filhos de pequenos proprietários cujas áreas se tornaram pequenas para a mão-de-obra familiar (FSP).

Junho

19/06/85
O presidente José Sarney enviou ao Congresso Nacional projeto de lei criando o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (CNDM), cuja atribuição será assegurar às mulheres "condições de liberdade e igualdade de direitos, bem como sua plena participação nas atividades políticas, econômicas e culturais do País" (JB).

19/06/85
O presidente do INCRA, José Gomes da Silva, solicitou, durante reunião com uma comissão de representantes do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, que os lavradores sem terra devem dar "uma trégua e um crédito de confiança ao governo, pois a questão mais imediata a ser resolvida é a aprovação da proposta para o plano Nacional de Reforma Agrária (PNRA)" (O Globo).

19/06/85
Segundo o jornal Gazeta Mercantil, os órgãos de segurança já trabalham num plano de ação para desarmar fazendeiros e desmontar milícias formadas no campo para prevenir invasões. Conforme o jornal, o primeiro passo será uma atualização de informações para ter um quadro preciso da situação e identificação dos pontos mais críticos (GM).

20/06/85
A Caraíba Metais deverá ser a primeira macroempresa estatal a ser privatizada, afirmou o presidente do Conselho de Administração, Plínio Assmann, em uma reunião da Comissão de Minas e Energia da Assembléia Legislativa da Bahia (JB).

21/06/85
O líder do governo no Senado Federal, Humberto Lucena (PMDB-PB), disse que o Conselho Político do Governo, em reunião com o presidente José Sarney, da qual ele participou, prorrogou até 30 de agosto o prazo de recolhimento de sugestões para o Plano Nacional de Reforma Agrária (JB).

21/06/85
Segundo o Jornal do Brasil, a divulgação oficial do substitutivo dos empresários da indústria para o projeto governamental da nova lei de greve surpreendeu os 66 dirigentes sindicais reunidos em Brasília para a Assembléia Nacional dos Trabalhadores da Indústria (CNTI). O presidente da entidade, José Calixto, disse "ser uma loucura" a sugestão para que o Ministério do Trabalho continue com poderes de intervenção sobre os sindicatos (JB).

21/06/85
O Brasil transferiu no ano passado 4% de seu Produto Interno Bruto (PIB) para o exterior, e comprometeu 40% da receita obtida com suas exportações e com os pagamentos dos juros da dívida externa. A informação é do Ministro das Relações Exteriores, Olavo Setúbal (JB).

21/06/85
De acordo com o jornal O Estado de São Paulo, proposta do Ministério da Fazenda estabelece que o corte das despesas públicas deve atingir principalmente dez empresas estatais: Petrobrás, Eletrobrás, Nuclebrás, Telebrás, Vale do Rio Doce, Empresa Brasileira de Transportes Urbanos (EBTU), Companhia Brasileira de Alimentação (Cobal), Caraíba Metais e Rede Ferroviária Federal. Conforme o jornal, os estudos do Ministério da Fazenda mostram que é possível cortar de 25 a 35 trilhões de cruzeiros nas despesas dessas estatais (O ESP).

23/06/85
O Ministério da Justiça propõe a criação de uma lei pela liberdade de informação (JB).

DADOS DE BASE é uma publicação bimensal do IBASE – Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas. Conselho Editorial. Herbert de Souza, Carlos Alberto Afonso e Marcos Arruda. Editor: Ana Lagôa (MT-13272/59/42 v.). Diagramação e Arte: Maria Nakano. Assinatura anual: Cr$ 40.000. Endereço: rua Vicente de Souza, 29 – Botafogo – Rio de Janeiro – RJ – CEP.: 22251. Telefone: 286-0348

ASSINATURA

SOLICITO UMA ASSINATURA ANUAL DO BOLETIM DADOS DE BASE

A PARTIR DO Nº_____ , PELO PREÇO DE CR$40.000

QUE PAGAREI A VISTA POR CHEQUE NOMINAL AO IBASE

INSTITUTO BRASILEIRO DE ANÁLISES SOCIAIS E ECONÔMICAS

RUA VICENTE DE SOUZA, 29, CEP 22251 RIO DE JANEIRO RJ

CHEQUE Nº_____ DATA _____

NOME _____

ENDEREÇO _____

CIDADE _____ ESTADO _____ CEP____

TELEFONE _____ DATA _____

PROFISSÃO _____

ASSINATURA _____

DECLARAÇAO PARA MUDANÇAS NO CINQUENTENARIO DO BANCO MUNDIAL E O FMI

DECLARAÇÃO DE TRÊS PONTOS

O desenvolvimento justo e sustentável somente será alcançado através de uma redistribuição de poder e recursos dos ricos aos pobres. Isso exigirá uma transformação do sistema econômico internacional. Como instituições internacionais, cujas políticas dão forma a sistemas econômicos, e atingem a vida de bilhões de pessoas pelo mundo, o Banco Mundial, o Fundo Monetário Internacional e seus governos sócios devem trabalhar no apoio de justiça global, social, política e econômica, dando os seguintes passos:

1. Substituir os Programas de Ajuste Estrutural por políticas e projetos que satisfaçam as necessidades dos pobres e promovam desenvolvimento que seja sustentável, participativo e justo.

2. Cancelar ou reduzir substancialmente a dívida multilateral, especialmente a que se refere aos países mais pobres, e fortalecer apoio para a redução da dívida comercial e bilateral.

3. Democratizar o Banco Mundial e o FMI e fazer com que prestam contas às pessoas atingidas por suas políticas e projetos. Isso exige alocação de votos, mais transparência, acesso a informações e participação em cada etapa de projetos, programas e políticas.

APROVADO POR: ~~Pesquisador Universidade Federal~~ do Pará (Brasil)
~~Vice-Coordenador~~ do Centro Agro-Ambiental do Tocantins-CAT

DATA: 26.7.94

DEMOCRACIA NA TERRA

QUAL REFORMA AGRÁRIA ?

A Campanha Nacional pela Reforma Agrária (CNRA), ao realizar seu segundo seminário versando sobre a Democracia na Terra, teve como uma das preocupações centrais refletir e debater das diferentes propostas de reforma agrária presentes na cena política. Isto porque, de um lado, a democratização da terra neste país é uma prerrogativa para o seu desenvolvimento, e, de outro, os processos sociais em curso tendem a exigir uma postura da sociedade civil frente às condições de miséria, violência e desigualdade no campo brasileiro. Segundo dados do Fundo Internacional para o Desenvolvimento Agrícola, ligado à Organização das Nações Unidas (ONU), 73 % da população rural brasileira vive hoje em condições precárias.

Na esfera do Poder Legislativo, os acontecimentos recentes, tais como a tramitação da Lei Agrária na Câmara dos Deputados e o projeto referente ao Rito Sumário de Desapropriação no Senado, têm mostrado que a participação organizada da sociedade civil e das entidades comprometidas com a reforma agrária podem e devem acompanhar diretamente a regulamentação da lei, influenciando alguns resultados positivos, como a vinculação do cumprimento da função social ao direito de propriedade. No entanto, é preciso garantir a conclusão destes processos e a efetiva aplicação da lei, o que se dará somente após a sanção do presidente da República.

No campo do Executivo, está em formulação o II Plano Nacional de Reforma Agrária, gestado na administração Collor e que poderá ser implementado no governo Itamar. O plano objetiva assentar 147.500 famílias em 1993 e 188.007 famílias em 1994, além da pré-emancipação e emancipação de outros projetos de assentamento de reforma agrária e colonização, e ações na regularização fundiária e no cadastramento rural. Como objetivos gerais são elencados:

"a) a valorização do homem rural e o resgate de sua dignidade de cidadão; b) melhoria do perfil da estrutura fundiária; c) aumento da produção e a comercialização de alimentos e de matérias-primas, consolidando e emancipando os projetos de reforma agrária e de colonização em curso". Longe das generalizações acima, é preciso que a sociedade em geral, e os trabalhadores rurais em particular, discutam as propostas do novo plano, seu grau de abrangência e efetivação.

Completando o quadro de projetos em jogo, os diversos movimentos sociais rurais têm apresentado um conjunto de estratégias e proposições que, de cara, atestam a riqueza do debate e o enfrentamento de novas questões ligadas à conjuntura agrária. Do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, passando pelo Departamento Nacional dos Trabalhadores Rurais da CUT e pela CONTAG, até chegar no Conselho Nacional dos Seringueiros (no qual se baseia o artigo publicado neste número do boletim), entre outros tantos; a luta pela terra e, mais ainda, a discussão sobre um projeto de desenvolvimento para o agro nacional, deverão ser uma constante na agenda política a curto e médio prazos.

O espírito de articular, refletir e encaminhar ações que contribuam para a real democratização do campo tem pautado a prática da CNRA. É preciso mostrar que a questão da reforma agrária é uma questão de toda a sociedade brasileira.

RESERVA EXTRATIVISTA, A REFORMA AGRÁRIA DOS SERINGUEIROS

CARLOS WALTER PORTO GONÇALVES
Geógrafo, professor da UFF

A experiência de luta do movimento dos seringueiros muito pode contribuir para se compreender as possibilidades e os limites da luta pela reforma agrária no Brasil. Embora a história registre inúmeros levantes e revoltas e, até mesmo, uma revolução – a Cabanagem em 1835 – , é na década de 70 que o movimento dos seringueiros começa a se afirmar na arena política. A partir do novo modelo de ocupação da região amazônica nos anos 70 cresce, sobretudo no Acre, onde era mais significativa a presença desse segmento social, o movimento sindical. A presença da CONTAG e das Comunidades Eclesiais de Base foi decisiva para a organização dos Sindicatos de Trabalhadores Rurais. Enquanto crescia na base o movimento sindical criando inclusive formas originais de luta como os empates (o 1º foi realizado no Seringal Carmen em Brasiléia, em 1976, sob o comando de Wilson Pinheiro), foi de extrema importância o apoio da intelectualidade consubstanciada no jornal alternativo Varadouro, editado entre finais dos anos 70 e início dos 80. Assim, desde o início, a luta travada no embate direto na área rural encontrou aliados importantes nas cidades.

A condição de seringueiros autônomos, independentes do barracão e do patrão seringalista (muitos dos quais abandonaram os seringais face ao agravamento da crise da borracha), não eliminou a exploração a que se viam submetidos através do capital comercial – o marreteiro – e de uma política econômica que, já a partir dos anos 60, descartava a borracha como atividade importante na Amazônia. Os seringueiros autônomos estavam excluídos do jogo político que determinava, entre outras coisas, os preços para o setor. Esta é uma das razões para a criação, em 1985, do Conselho Nacional dos Seringueiros, para se afirmarem como produtores de borracha, já que o Conselho Nacional da Borracha só incluía os seringalistas, os usineiros e os industriais da borracha. A criação do CNS foi um importante instrumento na conformação da identidade política dos seringueiros que, assim, davam o salto organizativo de uma base sindical de caráter local para uma dimensão regional e nacional. O fato de realizarem em Brasília o 1º Encontro Nacional dos Seringueiros mostra claramente que o movimento via no plano político nacional o lugar-chave para superar seus problemas básicos, fossem fundiários, fossem de política econômica. Aqui, mais uma vez, foi fundamental o apoio de intelectuais e ONGs, nacionais e internacionais, para a realização daquele memorável Encontro.

A partir de 1985, o movimento se amplia na Amazônia e começa a elaborar uma proposta extremamente original: as reservas extrativistas. Trata-se de uma proposta que recusa a propriedade individual da terra, conforme tenta o INCRA nos seus projetos de colonização e de assentamento. A reserva extrativista é uma figura jurídica em que a União é a proprietária formal da terra, ficando o usofruto para o conjunto de famílias que habita dentro dos seus limites, através das suas organizações comunitárias – sindicatos, associações, caicas agrícolas e outras. No processo de constituição de uma reserva extrativista, a última etapa é a elaboração de um plano de utilização estabelecido por estas organizações. Registre-se a criativa apropriação, por parte desse movimento, da idéia de reserva indígena, onde a propriedade é comunitária e não individual. Hoje, estão decretadas como reserva extrativista mais de três milhões de hectares, uma área equivalente a da Bélgica, distribuídos pelo Acre, Amapá, Maranhão, Tocantins e Rondônia, envolvendo seringueiros, castanheiros e babaçueiros.

Trata-se, evidentemente, de uma experiência riquíssima pela sua enorme capacidade de luta e de abertura para incorporar novas idéias. Neste sentido, há que se registrar a máxima de Chico Mendes: reforma agrária e ecologia, uma só luta. Desde cedo, o movimento percebeu que a luta pela reforma agrária estava isolada e precisava encontrar aliados. A aproximação com os ambientalistas foi extremamente importante e ousada pois, à época, a ecologia não era vista como uma questão do interesse dos trabalhadores no seio da cultura da esquerda que hegemonizava a luta pela reforma agrária. Os ambientalistas, por sua vez, encontraram nos seringueiros um sujeito coletivo que concretamente lutava pela



preservação da floresta, seu meio de vida, seu habitat. Através dos ambientalistas, os seringueiros encontraram um canal de expressão em nível internacional, fundamental para afirmarem sua identidade. Os argumentos ecológicos passam a fazer parte da cultura do movimento dos seringueiros. Embora cientistas e técnicos já soubessem da enorme riqueza que a floresta abriga é, sem sombra de dúvida, com o movimento dos seringueiros e com sua proposta de reserva extrativista que expressões como sistemas agroflorestais, biodiversidade e desenvolvimento sustentável, começam a ganhar significado social concreto para um outro modelo de desenvolvimento para a Amazônia. Desenvolvimento sustentável, por exemplo, começa a ser visto para além de uma visão ecológica no sentido estritamente técnico, ao colocar a questão da gestão dos recursos naturais pelos próprios trabalhadores, dando-lhes um caráter autogestionário e democrático. Assim, desenvolvimento sustentável não é só evitar a erosão do solo ou o desmatamento, mas sobretudo a gestão de quem trabalha, incorporando a preocupação da reprodução das suas condições naturais de vida. Além disso, e ainda como fruto da aproximação com os ambientalistas, a reserva extrativista foi consagrada como unidade de conservação ambiental estando, portanto, submetida ao IBAMA, órgão até recentemente não controlado pelas velhas oligarquias dos grandes proprietários de terra, como é o caso do INCRA.

Toda essa habilidade, criatividade e combatividade do movimento dos seringueiros começa a esbarrar em limites políticos. O IBAMA, órgão executivo da política ambiental, se vê como alvo de enormes pressões de grupos madeireiros, pecuaristas e mineradores. Ao mesmo tempo, é um órgão extremamente sensível, assim como aqueles ligados à política indígena, às pressões internacionais, já que a Amazônia é um dos temas mais debatidos pelo significado que tem para o equilíbrio da biosfera. A política do IBAMA oscila entre manter canais abertos ao movimento como parte de uma estratégia para manter uma "boa imagem" do Brasil no exterior, e as pressões dos grupos que propugnam pela manutenção de uma política socialmente excludente e ecologicamente devastadora. Neste sentido, o movimento dos seringueiros ocupa um lugar estratégico, que ainda não foi devidamente compreendido por aqueles que lutam por uma autêntica reforma agrária no Brasil.

Não há possibilidade de se estabelecer um novo modelo de desenvolvimento na Amazônia, se não houver uma real democratização da terra no Brasil como um todo. E aqui reside uma das maiores limitações de luta não dos seringueiros, mas daqueles que lutam pela reforma agrária. Afinal, enquanto a Amazônia for vista como fronteira de expansão, como válvula de escape via colonização, o problema fundiário de base das diversas regiões brasileiras é simplesmente transferido para aquela região. Por outro lado, o avanço do movimento dos seringueiros, consagrado nas reservas extrativistas, continua ameaçado. À exceção da Reserva Extrativista Chico Mendes, no Acre, as demais sequer foram demarcadas. E mais grave ainda: a R.E. Figueira, no Acre, foi simplesmente invadida por colonos e sem-terra. Além disso, os preços da borracha, segundo o IBAMA, atingiram nos dois últimos anos do governo Collor seu menor índice em 100 anos de história da borracha, em função da política de desregulamentação neoliberal posta em prática.

A Amazônia tem um enorme significado simbólico e político. O

movimento dos seringueiros tem no interior da região uma enorme importância e hoje amplia sua área de articulação política com outros segmentos de trabalhadores da Amazônia, como os pequenos agricultores. No entanto, ainda é tímida e precária sua articulação com os demais setores que lutam pela reforma agrária no Brasil. A repercussão da morte de Chico Mendes indica o potencial que a luta dos trabalhadores na Amazônia tem para a luta dos trabalhadores brasileiros. Assim como dizem os próprios seringueiros que a reserva extrativista é um projeto regional de um programa nacional de reforma agrária, os demais segmentos de trabalhadores com suas especificidades têm colocado seus aportes diversificados na luta pela democracia e justiça social. O que se torna necessário é buscar a unidade nesta diversidade de experiências. Afinal, se a Amazônia é importante para a humanidade e para o planeta, a reforma agrária torna-se importante não só para o Brasil, mas para todos. (1)

O cárater necessariamente diferenciado e regionalizado da luta pela reforma agrária não pode obscurecer a necessidade de se buscar a unidade na diversidade. O movimento dos seringueiros conseguiu, parcialmente, realizar uma das máximas dos que lutam pela reforma agrária: que fosse sob o controle dos trabalhadores. E é este caráter parcial que hoje põe em risco essas conquistas. Seus limites não são especificamente seus. São da própria sociedade civil brasileira que ainda não foi capaz de, a partir das ricas experiências de cada movimento, construir um novo bloco histórico de alianças, capaz de apontar para uma sociedade onde justiça social, democracia e ecologia sejam valores fundamentais.

NOTA

(1) A luta pela reforma agrária tem diferentes caras: é o sem- terra; é o bóia-fria; é o camponês; é o pequeno produtor rural; é a comunidade indígena; é, até mesmo, a criação de parques e reservas ecológicas (que também têm sido objeto de invasões e que muitos pretendem transformar em "latifúndios genéticos", já que preservam a biodiversidade expulsando destas terras os homens).

CNRA/Campanha Nacional pela Reforma Agrária
Rua Vicente de Souza, 29 – CEP: 22251-070 - Botafogo – Rio de Janeiro – RJ – Brasil
Telefone:(021)286-0348 • Telefax: (55-21)286-0541 • Telex:2136466 BASE BR
AlterNex (Via Renpac - Brasil) 12150479 • (Via Renpac - Exterior) 72412150479 • ID. no AlterNex:CNRA
Produção Gráfica: A 4 Mãos • Editoração Eletrônica: Affonso F. Araujo

DEMOCRACIA NA TERRA

NOME: _____

ENDEREÇO: _____

BAIRRO: _____ CEP.: _____ TEL.: _____

CIDADE: _____ ESTADO: _____

PROFISSÃO/ATIVIDADE: _____ DATA / /

Envio anexo: Vale postal ❑ Cheque nominal ao IBASE/CNRA ❑

ASSINATURA ANUAL		
Brasil	Individual: Cr$ 15.000,00	Institucional: Cr$ 25.000,00
Exterior	Individual: US$ 30,00	Institucional: US$ 60,00

Rua Vicente de Souza, 29 – Botafogo – Rio de Janeiro – CEP.: 22251-070 – Tels.: (021) 286-6161 / (021) 286-0348

DEMOCRACIA NA TERRA

REFORMA AGRÁRIA E COMBATE À FOME

O campo brasileiro, sem sombra de dúvida, concentra um percentual significativo da miséria nacional. Se tomarmos a renda familiar como parâmetro para estratificar a população brasileira, teremos que 40% das famílias situam-se na faixa daquelas com renda familiar per capita igual ou inferior a meio salário-mínimo; e 15 % encontram-se no estrato das famílias com renda per capita igual ou inferior a um quarto do salário-mínimo. Pode-se afirmar, com alguma precisão, que as primeiras concentram-se nas cidades e as segundas no campo.

Segundo outra fonte estatística, a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 1990, em 20 estados brasileiros a maioria dos indigentes (famílias que conseguem, no máximo, adquirir a cesta básica) localiza-se proporcionalmente no meio rural. Isto se dá, sobretudo, nas regiões Norte, Nordeste e Sul do País. Tomando o País como um todo, temos mais de 4 milhões de famílias indigentes no campo. Incluindo nesta definição as pequenas cidades brasileiras (com população de até 10 mil habitantes), aumenta consideravelmente o público de pobres e miseráveis que diretamente relaciona-se e sobrevive das atividades rurais.

Uma política social exitosa nos centros urbanos somente surtirá efeito a médio prazo se não tornar-se novo pólo de atração da população residente no meio rural. Para tanto, é preciso contemplar também a dimensão agrária das políticas sociais. Uma das receitas relativamente mais baratas é a reforma agrária. Calcula-se em mais de 3 milhões o número de famílias que demanda terra e em 20 mil a quantidade de famílias em situação emergencial, vivendo em acampamentos à beira de estrada, em centros urbanos e zonas rurais. Um programa de reforma agrária, com a implantação dos assentamentos rurais integrados à produção de alimentos, fortaleceria a oferta destes bens e, ao mesmo tempo, geraria uma quantidade razoável de novos empregos. O custo de implantação de uma família (exceto gastos com indenização da terra e benfeitorias) gira em torno de US$ 4 mil e é capaz de garantir um padrão mínimo de sobrevivência a este grupo de beneficiários. Grosso modo, o montante previsto no Orçamento Geral da União para "apoio e implantação de assentamentos rurais" permite a integração de novas 40 mil famílias.

Como medida indireta, a reforma agrária permitiria uma elevação do poder aquisitivo da massa trabalhadora em geral, ao diminuir a disponibilidade de mão-de-obra nos centros urbanos e industriais, forçando uma renegociação dos níveis salariais.

Estas propostas teriam êxito se levassem em conta duas dimensões fundamentais à sua execução:

a) a necessidade de definir claramente uma política de reforma agrária; para tanto, entre outros fatores, é essencial ter aprovado um instrumento legal (projeto de lei sobre o Rito Sumário) que operacionalizasse minimamente a desapropriação de imóveis ociosos;

b) o fortalecimento da conscientização popular sobre a situação precária do quadro brasileiro, especialmente o rural; para isso engrossar o movimento da Ação da Cidadania contra a Miséria e pela Vida, com propostas que abram para a democratização no campo, é uma forma de incentivar a participação da sociedade na proposição, execução e cobrança de iniciativas na área e, ao mesmo tempo, frisar o caráter atual da reforma agrária.

REFORMA AGRÁRIA E CULTURA POLÍTICA NO BRASIL

QUESTÕES PARA UM DEBATE

REGINA REYES NOVAES
Antropóloga, professora do IFCS/UFRJ

Além das muitas concepções contrastantes sobre o conteúdo, forma e viabilidade de uma reforma agrária no Brasil, existem também diferentes ângulos para se abordar a mesma questão. Diferentes maneiras de se aproximar da temática podem resultar em contribuições não-excludentes, mas complementares entre si. Levando em conta aquelas que têm sido divulgadas neste boletim da CNRA, gostaria de tentar mais uma: relacionar reforma agrária e cultura política.

Útil seria um inventário de como, quanto e em que bocas a expressão reforma agrária aparece nas diferentes conjunturas políticas neste país. Pelo que sei, não dispomos deste inventário feito de forma sistemática. Mas só para exercitar a memória, podemos lembrar alguns fatos e situações.

Bandeira de luta incorporada pelo Partido Comunista, a reforma agrária, tal como uma carta coringa no jogo político, compôs o discurso e informou as práticas e projetos desenvolvimentistas de diferentes instituições, partidos políticos, movimentos e personagens nos anos 50 e 60. Nomeou conflitos sociais localizados e promoveu a possibilidade de reconhecimento mútuo entre gente que nunca se viu, mas que simultaneamente nos primeiros anos da década de 60, em pontos geograficamente distantes do País, deu vivas à reforma agrária. Foi vista como remédio para todos os males e no imaginário político foi ela, e não o conjunto das reformas de base pretendidas, que derrubou Goulart e deu início ao regime militar.

Mas, se o novo regime marcou certa descontinuidade em relação às organizações de trabalhadores no campo, a idéia de reforma agrária não foi descartada. O Estatuto do Trabalhador Rural domesticou seu significado e com seu nome criou-se um organismo governamental (o INCRA). Por outro lado, e não por acaso, simultaneamente, o Movimento Sindical de Trabalhadores Rurais, através da CONTAG, elegeu a reforma agrária como cimento unificador para a diversidade entre categorias de trabalhadores rurais.

Pode-se dizer que tal persistência correspondeu a uma necessidade legalista de enquadrar as lutas às leis nos anos de chumbo do regime militar. Mas reafirmar a bandeira da "reforma agrária dos trabalhadores" significou também distinguí-la dos projetos oficiais de colonização que levavam o seu nome no curso de um processo de modernização conservadora. E não podemos esquecer que a Igreja Católica, através de suas diferentes alas e personagens, baseada em sua própria doutrina social, naqueles anos reafirmava sua necessidade através da oposição terra de negócio e terra de trabalho. Assim a CPT, as comunidades de bases e as oposições sindicais, que se constituíram em torno de conflitos pela posse da terra, traduziam politicamente suas reivindicações imediatas. E de mais longo prazo, com a mesma expressão sintetizadora. Depois, com todas as diferenças com que puderam marcar sua identidade, foi através dela que também se apresentou à sociedade o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra.

A ABRA atravessou esta história e pode ser classificada como uma das mais antigas associações civis "sem fins lucrativos" (ou ONG para usar o termo do momento) do País. A própria CNRA é um outro bom exemplo: em 83 congregou em torno de si diferentes correntes políticas que competiam para a formação de Centrais Sindicais. Que outra bandeira poderia ter semelhante possibilidade de convocação naquele momento de explicitação das diferenças entre os chamados progressistas?

Posteriormente, ao lado da promessa da Constituinte e da questão da dívida externa, foi a reforma agrária destacada no programa da Aliança Democrática que fez a transição do regime militar ao governo civil em 85. Nesta ocasião, ela ganhou *status* de ministério e o MIRAD convocou a sociedade e as organizações para discutir o PNRA. O processo de confecção e a aprovação do Primeiro Plano Nacional de Reforma Agrária da Nova República constituiu-se em um privilegiado laboratório para se conhecer mais o País e foi ele que tornou evidente a UDR e seus leilões de gado para resistir à reforma agrária com desapropriações por interesse social.

Nas eleições presidenciais de 1989 não houve candidato que não

tocasse no assunto. É claro que todos procuravam separar o joio do trigo. E cada um, de acordo com interesses de diferentes setores da sociedade que representava, definiu "a" reforma agrária "adequada" aos problemas do País. Hoje, a expressão reforma agrária não só consta de programas dos partidos políticos, como destaca-se entre as palavras de ordem emblemáticas de centrais sindicais rivais originadas no berço operário paulista.

Este elenco de fatos e situações está longe de ser exaustivo. Sabemos disto. Mas seu objetivo é sugerir a recorrência do tema e propor que se possa considerar também a reforma agrária em sua dimensão cultural e simbólica. Este símbolo, socialmente construído e presente na cultura política nacional, carrega consigo certa ambigüidade que o torna passível de manipulações a partir de interesses diversos. Polifônico, encerrando diferentes signos e significados, se apresenta com pesos e graus de explicitação diversos para os diferentes atores que o evocam. Mas sua existência no imaginário político do País o faz tão real quanto as evidências empíricas mais objetivas e materialmente inquestionáveis.

Em outras palavras, para retirar a reforma agrária do horizonte político não basta elencá-la como mais uma política de assistência social ao lado de outras; não basta também fazer alusão à "nova ordem mundial" para concluir que a própria falência do Estado-Nação e a presença do capitalismo internacionalizado cessam seu efeito político: não bastam ainda as evidências da proletarialização ou o anúncio de paradigmas teóricos mais adequados para entender a sociedade brasileira em um mundo em transformação. De fato, quando se combate a reforma agrária não se sabe bem se está combatendo apenas uma versão do mito ou sua própria existência. Tratando-se de uma expressão simbólica, sempre haverá a possibilidade de surgir uma outra versão que escapa aos conteúdos já explorados.

Por reforma agrária, diferentemente dos anos 50 e 60, hoje se pode compreender um conjunto de medidas que atinjam simultaneamente o mercado de terras, o mercado de trabalho e o mercado de produtos. Respondendo à modernização conservadora dos anos 70, incluíram-se entre os beneficiários da reforma agrária não apenas os Sem Terra, mas também os assalariados em busca de seus direitos trabalhistas e os pequenos produtores que reivindicam condições de produção e comercialização. Mas não é só isto. Novos personagens políticos que se forjaram no campo nos anos 80 utilizam o mesmo símbolo. Por exemplo, esvaziando a crítica à reforma agrária em sua dimensão de distribuição parcelar de terra, o Conselho Nacional dos Seringueiros oferece sua interpretação: a indivizível "reserva extrativista é a reforma agrária do seringueiro". Sequer a ênfase na nova geopolítica mundial e na constituição dos mercados a retiram da agenda político-sindical : produtores integrados à agroindústria no Sul do País, reunidos no Departamento dos Trabalhdores Rurais da CUT no bojo da atual discussão sobre o Mercosul, reafirmam a crença de que seriam beneficiados por uma "verdadeira reforma agrária".

Há quem diga que a "culpa" de tais "desvios" e crenças é dos assessores, agentes de pastorais, sindicatos e dos partidos políticos ou entidades de apoio existentes que reificam a reforma agrária e não fornecem aos movimentos informações e análises adequadas à realidade. Mas se entendermos cultura como dinâmica e constante produção de sentido, como teia de significados, torna-se menos interessante perguntar pelo que a reforma agrária "é" (em essência) e mais revelador perguntar sobre o que ela significa ou tem significado na cultura política brasileira.

Por um lado, é óbvio, há o perigo da banalização da expressão. Dizível por gregos e troianos, onipresente no Estado e em organismos da sociedade civil, no mundo secular e no clerical, entre progressistas e conservadores, esta expressão coringa pode já ter perdido tanto seu efeito político quanto sua eficácia pragmática técnica de política pública e aplicável.

Por outro lado (ainda que se pense), não é possível dizer publicamente que as nossas vastas e férteis terras devem ficar ociosas. O valor cultural atribuído à terra (*locus* para produzir vida, frutos, riqueza para a Nação ou para receber a morte e produzir raízes para tradições) atravessa a sociedade. E, de certa forma e em certos espaços "organizados" da vida social, a expressão reforma agrária acabou historicamente sendo herdeira de concepções e práticas mais gerais ligadas à terra. Como tal, encerra uma dimensão moral cujos fragmentos se espalham pela sociedade e através dela torna-se possível algum tipo de comunicação e negociação entre segmentos e setores diversos e até antagônicos da sociedade. Assim sendo, em nome de qual iluminismo descartá-la?

É verdade que esta afirmação acerca de certa transversalidade do tema tem sido constantemente contestada nas avaliações que fazemos sobre as campanhas passadas e atuais de reforma agrária. Em nossa contabilidade, não só são comuns as cifras que demostram a crescente concentração fundiária, a irrisória proporção das desapropriações, as debilidades dos assentamentos, a distância entre as disposições legais e as práticas, as manipulações dos

governos em suas ações pontuais e paliativas, como também é comum chamarmos a atenção para a não-sensibilização e desmobilização do mundo urbano para a questão da reforma agrária. Porém, se tais dificuldades revelam o caráter do embate político que se trava através deste emblema, explicitando-se interesses divergentes, elas não esgotam a avaliação do lugar da reforma agrária em experiências sociais concretas.

Por exemplo, podemos nos perguntar até que ponto certas versões da reforma agrária desempenham o papel de um mito por meio do qual se insuflou a energia necessária para que trabalhadores ameaçados de expulsão de terra e trabalhadores sem terra desencadeassem um combate cotidiano pela posse de terra. Combate cotidiano e localizado que – em termos de continuidades temporais e em termos de enquadramento na legalidade nacional – fez-se passível de tradução por meio do mito e dos símbolos partilhados, ainda que parcialmente (é bom lembrar que para nós, antropólogos, mito não quer dizer mentira, mas se preferirem podem pensar em termos dos efeitos sociais de uma utopia ou de um sonho). Hoje, não é mais possível afirmar qual seria o retrato do campo no Brasil se certos conflitos, tensões e interesses não tivessem sido historicamente lidos e encaminhados através da chave da reforma agrária. Neste sentido, já há um processo de reforma agrária em curso no Brasil. Urge encontrar outros critérios e parâmetros para avaliá-lo, para refazer as contas ou, pelo menos, completar a contabilidade.

É preciso também buscar formas de fazer o diálogo entre a experiência acumulada no passado e as questões do presente. Quando o Primeiro Mundo, a partir do movimento ecológico internacional, volta os olhos para nossas reservas naturais, ele é obrigado a ver também um campo controvertido e violento em termos de relações sociais. Aí reside uma possibilidade de revitalizar a questão da reforma agrária e, através da fala ecológica, ressensibilizar outras faixas da população. Mas talvez a CNRA tenha que encontrar outras formas de avaliar tal sensibilização que não sejam apenas aquelas feitas através do número de pessoas que se faz presente em eventos ou mobilizações.

Por último, é bom lembrar que o constante surgimento de novas identidades entre os trabalhadores do campo e a existência de situações sociais diferenciadas, através de graus de generalização de modernização tecnológica (entre regiões, intra-regiões e até mesmo durante o ciclo produtivo de um mesmo produto) fazem presente no campo uma heterogeneidade viva, capaz de causar surpresas em nível político e econômico. Aí estão trabalhadores que se destacaram em lutas pela terra em nível micro, que se fizeram reconhecer falando o dialeto da reforma agrária e hoje disputam localmente cargos executivos legislativos, enfrentando no jogo eleitoral os tradicionais donos do poder. Eleitos, sentem-se e agem articulados nacionalmente através (do mito, do símbolo ou da utopia) da reforma agrária. Certamente, tais significados e repercussões eram impensáveis há 40 anos quando a questão da reforma agrária dominou a cena política brasileira.

CNRA/Campanha Nacional pela Reforma Agrária
Rua Vicente de Souza, 29 – CEP: 22251-070 - Botafogo – Rio de Janeiro – RJ – Brasil
Telefone:(021)286-6161 • Telefax: (55-21)286-0541 • Telex:2136466 BASE BR
AlterNex (Via Renpac - Brasil) 12150479 • (Via Renpac - Exterior) 72412150479 • ID. no AlterNex:CNRA
Produção Gráfica: A 4 Mãos • Editoração Eletrônica: Affonso F. Araujo

DEMOCRACIA NA TERRA

NOME: _____

ENDEREÇO: _____

BAIRRO: _____ CEP.: _____ TEL.: _____

CIDADE: _____ ESTADO: _____

PROFISSÃO/ATIVIDADE: _____ DATA / /

Envio anexo: Vale postal ❑ Cheque nominal ao IBASE/CNRA ❑

ASSINATURA ANUAL		
Brasil	Individual: Cr$ 150.000,00	Institucional: Cr$ 200.000,00
Exterior	Individual: US$ 30,00	Institucional: US$ 60,00

Rua Vicente de Souza, 29 – Botafogo – Rio de Janeiro – CEP.: 22251-070 – Tels.: (021) 286-6161 / (021) 286-0348

DISCURSO DE SAUDAÇAO AO ARCEBISPO TUTU

Na condição de Bispo da 1ª Região da Igreja Metodista no Brasil e de Presidente do Centro Ecumênico de Documentação e Informação - CEDI, tenho a honra de ser a primeira pessoa a dar-lhe publicamente as boas-vindas nesta cidade do Rio de Janeiro. Quero expressar também, em nome de todos os presentes a este ato e em nome de todos os brasileiros comprometidos com a causa da justiça, a alegria de podermos compartilhar estes momentos com o irmão. Vivemos em nosso país um momento forte de crise e profundas contradições e sua presença entre nós significa ao mesmo tempo inspiração e desafio no prosseguimento de nossa luta pela construção de um país mais fraterno, mais solidário e mais justo, onde todos possamos viver em Paz, sem discriminações de qualquer natureza.

Recordando sua luta em prol da redenção do oprimido e espezinhado povo negro da África do Sul, tão sofredor, desrespeitado e impiedosamente explorado, como a maioria do nosso povo, não posso deixar de pensar na expressão singela e profunda do salmista: "Bem aventurados os pés daqueles que anunciam a paz".

Sabemos de suas andanças pelo mundo, qual andarilho de Deus, assumindo plenamente sua vocação profética de denunciar o vergonhoso, desumano, indigno e monstruoso regime do apartheid, reponsável pelos terríveis sofrimentos do povo negro do qual o irmão faz parte e, ao mesmo tempo, anunciar as Boas Novas de Deus presente nas lutas libertadoras empreendidas por esse mesmo povo para a criação de um novo amanhã prenhe de justiça, liberdade e igualdade para todos na África do Sul, para que assim possam usufruir da verdadeira paz até agora desconhecida por tantas gerações.

Visitando o Brasil o irmão se faz presente no segundo maior país de população negra do mundo. A grande maioria do povo deste país é constituída de mestiços com um notável e crescente contingente de negros. Apesar disso é importante destacar o abandono em que vivemos: os negros aqui continuam sendo tratados como cidadãos de 2ª categoria, existindo em nossa cultura e nas estruturas sociais, econômicas e políticas de nossa sociedade uma atitude imposta pelo colonialismo português e reforçada e ideologicamente retransmitida pelos colonizadores da modernidade, de total desprezo, descaso e desrespeito permanente à população negra, da qual nem as igrejas cristãs escapam. O apartheid, portanto, não é uma peculiaridade da África do Sul. Ele existe aqui sob outras roupagens, disfarçado, ainda que negado pela ideologia oficial que prega uma suposta e imaginária democracia racial. Alguns defensores desta impostura social já chegaram a afirmar, e isto virou anedota no linguajar popular, que "no Brasil não há racismo porque o negro reconhece seu lugar!"

Mas os negros brasileiros não estão sozinhos neste calvário de afrontos à sua dignidade humana. As populações indígenas, os povos que aqui já viviam quando da chegada dos invasores europeus, foram desde o princípio ignorados como seres humanos e sistematicamente destruídos, seja diretamente pelas guerras de conquista movidas contra eles para tomar-lhes suas terras e escravizá-los, seja indiretamente através da manipulação ideológica, para destruir seu mundo cultural e impor-lhes os valores da sociedade ocidental num genocídio que até hoje não terminou.

O grande problema que enfrentamos neste país e que cor-

responde, em grande parte, ainda que sob outras formas, à situação vivida pela maioria do povo sul-africano é o modelo econômico capitalista concentrador de riquezas nas mãos de uma minoria privilegiada e produtor da miséria em que está obrigada a viver a maioria de nossas populações no Terceiro Mundo. Nossa luta, igual à sua e à de seu povo, é pelo restabelecimento de relações econômicas, sociais, raciais e políticas justas onde o ser humano seja dignificado como criatura de Deus que é, e os interesses da vida se sobreponham aos mecanismos econômicos e sociais que só produzem a morte lenta do povo.

Lamentamos que sua visita a nosso país tenha sido tão rápida e que lhe tenha sido negado um contato maior e direto com o povo pobre, sofrido e crente que vive na periferia de nossas metrópoles e que sobrevive, pobre, abandonado e vítima da mais ignominiosa exploração nos nossos campos. Se lhe fosse possível compartilhar suas experiências, sentir seu sofrimento, conhecer sua heróica resistência, o irmão iria compreender que aqui, além da discriminação da cor, existe também um apartheid "a la brasileira" marcado pela negação prática dos direitos humanos básicos, tanto das pessoas como de coletividades inteiras. Por isso gostaríamos que o irmão voltasse ao Brasil noutra ocasião para conhecer suas organizações populares, tomar contato direto com uma nova igreja que vai nascendo do sopro libertador do Espírito de Deus, que consegue varar as barreiras confessionais e que se coloca decidida e humildemente, ainda que ao custo de conflitos institucionais muito fortes, ao lado das reivindicações populares e vendo nestas a manifestação atual "d'Aquele que em todo o tempo faz novas todas as coisas".

Receber sua visita significa para nós um gesto de solida

riedade terceiro-mundista frente ao sistema mundial de dominação instalado no 1º Mundo e que nos tem mantido separados para mais facilmente nos oprimir. Sua presença no continente latino-americano é um passo importante na cooperação entre África e América Latina, entre África e Brasil para a superação conjunta dos nossos graves problemas que têm uma mesma origem, uma mesma raiz. É por isso que, comprometido com os centros dominadores do 1º Mundo, nosso governo se recusa a romper relações com o regime racista de Piet Botha defraudando a solidariedade militante do nosso povo. Oxalá nossa compreensão cresça, nossa amizade frutifique e possamos ver raiar a luz de um novo amanhã mais cedo do que nossas análises indicam, e nossos povos encontrem a liberdade e a justiça, fundamentos da paz verdadeira da qual o irmão é um símbolo vivo. Sinta-se em casa, entre nós, Arcebispo Tutu. Viva a resistência libertadora do povo negro da África do Sul!!

Bispo Paulo Ayres Mattos

EXPOSIÇÃO SOBRE REFORMA AGRÁRIA
Expositor: José de Souza Martins
Local e data: São Paulo, 6 de março 1982

JSM .....ela surge pela primeira vez com a Revolução Mexicana. Surge exatamente na América Latina e vai surgir depois em outros países. Vai aparecer na URSS e em outros países, não necessariamente da mesma maneira, ou seja, praticamente em cada país quando houve o aparecimento do problema R.A., este aparecimento foi muito particular, foi muito singular. A rigor não há nada parecido de uma R.A. para outra. Isto já nos coloca diante de um problema: aqui, no Brasil, quando nós discutimos R.A., quando vários grupos discutem R.A., eles sempre estão importando um modelo de R.A. Mesmo o "Estadão" quando critica, ele critica em nome de um modelo de pichação também importado. A verdade é que a R.A. é muito variada quanto à forma de sua execução. Muito variada quanto à causa. Muito variada quanto às consequências. No fundo a palavra R.A. não quer dizer nada em particular. Não dá para conceituar propriamente R.A., exatamente devido a toda esta variedade de situações. Em cada uma delas, as pessoas podem dizer: isto aqui é uma R.A. ? Seja de fato uma revolução agrária, seja de fato uma reforma reformista. Sempre está se chamando isto de R.A.

Eu tenho a impressão que a gente poderia dividir as R.As. em dois grandes grupos, com todas as dificuldades que possa haver nesse tipo de divisão. Eu acho que existem reformas agrárias revolucionárias. R.As. que foram feitas já num processo de Revolução Social muito acentuado, e que há R.As. que foram feitas para evitar justamente o desencadeamento de um processo revolucionário.

A R.A. no México é uma R.A. que foi feita em consequência de um processo revolucionário e acabou sendo uma R.A. reformista. Apesar de ser pro

produto de uma revolução, porque, na verdade outros componentes do processo político, do processo revolucionário, não estavam presentes naquele momento na história mexicana. Então toda a luta camponesa, a guerra civil no México, levou no máximo a uma solução reformista, à criação das comunidades camponesas, à recriação das comunidades camponesas, à criação dos hejidos, à criação de uma economia dual baseada na empresa de um lado e na comunidade camponesa de outro, o que levou a este estado de tensão política muito característica da história mexicana que vem até hoje. Agora, ainda neste ano, estava se discutindo já assim numa burguesia forte como é a burguesia mexicana, o desaparecimento dos hejidos. Ou seja a venda dessas terras hejitais e a transformação dessas terras em propriedades privadas. Ou seja, demorou, foi uma agonia lenta a agonia da luta camponesa no México e das conquistas camponesas.

Em outros países como na Rússia, a R.A. se impos como consequência de uma revolução socialista e, portanto obedeceu a outros critérios. Levou muito rapidamente à necessidade da coletivização da propriedade. Levou a um conjunto incrível de erros em termos de política econômica e em termos de política propriamente dita. Levados pela coletivização forçada que é o aspecto mais importante desta história, que ocorreu no fim dos anos 20, todas as vacilações da economia soviética logo depois da Revolução, especialmente no que diz respeito à produção agrícola, devido exatamente a esta divisão entre a socialização máxima dos meios de produção e de outro lado conviver politicamente com o campesinato que queria a terra, mas não estava advogaddo exatamente a socialização. Este é um problema que nós estamos tendo aqui. O Ranulfo levantou ontem o problema de Santarém. Certamente é um problema que nós vamos ter neste país.

O camponês não está lutando pelo socialismo. Ele está lutando pe-

pela terra. No caso da URSS, Lenine percebeu isto com clareza um pouco antes da Revolução. Foi perceber que se o partido quizesse levar à frente a Revolução Socialista, precisava do apoio camponês e para conseguir o apoio camponês, a palavra de ordem para o camponês tinha de ser diferente da palavra de ordem para o perário. Em vez da palavra de ordem "socialização", seria a palavra de ordem adotada finalmente pelo partido: "toda a terra aos camponeses". Que é o que eles queriam. Eles queriam a terra, e foi por aí. Foi através dessa convivência de coisas tão diferentes que a Revolução ganhou o apoio dos camponeses.

E em outros países, as situações tem sido mais ou menos a mesma neste aspecto, seja quanto à composição de forças, do apoio camponês nas grandes lutas, nas grandes transformações. A verdade é que se o camponês tem uma visão estreita; este "estreita" entre aspas, porque é uma questão que tem de ser discutida e muito; uma visão estreita a respeito do processo histórico da sociedade, isto o faz um personagem particularmente ambíguo na história social contemporânea, ou seja, tanto ele pode apoiar uma revolução socialista como apoiar uma solução que não é uma solução socialista. Quer dizer, ele pode aderir a uma [illegible] R.A. diferente como aconteceu na Itália, Japão, Formosa e está acontecendo em vários países da América Latina.

Se a alta burguesia chega e diz: toda a terra aos camponeses, certamente eles apoiarão esta proposta, porque eles precisam da terra. Eles querem a terra. Porque um homem como Figueiredo e o programa de governo que é absolutamente anti-camponês, percebe que tem de fazer esta concessão, e ao fazer consegue resultados ? É porque ele toca num ponto fundamental das reivindicações camponesas. Porque se a gente pensar como o campesinato, como uma classe social que é diferente da classe operária, o campesinato de certo modo

começa a ser atendido nas suas reivindicações políticas, que não vão além das reivindicações de terra. Terra para trabalhar, para sobreviver, escapar do cativeiro, da sujeição, etc. Então nós estamos aqui diante de uma questão bastante complicada.

Eu tenho a impressão que nós podemos discutir as R.As. em tres momentos fundamentais. No primeiro momento, é o momento dos fatores da R.A. O que leva à necessidade da R.A. Ou sejam as pressões sociais pela terra, Essas pressões são as mais variadas. Mesmo na história do Brasil, elas foram diferentes. Na década de 50 era muito uma luta contra o foro, o arrendamento. Não era só isso, mas fundamentalmente era isso que mobilizava politicamente em favor da R.A. Hoje não é mais isto. Hoje, de fato é o acesso à terra. Não é mais o rompimento vínculos de dependência, etc, é o acesso à terra. As pressões pela R.A. se resumem na alta concentração da propriedade da terra nas mãos de um número pequeno de proprietários e na falta de terra para um número grande de população. Essa concentração da propriedade, pode se manifestar imediatamente na vida das pessoas, das mais diferentes maneiras. Eu, sendo um proprietário grande de terras, exijo que os outros, para trabalhar na minha terra me paguem um tributo, como é o caso do parceiro. Outra forma: eu sendo proprietário da terra, boto o pessoal todo fora de terra e uso o trabalho assalariado dessas pessoas quando preciso. Essa é uma forma de pressão, de necessidade de terra, de pressão de terra, etc. Um outro fator de pressão pela R.A. é a insuficiência na produção de alimentos. Na medida que a oferta de alimentos se torna insuficiente para atender as necessidade de uma sociedade determinada, começa a haver uma pressão, que é maior do que a pressão camponesa a favor da R.A.

A gente viveu isto aqui no Brasil, nos anos 50/60, ou seja, as

Pessoas, grupos importantes, reivindicavam a R.A., inclusive grupos nas classes dominantes, em nome do fato de que a oferta de alimentos era insuficiente. Isto promovia uma elevação dos preços dos gêneros alimentícios, que por sua vez seria a causa da inflação, da diminuição do valor relativo dos salários, etc. Então começa aquela pressão toda em favor da R.A.

Eu acho que um terceiro fator que aparece menos nas histórias das lutas pela R.A., mas que começa a aparecer mais ultimamente, na medida que o capitalismo se tornou tecnicamente mais sofisticado e capaz de suprir com facilidade a mão de obra no campo, é a pressão pelo emprego. Um desemprego muito forte está sendo criado pela tecnologia agrícola moderna, que leva à expulsão da população do campo e, ao mesmo tempo, faz com que esta população encontre a cidade já saturada de capital e tecnologia altamente eficiente, e fica desempregada. Esta população toda de marginalizados, de favelados, etc., que vem crescendo ultimamente, desempregados, assim por diante.

Este último ponto me parece que é particularmente importante, porque a doutrina que está sendo aplicada em alguns países, no nosso em particular, e parece ser o caso também do Chile, e que se personifica no Delfim Neto, aquela doutrina dos autores americanos, é de que de fato é importante expulsar a população do campo, nada de fazer R.A., de redistribuir a terra, mas realmente tem que concentrar, tecnificar estas propriedades todas, promover a saída da população do campo para criar mão de obra barata nas cidades. Na medida que refluindo o marcado, cresce o desemprego. Os jornais ontem davam, 29 milhões nos países desenvolvidos capitalistas. No Brasil, a taxa de desemprego já nesta semana, na maioria das cidades ficou entre 9 e 10%, sendo que numa cidade como São Paulo, dá mais de 1 milhão de pessoas desempregadas. E com uma desvantagem, como dizia um comentarista: de que aqui, nós não temos um

serviço social decente, enquanto os países desenvolvidos tem. Daí porque as pessoas estão desempregadas mas não estão morrendo de fome, não estão fazendo nenhuma pressão muito especial, enquanto aqui, um milhão de pessoas pode pesar mais que os 29 milhões dos outros países.

Esta situação de crise economica pode, isto é pura especulação, pode forçar uma revisão das doutrinas economicas que estão sendo aplicadas em relação à questão fundiária. Não se espantem todos se derepente o governo começasse a mais acentuadamente falar em R.A., redistribuição de terras, recriação de técnicas de trabalho tradicionais, etc. Aliás, já está aparecendo isto na política econômica do governo: os desestímulos a tratores no campo e ao estímulo ao uso de arados. Não tanto pela questão da energia mas também um pouco por causa do problema de emprego.

Esses fatores, pressões pela R.A., tiveram como eu disse as soluções mais variadas. Houve soluções revolucionárias, à pressão pela R.A. se juntou a outras pressões, a outras contradições , a outras tensões existentes na sociedade e levou a grandes transformações sociais e políticas, mesmo que depois estas transformações tenham se voltado contra os camponeses, como ocorreu em vários países. E soluções reformistas. Vários países foram reformistas e há quem diga que mesmo nos países socialistas, as soluções foram reformistas como no caso da Polônia, no caso da Iugoslávia, onde não se chegou a fazer uma coletivização massiça da propriedade da terra, ao contrário se estimulou a pequena propriedade. Não por uma questão de opção política do partido comunista, mas básicamente pela pressão popular. Isto é, não havia condições sociais e políticas de fazer uma coletivização, além do que nestes casos sempre se levou em conta a experiência desastrosa da URSS. Ela paga um preço até hoje por causa disto. A coletivização forçada levou a uma redução na oferta de

alimentos, a crises de abastecimento periódicas, problemas que ela tem até hoje. Então o fato de ter havido uma revolução socialista em determinado país, não quer dizor que no campo houve uma revolução fundiária. Houve reforma.

No caso de Cuba, o exemplo mais próximo, a solução que a revolução cubana adotou para o problema agrário, foi uma solução em parte reformista, porque logo de cara, no ano de 1959, a primeira raforma agrária cubana foi uma reforma que determinou que a terra ficasse nas mãos dos que a trabalhavam, no caso nas mãos dos arrendatários e dos parceiros, que ficaram com os lotes de terra que pertenciam a outras pessoas que foram desapropriadas. Indenizados os propristários, as terras foram repassadas a esses camponeses. Foi por isso que Cuba tinha a economia da granda escala altamente desenvolvida, uma situação muito diferente do Brasil, por causa da cana, das grandes plantações de cana. De fato, não havia o problema de transformar as grandes propriedades em pequenas propriedades. As grandes propriedades foram mantidas como grandes propriedades e foram transformadas em empresas estatais. Logo depois, pouco tempo depois, em 1960, quando houve o bloqueio, foi necessário dar o segundo passo da R.A. O governo cubano simplesmente confiscou as grandes propriedades estrangeiras que eram donas das grandes propriedades. Mais de um milhão de hectares de Cuba foram imediatamente transformados em propriedades coletivas, enquanto que a terra que estava em mãos dos camponeses, ficou nas mãos dos camponeses, que são os principais produtores de tabaco, de café e de mais ou menos um quinto da produção de cana de açúcar. Por que isso ? Eu acho que estes casos fazem trazer o seguinte: a questão da propriedade da terra hoje, nas R.As. está subordinada a uma outra questão. É a questão do ramo específico da produção no campo, que não pode ou não comportar uma redistribuição de

terras. Ou seja a R.A. não é necessariamente redistribuição de terras para os pequenos proprietários, que é uma imagem muito difundida, porque o Estado quando reage contra a R.A., ele imagina este país sendo picado em lotes de cinco hectares provavelmente, e cada camponês recebendo um lotinho que não dá para produzir nada e que todo mundo passa fome, etc. Isto não é R.A. A R.A. leva em conta de um lado a pressão popular pela terra, mas leva em conta por outro lado, onde é possível não fazer essa redistribuição da terra. Também não adiantaria fazer a coletivização de toda a agricultura, porque há certos produtos que não podem ser produzidos em grande escala. Por exemplo, não dá para produzir, ainda, feijão em área de 100 mil ha.; ou outro exemplo é o caso da Jari. Olha o arroz da Jari, bonitinho, etc. etc., só que o mercado mundial não tem condições de pagar o preço daquele arroz porque foi produzido por uma tecnologia que não é a tecnologia normal que flui pelo mercado . É um arroz tão caro que não dá para comer. Isto limita, apesar de o arroz ser uma cultura que comporta tecnologia de grande escala, ampla exploração, etc.

O fumo é artezanal, tanto que as empresas que trabalham com fumo como a Souza Cruz e outras, não entram na produção. Elas deixam o artezão camponês produzindo e vão lá e açambarcam a produção deles.

Bem, então não dá para pensar em soluções absolutas e a tendência de vários países que fizeram a R.A., é tendência no sentido de combinar as soluções de maximização da produção onde ela bate e solução de produção camponesa onde ela é necessária. Daí a ambiguidade das economias socialistas por exemplo em relação à questão do campo. Nos países socialistas mais recentes, tem sido mais flexíveis nesta questão; veja-se o caso de Cuba que tem 21% da terra em mãos dos camponeses, e que tem de se levar em conta que essa terra estava muito mais concentrada antes da revolução e que foi a revolução socialista que criou

a propriedade privada do camponês em Cuba. Agora quando estive lá, no ano passado, estava em desenvolvimento a história do mercado camponês, o mercado paralelo para certos produtos que podem ser produzidos em pequena escala. Por exemplo, não dá para produzir salsinha com trator, coisa muito simples, então as pessoas querem comer salsinha; então enquanto elas quizerem comer salsinha, houver uma demanda, uma necessidade até física da salsinha, tem que hever uma outra técnica, tem que ser o pequeno produtor. Eles descobriram isso, ter que estimular as pessoas a fazerem a sua plantaçãozinha.

Agora, tudo é muito relativo. A discussão no Brasil tem sido levada de uma forma extremamente equívoca, porque exatamente absolutiza ora uma solução ora outra, sem levar em conta uma série de peculiaridades. Seria um desastre no Brasil dividir as propriedades canavieiras, seria um simples desastre economico, porque cairia a qualidade da cana de açúcar, cairia a produtividade, uma série de conquistas técnicas seria prejudicada por uma solução inflacional do ponto de vista economico. Isto tem de ser visto, mas isto não impede impede que uma R.A. no Brasil transforme uma propriedade canavieira numa cooperativa de produção, colocando esta cooperativa na mão dos trabalhadores, etc. É a autogestão no campo, seja lá o que for, não dá é para destruir tecnicamente a grande exploração.

P (1)- Um conceituação de R.A. deve levar em conta a Unidade de Produção?

JSM - Antes é importante distinguir o que é unidade de produção e unidade de propriedade. É importante no socialismo, é importante no capitalismo. O fato de que no sul do país existe a produção de soja que pode ser feita em alta escala, não quer dizer que a unidade de propriedade tem que ser a grande propriedade. Durante um longo período da história do Brasil Sul, acontecia que os pequenos proprietários arrendavam suas terras para os grandes

que tinham as máquinas, etc., que faziam as grandes plantações de trigo para eles O que quer dizer, então, que o tamanho, a unidade de propriedade não tem nada a ver com a unidade de produção. Isto acontece aqui em São Paulo, com os bateteiros em geral, que não tem terras e preferem arrendar pequeno pedaços de terra que são antieconomicos para seus proprietários, e criam as grandes unidades de produção. Além do que haveria ainda nesta questão de unidade de propriedade e unidade de produção, diferenças entre elas, que uma unidade de produção, digamos um canavial não é o caso, mas grandes áreas de produção de soja, pode aparecer um ciclo de trigo no meio. Um ciclo intermediário, uma combinação que pode não envolver exatamente o mesmo ciclo de exploração, etc. Enfim uma série de fatores que se combinam aqui. O já se diz e certamente com muita razão, é que a unidade de propriedade deve estar subordinada à unidade de produção, deve comandar o processo de R.A. O que deve decidir é a unidade de produção. Por exemplo, uma grande fazenda de cana de açúcar não deve ser dividida. Ela deve ser preservada. Por que deve ser preservada ? Porque a ocupação do espaço nesta fazenda já foi feito segundo os requisitos técnicos da grande produção que é feito naquela unidade de produção. A unidade de propriedade que vai se constituir com a R.A., de certo modo está sendo constituída antes da R.A.. É uma unidade de propriedade que obedece os requisitos e necessidade da unidade de produção. Isto coloca, evidentemente muitos problemas. Coloca o problema de saber (?) ....(referência: unidade estatal).....(inaudível)..... Mas se se parte para uma cooperativa de produção, uma empresa auto-gestionável a questão é fazer com que os trabalhadores assumam o fato de que já existe uma divisão de trabalho na unidade de produção, que não dá mais para restaurar a competência individual no trabalho. O trabalho de cada um é parte do trabalho de todos. A unidade de produção implica na divisão do trabalho que preserve

fundamentalmente esta unidade que evite a queda da produtividade, que tem acontecido muito nas R.As. No Brasil, a R.A. vai quebrar a unidade de produção, e vai promover um decrescimo na produção agrícola. De fato, onde as unidades de produção estão constituídas em setores agrícolas com uma tecnologia determinada de alta escala, certamente vai haver uma queda, se houver uma fragmentação da propriedade. Agora, o que o pessoal não leva em conta é que há uma massa incrível de terra neste país que ainda não está constituída em grandes unidades de produção obrigatpriamente e que estão improdutivas e para se tornarem produtivas com a R.A. terão que se constituir em unidades de produção no estilo camponês.

A produção de alimentos, a oferta de alimentos , se houvesse uma R.A. hoje no Brasil, que as pessoas que não tem terra, pudessem ter a sua terra etc. etc., só aumentaria, não diminuiria, só aumentaria mesmo que com baixa produtividade, só aumentaria.

P (2)- Eu penso que há aí um problema em termos de trabalho pastoral inclusive, né ? Tanto para nós, como frente aos inimigos, como na formação do povo, parece elementar. .....(inaudível)..... mas acontece com frequência que se supõe que a tecnologia é fatalmente capitalista e a produção também. Isto nos leva a fazer até fazermos uns tipos de colocações meio bucólicas e saudosistas frente à técnica, frente à produção.

R(3) - Sobre o problema da produção de cana de açucar. O senhor está dizendo que seria melhor não dividir estas unidades de produção e propriedade porque já foram pensadas exatamente assim. Eu lí no último número da Revista CEAS um artigo sobre o Pró-alcool, e o autor da ABRA fazia até comparações muito interessantes entre outros países e o Brasil. O mais interessante era sobre India e Brasil. Ele dizia: a India com uma divisão muito maior da propriedade que produz cana de açúcar e açúcar, tem uma produção muito maior

do que o Brasil. O Brasil com uma ocupação de terra e ainda agora com o Pró-alcool, tem uma produção menor. Daí, como conclusão poderia ser o projeto a favor do povo a eventualmente da R.A., distribuição de propriedade se em lugar de ser entregues as terras, e as unidades de propriedade a grandes empresas para produzirem alcool, fossem entregues a uma massa de camponeses que precisam de terra.

P (4)- Eu acho, ainda em cima disto aí, que surge uma coisa fundamental. Quando falo em "unidade de produção", falo em abstrato. Produção de que e para que ? Então, imediatamente, a discussão deve ser remetida para discussão de programa economico. Porque estes argumentos canavieiros, inclusive do diretor da AGRA, estão vinculados ao Pró-alcool, que é um programa deste regime. Mas se falarmos em produção de alimentos, produção não voltada para a exportação, produção não decidida autocraticamente, então a própria unidade de produção vai se modificar. Em outro processo, estas unidades de produção que hoje existem, independentemente da unidade de propriedade, podem vir a ser destruídas por inúteis ou anti-populares. A unidade de produção da soja deve se manter tal e qual porque se mostrou factível. Isto é bom para hoje, mas pode ser que a soja deixe de ser uma produção prioritária e portanto a unidade de produção do grão de soja venha a ser destruída paru em seu lugar se implantar uma outra unidade de produção diferenciada tanto no tamanho quanto na tecnologia quanto na divisão de trabalho, porque assim será decidido por uma R.A. no bojo de um processo revolucionário onde o programa economico esteja voltado às necessidades do povo.

P (5) - Num projeto em Pernambuco, a Usina vendeu para o governo uma terra bastante grande e vários engenhos. Dividida a terra em 30 ha. para cada parceiro. Antes a Usina não tinha tanta cana como passou a ter

depois que os parceleiros começaram a plantar. Cana mais, cana melhor e mais bem entregue, na hora certa...

(aparte) No caso a unidade de produção é a Usina não a parcela...

P (5) ...mas o certo é que para a usineiro foi melhor, que recebeu o dinheiro adiantado da desapropriação e o pessoal continou fornecendo para ela sem nenhum ônus social. Desempregou todo o pessoal da Usina...

(aparte) e, aparentemente foi feita uma R.A.

(aparte) Programa especial Proterra

P (6) - Será que nesta discussão entraria o aspecto seguinte: quando se coloca o aspecto socialista, unidade de produção e unidade de propriedade, vale a pena o aprimoramento do aspecto tecnológico. Em nosso caso o processo revolucionário tem um componente ideológico.....

JSM .....tão significativa quanto a cana e não precisa depender necessariamente da pequena mão de obra familiar. Mas isso não quer dizer que a cana não seja de melhor qualidade e que até produza mais, na medida que há exploração maior da família camponesa. Este é um outro programa que está por trás da superioridade aparente da produção camponesa. Os camponeses trabalham muito mais horas que uma empresa capitalista. Então, aqui é um fato altamente interessante, mas não é exatamente uma reforma agrária, é uma negociata agrária. No caso, o Próterra, porque o que eles fizeram? Eles pagaram a terra aos fazendeiros, eles escolheram a terra que queriam vender, as piores terras, as que nunca teriam condições de utilizar com a tecnologia que dispunham, então foi um alto negócio e continuam recebendo a cana para fazer o açúcar. Não tiveram nenhum prejuizo nesse sentido, dispensaram os encargos trabalhistas, foi um alto negócio. Foi altamente racional para a empresa capitalista. Exatamente por isso que a R.A. não é necessariamente anti-capitalis

capitalista já que ela pode ser feita por uma sociedade capitalista sem causar nenhum dano ao capital. Ela só causaria dano se fosse um confisco, se fosse uma reforma confiscatória, se as terras fossem confiscadas. Então sim, os proprietários de terras ficariam prejudicados.

Os projetos de colonização. O governo pode optar entre colonização oficial ou particular. E opta pela particular que é muito mais interessante, que nem ele faz despesas e todo mundo ganha dinheiro. Sái todo mundo ganhando. Até o colono, na medida que sái proprietário de algo que pode ser revendido em termos de puro ganho economico.

Quem perde a terra sái ganhando, quem vende a terra sái ganhando. O governo não perde absolutamente nada, vai passar receber impostos, porque tem produção aí, etc. O parceleiro também, ele não sái perdendo nada, ele vai é ser explorado intensamente como acontece com os gaúchos em Mato Grosso. Lá o sujeito tinha pelo menos um fim de semana para conversar, etc., hoje não tem mais, tem de trabalhar o tempo todo. Ele é um escravo da produção para pagar o Banco do Brasil. Ele é empregado do Banco do Brasil. Do ponto de vista subjetivo, porém, ele não está perdendo, ele não foi roubado, ele não foi posto para fora da terra: ele está com terra.

Mas voltando à questão da cana, só para clarear um pouco. O exemplo que eu coloco aqui, No caso do canavial, digamos que houvesse hoje aqui uma R.A. revolucionária, então o governo decreta a desapropriação de todas as grandes propriedades canavieiras por exemplo, e que elas sejam divididas entre seus empregados. De início isto vai criar uma convulsão social. De início, porque o caso da India tem todo um padrão de organização economica da agricultura, então já está organizada daquele modo, a usina já está adaptada aquele tipo de produção, etc. No nosso caso não. A economia de açúcar é uma economia de grande

escala, por isso teria que tomar uma série de medidas para evitar o desmantelamento dessa, que se não fosse fornecida a cana na quantidade certa, no tempo certo. É tudo uma questão de ritmo, tempo de organização da produção, de modo de colher, etc, que se organiza em torno da unidade dominante de produção capitalista que é a usina. Fundamentalmente isto.

De qualquer modo, se eu uso uma máquina no meu canavial eu posso trabalhar muito mais do que se eu trabalhasse em termos mais artesanais. Se houvesse uma grande transformação social neste país, a unidade de produção liberando mão de obra ao invés de desempregar, como acontece na sociedade capitalista, liberaria tempo para mão de obra. Foi um pouco isto o que aconteceu em Cuba. Ao invés disto você tinha assim uma massa de desempregados e uma massa de população empregada super-explorada, trabalhando 12 horas por dia. O que fez? Jornada de 8 horas para todo mundo trabalhar. De fato este ganho tecnológico se transforma em meio social, ao invés de se transformar num ganho capitalista.

Há uma série de fatores de R.A. Há um segundo momento que é o momento do processo da R.A., a transformação da pressão pela R.A., em R.A. Este processo estamos vivendo hoje no Brasil, este momento, não sei se mais no começo ou mais no fim. Este processo envolve um conjunto de coisas que precisam ser levadas em consideração. Primeiro os grupos sociais. Quais os grupos sociais que estão interessados na R.A.? Quais os grupos sociais que se opõem à R.A. Esta composição de forças na luta pela R.A., na concretização da R.A. é que define que R.A. vai ser esta. Essas forças durante o processo da R.A. podem ser as mais variadas, as mais estranhas. No caso do Japão, quem executou a R.A. foi o Alto Comando americano e o Alto Comando americano executou a R.A. para desmantelar a estrutura de poder do Japão Imperial, desorgani-

desorganizar a sociedade japonesa (o que aliás fez muito bem, aqui entre nós), para desmantelar a sociedade japonesa, porque as formas de exploração do trabalho camponês através da renda, etc., formas brutais de exploração tinham permitido uma brutal acumulação de recursos e riquezas nas mãos da classe latifundiária, de uma burguesia e uma aristocracia japonesa altamente belicosa e imperialista, pretenciosa, autoritária, violenta, et. etc., que levou a entrada do Japão na 2a. Guerra Mundial. Então, desmantelar esta estrutura era a forma de desmantelar a possibilidade de os Estados Unidades americanizar o inimigo. Essa foi a forma que eles utilizaram. De que maneira ? Desorganizar a estrutura fundiária, despropriar a terra, transferia as terras para os camponeses, tomar uma atitude liberal, progressista, sem dúvida, porque quebrou um vínculo de dependência, quebrou as relações de exploração baseadas na dependência pessoal etc.

A mesma coisa em Formosa. Foram os americanos que fizeram a R.A. em Formosa, desapropriando todas as grandes propriedades, todas as propriedades que tinham maisde doze ha., e criaram as pequenas unidades produtoras de arroz, que justamente tem uma tecnologia altamente sofisticada.

Também foi isso que aconteceu na América Latina: depois da revolução cubana, quando os americanos decidiram e os outros países assinaram em baixo, que eles tinham de fazer uma R.A. Os países Latino Americanos tinham de fazer uma R.A., por que isso? Um dos fatores da revolução cubana, dois anos antes, tinha sido justamente a pressão fundiária, tipo de exploração que havia no campo, etc., o apoio camponês à revolução cubana, que permitiu, que organizou a revolução. Já tinha contecido isto na Guatemala em 54, os americanos tiveram de intervir brutalmente, massacrar a população, etc. porque estava em andamento uma reforma agrária que não era a que eles queriam fazer.

A verdade é que, como decorrência em um tempo relativamente curto, mais de 20 países latino americanos criaram leis de R.A. como decorrência dessas pressões americanas e outras, reformas agrárias começaram a caminhar num sentido que poderia ter outras consequências políticas. No caso do Brasil, os americanos imediatamente intervieram no sentido dos golpes que foram dados e numa R.A. administrável, controlável politicamente. O processo da R.A. envolve muitas forças, forças sociais às vezes muito diferentes. O que nós tinhamos aqui no Brasil antes de 64, 63? Era a chamada burguesia nacional, talvez existissem os setores intelectuais que falavam em nome desta burguesia nacional: "nós temos de fazer uma R.A." etc., aquelas medidas todas que Goulart vinha tomando desde 62 no sentido de concretizar esta reforma. Havia setores que no começo apoiaram, mas depois ficaram mais relutantes em relação a R.A., como era o caso do PC e setores a favor da R.A. Setores muito conservadores que eram a favor da R.A., que finalmente foi aquela colocada no papel, setores envolvidos no golpe de 64. Enfim todo mundo tinha uma projeto de R.A: a direita, a esquerda, o centro, pessoal de cima, pessoal de baixo, de lado, etc. Todos tinham um projeto de R.A. que é a forma básicamente de intervir no modo de como a terra está distribuída e usada. A R.A. é basicamente isto, transformar o modo como vem sendo distribuída e utilizada a terra. E basicamente as pressões na America Latina eram para quebrar o caráter rígido da propriedade da terra. Eu acho que há muitosequívocos na interpretação da questão agrária na América Latina nessa época. Ou se imagina uma America Latina feudal, com estruturas agrárias muito rígidas, de modo que não houvesse possibilidade de a terra passar de um a outro, dividida ou não dividida. Isto era totalmente falso em relação a vários países, certamente em relação ao Brasil. No Brasil, nos momentos de crise econômica no mercado mundial, dos produtos coloniais como o

café, etc., houve uma distribuição de terras. Aqui em São Paulo mesmo, depois da crise de 29, a primeira coisa que os fazendeiros fizeram, foi vender suas terras, eles as venderam para os colonos. Era uma forma de captar dinheiro e jogar na indústria, em outra coisa , e isto foi feito. Há um estudo feito por Sérgio Milliet, mostrando claramente que entre 30 e 40 houve uma ampla fragmentação da propriedade da terra em São Paulo. Velhas, antigas fazendas de café. Os fazendeiros não tinham apêgo àquilo, não era fundamento de uma condição feudal para eles. Eles eram capitalistas. Quando dá lucro, eles querem concentrar. Quando não dá lucro eles querem dividir. Eles querem vender e colocar o dinheiro em outra coisa. Eles são negociantes. Isto acontecia em outros países: estavam concentrando porque o mercado mundial estava cada vez mais favorável ao produto agrícola, então eles tinham que jogar com isto para assambarcar o lucro que pudesse ter a partir da exploração da terra, ou então cobrando tributos pela utilização da terra, cobrando renda, explorando através da renda territorial.

Então, enfim, o processo envolve forças várias nesta questão. Eu acho que hoje no Brasil se a gente quizesse ter uma idéia das forças sociais da R.A., a gente poderia indicar as seguintes: uma força social da R.A. é inequivocamente a Igreja, ela é uma força social da R.A.

P (7) - Se de fato estivesse certa aquela análise que teríamos uma estrutura ainda feudal, estabelecendo relações pré-capitalistas, como se fala ainda hoje, acredito eu que a conjugação de forças contra este tipo teria permitido a realização da R.A. do tipo capitalista no país. Uma R.A. para liberar a terra para se produzir em termos de desenvolvimento. Eu acredito que teria acontecido isto, se a análise fosse verdadeira. Para mim o equívoco, uma das provas, é exatamente o fato de que não se deu aquilo que se imaginava que iria dar historicamente. Na verdade não aconteceu porque na verdade é que o inimigo não era nada daquilo que se dizia.

P (8) - Nesse sentido, acho que é importante ter presente, porque é o que estava dizendo ontem, acho que toda nossa imagem, toda nossa idéia de R.A. ela é formada de um debate que vem deste período que se interpretava a realidade desta forma. Os segmentos feudais, a estrutura feudal, relações pré-capitalistas que por isso justificam a entrada de uma mudança de estrutura no campo para poder melhorar as condições de vida, melhorar inclusive a capacidade de produção, aumentar os produtos disponíveis, etc. É uma proposta tipicamente de de produção, de desenvolvimento. Essa idéia mais ampla que se tem quando se fala em R.A., ou então o medo que se faça uma revolução, isto é, se pensa uma R.A. assim , exatamente para evitar uma revolução, para evitar o processo revolucionário agrário. Eu acredito que as coisas não se fazem separadamente.

JSM - Mas, no processo da R.A. vamos pegar o Brasil que está mais perto. Certamente a Igreja é uma força. Qual é o projeto da Igreja ? Só Deus dabe... Eu acho que a Igreja está dividida entre uma R.A. distributivista e um tipo de cooperativismo no campo. Até um grupo que a gente poderia chamar de radical, não sabe bem qem que tipo de R.A. quer, mas quer R.A. radical... É o grupo que tem o leque mais amplo de alternativa pela frente. Não tem nenhum outro grupo com tantas alternativas pela frente, nas forças que queram a R.A. Majoritariamente a Igreja, hoje, quer a R.A., majoritariamente ela quer. Ela começa a querer mais claramente em 63. Até 63 a R.A. era uma questão que todo o mundo sabe, todos leram os trabalhos sobre isto: evitar o êxodo rural, a criação de um proletariado que ia cair nas mãos dos comunistas, aquela coisa toda de proteção ao pequeno proprietário, aquela classe

média próspera no campo para manter as estruturas de dominação, de poder, de apropriação. A partir de 63, deu uma virada quando a Igreja admite a desapropriação de terras sem indenização em dinheiro. Ela está praticamente começando a aeitar a idéia de uma R.A. que pode ser confiscatória. Não que vá ser necessariamente. Consequentemente, ela começa a se descomprometer com a idéia de propriedade e começa a aceitar uma transformação mais ampla no campo, abre o caminho para a discussão mais ampla que existe hoje dentro da Igreja sobre a questão da R.A.

Outro grupo importante é o sindicato. O sindicato na verdade nasce na luta pela R.A. Ele é produto já da luta pela R.A. Ele já é comprometido com a R.A. A psoição do sindicato é muito clara, é distributivista. A R.A. preconizada pela Contag é distributivista, é a R.A. do Estatuto da Terra. Isto não quer dizer que a posição dos trabalhadores seja esta; é a posição tática da Contag. Ela acha que é melhor lutar por uma coisa que está a meio caminho de se concretizar, do que tentar inventar coisa nova. Eu ouvi críticas de pessoas da Contag às resoluções do 3º Congresso patrocinado por ela própria, principalmente àquele item da invasão das terras, da ocupação das terras. É uma posição legalista. Finalmente, outra força de pressão...

P (9)- Há muitos elementos na Igreja que gostariam de conjugar as duas: a distributivista e a cooperativista. Inclusive a gente discutiu muito isso com os sulistas em geral. Eles vem que a simples distribuição não conjugadamente com o cooperativismo...

JSM - Eu acho que alguns tem a sua R.A. distributivista, no caso os bispos do sul pensam em cooperativismo para comercialização dos produtos agrícolas, enquanto que eu acho que já apareceram tendências de cooperativismo de produção. Desapropriar e manter em comum e criar uma cooperativa de

produção. Essas experiências que tem sido feitas e que os jornais pichem demasiado, que a Igreja não sabe fazer essas coisas. Mas há um pouco essa tendência também.

P(10)- Acho que um pouco nessa linha aí, os bispos que defendem esta idéia, vinculam também o seguinte: de como eles não fazem uma relação da R.A., dos trabalhadores com as mudanças mais profundas na sociedade. Quer dizer, tudo é a nível da produção, quer dizer, a famosa terceira via do cooprativismo a nível geral em toda a sociedade.

JSM- Pessoalmente, acho que a tendência geral dos pesquisadores é de reagir contra a todas as experiências de cooperativismo. O pessoal sempre diz: "isto é um falso socialismo, uma caricatura, etc". Eu não sei, eu acho que a gente deveria ver com outros olhos esta coisa. Primeiro porque o país não é socialista, é um país em que o capital é muito ativo, muito forte e significativamente hegemônico. Nós não estamos vivendo um momento de fraqueza com a presença do capitalismo no campo, ao contrário, essas reações de cooperativismo no campo, na produção ou mesmo na comercialização talvez sejam formas prévias de educação política do campesinato, de organização. A coisa mais difícil é colocar o camponês junto com outro camponês. Na festa ele vai. No batisado, no casamento, no mutirão. Mas a vidinha dele é aí mesmo, ele é ele mesmo. Então quando se consegue juntar esses camponeses em alguma coisa como os velhos padres lá no Rio Grande do Sul conseguiram com as sociedades de capela, que funcionam um pouco neste estilo, é muito importante na educação política dessa população. Claro que a distorção que exista aí deve ser analisada também. A gente não deve subestimar, é claro. É melhor um colono organizado em uma cooperativa do que o colono isolado, do ponto de vista político. Bom, a discussão termi-

discussão termina aqui, é uma discussão um tanto complicada.

P(11)- Em Cuba, os camponeses que ficaram com sua terra, como é que estão assimilando o socialismo, que tipo de reação ?

JSM- Esse pessoal que ficou com a propriedade privada está vivendo um momento muito especial agora. É que, independetemente de ser uma colonização do trabalho familiar, que possa representar certos tipos de produção etc., há determinados produtos produzidos por essa população que podem ser objeto de um trabalho cooperativado. Então estes camponeses que estão organizados numa entidade chamada ANAP (Associação Naci nal dos Agricultores Pequenos), que tem representação política no governo cubano através desta orgánização, estão sendo estimulados a aderirem a programas de cooperativas de produção. Estão sendo estimulados, simplesmente. Menos pelo ganho economico e mais pelo ganho social, ou seja, como uma forma de quebrar o isolamento destes camponeses. As condições de vida dos camponeses isolados são muito ruins, ou seja, são camponeses pobres do tipo daqueles que a gente vê aqui. Moram naquêle ranchinho, muito parecido com os nossos, casinha de madeira, tronco, coberto de palha e por aí. Estão essés camponeses estão sendo estimulados a participar de cooperativas de produção. De que maneira? Eles podem se juntar. Eles são proprietrios de terras, ninguém mexe em suas terras, elas são propriedade do camponês. Eles estão sendo estimulados a se juntarem, mas para se juntarem, como as propriedades estão espalhadas, umas das outras, eles são estimulados a venderem suas terras ou trocarem. Então tem acontecido muitos deles procurarem o governo , a entidade que cuida disso e oferecerem a terra deles. Já se organizaram antes e decidiram que vão formar uma cooperativa. Grupos de 10 a 15 famílias. Então transferem essa terra e o governo localiza uma outra contínua, e transfere para

uam cooperativa. O governo pagou por essa terra que consegue. A terra que foi vendida foi comprada pelo governo. Eles se organizam em cooperativa. A cooperativa vai permitir a esses camponeses, e é nisto que a revolução cubana está apostando neste momento, ter uma condição de vida melhor. É nisso que está investindo a revolução cubana, permitir melhores condições de vidaxx aos camponeses, na medida que eles vão poder utilizar máquina, tratores, coisa que não podiam utilizar em suas pequenas parcelas. Então a cooperativa monta primeiro, junta as pessoas em um mesmo lugar, organiza a vida das pessoas, quebra o isolamento físico do camponês. Na cooperativa de produção eles vão morar em um lugar determinado, algumas vezes tem acontecido o pessoal não optar por esta solução, e morar nas aldeias, nas cidadezinhas próximas, ou resolvem morar juntos. No caso de morar junto, foi o caso que eu vi, permite fazer um prédio de apartamentos no campo, muito no estílo de Brasília. No campo você vai encontrar aquela super-quadra. São prédios de quatro pavimento Então o sujeito que vivia em chão batido, vai ter aqui uma casa com tres quar tos, banheiros, cozinha, mobiliada, televisão, etc.

(final da fita 1)

JSM - Eu considero a força mais fraca na luta pela R.A. no Brasil, os partidos políticos. Porque os partidos não tem clareza sobre esta questão. Os partidos não estão conseguindo traduzir em termos políticos esta questão da luta pela terra. Então eles ficam com posições retóricas, afirmações genéricas. Na hora de concretizar eles não sabem o que fazer, mesmo no campo onde existem bases, etc., eles não sabem o que fazer. Eles tentam vender para os trabalhadores mais uma interpretação do processo que estes trabalhadores estão vivendo, que é afastadada do que está acontecendo. A própria base acaba sofrendo distroções na situação por causa da meiação d

dos partidos.

Uma experiência que eu tive na ilha de São Pedro, às margens do São Francisco, quando fui participar de uma reunião, onde tem um grupinho de 25 índios, que tomaram a terra há dois anos e que estão divididos entre PT e PMDB. A gente perguntava, mas porque o PT? Poque o PMDB ? Ninguém sabia. Qual a proposta do PT que encampa o problema de vocês, qual a proposta do PMDB que encampa o problema de vocês ? Ou de qualquer outro partido. Quer dizer, é uma questão de opção ou por razões que não tem nada a ver com a luta concreta que eles estão levando. Nenhum desses partidos tem nada a dizer concretamente sobre este tipo de questão; toma ou não toma a terra ? Nenhum partido diz: toma a terra. No Brasil, nenhum partido advoga invasões de terra, portanto não pode encampar a luta dos índios Xocós da Ilha de São Pedro, como não pode encampar outras lutas. Porque, como é que voce traduz uma invação numa proposta política. Isto não é tão simples. O que vamos fazer politicamente com a invasão de terra ? Porque invadir a terra quer significar outras coisas. Pode significar tomar as prefeituras, fazer um pouco o que aconteceu no Brasil nos anos 50, no sudeste do Paraná; no caso de Trombas, que praticamente começa a se gestar um poder popular no campo, e a coisa ia além da terra, não era só a terra. Era tomar o poder, o poder onde ele se fazia presente na vida dessas pessoas: na prefeitura, na localidade onde o poder estava presente as pessoas estavam tomando. Foi o que aconteceu no sudeste do Paraná, na revolta de 57. Mesmo naquela altura, o próprio PC não sabia o que fazer com isso. No primeiro momento ele tinha uma doutrina para isso. No segundo momento, dizia: vamos acabar com esse negócio e tal. E começa a desmobilizar o pessoal. É uma questão complicada.

Estes são, ao meu ver, as forças que são hoje as principais pressões de raízes populares que estão comprometidas de alguma forma com

a R.A. Bases populares mais reconhecidas.

Em termos de sindicatos estão aparecendo grupos para-sindicais em vários lugares, por causa da ineficiência/de setores não organizados. As mediações estão nestas situações de indefinição. Além disso, nós temos as forças não populares que também estão empenhadas no processo de R.A. O Estado está empenhado. Isto me parece importante, o governo não cumpre o estatuto da terra, é uma coisa que todos nós dizemos. Sim, o governo cumpre o estatuto da terra, porque o eststuto da terra foi feito para desenvolver uma R.A. segundo interesses que não são os dos trabalhadores rurais. Segundo, isto sim, os interesses das camadas dominentes e do Estado que gerencia o processo economico-social-político em nome dessas classes. Ele executa, no fundo, um projeto de R.A. que foi planejado, elaborado pela sociedade civil. Aquele pessoal, todo organizado no I.P.C.

No caso do Estado, a R.A. do Estado é uma reforma distributivista apesar de falar em cooperativas integradas da reforma agrária. Basicamente é distributivista e legalista no seguinte sentido: dá o título e você se vira, faz o que puder. No caso os projetos de colonização, ainda assim de inspiração distributivista. A polítca do Estado é de combinar a demanda de terra com o lucro do comércio de terras. O Estado brasileiro tem evoluído rapidamente nesta direção. Quer dizer, num momento ele é capaz de revender a terra sem lucro, etc. etc. Neste momento ele já está, começa a estimular mais intensamente a colonização particular. Ele praticamente diz: "eu acho que é possível atender estas pressões pela R.A. sem deixar de ter lucro com isso". E os projetos de colonização particular estão indo nessa direção. Em vez do INCRA ele passa para as empresas particulares que estão ganhando uma brutalidade de dinheiro nestas transações.

A burguesia brasileira e não brasileira, internacional, é difícil ficar fazendo o mapeamento de quais setores isto não interessa. Estas classes dominantes todas tem um projeto de R.A. As multinacionais tem um projeto de R.A sendo executado no Brasil. O Estatuto da Terra é um pouco expressão desses interesses nacionais e internacionais. É um pouco ou muito. Porque houve a presença deesses diretores de empresas multinacionais que participaram do processo de elaboração do E. da T. E este projeto de R.A. deste grupo é um projeto que visa combinar o útil com o agradável, ou seja ter o lucro com a terra, ter uma produção agrícola que possa ser manipulada pelos setores intermediários controlados pelas multinacionais, criar mercado para os insumos agrícolaa, máquinas, etc., que não estão praticamente na mão das multinaci nais. Estimular a venda, para eles interessa muito mais. Para eles que vendem tratores, a pequena e média propriedade interessa, porque na na grande propriedade o trator é utilizado racionelmente, enquanto que na pequena ele é utilizado uma ou outra vez no ano. Então na mesma área de terra, se fosse grande iria vender muito menos trator. Uma grande empresa usaria o adubo mais racionalmente, a semente mais racionalmente, o veneno mais racionalmente. Enquanto o pequeno usa sem critério com desperdício incrível.

(vários): Não é sem critério não. O governo impõe através do empréstimo do próprio banco. Condiciona o empréstimo a quantidade "x" de sementes, etc.....

- Eu tenho a impressão que é de ecordo com a cultura....

- No sul tem 24 milhões de ha. de soja. Quase todo o estado planta soja. Voce não pode imaginar a diversidade do solo. Mas as normas são uniformes: 240 kg de adubo por ha.

JSM - Tem que levar em conta que a EMATER é na verdade sucessora da

ABCAR (Associação Brasileira de Crédito e Assistência Rural). É uam sociedade privada, organizada pelo grupo Rockefeller no Brasil. Desde os fins dos anos 40 este grupo entrou no Brasil através das estações experimentais para modernizar a agricultura brasileira, e fez convênio com os secretários de agricultura dos estados brasileiros, com exceção de São Paulo. O governo dava o dinheiro para manter todo este aparato e eles ensinavam como utilizar técnicas modernas.

O órgão nacional era a ABCAR, ele coordenava a chamda difusão de inovações, serviço de treinamento dos extensionistas no Brasil, que tinha um controle até hoje exercido pelas escolas de extensão rural das escolas de agronomia, todas elas. Uma das escolas que está nas mãos deles é a Escola de Viçosa, é onde se planejou o texto final do E. da T., onde se discutiu a carta de Brasília no tempo do Costa e Silva, edonde saiu o [illegible] Alysson Paulinelli, Hugo de Almeida Lema, etc. Claro que há vantagens nesse trabalho, mas há desvantagens. O interesse é bem objetivo. Não obedeca ao interesse do pequeno lavrador, é o interesse das multinacionais. Então para este grupo existe o maior interesse na realização agrícola, até na família, na pequena propriedade. A ABCAR tinha um sistema de extensão rural que compreendia um agrônomo e uma extensionista. Assim, o agrônomo trabalhava o marido e a mulher trabalhava a esposa. E tinha o tal Clube dos 4 S, que trabalhava as crianças.

Em Piracicaba havia um curso superi r de economia doméstica, onde se aprendia fazer bolinhos, etc., porque as extensionistas aprendiam a cosinhar para ensinar a mulher do campo a cosinher... De certo modo as coisas são diferentes, mas desemboca na mesma coisa que se chama política de R.A. Então a implantação de uma solução ou outra vai depender da composição de forças, da força maior ou menor que estes grupos possam ter no encaminho-

encaminhamento do processo. Além disso haveriam outras forças sociais não organizadas no campo. Provavelmente a maioria não está organizada, lutando pela terra. O campo não luta pela R.A. O camponês não luta pela R.A, ele luta pela terra. A luta pela R.A. já é a luta política pela terra, é a luta pela forma política que vai assumir essa distribuição de terras. Por isso é que a palavra R.A. não aparece, ela não soa no ouvido do camponês porque isto não é do universo dele, a menos que haja um alto grau de politização da luta no próprio campo e na própria base. Aí ele sabe o que é R.A., mas não precisa chegar para ficar lutando pela R.A.. Ele pode estar lutando pela terra e o caminho possível é a R.A., seja ela de esquerda, direita ou que entre pelo centro. De modo que é esta a situação que se apresenta.

Eu acho que há um quadro posterior ao processo de R.A., que é um desdobramento desta reforma. Há um momento que ela poder ser tida como concluída, isto é, foi feita a R.A. E agora? E este agora eu acho importante, porque no Brasil, a posição de muitos grupos políticos a respeito da R.A. está muito menos no processo, na luta real pela R.A. e muito mais no depois. Em nome do depois, as pessoas são contra ou a favor. Se o camponês é conservador e reacionário, é reacionário sob o ponto de vista da aspiração da hegemonia do partido, por exemplo. Ele não aceita a burocratização, as imposições, aquela coisa toda. Ele tem um outro tipo de convivência. Então eu acho que é possível encarar o desdobramento nessa perspectiva, que é uma perspectiva partidária, em termos do papel conservador que o camponês vai ter numa sociedade capitalista ou socialista. Também numa sociedade capitalista existe aquilo que se chama acomodação do camponês depois da R.A. Aqui mesmo no Brasil, houve experiência no Engenho da Galiléia, que foi o lugar de detonação das Ligas Camponesas. Imediatamente depois da desapropriação

de terras que o governo fez no bojo da luta ampla pela R.A., o grupo da Galiléia se acomodou. Nessas áreas onde o governo tem dado terra, muitas vezes tem havido acomodação repentina. Eu não sei porque as pessoas tem de lutar de fusil na mão 24 horas por dia. É aquele problema que eu estou levantando. Houve um momento em que eu acreditava. Isto não tem que ser visto isoladamente. Eu recosto agora e encontro as pessoas acomodadas. Eles tem outros problemas. Agora eles estão menos isoladas ainda da sociedade capitalista, portanto as contradições dessa sociedade estão atravessando a vida delas todas o tempo todo. Nós temos que descobrir como é que o processo continua na vida deles, como o processo histórico do capital continua na vida deles. Então o desdobramento pode ser visto de várias maneiras. Pode ser visto em termo de atitude apática, conservadora do camponês, como pode ser visto outras coisas. O fato de que em alguns países, em algumas situações a propriedade da terra libertou o camponês da tutela pessoal , e ainda que ele tenha se tornado acomodado foi um fato importante. Nós estamos vivendo um momento muito especial no projeto brasileiro, porque, primeiro, vivemos um país em que a proposta popular de R.A. foi derrotada politicamente; nós estamos lidando a realidade, engolidos mais ou menos intensamente por uma proposta de R.A. que é das classes dominantes e tem sido extremamente ativa na concretização de seu projeto agrário. Nós estamos trabalhando em uma situação altamente desfavorável do ponto de vista político. Por outro lado, apesar de todas as medidas políticas que o governo tem à mão, há uma luta crescente pela terra. Quer dizer, o problema está se desedobrando e a situação está se tornando extremamente complicada, e me parece que o problema é saber como canalizar, como pensar o crescimento destas inquietações, não via solução governamental mas via a uma possibilidade de política alternati-

alternativa, e qual o grau de viabilidade desta política alternativa. Em que medida é uma utopia, uma perda de tempo, ou não é. O que é possível historicamente.

Finalmente, eu diria o seguinte: muitas conquistas ocorridas ultimamente são conquistas extremamente significativas nessa luta pela terra: organizar os trabalhadores mesmo que seja pela organização precária que nós conhecemos, pessoal que se reune uma vez por ano num ranchinho lá no meio do mato para discutir os seus problemas. O fato das pessoas se juntarem, de conversarem, de trocarem suas idéias até cometendo erros no que diz respeito à ação concreta é um fato altamente positivo. A gente está observando no campo uma verdadeira revolução no Brasil e isto não pode ser esquecido. É uma revolução na medida que esta população começa a tomar nas mãos a solução de seus problemas, ainda que a nível local, ainda que depois de conseguir um resultado ou outro se acomodem. Conseguem e tem que voltar à situação cômoda, quieta, à sua pobreza, etc. Mas é uma população que está perdendo a inocência, e isto é muito importante no campo.

O funci namento de uma comunidade de base, de uma delegacia sindical, lutas como estas do baixo araguaia, são da maior importância. Quer dizer houve um crescimento da consciência política da população, que é inegável. E não é só lá, é em todos os lugares. As pessoas estão falando o que há vinte anos não se falava no Brasil. E vejam bem, estão falando a despeito de uma ditadura militar brutal que continua matando no campo. Um número significativo de pessoas são assassinadas periodicamente no campo, mas apesar de tudo isto, a população está se movendo. Não se pode subestimar. O governo está tomando a iniciativa, está avançando e por causa disto ele quer ocupar este espaço. Está claro que ele tem que impedir a politização

ou seja, ele tem que combater o trabalho que a gente faz. Tem de combater o trabalho do sindicato, do Partido, tem de combater a explosão expontânea da população do campo, onde ela possa existir.

Ele tem de ocupar este espaço político que os camponeses estão criando, no braço, no tapa. Ele tem de fazer isto porque ele não se pode admitir ser derrotado de antemão. Eu acho que a gente tem que pensar de como lidar com este fato. O fato de que os camponeses estão lutando e que o governo quer abarcar esta luta, está tentando dar rumo para esta luta. Está tentando fazer concessões, usando o rádio, a televisão. Invade, bota o Maj. Curió com o paternalismo dele, toma conta das Igrejas, invade, predne e todo o esforço do governo tem sido claramente de impedir que toda a população, agente pastora, agente sindical, continue fazendo o seu trabalho porque enquanto estiver fazendo, vai construir a ponte entre a luta local pela terra e a política propriamente dita, a luta pelo poder. Esta ponte o governo não está permitindo que se faça. A questão agrária para ele é esta: impedir que se faça a ponte entre a luta pela terra em Caixa Prego e o poder em Brasília. Todo o esforço do governo é de manter a discussão política à nível da localidade, à nível do lugarzinho. Neste nível está ótimo, desde que não tomem conta do negócio.

nos bolsões de miséria dos pequenos e médios municípios brasileiros, tanto no meio urbano quanto rural. Hoje, mais de 70% da população brasileira concentra-se nas áreas urbanas, como resultado das condições de ocupação e exploração da terra no meio rural. Com isso, as cidades apresentam muita pobreza e miséria nas suas periferias, enquanto a situação das famílias que vivem no campo não é muito diferente.

Hoje, são mais de 9 milhões de famílias que vivem em condição de miséria em todo o Brasil, segundo dados do "Mapa da Fome" do IPEA (órgão da Presidência da República). Entre os mais de 32 milhões de pessoas que vivem na condição de indigência 4.8 milhões são crianças abaixo de 5 anos de vida. Somam-se a este grupo etário as demais crianças, adolescentes e mulheres, primeiras vítimas da desagregação familiar, na maioria das vezes causada pelo desemprego, pela falta de moradia e de segurança, como também pela ausência ou dificuldade de acesso aos serviços básicos de saúde e educação.

É por isso que as ações da Pastoral da Criança estão voltadas às comunidades e famílias carentes, especialmente onde se registra o grande problema da mortalidade infantil, que faz por ano mais de 206 mil vítimas menores de cinco anos de idade (UNICEF-SMI, 1994).

Resultados

De 1989 para cá, a mortalidade de menores de 1 ano acompanhados pela Pastoral da Criança caiu de 53 para 27 por mil em todo o Brasil. Dados como este demonstram que de forma sistemática e organizada as comunidades são capazes de se tornar agentes de sua própria transformação. É dessa forma que se consegue reduzir a mortalidade infantil e a mulher se educa como agente de transformação de sua família e da comunidade. Valores culturais, humanos e cristãos no âmbito familiar e comunitário, tais como a solidariedade, a fraternidade e o respeito ao outro são instrumentos que elevam seu potencial e garantem a continuidade dos esforços.

Outros resultados que merecem destaque são a redução da violência e da marginalidade e o retorno das famílias atendidas a valores éticos capazes de preservar o que de melhor existe na vida em comunidade. Assim, pode-se afirmar com segurança que atualmente o problema da violência no ambiente familiar, que afeta milhares de crianças por ano em todo o Brasil, é muito reduzido nas famílias acompanhadas pela Pastoral da Criança. É uma maneira eficaz de se prevenir na família o abandono das crianças, que vão às ruas em busca de sobrevivência ou fugindo do ambiente familiar hostil, engrossando as fileiras de meninos e meninas de rua. Se todas as comunidades carentes tivessem acesso a esse trabalho, não só as doenças e as mortes seriam reduzidas drasticamente como também a violência e a marginalidade. Entretanto, não se pode deixar de ressaltar que a distribuição justa de rendas, a educação e a saúde são condições fundamentais para haver justiça e paz no País.

Conclusão

Com esses anos de experiência, a Pastoral da Criança demonstra que é possível reduzir a mortalidade infantil, a desnutrição, desenvolver todo o potencial da criança, educar a mulher, prevenir a marginalidade na família e, em conseqüência, nas comunidades e nas ruas, promover a fraternidade cristã, assim como a organização da comunidade, através da formação contínua e acompanhamento de seus agentes.

No entanto, é preciso ter presente que a solução dos problemas, que relegam à condição de indigentes mais de 22% da população brasileira, necessita ser buscada de duas formas: a primeira é uma mudança a nível de macro-estruturas do país, de forma a possibilitar uma justa distribuição de rendas. Mas ao lado disso, faz-se necessário a soma de esforços de todos os segmentos sociais, atingindo a família, procurando junto aos pais, mães, parentes e vizinhos soluções capazes de garantir melhoria na qualidade de vida das crianças, comprometendo a todos numa nova ética social e na construção de uma cultura centrada no respeito e valorização da vida.

O resgate da cidadania, com a participação de todos nos bens-comuns que não podem continuar à disposição apenas de uma parcela da sociedade, exige o cuidado com as crianças desde a gestação; elas são os recursos humanos do futuro e portanto a maior riqueza material e espiritual das famílias e do país.

Apoio

Para realizar todo este serviço a Pastoral da Criança da CNBB recebe apoios nacionais e internacionais, seja de entidades ligadas à Igreja, como de órgãos governamentais e não governamentais.

Entre as diversas entidades que dão suporte técnico e financeiro para que a Pastoral da Criança possa viabilizar suas ações nas áreas de saúde, nutrição e educação está o Ministério da Saúde, que arca com cerca de 70% dos gastos totais da Pastoral desde 1987.

Situação de Abrangência

2º TRIMESTRE DE 1994

Estados (100%)	27
Municípios com Pastoral da Criança (39%)	2.076
Regionais da CNBB (100%)	16
(Arqui)Dioceses ou Prelazias (94%)	242
Paróquias cadastradas (40%)	3.286
Comunidades cadastradas	18.840
Líderes comunitários atuantes	65.145
Famílias acompanhadas	1.409.503
Gestantes acompanhadas	104.034
Crianças menores de 6 anos acompanhadas	2.023.909
Projetos Alternativos Comunitários	951
Rádios com programa "Viva a Vida"	652

PASTORAL DA CRIANÇA

CNBB Para que todas as crianças tenham vida

Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

Pastoral da Criança

Coordenação Nacional
Rua Pasteur, 279 - 80.250-902 Curitiba, PR - Brasil
Fone: (041) 225-6133 - Fax: (041) 224-6986

Assessoria Nacional
SGAN-L2 Norte - Quadra 601 Cj. B - 70.830-020 Brasília, DF
Fone (061) 225-5812 - Fax: (061) 225-4987

O início

Tudo começou no ano de 1983 com uma experiência piloto em Florestópolis, Arquidiocese de Londrina, Paraná. Hoje, presente em todo o Brasil, especialmente nos bolsões de miséria, a Pastoral da Criança da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) vem sendo apontada como uma das mais importantes organizações de todo o mundo a trabalhar em saúde, nutrição e educação da criança do ventre materno aos seis anos de vida, envolvendo necessariamente famílias e comunidades.

A semente deste serviço foi lançada em maio de 1982, por Dom Paulo Evaristo Arns, Cardeal Arcebispo de São Paulo, e Mr. James Grant, Diretor Executivo do UNICEF, em Genebra, durante debate sobre os problemas da pobreza e a paz no Mundo. No ano seguinte, a CNBB confiava a tarefa de criação e desenvolvimento da Pastoral da Criança à Dom Geraldo Magella Agnelo, então Arcebispo de Londrina, PR, hoje Secretário da Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos da Santa Sé, e à médica pediatra e sanitarista Dra. Zilda Arns Neumann.

Em setembro de 1983, a Pastoral da Criança iniciava suas atividades, criando metodologia própria e desenvolvendo uma mística de fé e vida, tendo como centro a criança dentro do contexto familiar e comunitário.

O que faz

A base de todo o trabalho da Pastoral da Criança são a comunidade e a família. A dinâmica consiste em treinar líderes comunitárias, que moram na própria comunidade, para a mobilização das famílias em atividades como a vigilância nutricional, através da pesagem de crianças e o acompanhamento do seu desenvolvimento e outros cuidados básicos, tais como aleitamento materno, reidratação oral, imunizações, controle das infecções respiratórias, alimentos alternativos, plantas medicinais, acompanhamento da gestante, enfim, uma série de ações que fazem parte do universo da Pastoral da Criança.

Estrutura

A estrutura da Pastoral da Criança - como a Coordenação Nacional, Coordenações Estaduais, Diocesanas , Paroquiais e Comunitárias - é a mais simples e ágil possível. Cerca de 75% dos recursos são gerenciados diretamente pelas dioceses, que os repassam às paróquias e comunidades, para o atendimento da população necessitada. As Coordenações Diocesanas prestam contas à Coordenação Nacional que, concentrando a burocracia e descentralizando as atividades e os recursos, informatizou toda a sua atividade, permitindo às fontes financiadoras acesso imediato quanto ao alcance dos objetivos e a aplicação e uso de seus recursos.

Esta agilidade da Pastoral da Criança garante o sucesso de suas ações, permitindo o acompanhamento de tantas crianças e gestantes em todo o País, com custo total inferior ao de um hospital de porte médio - equivalendo a 0.5 dólar criança/mês, considerando-se todos os custos que vão da administração, produção e distribuição de materiais educativos, treinamento e acompanhamento das atividades desenvolvidas pela Pastoral. Somam-se a este fator, outros que tornam a Pastoral da Criança a maior entidade do Brasil a atender as crianças carentes e podem ser assim resumidos:

- a credibilidade e grande penetração da Igreja Católica junto aos segmentos sociais atendidos, especialmente nos bolsões de miséria;
- a mística da fraternidade cristã que envolve o trabalho das coordenadoras pastorais e líderes comunitárias;
- objetivos bem definidos que, partilhados pela comunidade, sustentam a motivação para o trabalho;
- ações básicas de saúde, nutrição e educação baseadas nas necessidades das próprias comunidades e em tecnologia acessível, fáceis de serem compreendidas, executadas e avaliadas mesmo por pessoas sem escolaridade;
- sistema de capacitação contínua fundamentado na participação, na valorização da cultura e das vivências comunitárias;
- sistema de informação computadorizado, que possiblita uma visão permanente e atualizada das atividades realizadas e da situação das crianças e gestantes acompanhadas, garantindo um melhor gerenciamento dos recursos e das atividades e permanente avaliação de seus resultados.

Ações básicas

Em todas as comunidades atendidas pela Pastoral da Criança é colocado em prática um conjunto de ações, que vão desde aquelas voltadas à sobrevivência infantil e desenvolvimento integral da criança até a melhoria da qualidade de vida das famílias carentes, tanto no plano físico e material quanto no espiritual. Desta forma, a Pastoral da Criança está buscando garantir que **Todas as crianças tenham vida** *(sobrevivência infantil)* **e a tenham em abundância** *(desenvolvimento integral e melhoria da qualidade de vida)*. Entre essas ações destacam-se:

1. Apoio integral às gestantes, com orientação e supervisão nutricional, valorização da vida a partir da gestação e preparação para o aleitamento materno;
2. Educação essencial, orientando pais e toda a família e comunidade para o seu papel fundamental no desenvolvimento global da criança a partir da gestação até os seis anos de idade.
3. Incentivo ao aleitamento materno, garantindo à criança condições físicas, psíquicas e emocionais, que a tome capaz de desenvolver-se em plenitude, e à mãe um maior espaçamento entre os partos;
4. Vigilância nutricional, mediante o controle mensal do peso e do crescimento da criança;
5. Alternativas Alimentares, orientando especialmente as mães sobre o aproveitamento de produtos de grande valor nutricional e de baixo custo, disponíveis nas próprias comunidades;
6. Controle de doenças diarréicas, ensinando formas de prevenção, tratamento e práticas de reidratação oral como o emprego do soro caseiro;
7. Estimulação para vacinação de rotina para crianças e gestantes, e participação nas campanhas a fim de prevenir doenças infecto-contagiosas;
8. Controle de doenças respiratórias, prevenindo e valorizando a medicação natural e caseira, identificando e encaminhando os casos de risco;
9. Remédios Caseiros, ensinando às mães e familiares práticas de medicina natural e caseira, principalmente técnicas de fitoterapia;
10. Prevenção de acidentes domésticos, uso de técnicas educativas junto aos pais e à comunidade;
11. Prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, como a AIDS, feita junto às famílias e grupos de jovens e em parceria com outras pastorais e entidades afins;
12.Catequese do ventre materno aos 6 anos, desenvolvendo a espiritualidade como valorização da vida e resgate da dignidade humana no seio da família.

Projetos complementares

Como forma de dar suporte material e de capacitação às famílias e comunidades, a Pastoral da Criança desenvolve ainda alguns projetos importantes:

1. Geração de renda. São pequenos projetos de apoio à melhoria das condições de vida e saúde de famílias carentes sem opção de renda. Os recursos são repassados pela Pastoral da Criança após um trabalho de capacitação para a atividade escolhida pelas famílias. Quando o projeto começa a gerar lucros, este mesmo recurso é depositado num "Fundo Rotativo" da diocese para ser aplicado em novos projetos.

2. Alfabetização de jovens e adultos. Para familiares e membros das comunidades atendidas pela Pastoral da Criança, assim como para suas líderes comunitárias, são oferecidos cursos de alfabetização, cuja metodologia está inserida no contexto das ações básicas de saúde, educação e nutrição.

3. Participação no controle social. A finalidade é preparar lideranças para participarem nas instâncias municipais de controle social dos serviços públicos de saúde, educação e direitos da criança e do adolescente.

4. Comunicação social. A produção de materiais educativos impressos e em vídeo tem sido uma preocupação constante da Pastoral da Criança, que produz ainda um jornal, com 90 mil exemplares, e um programa semanal de rádio, intitulado "Viva a Vida", retransmitido por mais de 650 emissoras em todo o Brasil. São materiais e programas que visam a capacitação de lideranças, comunidades e famílias em todas as ações da Pastoral da Criança, além de tratar de temas da atualidade de interesse do público-alvo.

Onde atua

A Pastoral da Criança da CNBB está presente especialmente nas periferias das grandes cidades e

Maria dos Anjos

Fundamentos da Urinoterapia

Managua - Nicarágua. De ATOM INOUE

Urina é a caridade do Universdo é a " AGUA DA VIDA". Ao tomar sua própriua urina é um encontro maravilhoso consigo mesmo.

MÉTODOS DA URINOTERAPIA

Urinoterapia é uma medicina natural, universal, e revolucionária.

1. É segura, sem nenhum risco e de efeito rápido.

2. Aplicável para todas as idades, desde recém nascidos, mulheres grávidas até anciãos. Para a cura de doenças é quase " onipotente". Desde reumatismo e doenças crônicas até câncer, diabetes e outras doenças " incuráveis".

3. Muito econômica, até que se morra, todo o mundo tem seu próprio recurso, inesgotável.

4. Muito boa, com ela, elimina-se o cansaço e a unpotência sexual.

5. Excelente como cosmético humano. Com ela se rejuvenece todos os órgãos, tirando as rugas, manchas e espinhas do rosto e da pele.

DEMÉRITO DA URINOTERAPIA

Há um único demérito desta terapia: ao começar custa um pouco tragá-la porque estamos doentes e a urina então, cheira mal. Sem dúvida, a urina não tem mau sabor, nem cheiro; É um sabor humano, da própria pessoa.

CONHECIMENTOS BÁSICOS DA URINOTERAPIA

URINA, UMA EXCELENTE PANACÉLA PARA TODOS OS MALES.

1. URINA É ALGO SUJO?

Nada disso. É um produto de nosso sangue e do próprio corpo, material mais perto a nosso corpo. Por isso não provoca nenhuma rejeição como " alergia ", ainda que tenha alguns dejetos ou algumasa infecções, porque é um ser vivo.

DEJETOS: Os " dejetos " são uma fonte rica de "anticorpos", com os quais se pode combater muito bem suas próprias doenças. Os dejetos da urina não são tóxicos, nem venenosos, por isso, é a urina a " AGUA DA VIDA " como diz a Biblia.

INFECÇÃO: No caso das infecções renais, de bexiga ou de vagina, pode ser que a urina tenha alguns agentes infecciosos, porém esta quantidade é muito pequena. Ao contrário, a pouca quantidade de agente infeccioso age como AUTO-VACINA e combate e controla bem a infecção que a pessoa padece.

O FETO CRESCE NUM MAR DE URINA

Também consideramos o caso do feto, o qual cresce dentro de uma bolsa do útero, chamada amnion. Ela cresce tomando diariamente líquido amniótico que é uma mistura da secreção amniótica e da urina do feto.

Segundo estudos, nos últiomos meses o feto urina diariamente de 500 a 700 cc e toma a mnesma quantidade de sua própria urina mais líquido amniótico.

Este fato é suficiente para argumentar que a urina não é uma coisa suja. Se Deus prepara as condições mais sadias e favoráveis para que nasça uma nova vida, como seria possivel por fetos num mar de urina? Deus sabia que a urina É a " AGUA DA VIDA"!

2. HISTÓRIA DA URINOTERAPIA

No mundo existia e existe a urinoterapia sem distinção de Continente, Raça, Cultura e Civilizações, sempre contando com um forte respaldo das religiões , como : Hinduismo, Judaismo, Cristianismo, entre outras. Era e é um tratamento curativo e popular. Na Nicarágua, América Central e toda América Latina também existiu. Nós estamos tratando de recuperar essa preciosa tradição dos povos.

3. CONHECIMENTO SOBRE A URINA:

As pessoas urinam de 1 a 1. 1/2 litros diário. A urina, como produto do sangue, tem um conteúdo quase igual ao soro deste. Por isso é muito boa, tanto como medicina e como alimento.

Tem suficiente anticorpos para combater a propria doença. Os cientistas dizem que possue mais de mil substâncias que o corpo necessita. Uma destas substâncias é o INTERFERON o qual foi descoberto pelo Instituto de Biologia de Hayashibara (Japão).

O Interferon é uma substância que ativas a produção das células que combastem as anomalias do corpo. É conhecido como anti-cancerigeno, sendo efetivo contra o HCV (virus hepático que está presente em muitos casos de hepatite).

Segundo os investigadores, o uso do Interferon injetado, dez mil unidades, ocasiona muitos efeitos colaterais, ao contrário, seu uso por via oral, a uma dose de 100 - 200 unidades, é melhor utilizado pelo organismo, sem efeitos secundários.

Na produção diária de urina humana (1 a 1.1/2 litros), pelo geral, existe de 150 - 200 unidades de Interferon, ou seja, a quantidade melhor aproveitada pelo organismo para combater as doenças.

E mais, a urina possue vitaminas, minerais orgânicos e inorgânicos, proteinas, aminoácidos, hidrato de carbono, até hormônios sufisticados como Prostaglandina, Inmunoglobina, Endorfina, SPU-Hormona, entre outras. Quando se está doente, o corpo não retém essas substâncias e saem com a urina, devido a seu mau metabolismo, por isso, devemos retoma-las, com os anticorpos produzidos pela doença. Assim nos curamos de nosssos males.

COMUNIDADES DE BASE DA URINOTERAPIA DE NICARÁGUA ATÉ AMÉRICA CENTRAL

As experiências clínicas com urinoterapia:

Esta terapia, como uma parte da Medicina Natural, foi introduzida em Nicarágua pelo Dr. Uryu. Num período de três anos, foram tratados quatro mil pessoas com essa técnica. Como exemplo, temos o caso de uma senhora que depois de recuperar-se de uma doença, da qual padecia durante meio século, possue agora mais de 100 pessoas tratando-se com a urinoterapia, com bons resultados. Também o caso de um sacerdote que atende diartiamente a mais de 60 pessoas com a Medicina Agradável numa zona marginalizada, onde não há médicos.

A urinoterapia está extendendo-se rapidamente desde Nicarágua a Centro América, inclusive México e Panamá, não só por razões econòmicas, mas pela efetividade clínica, sem nenhum risco.

COMO TOMAR E COMO USAR A URINOTERAPIA

Urinoterapia te rearuma. A urina é um ser vivo

1. Meio litro da primeira urina fresca da manhã, para manter a saúde. Se desejar poderá colocar mel, suco de laranja ou limão.

2. Um litro diário para as doenças crônicas. Quanto mais de toma mais se melhora!!!

3. Mínimo dois litros para câncer: É um método decisivo para curar câncer. Deve-se tomar dois a cinco litros diários! O que se elimina de manhã até a noite, sempre tomando chá de ervas selecionadas conforme a doença.

O JEJUM deve ser total. Seguindo o tratamento dentro de 1 a 6 semanas o câncer será eliminado.

4. Uso estratégico de ENEMA DA URINA Conhece-se amplamente a efetividade do ENEMA, sobretudo para baixar a febre, prisão de ventre, cólicas, dor e inflamação do abdomem, pernas e em todas as partes do corpo.

Em geral no ENEMA (lavagem intestinal), usa-se sal, sabão ou algumas plantas com boa quantidade de água morna. No lugar destes materiais, ocupa-se unicamente meio litro de urina, e o efeito acontecerá rapidamente, não só nos casos mencionados mas sim, em quase todas as doenças agudas e crônicas, especialomente o câncer, diabete, artrite entre outras doenças " incuráveis ".

A urina tem que ser necessariamente do mesmo doente, entretasnto pode-se ocupar de outras pessoas, já que a própria urina será tomada e esta poderá faltar.

Em casos graves de reações, pode-se tomar a cada dois dias; dependendo da melhora, pode-se passar a uma ou duas vezes por semana, até que o paciente sinta-se completamente bem, isto é, sem mais os sintomas da doença.

NÃO SE ESQUEÇA DO ENEMA! Quando enfrentar algo difícil, ele vai lhe ajudar como um SALVADOR!

5. VARIEDADES DA URINOTERAPIA:

* Aplicada para problemas da pele.
* Banhos para vagina, útero, intestinos, boca, nariz, ouvidos e olhos.
* Compressas para problemas da pele, tumores, artrites, etc.
* Banhos para infecções generalizada e alergia.
* Shampus para infecções e abscessos da cabeça e queda de cabelos.
* Massagem para artrites, câimbras, varizes e dor muscular.
* Gargarejos para problemas de garganta e amigdalite.
* Cataplasma de barro para os tumores, inflamação e febre reumática.

O importante da ORINOTERAPIA é tomá-la, se não não se poderá esperar os efeitos desejados.

Reações Colaterais:

Um processo difícil para a vitória final.

1. Na URINOTERAPIA não existe caso de complicação. Como em qualquer tratamento, por exemplo farmacológico, cirúrgico, homeopático, acupuntura, etc., pode ocorrer algumas reações. A URINOTERAPIA não é uma excessão.

É um processo difícil, doloroso, incômodo, porém positivo, necessário e vitorioso para recuperar-se de todos os males que se tem.

Na URINOTERAPIA não há nenhum caso de piora, ou efeitos secundários. Ainda que a princípio lhe pareça que se agrava, não é assim. mas se trata de um processo de eliminação de todos os males, escondidos no profundo do corpo. Há que passar esta etapa, especialmente no caso das doenças crônicas, aceitando com paciência tudo o que venha a aprofundando mais este tratamento, aplicando a compressa na parte dolorida, intensificando o banho dos pés, cataplasma para tumores, febres e inflamações, jejuando e tomando maior quantidade de sua " AGUA DA VIDA ".

Recorde-se o ENEMA da urina, por último, será o Salvador de sua vida. No entanto, se não suportar, em último caso poderá tomar em doses mínima os medicamentos que antes tomava, porém sempre tomando a URINOTERAPIA. A boa fé vai trazer a vitória final. As reações vão desaparecendo pouco a pouco, ou de repente. Porém não se assuste, PARABÉNS! Já que está muito perto de curar-se.

Que tipo de reações poder haver?

Diarréia, sono prpofundo, insônia, prisão de ventre, alergia, coçeira, abscesso, febre, mais dor, mais inflamação, dor de dente, cãimbras, taquicardia, tonturas, secreção vaginal, intestino, olhos .. sangue negro, vômito, dor no pulmão, fígado, etc...

Tudo depende do estado de saúde, historico da doença e a quantidade de urina que se toma.

Alguns casos de reações:

No caso de câncer, diabete, artrite muito avançada e em geral nas doenças crônicas, é melhor continuar apesar das reações que podem aparecer.

No período menstrual ou hemorragia vaginal poderíase tomar a urina das meninas para não suspender o tratamento. Em alguns casos, como de câncer, diabete, síndrome de nefrosis, sífilis, gonorrea ou artrite muito avançada, a urina pode sair muito feia. Nestes casos também, em lugar de suspender, pode tomar boa quantidade de urina dos meninos ou meninas, correspondendo ao mesmo sexo. Assim nos curamos. A VIDA É LONGA, VALE A PENA FAZER TODO ESFORÇO PARA QUE A DESFRUTEMOS!

O mais importante é o tratamento integral e melhorar o estilo de vida. Não dependamos só da URINOTERAPIA.

No processo da recuperação final, o mais importante é o tratamento integral. Melhorar a qualidade de vida, valendo-se de vez em quando dos cinco elementos da saúde: Refletindo sobre a vida passada, corrigindo a dieta e o modo de vida, eliminando as coisas químicas, vícios, machismo, egoismo, fazendo exercícios adequados e um esforço a mais para ajudar as pessoas. Ainda que tomemos a urina, se a vida é deficiente, adoecemos. NÃO DEPENDA SÓ DA URINOTERAPIA!!

EXEMPLOS DE DIETA

Sempre com plantas medicinais e urina.

1. DIETA COMUM:

-Não comer carne de qualquer tipo e nem açúcar.

-Se quizer, algumas vezes, comer peixe ou frango caipira.

-Devemos saber que o frango de granja, como alimento não é aconselhado porque contém antibióticos, hormônios e outros produtos químicos.

-É proibido tudo o que contém açúcar como refrigerantes, balas, tortas, cucas, chocolates, doces, etc. ... O açúcar pode ser substituido por mel de abelha, açúcar mascavo.

-Usar sempre pouca quantidade de azeite, banha e sal. O consumo exagerado de sal pode aumentar a pressão arterial e trazer problemas renais. Se o sabor da urina se apresentar muito salgado, deve-se diminuir a quantidade de sal.

-Não usar café, não deve jantar. Em g eral recomendamos não tomar café pela manhã ou desjejuar. No caso dos trabalhadores do campo, é melhor tomar o café da manhã e não jantar. Não tomar alcool. Pode suco natural.

- Um ou dois dias por semana, tomar somente uma refeição. Não tomar lanche.

-Comer principalmente verduras e frutas.

-Não abusar de manga, laranjas, abacaxi, ameixa entre outras. Banana também porque são muito doces.

-Recomenda-se as frutas ácidas como: limão, laranja, mamão, melancia, etc...

-Os alimentos, tradicionais geralmente são bons, exceto carne e sucos com açúcar. A coalhada salgada pode incomodar o estômago, por isso é bom evitá-la.

-Tomar 2 litros de chá e um litro de urina no mínimo, por dia.

2. DIETA PARA OS DOENTES CRÔNICOS E OBESOS:

- No começo seguir a dieta comum.
- Não tomar o café da manhã.
- Três ou quatro dias por semana, fazer uma só refeição.
- Fazer um dia de completo jejum por semana.
- Durante o dia tomar 2 litros de chá e 2 de urina.
- No dia de jejum, tomar 4 litros de urina e repouso total.

3. DIETA PARA CANCEROSOS:

TUDO DEPENDE DO DIAGNÓSTICO.

O principal é o seguinte:

- Nas 2 primeiras semanas, fazer jejum, isto é, tomar somente 2 litros de chá e 4 litros de urina por dia.

-As vezes pode-se tomar suco de alguma fruta, sem açúcar.

-Se não alcançar os 4 litros de urina, poderá tomar a urina de crianças do mesmo sexo.

- Com esta dieta, a maioria das doenças cancerígenas desaparece em 6 semanas.
- Os tumores podem permanecer, mas são neutralizados, já não são malignos.

3ª Semana:

Na 3ª Semana, pode-se comer 2 xícaras de arroz, cozido com bastante água, e um pouco de verduras, por dia.

- A quantidade de chá e urina segue o normal.
- Este tratamento segue até desaparecer os tumores e sintomas, alternando-se com as 2 semanas de jejum e uma semana com o arroz.

-Se o doente apresentar bom estado, pode seguir a dieta do jejum, sem comer arroz.

- dentro de 8 semanas, o estado do canceroso é completamente restabelecido.
- No fim de cada semana, é importante fazer exames laboratoriais e médicos, para ver o estado geral da pessoa.

Boa sorte!!!

EXMO. SR. DR. LEONEL DE MOURA BRIZOLA M.D. GOVERNADOR DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

O NÚCLEO AGRICOLA FLUMINENSE, registrado sob o nº 745 no 8º Ofício do Registro de Títulos e Documentos de Nova Iguaçú, com séde provisória na Fazenda São Lourenço, à Estrada do Capivari s/n, no 4º Distrito de Duque de Caxias, dirige-se a V.Exa. afim de expor para depois solicitar o seguinte:

A - Situação da Terra

É sabido que em todo o Estado do Rio, principalmente no Sul e no Centro, a maioria das terras ocupadas por lavradores, são da Categoria de posse. Nos Municípios de Duque de Caxias e Nova Iguaçú, na década 52-62, surgiram vários despejos de comunidades inteiras de lavradores calculando-se em mais de 10.000 as família atingidas por esse tipo de calamidade que surge sempre nas terras sucetivas de valorização e ambicionadas por grileiros ricos e desumanos. Nesses dois municípios (para falar apenas no local onde temos a nossa séde), dentro desse período, os lavradores despejados perderam um vasto patrimonio construido com terríveis sacrifícios por eles e suas famílias e, na esperança de ver se o recuperavam, recorreram a justiça e é grande o número de processos amontoados nos cartórios sem nenhum resultado para os mesmos. No fim de 1961, ao verem que a luta na Justiça não estava produzindo nenhum resultado favorável, os lavradores pelo seu orgão de classe, na época, a Associação dos Lavradores de Duque de Caxias resolveram (depois de uma dura ameaça de despejo) apelar para o poder executivo requerendo a desapropriação da Fazenda São Lourenço, no que foram atendidos pelo então Governador Dr. Celso Peçanha. Ocorre que essa desapropriação atingiu apenas 10% da área da fazenda onde foi encontrada uma Escritura "legal" de benfeitorias, o restante permanece ainda sendo reinvindicada por vários grileiros. No período 62-63, também a Associação foi obrigada (dada a tensão social surgida) a pedir a desapropriação das Fazendas Capivari Penha-Caixão Piranema e Mato Grosso sendo imediatamente atendida pela S.U.P.R.A. na época dirigida pelo Dr. João Pinheiro Neto. Essas desapropriações trouxeram um pequeno período de paz aos lavradores que resolveram reconstruir novamente suas lavouras embora debaixo de

terríveis sacrifícios criundos do emperramento do crédito agrícola. A luta todavia não parou e com a criação do I.B.R.A. - que substituiu a S.U.P.R.A, surgiu um general maluco que despejou sem nenhum mandado Judicial, dezenas de lavradores da Fazenda Capivari, tendo o I.N.C.R.A. devolvido aos seus "legítimos donos" as fazendas Mato Grosso Penha-Caixão, e entregue como"pagamento " ao "proprietário" expropriado, parte da Fazenda Capivari denominada 3ª gleba. Essa entrega deu força ao grileiro para requerer novo despejo contra os posseiros que há anos ocupavam a área, os quais em grande Concentração realizada em frente a séde do INCRA no Rio conseguiram do Coordenador a promessa de nova desapropriação, o que foi cumprido através de recente decreto do Presidente da República. Também a Fazenda Pedra Lisa no Municipio de Nova Iguaçú foi desapropriada no Governo Roberto Silveira afim de garantir a centenas de posseiros ali radicados a sua permanência na terra. Acontece porém, que no centro dessas áreas já desapropriadas, tanto no Município de Caxias (Fazendas Morro Grande e São Lourenço) como no - Município de Nova Iguaçú Fazendas Sitio Velho e Serra dos Caboclos no Parque Estoril que se constituem em verdadeiros bolsões de tensão social já que estão constantemente sob ameaça de despejos em massa dos seus velhos ocupantes. Urge Sr. Governador, que providências sejam tomadas o mais rápido possível afim de que possamos extirpar de nosso Estado essa terrível epidemia que é o despejo em massa dos humildes trabalhadores do Campo, responsáveis pela produção de viveres para os demais setores da comunidade. Desapropriando-se essas áreas bem como outras que estejam na mesma situação, acreditamos, os camponezes terão maior oportunidade de desenvolverem em paz, esse grande serviço prestado ao Estado e ao País.

B - Situação do Crédito Agrícola

Nesse setor desejamos lhe mostrar com provas, a angústia que sofremos no dia a dia. É notório que os estabelecimentos Oficiais de Crédito não estão cumprindo com suas obrigações para com o pequeno produtor rural, e, porque fazemos essa denúncia? Há poucos meses o Banco Central publicou a resolução de nº 706 mandando que os demais estabelecimentos de crédito facilitassem a concessão de empréstimos aos pequenos produtores também no nível mínimo que foi estabelecido em Cr$4.000.000,00 (quatro milhões de cruzeiros) como também no tocante à facilidades na feitura do processo. Ocorre, porém, que, apesar dessas recomendações do orgão máximo do crédito no país, tanto o Banco do Brasil como o Banco do Estado-Banerj, continuam impondo as mais ab

surdas restrições ao crédito ao pequeno produtor. Quanto ao Banco do Brasil, quando um produtor a ele se dirige afim de conseguir um empréstimo, várias exigências lhe são feitas desde a apresentação de avalista competente (o que é contra o regulamento), até a apresentação do Título de Propriedade. Ora, os posseiros de nossa região, apesar de terem de 10 a 30 anos de posse da terra não possuem (por culpa do INCRA) o título de propriedade da terra. Quanto ao Banerj, esse então só empresta dinheiro aos grandes fazendeiros do norte do Estado ou então a alguns japonezes ricos que já têem suas terras escrituradas, para o pequeno produtor suas portas estão fechadas, apesar de ser o Banco do Estado do Rio de Janeiro. Como vê Sr. Governador, dois grandes obstáculos estão a emperrar o desenvolvimento de nossa agricultura: a falta de titulação das terras dos posseiros e a desobediência às determinações do Banco Central, juntando-se a isso as terríveis discriminações que as agências municipais impõem na concessão de crédito, como aconteceu com o presidente deste Núcleo. Esperamos Sr. Governador, que na sua gestão (pois sabemos que o Sr. sempre deu apoio ao homem do campo), tanto o Banco do Brasil no Estado, como o Banerj, modifiquem a sua política de concessão do crédito rural afim de que possamos deixar de importar produtos hortifrutigranjeiros de outros Estados, - quando temos o nome de Estado essencialmente agrícola.

C - Vias de Transporte

Achamos que os nossos dois municípios talvez sejam os mais deficientes no que tange as vias de transportes para o escoamento da produção rural. Temos uma estrada que liga Xerém ao Rio de Janeiro que apesar de seus 15 anos de construção, e ter sido feita para substituir o ramal ferroviário que fazia essa ligação, está completamente abandonada, pois a lama, os buracos e a falta de pontes impedem o tráfego pela mesma. Temos outra estrada que poderíamos chamar de vicinal ligando o distrito de Xerém (Caxias) a Tinguá (Nova Iguaçú), por essa estrada são conduzidos semanalmente cerca de 3.000 volumes de hortigranjeiros para o CEASA e a séde dos dois Municípios aqui citados. Pois bem, essa estrada ainda existe porque os lavradores de quando em vez se reunem em mutirão para executarem sua conservação, pois apesar de a mesma ser intermunicipal nenhuma das duas prefeituras se decide a cuidá-las. Há ainda outras estradas de menor porte mas que também promovem a interligação da zona rural e que precisam ser devidamente cuidadas. É tão necessária para nós a manutenção de boas estradas que estamos dispostos a lhe fazer uma proposta levando em conta que das duas prefeituras às quais pertencem essa região nada podemos esperar, lhe propomos: O Sr. co

loca à nossa disposição dois caminhões basculantes e uma [illegible] nica com combustível e os respectivos operadores, nós forneceremos o alimento e os homens para ajudar no serviço. Uma vez consertadas as estradas, basta que tenhamos uma pequena turma de conserva que pode ser de 3 homens e um pequeno veículo mesmo de tração animal, e isso feito o restante ficará por nossa conta e assim garantiremos estradas bem cuidadas.

D - Drenagem

Nossa área agricultável é bastante extensa, todavia quase metade dela se acha impedida de produzir por se achar enxarcada. Há pequenos rios e corrégos que nunca foram drenados. Nossa luta junto aos sucessivos governos no sentido de drenagem de nossas áreas agricultáveis tem sido grande, mas percebemos a tempo que temos pregado no deserto, pois nunca fomos ouvidos e, quando uma draga aparece na área, draga um pedacinho de rio e logo desaparece. Há programas como o PROVÁRZEAS, mas como sua execução obedece a financiamentos do Banerj, os agricultores pobres, principalmente os posseiros, estão excluidos dele, e, daí acontece que - mais de metade desta área continua impedida da produção agrícola.

E - Eletrificação Rural

Acerca de 10 anos mais ou menos passaram por aqui os homens da LIGHT. Eletrificaram alguns trechos que não chegou a cobrir - 30% da necessidade local, e logo se foram deixando a maior parte da população sem a luz e sem a força ambas tão necessárias ao trabalho rural. Por falta da eletrificação em nossa área deixamos de possuir máquinas de pilar arroz, de fazer farinha, ração, ou melado e rapadura, bem como da fabricação de doces oriundos das sobras de produtos que se tornam inúteis ao mercado, sem se falar nas máquinas de sucção irrigação e pulverização que são movidas a óleo diesel mas que, se o fossem a eletricidade trariam mais economia ao bolso do produtor. Faz-se necessário que a eletrificação rural deixe de ser privilégio de alguns para servir ao bem-estar de todos, e, servir também a economia nacional.

F - Assistência Técnica

Existe no Estado uma Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural, EMATER, que apesar dos fartos recursos de que é dotada, pouco faz em benefício dos lavradores da região talvez porque essa assistência se restrinja só aos tomadores de empréstimos agrícolas que diante das restrições já denunciadas não vão além de - 20% dos produtores da região. Nossos agricultores, dado ao tradicionalismo de seus antecessores, se acostumaram a desmatações inconvenientes e a plantios sem a observação do preparo do solo, sem

a calagem e a adubação necessárias advindo daí que as colheitas são sempre insuficientes à cobertura dos gastos, deixando ainda a terra enfraquecida para futuros plantios. A assistência técnica efetiva aos locais de maior concentração de produtores rurais, vem por certo evitar que esses erros do passado sejam repetidos, culminando com o aumento racional da área cultivada e conseqüentemente da produção e da produtividade. Precisamos então que a EMATER se transforme num instrumento ativo de pleno atendimento aos pequenos e médios produtores rurais de nosso Estado.

G - Unidade Municipal de Cadastramento - INCRA

Existe no Município de Duque de Caxias uma Unidade Municipal de Cadastramento UMC, orgão municipal do INCRA criado para cadastrar as áreas não cadastradas, fazer transferências de áreas com benfeitorias e prestar aos lavradores toda a espécie de informações referentes à terra e o seu uso. Acontece que o funcionário que dirige esse orgão já há mais de dez anos, num gesto que se pode chamar francamente de corrupção pois por cada cadastro que faz, ou por uma simples transferência cobra de Cr$3 a 4.000,00 (tres a quatro mil cruzeiros) quando esse serviço deveria ser totalmente gratuito como é feito na séde do INCRA no Rio. Essa agência do INCRA em nada tem ajudado aos lavradores da região, pois, um simples recibo que esse cidadão faça para um lavrador é cobrado e com toda a arrogância apesar de o mesmo ser funcionário da prefeitura. Existe ainda um grande prédio do INCRA na praça do Capivari, que muito poderia ser útil aos lavradores, inclusive com o funcionamento de uma escola agrícola ou um posto médico-dentário e no entanto, esse prédio se acha fechado.

H - FUNRURAL

Também, existe em Duque de Caxias uma agência do Funrural. Até 1981, esta agência era um modelo de organização. O atendimento aos lavradores era feito com toda a rapidez e o máximo de honestidade, e o velho Thadeu seu diretor, era um modelo de servidor público. Acontece que de 1981 para cá, mudou-se o quadro de funcionários e hoje esse orgão que tão bons serviços já prestou a comunidade agrícola do Município, está entregue nas mãos de tres garotos totalmente irresponsáveis. Além de o atendimento ao público ser só de 9 às 12 horas (quando antes era das 9 às 16horas), se um lavrador entra com um pedido de aposentadoria recebe um "protocolo" que nada diz do andamento do processo pois não tem nenhuma data e talvez por isso mesmo fica esquecido pelas gavetas como é o caso do que segue junto que entrou em março de 1982 e até o momento está sem resposta, e os garotos não informam quando virá o despacho. Por causa do

curto prazo de atendimento há segurados que fazem quatro viagens à agência quando poderiam resolver o problema em uma só viagem. Se morre um segurado ou dependente o auxílio-funeral só é pago de 3 a 6 meses depois, dado o engavetamento do processo. Num município onde o número de segurados é bastante grande, precisamos de um Funrural com rápida agilidade e com funcionários cumpridores do dever.

I - Escolas

Para se ter uma idéia do que é a falta de Escolas nesta região basta saber-se que em um percurso de 18 kilometros margeando a Estrada São Lourenço que vai de Mantiqueira a Tinguá só existem duas escolas municipais que não atendem nem a terça parte das crianças da região. Todo o 4º Distrito de Duque de Caxias é considerado Zona Rural, e, excluindo-se os povoados (centros) de Mantiqueira e Tinguá onde existem escolas suficientes, todo o restante da área onde residem aproximadamente 1.600 crianças em idade escolar é servida apenas pelas duas escolas já citadas quando deveriam ser um mínimo de cinco. Por outro lado achamos que o filho do lavrador também tem direito de fazer um curso superior, mas como faze-lo se não pode siquer cursar o primário? Quando foi Governador deste Estado o saudoso Roberto Silveira, ele fundou o MPA Movimento Popular de Alfabetização orgão de simples funcionamento - mas que espalhou escolas por todos os lugares e, principalmente - na zona rural pois bastava que fizessemos um barraco de sapé, colocassemos alguns bancos feito com tábuas usadas, arrajassemos uma professora que tivesse o curso primário completo, um mínimo de 15 alunos (na zona rural), e a escola começava a funcionar. Podemos afirmar que se essas Escolas não tivessem o seu funcionamento interrompido pela "revolução" não haveria no Estado do Rio mais um analfabeto sequer, pois onde quer que nossa Associação solicitasse uma Escola ela era instalada, cabendo-nos apenas o trabalho de inspeciona-las e completar as suas deficiências. Agora tudo está diferente pois há em nossa região crianças viajando 10 kilometros a pé para poder aprender as primeiras letras. Quanto às professoras também está acontecendo a mesma anomalia, pois por falta de estradas bem cuidadas, nenhuma empresa se anima a colocar uma linha de ônibus afim de facilitar os moradores, e principalmente as crianças e as professoras que são umas verdadeiras heroínas do ensino primário nesta região. Gostaríamos Sr. Governador, que este movimento voltasse a funcionar, embora com outro nome, porém com as mesmas características, pois há aqui bem pertinho da nossa séde um prédio de laje medindo 13 x 7 metros e que foi construido para este fim pelo Estado e até hoje se cha abandonado, quando a sua es -

trutura comportaria até mesmo um pequeno Ginasio.

J - Assistência Médico-Dentária

Esse tipo de assistência que já existe na cidade para os segurados dos Institutos, precisa chegar também a Zona Rural. O lavrador seja ele posseiro, meieiro, arrendatário ou proprietário rural, todo o ano é chamado a pagar o ITR (Imposto Territorial Rural). Até o momento esse imposto não justificou o motivo pelo qual ele é cobrado, pois o contribuinte no campo ainda não foi contemplado com o menor benefício possível. Achamos, todavia, que já é tempo de se instalar nos locais de maior concentração de agricultores postos médicos-dentários afim de evitar que o trabalhador rural perca tempo e dinheiro indo buscar esse benefício na cidade - quando ele tem direito a recebê-lo em seu próprio local de trabalho. No campo, geralmente as crianças crescem barrigudas e cheias de vermes que tanto lhes prejudica a saúde, simplesmente porque seus pais dado ao baixo e miserável salário que percebem, não podem pagar um tratamento médico e também não podem comprar os remédios necessários, dado ao alto preço a que chegam diariamente os medicamentos. Por outro lado a cárie dentária é a responsável por diversas doenças que atacam o homem do campo e o deixam por vezes debilitado para o trabalho. Esperamos Sr. Governador, que no profícuo governo que V.Exa. vai realizar no Estado do Rio, esse e outros graves problemas que aqui apresentamos sejam definitivamente resolvidos, já que V.Exa. - vai contar com a ajuda e compreensão do povo trabalhador.

L - Linha Alternativa de Sobrevivência

Quando as nações filiadas à OPEPE resolveram subir o preço do - petróleo, nosso governo se assustou e resolveu apelar para as "fontes alternativas de energia" criando o Proalcool e outras linhas de combustível visando economizar a gasolina. Esse fato despertou a nossa atenção pois com a alta do preço do petróleo e seus derivados, o custo de vida subiu astronomicamente em todos os setores e principalmente no setor agricola senão vejamos: Em meados de 1981 comprávamos um saco de adubo por Cr$530,00, hoje este mesmo adubo subiu para - Cr$2.800,00; um litro de inseticida agrícola que custava Cr$380,00, hoje custa Cr$2.700,00 e assim sucessivamente. Os juros agrícolas - que eram de 13% ao ano, em 1960 pularam para 45% e hoje estão a 60%. A mão de obra agrícola subiu 300% a partir de 1981. Em face desses aumentos extorsivos de preços que estão a devorar todos os salários e causando mal-estar em todas as comunidades, resolvemos reunir a nossa diretoria e criar a "Linha Alternativa de Sobrevivência" que colocada entre o produtor e o consumidor visa arrancá-los das garras desumanas do canibal intermediário. Como nasceu então esta linha? Colocamos em discussão os preços que o mercadão CEASA paga pelos nossos

produtos, depois verificamos os preços que os mesmo são vendidos nas quitandas e nos supermercados e chegamos à conclusão seguinte: um produto que sai da nossa mão por Cr$40,00 (quarenta cruzeiros) o quilo, chega na mão do consumidor por Cr$100,00 (cem cruzeiros). Nessa transação, o intermediário que nada faz senão passar o produto de sua mão para a do consumidor leva 60% do lucro enquanto o produtor que pagou impostos, comprou adubos, sementes, inseticidas, pagou juros, mão de obra e carretos para o mercadão só percebe 40% do produto vendido. Percebendo então que esses 60% que ficou na mão do desalmado intermediário poderiam ficar nas mãos do produtor (que somos nós) e do consumidor, resolvemos requerer ao Sr. Prefeito de Duque de Caxias a concessão de isenção de impostos para a "Feira do Produtor Rural" e, muito embora essa concessão seja de âmbito municipal já fundamos duas feiras que estão sendo bem aceitas pelos consumidores. É preciso saber que nesse novo tipo de feira estamos lutando com duas grandes dificuldades: a 1ª é o transporte que ainda não é diretamente nosso, pois é feito em caminhão particular, e a segunda que estamos tendo de convencer o produtor de que mesmo ele vendendo 30% mais barato que as quitandas está lucrando os 30% que ficariam na mão do intermediário. Esse tem sido para nós um trabalho bastante difícil mas esperamos que num espaço razoável de tempo, tenhamos superado essa dificuldade e possamos pular para o ambiente estadual convocando para a nossa luta outros municípios aos quais ainda não nos foi possível atingir, esperando também que os deputados eleitos pelo PDT consigam através de projeto-lei, legalizar a "Feira do Produtor Rural" no Estado do Rio de Janeiro, sob a direção do Núcleo Agrícola Fluminense.

Sabemos Sr. Governador, que sua tarefa de governar um Estado com as finanças devassadas como é o nosso, não será fácil, e quando lhe apresentamos essa gama de reinvindicações que não são só de nossa classe mas de grande parte do povo injustiçado, queremos também nos oferecer para juntos com outras organizações que por certo irão apoiar o seu governo, ajudá-lo a transformar este Estado naquele que todos nós desejamos com justiça social e melhores dias para todos.

Duque de Caxias, 13 de janeiro de 1983

Joaquim Antonio

Joaquim Antonio-Presidente

Francisco José da Silva - C. Coaes.

JUSTIÇA e NÃO VIOLÊNCIA

ANO V 1987 JULHO - AGOSTO - SETEMBRO n: 4



Serviço Nacional de Justiça e Não-Violência

SDS - ED. MIGUEL BADYA - Nº 3o sala 312 - 70.300 - BRASILIA - DF - BRASIL

CEDIM CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E INFORMAÇÃO MULTIRACIAL

N O T I C I A S D E B R A S I L I A

Estamos instalados. Uma sala pequena, mas funcional e com espaço de coração. Por isso: vem nos ver. Brasilia está a sua espera.
Somos uma equipe de Serviço bem reduzida: Cicera e Veronika, (Ana Odalia que toma conta da secretaria, foi agora para a casa dos pais, esperar o filho nascer). Marinete está vindo nos ajudar esporadicamente. Por isso pedimos compreensão e paciência se as coisas as vezes não saiem tão rapidas ou como vocês esperavam.
Precisamos nos adaptar neste Brasilia imenso, largo, distante. Precisamos procurar contatos, novas amizades, precisamos nos entrosar com os trabalhos que existem ou não existem aqui, precisamos nos entrosar organicamente.
O apoio, a compreensão e o interesse de vocês todos vão nos ajudar. O SERVIÇO DE JUSTIÇA E NÃO-VIOLÊNCIA é vosso. Estamos aí dispostas.

****

Companheiros, colocamos aqui na íntegra a carta do Cardeal D. Paulo Evaristo, que foi nos enviada por ocasião da nossa Assembleia Nacional em julho deste ano. Faça cada um bom uso para uma reflexão pessoal ou em grupo.

Cúria Metropolitana de São Paulo

S. Paulo, 1o de julho de 1987

A todos vocês que lutam pela construção de uma sociedade justa e fraterna minha saudação franciscana de Paz e Bem.

Li com o maior interesse o documento "Elementos para uma reflexão sobre a tentativa de articulação da Não-Violência Ativa", preparado por dez companheiros conhecidos por sua ação ecumênica.

Recordo que o meu interesse e carinho para com a Não-Violência está manifestado no livrinho escrito quando eu era bispo auxiliar - "A guerra acabará se você quiser" -. Logo que fui nomeado arcebispo procurei incentivar os grupos nacionais engajados na luta não-violenta; deles nasceu o Secretariado, hoje Serviço Nacional Justiça e Não-Violência.

Sei das dificuldades que vocês enfrentam; não são os únicos. Praticamente todas as organizações populares no Brasil e dos países vizinhos que também enfrentaram os longos anos de regime militarista, estão sentindo a necessidade de r e p e n s a r seus trabalhos. No momento a tônica não é tanto a resistência, quanto a positiva criatividade de formas novas. Nestas ocasiões é de maxima importância a volta às origens, quer dizer, a retomada dos objetivos iniciais, só que agora num outro contexto. A alteração na conjuntura sempre nos leva a medidas de bom senso para atualizar a entidade.

Tudo tem que ser feito num grande espirito de fraternidade, firmeza e vontade de acertar. O respeito de uns para com os outros, principalmente com aqueles que pensam diferentes, devem ser uma constante entre nós. Não se deve confundir o ataque aos problemas para resolvê-los com ataques pessoais. edro e Paulo já tiveram grandes discussões por causa do propósito judaizante entre os primeiros cristãos.

Confio plenamente na capacidade de vocês e na sua abertura para o diálogo para que prevaleça a VERDADE e a PAZ. "Buscai primeiro o Reino de Deus e a sua Justiça e tudo o mais vos será dado de acréscimo", nos ensina o Mestre Jesus Cristo.

Fico na expectativa das conclusões a que chegarem neste momento de "MUDA BRASIL", em que a Não-Violência poderá ver o seu testemunho converter-se em fermento para todos. Assim, no proximo ano, ao comemorarmos o 10º aniversário do Serviço, poderemos estar unidos no essencial: a Verdade e o Amor

Fraternalmente o seu irmão e companheiro de caminhada não-violenta.

+ Dom Paulo Evaristo, cardeal Arns

****

O QUE FAZER ?

Estamos de pleno acordo com as colocações de D. Paulo, quando profetizava " ... no momento a tônica não é tanto a resistência,quanto a positiva criatividade de formas novas. Nestas ocasiões é de suma importância a volta às origens, quer dizer, a retomada dos objetivos iniciais, só que agora num outro contexto. A alteração na conjuntura sempre nos leva a medidas de bom senso para atualizar a entidade."

Portanto os tempos são outros. Existe a " Nova República ", o sistema opressor permanece o mesmo, somente mudou de rosto.

E nós como SERVIÇO Nacional de Justiça e Não-Violência, o que fazer ?

Estamos cercados de injustiças; de estruturas arcaícas e absoletas que teimam em continuar com seus privilégios a custa da quase totalidade da população. Denúncias, protestos, atos públicos, seus efeitos são passageiros, visto que rapidamente o sistema absorve e constroi uma contra-ofensiva.

No presente momento, como um "SERVIÇO", cabe a todos os militantes da Não-Violência, a presença fisica no conflito, colocando-se sempre ao lado do oprimido.

Contudo, crescemos muito em estruturas, porém avançamos muito pouco em militantes. Urge, neste momento, incentivarmos a formação de quadros comprometidos com a mudança desta sociedade injusta e opressora, mas dentro de uma metodologia não-violenta. Isto sem entrar no mérito, se os outros tem uma metodologia mais eficiente. Se estamos nesta entidade e acreditamos na inspiração não-violenta, temos o compromisso de lutar para a sua divulgação e formação de militantes capazes da pratica e ao mesmo tempo serem sementes de da Boa Nova.

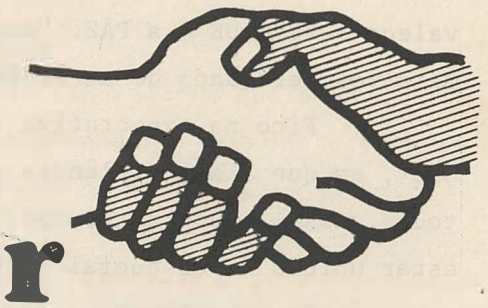
Somos uma entidade que vem de longa caminhada. Colaboramos e ajudamos a diversos movimentos a desenvolverem-se, contudo, ao pesquisar nossa biblioteca e documentação, constatamos que 90% do material pesquisado, trata de enfoques diferentes e posições as vezes até contrárias, sobrando apenas 10% para a Não-Violência. Assim, esquecemos de preparar nossos militantes, pecando ao transgridir um dado fundamental: " A Não-Violência não se improvisa."

Assim, defendemos urgentemente,neste ano que nos resta de mandato, a formação através de Treinamento de nossos militantes, colocando a eles tudo que for necessário, para que sejam os portadores de uma metodologia-inspiração, acessível a todas as pessoas, e também sejam um instrumento de trabalho para o Movimento Popular na luta por uma so-

ciedade em que não haverá mais exploração do Ser Humano por outro.

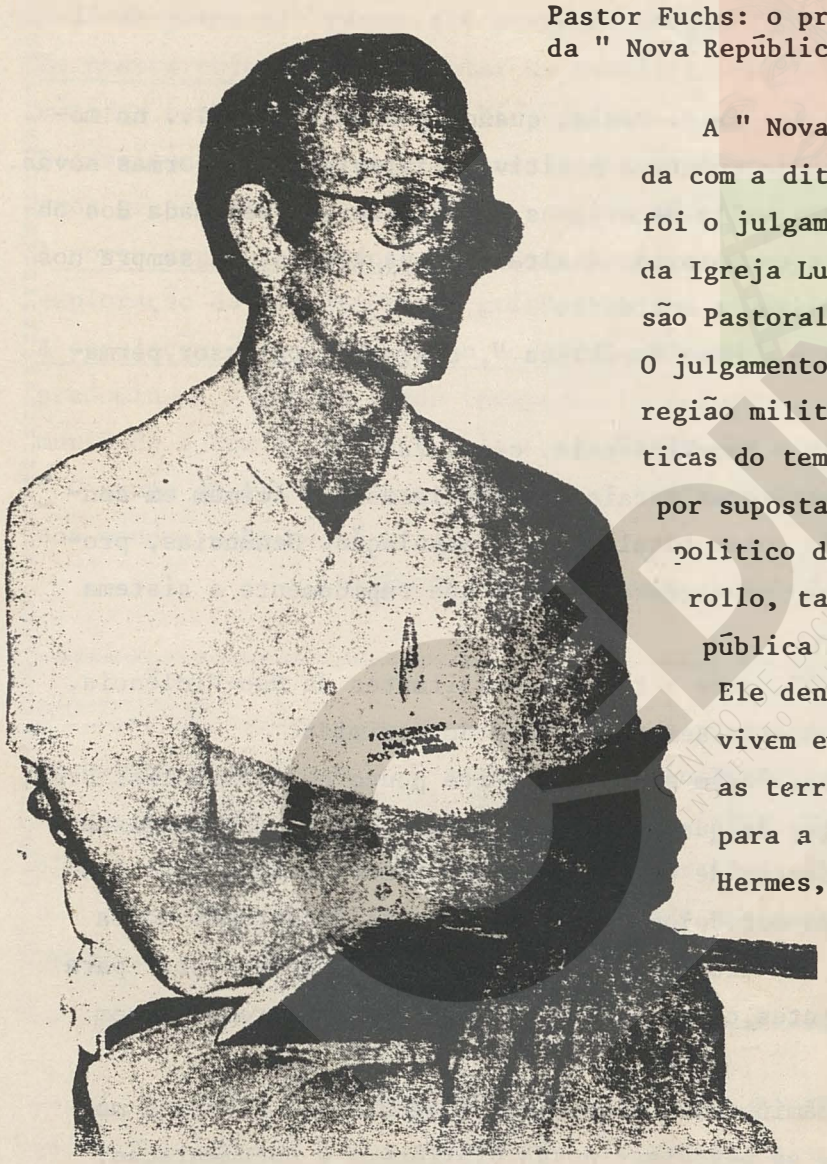
Jesus F. L. Santos - 15/agosto/1987

****



Justiça Militar condena pastor

Paraná



Pastor Fuchs: o primeiro preso politico da " Nova República "

(Jornal SEM TERRA junho de 1987)

A " Nova República " está cada vez mais parecida com a ditadura militar. A prova mais recente disto foi o julgamento e a condenação do pastor Werner Fuchs da Igreja Luterana e da coordenação regional da Comissão Pastoral da Terra (CPT) a seis meses de prisão.

O julgamento foi em 26 de maio, na auditoria da 5ª região militar em Curitiba, e teve todas as caracteristicas do tempo da ditadura: militares julgando civís por supostas ofensas ao exército. O último preso politico do Brasil foi o jornalista Juvêncio Mazzarollo, também do Paraná, e o primeiro da "Nova República é o pastor Fuchs.

Ele denunciou as condições de 4oo familias que vivem em Papanduva (S. Catarina) que tiveram as terras expropriadas pelo exército em 1956 para a ampliação do campo de instrução Marechal Hermes, sem que até o momento tenham recebido indenizaçãp. No ano passado, as familias realizaram um acampamento diante do local, sendo reprimidas. No dia 25 de julho de 1986, Dia do Colono, numa manifestação feita diante do palácio Iguaçu, em Curitiba, o pastor Werner Fuchs lembrou a situação das familias de Papanduva e o exército, julgando-se ofendido, iniciou o processo que terminou com o julgamento que durou 4 horas.

O Procurador da Justiça Militar, Péricles Aurélio de Queiroz, durante a acusação, afirmou que o pastor era "um delinquente cínico e covarde" e no final pediu a implantação de uma lei que proiba os religiosos de participarem de questões politicas no Brasil. O advogado do pastor, Nelson Olivas, depois da leitura da sentença afirmou que irá recorrer ao Supe-

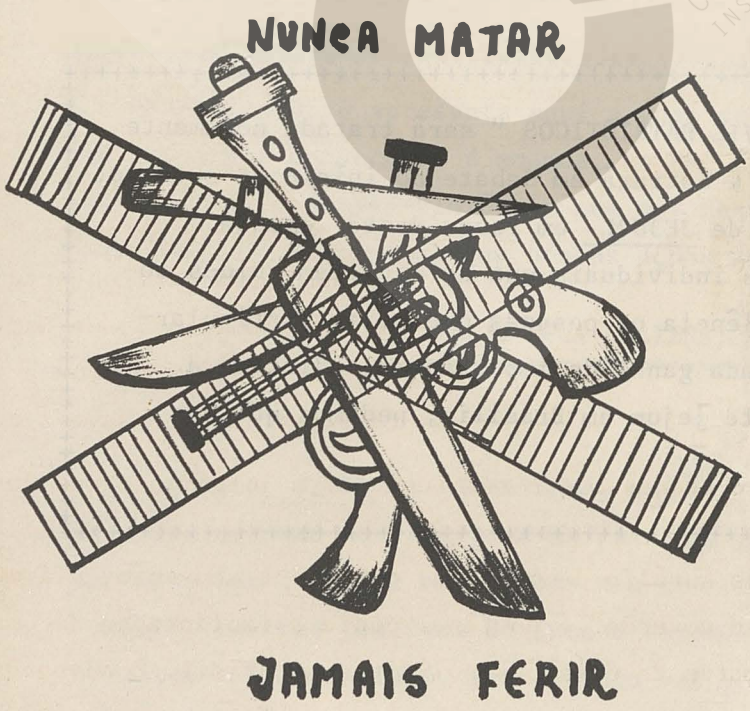
rior Tribunal Militar e existe ainda uma segunda instância nó Superior Tribunal Federal. A condenação de seis meses de prisão com "sursis", permite que o pastor responda em liberdade, mas com várias restrições: ele não pode participar de manifestações , falar em público ou se ausentar da cidade sem autorização dó juiz militar.

Ao final do julgamento, centenas de pessoas reunidas fora do Tribunal, com velas acesas, cantaram a música "Caminhando e....." de Geraldo Vandré. No julgamento estavam presentes varios bispos e pastores do Paraná e de outros estados, além de deputados federais e estaduais e vereadores. Um Comitê de Solidariedade ao pastor Fuchs , formado por mais de 4o entidades, está se articulando em nível nacional e internacional, para dar uma resposta . Também será cobrada uma posição do Governador Álvaro Dias. O comite está funcionando na sede regional da Comissão Pastoral da Terra, em Curitiba, onde podem ser feitos contatos para agilizar esta campanha de Solidariedade.**********
********** Disse ainda Alfredo Hason do Serviço da Justiça e Não-Violência em Curitiba: " Os julgadores que condenaram o civil P. Werner Fuchs, afeitos à obediência de ordens e na submissão hierárquica, são prova por si só de que não possuem formação para o ofício de julgar. Incumbir um tenente ou mesmo um major de julgar, que muitas vezes não possuem nemhuma formação jurídica, é o mesmo que incumbir um civil, avesso às casernas, de dar ordens à tropa e tomar decisões em exercícios de guerra. E foi assim que os julgadores militares, preocupados em obedecer a ordem de seus superiores e ao mesmo tempo em aplicar a lei, não souberam fazê-lo e o que é pior, esqueceram de realizar a justiça.

O SERVIÇO DE JUSTIÇA E Não-VIOLÊNCIA de CURITIBA repudia os Tribunais de Exceção que condenaram o civil P. Werner Fuchs e conclama todos os homens de boa vontade para que lutem pela JUSTIÇA e pela LIBERDADE para que a Paz possa reinar entre todos.

Curitiba, o2 de junho de 1987

Esta notícia foi enviado para à redação do último Boletim, pedimos perdão que só agora chegamos a publicá-la. Aliás ela é uma boa introdução para o nosso proximo assunto:



SERVIÇO CIVIL PATRIÓTICO - OBJEÇÃO DE CONSCIÊNCIA

Dia 27 de maio de 1987, Diário Oficial da União, pg. nº 7951: "Ministério da Justiça - Decreto de 25 de maio de 1987 - O Presidente da República, usando a atribuição que lhe confere o artigo 41 da Lei 818, de 18 de setembro de 1949, e tendo em vista o que consta dos respectivos processos do Ministério da Justiça, resolve DECLARAR que perderam os DIREITOS POLITICOS, nos termos do art. 149 § 1º, alínea b, da Constituição, em virtude DE RECUSA, MOTIVADA POR CONVICÇÃO RELIGIOSA, da prestação do SERVIÇO MILITAR, os seguintes cidadãos:

- E assim segue uma relação nominal de 122 jovens brasileiros. - Estes jovens tiveram sua MORTE CIVIL decretada, visto não poderão mais VOTAR , serem VOTADOS ou pleitear qualquer cargo público seja através de concurso ou outra forma.

Estamos no limiar do ano 2ooo. A consciência na humanidade de que somente a paz constroi, consolida-se em diferentes povos. As nações mais desenvolvidas do mundo ocidental não mais tem o SERVIÇO MILITAR OBRIGATÓRIO, e vejam que são potências mundiais. E o Brasil ? Porque cassar os Direitos Politicos dos jovens QUE NÃO QUEREM SER INSTRUMENTOS DA MORTE ? Quais são os inimigos do povo brasileiro ? A própria guerra das Malvinas, comprovou o princípio de que hoje, num conflito bélico, os soldados devem ser profissionais, e não conscritos jovens, ainda imberbes, sendo quase sempre massacrados. Ora, se um jovem deseja prestar Serviço Militar, é direito dele. E aquele que não deseja aprender a matar o seu semelhante, porque não tem o mesmo direito ? Portanto, não é verdade que somos todos iguais perante a lei. Os militares têm mais direito do que nós, civís.

Temos que lutar diariamente, para que a consciência da VIDA, germine dentro do nosso povo, porque se acontecer uma proxima guerra mundial, com certeza, não haverá vencedores nem vencidos.

É necessário que os militantes da Não-Violência despertem para este campo de luta pela VIDA. Ainda estamos muito incipientes. Precisamos articular-nos nacionalmente com todos os grupos, pessoas e entidades pacifistas para que o SERVIÇO MILITAR OBRIGATÓRIO seja definitivamente abolido do seio do nosso povo e que nemhum jovem tenha seus direitos politicos cassados por ser um objetor de consciência.

Apelamos e conclamos a todas as pessoas que quiserem conosco participar desta caminhada, que escrevam-nos, para juntos encontrarmos os passos necessários para superar esta injustiça.

Agosto, 15/1987

Jesus F. L. Santos - Serviço Nacional Justiça e Não-Violência
SERPAJ-BRASIL
SDS- Ed. Miguel Badya Bl.L,nº 3o/312
7o.3oo - BRASILIA - DF

AVISO: A emenda sobre " SERVIÇO CIVIL PATRIÓTICOS " será tratada novamente pela Assembleia Nacional CONSTITUINTE e entrará em debate no início de outubro. O Grupo REGIONAL SUL proclamou um dia de JEJUM em favor desta emenda. Pede-se que todos os grupos ou pessoas individuais que se declaram unidos ao Serviço Nacional de Justiça e Não-Violência ou pessoas que sejam particularmente interessadas para que esta emenda ganhe de importância, adirirem a este jejum. Se alguem deseja fazer este jejum em Brasilia, pedimos que nos avise com antecedência.

A [illegible]a:

CORTINA DE FERRO NO PARAGUAI

No Início do ano, a profº Margarita Capurro foi a fastada de suas atividades no Colégio Nacional de Niñas, em Assuncion, pelo Ministro de Educacion y Culto - Carlos Ortiz Ramirez do Paraguai, sob a alegação de : " inobservância de sus obligaciones."
O fato, no entanto, não é tão simples assim e está ligado a questões bem mais complexas:
Margarita Capurro é advogada e licenciada em Filosofia, professora de guarani e Docente no Colégio acima citado havia nove anos. Pesa sobre ela tais pressões graças às suas atividades reivindicatórias dos direitos e da conscientização do Povo Paraguaio. Ela sempre esteve envolvida nos Movimentos Sindicais, o que a fazia " visada " pelo poder constituído daquele país. Seria então, indispensável anular a sua atuação e foi em represalia que o Governo arquitetou um Sumário administrativo contra sua pessoa.

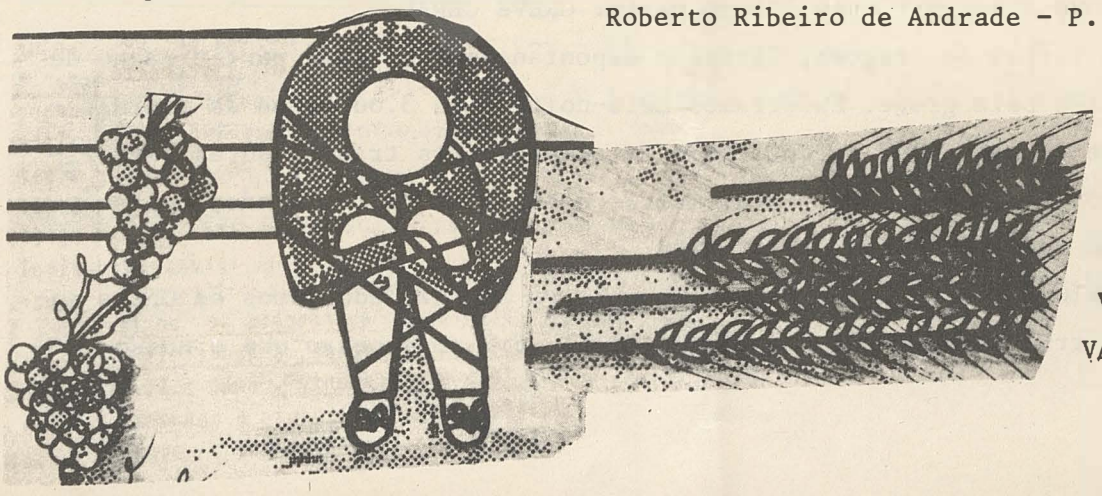
Margarita é Coordenadora do Departamento Juridico do Movimento Intersindical de Trabalhadores (C.N.T.)- Membro da Frente Ampla de Mulheres (F.A.M.) e uma das principais articuladoras para a criação da Coordenação Nacional dos Trabalhadores na Educação. Num país onde o regime totalitário manda e desmanda por mais de 33 anos isso só pode ser chamado de " Inobservância de sus obligaciones " .

Nossa companheira conviveu conosco (Grupo Não-Violência-fronteira Brasil-Paraguai) e conquistou a todos pela generosidade de seus gestos, limpidez de seu sorriso, grandiosidade de suas ações e profundidade de suas argumentações. Tanto que passou a ser Hermana em todos os atos desde aí seguidos.

Tomando conhecimento pormenorizado e em loco, nas viagens feitas ao Paraguai, o grupo de Ponta Porã se lançou numa campanha de apoio à companheira, auxiliados pela Equipe Nacional e grupos da Não-Violência e outros. Centenas de pessoas assinaram dezenas de abaixo-assinados pedindo a reintegração de Margarita. Em vão. Ela foi definitivamente demitida.

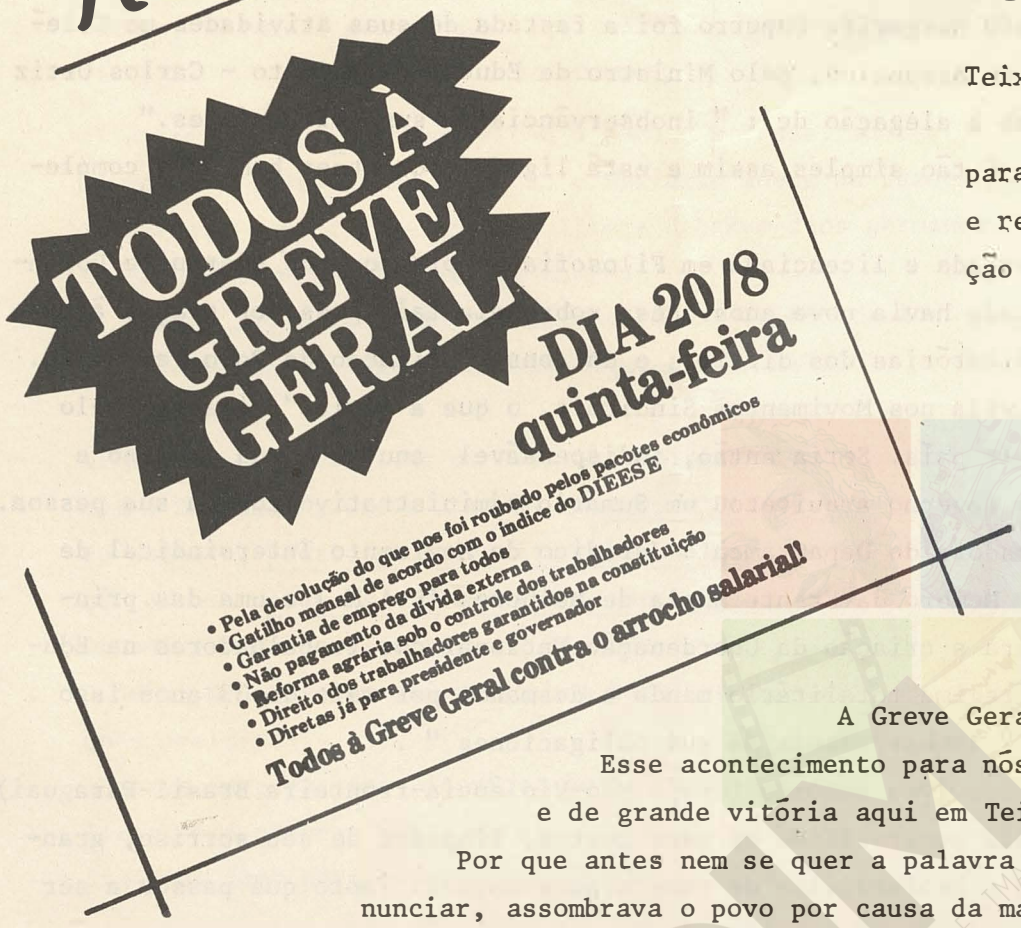
O pior está acontecendo agora: A incomunicabilidade. Há algum tempo que conseguimos contatos com pessoas ligadas ao Movimento Popular no Paraguai. Um nos disse poucos dias atrás: " está ficando cada vez mais dificil. Estão encima de nós o tempo todo." Então as noticias se perderam entre as indagações sem respostas e telefones que não atendem aos nossos chamados. As cartas não chegam aos seus destinos, nem retornam a origem. Sabemos que nossos companheiros estão lutando por seus direitos à Justiça e à Paz, independentemente de onde estejam: Atrás da cortina de ferro que isola este país do mundo civilizado.

Roberto Ribeiro de Andrade - P. Porã - MS.



" EL CRISTO DE LOS POBRES VAI RASGANDO EL VELO Y LA CRUZ LEVANTADA ROMPE MUROS Y CERCAS."

Noticias dos Regionais



Teixeira de Freitas-BA manda um abraço para todos os companhei- e relata sua participa - ção n a GREVE GERAL local.

A Greve Geral passou por aqui. Esse acontecimento para nós foi muito valido e de grande vitória aqui em Teixeira de Freitas. Por que antes nem se quer a palavra GREVE se podia pronunciar, assombrava o povo por causa da manipulação dos pa - trões opressores. Mas graças a união de todas as categorias e movimentos foi possível se fazer um trabalho de conscientização aos trabalhadores destas categorias: Bancarios, Comerciários, Professores, Estudantes, Trabalhadores Rurais, Movimento "SEM TERRA", Construção Civil, Eletricistas, Movimento da Mulher Trabalhadora e Justiça e Não-Violência juntos com os de Defesa dos Direitos Humanos.

Assim no dia 2o de agosto, todos os trabalhadores oprimidos e sofridos foram as ruas centrais de Teixeira, destemidos e dispostos a enfrentarem os opressores ten do como armas a UNIÃO, a FIRMEZA, a CORAGEM, as PALAVRAS DE ORDEM, os CARTAZES e as FAIXAS DE REIVINDICAÇÕES.

Além das constantes reuniões das comissões organizadoras, nós do Grupo Justiça e Não-Violêncai em preparação espiritual fizemos uma vigilia na vespera da GREVE, colocando diante de Deus todas as injustiças que a greve tinha como objetivo é que levava o povo a assumir esse último passo: GREVE GERAL.

Foram momentos fortes de orações, livres e espontâneas com ótima participação de todos os optantes pela greve. Encerramos meia-noite e às 3.oo horas da madruga - da estavamos de pé nas ruas, incentivando os companheiros trabalhadores para ficarem juntos conosco nessa luta. Foram muitos nesta hora de madrugada, Boias-frias e outros que aderiram e com muita garra.

Com o som do TRIO EXTREMO-SUL do nosso companheiro Zé Faz Tudo fomos às Obras para buscar os trabalhadores da Construçaõ Civil, foi um sucesso que o nosso com-

panheiro "Tres Mamita" pagou recebendo uma boa pedrada na cabeça de uns moleques, defensores de padrão. Este fato não conseguiu abalar os grevistas. Todos unidos e cada vez mais engrossando gente, fomos ao centro da cidade para fechar as lojas semre cantando. Pelas 11.oo horas ao abrirem os bancos fomos buscar os companheiros bancários e fechamos novamente os bancos. Conseguimos. Isso nos deixou muito animados, dispostos e compromissados a continuar seguindo o PLANO DE DEUS: lutar pelas causas dos pobres e oprimidos. Tudo isso aconteceu pacificamente e com muita ale - gria. Um sucesso muito grande que ajudou dispertar o interesse e a participação de muitos foi a contribuiçao do Zé e da Baiana com o grupo Teatro de Bonecas na hora da Manifestação pública.

Infelizmente no outro dia pela manhã a rádio Difusora já denunciou a greve como ter sido de politicos e não de trabalhadores, que inclusive quebramos onibus e portas de bancos e que tem sido uma verdadeira baderna. Aí o tenente Nascimento, que acompanhou a greve do início até o fim, testemunhou que a greve foi verdadeiramente pacifica como nunca visto e sem nemhuma violência da parte dos grevistas.

O certo é que foi uma experiência muito rica para nós. Tentamos dialogar com os policiais, uns nos atenderam, outros não, mas a todos estendavamos às mãos para se unir à nós e isto foi muito valido que ninguém vai esquecer jamais.

Agradecemos aqui a todos que nos ajudaram tanto na animação da greve. E queremos com isso animar os nossos companheiros dos Grupos da Não Violência de irem a frente com as lutas, pois DEUS ESTÁ CONOSCO.

Relato da compnaheira Maria Soares

****

FEIRA DE SANTANA SAÚDA OS COMPANHEIROS .

O primeiro Encontro da Nã-Violência Ativa realizado em Feira de Santana-BA, no período loà12 de julho próximo passado, assesso - rado pelos nossos irmãos Domingos Barbé e Veronika, contando c/participantes de varias regiões do estado, consegiu revelar valorosos companheiros adeptos à FIRMEZA PERMANENTE, que necessitavam justamente uma força de coesão a fim de levar à frente a prática da Não-Violência Ativa em situação concreta de luta.

Ao final do Encontro, os participantes de Feira reuniram-se para refletir sobre a maneira de agir e ter uma participação marcante na GREVE GERAL, que até a esta altura faltava exatamente um mes a se realizar. Desta reunião saiu a decisão de promover reuniões mais abrangentes, marcar presença e dar sugestões nas reuniões da Comissão local de organização da greve e levantar a discussão, com maior amplitude, sobre a postura do cristão frente a uma greve geral, visando com isso 2 pontos principais:

1. A greve tem que acontecer realmente com ampla participaçãopopular.
2. A greve tem que ocorrer sem violência.

Com base nestas propostas foram realizadas mini-reuniões de trabalho onde se escolheu comissões para realizar tarefas específicas a nível de sensibilização junto a alguns grupos de base e segmentos da igreja.

Foi elaborado um folheto destinado a servir de reflexão nos grupos e um outro servindo para os religiosos e irmãos presbiterianos que se uniram a nós. Este folheto buscava chamar à consciência dos cristãos diante do acontecimento histórico da GREVE GERAL e propondo um encaminhamento:

a) atitude de solidariedade com a luta dos trabalhadores
b) dedicar o dia 2o/o8 à oração e reflexão sobre as razões da greve (em grupos)
c) Durante todo dia da greve a Igreja dos Remedios permanecer aberta para as pessoas que aqui quizessem orar em comum.
d) Dia de Jejum assumido coletivamente na comunidade e no grupo
e) Celebração ecumênica na mesma igreja dos Remédios, começando às 16:oo hs do dia da greve.

Além destas iniciativas de carater espiritual, o grupo ofereceu-se para colaborar com o Comanda da Greve através de preparar lanche e refeições para os companheiros do comando, participação direta nos piquetes e na consolidação da greve, organização de uma passeata e oferecimento de serviço de plantão telefônico (na paroquia do Cruzeiro) para qualquer eventualidade.

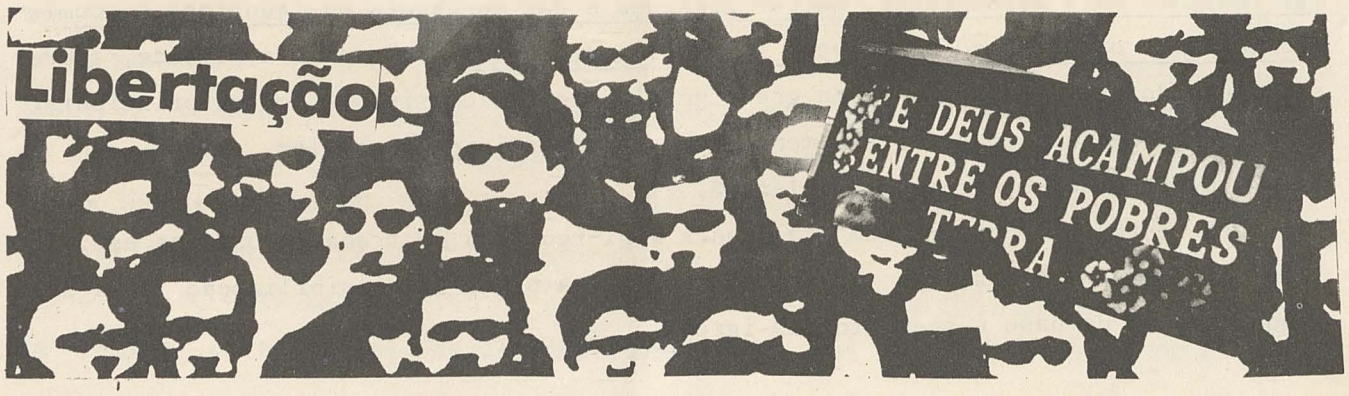
O Culto Ecumênccico foi muito bem participado e foi um momento de muita fé e vibrações positivas.

A greve em geral foi vitoriosa em Feira de Santana, não obstante todo o aparato policial e a pressão dos patrões. Aquele pequeno grupo que apenas um mes antes ainda discutia como participar, teve uma pariticapção ótima, embora que para alguns tenha sido a estréia. Isso nos encoraja muito e nos leva a acreditar que o terreno de Feira foi propício para a semeadura da FIRMEZA PERMANENTE. A plantinha pegou, não temos dúvida. Resta continuar zelando por ela.

Relato do nosso companheiro Isac

Obs.: Isac mudou de trabalho, para todos que querem um contato telefônico com ele:
Salvador (o71) 242-85-2o - escritório
Feira (075) 223-o2-88 - ASTA (p/reacados)

Achamos importante relatar estas experiências de uma participação não-violenta e ativa na GREVE GERAL para vocês. Isto nos mostra que a greve não foi um fracasso total, pois estas coisas bonitas que estão germinando no seio do povo nemhum Jornal e nemhum canal de TV mostra e talvés nunca vai mostrar. É como se diz a palavra de Jesus ... " aos pequenos é revelado o que está oculto aos poderosos ... "



FALA NORDESTE - VOZ DE RECIFE -

TEOLOGIA OUVE PROPOSTA DA " NÃO-VIOLÊNCIA

Por iniciativa do Instituto da Teologia do Recife (ITER), os alunos do último ano tiveram 30 horas-aula, de 27/07 a 14/08, sobre a teoria e prática da Não-Violência Ativa.

Foram 3 semanas riquissimas. Na primeira semana, quem deu seu recado foi o Pastor Ricardo Wangen (S. Leopoldo RS). Na segunda, tivemos várias presenças: Domingos Barbé (SP), Alfredinho (CE), Maria José e Lucila (da luta pela terra urbana-SP) e Ari (Faz. Annoni-RS). E, na última semana, foi a vez do grupo de Recife e de Creuza Maciel, que falou em especial, sobre a situação da América Central.

Todos sentiram o empenho dos apresentadores e a seriedade com que o assunto foi abordado, deixando transparecer um espirito aberto, critico, auto-crítico e bastante sensível. Deu para esclarecer muitas dúvidas e estimular algumas pessoas a chegararem nas nossas reunioes semanais.

Algumas pessoas que alimentavama uma antipatia gratuita pela proposta "não-violenta, reconheceram que a base do preconceito estava em nunca terem tido a oportunidade (agora concretizada) de abordar o tema com satisfatória fundamentação prática e teórica.

O ITER já está amadurecendo semelhante programa para o futuro.

Para nós de Recife, foi um desafio que custou algum cansaço e rendeu um sem número de descobertas e estímulos para caminhar e abrir caminhos.

Aos companheiros que investiram seu testemunho vivo nesta programação, nosso agradecimento sem limites.

A todos vocês, nosso carinho e um forte abraço,

Grupo de Justiça e Não-Violência
Recife-Pernambuco

****

A companheira Dora apresenta aqui a ação de um profeta de amor fraterno e irmão que todos nós conhecemos e amamos, do Pe. Alfredinho. Ele é um dos maiores apostolos no caminho da Não-Violência que nos chama à refleção e à espiritualidade e nos questiona sobre a pureza das nossas ações não-violentas.

JEJUM PELA FRATERNIDADE
==========

" O vosso coração de pedra,
se convertará, em novo coração" ...

- 1º de junho de 87' - Joãozinho, pai de familia com 4 filhos pequenos, desempregado, morando com a esposa na casa dos pais, também nas mesmas condições de pobreza, foi caçar no mato. Como não encontrou nada, nemhum preaz, desesperado resolveu amarrar uma vaca do grande fazendeiro João.

Resultado: É denunciado, e a polícia vai buscá-lo em casa de sua mãe, espancando e levando-o à cadeia.

João fazendeiro dizia, que o dia em que Joãozinho saisse da cadeia, deveria desaparecer logo, para o Rio ou S. Paulo. Mas que não podia ficar em Crateús.
A situação ficou dura mesmo. Ele já tinha um outro processo - sem advogado. A familia que já era sacrificada, teve que se sacrificar mais ainda para sustentar a alimentação dele na cadeia, sem saber até quando. - A mãe Dº Isaura, com 2o filhos nascidos e 13 mortos, estava se acabando de dor.
- 17 de junho - INÌCIO DE UMA AÇÂO
Fui perguntar ao capitão da Polícia Militar e aos presos, se aceitavam a benção do Santissimo. - No dia seguinte, quinta-feira, Dia do Corpo de Cristo, fui e lá Joãozinho me colocou a par da situação dele e me pediu assistência.
+ 18 de junho Após verificar os fatos fui me encontrar com o proprietário da vaca na casa dele. - Perguntei-lhe como podia ele com tanta riqueza mandar prender um homem, que de fato em nada lhe prejudicou. - Respondeu-me: " Eu trabalhei para adquirir esta fazenda, para defender o que é meu procurei a justiça."
Perguntei: " Que justiça é essa ? O Senhor que é um homem de cabelo branco, se lembra de ter visto na cadeia de Crateús um rico que matou, robou, desonrou ??"
Ficou sem resposta. Continuei: - " Hoje é a festa do Corpo de Cristo, como é que podemos abençoar tanta dureza e injustiça ?" - Replicou ele: " O caso entrou na justiça e eu não posso fazer nada. Retirando o processo vou me desmoralizar perante as autoridades e como poderei eu depois encaminhar outro caso ?" - Eu disse a ele: " Tá certo. O Senhor não pode retirar o processo. A partir de agora vamos iniciar um tempo de oração e jejum só com água até o Joãozinho sair da cadeia."
Avisados, o bispo D. Fragoso, a equipe paroquial, os animadores do bairro, a Irmandade do Servo Sofredor, que fez uma opção de Não-Violência Evangelica, se começou o jejum, uma vez todos estavam de acordo.
A familia de Joãozinho aceitou que o jejum fosse feito na casa deles.
Houve na cidade a procissão do Corpo de Deus. O bispo aproveitou a oportunidade e comunicou o que estava acontecendo. No mesmo dia um advogado veio oferecer seu serviço a esta familia.
- 19 de junho - sexta feira - Varios grupos vocacionados, comunidade e associações se apresentaram para assumir uma permanência de oração. Alguns de maneira discreta, faziam sua doação na cozinha.
- 2o de junho - sabado - O capitão da polícia militar, o filho do João e um advogado, vem me convidar a voltar em casa, dizendo que o processo será retirado 2º-feira. Respondi: "O Senhor pode me levar na cadeia, mas na minha casa, não. Só vou em casa depois que o Joãozinho for solto."
Aliás o sentido primeiro do jejum é a purificação pessoal - Eu preciso ser purificado do meu pecado, bem como o juiz, o capitão, o advogado, o Joãozinho . Todos nós. - À noite fui informado de que o carcereiro pedira a Joãozinho para que me pressionasse a sair desse jejum.
- Dia 21 de junho - Domingo - Não houve missa na Catedral, mas uma Celebração. A paroquia toda foi convidada a fazer um jejum da EUCARISTIA. - O que adianta ce-

lebrar, comer o Corpo de Cristo e deixar o irmão morrer de fome ? Em cada celebração foi lida a carta:(vj. no final)

Neste mesmo Domingo, à tarde, o mesmo João, foi pessoalmente visitar 7 familias que trabalharam na terra dele e pagou o salário de 2 meses atrasados.

Dia 22 de junho - Segunda feira - às 8.oo horas João, com o nosso advogado, se apresentou na casa de Joãozinho, apertou a mão de todos, dizendo que não queria ficar intrigado com ninguem. Declarou que ia retirar o processo. O juiz se mostrou insatisfeito com a retirada do processo. Alegou que sem a assinatura do procurador, que só devia aparecer 5º feira, não podia fazer nada.

Apesar de tudo, Joãozinho voltou de carro, às 17.3o hs para a casa dele e deu a benção a seus filhos. - Agradecendo e louvando a Deus, tomamos um caldo de arroz para romper o jejum. Foram cinco dias abençoados.

Agora Joãozinho encontrou uma casa e se alistou na Emergência.

Eis, na íntegra, uma **CARTA ABERTA À POPULAÇÃO DE CRATEÚS:**
escrita por Alfredinho- Ano VII/n. 06 (41) Crateús, julho 1987

Bairro de Santa Rita, 20 de junho de 1987-

CARISSIMOS IRMÃOS EM CRISTO - PAZ .

Quem somos nós , irmãos, usando o direito que nos oferece a justiça humana, de mandar prender, bater e jogar na cadeia um pai de familia de 4 filhos, sem emprego e sem casa para morar ?

- discipulos e amigos de jesus, temos o dever de saciar a fome de pão, de saúde, de educação , fome também da palavra de Deus ,fome do Pão da Eucaristia de nossos irmãos carentes ...

Todos vocês já conhecem o exemplo do santo martir Pe. Maximilian Kolbe, que se ofereceu no campo de concentração de Auschwitz , para morrer de fome e sede no lugar de um pai de familia polonesa. Depois de 15 dias ele faleceu, a 14 de agosto 1941.

Diante deste sacrificio, como é que podemos, com uma mesa farta, mandar na cadeia um faminto que teria ameaçado os nossos bens ? Será que só os pobres tem o direito de partilhar o pouco que eles tem e perdoar a um ladrão que robou o que era necessária para o sustento da familia ?

neste tempo de seca devemos tecer uma imensa tela de compaixão mútua :o Plano de Emergência do Governo é muito longe de responder às necessidades gritandes do povo...

Cada cristão devia se sentir mobilizado para fazer recusa à fome, á doença, e acabar com o desemprego e a falta de escola.

Na grande seca de 1979 a 1984 ,milhares de vidas foram salvas pelo esforço de partilha dos mais carentes. Tantas vezes no bolsão da Santa Fé eu vi o Sem Comida acabar com um prato cheio ...

Este tempo de Jejum e Oração que foi iniciado 18 de junho, Festa do Corpo de Cristo já deu resultado :

1º A Purificação pessoal, a Conversão de cada um de nós ...

2º Quem mandou prender o pai de familia, na 2ºfeira , vai retirar sua queixa perante o juiz e anular o processo.

DEUS É AMOR - e devemos nos amar uns aos outros de verdade e não só com palavras. Na 2º feira nosso irmão preso deverá deixar a cadeia - muito bem. Mas o que ele pode fazer sem emprego e sem casa?
Vocês não tem vergonha de dizer a quem pede ajuda " vai trabalhar" sem oferecer uma hora de trabalho para ele ??? Se relembra esta palavra de Jesus: " insensato. Nesta noite ainda exigirão de ti a tua alma - e as coisas que ajuntas de quem serão " ???

Pe. Alfredinho

ALTO TAQUARI - INFORMA - ALTO TAQUARI - INFORMA - ALTO TAQUARI - INFORMA -

O grupo Alto Taquari nasceu em março 87', mas a sua constituição oficial data 19 de julho 87 'quando foi possível contar com um número maior de participantes.
Os nossos objetivos: enfrentar os conflitos existentes na sociedade através dos métodos estratégicos da Não-Violência.
Necessitamos porém, aprofundamento do método e da mistica e intercâmbio com ou - tros grupos através de visitas, correspondências e troca de material.
A nossa região é industrial, destacando-se o ramos calçadista, onde a opressão e exploração da mão-de-obra é gritante.
A população é de colonização européia onde a discriminação e o preconceito racial predominam. - Embora ainda inexperiente assumimos um compromisso sério com a comunidade e com as lutas da classe trabalhadora.
" O grupo do Alto Taquari vai indo de vento em poupa ..." concluiu a Iva Alós que nos mandou este realtório.

PARABENS, COMPANHEIROS. UNIDOS VENCEREMOS.

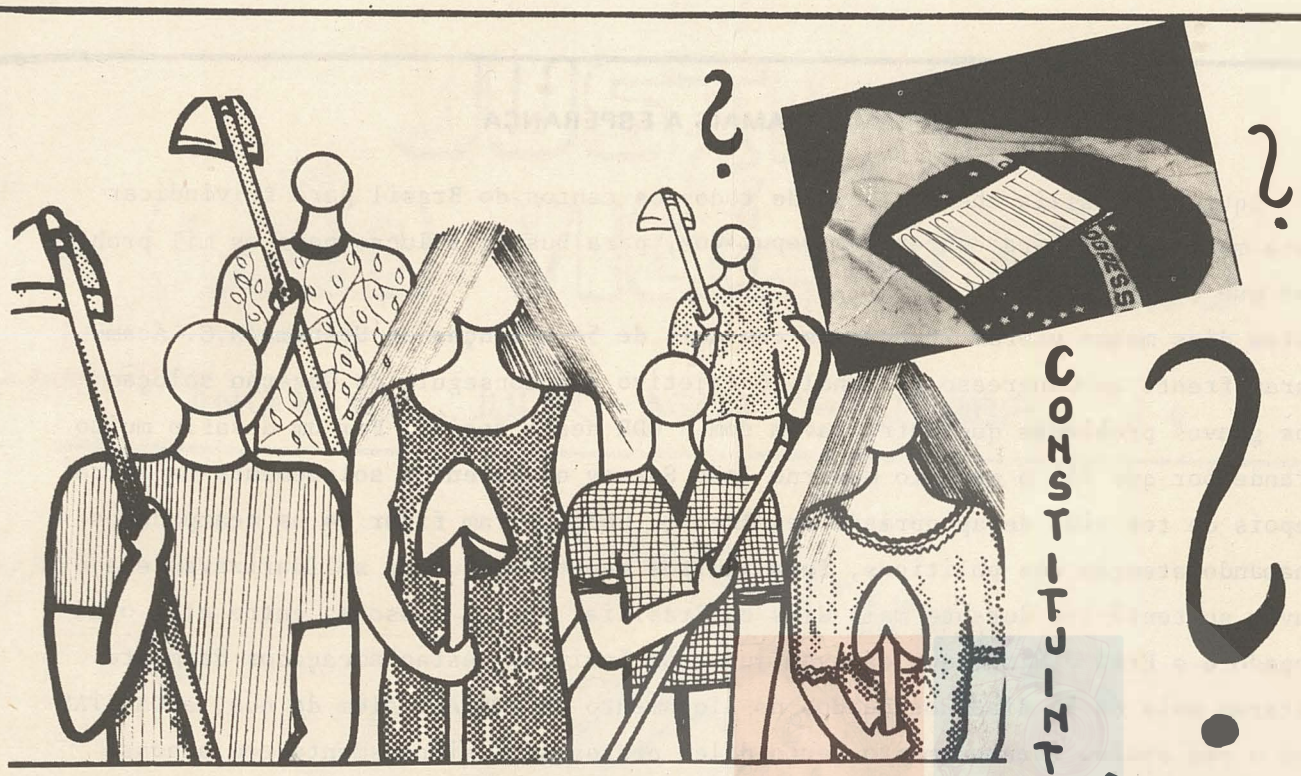
SÃO LEOPOLDO iniciou um Jornal Regional e nestas alturas já deve ter tomado um giro grande por este Brasil todo. Foi uma iniciativa muito boa que pode servir de estimulo para outros regionais. As noticias locais passariam mais rapidas e mais completas e as experiências seriam mais repartidas. È bom quando os grupos desenvolvem sua própria criatividade e fiquem cada vez mais independentes.
OBRIGADO, SÃO LEOPOLDO.

Caros Leitores, pedimos perdão que esta vez o BOLETIM chega atrasado, não saiu tão perfeito e alguma coisa que talvés não esteja do seu agrado. É primeira vez que o Boletim está sendo feito em Brasilia e ainda estamos sem experiência prática.

****

VISITAS que nos trouxeram alegria: Passaram aqui: Dora e uns companheiros de Recife, Alveçi e Nancinha de S. Paulo, Frei Alamiro, e nosso amigo Mauricio de B. Horizonte. Foi tão bom vocês terem passados aqui.

****



O Clamor pela Reforma Agraria

CRUZ ALTA - Recebemos do companheiro Norberto um relato da ocupação da Fazenda S. Juvenal. Umas 5oo familias da Fazenda Annoni, cansadas da demora da justiça, se organizaram para ocupar, 18 de julho 87', parte da Faz. Juvenal. Mas a UDR já tinha preparado forte barreira de pistoleiros e assim os SEM-TERRA sofreram repressão medíocre como nunca visto em todo Rio Gr. do Sul.
Por falta de condições de sobrevivência todos voltaram para a Faz. Annoni. Fazendeiros, pistoleiros e Brigada Militar unidos impediram qualquer chegada para perto do lugar, além disso, sairam feridas pela Brigada, 2o pessoas que vieram para prestar solidariedade aos acampados. - O relato termina convocando a todos:

CONVOCAMOS a população para prestar apoio e solidariedade a todos os que lutam pela Reforma Agrária, vida justa e digna para todo o povo brasileiro.

"Tenham cuidado com os homens, porque eles entregarão vocês aos tribunais e açoitarão nas sinagogas deles. Vocês vão ser levados diante de governadores e reis, por minha causa, a fim de serem testemunhas para eles e para as nações. quando entregarem vocês, não fiquem preocupados como ou com aquilo que vocês vão falar, porque nesta hora, será sugerido a vocês o que devem falar. com efeito, não serão vocês que irão falar, e sim o Espirito do Pai de vocês é quem falará atraves de vocês." (Mt. 1o,17-2o)

Pedimos desculpa que por falta de espaço não colocamos a integra o relato. Solicitamos uma noticia sobre a atual situação daquelas 5oo familias para o proximo Boletim.

****

BRASILIA - No dia 15 de agôsto apreciamos uma Festa Popular no Congresso. O povo veio entregar as assinaturas para as emendas populares. Delegacias de quase todos os Estados tomaram conta do Planalto com muita criatividade, faixas sugestivas e do seu folclore. O povão invadiu o salão negro na Câmara do Senado, tocando e cantando suas músicas, seus versos.

Apoiado pelos braços de Lula e de Jair Meneghelli, o Sr Ulysses Guimarães recebeu além das assinatura muitas vaias com palavras de ordem. Foi seguramente pela 1º vez que um presidente de República estava sendo vaiado e expulso dentro de sua própria casa (que aliás deveria ser a casa do povo).

A Manifestação continuou na frente do Congresso. Muitos deputados do PT, PCdoB e do PMDB/ala progressista, sairam para se encontrar com o povo e para renovar os seus compromissos com o povo. Peças teatrais da vida do povo, discursos e até o Bumba, meu boi não faltou e deixaram a gente com um raio de esperança de que a história está virando, embora lentamente. Foram entregue mais de 1.7oo,ooo assinaturas pela R.A. No entanto as negociações sobre a Reforma Agrária continuam bolêmicas e são junto com os debates sobre a forma de Governo as mais quentes e mais temidos.

A todos que não podem vir em setembro para apreciar a votação, aconselhamos que não deixem passar esta data em branco, que façam manifestações, vigilias, romarias, debates e mais nos seus municípios.

NÃO PERCAMOS JAMAIS A ESPERANÇA

" Aqui em Brasilia chega o povo de todos os cantos do Brasil para reivindicar para manifestar, para cobrar dos Deputados, para buscar solução para os mil problemas que o afligem.

Estes dias mesmo vieram 76 pessoas com mais de 5o crianças de Uturama/M.G. Acamparam frente ao Congresso Nacional. O objetivo era conseguir do Governo solução dos graves problemas que enfrentavam com a UDR nesta região. Foi um desafio muito grande por que 85' o proprio Governo José Sarney os assentou solenemente na terra depois de ter sido desapropriada legalmente. Conseguiram ficar 24 hs acampadados chamando atenção dos politicos, foram muitos deputados que se solidarizavam e ajudavam sustentá-los durante mais dias em Brasilia. Varias pessoas, entre eles o advogado e o Frei Divino, que estavam junto às familias, estão ameaçados de morte. Ficaram mais de 15 dias hospedados no alojamento da CONTAG. Além de nós, a CARITAS deu o seu apoio. Ficamos muito perto deles nestes dias simplesmente com a nossa presença e nossa amizade. A comunidade de Gama também deu sua pequena contribui - ção. Acompanhei o julgamento no Tribunal Federal de Brasilia. Graças a Deus saiu mais uma vez tudo em favor deles. Vistamos um dos jagunços dentro do Tribunal enquanto os fazendeiros brilharam pela ausência. Na mesma noite seguiram para Minas com o coração cheio de alegria, mas com um aperto no peito, por que sabiam que não ia ser facil continuar vivendo ao lado da UDR.

A gente ficou para se trocar noticias e para ficar de certa forma ligada a eles pela luta autêntica por Justiça e Vida melhor que Deus quer para nós todos.

* " Feliz aquele, cuja consciência não o acusa *
* e aquele que não perdeu a esperança." (Ecl. 14,2) *

****

Antes de fechar este Edital recebemos uma noticia de Teixeira de freitas-Ba. 6oo familias haviam ocupados as terras da FLONIBRA, inprodutivas há 12 anos e muitas vezes declarada pelo INCRA como área de Reforma Agrária. Pediram que a gente ficasse atenta a eles, que divulgassemos o fato e que abriram uma conta no Banco BRADESCO- Agencia Teixeira de Freitas - BA - CEP 45997 Nº 2522 Vara 4 em nome de José Irailton Gonçalves → Para quem gostaria de ajudá-los nas primeiras dificuldades.

Aguardem outras noticias!



1

DEMOCRACIA AUTONOMIA E AUTODEFESA DETERMINAM AS RONDAS CAMPESINAS

A HISTORIA DOS CAMPONESES



DE PERU

A deficiência da Politica, a escazez das vias de comunicação e de transportes, e a incapacidade para controlar a delinquência, foram fatores conjunturais que contribuiram para criar as " rondas campesinas " em Cajamarca/Amazonas-Perú (Declaração de participantes de um encontro das rondas campesinas, realizado em fim de março deste ano.)
Em varios localidades, lugares de Assembleias públicas e populares, em inúmeras ocasiões foram organizados as rondas por determinação voluntária e democrática do povo.
Por exemplo: " Havia antes das Rondas o campesinato cajamarquino, mas não estava massivamente organizado. Sua organização foi muito limitado. Essas organizações a nível de Provincias e Departamentos não passavam de projetos bem intencionados e no melhor dos casos foram simples coordenações burocráticas."
Além do mais " O Estado Peruano e suas dependências nunca representou a voz dos Campesinos e estes não se sentiram identificados nem com os fins e nem com os meios do Estado, muito pelo contrário estavam identificados com a exploração, os sofrimentos, ainjustiça, a ignorância de que foram vitimas, são fomentados pelo Estado, e mediante suas autoridades. Porque o " poder das classes dominantes " é experimentado, astuto e maduro, e de tão maduro está em crise de descomposição e em suas entranhas estão os germes da morte.

OS CAMPESINOS DE PERU ; OS QUE SOFREM A INJUSTIÇA

A população Peruana está em redor de 2o milhões, disse o companheiro Alfredo Ramirez, integrante das Rodas Campesians de Cajamarca. Somente a população urbana soma 12 a 13 milhões. Os demais são campesinos e a população das Rondas não tem número certo. As Rondas de Cajamarca devem ter ca de 80% do Campesinato, em Piúra 7o% em Liberdade e Huaráz 4o% e em Huanuco 7o%. As Rondas tem se estendidos para todo departamento de Cajamarca e para muitas provincias de Piura, Amazonas e toda Huanuco.

A ORIGEM DA LUTA

As Rondas Campesinas surgiram inicialmente para combater os ladrões de gado, um problema muito extenso em diversas regiões de Perú e que é igualmente uma onda de assaltos, conta o companheiro Alfredo Ramirez. Era sabido que os ladrões atuavam na cumplicidade com o governo e o povo foi vitima dessa praga social. Daí as Rondas começaram lutar contra as autoridades corruptas.

A 1º experiência concreta se deu no final de 1976 numa escola do povoado Cayumalea, Dep. de Cajamarca no norte de Perú. Os ladrões haviam assaltados a escola do lugar e roubado tudo que estava dentro. Os camponêses se reuniram e combinaram a viagar por turnos durante as noites. Com o correr do tempo o povo admitiu que os roubos e a ladroagem tinham diminuídos e até desaparecidos da região. Alfredo disse:" Eles chegaram à conclusão que era importante organizar Rondas Campesinas.

Criaram então mais rondas em outros povoados e sacaram mais outra conclusão: os roubos tinham desaparecidos. Logo depois destas experiências combinaram organizar novas Rondas e assim começaram a espalhar-se pelas regiões.

As Rondas atuais tem sua origem mais proxima nos anos 75 e 76, durante a luta pela independência,aí começaram existir infinidades de grupos conhecidos como " montaneros ",- muito similares às Rondas.

Podemos dizer, falou Alfredo Ramírez, que os montoneros constituem o antecedente histórico das Rondas nas jornadas pela independência. Os grupos não eram agressores e nem guerreiros, mas agiram pela sua auto-defesa.

De Cajamarca se expandia o interesse para criar cada vez mais Rondas novas de camponeses em Amazonas que foram motivados pelo Sr Pedro Risco Rodrigues.

Num Documento publicado em setembro de 1986 aparecem as causas fundamentais das Rondas:

a) a crise econômica social generalizada e estruturada
b) as ideias preponderantes de organizações democraticas revolucionárias
c) os fatores históricos

A Crise foi na produção:" Temos uma agricultura que não abastece nem no minimo a população. - Contamos com uma migração de massa do campo para a cidade. - As pequenas vilas estão ficando desertas como se o povo ficasse temeroso de um exercito vassalador. - O empobrecemento do campesinato e seu alojamento nos abrigos são fenômenos que serviram às Rondas de motivação, de pretexto " histórico ".

AS RONDAS SÃO :

- Organizações transcendentes que ultrapassam as tradicionais entidades rurais e urbanas que tinham reduzida sua ação básica à praticas reivindicatórias, dogmaticas e exclusivas.

A luta por uma nova ordem social onde o " homem não é o lobo do homem ", e onde a Paz seja o fruto da justiça. (Is.32,17) Esta é a animação das novas organizações. Nesta luta eles se preocupam também por satisfazer sua fome de pão e sua sede pela justiça.

As Rondas são organizações leigas, autônomas, democratas e próprios do campesinato andino. Representam uma institutionalidade inédita que não preocupa com formalidades oficiais.

Através das Rondas criou-se de novo o espirito comunitário, apareceram os valores culturais e cordialidade e igualdade tão próprio do povo andino.. As Rondas resgatam a memória coletiva e fomentam a pratica dos Direitos e Deveres civís de seus membros.

AS TRÊS CARATERÍSTICAS BÁSICAS DAS RONDAS

_ A Democracia - A Autonômia - A Auto-defesa comunitária

A instituição está regida por princípios democráticos e desta maneira as orientações e ações são decididas pelas maiorias. Os dirigentes são convocados e sancionados quando não observem os estatutos. Os Juizes comunais unidos à critica e auto-criticasão medidos pela purificação e pelo afinamento de espirito coletivo. A fiscalização permanente e coletiva é o meio principal para evitar a corrupção e para reabilitar o espirito de igualdade e coresponsabilidade.

Enquanto à sua autonômia, as Rondas não são orgãos subalternas do estado e nem da policia, tão pouco dependem de orgãos politicos ou religiosos. No seu seio ventilam todo tipo de ideias e planos dos camponeses.*As Rondas são patrimônio do camesinato.*

Eles se auto-sustentam e assim mantenham sua independência. Nas Rondas o julgamento é algo proibido, porque a delinquência é um mal social, é um efeito que tem como causas fatores politicos, economicos, sociais e juridicos. Um assalto ou o roubo do gado não desaparecem se a gente mata o ladrão, mas sim deve se eliminar as causas que geraram o ladrão, assim como também não se acaba com a tuberculose matando os doentes.

COMO SE ORGANIZA ESTA CAMINHADA DE LUTA

A organização de uma Ronda na sua cúpula é representada por uma pessoa ou por um grupo. Pode ser um cidadão comum, mas com boa moral. Ele pode convocar o povo a uma Assembleia e determinar dia e hora. A Assembleia nomeia uma junta diretiva que é o orgão administrativa e que tem o controle de cada cidadão rondero.

Para integrar na Ronda deve ser mais de 17 anos e menos de 60 anos. Estes e as mulheres e jovens não são obrigados à serviços noturnos de vigilância. Mas todos eles, voluntariamente podem realizar este serviço. As mulheres são igualmente membros ativos do grupo. Elas tem direito a participar com voz e voto e como dirigentes das Rondas.



As mulheres campesinas e operárias que integram nas Rondas são consideradas pessoas conscientes da problematica do povo e do abuso de elementos que vivem à margem da lei.

São as que otorgam o apoio moral aos seus filhos e a seus esposos, dando esperança quando desanimam.

Logo quando se organiza uma Ronda numa comunidade existe a possiblidade de estabelescer um horário de turnos de serviço por um curto ou mais longo tempo.

Os Ronderos trabalham em grupos de nove (9) de noite e em grupos de seis (6) pela manhã. Quando um deles não pode vigilar deve justificar sua ausência e repor sua falta com trabalho ou dinheiro.

Os Rondeiros não usam armas, somente uma peça de madeira para prevenir qualquer tipo de ataque por maus elementos.

Os Ronderos também investigam muitas denúncias, buscam provas, interrogam os suspeitos, procuram declarações e entregam-as às autoridades competentes.

" Qualquer delinquente é tratado com respeito que toda pessoa humana merece", declara o Rondero Arcádio Mera Siquenza de Amazonas, somente o privamos de sua liberdade. Atualmente os ronderos estão enfrentando problemas juridicos como a legitimação das terras, conseguir alimentos, abandono de lugar, casos de violação. Em resumo, as Rondas tratam qualquer tipo de problema que seus membros sofrem. Abordam também reivindicações especificas e lutam por melhores escolas, estradas e Postos Médicos.

ENTRE DOIS FOGOS A LUTA SEGUE COM DIFICULDADES

Entre dois fogos, contra o assalto e autoridades corruptas e contra as ações venturosas do "Sendero Luminoso" e a repressão policial, as Rondas Campesinas tentam trabalhar em algumas regiões de Perú.
Os ronderos não se envolvem com o Sendero Luminoso. Consideram ele como um grupo vertical, autoritário e prepotente. Dizem que ele prospera mais onde a população ainda não está organizada e não tem consciência de combate e nem de formaçao democratica.
A pratica da democracia, a organização massiva são as chaves para impedir o assentamento de grupos provocadoras e também para neutralizar a prepotência das autoridades.
Em regiões declaradas "estado de emergência", como p.ex. em Puno, os camponeses não acha, recomendável criar rondas, para que nem os Senderos e nem o Exercito possam tomá-los por seus interesses.
Alfredo Ramírez conta:" Em Huánuco , declarado em emergência, o Exercito havia formado rondas paramilitares para organizar os camponeses à seu serviço. Huánuço é uma parte da selva deste Huancago até Junín. O Exercito formou os grupos para perseguir o Sendero dentro de sua politica de contra-insurgência, mas os milícos cometeram muitos abusos com os camponeses. Eles os oprimiam, manipulavam, chantageavam e se algum deles reclamava, era imediatamente acusada de ser do Sendero e era castigado. Nós, das Rondas, entramos em contato com eles e conseguimos atraí-los para o nosso lado. Finalmente eles conseguiram libertar-se dos mandos militares. Existem ainda antigos grupos para-militared que agora são autonomos e ligados ao movimento campesino em geral. Varios deles já assistiram nosso Encontro em março deste ano, e sabemos que algums grupos para-militares estão liderando uma luta por sua independência e para não ser manipulados nem utilizados como " carne de canhão " pelos militares.
Frente a estas dificuldades, o Pe. Neptali Liceta, nosso companheiro e Coordenador do SERPAJ-Perú, manifesta que não se deve perder de vista, que num território de extrema violência como Ayacucho, Huancavelica, Puno e outros lugares, havia que buscar-se alternativas para a Paz. Claro que pode haver confusão e ambiguidade entre as Rondas Campesinas e àqueles que estão sendo organizados pelos militares. Mas neste contexto, com uma educação profunda e convincente deve se construir a paz entre a gente. Ele crê que as Rondas tem uma proposta importante, mas não desconhece os riscos que podem surgir: "Não podemos somente falar de Paz sem oferecer alternativas."

UMA ALTERNATIVA ANCESTRAL , MAS INOVADORA :
A NÃO - VIOLÊNCIA NAS RONDAS

O companheiro Neptali comenta que as Rondas organizadas a partir da necessidade do povo são uma educação para a Paz. " Nós já refletimos mais a fundo sobre as Rondas como al-

ternativas de uma educação libertadora na construção da paz,por que as Rondas não existem somente para defender instâncias urgentes de pequenos roubos e assaltos, mas as raízes, o fundamento das Rondas como expressão da vontade popular, o povo está sendo encaminhado à uma educação básica, baseada em seus valores nativos e patrioticos. É para liberar-se de diferentes formas de opressão. Temos visto como as Rondas questionam aquelas autoridades do Governo que deviam estar fazendo justiça mas não cumprem com ela. Hoje a população recorre mais às Rondas do que à Delegacía da policia. O povo compreende que a sua segurança está nele mesmo, na sua própria gente e que não podem construir a paz fora do ambiente e dos interesses de todos.

Além do mais, confirma Neptali, as Rondas estão baseadas em três mandamentos principais: não roubar - não mentir - não ser vaidoso , mas sim homens do povo. Este me parece é uma forma de educação comunitária que leva a Paz.

Em todos os dirigentes e ronderos existe uma clara consciência de que o trabalho é não-violento. Todos eles reconhecem a diferença desta organização comunitária das Rondas dos grupos guerristas e terroristas.

O companheiro Ramírez explica assim: " Efetivamente as rondas campesinas tem uma diferença totalmente oposta da ação de grupos terroristas. Nas Rondas todos decidem democraticamente em Assembleia. Nada está faculdada para manipular e decidir por si só, se isto ocorreria, a Assembleia o sancionaria. As' Rondas são uma instância de auto-proteção e auto-defesa frente às agressões. Pensamos que a violência provêm fundamentalmente dos grupos poderosos para impôr, subjugar e obrigar o povo a servir e beneficiar a eles .

Na história de Perú podemos ver como os espanhóis chegaram, violaram o território e queriam aniquilar a cultura e a raça. Usaram a violência, mas o nosso povo se organizou na auto-proteção e auto-defesa. Agora a gente vê nas zonas onde estao organizadas as Rondas houve contribuição para freiar um pouco a violência. A apreciação de Adolfo P.Esquivel é boa, quando ele fala sobre o problema dos Direitos Humanos em Perú. Ele disse: " As Rondas são uma alternativa frente à violência e à injustiça.

Pensamos que podemos fazer desaparecer a agressão aos Direitos Humanos e conseguir um país mais justo na medida em que os campesinos e a população são donos e administradores do Poder do país e são protogonistas e executores das politicas econômicas.

Por enquanto há grupos economistas ligados ao poder estrangeiro o qual sempre controlou nossa economia e sempre decidiu nossa politica. Os camponeses ficaram de mal para pior. Os Direitos Humanos são desprezados e a Paz apenas um desejo. Por isso, nos mandamentos do Rondero assinamos que nós seguiremos a obra libertadora de Cristo, de Tupac Amaru, de nossos heróis e martires para fazer do nosso país uma sociedade das maiorias.

AS DEFICIÊNCIAS NAS RONDAS

Há muitas falhas nas Rondas. Falta maior domínio politico do programa, como organizar a auto-defesa no país e a maior consciência politica nos ronderos e no campesinato. estas coisas são a dificuldade maior e devemos superá-la. Esta superação é ao longo prazo. Quando tivermos superado ou corrigido, podemos mostrar que isto foi um velho costume de manipulação. O campesinato submisso foi simples seguidor daquilo que os patrões desejavam. Agora já temos conseguido que o campesinato tome consciência de si mesmo e de

suas organizações, finalizou o companheiro Alfredo.

PERGUNTAS A SEREM TRABALHADOS

1. De onde brota a força e a fé das Rondas Campesinos ?
2. Quais são os instrumentos de luta deles ?
3. Quais são os resultados dessa luta que aparecem no texto ?

OS DEZ MANDAMENTOS DOS RONDEROS:

1 - Continuar a obra libertadora de CRISTO, de Tupac Amaru, de nossos martires e heróis, para fazer do nosso Perú uma sociedade das maiorias com democracia e com justiça.

2 - A Justiça Social não se ventila nas Cortes, nem se mendiga com papel selado, se conquista com a ação organizada das massas.

3 - Os Campesinos juntos conseguem muito, unidos com os pobres da cidade conseguimos tudo.

4 - Os Ronderos devem amar os Humildes mais que a si mesmo e devem trabalhar por eles sem esperar recompensa.

5 - Nós Ronderos devemos ser os primeiros na luta, os últimos nos benefícios. Nós Dirigentes devemos ser os Mestres que edificam pelo exemplo.

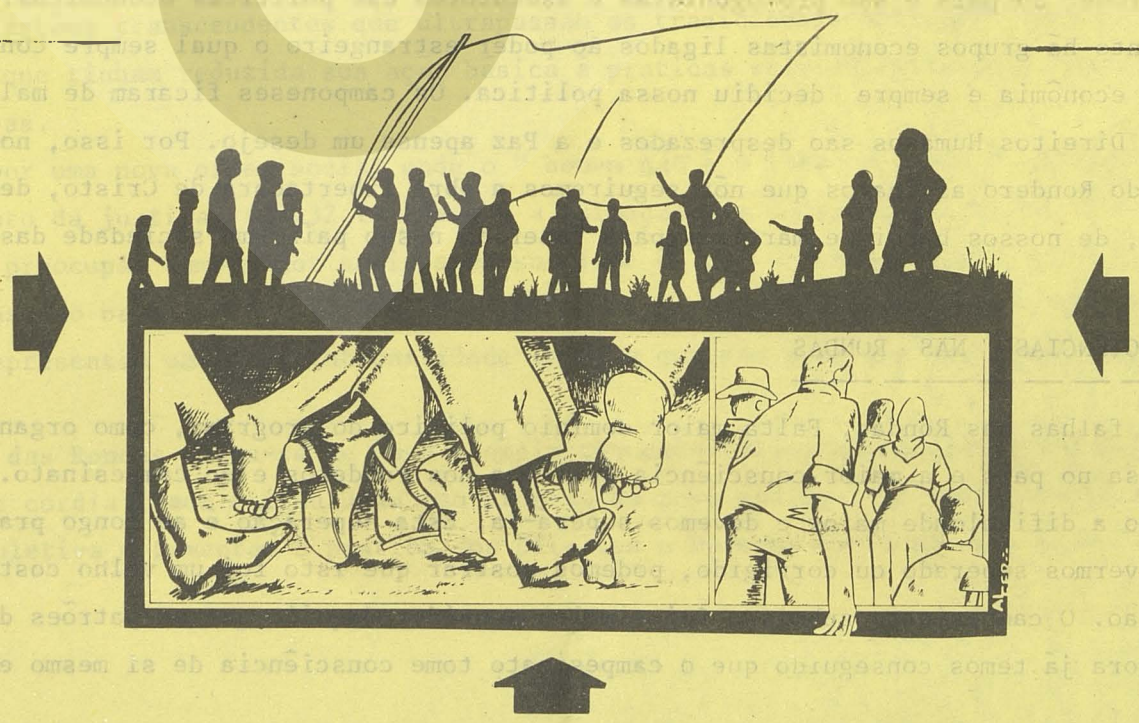
6 - Nada esperar das autoridades e dos opressores: toda confiança e apoio às Rondas Campesinas.

7 - Não roubar nem uma agulha nem um punhado de ervas. Ser verdadeiro e não permitir mentira.

8 - Condenar a corrupção e o suborno e sancionar por igual a todos que interferem.

9 - Ser Democratas consequentes, trabalhando com as massas, nada sem elas.

1o - Todo individuo deve submeter-se às Rondas. As minorias devem acatar obrigatoriamente às maiorias. Os organismos inferiores aos superiores, e todos os Ronderos às Rondas de Cajamarca que é para nós o Governo Departamental.



NGO Working Group on the World Bank

Endereco Postal: c/o ICVA - C.P. 216 - 1211 Genebra 21
Correio eletronico: ngowg@gn.apc.org

A: ONGs, organizacoes populares e pessoas ligados ao GT de ONGs sobre o Banco Mundial
De: Marcos Arruda
Ref: ENVIO 94.5

Genebra, 26 Julho 1994

Caros Amigos e Amigas,

Saudacoes e Viva o Brasil Tetracampeao!

Em maio passado tivemos uma reuniao do GT em Genebra. Foi tomada a decisao de transferirmos de Genebra para Washington a sede do Secretariado. Estaremos em Genebra ate' meados de janeiro, data em que irei com a familia para Washington ate' o fim de fevereiro. Estaremos buscando outro coordenador para substituir-me e em breve teremos o anuncio e descricao da funcao para enviar-lhes. Estaremos de volta ao Rio no fim de marco de 1995, e a partir de abril estarei de novo trabalhando com os queridos companheiros do PACS-PRIES. De maio para ca', elaboramos um plano trienal de trabalho para o GT, adiantamos a preparacao das publicacoes sobre ajuste estrutural, que estarao prontas antes do fim de setembro, e esbocamos o documento do GT sobre Pobreza e Desenvolvimento.

I - CONTEUDO DESTE ENVIO:

1. **Plano de Trabalho do GT.** Este documento apresenta as linhas de acao para o periodo 1994-96 e consolida a politica financeira do GT. Para sua informacao.

2. **ADENDO das ONGs ao Documento do Banco Mundial sobre Desenvolvimento Participativo.** Este texto foi preparado por um comite^ de redacao dirigido por Nancy Alexander, Bread for the World USA, em consulta com os convidados, externos ao Banco Mundial, do Seminario do Grupo de Aprendizagem do Banco sobre Desenvolvimento Participativo, em maio passado. Kamal Malhotra e eu participamos do comite^ de redacao. O Adendo sera' publicado pelo Banco junto com o Documento. **ACAO: pedimos que voce e sua organizacao enviem seu endosso ao Adendo a Nancy Alexander (fax 301 608 2401) as soon as possible.**

3. **Declaracao visando a Transformacao, no 50o Aniversario do Banco Mundial e do FMI.** Esta declaracao foi feita por Christian Aid e esta' circulando pelo mundo em busca de endossos. Sera' apresentada 'as entidades de Bretton Woods nos eventos do 50o aniversario, em setembro/outubro proximos. **ACAO: pedimos que envie seu endosso a Paul Spray (fax 4471 620 0719) no maximo ate' 30 de Agosto; tambem, que distribua copias a pessoas eminentes e instituicoes nos seus paises. pedindo que endossem a declaracao.**

4. **Carta "O G-7 deve adotar os 'Termos de Napoles' em prol de uma Verdadeira Reducao da Divida Externa".** Esta carta foi enviada por diversas ONGs 'a Cupula de Napoles do G-7. Esta versao foi preparada pelo Grupo de Referencia do Movimento do Tratado de ONGs sobre a Divida Externa, que se reuniu em Ferney, Franca, no inicio de julho.

5. **Nova lista de membros do GT.**

II - BREVES NOTICIAS SOBRE ACOES DE ONGs E O 50o. ANIVERSARIO

1. **Consulta Internacional sobre Alternativas de Desenvolvimento para o Hemisferio Sul:** foi realizada na Universidade de Fort Hare, Africa da Sul, em junho, com 75 participantes. Marcos fez uma apresentacao na sessao de abertura, sobre "A Nova Ordem Economica, o Modelo Dominante de Desenvolvimento e Alternativas Democraticas". O texto ja' revista esta' disponivel em ingles (por meio do PACS - fax (021) 224 3107, Rio de Janeiro; cel ax:pacs). Os participantes decidiram criar o que esta' sendo chamado de **Rede Sul**, incluindo ONGs e organizacoes populares (OPs) do Sul e o "Sul do Norte". Seu objetivo e' colaborar internacionalmente na luta pela edificacao de alternativas de desenvolvimento centrado no ser humano e no povo e por uma globalizacao baseada na complementaridade de economias, culturas e generos, e na solidariedade. Uma coordenacao internacional foi criada com representantes das tres regioes do Sul e um do Norte. O secretariado esta' situado na Universidade de Fort Hare.

2. **Kairos Europa: Acao em Bruxelas para "Salvar o Planeta e os Povos -- Controlar o Dinheiro", e Comissao Publica de Inquerito no Parlamento Europeu,** com a participacao de ONGs e lideres ecumenicos. Marcos fez uma apresentacao sobre as reivindicacoes de organizacoes populares e ONGs latino-americanas ao Parlamento e Comissao Europeus. O texto esta' disponivel tambem no PACS. Outros participantes do Sul falaram da perspectiva das suas regioes. O dossie^ completo estara' disponivel de Kairos antes de outubro. Um livreto de Kairos "Alternativas Economicas: Respondendo aos 50 anos de Sistemas Financeiros Dominantes estabelecidos em Bretton Woods" ja' esta' disponivel em ingles (Ulrich Duchrow, Hegenichstr. 22, 69124 Heidelberg, Germany).

3. **Declaracao Visionaria do Banco Mundial**. Documento celebrativo do 50o aniversario, publicado ha' uma semana. Quem desejar, peca copia a John Clark, Banco Mundial, Washington (fax 1-202 676 0576, cel jclark1@worldbank.org).

4. **Acao de ONGs e OPs sobre o PLANAFLORO/Rondonia**. Em junho passado o Forum de ONGs de Rondonia enviou carta ao Presidente e Diretores do Banco Mundial, indicando que serios problemas estao impedindo a implementacao adequada do Projeto socio-ambiental Planafloro, e solicitando que o Banco pare os desembolsos ao projeto ate' que sejam adotadas medidas concretas adequadas. Esta iniciativa emerge do processo de avaliacao independente do Planafloro, e espera-se uma resposta do Banco ainda em julho. O avaliacao sobre participacao popular no Planafloro que o Grupo de Trabalho de ONGs sobre o Banco Mundial esta' realizando em colaboracao com o Forum de Rondonia esta' na etapa semi-final -- o relatorio esta' sendo completado e um seminario com o Forum e membros do Banco Mundial esta' previsto para o fim de julho em Rondonia.

5. **O BANCO MUNDIAL E A BIODIVERSIDADE -** Um relatorio do Comite^ Intergovernmental da Convencao da Biodiversidade, reunida em Nairobi em junho passado, indica que os delegados da India, Malasia, Suecia e Filipinas criticaram **a alegada acao do Banco Mundial de tomar o controle do Grupo Consultivo sobre Pesquisa Agricola Internacional (CGIAR) e seus valiosos bancos de gens.** Eles argumentam em favor dos esforcos da FAO para colocar as colecoes geneticas do CGIAR sob controle intergovernamental, primeiro dentro da Comissao da FAO sobre Pesquisa Genetica Botanica e eventualmente dentro da Convencao da Biodiversidade. **Martin Khor, diretor da Rede do Terceiro Mundo (membro do nosso GT)** disse em plenario que as colecoes geneticas do sistema CGIAR, que representam 40% das colecoes globais de materiais geneticos agricolas, valem bilhoes de dolares e poderiam

ser usadas como um instrumento financeiro inovador para implementar programas de biodiversidade. Ele sublinhou que e' importante reconhecer os direitos dos paises pobres em relacao a estes ativos e a uma parcela justa dos beneficios financeiros derivados do uso destes materais geneticos. **Aqueles que se interessem pelo informe, podem requisita-lo do PACS ou tira-lo da conferencia eletronica ax:sementes).**

6. **Eventos de Madrid em torno do 50o aniversario.**

   - **O Encontro Internacional de Movimentos Sociais e ONGs para responder ao 50o aniversario of the FMI, Banco Mundial e GATT, tambem chamado "As Outras Vozes do Planeta"**, esta' sendo preparado por ONGs espanholas para 26/9-1/10/94. Espera-se 10,000 participantes na Assembleia Geral oficial do Banco e do FMI, incluindo funcionarios, grandes empresarios e jornalistas. O programa do Encontro alternativo inclui seis sessoes plenarias sobre varios topicos, grupos de trabalho, um ponto de encontro coletivo e um centro de comunicacoes. Uma sessao plenaria extraordinaria sera' realizada em 2/10, consistindo num debate entre ONGs e representantes do Banco e do FMI. Uma exposicao internacional de fotos esta' sendo organizada. Para contatos: Aedenat, Campomanes 13 - 28013 Madrid. Tel. (341) 559 0334. Fax 571 7108. Cel: fa94@nodo50.gn.apc.org.

   - **Tribunal Permanente dos Povos sobre as Instituicoes de Bretton Woods**. Sera' realizada uma sessao em Madrid, de 30/9 a 3/10/94, patrocinada tambem pela Coordenadora de ONGs espanholas. Sua finalidade e' questionar, a nivel do direito internacional, os "crimes economicos" sobre os quais ainda nao existe qualquer legislacao. Marcos esta' pessoalmente convidade para falar sobre o ponto de vista das ONGs e sociedade civil em 2/10.

Agradecemos ao PACS pela traducao dos documentos que enviamos anexos.

Marcos Arruda

CEDIM CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR - UFRRJ

MOVIMENTO DO TRATADO DA DÍVIDA
Secretariado: Comitê de Justiça Social
1857, De Maisonneuve West
Motreal, QC H3H-1J9
Tel.: 514.933.6797
Fax.: 514.933.9517

Genebra, 5 de julho de 1994.

O G-7 deve adotar os "*Termos de Nápoles*" para uma substancial redução da dívida.

Aos líderes do G-7:

O Movimento do Tratado da Dívida, uma rede global de organizações não governamentais (ONGs), com representantes de todos os continentes e de países tanto devedores quanto credores atualmente reunidos em Genebra, acredita que seis anos depois de o G-7 ter adotado os *Termos de Toronto*, é urgente dar o próximo passo: ***Termos de Nápoles***. Os Termos de Nápoles devem consistir em três elementos: Elevar a redução da dívida a um nível entre 60 e 90 por cento do seu montante; adotar tratamento igual para todos os credores, que implica no reconhecimento de que há um problema multilateral da dívida; tomar as decisões adequadas para resolver o problema.

Há uma concordância ampla na comunidade financeira internacional de que uma redução mais significativa é necessária. No mês passado, os representantes de alto nível do G-7 e outros governos credores, juntamente com FMI e o Banco Mundial, reuniram-se em Genebra em um seminário sobre a dívida, conjuntamante organizado pelos governos suíço e sueco. Todos, exceto o Japão, concordaram sobre a necessidade e a viabilidade de uma redução da dívida bilateral acima dos 80 por cento, e em alguns casos até mais. Se o Japão não pode ser pressionado agora a alinhar-se aos demais credores mundiais no sentido de tal redução, deveria aceitar ao menos a partir de uma lista de opções, a possibilidade de fornecer novos recursos para uma redução semelhante. O princípio básico na concessão da redução da dívida é que o seu pagamento não deve ter precedência sobre os direitos fundamentais da população dos países devedores à comida, à moradia; saúde, educação, e um meio ambiente sadio, em outras palavras, um desenvolvimento econômico e socialmente sustentável. Recursos obtidos pela redução da dívida deveriam ser dirigidos para o financiamento destes objetivos.

A posição do Movimento do Tratado da Dívida está de acordo com a Conferência Internacional das ONGs sobre redução da dívida dos países mais pobres, que ocorreu em Genebra de 29 de junho a 1° de julho, onde as ONGs participantes propuseram o seguinte:

1. Uma imediata redução de 80 por cento do estoque da dívida para os países endividados mais pobres, e em alguns casos extremos acima de 90-95 por cento. Uma redução de 100 por cento poderia ser concretizada antes do final de 1995. Para a maioria dos países de renda média mais endividados, uma redução de 50 por cento da dívida é necessária até o final de 1995.

2. Isto deve ser parte de um amplo pacote de redução da dívida, no que diz respeito não somente à dívida oficial bilateral, mas também a dívida multilateral e comercial e uma condicionalidade baseada em reformas que conduzam a um desenvolvimento centrado no ser humano, participativo e ambientalmente sustentável. Isto implica em que os credores e as intituições multilaterais reconheçam a existência de um problema com a dívida multilateral.

3. Isto também implica numa igualdade de tratamento por parte de todos os credores, e o delineamento subseqüente de uma política para atacar o problema da dívida multilateral. Acreditamos que o cancelamento da dívida pode ser alcançado através de uma combinação de políticas que não cause desequilíbrios multilaterais. A proposta feita pelo diretor-gerente do

FMI, Camdessus, e repetida recentemente pelo presidente Mitterand tão eloqüentemente para elaborar um novo Plano Especial dos Direitos e dirigi-lo em direção ao alvo da redução da dívida multilateral é uma delas. Combinada com a venda de uma parcela do estoque de ouro do Fundo e um uso mais criativo de suas reservas e lucros, e os bancos multilaterais bastarão para enfrentar não somente as dívidas do Fundo e do Banco, mas também os bancos de desenvolvimento regionais.

4. Dinheiro para ajuda não deveria ser desviado para redução da dívida.

5. A redução da dívida deveria ser discutida em um fórum mais amplo, que leve em conta as questões maiores relativas do desenvolvimento e ao fluxo de recursos. As Mesas Redondas do PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento) fornecem um modelo útil que o Clube de Paris não oferece.

Confiamos que vocês irão, nas palavras do Presidente Mitterand, tomar sua coragem para enfrentar este desafio tão angustiante do final do século 20.

Atenciosamente,

Pelo Movimento do Tratado da Dívida,

- Filomeno Sta Ana 111 - Freedom from Debt Coalition (Phillipines), Asian Solidarity against Debt and Recolonisation (ONGs de dez países asiáticos)
- Yoko Kitizawa - Japan Bretton Woods Coalition
- Opa Kapijimpanga - African Forum and Network on Debt and Development (AFRODAD)
- Sergio Schlesinger - PACS/PRIES (Brasil), também representando outras ONGs da América Latina
- Inji Islam - 50-Years-is-Enough-Campaign USA
- Ernest Schibli - Social Justice Committee Montreal (Canada)
- Ted van Hees - European Network on Debt of Development (EURODAD)
- Marcos Arruda - PACS/PRIES

Capítulo I - Denominação, Objeto, Sede e Duração

Artigo 1º - O Núcleo Agrícola Fluminense (NAF), fundado no Estado do Rio de Janeiro, tendo como base inicial a área de terra alocadas na Fazenda São Lourenço, Município de Duque de Caxias, é uma sociedade de que se rege pelo presente Estatuto e pelas disposições legais e regulamentares aplicáveis de sociedades jurídicas de direito universal.

Artigo 2º - É objeto da Sociedade a promoção, o apoio e a execução de formas de associação de bens e de trabalho coletivo entre lavradores, posseiros e pequenos proprietários visando:

a) Uso e exploração da terra, sob regime comunitário de bens e meios de produção;

b) Introdução e disseminação de tratos e cuidados agrícolas pela adoção de técnicas de plantio e colheita, métodos de irrigação e ensilagem e atendimentos aos princípios de proteção e conservação do solo e dos cursos d'água;

c) Aprimoramento da mão de obra, através da alfabetização e qualificação de seus membros em práticas de tratos agrícolas e administração rural e profissionalização da mãe de família em atividades de artezanato ou similares;

d) Introdução de hábitos alimentares compatíveis, de defesa sanitária e melhoria do padrão habitacional;

e) Formação progressiva de estrutura própria de distribuição dos produtos de forma a evitar a subjugação a formas injustas de intermediação dos bens produzidos;

f) Provisão de meios e recursos para aquisição de terra e defesa dos direitos e bens adquiridos pelos associados;

g) Defesa e sedimentação das tradições culturais da Região e revigoramento dos laços de unidade familiar e integração e apoio à comunidade do Bairro e da Região.

§ Único - A Sociedade não tem objetivos de lucro e lhe é vedado:

a) Adquirir bens não destinados a uso próprio;

b) Oferecer garantias fideijussórias e reais a ter valores fora de seu objetivo social ou não ligadas a sua atividade produtiva.

Artigo 3º - A Sociedade tem sede e foro na Cidade de Caxias, podendo

NAF Nucleo Agricola Fluminense

por deliberação de sua diretoria, ouvido o Conselho Consultivo, criar outros núcleos no Estado do Rio de Janeiro.

Artigo 4º - O prazo de duração da Sociedade é indeterminado.

Capítulo II - Da Administração Social

Artigo 5º - A Sociedade será administrada por um Conselho Consultivo e uma Diretoria Executiva, eleitos em Assembléia Geral e substituídos na forma prevista do presente Estatuto, podendo serem reeleitos.

Seção I - Conselho Consultivo

Artigo 6º - O Conselho Consultivo é composto de no mínimo 3 (três) e no máximo 7 (sete) Conselheiros, sem atividade remunerada, indicados entre os sócios de reconhecida capacidade de trabalho e de conhecimentos.

Artigo 7º - Ao Conselho Consultivo caberá:

a) Em colaboração com a Diretoria, estudar e formular a política geral da Sociedade, definindo programas de trabalho, propondo diretrizes para sua execução, analizando e confeccionando projetos técnicos e econômico-financeiros;

b) Assessorar a Diretoria na execução do programa e calendário de trabalho aprovado pela Assembléia Geral e acompanhar e controlar o cumprimento do orçamento anual aprovado;

c) Examinar e dar parecer nas contas e relatório anual da Diretoria e nas propostas da Diretoria que envolvam contratos de financiamento com suporte em garantias hipotecárias de bens da comunidade ou garantias de colheitas futuras;

d) Examinar e dar parecer nas propostas da Diretoria que envolvam aquisição de bens de valor igual ou superior a 5 (cinco) salários mínimos regionais, ou alienação e venda;

e) Assessorar a Diretoria no desenvolvimento de atividades de promoção da Sociedade junto a entidades públicas e privadas, mantendo elevados os propósitos e objetivos da Sociedade;

f) Coordenar junto a terceiros, pessoas ou institui ções, a realização de estudos, projetos técnicos, cursos e campanhas ligados ao desenvolvimento da Sociedade e de seus membros;

Único - Para sua gestão, o Conselho Consultivo poderá criar comissões de assessoria e apoio técnico-profissional, desde que se restrinja ao estritamente necessário.

Artigo 8º - O Conselho Consultivo se reunirá pelo menos uma vez cada trimestre, em local e data fixados entre seus membros. As reuniões poderão participar com direito à voz, os associados.

Artigo 9º - Por convocação da Diretoria ou por iniciativa de no mínimo 2 (dois) Conselheiros, o Conselho Consultivo reunir-se-á extraordinariamente, devendo essa convocação ser feita mediante aviso por escrito do qual constará breve exposição das matérias a serem discutidas, entregue aos Conselheiros com no mínimo 3 (três) dias de antecedência.

Artigo 10º - As reuniões do Conselho instalar-se-ão com a presença de pelo menos metade de seus membros e, um entre seus membros será eleito para presidir a reunião que escolherá entre os associados o secretário.

Artigo 11º - As decisões, relatórios, pareceres e indicações serão aprovados por maioria absoluta de votos dos Conselheiros e constarão do Livro de Atas do Conselho.

Seção II - Diretoria Executiva

Artigo 12º - À Diretoria Executiva caberá:

a) Zelar pelo cumprimento dos Estatutos e cumprir as decisões emanadas da Assembléia Geral;

b) Ouvir o Conselho Consultivo e cooperar com ele na formulação da Política Geral da Sociedade e das diretrizes, programas e projetos;

c) Implantar, executar e controlar o programa e calendário de trabalho bem como o orçamento anual;

d) Consultar o Conselho e acatar seus pareceres nas decisões que envolvam aquisição de bens, sua alienação ou venda, e nas operações de financiamento com suporte em garantias hipotecárias, fiduciárias ou que envolvam quaisquer formas de vínculo ou compromisso a colheitas futuras da Sociedade;

f) Responder solidariamente perante a Assembléia Geral pelos atos conjuntos emanados de sua gestão técnico-administrativa;

g) Deliberar sobre qualquer ponto omisso nos Estatutos, ou que dê margem a mais de uma interpretação, ouvido o Conselho Consultivo;

h) Deliberar sobre a admissão de sócios;

i) Gerir técnica e administrativamente os negócios

sociais da Sociedade;

j) Zelar pelo bom nome da Sociedade, podendo neste sentido suspender demitir sócios que descumpram os Estatutos ou desatendam os objetivos da Sociedade, ouvido o Conselho Consultivo.

Artigo 13º - A Diretoria é composta de 3 (três) a 5 (cinco) membros, sendo um Diretor Presidente, um Diretor Financeiro, um Diretor Técnico-Administrativo, um Diretor Comercial e um Diretor para Assuntos Jurídicos, eleitos em Assembléia Geral com mandato de um ano, podendo serem reeleitos.

§ Único - Até o completo desenvolvimento das atividades, as funções do Diretor Comercial serão atendidas pelo Diretor Presidente e as de Diretor Técnico-Administrativo pelo Diretor Financeiro.

Artigo 14º-São Atribuições do Diretor Presidente:

a) Presidir as reuniões da Diretoria, com voto de qualidade;

b) Convocar e presidir as Assembléias Gerais e convocar o Conselho Consultivo;

c) Cumprir e fazer cumprir os Estatutos e as decisões emanadas da Assembléia Geral e bem assim, coordenar a execução da Política Geral da Sociedade, de suas diretrizes e programas, controlando e acompanhando o orçamento de despesas e receitas e o calendário de trabalho de atividades;

d) Assinar conjuntamente com o Diretor Financeiro cheques, títulos, documentos e contratos;

e) Representar ativa e passivamente a Sociedade em juízo e fora dele;

f) Representar a Sociedade ou fazê-la representar junto a organizações congêneres, sindicatos, entidades públicas, religiosas e civis.

Artigo 15º - São atribuições do Diretor Financeiro:

a) Cumprir o orçamento anual previsto, provisionando meios e recursos para seu atendimento e execução;

b) Acompanhar e controlar a despesa e a receita, mantendo atualizados seus registros e comprovantes;

c) Elaborar o relatório anual financeiro para análise e aprovação da Assembléia Geral;

d) Assinar conjuntamente com o presidente cheques, contratos, títulos e documentos;

e) Abrir conta bancária e movimentá-la;

f) Estabelecer e estreitar relações com órgãos financeiros públicos e privados para apoio financeiro à sociedade;

Artigo 16º - São atribuições do Diretor Comercial:

a) Executar a política de aquisição de matérias-primas, implementos, insumos agrícolas e equipamentos em geral, mantendo-se atualizado em relação aos preços praticados no mercado, às formas de pagamento, prazos de entrega, transportes e formas de acondicionamento;

b) Manter cadastro atualizado de fornecedores e de materiais com lista de preços dos principais materiais;

c) Executar a política de comercialização dos produtos, procurando progressivamente formar uma estrutura própria ou consorciada de distribuição, que evite a subjugação a formas injustas de intermediação.

Artigo 17º - São atribuições do Diretor Técnico-Administrativo:

a) Superintender a implantação, manutenção e conservação da infra-estrutura básica dos Núcleos de Produção;

b) Supervisionar, acompanhar e coordenar as atividades de plantio, colheita, e todas as demais tarefas de produção ou de apoio à produção;

c) Supervisionar, coordenar e controlar a execução de projetos técnicos, programas e cursos ligados a comunidade do Núcleo;

d) Coordenar as atividades de manutenção e reposição dos instrumentos de trabalho, e meios de produção;

e) Zelar pelo bom rendimento do trabalho, dedicação e espírito de solidariedade entre os associados do Núcleo.

Artigo 18º - São atribuições do Diretor para Assuntos Jurídicos:

a) Coordenar a política de contratos de arrendamento e posse, e de aquisição de terras;

b) Coordenar o estudo, a análise e verificação da documentação e titulação de terras e de posses, eleboração e celebração de contratos e seu registro legal;

c) Manter-se atualizado com a legislação vigente, somente estudo com relação aos atos e decisões emanados da Autoridade em relação à legislação e política fundiária, trabalhista e previdenciária de sorte a assegurar às atividades da sociedade e aos associados o amparo da Lei.

Capítulo III - Assembléia Geral

Artigo 19º - À Assembléia Geral compete o exercício das funções:

a) Tomar as contas e apreciar o relatório anual da Diretoria e parecer do Conselho Consultivo;

b) Eleger os membros do Conselho Consultivo e da Diretoria Executiva;

c) Aprovar para o exercício seguinte a Política Geral da Sociedade, o programa e calendário anual de atividades e seu orçamento;

d) Aprovar com base em exame e parecer do Conselho Consultivo propostas da Diretoria e de compra de bens, alienação hipotecária ou venda de bens imóveis;

e) Aprovar a criação de novos Núcleos;

f) Demitir membros do Conselho Consultivo ou da Diretoria;

g) Aprovar e reformar os Estatutos Sociais;

h) Decidir em última instância toda e qualquer questão ou problema que a maioria dos associados submeter à sua análise e aprovação.

Artigo 20º - A Assembléia Geral é constituída por todos os membros da Sociedade, e se reunirá ordinariamente uma vez por ano até 30 (trinta) dias após ao mês da constituição da Sociedade, sendo objeto obrigatório de sua pauta as letras a,b e c, do Artigo 19º acima.

Artigo 21º - À Assembléia Geral Extraordinária caberá tratar dos assuntos que forem especificados no Edital de Convocação.

Artigo 22º - A Assembléia Geral poderá ser convocada pela Diretoria, pelo Conselho Consultivo ou por 2/3 (dois terços) dos associados;

§ Primeiro - A convocação será feita por Edital contendo a lista de assuntos a serem discutidos, a data, hora e local de sua realização;

§ Segundo - Entre a data de convocação e a data de realização da Assembléia Geral deverá decorrer prazo mínimo de 7 (sete) dias.

Artigo 23º - A Assembléia será instalada em primeira convocação com a presença de 2/3 (dois terços) dos associados e, em segunda convocação uma hora após, com a presença de 1/3 (hum terço) de associados.

§ Único - Cada associado assinará o Livro de Presença da Assembléia.

Artigo 24º - A aprovação das matérias em votação será por maioria

absoluta de votos, contados os votos a favor, os votos contrários e as abstenções.

Artigo 25º Cada matéria será votada, após circunstanciada discussão e esclarecimento do assunto em pauta, permitindo-se encaminhamento da votação pela aprovação, contra aprovação, pela abstenção por um associado de cada parte.

§ Primeiro - Cada associado presente terá direito a um só e único voto na votação de cada matéria podendo votar pela aprovação, contra a provação ou a favor da abstenção;

§ Segundo - A votação será nominal e a chamada será feita com base na lista de nomes registrados no Livro de Presença da Assembléia, não se permitindo voto por procuração;

§ Terceiro - Havendo unaminidade de pontos de vista em relação à matéria em votação, será permitido o voto por aclamação.

Artigo 26º - Será presidente da Assembléia Geral o Diretor Presidente da Sociedade, o qual convidará um associado para secretariar os trabalhos.

§ Primeiro - Todas as decisões aprovadas pela Assembléia serão registradas em Ata, e copiadas no Livro de Assembléias Gerais.

§ Segundo . A Assembléia Geral será aberta com a leitura da Ata da Assembléia Geral anterior.

Capitulo IV - Dos Associados

Artigo 27º - Poderão ser membros da Sociedade os cidadãos que satisfaçam os requisitos de idoniedade moral, aceitem os objetivos da Sociedade, as exigências e determinações dos Estatutos e do Regimento Interno e tenham seu nome indicado como candidato a associado por 2 (dois) sócios.

§ Único - São dispensados da exigência do último inciso acima, ou seja a indicação por 2 (dois) sócios, os associados fundadores.

Artigo 28º - Caberá à Diretoria, ouvido o Conselho Consultivo, aprovar a admissão de novos sócios.

Artigo 29º - Cada associado contribuirá com uma mensalidade nunca inferior ao correspondente a 1% (hum por cento) do salário mínimo vigente no Estado do Rio de Janeiro.

Artigo 30º - A Sociedade terá duas classes de sócios:

a) Sócio Beneméritо;

b) Sócio Nucleado.

§ Primeiro - É sócio benemérito aquele que contribuir com a sociedade através de apoio financeiro ou técnico-profissional não remunerado.

§ Segundo - Os sócios nucleados podem ser internos e externos: são nucleados internos aqueles que trabalharem continuamente em terras adquiridas pelo NAF; são nucleados externos aqueles que embora não trabalhando em terras do núcleo, queiram a ele se filiar.

Artigo 31º - São direitos dos nucleados:

a) Participarem das Assembléias Gerais com direito à voz e voto e elegerem e serem eleitos para cargos da Diretoria Executiva e do Conselho Consultivo;

b) Representarem contra atos da administração da sociedade;

c) Receberem benefícios que lhes couberem por força de decisão da Assembléia Geral e do Regimento Interno da Sociedade.

Capítulo V - Do Patrimônio da Sociedade

Artigo 32º - O patrimônio da Sociedade será formado por:

a) Contribuição de seus sócios beneméritos e nucleados;

b) Donativos e legados;

c) Renda da Produção agrícola

d) Bens imóveis, móveis e semoventes;

e) Construções, aceros, estradas, canalizações, barragens e todas e quaisquer obras de infra-estrutura;

f) Subvenções dos poderes públicos

g) Títulos de aquisição e posse.

§ Primeiro - É vedada à Sociedade gravar ou onerar seus bens patrimoniais sem a expressa autorização do Conselho Consultivo e Assembléia Geral.

§ Segundo - A alienação ou venda de bens patrimoniais somente terá valor e efeito jurídico quando aprovada pela Assembléia Geral.

Capítulo VI - Das Disposições Gerais

todo

...a parte pela Assembléia Geral.

Artigo 34º - Fará parte integrante deste Estatuto um Regimento Interno que deverá ser elaborado e proposto pelo Primeiro Conselho Consultivo eleito, e, que será oportunamente discutido e aprovado pela Assembléia Geral.

REGISTRO DE TÍTULOS E DOCUMENTOS
6º OFÍCIO
Rua Getulio Vargas, 32 - Tel. 2928 - Nova Iguaçu
Apresentado hoje para Registro e apontado sob o n.º 2.246 do Protocolo Livro A
Registrado sob n.º de ordem 746 do Livro A - 3 , Fls. de Registro
Nova Iguaçu, 23 de outubro de 1980
O OFICIAL

NGO WORKING GROUP ON THE WORLD BANK
1994

AFRICA

FEDERATION DES ASSOCIATIONS DU FOUTA
POUR LE DEVELOPPEMENT
Liberté 1
Villa No. 1382
Boîte postale 3865
Dakar, Senegal

Tel: (221) 25 72 33
Fax: (221) 24 24 31

Membership elapses in 1995

Representative:
Thierno Kane
tel: (221) 34 58 93
(fax & answering machine)

Alternate: not yet designated

---

*INTER-AFRICA GROUP
P.O. Box 1631
Addis Abeba
Ethiopie

Tel: (251-1) 51 87 90
Fax: (251-1) 51 75 54

Membership elapses in 1997

* Member of the Steering Committee

Representative:
Mr. Abdul Mohammed
tel: (251-1) 516 726

Alternate:
Mr. Jalal Abdel Latif
Director of Programs
tel: (251-1) 613 330
fax: (251-1) 510 064

ISLAMIC AFRICAN RELIEF AGENCY (ISRA)
P.O. Box 3372
Khartoum
Sudan

Tel: (249-11) 72433 or 78766
Fax: (249-11) 451175
Tlx: 22883 iara or 22931 or 22221

Membership elapses in 1994

Representative:
Dr Saïd AbdAllah Saïd
Director General

Alternate:
Abdelazim Mohammed Ali

PAN AFRICAN INSTITUTE FOR DEVELOPMENT (PAID)
P.O. Box 4056
Douala
Cameroon

Tel: (237) 421061
Fax: (237) 424335
Tlx: 6048 KN

Membership elapses in 1996

Representative:
Laban Nnini Kirya

Alternate:

CEDIM
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR UERJ

Africa (continued)

ORGANISATION OF RURAL ASSOCIATION FOR PROGRESS
(ORAP)
P.O. Box 877,
Glenville, Richmond, Bulwayo
Zimbabwe

Representative:
Mrs Gladys N. Sithembiso
Executive Coordinator

Mrs Moyo Inviolatta
Administrator

Tel: (263) 9 31009/68588/68538
Fax: (263) 9 31088/72127/78053

Membership elapses in 1999

CEDIM
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR - UFRRJ

ASIA

*ASIAN NGO COALITION FOR AGRARIAN REFORM AND RURAL DEVELOPMENT, LTD (ANGOC)
P O Box 3107
QCCPO 1103 Quezon City
Metro Manila
Philippines

Tel: (632) 9125122/993315/973019
Fax: (632) 921 5122
Tlx: 67772 angoc

Membership elapses in 1997

* Member of the Steering Committee

Representative:
Antonio B. Quizon
Executive Director

Alternate not yet designated

E mail: ECONET.angoc

SOCIETY FOR PARTICIPATORY RESEARCH IN ASIA (PRIA)
42, Tughlakabad Institutional Area
New Delhi 110 062
India

Tel: (91-11) 6451908
Fax: (91-11) 6471183
Tlx: 31 71477 ARPN-IN

Membership elapses in 1999

Representative:
Dr Rajesh Tandon
Coordinator

Alternate:
Vijay Mahajan

NATIONAL NGO COUNCIL OF SRI LANKA
380 Bauddhaloka Mawatha
Colombo 7, Sri Lanka

Tel: (94-1) 686056, (home: 509245)
Fax: (94-1) 698315
Tlx: 21979, 22039

Membership elapses in 1995

Representative:
Mr. L.M. Samarasinghe
Executive Director

Alternate:
Mr. M.B. Adikaram
Chairman of the Board of Directors

RURAL DEVELOPMENT FOUNDATION OF PAKISTAN (RDFP)
P.O. Box No. 1170
Islamabad
Pakistan

Tel: (92-51) 858972 or 851078
Fax: (92-51) 261386
Tlx: 5945ctoib pk or 5811naiba pk

Membership elapses in 1996

Representative:
Ms. Ambreen Haider
Director, Women in Development

Alternate not yet designated

Asia (continued)

*THIRD WORLD NETWORK/
CONSUMERS' ASSOCIATION OF PENANG
87, Cantonment Road
10250 Penang, Malaysia

Tel: (60-4) 373511 or 373612
Fax: (60-4) 368106
Tlx: 40989 cappg
Email: cap@geo2.geonet.de

Representative:
Martin Khor Kok Peng

Alternate:
Mohammed Iqbal Asaria
TWN
336 Pinner Road
Harrow, Middlesex HA1 4LB
UK

Tel: (44-81) 861 2012
H: (44-81) 427 4145
Fax: (44-81) 861 3113
Email: twne@geo2.geonet.de

Membership elapses in 1995

* Member of the Steering Committee

EUROPE

AGA KHAN FOUNDATION (AKF)
P.O. Box 435
1211 Geneva 6
Switzerland

Tel: (41-22) 736 03 44
Fax: (41-22) 736 09 48
Tlx: 413 452 akfch

Membership elapses in 1996

Representative:
Mr. Robert d'Arcy Shaw
General Manager

Alternate:
Dr. Thomas W. Dichter
Programme Officer,
Institutional Development

---

*ASSOCIATION OF PROTESTANT DEVELOPMENT ORGANISATIONS IN EUROPE (APRODEV)
c/o Martin Bax
Rue Joseph II, 174
Bruxelles

Tel: (32-2) 231 01 02
Fax: (32-2) 231 14 13
Email: aprodev-bru@geo2.geonet.de

Membership elapses in 1997

* Member of the Steering Committee

Representative:
Mr. Paul Rowland Spray
Head of Aid, Christian Aid
Email: christian-aid
geo2.geonet.de
caid gn.apc.org
PO Box 100
London SE1 7RT

Tel: (44 71) 620 4444
H: (44 865)247 801
Fax: (44 71) 620 0719

Alternate:
Dr. Volker Kasch
Senior Officer, EZE
Email: ezeçgeod.geonet.de
Mittelstrasse 37 -
D - 5300 Bonn 2

Tel: (49 228) 8101212
Fax: (49 228) 8101160

DANISH COALITION FOR NORTH/SOUTH COOPERATION
c/o Nordic Institute for Asian Studies
Njalskade 84
2300 Copenhagen S, Denmark

Tel: (45) 31 548 844
Fax: (45) 32 962 530

Membership elapses in 1995

Representative:
Ms. Irene Noerlund
Research Fellow

Alternate:
Mr. Lars Udsholt
CENTER FOR DEVELOPMENT RESEARCH
Gammel Kangevej 5
DK 1610 Kobenhavn V
Denmark

Tel: (45-31) 33 25 12 00
Fax: (45-31) 33 55 81 10

Europe (continued)

EUROSTEP (represented by)
SWISS COALITION
Swiss Coalition of Development Organisations
Giessereiweg 9
P O Box 6735
3001 Bern
Switzerland
Tel: (41) 31 371 54 11
Fax: (41) 31 371 14 11

Representative:
Mr Bruno Gurtner
Coordinator

Alternate:
Richard Gerster
Director

Membership elapses in 1999

CEDIM CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR - UFRRJ

LATIN AMERICA AND THE CARIBBEAN

*CARIBBEAN CONFERENCE OF CHURCHES
P.O. Box 616
Bridgetown
Barbados

Tel: (1) 809 437 6055/6
Fax: (1) 809 437 3381

Membership elapses in 1995

* Member of the Steering Committee

Representative:
Edward Cumberbatch

Alternate:
Joan French, Coordinator
CPDC
P O Box 35
Brittons Hill
St Michael, Barbados

Tel: (809) 437 6055
Fax: (809) 437 3381

CENTRO DE ESTUDIOS Y PROMOCION DEL DESARROLLO (DESCO)
Leon de la Fuente 110
Lima 17
Peru

Tel: (51) 14 610984 or 627193
Fax: (51) 14 617309
Email: desco@geo2.geonet.de

Membership elapses in 1997

Representative:
Mr. Abelardo Sanchez-Leon
Vice-President

Alternate:
Mr. Marcial Rubio Correa
President

FUNDACION AUGUSTO CESAR SANDINO (FACS)
Apartado #2458
Zona Postal #5
Managua
Nicaragua

Tel: (505) 2 75706 or 75760
Fax: (505) 2 675670
Tlx: 2361 facs nk
Email: facs@nicarao.apc.org

Membership elapses in 1996

Representative:
Lic. Edwin Zablah
General Secretary

Alternate:
Lic. Evaristo Garcia
Director of Pl.& Pr.

PROGRAMA DE ECONOMIA DEL TRABAJO (PET)
Santo Domingo 526
Santiago
Chile

Tel: (56) 2 6326 128, 6326 064 or 6326 026
Fax: (56) 2 6333 671
Email: pet@geo2.geonet.de

Membership elapses in 1994

Representative:
Mr. Jaime Ruiz-Tagle P.
Executive Director

Alternate:
Mario Velasquez
Deputy Director

Latin America and the Caribbean (continued)

LATIN AMERICAN ASSOCIATION OF
DEVELOPMENT ORGANISATIONS (ALOP)
Apartado 265-1350
San Sebastian
San José
Costa Rica
Tel: (506) 2223245
Fax: (506) 2215114

Representative:
Marta Susana Baima
de Borri
SEHAS
Bv del Carmen 680 - Villa
Siburu
Cordoba CP 5000
Argentina
Tel: (5451) 805031
Fax: (5451) 897541

Alternate:
Gloria Zamora Patino
Executive Secretary

Membership elapses in 1998

NORTH AMERICA AND THE PACIFIC

INTER-CHURCH COALITION ON AFRICA (ICCAF)
129 St Clair Ave
Toronto
Ontario M4V 1N5
Canada

Tel: (1) 416 927 1124
Fax: (1) 416 927 7554

Representative:
Ms Ruth Rempel
Co-Chair, Economic Justice Working Group

Alternate:
Perez Morangi
Co-Chair, Economic Justice Working Group

Membership elapses in 1999

CHURCH WORLD SERVICE /
LUTHERAN WORLD RELIEF (CWS/LWR)
110 Maryland Ave. NE
Building Mailbox #45
Washington, D.C. 20002-5694
U.S.A.

Tel: (1) 202 543-6336
Fax: (1) 202 546-6232
Email: dialcom:tcn381

Representative:
Dr Paul J Nelson
Associate Director

Alternate:
Ms Carol A Capps
Director

Membership elapses in 1996

---

*COMMUNITY AID ABROAD (CAA)
156 George Street
Fitzroy, Victoria 3065
Australia

Tel: (61) 3 289 9444
Fax: (61) 3 419 5318
Tlx: AA135222 CAA
Email: Caamel peg.apc.org

Representative:
Kamal Malhotra
Director, Overseas Program

Alternate:
Andrew Hinton Hewett
Director Public Policy and Education

Membership elapses in 1997

*Member of the Steering Committee

INSTITUTE FOR DEVELOPMENT RESEARCH (IDR)
210 Lincoln Street
Boston, Massachusetts 02116
USA

Tel: (1) 617 422 0422
Fax: (1) 617 422 0494
Tlx: (650) 3196007 MCI

Representative:
Jane Covey
Executive Director

Alternate:
L David Brown

Membership elapses in 1995

INTERNATIONAL NGOs

COOPERATION INTERNATIONALE POUR LE
DEVELOPPEMENT ET LA SOLIDARITE (CIDSE)
16 rue Stevin
1040 Bruxelles
Belgique

Tel: (32) 2 230 7722
Fax: (32) 2 230 7082

Membership elapses in 1997

Representative:
Dr. Koenraad Verhagen
Secretary-General
Tel.H: 3135 232818

Vincent Brenninkmeijer
Consultant. CEBEMO
Neuhuyskade 30
2596 XL Den Haag
Tel: (31 71) 159159
Tel.H: (31 70) 3249522
Fax.H: (31 70) 3244007

INTERNATIONAL SAVE THE CHILDREN ALLIANCE (SCF UK)
Mary Datchelor House
17 Grove Lane
London SE5 8RD
England

Tel: (44) 71 703 5400
Fax: (44) 71 703 2278
Email:

Membership elapses in 1999

Representative:
Michael Aaronson
Director Overseas
Department

Alternate:
Michael Edwards
Head of Overseas
Information

SECRETARIAT OF THE NGO WORKING GROUP ON THE WORLD BANK

International Council
of Voluntary Agencies (ICVA)
P.O. Box 216
1211 Geneva 21
Switzerland

Tel: (41-22) 732 6600
Email: ngowg@gn.apc.org.

Mr. Delmar Blasco
Secretary

Mr. Marcos Arruda
NGO Coordinator

Fax: (44 22) 738 9904

Updated: 23.06.94
Doc:newmem

"NICARÁGUA EM VIGÍLIA"

SEMANA INTERNACIONAL PELA PAZ EM NICARÁGUA

DE 8 A 15 DE SETEMBRO DE 1985

O motivo para convocar esta Semana Internacional é a extrema gravidade do momento que vivemos em Nicarágua e toda a América Central . Extrema também é a gravidade com que se manipula a religião e os aspectos humanitários para pretender justificar a agressão e a invasão mesmo por parte do imperialismo norte-americano.

Convidamos a promover esta semana em seu respectivo país, as Igrejas, outras confissões religiosas e organismos humanitários que se solidarizam conosco (como Direitos Humanos, Direitos dos Povos, Justiça e Paz).

Convidamos representantes de Igrejas e de outras confissões e entidades humanitárias a que participem em Nicarágua da Semana Internacional pela Paz. Esperamos também a participação de pessoas que sofreram a repressão em si mesmas ou em suas famílias, de teólogos e intelectuais, literatos e artistas comprometidos com a causa do Povo. Desejamos contar com a presença de alguns Prêmios Nobel da Paz ou de outros Prêmios significativos.

OBJETIVOS DA SEMANA:

a) Renovar e manter vivos o Compromisso e a Ação Solidária dos cristãos e de todos os homens e mulheres de boa vontade com a América Central e concretamente com a Nicarágua.

b) Denunciar abertamente e com toda a energia a constante agressão e os preparativos de invasão por parte do imperialismo norte-americano.

c) Informar com veracidade ao mundo a gravidade do momento que vivem Nicarágua e América Central. Sua sobrevivência com dignidade e liberdade diz respeito historicamente a toda a América Latina e a todos os Povos do Terceiro Mundo. É um dever de humanidade.

d) Denunciar a manipulação e o bloqueio dos grandes meios de comunicação com respeito a Nicarágua, e buscar alternativas para uma comunicação eficiente a nível mundial.

e) Informar adequadamente sobre a problemática político-religiosa que se vive em Nicarágua, a responsabilidade específica dos cristãos, a credibilidade das Igrejas, e o "novo modo de ser Igreja" que esta circunstância histórica exige.

f) Dinamizar nos diversos países a "Insurreição Evangélica pela Paz e pela Vida". Dar continuidade a esta Vigília de Oração, de renúncias e de solidariedade que Nicarágua desencadeou, particularmente com o Jejum do Pe. Miguel D'Escoto.

g) Fortalecer a Unidade dos Cristãos e de todos os homens e mulheres de boa vontade no compromisso comum pela Paz, pela Vida e pela Auto-determinação dos Povos. Em particular fortalecer o compromisso pela busca de soluções pacíficas para a crise Centroamericana e comprometermo-nos contra a agressão.

AÇÕES CONCRETAS:

a) Que no respectivo país ou região sejam celebrados atos significativos de solidariedade durante esta Semana Internacional Pela Paz (por exemplo: Celebrações de Fé, Atos Acadêmicos nas Universidades, Festivais Artísticos, Manifestações, Coletas de recursos, etc...)

b) Que se consolidem e articulem melhor os Comitês de Solidariedade com a América Central. E organizá-los onde ainda não existem.

c) Que se colete uma ajuda concreta para Nicarágua particularmente no que se refere à saúde, à educação, agricultura e ajuda a orfãos, viuvas, mutilados e refugiados de guerra.

d) Que se coopere no financiamento da edição e em seguida na divulgação em cada país, dos Documentos, Testemunhos, Reflexão Teológica e Memória Histórica desta Insurreição Evangélica: Nicarágua em Vigília.

e) Que em cada país se promova a máxima cobertura nos Meios de Comunicação Social a esta Semana de Solidariedade.

A CELEBRAÇÃO PROPRIAMENTE DITA:

A Semana Internacional Pela Paz em Nicarágua será celebrada em todos os países solidários e na própria Nicarágua. Lá as Celebrações maiores se realizarão nos dias 13, 14 e 15 de setembro. É importante que as pessoas enviadas pelos respectivos países participem ao menos desses últimos três dias.

Queremos também recordar, como uma data significativa, que no dia 12 de setembro de abre no Tribunal Internacional de Haya o julgamento sobre o mérito das denúncias de Nicarágua contra a agressão norte-americana (3ª sessão).

Coordena as celebrações em Nicarágua e convoca as celebrações em todos os países o "Comitê Ecumênico Pela Paz em Nicarágua", cujo endereço é: ANDÉN L, # 824, Colonia Centroamérica, Managua, Nicarágua. Telefone: 75-0-22.

Pedimos que nos informem com tempo sobre o programa de atividades em seus países e sua participação em Nicarágua.

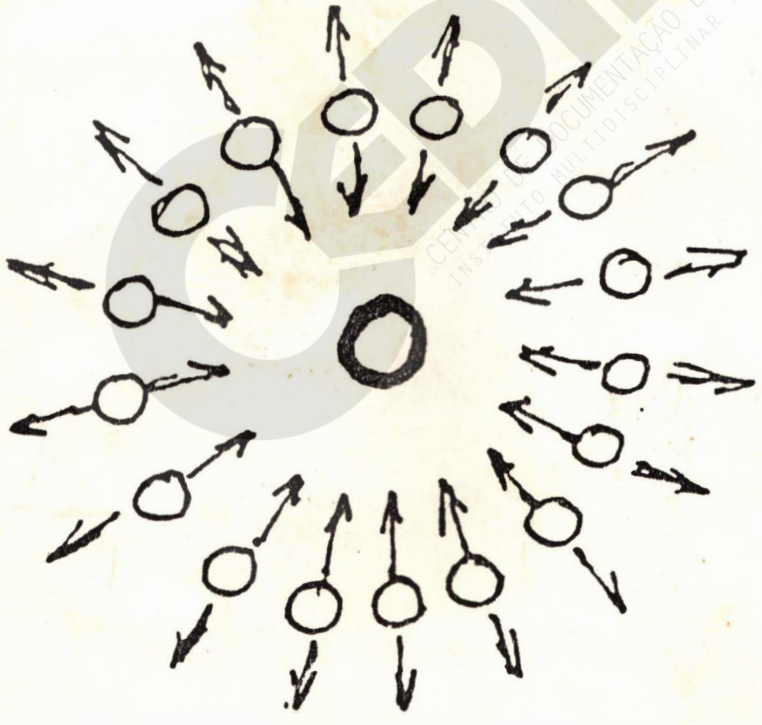
Fraternalmente na causa da Paz, que é também a causa do Reino.

Managua, 6 de agosto de 1985.

CEDIM
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR - UFRRJ

N U C L E A Ç Ã O

LINHAS DE APROFUNDAMENTO



INTRODUÇÃO

O 1º Sínodo Diocesano de Nova Iguaçu propõe como principal instrumento de "EVANGELIZAÇÃO" a NUCLEAÇÃO DAS CEBs. O próprio Sínodo dá as pistas essenciais do que vem a ser um NÚCLEO ECLESIAL DE BASE; no entanto é necessária uma proposta mais elaborada. As linhas que estão sendo propostas querem ser apenas sujestões para ajudar na elaboração de uma proposta de ação mais clara e definitiva.

A nucleação não é mais uma pastoral ao lado de outras, mas é uma nova forma de toda a Igreja se organizar para ser sinal vivo da presença de Deus na história do povo que vive nos grande aglomerados urbanos. Por causa disso não pode ser apenas fruto da iniciativa de alguns cristãos mais idealistas. Precisa ser uma decisão diocesana. Esta decisão deve ser consciente e fundamentada, deve levar à elaboração de etapas de motivação e preparação tanto no nível formativo, como organizativo. A multiplicação de núcleos deve ser fruto de uma vontade interior de ser a verdadeira Igreja de Cristo viva na base

Nada disso se improvisa ou acontece por acaso. Nada disso pode ser feito só a partir de iniciativas individuais que acabariam criando confusões e divisões.

Pelo fato de atingir a própria maneira da Diocese ser Igreja viva no meio do povo, a proposta da nucleação não pode ser deixada para depois sem correr o risco de esvaziar a proposta do Sínodo. A nucleação, se levada a sério vai exigir uma transformação, a partir da base, de todas as pastorais .

As linhas que estão colocadas nesta apostila são baseadas numa experiência que já vem sendo realizada pelo mundo afora em algumas grandes cidades como Seul na Coreia e Milão na Itália com o nome de "Povo articulado em células evangelizadoras". Estas linhas se propõem de ser apenas o estímulo inicial para uma reflexão séria sobre a proposta do Sínido Diocesano.

ETAPAS INTRODUTÓRIAS

Quais poderiam ser as etapas antes de se chegar a propor o envolvimento de toda a Diocese na NUCLEAÇÃO?

1º- O Conselho Presbiteral avaliar esta proposta e decidir se ela pode servir como ponto inicial de um estudo mais aprofundado.

2º- Se esta proposta for aprovada, criar um grupo de estudo que elabore com mais clareza o conteúdo e os instrumentos necessários para desencadear a sua concretização.

3º- A preparação de equipes que assessorem as paróquias e ajudem na preparação dos animadores dos núcleos.
Esta preparação dos animadores é indispensável para se evitar o que aconteceu com os Círculos Bíblicos onde cada um interpretou a proposta inicial do jeito que achava mais interessante. Resultado: temos na Diocese vários tipos de Círculos Bíblicos com desperdiço de preciosas energias.

4º Reavaliação e reestruturação de todos os instrumentos pastorais em nível diocesano ne perspectiva desta nova maneira de toda a Igreja Diocesana se fazer presente no meio do povo. Inclusive deve ser estudada com seriedade a articulação entre nucleação e pastoral de massas.

O IDEAL DO PROJETO DE NUCLEAÇÃO

Para iniciar a realização de um projeto é necessário ter clara a meta a que se quer chegar. Uma pessoa que quer viajar, em primeiro lugar escolhe o lugar onde quer chegar, isso vai determinar os preparativos. O primeira coisa em que um médico pensa quando lhe se apresenta um doente é na cura. A partir daí vai escolher os remédios.

Os agentes de pastoral para se engajar na Evangelização precisam ter clareza sobre onde querem chegar, sobre que IGREJA querem construir.

A Diocese de Nova Iguaçu já definiu com clareza que Igreja quer ser: IGREJA-POVO DE DEUS
IGREJA-MISSIONÁRIA
IGREJA FRATERNA, SOLIDÁRIA e LIBERTADORA

Muitos passos já foram dados em vista deste ideal de Igreja. O Sínodo, deppis de ter avaliado e dado sugestões de melhoria dos instrumentos já existentes, retoma e coloca como prioritária a proposta da nucleação. Já houve uma fase de vida da Diocese em que isso aconteceu e dela resultou a criação da maior parte das Comunidades existentes atualmente.

A retomada da proposta se justifica agora por vários motivos:

-a população cresceu muito
-as Comunidades alcançaram um número de participantes que dificulta um relacionamento fraterno e direto entre eles
-as Comunidades correm o risco de formar um círculo fechado, satisfeito consigo mesmo
-a Igreja hoje se questiona e se preocupa com a Pastoral de massas. Nesta preocupação não pode se esconder apenas o desejo de manter a influência da Igreja sobre as massas ou de conservar a religiosidade popular como elemento da cultura do povo. O objetivo final deve ser transformar as massas em Povo de Deus. A massa passa a ser povo quando alcança um grau de consciência e organização que faz com que as pessoas tenham condição de viver e desenvolver seus valores humanos fundamentais.

PORQUE CRIAR NÚCLEOS ECLESIAIS DE BASE

1. É vontade de Deus que todas as pessoas se tornem seus discípulos. Ser discípulo não é apenas "conhecer" as verdades que Jesus pregou, mas imitar o estilo de vida de Jesus.
2. A Evangelização (que é o serviço que a Igreja deve oferecer ao mundo) se realiza melhor através do relacionamento humano. A Evangelização deve alcançar todas as pessoas e toda a vida das pessoas.
3. A pessoa humana se realiza plenamente quando se torna parte ativa da grande sociedade, mas só pode chegar a isso na medida em que seja parte ativa no pequeno grupo. O Núcleo permite ao cristão de se realizar como parte viva e ativa do Povo de Deus.
4. Toda intervenção de Deus na história da humanidade se caracteriza pelo objetivo de formar um Povo que viva a Aliança com Ele.

VANTAGENS DOS NÚCLEOS
==========

1. É FLEXIVEL. Por de tratar de um grupo pequeno, não precisa de muita estrutura organizativa, pode se adaptar rapidamente às necessidades dos membros.
2. É Móvel. Não precisa de um local específico, se reúne onde vivem as pessoas
3. É ACOLHEDOR. Faz as pessoas se setirem bem-vindas pelo que são.
4. É PESSOAL. Na grande comunidade o relacionamento é frio, funcional, sujeito às exigências da organização; no núcleo o relacionamento é direto, de pessoa para pessoa.
5. PODE CRESCER. Não só pode, como sente incentivo para crescer e se multiplicar.
6. É EVANGELIZADOR. No núcleo a pessoa respira convivência inspirada no Evangelho e não recebe apenas explicações teóricas
7. A ANIMAÇÃO ESTÁ AO ALCANCE DE TODOS. Ps animadores não precisam ser teólogos ou grandes organizadores, basta que sejam pessoas de fé e comprometidas com a caminhada.
8. VALORIZA O RELACIONAMENTO HUMANO INTER-PESSOAL. Toda pessoa humana se relaciona naturalmente e necessáriamente com outras. (Veja a seguir)

OS NÚCLEOS EVANGELIZAM A PARTIR DA CONVIVÊNCIA
==========

1-Na grande cidade todos privilegiam o relacionamento humano com algumas pessoas, que podemos definir como grupo de convivência.

2-Em geral as pessoas tem 4 tipos de grupos de convivência:
- . Parentes
- . Vizinhos
- . Colegas de trabalho ou de estudo
- . Pessoas que tem os mesmos interesses e diversões.

3-Evangelizar a partir da convivência faz com que o compromisso esteja presente na vida do dia a dia e se faça com naturalidade a união entre fé e vida.

4-Exemplos bíblicos de Evangelização a partir da convivência:
- -a vocação dos Apóstolos, João: 1, 35-45
- -o método de S. Paulo fundar as Comunidades: Atos: 16,13-15
  Atos: 18, 1-4

5-Evangelizar a partir da convivência é a forma mais natural de alcançar os outros. É também a forma mais eficaz pois oferece condição de influenciar em profundidade. As oportunidades de contato se renovam continuamente e o evangelizador passa a viver o Evangelho com o evangelizado e vem sendo evangelizado por ele.

6-Evangelizar a partir da convivência desafia continuamente a descobrir as formas de viver o Evangelho aqui e agora em todas as situações. O Evangelho deixa de ser uma teoria e passa a ser um estilo de vida.

ESTRUTURA DO NÚCLEO
==========

-O número ideal de membros de um núcleo é de 10-12 pessoas. Quando os participantes assíduos supera este número deve se proceder à criação de um novo núcleo.

-O núcleo deve se encontrar regularmente uma vez por semana durante uma hora e meia (nunca por mais de duas horas).

-O núcleo inicia com 4-5 pessoas que fazem parte do mesmo grupo de convivência e aceitam:
- -participar da reunião semanal
- -colaborar para convidar outros
- -assumir serviços (ministérios) no núcleo
- -se preparar, treinar para melhorar sua atuação
- -os que dão início ao núcleo devem ser cristãos já engajados e conscientes
- -ter clareza que o núcleo não é um grupo de amigos apenas, mas um grupo de vivência do Evangelho
- -o surgimento do núcleo tem que ser "oficializado" no Conselho Comunitário e Paroquial para se tornar um ponto de referência integrado à pastoral.

O QUE SÃO OS NÚCLEOS ECLESIAIS DE BASE
==========

-Não são um movimento paralelo à vida da paróquia, mas são grupos de cristãos que vivem a vida da paróquia no meio do povo e procurar tornar a paróquia cada vez mais presente e ativa no meio do povo. Fazem isso vivendo a comunhão entre eles a fim de que a paróquia seja uma "comunhão de muitos núcleos". Na nossa realidade diocesana o primeiro passo de comunhão entre os núcleos são as atuais CEBs.

-Os núcleos não são grupos de categoria. Estes é bom que existam para a formação e atuação específica (no meio operário, estudantil etc.)

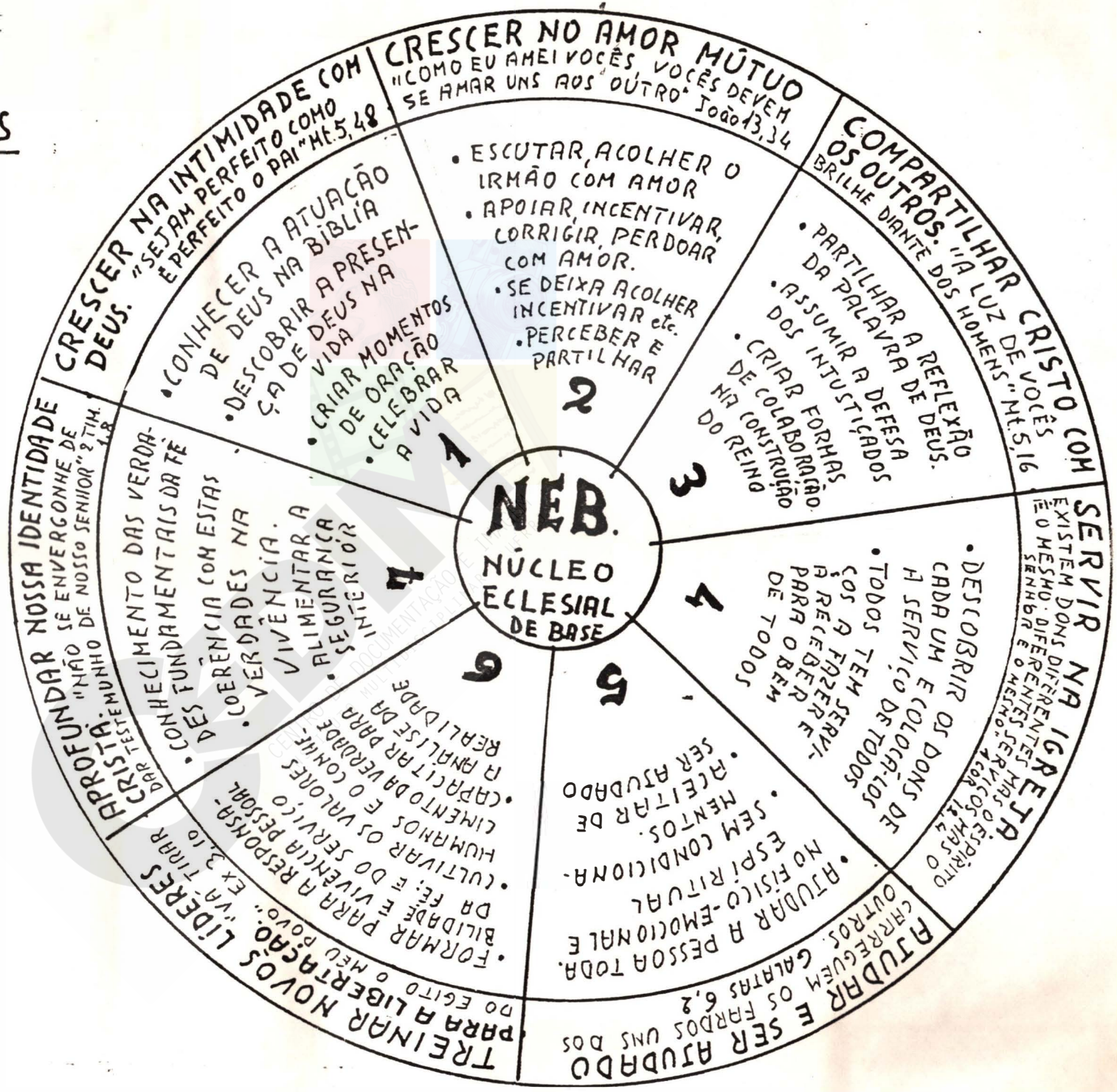
-Os núcleos são uma pequena comunidade pluralista. Nels participam jovens, adultos, casais etc.

-Os núcleos são "uma pequena Igreja" onde é possível viver um relacionamento interpessoal intenso, onde se vive intensamente "o ser Igreja". Para isso no núcleo acontece:
- * o anúncio e a escuta da Palavra
- * a união com Deus através da oração, da Eucaristia e da prática da Palavra.
- * a união fraterna através do amor-serviço
- * a união com a Igreja, através da união com seus pastores (padres e Bispos)
- *o compromisso de evangelizar.

-Os núcleos são uma pequena comunidade-Igreja na qual se entra através de uma opção pessoal. Não se trata de conservar apenas uma religiosidade tradicional da família, mas de assumir uma forma definida de vivência.

FINALIDADES DOS

NÚCLEOS ECLESIAIS DE BASE



CONDIÇÕES PARA INICIAR A EVANGELIZAÇÃO A PARTIR DA CONVIVÊNCIA

1. ESCUTAR — Até a pessoa mais fechada se abrirá se perceber que pode falar das coisas que lhe interessam e perceber que é "escutado com atenção e carinho".

2. ESTAR ATENTOS ÀS OPORTUNIDADES — As pessoas falando colocam situações e fatos de vida que podem ser comparados facilmente com fatos e ensinamentos do Evangelho.

3. DEMONSTRAR AMIZADE PARA TODOS — A pessoa que menos parece disposta a aceitar Jesus, pode ser o fruto mais maduro. Você talvez seja o único com possibilidade de mostrar-lhe um pouco de calor humano. E este calor po de ser a chave que Deus escolheu para abrir-lhe o coração.

4. SERVIR OS OUTROS — O serviço é o primeiro e principal dom que uma pessoa pode oferecer aos outros. Procurar descobrir as necessidades da pessoa e oferecer-lhe ajuda no nível desejado.

5. DEDICAR TEMPO AOS OUTROS, sem pressa. Acolher as pessoas com tudo que elas são e pensam, sem forçar mudanças precipitadas.

6. LEMBRAR SEMPRE QUE É DEUS QUEM ABRE AS PORTAS DOS CORAÇÕES. Os "tempos de Deus" não são iguais aos nossos.

ETAPAS DA EVANGELIZAÇÃO

A Evangelização se desenvolve através do relacionamento. Sendo que os cristãos se esforçam para compartilhar Cristo com os que convivem com eles no mundo, podemos definir 4 níveis deste relacionamento evangelizador:

a) . SERVIÇO — Servindo os outros estamos servindo Jesus. Na medida em que servimos os outros com amor, estamos criando a forma de relacionamento que Jesus viveu e pregou. As pessoas vêem o que somos antes de escutar o que dizemos.

b) . PARTILHA — Conseguindo a confiança das pessoas através do serviço, abrimos as portas para partilhar todos os aspectos da vida, inclusive a fé que nos anima no serviço.

c) . EXPLICAÇÃO — Na medida em que partilhamos nossa vida iluminada pela fé, provocamos questionamentos aos quais devemos estar preparados a responder.

d) . INCORPORAÇÃO — O passo seguinte é que a pessoa que recebeu o serviço do cristão, partilhou com ele a vida, descobriu a luz da fé através das necessárias explicações, se junte a ele em comunhão.

Nenhuma destas etapas tem tempo determinado. Elas precisam ser vividas com naturalidade, paciência e amor, sempre no respeito à liberdade do outro. Elas darão com certeza o resultado que está no Plano de Deus e que talvéz é diferente daquele que nós gostaríamos.

EVANGELIZAR QUEM ?

Vimos o conteúdo das etapas de evangelização a partir do Núcleo Estas etapas indicam que precisamos começar das pessoas com as quais nos relacionamos mais: na vizinhança, no trabalho, nos interesses. Quer dizer: parentes, amigos, vizinhos, as pessoas que convivem conosco no dia a dia.

PASSOS DE UMA ESTRATÉGIA EVANGELIZADORA

1-Conhecer a situação espiritual das pessoas com as quais convivemos. Para planejar uma "estratégia" de evangelização o primeiro passo é conhecer a situação espiritual em relação ao Evangelho de cada pessoa que convive conosco. Podemos classificá-las da seguinte forma:

* os que não conhecem e não estão interessados em conhecer o Evangelho.
* os que não conhecem, mas estão interessados em conhecer
* os que tem algum conhecimento, mas encontram dificuldade para colocar em prática
* os que conhecem e praticam individualmente, mas tem dificuldades para colocar em prática na comunidade
* os que conhecem, praticam individualmente, tem alguma participação na comunidade, mas não aceitam o compromisso social
* os que conhecem, praticam e já estão engajados na Comunidade.

2-Atitudes necessárias por parte do Evangelizador.
Já falamos destas atitudes quando colocamos as condições necessárias para iniciar a Evangelização. No entanto aqui cabe acrescentar uma atitude fundamental e indispensável: o evangelizador tem que ser um homem de Deus e do povo. Tem que sentir a presença de Deus e fazer a experiência da intimidade com Ele através da oração e deve estar apaixonado pelo povo.

3-Não há outros passos já predeterminados. Caberá ao núcleo que for se formando decidir quais passos é possível dar a partir da situação dos componentes. É necessário porém não correr o risco de se isolar dos outros núcleos. Só mantendo esta ligação entre os núcleos é que os mesmos se tornarão a estrutura fundamental em condição de trabalhar para que os cristãos passem de massa à Povo de Deus.

NÚCLEOS E MINISTÉRIOS
==========

O núcleo não é apenas um grupo de estudo, mas uma pequena "Igreja". São Paulo na carta aos Coríntios 12, 12 - 13,13 nos indica que a Comunidade é como um corpo onde cada membro tem uma função diferente, mas fazem parte de um único corpo. Esta mesma comparação serve para entender como deve ser a distribuição de serviços (ministérios) dentro do núcleo.

Os serviços principais para a vida do núcleo são:

-animação
-comunhão
-comunicação
-documentação
-caridade-solidariedade

A caminhada e o amadurecimento do núcleo poderão tornar necessários outros serviços. É importante que a responsabilidade destes serviços não fique concentrada numa mesma pessoa, mas seja bem repartida respeitando-se os dons de cada um. É necessário também que na reunião semanal, num clima de fraternidade haja possibilidade para a prestação de conta de cada serviço.

Vamos agora analizar algumas pistas sobre cada um dos serviços, com particular atenção para a animação.

..... ANIMAÇÃO .....

RESPONSABILIDADES DO ANIMADOR DO NÚCLEO

A animação do Núcleo é certamente o serviço mais importante e dele dependem todos os outros. Faz parte da animação:

* Animar a reunião semanal do núcleo
* Se manter ligado ao Conselho Comunitário e paroquial para poder fazer a ponte entre a base e o conjunto dos cristãos criando a consciência que cada núcleo é uma parte do Povo de Deus.
*Incentivar o núcleo a se preocupar com as necessidades do povo da área onde atua.
* Procurar partilhar as responsabilidades
*Preparar a reunião com antecedência
* Estar disponível quando é procurado
* Saber ouvir com atenção
*Não se ofender pelas críticas
* Assumir com clareza a linha pastoral da Diocese

REQUISITOS PARA SER ANIMADOR DE NÚCLEO

. Ter amor para as pessoas e querer torná las membros ativos do Povo de Deus.
. Ser coerente na caminhada com Deus (Ter relacionamento pessoal com Deus através da oração; procurar ser sempre sinal da presença do Deus da vida que caminha na história; ter consciência que o que sabe, não o recebeu para guardá-lo para si, mas para distribuir-partilhar com quem está em volta)
. Ter espírito de colaboração. Não procurar realizar "seu projeto" mas sempre se preocupar de estar unido e organizado para fortalecer a ação comum em vista dos objetivos e das metas de todo o Povo de Deus
. Ter consciência que animar um Núcleo é um chamado de Deus, um chamado exigente porque envolve todas as nossas "relações" com os outros

. Saber se avaliar e aceitar ser avaliado
.. Ter vontade de se capacitar sempre mais espiritualmente, psicologicamente, culturalmente para exercer a missão de animação.
.Se entregar com amor, decididamente e integralmente para o núcleo

.....COMUNHÃO.....

Um membro do núcleo deve ser escolhido como Ministro da Eucaristia. Sua tarefa será: - animar os momentos de oração na reunião do núcleo.
- organizar celebrações nas casas para aniversários, falecimentos, doenças e outras oportunidades
- valorizar corretamente a religiosidade popular

.....COMUNICAÇÃO.....

Cada núcleo deverá ter o seu "mensageiro" para zelar que os avisos sejam distribuidos a todos os interessados, para zelar para que os moradores da área estejam sempre informados sobre as atividades da Igreja, para incentivar o núcleo a se preocupar com a massa e promover iniciativas de pastoral de massa, para informar os outros núcleos do que se passa no seu.

.....DOCUMENTAÇÃO.....

A cada dia de nossa vida estamos construindo nossa história e devemos aprender a valorizá-la. Um membro do núcleo deve assumir a "secretaria" com a responsabilidade de documentar passo a passo a caminhada do mesmo.

.....CARIDADE-SOLIDARIEDADE.....

A doença, a fome, o desemprego, as injustiças, não podem deixar ninguém indiferente e muito menos um Núcleo que queira viver o Evangelho. É importante que uma pessoa do Núcleo assuma como seu serviço prioritário a atenção aos irmãos necessitados com o objetivo de envolver sempre mais os outros componentes em atitudes concretas de amor e solidariedade.

A REUNIÃO DO NÚCLEO
==========

Paraíso Contradição.

1. PREPARAR O AMBIENTE: .O local da reunião seja bem iluminado
.Todos fiquem acomodados em círculo para que todos possam ver todos
.Na medida do possível não haja barulhos que atrapalham as pessoas escutar (televisão, rádio)
.Escolher um horário que não atrapalhe a vida das pessoas da casa que não participam.
2. CANTO E ORAÇÃO
3. PARTILHA DO QUE SE PASSOU NA VIDA DE CADA UM DURANTE A SEMANA E DO RESULTADO DAS TAREFAS.
4. COLOCAÇÃO DE UM TEMA DE REFLEXÃO. Poderá ser um tema escolhido pelo animador, ou indicado pela coordenação geral, de preferência um texto bíblico. Poderá se usar o roteiro de Círculos Bíblicos.
5. DEBATE DO TEMA para que todos possam contribuir no aprofundamento e esclarecer dúvidas
6. COMUNICAÇÕES de interesse geral e divisão de tarefas para a semana.
7. ORAÇÃO FINAL com intenções espontâneas.

14 de Julho de 1994
Armeane Choski, Vice-Presidente
Recursos Humanos e Políticas de Operações
Banco Mundial
1818 H Street, NW
Washington, DC, 20433

Ref: Envio de Adendo ao relatório do "*Learning Group*"

Caro Sr Choksi:

Anexamos a esta o Adendo, para sua consideração.

Aproveitamos a ocasião para apresentar-lhe nossas visões a você, outros gerentes senior e ao Conselho Diretor (Por favor, assegure-nos de que o Adendo irá de fato, para o Conselho Diretor como nos fizeram acreditar). Sua receptividade para conosco pode ser bom sinal de iniciativas de participação do Banco. Confiamos nisto.

O Adendo valoriza o Relatório. Ao mesmo tempo, sentimos que o Relatório não é suficientemente claro ou seguro a respeito dos quatro pontos seguintes que discutimos nas *Principais Mensagens* de nosso Adendo. Especificamente estas mensagens incitam o Banco a:

A. Dar maior ênfase à participação dos povos pobres, constantemente postos à margem do desenvolvimento;

B. Repensar o âmbito do projeto;

C. Adotar um enfoque transformador, no que diz respeito à participação, engajando e fortalecendo as comunidades no sentido de estabelecerem suas prioridades de desenvolvimento. Este enfoque contrasta com o enfoque *instrumental*, através do qual o doador basicamente se engaja no marketing social dos seus planos operacionais e;

D. Reconhecimento de que o próprio Banco é um avalista

Do nosso ponto de vista, a importância que o Banco dará aos pontos acima determinará de forma significantiva o sucesso de suas iniciativas de participação.

O Relatório passou por contínuas revisões desde o encontro de maio. Foi difícil definir inclusões e cortes. Por exemplo, acabamos de notar que a parte do Relatório que descreve o Banco como um avalista foi cortada. Para nós, este é um corte altamente significativo e inapropriado. O Banco não é somente um avalista qualquer. Mas um acionista com responsabilidades fiduciárias e financeiras e, consequentemente, com um senso de propriedade relativo aos vários aspectos das operações de empréstimo. Se atentarmos para outras mudanças expressivas no Relatório, enviaremos correspondência adicional.

Os signatários deste Adendo gostariam de trabalhar com vocês para entender e avaliar o processo de operacionalização pelo Banco das recomendações do Relatório. De acordo com a sua conveniência, alguns de nós gostaríamo de encontrá-lo para iniciar o processo.

Alguns participantes oficiais do encontro expressaram seu apoio ao Adendo, mas sentem que é inadequado endossá-lo formalmente. Também, por causa dos compromissos dos vários participantes (especialmente de outros continentes) do Encontro sobre a participação do Banco Mundial e por causa da nossa dificuldade em acompanhar as revisões do Relatório do Banco, não conseguimos terminar a coleta de endossos ao Relatório.

No final de julho, enviaremos o restante dos endossos dos participantes do encontro de maio. Antes da reunião da Diretoria, enviaremos endossos de vários grupos - além daqueles que participaram do encontro.

Obrigado pela sua liderança nessa área. Caso outros materiais relativos às questões levantadas nesse Adendo forem úteis aos Gerentes ou à Diretoria, por favor contacte Nancy Alexander, da Equipe do Instituto Mundial.

- Nancy Alexander, Bread for the World Institute *
- Marcos Arruda, NGO Working Group on the World Bank
- Bernardo Botero, Centro de Investigación y Educación Popular * (CINEP), Colômbia
- L. Dave Brow, Institute for Development Research, Boston
- David Beckman, Pão para o Mundo
- Robert Blake, Comittee on Agricultural Sustainability for Developing Countries
- Derick Brinkerhoff, ABT Associates, Bethesda
- Shirley Buzzard, Hertlands International Washington, D.C.
- Robert Chambers, Institute of Development Studies, U. of Sussex
- Jonathan Fox, Massachusetts Institute of Technology/Institute for Development Research
- Mona and Richard Grieser, Global Vision *, Maryland
- Abiy Hailu, Christian Aid, Reino Unido
- Shandana Khan, Aga Khan Foundation, Paquistão
- Conrad Kottak, Dept. of Anthropology, University of Michigan
- Carolyn Long, Inter Action, Whashington, D.C.
- Kamal Malhotra, Community Aid Abroad *, Autrália
- Joe Muwonge, World Vision
- Wilian Beagle, Democracy and Governace Program, U.S. A.I.D.
- Peter Oakley, Save the Children, Colômbia
- D. Jane Pratt, Woodlands Mountain Institute *
- Caroline O'Reilly, Social Sciences Group, ODA Natural Resources Institute, V.K.
- Nestor Sanches, Fundación para el Desarrollo Comunitario Inc. (FUNDESCO), Dominican Republic
- Hartmut Schneider, Development Centre, O.E.C.D.

*** Endosso institucional e pessoal**

RELATÓRIO ENCONTRO DE AGENTES/87

De 30 de junho a 03 de julho de 1987, 69 pessoas participaram do Encontro Nacional de Agentes da Pastoral Operária, em Santa Tereza, Rio de Janeiro. Representavam 18 estados (ausentes PA, MA, AC, SE, RR).

Objetivos do Encontro:

- Clarear se vale a pena investir o melhor da própria vida na construção do projeto do trabalhador;
- Aprofundar a análise da própria prática do agente, tendo como critério a própria prática do trabalhador;
- Compreender a fundo os pontos teóricos que estão por trás da metodologia;
- Encaminhar as condições básicas para a formação de um colegiado nacional de agentes.

O método utilizado no encontro foi o Prática-Teoria-Prática.

Dia 30 de Junho

Iniciou-se o encontro, com depoimentos de quatro agentes de Pastoral Operária, de regiões diversas, falando de sua experiência de Pas - toral Operária:

I. DEPOIMENTOS - EXPERIÊNCIAS DE PO

01) DEPOIMENTO DE IRMÃ TEREZA (Arquidiocese de Vitória):

Irmão Tereza declarou ser alguém que aprende do contato com o trabalhador. O carisma de sua congregação religiosa é a unidade na ação missionária, investindo prioritariamente na classe trabalhadora.

A PO existe em Vitória a 12 anos. Irmão Tereza faz parte de uma equipe de 10 a 12 agentes que estão buscando criar a PO. Trabalha lá desde 1983. A arquidiocese de Vitória é conhecida como a arquidiocese das CEBs. O trabalho é desenvolvido nas bases e setores. O setor em que ela atua é o de Itacibá - Cariacica, onde ixistem 9 grupos de bases de PO e 19 CEBs. O trabalho é feito de diversas maneiras: grupo de esposas de operários, grupos de casais operários. Realiza-se uma reunião mensal com dois representantes de cada um dos 9 grupos de base no setor. Há muito investimento na formação bíblica. Existem a nível de arquidiocese, uma comissão executiva da PO, formada pelos agentes. Três agentes são semi - liberados.

A PO exerceu grande influência na vida de Ir. Tereza. Ela fez sua opção pessoal pela PO porque acredita que a classe trabalhadora possui a força de transformação da sociedade.

A PO é prioridade da arquidiocese a 5 anos. Apesar disso há re - sistência por parte do clero e das CEBs. Mas há momentos fortes em que a PO se fez presente: Romaria de Corpus Cristi e Romaria dos Homens, na Festa da Penha. No ano passado a Romária dos Homens foi toda organizada pela PO. Neste ano foram feitas mensagens pela PO aos ro-

metros. A partir desta iniciativa já surgiu um grupo de PO.

A PO tem como objetivo, a formação nos aspéctos: sindical, político, eclesial e bíblico. E para 87 o objetivo é este: investir na formação sindical e político partidária.

Através deste trabalho de concientização, a oposição já ganhou alguns sindicatos nos diversos setores. A falha da PO é a ausência de representantes da classe dos metalúrgicos.

A PO marca presença em greves e atos públicos em favor dos trabalhadores. A metodologia usada é sempre como processo. Parte-se da base, com visitas domiciliares a pessoas com quem se tem contato na CEB. Observa-se as pessoas que têm alguns sinais de conciência de classe, estas vão sendo agrupadas e articuladas. Este processo é encrementado pela formação bíblica, sócio-política e sindical. A questão financeira é resolvida com recursos próprios pelo grupo. Duas pessoas de cada setor, fazem parte do conselho de periferia da arquidiocese. O método ver, julgar e agir foi utilizado no início, mas poucos o assimilaram. Hoje está sendo utilizado o método Prática-Teoria-Prática.

Para este ano, a arquidiocese tem previsto três cursos sobre metodologia. O que a PO traz de novo para a Igreja é o questionamento junto ao clero e a coordenação arquidiocesana de pastoral.

02. DEPOIMENTO DO Pe. SABINO (Natal):

Pe. Sabino desenvolve seu trabalho em três níveis:

a) pastoral popular - com desempregados, lavadeiras, marginalizados, operários;
b) catequese popular - juventude em nível popular e operários;
c) Igreja - envolve mais gente (agentes da PO).

Sempre aparecem conflitos em relação à instituição.

Utiliza a rádio como um grande instrumento da PO.

Quanto à influência na sua vida pessoal, afirmou Pe. Sabino que a PO vem dando sentido ao seu ser cristão.

A PO tomou força na área da atuação de Pe. Sabino a partir da demissão em massa, de trabalhadores de uma fábrica que faliu. Os trabalhadores organizaram um acampamento em frente a um hotel que pertencia à empresa.

Gente de esquerda, busca a PO como espaço para articulação.

A PO ajuda os cristãos clássicos a ligar a fé à sua luta, e os que lutam a ter fé.

Nas lutas sindicais a PO apoiou oposições sindicais, as discussões sindicais e o estudo sindical.

A PO também investiu muito, na luta política pela transformação da sociedade.

Quanto a metodologia, disse Pe. Sabino que só pode partir de onde a gente se encontra.

" Não sou agente, sou companheiro". Partindo do mesmo nível que os tra - balhadores.

A metodologia utilizada, é a visita e contato pessoal, estudo em grupo, apoio a outros movimentos de interesses comuns, participação no movimento popular pró-constituinte.

03. DEPOIMENTO DO Pe. JOSÉ TENCATE (Cuiabá-MT):

Em Curitiba-Paraná, iniciou seu trabalho na PO com panfletagem nas portas de fábricas. Também fez contato com clero.

Desenvolveu o trabalho entre os anos 82 e 86. Ressaltou que é preciso não contar só com os primeiros companehiros, mas descobrir no - vos compenheiros que tenham interesse comum.

Existe alguma resitência por parte do clero à PO.

Durante este tempo, a PO surgiu também em cidades do interior do estado.

A metodologia utilizada é formação social e política. É preciso ligar a PO com as pastorais sociais da Igreja. A diocese vai sendo envol vida por este caminho.

Pe. José afirmou: "Ainda não me sinto no lugar social onde deve- ria estar".

Quanto ao seu trabalho desenvolvido em Cuiabá, disse estar uti - lizando o mesmo método de Curitiba. Em Cuiabá 10% da população é nativa e existe uma infra-estrutura pastoral boa.

04. DEPOIMENTO DA IRMÃ ANA (São Miguel, Leste II):

O trabalho que desenvolve, baseia-se na visita e contato pesso - al, formação de grupos, articulação entre os agentes e grupos. A PO aju- da na tomada de consciência de classe.

Quanto a influência da PO na vida pessoal, Ir. Ana afirmou, que conseguiu compreender melhor a divisão da sociedade em classes.

A PO trouxe um questionamen-o para a congregação, especialmente a partir do testemunho pessoal das irmãs que estão engajadas neste tra- balho.

Em relação ao movimento sindical, houve participação da PO nas oposições sindicais.

A metodologia utilizada é a de pequenos grupos.

Existe uma grande preocupação em,como atingir a massa.

E as questões dos ministérios da PO?

A metodologia utilizada é o Ver-Julgar e Agir com adaptações.

Existe uma preocupação em resolver o conflito entre militantes e comunidade. Busca-se a razão do afastamento do militante,da comunidade.

Falta o acompanhamento dos militantes.

Dia 1º de Julho

Iniciou-se o segundo dia com a sítese do debate do dia anterior, que analisou os pontos de convergências e divergências dos depoimentos:

a) Projeto político/sindical e Movimento Popular.
   - Como a PO deve ser presença?
   - Existe claresa de relacionamento da PO X tendências políticas e sindicais?
   - Projetos da PO X Igreja X partido

b) Igreja.

c) Metodologia.
   - Massa X pequenos grupos
   - Organização da PO - Vem da base ou da cúpula?
   - Qual o método?
     O que significa (Ver - Julgar - Agir)
     (Prática - Teoria - Prática)
   - O que é curso de metodologia?
   - Como acompanhar os níveis de militância?
   - Estrutura metodológica implícita (conciência
     (envolvimento
     (articulação
   - Linguagem (didática
     (experiência
     (propostas sentidas
   - Como se oferece a teoria?
   - Como se acompanha a prática?

A seguir aconteceram 3 depoimentos sobre os projetos da clsse o - trabalhadora:

II- DEPOIMENTOS - PROJETOS DA CLASSE TRABALHADORA

01. PROJETO POLÍTICO DA CLASSE TRABALHADORA

(Selvino Heck)

O projeto político da classe trabalhadora não está pronto. É algo dinâmico, em parmanente formulação e reformulação, pela classe trabalha - dora.

Características do Brasil:

De um lado vemos a extensão continental do Brasil, sua imensa população, seu grande avanço tecnológico (é dos mais industrializados do mundo).

Do outro lado, temos 2º salário mínimo mais baixo do mundo, 36 milhões de menores abandonados, 60% da população recebendo de 1 a 3 salários mínimos. Um povo com tradição histórica de não participar na política. Com capitalismo interno dependente do externo.

Para este país com sua configuração política, social, econômica capitalista, precisamos pensar um projeto político diferente. E não há outra alternativa para a classe trabalhadora se não o projeto socialista. Pois não há como resolver as necessidades básicas fora dele.

Devemos ter claro que o capitalismo tende a ser cada vez mais massacrante. Está mais do que provado, que o capitalismo internacional vai tornar nosso país cada vez mais dependente. Não podemos pensar num capitalismo mais civilizado, pois possue uma lógica interna (perversa) de acúmulo de capital muito dinâmica.

No horizonte, nos sobra o projeto socialista.Não projeto russo, chinês ou nicaraguense..., mas um adequado à nossa realidade brasileira que possue suas características próprias:

- nenhum país do mundo tem uma Igreja de base como no Brasil, e nem cristãos tão engajados no processo político.
- em nenhum outro país há um sindicalismo que surge das lutas sindicais e populares de base, e que cria uma central sindical de base: CUT !
- em nenhum país temos um processo de construção de partido como o PT , próprio da classe trabalhadora.

Elementos Deste Projeto:

- Propriedade social dos meios de produção (processo lento, progessivo);
- Uma política de alianças para chegar ao socialismo: que tipo de aliança?
- Um Estado, um Governo com características diferentes deste que está aí;
- Que quadros temos, o que precisamos para tocar uma outra máquina estatal, com maior participação popular?

Conclusão: é um projeto para mais adiante.

Instrumentos que necessitamos para cunhar novo projeto:

- Um movimento popular e sindical de peso, de massa. Uma organização de respostas imediatas aos ataques da burguesia.
- Um partido político com uma alternativa política para a sociedade em que vivemos, com a participação de milhões de pessoas. O partido político deve ser o pólo catalizador de todo um movimento e uma conciência popular, sindical, etc. Só o partido político ocupar o poder.

Mas para isso, precisamos de uma proposta viável, capaz de mobilizar milhões de pessoas em vista de uma idéia clara e determinada . Precisamos tomar idéia clara e determinada. Precisamos tomar as experiências de outros paises e formular o nosso projeto. Um projeto gigantesco, numa vontade coletiva: a construção de um socialismo para o Brasil.

Das pequenas experiências de luta de hoje, temos que chegar a grande luta. Da pequena organização, à grande organização. Onde se tenha uma direção nacional, com características regionais.

Este é projeto revolucionário: romper na cabeça e na realidade, as estruturas sociais, edeológicas solidificadas. A revolução não é um bicho papão, mas algo que está se dando todos os dias no país, quando se mexe na questão da propriedade, no estado. Projeto político que tem como prioridade o homem e não o capital.

Para isto acontecer, é necessário um amplo movimento de massa. Eu prefiro que se dê via pacífica.

Temos que construir um projeto que cada dia seja viável.

Perguntas X Respostas:

- Qual o ponto central unificador?
  Mesmo das esquerdas.
- Quais são os passos que precisamos dar para chegar a este Projeto Maior?
- Na formação do Partido Político, não há um processo muito curto - quer ver resultados imediatos?
- A PO, como pode contrubuir neste trabalho de massa?

São questões de fundo e complexas, como complexo é este projeto, a tal ponto que nenhum partido conseguiu ser o ponto de convergência. No PT há divergências profundas.

Eu luto pelo Meu Projeto, que não é igual ao da Democracia Socialista, existente no PT e nem no PRC. Isto não significa que não pegamos juntos na prática.

Mesmo havendo algumas diferenças, temos que somar forças. Não será o PT que fará esta Revolução, embora eu lute para que ele tenha hegemonia.

Acredito num Bloco Democrático Popular, é mais amplo do que um Bloco Operário Popular.

Passos Necessários:

Precisamos ter claro o que é tática e estratégia:

Tática	e	Estratégia
agora		a longo prazo

Precisamos ter uma estratégia (o que se quer a longo prazo) e definir as táticas (os passos do dia-a-dia).

Como articular a estratégia, hoje. Esta é a arte de cada dia. O que é funamental, hoje:

- Movimento de massa, organizado e não espontâneo.

- Formação de quadros, em cima de prática. Formação adaptada a um projeto partidário, a realidade de momento.

- Militantes colocadas à base.

Ter em vista como mexer na Economia, no Estado, Partido Político e as prioridades.

Ter um projeto político claro e estar aberto a reformulá-lo.

A PO contribuirá mantendo sua identidade de PO, e não exercendo o papel do Partido, do Sindicato ou do Movimento Popular.

- Deve ser espaço de formação.
- Unir cristãos e não cristãos neste projeto.
- Experiência socializada de vida.

02. PROJETO SINDICAL DA CLASSE TRABALHADORA:

(Jorge Lorenzetti - SC - enfermagem - faz parte da Secretaria de Formação da CUT)

- como se explicitam as concepções sindicais no Brasil?
- o que é essa estrutura sindical no Brasil? Qual sua concepção de fundo?

As classes dominantes são muito competentes. Elas sempre conseguiram impedir a organização dos trabalhadores. Um exemplo disso é a estrutura sindical atual (57 anos no Brasil - Getúlio Vargas), um dos braços centrais de controle do avanço dos trabalhadores. Passaram duas constituintes (34 e 46) e a estrutura sindical continua intácta.

Até 1930 havia liberdade e autonomia sinical-domínio do anarco-sindicalismo.

De 1930 a 1950 a influência dominante foi dos PCs.

A classe operária no Brasil é um fenômeno deste século(hoje somos 57 milhões de trabalhadores ativos).

Em 1929 temos a crise capitalista mundial.

Em 1930 o Brasil inicia a política de substituição das importações. Inicia-se a industrialização. Em 1959 há um projeto amplo de industrialização e exportação, que exige um projeto de controle do sindicalismo.

Concepção Sindical Dominante:

- Sindicato como orgão de conciliação de classes.
- Sindicato como orgão de colaboração do Estado - peleguismo para sustentar esta concepção.
- O sindicato exerce as funções do Estado a nível assistencial:
  - assistência médica
  - " dentária
  - " jurídica, tec.

- Há Impostos Sindicais que:
  . dispensa a filiação ao sindicato
  . desistimula a organização
  . promove o assistencialismo e o empreguismo
  . e sustenta o Ministério do Trabalho (20% do imposto).

- Os sindicatos para existirem precisam de uma carta do Ministério do Trabalho. O sindicato é uma concessão do Governo.
- É proibida a atividade política no sindicato.

Os trabalhadores sempre resistiram a esta estrutura sindical estatal. Uma conquista, por exemplo, de suas lutas são as 48 horas semanais.

Como foi emplementada esta estrutura sindical?

- 1931 - Primeira lei de sindicalização.
  . proibição de os servidores públicos se sondicalizarem.
  . carta sindical
  . direito de intervenção
  . Estatuto

Até 1935, sob forte repressão, os trabalhadores resistiram a esta lei de sindicalização.

- 1945 - certa liberdade
- 1946 - constituinte
- 1947 - repressão civil. Reinício da luta organizada sindical.
- 1964 - golpe militar

Forma de Organização Sindical:

A organização sindical só pode ser sobre a forma de categoria (idéia corporativista) e não enquanto classe.

É uma organização sindical vertical (por categoria) e não horizontal (inter-sindical).

A CUT, expressão oficial, quer romper com esta estrutura sindical vertical e criar uma nova estrutura (organização enquanto classe-revolucionária).

Concepção Sindical Gestada na CUT:

- Um sindicalismo classista (luta de classes e não só como reivindicação dos direitos).
- Um sindicalismo democrático e de massa, participativo, sustentado na organização por lugar de trabalho, na comissão de fábrica.
- Um sindicalismo combativo, instrumento de luta, que busca desenvolver a consciência classista.
- Um sindicalismo Autônomo e Unitário.
  . autônomo em relação ao Estado o aos partidos.
  . unitário, que engloba o conjunto da classe trabalhadora.

Concepções Sindicais Dentro da CUT:

Até a sua fundação em 1983, em São Bernardo do Campo, havia unidade na CUT contra os pelegos.

Em 1984 aconteceu o 1º Congresso Nacional da CUT.

Em 1986, no 2º Congresso da CUT, apareceram concepções sindicais diferentes.

01. Concepção de Sindicalismo Classista

. sustenta uma autonomia do sindicato em relação ao partido.
. ao partido cabe tomar e dirigir o poder.
. não é o sindicato que detém o processo da sociedade.
. cabe ao partido definir a estratégia e as táticas.

O sindicato é um instrumento a desenvolver pequenas lutas. O partido dirige o Projeto Político Popular dos trabalhadores e não o sindicato.

02. Concepção do Sindicalismo Político-Partidário

. ao sindicalismo cabe dirigir os destinos políticos de processo (a CUT deve atuar com a direção da revolução)
. ter vanguardas com tudo na cabeça
. o sindicalismo exerce o papel do partido político
. no sindicalismo é feita a campanha-propaganda revolucionária.

Em síntese, a CGT defende a atual estrutura sindical, enquanto a CUT quer romper.

Tarefas CUT/87

- combater a política econômica recessiva (dívida externa) e o desemprego em massa
- lutar pela constituinte
- eleições diretas para presidente
- formação
- organização da base

Perguntas e Respostas

1- Prática de formação sindical
2- Prática de formação crítica e de conciência de classe? Como fazer?
3- Mesmo projeto e divergências táticas?
   São ou não diferenças táticas?
4- Qual é a concepção libertadora?
5- Constituinte - Como a CUT acompanha?
6- Projeto Sarney - Lei sindical
7- Partidos - Ajudam ou atrapalham?
8- Imposto Sindical - Não é importante?
9- A CUT - Sindicalismo Unitário. Como ela vai fazer?
10- Estrutura sindical nova - tendências possíveis - PT - CUT
    (sujeitos novos no Brasil)

01- Formação

O papel do sindicalismo não era de formação. Só agora é que está começando.

É uma tarefa permanente

É preciso transformar uma massa inconciente em uma massa conciente.

Metodologia

O trabalhador assumir a responsabilidade de dirigente político da classe trabalhadora.

Instituto Cajamar - SP. Pres. Paulo Freire. 70% são pessoas ligadas à CUT.

02- É preciso aprofundar as divergências, porque não só táticas, mas estratégicas.

O PT não pode ser um bloco de divergências, mas um processo político.

Não devemos nos assustar com diverências.

03- Constituinte

a) PRC - é da burguesia, não serve para nada

b) De fora para dentro - A constituinte vai valer se garantir o que interessa ao trabalhador.

17/07 - Dia Nacional de coleta de assinatutas

12/08- Dia da entrega das assinaturas - Greve Geral

04- Lei Sarney - Vergonha

05- Imposto Sindical e Estrutura Sindical, é diferente

- Precisamos mudar a estrutura sindical e o imposto nos amarra ao Estado.

06- Estrutura Sindical — Autônoma / Unitária

Unidade - Unidade política dos trabalhadores

Unidade não acontece por decreto, mas por um trabalho de base.

03. PROJETO ECLESIAL DA CLASSE TRABALHADORA:

(Ana Gonçalves - MG)

Pressupostos:

a)- Não temos que ter um projeto próprio

- Temos que nos engajar no projeto de classe trabalhadora
- Os agentes de mudanças são os critãos e não cristãos. Não somos nós a batizar o processo político, e sim estar junto, dando testemunho através de nossa prática. Lutar sem quebrar a unidade, isto é, não negar o conflito e sim, ser sal, fermento e luz, na popularidade.
- Fazer como Jesus, analizar, interpletar, agir, sendo Igreja no meio dos trabalhadores.
- No sentimento de tentar Unidade na Diversidade.

b)- Ser cristão - ter intuição da presença de Deus. É acreditar que são filhos de Deus. Nós que temos esta experiência, somos chamados a continuar o Projeto de Cristo.

O projeto de Jesus, é luz na experiência (política e evangélica) e deve contribuir no Projeto dos Trabalhadores.

- Um Projeto Histórico, Solidário e Coletivo.
- O Projeto Eclesial dos Trabalhadores, vai além do Projeto Humano, não resume sua missão na mudança de estrutura, mas também de libertar o coração do homem, ou uma nova relação entre os homens.

"Vejam como se amam".
"Uma sociedade socialista pode existir, mas não funciona sem amor".

ORIGEM DO PROJETO ECLESIAL DOS TRABALHADORES:

Bíblia: a) Esperança do povo. AT. Javé = presença libertadora no meio do povo.
b) Esperança do povo. N.T. Jesus Cristo trabalhador.

- O povo vivia oprimido. Daí o nome "Povo de Deus". Ele ouve o clamor do povo. Êxodo "Eu ouvi o clamor do povo... Eu vim libertá-lo". afirmação revolucionária na época.

Características do Projeto de Deus:

- Sociedade igualitária (sistema tribal)
- Autonomia produtiva.
- Descentralização do poder.
- Leis que defendem o Sistema Igualitário.
- O bem de todos é defendido pela união de todos.
- Socialização do poder.
- Fé no Deus único.
- Culto descentralizado.
- Sacerdotes sem terra.
(Presença das mulheres nas Comunidades)

Características do Projeto de Deus:

- Na pregação do Reino.
- Jesus foi conduzido para o deserto. Jesus rejeita qualquer milagre econômico.
- Jesus foi colocado sobre o "Cimo do Templo". Naquela época era símbolo do poder Religioso Sacerdotal.

- Jesus foi levado para um monte muito alto - "O cimo da montanha", é o síbolo do Poder Político, dominador e elitista.
- Jesus toma posição frente à realidade.
- A religião para Jesus, não é um sistema de ritos e sacrifícios. É sim, uma abertura fundamental de vida para Deus e para os irmãos.

Jesus se dirige a todos os homens de boa vontade, mas exige de todos , conversão pessoal e social.

- O Projeto de Jesus, exige um novo relacionamento entre os homens e uma nova estrutura (o Reino).
- Ressureição de Jesus - Revela a possibilidade de mudar o mundo. Criar outro.
- A opção pelos pobres:
  . nasce numa família pobre
  . comprometida com a luta
  . no horizonte escatológico do Reino - JESUS
  . uma palavra de esperança diante de uma situação que ameaça o homem pobre e fraco.
- Papel da mulher: Cristo não omitia a participação da mulher:
  . Quando Jesus foi preso, as mulheres não fugiram.
  . São testemunhas oculares de sua morte.
  . Primeiras a irem ao túmulo e são testemunhas da Ressureição, indo anunciar a Boa Nova - Jesus está vivo!
  . Betânea - Primeiras discípulas (Maria e Marta).
  . Marta apresentada como Diaconisa. "para o cristão não basta a denúncia das injustiças, pede-se que seja verdadeiramente testemunha e agente da justiça".
  (João Paulo II, aos operários)

O PROJETO ECLESIAL HOJE - DESAFIOS

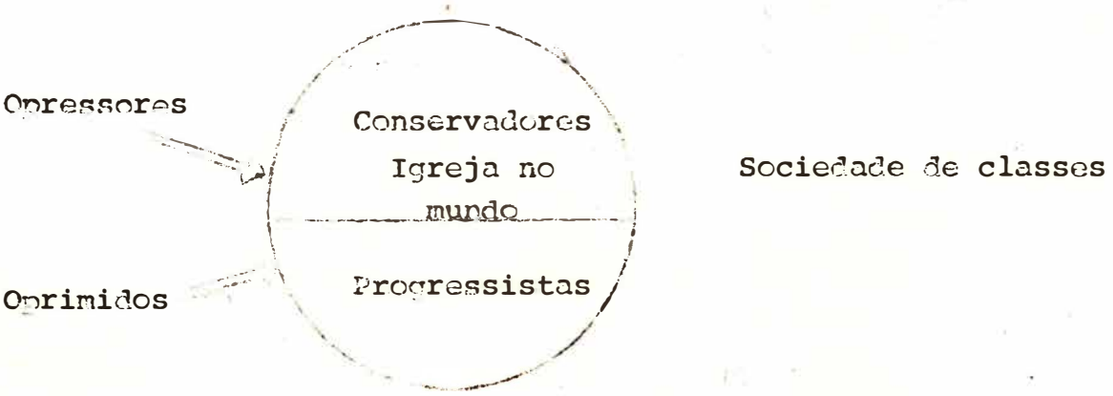
- Na medida em que a Igreja compreende que sua missão é seguir Jesus Cristo, toma partido em favor dos pobres.
- Divisão na Igreja.

Modelo de Igreja Hoje

Dividida em classes:

a) Setores da Igreja,que estão contra os trabalhadores.
b) Setores da Igreja que estão a favor dos trabalhadores.

Os trabalhadores se afastam até mesmo da Igreja Progressista. Sentem a discriminação, negando o próprio projeto de Javé e de Jesus.



Desafios:

- Superar a tentação da nova cristandade.
- Sair da pedagogia paternalista.

- A mulher deve ter mais autonomia na Igreja - ela é discriminada pela Igreja.
- Fazer verdadeira opção pelos pobres.
- Monopólio do culto.
- Leigos - Nossa missão não é uma concessão da estrutura da Igreja, mas do Batismo.
- Falta de autonomia dos leigos.
- Estrutura da Igreja - Velha e centralizadora.
- Os trabalhadores sentem falta de conteúdo de fé, falta formação da realidade religiosa.
  A Igreja(clero), precisa estar mais por dentro da realidade , para ajudar.

Conclusões:

O Reino nunca esteve pronto.

Na medida em que acontece a sociedade igualitária, acontece o Reino.

Temos o desafio de superar a luta de classes dentro da Igreja . Para isso, devemos ter uma estratégia e táticas.

Temos que ter um projeto de Igreja. Este projeto vai nos orientar uma visão estratégia para construí-la.

Superação do Estado e Igreja Hierarquia-revolução da vida.

Que projeto de Igreja temos como Pastoral Operária, para construir?

A seguir aconteceram novos depoimentos, estes sobre a Pastoral Operária: de um agente na ativa e de um agente criticamente afastado da Pastoral Operária.

III. DEPOIMENTOS SOBRE A PO:

01) Depoimento de Um agente na Ativa - Em Relação a PO.

(Frei Egídio - Experiência na PO, Vila Santo Operário - Canoas/RS)

Em 1979 aconteceram duas grandes ocupações de terra na vila Santo Operário, com 4500 famílias.

a) Processo da Vila União dos Operários - Hipódromo

- Luta sempre encaminhada através da Associação de Moradores.
  Ganhar a causa juridicamente
- Posse socializada. Lotes de 12,5 x 30
- Criação da Organização das Mulheres.
  Mutirão das mulheres (retalhos e roupas)
- Formas comunitárias - (comparação c/a sociedade)
  Confronto de práticas.
  Método- Através de uma experiência socializante, fazer um confronto com a sociedade vigente.

. CEBs - Roda de carroça
- Centro, é a Fé (eixo)
- Raios - serviços da comunidade
- Serviço às lutas operárias

b) Pastoral Operária

Não usamos o termo Pastoral Operária para não se identificar com as pastorais paroquiais, estanques.

- Dois pontos de unidade, Fé/luta
- Esta roda deve passar por dentro de Projeto Político Popular.

Objetivo: chegar a nova sociedade.

- Venda de produtos diretamente do produtor ao consumidor.
- Acompanhamentos/assentamentos de operários (cidade).
- Toda prática deve levar a despertar a consciência de classe.

PO e a Questão Política

- Participou das lutas nas eleições em 1986. Sem querer apoiar o PRC, como PT.
- Optou por candidatos: Paim e Selvino Heck.
- PO/CEB - núcleo partidário
- participação na discussão partidária

PO e a Luta Sindical

- Participação na eleição sindicato metalúrgico de Canoas.
- Apoiou, investiu no sindicalismo classista da CUT, que saiu vitorioso com o Paim.

PO e a Luta no Lugar da Moradia

- Organização por quadra
- Iluminar estes trabalhos
- Produzir material, assessos, etc.
- Esforço de refletir a função da Fé na militância política, sindical e nos movimentos populares.

02) CRÍTICA À PO - DEPOIMENTO DE UM AGENTE CRITICAMENTE AFASTADO DA PO

Mário "Bigode".

Sou mineiro de Sabará, Estado de Minas Gerais. Desafiando talvez, mas precavido.

Sou casado, pai de 4 filhos. Filho de pais espíritas (Ubandistas). Aprendi a respeitar, dividir, amparar, ajudar e ser ajudado.

Comecei na Igreja aos seis anos, levado por uma madrinha, coco adorador do 55 Sacramentos, fazendo vigília mensal. Aos 8 ou 9 anos fui impedido de receber a fita da Congregação, por não ter feito ainda minha primeira Comunhão. Decepcionado, afastei-me da Igreja.

Tudo que aprendi foi realmente na Umbanda - perdoar, ser tolerante, ter paciência, orar, servir desinteressado, ter amor ao próximo.

Trabalhando como matalúrgico, sindicalizei-me e comecei a ver as coisas de uma maneira política, participando dos piquetes e das reuniões sindicais.

Em 65, comecei a fazer um trabalho na firma onde trabalhava, e percebi que a maioria era de evangélicos, chegando a 60% dos trabalhadores, e a maioria era da Assembléia de Deus. Aliei-me a eles, participei de encontros, batismos, e discutia a Bíblia, mas sempre falava do Evangelho, segundo o espiritismo.

Participando da greve de abril de 68, em piquetes e assembléia. Em setembro do mesmo ano, fui na Comissão do Salário e fizemos a primeira greve na fábrica onde havia trabalhadores de até 25 anos de casa. Após a greve, foram demitidas 9 pessoas, eu, um ateu, mais 7 evangélicos.

Participando do Sindicato, fiquei conhecendo diversas pessoas que participavam de alguns movimentos como a A.P. (Ação Popular) e outras tendências.

Um dia fomos convocados para uma reunião onde havia uns 15 padres e tinhamos a obrigação de convencê-los a dar cobertura à greve de outubro de 68.

Percebi que teríamos de usar a Igreja, iludir os padres, pois nossa fábrica era realmente a única organizada para a futura greve de outubro de 68.

No final da greve de 68 foi uma debandada geral. Muitos companheiros foram presos, expulsos, demitidos, e as organizações desapareceram. Foi um fracasso geral.

Em 1969, trabalhando na Mannesmann, organizamos um grupo para apoiar a alguns demitidos. Demos o nome de MUTIRÃO a esse grupo. Os contatos mantidos com a Igreja, através dos padres conhecidos, e passamos a fazer uma avaliação do que foi a greve e a caça às bruxas.

Saindo da Manesmann e trabalhando na Krupp, fizemos duas greves. A primeira em 78, onde fiquei conhecendo o companheiro Adriano. Participamos juntos. Ele trabalhava na FMB e eu na Krupp. Desta luta se consolidou uma amizade e a coordenação de um trabalho voltado para a classe operária, com trabalho entre o campo e a cidade, empregadas domésticas e prostitutas.

Em 1980, havia eleições no Sindicato de Betim e nosso trabalho era no sentido de fazer uma chapa para disputarmos as eleições, porém os patrões nos demitiram antes das inscrições. No entanto, já tinhamos o Sindicato nas mãos e trabalhávamos de acordo com o presidente. Para surpresa nossa, no dia 18 de abril de 1980, foi decretada a intervenção no Sindicato, acabando com nosso trabalho.

Participando no 1º de maio de 1980, durante a missa, o Frei Cristovão falou da Pastoral Operária de S. Paulo. Após a missa, o Frei nos esclareceu. Unimos e assim nasceu a PO em MG, na cidade de Betim. Com a formação do primeiro grupo, fomos convidados a participar em outras cidades. Nestes encontros, fiquei conhecendo outros padres que lutam e reconhecem a Classe Operária e realmente fizeram a opção pelos pobres, fazendo hoje a Teologia da Libertação.

Nesta caminahda passei a participar da Igreja nas missas, fazendo depoimentos e mostrando e falando da libertação, mas não deixando de falar de minha educação espírita.

Após a greve de 79, trabalhei mais 7 meses como metalúrgico, sendo demitido por perseguição patronal. Não mais trabalhei. Os companheiros do Mutirão, mais alguns metalúrgicos mantiveram minha família. Então, dediquei-me inteiramente à PO e ao Sindicato em MG, dando cursos e ajudando na formação, em todo o Estado. Vindo a ser membro da Coordenação Estadual e da Executiva Nacional.

Por que me afastei

Em MG, há uma briga surda, suja, desigual e repressora, por parte de membros da Igreja, e sendo amigo de Adriano, Rogério e outros padres que são questionados por apoiar a luta da Classe Operária contra a Classe Dominante, sofri um pouco mais, por não ter a mesma formação e não soube combater com alguns intelectuais nas reuniões da PO. Era questionado em quase tudo que falava e alguns companheiros começaram a se afastar da PO, por este motivo.

O que encontraram para combater - eu não era católico, era espírita, não morava com minha esposa, portanto não podia participar da PO, pois não sendo católico não dava crescimento à PO em MG.

Ao ver o afastamento de alguns companheiros por causa das polêmicas criadas. Resolvi afastar-me sofrendo outras críticas, como irresponsável que não quis assumir e que me afastei sem justificativa.

Ser ou não ser irresponsável, ou com total responsabilidade, continuo o nosso trabalho fazendo as formações sindicais como cristão, onde for aceito como brasileiro que luta contra as injustiças e a exploração do povo brasileiro.

Fica-se uma dúvida - A Igreja que diz fazer opção pelos pobres, mas procura destruir aqueles que lutam pelos trabalhadores, pode ou deve ser respeitada?

Como pode ser amada uma Igreja que persegue seus filhos? será que por ter tido uma educação diferente, deixei de ser filho de Deus? se é verdade, deveria também não ser explorado.

Mas garanto, que aquele que acredita no Pai, no Criador, que respeita, que luta pela libertação, e sendo cristão, será reconhecido pelo Pai, pelo Filho e pelos irmãos.

IV. TRABALHOS EM GRUPOS E PLENÁRIO:

Em grupos e em plenário, os agentes analisaram os projetos à luz dos depoimentos. A síntese feita orientou-se por:

- Relacionamento da PO com a Igreja.
- Relacionamento da PO com as tendências políticas e sindicais.
- A metodologia de trabalho.

01) QUAL A RELAÇÃO PO X IGREJA?

- Desligamento dos militantes
- . da prática eclesial
- . da comunidade
- Nas CEBs, desperta a conciência política, sindical e começa a participar destes movimentos, deixando de lado a prática eclesial, pelo grande envolvimento que a tividade política e sindical exige.
- Tantos as CEBs como a PO não tem instrumentos para acompanhar o militante.
- Existe a instrumentalização do desligamento para acusar a prática das CEBs e PO.
  Desligamento da PO é uma coisa e o desligamento da Igreja é outra coisa.
- A comunidade muitas vezes não está preparada para aceitar e apoiar o militante na luta sindical ou do partido político.
- O militante não encontra muito espaço na comunidade, para aprofundar a sua fé.
- O militante não aceita que as decisões venham de cima, quer participar no nível de decisão.

Sugestão

. Um grupo de referência para sentar, refletir e rezar junto.
  É a pastoral do acompanhamento.
. O militante busca fora o que não encontra na Igreja, ou muitas vezes espera da Igreja, coisas que não compete à Igreja.
  Ex. um projeto político.
. O militante que consegue um espaço no Partido, no sindicalismo, etc.,é mal recebido ao voltar, pelo mau conceito que o povo em geral tem, do político, do sindical.
  A comunidade é formada de um povo com mentalidade (da sociedade) errada, negativa em relação ao Político/Sindical.
. Antes de um militante entrar na luta política e sindical, se reunir e refletir com o companheiro.
. Há um conceito, reduzido, de Igreja, onde está o militante, aí também está sinal de Igreja.
. Às vezes o militante não volta às bases para refletir
. Há falta de uma Evangelização de militância, a partir do início da comunidade de fé (catequese).
. A religião é a única maneira de viver a fé?
  Dentro da luta sindical também, faço a minha prática de fé de Reino. É preciso mudar a mentalidade da Igreja (é ainda muito rural).
. Ou a Igreja está a serviço do Reino ou ela deve se transformar.
. A Igreja ainda não conseguiu assumir a questão do trabalhador, como essencial na transformação da sociedade.
  A realidade do trabalho vive em conflito, e a Igreja tem a tendência de camuflar o conflito, ao invés de pôr às claras, e enfrentar o con-

flito.

. O Projeto Eclesial da Igreja, não tem o trabalho como chave da questão. Como ponto central de Evangelização.

. É preciso reelaborar a Teologia do Trabalho, no sentido bíblico eclesial.

. Deverá ser superado o relacionamento interno na Igreja

Hierarquia - Leigos

Cristãos Engajados

irmãos

- As CEBs poderão dar pistas para um novo relacionamento dentro da Igreja.
- É preciso rodear (envolver) os Bispos, Padres, as irmãs de trabalhadores.
- A PO tem a missão de ajudar o Bispo, Padre, etc, a tomar posição com o poder que a conjuntura social lhe dá, do lado dos trabalhadores. Um serviço ao povo. É fermento.

Desafios

Hierarquia - Estado

- É preciso voltar a uma prática de ministérios - Serviços e não poder.
- Na Igreja do Brasil, há avanços e recuos.
  O trabalho popular, com certeza sofre ataques e obstáculos, boicotes.
  A PO tem a missão para tornar o trabalho mais simpático.

(Não ficou claro, qual o projeto de Igreja na PO)

Debate

- A grande questão está no poder - serviço ao lado do povo.
- Toda a comunidade é sacerdotal.
- Somos todos iguais, com funções diferentes.
- A PO é um grupo de católicos ou de cristãos?
- É preciso ter as postar abertas para todo o trabalhador, mesmo com pessoas de tendências.
- "PO, não é uma pastoral fechada, mas não pode perder a sua identidade" (D. Cláudio).
  O grupo deve ter referências:

NOSSA IGREJA - NOSSA FÉ

02) EXISTE CLAREZA DE RELACIONAMENTO DA PO X TENDÊNCIAS POLÍTICAS E SINDICAIS?

Diferenças quanto às diversas regiões:

Em geral os membros da PO não têm clareza de relacionamento com as tendências. Ex. em SP, o que se percebe do nosso relacionamento com as tendências, que nossa discordância é na discussão política, não temos um conhecimento suficiente para discutir a nível igual. Às vezes,

no momento oportuno, não sabemos discutir e nos unir para derrubar o inimigo comum.

Na Paraíba - Temos exemplos de militantes da PO, que entraram nas tendências, mas é importante essa preocupação da PO,de conversar com as tendências e de fazer um esforço para preparar os militantes para enfrentar as tendências.

No Rio G do Norte - Os militantes da PO, sabem pela prática o que eles querem ou não: eles têm um conhecimento prático sobre as tendências.

Em alguns lugares, é difícil a discussão na Igreja sobre as tendências, e assim, o militante fica despreparado para o debate.

. Ás vezes,os membros da PO têm clareza teórica e não têm clareza na prática.

Percebemos como dificuldade, o ambiente protegido de discussão, que oferece a Igreja para os militantes, e quando eles chegam no Sindicato ou no Partido Plítico, eles ficam assustados com a realidade - brigas que encontram na discussão das tendências.

A PO não deve e não pode, ser uma tendência.

A PO deve ser o lugar privilegiado, o espaço melhor para dar aos seus membros, os elementos para fazer uma opção frente às tendências de Pastoral Operária, deve dar uma formação para que os membros possam estudar, aprender, conhecer quais são as tendências e os seus projetos. Assim eles poderão debater com firmeza e clareza, qualquer proposta das tendências. Tanto no Sindicato, quanto no Partido.

Seria importante que a PO publicasse alguns princípios.

Dia 02 de Julho

03) PLENÁRIO SOBRE O PROJETO POLÍTICO-SINDICAL DA CLASSE TRABALHADORA

A PO não é uma tendência (não tem tática, projeto definido).

- Mas como os outros nos vêem?
- Isso é uma evidência a nível nacional, mas a nível local encontramos pessoas concretas, situações concretas.

A PO não tem uma posição política partidária única.

Mas de fato a PO está fechando muito com a proposta do PT e da CUT.

Podemos apoiar tal situação política ou sindical, numa conjuntura precisa, num certo momento, mas não ser amarrado.

De fato, outros partidos, outras centrais sindicais não correspondem às exigências.

O papel da PO.

Não compete a nós definir.

A PO é espaço onde se discute porjeto político-sindical, à luz da fé.

Levando a discussão à luz da fé, a gente começa a ter critérios.

Deste jeito a PO tem papel crítico a partir da fé, tendo claro o proje - to de Deus.

Pensar a PO com um nível de abertura:

Ajudar o trabalhador a ter um partido.

Abertura aos trabalhadores que já têm um partido, uma posição.

Isso exige saber conviver com opções diferentes.

O ponto de convergência é a fé - que vai ser mais complicador.

Trabalhadores cristãos foram puxados pelas tendências, pelas práticas místicas, devocionistas.

A PO pretende desenvolver uma fé histórica dinâmica, que vai ser ponto de critério e dicernimento.

Isso é um compromisso, e de sempre aprofundar a nossa fé.

Também a PO, tem que reunir os militantes para discutir as ten - dências dentro da CUT e do PT, e não se substituir ao partido, nem ao sindicato. Ficam a serviço do Povo de Deus, a serviço da vida.

Em relação ao projeto político-sindical, dois pontos ficam abertos para uma discussão maior.

- Basta dizer que o projeto político da classe trabalhadora está se construindo? como avançar?
- Falamos de tendências. Tentar aprofundar os projetos explícitos ou implícitos atrás das tendências... e aprofundar quem somos.

04) PROJETO DOS TRABALHADORES EM RELAÇÃO À IGREJA

Refletimos sobre o desligamento dos militantes, devido:

- a um grande envolvimento nas organizações
- à atitude de "rejeição" da comunidade cristã
- afastamento por atitude crítica.

Às vezes o pessoal busca na PO um projeto de sociedade que não compete à Igreja.

Na Igreja se veicula facilmente o conceito de política como su - jeira. Precisa destacar o lado positivo do político.

Somos convencidos que o trabalho é a chave da questão social. Mas a Igreja é muito ligada a uma cultura "agrária" ou ao menos pré-in - dustrializada", não entende bem os conflitos dentro do trabalho, a pri - mazia do trabalho sobre o capital.

Inclusive as estruturas da Igreja, não correspondem à problemá - tica urbana e do trabalhador industrializado, automatizado.

Precisa elaborar uma teologia do trabalho, no sentido bíblico e eclesial.

Precisa também, superar o reconhecimento interno: hierarquia- ba se.Conceber o poder na Igreja, como autoridade de serviço e não de domi- nação.

A PO deve ter uma abertura ecumênica, mas não perder a identi - dade de PO.

05) O PAPEL DO AGENTE DA PO NO CAMPO ECLESIAL E POLÍTICO-SINDICAL

a)- No campo eclesial:

- Possibilitar a conversão da Igreja para a consciência de classe, abrindo espaço para os trabalhadores terem poder e direitos na Igreja, e abrir espaço para o debate e aproximação dos militantes "afastados".

- Ajudar os colegas a descobrirem a novidade da evangelização no contexto sócio-político-econômico - o trabalho como chave da questão social.

- Não camuflar os conflitos sociais que perpassam inclusive à Igreja, nem servir de pelego que amacia, mas ter clareza do conflito e da fé recebida pela Igreja.

- Ser marco referencial de uma Igreja profética, e incentivar a mudança estrutural da Igreja no que tange aos seus vícios.

- Evitar o perigo de a PO ser uma pastoral paralela à comunidade, e reforçar o modelo de comunidade e pastoral de conjunto, explicitando no seu interior, a chave de todos os conflitos sociais.

- Facilitar a ligação com a hierarquia.

- Ajudar a ver a Igreja como Igreja de trabalhadores e levar os trabalhadores a ocupar o seu espaço na Igreja.

- Articular os agentes para discutir o projeto político e sindical.

- Papel dinâmico que leva em conta a horizontalidade e a verticalidade do projeto de uma nova sociedade.

- Em resumo:

  . Abrir espaço para o trabalhador e colocar a abertura da Igreja a seu serviço.
  . Favorecer a conversão e ajudar aos colegas a assumir a caminhada.
  . Desenvolver uma teologia do trabalhador e uma espiritualidade do trabalhador.

b) No campo político-sindical:

- Estruturar e incentivar a formação sobre o projeto político e sindical, as tendências, confrontando-o com o projeto de Deus. Um estudo que ajude a descobrir critérios.

- Ajudar a criar grupos de referência, para militantes poderem confrontar o seu projeto político e sindical.

- Ter uma posição clara em relação à política e às concepções sindicais, e ao mesmo tempo saber relativizar os projetos, desmascarando a ilusão do sistema como imagem do Reino de Deus.

- Em resumo:
  . Grupos de referência para militantes e instâncias, para a turma se encontrar.
  . Incentivar a promoção e descobrir critérios.
  . Estudar como anda o movimento político e sindical.

c)- Características:

- Ser animador com os operários, sobretuto companheiro, namedida em que faz os trabalhadores serem sujeitos da PO.
- Ser presença na prática (engajamento) e instância crítica para a própria ação.
- Identificar-se com o mundo do trabalho, ser flexível, mais irmão do que eclesiástico.
- Ter um compromisso mesmo, com Cristo e os trabalhadores.
- Ser atento - "fala, teu servo escuta", e a partir disso, confor - tar os irmãos na fé.
- Respeitar a caminhada dos novos, não queimar etapas.
- Estar atento e vigiar-se a respeito da tentação do poder.
- Ter consciência de não ser uma tendência dentro do movimento po - lítico e sindical, nem dentro da própria Igreja, mas propiciar um espaço ecumênico.
- Ajudar os trabalhadores a descobrirem um compromisso de fé e fa - zer ecoar a vôz do trabalhador, para dentro da Igreja.

Portanto,o agente da PO se caracteriza por ser animador, compa- nheiro, identificado com a luta dos trabalhadores, flexível, dinâmico , pessoa de fé, respeitosa das etapas, que tem postura de serviço e que usa o poder que lhe é atribuído para garantir o poder àqueles a quem lhes é negado.

d) Outras considerações:

O papel do agente é ligado a uma concepção de pastoral:

- Antes do Concílio Vaticano II, Pastoral era aplicação do Direito Canônico Litúrgico. Era eclesiástico - o sujeito era o clero.
- No Concílio Vaticano II, apareceu na teologia francesa, o termo e- clesial.

O sujeito da Pastoral, é o corpo eclesial, o Povo de Deus. Nas- ceu uma Pastoral "eclesial" que é realização da vida - onde os sacramen tos são entendidos com os sinais de VIDA.

Hoje quando se fala de PAstoral Operária, se trata de uma cami- nhada, de uma luta. O sujeito é o trabalhador. Dentro disso, tem agen - tes, clero e trabalhadores.

Trata-se de uma "Gênesis" da Igreja, de uma eclesiogênesis, de uma Igreja em processo de nascimento.

Neste contexto, fazer Pastoral não é acrescentar número de pessoas na Igreja ou na PO? Ou fazer nascer a Igreja de novo?

Hoje convivem os três níveis de Pastoral (em cima).

Nosso modelo de Igreja, é construir uma Igreja profética libertadora a partir da Classe Trabalhadora.

A Igreja é instrumento para o Reino.

Precisamos ter visão de uma Igreja de amanhã.

Vivemos esta perspectiva em situação de conflito...

Às vezes, em comunidades de base que têm o nome mas não vivência de CEBs.

Vivemos a tensão de construir uma sociedade socialista, que não pode se acomodar numa igreja atrazada.

Criar um espírito comunitário, é promover a conciência de classe e não esconder os conflitos.

Dentro de nossos esforços, para que nasça esta Igreja, nunca nos esquecermos da dimensão de Igreja - Mistério.

V. PALESTRA DE MARCOS ARRUDA - METODOLOGIA DE PRÁXIS

Trabalho é toda ação transformadora no mundo.

Além do trabalho produtivo, falamos em trabalho intelectual, político e até mesmo espiritual.

O nosso grande desafio, é superar o divórcio entre a prática e a teoria, na dupla relação de trabalho: exploração e alienação; o divórcio entre a prática produtiva do trabalhador e o pensar o trabalho e a si mesmo com uma cabeça alheia.

Para superar esse divórcio, é necessário transformar as bases do sistema capitalista, o tipo de estado, as relações sociais e sistema competitivo... e isso implica um envolvimento dos sujeitos privados de sua produção, superando a sua consciência espontânea.

A filosofia da práxis ou metodologia de práxis, quer evitar o mecanismo da PTP (Prática-Teoria-Prática), mostrando que, no momento em que se está criando, também está teorizando, conforme ilustra o desenho.



A tarefa do educador popular, é ajudar os trabalhadores a irem além de sua conciência espontânea, para irem à essência do real.

O real não se apreende espontaneamente, não é o anel imedido, mas o movimento do conjunto de anéis.

Não se trata também de simplesmente transmitir o conhecimento universal, mas, em atender esse conhecimento como um processo dinâmico

que só é apreendido quando é recriado, quando se ajuda o trabalhador a pensar (teorizar) a sua prática transformadora.

Com isso não se exclue o conhecimento universal acumulado, mas se relativiza o conhecimento em vista da valorização da própria prática.

Nesse modo de conhecer a aprendizagem e o conhecimento, está embutido um novo projeto de sociedade, um projeto de participação democrática criativa.

Deste modo, a maneira de transmitir o conhecimento é tão importante quanto o próprio conteúdo a ser transmitido.

Como estão, ir além da aparência do real? ou como teorizar a própria prática?

Em termos simples, o como fazer se resume em partir daquilo que já se conhece para ir além disso, ou seja, criar a oportunidade para o trabalhador ir descobrindo ou redescobrindo os conhecimentos universais, acumulados a partir da própria vivência. É trazer a prática para dentro do momento teórico.

Esse processo se dá em cinco passos:

1º - O 1º passo é determinar os objetivos do trabalho teórico, os objetivos específicos que sempre fazem parte de um objetivo maior, mais geral.

Se trazemos a prática para dentro do momento teórico, já estabelecemos o conteúdo; se a finalidade é uma nova prática, já temos o objetivo.

2º - O 2º passo é a descrição da realidade e fazer as pesquisas necessárias.

O ponto de partida é a pesquisa daquilo que o trabalhador já sabe, o conhecimento externo ao imediato da prática.

Ali entra a pesquisa de outros estudos e teorias, para descrever a realidade (a história, a estrutura e a conjuntura da sociedade, as ciências...).

A descrição é o recolhimento das evidências.

3º - O 3º passo é a criação do método e de conceitos, para fazer a análise posterior. Isto é, diante das evidências da descrição, criar um método que dê conta de sistematizar a realidade, e criar ou adotar conceitos que possam explicá-la.

4º - Só aí se entra no trabalho de análise. Não basta estabelecer os avanços e recuos. É preciso perceber a complexidade das contradições e conflitos, presentes no sistema capitalista, que é simultaneamente, libertador e opressor...

É o momento de decompor os dados; o trabalho de análise, que é muito mais do que simplesmente soma das partes.

5º - Síntese - Descobrir os elementos essenciais que caracterizam a complexidade da situação, para assim extrair os elementos básicos para a ação transformadora.

Foi feito um rápido cochicho, donde emergiu uma pergunta básica: A relação desse método com o Ver, Julgar e Agir. A queixa da falta de tempo para tratar o assunto era unânime.

Manifestou-se fortemente, o desejo de fazer um curso aplicando a metodologia em cima de um objetivo determinado.

A relação do método VJA com a metodologia da práxis

O nome é secundário. Importa como é usado o método, que prática está por detrás e que nome o exprime melhor.

VJA tem sido aplicado de uma forma dialética? Dá para ser dialético, a partir de uma determinação da cabeça?

Há várias maneiras de ser dialético: a partir da idéia (Hegel) ou a partir do que está aí, a realidade.

Construir a história, é aprender a lidar com a realidade que em si já é dialética. Isso que é dialética: a maneira de ser, da própria realidade. Ela é multidimencional, complexa; um conjunto de elementos que se confrontam. É assim que se constitue a história - de luta e de movimento.

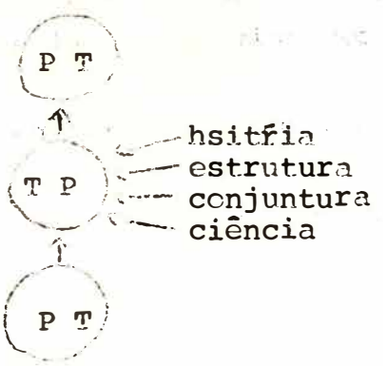
O VER deve ser esmiuçado. Deve-se ver também, o que está em volta, estudar o que outras pessoas viram e como explicam a realidade.

O JULGAR se faz a partir de princípios aplicados em qualquer situação. Ora, os critérios podem ser bons para uma situação, mas não necessariamente para outra.

O AGIR não se pode limitar a titudes de ação e a decisões. É necessário fazer um planejamento de ação, medir as próprias forças, avaliar as forças inimigas.

O trabalho na linha de metodologia da práxis, ajuda a ir mais fundo no método VJA. É um instrumento de trabalho para todas as atividades, até mesmo para a vida pessoal, porque é uma maneira de lidar com o real que nos apresenta de maneira obscura e escondido. É um método que vai além de uma proposta de atuação política, É uma maneira mais coerente de lidar com o real, em vista de transformá-lo.

A principal fonte é a prática (P). Nela já está embutido uma teoria (PT). A teoria faz parte de um processo contínuo. Nela está presente a prática (TP). Por isso não dá para fazer só prática teórica (Altusser). Neste momento de teoria, entram os oustros estudos, que na verdade são teorizações de outras práticas, mas estas não são o determinante. A fonte principal é a prática. Veja a representação esquemática.



A prática denota o aspecto laborativo da práxis, e conota uma teoria que dá sentido à práxis, ou seja, mostra a prática e indica uma teoria que deu origem a essa prática.

A teoria denota o aspecto teórico da práxis e conota uma prática sobre a qual se teoriza. Põem em evidência a teoria que se faz sobre a prática.

Por isso que a própria leitura que se faz de uma prática, nuca é neutra. Se fazemos a leitura a partir da ótica da classe operária, é diferente do que fazê-la a partir da ótica da burguesia.

VI. MENSAGENS

01) MENSAGEM DE D. CLÁUDIO

Durante as grandes greves do ABC em 79, foi indagado pelos jornalistas -"Depois deste movimento da Igreja, você acha que as Igrejas vão ficar mais cheias de trabalhadores?"

"Seria vergonhosa esta preocupação.

Não se trata de interesse proselitista, mas colocar a Igreja a serviço dos trabalhadores. Se trata de a Igreja sair de si mesma e estar no meio dos trabalhadores".

A PO é uma presença da Igreja no meio dos trabalhadores, porque o Reino tem que acontecer no mundo, não dentro das paredes

É importante para se orientar como agentes de pastoral: - Não imaginar a PO em si - Nós temos a PO e a Igreja continua a mesma.A Igreja tem que se confrontar com isso...

O trabalho é um elemento decisivo na sociedade. Não posso ignorar isso. A questão é de uma evangelização global - no conteúdo das celebrações, etc.

Como trabalhar isso dentro da Igreja?

A gente tem que ter um amor muito grande para com a Igreja, para transformá-la.

Levar a Igreja para (dentro) os trabalhadores. Se eles não vierem, isso não me exime de ficar com eles.

O povo de Deus deve ser solidário com os trabalhadores. É a comprovação de nossa fidelidade a Jesus Cristo.

Na PO, a tensão entre autonomia e comunhão, alimenta nossa luta.

02) MENSAGEM DE D. VITAL

Manifestou a sua presença para expressar o seu apoio e para enriquecer-se. Disse que a PO tem muito a contribuir para uma eclesiologia.

Aparecem aqui, desafios que se transformam em sementes de contemplação.

Disse também, que a cada dia aprende a ser Bispo e Igreja.



FICHA TÉCNICA

Direção: Guy Van de Beuque
Angela Mascelani

Produção: Isabel Mascelani

Editor: Ronaldo Martins

Locução: Paulo Cesar Pereio

Câmera: Ronaldo Martins
Jonathas Costa

Sonoplastia: Guy Van de Beuque

Supervisão Técnica: João Luiz Leocádio

Iluminação: Gildenir Buequer

Operador de VT: Percival Grizente

FOTOS: **Agência F.4**
João Roberto Ripper,
Nair Benedicto
Juca Martins
Miguel Chikaoka
Clovis Sobrinho

Agência Angular
Marcos Rosa

Revista Afinal
Paulo Cezar Bravos

IAÇÃO E IMPRESSÃO: SERVIÇO GRÁFICO DA UFRJ



Foto: J. R. Ripper

"TERRA QUEIMADA DE SANGUE"
(duração: 22')
Cópias em vídeo disponíveis em:
Agências da Fase em todo o país
Rio - Tel: (021) 286 6134
SUB-REITORIA DE DESENVOLVIMENTO E EXTENSÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO - TEL: (021) 260 7629 - 260 7540 - 260 7587

Universidade Federal do Rio de Janeiro



Sub-Reitoria de Desenvolvimento e Extensão

Apresenta

"TERRA QUEIMADA DE SANGUE"



Apoio: Pão para o Mundo.
NUTES/UFRJ

"TERRA QUEIMADA DE SANGUE"

"TERRA QUEIMADA DE SANGUE" é o primeiro programa de TV da série "QUEM TEM MÉDO DA REFORMA AGRÁRIA?" que a UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO está realizando. Este vídeo apresenta a triste situação de violência contra camponeses no Bico do Papagaio. A opressão é relatada pelo Pde Ricardo Resende (CPT/Araguaia-Tocantis), por Dona Raimunda Gomes da Silva (camponesa da região) e pela presença de D. Olinda Tavares (mãe do padre Josimo, recentemente assassinado).

"A gente vive numa situação de perigo constante. Uma vez, funcionários do GETAT tentaram me sequestrar em Araguaia. E fui salvo. Não tem fórmula para se sobreviver a um atentado. Só a sorte ou um milagre".
"O processo de concentração das terras naquela região, que é uma região da floresta amazônica, tem como pano de fundo o próprio programa de governo da ditadura militar que através da SUDAN incentivou e financiou a concentração das terras".

"As mulheres vão quebrar côco. Mas junta, porque não pode andar só, tem que andar muita. E na hora que vem vindo do mato, à tardezinha, encontra na porta: Hoje a casa de vocês vão ser metralhada, vão ser queimada hoje".

"A situação é montada de forma que os crimes não podem ser apurados. Apurar um crime significa revelar uma trama, um tecido, onde figuras expressivas políticas, empresariais, do estado e da União apareceriam por trás dos crimes".

"Este grupo de pistoleiros, comandados pelo Sebastião da Terezona cometeu ano passado 40 homicídios em diversas chacinas. Ele mantinha inclusive escritório onde ele atendia e era requisitada a força policial de le".

"Eles falaram: vamos matar o pde. Josimo. Depois a gente mata estes líderes sindicais daqui, porque se a gente mata ele não tem quem vá levar denúncias à Brasília".
Ele falou comigo no dia em que morreu. Passou na minha casa, parou a Toyota e eu encostei lá onde ele ia sòzinho para Imperatriz".

"É doído, é doído. A gente viver e crescer num país tão grande e não ter direito nele. Terra é vida e sem terra nós não vive. Aonde se vê terras e mais terras por aí e o trabalhador morrendo de fome não pode entrar e tirar um pedaço de pau siquer para construir sua própria casa".

"Só presta pra nós se nós ser unidos e ficar gritando. Gritando mesmo Talvez com o barulho da nossa voz, eles vão nos atender.
Porque se nós ficar calado, não vai."

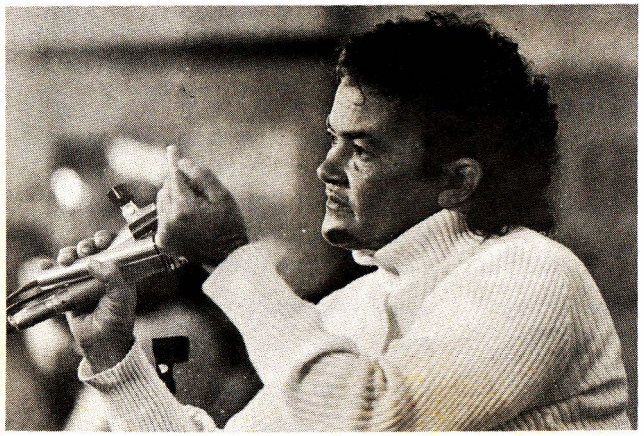


Foto: Rogério Carneiro

Draft 3 26 July 1994

World Bank NGO Working Group

Work Plan 1994/95 to 1996/97

1. OBJECTIVE

To promote, facilitate and support a strategic dialogue on policy issues at the level of the World Bank HQ.

- communicating real experience to World Bank via case studies and less structured information flows
- monitoring the implementation of World Bank policy and practice in the field
- challenging generalisations made by the Bank
- pushing out the boundaries of World Bank thinking

A secondary objective is to promote, facilitate and support the dissemination of information about policy issues, and capacity building amongst NGOs in the "South".

2. THE POLICY AGENDA

2.1 Poverty and the Bank's vision

The Working Group will prepare a paper reflecting on the 50th anniversary, to present to the World Bank around the 1994 Annual Meeting. Marcos will prepare the first draft by end-July. Thereafter the Working Group will anticipate and engage in macro policy debates emanating from the 50th anniversary discussions on development paradigms.

2.2 Popular participation

2.2.1 Programme case studies

Methodology
Paul N to produce 1-2 sides summarising why monitoring is important, what and how to monitor, lessons so far, by 15/7/94.

Bangladesh Flood Action Plan
Complete and already discussed with WB. Discussion to be followed up.

Planafloro, Brazil
Underway, Oxfam-UK/I coordinating; draft report ready mid-July; workshop in Brazil.

Janasaviya Trust Fund, Sri Lanka
CAA coordinating; will happen after Nov 1994.

Social Investment Funds in Central America
APRODEV (EZE) coordinating, with ALOP. Summary of findings by 15 July.

New case studies:
Members are canvassing opinion in their region, and may select additional studies, according to the Working Group's criteria. One possibility is the Lesotho Highland Water Project (APRODEV - Christian Aid).

2.2.2 National level case studies/initiatives:

India and then other Asian countries and Mexico
PRIA and IDR jointly planning, for 1994-6, to strengthen NGO network capacity to monitor WB policy implementation.

Eritrea - participation in structural adjustment
Inter-Africa Group; 1994/5/6

CIDSE - participation in country strategy: to monitor/evaluate participation in 3 or 4 national policy debates related to World Bank.

2.2.3 Central initiatives

The WG has already commented on the World Bank's Participation Report.

Members will comment on chapters of the Bank's Participation Sourcebook, when the Bank provides drafts.

2.3 IDA monitoring

Working group members working in 5 or 6 selected IDA-eligible countries will promote local NGO monitoring of IDA country portfolio and programmes and national dialogue with World Bank. It is hoped this will include ORAP for Zimbabwe, FACS for Nicaragua, CIDSE for Vietnam, AKF for Tajikistan, Third World Network for Ghana, PRIA for India, CAA for Sri Lanka. The working group budget will contribute about $3 000 per programme by Southern members, as seed-money for capacity building. CWS/LWF will provide Washington back-up.

The Working Group will produce a booklet on IDA, drawing on this monitoring programme.

2.4 Structural adjustment

2.4.1 Summary booklet

A former Working Group member has been commissioned to write a 30 page booklet summarising the findings and recommendations of the three case studies (Mexico, Senegal and Sri Lanka), the subsequent discussion with Bank staff, and the resulting action points. This will then by printed as a booklet, to be ready by 15 September. [Translation into French and Spanish?]

2.4.2 **Mexico booklet**
The Working Group will jointly publish with Equipo Pueblo and Development-GAP a 44 page summary of the Mexico study.

2.4.3 **New case studies**
The process and content of new structural adjustment programmes will be monitored in Ethiopia (by Inter Africa Group) and in at least one other country (possibly Vietnam). CIDSE is setting up a programme with local NGOs to monitor the impact of structural adjustment in a number of countries, including Zambia.

2.5 New topics

In the course of the next three years, the Working Group will undoubtedly take up new topics, for which a budget allocation for seed money should be available. Two themes which are likely to feature strongly are:

poverty elimination,

and creation of an enabling environment for popular participation (what the Bank calls primary stakeholders), including promotion of favourable legal and tax frameworks for NGOs.

2.6 Inspection Panel

The Working Group will inform NGO networks about the procedures to be followed, and take a close interest in test cases.

3. CAPACITY BUILDING

The Working Group gives great importance to NGOs, especially in the "South", building up their capacity to monitor and take part in policy dialogue with the Bank and other institutions, both nationally and internationally. This requires sharing experience and networking. The Working Group expects its members to do that kind of thing. The Group may consider sponsoring an international workshops on micro/macro links.

As a small contribution to this process, the Working Group is making allowance in its budget for seed money to extend the capacity of some Southern NGO members of the Working Group to enable them to play a full role in the Working Group.

4. THE WORLD BANK/NGO POLICY PROCESS

The joint World Bank/NGO Committee meets twice a year, and the costs of those meetings are a major part of the budget. Policy

dialogue continues throughout the year between the Bank and a wide range of NGOs, in different sectors and countries. One function of the World Bank NGO Committee will be to review the list of issues expected to arise in the year ahead, and to propose priorities, methods and participants for the Bank/NGO dialogue.

5. THE COORDINATOR

The Working Group has its own Coordinator, currently based in Geneva. The functions of the Coordinator are to facilitate communication between members, and between members and the Bank; to alert members to key issues and events within the Bank; and to provide some analysis of what is important. She/he also acts as the liaison officer of the NGO-World Bank Committee, which consists of the Working Group plus representatives of the World Bank.

The present Coordinator, Marcos Arruda, is leaving in February 1995, and a new one will be recruited. At the same time, the office will be shifted from Geneva to Washington. This will save money on the recurrent budget, but the move will be a one-off additional expense. The Coordinator will have 1½ day a week administrative assistance. One day a week admin assistance will be provided to the Chair of the Working Group.

World Bank NGO Working Group

BUDGET

The budget headings below correspond to the items in the Work Plan (draft 2, . July 1994).

The basic principle is that the Working Group's agenda is built from the existing operations of its members. Therefore there is no need for the Working Group budget to bear the full costs of the various studies.

* indicates counterpart funding: that Working Group members are contributing or raising their own funds. This can be substantial - the Planafloro participation study is budgetted at $23 000, for example, and the Janasaviya one $21 000. Where a * and a figure is shown, the figure is the Working Group budget's contribution to a bigger budget.

The Working Group's financial year runs from 1 July - 30 June.

US dollars

	1994/95	1995/96	1996/97
Participation			
Planafloro	*		
Janasaviya	*	*	
S.I.Funds	*	*	
New programme case studies	*	*	*
Eritrea		* 3 000	
CIDSE	*	*	*
Other national level	*	* 6 000	* 6 000
IDA monitoring			
by members, @ $3 000	* 6 000	* 15 000	
Booklet		10 000	

Structural adjustment			
Summary booklet	20 000		
Mexico booklet	* 7 500		
New case studies	*	* 6 000	* 6 000
New topics		* 10 000	* 20 000
Inspection Panel	*	5 000	*
Capacity building	* 5 000	* 10 000	* 20 000
Two Working Group meetings p.a.	100 000	100 000	100 000
Coordinator in Geneva till 31/12/94:			
Salaries etc	64 000		
Communication	11 000		
Travel	2 000		
Rent etc -10%	8 000		
Moving and overlap[1]			
Salaries etc	9 000		
Air fares etc	15 000		
Moving office	10 000		
Recruitment	6 000		

1 The estimates here may be revised when a more detailed budgetting exercise has been carried out..

Coordinator in Washington from 1/1/95:			
Salaries etc	38 000	76 000	76 000
Communication	9 000	16 000	16 000
Rent etc	16 000	31 000	31 000
Travel	1 500	4 000	4 000
Inflation @5% per year	-	15 000	29 000
TOTAL	328 000	307 000	308 000
INCOME			
World Bank[2]	212 000	212 000	212 000
Str adj studies	31 000		
Membership fees @ $250	6 000	6 000	6 000
TO BE RAISED	79 000	89 000	90 000

SENT EARLIER BY FAX

ASIAN NGO COALITION
for AGRARIAN REFORM and RURAL DEVELOPMENT, LTD.

ANGOC REGIONAL SECRETARIAT
14-A ELEVENTH JAMBOREE STREET
BARANGAY SACRED HEART
KAMUNING, QUEZON CITY 1103
METRO MANILA, PHILIPPINES

Postal Address: P.O. BOX 3107, QCCPO 1103,
Quezon City, Metro Manila, Philippines
Cable: ANGOCARRD, Manila; Telex 67772 ANGOC PN
Electronic Mail: ECONET: angoc
Tel. Nos: (63-2) 963315 / 979019 / 9215122
Fax: (63-2) 9215122

OC-94- 0708
fileref: wb-ngo

11 JUL 1994

TO : PAUL SPRAY/ Christian Aid
Fax: (~~44-71~~) 620 0719

FROM : TONY QUIZON/ ANGOC
Fax: (632) 921 5122

RE : WB NGO Working Group Work Plan and Budget

DATE : 6 July 1994 PAGES: TWO (2)

Dear Paul,

Here are some feedback on the Work Plan and Budget. As we faxed you earlier, we received the draft by post too late to meet the June 30th deadline for comments.

1. Upon review, the overall programme framework looks fine and realistic. We note that the proposed budget has been considerably scaled down from the original, and perhaps into more realistic figures based on the meetings in Geneva. I understand that the overriding concern of the Working Group has been financial, hence the need to scale down. However, some of the figures seem too small, and may need adjustment, after a more detailed budgetting is done.

2. Regarding items with (*), I understand that these are existing operations of Working Group members, which are considered part of the work program. Perhaps they could be listed down as counterpart financing in the actual proposal.

3. To give substance to one of the stated objectives (i.e. "pushing out the boundaries of World Bank thinking"), perhaps we need to anticipate (and provide some support for) the kind of macro policy debates that will likely emanate from the ongoing NGO Campaigns on the 50th Anniversary of Bretton Woods. Can we list this as a separate topic under the Policy Agenda?

On this, the WG can support the anticipated macro debates on development paradigms and similar topics that will likely emerge. Perhaps, the WG could make available seed funding or other forms of support for pro-active, forward-looking initiatives such as case studies on alternative people's funding mechanisms, or organizing people's forums, strategy sessions and the like. Also, the WG could organize one-day forums immediately prior to the WB/NGO meetings, and invite some resource person to help

broaden perspectives. These are small efforts, yet the macro policy debate must be included in our purview.

4. Finally, re capacity building, I should just like to mention that there are similar campaigns and ongoing policy dialogues being done with the regional MDBs, i.e. ANGOC's work with the Asian Development Bank (ADB) over the past seven years. A critical constituency of Asian NGOs has been engaging the ADB in policy debates. There are also national-level initiatives.

I would just like to explore one idea I have. Would it be worthwhile to bring together the different existing MDB campaigns (i.e. on the WB, ADB, AfDB, and IADB) in one strategy session? This could enhance NGO capacities and MDB campaigns at the international and regional levels by, i.e.:

-- Coming up with a common framework, and situating these various NGO initiatives as a common international effort;
-- Discussing/sharing campaign strategies and approaches that work;
-- Using specific policy reforms in one MDB as a lobbying point for another. In ADB, for instance, one key policy change in the Bank has been a policy target of a 50:50 Bank lending portfolio between (a) "traditional growth projects" and (b) "socio-ecological impact projects". This, for example, could be posed as a challenge to other MDBs for reforms. Place MDBs in competition with each other.

This last point is just for the WG to think about. Meanwhile, under separate cover, I am mailing you a copy of "Bankwatch", which contains a report of our NGO lobbying work at the 27th ADB Annual Meeting last May in Nice, France.

Best wishes and regards. Appreciate all your work and effort in putting this draft proposal together.

Yours Sincerely,

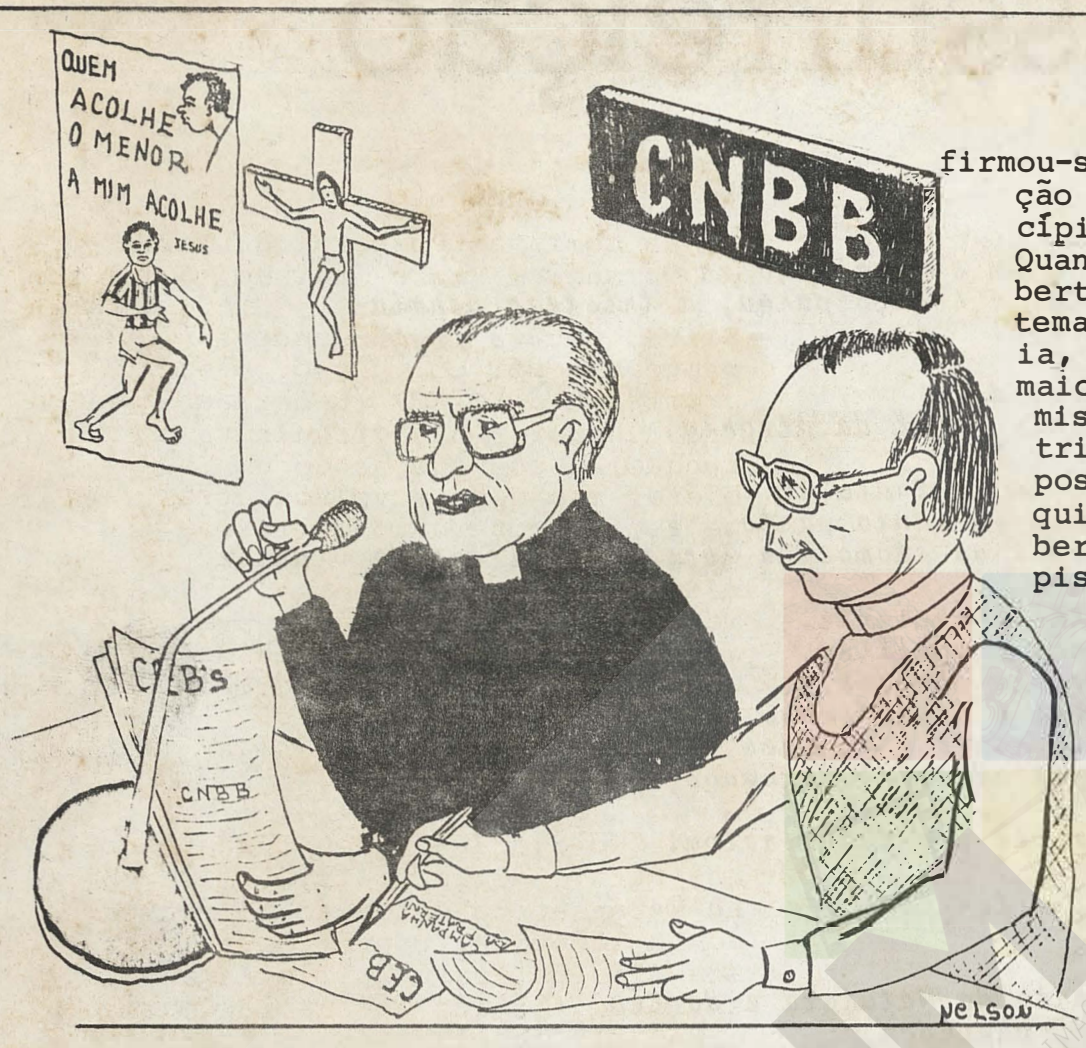
Antonio B. Quizon

ANTONIO B. QUIZON
Executive Director

P.S. Please note our new address and contact numbers:

ANGOC Regional Secretariat
14-A, 11th Jamboree Street
Barangay Sacred Heart
Kamuning, Quezon City 1103
Metro Manila, Philippines

Tels: (632) 993315 / 973019
Fax : (632) 9215122
Telex: 67772 ANGOC PN



assembléia geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil(CNBB), realizada em Itaici, município de Indaiatuba, a 99 Km a noroeste de São Paulo, de 22 de abril a 1º de maio último. O tema central da assembléia foi a "Avaliação global da caminhada da CNBB e a definição de diretrizes pastorais para o próximo quadriênio", com ênfase ao acompanhamento do Congresso Constituinte, na atuação dos leigos na Igreja e no mundo (tema do próximo Sínodo dos Bispos, no Vaticano, em outubro), na educação, no ecumenismo e no crescimento dos novos movimentos religiosos no país.

Nos dez dias de trabalho, em Itaici, vale também destacar, como pontos altos, a divulgação da mensagem pastoral ao povo brasileiro, a definição da proposta constitucional da CNBB, a síntese sobre o último guadriênio, a partir das bases, oferecendo pistas para o próximo período 1987/1991, além da reafirmação de posições da CNBB sobre a reforma agrária e a questão indígena, entre outros temas.No relacionamento com o Vaticano, reafirmou-se a linha de colaboração mútua baseada no princípio da subsidiariedade. Quanto à Teologia da Libertação, não constituiu tema na pauta da assembléia, mas na reeleição da maioria dos membros da Comissão Episcopal de Doutrina indica que a linha positiva,em favor da pesquisa teológica com liberdade, prevalece no episcopado brasileiro.

Além da nova presidência, foram eleitos para a Comissão Episcopal de Pastoral, um dos organismos executivos da CNBB, os bispos d. Marcelo Pinto Carvalheira , para a linha 1 -leigos - d.Jayme Henrique Chemello,para a linha 1- ministérios ordenados,d.Joaquim Vicente Zico, para a linha 2-ação e animação missionária, d. Walter Bini, para a linha 3 - catequese e setor educação da linha 6 - d.Clemente José Carlos Isnard,para a linha 4 -liturgia, d.Aloísio Sinésio Bohn, para a linha 5 - ecumenismo, d.Afonso Felipe Gregory, para a linha 6 - ação social e d. Serafim Fernandes de Araújo, para a linha 6, Comunicação Social. O antigo presidente,d.Ivo Lorscheiter,representará a CNBB junto ao CELAM, tendo d.Benedito Ulhoa Vieira como Vice-presidente. O Conselho Fiscal será formado por d. Antônio Pedro Misiara e d. Raymundo Damasceno Assis. Para a Comissão de Doutrina, foram eleitos d.Aloísio Lorscheider,d. Valfredo Tepe,d.Cloves Frainer (reeleitos), além de d. Fernandes Figueiredo e d.Eusébio Scheid, tendo, na suplência, d.Angelo Salvador e d. Vital Wilderink. O bispo auxiliar do Rio, d.Karl Romer , não foi reconduzido à CEP.

ressurreição

É Madrugada. Há um silêncio no ar.
Por um instante, o soluço parou, a tristeza dormiu
e o pranto cessou!

Na barra do novo dia
brilha sorridente o sol da alegria.

O ventre da terra contraiu-se
a natureza gemeu em santo parto,
reuniram-se todos os átomos da força energética da vida...

O Pai é o parteiro presente.
Anjos e mulheres o auxiliam.
Os guardas, homens armados,
cochilam frágeis e inofensivos.
Poderosos - sacerdotes, Herodes, Pilatos...
com o remorso do crime no estômago, sofrem pesadelos.

O túmulo rompeu-se e a pedra rolou!

Eis que de pé, vitorioso,
renasce Jesus!

Do infinito parto da Natureza e do Céu
ressurge livre, vencedor
o Filho Amado
ontem matado e enterrado.

Termina, enfim, a teima cansativa entre o homem e seu criador.
Alguns lençois, placentas inúteis, restos da morte que agoniza,
faixas manchadas do pecado vencido
voam pelo ar, no chão em festa, feito jardim
por onde passeia sorridente
o jardineiro imortal.

Tudo é surpresa e espanto,
tudo é certeza e encanto.

Os convidados e seguidores cantam as alvissaras,
Maria, a mulher símbolo,
suspira aliviada e segura.
Uma lágrima feliz terá corrido rápida,
fazendo ponto final, no seu papel genial.
Por ela somos benditos também, quem não diria Amém?

Enquanto os filhos da morte
envergonhados, insistem em combater:
de boca em boca, de casa em casa, de nação em nação,
corre veloz a notícia feliz: "Jesus Ressuscitou!!!"

Quem crê, saia depressa, correndo
atrás de Madalena, de Pedro, de João...

A vitória será sempre da VIDA!
E cada esforço, cada luta, cada gota de sangue derramado
pela justiça, não terá sido em vão...

A última Palavra será: RESSURREIÇÃO!



Zé Vicente - Cratéus-CE

PAI NOSSO DE EL SALVADOR

Pai Nosso
que estás naqueles que sofrem por não ter pão
e que estás naqueles que saem e não regressam
e nos torturados e assassinados.
Pai Nosso
que estás em nós aqui na terra.

Santificado é o teu nome
nas estrelas
que brilham nos olhos das crianças
e no doce encanto de seu sorriso,
na rosa que rompe o cimento
e nos famintos
que compartilham o pão e o canto,
na força dos ofendidos e agredidos
que se entregam
para que o Amor, a Terra e a Vida sejam para todos.

Venha a nós o teu Reino,
teu Reino que é o homem criador
que com suas mãos débeis forja o destino
e com sua razão carinhosa planeja seu futuro,
o Homem capaz de amar e perdoar.
Teu Reino
que é uma terra generosa
onde abundam leite e mel,
uma terra compartilhada por todos e para todos,
onde reina a confiança e a verdade,
onde floresce a vida em toda sua plenitude.

Fazemos a tua vontade
colocando-nos de pé
quando todos estão sentados
e levantando a voz
quando todos calam,
sendo vento fresco para os que suam
e compartilhando o que falta,
recebendo os golpes destinados aos que já não resistem,
semeando confiança no solo do medo
e cultivando o flor
da compreensão e do sentimento
e a árvore da esperança.

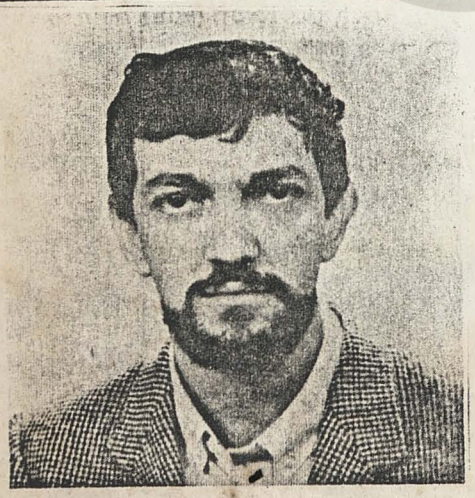
Nos estás dando hoje o nosso pão de cada dia
no canto do pássaro e no milagre da floresta.
Recebemos teu pão quando reconhecemos
a força de nossas mãos unidas
para lutar pela vida
e quando conseguimos recuperar terras
ou conseguir um salário mais justo
e o pão do consolo
na mão que se oferece
para aliviar a nossa dor.

Perdoamos
quando por não saber amar
ferimos ao amigo que queremos,
por guardar silêncio ante a injustiça
e enterrar nossos sonhos,
por não compartilhar o pão, o vinho,
o amor e a terra
entre todos e agora mesmo.

Não nos deixe cair na tentação
de fecharmos as portas por medo
e de conformarmos com a fome e a injustiça,
de adotar as mesmas armas que usa o inimigo
e de pensar que uma sociedade mais justa
já é teu reino.
Dê-nos a serenidade de manter
o riso da verdade
e a sinceridade dos olhos
quando nos ferem o coração.

Mas livra-nos do mal
que surge desde a tendência para romper
o laço carinhoso de nossa união
com intrigas e desconfiança,
que paralisa nossa busca
pelo temor ao conflito que devemos superar.
Dê-nos a tenacidade e a solidariedade
para buscar o amor,
ainda que o caminho não esteja feito,
ainda que caiamos e firamos ao irmão
e nos lastimemos nos espinhos
e ainda que morramos.
Haveremos de crer no homem e na vida
e o homem e a vida não irão nos decepcionar,
haveremos de ter conhecido o teu Reino
que está sendo construído eternamente.

Renata (Extraído de "Carta a las Iglesias",
serviço informativo do Centro Pastoral da Universidade Centro Americana)



Padre Ezequiel Ramin.

EZEQUIEL RAMIN

Missionário Camboniano, assassinado por pistoleiros em 24 de julho de 1985 em Cacoal, Rondônia.
Nesta cidade haverá naquele dia grande celebração para lembrar a Vida e Testemunho do Pe. Ezequiel.

01º DE MAIO - CELEBRAÇÃO DOS TRABALHADORES

*** LITURGIA DA PALAVRA :**

COMENTARISTA: A verdadeira origem do 1º de maio é uma data que ficou como símbolo da luta operária em todo mundo, porém pouco divulgada pelos meios de comunicação. É um dia especial em que os operários lembram para si mesmos que a luta da classe ainda não parou. Ouçamos o que nos diz a luta operária e a palavra de DEUS.

CANTO : Cristo trabalhador...

LEITOR 1: Há mais de cem anos, as Indústrias já eram bem desenvolvidas. Milhares de operários trabalhavam nas fábricas por todo mundo. suas condições de trabalho, no entanto, eram piores que as de hoje.

LEITOR 2: Nas fábricas havia um grupo de operários preocupados com a situação e seus nomes eram comuns de trabalhadores : Luiz, Vicente, João...

LEITOR 3: " *Caminhando ao longo do mar da Galiléia, Jesus viu dois irmãos: Simão(que se chamava Pedro) e André, seu irmão,que lançavam a rede mar, pois eram pescadores.Passando adiante, viu outros dois irmãos: Tiago, filho de Zebedeu, e seu irmão João, que estavam com seu Pai Zebedeu consertando as redes. Chamou-os, e eles abandonaram a barca e seu Pai e o seguiram ". Mateus 4, 18. 21-22.*

LEITOR 1: Eram poucos, mas eram filhos de uma classe numerosa: A Classe operária. Viveram nos Estados Unidos, numa cidade chamada Chicago.

LEITOR 2: Naquele tempo nos Estados Unidos, os operários lutavam para não trabalhar mais do que oito(08) horas por dia. Eles trabalhavam doze (12), as vezes até desesseis (16) horas diárias. Os operários queriam diminuir essas horas, mas os patrões não aceitavam tinha de ficar tudo como estava.

LEITOR 1: Mas a situação dos trabalhadores não dava mais para aguentar. O salário não dava para matar a fome dos filhos.

LEITOR 3: " *Vós ricos, chorai e gemei por causa das desgraças que sobre vós virão. Eis que o salário que defraudastes aos Trabalhadores que ceifavam os vossos campos, clama e seus gritos de ceifadores chegam aos ouvidos do Senhor Deus, o todo poderoso" Tiago 5. 1-4.*

LEITOR 2: Então os operários, foram aos poucos, se organizando criando comissões, associações, movimentos, apoiando Sindicatos , Fortalecendo a união de Classe.

CANTO : Não nos moverão...

LEITOR 1: Depois de muitos anos de luta, os trabalhadores conseguiram organizar uma GREVE GERAL, exigindo oito(08) horas de trabalho por dia. A greve foi marcada para o dia **01 de maio** de 1886 em **Chicago**

LEITOR 3: *" Bem aventurados os que têm fome e sede de Justiça, porque serão saciados." Mateus 5, 6*

LEITOR 2: Essa greve começou com um comício, onde os trabalhadores explicavam ao POVO os motivos de sua luta e defendiam os seus interesses.

LEITOR 1: As autoridades interromperam violentamente o comício. Muitos operários foram presos e alguns deles condenados e enforcados.

LEITO 3: *" E Jesus foi condenado e assassinado numa cruz. Ele entregou sua vida ao Pai, para que tenhamos vida plena, em abundância.*

LEITOR 2: Mas tudo isso não foi em vão, pois foram vitoriosos na conquista da jornada de oito (08) horas diárias nas fábricas e melhores condições de trabalho.

LEITOR 1: Mais tarde, estas conquistas se estenderam para outros Paises do mundo. Três anos depois, em 1889, operários de diversos Paises decidiram dedicar a data de **01 de maio ao trabalhador** para lembrar aqueles que morreram, marcando novas estapas na luta operária.

LEITOR 3: ***" Em verdade, em verdade vos digo, se o grão de trigo, caído na terra, não morrer, fica só, se morrer, produz muito fruto."***
João, 12,24

3º CONGRESSO NACIONAL DE JOVENS TRABALHADORES



TESE

JUVENTUDE TRABALHADORA E AS CONDIÇÕES DE VIDA

São Paulo, 22/23/24 - Julho - 1983

3º CONGRESSO NACIONAL DE JOVENS TRABALHADORES

CONQUISTANDO TRABALHO E JUSTIÇA

JUVENTUDE TRABALHADORA E CONDIÇÕES DE VIDA.

1. CONSTATAMOS

Constatamos que nós jovens trabalhadores, vivemos em péssima condições de vida. Geralmente moramos em bairros ou vilas nas periferias das cidade, distantes do local de trabalho, da escola e de outros serviços que necessitamos para a nossa sobrevivencia.

Dentre as dificuldades que enfrentamos no nosso dia a dia destacamos as seguintes|

A precaria dos bairros de periferia e das favelas : Os bairros - favelas e vilas mais distantes sao os mais necessitados e os menos servidos de serviços básicos como| Transporte, iluminação rede de abastecimento d'água , esgoto, Postos de Saúde, policiamento coleta de lixo, escola, calçamento, luz etc....

Os conjuntos habitacionais, construidos com recursos dos proprios trabalhadores, (FGTS e cadernetas de Poupança) através do BNH são construidos com material de 3º qualidade, atendendo ape nas trabalhadores com maior renda, uma vez que as prestações são altissimas e a seleção muito rigirosa(para ser mutuario). Assim sendo a grande maioria dos Jovens não tem condições para adquirir a casa propria.

As condições de habitação dos Jovens Trabalhadores são revoltantes e desumanas. Existe grande número de favelas e vilas, bairros clandestinos e invasões nos grandes centros que ocupam áreas que foram rejeitadas pelas construtoras, orgãos públicos e empresas privadas devido os terrenos serem acidentados, úmidos e distantes do centro da cidade. São nestes locais que a massa de trabalhadorès ergue seus barracos, nos fins de semana, em conjunto com parentes e amigos, enfrentando muitas vezes policias e orgãos públicos.

Péssimas Condições de Transporte - Os carros são super lotados, demorados, inseguros, sujos e as passagens no final do mes representam boa parte dos nossoas salário, isto significa que gastamos muito tempo em função dos transporte (ônibus, trens e metros) alem de sermos mal servidos e os preços, horários, linhas de ônibus são determinadas sem a participação dos usuário.

O aumento do Custo de Vida : os preços de modo geral aumentam muito mais do que os salários. E após o acordo com o FMI agravou-se ainda máis esta realidade obrigando ao trabalhador a viver miseravelmente. A alimentação,o vestuário, a habitação, a saúde, e outras necessidades só poden ser atendidas precariamente, ou simplesmente não são atendidas. Basta verificar quantas crianças morren antes de completar um ano d vida. Mortes causadas por desnutrição, falta de atendimento médico, etc.

Querem nos tirar até o direito de ter filhos. Alegan que a pobreza é causada pelo excesso de membros de uma mesma familia de baixa renda.

As condições de saúde - É um absurdo constatar o sofrimento dos Jovens Trabalhadores, operários e demais segurados quando necessitam do INAMPS. A política da saúde não se preocupa com garantir a saude do povo. Nada existe para previnir, o que existe é para remediar, pois grande parte das doenças são causadas basicamente por falta de alimentos, condições dignas de habitação e de trabalho. Quando procuramos um médico já estamos doentes e quase sempre somos mal atendidos, além de não termos condições de adquirir os remédios e esses não são oferecidos pelo CEME . As anostras gratis que nos são oferecidas não passam de experiencias dos grandes laboratorios.

2- FATOS QUE COMPROVAM ESTA REALIDADE

1- Em Belo Horizonte(MG) , temos favelas espalhadas por toda a cidade, onde moram milhões de trabalhadores. Muitas destas favelas estão localizadas ao longo do Rio Arrudas e todos os anos vemos verdadeiras calamidades devido as enchentes que tomam tudo, inclusive a vida dos moradores.

2- A existencia de milhares de barracos e casascujas construções estão inacabadas. As construções são feitas ao longo dos anos, contrariando muitas vezes exigencias de segurançae outras tecnicas que garantam o bem-estar e a saúde da familia, Devido os recursos financeiros serem insuficientes até o número de janelas são diminuie o reboque de fora da casa passa a ser um luxo, e o material é caríssimo.

3- O índice do aluguel foi de 98% este ano. À maioria dos trabalhadores brasileiros nao possuem casa propria. Raramente, um Jovem consegue comprar um lote ou uma casa. O valor que o aluguel representa no slário é, normalmente, a segunda despesa forçada no orçamento familiar. A primeira é a alimentação.

4- O processo do corte da gratuidade de cinema para os estudantes, dificultou ao Jovem ter acesso a uma das poucas diversões pagas que ainda era acessível nós finais de semana, uma vez tinhamos direito de pagar meia entrada, É sabido que o Jovem Trabalhador não pode deixar de trabalhar ou ir a escola para ir au cimena durante dias úteis.

5- A população de Belém (Pará) constitui cerca de um milhão de habitantes dos quais 400 mil (40%) vivem nos subúrbios. (informações reveladas pelo prefeito Said Xerfan em entrevista a Lúcio Flavio Pinto, em 4/5/83 TV Liberal.

6- De acordo com as informações divulgadas pela METROPLAN de Porto Alegre, existem no Rio Grande do Sul, 400 mil pessoas morando em sub-habitações. Só em Porto Alegre, 200 mil pessoas moram em favelas

7- O último recenseamento do IBGE mostrou que a população de São Paulo aumentou em 44% no periodo de 70/80 . Neste mesmo periodo, o nº de favelados cresceu 446%, ou seja dez vezes mais.

8- No mês de abril, em São Paulo, asaca de feijão (safra nova) foi negociada até a Cr$ 22.000,00 , o equivalente a Cr$ 366,00 o quilo (Silvio Luis Bresser Pereira:Diretor do Grupo Pão de Açucar) - Isto é de 4/5/83)

8- O índice de inflação do mês de março foi de 10,1%, o maior índice registrado desde 1964 (FSP 8/4/83).

9- O cálculo do indice de inflação nos últimos 12 meses, foi de 116 (Isto é 4/5/83). A elevação dos preços em dezembro de 1982 e março de 1983 foram as seguintes| TABELA DE 13 PRODUTOS DE PRIMEIRA NECESSIDADE

PRODUTOS	DEZ/82	MAR/83	AUMENTO
CAFÉ PÓ	840,00	1.200,00	43%
CARNE 1ª	560,00	800,00	43%
CARNE 2ª	330,00	560,00	43%
PÃO	10,00	15,00	50%
MACARRÃO	175,00	245,00	40%
LEITE PÓ	395,00	600,00	52%
MANTEIGA	1.200,00	1800,00	50%
BATATA KG	70,00	350,00	400%
ALFACE	60,00	120,00	100%
CEBOLA KG	115,00	230,00	150%

10- Os dez grandes laboratórios existentes são multinacionais.

11- A política econômica imposto pleo FMI pôs fim aos subsidios d o trigo e em apenas tres meses o pão subiu 37,2% segundo dados do DIEESE

12- Segundo z lei o gasto com o transporte não deveria ser mais de 3% e somente no Rio a passagem de metrô aumentou 7)0 por cento em seis meses; a de ônibus 66,6 por cento e o de trèm 52,1 por cento de a gasolina foi reajustada em 81,4 por cento de Janeiro a junho, e o alcool em 81,6 por cento (Globo, 10.07.83).

12- No RS existe uma experiência referente ao transporte de massa, apesar do projeto do aeromovel ser um projeto totalmente nacional, não utilizar combustivel mas, somente ar compr comprimido e não poluir, ele vem sendo constantemente boicotados pelo Ministério dos Transportes. Nos primeiros meses de experiência o aeromovel teve um período de 10 horas ininterruptas e um gasto de 3 mil e 300 cruzeiros, segundo informações de Oscar Coester, o criador.

3- C A U S A S

Ao analisarmos as causas que prejudicam a Juventude Trabalhadora e demais trabalhadores chegamos às seguintes conclusões:

A política salarial do governo tem sidocontra os nossos interesses. A cada ano que passa nossa vida se torna mais dificil em todos os aspectos. Além dos decretos que redefiniram os reajustes salariais (2.012, 2024, 2.045) outras decisões das autoridades que governam o país têm sido tambem negativas.

A tomada de empréstimos no exterior nos últimos anos para grandes investimentos do setor público como a construção de Usinas nucleares e hidrelétricas e outras obras enormes de infra-estrutura

gerando o aumento do aumento do endividamento externo.

Na condução da política monetária continua se buscando recursos financeiros no exterior para pagar dívidas assumidas no passado. Esta política monetária tem nos deixado cada vez mais pobres e inseguros. As exigências do FMI nos atinge fortemente, recaindo sobre os trabalhadores os custos do progresso que beneficiam uma minoria! Portanto o capitalismo internacional manipula o regime econômico e político.

O aumento do valor da contribuição (de 8 para 10%) do INAMPS a falta de incentivo ao pequeno produtor agrícola e a política habitacional seletiva, incapaz de resolver o problema de habitação para os trabalhadores, são algumas das causas de nossos sacrifícios.

Todas estas causas vêm fundamentalmente do modo de produção capitalista em que vivemos, que se baseia na concentração e acumulação de lucros nas mãos de uma minoria, em detrimento das necessidades da grande maioria da população.

A existência de grande concentração de terras no campo e na cidade de alguns poucos proprietários, que gera o exôdo rural e do aumento de favelas.

Grande número de mão-de-obra de reserva e o baixo salário.

A política de industrialização não voltada para a agricultura e para os interesses populares.

Falta de uma reforma agrária.

Especulação imobiliária nos centros urbanos.

O povo encontra muitos dificuldades em organizar-se e impedido de participar nos destinos do país e em tudo o que lhe diz respeito.

Os meios de comunicação representam os interesses da classe dominante, alienando e instalando na classe operária os valores da burguesia.

A centralização dos impostos à nível federal dificulta os municípios e estados ou investir em obras de infra-estrutura, além de aumentar a dependência do poder central.

4. CONSEQUÊNCIAS

Os depoimentos de jovens trabalhadores mostram como a situação descrita reflete nas suas vidas:

1-"Ganho salário mínimo, nunca sobra dinheiro, pois temos que gastar com transporte, aluguel, comida, roupa, remédios, escola, luz, água, e prestações. Estudo à noite, vou direto do serviço para a escola. Quando chego em casa estão todos dormindo!

2-"Eu vejo no hospital onde trabalho a frequência com que os médicos visitam os pacientes particulares, enquanto os de INPS ficam somente aos cuidados das auxiliares de enfermagem ou atendentes."

3- "Minha casa é pequena, tem dois quartos e uma cozinha. É tudo muito difícil e sinto que isso influencia no relacionamento!

da família, porque cria um clima de insegurança e de revolta muito grande."

4. "Moro num bairro de periferia com minha família. Somos em oito contando pai e mãe. Sou o único filho que trabalha, além de meu pai. Trabalhamos perto do centro e temos que pegar dois ônibus."

Podemos mencionar como consequências que afetam a juventude trabalhadora, o fato de ficarmos marginalizados no trabalho, no acesso a informações, ao lazer, afetivamente, enfim, em tudo aquilo que temos direito enquanto pessoa, mas que de fato nos é negado.

As condições de trabalho desfavoráveis que geram esgotamento físico do jovem dificultando a sua organização na escola, no trabalho e no bairro. As pessoas tornam-se escravas do trabalho, individualistas, agressivas, inseguras e desvalorizadas. Até mesmo em casa o relacionamento familiar passa a ser negativo, não havendo diálogo entre os pais e irmãos.

Devido o salário ser baixo muitas necessidades básicas não são atendidas. Os meios de comunicação de massa procuram incutir no jovem trabalhador mensagens para que ele consuma mercadorias secudárias. Ele passa a ter aspirações que não pode realizar gerando conflitos, frustações e até mesmo desvio de sua conduta.

Grandes são os índices de doenças mentais e nervosas entre os jovens trabalhadores e casos de prisão por roubo, estupros, drogas, etc..

A falta de materiais escolares, roupas, calçados, remédios, assistência adequada à saúde, alimentos, habitação, transporte, formação profissional, emprego, creches, lazer, etc.. gera inconformidade e revolta.

O jovem trabalhador pois por mais simples que ele seja, ele percebe que a sociedade é muito desigual e opressora. Nada está organizado para que o jovem se realise na vida e dê respostas à sua criatividade. Conqequentemente, a miséria, a morte prematura, o uso dedrogas, o alcoolismo, a violência e toda sorte de distorçõespassam a comprometer sua vida.

5. REINVIDICAÇÕES

5.1. REINVIDICAÇÕES ESPECÍFICAS DOS JOVENS TRABALHADORES

1. Passe livre para o transporte do jovem trabalhador desempregado (passagens de ônibus, trens, metrôs) por um ano.

2. Que a Igreja e Pastoral de juventude trabalhem mais, apoiando aos Jovens Trabalhadores, de acordo com a sua realidade.

3. Que o jovem trabalhador tenha voz e vez e que os seus direitos sejam respeitados.

4. Que a empresa facilite o passe para o transporte do jovem trabalhador-estudante.

5.2. REINVIDICAÇÕES GERAIS

Quanto à transportes:
-Aquisição de mais ônibus por parte das empresas.

- Ampliação dos horários de ônibus a fim de atender os usuários.

- Passagens especiais para o trabalhador com subsídios do estado e empresas privadas cobrindo pelo menos 50% do preço da passagem.

- Implantação de transporte próprio nas empresas com mais de 100 ' empregados, sem despesas para os trabalhadores que aí trabalham e que estas sejam fiscalizadas.

- Introdução de ônibus circulares, ligando os bairros evitando perca de tempo dos usuários.

- Construção de ciclovias, proporcionando ao trabalhador alternativas de transporte (bicicleta).

-Estatização das empresas de Transportes e a criação de meios que solucionem os problemas do trabalhador levando em consideração a realidade local.

- Participação das organizações populares (associações, grupos de base e cooperativas), nas decisões que afetam o transporte coletivo.

- Que seja dada preferência ao transporte ferroviário que tem um custo menor que o rodoviário.

2. ALIMENTAÇÃO:

- Criação de um sistema de transporte que garanta o escoamento da produção até os locais de consumo anulando o atravessador (intermediário) que normalmente contribui para aumentar os preços dos / produtos. Congelamento de preços de gêneros de 1ª necessidade.

- Instituição de lei que proíba o estoque de gêneros alimentícios.

3. SAUDE:

- Que a cacex não considere supérfluo o material usado no tratamento dentário.

- Melhoria do atendimento médico do INAMPS, com postos nas periferias das cidades.

- Subsídio de remédios aos trabalhadores através do INAMPS, de forma mais ampla que o existente atravéz da CLME.

4- SALÁRIO - CUSTO DE VIDA:

- Aumento real dos salários, sem aumento geral dos preços.

- Que as autoridades competentes alterem a política salarial , de acordo com os interesses dos trabalhadores.

5. HABITAÇÃO:

- Retirar o plano seletivo do BNH, que seja voltado aos interesses dos trabalhadores.

- Legalização da posse da terra de todos os favelados e reconhecimento das vilas e bairros clandestinos pelas prefeituras a fim de gozar dos mesmos direitos de um bairro regular.

- Que o aluguel e as prestações de casas próprias sejam cobrados de acordo com os salários dos trabalhadores (% por porcentagem).

16. MEIOS DE COMUNICAÇÃO:

- Que na programação das emissoras de TV, seja priorizado aspectos culturais que contribuam para a formação dos jovens e da população; que a programação da TV educativa tenha participação do trabalhador.

7. IGREJA:

- Que a Igreja coloque em prática a sua opção preferencial pelos pobres e apoie as organizações dos trabalhadores nos bairros, como as CEBs, grupos de jovens, movimentos, etc.

8. MEIO RURAL:

-CUMPRIMENTO DO ESTATUTO DA TERRA

- Terra para quem nela queira trabalhar, com escolas, assist. - médica, crédito rural subsídio e demais serviços que apoiem a produção e a comercialização.

9. Implantação de áreas de lazer (públicas) dirigidas pelos moradores do bairro.

10. Eleições diretas paratodos os municípios com autonomia para os mesmos.

11. Que volte a vigorar a meia entrada do estudante trabalhador nos cinemas.

12. Que se abra frente de trabalho nas vilas e favelas absorvendo a mão-de-obra desempregada.

13-Criar um órgão de fiscalização composta por trabalhadores para / controlar as verbas da construção da casa própria.

14- Que não seja cobrado tx. de luz, água, e passagem de transporte ao trabalhador desempregado.

15- Que se cumpra o que está no curriculum escolar sobre prevenção de acidente, doenças e noções de higiene.

16- Que os candidatos políticos não venham viditar os trabalhadores só nos tempos de eleições.

6. PROPOSTAS DE AÇÃO:

1. Que nósJOVENS TRABALHADORES formemos grupos nos bairros e nos integremos com outros grupos de trabalhadores, organizações, apoiando manifestações populares, conscientes das ações que iremos participar.

2. Ciação de meios organizativos, como movimentos contra a caristia , comissão de desempregados áreas de lazer, teatro arte popular, cines e clubes.

3- Que o jovem não tenha medo de se organizar e aprofundar cada vez mais seus estudos sobre seus problemas diarios .

4- Que o 3º Congresso da juventude trabalhadora se dirija a todos os rssponsaveis pela situação por nós denunciadas, afim de que medidas imediatas sejam tomadas.

5- A criação ,o fortalecimento e a participação dos jovens trabalhadores nas associações e entidades de classe propondo uma metodologia de participação,

6- Formação de grupos de favela visando reinvindicar direitos negados . Através de comissões, participação ,reuniões nas camaras de vereadores, para encaminhar exigencias.

7- Cultivo de ervas medicinais em cooperativas e centros comunitarios.

8- Organização de grupos para compras de mercadorias mais baratas e se possival, diretamente dos produtores(leite,manteiga,café,arroz, feijão, ovos,batata, etc...).

9- Criação de comissão exclusivamente para encaminhar o problema do transporte coletivo.Unir, motivar e organizar os trabalhadores para melhorar a situação de transporte.

10-Consientização dos direitos de moradia, solidariedade aos desabrigados e denuncias contra a violencia nas ações de despejo.

11-Pesquisar as condições de transporte, abitação ,lazer,e outros problemas que afetam diariamente os trabalhadores e a partir daí, juntos, buscar soluções.

12-Que os trabalhadores se organizem a nivel local e nacional para que a classe operária se torne autonoma.

13-Que se realize encontros regionais entre jovens trabalhadores.

A CAMINHADA DO CNL

HISTÓRIA — QUESTIONAMENTOS — DESAFIOS — COMPOSIÇÃO

1. Introdução

A Igreja no Brasil, através de seus pastores, padres, religiosos e religiosas, particularmente a CNBB, tem se esforçado para realizar a sua missão no mundo em perfeita comunhão com todo o povo de Deus. Santa e pecadora, esta Igreja sofre pela sua fidelidade a Cristo e à orientação do Santo Padre. A opção pelos pobres e o caminhar com o povo em busca de justiça faz com que também o leigo, consciente de ser Igreja, assuma, à luz da fé, a sua missão de cristão no mundo.

2. A fundação do CNL

Com o fim da Ação Católica, o laicato perdeu o espaço de comunhão e participação na organização da Igreja. De 1964 a 1976 os leigos ficaram sem organismo de representação e expressão a nível nacional. Mais uma vez a CNBB motivou os leigos, através dos movimentos organizados, a discutirem uma nova maneira de se fazer representar junto à hierarquia (CNBB). Assim surge o CNL (Conselho Nacional dos Leigos) em 1976. Uma grande assembléia dos movimentos aprovou estatutos, elegeu a diretoria e estruturou os Secretariados de Leigos por áreas afins: operária, rural, universitária, estudantil, meios independentes, apostolados...

A presidência ficou a cargo de Hélio Amorim, representante do MFC (Movimento Familiar Cristão).

Mas na verdade, nem os leigos estavam conscientes da necessidade do CNL, nem a situação política do país era favorável à organização dos leigos.

As principais dificuldades nesta primeira etapa:

1. repressão sistemática aos cristãos mais engajados no mundo;
2. dificuldades na comunicação, tudo era censurado;
3. divergências de ordem política e ideológica;
4. falta de recursos financeiros;
5. estrutura do CNL muito pesada e inoperante.

3. A partir de 1981

A abertura para uma maior presença dos leigos em nível de CNBB via CNP (Comissão Nacional de Pastoral) levou o CNL a retomar sua caminhada, sob a presidência de Pedro Gonçalves, representante da ACO (Ação Católica Operária). A busca de outras instâncias de representatividade além dos movimentos, regionais da CNBB e pastorais específicas, foi injetando sangue novo na organização. A partir daí o CNL, não sem dificuldades, de tempo e de dinheiro, se fez presente nas assembléias dos bispos, nas reuniões do Conselho Permanente, sempre que possível e necessário nas reuniões da CEP e nas assembléias da CNP. De 1981 a 1986 todos os regionais, menos o Extremo Oeste, foram visitados com o objetivo de motivar a organização dos leigos a partir das bases.

Somente agora estamos colhendo alguns frutos. A convocação do Sínodo sobre os Leigos está dando uma força no fortalecimento do CNL. A maioria dos regionais está colocando em assembléias a questão do leigo como tema principal.

Aos poucos vão surgindo as primeiras sementes de Conselhos Regionais de Leigos, esperança de uma autêntica participação das bases na organização do laicato em nível nacional.

Os principais questionamentos que vêm surgindo:

1. Como superar as divergências que nos impedem, como forças vivas da Igreja — bispos, padres, religiosos e leigos — de sermos realmente povo de Deus?
2. Como conseguir *formação e capacitação* para maior presença dos cristãos no mundo, especialmente a participação política?
3. Necessidade urgente de uma clara conceituação de *o que é ser leigo* na Igreja hoje, particularmente quanto à mulher.
4. Como alcançar uma visão comum de Igreja por parte dos movimentos?
5. Como integrar os leigos engajados que estão fora dos movimentos organizados e das pastorais específicas?
6. Como integrar os leigos engajados nas Comunidades Eclesiais de Base?
7. Por que muitos bispos e padres ainda não acreditam no leigo?
8. Uma vez os leigos organizados no CNL, estaria garantida a presença de Igreja no mundo através dos engajamentos políticos, sindicais e nos movimentos populares?
9. A organização do CNL dará realmente aos leigos a autonomia e o direito de participação, inclusive da mulher, nas decisões e na vida da Igreja?

4. Interesses imediatos

— preparação do "Sínodo dos Bispos sobre os Leigos";

— informações a respeito da participação dos leigos no Sínodo;

— quantos leigos participarão pelo Brasil? Quais os critérios de escolha e quais os canais a serem usados para a indicação ou eleição?

— a organização e a representatividade do Pontifício Conselho para os Leigos.

5. Composição do CNL

Por ocasião da última Assembléia Geral do CNL, realizada de 31/10/1986 a 02/11/1986:

1. ACO — Ação Católica Operária;
2. ACR — Animação dos Cristãos no Meio Rural;
3. CVX — Comunidade de Vida Cristã;
4. Equipe de Casais com Cristo;
5. Equipes Docentes;
6. Equipes de Nossa Senhora;
7. JOC — Juventude Operária Católica;
8. JUFRA — Juventude Franciscana;
9. MCC — Movimento de Cursilho de Cristandade;
10. MCU — Movimento de Cristãos Universitários;
11. MER — Movimento de Evangelização Rural;
12. MFC — Movimento Familiar Cristão;
13. Movimento Focolares;
14. Liga Católica Jesus, Maria, José;
15. Ordem Franciscana Secular;
16. CIMI — Conselho Indigenista Missionário;
17. CJP — Comissão Nacional de Justiça e Paz;
18. CPO — Comissão Nacional de Pastoral Operária;
19. CPP — Comissão Nacional de Pastoral dos Pescadores;
20. CPT — Comissão de Pastoral da Terra;
21. CPU — Comissão de Pastoral Universitária;
22. MPC — Movimento de Profissionais Cristãos;
23. RCB — Renovação Cristã no Brasil;
24. CNPJ — Comissão Nacional da Pastoral de Juventude;
25. PJMP — Pastoral da Juventude do Meio Popular;
26. Conselho Regional de Leigos — Sul III
27. Conselho Regional de Leigos — Sul II
28. Equipe Provisória de Leigos — Sul I
29. Equipe de Articulação de Leigos — NE II.

Em 1987

Alguns movimentos vêm buscando contatos com o CNL, e se constituíram outras equipes regionais de articulação de leigos.

6. Critérios de pertença

— Que seja organização de leigos católicos;

— que esteja de acordo com as "Diretrizes Gerais da Ação Pastoral da Igreja no Brasil";

— que esteja em comunhão com a Igreja local, com os demais movimentos de Igreja e com os organismos nacionais em nível de CNBB.

7. Número de leigos participantes da assembléia geral do CNL

3 representantes por movimentos;
3 representantes por regionais (CNBB);
1 representante por pastorais específicas.

8. Direção do CNL

— Assembléia Geral;
— Conselho de Representantes;
— Comissão Executiva (coordenação nacional)

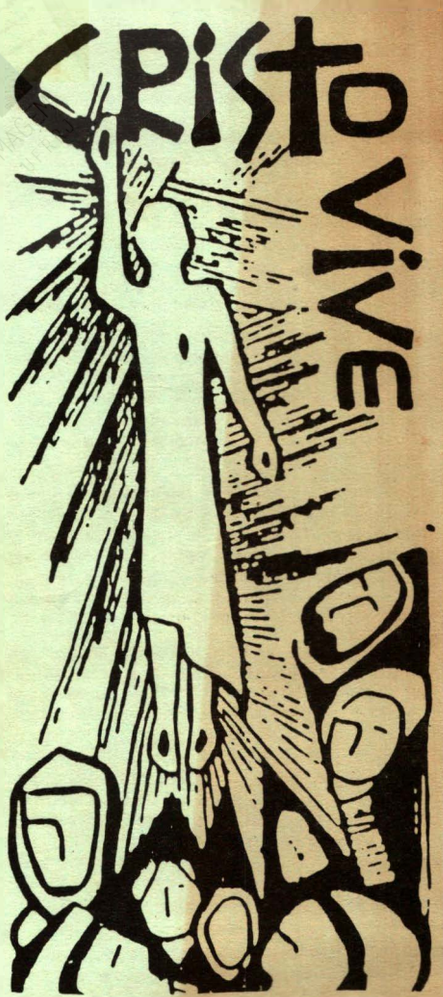
Biênio 87/88:

Presidente:
Antonio Geraldo de Aguiar;
Vice-Presidente:
Nivaldo Donlseti Martins Cruz;
Tesoureiros:
Tereza de Azevedo Leite;
Luiz Menezes Brito;
Secretários:
Doroti da Silva;
Igar Fehr;
Bonifácio Solak.

Obs.: Na assembléia do CNL, em 1984, foi eleita uma comissão especial de preparação do Sínodo composta dos seguintes leigos: Maria de Lourdes Nunes, Hélio Amorim, José Ribamar G. Heluy, Raquel Beatriz J. Guimarães, Pedro Ribeiro de Oliveira, Salvador Marcelino.

9. Sede

Av. Higienópolis, 901 — CEP 01238 — S. Paulo, SP
Fone: (011) 826-5055. ■



VOCAÇÃO E MISSÃO DOS LEIGOS NA IGREJA E NO MUNDO

Conselho Nacional dos Leigos (CNL)

"... Aos leigos engajados, como filhos da Igreja e em nome da sua fé, nas tarefas temporais; aos leigos que, por algum motivo, estão pouco empenhados, para que se sintam estimulados a tomar seu lugar na Igreja e no mundo..." (Mensagem do Papa aos Bispos do Brasil, abril de 1986).

1. Desafios que a realidade hoje apresenta à Igreja

Após duas décadas de um regime que consolidou, no Brasil, um modelo autoritário de capitalismo concentrador de riqueza, vivemos um período de transição que traz esperança de um futuro melhor.

Para que esta esperança se torne realidade devemos superar os muitos obstáculos que hoje impedem que se viva conforme a dignidade própria de filhos de Deus.

Dentre tais obstáculos, assinalamos aqueles que são, hoje, os principais desafios à missão evangelizadora da Igreja.

Em primeiro lugar, os problemas do mundo do trabalho urbano e rural: a situação angustiante dos desempregados, "dos subempregados", dos que ganham salário mínimo e uma grande maioria da economia submersa que ganha menos ainda que um salário mínimo e dos milhões de trabalhadores rurais sem terra.

A nobre luta pela justiça social, onde se destacam a luta dos trabalhadores pelos seus direitos e a luta pela terra, no campo e na cidade, é indispensável para que a Igreja tenha credibilidade no anúncio do Reino.

Outros desafios no mundo político: Saudamos o fim do regime autoritário e a convocação de uma constituinte, mas já manifestamos nossa apreensão sobre os caminhos adotados para a sua concretização, à medida que vemos limitada a participação popular nesse processo, do qual deveria emergir uma nova ordem social justa e igualitária.

É preciso que o atual momento político seja ocasião para a consolidação de um poder realmente emanado das bases populares para que não sejam frustradas as esperanças de milhões de brasileiros.

Observamos, apreensivos, recuos em medidas que visam atender às aspirações urgentes do nosso povo. Dentre estes, destacamos os que se observam na questão da reforma agrária, cujas reformas foram anunciadas em termos corajosos num primeiro momento, não se confirmando até hoje as medidas então prometidas.

Desafios importantes é também o que traz o mundo da cultura, onde se assiste hoje à difusão manifestante da cultura consumista eliminando o potencial criativo do nosso povo; sem negar o valor das técnicas e das ciências, temos que conjugá-las com nossas raízes culturais mais autênticas, sem submissão a modelos culturais pré-fabricados.

Assinalamos também o desafio presente no mundo da família, principalmente no caso das famílias pobres, às quais falta o apoio da sociedade para que tenham uma vida digna e que ficam entregues à própria sorte, particularmente os menores e as mulheres.

Ultrapassando os limites da área familiar, surge ainda como desafio a desigualdade entre homem e mulher, que nem a sociedade, nem a Igreja conseguiram alterar positivamente.

À mulher cabe sempre o serviço, a responsabilidade mal repartida, o salário desigual, a participação dificilmente conquistada e o poder de decisão inatingível.

Enfim, lembramos a situação da juventude, sujeita a todos esses desafios e que deve encontrar meios próprios para enfrentá-los. Todos esses desafios da realidade brasileira são hoje um apelo à Igreja para engajar-se de modo cada vez mais profundo e corajoso no grande movimento histórico de construção de uma nova sociedade justa e fraterna.

2. Como a Igreja está respondendo aos desafios: fatos notáveis

Frente aos grandes desafios, a Igreja vem buscando respostas, algumas das quais podem ser qualificadas de notáveis pelos seus efeitos especialmente benéficos quanto à nova forma de sua presença no mundo. São também notáveis por realizarem concretamente o projeto da Igreja definido pelo Concílio Vaticano II.

2.1. As comunidades eclesiais de base (CEBs)

As CEBs, nova forma de ser Igreja, de ser Povo de Deus, multiplicam-se hoje no Brasil e em quase toda América Latina, recuperando a identidade das comunidades primitivas descritas nos Atos dos Apóstolos.

Nascidas entre os pobres e oprimidos, as CEBs e as Pastorais específicas são hoje o mais eloqüente testemunho da Igreja que, compreendendo o sentido histórico da irrupção do Reino, vai comprometendo a todos na tarefa de edificá-lo desde aqui e agora através das conquistas parciais e imperfeitas que o antecipam. Esse espírito que anima as CEBs, mostrando a força dos fracos, as torna um dos mais notáveis fatos da vida da Igreja após o Concílio.

2.2. As Assembléias do Povo de Deus

As Assembléias Diocesanas e outras formas de participação conjunta de leigos e hierarquia nas decisões da Igreja, tornam hoje palpável a proposta de co-responsabilidade do Povo de Deus nos organismos decisórios que iluminam e animam. Nessas Assembléias todos participam e se respeitam mutuamente, reconhecendo a dignidade que a todos confere o Batismo. Assim se realiza a proposta do Concílio, que define a Igreja não mais a partir da hierarquia, mas como um povo igualmente comprometido na sua missão evangelizadora, no qual exercem diferentes ministérios igualmente dignos e necessários ao anúncio efetivo do Reino.

2.3. A Palavra de Deus na vida

A descoberta da Bíblia no pós-Concílio veio marcada por sua estreita participação com os fatos da vida cotidiana, através da reflexão comunitária, como se dá nos Círculos Bíblicos e nos grupos de reflexão. O texto bíblico vai sendo aprendido em confronto com os fatos vividos na comunidade, principalmente os fatos onde se revelam os desígnios de Deus para os pobres e pequenos que sofrem. Essa ligação entre a Bíblia e a vida é a fonte de fé, esperança e amor nas comunidades e é ela que anima a caminhada em busca do Reino.

2.4. O compromisso dos cristãos no mundo

A crescente integração entre fé e vida, fé e atuação transformadora, fé e compromisso político, torna hoje explícito o sentido último e decisivo de nossa ação no mundo: trata-se da antecipação do Reino que não se esgota nas limitadas conquistas históricas, mas passa necessariamente por elas. Se noutras eras também houve homens e mulheres, cristãos ou não, que de muitas maneiras lutaram pela libertação integral do homem, no passado era obscura a relação entre sua ação e as exigências da fé cristã. Hoje a vivência da fé cristã exige o compromisso de ação no mundo, o testemunho, o profetismo, e até a aceitação do martírio por fidelidade à missão. A compreensão cada vez mais difundida desta relação entre fé e compromisso na história é um dos fatos mais notáveis nesta Igreja de tantos mártires, em nosso país e no conjunto da América Latina.

3. Questões colocadas a partir da nossa prática

Esta caminhada da Igreja não se faz sem problemas. Enfrentando desafios novos e buscando novas formas de ação, encontramos pela frente lacunas e deficiências que nos atingem diretamente enquanto leigos. Não podemos agora recorrer a antigas fórmulas, por mais que valorizemos as experiências passadas, pois a fidelidade à Tradição e ao presente exige que encontremos maneiras novas de viver a mesma fé de sempre.

3.1. Quanto à presença no mundo

Nas nossas práticas concretas vamos construindo nossa *identidade* como aquela porção do Povo de Deus que mais profundamente penetra a massa a ser fermentada pela presença da Igreja e o anúncio da sua mensagem, na convivência cotidiana com todos os homens e mulheres. Se a Hierarquia tem a função de animar e celebrar sacramentalmente a missão da Igreja, a nós, leigos, cabe tornar efetiva essa mesma missão em todos os ambientes, em todos os grupos humanos, em todas as estruturas que devem ser humanizadas. Mas nem sempre somos identificados como Igreja, nem reconhecidos como presença da Igreja no mundo. É preciso, portanto, encontrar novas formas de reconhecimento do leigo para que nossa presença no mundo seja por todos vista como presença da Igreja.

Nossa *espiritualidade* é hoje encarnada na história, na efetiva vivência do compromisso transformador do mundo como opção de fé. A fidelidade à missão vem dar novo sentido à celebração sacramental, aos momentos fortes da expressão ritual, vinculando-se intimamente à nossa vida. Nossa forma de seguir Jesus, ou espiritualidade, tem como marca a luta pela vida e vida em abundância. Precisamos ainda aprofundar essa espiritualidade para que nossa ação seja sempre impregnada pela fé que lhe dá seu sentido último e decisivo.

Os atuais desafios que enfrentamos exigem melhor formação para o laicato. Ela deve ser *formação na ação,* isto é, partindo da ação sempre avaliada, criticada e interpelada pelo Evangelho. É preciso que nossas práticas sejam corrigidas ou reformadas, à luz da Palavra de Deus, para que sejam realmente fecundas. Além disso, muitos leigos são chamados a uma formação mais sistemática que lhes permita assumir tarefas especiais na Igreja, inclusive na área teológica. É bom que recebam uma formação conjunta com os clérigos, como já tem ocorrido.

3.2. Quanto ao lugar na Igreja

O leigo, homens e mulheres em condições de igualdade, tem o direito e o dever de participar da vida da Igreja. Por isso devemos *participar ativa e responsavelmente* das instâncias de decisão, de modo a assumir a missão da Igreja como nossa missão. A experiência de participação nas Assembléias do Povo de Deus, nos Conselhos e em outros organismos pastorais tem sido positiva e deve ser avaliada e incentivada.

O leigo é também desafiado a organizar-se autonomamente em estruturas eclesiais intermediárias: associações, movimentos, pastorais específicas e outras formas de articulação que melhor nos preparem e apóiem para o desempenho da nossa missão. A *organização do laicato* deve ser sempre intimamente articulada com a participação na *comunidade eclesial,* nos seus diversos níveis. Por isso esperamos ver incentivadas essas iniciativas, através das quais viveremos mais efetivamente a comunhão eclesial e aportaremos à Igreja nossa contribuição específica.

Conclusão

Aqui estão colocados em comum, nossa vivência, nossa visão, nossos problemas de leigos engajados à luz da fé e segundo os ensinamentos do Vaticano II. ■



13 de dezembro de 1987 - Ano 16 - Nº 833

Mitra Diocesana de Nova Iguaçu.
Rua Mal. Floriano Peixoto, 2262. Caixa Postal 77285.
26000 Nova Iguaçu, RJ.

Utilidade Pública — Lei 6.311 de 25 de setembro de 1970.

Composto e impresso nas oficinas gráficas
da Editora VOZES Limitada. Petrópolis, RJ.

A FOLHA

Publicação Litúrgica sem fins lucrativos da Mitra Diocesana de Nova Iguaçu

A BANDIDAGEM DE DIREITA DOS MORROS CARIOCAS

Com o título de *barões das biroscas,* nosso querido e admirado companheiro Hélio Pellegrino publicou, no JB (9-9-87), artigo sobre os chefes de bandos e as recentes guerrilhas, nas favelas do Rio. Do admirável artigo de Hélio Pellegrino queremos transcrever alguns trechos que constituem verdadeiras radiografias da situação de abandono e miséria, em que vive a imensa maioria pobre da população brasileira, chutada do campo para as desumanas periferias das grandes cidades. Vamos lá:

"O morro é o gueto, o *apartheid* — a pobreza absoluta posta à margem. A favela existe porque a reforma agrária não é feita. Levas e levas de párias migrantes se deslocam do campo para a cidade grande. A miséria do campo é inenarrável. As populações camponesas, atraídas pela miragem da cidade grande, se movem no sentido de sua sinistra luz. As grandes cidades incham, a mão-de-obra aviltada pelo subemprego — ou desemprego — se encarapia nos morros. Os mais valentes e aguerridos sucumbem à tentação da delinqüência, incrementada pelo *status quo* social e político".

"O morro é sintoma da doença brasileira, pus que escorre da chaga produzida pela injustiça. Para que se possa tratar a ferida, é necessário submeter o capitalismo selvagem a uma cirurgia radical. É preciso fazer a reforma agrária. É preciso fixar no campo o homem do campo. É preciso rever o conceito de propriedade, derrubando-o de sua posição de fetiche. É preciso honrar e reverenciar o trabalho humano, através de salários condignos. Para tanto, há que questionar, sem temor e tremor, o privilégio dos ricos. Não esqueçamos que o latifúndio, em nosso país, tornou-se aliado da burguesia nacional".

"O processo de industrialização foi, em seu início, liderado pelos barões da aristocracia rural. Não houve, entre nós, contradição grave entre o latifúndio e o capitalismo nascente e crescente. Essas forças sociais, ao contrário, sempre estiveram juntas e aliadas. O capitalismo selvagem brasileiro, tal como está, atende à perfeição aos interesses das classes possuidoras. Existe, no país, uma nata de ricos, que nada fica a dever aos potentados internacionais. A concentração de renda e a despossessão dela decorrente criam entre nós um desnível social dos mais altos do mundo".

"Qualquer transformação da sociedade brasileira, no sentido da democracia, da justiça e da igualdade, provoca nos estratos dominantes choro e ranger de dentes. A dita burguesia progressista é 'apenas uma fotografia na parede. Mas como dói!' Por isso, é mais barato e lucrativo manter o sintoma do que enfrentar e desarraigar a doença. Não convém que ela seja operada, ou melhor: a doença o é apenas para as grandes massas espoliadas. Para os dominadores, constitui sarna capaz de transformar-se, ao fim das contas, em cafuné e deleite. Eis o motivo profundo pelo qual as favelas seguem e prosseguem. Não há interesse em erradicá-las, uma vez que tal medida implicaria transformações sociais lesivas ao egoísmo da classe dominante".

"A favela, portanto, cresce e se multiplica ao preço de que suas lideranças fiquem nas mãos de traficantes e delinqüentes. A ordem perversa dos morros, ao contrário do que parece, faz o jogo do conservantismo de direita... Os poderes vigentes entregam a favela a Zaca, a Dênis, a Cabeludo, a Escadinha, uma vez que estes pró-homens da miséria do povo não querem resolvê-la politicamente, mas estabilizá-la e estruturá-la, sem riscos para a Vieira Souto...".

"Delinqüência desse tipo é coisa de direita — nunca de esquerda. Dizer-se que a favela como está organizada, constitui perigo revolucionário, é afirmação ingênua — ou de má-fé. Não há revolução sem consciência política, levada a um grau inigualável de lucidez e paixão. Se as favelas existem é porque, como tais, não representam perigo maior para a ordem política e social. As classes dominantes brasileiras sabem se defender com a crueldade e a eficiência necessárias. O esmagamento da guerrilha no Brasil, após o golpe de 64, dá desse fato um testemunho inesquecível... Os trabalhadores que habitam o morro precisam organizar-se politicamente para enfrentar, passo a passo, a estrutura de poder da delinqüência. Com a finalidade de desobstruir, em nome da verdadeira luta de classes, o caminho da justiça e da paz" (F.L.T.)

IMAGEM DO MENINO NO BARRACO

1. Na favela miserável todo o mundo já sabia o que as pedras proclamavam: no barraco de seu Tomé tudo é cachaça e miséria. Ele, sempre cheio. E Joana, a mulher, não faz por menos. Uma desgraça, meu Deus! Espetáculo terrível para os dois filhos pequenos, crianças que não entendem a profundez da tragédia. Olhos de pasmo e surpresa, olhos de cosmo profundo: quem dera que nunca vísseis as misérias deste mundo. Um dia, ah! sabereis a sedução do pecado. Ah, um dia sentireis o grilhão do viciado.

2. Na favela os moradores participam solidários da sorte de seu Tomé, da desgraça de sá Joana. Fazem tudo o que é possível pra cuidar dos dois meninos. Como sofrem, coitadinhos, sem saber que estão sofrendo. "O pouco com Deus é muito, o muito sem Deus é nada", pensa a favela carente. Todos assumem a carga dos dois garotos largados, sobre a carga que carregam nos ombros já carregados. São pobres mas generosos, têm alegria no dar; sem suspiro, sem vaidade ajudam por ajudar.

3. Aí sucede o descuido, descuido que foi fatal. Marido e mulher beberam, até caírem no chão, sem que os vizinhos notassem o silêncio da tragédia. Junto aos corpos que curtiam os efeitos da cachaça, uma garrafa inda cheia prenunciava a desgraça. Os meninos, imitando os Pais que viram beber, ao lado dos Pais que dormem, bebem té desfalecer. Na manhã seguinte o morro acorda aos berros de dor: os Pais contemplam vidrados os corpinhos já sem cor. Gritam, berram, desesperam pelos filhos que já eram. (A.H.)

LINHAS PASTORAIS

PRÁTICA DO MAGISTÉRIO

● Para o Magistério do bispo ser exercido com maior segurança e tranqüilidade, para o bem do Povo de Deus, há recursos práticos que não deveriam ser esquecidos.

● O bispo deve sempre referir o seu Magistério ao Magistério de Pedro e ao Magistério do Colégio Episcopal com Pedro e sob Pedro. Isto em plano de Igreja universal.

● Mas na Igreja particular há vários dados importantes para o exercício do Magistério episcopal.

● O bispo diocesano deve olhar por ex. para o Colégio Episcopal de sua nação ou país. Entre nós a CNBB, unida ao Papa e ao Episcopado do mundo inteiro, é ponto de referência para todos os bispos. Entre nós a Conferência Regional da CNBB: o Leste I, por ex., devia ser um primeiro foro de debates para obter um consenso em assuntos importantes e comuns.

● A procura de consenso não limita o Magistério de cada bispo, antes pelo contrário fortalece-o e confirma-o.

● Mas também dentro da diocese há circunstâncias que ajudam o bispo no exercício do Magistério. Sem que diminua em nada sua autoridade, o bispo pode recorrer freqüentemente ao seu Conselho Presbiteral, ao seu Conselho Pastoral, que são órgãos eclesiais, criados pelo Vaticano II, precisamente para ajudarem o bispo no seu múnus pastoral.

● Quanto mais integrados estiverem bispo e Conselho Presbiteral, bispo e Conselho Pastoral, Conselho Presbiteral e Conselho Pastoral, tanto mais diáfano e eficiente será o exercício do Magistério do bispo.

● Esta colaboração, ao contrário do que muitas vezes se pensa, reforçará extraordinariamente a autoridade do bispo, uma autoridade que se baseia no exemplo de Jesus e não no exemplo de um quartel ou de uma empresa.

● A idéia de que o bispo sozinho tem toda a responsabilidade na diocese, em todos os assuntos e setores dificilmente corresponde à mensagem do Evangelho, à natureza da Igreja e ao desejo de participação e decisão que anima os homens de nosso tempo. (A.H.)

3º DOMINGO DO ADVENTO (13-12-1987)

C = Comentador; L = Leitor; P = Povo; S = Sacerdote; Sl = Salmista; * = Indica que se pode usar outro texto.
Cânticos: Missa do Advento "VEM, SENHOR JESUS!", Pe. José M. S. de Cueto — Lindeberg Pires; Ed. Paulinas.
(Na liturgia de hoje é permitido o uso de instrumentos musicais e de flores no altar).

RITO INICIAL

1 CANTO DE ENTRADA

1. *Preparemos os nossos caminhos: o Senhor está para chegar. Alegria, não estamos sozinhos: o Senhor vem até nosso lar.*
Vivemos na esperança de ver neste Natal o mundo renovado, pois Deus a nós se dá.
2. *Deus não envia até nós "um presente": Ele vem, com amor, no Natal. Com a Igreja exultemos contentes: Emanuel! Deus Conosco! Natal!*
3. *A este mundo enfermo e cansado, vem Jesus, com amor, visitar. Confiemos! Estando Ele ao lado, nosso mundo vai pronto sarar!*

2 SAUDAÇÃO

S. Em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo.
P. Amém!
S. Irmãos, a graça de Nosso Senhor Jesus Cristo, o amor do Pai e a comunhão do Espírito Santo, estejam convosco.
P. Bendito seja Deus que nos reuniu no amor de Cristo!

* 3 SENTIDO DA CELEBRAÇÃO

C. *É preciso que todos os cristãos se empenhem e sigam a vocação de levar aos oprimidos a libertação anunciada pelo Evangelho. Cristo está para vir e nós preparamos o seu caminho no Advento. Celebremos, pois, a vinda do Senhor e anunciemos com alegria, orações e ações de graças, que os pobres ouvem a Boa-Nova, os cativos e prisioneiros são libertos, os desanimados são confortados e o Senhor virá salvar o seu povo. Endireitemos o caminho do Senhor!*

4 ATO PENITENCIAL

S. Irmãos, também somos culpados por tanta coisa, que neste mundo, atrapalha a vinda e o Advento do Senhor. Arrependidos, por não reconhecê-l'O no meio de nós, peçamos perdão *(Pausa para revisão de vida).*
P. (canta): **Entre nós está e não o conhecemos! / Entre nós está e nós o desprezamos**
S. Tende compaixão de nós, Senhor.
P. Porque somos pecadores!
S. Manifestai, Senhor, a vossa misericórdia.
P. E dai-nos a vossa salvação!
S. Deus todo-poderoso tenha compaixão de nós, perdoe os nossos pecados e nos conduza à vida eterna.
P. Amém!
Eu canto a alegria, Senhor, de ser perdoado no amor! (bis)
Senhor, tende piedade de nós! (bis)
Cristo, tende piedade de nós! (bis)
Senhor, tende piedade de nós! (bis)

5 COLETA

S. Oremos: Ó Deus de bondade, vedes o vosso povo esperando fervoroso o Natal do Senhor. Dai-nos chegar às alegrias da salvação e celebrá-las sempre, com intenso júbilo, na sagrada e solene liturgia. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo.
P. Amém!

LITURGIA DA PALAVRA

6 PRIMEIRA LEITURA

C. *O profeta Isaías nos aponta Cristo, que não visa o conforto, o poder ou o comodismo, mas anuncia a legria da libertação e redenção dos oprimidos.*

L. Leitura do Livro do Profeta Isaías (61,1-2a.10-11). — "O Espírito do Senhor está sobre mim, porque o Senhor me ungiu. Enviou-me para levar a boa-nova aos pobres, confortar os desanimados, anunciar a anistia aos cativos e aos prisioneiros a liberdade, para proclamar um ano de graça do Senhor. Transbordo de alegria no Senhor, e minha alma exulta em meu Deus! Pois ele me vestiu com as vestes da salvação, envolveu-me com o manto da justiça, qual noivo que ajusta seus trajes, qual noiva que se enfeita com as jóias. Sim, como a terra faz brotar as plantas e o jardim faz germinar as sementes, assim o Senhor Deus faz germinar a justiça e a glória diante de todas as nações". — Palavra do Senhor. — **P. Graças a Deus!**

7 SALMO DE MEDITAÇÃO
(Lc 1,46s)

C. *Nossa resposta é o compromisso de vivermos como ungidos, que o Senhor enviou para anunciar a boa-nova, a libertar os cativos e anunciar o ano em que Deus vai vai fazer justiça a seu povo.*
O Senhor fez em mim maravilhas! / Santo é seu Nome!
Sl. 1. *A minh'alma engrandece o Senhor / e exulta meu espírito em Deus, meu Salvador; // porque olhou para a humildade de sua serva, / doravante as gerações hão de chamar-me de bendita.*
2. *O Poderoso fez em mim maravilhas, / e Santo é o seu nome. // Seu amor para sempre se estende / sobre aqueles que o temem.*
3. *Sacia de bens os famintos / despede os ricos sem nada. / Acolhe Israel, seu servidor, / fiel ao seu amor.*

8 SEGUNDA LEITURA

C. *Consciente de que a chegada do Senhor está próxima, São Paulo nos lembra: isto é motivo para a manifestação dos nossos dons na comunidade.*

L. Leitura da Primeira Carta de São Paulo Apóstolo aos Tessalonicenses (5, 16-24). — "Irmãos, vivam sempre alegres! Rezem sem cessar! Em tudo sejam agradecidos. Pois isso é o que Deus deseja de vocês, porque pertencem a Cristo Jesus. Não extingam o Espírito! Não desprezem as profecias, mas examinem tudo, guardem o que for bom, e afastem-se de toda espécie de maldade! Que o próprio Deus da paz os santifique até a perfeição, e tudo aquilo que vocês são — espírito, alma e corpo — seja conservado sem mancha alguma para a vinda de Nosso Senhor Jesus Cristo! Aquele que os chamou é fiel; ele mesmo realizará isso". — Palavra do Senhor. — **P. Graças a Deus!**

9 CANTO DE ACLAMAÇÃO

Aleluia! Aleluia! Aleluia!
Que as nuvens se abram e enviem o orvalho reconfortador. / Que na terra brote já a flor! / Que venha para nós o Salvador!

10 EVANGELHO

C. *É importante que o Reino de Deus cresça entre os homens. João Batista é testemunha e dá testemunho desse Reino. Ele não se intimida diante dos grandes.*
S. O Senhor esteja convosco.
P. Ele está no meio de nós!
S. Evangelho de Jesus Cristo segundo João (1,6-8.19-28).
P. Glória a vós, Senhor!

S. Apareceu um homem enviado por Deus; seu nome era João. Ele veio como testemunha, para dar testemunho da luz, para que todos chegassem à fé por meio dele. Esse homem não era a luz; veio apenas para dar testemunho da luz. Este foi o testemunho de João, quando os judeus enviaram de Jerusalém sacerdotes e levitas para perguntar: "Quem é você?" Ele confessou e não negou. Confessou: "Eu não sou o Messias". Eles perguntaram: "Então, quem é você? Elias?!" João respondeu: "Não sou". Eles perguntaram: "Você é o Profeta?" Ele respondeu: "Não". Então perguntaram: "Quem é você? Temos de levar uma resposta aos que nos enviaram. Que você diz de si mesmo?" João declarou: "Eu sou uma voz que grita no deserto: 'Endireitai o caminho do Senhor!', como disse o profeta

Isaías". Ora, entre os enviados havia fariseus. E estes perguntaram: "Então, por que você batiza, se não é o Messias, nem Elias nem o Profeta?" João respondeu: "Eu batizo com água, mas no meio de vocês está aquele que vocês não conhecem, e que vem depois de mim. Eu nem mereço desamarrar a correia de suas sandálias". Isso aconteceu em Betânia, na outra margem do Jordão, onde João estava batizando. — Palavra da Salvação. —
P. Louvor a vós, ó Cristo!

* 11 PREGAÇÃO — PARTILHA

12 PROFISSÃO DE FÉ

S. Creio em um só Deus, Pai todo-poderoso,
P. criador do céu e da terra, de todas as coisas visíveis e invisíveis. / Creio em um só Senhor, Jesus Cristo, Filho unigênito de Deus, nascido do Pai antes de todos os séculos: / Deus de Deus, luz da luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro; / gerado, não criado, consubstancial ao Pai. / Por ele todas as coisas foram feitas. / E por nós, homens, e para nossa salvação, desceu dos céus; / e se encarnou pelo Espírito Santo, / no seio da Virgem Maria, e se fez homem. / Também por nós foi crucificado sob Pôncio Pilatos; / padeceu e foi sepultado. / Ressuscitou ao terceiro dia, conforme as Escrituras, / e subiu aos céus, onde está sentado à direita do Pai. / E de novo há de vir, em sua glória, para julgar os vivos e os mortos; / e o seu reino não terá fim. / Creio no Espírito Santo, / Senhor que dá a vida, e procede do Pai e do Filho; / e com o Pai e o Filho é adorado e glorificado: / Ele que falou pelos profetas. / Creio na Igreja, / una, santa, católica e apostólica. / Professo um só batismo para a remissão dos pecados. / E espero a ressurreição dos mortos e a vida do mundo que há de vir. Amém.

* 13 ORAÇÃO DOS FIÉIS

S. Irmãos, é preciso que o Reino de Deus cresça entre nós. Este crescimento depende de nosso trabalho. Que o Espírito de Deus nos dê força, eis o que pedimos em nossa oração:
L1. *Para que os cristãos entendam a fé como engajamento evangélico nos problemas do povo e do bairro:*
P. (canta): **Vem, ó Senhor! Vem, ó Senhor! / Vem, Senhor Jesus! Vem!**
L2. *Para que nossa vontade de agradar a Deus se concretize na participação e na ajuda aos nossos irmãos oprimidos:*
L3. *Para que a figura de João Batista desperte nossa vocação profética que prepara a chegada do Reino de Deus:*
L4. *Para que nossa alegria, na preparação do Natal, não seja apenas consumista, mas expressão de nossa certeza na presença de Cristo no mundo:*
(Outras intenções da comunidade...).
S. Senhor, aceitai nossas orações. Dai-nos a sensibilidade para escutar a mensagem de vosso profeta que desapegado aos bens deste mundo, preparou a vossa vinda. Por Cristo nosso Senhor.
P. Amém!

LITURGIA EUCARÍSTICA

14 CANTO DAS OFERTAS

Que alegria, que esperança! Aguardar Jesus que vem! Renovemos nossas vidas, confirmemos nossa fé.
1. *Junto ao pão e junto ao vinho, colocamos a promessa de vivermos como irmãos. Sobre a ara do altar depositamos o aperto fraternal de nossas mãos.*
2. *Aceita, ó Senhor, neste momento, nossa vida transformada em oblação, como aceitas, ó Senhor, o alimento que o fermento, levedando, torna pão.*

15 ORAÇÃO DAS OFERTAS

S. Orai, irmãos, para que o nosso sacrifício seja aceito por Deus Pai todo-poderoso.
P. Receba o Senhor por tuas mãos este sacrifício / para a glória do seu nome / para o nosso bem e de toda a santa Igreja.
S. Senhor, preparando a chegada de vosso Reino, queremos executar a tarefa que vosso Filho nos confiou. Recebei nossas ofertas e dai à vossa Igreja a salvação que Ele nos trouxe. Por Nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo.
P. Amém!

16 ORAÇÃO EUCARÍSTICA

(Prefácio próprio. No fim):
P. (canta): **Santo, Santo, Santo...**
(A Oração Eucarística compete ao sacerdote somente. Após a consagração):
S. Eis o mistério da fé.
P. Salvador do mundo, salvai-nos! / Vós que nos libertastes pela Cruz e Ressurreição.

17 CANTO DA COMUNHÃO

1. *Caminhemos, alma em festa, ao encontro do Senhor! É Jesus que vem chegando. É Natal no coração.*
Vamos, pois, com alegria: É o Advento do Senhor. Para nós, na Eucaristia, o Natal se adiantou.
2. *Caminhemos, alma em festa, ao encontro do Senhor! Comunhão é unidade, e unidade é comunhão.*
3. *Caminhemos, alma em festa, ao encontro do Senhor! Comunhão é aliança renovada com amor.*
4. *Caminhemos, alma em festa, ao encontro do Senhor! Comunhão é vida nova — renovados estamos nós.*
5. *Caminhemos, alma em festa, ao encontro do Senhor! Comunhão é compromisso — fiéis seremos, por amor.*

18 AÇÃO DE GRAÇAS

S. Oremos: Deus de misericórdia, com a força desta santa refeição, vinde em socorro de nossa fraqueza. Purificai-nos de nossa culpa e ajudai a nos preparar para as festas que se aproximam. Por nosso Senhor Jesus Cristo vosso Filho, na unidade do Espírito Santo.
P. Amém!

RITO FINAL

* 19 MENSAGEM PARA A VIDA

(Após as comunicações de interesse para a comunidade):

C. *Neste tempo de Advento, — de espera e preparação para o Natal —, procuremos, em nossa comunidade, responder mais às necessidades do povo que sofre e está oprimido pela força dos poderosos. Levemos nossa certeza de que, antes de nos apegarmos aos festejos comerciais, esbanjemos amor e alegria no Cristo, que salva e traz justiça e paz para todos.*

20 BÊNÇÃO FINAL

S. O Senhor esteja convosco.
P. Ele está no meio de nós!
S. O Senhor vos abençoe e vos guarde.
P. Amém!
S. O Senhor volva para vós o seu rosto sereno e vos seja benigno.
P. Amém!
S. O Senhor volva os olhos para vós e vos conceda a paz.
P. Amém!
S. Abençoe-vos o Deus todo-poderoso: Pai e Filho e Espírito Santo.
P. Amém!
S. Vamos em paz e o Senhor nos acompanhe.
P. Amém!

21 CANTO DE SAÍDA

Nós agora voltaremos para anunciar / que Jesus, a quem amamos, vem pra conosco ficar.
A aurora etá chegando e o sol está para raiar! / Flor está já brotando. Conosco vem para ficar o Deus da Paz!

LEITURAS PARA A SEMANA:

2ª-feira: Nm 24,2-7.15-17a; Mt 21,23-27 *ou* 1Cor 2,1-10a; Lc 14,25-33 *(S. João da Cruz).* / 3ª-feira: Sf 3,1-2.9-13; Mt 21,28-32. / 4ª-feira: Is 45,6b-8.21b-25; Lc 7,19-23. / 5ª-feira: Gn 49,2.8-10; Mt 1,1-17. / 6ª-feira Jr 23,5-8; Mt 1,18-24. / Sábado: Jz 13,2-7.24-25a; Lc 1,5-25. / Domingo: 2Sm 7,1-5.8b-12.14a.16; Rm 16,25-27; Lc 1,26-38.

UNGIDOS PARA LIBERTAR

José Pedro de Alcântara

João e Jesus: uma dupla bonita e misteriosa. Cada um tem a sua grandeza e sua marca. Eram p r i m o s. Conheceram-se em criança. Eram profundamente religiosos. Viviam uma grande paixão pela causa do Deus da justiça e da misericórdia. Eram profetas destemidos. Achavam que Deus tem muito a ver com a forma de organizar a sociedade. Ambos souberam enfrentar a austeridade do deserto e o fascínio da tentação do poder e do mando. Havia uma grande admiração mútua: "Homem nenhum nascido de mulher é grande quanto ele!", dizia Jesus de João. "Ele é maior do que eu. Não sou digno de desatar-lhe a correia das sandálias!", dizia João de Jesus. Ambos batizavam e tinham discípulos.

Mas creio que o que mais unia estes primos notáveis era sua paixão por Deus e pelos irmãos. Eles os buscaram com intensidade na juventude e na idade adulta. Buscaram-nos no trabalho cotidiano de construir casas, no cultivo da terra, no convívio das pequenas alegrias comunitárias e sobretudo no silêncio da meditação e na oração. O Deus que encontraram é um Deus que tem tudo a ver com os homens e com a sociedade destes homens. Foi um Deus político que encontraram para quem não é indiferente o baixo salário, a falta de saúde e o sofrimento da miséria. Por isto, João gritava às margens do Jordão: "Fazei penitência e mudai de vida! Quem tiver roupa e comida que dê a quem não tem. E vocês, soldados, não tortureis nem chantagieis ninguém. E vocês, fiscais, não roubem e cobrem pela tabela". E Jesus proclamava: "Fui ungido para anunciar aos pobres uma época de fartura e aos presos a libertação. Pois Deus ama o direito e odeia a corrupção e o crime". De tal maneira a mensagem de João e Jesus tinha a ver com política que ambos acabaram presos e mortos violentamente. No entanto, continuam como figuras centrais no cristianismo, sobretudo neste tempo de Advento, em que 2.000 anos depois, nós juntamos nossos anseios de justiça e fraternidade aos anseios que queimaram o coração e a cabeça desses dois notáveis homens de Deus. Com eles também proclamamos hoje: "O tempo se aproxima. O machado está posto à raiz da árvore. Deus virá para o acerto de contas. Convertei-vos, enquanto ainda é tempo".

EM TORNO DA LITURGIA

AS EXPERIÊNCIAS PASCAIS DOS CRISTÃOS

Frei Alberto Beckhäuser, OFM

Em cada Missa a Igreja celebra a vida de Cristo e dos cristãos, ou a Páscoa de Cristo e dos cristãos. Por isso, cada Celebração eucarística será alimentada sempre por duas fontes, que evocam a vida de Jesus Cristo nos seus mistérios e dos cristãos em sua caminhada pascal: a Bíblia e a fé transmitida pela Tradição da Igreja por um lado e a história do povo em sua caminhada pascal de outro.

Importa perceber a dimensão pascal na história de cada um e da comunidade, desde os grandes acontecimentos até os fatos mais simples e cotidianos. Isso nos mais diversos níveis da experiência humana.

Tentemos explicitar um pouco. Na experiência da vida: nossa existência, o despertar da adolescência, a opção vocacional e profissional, a formação, o casamento, os filhos, as datas jubilares, a idade madura, as realizações. No nível religioso: o dom da fé, o batismo, a primeira Comunhão, as festas religiosas, as Missas dominicais, os sacramentos e assim por diante. No nível do humano: a experiência da amizade e do amor em suas diversas expressões, a reconciliação, a vitória sobre o egoísmo, experiências do lazer, do divertimento, do esporte, da arte nas mais diversas formas. Os acontecimentos ligados à natureza: o despertar de um novo dia, o nascer do sol, uma chuva abençoada, um bom tempo esperado, as estações do ano; a semente que nasce, a colheita que amadurece, o salário conquistado pelo trabalho; um banho restaurador, uma boa refeição. No nível dos acontecimentos: em âmbito familiar, os nascimentos, a recuperação da saúde, os filhos que partem, que se formam, que se firmam na vida; as vidas que são colhidas por Deus como frutos maduros. Acontecimentos da comunidade: as festas, as vitórias conquistadas, as lutas na esperança de dias melhores, a perseverança na luta. Acontecimentos do país e do mundo: a tomada de consciência da identidade de um povo; a paz conquistada, a libertação de um povo.

O LUGAREJO DO PRIMEIRO ADVENTO

Carlos Mesters

Nazaré, o lugarejo onde o anjo foi visitar Maria, era um pequenino povoado do interior. Ficava meio perdido no alto da serra da Galiléia, um pouco acima do lago. Lugar de pouco prestígio, pois o povo dizia: "Será que pode vir coisa boa de Nazaré?" (Jo 1,46). Como era a condição de vida do povo? As casas eram pobres, cavadas, em parte, na encosta do morro. Poucas casas, pouca gente. Todo mundo conhecia todo mundo e sabia da vida de cada um.

Tanto isso é verdade que, quando Jesus voltou para lá, anunciando o Evangelho, depois do batismo no rio Jordão, o povo ficou admirado com ele e dizia: "Onde é que ele aprendeu essas coisas todas? Não é ele o carpinteiro, o filho de Maria?" (Mc 6,2-3). No interior é assim. Qualquer coisa que um faz diferente dos outros, o povo logo comenta. Nazaré tinha um único olho d'água ou fonte, para abastecimento de todos. A fonte era um lugar de encontro para as mulheres, que carregavam água. Era de lá que as notícias se espalhavam, misturadas com os comentários do povo, como até hoje acontece em muitos povoados e aldeias do interior da Palestina e do Brasil. Lá como cá, naquele tempo como hoje, o povo se reunia em torno da Bíblia.

Havia por lá uma casa de oração, chamada sinagoga (cf. Lc 4,16), onde o povo se reunia todos os sábados, para rezar e escutar a leitura da Bíblia, explicada e comentada pelo coordenador da comunidade ou por um dos presentes, convidado para isso pelo coordenador. Assim, certa vez, Jesus, que não era coordenador da comunidade de Nazaré, foi convidado para fazer a leitura e dar uma explicação ao povo (cf. Lc 4,16-22).

Perto da sinagoga, a comunidade mantinha uma escolinha, onde as crianças aprendiam a ler a Bíblia em hebraico. O povo falava o aramaico, como nós hoje falamos o português. A população de Nazaré vivia sobretudo da lavoura. Trabalhava na roça. Um ou outro, como Jesus, prestava, além disso, algum serviço à comunidade, como carpinteiro ou ferreiro. É por isso que Jesus contava tantas parábolas sobre a lavoura, a semente, as árvores e as flores. Ele conhecia todas essas coisas de própria experiência.

A roça não era deles. Eles eram apenas moradores. Havia uma espécie de latifúndio. Os donos das terras moravam sobretudo na cidade de Tiberíades, que ficava perto do lago. As mulheres viviam em casa — vida mais retraída — cuidando dos filhos e dos afazeres domésticos. Saíam para buscar água na fonte e encher o pote em casa. À primeira vista, Nazaré parece ter sido uma cidadezinha um tempo incerto e inseguro!

qüila. O país era ocupado pelos romanos, estrangeiros que exigiam impostos pesados do povo, cobrados por fiscais a quem o Evangelho dá o nome de publicanos. A maioria dos publicanos era gente desonesta, que roubava muito.

Os romanos fizeram um recenseamento (cf. Lc 2,1) em vista da arrecadação do dinheiro. Os latifundiários fizeram amizade com os romanos e passavam bem. O povo pobre é que sofria. Por isso, começou a surgir um movimento para lutar contra os romanos. Os membros deste movimento de libertação chamavam-se Zelotes. A maior parte deles vivia na Galiléia. Era gente violenta. Quando podiam, matavam os soldados romanos, sobretudo na escuridão da noite. Isso provocava repressões violentas, em que corria muito sangue.

Estas e outras coisas o povo comentava à boca pequena, quando ia buscar água na fonte. Era o assunto do dia, sobretudo na Galiléia. Muitos galileus tinham entrado no movimento. Tanto assim que, no sul, a palavra galileu pegou o sentido de gente revoltada contra os romanos. Portanto, Nazaré não era um lugar assim tão tranqüilo para se viver. Ficava numa região explosiva. O tempo em que Nossa Senhora por lá vivia nha simpática e tranqüila. Mas não era tran-

BÍBLIA VOZES

- **1.552 páginas, papel especial**
- **Formato 13 x 18 cm, encadernada com prático encaixe e belíssima gravação em ouro**

A tradução desta Bíblia amadureceu ao longo de 50 anos. Muitos especialistas deram sua contribuição. Partindo dos textos originais, usaram os recursos das modernas ciências históricas, lingüísticas e arqueológicas, para lhe oferecer um trabalho científico e de linguagem simples e acessível.

Faça seu pedido ainda hoje para:

EDITORA VOZES LTDA.

Caixa Postal 90023

25689 Petrópolis, RJ

Tel.: (0242) 43-5112

20 de dezembro de 1987 - Ano 16 - Nº 834

Mitra Diocesana de Nova Iguaçu.
Rua Mal. Floriano Peixoto, 2262. Caixa Postal 77285.
26000 Nova Iguaçu, RJ.

Utilidade Pública — Lei 6.311 de 25 de setembro de 1970.

Composto e impresso nas oficinas gráficas
da Editora VOZES Limitada. Petrópolis, RJ.

A FOLHA

Publicação Litúrgica sem fins lucrativos da Mitra Diocesana de Nova Iguaçu

DEUS, PÁSSARO DA MINHA GAIOLA

Objetivo da reunião era planejar congresso de professores de religião nas escolas. Havia a solicitação especial dos anfitriões: todos os itens do programa fossem realizados em comunhão, sem as separações confessionais de congressos passados. Então, na hora das discussões em grupo e nas celebrações, católicos e evangélicos se dividiam, cada um para um lado, julgando tal separação a coisa mais normal e até desejada pela verdade religiosa de cada um. Trágico: os explicitadores autorizados da doutrina do amor fraterno dando, na prática, o testemunho da divisão, da impossibilidade de união, de apego sem volta ao que separa as pessoas.

Seria talvez porque não se havia ainda proposto fazer diferente? Pois era para isto a reunião convocada. E o âmbito limitado deste artigo não cabe o tamanho da decepção. Após as fundamentações sobre a importância inarredável da unidade como sendo a mensagem essencial passada pelo Evangelho aos cristãos, o ambiente esquentou, as inibições se libertaram, a discussão virou guerra. Uma guerra que se pensava há muito ultrapassada, sobretudo nos meios urbanos mais informados, especialissimamente entre profissionais do ensino da religião cristã. O que se viu foi agressiva dureza de coração, foi espírito belicoso, engajado na defesa de sectarismos, em vez de anseio pela unidade, pleiteada por Cristo para ser virtude fundamental da Igreja. A religião representa aspectos profundos e perigosos da existência humana. Se, para uso externo, ela compõe a imagem do indivíduo virtuoso e temente a Deus, atrás da boca do palco esconde a subjetividade humana, composta de muitos subterrâneos. Nestes escondem-se não apenas os santos desejos, mas também os seres das trevas, as sublimações de nossas insuficiências, as falsas imagens que temos de nós mesmos, nossos impulsos pagãos de buscarmos a nós mesmos, a título de estarmos buscando Deus, a vontade de dominar e vencer o outro, para nos sentirmos confirmados em nossas verdades; verdades certas, porque vencedoras, isto é, destruidoras dos outros.

Em nosso encontro dos profissionais de cristianismo, de bocas cheias da mais santa unção, saíram "ensinamentos cristãos" que levariam Cristo ao repeteco da cruz. "Nós todos irmãos! Ora, não é bem assim? Todos irmãos na condição humana comum, tudo bem! Irmãos porque, muito tempo atrás, produzidos pelo mesmo Criador. Mas irmão mesmo, não! Depois de Cristo, é meu irmão quem aceita Jesus; aí é meu irmão porque se tornou irmão de Jesus!" Noutras palavras, o mesmo endurecimento de coração proporcionado pela presunção religiosa. Nestas horas, não nos lembramos que Jesus xingou essa gente com os mais duros palavrões, jogando-lhes em rosto que as prostitutas e pecadores públicos entrarão primeiro no Reino. A realidade dos enganamentos onipresentes em cima do povo oprimido e desinformado mostra que religião não é apenas santidade, mas tendência ruim de autovalia e dominação. Em vez de exclusiva união com Deus, religião é também impulso sociológico que vem de trás. Sou cristão ou protestante ou maometano não porque em algum deles tenha encontrado a verdade. Minha família, meu ambiente, a história de meu grupo é que determinaram a coloração religiosa de meus pensamentos. Sociologicamente, a aterrissagem em alguma igreja, por detrás das pias exterioridades, é o porto em que encontrei a segurança. Minha segurança, meu conforto, meu sossego, meu bem bom individual, a estes eu dou inconscientemente o nome de Deus e os adoro. (F.L.T.)

IMAGEM DO MENINO MULHER NEGRA

1. Agora o Menino é menina, doce menina ladra que a justiça não deixa aparecer nos jornais. Teu roubo, sim. Teu nome, não. És somente um S. Um S de Sônia ou de Susana? Um S de Sheila ou de Silvana? Ninguém sabe ou saberá. Nasceste num pântano. Cresceste num brejo. Chafurdas no lixo, marcada que foste sempre do desprezo sutil da sociedade ligeira. Nunca serás qualquer coisa. Serás sempre nada, menina marcada a ferro e fogo, vítima do jogo que o forte requer: criança, negra, mulher.

2. No supermercado ouves o recado, tão alto, insistente, que tu, de repente, sentes o desejo de pegar, sem pejo, o frasco de bala que doce te fala: Por que não me levas? eu adoço as trevas do teu sofrimento, tua dor, teu tormento. Cedes à tentação, menina sem maldade que sofres a tensão da vã sociedade consumista e vazia que se distancia do Povo lutador, do Povo sofredor. Cedes à tentação num momento de ilusão. E tu, menininha S, (um S que muito diz) treslês no frasco de balas: agora serei feliz.

3. Doce ilusão! Furtas o frasco de balas. Ninguém te vê ou te viu? O segurança de olhos abertos, de coração duro e fechado vê que és mulher, negra e criança — três vezes fragilidade —, te surpreende roubando balas. Grande pecado. Com força agarra o teu corpinho. E te arrastando, às bofetadas, aos empurrões te leva à sala de carceragem. Onde te despem o corpo frágil, o corpo negro, o corpo fêmeo. Onde te expõem a toda sorte de humilhação. Aprende agora, nega safada! Pra te emendares! Mais bofetadas e pontapés. Teu nome, menina? S de Jesus. (A.H.)

LINHAS PASTORAIS

MISTÉRIO DO NATAL E TEOLOGIA

• A festa do Natal assume seu sentido pleno à luz do hino cristológico que Paulo nos conserva:

• "Tenham em vocês o mesmo sentimento de Cristo Jesus. Ele tinha a condição divina, mas não considerou o ser igual a Deus como algo a que se apegar ciosamente. Antes pelo contrário esvaziou-se a si mesmo e assumiu a condição de escravo, tomando a semelhança humana. E, achado em figura de homem, humilhou-se e foi obediente até a morte e morte de cruz" (Fl 2,5-8).

• No desempenho de seu ministério o teólogo tem de olhar para o exemplo e a figura de Jesus Cristo, como no-la descreve este hino cristológico e como aparece também em Jo 1,1-18; em Ef 1,3-14; em Cl 1,15-20.

• Jesus se esvaziou, assumiu condição de escravo, tomou a figura humana, humilhou-se, fez-se obediente até a morte da Cruz. São etapas de suma importância para o ministério do teólogo que investiga, à luz do Espírito Santo, as verdades de nossa Fé.

• Por seu serviço, por seu carisma, o teólogo deve ser marcado de profunda humildade e, por isto, de plena sujeição ao magistério, se por acaso chegar a um conflito.

• À luz da Fé o que contradiz o Magistério não é propriamente a investigação da Fé, mas o orgulho que se apossa do teólogo. Os gregos já conheciam a hýbris (soberba) como confiança exagerada na própria força, transgressões dos limites próprios da pessoa humana, desprezo e blasfêmia dos deuses, soberba, petulância, presunção.

• A Bíblia Sagrada oferece por vezes este sentido também, embora nem sempre com toda clareza. Mas a Igreja primitiva compreendeu e assimilou o sentido de hýbris, a ponto de S. Agostinho dizer que a "soberba" (superbia, = hýbris) é o pecado original, que levou os primeiros Pais à queda e que produz todas as divisões na Igreja e todos os pecados pessoais (Ag., enarratio 2,15 ao Salmo 18).

• Quando o teólogo investiga, está no seu direito. O Magistério deve acatá-lo e animá-lo a exercer o seu carisma, que é tão útil à Igreja e ao próprio Magistério.

• Mas investigação é uma coisa e proclamação de um dogma ou ensino de uma descoberta, de maneira dogmática, é outra coisa. Conservando-se humilde, conservando-se humilde servidor de Jesus Cristo e da Igreja, o teólogo não correrá nem a tentação de esgotar o seu carisma nem de usar o seu carisma para fundamentar qualquer tipo de oposição ou de separação na Igreja.

• O teólogo deve ter sempre a preocupação de não assumir nenhuma atitude de dogmatização. Isto compete não à Teologia mas ao Magistério, em certos casos. (A.H.)

4º DOMINGO DO ADVENTO (20-12-1987)

C = Comentador; L = Leitor; P = Povo; S = Sacerdote; Sl = Salmista; * = Indica que se pode usar outro texto.
Cânticos: Missa do Advento "VEM, SENHOR JESUS!", Pe. José M. S. de Cueto — Lindeberg Pires; Ed. Paulinas.

RITO INICIAL

1 CANTO DE ENTRADA

1. *Preparemos os nossos caminhos: o Senhor está para chegar. Alegria, não estamos sozinhos: o Senhor vem até nosso lar.*
Vivemos na esperança de ver neste Natal o mundo renovado, pois Deus a nós se dá.
2. *Deus não envia até nós "um presente": Ele vem, com amor, no Natal. Com a Igreja exultemos contentes: Emanuel! Deus Conosco! Natal!*
3. *A este mundo enfermo e cansado, vem Jesus, com amor, visitar. Confiemos! Estando Ele ao lado, nosso mundo vai pronto sarar!*

2 SAUDAÇÃO

S. Em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo. **P. Amém!**
S. Irmãos, alegremo-nos! O Natal se aproxima! Jesus Cristo está para chegar!
P. Vivemos na esperança de ver neste Natal o mundo renovado, pois Deus a nós se dá!
S. Revivamos nossa esperança na vinda de Jesus Cristo, cuja Palavra tem o poder de transformar nossa vida e nos trazer a paz!
P. Bendito seja Deus / que nos reuniu no amor de Cristo / e dos irmãos!
S. Com Maria esperemos feliz a vinda de Cristo Salvador!
P. Estamos, Senhor, "esperando", com amor, / assim como outrora Maria aguardou.

* 3 SENTIDO DA CELEBRAÇÃO

C. *O rei Davi é escolhido para levar à frente o trabalho libertador de Moisés. Quer construir um Templo para abrigar a Arca de Aliança, — sinal da presença de Deus no meio do povo. Mas Deus não precisa de templos de pedra: está presente em qualquer lugar, para qualquer pessoa. Deus é quem construirá uma "casa" para Davi e sua família, até que os "templos vivos" estejam completos e, da Virgem, nasça o seu Prometido. Num tempo em que muitos não têm onde morar, a preocupação de Davi em construir uma Casa para Deus nos vem como alerta: Se até Deus precisa de uma Casa, o que dizer dos seus filhos? Esta celebração convida a refletirmos sobre a situação dos nossos irmãos mais pobres, que não terão casa onde preparar Árvore de Natal nem Presépio para esperar o Jesus que vem para todos. Mas a Liturgia nos leva também a celebrar a esperança ativa da chegada do Menino Deus nos presépios da vida sofrida do povo, no ventre de Maria e no coração dos homens.*

4 ATO PENITENCIAL

S. Irmãos, muitas vezes temos feito de nossa fé caminho para legitimar a injustiça. Preferimos nossa proteção individual a procurar o Senhor no irmão necessitado. Construímos templos para Deus e negamos terra e casa para o homem, nosso irmão. *(Pausa para revisão de vida).*
1. *Senhor, Senhor, piedade de nós!*
2. *Cristo Jesus, piedade de nós!*
3. *Senhor, Senhor, piedade de nós!*
S. Deus todo-poderoso tenha compaixão de nós, perdoe os nossos pecados e nos conduza à vida eterna.
P. Amém!

5 COLETA

S. Oremos: Derramai, ó Deus, vossa graça em nossos corações. Conhecendo, pela mensagem do anjo, a encarnação do vosso Filho, cheguemos, por sua paixão e cruz, à glória da ressurreição. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo.
P. Amém!

LITURGIA DA PALAVRA

6 PRIMEIRA LEITURA

C. *Davi morava em casa coberta de cedro e a Arca do Senhor era guardada em tenda. A tenda de Deus e a casa de Davi: sinais da opção de Deus pelos pobres. Promessa de que Deus mesmo vai dar a seu povo uma morada e aí Ele será para nós um Pai e nós os seus filhos.*

L. Leitura do Segundo Livro de Samuel (7,1-5.8b-12.14a-16). — Quando o rei Davi morava em seu palácio, depois que o Senhor lhe tinha concedido sossego da parte de todos os inimigos da redondeza, disse ao profeta Natã: "Veja só: Enquanto eu moro numa casa de cedro, a arca de Deus está debaixo de uma tenda!" Natã respondeu ao rei: "Vai e executa tudo o que pretendes fazer, pois o Senhor está contigo!" Mas naquela mesma noite, a palavra do Senhor foi dirigida a Natã nestes termos: "Vá e diga ao meu servo Davi: — Assim diz o Senhor: Porventura, você vai construir uma casa para eu morar? Fui eu que tirei você do pastoreio, do meio das ovelhas, para ser o chefe de meu povo, Israel. Estive com você em toda parte, por onde andou, a exterminei diante de você todos os inimigos. Eu lhe darei um nome tão grande como o dos homens mais famosos da terra. Vou preparar um lugar para meu povo, Israel. Vou fixá-lo, para que habite em seu lugar e jamais seja incomodado nem oprimido pelos malvados, como antes, quando eu instituía juízes sobre o meu povo, Israel. Eu livrarei você de todos os inimigos. O Senhor anuncia que lhe construirá uma casa. Quando você chegar ao fim de seus dias e repousar com seus pais, vou estabelecer como sucessor no trono um filho seu e vou confirmar a sua realeza. Eu serei para ele um pai, e ele será para mim um filho. Sua casa e sua realeza serão estáveis para sempre diante de mim, e o trono estará firme para sempre!" — Palavra do Senhor.
— P. Graças a Deus!

7 SALMO DE MEDITAÇÃO
(Sl 88)

C. *Nossa resposta é um compromisso com a causa dos irmãos carentes e abandonados. É desafio aos "davis" de hoje, para que se preocupem também com os filhos de Deus que moram nas favelas, nos acampamentos, debaixo de pontes...*
Quero cantar ao Senhor, sempre, enquanto eu viver. Hei de provar seu amor, seu valor e seu poder!
Sl. 1. *Ó Senhor, eu cantarei eternamente o vosso amor, / de geração em geração eu cantarei vossa verdade! / Porque dissestes: "O amor é garantido para sempre!" / E a vossa lealdade é tão firme como os céus.*
2. *"Eu firmei uma Aliança com meu servo, meu eleito, / e eu fiz um juramento a Davi, meu servidor: / Para sempre, no meu trono, firmarei tua linhagem, / de geração em geração garantirei o teu reinado!"*
3. *Ele, então, me invocará: Ó Senhor, vós sois meu Pai, / sois meu Deus, sois meu Rochedo onde encontro a salvação! / Guardarei eternamente para ele a minha graça / e com ele firmarei minha Aliança indissolúvel.*

8 SEGUNDA LEITURA

C. *"Que Deus os faça cada vez mais firmes na fidelidade à Boa-Nova que anuncio". São palavras de São Paulo aos romanos e a nós, hoje. Ser fiéis a este chamado é ser fiéis à Boa-Nova da libertação para todos os povos.*

L. Leitura da Carta de São Paulo Apóstolo aos Romanos (16,25-27). — "Irmãos, ao Deus que tem poder de tornar vocês firmes, segundo o Evangelho que anuncio, pregando Jesus Cristo, de acordo com a revelação do mistério mantido em segredo desde a eternidade, mas que agora foi manifestado pelas Escrituras proféticas e dado a conhecer, por disposição do Deus eterno; a todas as nações, para levá-las à obediência da fé; ao Deus único e sábio seja dada, por Jesus Cristo, a glória por todo sempre. Amém". — Palavra do Senhor. —
P. Graças a Deus!

9 CANTO DE ACLAMAÇÃO

Aleluia! Aleluia! Aleluia!
Que as nuvens se abram e enviem o orvalho reconfortador. / Que na terra brote já a flor! / Que venha para nós o Salvador!

10 EVANGELHO

C. *Cumpre-se a promessa feita a Davi: assumindo a responsabilidade por nós e para todos nós, Maria deu o "SIM" à entrada de Deus na história dos homens.*
S. O Senhor esteja convosco.
P. Ele está no meio de nós!
S. Evangelho de Jesus Cristo segundo Lucas (1,26-38).
P. Glória a vós, Senhor!

S. "Naquele tempo, o anjo Gabriel foi enviado a uma cidade da Galiléia, chamada Nazaré, a uma virgem, prometida em casamento a um homem chamado José. Ele era descendente de Davi, e a virgem chamava-se Maria. O anjo entrou onde ela estava, e disse: 'Alegrate, cheia de graça, o Senhor está contigo!' Maria ficou perturbada com estas palavras e começou a pensar o que a saudação queria dizer. O anjo, então, acrescentou: 'Não tenhas medo, Maria, porque encontraste graça diante de Deus. Eis que ficarás grávida e darás à luz um filho, a quem porás o nome de Jesus. Ele será grande, será chamado Filho do Altíssimo, e o Senhor Deus lhe dará o trono de seu pai Davi. Ele reinará para sempre sobre os descendentes de Jacó, e o seu reino não terá fim'. Maria perguntou ao anjo: 'Como vai acontecer isso, pois não tenho relações com nenhum homem?' O anjo respondeu: 'O Espírito Santo virá sobre ti, e o poder do Altíssimo te cobrirá com sua sombra. Por isso, o menino que vai nascer será santo e chamado Filho de Deus. Também Isabel, tua parenta, concebeu um filho na velhice, e este é o sexto mês daquela que era considerada estéril, porque para Deus nada é impossível'. Maria, então, disse: 'Eu sou a serva do Senhor; faça-se em mim segundo a tua palavra!' E o anjo se retirou". — Palavra da Salvação. — **P. Louvor a vós, ó Cristo!**

* 11 PREGAÇÃO — PARTILHA

12 PROFISSÃO DE FÉ

P. Cremos, Senhor, que criastes o céu, a terra e tudo o que existe. / Cremos que mandastes Jesus, vosso Filho, para salvar a todos os homens. / Cremos que Jesus foi pregado na cruz, morreu e ressuscitou ao terceiro dia. / Cremos que também nós, um dia, vamos ressuscitar dos mortos. / Cremos no Espírito Santo, na Santa Igreja e na vida eterna. Amém.

* 13 ORAÇÃO DOS FIÉIS

S. Irmãos, por causa da disponibilidade de Maria, Deus entrou em nossa história. Para que sejamos disponíveis aos apelos de construção do Reino, através do qual Deus quer entrar na história de todos os homens, elevemos nossas preces:

L1. *Para que as comemorações natalinas reacendam em todos os cristãos as esperanças e os esforços de justiça entre os homens, vem, Senhor Jesus!*

P. Vem, Senhor! Vem nos salvar! Com teu povo vem caminhar!

L2. *Para que, neste Ano Mariano, possamos, iguais a Maria, dizer SIM. Um sim que transforme o mundo e a história, vem, Senhor Jesus!*

L3. *Para que tenhamos, viva em nós, a consciência de que somos, neste mundo, a presença viva e real de Ti, que és o Libertador dos oprimidos, vem, Senhor Jesus!*

L4. *Para que nossas comunidades se reúnam, não apenas para festejar o Natal, mas para serem sinais da Tua presença e de Tua justiça: vem, Senhor Jesus!*

L5. *Para que nossas famílias tenham, neste Natal, as graças da alegria, da união e da paz, reservadas às pessoas de boa vontade: vem, Senhor Jesus!*

(Outras intenções da comunidade...).

S. Senhor, preparando-nos para comemorar a vinda do vosso Filho ao mundo, fazei que sejamos coerentes com seu Evangelho. Que possamos lutar para encarnar em vossa Igreja a esperança dos homens. Trabalhemos para que esta esperança fique cada vez menos distante. Por Cristo nosso Senhor.

P. Amém!

LITURGIA EUCARÍSTICA

14 CANTO DAS OFERTAS

Que alegria, que esperança! Aguardar Jesus que vem! Renovemos nossas vidas, confirmemos nossa fé.

1. *Junto ao pão e junto ao vinho, colocamos a promessa de vivermos como irmãos. Sobre a ara do altar depositamos o aperto fraternal de nossas mãos.*

2. *Aceita, ó Senhor, neste momento, nossa vida transformada em oblação, como aceitas, ó Senhor, o alimento que o fermento, levedando, torna pão.*

15 ORAÇÃO DAS OFERTAS

S. Orai, irmãos, para que o nosso sacrifício seja aceito por Deus Pai todo-poderoso.

P. Receba o Senhor por tuas mãos este sacrifício / para a glória do seu nome / para o nosso bem e de toda a santa Igreja.

S. Senhor nosso Deus, colocamos nossas ofertas sobre vosso altar. Santificai-as com vosso Espírito, que trouxe a vida ao seio da Virgem Maria. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo.

P. Amém!

16 ORAÇÃO EUCARÍSTICA

(Prefácio próprio. No fim canta-se ou recita):

P. Santo, Santo, Santo...

(A oração eucarística cabe ao sacerdote somente; após a consagração):

S. Eis o mistério da fé.

P. Todas as vezes que comemos deste pão e bebemos deste cálice / anunciamos, Senhor, a vossa morte / enquanto esperamos a vossa vinda.

17 CANTO DA COMUNHÃO

1. *Caminhemos, alma em festa, ao encontro do Senhor! É Jesus que vem chegando. É Natal no coração.* **Vamos, pois, com alegria: É o Advento do Senhor. Para nós, na Eucaristia, o Natal se adiantou.**

2. *Caminhemos, alma em festa, ao encontro do Senhor! Comunhão é unidade, e unidade é comunhão.*

3. *Caminhemos, alma em festa, ao encontro do Senhor! Comunhão é aliança renovada com amor.*

4. *Caminhemos, alma em festa, ao encontro do Senhor! Comunhão é vida nova — renovados estamos nós.*

5. *Caminhemos, alma em festa, ao encontro do Senhor! Comunhão é compromisso — fiéis seremos, por amor.*

18 AÇÃO DE GRAÇAS

S. Oremos: Ó Deus todo-poderoso, recebemos o penhor da eterna redenção. Fazei que, ao aproximar-se da festa da Salvação, nos preparemos, com maior empenho, para celebrar dignamente o mistério de vosso Filho. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo. **P. Amém!**

RITO FINAL

* 19 MENSAGEM PARA A VIDA

(Após as comunicações de interesse para a comunidade):

C. *Terminam aqui as quatro semanas do Advento. Daqui a pouquinho é Natal: festa de paz e alegria. Natal é festa que celebra a misericórdia de Deus, marcada pela vinda de Cristo para o meio dos homens. É festa da união e da fraternidade que nascem de nossa conversão; da conversão que nos faz irmãos. Que nosso compromisso seja viver o Natal em Comunidade, em família, longe do egoísmo que separa. Uma festa onde os presentes sejam amor, paz, justiça, perdão e fraternidade.*

20 BÊNÇÃO FINAL

S. O Senhor esteja convosco.

P. Ele está no meio de nós!

S. Iguais a Maria esperemos o Menino Deus que vai chegar.

P. Estamos, Senhor, "esperando", com amor, assim como outrora Maria aguardou.

Era uma espera cheia de amor, pois ela sabia que sois, Senhor, a nossa feliz salvação.

S. Deixemos Cristo nascer em nossa vida e em nossa comunidade.

P. Iguais a Maria levaremos o Cristo / no trabalho e na escola, no bairro e nos Movimentos populares!

S. A preparação para o Natal renove o amor em nossas famílias.

P. Iguais a Maria queremos estar a serviço de Deus e dos irmãos!

P. Abençoe-vos o Deus todo-poderoso, Pai, e Filho, e Espírito Santo. **P. Amém!**

S. Vamos em paz e o Emanuel, — Deus Conosco —, nos acompanhe agora e para sempre. **P. Amém!**

21 CANTO DE SAÍDA

Nós agora voltaremos para anunciar / que Jesus, a quem amamos, vem pra conosco ficar.

A aurora está chegando e o sol está para raiar! Flor está já brotando. Conosco vem para ficar o Deus da Paz!

LEITURAS PARA A SEMANA:

2ª-feira: Ct 2,8-14 *ou* Sf 3,14-18a; Lc 1,39-45 *(S. Pedro Canísio).* / 3ª-feira: 1Sm 1,24-28; Lc 1,46-56. / 4ª-feira: Ml 3,1-4.23-24; Lc 1,57-66. / 5ª-feira: 2Sm 7,1-5.8b-12.14a.16; Lc 1,67-79 *Missa vespertina da Vigília:* Is 62,1-5; At 13,16-17.22-25; Mt 1,1-25. / 6ª-feira: *1ª missa:* Is 9,1-6; Tt 2,11-14; Lc 2,1-14; *2ª Missa:* Is 62,11-12; Tt 3,4-7; Lc 2,15-20; *3ª Missa:* Is 52,7-10; Hb 1,1-6; Jo 1,1-18 *(Natal de Nosso Senhor Jesus Cristo).* / Sábado: At 6,8-10; 7,54-59; Mt 10,17-22 *(Santo Estêvão, Protomártir).* / Domingo: Eclo 3, 3-7.14-17a; Cl 3,12-21; Lc 2,22-40 *(Sagrada Família).*

ORAÇÃO DE NATAL PARA TEMPOS DE INIQÜIDADE

José Pedro de Alcântara

Como falar de flores,
quando há tanta árvore
morta pelo caminho?

Como falar de canto,
quando há tanto soluço
preso na garganta?

Como falar da jovialidade do Deus-menino,
quando há tanta criança
agonizando nos braços da rua?

Dobram lânguidos os sinos
neste tempo de Natal!

Pobre de mim que transformo em vinho
o leite das crianças de peito:
— Terei de beber a taça da tua ira.

Pobre de mim que como carne de irmãos
com as iguarias da minha ceia:
— Retorcer-me-ei de fome por tua companhia.

Pobre de mim que recubro meu recosto
despindo os fracos e pequenos:
— Tiritarei nu como recém-nascido.

Eu sei que tu és um Deus que vem,
que vem trazer a espada e não a paz,
que vem separar o pai do filho,
que vem pregar que são os violentos
que arrebatarão o teu Reino.
Tu vens. Pobre de mim!
Rastejo como verme, triturado de remorso,
diante do peso de tua Justiça.

Ágios, athánatos, eléison, eléison.

EM TORNO DA LITURGIA

A VIDA DA IGREJA CELEBRADA NA LITURGIA

Frei Alberto Beckhäuser, OFM

A Liturgia celebra a vida de Jesus Cristo e da Igreja ou é a celebração do mistério de Cristo e da Igreja. Ela recolhe a vida da Igreja e a celebra em Jesus Cristo. Gostaria de dizer algo sobre esta vida da Igreja celebrada na Liturgia. Não se trata apenas de um ou outro aspecto da vida da Igreja, mas da totalidade de sua vida.

As Diretrizes Gerais da Pastoral apresentadas pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil apresentam a globalidade da vida da Igreja em seis dimensões: a comunitária e participativa; a missionária; a catequética; a litúrgica; a ecumênica e de diálogo religioso e a profética e transformadora. São estas as dimensões da vida da Igreja. Todas elas devem ser recolhidas na celebração e ser expressas por ela. Nenhuma pode ser excluída. Mas, por outro lado, devemos distinguir bem as coisas. Cada dimensão deve manter a sua identidade. Por exemplo, Liturgia não é Catequese e Catequese não é Liturgia. Mas a Catequese deve iniciar na vida litúrgica e a Liturgia bem celebrada é profundamente catequética. O mesmo vale para as outras dimensões. Devemos distinguir bem os momentos: antes da celebração, a celebração e o depois da celebração. Assim, a dimensão profética e transformadora vem depois da celebração. É ação histórica na sociedade e não deve confundir-se com o momento ritual ou celebrativo.

Como então as diversas dimensões da vida da Igreja estão presentes na Liturgia? De duas maneiras: Primeiro, as seis dimensões evocam, celebram os mistérios de Cristo: o Cristo que serve e anima a comunidade, o Cristo enviado do Pai, o Cristo mestre, o Cristo que presta culto ao Pai, o Cristo em diálogo religioso com todos, o Cristo profeta que exige a libertação integral do homem. Depois, pela vivência das seis dimensões da Igreja, os cristãos realizam experiências pascais, que, por sua vez, são celebradas no rito; tornam-se objeto de louvor e de ação de graças a Deus; tornam-se presentes diante de Deus em seu Filho, Jesus Cristo.

Isso vale não só para a Missa. Vale para todas as celebrações litúrgicas. Como fazê-lo é outra questão a ser aprofundada.

DEUS NÃO PEDE LICENÇA

Carlos Mesters

Não foi só José que percebeu a gravidez de Maria. O povo também! Certamente, nas rodas de conversa junto à fonte, as mulheres devem ter comentado o fato. E os parentes? Todos, povo e parentes, todos devem ter desconfiado e pensado que ela ia ser mãe solteira: "E aquela viagem de três meses ao Sul! Será que foi só para visitar a prima Isabel?" A língua do povo num lugar pequeno corta mais do que faca e tesoura! Tanto deve ter sido o *fuxico* que José, quando teve de ir a Belém por causa do recenseamento, preferiu levar Maria consigo a deixá-la em Nazaré (cf. Lc 2,4-5).

Bastava José ir sozinho a Belém. Só ele era de lá. Maria podia ter ficado em Nazaré, junto aos parentes. Ela teria assim a ajuda das mulheres na hora do parto. Isso teria sido o normal. Mas Maria preferiu a companhia de José, que aceitou a gravidez fora de hora, à companhia das mulheres de Nazaré que, provavelmente, a machucavam com sua desconfiança e seus comentários. Ela preferiu as dificuldades de uma grande viagem e de um parto longe de casa ao relativo conforto de Nazaré, mas sem o apoio de José!

Para poder ser a mãe de Jesus, o Libertador do povo, Maria correu um duplo risco: perder a sua honra na boca do povo e ter que passar o resto da vida como mãe solteira, caso José não a aceitasse na casa dele. Mas José agüentou a situação, recebeu Maria em sua casa como sua esposa (cf. Mt 1,24) e impediu, assim, que a honra de Maria fosse jogada na rua. Os amigos talvez zombassem dele: "Onde se viu! Casar com uma futura mãe solteira!" Mas José nem ligou e assumiu sua missão. José foi grande! Por amor à sua noiva e por amor a Deus e ao povo, ele agüentou a incompreensão do próprio povo!

Para realizar o seu plano, Deus não pediu licença nem a José, nem ao Sumo Sacerdote, nem ao Imperador Augusto, nem à moral ou às normas da sociedade e nem mesmo à nossa lógica. Por exemplo, a própria mãe de Jesus correu o risco de passar por mulher infiel aos olhos dos outros! Além disso, na lista dos avós de Jesus, o nome de Maria aparece ao lado dos nomes de quatro outras mulheres. Ora, Tamar, a primeira (cf. Mt 1,3), se fez passar por prostituta, para poder ter um filho (cf. Gn 38,1-30). Raab, a segunda (cf. Mt 1,5), era uma prostituta da cidade de Jericó (cf. Js 2,1). Rute, a terceira (cf. Mt 1,5), era uma estrangeira (cf. Rt 1,1-4). A quarta é a mulher de Urias (cf. Mt 1,6), com a qual Davi cometeu adultério (cf. 2Sm 11,1-27). A quinta mulher da lista é Maria, "da qual nasceu Jesus, chamado Cristo" (Mt 1,16).

Esta simples lista de nomes (cf. Mt 1,1-16) mostra que Deus, realmente, não pede licença às normas que os homens estabelecem! Pede licença, sim, à pessoa em questão, a Maria, para que esta possa dar uma resposta livre. Deus é livre, age livremente e onde sua liberdade se manifesta, as idéias e os planos dos homens têm de ser modificados. Foi assim que José e Maria tiveram de mudar os seus planos, para que a vida deles pudesse entrar dentro do plano de Deus. Maria se torna a mãe de Jesus por obra e graça do Espírito Santo, e José assume, perante a lei judaica, a paternidade de Jesus!

BÍBLIA VOZES

- **1.552 páginas, papel especial**
- **Formato 13 x 18 cm, encadernada com prático encaixe e belíssima gravação em ouro**

A tradução desta Bíblia amadureceu ao longo de 50 anos. Muitos especialistas deram sua contribuição. Partindo dos textos originais, usaram os recursos das modernas ciências históricas, lingüísticas e arqueológicas, para lhe oferecer um trabalho científico e de linguagem simples e acessível.

Faça seu pedido ainda hoje para:

EDITORA VOZES LTDA.

Caixa Postal 90023

25689 Petrópolis, RJ

Tel.: (0242) 43-5112

27 de dezembro de 1987 - Ano 16 - Nº 835

Mitra Diocesana de Nova Iguaçu.
Rua Mal. Floriano Peixoto, 2262. Caixa Postal 77285.
26000 Nova Iguaçu, RJ.

Utilidade Pública — Lei 6.311 de 25 de setembro de 1970.

Composto e impresso nas oficinas gráficas
da Editora VOZES Limitada. Petrópolis, RJ.

A FOLHA

Publicação Litúrgica sem fins lucrativos da Mitra Diocesana de Nova Iguaçu

NICARÁGUA, UM PRESÉPIO LATINO-AMERICANO

No dia 9 de janeiro de 1987, foi promulgada a nova Constituição da Nicarágua. Eis o preâmbulo da nova Constituição: "Em nome do povo nicaragüense, de todos os partidos e organizações democráticas, patrióticas e revolucionárias da Nicarágua, de seus homens e mulheres, de seus operários e camponeses, de sua gloriosa juventude, de suas mães heróicas, *dos cristãos que a partir de sua fé em Deus se comprometeram e integraram-se à luta pela libertação dos oprimidos,* de seus intelectuais patrióticos, de todos aqueles que, com seu trabalho produtivo, contribuem com a defesa da pátria e dos que lutam e ofertam suas vidas frente à agressão imperialista, a fim de garantir a felicidade das novas gerações".

Nunca, na história da América Latina, ocorreu uma discussão tão profunda e um resultado tão lúcido, como o ocorrido na Nicarágua, sobre a introdução ou omissão do nome de Deus na Constituição Política do país. Os conservadores queriam, a todo custo, que aparecesse o nome de Deus. Os liberais e os marxistas queriam que fosse omitido. Mas, em um momento de lucidez profética, a Assembléia Nacional tomou consciência que tanto o Deus defendido como o negado não era o Deus que havia inspirado a luta dos cristãos para a libertação dos oprimidos. A luta entre conservadores e marxistas era sobre um Deus que não era o Deus dos cristãos revolucionários.

O Deus discutido pelos assim chamados crentes e ateus era um Deus abstrato, metafísico, intranscendente. O Deus dos cristãos revolucionários da Nicarágua não tem nada a ver com esse Deus. A fé cristã é "atéia" desse Deus e considera-o um ídolo criado e fabricado pelo sistema dominante. O Deus que, finalmente, entrou na Constituição foi o Deus bíblico, o Deus de Jesus, o Deus verdadeiro, o Deus dos pobres que lutam pela vida e pela justiça.

É curioso constatar que a maioria dos cristãos conservadores (incluindo alguns bispos) opunha-se a que se introduzisse o nome de Deus na Constituição, para evitar que o nome de Deus fosse manipulado politicamente pelo governo. Os marxistas tradicionais também se opunham, claro que por motivos diferentes. Mas, nessa discussão entre conservadores, sejam cristãos ou marxistas, ninguém se perguntava sobre qual Deus se estava discutindo. Há muito tempo, na Teologia da Libertação, é dito que o problema de Deus na América Latina não é a existência de Deus, mas como é Deus e onde Ele está, quais são suas opções e como nós O representamos.

Já não é significativo que alguém diga que crê em Deus. Deve especificar em qual Deus ele crê. Tampouco é significativo que alguém diga que é ateu. Deve especificar de qual Deus é ateu. O problema teológico fundamental da América Latina não é demonstrar a existência de Deus, mas discernir o Deus de Jesus dos falsos ídolos que usam o Seu nome. O problema não é o ateísmo, mas a idolatria. Tanto a idolatria que substitui o Deus verdadeiro por outros deuses (o deus dinheiro, o deus mercado, o deus poder, o deus prestígio, etc.), como a idolatria que perverte o sentido de Deus, deforma a imagem de Deus ou invoca em vão o nome do Deus verdadeiro...

O dia 9 de janeiro de 1987 ficará como uma data importante, não só na história de libertação da América Latina, mas também na história teológica de nosso Continente. É uma data que mostra a importância da fé no Deus de Jesus no seio dos processos de libertação. Esta importância foi testemunhada, uma vez mais, pela revolução sandinista. A experiência demonstra que, quando os cristãos, apoiando-se em sua fé, são capazes de responder às necessidades de seu povo e da história, suas próprias crenças os incentivam à militância revolucionária. É o que ensina a revolução espiritual que está acontecendo na Nicarágua, ao lado da revolução econômica e política *(Reflexões do teólogo Pablo Richard).* (F.L.T.)

IMAGEM DO MENINO EM DOCE LAR

1. Fernanda, cinco aninhos, começa a descobrir o mundo e as coisas. Quer saber tudo. Por que a água é mole, Pai? O Pai tenta responder, recorrendo ao Supremo: Porque Papai do céu fez assim, filhinha, Papai do céu faz assim pra não fazer dodói quando você toma banho, tá? Por que o gelo é quente, Mãe? Por que é que o fogo é frio, Pai? Por que é que o Sol se apagou, Mãe? Por quê... por quê... por quê...? um perguntar infinito que diverte e cansa, e vai demonstrando o botão de rosa que desabrocha à vida.

2. Mas a coisa subiu de ponto, quando Fernandinha foi tomar banho de mar. Entrava, saía... Por que a água do mar é salgada, Pai? Por que o mar só vive dançando, Mãe? Por quê... por quê... Entra n'água, esperneia, pula, salta, mergulha, engole água salgada, fica moreninha de tanto sol. Brinca sem fim com Susana, a irmãzinha mais velha, cada qual interessada em mostrar que aprendeu as aulas de natação com o tio Leandro. Vamos sair, filhinha? Mais um pouquinho, Mãe. A Mãe cede. Pai e Mãe fecham os olhos. Agora vamos, tá na hora de almoçar.

3. Saem tremendo de frio, roxinhas, protestando por protestar. Vão pela areia quente, trocando as perninhas, tremendo de frio. Em casa Mamãe ordena: Agora o banho de água doce. Fernandinha escuta a ordem, pára, Mamãe repete: Agora um banho doce, filhinhas. Fernanda desata a rir: Quem pôs açúcar na água, Mãe? e tem água doce, Pai? Os Pais hesitam na difícil resposta que não sabem. Abrem a torneira e empurram as duas para o chuveiro. Fernandinha bebe um gole e pergunta: Isso é água doce, Mãe? por que é doce, Mãe? Mamãe descobre: Porque é gostosa, filhinha. (A.H.)

LINHAS PASTORAIS

MISTÉRIO DO NATAL E MAGISTÉRIO

• Quando os Doze brigam por causa dos primeiros lugares, Jesus não encontra melhor lição do que dizer-lhes:

• "Quanto a vocês, não permitam que os chame de Rabim, pois um só é o seu Mestre e todos vocês são irmãos. A ninguém na terra chamem Pai, pois um só é o seu Pai, o celeste. Nem permitam que os chamem de Guias, pois um só é o guia de vocês, Cristo. Antes o maior dentre vocês será aquele que os serve. Aquele que se exaltar, será humilhado; e aquele que se humilhar, será exaltado" (Mt 23,8-12).

• A mensagem de Jesus é clara. O exemplo de Jesus é claro. Também para o Magistéiro? principalmente para o Magistério, pois o sentido profundo do Magistério é anunciar que Jesus Cristo é o salvador, é proclamar que (na palavra de Maria SSma.) "a misericórdia (de Deus) perdura de geração em geração, para aqueles que o temem".

• "Agiu com a força do seu braço, dispersou os homens de coração orgulhoso, depôs poderosos dos seus tronos e humildes exaltou. Cumulou de bens os famintos e despediu ricos de mãos vazias" (Lc 1,50-53).

• O Magistério anuncia Jesus Cristo que nasceu num presépio e morreu na cruz, Jesus Cristo que se esvaziou e assumiu a natureza humana, em atitudes portanto que são a negação de toda "hýbris" — soberba, orgulho, vanglória, petulância —, mas a afirmação plena da nova realidade que a boa-nova anuncia e que está em contraste chocante com o espírito do mundo — que é "hýbris".

• O Magistério, de per si, não investiga, não aprofunda, não esclarece a Fé: anuncia-a simplesmente. Os teólogos, sim, exercem esta função. Mas o que os teólogos, como teólogos, não podem fazer é proclamar novas verdades da Fé, é levar suas investigações, ainda não completamente esclarecidas, ainda não sancionadas pelo Magistério, até o Povo de Deus.

• A humildade (que se opõe à "hýbris", ao orgulho, à presunção) não tem grandes dificuldades em aceitar os demais carismas que, segundo S. Paulo, são dons que manifestam o Espírito para a utilidade de todos (cf. 1Cor 12,4). (A.H.)

SAGRADA FAMÍLIA, JESUS, MARIA E JOSÉ (27-12-1987)

C = Comentador; L = Leitor; P = Povo; S = Sacerdote; Sl = Salmista; * = Indica que se pode usar outro texto.
Cânticos: AVULSOS.

RITO INICIAL

1 CANTO DE ENTRADA

Vem e segue-me, diz Jesus a todos nós; / seu amor nos faz ser fiéis, ter coragem, seguir sua voz...

1. *O mundo necessita de gente de valor, que faça de sua vida missão, ato de amor.*
2. *No ofício que realiza, o leigo vai servir a Cristo e a humanidade, e o mundo redimir.*
3. *O amor do Matrimônio é pura doação, é vida que transborda do corpo e coração.*

2 SAUDAÇÃO

S. Em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo.
P. Amém!
S. Irmãos, a graça de Nosso Senhor Jesus Cristo, o amor do Pai e a comunhão do Espírito Santo estejam convosco.
P. Bendito seja Deus que nos reuniu no amor de Cristo!

* 3 SENTIDO DA CELEBRAÇÃO

C. *A família é a escola do amor. E não há modelo melhor de família do que a* Sagrada Família: *Jesus, Maria e José. Eis a festa que celebramos hoje. Celebramos o amor profundo e santo desta família sagrada, que nos ensina que o amor aos pais é condição para uma vida plena e feliz. "Honrar pai e mãe" é o desejo de Deus. Mas a família não existe para viver fechada sobre si mesma. Somos chamados a formar a grande família do Povo de Deus, pois Jesus é Irmão de todos. Ele é a luz que ilumina as nações. Cantemos pois, salmos, hinos e cânticos, dando graças ao Pai por nossa família; dando graças porque participamos da comunidade, que é a família dos filhos de Deus; dando graças porque nos comprometemos com a causa de todas as famílias carentes e dos menores abandonados.*

4 ATO PENITENCIAL

S. Irmãos, "como o Senhor lhes perdoou, façam vocês o mesmo". Perdoemo-nos mutuamente se temos motivo de queixa contra alguém. *(Pausa para revisão de vida).*
Perdão, Senhor, por eu não amar a cada irmão com o mesmo amor com que você amou!
1. *A Deus que é Pai você amou constante, / sem nunca estar cansado, / fiel a cada instante, até morrer.*
2. *A seus irmãos você amou constante, / sem nunca estar cansado. / Também a cada instante eu devo amar.*
S. Deus todo-poderoso tenha compaixão de nós, perdoe os nossos pecados e nos conduza à vida eterna.
P. Amém!
Senhor, Senhor, piedade de nós! (bis)
Cristo Jesus, piedade de nós! (bis)
Senhor, Senhor, piedade de nós! (bis)

5 GLÓRIA

1. *Só vós, Senhor, nos dais a verdadeira Paz! / Dizer bem alto ao mundo: Shalon! Shalon! Shalon!*
Glória a Deus nas alturas! Paz às suas criaturas! (bis)
2. *Jesus a nós nos traz, no altar, a sua Paz. / Está na Eucaristia, a Paz que prometia.*

6 COLETA

S. Oremos: Deus de bondade, vós nos destes a Sagrada Família como exemplo de vida familiar. Ajudai-nos a imitar, em nossos lares, as virtudes da convivência de Jesus, Maria e José. Ajudai nossas famílias a preparar seus filhos para a convivência fraterna, esforçando-nos para fortalecer, em nossas famílias, os laços do amor, possamos chegar, um dia, às alegrias de vossa casa. Por Nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, e nosso Irmão, na unidade do Espírito Santo.
P. Amém!

LITURGIA DA PALAVRA

7 PRIMEIRA LEITURA

C. *Respeitar a mãe é ajuntar tesouros. Honrar o pai é ter alegria. Honrar pai e mãe é garantia de vida longa e feliz. Feliz o filho que ama seu pai e sua mãe, pois alcançará o perdão dos pecados.*

L. Leitura do Livro do Eclesiástico (3,2-6.12-14). — "O Senhor honra o pai nos filhos e confirma, sobre eles, a autoridade da mãe. Quem honra seu pai, alcança o perdão dos pecados; quem respeita sua mãe, é como alguém que ajunta tesouros. Quem honra seu pai, terá alegria com seus próprios filhos; e, no dia em que orar, será atendido. Quem respeita seu pai, terá vida longa. E quem obedece ao Senhor é o consolo de sua mãe. Meu filho, ampare seu pai na velhice e não lhe cause desgosto enquanto vive. Mesmo que ele esteja perdendo o uso da razão, procure ser compreensivo para com ele. Não o humilhe, você que está cheio de vida. O amor para com seu pai não será esquecido, mas, ao contrário, ele servirá para descontar os seus pecados". — Palavra do Senhor. — **P. Graças a Deus!**

8 SALMO DE MEDITAÇÃO
(Sl 127)

C. *Ao Senhor que prometeu atender-nos no dia em que orarmos, queremos salmodiar e nos comprometer na busca de viver como verdadeiros irmãos.*
Felizes os que ouvem a Palavra do Senhor. / Felizes os que buscam a justiça e o amor!
Sl. 1. *Feliz és tu, se temes o Senhor / e trilhas seus caminhos! // Do trabalho de tuas mãos hás de viver, / serás feliz, tudo irá bem!*
2. *A tua esposa é uma videira bem fecunda / no coração da tua casa; // os teus filhos são rebentos de oliveira / ao redor de tua mesa.*
3. *Será assim abençoado todo homem / que teme o Senhor. // O Senhor te abençoe de Sião / cada dia de tua vida!*

9 SEGUNDA LEITURA

C. *"Mulher, ame a seu marido; marido, ame a sua mulher; filhos obedeçam a seus pais; pais não irritem os seus filhos"... Eis as recomendações de Paulo à família: Este mesmo amor é que deve nortear a grande família do Povo de Deus.*

L. Leitura da Carta de São Paulo Apóstolo aos Colossenses (3,12-21). — "Irmãos: Vocês são o povo santo de Deus, escolhido e amado. Por isso, procurem revestir-se de misericórdia, bondade, humildade, mansidão e tolerância. Tenham paciência uns com os outros, perdoando-se mutuamente se algum de vocês tiver motivo de queixa contra alguém. Como o Senhor lhes perdoou, façam vocês o mesmo. Mas acima de tudo tenham amor, que faz a união perfeita. Que a paz de Cristo reine em seus corações, pois a ela vocês foram chamados como membros de um só corpo. E sejam agradecidos. Que a palavra de Cristo, com toda a sua riqueza, habite nos seus corações. Instruindo-se e persuadindo-se mutuamente com toda a sabedoria. Movidos pela graça, cantem de coração a Deus salmos, hinos e cânticos inspirados. Qualquer atividade, palavras ou ações, seja tudo feito em nome do Senhor Jesus, dando graças, por meio dele, a Deus Pai. Vocês esposas, sejam dóceis a seus maridos, como devem ser os que são do Senhor. Vocês maridos, amem as suas esposas e não sejam grosseiros com elas. Vocês filhos, obedeçam sempre aos seus pais: pois isso agrada ao Senhor. Vocês pais, não irritem os seus filhos, para que eles não desanimem". — Palavra do Senhor. — **P. Graças a Deus!**

10 CANTO DE ACLAMAÇÃO

Aclamemos, com fé, o Senhor, que nos diz, no Evangelho, com amor: / "Quem acolhe o Menor, meu irmão, me acolhe e terá salvação...
Sl. "Agora, Senhor, conforme a tua promessa, / podes deixar teu servo partir em paz. // Porque meus olhos viram a tua salvação / que preparaste diante de todos os povos: / luz para iluminar as nações / e glória de teu povo Israel".

11 EVANGELHO

C. *Fiéis ao projeto do Pai, José e Maria levam o filho para apresentá-lo ao Senhor. E aí se revela a missão de Jesus. Ele não veio para viver no aconchego da vida familiar. Veio para ser a salvação do povo, a luz das nações, o nosso libertador.*
S. O Senhor esteja convosco.
P. Ele está no meio de nós!
S. Evangelho de Jesus Cristo segundo Lucas (2,22-40).
P. Glória a vós, Senhor!

S. Quando se completaram os dias para a purificação da mãe e do filho, conforme a Lei de Moisés, Maria e José levaram Jesus a Jerusalém, a fim de apresentá-lo ao Senhor. Porque está escrito na Lei do Senhor: "Todo primogênito do sexo masculino deve ser consagrado ao Senhor". Foram também oferecer o sacrifício — um par de rolas ou dois pombinhos — como vem ordenado na Lei do Senhor. Em Jerusalém havia um homem chamado Simeão. Ele era justo e piedoso, e esperava a consolação de Israel. O Espírito Santo estava com ele e lhe havia anunciado que não morreria antes de ver o Messias do Senhor. Movido pelo Espírito, Simeão veio ao Templo. Quando os pais trouxeram o menino Jesus para cumprir o que a lei ordenava, Simeão tomou o menino nos braços e bendisse a Deus: "Agora, Senhor, conforme a tua promessa, podes deixar teu servo partir em paz; porque meus olhos viram a tua salvação, que preparaste diante de todos os povos: luz para iluminar as nações e glória do teu povo Israel". O pai e a mãe de Jesus estavam admirados com o que diziam a respeito dele. Simeão os abençoou e disse a Maria, a mãe de Jesus: "Este menino vai ser causa tanto de queda, como de reerguimento para muitos em Israel. Ele será também um alvo de contradição. Assim serão revelados os pensamentos de muitos corações. E quanto a você, uma espada lhe transpassará a alma". Havia também uma profetisa, chamada Ana, filha de Fanuel, da tribo de Aser. Era de idade muito avançada: quando jovem, tinha sido casada e vivera sete anos com o marido; depois ficara viúva, e agora já estava com oitenta e quatro anos. Não saía do Templo, dia e noite servindo a Deus com jejuns e orações. Ana chegou nesse momento e se pôs a louvar a Deus e a falar do menino a todos os que esperavam a libertação de Jerusalém. Depois de cumprirem tudo, conforme a Lei do Senhor, voltaram à Galiléia, para Nazaré, sua cidade. O menino crescia e se tornava forte, cheio de sabedoria; e a graça de Deus estava com ele. — Palavra da Salvação. — **P. Louvor a vós, ó Cristo!**

* 12 PREGAÇÃO — PARTILHA

13 PROFISSÃO DE FÉ

S. Creio em Deus Pai todo-poderoso,
P. Criador do céu e da terra. / E em Jesus Cristo, seu único Filho, nosso Senhor / que foi concebido pelo poder do Espírito Santo / nasceu da Virgem Maria / padeceu sob Pôncio Pilatos / foi crucificado, morto e sepultado / desceu à mansão dos mortos / ressuscitou ao terceiro dia / subiu aos céus / está sentado à direita de Deus Pai todo-poderoso / donde há de vir julgar os vivos e os mortos. / Creio no Espírito Santo / na santa Igreja Católica / / na comunhão dos santos / na remissão dos pecados / na ressurreição da carne / na vida eterna. Amém.

* 14 ORAÇÃO DOS FIÉIS

S. Irmãos, roguemos a Deus, nosso Pai, que nos manifestou sua bondade no exemplo familiar a Sagrada Família.

L1. *Nós te pedimos, Senhor, por nossas famílias: que elas aprendam, com a Sagrada Família, a viverem o amor, a união, o perdão e a paz:*

P. (canta): **Tua família, aqui reunida, vem hoje pedir-Te, Senhor, / a paz que nos vem de Tua vida e é fruto do Teu amor!**

L2. *Nós te pedimos, Senhor, que saibamos perdoar as pequenas ofensas e a aceitar as pessoas como elas são. Que as dificuldades e desavenças não provoquem a separação familiar, mas fortaleçam o amor e a união.*

L3. *Nós te pedimos, Senhor, que não nos fechemos como família feliz. Mas saibamos ser solidários com as famílias em crise, com as famílias pobres e marginalizadas.*

L4. *Nós te pedimos, Senhor, a coragem de assumir a velhice de nossos pais e saibamos aprender de sua sabedoria.*

L5. *Nós te pedimos, Senhor, por nossa comunidade: Que ela seja uma família; que saiba promover e valorizar o Matrimônio.*

(Outras intenções da comunidade...).

S. Senhor, atenda os pedidos de teus filhos, e faze de nós a verdadeira família dos filhos de Deus. Por Cristo nosso Senhor e nosso Irmão. **P. Amém!**

LITURGIA EUCARÍSTICA

15 CANTO DAS OFERTAS

Ofertamos, ó Senhor, como nova criatura, de teus filhos o amor, de teus filhos o amor.

1. *Ofertamos, ó Senhor, toda ternura, que o amor faz explodir dos corações. / Ofertamos a esperança que procura crer no amor e superar contradições.*

2. *Ofertamos o carinho e paciência, necessários nesta nova criação. / Pois amar é esquecer-se de si mesmo; é viver numa constante doação.*

3. *Ofertamos o amor que é paciente; é bondoso e sempre pronto a perdoar. / E esquecido de seus próprios interesses, realiza-se e se alegra por se dar.*

16 ORAÇÃO DAS OFERTAS

S. Orai, irmãos, para que o nosso sacrifício seja aceito por Deus Pai todo-poderoso.
P. Receba o Senhor por tuas mãos este sacrifício / para a glória do seu nome / para o nosso bem e de toda a santa Igreja.
S. Nós vos oferecemos, ó Deus, este sacrifício de reconciliação. Pedimos, pela intercessão da Virgem Maria e do bem-aventurado São José, que nossas famílias permaneçam firmes na vossa graça e tenham a paz. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho e nosso Irmão, na unidade do Espírito Santo. **P. Amém!**

17 ORAÇÃO EUCARÍSTICA

(Prefácio próprio. No fim):
Santo, Santo, Santo...

(A oração eucarística cabe ao sacerdote somente; após a consagração):
S. Eis o mistério da fé.
P. Todas as vezes que comemos deste pão e bebemos deste cálice / anunciamos, Senhor, a vossa morte / enquanto esperamos a vossa vinda.

18 CANTO DA COMUNHÃO

Já está preparada celestial refeição. / Jesus nos nasceu! Eis aqui o nosso Pão!

1. *Hoje sobre a Terra chegou a salvação, / cumprindo profecias com o favor do céu, / brilhando eterna luz em nossa redenção / pois entre nós habita nosso Menino Deus!*
2. *Em Belém de Judá, uma estrela surgiu / anunciando que já nasceu o Salvador. / Mostrando ao povo que tudo se cumpriu / presente o Príncipe da Paz e do Amor.*
3. *Noite em que o Pai, o Unigênito nos deu... / Na qual pobres pastores, cheios de venturas, ouviram os anjos que cantavam lá no céu: "Paz na terra e glória a Deus nas alturas!"*
4. *Quem, na manjedoura, lhe dá todo afeto / e lá, nesse lugar, oferece atenção? / Quais são os seus amigos debaixo desse teto? / E o que Jesus quer nos ensinar nessa lição?*

19 AÇÃO DE GRAÇAS

S. Oremos: Pai de bondade, alimentados na força de vosso sacramento, queremos imitar, em nossa convivência doméstica, a vida da Sagrada Família. Concedei que, após as dificuldades e lutas desta vida, sejamos ajuntados a ela no céu. Por nosso Senhor Jesus Cristo, Vosso Filho, na unidade do Espírito Santo.
P. Amém!

RITO FINAL

* 20 MENSAGEM PARA A VIDA

(Após as comunicações de interesse para a comunidade):
C. *Chega de tantas famílias desunidas, separadas! Basta de amor de novelas! Basta de infidelidades! Eis o dia da libertação! É hora de reconstruirmos nossas famílias. Amando os pais, amemos a Deus. Amando os irmãos de sangue, aprendamos a amar a todos os homens. Que o amor que vivemos em nossa casa seja transformado em amor solidário aos irmãos deserdados pela sociedade organizada longe do Pai. Quebremos os muros e alarguemos o terreno da construção de uma sociedade de irmãos.*

21 BÊNÇÃO FINAL

22 CANTO DE SAÍDA

LEITURAS PARA A SEMANA:

2ª-feira: 1Jo 1,5—2,2; Mt 2,13-18 *(Santos Inocentes, mártires).* / 3ª-feira: 1Jo 2,3-11; Lc 2,22-35. / 4ª-feira: 1Jo 2,12-17; Lc 2,36-40. / 5ª-feira: 1Jo 2,18-21; Jo 1,1-18. / 6ª-feira: Nm 6,22-27; Gl 4,4-7; Lc 2,16-21 *(Solenidade da Santa Mãe de Deus, Maria).* / Sábado: 1Jo 2,22-28; Jo 1,19-28. / Domingo: Is 60,1-6; Ef 3,2-3a.5-6; Mt 2,1-12 *(Epifania do Senhor).*

CONFLITOS NA SAGRADA FAMÍLIA

José Pedro de Alcântara

Jesus, Maria, José: a sagrada família. Jesus, submisso, aprende o ofício do pai, cresce em sabedoria e graça diante de sua mãe e parentes. Maria, mulher quieta e trabalhadeira, remói em seu coração as maravilhas que se operam no filho. Aquela casa simples recende à harmonia, trabalho, devoção e boa vizinhança.

A gente precisa de um sonho assim. Nossa vida familiar é conflitiva, difícil. Os interesses e projetos dos filhos não são os dos pais, a cabeça da mulher é diferente da do marido. As crianças são irrequietas, o serviço de casa esgota, o dinheiro não chega ao fim do mês. Então, precisamos de uma utopia, de uma família, onde se reconciliem nossas contradições, se mitiguem nossos cotidianos dissabores.

A vida familiar de Jesus, porém, deve ter sido igual à nossa, exceto no pecado. E o conflito nunca foi pecado, antes a condição do aperfeiçoamento da relação humana. Houve conflitos no seio da sagrada família. O evangelho nos deixa entrever alguns desentendimentos familiares. Aos 12 anos, Jesus fica no templo, sem avisar aos pais, que ralham com ele, e com toda a razão, quando o encontram.

As relações de Jesus com sua mãe e irmãos parecem tornar-se tensas, quando já adulto, solteiro, sai de casa, estabelece-se por conta em Cafarnaum, junto ao lago, e começa a pregar, a querer consertar o mundo. Sua mãe e seus irmãos acham que ficou louco e tentam trazê-lo para casa. Foi em vão. Jesus nem os atende e os renega publicamente (Mc 3,20-35). Na cruz, agonizante, Maria se achega, desconsolada. Pressentira que iria acontecer exatamente aquilo a seu filho. E Jesus, mesmo em agonia, a chama simplesmente "mulher" e pede para um estranho, um não-parente, tomar conta dela.

O conflito, as tensões foram enfrentadas por Jesus, sua mãe, seu pai e seus irmãos, exatamente como nós temos de enfrentar as nossas. O conflito é benéfico. Deve-se desconfiar de toda a comunidade, onde não há divergências. É sinal de que alguém está sufocando a diversidade e silenciando a diferença. É no amor, na tensão, no diálogo que fazemos crescer nossa personalidade, sem negar ou sufocar a personalidade e a missão dos outros que conosco vivem.

EM TORNO DA LITURGIA

A DIMENSÃO COMUNITÁRIA E PARTICIPATIVA NA LITURGIA

Frei Alberto Beckhäuser, OFM

A Liturgia em geral e especialmente a Missa constitui a expressão mais plena da dimensão comunitária e participativa da vida da Igreja. A Eucaristia faz a Igreja e a Igreja faz a Eucaristia, nos ensinam os Santos Padres. Mas existe todo um conjunto de ministérios a serviço da dimensão comunitária e participativa da Igreja. São as diversas vocações a serviço da Igreja como comunidade, todas elas constituindo o Corpo de Cristo a Igreja. São os cristãos em geral, que pela vocação batismal são chamados a constituírem a comunidade eclesial. Entre os fiéis cristãos distinguem-se várias vocações: a vocação do leigo, a vocação matrimonial, a vocação dos ministérios ordenados, dos ministérios instituídos; dos religiosos, das pessoas de vida consagrada no mundo, e de tantos outros serviços em favor da comunidade e que constituem a comunidade.

Todos esses ministérios, expressão de vocações diferentes na Igreja, constituem dons do Pai, por Cristo, no Espírito Santo. A cada qual são dados dons diferentes para a edificação do único Corpo de Cristo.

Ora, toda esta riqueza de dons do Espírito Santo na Igreja deve ser acolhida e expressa na celebração. Eles constituem uma evocação do modelo perfeito de toda vocação humana, Jesus Cristo. Ele, a plena comunhão com o Pai e o Espírito Santo; Ele, em quem se realizou a comunhão do divino e do humano de modo perfeito numa só pessoa. Jesus Cristo participante pleno da comunidade trinitária e que assumiu em si a humanidade. Ele que realizou de maneira perfeita a vocação de criatura no mistério da encarnação e a vocação de Filho. Ele que se colocou inteiramente a serviço da humanidade, para que todos os homens pudessem realizar sua vocação de criaturas e de filhos de Deus.

A Liturgia em geral, e a Missa em particular, evoca e torna presente toda esta vocação do homem e da mulher em Cristo Jesus, pelas mais diversas vocações da caminhada humana.

A VIDA EM FAMÍLIA, EM NAZARÉ

Carlos Mesters

Pouco sabemos da vida de Maria, na casa dos pais. A Bíblia quase nada informa. A vida de Maria deve ter sido como a de qualquer outra jovem de Nazaré: carregar água, cuidar da casa, ajudar na educação dos irmãos menores, conversar na fonte, ler e meditar a Bíblia, rezar a Deus no silêncio, participar das festas e das rezas do povo. Nós a chamamos Maria mas, naquele tempo, o povo dizia *Miriam*. A Bíblia nada diz sobre os pais de Miriam, mas os cristãos sabem informar que eles se chamavam Joaquim e Ana. Dos pais ela recebeu a sua fé em Deus, o seu amor à vida e a sua esperança no futuro do seu povo.

Miriam era como as outras moças do lugar. Como todas as jovens do seu tempo, ela carregava em si a esperança do povo, alimentada pelas profecias, a esperança de que, um dia, haveria de nascer o Libertador, o Messias. Como todas as moças do seu povo, ela deve ter tido o desejo de poder contribuir para a realização desta esperança. De que maneira? Tornando-se mãe, gerando filhos que, num futuro próximo ou remoto, fizessem nascer o Libertador do povo.

E talvez, como tantas outras, ela alimentasse em si o desejo secreto de ela mesma ser a escolhida de Deus, para ser a mãe deste futuro Libertador. Pois, conforme os cálculos feitos pelos doutores daquele tempo, tudo indicava que a data do seu nascimento já devia estar chegando bem perto.

Em Nazaré, vivia um rapaz chamado José. A família dele não era de lá. Era do sul, de Belém (cf. Lc 2,4). Naquele tempo, muita gente vinha do sul para procurar uma vida melhor lá no norte, na Galiléia. José era um deles. Era retirante ou filho de retirantes. Pessoa pobre mas honesta. A Bíblia diz que ele era *justo,* isto é, era do jeito que Deus o queria.

Maria e José ficaram noivos (cf. Mt 1,18). Iam casar em breve e realizar o seu sonho como tantos outros rapazes e moças do seu tempo. Nada de extraordinário nisso tudo. Mas os homens fazem os seus planos e Deus intervém, dispondo as coisas de outro jeito. O anjo Gabriel veio e tudo mudou totalmente para os dois. E não foi mudança fácil! Custou muito sofrimento!

O anjo Gabriel não foi pedir licença a José, para ele permitir que Maria, sua esposa prometida, se tornasse a mãe de Jesus. Foi falar diretamente com Maria. Maria aceitou o convite e ficou grávida por obra e graça do Espírito Santo, sem que José soubesse de coisa alguma (cf. Mt 1,18-19). Aliás, ninguém o sabia. Só ela mesma e sua prima Isabel (cf. Lc 1,43-45).

José ficou perplexo diante da gravidez de Maria. Não estava sabendo como agir e pensava em abandoná-la (cf. Mt 1,19). No fim, iluminado por Deus, descobre sua missão junto a Nossa Senhora e assume passar por pai do menino que vai nascer (cf. Mt 1,20-24; Lc 3,23). Mas não foi só José que percebeu a gravidez de Maria. O povo também! Certamente, nas rodas de conversa junto à fonte, as mulheres devem ter comentado o fato. E os parentes?

Todos, povo e parentes, todos devem ter desconfiado e pensado que ela ia ser mãe solteira: "E aquela viagem de três meses ao sul? Será que foi só para visitar a prima Isabel?" A língua do povo em lugar pequeno corta mais do que faca e tesoura. Tanto deve ter sido o *fuxico* que José, quando teve de ir a Belém por causa do recenseamento preferiu levar Maria consigo a deixá-la em Nazaré (cf. Lc 2,4-5). Bastava José ir sozinho a Belém. Só ele era de lá. Maria podia ter ficado em Nazaré, junto aos parentes. Isso teria sido o normal!

BÍBLIA VOZES

- **1.552 páginas, papel especial**
- **Formato 13 x 18 cm, encadernada com prático encaixe e belíssima gravação em ouro**

A tradução desta Bíblia amadureceu ao longo de 50 anos. Muitos especialistas deram sua contribuição. Partindo dos textos originais, usaram os recursos das modernas ciências históricas, lingüísticas e arqueológicas, para lhe oferecer um trabalho científico e de linguagem simples e acessível.

Faça seu pedido ainda hoje para:

EDITORA VOZES LTDA.

Caixa Postal 90023

25689 Petrópolis, RJ

Tel.: (0242) 43-5112

1º de maio

(adaptação de Sabedoria 2,1-20)

(silêncio)

Oficiante principal

-Em Nome do Pai,...

(em seguida faz uma pequena saudação: estamos celebrando a raça negra, que construiu o Brasil. Durante 350 anos foram escravizados. Há cem anos que é proibido escravizar pessoas, mas a situação dos negros continua muito ruim. Queremos agradecer a Deus que luta ao lado dos que procuram a justiça e a vida, tornando-nos irmãos. No final:)

Que o Deus de nossos Pais, Senhor da História e Padrinho dos pobres ouça o clamor de seu povo, faça reinar entre nós sua justiça e esteja sempre convosco!

TODOS: Bentido seja Deus que nos reuniu no amor de Cristo!

7. Rito Penitencial.

a)**Leitor negro 1** (Salmo 129)

Das profundezas clamo a ti, Senhor nosso Deus!

Senhor, ouve o meu grito!

TODOS Senhor, ouve o meu grito!

Leitor negro 2 Senhor, que teus ouvidos estejam atentos ao meu pedido de perdão!

b) **Oficiante:**

+ Pela vergonha, a injustiça e a violência de trezentos anos de escravidão...!

todos: Senhor, ouve o meu grito!

+ Pela vergonha, a injustiça e a violência do salário mínimo que mantém viva a escravidão...!

todos: Senhor, ouve o meu grito!

+ Pela vergonha, a injustiça e a violência da discriminação do povo de raça negra...!

todos: Senhor, ouve o meu grito!

c)**Diácono:**

Nós vivemos como peixes mergulhados no pecado, como pássaros voando num céu cheio de fumaça, como um povo acorrentado e prisioneiro. Nossa fraqueza é grande e nosso pecado é forte. Por isto pedimos a Deus perdão:

+ Porque discriminamos e desprezamos o povo negro:

todos: perdoai-nos, Senhor!

+ Porque preferimos ficar tranquilos e divertir-nos, cantando e dançando, em vez de procurar a justiça:

todos: perdoai-nos, Senhor!

+ Porque acreditamos na força, no dinheiro e nas mentiras que provocam a separação e desunião entre nós:

todos: perdoai-nos, Senhor!

Diácono: (entoa o canto) "Ouvi deste povo oprimido o clamor..."

d) **Oficiante:** (impondo as mão sobre o povo)

Que o Deus que nos criou escute a nossa voz!

Ele ouviu o clamor de seu povo escravizado e o libertou da escravidão. Que ele arrance do nosso coração, da Igreja e da nossa sociedade as marcas do pecado e da escravidão.

Deus, Pai de todos nós e padrinho dos pobres faça reinar entre nós sua justiça, derrube os poderosos de seus tronos e levante os humilhados, e faça descer sobre nós o seu perdão:

em Nome do Pai que nos criou, do Filho que venceu a nossa morte e do Espírito que nos dá toda a vida!

TODOS: MAS MEU CANTO BONITO... NEM DOR NEM CORRENTE JAMAIS ABAFOU

8. Canto de louvor

(o canto de louvor é um louvor de adoração, não ainda de agradecimento, que vai ser no fim: nós louvamos a Deus porque é Deus, nos criou, venceu a morte, é nossa vida. O melhor canto mesmo é o Glória. Pode ser entoado também "Glória, glória, aleluia. Ou então o canto já bem conhecido: ó que coisa bonita, ó que coisa bonita, Deus Pai criador, criar negra cor, ó que coisa bonita... Este é um momento em que se pode introduzir um grupo de crianças negras ou mesmo jovens e adultos, numa coreografia que corresponda às palavras de cada estrofe.

Neste momento podem subir ao altar (dançando) uma mulher negra carregando uma criança, outra com uma trouxa de roupa, um homem com corrente nos braços - mas arrebentada no meio - um outro com instrumento de trabalho. O povo pode aclamar, batendo palmas em ritmo, dançando com os braços levantados, agitando lenços coloridos ou o papel branco da celebração).

9. Oração.

Oficiante: O Senhor esteja convosco! ...

Vamos rezar juntos a Oração da CF/88

TODOS rezam em coro a oração.

10. Leituras:

leitor branco:

A vida dos negros africanos.

Com a chegada dos portugueses ao Brasil, começou a escravidão dos negros. Eles foram trazidos da África, arrancados de sua terra, deixando família, trabalho, tudo o que era deles, lá onde eram livres. E aqui eram vendidos como animais. Não eram considerados como seres humanos, eral leiloados e examinados para comprovar se estavam com boa saúde, e marcados com ferro em brasa com as iniciais do comprador. Os portugueses utilizavam a mão-de-obra negra para enriquecer o rei de Portugal.

Quando um escravo fazia alguma coisa que o "senhor" não gostava, era punido severamente, torturado, e, muitas vezes morto. Seu trabalho era sob a chicotada para render mais e mais. Dele exploravam-se 16 horas de trabalho diário, sem denscanso. Os senhores subvornavam alguns negros para serem feitores. Sua missão era castigar or próprios irmãos de raça.

Leitor negro:

A vida do povo hebreu. (Exodo 1,1ss)

Os filhos de Jacó e de José foram fecundos, e se multiplicaram: tornaram-se cada vez mais numerosos e poderosos, a tal ponto que o país ficou repleto deles. ...até v.14.

Leitora negra:

Mas os negros, como os hebreus, nunca aceitaram passivamente a escravidão. Organizavam fugas em massa, levavam consigo também, brancos perseguidos nas cidades, para que não fossem mortos. Criaram cidades, os "Quilombos", e até repúblicas grandes e fortes, como a de Palmares. Os chefes brancos que destruiram estas cidades foram chamados de heróis, outros brancos ilustres tentaram apagar esta vergonha, destruindo todos os documentos a respeito da escravidão. O maior símbolo da luta dos negros contra a escravidão e em favor da dignidade humana foi o chefe "Zumbi" dos Palmares.

Aos poucos a escravidão já não rendia mais tanto lucro quanto os poderosos queriam. Então foram assinadas várias leis para libertar os escravos. A última delas proibiu a escravidão, mas ninguém fez nada para dar aos negros um trabalho digno e condições de vida. Por isto os negros hoje procuram organizar seus grupos grupos de luta cultural, religiosa e política. Ao lado deles já luta muita gente, para quem todos somos filhos de Deus.

Leitora branca

A Sabedoria de Deus guiou por caminhos planos, o justo que fugia de seu irmão...(Sabedoria 10, 10-14).

(Em vez destas leituras, pode-se fazer uma curta encenação. Por exemplo:

+ um menino negro que diz à mãe: não quero mais ser negro. a mãe diz: só trocando de pai e mãe.... A senhora gosta de mim? gosto. Então quero ser negro, como meu pai e minha mãe.

+ Uma professora branca dá aula pra uma turma de meninos quase todos negros. A colega dela despreza, chama os meninos de "lixo". Ela se rebela contra a colega. Gosta dos meninos, que são bons alunos iguais aos "outros".

+ a professora negra beija crianças brancas. a criança olha no espelho pra ver se ficou "marcada". a professora fica triste. A criança diz que gosta dela, que ela é boa professora.

+ Menino negro não encontra emprego. O branco é aceito, mas não sabe trabalhar. Nem assim aceitam o negro. (ou adulto...)

+ Jovens conversam usando provérbios racistas: negro se não suja na entrada, suja na saída, ou ameaça voltar pra sujar; nego correndo é ladrão... Até que um deles "descobre" que é negro.

- estas encenações são inspiradas em fatos concretos, narrados por companheiros negros. Em cada local haverá possibilidade de narrações semelhantes.

Tanto as leituras quanto as encenações devem ser entremeadas de cantos populares: Algum canto escolhido da CF/88, o canto de Zumbi, Oh, que coisa boita..., ó Deus salve o povo negro, ó Deus salve o povo negro, onde Deus fez a morada, oia meu Deus...; O povo de Deus no deserto andava; Virão dia em que todos, ao levantar a vista...

Após a encenação ou as leituras, pode ser lido o

11. **EVANGELHO**

+ MT 11,25-30: Jesus acolhe o pequeno **porque é pequeno**, acolhe o negro porque é negro. Ser negro na sociedade opressora é ser marginalizado, como "pequeno".

+ Lc 6, 26-38: amar os inimigos quer dizer amar os diferentes, cuja maneira de ser é uma ameaça para mim. O negro mostra para o branco os seus defeitos. A negritude do negro "nega" que só o branco seja gente, culto, com direito à vida.

+ Mt 25,31-40: a fraqternidade é a responsabilidade pelo bem que se deve aos outros. O Brasil **deve aos negros** o que ele é hoje.

+ Mc 3, 31-35: irmãos e parentes de Jesus são os que fazem a vontade de Deus, escutam e praticam a sua palavra.

Na **HOMILIA**, desenvolvendo algum destes temas, podem ser explicadas três coisas: * os negros foram trazidos para o Brasil por motivos economicos. Aos poucos foram sendo inventadas uma porção de desculpas para justificar a escravidão. Há entre nós uma discriminação que é tanto mais forte e profunda, quanto menos a gente a consegue ver, e quanto mais ela é negada pela ideologia dominante. * Uma discriminação assim, a gente não vence apenas se convencendo do contrário, nem por discussão, mas unicamente aprendendo a agir de maneira diferente. * Só os negros podem ajudar a sociedade brasileira a se converter deste pecado, na medida em que se convertem eles, e conseguem se fazer reconhecer como homens e mulheres igualmente filhos de Deus, irmãos de Jesus, por

força do Espírito.
12. Profissão de fé.
Leitor negro:
Irmãos na vida e na Fé: O Deus em que eu creio, é o Deus que lutou ao lado do povo, contra a escravidão. TODOS: Cremos em Deus que caminha conosco!
+ O Deus de nossa Fé é aquele que nos criou para a vida, para o amor, para a felicidade.
TODOS Cremos em Deus que nos criou para a vida!
+ O Deus em que nós cremos e que luta ao nosso lado é que criou a o sol que ilumina, a água que limpa e refresca, as plantas que dão alimento.
TODOS Cremos no Deus que criou a vida em abundância para todos!
+ O Deus em que eu creio é o Deus que criou a terra para todos, especialmente para seus filhos preferidos.
TODOS: A terra é de todos. Nós cremos no Deus que criou a terra para todos.
+ O Deus que me criou, que criou a nós todos como homens e mulheres livres.
TODOS: Nós cremos Em Deus Pai, Criador do Céu e da Terra!

Leitora branca
+ Creio em Jesus Cristo, filho único de Deus e nosso irmão.
TODOS: Ele é igual a Deus e se fêz igual a nós!
+ Creio em Jesus Cristo, o carpinteiro de Nazaré, que foi crucificado e venceu a morte.
TODOS; Ele é igual a Deus e nos fêz iguais a êle.
+ Creio em Jesus Cristo, o trabalhador que vence a morte.
TODOS: Ele faz de sua luta a nossa luta que vence a opressão e a morte.

leitora negra
+ O Deus em que eu creio é o Espírito da beleza, da saúde e do amor.
TODOS: Cremos no Espírito Santo
+ O Deus da minha fé é o Espírito da solidariedade, do respeito ao ser humano, do carinho e da união.
TODOS: Cremos no Espírito Santo que desce sobre nós
+ O Deus em que eu creio mora dentro de nós, dos negros e dos brancos, é o Espírito da festa e da dança, o Espírito da coragem e da perseverança, o Espírito de todas as raças e de todas as cores.
TODOS: Cremos no Espírito que é a Vida de nossa vida!
(Onde há algum tipo de "credo" Cantado, pode-se encerrar com este canto. Onde a comunidade aceitar, pode-se encerrar com "êh Zumbi".)
13. Ofertório
(O ofertório deve ser mais gesto que palavra, ação que proclamação. O melhor é organizar uma procissão que venha do fundo, com pessoas trazendo bem alto, sobre a cabeça, vários símbolos, enquanto o povo canta: Uma grande corrente inteira, pendente dos braços de um branco, e um negro, atrás, com pedaços de corrente. Mulher com trouxa de roupa ou panela grande, da qual pende uma corrente. Homem trazendo criança negra. Jovem levando instrumento de trabalho urbano, instrumento de trabalho rural. Estes objetos podem ser levados, ou a pessoa pode carregar um cartaz grande em que esteja desenhado de maneira visível. Lembrar-se de pessoas simbólicas nas lutas atuais: uma professora (em Minas, pela situação miserável a que estão sendo reduzidas as escolas estaduais), uma doméstica, um camponês, sem-terra, etc, segundo a prioridade local. Pode-se levar dois livros grandes, feitos de isopor ou de papelão, escrito "constituinte": um, fechado, com enfeites imitando dinheiro, amarrado com corrente dourada, mas visivelmente feito de pedaços costurados: outro aberto, escrito dentro "direitos do povo".
Enquanto a procissão entra, todos cantam o canto da CF/88 ou "oferecerei...". Os símbolos devem falar por si: ao chegar ao altar, o livro bonito pode ser destruído, enquanto o outro fica encostado ao altar, de frente pro povo; os instrumentos de trabalho podem ficar em cima do altar, ou ser fincados nalgum suporte que os mantenha visíveis. As pessoas ficarão ao redor da mesa, se a criança for pequena, num berço em cima do altar... Cantar muito, batendo palmas, dançando, batendo palmas. É outro momento em que se pode fazer alguma encenação com grupos de negros, misturados a mulatos e brancos.)
Durante toda a procissão do ofertório, o Oficiante Principal faça o gesto de oferecer o pão e o vinho. Se se cansar, pode depor cálice e patena sobre o altar, e levantar apenas as mãos, retomando o cálice e a patena no final. O ofertório é gesto de oferta.)
14. Preces dos fiéis
Oficiante:
- O Senhor esteja convosco!
Irmãos: acabamos de oferecer a nosso Pai a vida que está em nós, no nosso trabalho, no nosso amor, na nossa cultura, nas nossas

festas. A maioria dos trabalhadores brasileiros são de raça negra ou mulata, e quase todos os mulatos e negros são trabalhadores de salário baixo.

+ Por todos aqueles que não conseguem trabalho, ou ganham pouco, porque não são de raça branca, rezemos ao senhor.

TODOS: Ó Senhor, escutai os clamores do vosso povo!

+ Por todos aqueles que são desprezados até pelos colegas, por causa da raça e da corl, rezemos ao Senhor!

+ Pelos que não tem coragem de se unir aos companheiros, como irmãos, na luta para que haja terra e trabalho para todos, rezemos ao Senhor!

+ Pelos que estão procurando formar uma Constituinte digna, apesar das manobras corruptas de busca do poder, rezemos ao Senhor!

+ Pelos que procuram terra para trabalhar e casa para morar, rezemos ao Senhor!

+ Pelos que lutam nos sindicatos que estão do lado do povo e não dos exploradores que escravizam o trabalhador, rezemos ao Senhor!

+ Pelas mulheres, especialmente as mulheres negras, que procuram um mundo de mais amor e dignidade, rezemos ao Senhor!

+ Pelos filhos de trabalhadores que buscam a vida nas ruas, e são desprezados como se fossem abandonados, rezemos ao Senhor!

* (Conclusão)

Deus de nossos Pais, Senhor da História, libertador de todo escravizado, redentor de todo o desprezado e marginalizado. Arranca do nosso coração, do coração de tua Igreja, de todo o Brasil, o pecado da exploração, da mentira que vira propaganda do poder; livrai-nos da opressão que se impõe como lei. Ouve as preces deste povo aqui reunido, une os nossos braços e faze de nós o teu povo. Por Jesus Cristo, o trabalhador que venceu a morte, e vive no nosso coração, pela força do Espírito Santo.

15. Segue-se o Cânon.

O Diácono procure criar antes um clima de silêncio, e o Oficiante principal procure fazer os gestos de maneira a ser visto. Também ocânon é um momento de gesto, da repetição do gesto de Jesus.

16. Ao Pai Nosso pode-se pedir aos negros que elevem as mãos enquanto os outros se dão as mãos sem levantar. O Pai nosso rezado ainda é melhor e mais bonito que todos os cantos que o imitam.

16. Abraço da paz

O melhor também é convidar todos, de maneira informal, a abraçar uma porção de gente, cantar os cantos que já tenham feito mais efeito durante a própria celebração, começando por "Paz, paz de Cristo", etc.

17. Ação de Graças

(é propositalmente igual às preces, para gerar a certeza de que Deus já nos ouviu, e já nos ouve)

Irmãos: acabamos de oferecer a nosso Pai a vida que está em nós, no nosso trabalho, no nosso amor, na nossa cultura, nas nossas festas. A maioria dos trabalhadores brasileiros são de raça negra ou mulata, e quase todos os mulatos e negros são trabalhadores de salário baixo. Vamos agradecer a Deus que nos ouve e nos acolhe:

+ Por todos aqueles que não conseguem trabalho, ou ganham pouco, porque não são de raça branca, mas não desistem de lutar.

TODOS: Graças, Senhor, te damos graças, a ti que reinas nos séculos eternos! (ou outro refrão rápido, vibrante, com sentido de ação de graças, agradecimento)

+ Por todos aqueles que são desprezados até pelos colegas, por causa da raça e da cor, mas continuam acreditando na fraternidade!

+ Pelos que não tem coragem de se unir aos companheiros, como irmãos, na luta para que haja terra e trabalho para todos, mas já conseguem ver a injustiça que estão sofrendo!

+ Pelos que estão procurando formar uma Constituinte digna, apesar das manobras corruptas de busca do poder, porque neles está a força do povo!

+ Pelos que procuram terra para trabalhar e casa para morar, e não desanimam das ocupações justas, da reforma agrária do povo!

+ Pelos que lutam nos sindicatos que estão do lado do povo e não dos exploradores que escravizam o trabalhador, e conseguem assim as vitórias que arrancam as correntes do povo trabalhador!

+ Pelas mulheres, especialmente as mulheres negras, que procuram um mundo de mais amor e dignidade, porque elas tornam o mundo mais humano!

+ Pelos filhos de trabalhadores que buscam a vida nas ruas, e são desprezados como se fossem abandonados, porque aprendem desde cedo a lutar por todos!

* (Conclusão)

Deus de nossos Pais, Senhor da História, libertador de todo escravizado, redentor de todo o desprezado e marginalizado. Nós te agradecemos porque Tu arrancas do nosso coração, do coração de tua Igreja, de todo o Brasil, o pecado da exploração, o pecado da mentira que vira propaganda do poder; tua força nos livra da opressão que se impõe como lei. Tu derrubas os tronos dos poderosos, levantas os humilhados, dás de comer aos que passam fome e esvazias os enriquecidos. Por Jesus Cristo, o trabalhador que venceu a morte, e vive no nosso coração, pela força do Espírito Santo.

Sugestões para a celebração de primeiro de Maio em 1988.

Centenário da Lei "de abolição" e CF/ Negros.

1. As sugestões abaixo foram pensadas tendo em vista uma celebração grandiosa, em praça pública. Se a celebração for em recinto pequeno ou fechado, serão necessárias adaptações.

2. O altar deve ter, de um lado e de outro, o rosto negro do cartaz da campanha. Não faz mal se for a cores, mas sendo em preto e branco, as outras cores devem ser colocadas ou como linhas contornando o rosto, ou como sombreado em cinza, de muito claro a escuro. Basta tirar um xerox da estampa pra se ter uma idéia. Ambos devem estar voltados para o centro, de tal maneira que o que se passa no altar parece ser "o grito".

No centro, a figura de um negro de braços abertos, parecendo uma cruz. Deve ser bem magro e alto. Sem mais nada que a própria figura. Tudo o mais deve ser branco, ou muito simples. A cruz do negro é o branco.

3. O celebrante principal deve ser negro. Os leitores brancos devem trazer uma túnica azul clara ou cinza, comprida. Os negros devem estar revestidos de vestes tipicamente africanas. Os leitores são ora brancos, ora negros, escolhidos segundo dois critérios: alternância, de tal maneira que não haja sensação de esxclusividade: a fé nos une, faz que sejamos "nós"; significação: certas coisas, por exemplo no ato de fé, são ditas por um negro, outras por mulheres. a procissão de ofertas deve ser um momento bem visível, em que as pessoas apareçam como agindo, não apenas representando ou levando um objeto que vai ser ofertado por outra pessoa. Deve haver alguém que faça uma certa intermediação entre o grupo do altar e a multidão, para acolher, ensaiar e entoar os cantos, guiar as manifestações rituais de silêncio, canto, aplausos, oração e outras. Deveria ser o próprio celebrante principal, mas pode ser outro, especialmente se puder ser um negro. Vamos chamá-lo de **Diácono**. O rito de toda a celebração é basicamente romano (branco). Se a comunidade já estiver acostumada a ritos afro-brasileiros, saberá como adaptar.

4. Os quatro momentos do Rito "Romano" são: rito penitencial, ou pedido de perdão. Rito de Louvor e adoração, o "Glória". Rito de pedido, as preces dos fiéis. Rito de agradecimento, ou ação de graças. A CF mostrou como ainda é difícil, na Igreja, a gente celebrar a raça negra, dom de Deus, sem separar de alguma maneira brancos e negros, por força da própria discriminação. As sugestões abaixo se esforçam por superar este impasse, mesmo tendo consciência de que os brancos são os portadores da "culpa" histórica frente aos negros.

5. As adaptações de leituras bíblicas são baseadas na comparação entre a escravidão do povo hebreu e distintivo histórico da raça negra no Brasil, a experiência da escravidão. Há estudiosos e pessoas de profunda fé que vêem na experiência do negro brasileiro uma escravidão mais prolongada e mais violenta que a escravidão hebraica.

6. **INTRODUÇÃO**

a) Uma meia hora antes da celebração o diácono deve começar a acolhida, saudando os grupos que chegam, ensaiando cantos, especialmente os refrões, explicando o sentido dos rituais e sinais usados.

b) Durante a procissão de entrada, Cante-se o canto 1 da CF. Terminado o canto, o diácono procure criar um ambiente de silêncio. Para isto basta normalmente fazer entrar em silêncio e devagar o grupo dos leitores, colocando-se cada qual no seu lugar: uns de um lado, outros do outro, misturando em ambos os lados homens e mulheres, brancos e negros ou mulatos.

c) **Oficiante principal:**

Deus não fez a morte, nem tem prazer em destruir os vivos.

Ele criou tudo para a vida: são salutares as criaturas do mundo, e não há nelas o veneno da morte.

Leitor branco 1:

Os dominadores é que chamam a morte com gestos e com a voz, e acreditam que ela é amiga. Fazem um pacto com ela, e formam com ela um partido. Eles dizem entre si, em seus pensamentos errados:

A vida é breve e triste. Nós nascemos por acaso, e logo passaremos, como quem nunca existiu. Com o tempo nosso nome cairá no esquecimento e ninguém se lembrará de nossas obras. Nossa vida é a passagem de uma sombra, e o fim é sem retorno.

Leitor branco 2

Por isto vamos gozar o presente, gozar das criaturas com entusiasmo de jovens. Vamos tomar o melhor vinho e usar os melhores perfumes. Deixemos em toda parte sinais de alegria, pois esta é a nossa riqueza.

Vamos oprimir o justo pobre - o povo negro - e não poupemos suas mulheres, nem respeitemos os cabelos brancos do ancião. Que a nossa força seja a lei da justiça, porque eles são fracos e inúteis. Cerquemos o povo negro, porque nos incomoda, e se opõe às nossas ações, nos censura as faltas contra a Lei, nos acusa de faltas contra a nossa educação.

Eles declaram o conhecimento de Deus e se dizem filhos do Senhor. Este povo se tornou acusador de nossos pensamentos, basta vê-lo para nos sentirmos incomodados.

Vejamos se sua palavra é verdadeira. Se eles são filhos de Deus, Ele os assistirá e os libertará das mãos de seus adversários.

Vamos experimentá-lo pela ofensa e pela tortura, para apreciar a sua paciência e examinar a sua resignação. Condenêmo-lo a uma morte vergonhosa, pois diz que há quem o visite.

(Sab 2,1-20)

ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO

DOC. 1

5º PLANO DE PASTORAL - 1987 - 1990

A cidade e a Igreja, por onde caminhar?

ÍNDICE

Apresentação 2

1. Comunidade — Participação 4
2. Ministérios 6
3. Missão 8
4. Formação 10
5. Liturgia — Pastoral Sacramental 12
6. Ecumenismo 14
7. Fé e Compromisso Social 16
8. Mundo do Trabalho 18
9. Educação 20
10. Saúde 22
11. Moradia 24
12. Comunicação 26
13. Família 28
14. Menor 30
15. Juventude 32

CEDIM
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E INFORMAÇÃO
INSTITUTO NACIONAL DE PASTORAL

APRESENTAÇÃO

Este documento é, em grandes linhas, uma visão da realidade da Cidade e da Igreja em São Paulo, tal como é percebida pelo povo de nossas Comunidades.

Ele foi preparado a partir do levantamento feito pelas Comunidades, Paróquias, Setores e Regiões da Arquidiocese para início da elaboração do 5.º Plano de Pastoral.

De imediato, ele servirá para a definição das prioridades da ação da Igreja em nível de Cidade. Ele terá, também, um valor permanente para aqueles que se dedicam a atividades pastorais na nossa Arquidiocese.

Reunidas em grandes títulos, são apresentadas:

— a problemática da Cidade,
— a ação da Igreja diante dos problemas vividos pelo povo e
— algumas indicações para uma futura atuação.

Os 15 títulos foram ordenados de acordo com as várias dimensões e situações das ~~Diretorias~~ DIRETRIZES da Ação Pastoral da Igreja no Brasil:

DIMENSÃO COMUNITÁRIA E PARTICIPATIVA
1. Comunidade — Participação
2. Ministérios

DIMENSÃO MISSIONÁRIA
3. Missão

DIMENSÃO CATEQUÉTICA
4. Formação

DIMENSÃO LITÚRGICA
5. Liturgia — Pastoral Sacramental

DIMENSÃO ECUMÊNICA E DE DIÁLOGO RELIGIOSO
6. Ecumenismo

DIMENSÃO PROFÉTICA E TRANSFORMADORA
7. Fé e Compromisso Social
8. Mundo do Trabalho
9. Educação
10. Saúde
11. Moradia
12. Comunicação

SITUAÇÕES
13. Família
14. Menor
15. Juventude

São Paulo, fevereiro de 1987

Secretariado Arquidiocesano de Pastoral

1. COMUNIDADE — PARTICIPAÇÃO

— Despertar e formar a consciência comunitária;
— Empenhar-se na organização de grupos de base e na animação dos já existentes, sem perder de vista o fortalecimento das CEBs.

Para isto, a Igreja deverá dar destaque:

— aos Grupos de Rua e de Prédio;
— ao apoio para a construção de mais centros comunitários;
— à criação de condições para a transformação das estruturas paroquiais, superando a linha tradicionalista.

O QUE ESTÁ ACONTECENDO NA CIDADE

Uma das características fundamentais do subdesenvolvimento é a estruturação insuficiente da sociedade.

Os migrantes que chegam a São Paulo se desenraízam de suas comunidades de origem e se dispersam anonimamente na cidade grande, sem estruturas sociais que os acolham, e se defendem através da desconfiança mútua e até da violência.

O sistema capitalista, sendo São Paulo seu principal centro econômico no País, promove ainda mais o individualismo, a competição, como meio para se desenvolver.

Diante das dificuldades da vida e da dureza da cidade, a solidariedade comunitária e o reencontro de sua própria identidade tornam-se imprescindíveis, mas não encontram espaço para serem vividos.

"Nas pequenas comunidades, mormente nas mais bem constituídas, cresce a experiência de novas relações interpessoais na fé, o aprofundamento da palavra de Deus, a participação na Eucaristia, a comunhão com os pastores da Igreja particular e um maior compromisso com a justiça na realidade social dos ambientes em que se vive." (Puebla, 640)

REVENDO A AÇÃO DA IGREJA DIANTE DISTO

— Expansão das CEBs, lugar ideal para a evangelização através de grupos de rua, da preparação para o batismo, dos círculos bíblicos, da formação de leigos, dos Centros Comunitários, dos clubes de mães etc.

— Crescimento do intercâmbio entre as CEBs. Importante a articulação das Equipes ao nível arquidiocesano.

— Acontecimentos a destacar:
- Encontro Arquidiocesano de CEBs no Ginásio do Ibirapuera;
- Participação no Encontro Nacional de CEBs.

— Maior engajamento e co-responsabilidade dos leigos, oferecendo-se mais abertura e participação na vida da Igreja, através de equipes de pastoral, Conselhos de Pastoral, assembléias, aulas, palestras em diversos cursos.

— Conquistas: Criação de Conselhos Regionais de Pastoral e Conselhos de Pastoral Paroquiais e Comunitários.

MAS:

— Falta de co-responsabilidade na Pastoral de Conjunto (o que se decide não é assumido);
— falta de espírito de participação e comunhão que inclua liberdade e disponibilidade para um novo modo de ser Igreja;
— decisões pastorais ao nível clerical, com pouca participação dos leigos;
— Paróquias isoladas, vivendo apenas suas estruturas internas;
— Movimentos paralelos provocando desentrosamento na pastoral;
— Pouca integração entre as pastorais e, muitas vezes, ausência de diálogo fraterno na pastoral;

Desafios que permanecem:

— fortalecimento da consciência de comunhão e participação;
— empenho na formação de novos grupos de base, e animação dos já existentes;
— transformação das estruturas paroquiais.

2. MINISTÉRIOS

Se o estar a serviço faz parte do ser da Igreja, ela deve se empenhar:

— na formação ministerial de todos os membros das Comunidades para o serviço;

— na formação de ministros ordenados e não ordenados, de acordo com as necessidades das Comunidades.

O QUE ESTÁ ACONTECENDO NA CIDADE

A Cidade, com seu crescimento populacional explosivo e com os seus inúmeros problemas e situações, coloca à Igreja sempre novas exigências de serviços.

À medida que, neste quadro, se constituem comunidades, surgem nelas ministérios específicos.

REVENDO A AÇÃO DA IGREJA DIANTE DISTO

— Maior participação de leigos nos diversos ministérios;

— Ministérios organizados em algumas Regiões e muitos Setores. Escolas, cursos e encontros e retiros específicos para a formação de ministros;

— Presença de diáconos e seminaristas nas comunidades;

— Celebrações presididas por leigos com maior aceitação do povo.

MAS:

— Grande carência de ministros para as diversas áreas de pastoral;

— Falta de organização e acompanhamento dos ministérios e serviços assumidos;

— Ausência de melhor definição do papel dos padres e leigos;

— Leigos com mentalidade clericalizada pela falta de compreensão de seu próprio ministério.

— Necessidade de aprimorar mais a formação dos futuros presbíteros e de permanente reciclagem dos sacerdotes.

"Porque, assim como num só corpo temos muitos membros, e nem todos os membros têm a mesma função, assim, ainda que muitos, somos um só corpo em Cristo, e cada um de nós membros uns dos outros. Mas temos dons diferentes, segundo a graça que nos foi dada."
(Rm 12,4-6a)

3. MISSÃO

Colocar toda a Igreja — Comunidade, Setores, Regiões — em estado de missão:

— formando todos no espírito missionário;

— preparando equipes de padres, religiosos(as) e leigos dispostos a ir trabalhar nas periferias e em Igrejas-Irmãs.

O QUE ESTÁ ACONTECENDO NA CIDADE

A Cidade acolhe, continuamente, milhares e milhares de novos habitantes, arrancados, pelo processo migratório, de suas tradições familiares, culturais e religiosas.

As dificuldades de vida e a dureza da cidade os tornam vítimas indefesas da exploração.

Sem condições de viver na cidade a sua religiosidade, acabam abandonando a fé ou se tornando presa fácil de seitas espiritualistas e alienantes.

Isto tudo faz de São Paulo uma **terra de missão.**

REVENDO A AÇÃO DA IGREJA DIANTE DISTO

— Presença missionária da Igreja nas favelas, nos cortiços, junto aos sofredores de rua, aos menores carentes e abandonados, nas periferias, nos Conjuntos Habitacionais;

— Projetos de Igrejas-Irmãs, com o envio de missionários (leigos, religiosos e padres) e de ajuda material a Igrejas do Norte e Nordeste do País, que dispõem de menos recursos do que a nossa.

MAS:

— Falta consciência missionária nas comunidades, nos movimentos e associações, e em congregações religiosas;

— faltam missionários para as áreas de missão que temos dentro da cidade: cortiços, COHABs, favelas, "quintais", sofredores de rua, prédios de apartamentos, menores, ambientes de prostituição, drogados etc.

"O Povo de Deus, com todos os seus membros, instituições e planos, existe para evangelizar." (Puebla, 348)

4. FORMAÇÃO

Formação permanente e progressiva de todo o Povo de Deus:

— dos leigos, religiosos(as), seminaristas e sacerdotes;
— a partir da realidade e da ótica do oprimido;
— fundamentalmente bíblica;
— através de Escolas da Fé, Escolas de Ministérios, Escolas Bíblicas Populares, Grupos de Reflexão e de Rua, Retiros Espirituais;

Cada Região deverá ter uma Equipe de Formação encarregada de elaborar subsídios, promover encontros e cursos e apoiar as Escolas da Fé, de Ministérios etc...

O QUE ESTÁ ACONTECENDO NA CIDADE

— Os católicos, na grande cidade, são dia-a-dia desafiados por problemas de ordem política, moral, doutrinária, econômica, cultural.
— Os Meios de Comunicação Social tendem muito mais a deformar, a alienar e a massificar.
— A Escola, em todos os seus níveis — para aqueles que a ela têm acesso — está sem condições de ajudar na busca de respostas.
— A Família, vítima igualmente deste quadro, não está cumprindo o seu papel na formação de pessoas conscientes e responsáveis.

REVENDO A AÇÃO DA IGREJA DIANTE DISTO

— Cursos de Teologia e de Iniciação Teológica para Leigos;
— Cursos de Evangelização e Catequese;
— Cursos de Bíblia;
— Escolas da Fé;
— Escolas de Ministérios;
— Grupos de Reflexão e de Rua;
— Equipes de Subsídios.

MAS:

— O abandono da fé católica e a busca de outras denominações religiosas devido à falta de uma formação sólida;
— A busca dos sacramentos como ritos mágicos e sociais;
— Uma prática religiosa sem compromisso social, portanto, uma separação entre Fé e Política;
— Falta de leigos com formação teológica e pastoral para assumir os diversos serviços nas comunidades, sem busca de autopromoção e e nem como "donos" da área em que atuam.

Uma tal formação "deverá ser capaz de dar à Igreja e ao mundo, cristãos com vocação para a santidade, sólidos na fé, seguros na doutrina proposta pelo magistério, autênticos, firmes e ativos na Igreja, fundados numa densa vida espiritual... perseverantes no testemunho e ação evangélica, coerentes e denodados em seus compromissos temporais, constantes promotores de paz e de justiça, contra toda violência e opressão..." (Puebla, 799)

5. LITURGIA — PASTORAL SACRAMENTAL

A LITURGIA é celebração da FÉ e celebração da VIDA.
É preciso que todos, na Igreja, cheguem a uma nova síntese entre a celebração da fé e sua prática. Para isso, é necessário:
— proporcionar uma sólida formação litúrgica, sobretudo às pessoas mais engajadas e participantes das Comunidades;
— tornar conhecidas as diretrizes para a administração dos Sacramentos;
— analisar e aprofundar a formação e a prática sacramental em todas as comunidades, principalmente em relação aos sacramentos do Batismo, da Crisma, do Matrimônio e da Unção dos Enfermos;
— incentivar a criatividade em nossas celebrações;
— fazer de nossas comunidades verdadeiros centros de vida cristã, pela práxis e pela celebração da fé.

O QUE ESTÁ ACONTECENDO NA CIDADE

Todos sabemos que nosso povo é extremamente religioso. Mas essa religiosidade se expressa na prática de ritos, através dos quais ele busca soluções mágicas e individualistas para seus problemas. Sua fé se limita a essa prática, ignorando toda a dimensão comunitária, profética e transformadora da mensagem evangélica.

O povo ainda vê a Igreja apenas como o lugar da oração, do culto, dos sacramentos, do contato com o sagrado. E busca a Igreja em momentos determinados.

Por isso, a grande maioria do povo tem dificuldade em entender a proposta litúrgica da Igreja Católica e tende mais facilmente a ser atraída por seitas espiritualistas e alienantes.

REVENDO A AÇÃO DA IGREJA DIANTE DISTO

— Grandes celebrações de fé e de esperança, apoiando a pastoral da Igreja, presente em todas as causas do povo.
— Caminhada de muitas paróquias e comunidades no sentido de levar a liturgia a ser mais viva e participativa. A valorização da religiosidade popular aconteceu em alguns lugares.
— Cursos e encontros de formação litúrgica, em algumas Regiões.

MAS:

— Carência de pessoas preparadas para animar o culto e demais atividades onde a liturgia é exigida;
— Linguagem difícil de alguns padres; falta de comunicação envolvente. Confusão entre mensagem evangélica e político-partidária. Pouco uso dos meios de comunicação;
— Liturgias ritualistas, vazias em seu sentido, não sintonizadas com a linha pastoral e com a vida do povo;
— Não aceitação da celebração do culto por leigos;
— Diferença marcante entre igrejas ricas e pobres na administração dos sacramentos. Luxo e exibicionismo nos casamentos;
— A religiosidade popular é mais compreendida ao nível teórico do que assumida na prática pastoral.

"Nenhuma atividade pastoral pode se realizar sem referência à liturgia."
(Puebla, 927)

6. ECUMENISMO

— Formação, em nossas comunidades, de uma consciência ecumênica, através de uma sólida evangelização com abertura para outras Igrejas;
— revisão da literatura da Igreja Católica, isto é, como ela vê as outras Igrejas e como aborda a dimensão ecumênica;
— ênfase na criação de Equipes Regionais de Pastoral de Ecumenismo;
— desenvolvimento de trabalho com outros cristãos em todas as pastorais sociais (menor, favela, sofredores de rua etc.).

O QUE ESTÁ ACONTECENDO NA CIDADE

O crescimento da Grande São Paulo se deu, sobretudo, com a chegada de milhares e milhares de migrantes, brasileiros e estrangeiros, forçados a abandonar sua terra, seus costumes, sua cultura.

A Cidade de 11 milhões de habitantes torna-se desumana, egoísta, individualista, competitiva, conflitiva e violenta.

Anunciar e construir o Reino de Deus nesta Cidade é um desafio para os cristãos de todas as denominações. A união dos cristãos criará melhores condições de proclamação dos valores evangélicos nesta situação de anti-Reino.

REVENDO A AÇÃO DA IGREJA DIANTE DISTO

— Aceitação e respeito mútuo entre católicos e evangélicos, possibilitando uma abertura para o diálogo, com a reavaliação das diferenças e busca do que é comum.

— Participação de católicos e evangélicos na Semana da Unidade Cristã e na Semana Ecumênica do Menor.

— A Igreja Católica reconhece elementos da Igreja de Jesus Cristo nas outras Igrejas, e por isso deixa de considerá-las como seitas.

— A mentalidade proselitista entre as igrejas históricas está diminuindo.

— Criação da Pastoral de Ecumenismo em algumas Regiões e a formação de equipes regionais assumidas pelos leigos.

— Cursos sobre ecumenismo para as equipes regionais, Pastoral Missionária, Pastoral da Saúde, Escolas da Fé, em cursos de catequese.

— Encontros para as equipes regionais, sobre judaísmo, islamismo e religiões afro-brasileiras (umbanda).

MAS:

— Falta interesse do clero e dos leigos pelo ecumenismo.

"Mas, irmãos, rogo-vos pelo nome do Senhor Jesus Cristo que digais todos o mesmo, e que entre vós não haja cismas, mas que sejais perfeitos no mesmo Espírito e no mesmo parecer." (1Cor 1,10)

7. FÉ E COMPROMISSO SOCIAL

Compromisso com a construção de uma sociedade justa e fraterna segundo os critérios do Evangelho, e como expressão de nossa opção preferencial pelos pobres.

Isto significa:

— que todos adquiram uma visão e consciência crítica sobre a realidade sócio-econômica e política da cidade; e

— que todas as comunidades se empenhem na luta contra as estruturas de opressão, pela segurança, por melhores transportes, contra a violência, contra o racismo e toda forma de discriminação, contra as drogas, pela Reforma Agrária, por uma Constituição justa e fraterna, além do empenho em fortalecer os movimentos populares.

O QUE ESTÁ ACONTECENDO NA CIDADE

O sistema político e a política econômica que alimentam o capitalismo e mantêm o individualismo obrigam o trabalhador a prolongar a carga horária, prejudicando sua convivência na família, tirando a oportunidade de outros trabalhadores. O salário injusto traz conseqüências: álcool, droga, moradia inadequada, grupos e organizações frustradas, subnutrição, doenças, discriminação do menor e da mulher no trabalho, grupos buscando manipular greves e governo bloqueando-as. Soma-se a isso tudo a insuficiência e a precariedade dos transportes coletivos.

A política educacional aliena professores e alunos; não oferece as mesmas oportunidades educacionais a todos; vestibular para a faculdade é seletivo e frustrante; o sistema educacional não abre perspectivas de aperfeiçoamento profissional para os jovens levando à evasão escolar e produzindo o semi-alfabetismo ou o analfabetismo.

O desrespeito e a desvalorização da dignidade humana causando violências, mortes, arbitrariedades judiciais, ação desumana dos policiais e discriminação racial, oferecendo um sistema carcerário deficiente, trazem como conseqüência o medo, a desconfiança e a insegurança coletiva.

Os Meios de Comunicação Social massificam, bloqueiam e direcionam a organização popular, alienando grupos e distorcendo a verdade.

"A Igreja tem consciência de que a ação social humanizadora é parte integrante de sua missão de evangelizar." (Solo Urbano e Ação Pastoral, 110)

REVENDO A AÇÃO DA IGREJA DIANTE DISTO

— Crescimento da consciência política e sensibilização frente aos grandes problemas nacionais.

— Engajamento da Igreja na realidade da vida do povo, lutando a seu lado na defesa de seus direitos. Agentes pastorais, religiosas, padres e bispos marcam presença em suas reivindicações e nos movimentos populares.

— Grande incentivo e crescimento da Pastoral de Direitos Humanos. Novos Centros de Defesa dos Direitos Humanos.

— Organização de grupos de formação política e criação de miniplenários Pró-Participação Popular na Constituinte.

— Realização anual da "Semana Fé e Compromisso Social" ao nível de Arquidiocese.

— Trabalho da Igreja, em diferentes formas, atingindo: menores de rua e trabalhadores, cortiços e favelas, doentes, sofredores de rua, mães solteiras, pessoas prostituídas, presos e outros.

MAS:

— Falta aprofundar o sentido de fé e política. Nota-se que há confusão entre a mensagem evangélica e conteúdos de política partidária.

— Em muitas áreas: desinteresse das pessoas pelos problemas sociais, fortes resistências ao trabalho com marginalizados, falta de compromisso com os desempregados.

— Persistência de serviços desenvolvidos numa linha assistencialista.

— Não se conseguiu encontrar uma forma de engajamento da classe média numa ação pastoral transformadora, que seja expressão de sua fé, na ótica da opção preferencial pelos pobres.

8. MUNDO DO TRABALHO

Assumir a Pastoral do Mundo do Trabalho numa linha de:
— expansão da Pastoral Operária nas Comunidades e Setores da Arquidiocese;
— formação (religiosa, bíblica, sindical, política) com metodologia específica para os diferentes níveis:

- **Comunidades;**
- **membros dos grupos de base da P.O.;**
- **militantes engajados nos sindicatos e partidos.**

O QUE ESTÁ ACONTECENDO NA CIDADE

Os grandes desafios para a vida do povo na cidade continuam existindo no MUNDO DO TRABALHO: desemprego, subempregos, acidentes e condições precárias de trabalho, salário injusto, baixo poder aquisitivo, exploração de menores, hora-extra, alta rotatividade no emprego, arrocho salarial, falta de união, conscientização e organização dos trabalhadores, baixo nível de sindicalização, falta de transporte etc.

O salário mínimo não corresponde às necessidades dos trabalhadores. O aumento de salário não acompanha o aumento do custo de vida. Cerca de 81,1% dos trabalhadores vivem com salários indignos. O mais gritante é que 13% dos trabalhadores recebem menos de um salário mínimo.

O preço de uma cesta básica de alimentos de uma família de 2 adultos e 2 crianças, em setembro de 1986, era de Cz$ 569,81, sobrando Cz$ 234,19 para pagamento de aluguel, luz, água, educação, saúde e lazer.

A discriminação em relação ao negro e às mulheres acontece também no mundo do trabalho: entre eles é maior a taxa de desemprego e menor o salário.

As greves têm, cada vez mais, se afirmado como instrumento legítimo de pressão dos trabalhadores, e seu número duplicou de setembro de 1985 a setembro de 1986. Este é um claro sinal do aumento do nível de conscientização da classe trabalhadora.

REVENDO A AÇÃO DA IGREJA DIANTE DISTO

— Ao nível de comunidade: formação de grupos de trabalhadores cristãos que participam da comunidade e procuram despertar para a participação dentro da classe trabalhadora.
— Ao nível de Setor e Região: Equipes promovem formação bíblica e sindical dos trabalhadores cristãos bem como procuram dar-lhes uma visão mais ampla da sociedade.
— Ao nível arquidiocesano: Comissão Arquidiocesana com a função de promover intercâmbio entre a P. O. nas Regiões; promover uma formação sindical e política dos militantes; buscar um contato mais direto com movimentos de trabalhadores, e a ligação do mundo do trabalho com o mundo da comunidade; promover retiros espirituais para os trabalhadores cristãos.

Anualmente: 2 Assembléias Arquidiocesanas e Encontros para análise da conjuntura social, política e econômica.

MAS:

— **Falta sentir e assumir** de fato **o mundo do trabalho como questão essencial.**
— **Falsa interpretação da Pastoral Operária, como pastoral de greve, pastoral de metalúrgicos.**
— **Falta de consciência de que todo trabalhador cristão deve fazer parte da Pastoral do Mundo do Trabalho, não como pastoral de luta, mas como pastoral de vida.**

"No mundo que se urbaniza e se industrializa, cresce o papel dos operários como principais artífices das prodigiosas transformações que o mundo de hoje experimenta." (Puebla, 1244)

9. EDUCAÇÃO

— Conscientizar sobre a nossa realidade educacional: número e qualidade das escolas; acesso, evasão e retenção escolar; conteúdo que é transmitido; formação de professores; pessoal administrativo; participação dos pais, dos alunos e da comunidade na vida da escola.
— Articular e organizar os educadores e instituições que buscam uma educação conscientizadora, libertadora e crítica.

O QUE ESTÁ ACONTECENDO NA CIDADE

A cidade enfrenta gravíssimos problemas na área da Educação.

Constata-se que, embora o Estado e Prefeitura mantenham 1.114 escolas de 1.º grau, atendendo a 1.333.324 alunos de 1.ª a 8.ª séries, a pressão da demanda continua, pois muitas destas escolas funcionam em 3, 4 ou mais períodos, o que concorre para a deficiência do ensino. Apenas 170.762 alunos estão matriculados no 2.º grau.

A evasão escolar apresenta um alto índice, seja nas séries iniciais do 1.º grau, seja na passagem do 1.º para o 2.º grau, seja ainda neste último.

REVENDO A AÇÃO DA IGREJA DIANTE DISTO

— Promoção de alguns encontros com educadores e agentes de pastoral preocupados com a educação.
— Razoável trabalho de ensino religioso nas escolas públicas.
— Atuação da A.E.C. — "Associação das Escolas Cristãs".

MAS:

— Pouca abertura das escolas católicas para esse trabalho.
— A dimensão social, política e evangelizadora da educação não se explicita na prática.

Apenas 25% das crianças em idade pré-escolar são atendidas em escolas infantis municipais e estaduais. Já o atendimento em creches, mantidas direta ou indiretamente pela Prefeitura Municipal, é de apenas 7% das crianças da cidade.

Acrescente-se a isto o ensino alienado e alienante, decorrente de uma Filosofia e de uma Política Educacional, que prepara profissionais sem formação política, sem consciência crítica e histórica. A educação ministrada em nossas escolas não abre perspectivas para os jovens.

Não existe integração escola-comunidade, escola-família, escola-sociedade.

Faltam escolas profissionalizantes e suficientes escolas de 2.º grau.

Os jovens dos meios populares não têm acesso à Universidade porque:

— cursam escolas públicas de 1.º e 2.º graus, que lhes ministram um ensino deficiente; e
— não têm recursos para pagar cursinhos e faculdades particulares.

"A educação é direito inalienável do povo. É mais que direito, é dever do Estado. É obrigação de um governo democrático voltado para o interesse popular."
"Priorizar as necessidades básicas da população e principalmente da Educação é construir um amanhã sólido, um alvorecer de justiça, de respeito aos direitos do povo."

10. SAÚDE

Promover a Pastoral da Saúde em suas duas linhas:

1. **A da misericórdia (Pastoral dos Enfermos).**
2. **A da justiça (reivindicação de infra-estrutura que garanta a higiene e saúde da população; e de hospitais, postos de saúde, pronto-socorros; médicos, pessoal de enfermagem, ambulância, medicamentos etc.).**

O QUE ESTÁ ACONTECENDO NA CIDADE

Vivemos numa cidade de doentes.

De um lado temos:
— a falta de condições de higiene (esgoto, água, coleta de lixo etc.);
— a fome e a subnutrição;
— o alcoolismo e as drogas;
— a poluição ambiental.

De outro lado temos:
— a falta de hospitais, de postos de saúde, de médicos, de ambulâncias, de remédios, as imensas filas do INPS, a demora no atendimento pelos convênios, a distribuição de remédios vencidos.

Basta verificar que a mortalidade infantil, na cidade de São Paulo, é de 38,28 por 1.000.

A Prefeitura, numa cidade de 11 milhões de habitantes, mantém apenas 8 hospitais, quando deveria manter, no mínimo, 29. Os Postos de Atendimento Médico Municipais são 115, quando São Paulo precisaria de, no mínimo, 337. Os pronto-socorros municipais são apenas 8.

Verifica-se, ainda, a falta de instrução sobre SAÚDE, inclusive sobre o planejamento familiar.

REVENDO A AÇÃO DA IGREJA DIANTE DISTO

— Pastoral dos Enfermos, com atuação em hospitais e em residências.
— Cursos, folhetos, cadernos para formação de agentes de saúde, e para reflexão em grupos.
— Pastoral da Saúde com reivindicações de saneamento básico e melhor atendimento médico à população.
— Organização desta Pastoral na linha ministerial em alguns Setores.

MAS:

— **Muitas comunidades e paróquias continuam atuando apenas na linha de assistência aos doentes, ignorando as situações que geram as doenças.**

"Eu vim para que todos tenham vida e a tenham em plenitude." (Jo 10,10)

CPDOC CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM UFRJ

11. MORADIA

Desenvolver uma ação pastoral com destaque para as favelas, os cortiços, os prédios de apartamentos, os Conjuntos Habitacionais, os sofredores de rua.

Esse destaque exigirá:

— preparação de agentes para essa ação;
— identificação de diferentes metodologias para atuação nesses vários ambientes;
— articulação de todo o trabalho que já vem se desenvolvendo e o que vier a existir nesse campo.

O QUE ESTÁ ACONTECENDO NA CIDADE

— Superpopulação urbana;
— Migração, população flutuante e em crescimento explosivo;
— Especulação imobiliária;
— Alto custo dos imóveis e aluguéis, gerando cortiços, favelas e até mesmo a perda total da moradia (moradores de rua);
— Alta densidade de população nos Conjuntos Habitacionais, Pró-Morar... (229.000 só nas regiões de Santana e São Miguel);
— Falta:
  — Conservação de terrenos baldios;
  — iluminação nas ruas;
  — relacionamento entre vizinhos.

REVENDO A AÇÃO DA IGREJA DIANTE DISTO

— Movimento dos Sem-Terra, dos Sem-Moradia;
— Comissões de moradores de Cortiços e Favelas para conquista de moradias próprias e dignas;
— Movimento de Urbanização das Favelas em organização nos Setores e Regiões;
— Organização dos Sofredores de Rua em comunidades em vários pontos da cidade. Anualmente, realização da "Missão dos Sofredores de Rua", envolvendo grande número deles.
— Início da articulação da pastoral nas COHABs.
— Crescimento no povo da preocupação com a reforma agrária, com os terrenos clandestinos, os mutuários, as desapropriações, a política habitacional.
— Maior sensibilização e comprometimento com os grupos de acampados, com os que estão envolvidos nos problemas de terra, e com os Sofredores de Rua.
— Semana "Fé e Compromisso Social", cujo tema foi Moradia.

Segundo dados publicados em 20-12-1986 pela Prefeitura de São Paulo (cidade com 11 milhões de habitantes), 660.000 pessoas moram em favelas (6%), 2.970.000 moram em cortiços (27%) e 2.420.000 pessoas (22%) moram em casas precárias.

Em dezembro de 1986, o aluguel mensal de um quarto de cortiço (aproximadamente 6m²) variava de 2 a 3 salários mínimos.

MAS:

A Pastoral dos Cortiços e a Pastoral das COHABs permanecem um desafio para a Igreja de São Paulo, exigindo agentes de pastoral preparados e os recursos necessários para o trabalho.

"Deus continua a zelar pelo seu povo. E, por meio da vida do seu povo, Ele nos interpela:

Que faremos para que a terra seja um bem de todos?
Que faremos para que a dignidade da pessoa humana seja respeitada?" (Igreja e Problemas da Terra, 94)

12. COMUNICAÇÃO

— **Despertar nas Comunidades e nos agentes a consciência da importância da comunicação no tempo em que vivemos e no trabalho pastoral;**

— **investir,** de fato, **tanto na capacitação de pessoas para atuar nos MCS, como em material de comunicação;**

— **rever pastoralmente e fortalecer o que existe na Arquidiocese no campo da comunicação e marcar a presença da Igreja em outros meios de comunicação que não pertencem a ela. Cuidar, portanto, da comunicação interna e externa:**

- **informação e formação adequadas;**
- **programas na TV e Rádio (de CEBs, por exemplo);**

— **criar um Centro de Comunicação ao nível Arquidiocesano.**

O QUE ESTÁ ACONTECENDO NA CIDADE

Os Meios de Comunicação Social tornaram-se instrumentos a serviço dos interesses e da ideologia dos grupos econômicos dominantes. Há pouca abertura para a realidade da vida do povo.

O sensacionalismo, a manipulação, a divulgação distorcida, passam sempre à frente da verdade. Através dos MCS há uma verdadeira invasão de cultura estrangeira, com intensa propaganda da violência na solução dos problemas.

Há desinformação e distorção da verdade sobre a Igreja e propaganda de seitas alienantes.

REVENDO A AÇÃO DA IGREJA DIANTE DISTO

— Está havendo um trabalho de desmistificação dos MCS;
— O jornal "O São Paulo";
— Programa de D. Paulo em algumas emissoras de rádio;
— Boletins informativos das várias Regiões Episcopais;
— Revistas teológicas e pastorais;
— Editoras católicas;
— Subsídios para Grupos de Rua e de Reflexão;
— Rádios populares.

MAS:

— **Permanece fechada a Rádio 9 de Julho;**
— **Pouco uso dos MCS pela Igreja, ou mesmo ausência da Igreja nesse meio. O pouco que existe é falho;**
— **Pouco investimento na formação de comunicadores e em MCS;**
— **Dificuldade de informação e comunicação na caminhada pastoral.**

"Disse Jesus: o que eu vos digo nas trevas, dizei-o às claras; e o que vos é dito ao ouvido, pregai-o sobre os telhados." (Mt 10,27)

13. FAMÍLIA

Orientar uma Pastoral Familiar que responda aos desafios do mundo de hoje, que seja, portanto, evangelizadora, profética e libertadora. Para isso, cuidar:

— da educação no amor;
— da adequada preparação para o sacramento do Matrimônio (é preciso rever e, muitas vezes, reorientar os cursos que estão sendo ministrados);
— da evangelização da família;
— da formação dos esposos para a paternidade responsável;
— da articulação das várias iniciativas pastorais no campo da família.

O QUE ESTÁ ACONTECENDO NA CIDADE

Todos sentimos e constatamos que os valores básicos da família estão se deteriorando sob a ação de inúmeros fatores, inclusive os de subdesenvolvimento (pobreza, ignorância, analfabetismo, moradia desumana, insalubridade, subalimentação crônica).

Sobretudo através dos meios de comunicação a FAMÍLIA é atingida por aqueles que transformam em ídolos o poder, a riqueza, o sexo. O que penetra nos nossos lares são mensagens de sexo, luxo, violência, poder, ostentação; propaganda do divórcio, da infidelidade conjugal, do aborto; aceitação do amor livre e das relações pré-matrimoniais (cf. Puebla, 572/3).

A existência de grande número de famílias incompletas e desajustadas é uma realidade em nossa cidade.

REVENDO A AÇÃO DA IGREJA DIANTE DISTO

— Não existe, ao nível arquidiocesano, nenhuma equipe que pense articuladamente esta questão. Há tentativas mais ou menos sérias a cargo de setores. Existem movimentos que correm paralelamente e quase sem nenhuma articulação com a pastoral orgânica.

— É voz mais ou menos corrente que os movimentos familiares já não respondem aos desafios pastorais de hoje. Por outro lado não há nenhuma proposta para um novo modelo de pastoral familiar.

— Há dificuldade de entrosamento dos movimentos de casais.

— Os casamentos não têm uma preparação adequada.

"... a Igreja da América Latina sente-se feliz por tudo o que logrou realizar em favor da família. Reconhece porém com humildade quanto lhe falta fazer, quando percebe que a pastoral familiar, longe de ter perdido o seu caráter prioritário, revela-se hoje ainda mais urgente, como elemento sobremaneira importante de evangelização."
(João Paulo II, Homilia Puebla, 2 — cit. no n.º 570 do Doc. de Puebla)

14. MENOR

— Reforçar e melhor articular a Pastoral do Menor em todas as Regiões.
— Desencadear reflexões, estudos, atividades, que se ampliem para o campo da Família, da Educação e da Sociedade.

O QUE ESTÁ ACONTECENDO NA CIDADE

O problema do Menor é sintomático de toda uma realidade sócio-político-econômica extremamente injusta que afeta a família.

— Se a população dos cortiços está avaliada na Grande São Paulo em 4 milhões de pessoas, pode-se afirmar que 50% são menores;
— Um milhão de pessoas vivem nas favelas, sendo 50% menores; (na Grande São Paulo);
— 600.000 menores trabalham e vivem nas ruas de São Paulo;
— Morrem em São Paulo de 5 a 10 menores por semana, assassinados pela polícia e por grupos de extermínio;
— Há 3.000 menores infratores institucionalizados por órgãos oficiais em São Paulo, mas pelo menos o dobro dessa quantidade está sem nenhum acompanhamento pelas ruas da cidade, organizada em quadrilhas;
— Centenas de meninos e meninas sobrevivem catando lata, papelão, comida no lixo, pedindo esmola pelas ruas;
— Os menores sofrem espancamento nas ruas e delegacias de polícia, são explorados sexualmente por grupos organizados com grande margem de lucro;
— Centenas de crianças morrem lentamente:
  • por falta de alimentação,
  • por falta de atendimento médico-odontológico,
  • por falta de assistência materno-infantil.
— Centenas de crianças crescem desnutridas e ficam lesadas de maneira irreversível,

Poderíamos dizer que as crianças empobrecidas de São Paulo, que são a maioria das crianças da cidade, são uma infância humilhada e desprezada, da qual se rouba a esperança e o futuro.

REVENDO A AÇÃO DA IGREJA DIANTE DISTO

— Semana Ecumênica do Menor realizada anualmente em nível arquidiocesano.
— Centros comunitários para o Menor em quase todas as Regiões;
— Atendimento ao menor abandonado e carente, em muitas paróquias, com diversos projetos;
— Alguns projetos atingindo meninos de rua, meninos trabalhadores;

MAS:

— Há falta de uma metodologia para articular as diversas pastorais onde o menor possa emergir com seu espaço de importância própria;
— Há conflito de metodologias usadas nos diversos projetos que envolvem o menor;
— Há uma confusão criada pela implantação de convênios com o Estado para atendimento ao menor, levando muitos a obedecer mais às exigências do Estado do que à postura da Pastoral;
— Encontra-se ainda resistência da sociedade em geral e das comunidades com relação ao problema do menor carente e abandonado.

"Todo aquele que receber um destes pequeninos em meu nome, a mim recebe, e todo o que me recebe a mim, não me recebe a mim, mas àquele que me enviou." (Mc 9,36)

15. JUVENTUDE

Uma Pastoral da Juventude bem-estruturada, planejada com seriedade, com condições de responder aos problemas que se apresentam aos jovens hoje, e de prepará-los para efetiva participação na sociedade e na Igreja.

Destaquem-se a juventude universitária e a Pastoral Vocacional, que devem merecer uma atenção especial da Igreja de São Paulo.

O QUE ESTÁ ACONTECENDO NA CIDADE

Nossa estrutura social injusta faz dos jovens suas grandes vítimas.

De fato:

— eles são mão-de-obra barata;
— não participam das decisões na sociedade;
— não podem viver a sua própria juventude, uma vez que, desde muito cedo, têm de lançar-se no mundo competitivo e individualista;
— não encontram oportunidades educacionais;
— são pressionados a deixar o campo para ir em busca de sobrevivência na cidade;
— a população carcerária e a maioria dos abatidos pelos "esquadrões da morte" são jovens.

Como conseqüência, inúmeros jovens desesperados, entregam-se ao jogo, ao álcool, às drogas, à prostituição, à violência etc., ficando desfigurados e violentados em sua dignidade.

E, no entanto, os jovens, além de representarem 60% de nossa população, são agentes de transformação da sociedade.

REVENDO A AÇÃO DA IGREJA DIANTE DISTO

— Atualmente está se reiniciando um trabalho de entrosamento da Pastoral da Juventude na Arquidiocese de São Paulo com as Regiões Episcopais, para se conseguir um resultado mais positivo.
Estão se realizando encontros com representantes e assessores das Regiões.
— Opção preferencial pelos JOVENS feita pela Igreja da América Latina (Puebla).

MAS:

— Falta uma efetiva ação da Igreja voltada para os jovens estudantes, trabalhadores e do meio popular;
— Faltam lideranças e assessores para os grupos de jovens;
— O jovem não é valorizado e não participa das decisões na Igreja;
— A grande massa da juventude está afastada das comunidades de Igreja;
— A opção preferencial pelos jovens não foi ainda compreendida, e nem a juventude foi assumida como prioridade.

"Na sociedade, o papel da juventude é o de dinamizar o corpo social. A Igreja, por sua vez, vê na juventude uma enorme força renovadora, símbolo da própria Igreja. E a Igreja faz isto não por tática, mas por vocação, já que é chamada à constante renovação de si mesma, isto é, a um incessante rejuvenescimento." (Puebla, 1178)

A T O C E L E B R A T I V O - 1º D E M A I O

DIOCESES: NOVA IGUAÇU
DUQUE DE CAXIAS

0. CANTO: Baião das comunidades.

1. ACOLHIDA: chamada por categorias e outros grupos.

2. LAMENTO DO TRABALHADOR:

C: " Assim disse o Senhor: " Não oprimirás um assalariado pobre ou necessitado, quer seja um dos teus irmãos, quer seja um estrangeiro que mora em tuas terras, em tua cidade. Pagar-lhe-ás o salário a cada dia, antes que o sol se ponha, porque ele é pobre e disso depende a sua vida. Deste modo ele não clamará a Deus contra ti e em ti não haverá um pecado." " (Dt.24,14-15)

T: Refrão do LAMENTO e um grupo canta - LAMENTO DO TRABALHADOR (anexo)

3. PALAVRAS DE D.ADRIANO

4. CANTO: No meu coração / Canto das três raças

5. A RESISTÊNCIA DO TRABALHADOR
Fatos com símbolos.

6. LEITURA DA PALAVRA
A Palavra de Deus na História do 1º de Maio.

7. LADAINHA DOS MÁRTIRES

8. PALAVRAS DE D. MAURO.
- Pai Nosso -

9. COMPROMISSO - MENSAGEM DOS BISPOS PARA O 1º DE MAIO.

10. CANTOS E CONTINUAÇÃO COM O ATO .

OBS: CATEGORIAS E GRUPOS: professores, metalúrgicos, químicos, comerciários, construção civil, domésticas, funcionários públicos, bancários lavradores, negros , mulheres, menores .... (ver se há outros)

CEDIM CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR - UFRRJ

A T O C E L E B R A T I V O - 1º D E M A I O.

Rua S. Bento 8

LAMENTO DO TRABALHADOR:

6ª a - 1948

Jornaleiro

REF: TRABALHADOR DA BAIXADA, REALIDADE DE DOR
LAMENTO DE CRISTO QUE CLAMA,
NO POVO TRABALHADOR.

1. Clamor-grito vem de baixo
E revela a opressão
Nossa mesa falta leite
Nossa mesa falta pão
O salário é de miséria
Sem direito a produção.

2. Todo dia acorda cedo
Vai direto pra missão
Pra surpresa de nós todos
Aumentou a condução
No bolso não tem dinheiro
No bucho não tem feijão.

3. No caminho pra o trabalho
Muita coisa vai pensar
Na rua vai ver mendigo
Querendo se alimentar
O aluguel está vencido
Não sabe como pagar.

4. Acidente no trabalho
Por falta de proteção
Quando grita e denuncia
Patrão vem com marcação
Companheiros de trabalho
Isto é escravidão.

5. A mulher trabalhadora
Luta pra sobreviver
É vista como objeto
Objeto de prazer
Resistindo a tudo isso
Vai lutando até vencer.

6. Os patrões fazem política
Pra mandar nesta Nação
Discrimina a raça negra
Ainda não houve abolição
Quilombolas vão surgindo
Buscando a libertação.

7. Aliança com patrão
É uma pura marmelada
Se você quiser gritar
Venha aqui gritar na praça
Juntaremos numa só força
Descarando a grande farça.

8. Nossa luta está viva
Nossa luta não morreu
No deserto da Baixada
Somos o Povo de Deus
Resistência é nossa arma
Somos o Povo de Deus.

CEDIM CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR UERJ

ATO CELEBRATIVO - 1º DE MAIO.

LADAINHA DOS MÁRTIRES:

SENHOR TENDE PIEDADE DE NÓS (bis)

JESUS CRISTO, TENDE PIEDADE DE NÓS (bis)

SENHOR , TENDE PIEDADE DE NÓS (bis)

- Aos mártires de Chicago, pedimos proteção — ROGAI POR NÓS
  pra continuar na luta pela libertação.
- Por Santo Dias da Silva, Manoel Filho, Wlademir
  Operários mortoss para nos redimir
- Buscaram seus direitos, o Gringo eo Lorival
  Eloy, Eugênio Lira, Miarin e Zé Pial
- Nativo e Cantídio, bebedito Bandeira,
  Avelino Ribeira e Lúcio Oliveira
- Adelaide e Leonildes, Cleusa e Margarida
  Lutaram sempre em busca da terra prometida
- Rodolfo e João Bosco, com Padre Ezequiel
  Josimo e companheiros nos aguardam lá no céu
- Sepé Tiaraju, Marshal e Simão
  doaram o seu sangue por todos os irmãos
- A Silvia Maribel, lá em El Salvador
  com D.Oscar Romero, sinais de muito amor
- Por Nicarágua livre, Emiliano Peres
  Mais o Carlos Fonseca e Teodoro Martinez
- Aos Mártires Latinos , do México a Argentina
  Coragem pois na luta não se desanima
- Por Zumbi e companheiros que nunca desestirão
  de construir Quilombos e por fim à escravidão.
- À Mãe Aparecida pedimos proteção,
  ajudai-nos nesta luta por terra e união.

Ó SENHOR SEDE NOSSA PROTEÇÃO — SOCORREI-NOS SENHOR

- Para que nos livreis da opressão
- Por tua morte e ressurreição

- Que haja trabalho para todos os operários
- Que haja terra para os nossos lavradores
- Que haja justiça na constituição
- Emprego para todos os desempregados
- Protegei os pobres e suas organizações
- Porque teu povo passa fome e está doente
- Porque teu povo é massacrado no transporte
- Porque teu povo sofre com as enchentes
- Porque lhe roubaram a esperança
- Porque a inflação lhe maltrata
- Porque aumenta a corrupção
- Porque o salário não dá mais
- Porque ter uma casa está difícil
- Porque a violência nos envergonha
- Porque os negros são discriminados
- Porque a mulher pobre é a mais desprezada
- Pelos ameaçados de morte por assumir a luta da terra
- Pela vossa Igreja que se compromete com ostrabalhadores

JESUS CRISTO, OUVI-NOS
JESUS CRISTO, ATENDEI-NOS.

CEDIM
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR - UERJ

ATO ECUMÊNICO EN MEMORIA DE DOM OSCAR ROMERO
BISPO E MARTIR DE EL SALVADOR

[Semena Oscar Romero de 18 a 25 de março de 1984]

1. PRELÚDIO

2. PALAVRA INTRODUTORIA

Meus irmaõs em Cristo: estamps aquí reunidos para celebrar a vida e o martirio de Dom Oscar Romero.

Dom Oscar Romero, arcebispo de El Salvador nasceu no dia 15 de agosto de 1917. Ordenou-se sacerdote em 1942 e recebeu o arcebispado em 1977. Em 1978 a Universidade de Georgetown, em Washington, concedeu-lhe um doutorado honorário pelos seus trabalhos no campo dos direitos humanos. Em fevereiro de 1980 recebeu o mesmo título pela Universidade de Louvain. No dia 9 de março daquele ano. a Açaõ Ecumênica Sueca le conferiu o prêmio PAZ 1980 e foi indicado pela Igreja da Alemanha para o Prêmio Nobel da Paz.

Quando foi designado para Arcebispo, Dom Romero foi saudado como advogado de milhares de salvadorenhos que vivem ainda hoje em miséria extrema nas zonas rurais. No dia 17 de fevereiro de 1980 enviou uma carta ao presidente Carter onde denunciava que "o poder político está em maos de militares sem escrúpulos, que não sabem fazer / outra coisa que reprimir o povo e favorecer os interêsses da oligarquía salvadorenha". Denunciava também nesta mesma carta que ciudadãos norte americanos teriam introduzido no Pais grande quantidade de material para uso da represão.

Todos os domingos a Catedral ficava repleta de pessoas para ouvir a lista de mortos e desaparecidos e as palabras desasombradas de Dom Oscar.

No dia 24 de fevereiro ele anunciou que recebera um aviso de / que estava na lista dos que seriam eliminados. E afirmava: "Mas conste que já ninguém pode matar a voz da justiça". Uma bomba destruiu / totalmente as instalações da rádio da Arquidiocese que transmitia as Homilias dominicais. Imediatamente um outra radio da Costa Rica passou a transmiti-las para toda América Central.

A repressão foi aumentando. No sermão do dia 23 de março lançou um grito de angustia:"Em nome de Deus, en nome deste povosofrido cujos lamentos sobem ao céu cada dia, rogo-lhes, ordeno-lhes, parem com a repressão".

Sua sorte estava selada: no dia seginte, ao erguer o cálice durante a celebração da Eucaristía foi metralhado. Seu sangue misturava-se com o sangue de Cristo e vingava a sua aliança com o povo martirizado de El Salvador.

Estava na lógica das forças represivas que sua voz devería // ser calada. Mas, ao mesmo tempo, foi ub ato suicida destas mesmas forças, pois essa voz não se calou, ela esta mais presente ainda no coração nas vidas e na prática de luta do povo irmão de El Salvador.

3. CÂNTICO

Prova de Amor

Eis que Eu vos dou / o Meu Novo Mandamento
Amai-vos uns aos outroa / como Eu os tenho amado

estribilho: prova de Amor maior não há
que doar a vida pelo irmão [bis]

Nisto todos saberão / que vos sóis os meus discípulod
Amai-vos uns aos outros / como Eu vos tenho amado

Permanecei no meu Amor / e segui meus mandamentos
Amai-vos uns aos outros / como eu vos tenho amado.

4. ATO PENITENCIAL

Dirigente Meus irmãos, estamos celebrando el tempo de Quaresma, tempode conversão para nós cristiãos. Conversão é a palavra chave de entrada no Reino de Deus. Conversão é mudança de nossa mentalidade, é passagem de individualismo para a solidaridade, é passagemdo egoísmo para o amor fraterno; é caminho indispensável para o nosso crescimento interior. Em linguagem bíblica, conversão é mudança das estruturas do homem velho para a Vida Nova do Amor; é caminhada do povo, saindo da opressão e marchando para a Terra Prometida. E convite para a Nova Aliança dos homens com seu Deus, para a Nova Aliança dos seres humanos com seus semelhantes.

Neste momento, peçamos perdão a Deus de nossas falhas e pecados.

Dirigente - Senhor, perdão para nós cristiãos, pastores e comunidadesque muitas vezes somos levados pelo nosso comodismo, e por isso ficamos indiferentesàs injustiças que são cometidas não só em nosso País como também en outros Paises, especialmente com os nossos povos irmãos de América Central.

Todos - PERDOAI-NOS SENHOR

Dirigente Senhor, perdão pela nossa covardia. Muitas cezes sob o pretexto de uma falsa-prudencia, nos omitimos e calamos diante da tirania, do autoritarismo dos poderosos que dominam pela força e pela violência.

todos PERDOAI-NOS SENHOR

Dirigente Senhor perdão para nós que nos dizemos crstiãos mas que na realidade, nem sempre temos a coragem e a coerência, a exemplo de Oscar Romero, de levar o nosso compromisso evangélico até as últimas consequências.

todos PERDOAI-NOS SENHOR

[NB: outras prêces penitenciais espontâneas poderão ser acrescentadas á estas.]

5. PROCLAMAÇÃO DA PALAVRA DE DEUS

5-1. Primeira Leitura Bíblica [AT] Exodo 3,7-10

"Osenhor Javé falou: Eu vi a miséria do meu povo que está no Egito. Eu ouvi o seu clamor por causa de seus ppressores; pois eu conheco as suas angustias... Agora, o clamor dos filhos de Israel chegou até mim, e também veio a opressão com que os egipcios estão oprimindo, Vai pois, Moisés eu te enviarei ao Faraó, para fazer salir do Egito o meu povo, os filhos de Israel."

5-2 MENSAGEM: DOM OSCAR ROMERO, PROFETA DA LIBERTAÇÃO

O deus revelado tanto no Antigo como no Novo Testamento, é um Deus que age. Um Deus que liberta. Ele fala na Historia, no nosso mundo. Ele fala da sua preocupação com os oprimidos. Ele fala através de seua Profetas. No passado ELE falou através de Moisés, de Amós, de Isaías e de muitos outros. Hoje, no seculo XX, Ele nos vem falando através de M.Luther King, de Mahatma Gandhi e de um Dom Oscar Romero, o profeta da Libertação de El Salvador. Esses homens do nosso tempo são sinais visíveis da viva palavra de Deus. Procuremos escutá-las e não fechemos nossos ouvidos diante de suas palavras e de seu testemunho.

6. CÂNTICO DE LIBERTAÇÃO - Procurando a liberdade

1. Procurando a liberdade, caminheiro,
   Procurando a liberdade também vou
   Procurando a liberdade que é vida
   procurando a liberdade de viver.

   CAMINHANDO EU VOU
   PROCURANDO EU VOU

2. Caminhando levo apenas a esperança
De algum dia a liberdade encontrar
É a esperança que dá força ao caminheiro
de ir seguindo pela vida a procurar.

CAMINHANDO EU VOU
PROCURANDO EU VOU
NA ESPERANÇA EU VOU

3. A liberdade é só certeza na esperança
e a encontra quem na vida se arriscar
e no risco posso ser crucificado
Mas cantando a liberdade vou morrer.

CAMINHANDO EU VOU
PROCURANDO EU VOU
NA ESPERANÇA EU VOU
ARRISCANDO EU VOU.

7. SEGUNDA LEITURA BIBLICA - Jo. 10,11-15

"Eu sou o bom Pastor; o bom Pastor dá sua vida por suas ovelhas. O mercenário, que não é pastor, a quem não pertencem as ovelhas, vê o lobo aproximar-se, abandona as ovelhas e foge; e o lobo as ataca e dispersa, porque é mercenário e não se importa com as ovelhas. Eu sou o bom Pastor; conheço as minhas ovelhas e elas me conhecem, como p pai me conhece e eu conheço o Pai. Eu dou a vida por minhas ovelhas".

7.1 - MENSAGEM: DOM OSCAR ROMERO, O BOM PASTOR

A exemplo de Jesus Cristo, Dom Oscar Romero foi o bom Pastor de El Salvador que deu sua vida pelo povo que o senhor lhe confiou para apascentar. A igreja hoje precisa de Pastores como Dom Oscar Romero, que diante do lobo, isto é, diante do Poder Opressor, não abandonou o seu povo, não se omitiu e nem se acovardou diante das ameaças de uma morte que já se anunciava inimente. Dom Romero, amou profundamente o seu rebanho, conhecendo os seus problemas e ouvindo suas angústias, ele se fez o porta-voz daqueles que não têm voz, através de suas famosas homilias dominicais, pronunciadas na Catedral de San Salvador. Seguindo o exemplo de Jesus, O BOm Pastor, ele acabou dando sua vida por seus irmãos.

Senhor, enviai para nós, membros da vossa Igreja, Bispos, Pastores como Dom Oscar Romero. Senhor, não queremos Bispos mercenários, Pastores comprometidos com o poder opressor; mas queremos Pastores que estejam dispostos, se necessario, a darem suas vidas pelo povo como Dom Oscar Romero.

8. CÂNTICO (Cada comunidade pode escolher o que for mais conhecido e o que mais se adaptar a sua realidade local)

SOU BOM PASTOR; OVELHAS GUARDAREI
NÃO TENHO OUTRO OFÍCIO, NEM TEREI
QUANTAS VIDAS EU TIVER, EU LHES DAREI

1. Maus pastores, num dia de sombra, não cuidaram e rebanho se perdeu
Vou sair pelo campo, reunir o que é meu, conduzir e salvar

2. Verdes prados e belas montanhas hão de ver o pastor, rebanho atrás
Junto a mim, as ovelhas terão muita paz; poderão descançar.

9. LEITURA DO SALMO 23 - O BOM PASTOR

O senhor é meu Pastor, nada me falta
Em verdes pastagens me faz repousar

Para as águas tranquilas me conduz
e restaura minhas forças
ele me guia por bons caminhos
por causa de seu nome

Ainda que eu caminhe por um vale tenebroso
nenhum mal temerei, pois estás junto a mim
teu bastão e teu cajado me deixam tranquilo.

Diante de mim preparas uma mesa,
à frente de meus inimigos;
unges minha cabeça com óleo
e minha taça transborda.

10 - TESTEMUNHAS DE LEIGOS (sobre bons e maus pastores que se conhece)

11. PRECES DE INTERCESSÃO

1. Para que, como Igreja de Cristo, na qual somos chamados a servir no meio do povo, manifestemos a nossa fidelidade a Deus na busca de fromas concretas, a fim de que a libertação do homem se realize em toda sua plenitude, Rezemos ao Senhor...

TODOS: SENHOR, ESCUTAI A NOSSA PRECE !

2. Pela memória de Dom Oscar Romero, para qme os seus ideais e suas lutas que culminaram con sua morte, não tenhan sido em vão, e que um dia possamos viver na America Central e na America Latina em geral, a Justiça plana, livres da fome, da doença, da violencia e da miséria a que somos submetidos, rezemos ao Senhor...

TODOS: SENHOR ESCUTAI A NOSSA PRECE!

3. Para que os povos da America Latina, especialmente neste momento historico, em America Central se unam e se organizam na luta contra toda e qualquer forma de opressão, rezemos ao Senhor...

TODOS: SENHOR ESCUTAI A NOSSA PRECE!

4. Para que as Nações mais desenvolvidas e poderosas do mundo se convertam e respeitam o direito dos povos mais fracos de se autodeterminarem, REzemos ao Senhor...

TODOS: SENHOR ESCUTAI A NOSSA PRECE!

5. (Outras preces poderão livremente serem acrescentadas a estas.)

12 - CÂNTICO FINAL (cada comunidade pode escolher seu proprio canto)

Oração de São Francisco

Senhor, fazei-me instrumento de vossa Paz.
Onde houver ódio, que eu leve o amor,
Onde houver ofensa, que eu leve o perdão.
Onde houver discórdia, que eu leve a união.
Onde houver dúvida, que eu leve a fé.
Onde houver erro, que eu leve a verdade,
Onde houver desespero, que eu leve a esperança
Onde houver tristeza, que eu leve alegria,
Onde houver trevas, que eu leve a luz

Ó MESTRE!
Fazei que eu procure mais
consolar que ser consolado;
Compreender que ser compreendido
Amar, que ser amado.
Pois é dando que se recebe
É perdoando que se é perdoado
E é morrendo que se vive para a vida eterna...

.....

"... Agora eu gostaria de fazer um apelo especialmente aos homens do Exército e concretamente às bases da Guarda Nacional, da polícia e dos quartéis. Irmãos, vocês são parte de nosso povo e estão matando os seus irmãos camponeses. Acima de uma ordem de matar dada por um homem, deve prevalecer a lei de Deus, que diz: não matar! Nenhum soldado é obrigado a cumprir uma lei imoral, contra a lei de Deus.

Já é tempo de vocês recuperarem suas consciências. Obedeçam em primeiro lugar à sua consciência e não à ordem do pecado. A Igreja, defensora dos direitos de Deus, da lei de Deus, da dignidade humana e da pessoa, não pode permanecer calada diante de tanta abominação. Queremos que o governo compreenda que nada servem as reformas quando manchadas com tanto sangue. Em nome de DEUS, pois, e em nome desde sofrido povo, cujos lamentos sobem cada dia mais angustiados até o céu, suplico-lhes, rogo-lhes, ordeno-lhes em nome de DEUS:

CESSEM A REPRESSÃO! "

Trecho da última homilia dominical de Mons. Oscar ROmero, em 23 de março de 1980

.....

Livros sobre Dom Oscar Romero: (Em Portugues)

1. D, Oscar Romero, Bispo e Mártir (Homilias) VOZES, Petropolis, 1980
2. D. Oscar A. Romero, profeta da Libertação; Ed. Paulinas, S. Paulo, 1980

.....

Rio de Janeiro, 24 de março de 1984

Comissão Oscar Romero
Servicio Paz y Justicia en America Latina

boletim

da comissão pastoral da terra (ligada à linha 6 da CNBB)

ANO XI | MARÇO/ABRIL-85 | Nº 57

CPT RESPONDE AO GOVERNO:

Reforma Agrária não se faz sem o trabalhador

(Páginas 3, 4 e 5)



Yosikazu Maeda

Bispos retomam luta contra a violência

Violência no Norte de Goiás prossegue. Regional da CNBB adota novas medidas (Página 5)

Deputado quer Estatuto da Terra cumprido para o lavrador gastar mais

(Página 6)

O que o governo quer da Igreja: que ajude a abafar conflitos?

(Páginas 8 e 9)

ATENTADO E MORTE EM MARABÁ

(Página 15)

EDITORIAL

E a ressurreição do povo?

Qual terá sido o estado de espírito dos apóstolos e das mulheres frente àquela derrota de Jesus a partir da prisão até o sepulcro?

Os evangelhos não contam senão pouca coisa. Mas o relato de Lucas sobre os dois de Emaus fica o resumo mais perfeito de todos os sentimentos escondidos naqueles homens e mulheres. O desespero da derrota, a palavra final, o "desconhecido" comentando as escrituras, a parada ao pôr do sol e a descoberta ao repartir o pão: É Ele, está vivo, começa um novo Dia, uma nova História!

Páscoa é isso, da Cruz ao Sepulcro Vazio, do cataclisma ao amanhecer de um novo dia.

Qualquer pintura, de alto ou de baixo valor artístico, coloca sempre como elementos significativos, para expressar a passagem, o Cristo vitorioso, vestido de branco deixando o sepulcro vazio, os pobres apóstolos e as mulheres retomando a coragem e a esperança, e os soldados vencidos, se defendendo da luz e da força da Vida, que as armas deles, inúteis, largadas no chão, não conseguem matar.

Quem tem fé e talvez também quem não tem, sente-se frente a este fato e a esta imagem refortificado como os apóstolos. A Vida é mais forte. Os humildes da História ressuscitam com Cristo, Salvador da Vida, e se tornam autores da História.

Que tal aplicar este visual ao nosso contexto político? Tem gente que acha que a Nova República é mesmo a Ressurreição do Brasil, a ressurreição do povo brasileiro.

E de verdade, estamos em vias de sair do túnel da repressão, da boca amordaçada, dos partidos clandestinos, dos sindicatos amarrados ao Estado. Os militares, se não estão no chão desarmados, estão calados, sem ter como antes a última palavra.

Algo de novo acontece. O ministro do Trabalho anistia os sindicalistas cassados pelo Golpe, fala em desatrelamento, devolve aos sindicatos o direito de legislar sobre suas eleições. O ministro dos Assuntos Fundiários está ouvindo todos os setores da sociedade que trabalham no campo ou acompanham as lutas dos trabalhadores, inclusive a CPT, e vai ouvir os organismos que representam diretamente os trabalhadores do campo, a CONTAG, a CUT, o Sem Terra e outros, e está preparando um programa para aplicação da Reforma Agrária. Há uma tentativa de moralização que aparece clara na tomada de posição do ministro da Fazenda contra o BRASILINVEST, a falcatrua do seu maior representante, o senhor Mário Garnero, que corre o risco de ser preso.

Mas há umas partes deste visual que não se encaixam nesta comparação. Há soldados armados demais por aí, continuando a violência na cidade e no campo. Aos nossos olhos o espetáculo dos mortos no presídio de S. Paulo, da chacina de Salgueiro, da caça aos meninos fugidos da FEBEM de S.Paulo, do massacre dos trabalhadores do Pará, de Goiás, de S.Paulo, obra prima da Polícia Militar.

Há fome e desespero espalhados por aí. O túnel político desembocou no túnel econômico do desemprego, da fome, da produção de alimentos diminuída, da dívida sem solução. E para isso não há propostas a não ser mais sacrifícios, resultado de um "pacto social" imposto aos trabalhadores, aos sem trabalho e sem terra.

Há uma alegria disfarçada de encontros e conchavos, ao redor de uma Nova República que já nasceu velha, com os nomes que já conhecemos. As palavras de ordem desgastadas, os decretos-leis já conhecidos, o sorriso do vice-presidente que disfarça democracia numa conversão repentina demais para ser crível.

Há roubos em que ninguém quer mexer. Os nomes da CAPEMI - COROA-BRASTEL - DELFIM SUNAMAN estão bem fechados nas gavetas de quem se enriqueceu com eles e não quer reabrir a história.

Há o coordenador, a peça chave do visual, o dr. Tancredo, que por uma sorte infeliz não conseguiu tomar posse e articular a Nova República, porque submetido inesperadamente, no mesmo dia da posse, a operações cirúrgicas que complicaram sempre mais os projetos desejados.

A Nova República, mais do que vestida de alegria da Páscoa, aparece vestida das cinzas da Quarta-Feira, acompanhada pelos olhares de tensão e de medo, frágil e acamada, doente e extremamente incerta nos seus passos.

E não podia ser difierente. O Povo, os pobres que naquele outro quadro eram os construtores da Nova História, os anunciados do amanhecer aqui não são.

O Povo, como no passado, não tem poder na Nova República. Não foi de quem a fez, nem é ele que terá condição de sustentá-la.

Só haverá algo parecido com aquele visual da Páscoa quando o povo puder votar livremente, puder comer, puder retomar a terra que é sua, puder se sentar no Congresso, puder participar da direção do país.

DOCUMENTO

CPT esclarece ao governo que Reforma Agrária não se faz sem o trabalhador

EM DOCUMENTO ENTREGUE NO COMEÇO DE ABRIL AO NOVO MINISTRO PARA ASSUNTOS FUNDIÁRIOS DO GOVERNO FEDERAL, A COMISSÃO PASTORAL DA TERRA EXPLICA O QUE ENTENDE POR REFORMA AGRÁRIA E ESCLARECE QUE APÓIA AS LUTAS DOS TRABALHADORES RURAIS, ASSUME SUA TRÁGICA SITUAÇÃO DE MISÉRIA E INJUSTIÇA, MAS NÃO FALA NEM DECIDE EM NOME DELES.

PARA A CPT, OS TRABALHADORES DEVEM TER SUA AUTONOMIA REAL DE ORGANIZAÇÃO E O DIREITO DE DEFINIR AS PROPOSTAS DE POLÍTICA AGRÁRIA E AGRÍCOLA PARA O BRASIL. ELES SABEM COMO ELABORAR PROJETOS, "ASSIM COMO SÃO CAPAZES DE PRODUZIR - NAS PIORES CONDIÇÕES IMAGINÁVEIS - OS ALIMENTOS QUE SUSTENTAM A POPULAÇÃO DO PAÍS".

LEIA A SEGUIR, NA ÍNTEGRA, O TEXTO DO DOCUMENTO ENCAMINHADO AO GOVERNO, SOB O TÍTULO DE **"A COMISSÃO PASTORAL DA TERRA E A POLÍTICA AGRÁRIA BRASILEIRA"**:

"Convidada pelo Senhor Ministro Nelson Ribeiro, encarregado do setor de Assuntos Fundiários, para uma consulta, a CPT apresenta as seguintes considerações:

I - A Comissão Pastoral da Terra vem até o Senhor Ministro representando apenas a si mesma. A CPT é um organismo pastoral e, como tal, é uma voz da Igreja. Fala pelas pessoas, equipes e Igrejas que assumem o serviço à causa dos trabalhadores rurais, assalariados, sem-terra, posseiros, parceiros, pequenos arrendatários, colonos, índios e pequenos proprietários, como parte integrante do anúncio e da sua vivência do Evangelho de Jesus Cristo.

A CPT entende que assumir a trágica situação de miséria e injustiça de que são vítimas os camponeses do Brasil, apoiar suas iniciativas e lutas e estimular sua organização é a melhor maneira de ser fiel a Jesus Cristo.

II - A CPT, contudo, não representa os trabalhadores rurais e camponeses. Eles próprios têm seus organismos de representação. A CPT apóia e coloca-se a serviço desses organismos, reconhecendo e promovendo a sua autonomia real, tudo fazendo para que sejam organismos verdadeiramente representativos de classe e das suas lutas.

A CPT, por isso, não faz propostas de política agrária e agrícola próprias. Ela entende que os únicos autores legítimos de tais propostas devem ser os próprios trabalhadores do campo. Eles são capazes de elaborar projetos, assim como são capazes de produzir - nas piores condições imagináveis - os alimentos que sustentam a população do país.

É injustiça dizer que são incapazes

III - É preciso ouvir os trabalhadores rurais sem-terra e com pouca terra, dar-lhes assento majoritário na mesa que decide a política agrária e agrícola. Sem essa prática, será mais uma injustiça afirmar que são incapazes. E convidá-los com o fundamento de que são cidadãos é a única base real de sustentação de uma política de Reforma Agrária.

Em nada serão desmerecidos os projetos e planos, se forem elaborados na linguagem dos camponeses. Ao contrário, serão melhor entendidos e assumidos pela maioria da população do país. Por isso, ao serem os camponeses convidados, é condição indispensável que sejam maioria e que a sua forma de expressão seja valorizada.

IV - Ao convidar os únicos sujeitos reais de um programa sério de Reforma Agrária - os trabalhadores sem terra -, é preciso buscar aquelas organizações que efetivamente representam os que lutam pela terra. Infelizmente, na própria organização sindical há pessoas e dirigentes que não assumem, não apóiam e, em casos extremos, até combatem os trabalhadores sem terra que se organizam para conquistar a terra. Por isso, torna-se decisivo convidar, junto com a CONTAG, o MOVIMENTO DOS TRABALHADORES SEM-TERRA e os Sindicatos de Trabalhadores Rurais articulados pela Secretaria Rural da CUT, além de representantes de outras organizações populares (de posseiros, bóias-frias, etc...).

V - Os organismos de apoio e assessoria - como a ABRA, IBASE, CIMI, CPT, FASE, entre outros - deveriam ser convidados pelos trabalhadores rurais e camponeses. Garante-se, desse modo, que estejam ligados efetivamente à luta pela terra, tenham a confiança dos trabalhadores. Evita-se, desde o começo, que se façam projetos e programas de política de Reforma Agrária a partir de fora e de cima das

DOCUMENTO

organizações populares do campo. A CPT, em todo o caso, condiciona sua participação ao convite dos trabalhadores rurais convocados pelo governo.

VI - Para efetivar uma política de Reforma Agrária, cremos ser necessário considerar ainda que:

a) para que o governo tenha crédito junto ao movimento popular, especialmente o do campo, é necessário que:

- instaure, seriamente, processos judiciais para punir os responsáveis pelos assassinatos de trabalhadores rurais. Só nos anos de 1982 a 1984, houve mais de 200 assassinatos, praticamente todos impunes;

- encaminhe imediata punição dos responsáveis pelas violências que caíram sobre os trabalhadores - queima de casas, destruição de roças, prisões domiciliares e policiais, torturas, ameaças de morte, violências sexuais, etc;

- restaure o direito à terra de muitos posseiros, prejudicados pela atuação de organismos, como o GETAT e o INCRA, que os transferiram ou desalojaram em benefício de grileiros e/ou para a instalação de imensas empresas rurais, modernos latifúndios;

- acabe definitivamente com os bandos armados e os exércitos particulares de fazendeiros e empresas, levando os responsáveis aos tribunais da Justiça;

b) uma política de Reforma Agrária somente se efetivará se o programa for massivo, beneficiando percentagem significativa dos "Sem-Terra". Um programa tímido, etapista, servirá apenas para aumentar a violência já existente no campo.

Na situação social do país, os 12 milhões de Sem-Terra têm necessidade imediata de terra para produzir e sobreviver. O país tem necessidade de mais alimentos.


Luiz Abreu

c) uma política de Reforma Agrária não tem condições de efetivar-se a partir de uma lei complicada, confusa e dirigida para defender aos mais variados interesses, como é o Estatuto da Terra. A Reforma Agrária demanda decisão política e uma lei clara, explícita, que lhe dê sustentação legal. Uma lei que defina e determine uma política agrária de democratização da propriedade e do uso da terra e que estabeleça como prioridades da política agrícola o apoio aos pequenos produtores e a produção de alimentos.

Muitos órgãos só fazem atrapalhar

d) uma política de Reforma Agrária não tem condições de ser efetivada com a atual proliferação de programas e organismos executores. É necessário implementar um processo unitário. Daí que não poderiam continuar existindo GETAT, GEBAM, PROTERRA, etc, confundidos, na atuação, com o INCRA. O próprio INCRA não pode ser um organismo genérico e "feito para tudo". É necessário ter um organismo encarregado diretamente da Reforma Agrária, com poder, recursos e moral para executá-la, que conte com a participação direta dos trabalhadores sem-terra e do Índios.

É necessário desmilitarizar a questão da terra e da Reforma Agrária.

e) uma política de Reforma Agrária no Brasil depende do rigor com que for julgado o direito pretendido à propriedade das terras. Se toda a terra definida como propriedade por pretensos - ou mesmo claramente falsos - proprietários for indenizada em desapropriações, não haverá nunca recursos suficientes. Se, porém, as grilagens e as terras com títulos e origens duvidosos forem sumariamente "recolhidas", deixando ao Judiciário decidir sobre o direito real à terra, haverá muita terra para a Reforma Agrária a baixíssimos custos.

O roubo de terras deve ser punido, não indenizado. E, além disso, será necessário estabelecer um módulo máximo de propriedade, recolhendo ou expropriando tudo o que o exceder.

f) a política de Reforma Agrária depende de uma correta articulação com os projetos de colonização. Esses não podem ser nem um "negócio da China" para empresas de colonização, inflacionando o preço da terra e condenando os pequenos produtores a al-

[redacted]

tos gastos e extremas dificuldades, nem "campos de concentração" como o são as colonizações promovidas pelo INCRA e pelos governos estaduais. É indispensável que esses projetos sejam elaborados e executados com a participação direta dos trabalhadores.

Há terra em quantidade e qualidade

g) uma política de Reforma Agrária, para que não nasça desacreditada, não poderá assentar-se na afirmação de que não há terra para os sem terra nas suas regiões de origem. Essa é a mentira, a mistificação e o sinal do compromisso com o monopólio capitalista da terra por parte dos promotores da aplicação da "reforma agrária" do Estatuto da Terra nos últimos 21 anos! Há terra, em quantidade e com qualidade, em todas as regiões, especialmente no Sul e no Nordeste. A transferência da população deveria estar condicionada à impossibilidade real de assentamento na região e, ainda assim, deveria depender da concordância das pessoas diretamente envolvidas.

Concluindo, acreditamos que a política da Reforma Agrária somente será vitoriosa se tiver como base de sustentação os Trabalhadores Sem Terra e o conjunto da população do país que apóia a democratização da terra como passo indispensável para a democratização política. Sem democracia social não é possível a democracia política real.

Goiânia/Brasília, a 01 de abril de 1985."

COMISSÃO PASTORAL DA TERRA

Bispos: Continua a violência em Goiás

Devido ao descaso das autoridades políticas e judiciárias do estado, inclusive o governador, diante da crescente onda de violência praticadas contra os posseiros do Norte de Goiás, os bispos do Regional Centro-Oeste da CNBB se reuniram em sessão extraordinária no dia 20 de março deste ano, em Goiânia, e decidiram tomar novas medidas de apoio e solidariedade àquele povo.

Nessa mesma data, eles anunciaram à imprensa que uma comissão de advogados ficou incumbida de encaminhar recursos na Justiça, enquanto outra comissão, formada de bispos, se encarregaria de apresentar às autoridades federais, em Brasília, as reivindicações dos posseiros.

AS DECISÕES

Foi esta a nota que o Regional Centro-Oeste da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil distribuiiu à imprensa, informando sobre suas decisões:

"Nós, os bispos do Regional Centro-Oeste da CNBB, reunidos em Goiânia, em sessão extraordinária, a 20 de março de 1985, em decorrência de nossa missão pastoral sobre esta região, nos vimos compelidos a assumir medidas de solidariedade sobretudo com o povo sofrido do Norte do Estado e de interpelação às autoridades competentes.

No dia 22 de novembro de 1984 demos à opinião pública e ao governo do Estado um documento com denúncias comprovadas sobre a conturbada situação fundiária naquela área.

Entretanto, apesar da promessa formal do sr. governador, nossa voz, eco do clamor do povo, não foi atendida. Pelo contrário, agravaram-se a violência policial e o descaso das autoridades políticas e judiciárias.

Em conseqüencia disso, para sermos fiéis à nossa missão de pastores, decidimos prosseguir no mesmo empenho com as seguintes medidas concretas:

1º - Incumbimos uma comissão de juristas do encaminhamento dos recursos cabíveis em nível judiciário;

2º - Uma comissão de bispos do nosso Regional apresentará, junto às autoridades federais político-administrativas, as inadiáveis reivindicações do nosso povo.

Nesta caminhada pascal de morte e ressurreição do Senhor Jesus, exortamos nossas Igrejas a acompanharem nosso trabalho em favor destes irmãos, para os quais queremos que chegue a partilha da terra e do pão".

QUEM ASSINOU

A nota entregue à imprensa pelo Regional Centro-Oeste da CNBB foi assinada por Dom Fernando Gomes dos Santos, arcebispo de Goiânia; Dom José Freire Falcão, arcebispo de Brasília-DF; Dom Jaime Schuck, bispo de Cristalândia-GO; Dom Benedito Coscia, bispo de Jataí-GO; Dom Miguel Pedro Mundo, bispo auxiliar de Jataí; Dom Stanislau Arnoldo Van Melis, bispo de São Luiz dos Montes Belos-GO; Dom Victor Tieldeek, bispo de Formosa-GO; Dom Rubens A. Souza Espínola, bispo auxiliar de S.Luiz M. Belos: Dom Antônio Ribeiro de Oliveira, bispo de Ipameri - GO; Dom Jaime Collins, bispo e Miracema do Norte-GO; Dom Tomás Balduíno, bispo de Goiás-GO; Dom Celso Pereira de Almeida, bispo de Porto Nacional-GO; Dom José Carlos de Oliveira, bispo de Mozarlândia-GO; Dom José Belvino do Nascimento, bispo de Itumbiara-GO; Dom Aloísio Hilário de Pinho, bispo de Tocantinópolis-GO; Dom Pedro Casaldáliga, bispo de São Félix do Araguaia-MT; e Dom Geraldo de Ávila, bispo auxiliar de Brasília-DF.

Técnicos falam em reforma por etapas. Deputado quer só aplicação do Estatuto

Não é apenas o Ministério Especial para Assuntos Fundiários que está se movimentando no sentido de elaborar o programa do novo governo federal para os setores agrário e agrícola. Há também uma equipe de técnicos do INCRA e do SERPRO (Serviço Federal de Processamento de Dados) e até uma comissão parlamentar interpartidária, instalada na Câmara em novembro do ano passado mas que somente agora começou a funcionar, presidida pelo deputado baiano Fernando Santana (PMDB).

Pelas informações que a imprensa tem divulgado, de ambos os lados a preocupação básica é conciliar as metas do governo na área econômica - estender o capitalismo ao campo, principalmente - com os interesses dos grandes proprietários de terras, de maneira a não gerar problemas políticos de maior gravidade junto a esses mesmos proprietários.

Os técnicos do INCRA e do SERPRO falam em um programa de "reforma agrária" (1) que comece pelas terras devolutas, passe em seguida (2) pelas não-devolutas que estejam ociosas há várias décadas e desemboque numa terceira fase, (3) atingindo os latifúndios improdutivos, que é onde estariam as maiores dificuldades políticas. Já o presidente da comissão interpartidária da Câmara Federal, Fernando Santana, entende que nem é necessário mexer na legislação, mas apenas "criar opinião pública de apoio à implantação correta do Estatuto da Terra", que para ele está "bastante atual".



NÃO É REVOLUÇÃO

A manifesta intenção do deputado baiano, divulgada pelo jornal *O Estado de S. Paulo*, é no sentido de "conscientizar todas as classes de que a reforma agrária não é revolução. É preciso explicar que o retardamento do desenvolvimento está atrelado à incapacidade do consumo pelo homem do campo", acrescenta.

Vê-se claramente que o parlamentar peemedebista não está preocupado apenas com os interesses imediatos do latifúndio, mas projeta o lavrador, antes de mais nada, como agente multiplicador do consumo, objeto privilegiado do capitalismo, enquanto a questão social pouco ou nada merece de suas atenções.

São também do deputado Fernando Santana as seguintes declarações, igualmente publicadas pelo jornal *O Estado de S.Paulo*: 1) "Nós é que somos burros e não reconhecemos que a reforma agrária é um instrumento básico para o desenvolvimento do país. Se as classes dirigentes, industriais e banqueiros tivessem mais visão, estariam apoiando esta reforma, que é a extensão do capitalismo ao campo"; 2) "É o produtor de pequena escala, utilizando uma tecnologia atrasada, mas que produzia para comer e podia vender algum produto na feira da cidade próxima para comprar produtos industrializados. Esse pessoal nunca foi titulado, e veio para a cidade para ser consumidor sem trabalho".

GOIÁS-M.GROSSO-PARÁ

Operação Terceiro Mundo condena violência contra lavradores brasileiros



Assinada por representantes da Operação Terceiro Mundo (Operazione Terzo Mondo - Albino, Bergamo, Itália), uma longa carta foi enviada no começo de março a diversas autoridades brasileiras, entre elas o presidente da República, o ministro do Interior e os governadores de Goiás, Pará e Mato Grosso, protestando contra as violências de que têm sido vítimas, nesses três estados, os trabalhadores rurais e suas entidades, com a participação das polícias militares e federal, além de pistoleiros.

A carta cita vários exemplos, como o assassinato do secretário do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Arapoema, Norte de Goiás, no dia 9 de agosto de 1984, e a expulsão de dezenas de famílias nesses município e no de Axixá. Menciona ainda o regime de escravidão imposto a centenas de lavradores da região de Santana do Araguaia e São Félix do Xingu, no Pará, envolvendo grupos econômicos como a Volkswagen, e o pânico espalhado por pistoleiros da Agropecuária Mirassol, juntamente com as polícias militar e federal, entre os trabalhadores do município de Jauru, em Mato Grosso.

TERROR

Demonstrando ter pleno conhecimento dos fatos, os representantes da Operação Terceiro Mundo lembram que, no período de agosto a setembro de 1984, no Norte de Goiás, pelo menos sete assassinatos de posseiros e dirigentes sindicais ocorreram, 20 pessoas foram feridas e/ou torturadas, 90 casas destruídas e 600 lavradores expulsos das terras que cultivavam, acontecimentos que se registraram de maneira semelhante no Sul do Pará.

A carta se refere também ao fato de que os autores e mandantes dos assassinatos são conhecidos, mas nunca perseguidos e presos, e que exércitos particulares, a serviço de grupos econômicos, atuam livremente, com a cumplicidade das autoridades locais.

CARAJÁS - TUCURUÍ

Os signatários da correspondência estranham ainda que a violação da Justiça e os atentados a direitos sindicais, bem como a violência contra os trabalhadores, comecem numa região tida como de grande progresso, como a de Carajás, da qual participa a Comunidade Econômica Européia, inclusive a Itália.

Finalmente, manifestam seu total apoio às reivindicações dos posseiros e índios prejudicados pelo alagamento de suas terras no Estado do Pará, para a construção da usina de Tucuruí: delimitação de nova área para o povo Parakanã e garantia de terra para 4 mil famílias de posseiros atingidas, além do ressarcimento dos prejuízos que tiveram.



Reforma abafamento

IVO POLETTO

O presidente Tancredo Neves tentou comprometer a Igreja Católica com o seu governo, através de escolha de nomes para o Ministério Especial de Assuntos Fundiários. Ele queria, segundo apareceu na imprensa, que o ministro fosse indicado ou apoiado pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, CNBB.

Na visita dele à CNBB, falou claramente que a Igreja Católica ajudaria seu governo a resolver a questão agrária. Em outra oportunidade, afirmou que não se pode mais retardar a Reforma Agrária, pois os bispos e o próprio papa - a consideram inadiável.

Qual a razão de insistir na ligação direta entre questão agrária e Igreja Católica?

Devem haver muitas respostas para essa questão. Pretendo indicar algumas, levantando pontos de reflexão para os leitores.

RESPOSTA 1

A IGREJA PODERIA SEGURAR OS TRABALHADORES SEM TERRA

É conhecido o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra. Ele realizou seu 1º Congresso Nacional nos dias 29, 30 e 31 de janeiro último, em Curitiba, Paraná. Contou com 1.500 delegados, vindos dos 23 estados. Teve falhas e erros, todos em meticuloso e democrático processo de revisão. No conjunto, foi um inegável sucesso. Demonstrou a capacidade de organização dos trabalhadores sem terra. Expressou em definitivo seu peso político, através das atividades e das conclusões do Congresso.

O presidente Tancredo Neves não esteve presente, como prometeu. Nem enviou representante. Sua ausência e seu desapreço foram motivo de preocupação para os congressistas. Tancredo havia prometido estar no Congresso "como presidente ou como simples cidadão". Uma vez eleito presidente, por que não se fez presente e não explicou a ausência?

Houve quem interpretasse o silêncio do presidente como um sinal de que não iria atender às reivindicações dos Sem Terra. Assim mesmo, as denúncias veiculadas no Congresso e as conclusões finais foram entregues ao novo governo como um voto de confiança. A luta pela terra, contudo, não dependerá das respostas do governo. Os Sem Terra decidiram melhorar sua organização e lutar até que a terra seja devolvida ao povo. E que, além da terra, os lavradores contem com os recursos e apoios necessários para produzir os alimentos dos brasileiros.

Se o novo presidente falhou, o mesmo não se pode dizer de muitos organismos de apoio, especialmente da Igreja. Ela teve uma presença forte, comprometida.

EQUIVOCO

SERÁ QUE A IGREJA TERIA A POSSIBILIDADE DE FREAR O MOVIMENTO DOS TRABALHADORES SEM TERRA, OU MESMO "DIRIGI-LO"?

Se esta é uma das avaliações do novo governo, parece estar equivocada. Afinal, igrejas cristãs, através da Comissão Pastoral da Terra, têm estimulado, acompanhado e assessorado a organização desse movimento. Desejam, por isso, que ele seja vitorioso. Uma das razões do apoio foi essa: que os Sem Terra tivessem um instrumento autônomo e eficaz de articulação das suas lutas por terra e trabalho. Hoje, provavelmente, qualquer tentativa de "frear" ou "dirigir" seria rechaçada como intromissão descabida. Seria julgada uma traição ao processo.

Em outras palavras, o Movimento dos Sem Terra tem sua autonomia e está em franco processo de afirmá-la numa organização nacional. Sem paralelismos e isolamentos, mas determinado em seus objetivos.

Um governo que se proponha um programa real de Reforma Agrária terá no Movimento base sólida de apoio e de sustentação. Se um governo teme o Movimento, não se declara contrário ou incapaz de realizar efetivamente a Reforma Agrária?

RESPOSTA 2

A IGREJA PODERIA DIMINUIR SUAS DENÚNCIAS E COBRANÇAS

O governo Tancredo deseja um período de tranqüilidade política e social para implantar seu programa de "recuperação nacional". Este é o objetivo propalado pacto social. Como viabilizar esse "crédito" dos camponeses sem terra?

O apoio direto dos Sem Terra só se dará mediante políticas que atendam suas reivindicações. Caso o governo deseje protelar esse atendimento, o único modo de não ser atrapalhado pelos Sem Terra seria o seu silêncio, ou o silêncio dos organismos que amplificam ou lhe emprestam voz.

Infelizmente, ainda é verdade que a Igreja veicula o maior número de denúncias das injustiças e violências contra os que lutam pela terra. Eles ainda não têm organização suficiente. E o Movimento Sindical deixa muitas vezes no abandono preso que está à estrutura cooperativa oficial.

Agrária ou de conflitos?



Não creio que a Igreja deixe de denunciar. A não ser que não haja mais motivos. Se o novo governo apoiar os Sem Terra, fizer a Reforma Agrária e combater a violência dos grandes proprietários e grileiros, é provável que diminuam ou desapareçam as injustiças, os assassinatos, as violências. Se nada for feito, porém, as denúncias aumentarão.

OS NÚMEROS

Não é possível admitir passivamente a ocorrência impune de 116 assassinatos, além de 134 pessoas feridas e torturadas, 260 pessoas presas, 76 ameaçadas de morte em 484 conflitos por causa da terra, como aconteceu em 1984. Esses conflitos atingiram 334.866 pessoas numa área conflitada que totaliza 5.125.586 hectares.

Se somarmos os conflitos por causa da terra com outros acontecidos no campo (por questão trabalhistas, barragens, seca, agrotóxicos, sisal, acidentes com bóias-frias, garimpo e sindicatos), teremos um resultado espantoso: 820 conflitos, com 370 mortos, 1.035 feridos/torturados, 1.291 presos, 85 ameaçados de morte e envolvimento de 1.39.383 pessoas numa área de 6.011.568 hectares.

Essess dados, divulgados no relatório anual da Comissão Pastoral da Terra sobre "Conflitos de Terra no Brasil" (janeiro a setembro de 1984), correspondem, com absoluta certeza, a uma parcela da violência acontecida no campo em 1984. É a sistematização do que foi documentado e publicado.

ASSIM MESMO, NÃO SE PODERIA DIZER QUE ESTÁ EM ANDAMENTO UMA GUERRA CIVIL?

MILITARIZAÇÃO

Houvesse uma articulação de todos esses conflitos, e certamente seu significado político seria inestimável. Por enquanto, não passam de 820 guerras de maior ou menor porte. Os governos militares, medindo o potencial desses conflitos e temendo sua articulação, criaram "grupos especiais" (GETAT, GEBAM) e até um Ministério Especial de Assuntos Fundiários. Militarizaram a questão da terra. As ações desenvolvidas, a propaganda e a repressão foram instrumentos de despolitização da luta pela terra. O objetivo perseguido foi o de "acabar com os conflitos". O resultado foram o agravamento e a generalização dos conflitos em todo o país.

O que fará o novo governo: tentará abafar ainda mais a luta popular pela terra, favorecendo a concentração fundiária e a modernização conservadora na agricultura? Se este for o caminho escolhido, os conflitos aumentarão e maiores serão as denúncias e cobranças.

RESPOSTA 3

O NOVO GOVERNO QUER REALMENTE A AJUDA DA IGREJA

Na hipotese de que o novo governo queira efetivamente realizar uma Reforma Agrária que satisfaça ao anseio dos Sem Terra e da Nação, e acredite que a Igreja, por sua prática, possa contribuir com o processo, a questão deveria ser colocada nestes termos: por que o governo procura a CNBB e não procura o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, a quem a Igreja apóia e promove com sujeitos da conquista da terra?

Enganam-se Tancredo Neves e seus amigos, se acham que a tensão a ser resolvida é a que aparece entre governo e a hierarquia da Igreja. Esta é a aparência. A análise mais séria leva à tensão real, a existente entre governos que apoiam grileiros e grandes proprietários de terra e os lavradores sem nenhuma ou com pouca terra. E, a cada dia que passa, a necessidade destes últimos aumenta, agravada pelo desemprego generalizado, pelas péssimas condições de trabalho e pelos ilegais e irrisórios salários pagos a quem consegue um emprego.

O governo tem programa agrário popular e pretende concretizá-lo? Procure o povo, os Sem Terra, o Movimento Sindical de Trabalhadores Rurais, e terá todo o apoio necessário. Os governantes se consideram cristãos e querem seguir a orientação das igrejas cristãs? Leiam os documentos publicados e façam o que foi sugerido: a Igreja, enquanto instituição religiosa, não substituirá os trabalhadores, mas promoverá suas organizações, para que eles conquistem a terra de que precisam para trabalhar.

A título de conclusão, poderíamos dizer: que não se procure enganar o povo através de encontros, contatos e acertos de cúpula. Da parte da Igreja, se essa for a prática de parte da hierarquia, terá ela a crítica livre e cristã do povo que crê e quer participar da solução de seus problemas. Resta batalhar para que toda a população critique e conteste os governantes que promovem acertos e acordos por cima, sem a consulta e a participação dos principais e verdadeiros interessados. E que a crítica seja mais severa se tal prática política foi executada em nome da democracia!

AMAZONAS

60 famílias goianas abandonadas na mata

Sessenta famílias de trabalhadores rurais que o Instituto de Desenvolvimento Agrário de Goiás (IDAGO) mandou para a região fronteiriça do Brasil com a Venezuela, no Amazonas, em dezembro de 84, foram abandonadas na mata e passaram a viver em miséria total. Dez dessas famílias conseguiram fugir e até a metade do mês de fevereiro ninguém tinha notícias delas, mas acabaram voltando para Goiás.

Na época de sua transferência para o Amazonas, o fato foi denunciado como sendo migração patrocinada, questionando-se também a falta de explicações sobre importantes datalhes, como a presença do Exército na região e os motivos pelos quais esses trabalhadores não eram assentados em seu próprio Estado de origem. Mais tarde, já em fevereiro, o Regional Norte I da CNBB informava: "As famílias estão pedindo socorro".

As promessas do IDAGO e do ITERAM (Instituto de Terras do Amazonas) eram pura ilusão. Os colonos passaram fome, ficaram em barracos de lona abertos, sujeitos às chuvas, aos mosquitos e aos bichos, aí morando com suas famílias de 8 a 10 filhos. Não tinham assistência de saúde, nem de transporte, e não receberam adubos, ferramentas e sementes conforme o prometido. Por último eles vinham tirando cipó para vender aos comerciantes, como meio de sobrevivência.

ENGANAÇÃO

"Estas são as condições oferecidas pelo governo do Estado de Goiás aos trabalhadores rurais sem terra. Grupos de homens, mulheres e crianças passando fome e desespero por terem sido despejados na mata sem nenhuma assistência, como se em nosso Estado não houvesse tanta terra improdutiva".

O comentário acima está contido em nota distribuida no dia 3 de março, após uma reunião de três dias da Comissão Pastoral da Terra - Regional Centro-Sul de Goiás, com a participação de trabalhadores rurais e agentes de pastoral de vários municípios, além do bispo presidente da CPT Regional.

"Vendo a falta de responsabilidade do IDAGO, que, ao invés de assentar os trabalhadores na terra em Goiás, manda para longe tantas famílias, sem cumprir as promessas, em conjunto com outros órgãos", a nota distribuída "chama a atenção dos trabalhadores para não serem enganados com esse tipo de promessas e denuncia a atuação do governo do Estado, que prejudica os trabalhadores já desesperados por terra para trabalhar e morar".

O documento lembra ainda "que o governo do Estado de Goiás realiza a política do esvaziamento das tensões e, com aparência demagógica, de solução dos problemas fundiário e urbano". Lembra também que 40 das famílias enganadas fazem parte do Regional Centro-Sul de Goiás, vindas de municípios como Bela Vista, Vianópolis e Goiânia.

A nota contém 27 assinaturas.

CEARÁ

Lavradores enganados em Iguatu

Em dezembro de 1984, as chuvas começaram a cair na região de Iguatu, no Ceará, e os trabalhadores rurais viram renascer suas esperanças de uma boa safra, embora muitos não tivessem terras para plantar. Eles haviam feito várias reivindicações às autoridades, desde o mês de junho, inclusive de crédito agrícola para os pequenos produtores, reparos nos açudes dos bolsões e sementes para o plantio em janeiro.

Passada a metade do mês de fevereiro, o crédito só havia chegado para os grandes proprietários e os açudes não tinham sido reparados (ameaçavam desmoronar, com as chuvas). Em ofício, a Secretaria da Agricultura do Ceará prometera mandar 14 toneladas de milho para o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Iguatu. Só milho, apenas milho.

POVO LESADO

Para surpresa geral, quem recebeu as sementes de milho foi a prefeitura, que as guardou desde janeiro, esperando que o secretário da Agricultura fosse fazer o lançamento. No dia 12 de fevereiro isso aconteceu, mas a distribuição era de apenas cinco quilos para cada família, tendo o lavrador que assinar termo de responsablilidade que o comprometia a devolver as sementes após a colheita. Além disso, só eram distribuídas no centro de Iguatu e nas sedes de quatro distritos.

Mais uma vez, o povo foi lesado, conforme denúncia escrita assinada pela Cáritas Diocesana de Iguatu, Comissão Pastoral da Terra, Coordenação Pastoral da Diocese, Coordenação da Pastoral de Juventude e Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Iguatu.

SURUCUCUS

Policial e jagunços comandam invasão à terra dos Ianomani

Comandados por três homens treinados em ações de combate para-militares, que renderam os policiais a serviço da Funai e tomaram conta da pista de pouso local, 44 garimpeiros invadiram a região da serra de Surucucus, território dos índios Ianomani, em Roraima, no dia 14 de fevereiro deste ano.

Pelo menos dois desses homens que comandaram a operação, portando armas pesadas, são conhecidos como capangas de José Altino Machado e, a mando dele, tinham participado de uma matança de garimpeiros em Rosa de Maio, Estado do Amazonas. Um deles é Mauro Fonte Machado, carioca, que já tomou conta de vários garimpos de Altino, sempre escravizando os garimpeiros. O outro é Leofridion Xavier, gaúcho, major reformado.

O terceiro homem do comando da invasão é um policial civil da ativa. Faz parte da Polícia de Operações Especiais do Amazonas e encontrava-se oficialmente a serviço da Secretaria de Segurança Pública daquele Estado, recebendo uma diária de Cr$ 90.333. Seu nome é Nilberto Batista de Oliveira.

ENVOLVIDOS

Um dia antes - 13 de fevereiro -. a invasão chegou a ser noticiada pelo jornal *A Crítica*, de Manaus, o que fez a Funai solicitar ajuda da Polícia Militar. Acontece que a operação já estava preparada com grande antecedência, pois no dia 1º daquele mês um avião monomotor (prefixo PT-JMG) fizera o reconhecimento da área, tendo a bordo o piloto Mineirinho e o advogado Tito Rocha Filho.

Outros que estão envolvidos na história são o fazendeiro Raimundo e a vereadora Lourdinha, sua mulher. Eles são os donos da fazenda São Luiz, de onde saíram os oito vôos que levaram os 44 garimpeiros para o território dos Ianomani, na serra de Surucucus.

Quanto ao advogado Tito Rocha Filho, também não restam dúvidas: estão registradas em seu nome, na Secretaria de Segurança Pública do Amazonas, uma escopeta semi-automática, calibre 12, utilizada na invasão pelo capanga Mauro Ponte Machado, e uma espingarda de dois canos superpostos, também de calibre 12, marca Boito, nº 41.610, usada pelo jagunço Leifridion Xavier. Uma terceira arma pesada - metralhadora marca URU - pertence à própria Secretaria de Segurança Pública do Amazonas.

Agrava-se o conflito na área dos Kaingang

Está se tornando cada vez mais grave o conflito que envolve a comunidade Kaingang do Toldo Chimbangue e colonos do Oeste de Santa Catarina, segundo denúncia publicada em março passado pelo Regional Sul do CIMI - Conselho Indigenista Missionário, citando uma série de violências praticadas contra os indígenas no período de novembro de 1983 a janeiro deste ano, inclusive estupro e prisão em cárcere rivado.

Informe especial do CIMI, editado em Xanxerê, Santa Catarina, acusa também "a omissão continuada da Funai, aliada a uma cumplicidade nada sutil de autoridades". Ao governo Tancredo Neves, o Regional Sul pergunta se "estará disposto a reconhecer o direito indígena e dar uma solução digna e justa para indígenas e colonos, ou se tratará a ambos com o mesmo descaso, desatenção e sobretudo morosidade do governo Figueiredo".

A VIOLÊNCIA

Entre outras arbitrariedades, a publicação do CIMI relaciona um estupro contra menor indígena; destruição de paiol e plantação indígenas; roubo de produtos de roça indígena; invasão e estabelecimento de plantação de colono em posse indígena - tudo isso sem que as autoridades tenham tomado qualquer providência.

Menciona também ameaças e até emboscada contra missionários, com testemunhas que reconheceram vários dos atiradores; barreiras nas estradas do Toldo Chimbangue, em duas oportunidades, constatadas inclusive pela polícia, ameaçando o direito de ir e vir de indígenas e missionários; destruição do patrimônio florestal da área e retirada de duas cargas de toras por dia, entre setembro e novembro de 1984; e detenção de ônibus e de alguns índios por colonos, que os mantiveram em cárcere privado e ameaçaram sua integridade física.

DUAS AÇÕES

Enquanto tudo isso acontece e as autoridades não se preocupam sequer em apurar os fatos, tramita na Justiça uma ação de reintegração de posse movida pelos colonos contra a comunidade Kaingang do Toldo Chimbangue, além de uma ação anulatória dos mesmos colonos contra a Funai. Em ambos os casos, porém, tudo se coloca sob suspeição, desde os autores até o juiz, segundo o informe do Regional Sul do CIMI.

RONDÔNIA

Diocese denuncia ameaças e perseguições em Ji-Paraná

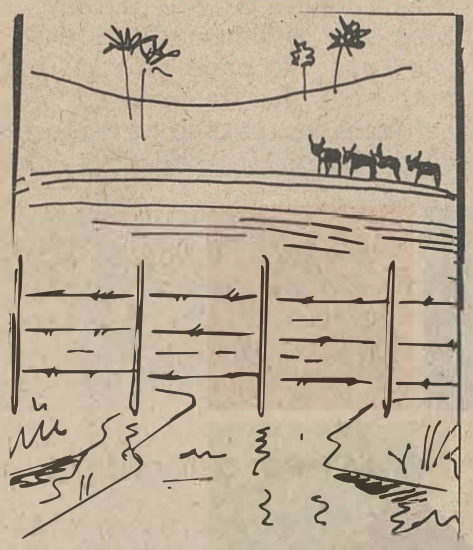
Assinado pelo bispo Dom Antônio Possamai e datado de 19 de fevereiro último, um manifesto da Diocese de Ji-Paraná, em Rondônia, volta a denunciar as ameaças de que são vítimas milhares de famílias de posseiros que ocupam terras improdutivas na região, acossadas pela e cansadas de promessas nunca são cumpridas.

Segundo o documento, "são ameaças de morte, dirigidas por meio de telefonemas anônimos ou por meio de conversas de bar, a certos advogados que defendem os pequenos, a certos dirigentes sindicais que entendem e praticam um autêntico sindicalismo, a padres que estão unidos a seu povo na defesa de seus direitos".

MIGRANTES

A maioria das famílias a que se refere Dom Antônio Possamai é formada de migrantes que foram iludidos por grupos econômicos organizados do Sul, que compraram suas pequenas propriedades e as convenceram de ir para Rondônia, como se lá "estivesse o paraíso procurado".

Lá chegando, porém, tais famílias encontram "outros, ou os mesmos grupos numerosos, que se declaram proprietários de imensos latifúndios. Muitas vezes os documentos que apresentam, quando os podem apresentar, não resistiriam a uma averiguação honesta e imparcial. Muitos desses falsos ou duvidosos proprietários contratam pistoleiros em diversos pontos do país, para expulsar ou massacrar posseiros e seus familiares que ocupam terras que não estão sendo cultivadas. Sabe-se até de fazendas de onde quem entra nunca mais sai para contar a história".



Em seu manifesto, a Diocese de Ji-Paraná pede às autoridades que encaminhem soluções e proteção para os posseiros e punam os que usam de violência e corrupção para aumentar sua riqueza e seu poder. "Condenamos as inúmeras arbitrariedades que estão sendo cometidas contra o povo, os assassinatos, as perseguições, as manobras para dividir o povo. Condenamos de modo todo especial a covardia de quem apela para a intimidação mediante a ameaça feita no anonimato", diz o documento.

Posseiros expulsos de Igarapé Lurdes

Um contingente da Polícia Militar de Rondônia, acompanhado de policais federais e representantes do INCRA, saiu de Porto Velho no dia 7 de março passado e foi até o Posto Indígena de Igarapé Lurdes, a 55 quilômetros de Ji-Paraná, para efetuar o despejo dos posseiros que ocupavam a área, cumprindo mandato de reintegração de posse em favor da Funai.

Os trabalhadores não tiveram sequer o tempo necessário para comercializar seus produtos, nem lugar para colocar seus animais domésticos. A força policial usou de intimidação para expulsá-los e não levou ordem judicial por escrito, comunicando o despejo apenas verbalmente.

DENÚNCIA

Uma comissão de posseiros atingidos, o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ji-Paraná, a diocese local e a Comissão Pastoral da Terra em Rondônia denunciaram a total ausência da Funai no episódio, além da omissão e insensibilidade do INCRA, que não aceita diálogo com os trabalhadores, para seu reassentamento numa área definitiva.

Além da denúncia, fazem uma série de perguntas às autoridades competentes, entre as quais as seguintes: 1) Para quem vai ficar mesmo a terra, se o índio não recebe terra devastada - para os grupos empresariais? 2) Essa ação de despejo irá atingir somente os pequenos posseiros, ou também os grandes latifundiários plantados dentro do território indígena? 4) Onde estão os políticos que prometeram a posse definitiva dessas terras aos posseiros - não deveriam estar presentes para exigir do INCRA o reassentamento e um tratamento mais justo para esses posseiros?

No Pacto Social do governo, trabalhador tem o que trocar?

WILMAR ALVES

Submetida a toda sorte de sacrifícios ao longo de sua história, e mais ainda nos últimos 21 anos, quando o governo militar e a classe empresarial jogaram em suas costas todo o peso da crise econômica do país, a classe trabalhadora brasileira terá que enfrentar agora mais um desafio: o de aceitar ou não o chamado Pacto Social pretendido pelo governo Tancredo Neves, envolvendo os diversos setores da sociedade que pesam na balança da economia.

Pois o novo governo vem aí com sua proposta de Pacto Social, e o ministro do Trabalho, Almir Pazzianotto Pinto, já anunciou alguns pontos que poderão clarear uma reflexão sobre o assunto. Ele diz um pouco do que o governo quer, mas não abre o jogo e praticamente não dá nenhuma brecha para o trabalhador.

INFLAÇÃO

Toda vez que se fala em inflação, neste país, fala-se também dos salários dos trabalhadores. Nos governos passados, a "mágica" dos técnicos do governo para combater a inflação era sempre a "contenção" dos salários, ou seja, o arrocho. E a inflação não diminuía, o custo de vida não para de aumentar, enquanto os salários ficavam cada vez mais minguados, arrochados. Mas os ricos ficavam sempre mais ricos.

Agora vem o ministro do Trabalho para dizer que o objetivo principal do pacto, ou um dos objetivos principais, é o combate à inflação. Segundo ele, a inflação corrói mais os salários que a política salarial".

Uma pergunta: Se o objetivo é combater a inflação e se é ela que mais corrói os salários, que tipo de pacto ou de troca o trabalhador iria fazer para acabar com ela? O ministro ainda não disse.

REIVINDICAÇÕES

Na opinião do ministro, "talvez algumas de suas reivindicações (dos trabalhadores) tenham que ser programadas. Pode-se negociar uma redução progressiva da jornada de trabalho, já que uma redução de uma vez, para 40 horas semanais, seria muito violenta. O reajuste salarial tem que ser assegurado, não admitiremos retrocesso na lei; talvez tenhamos que aprimorá-la", acrescenta Almir Pazzianotto.

A redução da jornada para 40 horas semanais não é só uma reivindicação da classe trabalhadora. É uma bandeira de luta que inclusive faz parte do programa imediato da CUT - Central Única dos Trabalhadores. Os assalariados brasileiros certamente não estão dispostos a abrir mão dela, e é estranho que o ministro fale em redução e logo em seguida faça referência ao reajuste semestral, como se uma coisa pudesse vir a depender da outra. E ele não mencionou o reajuste trimestral, que é outra bandeira de luta da classe trabalhadora.

"salário desarrochado"

AS GREVES

Conforme entrevista do ministro publicada pela revista *Isto é*, no dia 13 de março deste ano, "seria melhor" que não houvesse greves a partir do dia 15 do mesmo mês, data da posse do novo governo, embora reconhecesse "que é difícil impor essa condição". E acrescentou: "Greve não deve anteceder a negociação, mas ser considerada um recurso extremo. Depois, ficará estranho ter um comportamento corporativista se combatemos o corporativismo. Será preciso pensar antes no país".

Bem, primeiro, certas negociações não acontecem sem que os trabalhadores exerçam pressão e façam greves. Temos exemplos - e o ministro também tem - no próprio ABC paulista. Segundo, Pazzianotto não fala em "corporativismo" quando se refere ao empresariado, que na prática é corporativista, é um bloco, um rolo compressor sobre os trabalhadores. Terceiro, o ministro não diria que as empresas estrangeiras e multinacionais devem "pensar antes no país (que país?), ao negar os direitos dos seus empregados e impor os arrochos salariais com o respaldo da própria legislação trabalhista.

SINDICATOS

Para Almir Pazzianotto, "uma nova legislação sindical é tarefa para a Constituinte. A Nação e os trabalhadores vão definir como vão se organizar. Mas uma coisa é certa, a era dos pelegos está definitivamente sepultada". Boa notícia, a do fim do peleguismo, desde que não fique só nas declarações. Mas o tal Pacto Social de que fala o ministro somente aconteceria com a participação direta dos pelegos, que são os amaciadores dos choques entre os empregadores e os empregados.

Quanto à legislação sindical, está claro para a classe trabalhadora que ela deve ser mudada, já. Inclusive essa seria uma das condições básicas - entre muitas outras - para a formação de uma Assembléia Nacional Constituinte livre e soberana, sem os vícios que os governos passados, juntamente com os patrões e os pelegos, impuseram à política sindical. E o desatrelamento do sindicalismo em relação à estrutura do Ministério do Trabalho é outra condição.

Que pacto é esse, sr. ministro?

ESTUDO

A Igreja dos Primeiros Tempos e a luta dos oprimidos

VI - A subversão cristã na França do 2º século

Marcelo Barros

Uma carta de cristãos do IIº século:

"Escrevemos esta carta a vocês que têm a mesma fé e a mesma esperança que nós. Somos servos de Jesus Cristo, homens e mulheres presos e condenados pelo prefeito da cidade de Lyon (no ano 177). Fomos presos por que somos cristãos e vivemos em comunidade. Acusam-nos de perturbar a ordem do Império e de divulgar por aí idéias que fazem mal à sociedade. Dizem até que nossos cultos são imorais e que bebemos sangue de gente.

Sobre isto fomos interrogados publicamente e nossa única confissão foi: 'Somos cristãos e vamos ser sempre'. Éramos muitos e fomos todos jogados num porão fechado, sem higiene e sem condições para caber tanta gente. Ali estavam irmãos da cidade e lavradores. Blandina era muito pobre. Viveu sempre como escrava. Ali agora era uma das nossas dirigentes. Ela estava doente por causa dos maus tratos que sofreu, mas animava a todos a serem firmes na fé. Um dia, desde o nascer do sol até a noite, os soldados torturaram Blandina quase sem parar. No fim ela estava quase morta. Eles se admiravam de que ainda pudesse falar. Ela disse: 'Sou cristã e nada fazemos de mal'. Os soldados confessaram que ela os tinha vencido.

Mas nem todos entre nós cristãos eram tão fortes. Houve vários que, na hora do interrogatório, negaram a fé cristã e aceitaram benefícios das autoridades. Quanto a nós, perdemos tudo o que tínhamos e fomos condenados à morte."

* * *

Um dos mártires de Lyon, naquela perseguição, foi o bispo Potiro, que tinha mais de 90 anos. No lugar dele elegeram Irineu, um padre que tinha vindo da Ásia Menor e que era muito dedicado no trabalho com o povo.

Naquela época, muitos cristãos entraram em um movimento espiritual. Chamava-se Movimento do Conhecimento. E tinha muitas correntes dentro dele.

Geralmente diziam que as coisas materiais não valem nada e não são do agrado de Deus. O cristão não devia ligar para nada deste mundo. Só para o que é espiritual. Diziam que Evangelho é só espiritual e Jesus é espiritual. Não é uma pessoa humana como um de nós. É um Espírito que para nos ensinar tomou aparência humana. Mas não é um homem igual a outro homem.

Hoje em dia ainda há cristãos que pensam assim. Dizem até que o cristão não deve lutar pela terra, não deve se preocupar com política nem sindicato. Deve ligar só para o que é espiritual.

Santo Irineu combateu fortemente essa doutrina errada. Escreveu até um livro longo - "Contra as Heresias" -, dizendo que quem pensasse daquele jeito não era cristão.

Para Irineu, Jesus Cristo é um novo Adão (homem da terra) e pela sua missão liberta o mundo do mal e dá um sentido novo à vida da gente e às coisas do mundo. A salvação de Jesus Cristo ou é bem real e mexe em toda a vida da gente, ou não vale nada.

O pensamento da Igreja que acompanha os movimentos populares hoje em dia, no Brasil, se inspira muito em Santo Irineu. Há uma frase dele que se repete muito e que todos podemos guardar: **"A glória de Deus é o homem viver e a vida do homem se realiza mesmo quando ele vê a Deus".**

TUCURUÍ

Barragem leva problemas às comunidades ribeirinhas

Nota distribuída em janeiro pelos bispos, padres, animadores de comunidade e agentes de pastoral da Prelazia de Cametá, Estado do Pará, após assembléia geral, denunciou as danosas consequências levadas do povo do vale do Tocantins pelo represamento das águas desse rio, para a formação da barragem de Tucuruí.

Os problemas começaram pela poluição da água, que se tornou inservível para uso doméstico, passou a matar peixes e até começou a extinguir certas espécies, como o mapará, o filhote e o camarão, causando também dificuldades à alimentação das populações ribeirinhas.

Houve outras conseqüências, como o isolamento de várias comunidades da Transamazônica pela inundação de parte da rodovia, sem que a Eletronorte cumprisse sua promessa de concluir rapidamente a construção de uma ponte no quilômetro 11. No local, o tráfego ficou na dependência de uma balsa, funcionando em horários reduzidos, e junto às margens da represa o transporte passou a ser explorado por particulares.

As comunidades da região estranharam que seus problemas tenham aumentado exatamente após a inauguração da usina de Tucuruí.

Novo assassinato no Pará

Mais um assassinato ligado a questão da terra aconteceu, dia 14 de abril , no Sul do Pará, desta vez tirando a vida da irmã Adelaide Moglirani, 47 anos, gaúcha de Palmeira das Missões. No mesmo atentado, ficou gravemente ferido o delegado sindical Arnaldo Delcídio, do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Marabá, que teve o corpo atravessado pela mesma bala que matou a freira.

Irmã Adelaide foi sepultada às 22 horas do dia 15 de abril, segunda-feira, com a presença de Dom Alano Pena, bispo da Prelazia de Marabá, que para esse fim interrompeu sua participação na Assembléia Nacional da CNBB, em Itaicí-SP. Arnaldo Delcídio foi levado para o hospital da Companhia Vale do Rio Doce, no quilômetro 68 da rodovia PA-70, e depois removido para Serra do Norte, que possui um hospital em melhores condições. Peno menos até o dia 17 de abril, seu estado ainda era gravíssimo.

O ATENTADO

Irmã Adelaide fazia parte de uma equipe de quatro freiras da Congregação Filhas do Amor Divino que viera de Santo Ângelo, no interior do Rio Grande do Sul, para trabalhar na Prelazia de Marabá, numa faixa de 100 quilômetros entre a rodovia PA-70 até a Serra dos Carajás.

Dia, 14 retornando de suas tarefas de atendimento pastoral, ela conversava com Arnaldo Delcídio nas proximidades do posto de venda de passagens, no quilômetro 2 da estrada de Carajás. De repente chegou um homem e disparou um tiro nas costas de Arnaldo . A bala atingiu a omoplata do delegado sindical, atravessou seu corpo e foi se alojar na garganta de irmã Adelaide, que morreu no mesmo instante.

Entre os trabalhadores da região circulam informações que atribuem aos irmãos Eloísio Roberto Chaves e João Roberto Chaves a responsabilidade pelo crime. Eles são proprietários da fazenda Pedra Furada, que é disputada por cerca de 100 famílias de posseiros. Nesse conflito, Arnaldo Delcídio assumiu abertamente a defesa dos direitos dos posseiros, atraindo para si a violência dos fazendeiros, que teriam alugado um pistoleiro para matá-lo.

boletim
da comissão pastoral da terra (ligada à linha 6 da CNBB)
Uma publicação do Secretariado da CPT -
Caixa Postal 749 - CEP 74000 -Goiânia-Goiás.
ASSINATURAS
ESPECIAL (colaboração) ..... Cr$ 5.000
NORMAL ..... Cr$ 2.000
PARA LAVRADORES ..... Cr$ 500
PARA O EXTERIOR ..... US$ 10
O pagamento de assinaturas pode ser feito através de VALE POSTAL ou CHEQUE VISADO pagável em Goiânia, em nome da COMISSÃO PASTORAL DA TERRA.
A COMISSÃO PASTORAL DA TERRA é um organismo ligado à linha Missionária da CNBB. Tem como objetivo central "interligar, assessorar e dinamizar os que trabalham em função dos homens sem terra e dos trabalhadores rurais..." (Conclusão nº 1 do Encontro de Goiânia sobre Terra e Migrações na Amazônia Legal, junho de 1975).

CARTAS

O jovem e seu papel político

De Alto Caçador, São Miguel D'Oeste, Santa Catarina:

"Mil novecentos e oitenta e cinco, Ano Internacional da Juventude, ou Ano do Rock-in-Rio , ou Ano da Propaganda em modas que tentarão ferir e esfacelar o bolso e a cabeça...

Um belo tema... Participação, Desenvolvimento e Paz. O que significa tudo isso para nós, jovens?

Vejamos bem: como anda a participação dos jovens nos problemas atuais? É hora de deixarmos de ser objetos e começarmos a ser sujeitos de transformação dessa estrutura injusta e capitalista, que oprime, que explora, que mata, em mundo de irmãos onde todos tenham direito a casa, comida, saúde, enfim tudo o que o homem precisa para viver dignamente, e para isso precisamos entrar na política verdadeira, não na politicagem que os grandes costuma fazer.

É preciso acordar. Chegou a hora. Participar é saber das dificuldades dos irmãos, é entrar na luta dos sem-terra, é apoiar os favelados que foram atirados como se fossem animais.

É preciso questionar que tipo de desenvolvimento que queremos. Para os cristãos, só pode haver desenvolvimento quando todos tiverem o necessário para viver, e a paz será o fruto da justiça que todos almejam, mas, para chegar a essa justiça, devemos ter a coragem de denunciar o que é errado. A concentração de terras , de riquezas e de alimentos nas mãos de poucos é justa?

A Igreja, na América Latina teve a opção pelos jovens e pobres. Sempre se ouve falar que o jovem é a esperança do Brasil, mas como estamos nos preparando para assumir esse futuro?

Jovem brasileiro, vamos dar o nosso grito de alerta, vamos dizer que desse jeito que está não dá mais. Oito por cento dos brasileiros com 62% dos alimentos, é simplesmente escândalo. Ou será que este país será eternamente berço de escândalos?

Ou fazemos alguma coisa, ou pagaremos mais tarde pela nossa omissão.

Peço, se possível, publicar no Boletim da CPT.

Atenciosamente,

José Antônio Witeck"

DOCUMENTO

Solidariedade a Luiz Eduardo

Cabo Bruno, um criminoso confesso que é responsável por mais de 50 assassinatos e acusados por homicídio em 38 processos, andou fazendo ameaças de morte ao advogado paulista Luiz Eduardo Greenhalgh, por meio de telefonemas, recados e duas idas à sua casa, mas sem encontrá-lo lá.

Esses fatos ocorreram às vésperas de mais um julgamento de Cabo Bruno, no dia 12 de março último, quando ele foi condenado a 43 anos de reclusão, tendo funcionado na acusação o advogado Luiz Eduardo Greenhalgh, que é famoso em todo o Brasil principalmente por suas denúncias de prisões, torturas e desaparecimentos de presos políticos, na década de 70.

Detido em 1983, no Presídio Militar do Barro Branco, em São Paulo, época em que foi expulso da PM, Cabo Bruno fugiu no ano seguinte e desde então tem sido visto na periferia da capital paulista. A polícia sabe disso mas diz que "não consegue encontrá-lo", mesmo depois das entrevistas que ele deu à TV Gazeta e à revista *Afinal*.

A CPT, o Instituto Sedes Sapientiae, o Clamor, o CBS e o Centro Pastoral de Vergeuiro assinaram nota conjunta a todo o país, propondo a mobilização da opinião pública em defesa da vida de Luiz Eduardo e a integridade de sua família. Pedem que sejam enviados telegramas ao ministro Ibraim Abi-Ackel, da Justiça, ao governador Franco Montoro, de São Paulo, e ao secretário da Segurança Pública daquele estado, Michel Temer, exigindo providências.

Sem os "gatos" e sem os chefes

Uma experiência bem sucedida que começou no ano passado e é repretida este ano, em Curitiba-PR: os bóias-frias se organizaram na Casa dos Trabalhadores, foram à prefeitura e reivindicaram o direito de roçar os lotes baldios da cidade, por meio de contratos sem a participação de firmas empreiteiras. A prefeitura resistiu, inicialmente, mas depois resolveu ver se daria certo. E deu.

Este ano os trabalhadores acertaram o preço de 17 cruzeiros e 50 centavos por metro quadrado, ou Cr$ 7.000 por lote. A diária de cada trabalhador está variando de 11.500 cruzeiros a 15 mil. Antes havia um fical escolhido entre os próprios roçadores, mas agora eles resolveram que todos seriam fiscais e ganhariam a mesma quantia. Portanto, não têm chefes e estão livres também dos "gatos" que os exploravam na época das empreiteiras.

Assassinato de José Machado não foi apurado

Há pouco mais de um ano, em Pio XII, interior do Maranhão, foi assassinado no meio da rua o trabalhador José Machado, ligado ao movimento denominado Animação dos Cristãos do Meio Rural. Até hoje, no entanto, as autoridades não tomaram providências para apurar o crime, como também acontece no caso de 15 outros lavradores mortos na região.

No dia 1º de março último, durante celebração em memória de José Machado, os militantes da Animação dos Cristãos do Meio Rural divulgaram uma nota de repúdio, em que prestaram também sua solidariedade à família dele. Lembraram que nunca foram intimados os pistoleiros e mandantes do crime, o que contraria não só as leis brasileiras, mas também "o quinto mandamento da Lei de Deus".

Solidariedade a Dom Paulo Arns

Proposta pela vereadora Irede Cardoso, do PT, a Câmara Municipal de São Paulo aprovou moção de apoio e solidariedade ao cardeal arcebispo Dom Paulo Evaristo Arns, pelas acusações a ele dirigidas pelo deputado federal Farabulini Júnior, publicadas dia 4 de março passado no jornal *Folha de S.Paulo*.

Farabulini qualificou a Comissão de Justiça e Paz de São Paulo como sendo "defensores de bandidos", quando, na verdade, segundo a vereadora, "eles defendem o direito de cada cidadão ter uma vida digna, um trabalho honesto, um salário justo e direitos inerentes à pessoa humana assegurados". Para Irede, "a questão da segurança não pode ser tratada sem que se tomem providências concretas em muitas outras áreas, tais como saúde, educação, lazer e principalmente a divisão das riquezas".

Despedida de Padre Romano

Em carta circular distribuída a todos os seus militantes e amigos, a Ação Católica Operária, com sede no Rio de Janeiro, registra a morte de Padre Romano, que, segundo o texto, "passou da morte para a ressurreição" e "da luta para a História". Lembra que sua "dupla fidelidade à classe operária e à Jesus Cristo" é a base da identidade da ACO.

Mudança de Coordenação

A CPT-Regional de Mato Grosso do Sul escolheu recentemente sua nova Coordenação formada por uma equipe de três pessoas: irmã Cléofa Flach, Lino Sky e Rosalvo Rocha Rodrigues, sendo irmã Cléofa a representante oficial. A CPT (nacional) agradece a colaboração e o trabalho da irmã Olga Manosso, que deixa o Secretariado de Mato Grosso do Sul, e faz votos de bom trabalho à nova Coordenação.

boletim

da comissão pastoral da terra (ligada à linha 6 da CNBB)

ANO XI | MAIO/JUNHO - 85 | Nº 58



Luis Alves

Em defesa da Teologia da Libertação

(Páginas 8 e 9)

Os Trabalhadores e a Assembléia Nacional Constituinte

(Página 5)

NORDESTE
A seca e as enchentes

(Página 6)

O IV Congresso dos Trabalhadores Rurais

(Página 16)

DOM FERNANDO - Uma vida a serviço dos pobres

(Página 14)

Ame-o ou Deixe-o!

Greve dos metalúrgicos do ABC por mais de 40 dias, greve dos funcionários dos Correios em São Paulo, greve dos bóias-frias cortadores de cana, catadores de laranja e café, no estado de São Paulo, greve dos professores em Goiás, no Rio Grande do Sul e em outros estados...

No campo: duas irmãs e três trabalhadores assassinados nestes primeiros meses do ano; 516 famílias de brasileiros voltando sem nada do Paraguay; os colonos dos assentamentos dirigidos em todo o país morrendo de fome e doença. Os conflitos de 1984 ainda não assentaram sua poeira que já outros levantam a nova, nestes primeiros meses de 1985.

O Ministro do Trabalho responde às greves com a negociação, os patrões com o cansaço.

O Ministro da Reforma e Desenvolvimento Agrário responde aos Sem Terra com o Estatuto da Terra e a distribuição de terras devolutas.

A fragilidade da assim chamada "Nova República" é tão evidente que até os que não entendem nada de política o percebem. Não há soluções, não há propostas alternativas. Há ameaças! A ameaça do "pacto social" para os trabalhadores trabalhar mais, ganhar menos, comer menos ainda. A ameaça dos Ministros Gusmão, da Indústria e Comércio Antônio Carlos Magalhães das Comunicações, homens da lei antigreve, que acusam o colega Pazzianotto de estar fazendo o jogo dos grevistas.

A ameaça do "novo" chefe do SNI Gal. Ivan de Souza Mendes apresentando as greves como possíveis desestabilizadoras da Nova República.

É a volta ao velho: "Ame-o ou Deixe-o!" Vocês se lembram?!

Parece que só a FIESP com o seu presidente Luiz Eulálio Bueno Vidigal, os generais do SNI, os caciques que hoje são Presidente e Ministros, amam o Brasil.

Os operários, os camponeses, Dom Paulo Arns, acusado pelo Vidigal de incentivar as greves, não o amam. Então devem deixá-lo!

Na Igreja o quadro não é melhor. No começo de maio o teólogo Leonardo Boff era condenado pela Congregação da Doutrina da Fé a 1 ano de silêncio, com documento que devia ficar secreto! No mesmo tempo o irmão dele Clodovis era proibido de ensinar na PUC do Rio de Janeiro e, em consequência, no "Marianum" de Roma e em outras universidades. A Cúria Romana pedia ao arcebispo de São Paulo o afastamento de Oscar Beozzo do ensino na Faculdade Teológica de São Paulo. A mesma Cúria convidava um bispo a renunciar à diocese só porque tinha decidido casar um padre da sua mesma diocese, após ter pedido isso inutilmente a Roma durante mais de um ano.

E vieram as contestações. Aqui, de bispos, padres, juristas, comunidades. De fora, na Holanda e na Bélgica, de teólogos e cristãos pedindo: liberdade de pensamento, participação do leigo, respeito às minorias - dentro da Igreja, maior atenção pastoral aos divorciados, aos desquitados, aos homossexuais.

O Grande Defensor da Fé, Cardeal Eugênio de Araujo Sales, se levantou contra os hereges e gritou o brado da ortodoxia: "quem não estiver de acordo (com a condenação de Leonardo) saia da Igreja."

"Ame-a ou Deixe-a!" De novo!

É que quem sairia, seria Dom Paulo Arns, Dom Fernando Gomes, Dom Pedro Casaldáliga, Dom José Gomes, Dom Mauro Morelli, Dom Antônio Fragoso e tantos bispos que manifestaram seu protesto. Sairiam Hélio Bicudo e os juristas de Justiça e Paz e dos Centros dos Direitos Humanos. Sairiam tantos padres e irmãs, sairiam as 3.000 pessoas das comunidades que até hoje assinaram abaixo-assinados de repúdio.

Sairiam Leonardo Boff, Clodovis Boff, Gustavo Gutierrez, Hans Küng, Edward Schilleebekx e outros teólogos.

As "Novas Repúblicas" e as "Novas Cúrias" falam de diálogo, de justiça e fraternidade mas acham, à moda do Gal. Medeiros, que "o porrete doe mas dá melhores resultados" e as ameaças servem mais do que as mãos estendidas.

É que, se valer o velho ame-o (a) ou deixe-o (a), ficaria de um lado o cow-boy das Américas, Reagan, os generais e os caciques e os cardeais defensores da Fé e da ortodoxia, e do outro, os operários, os trabalhadores, o povo, os pobres e nós em boa companhia.

Amém. Aleluia!

Vaticano condena Leonardo Boff a "silêncio absoluto"

Oito meses depois do "colóquio" no Vaticano, com o Cardeal Joseph Ratzinger, o teólogo Frei Leonardo Boff foi condenado a um ano de "silêncio absoluto".

Esta condenação significa que Frei Leonardo não poderá, no período, dar entrevistas, fazer conferências, dar cursos ou publicar livros.

Foram exatamente os livros: "Jesus Cristo Libertador" e "Igreja, Carisma e Poder" que serviram de pretexto para esta triste decisão do Vaticano.

Ao mesmo tempo que Frei Leonardo era condenado pela Congregação da Doutrina da Fé e Congregação para os Religiosos, seu irmão Clodovis Boff também foi impedido de dar aula no Colegio Marianum de Roma e na PUC do Rio de Janeiro.

A sanha das Congregações da Doutrina da Fé, da Educação Católica (no caso de Clodovis) e dos Religiosos não vai se limitar aos vivos. O teólogo jesuíta alemão Karl Rahner, falecido no ano passado, poderá ser julgado pelos mesmos "crimes" de Leonardo e Clodovis. E, evidentemente, condenado a um ano de silêncio!

Como Bispos da Igreja Católica no Brasil
sentimos o dever de manifestar publicamente
nossa inconformidade diante da punição infligida
pela Congregação Vaticana para a Doutrina da Fé
ao nosso teólogo Leonardo Boff.
Tanto a medida em si
quanto o procedimento usado em sua aplicação,
parecem-nos pouco evangélicos,
lesivos aos direitos humanos e
à liberdade de investigação do teólogo,
contrários ao testemunho da liberdade
e caridade cristãs,
perturbadores da caminhada de nossas Igrejas
e ofensivos à corresponsabilidade
de nossa Conferência Episcopal.

10 de maio de 1985.

D. Fernando Gomes dos Santos - Arcebispo de Goiânia - GO
D. José Gomes - Bispo de Chapecó -SC
D. Pedro Casaldáliga - Bispo de São Félix do Araguaia - MT
D. Antônio Possamai - Bispo de Ji-Paraná - RO
D. Tomás Balduíno - Bispo de Goiás - GO
D. Celso Pereira de Almeida - Bispo de Porto Nacional - GO
D. Antônio Batista Fragoso - Bispo de Crateús - CE
D. Pompeu Bezerra Bessa - Bispo de Limoeiro do Norte - CE
D. Aparecido José Dias - Bispo de Registro - SP
D. Augusto Alves da Rocha - Bispo de Picos - PI

Caríssimos Leonardo
e Clodovis Boff,

Reunidos em Goiânia para o encontro do Conselho da Comissão Pastoral da Terra - CPT, nós os representantes dos 19 Regionais, juntamente com a Presidência, a Diretoria e o Secretariado Nacional, tomamos conhecimento pela imprensa das medidas injustas e antievangélicas da Congregação Vaticana da Doutrina da Fé e da Comissão Arquiocesana da Doutrina da Fé do Rio de Janeiro.

Tais medidas nos tocam profundamente, não só por ferir dois amigos e irmãos na fé, mas também por golpear o serviço que, como agentes de Igrejas, estamos prestando, há 10 anos, aos oprimidos do campo.

As suas reflexões teológicas sempre nos ajudaram e ajudaram o povo das comunidades a fortalecer a fé, a enriquecer a esperança, a viver a profecia evangélica e o amor à Igreja como sinal do Reino num mundo de opressão.

Rejeitamos o método usado pela Cúria Vaticana e pela Comissão Arquidiocesana do Rio de Janeiro. Rejeitamos as medidas tomadas, que deturpam a seriedade do seu trabalho teológico de sua de

→

dicação apostólica a serviço do Povo de Deus.

Rejeitamos essa atitude inquisitora da Igreja contra os amigos quando se deixa, sem a mínima preocupação, que outros tomem posições que deturpam a verdadeira mensagem evangélica, a fraternidade e a união da mesma Igreja.

Na hora em que no nosso país deixamos para trás 20 anos de censura repressiva que esmagou muitas idéias e pessoas, constatamos com profunda amargura que na nossa Igreja estão-se assumindo as mesmas atitudes que achávamos definitivamente de um passado a ser esquecido.

Nem por isso deixaremos, com os irmãos, de amar intensamente esta Igreja, apesar de pecadora, e dentro dela de nos colocarmos, sempre mais, a serviço do Reino e da Libertação dos oprimidos.

Contem com a nossa total amizade, com a oração da nossa fé e com a nossa solidariedade na cruz.

Comissão Pastoral da Terra



Luis Alves

Bênção de São Francisco a Frei Leonardo Boff

Que diria meu compadre São Francisco
a seu filho Leonardo Boff
nesta hora de provação?

- Irmão Leonardo,
teólogo da Graça Libertadora
pelo desígnio do Pai:
mesmo não sendo muito conforme
com o Evangelho da liberdade dos filhos de Deus
esta maneira vaticana de tratar os irmãos na fé,
tu, irmão Leonardo,
em memória e seguimento
de nosso Senhor e Libertador Jesus Cristo
que se fez obediente até à morte e morte de cruz,
obedece com humor de irmão menor do Reino.

Sê, por uns dias, em fecunda sementeira,
teólogo do silêncio do Verbo.

Partilha em profundidade o mistério dos Pobres,
que não têm voz na Sociedade nem na Igreja.

Teu livro, tão temido,
agora revestiu-se de mais próximas razões.

Escuta, em silêncio maior,
o grito dos oprimidos
que brota deste Continente da morte e da esperança
e o canto novo que já rompe das aldeias,
dos campos e das cidades.

A mulher, quando deu à luz,
esquece as dores que sofreu no parto,
feliz por ter entregado um novo filho ao Povo.

A noite vai passando
e o dia se aproxima.

Apronta, nesta vigília, as vestes da nova luz.

O vento livre do mar de Tiberíades
e as aves evangelizadoras do monte das Bem-aventuranças
invadirão, para alegria dos Pobres,
todo o âmbito da Igreja de nosso Salvador Jesus.

Paz e Bem, irmão Leonardo!

Toda a irmandade te acompanha,
na oração da fé,
com as serestas impacientes da esperança
e na rebelde fidelidade dos adultos
corresponsáveis pelo Reino de Deus.

Profeta escolhido de tantas palavras luminosas,
sê, por um pouco de tempo, profecia calada...
... e o teu coração experimentará a perfeita alegria.

Para glória do Pai que nos criou livres,
na Páscoa do Filho que com o seu sangue
nos libertou de todo cativeiro
e na consolação do Espírito Santo
que é o selo vivo da nossa Liberdade.

Amém, aleluia!

Pedro Casaldáliga
9 de maio de 1985

Os Trabalhadores e a Ass. Nacional Constituinte

O Conselho Político do Governo Sarney definiu no dia 21 de maio, o envio da mensagem sobre a Constituinte ao Congresso Nacional. Os deputados receberão a mensagem neste mês de junho.

Qual o significado político imediato dessa iniciativa? Ao estabelecer para novembro de 86 a eleição da Assembléia Nacional Constituinte, o Governo da Aliança Democrática repete o mesmo raciocínio e o mesmo método aplicado para resolver a questão das Eleições Diretas. Antecipar-se aos setores de oposição mergulhados na paralisia política, e ao caos parlamentar reinante, para afastar por um tempo conveniente os problemas político-institucionais mais complicados. Com a aprovação das **DIRETAS** para 88, o governo esvaziou as reivindicações mais insistentes de alguns setores democráticos que exigiam Diretas Já!

Resolvido esse impasse que tinha condições para se aprofundar, vamos ao seguinte. Ao Governo José Sarney, talvez mais que ao Governo Tancredo, interessa um Congresso com poderes Constituintes. Tancredo não escondia essa preferência. Sarney trata de tomar as medidas para viabilizá-la. Propões ao Congresso, onde é majoritária a Aliança Democrática, que as eleições para a Constituinte sejam realizadas em novembro de 1986. Coincidindo portanto com as eleições parlamentares ordinárias.

É evidente o objetivo político dessa "coincidência" ...:conferir aos parlamentares eleitos para a função de legisladores ordinários, o poder constituinte.

Por que isso não interessa aos trabalhadores? Em primeiro lugar porque limitará o espaço de discussão da nova Constituição. Arrastados pela dinâmica da eleição parlamentar, os setores populares, serão totalmente atropelados pela necessidade de caçar votos para garantir o mínimo de cadeiras no parlamento e não haverá tempo para debater o conteúdo das propostas para a nova Constituição. As bandeiras de luta democráticas, as exigências da maioria da Nação cederão lugar ao corpo a corpo da disputa voto a voto.

Em segundo lugar, porque de antemão limita ao canal estritamente partidário, reconhecidamente estreito em nosso país, as possibilidades de participação dos setores populares no processo Constituinte. Afastando assim do processo de reordenamento político-institucional a maioria da Nação que se verá sem canais adequados para se expressar e participar de maneira eficaz.

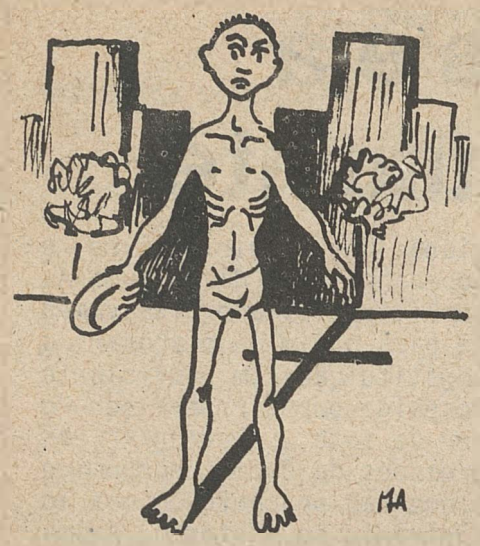
O Governo José Sarney pretende com as Eleições Constituintes em novembro de 86, obter o mesmo efeito que as elites brasileiras alcançaram em 1945. A campanha pela Constituinte se deu simultaneamente à campanha para Presidente da República. Resultado: não se discutir a Constituição. O que se discutiu foi se votamos no Dutra ou no Eduardo Gomes. Enquanto o povo se distraía nessa rinha de galos, as elites impunham ao país um texto constitucional que durou 20 anos, mantendo intocados o monopólio da terra nas mãos do latifúndio e a estrutura sindical herdada do fascismo.

Por essa razão os setores populares ligados aos partidos, sindicatos, associações e entidades da Sociedade Civil vêm insistindo que a Nova Constituição seja elaborada por uma Assembléia Nacional Constituinte Livre e Soberana. Quer dizer, uma Assembléia eleita exclusivamente para o fim de elaborar a Constituição com suficiente respaldo popular para ser Poder de fato e enfrentar as pressões do Poder econômico e que não se confunda mas ao contrário se mantenha acima de todos os poderes do Estado.

O Governo toma as medidas para impor à Nação um Congresso com poderes Constituintes, que, na prática já nasce elitista e subordinado ao Estado. Impõe-se, portanto, aos setores populares e democráticos do país o desafio de encontrar uma resposta que resulte na ampliação do debate e da participação de todo o povo na Construção da democracia no Brasil.

No encontro do Conselho ampliado da CPT, realizado na primeira semana de maio, definimos como linhas gerais da nossa atuação na Campanha pela Assembléia Nacional Constituinte Livre e Soberana:

- informar e articular iniciativas para que os trabalhadores participem da Constituinte;
- defender a participação das entidades de trabalhadores, Sindicatos, CONTAG, CUT, Movimento Sem-Terra, etc... na Assembléia Nacional Constituinte;
- junto com os trabalhadores pressionar para que os Deputados Constituintes sejam eleitos só para a Assembléia Nacional Constituinte e não para cumprir a tarefa de legisladores ordinários;
- a CPT enquanto entidade não lançará candidatos à Constituinte. Seus agentes e assessores só poderão candidatar-se em nome próprio ou de outros movimentos;
- onde forem criados Comitês Pró-Constituinte, a CPT participará.



SÃO PAULO

Terra nas mãos de poucos

O Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra fez um levantamento da situação no estado de São Paulo e constatou o seguinte:

a) existem em São Paulo mais de 5 milhões de hectares de terra que não estão sendo aproveitadas, mas que estão nas mãos de latifundiários;

b) dois milhões de trabalhadores rurais foram expulsos do campo nos últimos 10 anos, indo eles engrossar o número de sub-empregados e desempregados das cidades;

c) os dados mostram que apenas 35 latifundiários têm 900 mil hectares, sendo que apenas 3 deles têm mais de 100 mil hectares cada um;

d) falta alimentação para o povo. As grandes propriedades só produzem para exportação, enquanto que as pequenas que abastecem a boca da população vão diminuindo cada vez mais;

e) muitos trabalhadores continuam sendo expulsos da terra e muita gente é vítima de conflitos e perseguições.

Ao final, os Sem-Terra dizem que "este quadro nos mostra que a realidade agrária de São Paulo apresenta sérios defeitos, que precisam ser sanados através da implantação imediata da reforma agrária".

NORDESTE

A seca e as enchentes – O drama continua

"Os trabalhadores rurais e urbanos do Nordeste, atingidos por 5 anos de seca e agora, 1985, por mais uma calamidade - as enchentes - chegamos a um ponto que não tem mais para onde descer.

No tempo da seca nos faltou principalmente o alimento, o trabalho com salário e água. Agora falta tudo isso e mais: as roças que foram destruídas, as casas que se estragaram, as doenças que se alastraram, os nossos dias de serviço que foram perdidos, as estradas que foram cortadas, deixando a gente isolada e aumentando o preço de tudo o que precisamos comprar nas bodegas.

A situação é triste. Muitas mães e apis de família não têm nem a coragem de ir nas roças para ver os estragos, pois ficam desesperados.

Quando se chega em casa, os filhos perguntam: - Papai, mamãe, por que não tem comida?

Como a gente tem condição de sobreviver assim? Cada dia tirando da nossa boca aquilo que é tão necessário para viver?" diz a nota da Comissão de Trabalhadores de Crateús-CE e apresenta reivindicações que são dos atingidos da seca e das enchentes de muitos lugares do Nordeste:

a) reconstrução imediata das casas destruídas ou prejudicadas, na zona rural e urbana;

b) empregos com salário mínimo, para homens e mulheres, na reconstrução das casas, das estradas, dos prédios escolares e comunitários, com fornecimento do material necessário;

c) dispensa total do pagamento de rendas e indenização das lavouras destruídas;

d) o fornecimento pela COBAL de uma cesta de alimentos, por preço baixo; para todos os necessitados, e que os alimentos chegados nas mãos das autoridades sejam imediatamente distribuídos;



Luis Alves

Problemas do Nordeste são: Cerca e Latifúndio

e) assistência médica: distribuição de remédios, vacinação imediata, internamento dos doentes graves e atendimento médico volante;

f) crédito agrícola sem juros para os trabalhadores sem terra e pequenos proprietários;

g) que sejam reconhecidas pelas autoridades as Comissões de trabalhadores e entidades populares, que fiscalizem tenham voz e voto no encaminhamento destas reivindicações.

MINAS GERAIS

O massacre de Trabalhadores - Nada mudou.

Na terra considerada o berço da "nova república", os lavradores continuam vítimas do barbarismo e da violência do latifúndio.

No dia 09 de maio, foram assassinados os posseiros Minaldo Pereira da Silva e Durvalino Soares dos Santos, na localidade de Coco do Gravatá - Município de Porteirinha - MG.

Eles estavam trabalhando na sua terra quando foram atacados por Asdrubal Geovani Vital, ex-delegado da Polícia Civil e Siderley Ernani Mendes, candidato a vice-prefeito pelo PMDB nas últimas eleições e ainda pelo jagunço Alex Fernandes.

Não houve qualquer explicação para o ataque. Eles chegaram e foram disparando contra os dois lavradores que morreram no próprio local do crime.

Dois filhos de Minaldo que estavam presentes, conseguiram escapar do massacre e comunicaram o fato à polícia de Janaúba, que fica lá perto.

Até agora nenhuma providência foi tomada contra os assassinos e não existem perspectivas de maior proteção dos trabalhadores rurais mesmo com as promessas e discursos dos novos Governantes no poder.

MAR DE CANA,
MAR DE MISÉRIA.

Um interessante caderno sobre o PRO-ÁLCOOL e suas consequências.

Pedidos ao Centro de Documentação Terra e Índio. Cx. Postal 642 78.000 - Cuiabá - MT

Preço: Cr$ 500

RONDÔNIA

Situação muito grave

Novas violências aconteceram nestes últimos dias em Rondônia.

A CPT de Ji-Paraná denunciou no dia 17 de maio a ação de 15 jagunços, fortemente armados, no município de Presidente Médici, a mando do "grileiro" Aureliano Pereira de Brito:

- espancaram barbaramente o Sr. Juscelino de Morais que há mais de 10 anos reside na área;
- espancaram, despiram e torturaram os Srs. Manoel, Pedro, Otacílio e Beronice. A sessão de tortura começou às 8 horas e se prolongou até as 5 da tarde;
- mataram a tiros o Sr. Francisco de Oliveira, natural de Palotina e residente em Rolim de Moura, feriram também a bala o seu filho Rui de Oliveira;
- Saquearam os posseiros, tirando-lhes tudo o que possuiam, inclusive as roupas do corpo; derrubaram e queimaram os barracos onde os posseiros guardavam seus pertences de trabalho;
- torturaram os posseiros de forma bárbara, como seja: meter o cano da espingarda em suas bocas, carregar em seus ombros cacaios cheios de pedras e, nesta condição, jogando-os na água, fazendo-os dançar enquanto atiravam nos seus pés, além de outras humilhações.

De modo geral, a situação dos trabalhadores rurais no estado de Rondônia é muito grave.

A Assembléia Regional da CPT demonstrou, neste mês de maio, que a existência de 18 conflitos de terra atuais, envolvendo mais de 3.200 famílias, não é senão o resultado de uma política fundiária errada e implantada contra os trabalhadores.

O INCRA, a FUNAI, o governo do estado e o IBDF são os maiores responsáveis por esta situação de violência generalizada.

Soma-se a isso a total inoperância e parcialidade do sistema judiciário e a extrema vivência das forças policiais atuantes no estado.

Enquanto juízes, policiais e o sistema burocrático do estado atuam diretamente contra os lavradores, jagunços e pistoleiros, portando armas mais diversificadas (inclusive, algumas privativas das forças armadas) tem pleno incentivo de ação, praticando as maiores violências.

É tempo de mudar! Mas, quando? Boas e propagandeadas intensões não bastam. É preciso uma ação rápida para acabar com tanto sofrimento e afrontas aos direitos dos trabalhadores.

IGARAPÉ LOURDES

Os posseiros expulsos do Posto Indígena de Igarapé Lourdes estão acampados em Ji Paraná, em completo abandono por parte das autoridades responsáveis pela questão.

O caso, noticiado em nosso último Boletim, confirma o descaso do INCRA e da FUNAI para com as 40 famílias de trabalhadores, enquanto prestam todo o apoio a duas madeireiras (Lavrama e João Bosco Altoé) que também estavam na área indígena e que lá continuam sem serem molestadas.

CONQUISTAR A TERRA,
RECONSTRUIR A VIDA.

é o livro comemorativo dos 10 ANOS da CPT.

À disposição em julho.

Preço de capa: 10.000

Preço promoção: 5.000

Pedidos à CPT.



Em defesa da T

Quando esteve no Brasil como representante do Papa para os funerais de Tancredo Neves, o Cardeal Agnello Rossi divulgou o documento "Verdades, erros e perigos da Teologia da Libertação". D. Mauro Morelli, Bispo da Diocese de Duque de Caxias - RJ, fez uma análise do documento de D. Agnello e publicou o trabalho sob o título: "Teologia do Genocídio X Teologia da Libertação". O Jornal do Brasil, em sua edição de 19 de maio, fez um trabalho de comparação dos dois textos. Apresentamos aqui algumas das partes mais significativas.

Dom Agnello Rossi - "A pavorosa miséria de irmãos nossos na América Latina suscitou o nascimento (1960-1970) e o desenvolvimento da Teologia da Libertação entre nós, uma espécie de "teologia política", recebida com muito entusiasmo, paixão e até fanatismo por pessoas de boa vontade que julgam ter descoberto a verdadeira face do cristianismo, com o caminho da verdadeira redenção da humanidade."

Dom Mauro Morelli - "Na minha percepção, não existe uma Escola de Teologia da Libertação, mas ensaios de elaboração teológica de teólogos latino-americanos que encontraram inspiração, alento e alimento para suas reflexões teológicas no testemunho e na prática pastoral da Igreja da América Latina. Ainda é uma Teologia criança, dando os primeiros passos. Todos aceitam discutir os erros e acertos de suas idéias, inspiradas, repito, no testemunho e na prática da Igreja, de modo especial a partir de 65, por razões eclesiais - Conferências de Puebla e Medellin - e por razões históricas nacionais - a Revolução de 64 e seus desdobramentos. Os teólogos descobriram algo novo na vida e no comportamento da Igreja e começaram a refletir sobre isso."

ELE DEFENDE A TEOLOGIA DA ORDEM E DO PROGRESSO QUE JUSTIFICA UM CERTO ESTADO DE COISAS QUE SE FEZ CONTRA O POVO BRASILEIRO EM CERTA ÉPOCA E QUE SE CARACTERIZOU POR UM VERDADEIRO GENOCÍDIO.

Dom Agnello Rossi - "Pescar em águas turvas é a tática da Teologia da Libertação, graças às ambiguidades empregadas tanto na "opção pelos pobres" como nas "comunidades eclesiais de base". A genuína "opção pelos pobres" e "verdadeiras comunidades eclesiais de base" estão no coração da Igreja, mas de forma muito diversa daquela empregada pela Teologia da Libertação. Por isso, quando se rejeita essa releitura facciosa, os libertacionistas nos apodam de inimigos dos pobres da democracia e do povo oprimido, quando não nos apontam como fautores e aliados dos capitalistas e dos Estados Unidos".

Dom Mauro Morelli - "Ele defende a Teologia da Ordem e do Progresso que justifica um certo estado de coisas que se fez contra o povo brasileiro em certa época e que se caracterizou por um verdadeiro genocídio. No documento **Diretrizes Gerais da Ação Pastoral da Igreja no Brasil** se encontra, de forma clara e sem ambiguidades, a posição da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil a respeito de questões que atormentam o meu irmão bispo, como a luta de classes e o que entendemos por "opção pelos pobres". Uma opção que exige conversão da própria Igreja à dos pobres, não apenas dos poderosos e ricos. Opção que não admite sofismas, atenuantes e gozações mas que exige conversão radical à fraternidade, caminho que nosso pecado impede de percorrer."

Dom Agnello Rossi - "A verdade sobre o homem, a luta pelos direitos humanos, deve ser realizada com meios adequados à dignidade humana, rejeitando toda e qualquer espécie de violência e tendo em conta que a injustiça tem sua raiz no coração dos homens... Não foi com violência, não foi destilando a luta ou o ódio entre as classes, não foi com Revolução que Cristo, seus Apóstolos e a sua Igreja lograram a abolição da escravidão. Embarcando num avião sequestrado pela análise marxista há o perigo comprovado pela história repetidamente, apesar de todas as promessas de libertação, de aterrisar numa ditadura do proletariado que é ralmente ditadura sobre o proletariado ou, como está em voga agora, numa "democracia popular", paraíso terrestre onde os libertacionistas preferem não viver..."

LEIGOS, RELIGIOSOS, PADRES E BISPOS, POR EXIGÊNCIA DO EVANGELHO, SAÍRAM EM CAMPO EM DEFESA DOS ÍNDIOS, AGRICULTORES, POSSEIROS E TRABALHADORES.

Dom Mauro Morelli - "Na medida em que o terror assaltou a Nação brasileira, a Igreja no Brasil não fez elucubrações teológicas a respeito do regime imposto ao povo do Brasil. Leigos, religiosos, padres e bispos, por exigência do Evangelho, saíram em campo em defesa dos índios, agricultores, posseiros e trabalhadores. Mortes, calúnias

eologia da libertação

discriminação e outras manifestações do poder de arbítrio caíram pesadamente sobre muitos membros da Igreja na luta pelos direitos humanos mais fundamentais e sagrados. Desafio a quem quer que seja a provar que a Igreja tenha incentivado ou proposto a solução de nossos problemas pela via da violência. Pelo contrário, se não fora a atuação da Igreja, afirmo com modéstia e humildade - (pois, ao lado do compromisso, estiveram presentes também a indefinição e a omissão), o povo teria sido, provavelmente, esmagado numa terrível e caótica guerra civil que forçosamente eclodiria como resultado do desespero e da opressão".

DOM AGNELLO ESTÁ OFENDENDO O POVO, JOGANDO SOBRE ELE A CULPA PELA SUA MISÉRIA.

Dom Agnello Rossi - "Os defensores da Teologia da Libertação fixam seus objetivos de luta e reivindicações contra o detestável "pecado social" que oprime os mais pobres e deserdados. Não insistem na atuação decisiva do pecado pessoal, que existe tanto nos dirigentes que abusam do seu poder mas também nos subalternos quando, com saúde e trabalhando, não produzem mais e melhor e não sabem ou não procuram economizar".

Dom Mauro Morelli - "Não nego a existência do pecado pessoal, nego a responsabilidade dele pela miséria do povo. Dom Agnello está ofendendo o povo, jogando sobre ele a culpa pela sua miséria. Onde fica esse Brasil em que trabalhadores, por causa de seu pecado pessoal, "não produzem mais e melhor e não sabem ou não procuram economizar?!" Desde quando o pecado pessoal levou o pobre povo brasileiro a merecer esta terrível bofetada das mãos ungidas do nosso concidadão e irmão bispo? Lastimo que o documento não mencione de forma clara e corajosa os grandes pecados e pecadores que fizeram do Brasil uma terra de famintos, desenraizados e marginalizados."

Dom Agnello Rossi - "É impressionante examinar a história dos imigrantes em nossos países e regiões. Chegaram quase todos em situação de miséria e se deram heroicamente ao trabalho, fazendo também não pequenas economias... e hoje é quase impossível encontrar um descendente de imigrantes na miséria... Nem tudo, portanto, depende unicamente das estruturas públicas".

É UMA DECLARAÇÃO RACISTA E NAZISTA, QUE PREGA A SUPERIORIDADE DA RAÇA BRANCA E ESQUECE OS DESCENDENTES DA RAÇA NEGRA, QUE ESTÃO NA MISÉRIA:

Dom Mauro Morelli - "Quando ele fala em imigrantes, refere-se aos nossos avós. Uma visita ao Rio Grande do Sul ou à Baixada Fluminense demonstra exatamente o contrário. Na Baixada há muito capixaba descendente de italiano na miséria. Sem falar na situação dos "imigrantes africanos" e sua sorte no Brasil de ontem e de hoje. Essa é uma declaração racista e nazista, que prega a superioridade da raça branca e esquece os descendentes de imigrantes da raça negra, que também estão na miséria."

Dom Agnello Rossi - "Há situações extraordinárias de seca, inundações ou de outras calamidades (guerrilha) que podem favorecer a miséria ou a fome. Doloroso é o desemprego, hoje um grave problema para todos os povos, principalmente quando se abandonam os campos pela cidade. Mas também existem, é mister dizê-lo, em alguns, a indolência, o abandono das terras, o alcoolismo, gastos imprevidentes e exagerados como de moradores de favelas que despendem fartamente no carnaval".

MAS O QUE APARECE MAIS CLARAMENTE É QUE, DENTRO DO PROCESSO DE ESPOLIAÇÃO, AS COISAS QUE SOBRARAM PARA O POVO FORAM A CACHAÇA E O CARNAVAL.

Dom Mauro Morelli - "Se o povo bebe cachaça, se ele brinca o carnaval, isso deve ser lido mais a fundo pelo cardeal. Essas são manifestações periféricas de um dado mais grave. Como bispo, discordo dessa afirmação. A primeira questão que deve preocupar um pastor é por que o povo vive em favela. Muito mais grave é o fato de o povo não ter o que comer, o que vestir, onde morar. Não estou de acordo que as pessoas se embebedem de cachaça. Mas o que aparece mais claramente é que, dentro do processo de espoliação de que foi vítima, as últimas coisas que sobraram para o povo foram a cachaça de péssima qualidade e o carnaval.

Quanto ao "abandono" das terras - baseado em fontes oficiais - informo ao concidadão e irmão bispo que os pobres brasileiros "abandonaram" nas mãos das corporações nacionais e transnacionais as suas ricas terrinhas! Pelo Brasil afora, 12 milhões de "indolentes" cometeram esse crime de "abandono" e de lesa-pátria! Como consequência dos pecados pessoais dos pobres do Brasil, 400 dos 750 milhões de hectares de terras agrícolas estão nas mãos limpas dos grandes proprietários agrícolas!!! Os quais, cinicamente, informam que, destes 400 milhões, 200 não estão sendo utilizados! Baseado na teologia do documento, concluiria que por causa dos pecados dos pobres existem as favelas e as periferias das grandes cidades e foi criada, por exemplo, a Diocese de Duque de Caxias."

CEARA

Conflitos de Terra ameaçam Trabalhadores

Quixeramobim - Quinze famílias de trabalhadores rurais, moradores na Fazenda Teotônio, em Quixeramobim, Ceará, vem sendo perseguidas pelo Grupo Empresarial Edson Queiroz, que quer as suas terras. Houve prisões, espancamentos de lavradores e a presença da polícia federal invadindo casas e humilhando famílias.

Quixadá - A decisão de 4 famílias de arrendatários, moradores na fazenda Boa Ventura no município de Quixadá-CE, de pagar a renda de acordo com o que determina o Estatuto da Terra, resultou numa série de atentados ao seu direito e à sua vida, com prisões, destruição de lavouras, ameaças e invasões de residências, por parte da polícia e dos jagunços contratados pelo proprietário Manoel Pereira Lima.

Os trabalhadores destas duas áreas decidíram colocar no papel, diante da situação, suas reivindicações imediatas:

a) o respeito e a aplicação das leis e da justiça em nosso favor;

b) afastamento da polícia nos problemas agrários, que haja desarmamento e punição dos capangas que ainda se encontram nas fazendas;

c) que o poder judiciário respeite os direitos dos trabalhadores rurais e julgue com brevidade as ações onde estão claros os direitos da gente;

d) por fim, queremos a desapropriação das referidas fazendas em conflito, para que a terra fique de fato para quem nela vive e trabalha.

ACRE

Despejo de Posseiros

De Rio Branco, no Acre, nos chega a notícia do despejo de 60 posseiros que estavam ocupando os Seringais Catauba, Livramento e Liberdade.

O problema destes trabalhadores já havia sido levado a Brasília - ao INCRA - que prometeu tomar providências a fim de preservar os seus direitos. A resposta, no entanto, foi a presença de 40 policiais fortemente armados que retiraram todo o mundo.

A história vem de longe. Os posseiros trabalham no seringal há muito tempo e foram vendo suas terras sendo tomadas por fazendeiros, sem que as autoridades lhes dessem proteção ou reconhecessem seus direitos. Foram feitas mais de 20 reuniões com as mais variadas pessoas que diziam ter alguma condição de solucionar a pendência entre o trabalho dos posseiros e a ganância dos fazendeiros. O resultado foi o despejo. E exatamente na hora em que se estavam para iniciar a preparação da área para o cultivo de suas lavouras.

Temos aí, de um lado um grupo de posseiros com direitos sobre a área, expulsos e impedidos de plantar ou de se dedicar à seringa. Do outro lado, os fazendeiros que têm terras de sobra com mais um pedaço para especular e vender.

Uma coisa vai ficando clara: Promessas e mais promessas. Mas, terra e garantia dos direitos dos trabalhadores, nada disso a gente vai vendo. Ao contrário. Vemos a polícia muito apressada em executar as decisões que beneficiam os fazendeiros e fechando o olho, junto com os juízes e tribunais, aos direitos e necessidades dos lavradores. Quando não persegue, prende e mata.

Padre Enoque foi preso

O padre Enoque José de Oliveira, vigário de Monte Santo, Bahia, foi preso no dia 10 de maio, resultado de sua ação pastoral na região, e que não vem agradando ao Prefeito e ao Juiz da cidade.

Uma carta que recebemos de uma família monte-santense, diz que "o objetivo principal do trabalho de Padre Enoque sempre foi o sertanejo lavrador. Não é demais concluir-se que se trata de um trabalho que não vem agradando a muitos. Caatingueiros, lavradores, analfabetos conscientes de que são "gente" igual ao latifundiário, ao grileiro, ao letrado, não convém. Chegando a essa conclusão, os incomodados começaram a reagir". E diz mais:

"Quando já a palavra censura sai do linguajar quotidiano e o povo volta a poder falar, eis que os resquícios da ditadura, numa frouxa, débil e inoportuna ânsia de sobreviver, através de um prefeito eleito à custa de fenomenais fraudes eleitorais arquitetadas livremente e da ação de um juiz todo poderoso, tentam, à força, sufocar a voz do padre e do povo..."

MINEIROS EM GREVE

Os mineiros que trabalham na região de Jacobina, na Bahia, estão em greve desde o dia 22 de abril. Muitos acidentes e sérios problemas de saúde, levaram os trabalhadores a pararem até que sejam atendidas suas reivindicações:

- melhores condições de saúde e segurança no trabalho;
- piso salarial igual aos trabalhadores da Mineradora Ouro Velho de Minas Gerais (A firma não paga um salário justo, mas só no ano de 1984 tirou de suas minas de Jacobina, mais de 1.500 quilos de ouro);
- readmissão dos companheiros que foram despedidos por causa da primeira greve;
- cumprimento dos acordos feitos com os mineiros na primeira greve;

GOIAS

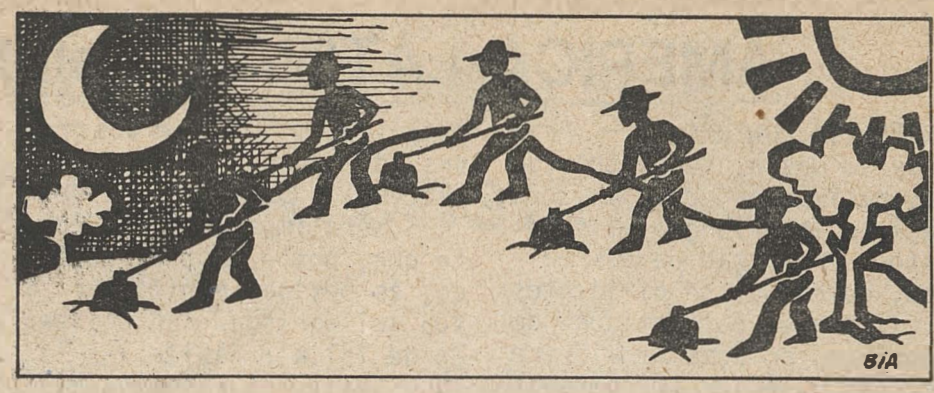
Assembléia do Regional Araguaia - Tocantins

O Regional Araguaia-Tocantins da CPT reuniu-se em sua Assembléia Anual de 14 a 17 de maio em Gurupi-GO. Participaram cerca de trinta agentes de pastoral das dioceses e prelazias de Porto Nacional, Cristalândia, Miracema, Tocantinópolis, São Félix e Conceição do Araguaia, acompanhados pelos bispos da região: D. Celso Pereira de Almeida, D. Jaime Schuck, D. Jaime Collins, D. Aloísio Hilário de Pinho e D. Pedro Casaldáliga.

A Assembléia do Regional centrou as discussões em torno de 3 desafios principais ao trabalho da CPT na área: **Novas bandeiras de luta** que ofereçam a perspectiva de continuidade do trabalho nas terras conquistadas pelos trabalhadores; a formação sistemática de agentes e trabalhadores de modo a oferecer a eles as condições necessárias para enfrentar o debate político e ideológico na ação política e sindical; e a questão de como alimentar a mística dos cristãos que atuam na pastoral da terra.

A violência contra trabalhadores e agentes de pastoral é a questão mais dramática e urgente da atuação no Regional. Só neste ano de 85 foram assassinados 8 lavradores. A capacidade de resistência e de organização dos trabalhadores, porém, mostra claramente seus resultados, nos últimos anos cerca de 70 mil lavradores da região ocuparam aproximadamente 1 milhão de hectares.

PROJETO DE REFORMA AGRÁRIA DO GOVERNO - - a quem interessa ? Leia no próximo número do Boletim da CPT



AMAZONAS

Seringueiros contam sua luta

No 3º Encontro de Seringueiros, em Carauari - AM, no começo de abril, uma poesia para indicar a situação de tantos trabalhadores que enfrentam graves problemas no cultivo da borracha:

Alô, alô Amigos
aqui somos seringueiros
agora vou lhe dizer
o que é borracha e dinheiro.

Quando nós temos borracha
também nós temos patrão,
quando acaba a borracha
acabou a condição,
o patrão tem o dinheiro
e o freguês não tem produção.

Fecha o corte as dez horas
vem cansado de correr,
ele diz: - Valha-me Deus,
eu sei que vou morrer,
os filhos choram com fome
e ainda falta colher.

Entra ano e sai ano,
só tem conta prá pagar,
esse ano não tirei saldo
mas no outro eu vou tirar,
e o freguês tem uma camisa
mas o patrão quer tomar.

ESPIRITO SANTO

Programa-base para a Reforma Agrária

Trabalhadores rurais da região de Itarana, Itaguaçu, Baixo Guandu e Afonso Cláudio - ES, reuniram-se em Encontro sobre a Reforma Agrária.

Ao final, os 40 trabalhadores presentes chegaram a um quadro de ação sobre encaminhamentos necessários para enfrentar os problemas da terra:

a) União de todas as classes trabalhadoras, com um grande intercâmbio entre o campo e a cidade;
b) Criar meios para participar das decisões de governo e, a longo prazo, ir encaminhando a mudança do sistema;
c) Mudar as leis existentes, através da organização dos trabalhadores, e criar leis novas a partir da prática dos próprios trabalhadores;
d) Levantamento preliminar da situação das terras do Estado e ocupação, pela ordem, das terras devolutas, das terras desocupadas e das grandes fazendas.

GOIÁS

A ação contra a prepotência

Quatro Bispos de Goiás, representando a área do norte do estado, entraram na Justiça com uma Queixa-Crime contra o Secretário de Segurança Pública de Goiás por injúria, devido às suas declarações contra o trabalho pastoral dos Bispos em uma das regiões mais conflitivas do Brasil.

A Ação dos Bispos visa chamar a atenção do povo brasileiro sobre a atuação irresponsável das autoridades locais quanto ao tratamento dado aos conflitos da terra e às ameaças e perseguições - além de expulsões e assassinatos - de trabalhadores rurais.

AMÉRICA LATINA - Solidariedade

REPÚBLICA DOMINICANA - Prisões em massa, sequestros, desaparecimentos, prisões, ocupação e intervenção em sindicatos, proibição de passeatas, detenções de dirigentes e militantes de partidos de esquerda, ameaças de maior repressão, além de 120 pessoas assassinadas por motivos políticos. Este é o quadro da situação na República Dominicana (América Central), no ano de 1984, de acordo com o Boletim " **Com que Derecho?** " do Comitê Dominicano dos Direitos Humanos.

GUATEMALA - São mais de 50.000 camponeses que fugiram da Guatemala para o México, devido às violentas perseguições do atual governo daquele país. Além desta situação de exilados de sua pátria, os guatemaltecos enfrentam outro problema: O governo mexicano, pressionado pelos Estados Unidos (sempre os Estados Unidos!), está criando todas as dificuldades para a sua permanência e sobrevivência no México. D. Samuel Ruiz, Bispo de San Cristobal denunciou recentemente que os camponeses mexicanos estão sendo ameaçados pelas autoridades para que não ajudem aos companheiros exilados da Guatemala.

CHILE - A situação chilena é de imensa preocupação para todos nós: Perseguições, assassinatos, prisões, torturas, desaparecimentos, são constantes em todo o país, desde 1973.

No dia 30 de março, foram assassinados mais três dirigentes de oposição, entre os quais estava José Manuel Parada, integrante do Vicariato de Solidariedad, da Arquidiocese de Santiago, organismo fundamental no Chile na denúncia e luta pelos Direitos Humanos.

Agora, nos chega a notícia da prisão de 13 jovens, entre os quais alguns militantes da Juventude Operária Católica, em Talca. Um dos presos foi torturado até a morte: Carlos Godoy Etchegoyen.

Será importante e urgente que, neste caso específico, as pessoas manifestem a sua solidariedade ao Obispado de Talca - Casila 7 - Talca - Chile, ou Fiscalia Militar - Av. Gran Britaña - Valparaíso - Chile, ou pressionando a Embaixada do Chile no Brasil, referindo-se a: "José Soto Gutierrez, Roberto Cancino Rojas e companheiros".

IV Encontro de comitês de Solidariedade

A América Central é centro das atenções do mundo inteiro que se solidariza na luta pela vida. O confronto se acentua na medida em que cresce a organização e a decisão popular.

A Nicarágua é vítima da fome e paralizada pelo bloqueio econômico. El Salvador continua manchado pelo sangue de seus mártires. Guatemala sofre as piores violências e massacres debaixo de um silêncio imposto na imprensa oficial e internacional.

Nesse contexto que desafia o compromisso de todos para uma solidariedade concreta, Goiânia vai sediar o IV Encontro Nacional dos Comitês de Solidariedade aos Povos da América Central, de 6 a 9 de junho próximo.

A América Central tem o direito de escolher seu próprio caminho, mesmo que isso não agrade aos interesses políticos dos E.U.A.

ENVIO

Boletim informativo sobre a Nicarágua. Pedidos ao Instituto Histórico Centro-Americano.
Apartado A-194
Manágua - Nicarágua
Assinatura: US$ 20



ÁFRICA

Solidariedade

ÁFRICA DO SUL - É urgente e absolutamente necessária uma condenação dura e direta do governo e de todos os brasileiros contra a política de perseguição racista mantida por um pequeno grupo de brancos na África do Sul. Esta política, conhecida como "apartheid", concentrou a terra e as riquezas nas mãos de 5 milhões de brancos, enquanto 23 milhões de negros vivem na miséria total, perseguidos, maltratados, assassinados.

Infelizmente, no Brasil não há uma posição clara contra este genocídio, porque pessoas muito conhecidas têm interesses ligados a empresas que se beneficiam da política racista da África do Sul, como é o caso (segundo denúncias de entidades negras) dos ex-ministros Mário Henrique Simonsen, Shigeaki Ueki e Walter Moreira Salles.

É importante termos sempre presente esta situação dos irmãos negros da África do Sul e manifestarmos a nossa solidariedade pela sua luta de libertação.

CLAT - a nova frente sindical contra os trabalhadores

CLAT é uma sigla que pouca gente no Brasil conhece. Porém, em diversos outros países da América Latina, muitos trabalhadores já ouviram falar e mesmo tiveram contato com a Central Latino-Americana de Trabalhadores.

Até 1964, a CLAT manteve relações com a Juventude Operária Católica, com a Ação Católica Operária e com os Círculos Operários e depois, com a Frente Nacional dos Trabalhadores - FNT.

ATUAÇÃO DA CLAT

No VII Congresso da CLAT, realizado na Costa Rica, em novembro de 1977, foi tirada uma resolução que dizia ser prioritária a atuação entre os trabalhadores brasileiros.

Em 1978, houve a tentativa de aprovar, num encontro inter-regional de dioceses do Espírito Santo, Minas e Bahia - Alcobaça-BA, uma proposta de atuação da CLAT naqueia região. A idéia não foi aceita. Mas, mais ou menos no mesmo período, a CLAT esteve presente num seminário sobre a questão da terra, realizado em Viamão-RS, organizado pela FAG - Frente Agrária Gaúcha, cujo presidente é atualmente deputado pelo PDS.

No ano seguinte, frente a renovadas denúncias havidas contra a CLAT, a FNT rompeu com a mesma. Os principais problemas se situavam especialmente no envolvimento da CLAT no golpe militar contra o governo democrático de Salvador Allende, no Chile, em 1973.

A delegação de PAX CRHISTI INTERNAZIONALE que visitou a Nicarágua chegou à conclusão de que a Atuação da CLAT estava intimamente ligada aos setores anti-sandinistas que:

"tendem a defender os interesses de uma minoria e apresentam um duplo perigo: além de fazerem o jogo de interesses dos Estados Unidos que tem a finalidade de isolar, desestabilizar e derrubar os sandinistas, tem também o interesse de criar uma situação diante da opinião pública internacioanl de que existe repressão na Nicarágua, quando a mesma atualmente não existe". ("Reporto sui diritti umani". ASAL - Bologna - 1982.)

A TERCEIRA VIA

Neste ano, durante a visita do Papa à Venezuela, alguns dos bispos brasileiros que estiveram numa reunião promovida pela CLAT em Caracas - sede da entidade - e voltaram entusiasmados diante da perspectiva da formação de um sindicalismo cristão, contrapondo-se exatamente ao sindicalismo "capitalista" e "marxista".

Por trás da proposta da CLAT, além de todas as implicações da gerência do sindicalismo por parte da Igreja e não colocando-se a seu serviço, estão duas questões de fundamental importância no nível da estratégia de consolidação do movimento sindical cristão:

a) o fortalecimento da CMT - Confederação Mundial do Trabalho, com sede em Bruxelas e enfraquecimento das duas outras organizações sindicais mundiais: A Confederação Internacional das Organizações Sindicais Livres, também com sede em Bruxelas e com ligações com a Internacional Socialista e a Federação Sindical Mundial, com sede na Tchecoslováquia e ligada especialmente aos sindicatos do bloco soviético;

b) o fortalecimento da Democracia Cristã, com uma prática muito aproximada aos movimentos nacional-socialistas e propondo a alternativa do poder na terceira via: ou seja, nem capitalismo e nem comunismo, mas cristianismo. É bom lembrar que um dos principais defensores desta proposta foi o General Franco que dominou cruelmente a Espanha, durante muitos anos e também estão nesta linha Napoleon Duarte de El Salvador e os principais implicados nos escândalos financeiros da Loja P2 na Itália.

A FNT ROMPE COM A CLAT

Recentemente a FNT tomou posição a respeito da CLAT:

"Houve época em que, de fato a FNT conversou longa e profundamente com a CLAT. Vários de nossos companheiros foram convidados a participar de eventos promovidos por aquela Central Sindical. Na verdade, nunca essa aproximação chegou a ser uma afiliação à referida Central, e rompemos definitivamente em 1980 quando constatamos profunda incompatibilidade político ideológica.

As razões para esse rompimento (uma vez que jamais houve ligação maior do que mera aproximação) são fartas. Alguns aspectos merecem ser enumerados:

1 - a CLAT, no afã de mostrar serviço, chegou a relacionar a FNT como sua filiada (o que nunca ocorreu);

2 - a CLAT, apoiou e apóia, na Nicarágua, a luta dos anti-sandinistas (o que significa, contra-revolucionários), tendo ligações fundas com a CNT - Confederação Nacional dos Trabalhadores, que atualmente estabelecou ligações de aliança com os patrões, liderados por Afonso Rabelo;

3 - a CLAT, durante o nosso relacionamento, mostrou-se, sempre, autoritária, sem respeitar, jamais, a realidade e o projeto político em elaboração das massas trabalhadoras brasileiras".

D. Fernando

Uma vida a serviço dos pobres

Dom Fernando Gomes dos Santos, Arcebispo de Goiânia, Patriarca da CPT faleceu no dia 1º de junho, às 12,20.

Dom Fernando foi um dos bispos mais significativos na História da Igreja do Brasil do Vaticano II até hoje. Foi a voz destemida da liberdade, o defensor dos oprimidos.

Em 1973 assinava com outros 5 bispos um dos documentos mais importantes contra a injustiça: "Marginalização de um povo".

"... Não podemos cruzar os braços. Precisamos apoiar a organização de todos os trabalhadores. Sem isto eles não se libertarão nunca. E estamos convencidos: Vale a pena apoiar todo esse povo, pois a libertação que ele fará, dará também chance aos dominadores de se libertarem da escravidão do capitalismo que não deixa que sejam verdadeiramente humanos, pois se enriquecem com a miséria de muitos e perdem todo sentimento de justiça e de fraternidade para com os outros, pensando mais nos seus lucros, do que nas pessoas." (...)
"É preciso vencer o capitalismo. É ele o mal maior, o pecado acumulado, a raiz estragada, a arvore que produz esses frutos que nós conhecemos..."
"É preciso vencer o "medo da mudança" é preciso não aceitar as ameaças dos donos do dinheiro nem a conversa mole dos companheiros que se deixam assustar por essas ameaças..."
"É preciso fazer um mundo diferente."
(Marginalização de um povo 1973, 6.2 . 6.3)

O "Leão do Centro-Oeste" terminou a sua luta pela liberdade fora e dentro da Igreja assinando, no dia 10 de maio deste ano, junto a outros nove bispos, a carta que repudiava a condenação do Frei Leonardo Boff.

"Tanto a Medida em si
quanto o procedimento usado em sua aplicação parecem-nos pouco evangélicos lesivos aos direitos humanos, à liberdade de investigação do teólogo, contrários ao testemunho da liberdade e caridade cristãs, perturbadores da caminhada de nossas Igrejas e ofensivos à corresponsabilidade de nossa Conferência Episcopal".
(Carta à Congregação Vaticana para a Doutrina da Fé, 10.05.1985)

Quando o visitei no dia 31 de maio, provado mas não vencido por um dificil intervento cirúrgico, a primeira pergunta que me fez foi: "Como vai a CPT?"



A CPT nasceu em Goiânia com ele, se foi taleceu com ele, com o seu apoio, com a sua presença, com a sua preocupação para que ela sempre acertasse os passos.

Em 1983 ele escrevia na apresentação do livro: "CPT: Pastoral e Compromisso".

"... a CPT é hoje um ponto de referência, um marco na história da Igreja, no que se refere à sua atuação em face dos problemas fundiários...
Conforta a certeza de que a CPT caminha certo."

(CPT - Pastoral e Compromisso, Vozes 1983 - Apresentação)

Obrigado Dom Fernando! O seu testamento para todos nós da CPT, que aliás foi sempre sua regra de vida, é esse:

"... a CPT continua sua missão e a Ingreja não desfalece quando assume e aceita o martírio de seus membros, sacerdotes e leigos. E reza pelos algozes vestidos de autoridade que não a teriam, se não lhes tivesse sido concedida do alto (Jo 19,11)".
(CPT: Pastoral e Compromisso - 1983 - Apresentação)

Esta página do Boletim já estava pronta, quando fomos surpreendidos pelo falecimento de D.Fernando Gomes. Decidimos colocar aqui um texto sobre o nosso Patriarca da CPT. No próximo número, nesta página, estarão os artigos retirados: O de Marcelo Barros e sobre a mudança na lei sindical.

CARTAS

Recife, 12 de maio de 1985

Prezados Amigos,

Acabo de receber o material publicitário destinado à divulgar o XI Congresso Eucarístico Nacional, a realizar-se em Aparecida-SP, no próximo mês de julho. Fiquei impressionado diante da enfática coincidência. Num cartaz maior, o símbolo genial do Congresso: emoldurada pelo mapa do Brasil, a imagem estilizada da Virgem Aparecida, no seio desta, a Hóstia consagrada; logo abaixo, uma palavra latina, escrita em caracteres grandes e escuros, o título do Cântico de Maria; mais abaixo, duas mãos repartindo um pão e em letras negras e bem magrinhas, a palavra de ordem do Congresso: "Pão para quem tem fome"...; mas o que se sobressaia mesmo e logo dava na vista de quem olhava de longe era o nome do patrocinador: **BRADESCO**! Isso, em letras gordas e vermelhas, sobre branco. Recebi também um cartaz pequeno, reproduzindo o mesmo desenho, mudando porém de patrocinador, desta feita o BFB, Banco Francês e Brasileiro S.A. Finalmente, um informativo sobre o Congresso, que me chega pontualmente pelo Correio, "gentileza do I T A Ú, o Banco eletrônico"!



Realmente, num habilidosíssimo passe de mágica ou super-engenhosa alquimia, os protagonistas do importante evento conseguiram fundir numa originalíssima amálgama o Sacramento maior dos cristãos e o símbolo mais eloquente do sistema capitalista; o mais contundente canto de protesto da nossa fé, o Magnificat, poema de louvor a Deus que arrasa com os soberbos, com os poderosos, com os ricos, toda classe de opressores, e as siglas dos expoentes máximos da opressão, da prepotência, da riqueza e da exploração em nosso país; mãos e dizeres que falam de pão repartido entre todos os que têm fome, e os tentáculos deste povo quase irresistível, que não obstante as esporádicas e ilusórias aparências assistencialistas, se nutre do sangue dos empobrecidos, desnutridos e anêmicos, que são a imensa maioria do povo desta terra.

A bem da verdade eu chamaria o evento em questão de **CONGRESSO EUCARÍSTICO NACIONAL S.A.**!

Só lhe falta, nos albores eufóricos da "Nova República", o patrocínio de última hora do "MERIDIONAL"!

Meus irmãos e amigos, escrevo-lhes precisamente no Dia das Mães. Aprendi desde criança a querer bem à Virgem Maria. Neste dia, que é muito seu, sinto-a revoltada com essa deturpação. Não era bem isso que seus humilhados e famintos esperavam dos que promovem a devoção a sua queridíssima Mãe. Dia das Mães! Afinando com a clássica experiência eclesial do século IV, gosto de pensar na Igreja como Mãe, Ecclesia Mater, da qual me sinto filho desde o dia do meu batismo. Mas lamentavelmente vejo esta preciosa e querida Mãe, dando umas voltinhas por aí... e morro de vergonha. Claro que nem me passa pela cabeça deixar de considerá-la como minha mãe, deixar de apresentar-me como filho seu. Mas não me sinto à vontade para neste dia dar-lhe os parabéns.

O que eu gostaria de saber mesmo era qual a teologia que está por trás de tão espúrios processos. Para este tipo de teólogos, porém, nenhuma censura, nem um padre-nosso de penitência. Paciência, Frei Leonardo! Se eles não tivessem em mãos a Populorum Progressio, a Octogesimo Adveniens, a Laborem Exercens, os documentos de Medellin e de Puebla, mereceriam o perdão do Pai. Mas eles sabem o que fazem.

Obrigado pela atenção.

Pe. Reginaldo Veloso

boletim
da comissão pastoral da terra (ligada à linha 6 da CNBB)
Uma publicação do Secretariado da CPT -
Caixa Postal 749 - CEP 74000 -Goiânia-Goiás.
ASSINATURAS
ESPECIAL (colaboração) ..... Cr$ 5.000
NORMAL ..... Cr$ 2.000
PARA LAVRADORES ..... Cr$ 500
PARA O EXTERIOR ..... US$ 10
O pagamento de assinaturas pode ser feito através de VALE POSTAL ou CHEQUE VISADO pagável em Goiânia, em nome da COMISSÃO PASTORAL DA TERRA.
A COMISSÃO PASTORAL DA TERRA é um organismo ligado à linha Missionária da CNBB. Tem como objetivo central "interligar, assessorar e dinamizar os que trabalham em função dos homens sem terra e dos trabalhadores rurais..." (Conclusão nº 1 do Encontro de Goiânia sobre Terra e Migrações na Amazônia Legal, junho de 1975).

IV Congresso de Trabalhadores Rurais

Com a participação de 4.300 trabalhadores rurais de todo o Brasil, a CONTAG, as 22 Federações e cerca de 2.600 sindicatos realizaram seu IV Congresso de 25 a 30 de maio, em Brasília.

COMISSÕES

Os trabalhos do IV Congresso foram encaminhados em 6 Comissões de Estudo divididas por assuntos: Sindicalismo, Questões Agrárias, Política Agrícola, Legislação Trabalhista, Providência Social Rural e Problemas Nacionais.

As mais concorridas foram as Comissões de Questões Agrárias e Sindicalismo reunindo cada uma cerca de 800 delegados.

QUESTÕES AGRÁRIAS

Na Comissão de Questões Agrárias verificou-se pela primeira vez em 20 anos que o Estatuto da Terra deixou de ser o texto sagrado da Reforma Agrária no Brasil.

No debate sobre o assunto que ocupou toda uma tarde, o Estatuto foi apontado por uns como "a Bíblia da Reforma Agrária" e por outros como "o atestado de óbito dos 116 trabalhadores rurais assassinados em 1984".

O resultado concreto dessa discussão foi que os trabalhadores conheceram melhor o texto legal que abraçaram durante 20 anos como uma bandeira dando-se conta das suas limitações e de que o Estatuto foi aplicado como um instrumento da Contra Reforma Agrária.

O texto da resolução aprovado no término desse debate talvez o mais significativo de todo o IV Congresso, reflete que o Estatuto da Terra foi desmistificado:

"Aplicação imediata do Estatuto da Terra como início do processo de Reforma Agrária, respeitadas as decisões do IV Congresso dos Trabalhadores Rurais."

Entre essas decisões está, por exemplo, a "desapropriação da Empresas Rurais", que o Estatuto da Terra visa precisamente proteger.

SINDICALISMO

Na Comissão de Sindicalismo, o IV Congresso retrocedeu em relação ao III Congresso, realizado em maio de 1979.

A questão central a ser discutida era a ratificação da Convenção 87 da OIT, que trata da Liberdade e Autonomia Sindical.

Essa bandeira tem sido levantada há muitos anos pelo movimento sindical brasileiro, inclusive dos trabalhadores rurais.

O IV Congresso derrubou a resolução do III em nome da unicidade sindical - quer dizer um único sindicato por categoria numa base territorial - que ao ver da direção da CONTAG garante a Unidade do Movimento.

A posição derrotada, defendida pelos setores articulados na CUT, propunha a Ratificação Imediata da Convenção 87 como garantia da Liberdade e Autonomia Sindical, ou seja, o impedimento do Governo de intervir, subordinar ou tutelar o Movimento Sindical.

Argumentavam os sindicalistas ligados à CUT, que o critério da unicidade sindical estabelecido na atual estrutura sindical brasileira, herdada do Fascismo, não impediu a divisão do movimento sindical em pelo menos três grandes correntes. E defenderam a Liberdade e Autonomia em 1º lugar e a unidade na luta dentro do Movimento Sindical.

Aguarde para o próximo número do BOLETIM

- A Reforma Agrária do governo;
- As ocupações de terra em SC;
- Análise do IV Congresso da CONTAG
- Assembléia da CPT.

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

PERNAMBUCO

Nova morte; Novo mártir da terra

Foi assassinado no dia 08 de maio o trabalhador rural Pedro Gonçalves da Silva, delegado sindical e dedicado à luta e organização dos trabalhadores rurais. Já vinha sendo ameaçado e no trabalho da cana estava sendo isolado com tarefas em lugares distantes dos companheiros. No dia 08, ele foi mandado trabalhar sozinho e nesta situação foi assassinado com 5 tiros de revólver e um tiro de espingarda. Depois, os assassinos cortaram o corpo com a sua própria enxada utilizada na lavoura.

Pai de três filhos, morava no Engenho Guerra em Maraial, Pernambuco, e trabalhava para a Usina Frei Caneca, arrendada por Sebastião de Arruda Falcão Filho.

BAHIA

Padres ameaçados

Os padres de Santa Maria da Vitória, entre os quais o Coordenador da CPT Bahia, Pe. Ermano, (os outros são os Pe. Lino e Pe. Luis) estão sendo ameaçados de morte pelos fazendeiros e jagunços da região.

O principal motivo destes atentados é porque os padres vem desenvolvendo um trabalho de conscientização e organização dos trabalhadores em CEBs e Sindicatos. A raiva dos fazendeiros é tão grande que, em reunião recente, eles prometeram "fazer o serviço" o quanto antes, o que coloca em risco permanente a vida e a dedicação dos agentes pastorais.

Pedimos que manifestem a solidariedade aos nossos Amigos Padres com telegramas ao Ministro da Justiça em Brasília.

boletim

COMISSÃO PASTORAL DA TERRA
Regional de São Paulo

ANO VI | Janeiro a Abril de 1987 | Nº 25

CAMPANHA DA FRATERNIDADE

veja pag. 3



CONSTITUINTE

FINALMENTE TEREMOS VEZ ?



Desde que se começou a falar em Constituinte nós estamos querendo saber qual é o nosso espaço de participação e decisão na elaboração da Lei Maior de nosso país: a Constituição.

A convocação foi a mais autoritária possível. O governo decidiu e fez seus acordos no Congresso para que este último tivesse poderes constituintes. A eleição "dos nossos representantes" foi recheada de muito dinheiro. Entrou quem tivesse o caixa mais alto, salvo algumas exceções.

Mesmo assim, não desistimos de participar, interferir, decidir. Parece que agora surge uma luz no fim do túnel.

O Plenário Nacional Pró-Participação Popular na constituinte ganhou seu primeiro grande ponto: a Iniciativa Popular (Emenda 30 mil assinaturas).

Foram meses de articulação, estudos, mobilização e contato com parlamentares. Foi conseguida a adesão de parcela significativa da população, além da assinatura de quase cem parlamentares. Mário Covas apresentou a proposta na tribuna da Câmara e o relator do Regimento Interno do Congresso Constituinte, Fernando Henrique Cardoso, encampou a proposta.

No meio de negocia-- ções entre PFL, PMDB e governo Federal onde a prioridade era a autonomia da Constituinte, foi aceita a Iniciativa Popular.

O que ela significa?

Significa que o povo através de 3 entidades legalmente constituídas e 30 mil assinaturas poderá apresentar emendas ao projeto das Comissões Temáticas como se fosse um deputado.

A nossa futura Constituição irá passar por 5 grandes etapas para sua elaboração:

1º etapa: As oito Comissões Temáticas têm 60 dias para apresentar suas propostas à Comissão de Sistematização.

2º etapa: A Comissão de Sistematização tem 30 dias para fazer o Projeto de Constituição a partir do trabalho das Comissões.

3º etapa: O Projeto vai a Plenário para ser discutido e receber emendas. Essa etapa durará 45 dias. As emendas devem ser apresentadas nos 30 primeiros dias.

4º etapa: A Comissão de Sistematização estuda as emendas em 25 dias e apresenta um novo Projeto.

5º etapa: O Projeto de Constituição volta ao Plenário para ser votado em dois turnos.

Onde nós podemos entrar neste processo?

Na primeira etapa, organizações sociais, Assembléias Legislativas e tribunais podem apresentar propostas às Comissões Temáticas. Cada subcomissão (que são 24) tem que dar de 5 a 8 audiências a essas organizações.

Um outro momento é a apresentação de Emendas a propostas das Comissões e subcomissões. Aqui entra a Iniciativa Popular. Isso deve acontecer nos 30 primeiros dias da 3º etapa.

É necessário neste momento que nós organizemos um bom esquema de coleta de assinaturas para podermos trabalhar depressa quando chegar a hora da coleta.

Todos nós devemos estar envolvidos para que esta oportunidade de participação popular seja bem aproveitada.

A CRIANÇA DA ROÇA

Em abril de 1986 os brasileiros estarrecidos, como alguém que ao colocar-se diante do espelho verifica a sua miserável situação, leram a triste notícia: "70 MILHÕES DE BRASILEIROS PASSAM FOME. (Folha de São Paulo, 9.4.86, página 30). E não era nenhum discurso de algum revoltado nem momento de exaltação. Era o resultado de uma pesquisa séria, realizada a pedido do presidente Sarney por um cientista político de renome: Hélio Jaguaribe.

Na verdade, nem era preciso tanto esforço para se constatar esta cruel e criminosa realidade. Cruel e criminosa porque é uma fome produzida, planejada, conhecida. Desde 1974 o governo tinha nas mãos o "Estudo Nacional de Despesa Familiar-ENDEF", realizado pelo IBGE (Revista Isto É, 3.10.85 , pags. 30 a 34), cujo conteúdo é um verdadeiro"retrato proibido da fome", que, diga-se de passagem, conforme as verificações feitas pelos próprios pesquisadores onde anos depois,só mudou para pior. Por isso ficou vedado ao conhecimento público. E não é sem razão que o governo tenha censurado.

É que o governo tem sido o responsável direto dessa desgraça através de uma política econômica, social e cultural que permite a expropriação dos brasileiros até a exaustão.

Recorrendo apenas a alguns dados encontramos como indicadores da gravidade da situação o triste quadro de:

a) 13 milhões de deficientes, dos quais apenas um terço recebe algum tipo de atendimento e o restante fica no total abandono.



b) 31 milhões de crianças em idade escolar que nunca frequentaram um curso regular.

c) Uma criança morrendo por segundo em consequência da subnutrição, ou seja: FOME.

(Texto base da CF-87).

E não é por não trabalharem que os brasileiros se encontram nessa situação. Quanto pior a situação de uma família, maior é o número de pessoas que se lançam no mercado de trabalho para poderem sobreviver.

Em 1976, 74% do total das crianças economicamente ativas trabalhavam na agricultura . Isso quer dizer que ... 21,29% da força de trabalho total na agricultura era exercida por crianças de 10 a 14 anos de idade. (Dossiê sobre o Menor, CPV,1984 pag. 50).

Em 1980, 60% das crianças economicamente ativas, muitas delas com menos de 6 anos de idade, trabalhavam mais de 40 horas semanais, chegando até a mais de 49 horas de jornada.

No entanto, 66,6% do total de crianças que trabalhavam recebiam,no máximo, meio salário mínimo. (Texto base CF-87)

E são justamente estas crianças trabalhadoras as mais atingidas no quadro geral da miséria: sem uma casa para se abrigar, sem tempo para estudar, sem alimentação suficiente,sem atendimento médico e muitas vezes sem emprego.

Por outro lado, não é raro encontrarmos em muitas fazendas um engenheiro agrônomo que cuida das plantas, um médico veterinário que cuida dos animais, um bom mecânico que cuida das máquinas, um advogado que cuida das questões jurídicas e um contador para cuidar da contabilidade. E, no entanto , ninguém para ensinar e cuidar da saúde das crianças.

Sem procurar mudar esse quadro todo, falar em menores delinquentes tes não passa de cinismo, pois antes de se tornar infratora, a criança já foi expropriada de tudo quanto tinha direito, e o que faz, ao cometer pequenos roubos é tentar o último recurso pela sobrevivência.

Política Agrícola

PROTESTOS NO CAMPO



Nos meses de janeiro e fevereiro de 1985, depois de muitos anos, aconteceram os primeiros grandes protestos dos agricultores. Estes protestos foram acalmados com a decretação do Plano Cruzado, e com a esperança geral que se instalou no país.

Com o fracasso da política econômica dos Planos Cruzados I e II, a agricultura se viu novamente em situação de falência. Nos meses de Dezembro de 1986 e janeiro e fevereiro de 1987, foram novamente registradas grandes manifestações da massa dos agricultores que tomaram consciência de sua situação. Os principais problemas foram:

1. a inflação disparou os preços dos insumos (adubos, sementes, venenos, etc.), deixando o agricultor sem recursos, pois o crédito rural era insuficiente, ou o custeio agrícola , no caso do café, nem chegou a ser liberado.
2. O Banco do Brasil não respeitou a taxa de juros de 10% e passou a cobrar correção monetária, que havia sido extinta pelo Cruzado I.
3. Os bancos particulares começaram a hipotecar as pequenas propriedades e a levá-las para leilão . Foram centenas de propriedades.
4. A expectativa de uma supersafra, fez os preços baixar demais e o governo não dava nenhuma garantia.
5. Os médios e grandes proprietários, que estavam acostumados a especular com os créditos de comercialização do Governo , foram surpreendidos pela suspensão dos recursos.
6. Alguns preços caíram tanto, que chegaram a ficar sem preço,como é o caso do arroz e café, por culpa do governo que importou sem necessidade.

Diante desta situação foi marcado o protesto que ficou famoso, para o dia 12 de fevereiro, liderado pela FRENTE AMPLA, formada pela: Organização das Cooperativas Brasileiras(OCB), Sociedade Rural Brasileira (SRB) e Confederação Nacional da Agricultura (CNA),todas elas ligadas a setores políticos do governo anterior. Juntou -se à Frente Ampla,nesta manifestação, a famosa UDR, de ultra-direita , que inclusive acabou se destacando mais, através de seu líder Ronaldo Caiado, nesta manifestação, que reuniu 15 mil médios e grandes produtores.

Por outro lado, os TRABALHADORES RURAIS,representados pelos seus Sindicatos de Pequenos Agricultores, também se manifestavam no dia 12 de fevereiro. Longe de Brasília, no Sudoeste do Paraná e Oeste de Santa Catarina realizaram manifestações importantíssimas que não foram noticiadas, mas reuniram até 30 mil trabalhadores. Também no estado de São Paulo, embora com menos força e em número menor, aconteceram várias manifestações de pequenos agricultores.



OS PEQUENOS NÃO SÃO ATENDIDOS



Com estas manifestações a FRENTE AMPLA partiu para a negociação com o governo. (Estes o governo recebe, os pequenos nem recebe, muito menos negocia). A Frente Ampla conseguiu o atendimento de suas principais reivindicações que foram anunciadas no dia 25 de fevereiro de 1987:

1) Reajuste nos preços mínimos em média de 38% e a criação do "Gatilho para a Agricultura", toda vez que o preço dos insumos subirem 20%.

2) Liberação de recussos para a comercialização da safra atual no valor de 30 bilhões,que serão emprestados por 90 dias, sem juros. Este dinheiro vai acabar nas mãos dos médios e grandes, e o pequeno não vai ver nem a cor do dinheiro. Imagina o lucro "dos home" com esta inflação e com todo este dinheiro na mão , sem juros.

3) Novas medidas para o Crédito Rural, mas agora com juros reais pelo empréstimo. Pior que na época do Delfim que pagava de 60 a 80% da inflação sem juros. Agora paga toda a inflação mais 6% de juros.

Com estas medidas a Frente Ampla sossegou. E o pequeno agricultor? Suas reivindicações não foram ouvidas, e são elas:

1) Preço mínimo que cubra pelo menos o preço de produção. O atual preço mínimo nem com o reajuste não cobre.

2) Que dos atuais contratos bancários sejam cobrados somente os 10% de juros, sem correção monetária.

3) Moratória de 2 anos para as dívidas dos pequenos agricultores,com juros de somente 10% , sem correção monetária.

4) Suspensão imediata do Leilão de propriedades hipotecadas.

5) Susénsão da importação de milho, porco,leite e outros produtos agrícolas.

6) Que o Crédito Rural do Banco do Brasil seja destinado somente aos Pequenos Agricultores.

7) Que não sejam concedidos financiamentos rurais para as pessoas que não tenham sua atividade principal na Agricultura.

8) Extinção do PROAGRO e criação de seguros reais.

Companheiros,a situação é difícil. Reforma Agrária não sai. Os poucos pequenos produtores estão à beira de perder suas terras. Os parceiros e arrendatários só falam em deixar a lavoura porque não dá mais.E os grandes juntam os lucros de rastelo.

É preciso avançar mais na organização dos pequenos produtores. Principalmente no Estado de São Paulo, onde já são poucos e ainda mal organizados, estão condenados ao fracasso.

É preciso criar a consciência de classe, e avançar, conquistar, até termos condições de vida digna.



Divida Externa

DEPOIS DA MORATÓRIA...

Em preparação às negociações com os bancos particulares internacionais, o ministro da Fazenda, Dilson Funaro está terminando um giro por diversos países. O resultado tem sido negativo. O máximo que se tem obtido são delicadezas protocolares e algumas amostras de compreensão pela situação brasileira. Os Estados Unidos, interlocutor que poderia abrir caminho para as negociações brasileiras se mostra irredutível. As autoridades oficiais norte-americanas recomendam - talvez seja mais correto dizer exigem - que o governo brasileiro tenha um plano definido para a nossa economia. Por seu lado os bancos credores exigem a subordinação formal do país ao FMI.

No entanto as autoridades brasileiras estão confiantes e otimistas, dizem que o Brasil tem um plano que prevê a manutenção do crescimento econômico e de nenhuma maneira se aceitará a recessão para continuar pagando os juros da dívida externa. Enquanto Funaro negocia no exterior, o Presidente Sarney se reúne com o ministro João Sayad para buscar saídas da crise. Que coerência há por detrás deste quadro confuso?

Talvez em um ou dois meses tudo estará aclarado. No mês de março e abril teremos que renegociar o pagamento da dívida externa com os bancos privados internacionais. O país não tem como pagar o principal da dívida que vence este ano. Não tem como pagar os juros de 87. Serão uns 9 milhões de juros. O país está com a caixa baixa (as reservas internacionais do país estão esgotadas)e o que está entrando pelas exportações não chega aos 200 milhões de dólares mensais. Espera-se otimistamente que o saldo comercial do país chegue a mais de 7 milhões durante o ano,mesmo assim não teremos como fechar as contas. Necessitamos de mais dinheiro emprestado.Já comenta-se que serão necessários mais 6,5 bilhões de dólares.



Como isto afeta aos trabalhadores rurais?

Os trabalhadores estão sendo violentamente prejudicados pela política econômica do governo. A política do goverêno, que é a política recomendada pelo FMI é simples. Pode ser resumida no seguinte: o país necessita garantir a entrada de dólares para pagar a dívida externa. As únicas formas de conseguir dólares são: pedir emprestado ou exportar mais do que o país importa. Para conseguir novos empréstimos temos que aceitar as exigências dos credores na recuperação das nossas exportações. Para exportar mais temos que diminuir o consumo interno, ter um excedente de mercadorias destinados à exportação e fazer com que as mercadorias brasuileiras sejam mais baratas que as mercadorias dos outros países. Por exemplo: os produtos agrícolas não encontram mercado no exterior e estão baixando de preço. A safra prevista para 87 exercerá maior pressão para a redução dos preços. O resultado será a recessão econômica, aumento de exploração dos trabalhadores rurais, maior êxodo rural, quebra dos pequenos proprietários, etc. O processo não será muito diferente do que já conhecemos, é o mesmo de sempre.

Qual a alternativa?

Não é simples. Para o governo de Sarney,conseguir aliviar um pouco a situação com novos empréstimos que o sustentem até o fim de um mandato de seis anos já seria uma grande vitória. Para os trabalhadores,a única vitória seria conseguir mudar a política econômica do país, dando prioridade ao mercado interno e rompendo com a subordinação à economia internacional.O passo fundamental é o não pagamento da dívida externa.

pingando notícias

INCÊNDIO NO ACAMPAMENTO

No dia 10 de março , no acampamento de Três Irmãos, aconteceu um incêndio, queimando dois barracos. O fogo começou no barraco do Sr.Jovelino, devido à uma faísca do fogão.

Num instante o fogo se alastrou, provocando pânico nas pessoas que estavam no acampamento, principalmente no filho paralítico que se encontrava sozinho no barrado do incêndio.

As famílias perderam todos os seus pertences e nada restou da tragédia, a não ser a solidariedade dos companheiros e a esperança na Reforma Agrária.

FISCALIZAR FAZENDAS

Pedimos que enviem para a CPT-SP informações sobre fazendas improdutivas ou que têm trabalhadores que não estão sendo respeitados em seus direitos (direitos agrários, trabalhistas e sociais) e não estão cumprindo as exigências da função social da terra.

A Reforma Agrária continua emperrada, tornando esta luta nosso desafio. Para ajudar nesta luta, a CPT-SP está elaborando um caderninho prático.

Pedimos que nos enviem sugestões sobre áreas que possam ser desapropriadas a fim de que possamos encaminhar para a Comissão de Seleção das áreas.

"FACÃO PRETO"

A Micro-região de Ribeirão Preto lançou em março deste ano o primeiro número do boletim da Micro: "FACÃO PRETO".

Estão aceitando pedidos de assinatura, a Cz$ 20,00 por ano, e sugestões para melhora do mesmo.

O endereço é: Travessa São Sebastião, 61 - 14870 JABOTICABAL - SP

Felicitamos os companheiros, que podem contar com nosso total apoio. Desejamos perseverança.

Posseiros do Utingão

Selecionamos aqui alguns trechos da "Carta Aberta aos Cristãos da Diocese de Registro" sobre os problemas de Utinga Grande e a prisão de oito posseiros em dezembro do ano passado:

Em 1972 os posseiros chegaram a Utinga Grande, distante 20 quilômetros de Peruíbe. Não há via estradas. Os posseiros passaram grandes dificuldades. Fundaram a Sociedade Melhoramentos da Zona Rural.

Com a construção de estrada pela Sudelpa, vieram também os grileiros: Luizão, Renata, Genésio, Pessim e Otoniel, sempre acompanhados de seus jagunços. A polícia sempre foi chamada, mas nunca fez absolutamente nada. Vários posseiros morreram vítimas dos grileiros.

Numa última alternativa "os posseiros foram obrigados a organizar sua própria defesa. Tiveram que usar armas para defender mulheres, filhos e o "ganha pão". Num confronto, morreram três jagunços". Como os jagunços estavam a serviço de um delegado de São Paulo, Pessim, a ação da polícia foi rápida em prender oito posseiros.

Esse conflito tem a ver com o famoso GRILO RONCATTI, de 90 mil alqueires, realizado com alteração de livros de registro do estado e até agora sem providência nenhuma.

Há necessidade urgente de denúncia e solidariedade aos posseiros e suas famílias, que passam necessidades.

América Latina

DOM OSCAR ROMERO, MÁRTIR

Neste mês de março , mais precisamente no dia 24, todos nós latino-americanos, temos uma obrigação a cumprir. Qual é? A de prestar um culto à memória de D. Oscar Romero, morto há 7 anos em San Salvador.

D. Oscar nasceu em 1917 no interior de seu país. Foi ordenado padre em 1942 e em 1970 foi sagrado bispo e passou a arcebispo em 1977. "A partir desse momento, as circunstâncias sócio-políticas de El Salvador, sempre marcaram grandemente sua atitude e sua atividade pastoral: ele foi realmente um pastor, um profeta, um amigo, um irmão e um pai de todo o povo salvadorenho, especialmente dos mais pobres, fracos e marginalizados."

Dom Romero, recolheu o sangue, as inquietudes, a dor e as esperanças de seu povo tão sofrido. E como bom pastor, soube dar a sua vida pelas ovelhas a elê confiadas.

Quando celebrava a missa, no dia 24 de março de 1980, D. Oscar , foi covardemente assassinado por pistoleiros comandados pela ditadura militar. No dia de de seu enterro, outros irmãos que foram com ele se solidarizar dizendo o seu último adeus , também foram assassinados por tropas do governo.

Foi D. Oscar quem disse um dia: "Se me matarem, ressuscitarei na luta de meu povo". De fato, o povo de El Salvador, longe de ficar



desanimado com os acontecimentos, continuou firme a sua luta contra a opressão até os dias de hoje. Essa luta, está numa fase decisiva , apesar da grande ajuda que o governo imperialista dos Estados Unidos está dando para Napoleon Duarte, presidente de El Salvador. A cada dia, a FMLN-FDR, as frentes no setor militar e político ganham mais espaço e terreno.

Que o sangue de D.Oscar e de todos os nossos mártires camponeses operários e agentes de pastoral, nesta América Latina, nos impulsione ainda mais na luta pela libertação da opressão. Que façamos este sangue produzir bons frutos , pois esta é a tradição de nossa Igreja que "hoje continua florindo por causa do sangue jorrado de tantos e tantas que tombaram, forçando a nova aurora vulcânica de toda América Latina que já vem chegando..."

Vamos todos nós, em nossas comunidades, grupos de trabalho e estudo, nos lembrar de nosso mártir D. Oscar. Venceremos! Custe o que custar! A vitória das forças da Justiça um dia, hão de triunfar...

BOLETIM DA CPT - SÃO PAULO

COMISSÃO PASTORAL DA TERRA - Regional São Paulo
Rua Ministro Godoy, 1484 - Perdizes
05015 SÃO PAULO - SP
FONE: (011) 864-1318

ASSINATURAS: Lavrador Cz$ 20,00 - Agentes Cz$ 25,00
CHEQUE NOMINAL A : JOSÉ STRABELI

ENCARTE

ASSEMBLÉIA ESTADUAL

Foi realizada a Assembléia Estadual da CPT-SP nos dias 13, 14 e 15 de março de 1987, em São Paulo. Estiveram presentes pouco mais de 40 pessoas entre agentes, trabalhadores e convidados.

Os objetivos da assembléia eram principalmente uma avaliação das linhas de trabalho, eleição da coordenação das linhas e decisão sobre a personalidade jurídica da CPT-SP, incluindo a discussão e aprovação do Regimento Interno.

IMPORTÂNCIA DAS ASSEMBLÉIAS NA CAMINHADA

Na abertura da Assembléia foi feito um relato histórico dos primeiros encontros estaduais e assembléias da CPT-SP.

O início de nossa organização se deu em 1979, começando pelas regiões de Ribeirão Preto, Jales, Registro e daí por diante.

Em seus primeiros anos não se fazia assembléias, mas encontros estaduais.

1984 é um marco histórico. No encontro estadual, realizado em fevereiro desse ano, foi discutido pela primeira vez as linhas de trabalho. A necessidade delas se deu pela necessidade de se determinar prioridades. Não era possível tratar de todos os problemas indistintamente.

Pela diversidade de realidades e problemas existentes no estado foram definidas também as micro-regiões, cada uma com relativa autonomia em seu trabalho.

Em 1985 foi realizada a primeira assembléia propriamente dita. A CPT no estado tinha crescido, amadurecido, o trabalho se ampliado.

Nessa assembléia, um passo importante foi a eleição de uma coordenação colegiada, de 3 pessoas, dando assim, um caráter maior de comissão para a CPT-SP.

Foi também melhor organizada e estruturada a Coordenação Ampliada, funções do secretariado e das coordenações. As linhas também foram contempladas, com a proposta de coordenações micro-regionais para facilitar o trabalho na base.

A fundação de um escritório em São Paulo, no início de 1985 foi uma grande conquista.

Os encontros estaduais e, posteriormente, as assembléias, sempre foram momentos importantes de avaliação dos trabalhos. A assembléia foi se tornando cada vez mais a instância soberana de discussão e decisão para nós.

Hoje, as linhas são um ato falho em nosso trabalho. É um desafio, para nós, que elas sejam melhor articuladas. Cabe a esta Assembléia definir os termos dessa articulação.

PERSONALIDADE JURÍDICA

Para melhorar a organização da CPT no estado e dar condições de melhor funcionamento para o secretariado regional se decidiu finalmente pela filiação jurídica da CPT-SP à CPT Nacional.

Depois de devidamente explicado do que se tratava e quais as implicações se decidiu, por unanimidade pela medida.

A partir daí foi discutida a proposta de regimento interno, apresentada pela Coordenação. Depois de discutido em grupo foi levado a plenário, para apresentação e votação de emendas. Aprovado o Regimento Interno, passou a vigorar imediatamente.

AVALIAÇÃO DAS LINHAS

O que foi comentado na abertura da assembléia foi confirmado depois pelos grupos que se reuniram para avaliar as linhas de trabalho: não há articulação do trabalho nas 5 prioridades que temos para o nosso trabalho (Reforma Agrária, Sindicalismo, Bóia-fria, formação e organização.

Há trabalhos nesses cinco campos, no entanto são trabalhos isolados e de iniciativa da base. As equipes estaduais de linhas não foram organizadas e o coordenador, sozinho, não deu conta.

Com relação à Reforma Agrária foi dito também que o ano de 1986 foi o ano da Reforma Agrária, com a Campanha da Fraternidade e várias manifestações, em Sao Paulo e Brasília, acampamentos, ocupações, etc.

Quanto à linha Sindical, percebeu-se que aconteceu uma boa contribuição na formação de lideranças e oposições. No entanto falta uma definição e posicionamento da CPT-SP no conjunto da política sindical. Faltou também um acompanhamento aos sindicatos novos.

Para o bóia-fria, a linha ficou basicamente na promoção de cursos e encontros a nível de micro, diocese e estado.

Para a formação de agentes e trabalhadores, foram promovidos diversos cursos estaduais e regionais, pela coordenação da Linha de Formação.

Foi percebida a falta de articulação interna das micros e entre as micros do estado. Isto ainda é um desafio para a Linha de Organização. Foi apresentada a necessidade de maior profissionalização do trabalho, se quisermos atingir a qualidade desejada.

CONSTITUINTE

Neste ano é fundamental participar do processo de discussão e elaboração da nova Constituição.

Foi decidido que deveremos discutir e viabilizar nos grupos de comunidades, bairros, etc. a Iniciativa Popular, que consiste na apresentação de Emendas ao Projeto de Constituição com abaixo-assinados de 30 mil assinaturas, organizado por três entidades legalmente constituídas.

Deverá ser incentivada a criação de Plenarinhos pró-participação popular.

Iremos também participar de uma caravana à Brasília por época da discussão da Reforma Agrária.

ELEIÇÃO DOS COORDENADORES DE LINHA

Depois da avaliação das linhas foram eleitos os novos coordenadores, que terão um mandato de três anos: Reforma Agrária, Frei Pedro Nozela; Formação, Adão Costa Silva; Sindical, Luiz Mauro; Bóia-fria, Luiz Bezerra Neto.

Desejamos aos companheiros força na caminhada e que possam vencer o desafio da agilização e articulação desses trabalhos.

ENCONTRO DE LAVRADORES

Deverá ser realizado neste ano um encontro com lavradores.

A realização desses encontros é uma prática antiga nossa e deverá ser retomada.

Deverá ser realizado em Campinas ou Limeira, em data a ser definida pela Coordenação.

ASSEMBLÉIA NACIONAL DA CPT

Será realizado de 03 a 08 de agosto deste ano. Cada regional participará com 2 agentes, 3 lavradores e o bispo que acompanha o regional.

Foram escolhidos na assembléia os três lavradores: José Sebastião, do Vale do Ribeira; Luiz Mauro, de Ribeirão Preto; Cida, de Nova Independência.

Caderno de Formação

Nº 4

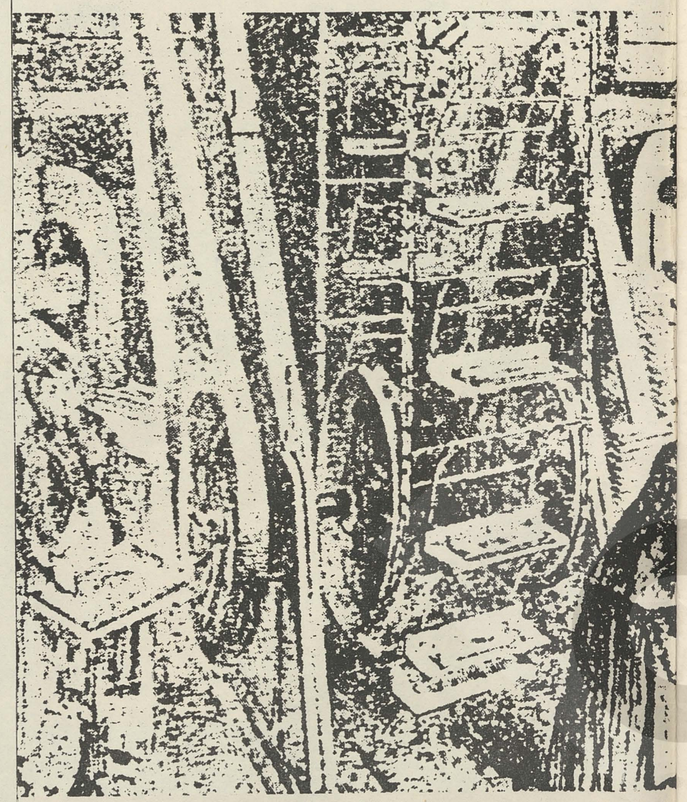


1º DE MAIO · 1986

100 Anos de Resistência e de Libertação da Classe Operária

PASTORAL OPERÁRIA

CEDIM



APRESENTAÇÃO

A Comissão Arquidiocesana de Pastoral Operária, ciente da sua missão de anunciar aos operários de hoje a Boa Notícia que o Carpinteiro de Nazaré trouxe aos pobres, propõe este subsídio para nove encontros de trabalhadores(as) na base.

O objetivo central é o de possibilitar uma rápida visão de conjunto sobre o ' MODO DE PRODUÇÃO CAPITALISTA. Situar bem o / chão onde estamos pisando para darmos os próximos passos com mais acerto no rumo que interessa ao conjunto da classe trabalhadora.

Neste 1º de Maio atingimos o marco histórico como classe operária, 100 anos de' resistência à opressão Capitalista e queremos celebrar na devida forma os passos de libertação que já conquistamos.

Mas as batalhas são muitas e poucos os operários, se você vem,

A LUTA CONTINUA!...

1º ENCONTRO

" PREPARAÇÃO "

- Apresentação do pessoal
- Leitura da " MENSAGEM / AOS TRABALHADORES."

"Por ocasião da celebração do Centenário do 1º de Maio -Dia / de Luta, memória de libertação' da classe trabalhadora, a Pastoral Operária que atua crescentemente na Evangelização do Mundo do Trabalho Urbano, não poderia deixar de dirigir essa mensagem -Clamor pela Justiça entre' as classes sociais; manifestação de fé e esperança na ressurreição, triunfo da possibilidade de vida sobre as imposições' da morte.

Nesta memorável data, celebramos a dignidade humana do -/ trabalhador, mas o fazemos com' os olhos fitos na realidade vivida por milhões de irmãos que' sofrem na carne as chagas abertas pela impiedosa exploração / Capitalista. Irmãos que vêem seus filhos marcados pelos tristes e inequívocos sinais de morte, provocados pela marginalização, até na participação social essencial comoo direito de estudar, ter saúde, alimentação ou' habitação decente.

Denunciamos que estas condições de morte são frutos não / do acaso, mas de lucros e planos minuciosamente arquitetados pela classe dominante: seja explorando o trabalho com baixos' salários, ou reprimindo a sua / organização com demissões de lideranças, violência policial / e também com tribunais subornados pelo Capital.

No plano político fomos golpeados no que tínhamos de mais' esperançoso: o decreto da Reforma Agrária -que a Nova República aprovou fazendo-a pior que o Estatuto da Terra de 1964. E a' Emenda Constitucional nº 26 que roubou da Nação a Assembléia Nacional Constituinte e a entregou para o Congresso, até biônico, a tarefa de fazer a Constituição.

Apesar de tudo isto, companheiros de caminhada, não desanimem. Já sabemos que a luta existente entre as classes dominante e dominada é assim mesmo. E temos a nosso favor a crescente consciência de que a cada -' golpe sofrido devemos resistir' com novas formas de organizar a luta.

Já sabemos dizer não, cruzando os braços e paralizando a -' produção.

Quando nos roubam a Reforma' Agrária,o povo sem terra ocupa' latifúndios; quando surrupiam a Assembléia Nacional Constituinte o povo responde nas urnas demonstrando que há necessidade ' de fortalecer partidos que verdadeiramente defendem os interesses do povo trabalhador.

Esta grande luta continua e / convidamos você para as próximas batalhas.

- Campanha salarial e contra o FMI; a Reforma Agrária e as / eleições de novembro.

Vamos eleger gente nossa para governar o Estado e companheiros para o Congresso Constituinte.

Nesta caminhada temos um objetivo - eliminar a dominação / de classes, superar as causas / das injustiças - Construir uma' Sociedade Justa e Fraterna: SINAL DO REINO DEFINITIVO".

(1º de Maio 1986)

(Comissão Regional - CNBB / Sul I de Pastoral Operária)

Anim.- A partir da Mensagem de 1º de Maio que acabamos de ouvir, vamos fazer algumas orações espontâneas e depois concluir com o Pai Nosso.

Objetivo deste primeiro Encontro

1º- Apresentação do Caderno e discussão dos objetivos possíveis com o curso. (leia a apresentação e os títulos dos 9 encontros,discuta com o grupo o que se deseja' alcançar com o curso).

2º- Preparar as datas e / os locais dos encontros. (será semanal? ou quinzenal? em dias de semana, ou fim de semana? / será feito rodízio de / locais pelas comunidades? etc.)

3º- Formar uma equipe para a animação dos encontros com as seguintes / funções: a) Fazer a oração inicial e final dos encontros.

b) Animar com/ alguns cânticos nos momentos apropriados.

c) Incentivar' pessoas que nos intervalos contem alguma anedota ou piada "limpa" para a distração, etc.

4º- Formar uma equipe(com 1 ou 2 pessoas de cada' comunidade) para fazer' um resumo do tema e a-' presentar nos 5 minutos finais de cada encontro.

5º- Preencher a ficha de' participantes (anexo).' Servirá para o monitor' instruir melhor o curso.



2º ENCONTRO

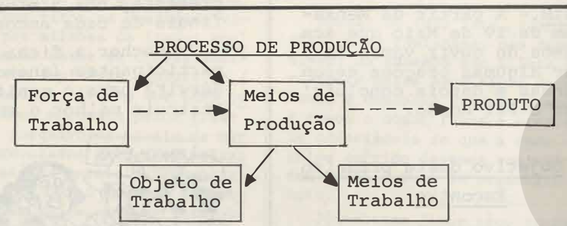
MODO DE PRODUÇÃO

Neste caderno, tomamos como ponto de partida para entender a organização global da sociedade, a maneira como os homens produzem a sua existência, o modo como produzem a sua vida real.

Vamos começar estudando como se dá a PRODUÇÃO ECONÔMICA, ou seja, a geração de bens necessários à sobrevivência dos homens em sociedade. Cada época e cada civilização tem necessidades diferentes, além do básico indispensável a todos. Por isso mesmo a PRODUÇÃO de bens é uma atividade básica e fundamental. A produção se dá num processo social e já passou por vários estágios e continua em constante transformação.

A história documenta as sociedades que viviam de colheitas de frutas, caça e pesca (há tribos ainda neste estágio); desenvolveu-se para a criação de animais e agricultura; e vem até a nossa realidade, baseada nas máquinas e indústria moderna.

Veja e guarde o esquema abaixo; são os elementos que atuam na produção de bens:



1- FORÇA DE TRABALHO: é a energia humana empregada no processo de trabalho.

2- MEIOS DE PRODUÇÃO: é formado por: 1. Objeto de Trabalho, é o objeto sobre o qual se trabalha; exp.: terra, minério, árvore (matéria bruta) ou matéria prima: substância já trabalhada pelo homem.

2. Meios de Trabalho: são os instrumentos necessários ao trabalho, exp.: ferramentas, máquinas, oficinas, edifícios, vias, canais, etc.

Em qualquer lugar do mundo o PRODUTO é o resultado da aplicação da Força de Trabalho sobre os Meios de Produção. Daí, ser este o nosso ponto de partida para entender os vários Modos de Produção ao longo da história da Humanidade, e em particular o Capitalismo. A esse respeito veja o que diz o Papa João Paulo II: "...o trabalho humano é uma chave, provavelmente a chave essencial, de toda questão social"... "no sentido de tornar a vida humana mais humana"... "assume uma importância fundamental e decisiva"... (L. E. Nº 3)

OS MODOS DE PRODUÇÃO

A frase Modo de Produção (M.P.) é mais que a maneira de produzir algum produto; significa a organização global de uma sociedade, tribo ou país, para controlar a Força de Trabalho e / ou os Meios de Produção em vista da destinação ou apropriação do Produto.

M.P. supõe a produção Econômica como base, e sobre esta a estrutura Política e Jurídica e ainda a dominação das idéias ou seja, a estrutura ideológica. Estes pontos serão estudados nos próximos encontros.

MODO DE PRODUÇÃO COMUNAL OU IGUALITÁRIO

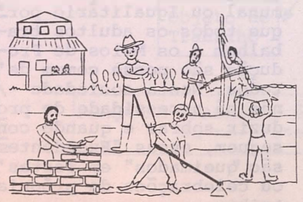
Este M.P. era vivido nas sociedades primitivas ou ainda em muitas tribos indígenas até hoje. É Comunal ou Igualitário porque todos os adultos trabalham e os Meios de Produção são posse comum de todos. Nesta sociedade - não há necessidade de produzir sobras e quando conseguem, esses "Excedentes" são "queimados" em festas ou celebrações da própria tribo. →



MODO DE PRODUÇÃO ESCRAVISTA

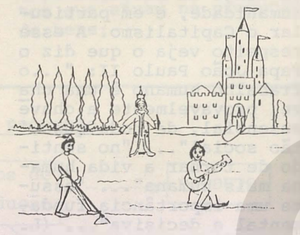
O M.P. Escravista tem' origem na dominação pela/ força de uma tribo, clã / ou país sobre o outro.Por essa forma os mais fortes se apossam das terras (Meios de Produção) de cultivo e também da Força de Trabalho - o escravo;a família deste também pertence ao Senhor, perpetuando a classe dos escravos.

Neste M.P. a geração' de Excedentes é obrigatória pelos escravos, pois' tem que sustentar-se e à família, isto quando deixam ficar juntos, e ao amo e sua família, o exército e outros servidores' ou protegidos do amo.



MODO DE PRODUÇÃO FEUDAL

Neste M.P. ainda os Meios de Produção são predominantemente a terra de cultivo, e esta pertence' à nobreza (barão, conde,' duque, etc.) e também ao clero que em geral faz -' parte desta nobreza.A força de trabalho -os camponeses cultivam a terra da nobreza e são hereditariamente servos desta terra' ou gleba, portanto subordinados ao senhor feudal' para quem geram excedentes e ainda fornecem dias de trabalho gratuito.



MODO DE PRODUÇÃO CAPITALISTA

Este M.P. como o próprio nome diz, tudo concorre para beneficiar o / Capital. O Capital é o LUCRO ACUMULADO nas mãos do capitalista ou seja, a nova classe enriquecida que se chamou burguesia.

Seguem alguns elementos básicos deste M.P.:

1- A questão: O que produzir,quando e quanto -' produzir, é decidida / pelos interesses individuais dos capitalistas em busca do lucro.
2- Propriedade dos Meios' de Produção em forma / de Capital.
3- Uso da Força de Trabalho assalariada.
4- O produto é apropriado pelos capitalistas que obtêm lucro comercializando, por isso, é "mercadoria".
5- Provoca o surgimento / dos estados modernos.
6- Predomínio da produção na cidade.

Todos estes pontos serão trabalhados nos próximos encontros.



MODO DE PRODUÇÃO SOCIALISTA

Este M.P. é uma proposta da classe trabalhadora, tem uma breve experiência de menos de 70 anos e desde o nascedouro tem sido' impiedosamente combatido' pelo capitalismo, pois -' tenta ser a superação deste.

Os pontos básicos a serem atingidos são:

1- Socialização de todos' os Meios de Produção! (terra, fábricas, etc)
2- Produção planejada para atender à necessidades sociais da coletividade.
3- Extinção das classes ' sociais, acabando com' os previlégios.
4- Garantia de participação igualitária no trabalho, nos bens e nas' decisões.

A plena consolidação de uma M.P. depende da superação do outro. Desta forma, implantar o M.P. Socialista, significa acabar' com o Capitalismo.

PARA DISCUTIR-

Comentar cada sistema,' procurando ver em qual deles a pessoa humana pode' realizar-se mais plenamente como Filho de Deus e irmãos uns dos outros.

Sugestão de dinâmica:

Após a introdução formar 5 grupos, um para cada Modo de Produção e apresentar em forma de teatro (30 minutos).



3º ENCONTRO

O MODO DE PRODUÇÃO CAPITALISTA

O M.P. Capitalista é o produto de uma longa evolução histórica. Duas condições básicas foram necessárias:

1- Uma imensa acumulação de riqueza em forma de Capital.
2- Ter trabalhadores disponíveis para vender a força de trabalho.

A característica básica do Capitalismo é a expropriação dos trabalhadores dos Meios de Produção e concentração destes nas mãos da burguesia sob a / forma de Capital.

Ao longo da história / das sociedades divididas em classes, podemos ver / como a classe trabalhadora foi sendo expropriada. Na escravidão, não tinham sequer o direito ao próprio corpo. No feudalismo, os trabalhadores eram obrigados a pagar tributo ao senhor e viverem subordinados a este. No Capitalismo, só lhes resta sua força de trabalho, que é obrigados a vender em troca de salário.

O Capitalismo nasceu / na Europa entre os séculos XIV e XVIII;Foi um período de lutas e transformações. Porém a base de formação do Capital e da burguesia foi a exploração, o roubo, a pilhagem. Primeiramente com a expropriação dos trabalhadores do campo. Isso permitiu a concentração das terras / na mão da nobreza Capitalista. E os trabalhadores expulsos engrossavam as / cidades, vivendo nas piores condições de assalariados ou desempregados. Engrossavam o mercado de trabalho os servos que fugiam das glebas, livrando-se dos crescentes tributos feudais.

O processo de expropriação atinge as terras do / Estado e da Igreja transformados em propriedade / privada dos capitalistas, ocasionando a expulsão de seus moradores. As terras de cultivo se tornam pastagens de ovelhas, cuja / lã se faz necessária nas fábricas de tecelagem.

A conquista e colonização africana, asiática e americana foi na verdade a mais terrível forma de domínio, assassínio e rapina da humanidade. Das / colônias, como o Brasil, foram levados imensas quantidade de moedas (ouro e prata) e matérias-primas que serviam a fome de acumulação do Capital industrial europeu. Além do fato das colônias servirem de mercado lucrativo para os produtos manufaturados.

Esse enriquecimento baseado na exploração, dominação e violência que tem como contra-face a criação do proletariado -é a condição do triunfo do Capitalismo.

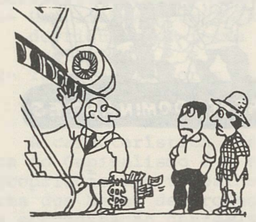
A expansão do comércio conhecida como mercantilismo, as revoluções agrícola e industrial , a revolução política inglesa, americana e francesa,etc, a Reforma Protestante;são parte desse processo de / luta da burguesia contra a Antiga classe Feudal e ao mesmo tempo a luta de / imposição do capital sobre o trabalho.

A Revolução francesa / de 1789 (burguesia e trabalhadores contra a nobreza) marca o fim do feudalismo e o triunfo definitivo da burguesia industrial, comercial e financeira na Europa e desta / aos poucos para o mundo todo.





1- A base do Capitalismo' é a Propriedade Privada / dos Meios de Produção.
2- A meta principal é o / lucro pela: exploração do trabalho, transações comerciais e financeiras.
3- A doutrina é a da livre concorrência. Absoluta liberdade para explorar tudo e todos. Os capitalistam chamam a si próprios de democratas e os' países onde vivem de "mundo livre".
4- A rede de exploração é internacional, em cadeia' crescente dos ricos sobre os pobres, Empresas nacionais, Transnacionais, Banco Mundial, FMI, etc.



5- As pessoas, são consideradas uma forma especial de "mercadoria". São / comprados ou vendidos tem porariamente como força 7 de trabalho.
6- É uma relação social / desumanizante. Como vimos, o trabalhador é tratado / como mercadoria e a burguesia, parasita desta "-mercadoria". Assim uma -' classe vive para a outra, da forma mais degradante.



7- A dominação sobre a / classe trabalhadora e a' exploração econômica tem' sido possível pela articulação das várias instâncias da organização da sociedade: O Político-Jurídico e o Ideológico que compõem este Modo de Produção.

O Brasil joga um papel importante no plano mundial para este Sistema, entre outras coisas tem a 7 função de ser o fornecedor de alimentos e de ser o maior endividado com US $ 105 bilhões de dólares.

PARA DISCUTIR-

1- Neste Sistema você acha possível eliminar' a pobreza, miséria e / marginalização? Porquê?
2- Dentro deste Sistema,' você acha possível eliminar a violência sobre os pobres? Porquê?
3- O que você aponta de / positivo no Modo de -/ Produção Capitalista?' Explique.

4º ENCONTRO

EXPLORAÇÃO DO TRABALHO ASSALARIADO



Vamos entrar no assunto de hoje, recordando duas idéias centrais dos encontros anteriores:

1- Em qualquer sociedade' cujo M.P. não é igualitário, ferve no seu interior o conflito de 7 classes. -A dominação' política, jurídica e / idelológica para explorar economicamente a 7 classe subalterna.
2- Em qualquer M.P. o processo produtivo se dá' pela inter-ação da Força de Trabalho sobre 7 os Meios de Produção.

No modo de produção Capitalista a Força de Trabalho é livre; o trabalhador a vende para quem quiser, mas só compra o Capitalista que é o proprietário dos Meios de Produção.

Por isso, no mundo Capitalista, quem não é patrão tem que vender a sua Força de Trabalho e esta' é paga em forma de salário.



O QUE É O SALÁRIO?

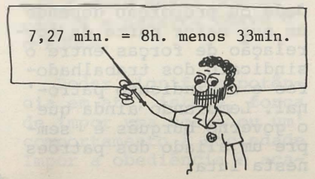
Nos estudos clássicos' sobre o salário, este é / explicado da seguinte forma:

M-V= VT - CT lê-se:

A Mais-Valia (M-V) á i-' gual ao Valor do Trabalho (VT) menos o Custo do Trabalho (CT).

Vamos dar um exemplo / concreto para clarear:

Na indústria Volks de São Bernardo do Campo, a cada' 8 horas trabalhadas o operário fica com 33 minutos de salário. Na fórmula acima, fica assim-



Isto quer dizer, de cada 8 horas que o operário trabalha, dá 7:27 minutos de lucro ou mais valia para o patrão que restitui 33 minutos de salário para o trabalhador; A exploração do trabalho assalariado segue esta lei ou / norma geral.

As multinacionais automobilísticas vem para o 3º mundo devido às vantagens do baixíssimo salário e farta matéria prima igualmente barata. Eles' pagam 6,10 e até 15 vezes menos para os operários / daqui em relação a seus ' funcionários nas fábricas do país de origem. Desta' forma o gasto com a despesa de salário atinge de 8 a 15% do total de gastos' com a produção

Podemos continuar perguntando: O que é salário?

Analisando a variação' de um país a outro e as / diferenças entre as categorias profissionais; podemos afirmar: o salário' é uma pequena parte da / produção que retorna ao-' trabalhador, cuja quantidade ou proporção depende em sua maior parte da correlação de forças entre o sindicato dos trabalhadores e o sindicato patronal. Lembrando ainda que' o governo burguês é sempre um aliado dos patrões nesta luta.

- Deu para entender agora o valor de ser sindicalizado?

E de ter um sindicato combativo?

A história do Brasil / tem sido para a Classe Operária um permanente drama contra o arrocho salarial; sofremos graves perdas com o Delfim Neto nos anos 73/74; com o General Figueiredo, sofremos os / Decretos Leis 2012, 2024, 2036, 2045 e 2065. A "Nova" República não deixou' por menos: usou das mesmas armas da ditadura militar e baixou de surpresa o D. Lei 2283 congelando os salários corroídos pela média semestral da / inflação. O Artigo 21 desse Decreto Lei proíbe a recuperação de todas as / perdas anteriores conforme citamos acima.

Para termos uma idéia' real das perdas salariais basta ver que o salário / mínimo deveria ser de $3.300 cruzados no final de' fevereiro; no entanto foi / decretado a CZ$ 804,00. / Para sentir a crueza da / injustiça siga a lei; ela manda que você e sua família se alimente com 48% do salário mínimo (CZ$386,00), que gaste 5% com -/ transporte (CZ$ 40,20)e / mais 22% com a habitação, 16% com vestimentas e o / restante 9% com material' de higiene.

Confira o Artigo 165 / da Constituição Federal e o Decreto Lei 399 de 1938 sobre o salário mínimo. Veja que nesta distribuição o trabalhador e sua família não têm assegurado os gastos com lazer, com os' estudos e nem mesmo com a saúde.

PARA DISCUTIR-

1- O que lhe pagam é justo com o que você produz?

2- A sua categoria é organizada em sindicato?

3- Que contribuição você' dá para a união da sua categoria?

4- Como podemos melhorar' a luta da classe operária com respeito ao salário?



5º ENCONTRO

O PODER NA SOCIEDADE DE CLASSE

Nos encontros anteriores, constatamos a exploração que sofre a classe' trabalhadora e dissemos / que isto é possível porque a classe burguesa articula as instâncias política , jurídica e ideológica em vista do lucro e da defesa dos interesses' do Capital.

Neste encontro vamos / começar a entender alguma-' mas formas dessa dominação. E a palavra chave é' o PODER.

Poder significa potência em ato, isto é, força de impor uma norma ou um' comportamento à sociedade. Impor a obediência e aca-

tamento a uma ordem ou a' um conjunto delas. Isto / pode ser conseguido pela' coação violenta, pelo uso de força policial ou militar, pelo convencimento ou por puro conhecimento. Por isso mesmo, podemos / apontar várias formas de' poder. Naturalmente, aqui, falamos do poder que decide as condições de vida, influi diretamente no conjunto da sociedade.

Não se trata dos pequenos raios de poder, como, por exemplo, a autoridade do pai, da mãe, do professor, do padre, etc. Falamos do poder na sociedade. E numa sociedade doentia, desumanizante, por que a' classe dominante vive parasitariamente do suor e' sangue da classe trabalhadora.

Na sociedade de classe o Poder assume a forma de Classe. Assim como existe o poder econômico, político e ideológico da burguesia, há também manifestações do poder popular.

A forma privilegiada / de Poder é o Estado (Poder Político), pois este' representa a organização' da sociedade. É dessa modalidade especial de Poder que se legitimam os / outros poderes. Porém o /

Estado não representa a / totalidade do Poder. Vamos tratar do Estado no próximo encontro.

Para além do Poder do' Estado, há o poder de uma classe sobre a outra. Vamos ver, então, os principais poderes no Brasil hoje.

1- PODER DO CAPITAL mundial, do grande capital nacional e internacional, do Banco Mundial, investimento do capital japonês e o FMI. É o poder / do credor de 105 bilhões de Dólares e que arranca anualmente US$ 12 bilhões de juros e agiotagens. Para essa finalidade, decide sobre o nosso crescimento ou não, recessão ou desenvolvi-' mento, emprego ou desemprego e até sobre o arrocho salarial.

2- PODER DAS TRANSNACIONAIS INDUSTRIAIS. Fez do -' Brasil a oitava potência industrial do mundo capitalista, Como o primeiro, também este poder / não se subordina ao poder da República, e os dois estão intimamente ligados.

3- PODER DO ESTADO. Talves em terceiro grau de importância tenhamos, no Brasil, o poder de Estado. Este é o poder oficial, que se proclama como tal: Tem um Governo, ministros, exército, Tribunais, escolas, programas e estatísticas, tem bancos, empresas estatais e públicas, tem pro-' gramas radiofônicos e indicadores econômicos e' sociais, etc. Ainda é o Estado da Burguesia.

4- O PODER DA "ECONOMIA SUBMERSA": Este se compõe' da soma de tudo que escapa ao controle do poder oficial (3), seja do lado dos ricos (roubos legais das multinacionais exportando a nossa ri-' queza abaixo do valor real, a sonegação dos impostos pelo recurso da caixa 2 nas empresas, -' etc), seja do lado dos pobres (os biscates, sub empregos, desempregados, as donas de casas; é / onde se concentra a massa desorganizada e por-' onde passa 50% da economia do país).

5- PODER DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO SOCIAL. O quinto' poder é o dos Meios de Comunicação social (MCS), cujo carro chefe é a TV Globo. É por meio dele / que enxergamos o Brasil. Ou seja, eles pintam a' realidade conforme o interesse da classe dominante. Faz o povo pensar favoravelmente aos interesses dos capitalistas. A TV Globo nunca coloca -' problemas para o povo; pelo contrário, é ela que resolve SIMBOLICAMENTE, "dá" solução para os grandes problemas, oferecendo um mundo maravilhoso e' cheio de felicidades. Roubam o nosso salário e / nos convencem de que TEM +QUE DAR CERTO. É o poder das idéias (ideologia).

6- O PODER POPULAR. O sexto poder é daqueles que os bispos chamaram em Puebla de ORGANISMOS INTERMÉDIOS; são as organizações do povo para resistir' à dominação política e a exploração econômica: os Movimentos Populares, as Pastorais engajadas na' transformação social, Associações de Profissionais, Sindicatos, e Centrais Sindicais, etc. É onde se forjam os projetos de esperança, é a força emergente dos oprimidos.

PARA CONVERSAR-

1- Como você encara esses poderes?

2- A sua comunidade considera esses poderes na pastoral?

3- Em qual deles você participa? Como?



6º ENCONTRO

"O ESTADO NO MODO DE PRODUÇÃO CAPITALISTA"

Introdução:

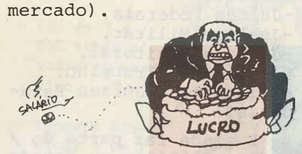
="O HOMEM É O LOBO DO' HOMEM"; por isso, organiza o ESTADO para a proteção do indivíduo.

="O HOMEM É UM SER NATURALMENTE SOCIAL"; por / isso, organiza o ESTADO-' que tem por finalidade a' realização do Bem Comum.



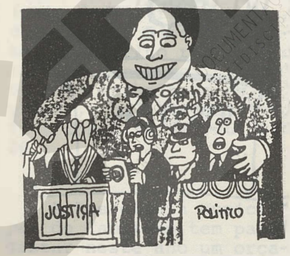
="OS HOMENS ESTÃO DIVIDIDOS EM CLASSES ANTAGÔNICAS ENTRE SI"; por isso,o ESTADO se constitui como' uma necessidade que apa-' rentemente se coloca acima das classes (neutro),' mas que, na verdade, tem' a função de conter a luta de classe e garantir a exploração de uma classe sobre a outra. Essas são algumas teorias sobre o ESTADO ou justificativas -' quanto à sua necessidade. A verdade é que, na história, a organização da autoridade como poder político -(O ESTADO) nem -' sempre existiu. É exemplo disso a sociedade tribal' no Modo de Produção Igualitário nas sociedades divididas em classes, no entanto, ele foi e continua

sendo controlado para assegurar a exploração do / trabalho, seja na forma-' de excedente de produção' agrícola (trabalho forçado),ou no Capitalismo (a' Mais-Valia e o lucro do / mercado).



1- O ESTADO BRASILEIRO

O Estado Brasileiro -' tem hoje seus representantes na chamada "Nova República". E, como Estado Moderno, -a República é regida pela CONSTITUIÇÃO e' exercida pelos três Poderes.



1.a- A RELATIVA SOBERANIA DA CONSTITUIÇÃO

A Constituição é a Lei Mãe, ou CARTA MAGNA, da / nação, que todos devem acatar, e que todos os poderes devem seguir, sob / pena de perderem a legitimidade ou de serem cassados de seus poderes. Veja, pois, a importância de garantirmos uma Constituinte com a máxima participação popular neste ano.

Poderíamos dizer que a Constituição está acima / de todos os poderes.Isto' é bonito, mas numa sociedade capitalista, a Constituição é a expressão da vontade da burguesia. Veja como isto acontece: Os deputados e senadores do' futuro Congresso Constituinte serão eleitos pelo / povo (alguns biônicos já' estão lá); quem serão e-' leitos? Representantes -/ dos trabalhadores ou, na' maioria, representantes-' dos empresários financiados por "caixinhas" bilionárias? A campanha de cada deputado está orçada / em 2 milhões de cruzados, e este dinheiro não retorna em forma de salário em menos de 5 anos. Em todas as eleições tem acontecido o mesmo: uma grande -' parcela da população prostitui o seu voto, entregando a quem oferece mais. É assim que a burguesia / faz e vota leis e a Constituição segundo seus interesses.

1.b- QUANTO AOS PODE-' RES DA REPÚBLICA FEDE- RATIVA DO BRASIL.

b.1- PODER EXECUTIVO-É formado pela Presidência' da República (sistema presidencialista)com o auxílio dos ministros de ESTADO (são 27 atualmente).



b.2- PODER LEGISLATIVO Este é exercido pelo / Congresso Nacional, que / se compõe de: - Câmara -' dos Deputados (são 479 -' membros atualmente)e - Senado Federal (são 69 senadores, 3 por unidade de federação).



b.3- PODER JUDICIÁRIO- composto de: -
-Supremo Tribunal Federal.
-Conselho Nacional de Magistratura.
-Tribunal Federal de Re-' cursos.
-Juízes Federais.
-Justiça Militar.
-Justiça Eleitoral.
-Justiça do Trabalho.
-Tribunais e Juízes Estaduais.

E ainda faz parte do / poder político, ou Estado, os Governos Estaduais e / seus respectivos legislativos, as Prefeituras e / Câmaras Municipais.



2. QUEM PAGA OS GASTOS DO ESTADO?

Veja como tudo recai-' sobre os ombros dos trabalhadores:

Imposto no preço das mercadorias:

- ICM 17%.
- IPI de 2 a / 20%.
- ISS de 2 a / 20% sobre o' valor do serviço.
- Imposto Sindical = um / dia por ano.
- INPS de 8 a' 8,5%.



Para se ter uma idéia' de quanto custa o exercício do poder político e / administrativo, damos a / seguir o orçamento do Governo do Estado de São Paulo para o ano de 1986: 7 Cr$ 93.130.599.351.000,00 (mais de 93 trilhões de / cruzeiros). Deste montante, o aparelho repressivo (aquele que bate, prende' ou mata trabalhadores em' greve),a polícia militar, fica com Cr$4.347.957.000,00.

A Prefeitura Municipal de Campinas tem para' gastar neste ano um orçamento de Cr$1.124.514.500.000,00 e deste,cCr$32.500.000.000,00 são para custear os 19 vereadores. Faça as contas; quanto isto dá' de mordomia a cada um por mês?

Veja, nestes recortes,' o montante da dívida pública e a fabricação de / dinheiro novo do Governo. É consenso entre os economistas que isto gera in-' flação.

FSP 21-2-86
Da Sucursal de Brasília

O Banco Central divulgou ontem, através de seu boletim mensal, os números oficiais do déficit de caixa das autoridades monetárias em 1985: Cr$ 74,72 trilhões, equivalente a 5,5% do Produto Interno Bruto, estimado em Cr$ 1,36 quatrilhão no ano passado, contra 4% do PIB em 1984. Os encargos financeiros corresponderam a 79,1% do total do déficit de caixa e, em 1985, o setor público pagou Cr$ 58,8 trilhões de encargos da sua dívida líquida de Cr$ 1,1 quatrilhão, com emissão da moeda ou novos títulos públicos.

FSP 2-4-86
O Banco Central deverá ser autorizado pelo Conselho Monetário Nacional (CMN) a emitir Cz$ 65 bilhões neste ano, Cz$ 55 bilhões além do limite legal.





PARA DISCUTIR-

1- Qual a função do Estado no Brasil?

2- Em que sentido ele realiza o bem-comum?

3- Como deveria ser?

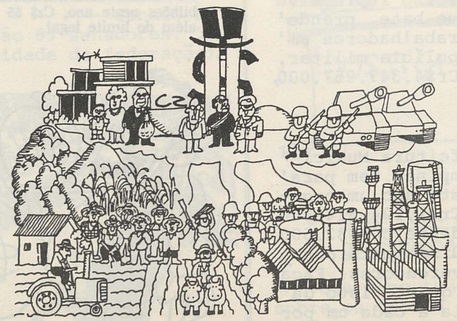
7º ENCONTRO

CONJUNTURA BRASILEIRA OU

CORRELAÇÃO DE FORÇAS

INTRODUÇÃO:

Nos encontros anteriores, caracterizamos (bem) a estrutura sócio-econômica e política da sociedade brasileira.



Vemos, neste desenho, a estrutura social capitalista com seus componentes mais ou menos estáveis: a economia, a produção, o Estado, as classes sociais, a cultura, etc.

1. Neste encontro vamos ver a correlação de forças (ou poderes) que estão em jogo neste momento no Brasil. Estudar cada momento desse jogo das forças sociais e políticas é fazer ANÁLISE DE CONJUNTURA.



Na verdade, todo mundo faz isso por que é essencial não ficar perdido: todo grupo organizado na sociedade está atento à conjuntura para jogar na hora certa.

Numa análise de conjuntura, é preciso ter sempre em mente a ESTRUTURA e, a partir daí, ver a correlação de forças. Esta é verificável nos Acontecimentos e nos atores que as provocam. Verificar o que muda esses acontecimentos e que grupo ou que classe ganha ou sai perdendo.

Já vimos quais são as forças mais em evidência, no 5º encontro, quando citamos aqueles seis poderes que agem atualmente no Brasil. Falamos também que o Estado é uma forma privilegiada de poder, porque representa a organização da sociedade, e além disso, legitima os outros poderes.



Portanto, o Estado atual, a "Nova" República, está no centro dessa correlação de forças e por meio dela se articulam os poderes, ou se desarticulam outros poderes, conforme os interesses no jogo de alianças ou de confrontos.



2. A questão central: "Nova" República, o que é?

É o grande conchavo da burguesia e seus partidos políticos: A "Aliança Democrática"(PDS,PMDB,PFL,PTB,PCB e PC do B).Esta / "Aliança" recebe o poder de Estado transferido pelos militares aos civis.



2.1.- Quais são os objetivos da "Nova" República?

a) Atender mais amplamente aos interesses econômicos dos vários setores da burguesia, pois a Ditadura vinha privilegiando mais o Capital Financeiro Mundial (poder 1), e o Capital Industrial / Transnacional (poder 2). (esta numeração corresponde aos do 5º encontro)

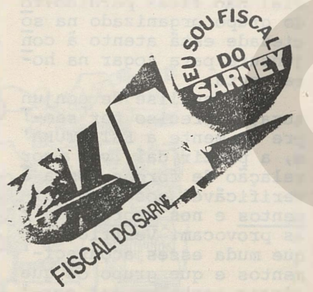
b) Rearticular politicamente a burguesia, implodindo parcialmente o PDS, partido identificado com a ditadura. Isso dá uma fachada nova ao poder de Estado (poder 3).



c) Conter as forças de oposição ao Modo de Produção Capitalista, identificados no PT e na CUT (poder 6).



d) Imprimir uma política Populista e Nacionalista com muito assistencialismo para ganhar o apoio das massas (poder 4).



3. A "NOVA" REPÚBLICA E O "PACOTE ECONÔMICO"

Decorridos pouco mais de um ano de sua implantação a "Nova" República se vê obrigada a redefinir o Quadro Conjuntural. Como se dá isso?

- Vamos seguir os rastos dos Acontecimentos: Abril de 85: Morte de Tancredo e posse de Sarney (ex-presidente do PDS). Maio/85: Greve defraudando a bandeira de 40 horas e trimestralidade; Janeiro e Julho: Congresso de Sem Terra e da Contag(Congresso de Trabalhadores Rurais); Setembro: Greve Nacional vitoriosa dos bancários, coordenada pela / CUT; Novembro: Eleições / nas Capitais e algumas cidades com explêndido crescimento dos partidos PT e PDT, os únicos de oposição à Aliança Democrática, conquistando 25% do total dos votos; Jan/86: o Presidente Sarney contempla o PFL com seis ministérios que abocanham 2/3 do / orçamento da União; isto provoca crise no PMDB que ficou com 21 ministérios e 1/3 das verbas. Estes acontecimentos e o crescente descrédito no Governo levam a uma eminente desintegração da Aliança Democrática.

Fevereiro de 1986;é decretado o "Pacote Econômico" (Decreto Lei 2283).



Verifique que estes vários acontecimentos levam a um quadro geral, de desmoronamento das forças de sustentação da "Nova" República.



O "Pacote" foi mais que um "acontecimento", mais um elemento redefinidor / do Quadro. Ele insidiu no econômico, mas o objetivo foi eminentemente político: -o de salvar a Aliança Democrática, reorientando as vantagens políticas e econômicas entre os aliados.

O "Pacote" trouxe terríveis danos para os assalariados, mas ele se mantém na aceitação popular. Por que isto acontece? -É aqui que entra o poder 5, os Meios de Comunicação / Social. É a força de controlar o comportamento do povo, forjando a opinião' pública, conforme os interesses capitalistas.

PARA DISCUTIR

1- Que novo "Acontecimento" está influindo no' "Quadro"?

2- Que perspectivas você' vê para o movimento Operário?

3- Que perspectivas você' vê para as forças populares nas eleições do Congresso Constituinte?

8º ENCONTRO

NOSSAS FORÇAS E OS DESAFIOS PARA 86

Nós sabemos que os trabalhadores têm uma força muito grande na sociedade. É o nosso trabalho que -/ sustenta a econômia e move o país. Sem o nosso -' trabalho, não existe o lucro para o capitalista -/ nem o imposto para o Estado de burocratas e generais.

Será que esta força toda que os trabalhadores / tem na vida econômica do' país é também uma força-' política?

QUAL É A NOSSA FORÇA ' POLÍTICA?

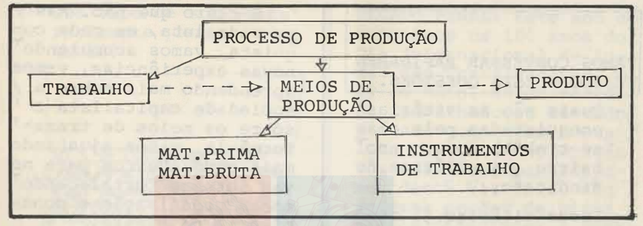
(converse isto com seus / companheiros durante 10 ' minutos)

Muitos entendem que a' força política dos trabalhadores é a força numérica, do voto. Outros acham que a força política dos' trabalhadores é a de pressionar o Estado burguês / para resolver alguns dos' nossos problemas. É isso. Mas será que é só isso?



A MISSÃO HISTÓRICA DOS TRABALHADORES

Vamos recordar o qua-' dro que vimos no 2º encontro.



Nada acontece nesta sociedade sem que os trabalhadores coloque sua força / de trabalho e ação.

Nada acontece nesta sociedade sem que os trabalhadores coloque sua força de trabalho e ação.

Daí é que vem nossa -' força política = a classe trabalhadora é capaz de / realizar a transformação' na raiz do sistema capitalista. Somos os únicos capazes de eliminar a exploração e a dominação que a burguesia nos impõe, eliminando a propriedade privada dos meios de produção e construindo uma nova sociedade, em que nós' decidiremos prá quê e como usarmos os meios de -' produção e nossa força de trabalho. Em outras palavras, uma sociedade socialista, em que o trabalhador não mais será roubado de si o fruto de seu trabalho.

COMO CHEGAR LÁ ?

Não há uma receita pronta, como se fosse um bolo o rumo é indicado a cada' momento, pela organização que nós conseguimos criar nas lutas destes anos todos.

É preciso enfeixar todos os ramos da organização da classe trabalhadora e nosso passado de lutas:

Tudo isso junto na discussão de nossas experiências, é que nos mostra o caminho para o socialismo. Não podemos achar que nossa luta termina com pequenas conquistas. Ela só -' termina com a vitória da classe trabalhadora.



VAMOS CONVERSAR RAPIDAMENTE SOBRE ESTA QUESTÕES.

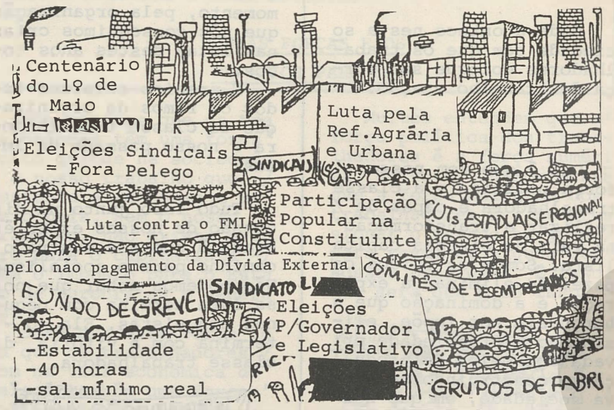
1- Quais são as vitórias conquistadas pela classe trabalhadora: no bairro, na política, no sindicato,...?

2- Essas vitórias já resolveram o problema da classe trabalhadora?

(10 minutos de papo)

É claro que não. Mas / em cada luta, em cada conquista, vamos acumulando novas experiências, vamos aprendendo mais sobre a / sociedade capitalista e sobre os meios de transformá-la, vamos ajuntando mais companheiros para nossas lutas e fortalecendo nossa organização e consciência de classe.

É preciso a gente pensar bem nisto porque vamos enfrentar um ano de / muitas lutas:



VAMOS AGORA DISCUTIR ESTES ASSUNTOS:

1- Como nós e nossa comunidade podemos participar destas lutas de 1986?

2- Em que estas lutas podem ajudar a luta dos trabalhadores avançar?

3- Que tipo de sociedade realmente queremos construir?



RECADO FINAL: Este ano comemoramos os 100 anos do Dia Internacional de lutas dos Trabalhadores, o 1º de Maio. Há um século, os trabalhadores de todo o mundo comemoram a sua / luta contra a exploração, Nós cristãos, participamos desta história. Não / podemos perder de vista nossos objetivos: a construção de uma sociedade justa e fraterna, anúncio do Reino Definitivo.

(9º ENCONTRO)

PASTORAL OPERÁRIA

(O QUE É)

A Pastoral Operária é um serviço da Igreja na / evangelização da Classe Operária.

O objetivo principal é a libertação da exploração Econômica e da opressão Política e Jurídica e ainda a dominação Ideológica exercida pelos detentores do Capital.

Com essa finalidade a P.O. reúne trabalhadores para conversar sobre a sua situação e suas lutas, e juntos encontrar caminhos de solução. Para que isto seja possível, seguimos um método: VER - JULGAR e AGIR.

Vamos ler um trecho da Bíblia e perceber nele este método;

Êxodo Cap. 3, 7-14.

(dinâmica após a leitura)
15 minutos em grupos de cochicho com a seguintes perguntas:

1- O que Deus viu?

2- O que Deus ouviu?

3- Deus tomou conhecimento da situação. Como Deus Julgou?

(recomendações: Se você ' ainda não conhecia este / trecho, faça um esforço e leia o Livro do Êxodo inteiro, pois ele narra a ' libertação e a formação do Povo de Deus na terra de' Canaã).

Em seguida vamos ver o Filme " CAIU EM TERRA ' BOA "... trata-se da se-' mente que Jesus semeia.

Vamos antes, ler o tex to: Evangelho segundo Mar cos 4, 1-9.

Procure ver no filme, ' que classe representa es-ses diversos tipos de ter reno.

E qual é a classe que' de fato constrói o Reino, produzindo 100 por 1, ou' como vimos no Êxodo, acei ta ser enviado por Deus / para a libertação do povo.

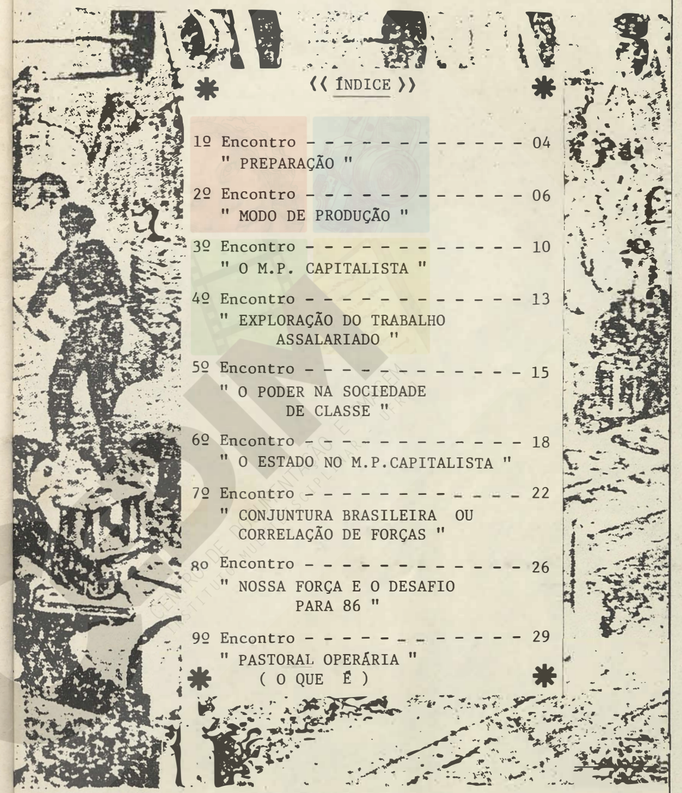
(após o filme)



A FUNÇÃO DA PASTORAL ' OPERÁRIA

- Unir fé com a vida dos' trabalhadores.
- Julgar a realidade do / Mundo do Trabalho a par tir do Projeto de Deus' com o auxílio das Ciências Sociais.
- Agir incentivando for-' mas de organização dos' operários.





‹‹ ÍNDICE ››

1º Encontro - - - - - - - - - - - - - 04
" PREPARAÇÃO "

2º Encontro - - - - - - - - - - - - - 06
" MODO DE PRODUÇÃO "

3º Encontro - - - - - - - - - - - - - 10
" O M.P. CAPITALISTA "

4º Encontro - - - - - - - - - - - - - 13
" EXPLORAÇÃO DO TRABALHO ASSALARIADO "

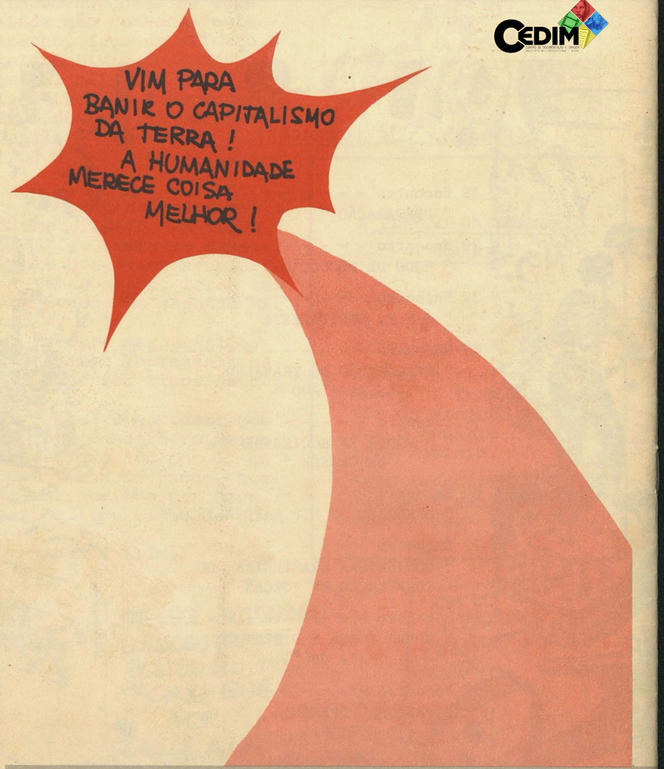
5º Encontro - - - - - - - - - - - - - 15
" O PODER NA SOCIEDADE DE CLASSE "

6º Encontro - - - - - - - - - - - - - 18
" O ESTADO NO M.P.CAPITALISTA "

7º Encontro - - - - - - - - - - - - - 22
" CONJUNTURA BRASILEIRA OU CORRELAÇÃO DE FORÇAS "

8º Encontro - - - - - - - - - - - - - 26
" NOSSA FORÇA E O DESAFIO PARA 86 "

9º Encontro - - - - - - - - - - - - - 29
" PASTORAL OPERÁRIA " (O QUE É)



ARQUIDIOCESE DE CAMPINAS · SP
RUA IRMÃ SERAFINA · 88 Fone 317122 (0192) CEP 13100

CANTOS PARA O ATO CELEBRATIVO DO 1º DE MAIO

01. DE REPENTE NOSSA VISTA CLAREOU, CLAREOU, CLAREOU. E DESCOBRIMOS QUE O POBRE TEM VALOR, TEM VALOR, TEM VALOR!

1. Nós descobrimos o valor da união que é arma poderosa e derruba até dragão. E já sabemos que a riqueza do patrão e o poder dos governantes passam pela nossa mão.

2. Nós descobrimos que a Seca do Nordeste que a fome e que a peste não é culpa de Deus Pai. A grande culpa é de quem manda no país fazendo o pobre infeliz, deste jeito é que não vai!

3. O que nós vemos é deputado e senador, militar e jogador recebendo seus milhões Enquanto isso o povo trabalhador derramando seu suor tem que viver de tostões.

4. Temos certeza que Deus Pai Libertador. Lá na Bíblia nos deixou o caminho prá seguir. Unir seu povo que era escravo no Egito o Faraó ficou aflito e Moisés pode partir.

02. 1. A classe roceira e a classe operária ansiosas esperam a reforma agrária sabendo que ela dará solução para a situação que está precária. Saindo o projeto do chão brasileiro e cada roceiro plantar sua área. Sei que na miséria ninguém viveria e a produção já aumentaria quinhentos por cento até na pecuária.

2. Esta grande crise que há tempos surgiu maltrata o cabloco ferido em seu brio dentro de um país rico e altaneiro morrem brasileiros de fome e de frio. Em nossas manchetes de ricos e pobres milhões de automóveis já se produziu enquanto o coitado do pobre operário vive apertado ganhando o salário que sobe depois que tudo subiu.

3. Nosso lavrador que vive no chão só tem a metade de sua produção porque a semente que ele semeia tem que ser a meia com o seu patrão. O nosso roceiro vive num dilema e o seu problema não tem solução porque o ricaço que vive folgado acha que o projeto que for assinado estará ferindo a Constituição.

4. Mas grande esperança o povo conduz pedindo a Jesus pela oração pra guiar o pobre por onde ele trilha e para a família não faltar o pão. Que ele não deixe o capitalismo levar ao abismo a nossa nação. A desigualdade que existe é tamanha enquanto o ricaço não sabe o que ganha o pobre do pobre vive de tostão.

03. SOMOS GENTE NOVA VIVENDO A UNIÃO. SOMOS POVO: SEMENTE DE UMA NOVA NAÇÃO Ê Ê
SOMOS GENTE NOVA VIVENDO O AMOR. SOMOS COMUNIDADE POVO DO SENHOR Ê Ê

1. Vou convidar os meus irmãos trabalhadores operários, lavradores, biscateiros e outros mais e juntos vamos celebrar a confiança nossa luta na esperança de ter terra, pão e paz ê ê.

2. Vou convidar os índios que ainda resistem as tribos que ainda insistem no direito de viver e juntos vamos, reunidos na memória, celebrar uma vitória que vai ter que acontecer.

3. Convido os negros, irmãos no sangue e na sina, seu gingado nos ensina a dança da redenção. De braços dados, no terreiro da irmandade, vamos sambar de verdade vamos pisar sobre a dor.

4. Vou convidar a criançada e a juventude tocadores nos ajudem, vamos cantar por aí. O nosso canto vai encher todo o país velho vai dançar feliz, quem chorou, vai ter que rir.

5. Desempregados, pescadores, desprezados e os marginalizados, venham todos se juntar à nossa marcha prá nova sociedade. Quem nos ama de verdade pode vir, tem um lugar.

04, TU ÉS O DEUS DOS PEQUENOS O DEUS HUMANO E SOFRIDO O DEUS DE MÃOS CALEJADAS. O DEUS DE ROSTO CURTIDO; POR ISSO TE FALO EU COMO TE FALA MEU POVO; PORQUE ÉS O DEUS ROCEIRO O CRISTO TRABALHADOR (bis)

1. Tu vais de mãos dadas com minha gente pela cidade e roçados e fazendo fila no Inamps para que te paguem uns trocados.

2. Tu comes na feira catando lixo com Zé, João, Chico ou Maria, e reclamas contra a miséria que mata teu povo dia-a-dia.

3. Eu te vi brincando fazendo cerca, engordando gado e sem feijão. E na rua com os companheiros exigindo terra e ganha-pão.

05. 1. Eu quero, eu quero, quero ouvir a voz do povo, eu quero ver todo povo acordar e descobrir dentro da realidade que a semente da verdade está querendo germinar.

2. Eu quero quero, quero ouvir a voz do povo eu quero ver todo povo como irmão eu quero ver todo povo caminhando se libertando do medo que ele tem do tubarão.

3. Eu quero, quero, quero ouvir a voz do povo todo povo tem boca pra falar ainda tem gente que aí se faz de mudo fica num canto calado não se mexe do lugar.

4. Eu quero, quero, quero ouvir a voz do povo ouvi um grito, mas não sei de quem foi grita sem medo, grita, grita minha gente quem morre calado é sapo debaixo do pé do boi.

5. Eu quero, quero, quero ouvir a voz do povo eu quero ver todo povo em união. A consciência não se ganha sem esforço vamos abrir nossos olhos pra enxergar a situação.

6. Eu quero, quero, quero ouvir a voz do povo o povo já não é mais caranguejo eu quero ver todo povo consciente descobrindo que é gente e caminhando para a frente.

06. 1. Operário de sonho criança, operário da terra e oficina. Operário que um dia se cansa, de esperar as mudanças de cima.

2. Operário, esperança que vela, operário suado, sem fala. Operário algemado na cela, operário calado à bala.

3. Entre nós órfãos choram carícias de ásperas mãos de ternura. Que morre em piquete vencendo a mão que lhe mata e tortura.

4. Só o rosto do amigo tem nome, e lugar em uma vida futura. A terra e a história consomem o covardem a opressão e a impostura.

SANTO A LUTA VAI CONTINUAR OS TEUS SONHOS VÃO RESSUSCITAR OPERÁRIOS SE UNEM PRÁ LUTAR POR TEUS FILHOS VAI CONTINUAR.

5. É o gás, é o choque, é a tosse, fumaça, cavaco, ferida, pobreza com fome, cansaço, doença, hora extra perdida.

6. É a máquina quieta, parada; é a greve, o piquete, a polícia; é o peão com a vida danada entre a fome e a dor da sevícia.

7. É o sangue que orvalha a justiça, dá a flor, dá o fruto e o pão. Ternura nas mãos da cobiça se vinga em nova estação.

8. É Santo que a morte não mata, soluços de Anas Marias. Nós órfãos que perdem seus pais renascem as idéias um dia. SANTO A LUTA VAI CONTINUAR...

9. Na alvorada que nasce impassível, o sol nos encontra na estrada, em ciranda de gente explorada formando muralha invencível. E então... SANTO A LUTA VAI CONTINUAR...

07. PORQUE ELE É LUZ, VERDADE, JUSTIÇA, BEM, PERDÃO, PAZ, ESPERANÇA, AMOR E REDENÇÃO. (bis)

1. Povo que luta, cansado da mentira; cansado de sofrer, cansado de esperar. Povo que luta, cansado de esperar, procura a Redenção.

2. Povo que luta por terra onde há fartura por paz sem fingimento, por vida partilhada. Povo que luta por vida partilhada, procura Redenção.

3. Povo que espera colheitas mais serenas, verdades mais profundas, caminhos mais fraternos. Povo que espera caminhos mais fraternos, proclama a Redenção.

08. EI, EI, ZUMBI. ZUMBI GANGA MEU REI VOCÊ NÃO MORREU. VOCÊ ESTÁ EM MIM. (bis)

1. Ei, Zumbi, seu povo não esqueceu a luta que você deixou prá prosseguir. Ei, Zumbi, os novos Quilombos com seus quilombolas lutam pra resistir.

2. Ei, Zumbi, seu sangue semeou coragem em nossa gente que luta com fervor. Ei, Zumbi, a luta é a mesma mudou só o cenário a roupa e a cor.

3. Ei, Zumbi, nesta terra fértil outros como você também tombaram ao chão. Ei, Zumbi, e muitos tombarão enquanto houver luta pela libertação.

09. NÃO, NÃO, NÃO NOS MOVERÃO (bis) COMO UMA ÁRVORE FIRME JUNTO AO RIO! NÃO NOS MOVERÃO!

1. Unidos aos operários - não nos moverão! Unidos em nossas fábricas - não nos moverão. Como uma árvore...

2. Unidos aos lavradores - não nos moverão! Pela Reforma Agrária - não nos moverão. Como uma árvore...

3. Unidos aos índios - não nos moverão! Em sua luta pela terra - não nos moverão. Como uma árvore...

4. Unidos aos negros - não nos moverão! Em sua luta pela terra - não nos moverão. Como uma árvore...

5. Unidos às mulheres - não nos moverão! Na conquista de seus direitos - não nos moverão. Como uma árvore...

6. Unidos na luta - não nos moverão! Unidos até a morte - Não nos moverão. Como uma árvore...

10. Ó POVO DOS POBRES, POVO DOMINADO, QUE FAZES AÍ COM AR TÃO PARADO? O MUNDO DOS HOMENS TEM DE SER MUDADO, LEVANTA-TE POVO, NÃO FIQUES PARADO.

1. Na terra dos homens pensada em pirâmide há poucos em cima e muitos na base(bis) Na terra dos homens pensada em pirâmide os poucos de cima esmagam a base (bis)

2. Na terra dos homens pensada em pirâmide viver não se pode, pelo menos na base (bis). O povo dos pobres que vive na base vai fazer cair a velha pirâmide (bis)

3. E a terra dos homens já sem a pirâmide pode organizar-se em fraternidade (bis) Ninguém é esmagado na Nova Cidade todos dão as mãos em vida unidade (bis)

11. COMO PODEREI VIVER. DIA E NOITE, NOITE E DIA COM A BARRIGA VAZIA?

1. Como pode um povo vivo. Viver nesta carestia? (bis)

2. Como pode um lavrador. Trabalhar sem ter valor?

3. Como pode um operário. Viver com este salário?

4. Como pode a criançada. Estudar sem comer nada?

5. Como a classe oprimida vai barrar o custo de vida?

6. Só unidos como irmãos sairemos da opressão.

12. 1. Ninguém ouviu um soluçar de dor no canto do Brasil. Um lamento triste sempre ecoou desde que o índio guerreiro foi pro cativeiro e de lá cantou. Negro entoou um canto de revolta pelos ares nos quilombos dos Palmares onde se refugiou. Fora a luta dos inconfidentes pela quebra das correntes nada adiantou. E de guerra em paz, de paz em guerra todo o povo desta terra quando pode cantar, canta de dor. Ô, Ô, Ô...

2. Ecoa noite, e dia é ensurdecedor. Ai mas que agonia, o canto do trabalhador.Este canto que devia ser um canto de alegria. Soa apenas como um solução de dor. Ô, Ô, Ô...

13. NO MEU CORAÇÃO JÁ NÃO CABE MAIS COLOCAR TRISTEZA POIS JÁ É DEMAIS (bis)

1. Quando a gente pintou por aqui nos disseram que tudo era bom e crescemos com sede de ver este mundo de gente feliz.

2. Quando a gente pintou no trabalho, o patrão prometeu melhorar. Dê um duro seu moço que um dia sua vida também mudará.

3. Quando a gente passou a votar, prometeram fazer desse chão um Brasil com um povo contente sem sofrer, sem ter fome de paz.

4. Hoje em dia está tudo mudado, as promessas falharam prá nós. O Brasil que é dos explorados, é a fome, o trabalho feroz.

14. TRABALHADOR DA BAIXADA REALIDADE DE DOR
LAMENTO DE CRISTO QUE CLAMA
NO POVO TRABALHADOR (bis)

Nova Iguaçu, abril de 1988.

Brasília, DF, 22 de agosto de 1987

Meus companheiros.

Estou num leito de hospital, esperando a morte, mas não me separei de vocês. Todos os dias tomo conhecimento do que está acontecendo. Estou ciente e consciente. Ciente do perigo que estou correndo, perigo de vida. Já conversei com os médicos. Um deles teve a coragem e a sinceridade de me dizer que talvez eu não saia vivo da mesa de operação. Plenamente consciente porque não estou doido. Estou ditando palavra por palavra o que eu penso, ao nosso protetor e amigo, o professor' Antunes. Ele também está jurado de morte por nossos inimigos. Estou ditando na frente de testemunhas para que não digam que o que está escrito foi por idéia dos outros. Sou semianalfabeto, mas não sou burro. Não sou piolho para ir pela cabeça dos outros. Seja quem for que me dê sugestões e conselhos primeiro consulto minha consciência e minha comunidade só então decido.

Estou diante da morte. Não temo dona morte, quanto mais o sr. - José Aparecido. Só peço que no caso de eu morrer não deixem o sr. José Aparecido - consumir e esconder o meu corpo como ele fez com o cadáver da nossa companheira de sofrimento que teve uma criança de 7 meses no dia da invasão de nossa querida 110 N pelo criminoso José Aparecido e seus criminosos. Ela já morreu e hospital nenhum - conta onde está o corpo. Talvez esteja escondido na casa do sr. José Aparecido. Se eu morrer quero ser enterrado em Brasília. Não saio de Brasília nem morto. Não deixem o sr. José Aparecido esconder meu cadáver. Profanar meu corpo.

Meus companheiros, não estou com vocês mas uma coisa eu digo: - CONTINUEM A LUTA! E A NOSSA LUTA É UM PEDAÇO DE TERRA NO DISTRITO FEDERAL.

A Terra Prometida dos israelitas era Canaã, a nossa Terra Prometida é Brasília. Não esmoreçam. Vocês já foram expulsos da SQN 110. Já viram suas - casas derrubadas e queimadas pelo sr. José Aparecido. Foram expulsos pelos seus - cães, cavalos e soldados. Que mais o governo tem para fazer medo em vocês? Derrubaram e queimaram nossas casas, nossos lares, mas não destruiram e nunca vão conseguir nos destruir. QUANTO MAIS NOS PISAREM, MAIS SOMOS VITORIOSOS! Lutem por um lote no Distrito Federal, é meu pedido.

Estou numa cama de hospital, talvez no leito da morte, graças ao sr. José Aparecido. Se eu morrer ele é o responsável. Como também é de sua responsabilidade dar teto, moradia a todos nós. Para isso está no governo.

Volto a dizer: Quero que meu corpo fique em Brasília. Sr. José - Aparecido não me vence nem depois de morto!

Quero que escrevam na minha sepultura:
UM HOMEM QUE NÃO TREMEU DIANTE DA VIDA!
NÃO TREMEU DIANTE DA MORTE!
NÃO TREMEU DIANTE DOS PODEROSOS!
SÓ ABAIXOU A CABEÇA E SE HUMILHOU DIANTE DE SEU DEUS!

Elias Ribeiro de Oliveira

Coordenador da EQUIPE DE REPRESENTANTES da 110 N



... e hoje, com famílias ainda não têm para onde ir

Prezados Párocos,
Seria bom ler esta mensagem nas Missas de 1º de Maio.
+ Cláudio Hummes

Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
26ª ASSEMBLÉIA GERAL
Itaici-SP., 13 a 22 de abril de 1988

(Doc)

MENSAGEM AOS TRABALHADORES

Reunidos na 26ª Assembléia Geral, em Itaici, nós, Bispos Católicos do Brasil, sentimos o dever de dirigir uma palavra a todos os trabalhadores, por ocasião do Dia do Trabalho e no ano em que o Brasil celebra o centenário da abolição da escravatura.

Valor do Trabalho e do Trabalhador

Inspirados na mensagem bíblica e na Doutrina Social cristã, queremos, em primeiro lugar, reconhecer e afirmar o valor do trabalho e do trabalhador.

O trabalho caracteriza o ser humano, é caminho de realização da pessoa, levando-a para a solidariedade. Pelo trabalho o homem manifesta sua imagem e semelhança com Deus.

Daí o grande valor do trabalhor, sua importância na vida do país. Por sua capacidade de enfrentar com fé e dignidade a luta de cada dia, ele continua sendo a grande riqueza do Brasil. É a ele, em primeiro lugar, que a Pátria deve o que até hoje conseguiu construir. Por isso, as esperanças do Brasil continuam, de modo especial, nas mãos do trabalhador.

Situações de Crise

Em nossa sociedade, infelizmente, dinheiro vale mais que trabalho, especulação mais que investimento produtivo.

As migrações forçadas, as favelas e os cortiços, a falta de moradias, de transporte, de escolas, de atendimento à saúde, permanecem como desafios.

Continuam aviltados os salários da maioria dos trabalhadores. Enquanto isso, alguns privilegiados têm ganhos escandalosos e injustos, muito acima de seus merecimentos e às custas dos cofres públicos. Há os apadrinhados políticos e muitos deles ganham sem trabalhar. Todos eles inflacionam as despesas do país.

Além disso, em nossa sociedade ainda impregnada de preconceitos, negro e mulher são tidos como menos capazes e se tornam presa fácil da exploração.

Os trabalhadores esperavam que esse quadro se modificasse com a "Nova República". Isso, porém, não está ocorrendo. Não veio a Reforma Agrária. A ameaça do desemprego e do sub-emprego continua. A dívida externa, nova forma de colonialismo, é tributo intolerável que todos pagamos.

Cada vez mais os trabalhadores se convencem que os atuais detentores do poder econômico e político não estão dispostos a realizar todas as reformas profundas de que o Brasil necessita.

Apoio aos trabalhadores

Nesta situação de crise, aparecem importantes conquistas conseguidas pelo povo nestes últimos tempos. A luta sem violência do po

vo organizado aponta caminhos de solução.

Por isso, reafirmamos aqui nosso apoio às justas aspirações dos trabalhadores, especialmente:

- Direito de todos ao trabalho e ao salário justo;
- Direito ao "salário-desemprego" equivalente às necessidades dos desempregados;
- Direito aos aposentados, de um benefício suficiente para sua digna sustentação;
- Direito de greve para todos os trabalhadores;
- Urgência de uma Reforma Agrária e do Solo Urbano justa e eficaz;
- Necessidade de uma Política Agrícola que garanta a permanencia do pequeno agricultor no campo;
- Apoio aos menores, às mulheres, aos negros e a todos em condições injustas de trabalho.

Jesus, o Senhor da História, venceu a morte na sua Páscoa. Com Ele serão vencidas todas as presenças de morte.

Pedimos a Deus, por intercessão da Virgem de Aparecida e de São José Operário, a proteção para nosso povo e a inspiração para os que devem construír um Brasil melhor.

Não temos por que desanimar. Novos tempos estão chegando.

CEDIM CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR UFRRJ

UNION NACIONAL DE AGRICULTORES Y GANADEROS U.N.A.G.

POR LA DEFENSA DE NUESTRA PATRIA
UNAG PRODUCIENDO CAFE DE MEJOR CALIDAD

CORTANDO SOLO EL ROJITO, ENTREGANDO LIGERO BIEN ORIADO Y ESCOGIDO, GANAREMOS MAS DINERO.



Cómo beneficiar mejor nuestro café

- Hace 156 años, en 1824 se inicia el cultivo del café en Nicaragua. Su origen probable: Kefa-Etiopía, lugar donde aparece como planta silvestre 850 años antes de Jesucristo. Arabia Saudita es el primer país que lo cultiva comercialmente en el siglo XV.
- En 1658 se extiende su cultivo a Ceilán, aparece en Indonesia en 1696 y salta a tierras americanas, Haití y Santo Domingo, en 1715. En 1727 lo comienza a cultivar Brasil, Costa Rica en 1779 y en 1824 comenzamos a cultivarlo en Nicaragua. Desde el inicio de su cultivo el café ha sido factor determinante en el desarrollo social y económico de nuestro país.

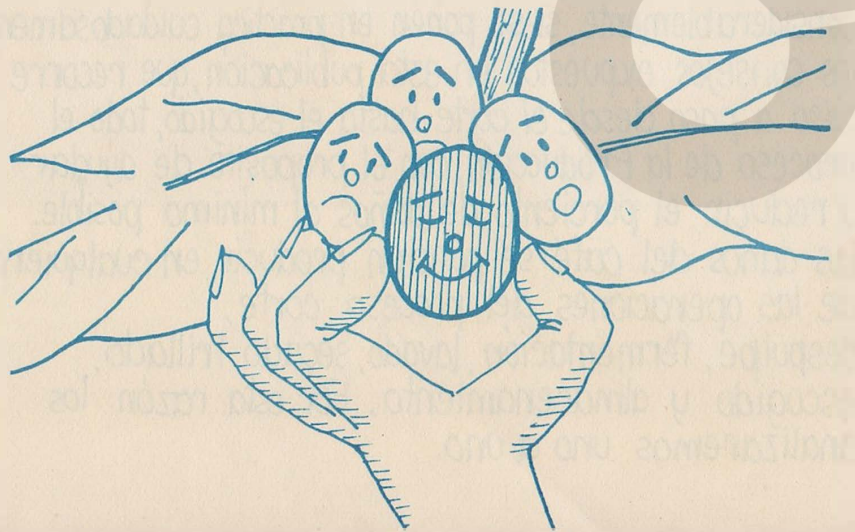
Es por esta razón qué UNAG para que el productor mejore la calidad de su café, presenta en este folleto los principios elementales para la producción del café.

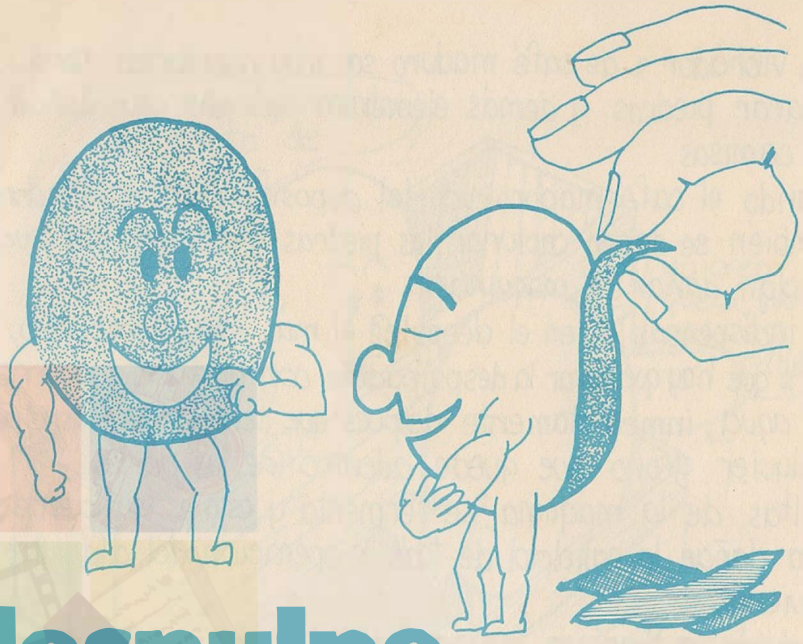
En la cosecha 1980 - 1981 se obtuvo en la zona Norte el 20.59% de calidades dañadas y el 12.98% en el Pacífico. Aunque este período no tuvo un desarrollo normal debido a los problemas lógicos que ocasionó La Guerra de Liberación, lo tomamos como ejemplo para hacer notar que estos porcentajes de calidades dañadas se puedan disminuir considerablemente, si se ponen en práctica cuidadosamente los consejos expuestos en esta publicación, que recorre paso a paso desde el corte hasta el escogido, todo el proceso de la Producción, con el propósito de ayudar a reducir el porciento de daños al mínimo posible.

Los daños del café se pueden producir en cualquiera de las operaciones del proceso: corte, despulpe, fermentación, lavado, secado, trillado, escogido y almacenamiento. Por esta razón los analizaremos uno a uno.

corte

El café se debe cortar maduro y limpio y tener mucho cuidado en no dañar el árbol para no afectar su producción en la cosecha siguiente.
En Agosto o Septiembre comienzan a aparecer los primeros granos maduros y por lo tanto debe comenzar la entre-saca o despinta. Generalmente para Octubre arranca el corte organizado de primera sin embargo, en todo momento, sólo se debe cortar el grano maduro que según la variedad es de color rojo o amarillo. El grano verde debe quedar en el árbol para el otro corte.
De ninguna manera debe sobarse la rama operación que daña el árbol y ensucia el corte.
Cuando vea que el saco de café lleva muchas hojas verdes – ese cortador está "ordeñando" la palmilla y por lo tanto arruinando el árbol.
Un corte bien organizado y cuidadoso, eleva la calidad de su cosecha actual y protege al árbol para la cosecha del próximo año.





despulpe

Nunca deje café cortado para despulparlo al día siguiente, se "enchicha, se calienta y se daña su calidad", lo que puede costarle muchos dólares de multa.
Por ésta razón su despulpadora debe tener la capacidad suficiente para despulpar toda la cantidad de café que Ud. corta en el día.
Revise con tiempo todas las partes que forman su unidad de despulpe: camisa, pechera, bandas etc.
La revisión de la camisa es de mucha importancia por que si tiene dientes levantados pela o quiebra los granos de café y les hace hoyos, lo que hace que se enmohescan y baje su calidad.
Si la despulpadora queda mal ajustada escapan junto con la pulpa granos de café sin despulpar, lo que trae como consecuencia pérdidas.

Las vibradores de café maduro son muy necesarias para separar piedras y demas elementos extraños que dañan las camisas.
Cuando el café maduro va del depósito a la despulpadora también se deben capturar las piedras y otros objetos que puedan dañar la maquinaria.
Es indispensable en el despulpe el más escrupuloso aseo, por lo que hay que lavar la despulpadora con un fuerte chorro de agua, inmediatamente despues que termine de despulpar Cualquier grano que quede adentro de las partes ocultas de la maquina, se fermenta y esto es suficiente para dañar la calidad de toda la operación del dia siguiente.
No olvide: la limpieza inmediata, èjecutada la misma noche, se debe efectuar siempre, porque la miel del café se pega y se endurece y luego la limpieza no se puede hacer con eficiencia completa. El grano de café, aunque es producto de la tierra, nunca la debe tocar. El más leve gusto a tierra en la catación es motivo para que los compradores apliquen castigos que pueden llegar hasta el rechazo total de un embarque.
Por esta razón recomendamos cubrir la despulpadora para evitar que le caiga tierra.
Este aparentemente pequeño cuidado, puede beneficiarlo en muchos dólares y ayudará a mantener nuestra imagen internacional de productores de café de primera calidad.





la fermentación

El proceso de fermentación consiste en colocar el café despulpado en bunques de madera o pilas de cemento bajo techo y bien aseados; de los que se ha sacado el agua. La fermentación convierte el mucílago o baba exterior de los granos en una masa alaste fácil de quitar. Este proceso toma generalmente de 30 a 60 horas en el Norte y de 12 a 24 horas en el Pacifico. La diferencia se debe a que la temperatura es más fria en la zona Norte.

CEDIM CENTRO DE DOCUMENTACIÓN E INVESTIGACIÓN MULTIDISCIPLINARIA

Ninguna de las operaciones en la industrialización del café es menos importante que la otra, pero la fermentación es un trabajo que debe hacerse con gran esmero, cariño y conciencia. Si los granos se fermentan demasiado tiempo, puede agriarse su sabor; si no están completamente fermentados cuando se lavan, puede quedarse con baloa en los granos reduciendo la calidad de éstos.
Cada técnico tiene su forma de probar si el café está ya fermentado. La prueba de la estaca es aceptable; pero si quiere mayor seguridad, tome un puñado de muestra y haga la prueba lavándolo y frotándolo en sus manos; si ya está de punto tendrá el sonido típico del Pergamino limpio, color crema claro y olor agradable.
Nunca use para fermentar tanques que estén al aire libre o sucios. Todo debe de ser bien limpio y cuidadosamente supervisado.
No deje transcurrir más tiempo del necesario para la fermentación; pero si alguna vez no puede evitarlo, innunde el tanque para detener la fermentación. Hay sistemas nuevos de fermentación rápida que ya comenzaron a ponerse en práctica y de los cuales nos ocuparemos más adelante.
Cuando usted deja la fermentación por más tiempo del necesario provoca alteraciones en los granos y también se forman las semillas hediondas cuya presencia deprecia considerablemente el café.

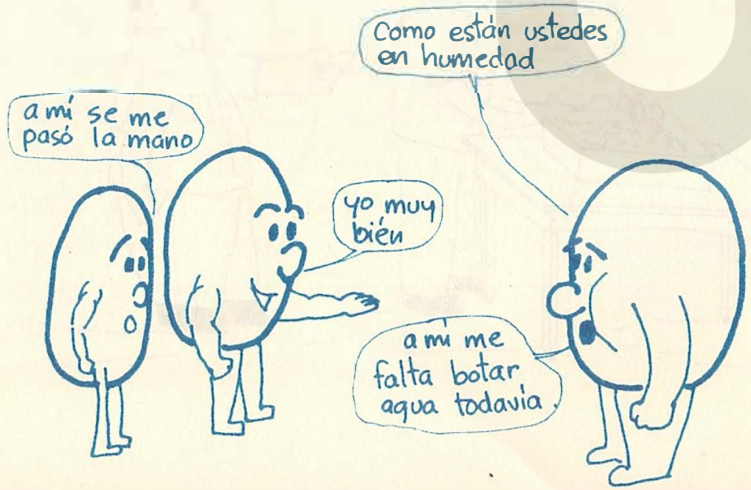
lavado

Esta operación consiste en hacer pasar agua completamente limpia sobre el café fermentado y colocado en canales largos para lavarlo, al mismo tiempo que mueve constantemente para frotarlo contra el fondo y paredes del canal lavador para permitir el total desprendimiento del la baba. Una vez que usted ve que el lavado se ha terminado a perfección y que ya no le queda ningún residuo de fermentación, se abren las compuertas poco a poco para permitir la clasificación de calidades y el café va cayendo al patio o cajillas. No nos cansamos de recomendarle el aseo y limpieza del agua en todo Beneficio húmedo y especialmente en el lavado. Mas o menos necesita 5 litros de agua limpia para lavar una libra de café.



secado

El proceso de secado es una operación sumamente importante y consiste en reducir la humedad del café del 50-60 % que tiene después de lavado, a un 11 ½ (once y medio) porciento o 12 % por ciento, que es el porcentaje ideal para trillo. Si el café se trilla muy seco, recibirá un fuerte castigo de parte de los compradores, pues queda sobrecalentado y pierde mucho peso, además que, lo que baja de humedad es agua que usted pudo vender al precio de café en dólares.
Si lo deja por el contrario muy húmedo, el café se blanquea y da mal aspecto al tostarlo y mal sabor al catarlo, con lo cual se asegura un fuerte castigo. Algunos expertos dan el punto de trillo con métodos prácticos pelando el grano para apreciar el color; si se ve oscuro y pesado, tiene mucha agua todavía, si lo ve claro y livianón, es que ya va llegando a punto de trillo. Lo más efectivo y seguro es tener un aparato para comprobar la humedad.



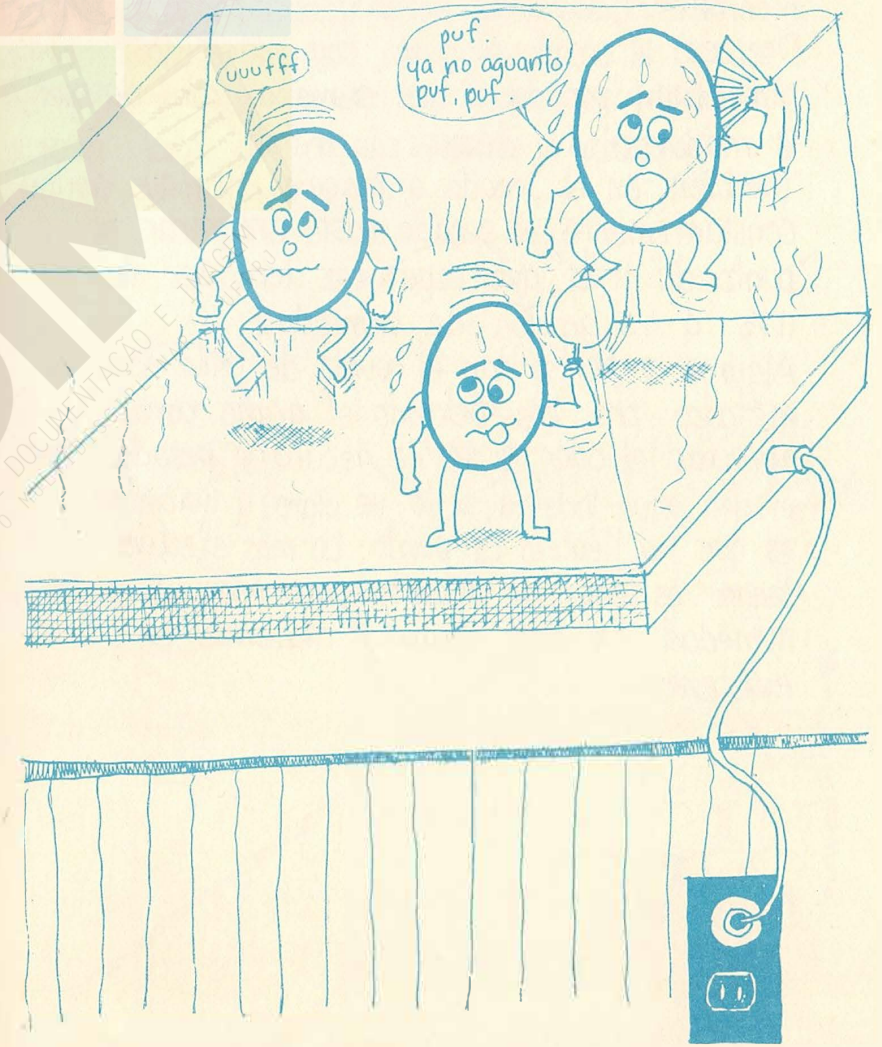
Hay dos maneras de secar el café:
Al puro sol, en patios de cemento o ladrillos o en lonas tendidas sobre el suelo, o en cajillas de malla o madera (secado natural) y a máquina (secado-artificial). En ambos sistemas es necesario vigilar cuidadosamente el proceso porque un ligero descuido es suficiente para que su café se demerite y usted pierda mucho dinero.
El secado a puro sol o secado natural es muy económico y seguro. Tenga cuidado de que el patio no tenga monte o huecos donde el café entre en contacto con la tierra; que los lugares de desagüe tengan sus cedazos en buenas condiciones para que en caso de lluvias pueda salir el agua pero no el café.



El secado en patios requiere de gente experimentada que conozca a fondo su trabajo. y que cuente con el equipo adecuado: rastrillos y palas de madera, carpas para cubrir los montones, etc.
Es conveniente que la primera capa se extienda muy delgada para que escurra el agua antes de empezar la deshidratación del grano, pero a medida que va avanzando la seca, el montón se hace mas grueso. Continuamente se está moviendo para evitar que unos granos se sequen más que otros.
Algunas veces se usa el patio para darle al café una media seca y pasarlo a terminar de secar en la máquina.
Otras veces el café continúa secandose hastra el grado de trillo en los patios y es mejor este secado.
Todo depende de la dimensión de los patios y de la producción de café. Un peligro muy grande es el que llueva cuando el café va llegando al punto de seca para trillo; debe de taparlo antes de llover. Todo cafetalero conoce los síntomas de lluvia de su zona y debe estar listo con juegos de carpas apropiadas para taparlo. Al menor síntoma de lluvia debe correr a recoger el café en montones y cubrirlo con carpas para evitar que se moje. Si lo sorprendió la lluvia y se le mojó el café debe estar listo a salvar su café.
El grano que está en la parte de arriba de los camellones contiene mucho menos agua que el de abajo. Separe las dos capas sin vacilación y extienda en camellones el café más oreado. El grano remojado hay que secarlo levantándolo con palos de madera a la altura de un hombre para que se ventile y escurra el agua. Cuando está suficientemente oreado tiéndalo en camellones los mas bajos posibles, no estime gastos en esta ocasión y salvará su lote de café.

secado a máquina

El secado a máquina o artificial es más rápido y más peligroso, la temperatura hay que mantenerla de 60 a 65 grados y procurar que el secado no sea muy rápido.

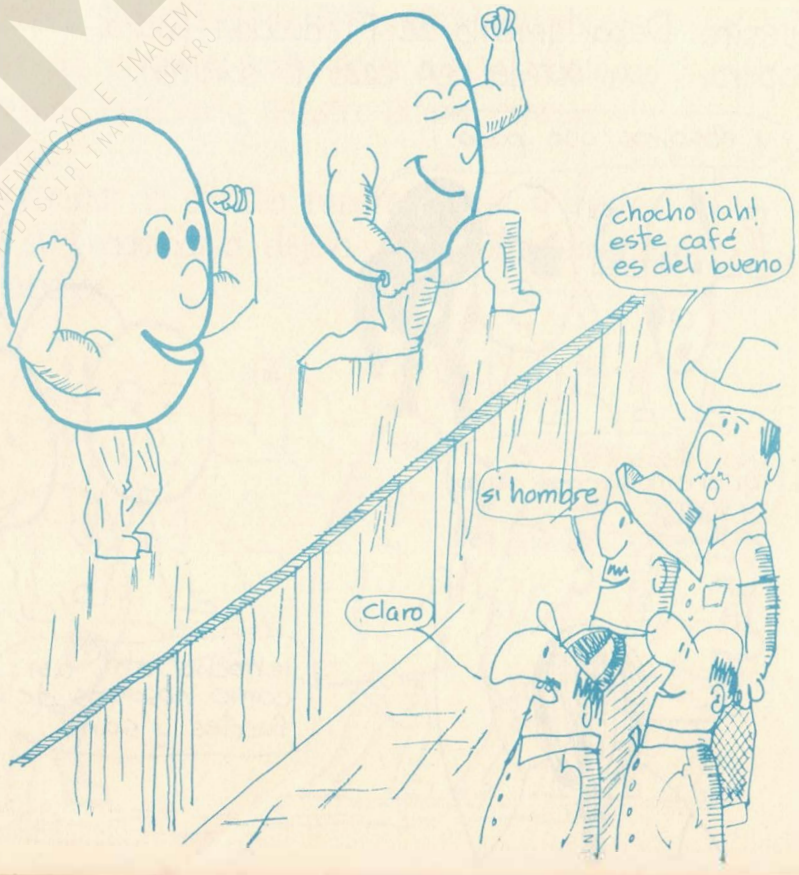


CEDIM
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E INFORMAÇÃO

Generalmente la máquina secadora de café, lo percibe ya oreado por los patios o máquinas pre-secadoras. Sea cuidadoso en revisar y exija que a su maquina no le pongan lotes de café que no tengan grado de seca uniforme.
Cuando el café va a ser oreado en patios y secado a máquina, es bueno amontonarlo después de oreado para que se estandarice el grado de seca. En el mismo patio se hacen montones todavía calientes y se tapan con lonas.
Después de secado el grano, hay quienes lo almacenan por dos o tres semanas para obtener la maduración y despues lo trillan.
También en el secado a máquina, hay que vigilar constantemente el secado hasta encontrar el "punto de trillo", que repetimos debe ser de 11½ a 12 grados de humedad.
Algunos expertos dan el punto de trillo con métodos prácticos, pelando el grano para apreciar el color, si se ve oscuro y pesado tiene mucha agua todavía, si lo ve claro y livianón es que ha llegado al punto. Lo más efectivo y seguro es tener un aparato para comprob r la humedad. De estos aparatos tenemos en existencia.

trillo

Esta es la última de las operaciones básicas en el procesamiento del café. El trillado tiene una gran importancia por dos razones:
Primero: Porque es la función que deja el grano. a la vista del comprador en su forma final, si las cuchillas del trillo no estan bien afiladas, lo puede quebrar, cortar o despuntar, reduciéndolo a la categoria de café imperfecto.
Segundo: Porque si esta operación no sale bien, se ha perdido gran parte de toda la cuidadosa y costosa labor que se ha venido realizando desde el corte.



CEDIM
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR - UFRRJ

escogido café oro

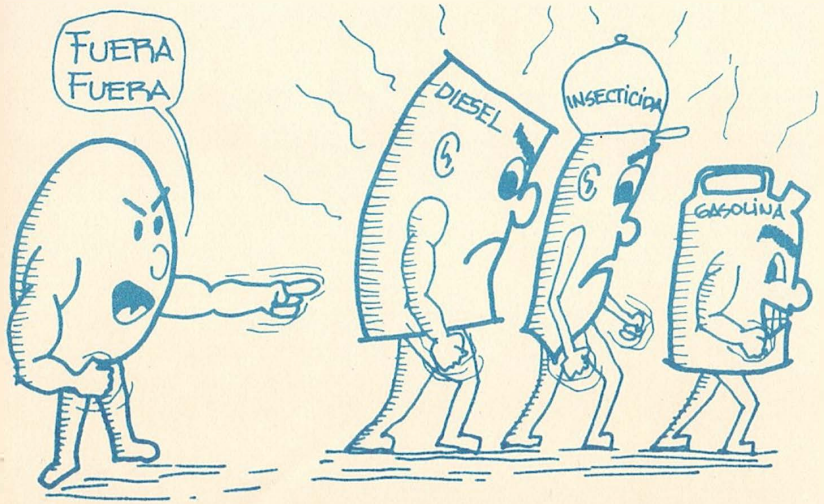
Hay varias formas en el escogido: El de cajón fijo, donde cada mujer tiene su cajón y va sacando el café los granos negros, podridos, manchados o quebrados etc.
El de banda, donde el café va pasando lentamente por la vista y manos de un grupo de mujeres que le quitan lo que ellas creen no es de primera.
El de máquinas electrónicas que le sacan al café principalmente los granos de color y otros defectos. Este sistema no es tan perfecto como el escogido a mano.
Nuestro Departamento de Producción podrá cooperar con ustedes en caso lo soliciten.





almacenamiento

El café se debe de mantener en un lugar ventilado, seco y seguro. Nunca debe de guardarse en lugares húmedos o en cuartos donde hayan mercaderías que despidan olores. El café es muy susceptible a percibir olores a queso, kerosene, perfume, diesel, insectisida, gasolina, cardamomo o cualquier otro producto que despida olor penetrante.
Una vez que el café haya absorbido cualquiera de estos olores, no lo suelta nunca y cuando sea catado en el laboratorio, se castigará el defecto.
Al enfardar el café para almacenarlo, si ha tenido que orearlo para poder bajar su porcentaje de humedad, espere que se enfríe porque si lo enfarda caliente con toda seguridad se le pondrá mohoso.
Antes de ponerle punto final a este folleto queremos brindarle nuestro último consejo. práctico.
Al terminar la cosecha repare, limpie y ajuste toda su maquinaria, déjela lista para comenzar a trabajar.



CEDIM
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR - UFRRJ

CONSTRUIR

VOZ DE TRABALHADORES — AÇÃO CATÓLICA OPERÁRIA (ACO)

ANO VIII – Nº 34 — ABRIL/MAIO DE 1986

ACO avalia sua caminhada

•

Posseiros x latifundiários

Cem anos do 1º de maio

Foi em 1886 que os trabalhadores da cidade de Chicago, nos Estados Unidos, realizaram uma greve geral pelo direito à jornada de trabalho de oito horas diárias. Naquele tempo os operários trabalhavam até 16 horas por dia, embora na Europa a jornada de oito horas já fosse lei desde 1866. A greve geral de Chicago foi duramente reprimida pela polícia, mas os trabalhadores não se amedrontaram e continuaram com o movimento. Numa das manifestações, uma bomba explodiu no meio da multidão, houve violenta intervenção policial e oito trabalhadores foram presos, sendo cinco deles enforcados como responsáveis pelas consequencias da explosão. Foram acusados de subversivos e assassinos. Os outros três foram processados, numa verdadeira palhaçada montada pelo governo. Estes oito companheiros ficaram conhecidos como os mártires de Chicago.

Mais tarde ficou provado que a bomba fora colocada por um rico comerciante, para incriminar os trabalhadores. Finalmente, no 1º de maio de 1890, foi promulgada a Lei instituindo a jornada de 8 horas. Foi uma grande vitória, uma demonstração da força que têm os trabalhadores unidos e organizados. O 1º de Maio ficou sendo então considerado como um dia de luta e luto, em memória dos oito de Chicago.

Transformado em Dia do Trabalho por governos de diversos países, o 1º de Maio teve o seu sentido disvirtuado por diversas vezes, servindo muito mais à demagogia dos políticos de que ao seu verdadeiro objetivo. Recuperado por trabalhadores de diversos países, este ano o 1º de Maio será celebrado dentro do seu verdadeiro sentido. Estaremos todos, trabalhadores do mundo inteiro, reverenciando a memória dos mártires de Chicago e de todos os outros companheiros que através do tempo têm dado suas vidas pela libertação da classe trabalhadora.



A nova política econômica

Visando aprofundar a discussão em torno do pacote econômico, publicamos neste número trechos do documento divulgado pela CUT, resultante da reunião de sua Direção Nacional, realizada alguns dias após a implantação da nova política. Publicamos também os depoimentos de dois sindicalistas: José Rodrigues (presidente da FETAPE-Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de Pernambuco) e de Messias Temudo (secretário do Sindicato dos Tecelões do Recife e membro da CGT). O professor Lauro de Oliveira, membro da Comissão de Justiça e Paz, nos traz algumas reflexões sobre o tema. Leia páginas 4 e 5.

Correspondente Operário



Favelados unidos defendem moradia



Os favelados começaram a concentração na Pracinha e, depois, foram ao BNH

O dia 25 de févereiro foi escolhido como o "Dia Nacional de Luta pela Moradia", por ser uma data marcada pela morte injusta de irmãos favelados da Vila Socó (localizada na cidade de Cubatão - São Paulo), vítimas do incêndio provocado pelos tubos da Petrobrás, que passavam naquela favela.

Este ano, em vários Estados do Brasil foram feitas manifestações em frente ao BNH, como protesto contra esta entidade, que tem todas as condições de resolver o problema de moradia dos brasileiros e, no entanto, tem adotado uma política que só o tem agravado.

Aqui no Recife moradores de mais de 50 favelas foram em passeata da Pracinha do Diário até o prédio do BNH, tomando conta da Conde da Boa Vista e interrompendo o trânsito por algumas vezes para apresentação de teatro, ciranda e discursos. As faixas e cartazes estampavam palavras sobre a vida, o sofrimento e as esperanças dos adultos e crianças que vivem nos morros, na lama, nos alagados, e que estão aprendendo no dia a dia que é preciso lutar, todos juntos, para mudar este mundo. Muitas pessoas levavam amostras de barracos, feitos de papelão ou madeira, conduzidos calmamente durante toda a passeata. Eles denunciavam de maneira muito forte as condições em que os favelados moram. Estes barracos foram colocados defronte ao prédio do BNH, para deixar na memória dos que ocupam o poder que o povo está cansado de ser enganado e que, por isso, luta para que haja justiça.

Neste mesmo dia, em Brasília, uma comissão formada por representantes da Bahia, Maranhão, São Paulo, Minas Gerais, Ceará e Pernambuco, tentou falar com o presidente José Sarney, para entregar-lhe um documento contendo uma breve apresentação do Movimento de Defesa dos Favelados (MDF) uma amostragem da situação dos favelados no Brasil de hoje e a apresentação de algumas propostas a serem encaminhadas. Mas Samey não recebeu a comissão.

O documento diz que "hoje, apesar das promessas da Nova República, continuamos sofrendo as maiores injustiças sociais, pois as mudanças prometidas não atingiram aos favelados, visto que não existe uma política nacional voltada para os interesses dos mais pobres e que resolva de uma vez por todas os grandes problemas da habitação, saúde, educação, trabalho, transporte etc. O BNH não cumpre suas promessas e tem desviado o dinheiro para outras finalidades, cobrindo rombos de outros setores da economia com os recursos dos trabalhadores.

PROPOSTAS

Entre as propostas que o MDF apresentou ao presidente encontram-se estas: legalização imediata das favelas com urbanização e saneamento, com 20% dos orçamentos municipais e estaduais destinado para reconstrução dos barracos, a ser feita pelos próprios favelados; mudanças no sistema financeiro da habitação, privilegiando os desempregados e os trabalhadores de baixa renda; criação de empregos e frentes de trabalhos coordenadas pelas entidades representativas dos favelados; casa por casa, nos casos de transferência por causa de obras públicas ou em casos de perigo; tarifa mínima de água e luz; encontro com o presidente e com ministros das seguintes áreas: economia, planejamento, urbanização e reforma agrária; reconhecimento das organizações dos favelados pelos poderes públicos, mantendo-se sua autonomia.

O documento termina esclarecendo que é muito importante a luta por uma verdadeira reforma agrária pois ela "fará diminuir o êxodo rural para as grandes cidades, criando empregos e melhoria de vida para todos".

CONSTRUIR *é uma publicação da Ação Católica Operária (ACO)*
Rua Gervásio Pires, 404, Boa Vista, Recife, PE. CEP: 50.000
Jornalista Responsável: *José Maria de Andrade*
Elaborado: *por trabalhadores filiados à ACO.*
Redação Final/Diagramação/Ilustração/Composição: *Equipe de Comunicação Sindical (ECOS)*
Impressão: *Liber Gráfica e Editora Ltda.*
Tiragem: *3.000 exemplares*
ANO VIII, Nº 34, ABRIL/MAIO DE 1986

Nova Central sindical veio pra confundir

Em reunião realizada no Rio de Janeiro, nos dias 1 e 2 de fevereiro último, movimentos e serviços da Igreja ligados ao mundo do trabalho elaboraram um documento provisório de estudo, para informar aos militantes de base, bem como ao conjunto da Igreja e do movimento social, a respeito das preocupações surgidas com a implantação de uma nova tendência sindical no Brasil: a Central Latino-Americana de Trabalhadores (CLAT).

A CLAT já atuava no País antes de 1964, através de vinculação com algumas federações e entidades sindicais e, principalmente, com os Círculos Operários Católicos. Com o golpe militar a CLAT se desvencilhou destas entidades. Em 1981 ela volta a atacar, criando o IPROS (Instituto de Promoção Social) com sede em São Paulo. Já em dezembro de 1985, ele criou, no Rio de Janeiro, uma nova estrutura: a Coordenação Autônoma dos Trabalhadores (CAT) que tem o objetivo de atuar em bloco como tendência dentro das duas principais centrais sindicais existentes no País (de preferência na CUT).

Segundo o documento, a CLAT não faz uma análise completa da realidade latino-americano, a partir da localização das causas fundamentais da situação em que vive o Continente. Faz uma descrição, com fortes denúncias, sem no entanto precisar as causas fundamentais e estruturais. Sua "análise" tem como eixo a crítica ao marxismo, equilibrada com certa dose de crítica à sociedade capitalista.



TÁTICAS

Para conseguir aproximação com pessoas e entidades do movimento sindical e popular, a CLAT oferece assessoria (cursos, acompanhamentos e seminários de estudo), apoio financeiro (salários altos para pessoas que se liberem ou financiamento à propria entidade) e oferece ainda viagens de intercâmbio sindical para o exterior. Visando ampliar suas bases, ela tem procurado manter contato e buscado o apoio de pessoas e entidades da Igreja, nos mais diversos níveis, desde movimentos de base até a CNBB e o CELAM. Conforme o documento, outra coisa muito estranha e significativa na tática desta central é o seu namoro com setores do movimento sindical que têm uma prática claramente reacionária e anti-operária. Os famosos pelegos.

O documento diz ainda que "toda a caminhada dos cristãos brasileiros ao longo de todos esses anos não pode ser ignorado nem trocado pelo canto de sereia de quem, desde gabinetes internacionais e praticamente ausente de toda essa caminhada, se arvora agora em construtor de espaços de articulação dos cristãos. Entendemos que o processo da implantação da CLAT no Brasil é um desrespeito e uma violência a toda essa caminhada comum aos cristãos brasileiros".

Encontro Estadual da Conclat

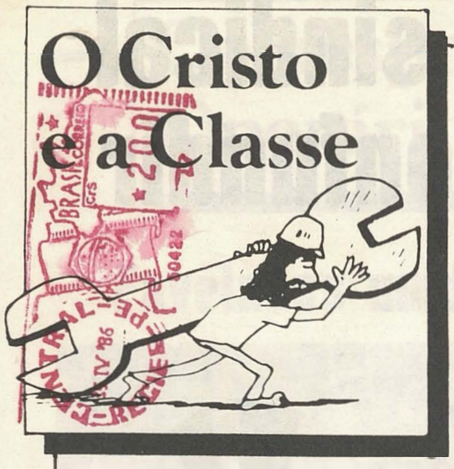
Situação nacional, questão sindical e plano de lutas dos trabalhadores para 1986 foram os três temas dos debates travados durante o Encontro Estadual da Conclat/ Pernambuco, realizado no dia 2 de março de 1986, no Sindicato dos Tecelões, no Recife. Participaram cerca de seiscentas pessoas, que aprovaram algumas resoluções entre as quais se destacam:

Na questão nacional: apoio às medidas de congelamento de todos os preços; promoção de debates nos sindicatos sobre a constituinte; defesa da estabilidade, da escala móvel com reajuste salarial a cada 5% de crescimento da inflação; moratória da dívida externa; reforma agrária ampla, massiva e imediata; defesa das empresas estatais e participação dos funcionários no seu controle.

Na questão sindical: defesa da autonomia sindical com manutenção da unicidade sindical; imposto sindical controlado pelos trabalhadores; amplo direito de greve; repúdio à Convenção 87 da OIT, por levar ao enfraquecimento das lutas dos trabalhadores e à divisão das entidades sindicais.

Plano de lutas: realização de um dia nacional de mobilização pela moratória da dívida externa; apoio às lutas do povo da Nicarágua; apoio a luta pelo desarmamento, pela paz e contra as guerras.

O Cristo e a Classe



Terra de Deus, terra de irmãos

A Terra. Em primeiro lugar, terra é **vida**! É este chão abençoado e fecundo, do qual o lavrador nos arranca o pão de cada dia. Neste país dos absurdos, 70% dos alimentos consumidos pela população são produzidos pelos pequenos agricultores. Agora, os pequenos propietários, 91%, só recebem 10% de toda ajuda financeira do governo. Os grandes proprietários, 2% apenas, ficam com 75% do crédito para produzir soja, café, carne, cana e mandioca, destinados à exportação ou aos projetos energéticos (álcool para carro). Imaginem só: menos de um e meio por cento (1,2%!) dos propietários rurais, que possuem de 1000 hectares pra lá, ocupam mais da metade de todas as terras boas de plantar, 55,8% =latifúndios! Enquanto isso, mais da metade das pequenas propriedades (50,4%), com menos de 10 hectares, ocupam os minguados 2,5% das terras de plantio.

É por isso que esta terra imensa e fértil, "onde em se plantando, tudo dá", o Brasil, é, ao mesmo tempo, o 4º exportador mundial de alimentos e 6º país onde existe mais fome no mundo. Dá pra entender?... Aí, o pequeno agricultor, transformado em bóia-fria (12 milhões), ou simplesmente desempregado (10 milhões), vem inchar a periferia das cidades: 43 milhões de brasileiros em idade de trabalhar, estão sem emprego, sem salário, sem coisa nenhuma... Dependendo do seu grau de resistência ou paciência, mais cedo ou mais tarde, marido, mulher, filhos, filhas, maiores e menores, vão descambando para o vigarismo, a droga, a prostituição, a delinquência, se não quiser viver simplesmente pedindo esmola. Quem não pode viver como gente, vive como bicho, que de fome é que ninguém quer morrer. Já pensou, 36 milhões ganham menos de 2 salários mínimos e 16 milhões, menos de 1 (um)! Agora me diga, quem vai poder comprar terreno, construir casa, pagar aluguel, quando não se tem nem para comer?...

Terra, em segundo lugar, é o bendito chão dos nossos lares, terra pra se morar, que nos ares é que ninguém vive. Enquanto isso, nas barbas do povo, quantos terrenos desocupados, pertencentes a grandes senhores, à espera de preço, de altos negócios... O governo, pressionado pelo clamor das multidões, acena timidamente com alguma coisa parecida com **Reforma Agrária ou Reforma do Solo Urbano**. O povo cria esperanças e, como já não aguenta esperar, vai ocupando terras e terrenos de que necessita para plantar ou morar... Os poderosos, inconformados, armam capangas ou conseguem polícia para defender a "propriedade privada", quer dizer o privilégio de uns poucos possuirem quase toda a terra enquanto a grande maioria fica quase sem nada. Só em 1985, mais de 200 assassinatos de agricutores, sindicalistas, advogados e até padre e freira.

O CRISTO – Alguém duvida ainda que Ele esteja sendo crucificado na pessoa dessa gente sem terra, sem casa, sem pão, sem sossego? Só se Ele não fosse o Filho do Deus de Abraão, de Moisés, dos Profetas, o Deus dos oprimidos de todos os tempos! Só se Ele não fosse o Bom Pastor, que dá a vida pelas suas ovelhas, que enfrenta os lobos e desmascara os mercenários que se vendem aos interesses dos que devoram o povo (João 10,11-16). O Cristo, sim, Aquele que os Apóstolos anunciaram Ressuscitado! Porque o Pai do Céu estava de acordo com seu projeto de vida e de mundo, o Reino de Deus, a Terra Nova da Fraternidade.

E dos que creram no seu Nome e entraram na sua jogada se diz que "pensavam e sentiam do mesmo modo. Ninguém dizia que as coisas que possuia eram somente suas, mas todos repartiam uns com os outros tudo o que tinham... Não havia entre eles nenhum necessitado, pois vendiam suas terras ou suas casas, traziam o dinheiro e o entregavam aos apóstolos. E cada um recebia uma parte, de acordo com a sua necessidade" (Atos 4,32.34-35)

A CLASSE – portadora privilegiada do projeto de uma nova sociedade, igualitária, justa, fraterna, humana, divina, quanto precisa do testemunho dos trabalhadores cristãos !... Nesse tempo de **Quaresma**, tempo de assumir com mais garra a **Cruz** de Cristo, seu Projeto, sua luta, seu sacrifício, quanto é importante comungar com toda a Igreja do Brasil e encontrar formas concretas de fazer valer no vazio de todos os latifúndios ou no aperto de todas as favelas, o lema da Campanha da Fraternidade: TERRA DE DEUS, TERRA DE IRMÃOS!

(Reginaldo Veloso)



CONVITE

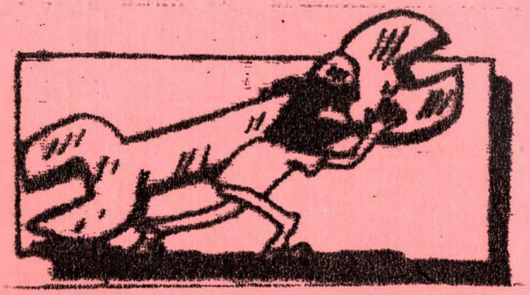
1º DE MAIO DE 1885

ATO ECUMÊNICO
DOS TRABALHADORES CRISTÃOS

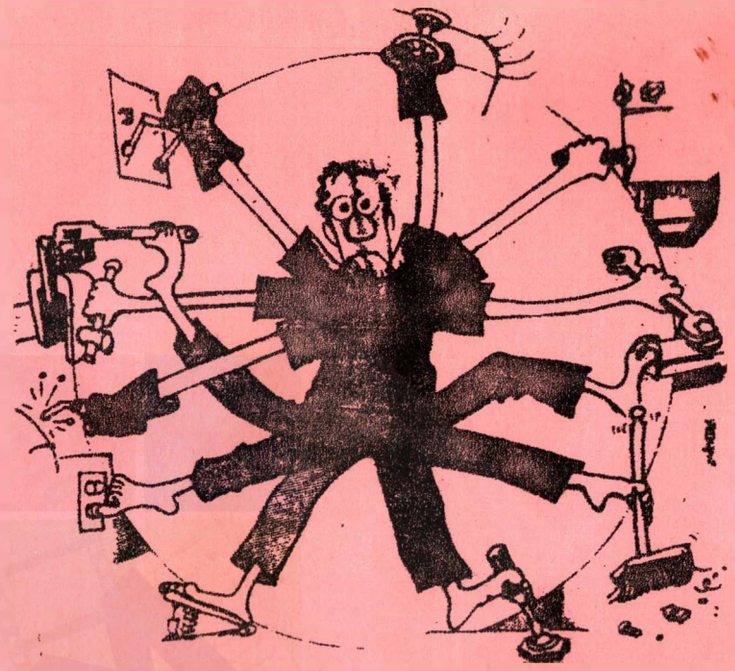
* às 9.00 hs no Salão da Catedral de Santo Antonio
* logo após, às 10.30 hs - Tribuna Livre

VAMOS COMEMORAR O 1º DE MAIO:

* agradecendo a Deus o caminho percorrido,
  as ações no local de trabalho,
  as campanhas salariais,
  as chapas sindicais em formação:..
* preparando novos passos com fé
  amor
  esperança



COMISSÃO DIOCESANA DE PASTORAL OPERÁRIA
Rua Capitão Chaves, 60
26.000 - NOVA IGUAÇU - RJ



1º DE MAIO

PEQUENO HISTORICO

Trata-se da greve dos trabalhadores dos Estados Unidos da América do Norte que explodiu no dia 1º de maio de 1886 para conquistar uma jornada de apenas 8 horas de trabalho. A greve continua no dia seguinte. No dia 3, a polícia assassina vários operários diante da fábrica Mac Cormick. No comício do dia 4, morte de vários operários e prisão dos líderes. 5 deles foram julgados e enforcados no dia 11 de novembro de 1887.

Hoje a luta continua dentro de uma nova realidade que não modificou em quase nada a situação dos trabalhadores.
E qual a situação do TRABALHADOR HOJE?
Desemprego, inflação, redução dos salários...
Nestes últimos 20 anos os trabalhadores, apesar do longo período de repressão conseguiram aumentar sua participação e fortalecer suas organizações de luta.

VAMOS COMEMORAR JUNTOS TODAS ESTAS LUTAS
DOS TRABALHADORES DE ONTEM E DE HOJE

POR MAIS VIDA... MAIS DIGNIDADE... MAIS PARTICIPACÃO

CONVITE

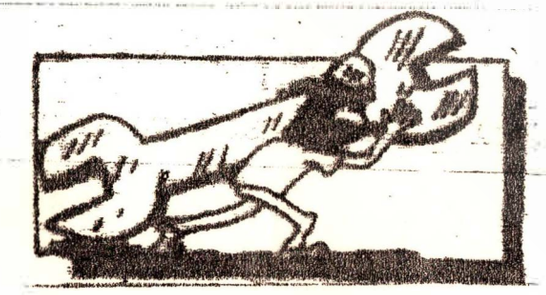
1º DE MAIO DE 1885

ATO ECUMÊNICO
DOS TRABALHADORES CRISTÃOS

* às 9.00 hs no Salão da Catedral de Santo Antonio
* logo após, às 10.30 hs - Tribuna Livre

VAMOS COMEMORAR O 1º DE MAIO:

* agradecendo a Deus o caminho percorrido,
  as ações no local de trabalho,
  as campanhas salariais,
  as chapas sindicais em formação...
* preparando novos passos com fé
  amor
  esperança



COMISSÃO DIOCESANA DE PASTORAL OPERÁRIA
Rua Capitão Chaves, 60
26.000 - NOVA IGUAÇU - RJ



1º DE MAIO

PEQUENO HISTORICO

Trata-se da greve dos trabalhadores dos Estados Unidos da América do Norte que explodiu no dia 1º de maio de 1886 para conquistar uma jornada de apenas 8 horas de trabalho. A greve continua no dia seguinte. No dia 3, a polícia assassina vários operários diante da fábrica Mac Cormick. No comício do dia 4, morte de vários operários e prisão dos líderes. 5 deles foram julgados e enforcados no dia 11 de novembro de 1887.

Hoje a luta continua dentro de uma nova realidade que não modificou em quase nada a situação dos trabalhadores.
E qual a situação do TRABALHADOR HOJE?
Desemprego, inflação, redução dos salários...
Nestes últimos 20 anos os trabalhadores, apesar do longo período de repressão conseguiram aumentar sua participação e fortalecer suas organizações de luta.

VAMOS COMEMORAR JUNTOS TODAS ESTAS LUTAS
DOS TRABALHADORES DE ONTEM E DE HOJE

POR MAIS VIDA... MAIS DIGNIDADE... MAIS PARTICIPAÇÃO

A LUTA CONTINUA

Construção civil: os trabalhadores estão se organizando para a campanha sindical. As eleições serão em março de 86, mas é importante desde já se sindicalizar e se organizar. Há grupos de trabalhadores em alguns locais da diocese. Toda quinta-f.,às 19.00 hs, uma comissão se reune rua Senador Dantas 117 sala 1518 Procure se informar e participar da luta.

Domésticas: chegou a vez de também as domésticas se organizarem e lutarem. Rua Otávio Tarquínio, nº 54 sala 217, funciona a sede da Associação das domésticas de Nova Iguaçu.

Comerciários: vão ter eleições em agosto de 85. Já estão se preparando para lançar uma chapa de oposição. Se reunem todas as quintas-feiras, 19 hs na sede do CEP, em cima da Binoca, travessa Renato Pedrosa.

Campo Alegre: desempregados e camponsess sem terra estão vendo concretamente como enfrentar o desemprego e a fome. Estão fazendo sua reforma agrária, plantando e colhendo em terras que estavam sem uso. Informações na Cáritas ou no próprio acampamento em Campo Alegre. Há outros mutirões também.

Metalúrgicos: houve eleições no ano passado, com várias chapas. Mas dos 180.000 metalúrgicos, apenas 9.000 votaram.

Companheiro, estas são apenas algumas lutas da sua classe. Venha contar as de sua categoria!

Companheiro, não perca as comemorações deste dia internacional de luta da classe operária!

SUGESTÕES PARA UMA CELEBRAÇÃO NA SUA PARÓQUIA OU COMUNIDADE

- Convidar os trabalhadores: homens, mulheres, jovens crianças,aposentados, encostados, desempregados...
- Escolher bons cantos.
- Contar ou dramatizar a história do 1º de maio.
- convidar cada um dos participantes a dizer suas lutas e esperanças, sua organização.
- comemorar os trabalhadores da cidade ou do campo mortos em acidente ou assassinados.
- Ler ou dramatizar algum trecho bíblico escolhido antes ou lembrado pelos participantes.
- Fazer orações espontâneas.
- Usar e comentar os cartazes da Campanha da Fraternidade.
- Abrir um pequeno debate, com alguma perguntas, por exemplo:
  * você é sindicalizado ? Por quê?
  * já ouviu falar da mudança do sindicato no Brasil ?
  * a participação do trabalhador na vida da nação é suficiente ? Uma nova Constituição poderia ajudar ?
- Preparar também o local da celebração.

MÃOS À OBRA, COM A GRAÇA DO ESPÍRITO SANTO !

DIOCESE DE DUQUE DE CAXIAS



PASTORAL DA ESPERANÇA

C E L E B R A Ç Ã O

DA ESPERANÇA NA RESSURREIÇÃO

1 - ABERTURA

DIRIGENTE 1: Em nome do Pai...

TODOS: AMÉM!

DIRIGENTE 1: Irmãos, que a graça e paz de Deus nosso Pai esteja em cada um de vocês, assim como, neste momento, Jesus está no meio de nós, pois Ele mesmo nos disse: "Onde dois ou mais estiverem reunidos em meu nome, aí eu estou" (Jo16,24)

TODOS: BENDITO SEJA DEUS QUE NOS REUNIU NO AMOR DE CRISTO.

2 - ATO PENITENCIAL

D2: - Para que a nossa oração por nosso(a) irmão(ã) seja sincera e manifeste a nossa busca de vida em Deus e de fraternidade com os irmãos, façamos o nosso exame de consciência. (Fiquemos um minuto em silêncio...)

D2: - Confessemos os nossos pecados...

TODOS: Confesso a Deus todo poderoso/ e a vós irmãos/ que pequei muitas vezes/ por pensamentos e palavras/ atos e omissões/ por minha culpa/ minha tão grande culpa. E pe-

ço à virgem Maria/ aos Anjos e Santos/ e a vós irmãos/ que rogueis por mim a Deus Nosso Senhor/ AMÉM!

3 - SALMO DA ESPERANÇA (O ministro escolhe um dos salmos de esperança: 19, 24, 26, 32, 60, 90, 129)

D1: - Após cada estrofe, queiram repetir juntos:

TODOS: PAI, EM TUAS MÃOS COLOCAMOS A NOSSA ESPERANÇA!

4 - PROCLAMAÇÃO AO EVANGELHO (Todos repetem o Refrão)

D2: - A esperança que vive em mim/ É que um dia verei a Deus./ Contemplá-lo com os olhos meus é a felicidade sem fim.

1 - O sentido de todo viver/ eu encontro na fé e no amor./ Cada passo que eu der/ será buscando o meu Senhor.

TODOS: REFRÃO - A ESPERANÇA QUE...

2 - Peregrinos nós somos aqui/ construindo morada no céu/Quando Deus chamar a si/ quem foi na terra amigo Seu.

TODOS: REFRÃO - A ESPERANÇA QUE...

5 - LEITURA DO EVANGELHO JOÃO 20,24-29

D1: - O Senhor esteja conosco!

TODOS: ELE ESTÁ NO MEIO DE NÓS!

D1: - Evangelho de Jesus Cristo narrado por João.

TODOS: GLÓRIA A VÓS SENHOR!

D1: - Naquele tempo, um dos doze, chamado Tomé, não estava com os discípulos quando veio Jesus. Os outros discípulos disseram-lhe: "Vimos o Senhor". Mas êle replicou-lhes: "Se não vir nas suas mãos o sinal dos pregos, e não puser o meu dedo no lugar dos pregos, e não introduzir a minha mão no seu lado, não acreditarei!"Oito dias depois, estavam os seus discípulos outra vez no mesmo lugar e Tomé com êles. Estando trancada as portas, veio Jesus, pôs-se no meio deles e disse: "A paz esteja convosco!" Depois disse a Tomé: "Introduz aqui o teu dedo, e vê as minhas mãos. Pões a tua mão no meu lado. Não sejas incrédulo, mas homem de fé." Respondeu-lhe Tomé: "Meu Senhor, e meu Deus!" Disse-lhe Jesus: "creste, porque me viste. Felizes aqueles que crêem sem ter visto!"

D1: Palavra da Salvação!

TODOS - GLÓRIA A VÓS SENHOR!

OUTRAS SUGESTÕES: MC 12,25,27; RM 8,31-39; RM 6,8-4
MT 5,1-12; MT 25,31-46; Lc 7.11-17;
Jo 11,1-27

6 - REFLEXÃO FEITA PELO MINISTRO DA ESPERANÇA

7 - ORAÇÃO DOS FIÉIS

D2: - Irmãos, elevemos a Deus os nossos pedidos:

a) Por nosso(a) irmão(ã) falecido(a)... para que através de sua vida e nossas orações seja merecedor da MISERICÓRDIA DE DEUS, rezemos ao Senhor.

TODOS: SENHOR ATENDEI AS NOSSAS PRECES

b) Por todas as pessoas que tiveram algum desencortro com ... para que, neste momento de dor saiba perdoá-lo, como também perdoar os seus parentes, assim como Cristo perdoou a todos na Cruz, rezemos ao Senhor.

TODOS: SENHOR ATENDEI AS NOSSAS PRECES

c) Pelos parentes de... presentes ou ausentes a esta celebração para que compreendam cada vez mais o "sentido da Vida que começa com a morte" e procurem ter uma vida na justiça, honestidade, compreensão, partilhando com os mais pobres, rezemos ao Senhor;

TODOS: SENHOR, ATENDEI AS NOSSAS PRECES

(neste momento cada um faz a sua oração pessoal a Deus, em voz alta ou em silêncio)

D2: - Senhor, atendei estes pedidos se estiverem conforme a vossa vontade. PNSJC, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo.

TODOS: AMÉM

8 - PAI-NOSSO

D1: - Nosso(a) irmão(ã) teve oportunidade de escolher, seguir a Deus fazendo o bem ou de permanecer no mal. Rezemos este Pai-nosso para que cada um de nós descubramos que a nossa Salvação ou condenação depende também de cada um de nós. Rezemos:

TODOS: PAI NOSSO...

9 - MOMENTO DE ASPERÇÃO DA ÁGUA BENTA

D2: - Santos de Deus, vinde em seu auxílio, Anjos do Senhor correi ao seu encontro (aspergir o corpo)

TODOS: ACOLHEI SUA ALMA SENHOR!

D2: - Cristo te chamou e te receba. Os Anjos do Senhor te conduzam aos céus.

TODOS: ACOLHEI A SUA ALMA SENHOR!

D2: - Dai-lhe Senhor, o descanso eterno, e para ele brilhe sempre a vossa luz.

TODOS: ACOLHEI A SUA ALMA SENHOR!

10 - ORAÇÃO FINAL

D1: - OREMOS

- Em vossas mãos, Pai de Misericórdia, entregamos nosso(a) irmão(ã) ..... Na esperança de que ele seja merecedor da ressurreição com Cristo no último dia, e com todos os que no Cristo adormeceram.

Escutai em vossa misericórdia, as nossas preces: abri para ele(a) as portas da vida eterna e a nós, que aqui ficamos,' concedei que nos consolemos uns aos outros com as palavras da fé, até o dia em que nos encontraremos todos no Cristo.
P.N.O.J.C....
TODOS: AMÉM.
11 - ATO DE FÉ
D2: - Senhor, Pai todo poderoso, nós cremos que o vosso filho morreu e ressuscitou por nós.
TODOS: ESPERAMOS EM VÓS SENHOR!
D2: - Senhor, que sois doador da vida e da morte, vós nos remistes pela morte e ressurreição do vosso filho.
TODOS: ESPERAMOS EM VÓS SENHOR!
D2: - Senhor, em quem encontramos conforto e paz, em vós está o sentido da vida que começa com a morte.
TODOS: ESPERAMOS EM VÓS SENHOR!
12 - D1: O Senhor esteja convosco!
TODOS: ELE ESTÁ NO MEIO DE NÓS!
D1: - Abençoe-nos Deus todo poderoso: Pai, Filho, Espírito Santo.
TODOS: AMÉM.

FAVOR DEVOLVER ESTE FOLHETO

ELE SERÁ USADO EM OUTRAS CELEBRAÇÕES!

PARA PENSAR-:

- A morte não manda aviso. Será que, com esta morte você não está tendo a oportunidade de rever o seu compromisso com Deus através de sua Igreja?

- Procure a Igreja de sua comunidade e passe a frequentá-la assiduamente!

Elaboração experimental da Equipe de Pastoral da Esperança da Diocese de Duque de Caxias e São Joãc de Meriti, sob a Coordenação do Frei David.

DOM OSCAR ARNULFO ROMERO

SÃO PEDRO E SÃO PAULO
SÃO ROMERO DA AMÉRICA



D.OSCAR ROMERO: UM SANTO DE HOJE?

QUEM É ESSE TAL DE DOM ROMERO?

É UM SENHOR QUE NASCEU NO DIA DA ASSUNÇÃO DE MARIA, NO DIA 15 DE AGOSTO DE 1917.

NASCEU NUMA VILA DE CAMPONESES CHAMADO "BARRIOS" DO ESTADO DE SÃO MIGUEL, EL SALVADOR. FOI FEITO PADRE NO DIA 4 DE ABRIL DE 1942.

ENTÃO NÃO ERA BISPO?

CLARO! ELE ERA BISPO DESDE 21 DE JUNHO DE 1970

E POR QUE O CHAMAM "SÃO ROMERO"? JÁ, EM TÃO POUCO TEMPO SANTO? FAZ POUCO TEMPO QUE MORREU...

QUE ACHA, VELHO! VOCÊ CRÊ QUE É PRECISO SER ANTIGO PARA SER SANTO?

E ENTÃO O QUE NECESSITA?

A BÍBLIA DIZ QUE É PRECISO BUSCAR A PAZ E FAZER A JUSTIÇA PARA SER SANTO, POR ISSO, COM TODA RAZÃO O CHAMAMOS SÃO ROMERO. ALÉM DISSO, É UM MÁRTIR PORQUE O MATARAM PRECISAMENTE POR BUSCAR A PAZ E A JUSTIÇA.

O BISPO

D.ROMERO COMO MUITOS BISPOS TAMBÉM FOI ESTUDAR EM ROMA ANTES DE SER BISPO. EM 1975 SE ACHAVA EM SANTIAGO MARIA...ERA UM BISPO INTELIGENTE, CONSERVADOR!

QUE É UM BISPO CONSERVADOR?

AQUELE QUE FALA DE DEUS MAS NÃO QUER QUE AS COISAS MUDEM CONFORME ESTÁ NO EVANGELHO.

OU SEJA, AQUELE QUE APOIA E DIZ QUE TUDO ESTÁ BEM, MESMO QUE EXISTA A INJUSTIÇA, REPRESSÃO, A MORTE, EM UMA PALAVRA: O PECADO!

COMO? ME EXPLICA...

SIM, EM 1975 EM SANTIAGO MARIA ONDE ROMERO ERA BISPO, OS GRANDES MATARAM UM GRUPO DE CAMPONESES E ELE NÃO FALOU NADA A FAVOR DELES, AO CONTRÁRIO, APOIOU OS GRANDES.

E...PORQUE ENTÃO O ASSASSINARAM OS PODEROSOS?

BEM, JÁ EM 1977, AS COISAS JÁ ESTAVAM MUITO DIFÍCEIS, POR ISSO O NOMEARAM ARCEBISPO DE S.SALVADOR. OS GRANDES TINHAM MEDO QUE A IGREJA SE PUSESSE DO LADO DOS POBRES.

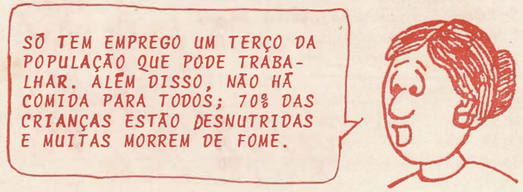
SE PENSOU NELE, UM BISPO ESPIRITUALISTA E CONSERVADOR. MAS...SE ENGANARAM!

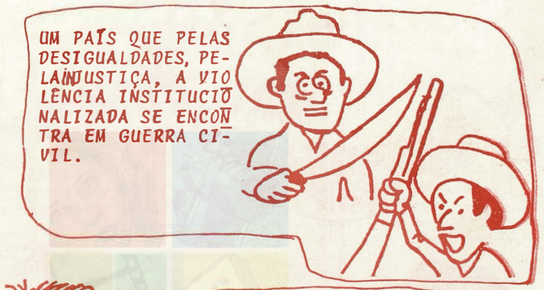
SIM, TINHA 20 DIAS DE ARCEBISPO QUANDO MATARAM UM JOVEM PADRE...E SE CONVERTEU:

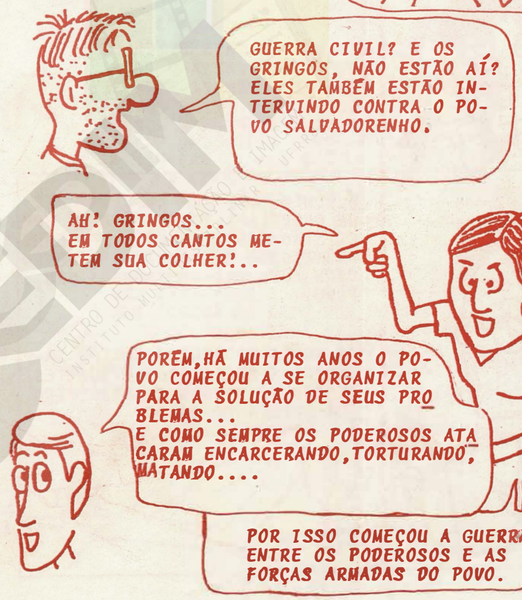
COMO QUE SE CONVERTEU?

SIM, MUDOU DE MODO DE PENSAR, DE VIVER E DE AMIZADES. TROCOU A RIQUEZA E O PODER PELOS POBRES E FRACOS; NADA MAIS. QUE ACHA?


EL SALVADOR
É O PAÍS MENOR DA AMÉRICA CENTRAL E O QUE TEM MAIS INDÚSTRIA.
A MAIORIA DO POVO SE DEDICA À AGRICULTURA. A TERRA ESTÁ MAL DIVIDIDA: 2% DA POPULAÇÃO TÊM 78% DA TERRA E OS OUTROS 98% TÊM SOMENTE 22% DA TERRA.


SÓ TEM EMPREGO UM TERÇO DA POPULAÇÃO QUE PODE TRABALHAR. ÁLÉM DISSO, NÃO HÁ COMIDA PARA TODOS; 70% DAS CRIANÇAS ESTÃO DESNUTRIDAS E MUITAS MORREM DE FOME.


UM PAÍS QUE PELAS DESIGUALDADES, PELA INJUSTIÇA, A VIOLÊNCIA INSTITUCIONALIZADA SE ENCONTRA EM GUERRA CIVIL.


GUERRA CIVIL? E OS GRINGOS, NÃO ESTÃO AÍ? ELES TAMBÉM ESTÃO INTERVINDO CONTRA O POVO SALVADORENHO.
AH! GRINGOS... EM TODOS CANTOS METEM SUA COLHER!..
PORÉM, HÁ MUITOS ANOS O POVO COMEÇOU A SE ORGANIZAR PARA A SOLUÇÃO DE SEUS PROBLEMAS... E COMO SEMPRE OS PODEROSOS ATACARAM ENCARCERANDO, TORTURANDO, MATANDO....
POR ISSO COMEÇOU A GUERRA ENTRE OS PODEROSOS E AS FORÇAS ARMADAS DO POVO.





SIM, ISSO E MAIS DIZEM OS PODEROSOS CONTRA O POVO QUE SE ORGANIZA PARA SE DEFENDER E LUTAR CONTRA TODA INJUSTIÇA E MORTE!



D. ROMERO NÃO ERA PRECISAMENTE UM GUERRILHEIRO. ELE ERA UM BOM CRISTÃO, QUE A EXEMPLO DE JESUS ANUNCIOU A BOA NOTÍCIA E DENUN CIOU TODO MAL QUE SOFRIA SEU POVO.

JÁ ANTES DE ROMERO MUITOS SA- CERDOTES, RELIGIOSOS E AGENTES LEIGOS SE TINHAM COMPROMETIDO COM A LUTA DO POVO.

A CONVERSÃO

TUDO SE INICIOU DIA 12 DE MARÇO DE 1977 QUANDO ASSASSINA RAM Pe. RUTÍLIO GRANDE POR CONSCI- ENTIZAR OS SEUS PAROQUIANOS.



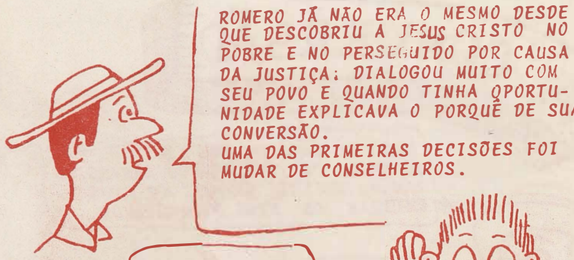
CONTINUE, JERÔNIMO, ISSO ME ESTÁ INTERES SANDO.



POIS NO VE- LÓRIO HAVIA MUITOS CAMPONESES, MUITA GEN- TE SIMPLES... ALI ELE TEVE UM CONTATO DIRE- TO COM O POVO QUE SOFRE.

INTEIROU-SE DE TU- DO QUE HAVIA POR TRAZ DA MORTE DE Pe. RUTÍ- LIO. SOUBE DOS 5 ANOS QUE LEVAVA AO LADO DOS POBRES LU- TANDO PELA TERRA, APOIANDO QUEM DEFENDIA O PO VO, INCLUSIVE COM AS AR MAS. ESSA MOR- TE LHE ABRIU OS OLHOS!





ROMERO JÁ NÃO ERA O MESMO DESDE QUE DESCOBRIU A JESUS CRISTO NO POBRE E NO PERSEGUIDO POR CAUSA DA JUSTIÇA: DIALOGOU MUITO COM SEU POVO E QUANDO TINHA OPORTUNIDADE EXPLICAVA O PORQUÊ DE SUA CONVERSÃO.
UMA DAS PRIMEIRAS DECISÕES FOI MUDAR DE CONSELHEIROS.

CONSELHEIROS?

SIM, UM BISPO TEM SEUS ASSESSORES E ELE FORMOU UMA EQUIPE COM GENTE QUE APOIAVA OS POBRES.



TEM MAIS, EXIGIU DO GOVERNO EXPLICAÇÃO E INVESTIGAÇÃO SOBRE A MORTE DE Pe. RUTÍLIO, A D. ROMERO CHAMARAM PARA NEGOCIAR EM SEGREDO, MAS ELE NÃO FOI E DECIDIU FECHAR-LHES A CATEDRAL.



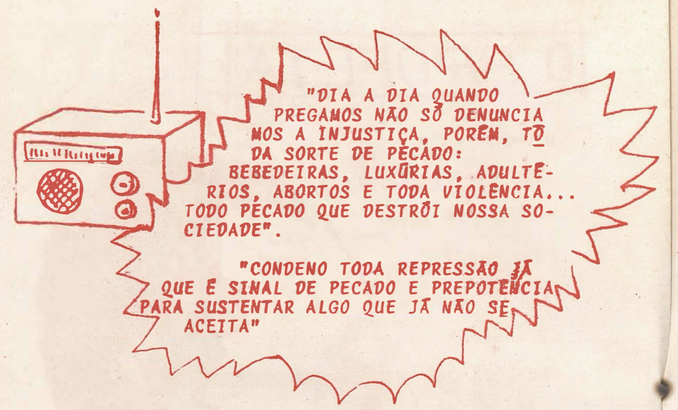
"A CATEDRAL É A CASA DO POVO E NA CASA DO POVO NÃO ENTRAM OS QUE MASSACRAM O POVO".

O PROFETA

O POVO ERA O MAIS IMPORTANTE PARA OSCAR ARNULFO ROMERO: "O POVO É O MICROFONE DE DEUS, JÁ QUE PODEM CALAR UM BISPO, PORÉM, OS GRITOS DE LIBERDADE DO POVO, JAMAIS!



D. ROMERO ANUNCIOU A ESPERANÇA DE LIBERDADE AO POVO QUE SOFRE A OPRESSÃO DE 14 FAMÍLIAS DONAS DE EL SALVADOR; E DOS MILITARES QUE DOMINAM O PAÍS. PROFETIZOU A TERRA NOVA E UM MUNDO DE IRMÃOS: ELE NÃO ESTAVA DE ACORDO COM A GUERRA MAS VIA QUE NESTE MOMENTO NÃO HAVIA OUTRO CAMINHO.





PALAVRA SUAVE COMO A BRISA QUE DÁ ESPERANÇA DE IR CARREGANDO A CRUZ ATÉ A LIBERDADE, PALAVRA QUE DENUNCIA ABERTAMENTE OS DANOS QUE CAUSAM OS PODEROSOS E OS QUE INTERVEM DE FORA DO PAÍS, PALAVRA QUE EXIGE RISCO, DESAFIA A VIVER O EVANGELHO ATÉ SUAS ÚLTIMAS CONSEQÜÊNCIAS, SUA PALAVRA MORA EM CADA LATINO-AMERICANO.







"EM NOME DE DEUS, ENTÃO, E EM
NOME DESTE SOFRIDO POVO,
CUJOS LAMENTOS SOBEM
ATÉ O CÉU CADA DIA MAIS FORTES
LHES SUPLICO,
LHES ROGO,
LHES ORDENO,
EM NOME DE DEUS,
CESSE A REPRESSÃO!!!"

O PASTOR

"EU VIM PARA QUE TENHAM VIDA EM ABUNDÂNCIA. O BOM PASTOR DÁ A VIDA POR SUAS OVELHAS" (Jo.10,10)

D.ROMERO ERA A VOZ DE MUITOS SALVADORENHOS QUE NÃO PODIAM FALAR, EXIGIR, DENUNCIAR...



ELE DIZIA: "COM UM POVO QUE LUTA COMO ESTE, NÃO CUSTA SER BOM PASTOR". E PEDIA A SUAS OVELHAS "QUE TOMASSEM A VIOLÊNCIA DO AMOR, NÃO DO ÓDIO" COMO PASTOR SABIA QUE ESTAVA OBRIGADO POR MANDADO DIVINO A DAR A VIDA POR QUEM AMAVA (Jo.15,13), E A DEFENDER A VIDA DE SUAS OVELHAS. DEUS É O ÚNICO DONO DA VIDA E ANTES DE QUALQUER ORDEM DE MATAR ESTÁ A LEI DE DEUS E MAIS IMPORTANTE: "NÃO MATAR"!



D.ROMERO, PASTOR QUE BUSCOU A UNIDADE, ASSIM O EXPRESSOU MINUTOS ANTES DE SEU ASSASSINATO: DEUS QUER SALVAR TODO O POVO EM COMUNIDADE. A COLETIVIDADE É O QUE DEUS QUER.

O MÁRTIR

MARÇO 1977 — 3 ANOS — MARÇO 1980



TRÊS ANOS DE PREGAÇÃO CONTÍNUA DE LUTA E DENUNCIA AO LADO DOS POBRES E OPRIMIDOS DE EL SALVADOR.

QUE CURIOSO,NÃO? TRÊS ANOS COMO JESUS.

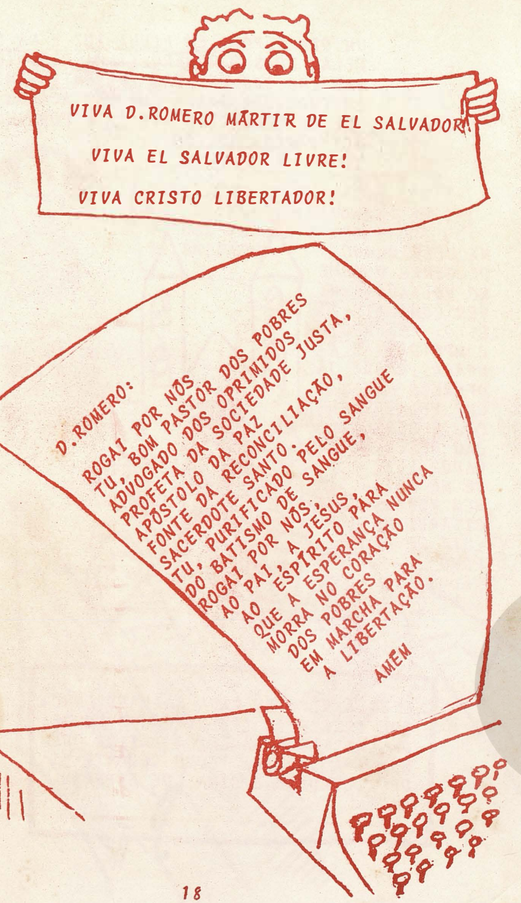


UM DIA DEPOIS,EM PLENA LUZ E NA PRAÇA, PELAS RUAS D.ROMERO TINHA RESSUSCITADO NAS 200.000 PESSOAS PRESENTES EM SEU ENTERRO.UMA MISSA QUE NÃO ACABOU PORQUE OS PODEROSOS ATACAM O POVO;HOUVE ALI VÁRIOS MORTOS...

NAQUELE MUNDO DE GENTE D.ROMERO VOLTAVA A VIVER COMO TINHA DITO: "SE FOREM CUMPRIDAS AS AMEAÇAS,DESDE JÁ OFEREÇO MEU SANGUE PELA REDENÇÃO E RESSURREIÇÃO DE EL SALVADOR... SE ME MATAREM RESSUSCITAREI NA LUTA DE MEU POVO".



E ESTÁ VIVO EM CADA SALVADORENHO QUE LUTA PELA LIBERTAÇÃO E EM CADA CRISTÃO DA AMÉRICA LATINA QUE BUSCA A JUSTIÇA COMO SEMENTE DE LIBERDADE E SINAL DE ESPERANÇA".



D. ROMERO, GRITE, GRITE; CONTINUI GRITANDO QUE CESSE A REPRESSÃO, PORQUE OS PODEROSOS DO PAÍS E OS GRINGOS QUEREM ACABAR COM MEU POVO.



FOLHETO FEITO EM TEHUANTEPEC, OAX-MÉXICO - TRADUÇÃO E IMPRESSÃO
C.E.P.F - FR. TITO de ALENCAR

"EU VI A HUMILHAÇÃO DE MEU POVO NO EGITO E ESCUTEI OS SEUS GRITOS AO SEREM MALTRATADOS. EU CONHEÇO OS SEUS SOFRIMENTOS; DESCI PARA LIVRAR A MEU POVO DA OPRESSÃO DOS EGÍPCIOS E PARA LEVÁ-LO A UM TERRA GRANDE E FÉRTIL, A UMA TERRA QUE DÁ LEITE E MEL.

O CLAMOR DOS FILHOS DE ISRAEL CHEGOU ATÉ MIM E EU VIA OPRESSÃO A QUE A QUE EGÍPCIOS OS SUBMETEM".

(Êx: 3,7-9)



MONSENHOR
OSCAR
ARNULFO
ROMERO
SÃO ROMERO
da
AMÉRICA
LATINA

el tayacán

Año 5, No. 211. Managua, Nicaragua Libre C$30.00

NUMERO ESPECIAL

UNA BUENA NOTICIA PARA VOS





PRESENTACION

Amigo lector de EL TAYACAN, ya sólo falta un mes para el Congreso Eucarístico. Nuestros pastores, con gran acierto,nos exhortan a prepararlo con un tiempo fuerte de Evangelización. Muchas comunidades cristianas nos han pedido ayuda para esto.

Las comunidades echan de menos una guía que se pueda poner en manos de todos. Existe una serie de temas, pero que están hechos sólo para quienes dirigen las reuniones. El folleto que hoy ponemos en tus manos es para todos los miembros de nuestras comunidades cristianas. Aunque este material tiene sus limitaciones, creemos que les será útil.

Todo él está inspirado en la Palabra de Dios.

¿Cómo utilizar este folleto?

1 .- A nuestro pueblo le gusta preparar con una novena las grandes fiestas del Señor, de María o de los Santos. Por eso les proponemos preparar con una **novena de Evangelización** la gran fiesta del Congreso Eucarístico. Creemos que la forma mejor de hacerlo sería en **nueve días seguidos.** Cada comunidad podría escoger cuándo empezaría su novena eucarística.

2 .- Si hubiera algún inconveniente de celebrarlo en días seguidos, también se podría hacer reuniéndose **dos veces por semana.** Si empiezan esta misma semana,tendrían el tiempo justo.

3 .- Estos temas **no** están hechos para que uno que es más estudiado se los explique a la comunidad. Todos tenemos el Espíritu Santo que nos ilumina. Por eso los temas son para ser reflexionados **en grupos. Con la participación de todos,** como suelen hacer ustedes en sus reuniones de comunidad.

4 .- **Las citas de la Biblia** que aparecen en cada tema, **no son para leerlas todas en una reunión.** El que quiera puede leerlas todas en su casa para **preparar la reunión.** Cada grupo puede escoger los textos que más le ayuden a su reflexión.

5 .- Es importante **leer el texto del Evangelio o de la Biblia,** y desde ahí contestar las preguntas, comentando también las respuestas.

6 .- Proponemos tener una **celebración penitencial el 8o. día** y, si es posible,una **Eucaristía el último día.** Donde no se pueda esto último, pueden dedicar la reunión a comentar los textos que se proponen para ese día.

7 .- **Al final de cada reunión la comunidad debe hacer una oración espontánea** que la participen **todos.** Como oración de los fieles en que cada uno pide algo y los demás reponden: Te lo pedimos, Señor.

8 .- Recordemos que seguir a Jesús o ser buen cristiano no se consigue aprendiendo muchas enseñanzas o doctrinas, sino **caminando detrás del Señor con nuestras buenas obras de amor;** construyendo **un mundo más humano y fraterno,** donde las señales del Reino de Dios sean en realidad **buenas noticias para los pobres.**



DIOS ES NUESTRO PADRE

LEAMOS Y COMENTEMOS

A. Dios es nuestro Padre

La primera experiencia de que Dios es nuestro Padre la tuvo el pueblo de Dios como tal. Más que una experiencia particular fue una experiencia comunitaria. Fue al salir de la esclavitud de Egipto, como nos narra el libro del Exodo. Allí nacieron tres convicciones fundamentales: 1) Dios nos ha escogido como pueblo suyo; 2) Dios es nuestro Libertador y gran Protector; 3) Debemos amarle, obedecerle y confiar en El (Exodo 3, Exodo 12, 21-42). Dios se adelanta a llamarse a sí mismo Padre de Israel (Exodo 4,22-23).

A la luz de su liberación, el pueblo de Israel descubre que Dios fue el creador del universo y del género humano (Génesis 1).

Con los profetas, esta conciencia que Israel tenía de ser hijo de Dios se hace más profunda. (Oseas 11, 1-8).

B. Nuestro Padre Dios habla a sus hijos

Dios nos habla de dos maneras: 1) Por la naturaleza y los acontecimientos de la vida; 2) Por la Biblia.

Toda la hermosura y grandeza de la naturaleza en los cielos y en la tierra son palabra de Dios, que nos dice que El es bueno y omnipotente (Salmo 104).

El pueblo de Israel supo descubrir, con la fe, la acción de Dios en su Historia. (Salmo 105, 106 y 107)

La historia de Nicaragua y la historia de mi propia vida son otras formas que Dios tiene de hablarme. Me enseñan mucho y me llaman a comprometerme con los hermanos.

Dios nos habla también por la historia personal de cada uno de nosotros. (Génesis 45,1-11)

Dios habla por la Biblia

La fe del pueblo de Israel reconoció en la historia humana del mismo pueblo la intervención salvadora y liberadora de Dios: (Deuteronomio 4,32-40).

Dios nos habla, sobre todo, por Jesucristo: Juan 1,14.

Tanto en el Antiguo, como en el Nuevo Testamento "Los hombres de Dios, movidos por el Espíritu Santo, dieron su mensaje": 2a. Pedro 1,21.

C) Platiquemos con nuestro Padre

Debemos dialogar con Dios, como un buen hijo lo hace siempre con su padre. Platicar con Dios lo llamamos oración.

Los Salmos son oraciones inspiradas por Dios. Ver como ejemplo: Salmos 27 y 103.

Jesús nos enseñó a orar y a pedirle a nuestro Padre lo que más interesa: Lucas 11, 1-13.

Jesús quiere que oremos en comunidad: Mateo 18, 19-20.

ACLAREMOS ENTRE TODOS

- ¿Por qué Dios quiso que fuese el pueblo entero de Israel, quien le sintiera Padre, antes que cualquier persona particular?
- ¿Por qué Dios quiso que Israel le sintiera Padre precisamente cuando lo liberó de Egipto?
- A la luz de la cita de Oseas pensemos: ¿Dios es Padre, Madre, o las dos cosas juntas?
- ¿Qué sentimientos producen en nuestros corazones estos textos en que Dios se nos muestra como Padre?
- ¿Cómo siente cada uno de nosotros que Dios le habla por medio de la naturaleza?

- ¿Qué nos dice Dios a través de lo que sucedió en Nicaragua con el triunfo de nuestro pueblo?
- ¿Qué nos dice Dios con lo que está sucediendo ahora en Nicaragua?
- ¿Qué pasaje del Evangelio de Jesucristo es el que más ha gustado y servido a cada uno de nosotros?
- ¿Nos gusta leer la Biblia?
- ¿Por qué debemos orar?
- ¿Por qué debemos orar con los Salmos?
- ¿Cuáles fueron las cosas principales que Jesús nos enseñó acerca de la oración?
- ¿Damos en nuestra familia o comunidad la debida importancia a la oración?





DIOS TIENE UN PLAN DE SALVACION

LEAMOS Y COMENTEMOS

A. El Plan de Dios

Dios puso al hombre como Señor de todas las cosas, para que dominara sobre minerales, vegetales y animales, agua, aire, fuego y toda criatura. (Génesis 1, 26-30)

Dios quiso que el hombre se relacionara con El, como un buen hijo con un Buen Padre. (Génesis 3,19).

Dios quiere que todos sus hijos, además de dominar la tierra, tengan, entre sí relaciones de hermanos: en igualdad, libertad y amor.

Así, tanto el hombre como la sociedad verían cumplidos sus mejores deseos de bienestar y felicidad. (Efesios 1, 3-10)

B. Pecado del hombre

Pronto el hombre, haciendo mal uso de la libertad que Dios le dio, se apartó del plan de amor, por su soberbia (Génesis 2). El pecado separa al hombre de Dios: Adán y Eva huyen y se esconden. El pecado divide a los humanos entre sí: Adán culpa a Eva de haberle dado a comer el fruto prohibido. El pecado daña la relación del hombre con la naturaleza: el trabajo se vuelve ingrato y fatigoso. Pero vemos también cómo Dios anuncia un Salvador, cuando le dice a la serpiente qué un descendiente de la mujer le aplastaría la cabeza: Cristo va vencer el mal y el pecado.

En el episodio de Caín y Abel, aparece un hermano egoísta matando a otro hermano inocente: Veamos Génesis 4, 1-16. Hoy son de la raza de Caín todos los hombres que oprimen y explotan a su hermano el pobre. Y hasta los torturan y matan para poseer ellos solos los bienes que Dios hizo para todos (Amós 5,7-13). La opresión a los hermanos es el pecado que más hiere el corazón de Dios. El egoísta se está condenando a sí mismo a la soledad y al sufrimiento eterno. (Lucas 16, 19-31).

C. Debemos obedecer libremente a nuestro padre Dios

Dios entregó a su pueblo 10 mandamientos, que se resumen en amarle a El y al prójimo. Ver Exodo 20, 1-18. Jesucristo resumió estos mandamientos en uno sólo: "**Les doy un mandamiento nuevo: que se amen unos a otros igual que yo les he amado**". (Juan 13, 33-35). El amor a Dios, en el cristiano, pasa necesariamente por el prójimo.

Los mandamientos no son pruebas difíciles y dolorosas que Dios nos impone para ver si le obedecemos. Son indicadores que nos muestran el camino de la felicidad en esta vida y en la otra. Si cumpliéramos los mandamientos seríamos mucho más felices. Pens mos solamente cómo la pobreza y la guerra son producidas por la explotación de unos hombres sobre otros.

Jesús nos hizo libres ante la ley (Gálatas 5, 13-24). El no quiere que nos conformemos con cumplir exteriormente los mandamientos, como lo hacían los fariseos. Tampoco quiere que los cumplamos a la fuerza o por temor al castigo. Quiere que tengamos un corazón lleno de amor hacia el Padre y hacia los hermanos. Este amor nos hace libres y generosos para ir más allá de la ley escrita. (Mateo 5, 21-48)

ACLAREMOS ENTRE TODOS

- ¿Cuál es el puesto que Dios ha querido dar al hombre dentro de la creación?
- ¿Cuáles son las relaciones que Dios quiere que haya entre los hombres? ¿Por qué?
- ¿Cómo quiere Dios que se organice la convivencia o sociedad de los hombres?
- ¿Qué consecuencias tuvo el pecado para Adán, Eva y sus descendientes?
- ¿Qué promete Dios, ya en el paraíso,para redimir al hombre del pecado?
- ¿Quiénes son hoy los descendientes de Caín, que matan a sus hermanos?
- ¿Cuál es el mandamiento de Jesús, que contiene en sí todos los demás?
- ¿Por qué y para qué quiso Dios darnos los mandamientos?
- ¿Cuál es la actitud fundamental que debemos tener al cumplir los mandamientos?





JESUS, EL LIBERTADOR, TRAJO BUENAS NOTICIAS A LOS POBRES

LEAMOS Y COMENTEMOS

A. En tiempos de Jesús, su país estaba dominado por el Imperio Romano

El pueblo sufría demasiado por la dominación militar y económica de los romanos; porque sus jefes se prestaban para esa dominación; por el desprecio de los sumos sacerdotes, los letrados y los fariseos, quienes les imponían pesadas cargas en su conciencia y ocultaban el verdadero rostro de Dios. (Mateo 23, 4-13 ss)

Para este pueblo sufrido, la primera grande y Buena Noticia que les llegó, fue cuando Jesús, el hijo de Dios hecho hombre, quiso nacer de una mujer pobre, entre los pobres y quiso vivir y crecer pobre entre los pobres. (Lucas 2, 8-12; 2,50-52)

Llegado su tiempo, Jesús decidió presentarse ante su pueblo. Lo hizo en la Sinagoga de Nazareth y ahí se manifestó como el Liberador que trae buenas noticias a los pobres. (Lucas 4, 14-21.)

B. Jesús es la Buena Noticia

Jesús no se contenta con anunciar Buenas Noticias para los pobres. Jesús es la Buena Noticia.

Cuando Juan el Bautista estaba en la cárcel, sus discípulos andaban confundidos, pues no estaban claros si Jesús era el Liberador del pueblo que había de venir. Para salir de la duda fueron donde Juan para preguntarle qué pensaba él. Juan los manda donde Jesús para preguntarle. Jesús les responde con hechos. (Lucas 7, 18-23).

C. Jesus quiere llevar estas Buenas Noticias a los pobres de todas las comarcas

Desde el principio, Jesús, reunió en torno a su persona un grupito de hombres y de mujeres (Lucas 8, 1-3) que formaba la comunidad de los discípulos, unidos con Jesús y unidos entre sí. Estos discípulos aprendían de Jesús conviviendo con él, participando en algunas misiones. Los discípulos también anunciaban y daban Buenas Noticias a los pobres. Así los fue preparando para continuar la misión de Jesús. (Mateo 9, 35ss. y 10, 1-8).

ACLAREMOS ENTRE TODOS

- ¿Cuáles son las Buenas Noticias que Jesús anuncia a los pobres de su pueblo?
- ¿De quién era el texto de la Biblia que Jesús leyó en la Sinagoga?
- ¿Quién viene a dar cumplimiento a ese anuncio de Isaías?
- ¿Qué querían saber los discípulos de Juan el Bautista?
- ¿Cómo les contestó Jesús?
- ¿Cómo reconocieron que Jesús era el que había de venir?
- ¿Cuáles son las Buenas Noticias que esperamos los pobres?
- ¿Quiénes nos están dando Buenas Noticias a los pobres?
- ¿Cómo podemos los cristianos, seguidores de Jesús, anunciar y hacer Buenas Noticias para los pobres?

VAYAN Y ANUNCIEN

Son la semilla que ha de crecer,
son estrellas que ha de brillar,
son levadura, son grano de sal,
antorcha que debe alumbrar.

Son la mañana que vuelve a nacer,
son espigas que empieza a granar,
son aguijón y caricia a la vez,
testigos que voy a enviar.

Vayan amigos, por el mundo anunciando el amor.
Mensajeros de la vida, de la paz y el perdón.
Sean, amigos, los testigos de mi resurrección.
Vayan llevando mi presencia, con ustedes estoy.

Son una llama que ha de encender
resplandores de fe y caridad.
Son los pastores que han de guiar
al mundo por sendas de paz.

Son fuego y savia que vine a traer,
son la ola que agita la mar;
la levadura pequeña de ayer
fermenta la masa del pan.

Son los amigos que quise escoger,
son palabra que intento gritar.
Son reino nuevo que empieza a engendrar
justicia, amor y verdad.

Una ciudad no se puede esconder
ni los montes se han de ocultar,
en vuestras obras que buscan el bien
los hombres al Padre verán.

UNA ESPIGA

Una espiga dorada por el sol
el racimo que corta el viñador
se convierten ahora en pan y vino de amor:
en el cuerpo y la sangre del Señor.

Compartimos la misma comunión
somos trigo del mismo sembrador,
un molino la vida nos tritura con dolor
Dios nos hace Eucaristía en el amor.

Como granos que han hecho el mismo pan,
como notas que tejen un cantar,
como gotas de agua que se funden en el mar
los cristianos un cuerpo formarán.

En la mesa de Dios se sentarán
como hijos su pan comulgarán;
una misma esperanza caminando cantarán
en la vida como hermanos se amarán.

Cuantas veces comemos de este pan
anunciamos la muerte del Señor;
proclamamos su triunfo sobre el odio y el mal
en espera del Reino celestial

Ya no temo la triste soledad,
ni perderme en la negra oscuridad:
porque Tú eres mi luz y fortaleza, oh Señor,
la alegría, el camino y la verdad.



EL REINO DE DIOS ESTA ENTRE USTEDES

LEAMOS Y COMENTEMOS

A. Con Jesús comienza el Reinado de Dios entre los hombres

El pueblo de Jesús no necesitaba muchas explicaciones sobre "el Reinado de Dios".

Desde la tradición más antigua, el pueblo hablaba de Yavé, como su "Rey" (Exodo 15, 1-18). Ante la injusticia de los hombres que hace sufrir a los pobres, el Reinado de Dios vendrá a establecer la justicia y el amor; la paz entendida como el bienestar del pueblo.

Claro que muchos interpretan la justicia a su manera y no a la manera de Dios. Jesús va a ir aclarando poco a poco a sus discípulos. Jesús nos pide tener fe y estar dispuestos a cambiar de vida para recibir el Reino. (Lucas 17,20-21;18,18-30).

B. El Reinado de Dios va apareciendo como algo escondido que se descubre de repente

Su presencia se reconoce por medio de señales. Los milagros de Jesús liberan al pueblo de algunos males y estos milagros son señales de la llegada del Reino de Dios.

En este sentido hay que entender la respuesta a los discípulos de Juan (Lucas 7,18 y Mateo 11,4-6) "los ciegos ven, los cojos andan, los leprosos quedan sanos, los sordos oyen, los muertos resucitan, y a los pobres se les anuncia la Buena Nueva".

La llegada del Reino establece una lucha contra las fuerzas del mal; porque llega el Reinado de Dios, los demonios son echados de "sus" dominios.

En adelante no reinará el poder del mal, las fuerzas de la muerte, sino la libertad y la vida, la fraternidad y el servicio, la paz y el bienestar del pueblo. (Lucas 6,20-26 y Mateo 12,22-29)

C. Jesús nó buscaba hacerse propaganda

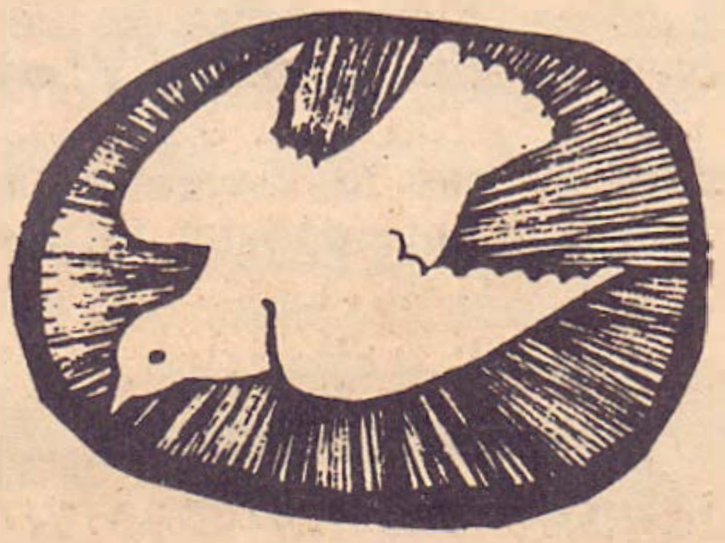
Jesús, al hacer las señales del Reino no busca hacerse propaganda, como lo sugiere el demonio (Mateo 4,5). Con esas señales él demuestra que el Reino de Dios es para la humanidad. para que los hombres y las mujeres tengan vida en abundancia. (Juan 10,10).

Las señales que hace Jesús no son para hacer nacer la fe; más bien se necesita fe en el que pide,para realizar el milagro. Jesús,con estas señales, quiere despertar en sus discípulos la confianza y fortalecerla ante las dificultades que van a venir.

Cuando el hombre ó la mujer se hacen ciegos para no ver las señales del Reino; más todavía, cuando las señales del Reino se las atribuyen al demonio y no a Dios, es un pecado contra el Espíritu Santo (Mateo 12, 22-37; 9, 18-26)

ACLAREMOS ENTRE TODOS

- ¿En favor de quiénes anuncia Jesús esa Buena Noticia?
- ¿Cuál es la grande Buena Noticia que anuncia Jesús?
- ¿Qué nos pide para recibir esa Buena Noticia?
- ¿Cómo se reconoce el Reinado de Dios?
- ¿Qué señales hizo Jesús, que muestran la llegada del Reino de Dios?
- ¿Qué señales de la llegada del Reino de Dios vemos en las Bienaventuranzas?
- ¿Conforme las Bienaventuranzas,qué van a recibir los pobres,qué los va a hacer dichosos?
- ¿Qué personas muestran su fe en Jesús, en Mateo 9, 18-26?
- ¿Qué consigue la fe de cada uno de ellos?
- ¿Qué señales reflejan el Reinado de Dios entre nosotros?
- ¿Cuáles son ahora las fuerzas del mal que deben ser combatidas para hacer presente el Reinado de Dios?
- ¿Qué podemos hacer para que los pobres sean "bienaventurados" o "dichosos"?
- ¿Cómo podemos fortalecer nuestra confianza ante las dificultades para hacer presente el Reinado de Dios?





LO MATARON PERO DIOS LO RESUCITO

LEAMOS Y COMENTEMOS

A. La vida y mensaje de Jesús fueron conflictivos

Los años de vida pública de Jesús no fueron nada tranquilos. Ya desde su infancia había sido proclamado por Simeón como "bandera discutida para que muchos caigan o se levanten". (Lucas 2, 34-35).

Más tarde diría el mismo Jesús: "¿Piensan que he venido a traer paz a la tierra? Les digo que no, sino división". (Lucas 12,51).

Es que Jesús era radical hasta exigir la negación a nosotros mismos. Con su vida y sus palabras denunciaba todo egoísmo y toda acumulación de riquezas, poder y honor. Esto puso en su contra a la Jerarquía religiosa de su pueblo, que eran también autoridades civiles del mismo. Eran gentes ricas, siempre sumisas al Imperialismo Romano. Ellos no podían aceptar un Mesías que venía pobre, anunciando buenas noticias a los pobres y malas noticias a los ricos y poderosos. (Lucas 6,20-26).

B. ¿Quiénes lo mataron y por qué?

La entrada triunfal de Jesús en Jerusalén, el domingo de Ramos, fue considerada como una manifestación política popular contra los opresores de aquel pueblo.

Tanto la Jerarquía religiosa como el gobernador romano no podían tolerar a quien predicaba la igualdad fraterna, a aquel líder religioso pobre, rodeado de pobres y entregado de lleno a la causa de la justicia.

El Sanhedrín o tribunal religioso judío lo condenó a muerte por boca de Caifás, el Sumo Sacerdote. (Lucas 22,66-71).

Luego, esta gente llevó a Jesús ante Pilatos y lo acusaron de subversivo y agitador del pueblo, también de oponerse a que se pagara tributo al Emperador Romano. (Lucas 23,1-5).

Jesús fue torturado con azotes, corona de espinas y burlas. Después lo asesinaron clavándolo en una cruz. Pero él murió perdonando a sus enemigos, que en aquellos momentos seguían burlándose de él. (Lucas 23,33). Cristo se sintió abandonado de sus amigos y hasta de su Padre Celestial. (Marcos 15, 33-34). Pero confió en su Padre, a pesar de todo, y así superó la tentación de fe. Por eso sus últimas palabras fueron: "Padre, en tus manos encomiendo mi espíritu". (Lucas 23,46).

Para entender el conflicto de Jesús, leamos: Juan 11,47-54.

C. El Padre resucitó a Jesús para manifestarnos que él tenía la razón

El domingo posterior a su ejecución, algunas mujeres que siguieron a Jesús fueron a embalsamar mejor su cuerpo, y se encontraron con unos ángeles que les comunicaron que había resucitado. (Lucas 24, 1-12).

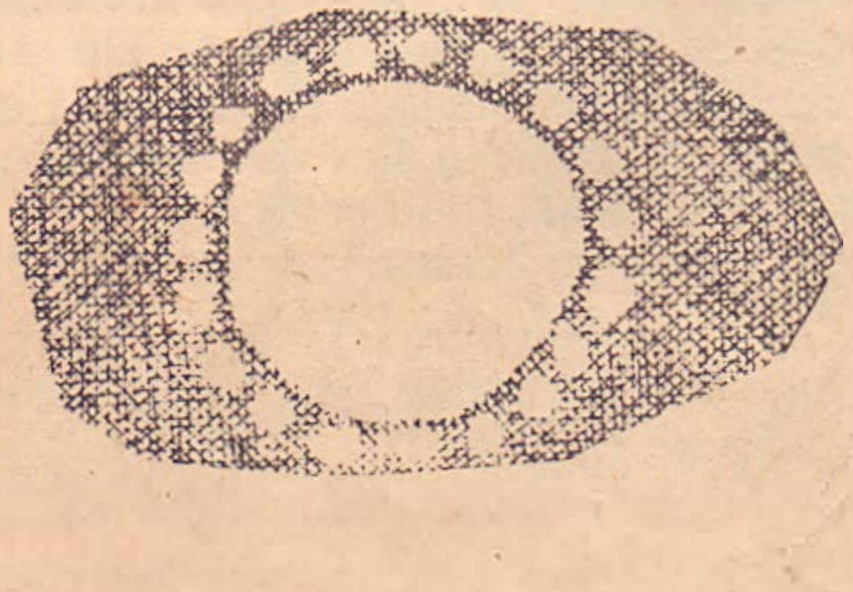
El Padre Celestial resucitó a Jesús para demostrarque él tenía la razón, y que su camino debe ser nuestro camino. Jesús Resucitado dijo que estaría con sus discípulos todos los días hasta el fin del mundo. (Mateo 28,20). También leamos: Lucas 24, 36-49 .

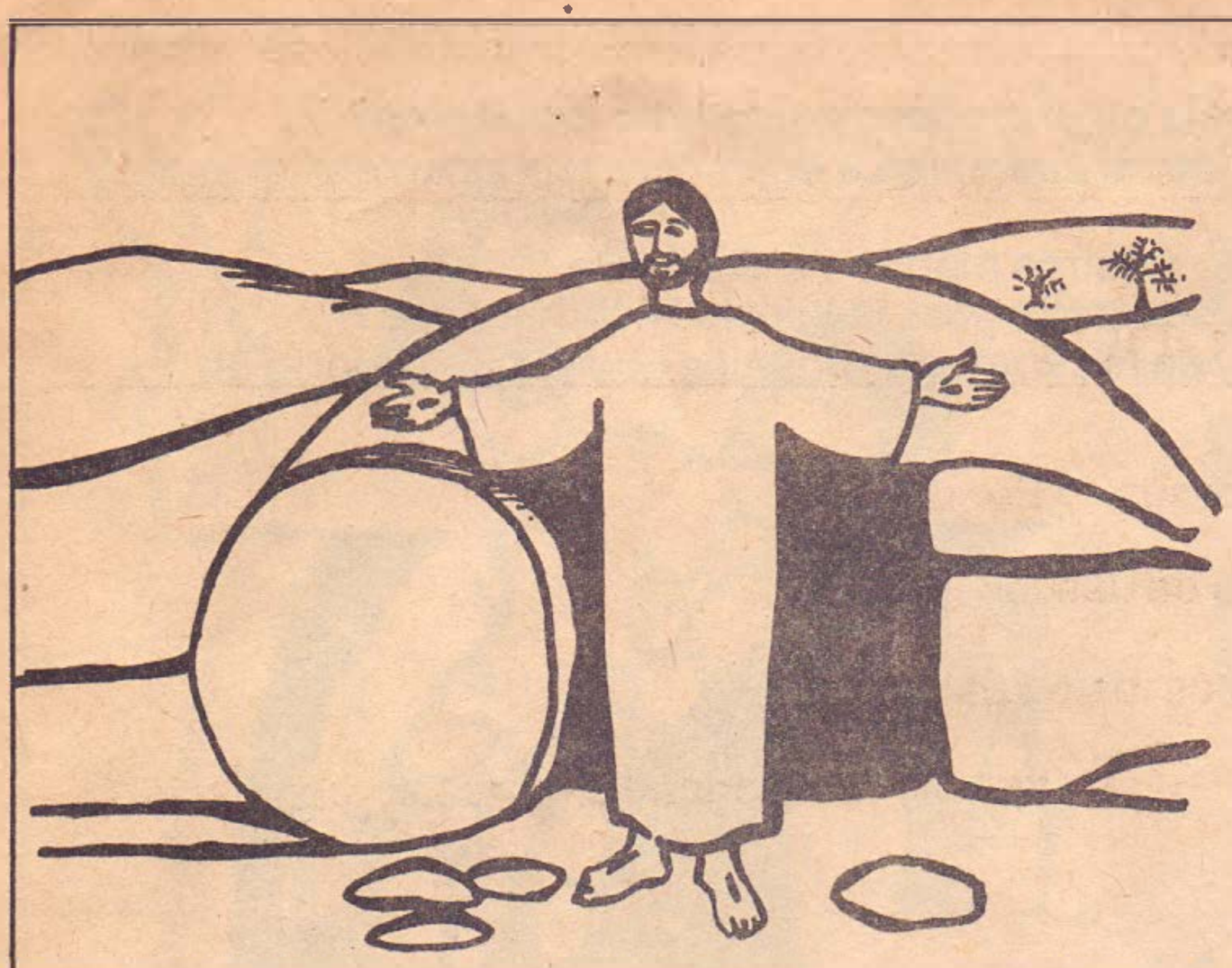
ACLAREMOS ENTRE TODOS

- ¿Fue tranquila la vida pública de Jesús? ¿Por qué?
- ¿Quiénes se declararon enemigos de Jesús? ¿Por qué?
- ¿Por qué la gente preveía que Jesús iba a acabar mal?
- ¿Por qué la Jerarquía religiosa de aquel pueblo y la autoridad civil no toleraban a Jesús?
- ¿Cuál fue la actitud de Jesús al morir en la cruz: con relación a su Padre y con relación a los hombres?
- ¿Qué personas fueron las primeras en recibir la buena noticia de la resurrección?
- ¿Qué nos quiere decir a todos el Padre Celestial,resucitando a Jesús?
- ¿Qué prometió Jesús Resucitado a sus discípulos?

Para nosotros hoy en Nicaragua:

- ¿Hay conflicto y problema en nuestra sociedad? ¿Por qué?
- ¿Tiene algún parecido nuestro conflicto con el que padeció Jesús? ¿En qué?
- ¿De qué parte debemos ponernos los seguidores de Jesús hoy en Nicaragua?
- ¿Hay gente que se opone al proceso de justicia de los pobres? ¿Quiénes son?
- ¿Por qué lo hacen y con quién se alían para matar al pueblo?
- ¿Quiénes son asesinados hoy por la causa de la igualdad y la justicia?
- ¿Hay signos de vida y resurrección en nuestro pueblo a pesar de la guerra?
- ¿Cómo vivimos los creyentes, hoy en Nicaragua, nuestra fe en Cristo Resucitado?





EL ESPIRITU DE CRISTO RESUCITADO CONVOCA Y ANIMA A SU IGLESIA

LEAMOS Y COMENTEMOS

A. La Iglesia nació el día de Pentecostés

Según vimos en el tema 4to., el Reino de Dios abarca más allá de la Iglesia. Todos los que comprometen su vida en construir una sociedad más justa y fraterna están construyendo el Reino de Dios. Así es, aunque ellos lo ignoren por no ser creyentes.

Pero Dios quiso que hubiera en el mundo comunidades de cristianos, que fueran como un concentrado y fermento de este Reino. La unión de todas estas comunidades cristianas la llamamos Iglesia. La Iglesia nació el día de Pentecostés. Así lo vemos en Hechos 2,1-40.

Los primeros cristianos llevaban una intensa vida de fe y amor fraterno. Su testimonio de vida hacía crecer constantemente a la Iglesia. Leamos y comentemos Hechos 2,41-47.

B. María y la Iglesia

La Virgen María tuvo un papel fundamental en el nacimiento de la Iglesia. Ella estuvo presente, junto a Jesús en la cruz, cuando él moría para dar vida a la Iglesia. (Juan 19,25-27). Después de la Ascención del Señor, María se recogió con los primeros discípulos en oración y con ellos recibió al Espíritu Santo en Pentecostés (Hechos 1,13-14).

La primera comunidad cristiana vio en María a la creyente que vivió más cerca de Jesús, no sólo por ser su madre, sino porque participó, como la que más, en el ideal y compromiso de construir el Reino de Dios. Por eso el Concilio Vaticano II declaró á María Madre de la Iglesia. Por lo mismo es madre de todos y cada uno de los cristianos. Así como María recibió la Palabra de Dios y dio a luz a Jesús, la Iglesia acoge esa misma Palabra, que la fecunda para dar a luz a los cristianos por la fe y el Baustismo.

El ideal del Reino de Dios que María tenía en su corazón lo manifiesta en su oración "La Magnificat": Lucas 1,46-55.

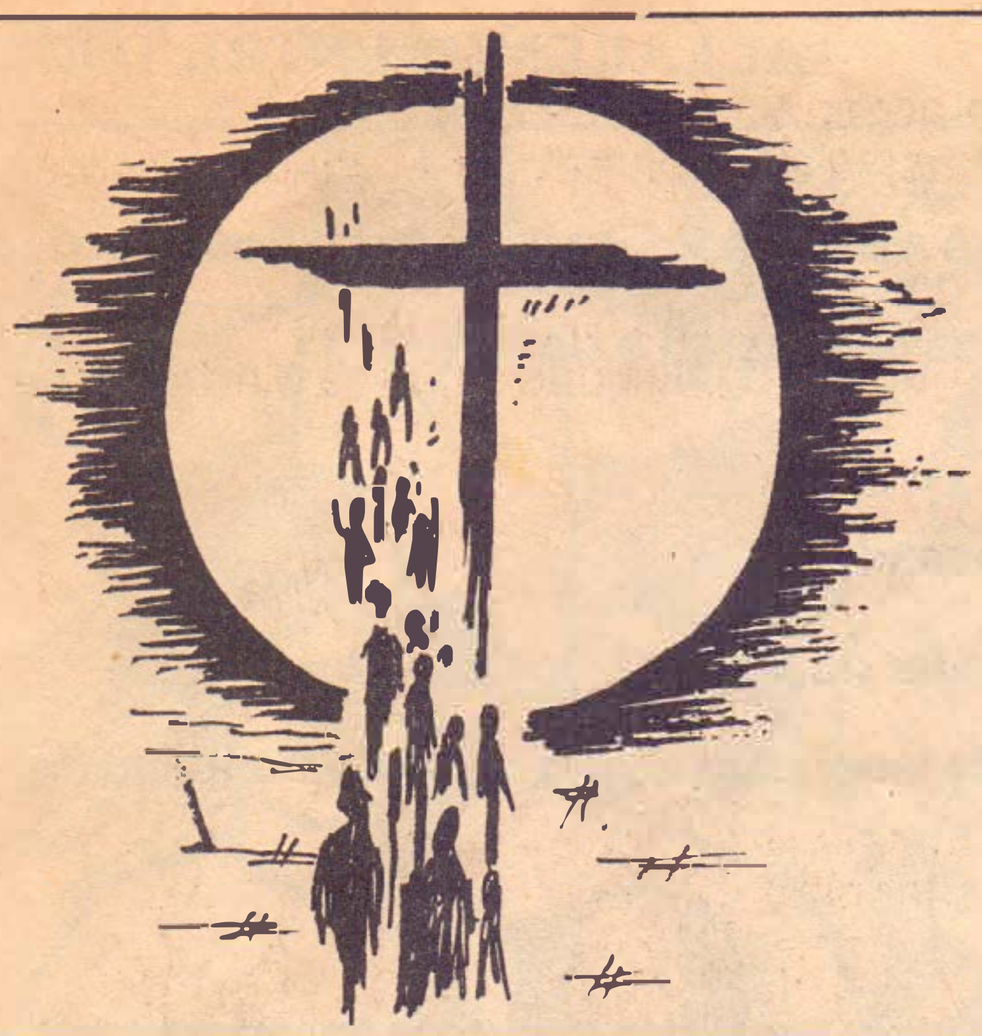
ACLAREMOS ENTRE TODOS

- ¿Qué relación hay entre la Iglesia y el Reino de Dios?
- ¿Cuándo y cómo nació la Iglesia?
- ¿Cómo vivía la primera comunidad cristiana?
- ¿Qué papel tuvo María en la primera comunidad cristiana?
- ¿Por qué María es Madre de la Iglesia?
- ¿Qué sentía María del Reino de Dios en la tierra, según "La Magnificat"?

Para nosotros hoy en Nicaragua:

- ¿Qué papel debe representar la Iglesia en el proceso popular de los pobres?
- ¿Hay entre nosotros comunidades que se asemejan a la primera comunidad cristiana?
- ¿En qué se nota?
- ¿En qué se asemejan las madres de nuestros mártires a María?
- ¿Qué desea hoy María, la pobre de Nazareth, para la Iglesia Nicaragüense?
- ¿Cómo podemos hacer realidad hoy en Nicaragua los ideales que expresa María en "La Magnificat"?





LOS SACRAMENTOS REALIZAN LA IGLESIA

LEAMOS Y COMENTEMOS

Jesús Resucitado dejó a su Iglesia los sacramentos. Estos son acciones visibles, que significan y producen la gracia de Cristo en aquel que los recibe. Aunque los sacramentos son siete, en esta novena hablamos del Bautismo, la Penitencia y la Eucaristía.

A. El Bautismo y su compromiso

En los Hechos de los Apóstoles vemos que Pedro predicó a Cristo Resucitado el día de Pentecostés. Muchos oyentes le preguntaban después: ¿Qué tenemos que hacer? Y él les respondía: "Arrepiéntanse, bautícense cada uno, confesando que Jesús es el Mesías, para que se les perdonen los pecados, y recibirán el don del Espíritu Santo..." Los que aceptaron sus palabras se bautizaron y aquel día se les agregaron unos tres mil". (Hechos 2,37-41).

Así empezó la Iglesia. Los apóstoles obedecieron el mandato de Jesús Resucitado: "Vayan y hagan discípulos de todos los pueblos, bautícenlos para consagrarlos al Padre, al Hijo y al Espíritu Santo, y enséñenles a guardar todo lo que les mandé"! (Mateo 28,16-20). El Bautismo es el reconocimiento de que somos hijos de Dios y tenemos su vida en nosotros. El Bautismo nos une a Jesucristo porque recibimos su Espíritu para amar a Dios como Padre y a todos los hombres como a hermanos. Por el Bautismo quedamos incorporados a la comunidad de la Iglesia o Cuerpo Místico de Cristo. Estar bautizado significa el compromiso de vivir como Jesús. El Bautismo es un nuevo nacimiento. (Juan 3,1-6).

B. La Penitencia: segundo Bautismo

Aunque la primera comunidad cristiana fue muy fiel a Jesucristo, no tardó en aparecer, de nuevo, el pecado en alguno de sus miembros. (Hechos 5,1-11). Así lo vemos tanto en los Hechos de los Apóstoles como en algunas de las cartas de San Pablo. Pero los cristianos siempre fueron conscientes de que estaban llamados a vivir alejados del pecado. Sabían también que Jesús había dejado en la Iglesia el poder de celebrar la conversión del pecador y el perdón que Dios le da. Esto se hace en el sacramento de la Penitencia.

Nadie debe acercarse a este sacramento si no está sinceramente arrepentido de su pecado y con el propósito firme de cambiar de actitud. Jesús se compromete a ayudar al pecador convertido para que se componga. Leamos y comentemos Juan 20,19-23.

ACLAREMOS ENTRE TODOS

- ¿Qué disposición debía tener la gente que oyó a San Pedro, para recibir el Bautismo?.
- ¿Cuándo y cómo mandó Jesús a los apóstoles que fueran a bautizar?
- ¿Para qué sirve el Bautismo?
- ¿Por qué el cristiano ha de vivir alejado del pecado?
- ¿Cuándo y cómo Jesús dejó a la Iglesia el poder de perdonar los pecados?
- ¿Cuál es la actitud fundamental que uno ha de tener para acercarse al Sacramento de la Penitencia?

Para nosotros hoy en Nicaragua

- ¿Tenemos los bautizados el compromiso que tuvo Jesús con el pueblo de los pobres?
- ¿En qué se nota?
- ¿Qué debemos hacer para vivir mejor nuestro compromiso bautismal?
- ¿Qué tipo de pecados abundan más entre nosotros?
- ¿Nos acercamos al Sacramento de la Penitencia con las debidas actitudes de conversión?

PARABOLA DEL PADRE BONDADOSO

"Un hombre tenía dos hijos. El menor dijo a su padre: Padre, dame la parte de la propiedad que me corresponde. Y el padre la repartió entre ellos.

Pocos días después, el hijo menor reunió todo lo que tenía, partió a un lugar lejano y allí malgastó su dinero en una vida desordenada. Cuando lo gastó todo sobrevino en esa región una escasez grande y comenzó a pasar necesidad. Entonces fue a buscar trabajo y se puso al servicio de un habitante de ese lugar que lo envió a sus campos a cuidar cerdos. Hubiera deseao llenarse el estómago con la comida que le daban a los cerdos, pero nadie le daba nada.

Fue entonces cuando entró en sí: "¿Cuantos trabajadores de mi padre tienen pan de sobra, y yo aquí me muero de hambre? ¿Por qué no me levanto? Volveré a mi padre y le diré: Padre, pequé contra Dios y contra tí; ya no merezco llamarme hijo tuyo, trátame como a uno de tus siervos. Partió, pues, de vuelta a donde su padre.

Cuando todavía estaba lejos, su padre lo vio y sintió compasión, corrió a echarse a su cuello y lo abrazó. Entonces el hijo le habló: Padre, pequé contra Dios y contra tí, ya no merezco llamarme hijo tuyo. Pero el Padre dijo a sus servidores: Rápido, tráiganle la mejor ropa y pónganselo, colóquenle un anillo en el dedo y zapatos en los pies. Traigan el ternero más gordo y mátenlo, comamos y alegrémonos, porque este hijo mío estaba muerto y ha vuelto a la vida, estaba perdido y lo he encontrado. Y se pusieron a celebrar la fiesta".

Todos: Gloria a tí Señor.



DIOS TODO BONDADOSO NOS PERDONA

CELEBRACION PENITENCIAL

Nuestro novenario está orientado a un cambio en nuestras vidas. Esto no se consigue en nueve días. Pero sí podemos en ellos tomar la decisión de comenzar un proceso de conversión. Debemos superar cualquier actitud de egoísmo o pecado. Sólo conseguiremos una nueva Nicaragua con hombres nuevos y comprometidos en el cambio. Para ayudar a tomar esta decisión es que hacemos esta celebración penitencial. Ojalá les acompañe un sacerdote para que puedan celebrar la confesión sacramental.

CANTO DE ENTRADA: "Bienvenidos, hermanos en Cristo".

SALUDO

Lector: La gracia de Nuestro Señor Jesucristo, el amor del Padre y la comunión del Espíritu Santo estén con ustedes.

Todos: Y con tu espíritu.

Lector: Hermanos, nos hemos reunido hoy para celebrar la bondad y misericordia de nuestro Padre Dios, que siempre perdona. También celebramos el arrepentimiento de nosotros, sus hijos que fuimos egoístas y así hemos perjudicado a nuestros hermanos. "Acudamos con confianza al trono de la gracia para recibir misericordia" por Jesucristo Nuestro Señor.

Todos: Amén.

CANTO

Lector: Nuestro canto lleva el anhelo de todo nuestro pueblo. Invoquemos a Jesucristo, nuestro único Salvador.
"Cristo nos da la Libertad".

LECTURA BIBLICA

Lector: Escuchemos ahora la Palabra de Dios que nos llama a la conversión.
Proclamación de la Buena Noticia de Nuestro Señor Jesucristo, según San Lucas, capítulo 15.11-32.

COMENTARIO Conviene hacerlo dialogando con la comunidad.

ORACION DE LOS FIELES

Lector: Señor, Tú nos has dicho: "Amarás al Señor tu Dios con todo tu corazón, con toda tu alma y con todas tus fuerzas". Perdónanos por olvidarnos de tí, por no hacer oración, por no escuchar tu palabra, por no santificar el domingo y por haberte desobedecido. Nos confiamos a tu misericordia.

Todos: Perdón, Señor, perdón.

Lector: Señor, tú nos has mandado que haya amor entre esposo y esposa, entre padres e hijos y entre hermanos. Perdónanos por todas las incomprensiones y egoísmos que nos han hecho difícil la vida de familia. Nos confiamos a tu misericordia.

Todos: Perdón, Señor, perdón.

Lector: Señor, tú nos has dicho: "Amense unos a otros como yo los he amado". Perdónanos por la cólera, el odio y la indiferencia entre vecinos y compañeros de trabajo. Ahora queremos amar y servir. Nos confiamos a tu misericordia.

Todos: Perdón, Señor, perdón.

Lector: Señor, tú nos has dicho: "Ofrezcan sus cuerpos como hostias inmaculadas, santas y agradables a Dios". Perdónanos por la búsqueda egoísta del placer indebido en el sexo, el alcohol, la droga o la pereza. Todo esto nos inutiliza. Nos confiamos a tu misericordia.

Todos: Perdón, Señor, perdón.

Lector: Señor, tú nos has dicho: 'Es imposible servir a Dios y al dinero". Perdónanos, por no querer compartir los bienes con los más pobres, por explotarnos unos a otros y por el ansia de la avaricia. Nos confiamos a tu misericordia.

Todos: Perdón, Señor, perdón.

Lector: Señor, tú nos has dicho: "El que sea el mayor entre ustedes, que se haga como el menor... No busquen ser servidos sino servir". Perdónanos por el orgullo y la soberbia, que nos han hecho dominadores de nuestros hermanos y no sus humildes servidores. Nos confiamos a tu misericordia.

Todos: Perdón, Señor, perdón.

CANTO: Tu reino es vida.

EXAMEN DE CONCIENCIA

Lector: Hagamos ahora unos momentos de silencio. Que cada uno de nosotros reconozca con sinceridad y humildad cuál es la actitud más egoísta de su vida, que debe superar. Oremos también pidiéndole a Dios la gracia de la conversión. (Dejar unos minutos en silencio).

CONFESION

Donde haya sacerdote, este es el momento para acercarse a la confesión sacramental mientras la comunidad alaba al Señor con diversos cantos. Al terminar de confesarse.

ORACION FINAL

Lector: Ahora todos juntos oremos a nuestro Padre bueno.
Todos: Padre nuestro...
Lector: Dios Todopoderoso tenga misericordia de nosotros, perdone nuestros pecados y nos lleve a la vida eterna.
Todos: Amén.
Lector: Nos podemos dar la paz.
Todos: "Cuando el pobre crea en el pobre".



CELEBREMOS LA EUCARISTIA

Donde se pueda hacer, por tener sacerdote, sugerimos que esta última reunión sea una celebración Eucarística. El tema puede dialogarse en la primera parte correspondiente a la liturgia de la Palabra. Para el resto de la celebración conviene que cada comunidad la enriquezca con gestos y símbolos propios para cada momento litúrgico.

LEAMOS Y COMENTEMOS

A. La cena de Jesús

Jesús instituyó la Eucaristía uniéndola a la celebración de la Pascua Judía. En ella conmemoraban los israelitas la liberación de su pueblo de la opresión de Egipto. Los israelitas nacieron como pueblo la noche de la Pascua y del Exodo.

Jesús en aquella cena quiso manifestarnos que la definitiva Pascua iba a ser su Muerte y Resurrección. Por ella pasamos de la esclavitud opresora del egoísmo a la libertad de los hijos de Dios. La Eucaristía es la fiesta de los pobres de Yavé celebrando su definitiva Liberación. Jesús celebra en una cena de amigos la entrega de su vida por la causa de la fraternidad.

Todas las actitudes de aquella noche manifiestan lo mismo: el pan lo comparte y entrega y ese pan es su cuerpo. Todos beberán el vino de su sangre en la misma copa. Es el banquete de los hijos de Dios en la unidad. El Evangelio de San Juan sustituye el relato de la Eucaristía por el Lavatorio de los pies. Así nos indica el puesto de todo cristiano: a los pies de los pobres para servirles. Es la mejor expresión de lo que fue la vida y muerte de Jesús. A la cena acompaña, también según San Juan, una larga conversación de Jesús con sus discípulos (Juan, 13-16). Allí se sitúa el mandamiento nuevo "Amense unos a otros como yo les he amado". (Juan, 13,34).

B. La Eucaristía y la Comunidad

Los primeros cristianos hacían de sus Eucaristías la Fiesta del Amor Fraterno. Así lo podemos ver en Hechos 2,44-47 Aquellas Eucaristías se realizaban también en una cena de amigos, que lo tenían todoen común. Aquello sí que era COMULGAR.

San Pablo (en la 1a. Corintios 11,20-24) sale ya al paso de una primera y fundamental desviación del sentido fraterno de la Eucaristía: "cada uno se adelanta a comer su propia cena... ¿quieren avergonzar a los que no tienen?. No hay auténtica Eucaristía mientras los que participen en ella no comparten su vida y bienes con el hermano.

Hoy las comunidades Eclesiales de Base nos ayudan mucho a vivir siempre mejor la Eucaristía. Quienes viven la Eucaristía de esta forma tienen una mayor sensibilidad para estimar lo que hoy se hace en Nicaragua para compartir los bienes en una nueva sociedad. En el proceso de nuestro pueblo, podemos celebrar la eucaristía mucho más auténticamente que en los tenebrosos tiempos del somocismo. Mejor es cambiar las estructuras de pecado que no socorrer a los pobres que ellas producen. Leamos y comentemos: 1a. de Corintios 11,17-27 y Juan 13,1-17.

ACLAREMOS ENTRE TODOS

- ¿Qué sentido debe tener para nosotros, los cristianos, la Eucaristía?
- ¿Qué actitudes tuvo Jesús en la última cena?
- ¿Qué debe manifestar la Eucaristía en la Comunidad Cristiana como signo de lo que ésta es?

Para nosotros, hoy en Nicaragua

- Si los cristianos viviéramos auténticamente la Eucaristía, ¿Qué actitudes tendríamos ante los proyectos que benefician a los más pobres?
- ¿Podrá ser auténtico un amor "espiritual" a los pobres, sin compartir con ellos los bienes "materiales"?
- ¿Qué actitudes deberia tener la Iglesia en Nicaragua para ser fiel a Jesús y celebrar con autenticidad su Eucaristía?

HOMBRES NUEVOS

***Danos un corazón grande** para amar.*
***Danos un corazón fuerte** para luchar.*

Hombres nuevos, creadores de la historia,
constructores de nueva humanidad.
Hombres nuevos que viven la existencia
Como riesgo de un largo caminar.

Hombres nuevos, luchando en esperanza,
caminantes sedientos de verdad.

Hombres nuevos, sin frenos ni cadenas,
hombres libres que exigen libertad.

Hombres nuevos,amando sin fronteras.
por encima de razas y lugar.
Hombres nuevos. al lado de los pobres,
compartiendo con ellos techo y pan.

IGLESIA PEREGRINA.

Todos unidos formando un sólo cuerpo,
un pueblo que en la Pascua nació.
miembros de Cristo, en sangre redimidos,
Iglesia Peregrina de Dios.

Vive en nosotros la fuerza del Espíritu,
que el Hijo desde el Padre envió.
El nos empuja, nos guía y alimenta
Iglesia Peregrina de Dios.

Somos en la tierra semilla de otro reino,
somos testimonio de amor,
paz para las guerras y luz entre las sombras,
Iglesia Peregrina de Dios.

Rugen tormentas y a veces nuestra barca
parece que ha perdido el timón,
miras con miedo, no tienes confianza,
Iglesia Peregrina de Dios.

Una esperanza nos llena de alegría,
presencia que el Señor prometió,
vamos cantando, El viene con nosotros,
Iglesia Peregrina de Dios



ALABEMOS AL SANTISIMO

BIENVENIDOS, HERMANOS EN CRISTO

Bienvenidos, hermanos en Cristo
a escuchar la palabra de Dios:
el mensaje que da fortaleza
que alimenta el alma y da gran valor.

Ya no seas oyente olvidadizo
al escuchar la palabra de Dios
porque creo que eres responsable
en el día del juicio final.

La palabra de Dios es la semilla
que una parte en camino cayó,
la otra parte la ahogaron las espinas,
la que cayó entre piedras el sol la secó.

La otra parte cayó en buena tierra
y abundante cosecha dará,
es la palabra sembrada en el hombre
que tiene nueva vida por la redención.

Los cabritos irán a la izquierda
en el día del juicio final
y las ovejas irán a la derecha
a vivir eternamente con Cristo, el Señor.

CANTEMOS AL AMOR DE LOS AMORES

Cantemos al amor de los amores,
cantemos al Señor.
Dios está aquí; venid, adoradores,
adoremos a Cristo Redentor.

Gloria a Cristo Jesús, cielos y tierra
bendecid al Señor.
Honor y gloria a Tí, Rey de la gloria;
amor por siempre a Tí, Dios del amor.

Por nuestro amor oculta en el Sagrario
su gloria y esplendor.
Para nuestro bien se queda en el Santuario
esperando a justo y pecador.

¡Oh, gran prodigio del amor divino!
Milagro sin igual.
Prenda de amistad, banquete peregrino
do se como el Cordero Celestial.

..//..

TU REINARAS

¡Tú reinarás! éste es el grito
que ardiente exhala nuestra fe.
Tú reinarás, oh, Rey bendito,
pues Tú dijiste: Reinaré.

Reine Jesús por siempre, reine su Corazón
en nuestra patria, en nuestro suelo,
que es de María, la nación. (bis)

Tú reinarás, dulce esperanza
que el alma llena de placer;
habrá por fin paz y bonanza,
felicidad habrá doquier.

Tú reinarás en este suelo;
te prometemos nuestro amor.
Oh, buen Jesús, danos consuelo
en este valle de dolor.

Tú reinarás, reina ya ahora
en esta tierra y población;
ten compasión del que te implora
y acude a tí en la aflicción.

Tú reinarás, toda la vida
trabajaremos con gran fe
en realizar y ver cumplida
la gran promesa: Reinaré.

CRISTO NOS DA LA LIBERTAD

Cristo nos da la libertad,
Cristo nos da la salvación,
Cristo nos da la esperanza,
Cristo nos da el amor.

Cuando luche por la paz
y la verdad, la encontraré.
Cuando cargue con la cruz
de los demás, me salvaré.

Dame, Señor, tu Palabra.
Oye, Señor, mi oración.

Cuando sepa perdonar
de corazón, tendré perdón.
Cuando siga los caminos
del amor, veré al Señor.

Cuando siembre la alegría
y la amistad, vendrá el amor.
Cuando siga en comunión
con los demás, seré de Dios.

TE ADORO, SAGRADA HOSTIA

Te adoro, sagrada Hostia,
Pan vivo y alimento de los ángeles. (bis)

Bajaste del alto cielo,
bajaste a nuestro altar,
y en esa blanca Hostia
escondido estás.

Jesús, ¡si en mi pecho ardiera
el fuego que alienta en ti,
para poder amarte
como me amaste a mi!

Ya vienes a nuestras almas,
ya vamos a comulgar,
Jesús, Jesús, ¡qué dicha!
¡Contigo quiero estar!

Jesús, que viniste al mundo
sin casa donde nacer,
ven a mi pobre pecho,
ven y hallarás placer.

OFRENDA DE AMOR

Por los niños que empiezan la vida.
Por los hombres sin techo ni hogar.
Por los pueblos que sufren la guerra.
Te ofrecemos el vino y el pan.

Pan y vino sobre el altar
son ofrenda de amor.
Pan y vino serán después
tu Cuerpo y Sangre, Señor.

Por los hombres que viven unidos.
Por los hombres que buscan la paz.
Por los pueblos que no te conocen.
Te ofrecemos el vino y el pan.

Por aquellos a quienes queremos.
Por nosotros y nuestra amistad.
Por los vivos y por los difuntos.
Te ofrecemos el vino y el pan.

..//..

OH, BUEN JESUS

Oh, Buen Jesús, yo creo firmemente
que por mi bien estás en el altar,
que das tu cuerpo y sangre juntamente
al alma fiel en celestial manjar. (bis)

Indigno soy, confieso avergonzado,
de recibir la Santa Comunión;
Jesús, que ves mi nada y mi pecado,
prepara Tú mi pobre corazón. (bis)

Pequé, Señor, ingrato te he ofendido,
infiel te fui, confieso mi maldad;
contrito ya, perdón, Señor, te pido;
eres mi Dios, apelo a tu bondad. (bis)

Espero en ti piadoso, Jesús mío,
oigo tu voz que dice: Ven a mi.
Porque eres fiel, por eso en ti confío.
Todo, Señor, espérolo de ti. (bis)

..//..

EL PEREGRINO DE EMAUS

¿Qué llevabas conversando?
me dijiste, buen amigo,
y me detuve asombrado
a la vera del camino.
¿No sabes lo que ha pasado
allá en Jerusalén;
de Jesús de Nazareth,
a quien clavaron en Cruz?
Por eso me vuelvo triste
a mi aldea de Emaús.

Por la calzada de Emaús
un peregrino iba conmigo.
No le conocí al caminar,
ahora sí, en la fracción del pan.

Van tres días que se ha muerto
y se acaba mi esperanza.
Dicen que algunas mujeres
al sepulcro fueron de alba.
Pedro, Juan y algunos otros
hoy también allá buscaron,
más se acaba mi confianza,
no encontraron a Jesús,
por eso me vuelvo triste
a mi aldea de Emaús.

¡Oh, tardíos corazones!
¡Qué ignorancia a los Profetas!
en la Ley ya se anunció
que el Mesías padeciera
y por llegar a su Gloria
escogiera la aflicción,
en la tarde de aquel día
yo sentí que con Jesús
nuestro corazón ardía
a la vista de Emaús.

Hizo de seña de seguir
más allá de nuestra aldea,
y a la luz del sol poniente
pareció que se muriera.
Quédate forastero,
ponte a la mesa y bendice,
y al destello de tu luz,
en la bendición del pan,
mis ojos conocerán
al amigo de Emaús.

Hizo señas de seguir
más allá de nuestra aldea.
Y a la luz del sol poniente
parecía que muriera.
Quédate, forastero
ponte a la mesa y bendice
y al destello de tu luz
en la bendición del pan
mis ojos conocerán
a mi amigo de Emaús.

TU REINO ES VIDA
SALMO 72

Tu reino es vida, tu reino es verdad.
Tu reino es justicia, tu reino es paz.
Tu reino es gracia, tu reino es amor.
Venga a nosotros, tu reino, Señor. (bis)

Dios mío, da tu juicio al rey,
tu justicia al hijo de reyes,
para que rija a tu pueblo con justicia,
a tus humildes con rectitud.

Que los montes traigan la paz,
que los collados traigan la justicia,
que el defienda a los humildes del pueblo,
que socorra a los hijos del pobre,
que defienda a los humildes del pueblo
y quebrante al explotador.

Que dure tanto como el sol,
como la luna de edad en edad,
que baje como lluvia sobre el césped,
como rocío que empapa la tierra,
que en sus días florezca la justicia
y la paz hasta que falte la luna.

Librará al pobre que suplica,
al aflijido que no tiene protector,
se apiadará del humilde e indigente,
y salvará la vida de los pobres,
salvará de la violencia sus vidas,
pues su sangre es preciosa ante sus ojos.

CUANDO EL POBRE CREA EN EL POBRE

Cuando el pobre crea en el pobre
ya podremos cantar libertad.
Cuando el pobre crea en el pobre
construiremos la fraternidad.

Hasta luego mis hermanos
que la Misa terminó,
ya escuchamos lo que Dios nos habló.
Ahora sí ya estamos claros,
ya podemos caminar,
la tarea tenemos que empezar.

Todos nos comprometimos
en la mesa del Señor
a construir en este mundo el amor.
Que al luchar por los hermanos
se hace la comunidad,
Cristo vive en solidaridad.

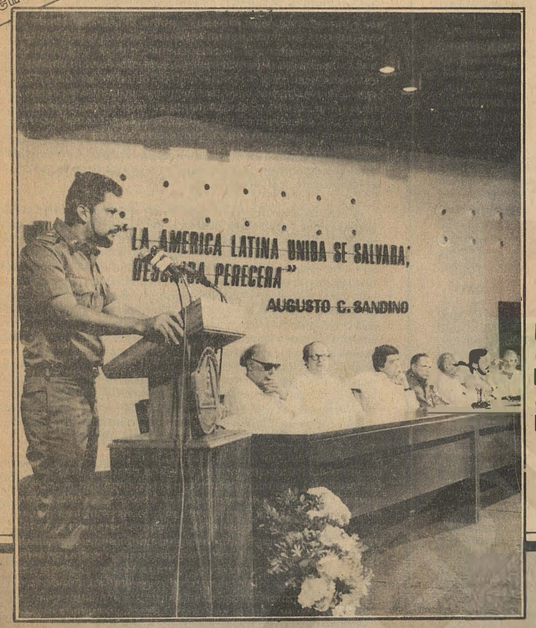
Cuando el pobre busca al pobre
y nace la organización
ya comienza nuestra Liberación.
Cuando el pobre anuncia al pobre
la esperanza que El nos dio
es que el reino entre nosotros nació.

Este folleto es un resumen de los temas fundamentales de la Buena Noticia de Jesús para ser unos buenos cristianos. Guárdalo y vuelve a él de vez en cuando, reflexionando sobre todos los textos del Evangelio. Puede servir para posteriores reuniones de Comunidad como evangelización.



el tayacán

Periódico Popular
Semana del 18 al 24 de Octubre de 1986.
De la Rotonda Bello Horizonte 3 1/2 al Sur. Casa A-III-21
Apartado 447. Tel.: 60709. Managua, Nicaragua.



Discurso del Comandante Bayardo Arce en el Primer Congreso del Pensamiento Anti-Imperialista

"En Nicaragua se Juega el Destino de América Latina"

Nos toca clausurar este Primer Congreso del Pensamiento Antimperialista, con el que cierra la Jornada Conmemorativa del 50 Aniversario de Sandino, cuyo Comité Nacional nos tocó el honor de presidir.

La Jornada Sandinista de 1984: "A 50 Años... Sandino Vive" fue con su práctica de defensa, producción en guerra, luchas políticas electorales por la institucionalización de la Revolución, el mejor homenaje que nuestro pueblo pudo rendir al General de Hombres Libres.

Esa convulsa dinámica por la consolidación del proyecto Sandinista obligó a postergar hasta hoy este Congreso, concebido dentro de la Jornada del "50 Aniversario".

Pero esa casualidad que retrasó la venida de ustedes, pensadores y luchadores antimperialistas que hoy nos honran y animan con su presencia, resalta también que mientras exista imperialismo, la causa de Sandino vive, por encima de las efemérides.

Nosotros al conocer los análisis realizados por ustedes en el desarrollo del Congreso, hemos trabajado con compañeros del DRI-FSLN, nuestra Cancillería, el INIES y otros organismos afines, algunas reflexiones sobre la relación que encontramos en este momento histórico entre el peligro imperialista y el significado de la Revolución Popular Sandinista que quisiéramos nos permitan compartir con ustedes.

NICARAGUA SANDINISTA ANTE LA CRISIS INTERNACIONAL

La Revolución Popular Sandinista triunfa en el momento en que la crisis internacional alcanza una profundidad semejante a la crisis de inicios del siglo. En 1979 la Comisión Brandt destacaba su "convencimiento de que las dos próximas décadas pueden ser definitivas para la humanidad". No es para menos. En la crisis de 1914 a 1945, debemos recordar que se dieron dos grandes guerras mundiales, las Revoluciones Socialistas; la gran depresión de los años 30 que condujo a la bancarrota financiera, al colapso productivo y el desempleo masivo de millones; a la vez que el ascenso del fascismo y el ulterior surgimiento de la hegemonía norteamericana. Unos 50 años antes, hacia 1883, se había dado la otra grave crisis que permitió el ascenso del capitalismo monopolista, la expansión del imperialismo clásico y un renovado colonialismo sobre el Tercer Mundo. En la crisis actual, observamos convulsiones análogas, que van a determinar transformaciones de gran envergadura. No obstante, existe una gran diferencia con esta crisis y es que ésta se da en u[illegible] nuclear, donde el peligro atómico puede convertir esta cris[illegible] la última de la humanidad.

En los períodos de crisis mundial históricamente se han producido las grandes transformaciones estructurales. Por ejemplo: con las llamadas guerras mundiales se definen las nuevas articulaciones del orden y poder mundial. La diferencia de esta crisis es que si esto ahora se hace a través de una política de fuerza, de una política de armamentismo, con una visión imperial de reconstruir la hegemonía de un país pretendiendo imponerla sobre el resto de la humanidad, esto puede producir una dinámica tal de acontecimientos, que pueden terminar en una conflagración nuclear. El mundo de hoy, no es el mundo de inicios de siglo. Estamos viviendo en un mundo de correlación de fuerzas muy distinto al de las crisis anteriores. Por eso, estamos firmemente convencidos que la salida a esta crisis global no puede realizarse con el imperio de la fuerza, sino con el imperio de la razón, en la que lo primero y más fundamental es la defensa enérgica de la paz en el mundo, enfrentando con responsabilidad, pragmatismo y flexibilidad, la búsqueda de soluciones justas y dignas a las crisis y conflictos internacionales.

Desgraciadamente para nosotros, para Centroamérica y para el mundo, en Estados Unidos domina hoy una visión imperial neo-monroísta, donde Nicaragua y Centroamérica se presentan, con menosprecio para nuestros pueblos y la conciencia universal, como *una oportunidad* para que Estados Unidos supere el síndrome de Vietnam y el derrotismo que habrían creado en la conciencia del pueblo norteamericano, las últimas administraciones *"débiles"* en Estados Unidos. Este nuevo monroísmo no es sólo un peligro para Nicaragua, Centroamérica y América Latina, sino es también un peligro para los propios aliados de Estados Unidos, porque esta posición hegemonista, egoísta y revanchista en el mundo actual, es una amenaza para toda la humanidad en el mundo nuclear. *La paz es indivisible* y no se puede obtener paz internacional provocando la guerra, o el terrorismo, por regiones.

Afortunadamente existe otra visión alternativa, una visión surgida de la experiencia e historia del Tercer Mundo, particularmente de América Latina y coincidente con los valores más profundos de la humanidad frente al nuevo monroísmo de Reagan y su grupo elitista. En este contexto, la Revolución Sandinista presenta una visión bolivariana y sandinista, para resolver la crisis en lo que afecta a Nicaragua que también puede ser útil para contribuir a la búsqueda de alternativas para enfrentarse a la crisis mundial. Centroamérica y Nicaragua no son regiones sin futuro, como algunos han pretendido presentarnos, sino que somos un desafío constructivo e innovador para el futuro. Centroamérica y las posibilidades efectivas de solución a la crisis, pueden convertirla en un "nuevo término de referencia" para contribuir a la búsqueda del futuro de paz, de convivencia internacional, que supere la confrontación militar con una confrontación contra la miseria creciente y reproducida ampliadamente en más de dos terceras partes de la humanidad.

Permítasenos aprovechar este foro para analizar con cierto detenimiento por qué Nicaragua y Centroamérica se han convertido en un desafío para América Latina, un desafío para Europa y un test para la paz, para el derecho internacional; un test para los organismos multilaterales y las Naciones Unidas, y sobre todo un desafío para la proyección futura de Estados Unidos ante el mundo. Quisiéramos también analizar cuáles son las raíces domésticas en Estados Unidos de esa visión imperial monroísta para enfrentarse a la crisis internacional y exponer algunos enfoques sobre la crisis internacional, basados en la experiencia de este pueblo pequeño, pobre, subdesarrollado, periférico en la crisis internacional, pero que a través de una profunda y dramática historia de sufrimiento y de lucha, cree, con sencillez y humildad, que algo puede decir y aportar a la comunidad internacional en la búsqueda de una salida justa y equilibrada, a la crisis actual.

Estamos clausurando un aniversario de lucha sandinista que es a la vez bolivariana. Esa es la esencia de nuestras raíces históricas. Un profundo alineamiento latinoamericano. Desde el 19 de Julio no somos ya más, república bananera; no somos ya más, traspatio de nadie; no somos parte de ningún bloque, sino parte de una humanidad que busca resolver un problema común, en un mundo en profunda crisis y además, en una era nuclear. Somos parte de una humanidad que lucha por transformar las relaciones de dependencia y sometimiento, en relaciones de amistad y solidaridad, de respeto mutuo y cooperación, para salir del subdesarrollo preservando la libertad.

NICARAGUA Y CENTROAMERICA, UN TEST PARA EL FUTURO DEL TERCER MUNDO

Creemos que en Nicaragua y en Centroamérica se está jugando en gran parte el destino de América Latina, y al mismo tiempo, poniéndose a prueba las posibilidades de encontrar salidas razonables y durables a la crisis internacional. Por eso, los actuales monroístas, que han comprendido que aquí hay algo nuevo y esperanzador, intentan deslegitimarnos, calumniarnos, deformando nuestra identidad para aislarnos y podernos aplastar a corto plazo. Posiblemente no se ha dado otro momento en la historia de Estados Unidos en que a un país tan pequeño y subdesarrollado se le haya tratado con tanta importancia y con tanta agresividad. Casi nos hacen aparecer como una potencia, por los términos en que se refieren a nosotros, aunque si lo fuéramos sería solamente desde un punto de vista moral. El presidente Reagan, el 27 de abril de 1983, en su discurso ante una sesión conjunta del Congreso dijo: ..."La seguridad nacional de todas las Américas está en juego en Centroamérica. Si no podemos defendernos allí, no podemos esperar prevalecer en ninguna otra parte. Nuestra credibilidad colapsará y nuestras alianzas se resquebrajarán..."

"Si los Estados Unidos no pueden responder a una amenaza cerca de sus propias fronteras, por qué los europeos y asiáticos han de creer que nosotros estamos seriamente preocupados con las amenazas contra ellos...? Si los soviéticos pueden presumir que nada que no sea un ataque real sobre los Estados Unidos habrá de provocar una respuesta norteamericana. ¿Qué aliado, qué amigo habrá de confiar en nosotros...?"

El 9 de mayo de 1984 Reagan especificaba esta amenaza acusando a nuestra revolución así: "El sandinismo es un reino del terror comunista" y "lo que los sandinistas han hecho de Nicaragua es una tragedia".

En este mes de febrero, el presidente Reagan en su discurso sobre el estado de la Unión, concentró la problemática internacional en este pequeño país, afirmando: "La dictadura sandinista en Nicaragua, que con pleno apoyo cubano y del bloque soviético, no sólo persigue a su pueblo, a la Iglesia, y niega la libertad de prensa, sino que arma y proporciona bases para los terroristas comunistas que atacan a los Estados vecinos. El apoyo a los combatientes de la libertad –agregó refiriéndose a los exguardias somocistas–, es actuar en defensa propia y en consonancia con las Cartas de la Organización de Estados Americanos y las Naciones Unidas. Es esencial que el Congreso continúe todas las facetas de nuestra asistencia a la América Central. Deseo colaborar con ustedes en apoyo a las fuerzas democráticas, cuya lucha está vinculada a nuestra propia seguridad".

Desgraciadamente, esta no es una posición personal del presidente norteamericano, aunque le incremente peligrosidad su compromemitiendo directo en la misma. El informe Kissinger, que pretende ser un consenso bipartidista de la política norteamericana hacia la región, mantiene que Centroamérica está "en la encrucijada geoestratégica del mundo con dimensiones globales, por eso Centroamérica es un test para la credibilidad norteamericana".

Poderosos grupos del poder económico y político norteamericano están detrás de esta política hacia Nicaragua y Centroamérica. El Wall Street Journal, en su página editorial del 15 de noviembre de 1984 insiste en la misma política, incluso con más agresividad, dicen: "Centroamérica es la prioridad número uno en la agenda de la política exterior. Ni el control de los armamentos, ni el misil MX, ni incluso la guerra de las galaxias y la estrategia de la defensa, es más importante que el controlar la expansión totalitaria que está actualmente tomando lugar en Nicaragua. No puede haber paz en Centroamérica, hasta que los sandinistas sean eliminados".

Más de ocho mil muertos y daños superiores a los mil millones de dólares en tres años acusa Nicaragua por este designio fascistoide.

La vigencia de las tesis del Documento de Santa Fe

Sin quere ser exhaustivo, sino recordar un conjunto repetido de planteamientos lanzados contra Nicaragua al más alto nivel de la administración norteamericana, me permito enfatizar la importancia que puede tener el llamado Mandato II, para liderear y continuar esta "revolución" conservadora, o lo que se ha llamado la "Revolución de Reagan". Este documento es la actualización, para el segundo mandato Reagan, del famoso documento de Santa Fe, que sirvió de directriz básica a la política Reagan en su primer mandato, y del cual Reagan dijo que le había suministrado "una especial y sustantiva ayuda que nunca olvidaré". En este segundo mandato, ya no sólo se ve Nicaragua y el proceso de cambios en Centroamérica como una amenaza, sino como *una oportunidad* para que Estados Unidos supere el síndrome de Vietnam y el derrotismo que, se había creado en la conciencia norteamericana por la falta, según sus autores, de una política exterior fuerte. El mandato II requiere una política "de insurgencia anti-marxista". Ya no se trata de contener con todos los medios "la amenaza comunista", sino de provocar una derrota (roll-back) de aquellos países que son visualizados como una amenaza para la seguridad de Estados Unidos, como sucedió en Granada, que para la administración Reagan ha servido de ejemplo de que "las revoluciones marxistas" también son reversibles.

Debido a esta concepción, los "intereses y seguridad nacional" que invoca la administración Reagan no se refieren en este caso a recursos materiales, ni económicos, ni a zonas marítimas, ni a bases militares o asesores soviéticos o de otros países socialistas sino a que la libertad, autonomía y autodeterminación de los pueblos latinoamericanos son incompatibles con la realidad de Estados Unidos como potencia mundial. Cualquier cambio en América Latina que no sea controlado por Estados Unidos se ve automáticamente como una ganancia para la Unión Soviética y, por lo tanto, tiene que ser destruido.

¿Es "terrorismo comunista" lo que está sucediendo en Nicaragua? ¿No será que la verdadera amenaza de lo que está pasando en Nicaragua y Centroamérica es que estos pueblos pequeños, pobres, subdesarrollados, están ofreciendo un nuevo término de referencia a todo el Tercer Mundo? ¿Cómo hacer los cambios sociales que dos tercios de la humanidad necesitan para poder alcanzar un mínimo nivel de vida y sobrevivencia, y a la vez para recuperar la dignidad, el respeto y la autodeterminación que como naciones independientes, nuestros pueblos exigen al final del siglo XX?. El pueblo de Nicaragua no se puede reconocer en esta presentación que se hace de la Revolución Sandinista. La opinión internacional e incluso aliados cercanos a Estados Unidos no aceptan esta visión de Nicaragua y la Revolución Sandinista y por tanto se oponen cada vez en forma más enérgica a la política norteamericana hacia Nicaragua y Centroamérica.

Por eso conviene que analicemos cuáles son las raíces domésticas en Estados Unidos que permiten y apoyan ésta política exterior norteamericana. ¿Es todo el pueblo norteamericano el que defiende esta posición, o es un grupo muy particular de intereses económicos y políticos que utilizan la crisis centroamericana y la Revolución Sandinista para defender sus intereses mundiales y reconquistar una hegemonía global perdida?

Estas preguntas no son retóricas. Estas preguntas quieren levantar una problemática, la que hemos llamado un desafío para los pueblos de Centroamérica y América Latina, para los pueblos de Europa, para la Comunidad Internacional y sus instituciones y muy especialmente para el mismo pueblo norteamericano. Por eso, en diversas y repetidas ocasiones, representantes del gobierno y compañeros de la Dirección Nacional, han procurado visitar Estados Unidos y presentar directamente al pueblo norteamericano lo que nosotros, sandinistas, queremos hacer en Nicaragua. La mayoría de las veces se nos han puesto obstáculos para visitar Estados Unidos y ponernos en contacto con el pueblo norteamericano. Por nuestra parte hemos tenido abiertas las fronteras de Nicaragua a todo el mundo, y en especial a los norteamericanos, que no necesitan visa para visitar este país, para que comprueben con sus propios ojos el *"totalitaris-*

mo", y la supuesta amenaza que este pequeño y pobre país crea a la sociedad norteamericana.

Nuestros mejores amigos en Estados Unidos son los que nos han visitado y han visto cuán "amenaza" somos para su pueblo. Miles de cristianos norteamericanos, de sindicalistas, representantes de minorías y de grupos feministas, veteranos de guerra de Vietnam, centenares de académicos y políticos norteamericanos, decenas de congresistas han estado acudiendo en un flujo permanente para ver la "amenaza terrorista", a la seguridad nacional de Estados Unidos, provocada por este pequeño país. La pregunta que hay que responderse es: ¿Qué hay detrás de toda esta patología en relación con Nicaragua? ¿Qué se trata de ocultar detrás de todos estos mitos, de estas mentiras oficiales al más alto nivel del gobierno norteamericano que han llevado a contradicciones y a que el gobierno norteamericano protagonizara el ridículo ante la Comunidad Internacional, como con la negativa oficial a su involucramiento en el minado de nuestros puertos, que tuvo que reconocer días después, o con la creación de un clima artificial de crisis internacional con la supuesta presencia de MIGS en Nicaragua, al día siguiente de las elecciones norteamericanas, o más grotescamente que lleve al presidente de Estados Unidos a vulgarear a Bolívar, o Lafayette comparándolos con burdos mercenarios genocidas? ¿Qué se trata de ocultar?

Más grave aún, ¿Por qué se boicotea cualquier intento de negociación y de paz que se pretende establecer en la región, sea ésta Contadora, las propuestas de paz de Nicaragua de octubre del 83, del diálogo en El Salvador, etc.?

LAS RAICES DOMESTICAS DE LA POLITICA EXTERIOR NORTEAMERICANA HACIA CENTROAMERICA:

Intentar responder a esas preguntas, nos ha llevado a estudiar la historia norteamericana, la estructura del poder norteamericano, a analizar las raíces estructurales del nuevo proyecto de la "Revolución Reagan", su "America is Back". Ojalá la administración norteamericana, utilizando sus enormes recursos y expertos, intentasen también descubrir cuáles son las raíces estructurales de la crisis centroamericana y de la Revolución Sandinista. Porque para el informe Kissinger y para los principales diseñadores de la política exterior norteamericana hacia Centroamérica, la historia no existe. La comisión Kissinger fue capaz de reinterpretar toda la historia de Centroamérica sin valorar que ésta es la tierra más invadida del mundo, sin recordar la existencia de Sandino, Farabundo Martí, las peleas del pueblo panameño por el Canal, las constantes y permanentes insurrecciones indígenas y campesinas de los pueblos de Centroamérica desde el siglo pasado.

Nosotros sin embargo, reconocemos que la nación norteamericana, una nación grande, tiene una historia importante, por sus grandes logros y también por sus dramáticas responsabilidades para con la humanidad, y sobre todo en Centroamérica y América Latina. En la historia de esa nación, el fenómeno Reagan, es un fenómeno muy profundo, un acontecimiento con dolorosas raíces asociadas con la historia del pueblo norteamericano.

La administración Reagan pretende jugar un papel histórico, superando el síndrome de Vietnam, la impotencia que según ella, el pueblo norteamericano padeció con las últimas administraciones consideradas por Reagan como "débiles". La derrota de Vietnam no fue sólo una derrota militar, sino que produjo una profunda polarización interna dentro de Estados Unidos y una falta de consenso nacional, que ha provocado en Estados Unidos un debate permanente sobre su rumbo hacia el futuro. Por otro lado, el desacuerdo europeo en relación con la política norteamericana en Vietnam había provocado según algunos analistas tendencias neutralistas en Europa y una percepción en el Tercer Mundo de que Estados Unidos no era un tigre de papel, pero tampoco el líder incuestionable para el mundo actual, ni tampoco un imperio irreversible. El presidente Reagan y su impresionante aparato de propaganda pretenden recoger esa supuesta necesidad vital del pueblo norteamericano de comenzar a tener un destino preciso hacia el futuro. Reagan ofrece un "rearme moral" a base de su interpretación de un conjunto de valores como libertad, democracia y paz, y acompaña ese rearme moral con un fuerte "rearme militar". Un locutor de la televisión norteamericana después de que Reagan terminase su discurso sobre el estado de la Unión, llamó a Reagan "El Supermán de la Casa Blanca". Sin duda, esa nueva euforia norteamericana, es magistralmente comunicada a la opinión norteamericana. Reagan, el mago de la comunicación, simboliza el espíritu de "America is Back". El mismo lo dijo en su último discurso ante el Congreso: "Todo es posible en América si tenemos fe, determinación y coraje. "Reagan representa y habla de la seguridad nacional norteamericana, que combina la diplomacia del gran poder con la contención militar del "imperio del mal".

¿Por qué esta visión tan simplista de la crisis internacional y de la historia amenaza con lograr un consenso importante en Estados Unidos?

Hoy es necesario recordar que después de la crisis de Vietnam, se impuso en Estados Unidos una política trilateralista representada básicamente por el gran capital transnacional norteamericano, sobre el capital financiero representado por David Rockefeller, fundador de la trilateral. La trilateral procuraba ajustarse a los cambios en la correlación de fuerzas mundiales y proponía una participación de la hegemonía norteamericana con Europa y el Japón, al tiempo que procuraba asignar un nuevo rol a las naciones intermedias que surgían en el Tercer Mundo como Brasil, México, Argentina, Irán, Sudáfrica.

El trilateralismo intentaba administrar la economía mundial y conjugar con nuevos enfoques los problemas del Tercer Mundo para evitar la inestabilidad del mercado y evitar un grave deterioro de la paz internacional. Era un proyecto de administrar la crisis, fomentando la interdependencia y proponiéndose cooptar a la Unión Soviética a base de una competencia económica, más que de una contención militar agresiva propiamente dicha. Por eso favorecían la "detente" y el acuerdo de SALT, con el fin de frenar la carrera armamentista, para que disminuyera el gasto militar y permitir que la ingente suma del gasto militar fuese destinada a producir otro "boom económico" como en los años 60. La trilateral buscaba una supremacía norteamericana compartida con sus principales aliados. Sin embargo, esta posición no consiguió un consenso íntegro dentro de Estados Unidos, ni un consenso con el bloque europeo y japonés debido a la competencia intercapitalista; y los países del Tercer Mundo continuaron luchando por su propia independencia nacional.

Al final de la administración Carter (1979-1980) que simbolizaba el proyecto trilateralista, se da el colapso del Sha de Irán, el colapso de la dinastía Somoza en Nicaragua, la pérdida de Grenada y a los pocos meses el conflicto de Afganistán. Irán, Nicaragua, Grenada y Afganistán, fenómenos tan profundamente diferentes, supusieron sin embargo, un colapso definitivo de la credibilidad de la política trilateral ante los círculos de poder norteamericano. Los últimos meses de Carter, provocan ya una cancelación del acuerdo SALT y una política, más de contención militar que de administración de la crisis internacional.

La combinación de la ideología con el miedo

Esto favoreció la victoria de Reagan que representaba una coalición diferente de grupos de poder económico, político e ideológico en Estados Unidos. Esta nueva alianza está representada por la organización CPD (Committee on the Present Danger) Comité sobre el Peligro Presente y The New Right (La Nueva Derecha). Estos grupos de poder tienen sus raíces ideológicas en la Doctrina Truman de los años 40 y en el proyecto de política exterior basado en la contención militar. Esta alianza de CPD y los conservadores retoma la codificación de la política exterior del documento de abril de 1950 del Consejo Nacional de Seguridad Número 68, conocido en EE.UU. como el NSC 68. Esta política exterior promueve de nuevo una clara supremacía mundial basada en el rearme moral y militar de EE.UU. Esta política es manejada por un grupo exclusivo de élites, pero movilizando la opinión pública norteamericana, para lograr un consenso nacional suficiente que apoye esta política de recuperación de la hegemonía global. Para ello de manera privilegiada se juega ideológicamente, usando los medios de comunicación. Se juega con "la magia" de un presidente que domina estas técnicas de la comunicación, combinando la ideología, con el miedo, con el anti-comunismo, con la necesidad de superar el síndrome de Vietnam y encontrar un destino manifiesto para el tiempo presente. La administración Reagan representa este pensamiento de la nueva derecha, que ha financiado con millones de dólares a los "Think Tanks" de la revolución reaganeana, la Heritage Foundation, el Hoover Institution, el National Strategy Information Center, el Center for Strategical International Studies of Georgetown University y al nuevo Instituto para el Estudio de la Religión, (el Institute for Religion and Democracy). A la vez, la CPD ha incluido a 46 de sus miembros en el grupo de asesores más importantes de Reagan ocupando 30 de ellos, las más altas posiciones dentro de esta administración. La Kirkpatrick, William J. Casey, Director de la CIA, Richard Allen, quien fuera asistente del presidente para los asuntos de Seguridad Nacional, Fred Ikle, Sub-Secretario de Defensa, Eugene V. Rostow, Director de la Agencia de Control de Armamento y Desarme, George Shultz, John Lehman (Secretario de la Marina), Paul Nitze (experto negociador de fuerzas nucleares), etc., y el mismo Ronald Reagan, son miembros de la CPD.

Es útil recordar también que en el primer gabinete de Reagan, a excepción del Secretario del Interior, Watt, y el Secretario de Educación, T.H. Bell, todos los demás eran millonarios o se aproximaban a serlo por sus vinculaciones. De la compañía Bechtel, salen Weinberger y Shultz; Haig trabajaba para la Union Technologies; William French Smith fue director de Crocker National Bank, Paullman, Pacific Lighting, Pacific Telephone y Telephone and Telegraph; John F. Lehman, Secretario de la Marina, trabajó para una compañía consultora cuyos clientes eran Northrop, Boeing y Trw. Uno de los financiadores de grupos derechistas y vinculado a miembros del gabinete de Reagan es Coors y los estrategas que en 1965 decidieron preparar el camino de Reagan hacia la presidencia fueron los millonarios ultraconservadores Holmes Tuttle, vinculado a la Ford; Henry Salvatori, fundador de la Western Geophysical Company y A.C. Ruhel, presidente de la Union Oil. Después de su elección en 1980, Reagan con cuarenta personas, forma su Comité de Asesores de negocios, compuesto por altos ejecutivos de las siguientes compañías: BENDIX, SPERRY, MORGAN STANLEY y Compañía, EL NEW YORK STOCK EXCHANGE, PRUDENTIAL, METROPOLITAN LIFE, GOOD YEAR, PFIZER, MERRIL LYNCH, ALLED STORES, FLUOR, MONSANTO, WEYER HAUSER, PROCTER AND GAMBLE, EL CONTINENTAL GROUP y ESTEE LAUDER, entre otras.

Con esta sumaria citación de nombres y grupos, sólo queremos señalar que existen profundas raíces en la historia y en los grupos de poder de Estados Unidos que explican la actual política reaganeana. Reagan no es el reflejo de una política exterior estilo cow-boy, como a menudo se le ha caracterizado, sino que representa fuerzas de poder estructurales muy profundas dentro de Estados Unidos.

La Revolución Sandinista y la pugna interna norteamericana

La victoria sandinista en julio de 1979, se da en el momento de la gran pugna interna en Estados Unidos entre los trilateralistas y la nueva derecha. La administración Carter visualizó a la Revolución Sandinista básicamente como una Revolución interna en Centroamérica, mientras que la nueva ideología visualiza a la Revolución Sandinista como una avanzada del comunismo internacional y una amenaza para la seguridad norteamericana. La política trilateralista estaba representada por el discurso de Carter en la Universidad de Notre Dame "el conflicto con la Unión Soviética es menos intenso. La gran amenaza para la paz ahora viene de un mundo donde una tercera parte son ricos y dos terceras partes son pobres". Para la nueva derecha norteamericana, los Derechos Humanos defendidos por Carter no son más que "Marxistas marchando bajo la bandera de Cristo" como dijo Lefever, uno de los asesores ideológicos de Reagan. Los Derechos Humanos son sustituidos por los "Derechos Corporativos" de la empresa privada y de las trasnacionales norteamericanas. La magia del mercado, el rearme moral en Estados Unidos y el rearme militar para defender la seguridad nacional, son las bases de la nueva política exterior norteamericana. Todo eso implicaba que la campaña de Derechos Humanos y el control de armamentos era pernicioso. La supremacía nuclear era la forma de apoyar la política exterior y de confrontar "al imperio del mal", la Unión Soviética. La renaciente política armamentista huscaba desgastar económicamente a la Unión Soviética, declarando una guerra económica y técnica, que se manifestó inicialmente en la oposición al proyecto de los 250 billones de dólares entre Europa y la Unión Soviética para construir el gasoducto transiberiano.

Las consecuencias de esta nueva política exterior norteamericana se han manifestado también a nivel de la crisis económica. El déficit presupuestario norteamericano, básicamente debido al gran presupuesto militar, produjo una fuerte alza en las tasas de interés, que atrajo un flujo gigante de capital mundial hacia Estados Unidos, descapitalizando Europa y los países árabes, y manteniendo artificialmente la recuperación norteamericana, importando los dólares del mundo y exportando la inflación. Esta política no ha ayudado a la recuperación europea, ni mucho menos a superar la crisis del Tercer Mundo que sigue profundizándose. En relación con América Latina, las altas tasas de interés, la reducción del financiamiento internacional a América Latina, que ha llegado a ser de balance negativo en los últimos años, no ha hecho más que llevar a América Latina a una crisis económica, como no se había conocido ni siquiera en los años 30, y que cada día amenaza más con dar lugar a estallidos políticos por las imposiciones anti-pueblos del F.M.I.

Esta política de hegemonía y contención militar, basada en una deliberada hiper-polarización del conflicto Este-Oeste, marginaliza absolutamente la conflictividad Norte-Sur, posponiendo cualquier arreglo de Nuevo Orden Económico Internacional, nuevo acuerdo financiero internacional, la ley del mar, la reconstitución de los organismos multilaterales, etc. La única política que concentra la atención de Estados Unidos es visualizada en términos de seguridad nacional, del conflicto Este-Oeste y de liderazgo mundial de Estados Unidos, porque sin este liderazgo mundial, en la opinión de los pensadores conservadores norteamericanos, no se puede lograr la estabilidad económica, ni política mundial. "America is Back" representa todo este profundo y complejo proceso ideológico, de alianzas económicas y políticas dentro de Estados Unidos. A la vez, se funda la Internacional Conservadora que se ha creado recientemente en Gran Bretaña. La Internacional Negra como se le ha llamado, tiene al Vice-Presidente Bush entre sus líderes máximos, movilizando apoyo internacional para este proyecto de la derecha mundial anticomunista.

Es bueno aclarar que el proyecto trilateral era también y sigue siendo un proyecto imperial; pero de un imperio que procuraba acomodarse a la multipolaridad del mundo, a la nueva correlación de fuerzas, al resurgimiento de sub-potencias en el Tercer Mundo y a una demanda acumulada de los países del Tercer Mundo por tener una participación en el desarrollo mundial. Suponía, por otro lado, una posición de detente frente al conflicto Este-Oeste para poder resolver lo que se veía, como el peligro más importante para la estabilidad mundial, la tensión Norte-Sur.

Kissinger confunde Centroamérica con el Canal de Panamá

En nuestra región del mundo, esa política se vio ejemplificada por el acuerdo de los tratados del Canal de Panamá, Torrijos-Carter. La administración norteamericana los presentó como un "test" de la nueva era en las relaciones de Estados Unidos con América Latina y como un ejemplo de cómo resolver los conflictos entre el Norte y el Sur, también como un método negociador para distensionar un conflicto. El grupo de la CPD y especialmente Reagan, sin embargo consideraban que se daba una amenaza soviética en el Canal de Panamá, ante un torrijismo al que varias veces se acusó de comunista. Reagan y el senador Helms fueron grandes enemigos de firmar los acuerdos del Canal de Panamá, cuando se firmaron los tratados canaleros Reagan calificó aquellos tratados como una traición y una rendición de los derechos de Estados Unidos en Panamá. Los tratados del Canal de Panamá, personalmente dirigidos por Kissinger, permitieron sin embargo a Estados Unidos mantener las 14 bases militares en Panamá y acomodar el control imperial sobre esa vía de tránsito, tan vital para Estados Unidos, hasta el año 2,000. En los tratados, por demás constantemente violados, es importante recordar ahora que la nueva compañía del Canal que se estableció tiene una mayoría de representantes norteamericanos. El presidente de la compañía del Canal es el Presidente de Estados Unidos con un director de la compañía del Canal de Panamá, que es también norteamericano. Es decir, ese fue el estilo de soberanía que el imperialismo trilateral permitía ganar a Panamá sobre un pedazo del territorio patrio que contó con todo el apoyo de América Latina y la aprobación de la O.E.A. Kissinger fue el mago de aquella acomodación del Imperio, que América Latina la aceptó como un gesto de la nueva era y como el máximo de lo que Estados Unidos podía conceder a las aspiraciones latinoamericanas.

Pero el informe de la comisión Kissinger aplica ahora esa conceptualización que se usó sobre el Canal de Panamá, a toda el área centroamericana, como si el Istmo Centroamericano fuese una propiedad norteamericana. Conviene recordar que la propuesta más práctica para manejar la crisis centroamericana en el informe Kissinger, es la creación de la "Organización de Desarrollo de América Central" (ODAC). La ODAC está abierta a todos los países de Centroamérica, incluyendo Panamá y también "a los Estados Unidos de América", como miembro asociado. También se permite la participación como miembros a otras naciones de Europa, Canadá y Japón. Sin embargo, "el director de la organización debería ser un ciudadano de los Estados Unidos con un Secretario Ejecutivo centroamericano". Pero más aún, el control último de los fondos que manejaría la ODAC "correspondería siempre a los países donantes" y "los donantes retendrían el derecho a veto". Este organismo supranacional ODAC, dirigido por un ciudadano de los Estados Unidos, velaría por la gestión de gobierno en los diferentes países centroamericanos en todos sus aspectos, incluso los políticos, es decir, proponen, otorgar a la ODAC atribuciones que competen a la gestión soberana de cada nación. La propuesta de control que se hizo sobre la propiedad que Estados Unidos consideraba como suya, el Canal ("Nosotros lo compramos, lo hicimos, es nuestro"), se aplica a los países de Centroamérica en su conjunto, como si nos hubieran comprado, nos hubieran hecho y fuéramos de ellos. Lo que la alianza para el Progreso jamás se atrevió a presentar en 1960, Estados Unidos lo pretende hacer 20 años después, no sobre una porción de territorio sobre los cuales Estados Unidos tiene un reclamo jurídico de la época colonial, sino sobre todos los países de Centroamérica. Además, mantiene el informe Kissinger, en la ODAC, "la representación debería provenir principalmente del sector privado", al que virtualmente convierte en único representante legítimo de los pueblos. Este es un ejemplo gráfico del engendro de la nueva alianza entre la CPD y la nueva derecha conservadora norteamericana. Representan diferentes grupos de poder económico y político dentro de Estados Unidos y una ausencia de representación democrática de las grandes mayorías norteamericanas en la definición de esa política exterior. Las élites del poder norteamericano se entrecruzan y se intercambian, pero la gran mayoría del pueblo norteamericano, no está representado en esos intereses de élites aunque comparte sumisamente esa hegemonía del capital transnacional.

Por eso mantenemos que existe una coincidencia entre los intereses de las grandes mayorías centroamericanas con la gran mayoría del pueblo norteamericano. Consideramos que lo que es un problema imperial para los países de Centroamérica, del Tercer Mundo y también para la Comunidad Internacional, es también y sobre todo un grave problema para los sectores populares de Estados Unidos.

En 1932, Franklin D. Roosevelt fue electo presidente de Estados Unidos en base al programa político conocido como New Deal. En aquel programa se daba una participación en el bienestar social a la clase trabajadora, con un Estado que regulaba la vida política, la vida económica y la alianza social que soportaba el New Deal. Era una alianza de clases entre la gran burguesía internacional (financiera e industrial), la clase obrera y los grupos étnicos norteamericanos. Una alianza hegemonizada por el Partido Demócrata y por los intelectuales liberales de Estados Unidos. Suponía una cooptación de la clase obrera y los sectores populares norteamericanos dentro de una alianza hegemonizada por la gran burguesía. Se ganó la adhesión de la clase obrera norteamericana a base de un anticomunismo y del idealismo liberal de alguno de los líderes norteamericanos como John Kennedy. Se ofrecía al pueblo norteamericano "Bread and Butter" (pan y mantequilla), a cambio de que los obreros y trabajadores norteamericanos cediesen su representación directa como clase en las élites liberales. Hoy, dentro de Estados Unidos, el New Deal está también destruido, se ha dado una polarización entre ricos y pobres, esta polarización se mantiene en base a una frustración de la clase obrera. Sin embargo, Reagan, que representa el fin de aquella alianza de clase, ha sido capaz de crear un nuevo consenso y de captar a través de un proyecto ideológico utilizando los medios de comunicación social, la frustración de una gran mayoría del pueblo norteamericano que ve que la administración Reagan presenta "A New Dream", un nuevo sueño que lleva consigo el que "America is Back". Reagan, a base de un programa ideológico magistralmente comunicado a las masas norteamericanas, ha levantado el optimismo, principalmente de los grandes monopolios y debemos admitir que de algunos sectores del pueblo norteamericano, jugando con el gran miedo nuclear, con el anti-comunismo y con la "amenaza" a la seguridad nacional norteamericana. Con este paquete ideológico ha sido capaz de ir avanzando gradualmente, Reagan ha aprovechado la debilidad de la organización radical (un 35% de la clase obrera norteamericana estaba sindicalizada en 1960, pero sólo el 19% en 1980). La administración Reagan, marginando al 15% de los más pobres de Estados Unidos, a través de su campaña ideológica, ha sabido manipular la desilusión y la angustia de una buena parte de las clases populares en Estados Unidos, ante el fiasco de anteriores políticas imperiales. La nueva agresividad reaganiana y su intento de conseguir control hegemónico sobre la globalidad del sistema capitalista, ha sido capaz de asegurar el respaldo suficiente para obtener un segundo mandato.

La visión de Reagan es nihilista e imperial

Reagan y los intereses que representa, han promovido demagógicamente los "New Dreams" (los nuevos sueños), en base a valores y concepciones tradicionales del pueblo norteamericano sobre la libertad, la democracia y la paz. Sin embargo, los "New Dreams" de Reagan llevan un contenido nihilista, una visión imperialista que intenta a ultranza bipolarizar al mundo entre el Este y el Oeste para recuperar la hegemonía global e implantar su imperialista "Way of Life". Toda esta cobertura ideológica se acompaña de un proyecto militar estratégico que implica fuerza, hegemonía y poder. Que se manifiesta recientemente en la SDI, la iniciativa de defensa estratégica, que implica el apoyo militar y la fuerza nuclear como componente esencial para llevar adelante esa visión imperial del mundo. Hoy, a 40 años de la victoria sobre el fascismo cabe recordar que estas visiones con un sustrato de valores nihilistas, dieron lugar al nacimiento del fascismo en Europa en la crisis de 1930. Sin embargo, el problema hoy es más grave aún porque el peligro de este nuevo fascismo se da en una era nuclear, donde hacer estallar un conflicto atómico no supondría una guerra más en la historia de la humanidad, sino posiblemente la última.

Por eso mantenemos que lo que está hoy aquí en juego no es solo un test para Nicaragua y Centroamérica, ni un test de nuevas relaciones entre Estados Unidos y América Latina, sino que es un test también para Europa y para la humanidad. Pero sobre todo es un test para el mismo pueblo norteamericano. Consideramos que la crisis regional no es por contradicción entre los pueblos de Estados Unidos, Nicaragua, Centroamérica y América Latina, sino entre unas élites norteamericanas que han monopolizado la política exterior de su país, la han ideologizado y bipolarizado en un conflicto, agigantando artificial y engañosamente como entre el Este y el Oeste. Sin embargo, no podemos ignorar que se corre el peligro de que la intransigencia del gobierno norteamericano imponga este conflicto como una profecía autocumplida. Por eso, ante este nuevo monroísmo a escala mundial, Nicaragua y los pueblos de Centroamérica quieren presentar una visión alternativa desde América Latina, que también espera ser una propuesta al mundo que permita una salida conjunta, basada en intereses comunes para salir de la crisis económica, lograr la estabilidad y la paz. Sostenemos que la crisis centroamericana puede ser resuelta por los mismos centroamericanos si se evitan las interferencias extrarregionales. El problema es que los intentos de negociación, representados, por ejemplo, en Contadora, que expresó con el ACTA de septiembre de 1984 un espíritu bolivariano, son percibidos por esta visión monroísta como obstáculo y un peligro para la hegemonía norteamericana sobre su "patio trasero". Si Contadora fracasa, fracasan los 4 países que tomaron la iniciativa y pondría en peligro esta visión bolivariana y posiblemente quedaría una OEA retrotraída a su vieja decrepitud. Por algo la Revolución Sandinista fue la primera en aceptar el Acta de Contadora sin ningún tipo de modificaciones. Porque a pesar de las dificultades y de las insuficiencias del Acta de Contadora, el espíritu bolivariano del Acta encajaba dentro del proyecto de la Revolución Nicaragüense.

Recalcamos nuestra vocación bolivariana, porque la Revolución Sandinista está cumpliendo sus bodas de oro, con más de 50 años de experiencia. Pero también se aproxima a su sexto año en el poder. Este es un tiempo más que suficiente para que no se pueda decir que la Revolución Sandinista todavía no se ha definido. Hay demasiado evidencia histórica para que objetivamente la Revolución Sandinista pueda ser conocida por aquellos que deseen conocerla. Como todo proceso, ha tenido su dialéctica de avances y retrocesos, de dudas, de encrucijadas, pero es indudable que en el proceso espiral en que camina la historia, hay una clara y definida línea tendencial de la Revolución Sandinista que sólo aquellos que no quieren ver, no ven.

Con más de 5 años de haber tomado el poder, derrotando a la dictadura somocista, habiendo estado enfrentada militar, económica, política e ideológicamente como pocos procesos en el mundo lo han estado, en plena crisis regional e internacional, frente a una agresión despiadada de la mayor potencia mundial, sería imposible que la Revolución Sandinista no se haya definido. Si hay dificultades para encajonarla en una de esas matrices históricas que intentan encerrar la historia ágil y salpicante de los pueblos, esa es parte de la definición y de la particularidad del proceso, que se presenta como un fenómeno histórico innovador, expresión de la necesidad de realizar transformaciones sociales profundas en el Tercer Mundo, a través de un proceso democrático y un modelo económico dentro de los características de la pequeñez, el subdesarrollo, y perificidad de la realidad nicaragüense y centroamericana.

Cierto que la Revolución Sandinista no es sólo una Revolución nacional porque se da en una región históricamente considerada el patio trasero del imperio, su área preservada y por tanto, tiene también por su contexto geopolítico una implicancia regional e internacional.

Realidades concretas reafirman los principios del proceso revolucionario

Con más de 5 años de intentar construir la nueva Nicaragua, son realides concretas las que reafirman los principios y los valores que han dado el carácter a la Revolución Sandinista. Esta definición no es de escritorio, sino que se realiza en pleno campo de batalla, en un momento en que la escalada agresiva militar está tomando formas de creciente intervención; frente a una escalada ideológica que presenta a Nicaragua como un "terrorismo comunista amenazante" y como un proyecto que exporta Revolución e inestabilidad a toda la región. Ante semejante imposición, la Revolución Sandinista ha debido optar por una guerra del pueblo frente a la agresión, reestructurar la economía de reconstrucción en una economía de resistencia y de sobrevivencia nacional, al mismo tiempo que convoca a la solidaridad internacional que defiende el derecho de la auto-determinación y de la soberanía de los pueblos, por pequeños que éstos sean. Es decir, esta definición viene dada dentro del parámetro de una guerra, pero que al mismo tiempo ofrece una propuesta de paz nacional, regional y de distensión internacional.

La Revolución Sandinista triunfó en un momento donde la crisis y las contradicciones del sistema internacional habían alcanzado uno de los momentos más álgidos del siglo XX.

La Revolución Sandinista ha tenido que experimentar la crisis centroamericana, la crisis internacional y el proyecto de construir una nación al mismo tiempo. Quizá la amplitud y la enormidad de estas tareas para un pueblo pequeño y joven, haya dado apariencias de que este proceso de aprendizaje colectivo que vive nuestro pueblo, no tenga una definición precisa.

¿Quién puede tener definiciones precisas y acabadas en estas coyunturas tan cambiantes y dramáticas? Sin embargo, existe un proyecto con una clara trayectoria histórica hacia el futuro. Incluso, quisiéramos lanzar un reto a la Comunidad Internacional, para que no se distraiga buscando precisiones ideológicas de un proceso tan complejo como el nuestro, sino que evalúe y analice si la práctica de estos casi seis años y los valores y principios que la sostienen, pueden ser tildados de "terrorismo comunista amenazante", o si no debería más bien, ser considerado

nuestro proceso como un intento de asimilar las experiencias históricas de la humanidad para conseguir las transformaciones sociales y la democracia simultáneamente, aprendiendo de los errores y de los éxitos que la memoria colectiva de los pueblos nos han legado como su gran herencia.

Consideramos que los principios y los valores que sustenta la Revolución Sandinista, coinciden con los valores fundamentales que defienden los pueblos de América Latina y del Tercer Mundo. Al mismo tiempo estamos seguros que estos valores y principios coinciden con aquellos valores más profundos y humanos de la democracia occidental, representada por las corrientes más progresistas de Europa y sectores de los Estados Unidos. Es indudable también que la experiencia de los pueblos que optaron por el socialismo con sus múltiples experiencias de revoluciones populares en el mundo, han contribuido también en este largo proceso que modela las características propias del pueblo de Sandino.

1. El proyecto sandinista de economía mixta, pluralismo político, de genuino no-alineamiento y democracia participativa intenta resumir y materializar en la realidad nicaragüense este aprendizaje colectivo de los pueblos del mundo que han intentado construir su auto-determinación, la justicia e igualdad para sus ciudadanos, y el respeto internacional. Plantear un proyecto de economía mixta con un sector privado y un sector socializado de propiedad estatal y con diversas formas cooperativas, no hemos hecho más que articular un balance de fuerzas sociales y económicas que estructuralmente favorecen la superación de la desigualdad, de la injusticia y la falta de democracia. Esa estructura económica balanceada es la base sobre la que descansa el concepto del pluralismo político en Nicaragua. No vemos la posibilidad de crear un pluralismo político real si no existe también un pluralismo económico real, en el sentido de que ambos procesos son correspondientes con una mejor distribución de la riqueza nacional. Ambas cosas, la economía mixta y el pluralismo político, surgidos de una guerra de liberación que reivindica principios de soberanía, independencia y autodeterminación real no pueden sino expresarse en el ámbito internacional en términos de un genuino no alineamiento. Para la revolución sandinista unas genuinas relaciones de respeto mutuo, amistad y cooperación no están en contradicción con nuestros principios de No-Alineamiento, tal y como Reagan malintencionadamente prentende hacerlo creer a la comunidad internacional.

Es la lógica de las mayorías, esta lógica popular en una sociedad extraordinariamente subdesarrollada, la que define las prioridades, y el ritmo de un proceso que sólo se puede entender desde su raíz popular.

En este sentido consideramos que en la Revolución Sandinista se podría estar jugando un nuevo término de referencia, de ralización de los cambios sociales que el Tercer Mundo necesita. La Revolución Sandinista no pretende de ninguna manera ser original, pero sí pretende haber aprendido de las experiencias vividas por otros pueblos en su transformación social. En el caso de América Latina, la Revolución Sandinista aprendió en primer lugar de Bolívar y muy especialmente de la gran revolución mexicana de comienzos de siglo.

No es por lo tanto una casualidad si Sandino sale de México para dar inicio a los primeros pasos decisivos de la revolución nicaragüense. Hemos, más cercanamente, aprendido de Cuba, una revolución acosada y bloqueada desde su inicio, amenazada e intervenida. Aprendimos del aislamiento que tuvo que padecer Cuba y que lo sigue padeciendo, porque América Latina se encontraba bajo la hegemonía de un proyecto imperial como la Alianza para el Progreso, que tuvo la capacidad de crear un consenso latinoamericano capaz de aislar a Cuba, a excepción de la valiente e independiente actitud de México. También la Revolución Sandinista aprendió del modelo chileno de Allende, que intentó evitar los costos del boicot y el aislamiento cubano, realizando transformaciones sociales basadas en los procesos electorales y parlamentarios de la democracia occidental. La violencia militarista de los lacayos internos del imperio y el boicot económico y político que se estableció sobre Chile, dieron al traste con un proceso que había levantado grandes expectativas en los pueblos de América Latina y del tercer mundo.

La Revolución Popular Sandinista aprende de los procesos nacionalistas de la Panamá Torrijista y del Perú de Velasco Alvarado, enfrentados también por la política imperial como una amenaza a sus intereses.

La Revolución Popular Sandinista pretende haber asumido estas experiencias latinoamericanas, pretende también haber aprendido de las experiencias vividas por otros pueblos que en otras partes del mundo, sobre todo del Tercer Mundo, se enfrentaron a la tarea histórica de ganar su independencia real y a la creación de una sociedad nueva. El Sandinismo considera hoy que se pueden realizar transformaciones sociales-económicas y políticas profundas al mismo tiempo que se crean procesos democráticos profundos con una clara hegemonía popular. Esta hegemonía popular no está reñida con las formas de la democracia representativa. Profundiza la democracia, adaptándole a las condiciones del subdesarrollo y a la construcción de una sociedad civil que décadas de dictadura, opresión, intervención y control extranjero no han permitido formar en nuestro pueblo ni en los pueblos de Centroamérica.

2.– La Revolución Sandinista, la lucha por la paz y la integración regional)

La Revolución Popular Sandinista fue la primera de un conjunto de revoluciones sociales y políticas larvadas en el último siglo de la historia centroamericana. Fuimos la primera, como podríamos haber sido la última. La R.P.S. seguramente supo aprovechar las contradicciones y las coyunturas favorables que se dieron, combinado con el largo proceso de lucha por la soberanía del pueblo nicaragüense. Sin embargo, la R.P.S. que no cree en voluntarismos históricos, no pretende, ni puede, exportarse.

Al fin de cuentas las revoluciones no se exportan, las hacen los pueblos. Esta concepción se aplica en el hecho de que no ha habido país en Centroamérica que haya hecho tan repetidas e insistentes propuestas de paz como Nicaragua. Propuestas de paz bilaterales, regionales e internacionales. No ha sido Nicaragua la que se ha negado a firmar ningún acuerdo de paz. Ha sido Honduras quien ha rechazado nuestras múltiples propuestas, fue Estados Unidos el que rechazó, incluso discutir, la propuesta de paz de octubre de 1983, fueron los demás países de Centroamérica, presionados por Estados Unidos los que no tuvieron la autonomía para aceptar la propuesta de paz de Contadora, fue Estados Unidos el que suspendió unilateralmente las negociaciones de Manzanillo. Nicaragua no ha rehuído ningún foro internacional para discutir los problemas centroamericanos bilaterales y regionales, sean estos foros las Naciones Unidas, el Consejo de Seguridad, la Corte Internacional de La Haya, el GATT, la Unión Marítima Internacional.

Esta Revolución Sandinista, ha sido escudriñada y revisada por todas las organizaciones internacionales de Derechos Humanos, por las iglesias, por los sindicatos, por todas las internacionales políticas, por todas las organizaciones que defienden las minorías, a la mujer, a la juventud. Posiblemente no ha habido un proceso electoral al que se haya invitado con insistencia, incluso a nuestros más acervos enemigos, para que lo observen y lo critiquen. No se cerró la puerta a nadie para que viese y analizasen el proceso electoral, el primero de la historia del país y por tanto con sus virtudes y limitaciones.

Nicaragua en cualquier momento ofrece el Olivo de Paz a Estados Unidos y por supuesto a nuestros hermanos vecinos de Centroamérica, al mismo tiempo que se ve obligada a una guerra del pueblo contra una agresión que lleva ya cuatro años. Nicaragua ha ofrecido repetidas veces la garantía de que en el país no se construirán ningún tipo de bases militares extranjeras, hemos proclamado que Nicaragua, que nuestro país, no es ni será nunca base militar de nadie, de que estamos dispuestos a retirar todos los asesores militares extranjeros y que estamos dispuestos a entrar en un proceso de control de armamentos a nivel regional. Todo en forma equitativa y respetuosa de la dignidad y soberanía de las naciones centroamericanas.

Por otro lado, en medio de la crisis y polarización que vive Centroamérica, la R.P.S. considera que es posible iniciar un proceso de colaboración e integración regional de largo alcance. Estamos convencidos de que existe una alternativa económica y política para Centroamérica basada en su historia común. En una base productiva estructural común, basada en productos tradicionales de agroexportación como el azúcar, café, algodón, banano, carne, pescado, que significan un 70% del producto regional de Centroamérica. Sin embargo, estos productos no tienen gran futuro en la economía internacional, son competitivos entre sí en benefico del consumidor internacional y por tanto requieren formas regionales de complementaridad. Es posible un salto económico y una convivencia política en Centroamérica, si a los centroamericanos se nos permite resolver nuestros problemas sin interferencia extranjera. Lamentablemente durante un siglo hemos tenido un polarizador permanente interfiriendo y agitando las tensiones y conflictos entre nuestros pueblos. La Revolución Sandinista nunca ha proclamado una receta para Centroamérica. Defendemos un pluralismo político que respete rigurosamente los diversos niveles y formas de autodeterminación política y económica de cada uno de los Estados, que permita en medio de la diversidad, establecer una vinculación horizontal que cubra toda la región, superando el proyecto vertical de un cordón umbilical económico y político que nos siga atando a la metrópoli imperial, cordón umbilical económico y político recientemente renovado en las propuestas de la iniciativa para la Cuenca del Caribe y en el Informe Kissinger.

El sandinismo propone un proyecto de relaciones regionales más profundas y estrechas que las del viejo y caduco Mercado Común Centroamericano, pero a la vez, una diversificación de las relaciones internacionales de nuestros pequeños países. Es necesario comenzar a visualizar unas nuevas formas de cooperación e integración de los países de la Cuenca del Caribe dentro de un proyecto de integración mayor latinoamericano. Hoy todo América Latina necesita un nuevo proyecto de integración y nuevos estilos de desarrollo que superen los errores y limitaciones del desarrollismo del pasado. Las nuevas posibilidades de democracia en Brasil, Argentina, Uruguay y en el Cono Sur hacen que este sueño de la nueva integración latinoamericana sea una posibilidad que gobiernos y fuerzas políticas debamos comenzar a discutir.

Este proyecto regional alternativo, democrático, pluralista y con un fuerte carácter popular, basado en la satisfacción de las necesidades básicas de las grandes mayorías de la región como base para un nuevo modelo de acumulación, ofrece un potencial económico y político que puede tener un enorme interés para otros polos económicos y políticos del mundo.

En especial estamos pensando en Europa, en los países No-Alineados, en los Países Socialistas y el los países de la Cuenca del Pacífico sin que signifique excluir a los mismos Estados Unidos. Esta Cuenca del Caribe con sus casi 30 países con representación política en la ONU y en los principales foros internacionales, con una población de más de 60 millones y un producto regional bruto de 70.000 millones de dólares, se puede convertir en un polo de atracción económico y político de interés internacional. Frente a la iniciativa reaganiana de la Cuenca del Caribe que pretende imponer un proyecto de dependencia imperial, destruyendo todo proyecto horizontal y regional, es necesario que los pueblos de nuestra región de Centroamérica y del Caribe comiencen a pensar en una alternativa propia, sin tener que esperar que las soluciones nos vengan desde afuera. Consideramos que la crisis dramática que vive Centroamérica con todo y que es dolorosa está presentando esa oportunidad.

La salida democrática y pacífica a la crisis regional puede ayudar a establecer nuevas relaciones internacionales que diversifiquen la histórica dependencia de la región y evitar que estalle un conflicto regional que pudiera tener conexiones fatales, también para otros países del mundo en un momento de guerra fría y amenaza nuclear.

3.– Una experiencia convergente de luchas y valores

En este espíritu es importante que se analice y juzgue la experiencia política-ideológica que vive la Revolución Sandinista. Esta experiencia puede presentarse como una convergencia en la lucha por la soberanía, la independencia nacional y la autodeterminación, de tres grandes corrientes históricas de la humanidad.

El Nacionalismo, sobre todo un nacionalismo popular representado por las luchas tradicionales del pueblo nicaragüense y muy especialmente por la herencia programática antiimperialista y popular heredada por Sandino, que asumió la esencia de las reivindicaciones del pueblo nicaragüense por la soberanía e independencia nacional.

El Cristianismo, representado en la religiosidad y la cultura popular mayoritaria del pueblo de Nicaragua y en el aporte combatlvo al proceso revolucionario realizado por un número masivo de cristianos tanto en la guerra insurrecional como en el proceso de consolidación de la Revolución.

El Marxismo y las experiencias revolucionarias, de otros pueblos recogidas por el Frente Sandinista en el transcurso de su lucha contra la dictadura.

Ricardo Morales Avilés, pensador y dirigente mártir, esculpió una frase que refleja cómo hemos entendido el estudio de esas experiencias: "Hay que estudiar nuestra historia y nuestra realidad como marxistas y estudiar el Marxismo como nicaragüenses".

La convergencia en la lucha de estas tres grandes corrientes ideológicas de la humanidad, hacen que esta Revolución Sandinista sea difícil de definir para aquellos que convierten el estereotipo en una arma de descrédito y chantaje. El pensamiento y la acción actual, absorbe e integra en la vida y acción de la nación a hombres con valores y principios del crtistianismo, del nacionalismo popular y del marxismo en flexible interacción, llevando adelante un proyecto histórico que las nuevas experiencias revolucionarias seguramente no pasarán desapercibido.

Esto puede parecer heterodoxo para algunos, blasfemos para otros y tácticos para los cortos de vista. Esta realidad convergente crea las raíces sólidas de un auténtico pluralismo, que integra y absorbe las mejores experiencias históricas. El Sandinismo lo hace en una forma crítica y muy nicaragüense. Trata de evitar la ideologización de las ideologías, porque la historia enseña que esta ideologización lleva al dogmatismo.

El Sandinismo se presenta con la frente alta, y con la mirada clara ante los que piden definiciones políticas e ideológicas. Son más de 50 años de Sandinismo y más de 5 años de Revolución Sandinista, para que se nos siga pidiendo que digamos lo que somos y lo que pensamos. La Revolución Sandinista recupera simultáneamente la revolución social y económica, a la vez que la democracia dentro de un marco más profundo de democracia participativa.

Ante la amenaza de un Monroísmo Internacional, ante la amenaza de la política de la fuerza y de la diplomacia del garrote, la Revolución Sandinista contrapone esta realidad política, ideológica, flexible y original, que nos permite enfrentar y construir el futuro superando los esquemas para aprender continuamente de la memoria colectiva de los pueblos de la humanidad, esforzándonos por interpretar y transformar la historia de nuestro pueblo. No tenemos vergüenza ni necesidad de ocultar nuestra "peligrosa y terrorista" existencia sandinista. Nos sentimos orgullosos de ella y la proclamamos ante el mundo, porque consideramos que los explotados de esta tierra, los hombres de buena voluntad, los que quieren construir un futuro de paz y hermandad mundial, no tienen nada que temer de nosotros, sino más bien, estrechar nuestra mano amiga para contribuir a construir una humanidad de paz y justicia.

4.– La revolución ante la crisis internacional y la amenaza de guerra nuclear.

Frente a la crisis económica internacional, frente a la crisis de valores y el peligro de un nihilismo fascista de nuevo cuño que germina también en la crisis actual del capitalismo, la Revolución Sandinista se ve forzada a visualizar y reforzar los principios y valores que puedan lograr la convivencia internacional y evitar la guerra nuclear. Ante esta crisis internacional prolongada y profunda, en un mundo que reproduce el hambre y la opresión en forma creciente, ante dos diálogos atascados y bloqueados por en nuevo Monroismo como son el Norte-Sur y el Este-Oeste es importante visualizar el papel de los pequeños países de la periferia del sistema, de los países del tercer mundo y los países No-Alineados. La iniciativa de desarme nuclear enarbolada actualmente por México, Argentina, India, Suecia, Grecia y Tanzania así lo atestiguan. Es importante también reconocer la emergencia de más y nuevos sujetos históricos que están emergiendo frente a la crisis global (los movimientos de paz, ecológicos, las iglesias, el nuevo papel de los sindicatos, de las minorías, del movimiento negro, de las mujeres, de la juventud, etc.). Es importante ubicar un nuevo papel para estos sujetos históricos dentro de un proyecto global antimperialista.

Debemos de superar la vieja solidaridad internacional para que sea más una *convergencia de intereses comunes*. Frente a la nueva ideología imperial, frente a este nuevo Macartismo o Monroísmo internacional, que tiene detrás el apoyo del mayor presupuesto militar en la historia y un proyecto de guerra de las galaxias, es importante enfrentar este proyecto de muerte y contraponer un proyecto de nueva solidaridad internacional, un proyecto de lucha por la vida, con capacidad de crear un fuerte consenso mundial, una convergencia y convocación de intereses comunes compartidos por las mayorías de la humanidad.

Es importante parar la producción del hambre, miseria y amenaza guerrerista que en forma ampliada se está produciendo en el mundo. Es fundamental movilizar aquellos sujetos históricos que rompan este arbitrario tensionamiento Este-Oeste que limita las posibilidades y liquida las esperanzas de resolver el problema fundamental Norte-Sur y Capital-Trabajo. La recuperación del crecimiento económico, siempre ha dejado marginado a un 40-50% de la población del mundo, provocando na contradicción mayor entre Norte y Sur al concentrarse el recimiento en un consumo exuberante, en un gasto desmedido de recursos naturales, en un presupuesto militar mundial superior a toda la deuda del tercer mundo.

Esta crisis actual no es sólo una crisis económica, social y política, sino es también uan crisis cultural, de identidad expresión fundamental de la crisis del capitalismo. La tensión Este-Oeste ha sido artificialmente polarizada para relegar el problema del tercer mundo y la relación Norte y Sur en el basurero de la historia. Es importante levantar un paradigma que dé legitimidad, que sea capaz de movilizar a los sectores más sanos del mundo en busca de la paz, de la democracia, de la libertad y del desarrollo de las dos terceras partes de la humanidad.

Este no es sólo un problema que concierne al tercer mundo, porque se da también una "crisis" que se está profundizando dentro de las sociedades capitalistas más desarrolladas. Las tecnologías alienantes, la ruptura del balance ambiental, la profunda insatisfacción de consumo artificial y deshumano, está provocando que los pueblos comiencen a buscar de nuevo las raíces de su identidad ante la desesperación de no ver un futuro con sentido humano, sino más bien la amenaza nuclear. Algunos grupos recurren al escapismo en el consumo de la drogadicción, otros desesperados recurren al terrorismo, al crimen, otros al fundamentalismo religioso o ideológico. Es importante presentar un proyecto que despierte hoy la creatividad humana y desate las fuerzas populares contenidas a nivel internacional.

Posiblemente en esta tarea estos pequeños países del tercer mundo, "estos condenados de la tierra" como diría Fanon, podrían producir las chispas de creatividad que el mundo necesita para preservar su futuro.

5.– Una Europa para enfrentar la paz y el desarrollo del tercer mundo.

"La época del viejo sistema Atlántico ha terminado" fue la conclusión de cuatro institutos occidentales de política exterior en Bruselas en 1981. Desde nuestra perspectiva, también el viejo sistema Atlántico basado en el predominio de Estados Unidos no tiene, ni debería tener sentido ni futuro en un mundo de crisis. La incapacidad que la supremacía y el liderazgo norteamericano ha demostrado en los últimos años para resolver los problemas de la paz y del desarrollo del mundo, es cada día más patente. También nos parece patente y creemos que los líderes y dirigentes políticos responsables en Europa, comparten esta visión, que la fuerza como panacea de los problemas es imposible en una era nuclear. La paz en indivisible. No se puede promover la guerra para conseguir la paz en ninguna parte del mundo.

Los tiempos han cambiado también para Europa, su situación no es la misma que la del período de destrucción post-bélica, Europa supera hoy a Estados Unidos en un conjunto de los principales indicadores económicos. Precisamente la fuerza competitiva de Europa y de Japón es parte de la crisis económica actual que asusta a Estados Unidos. Y es que la entrada en el poder económico y político mundial del tercer mundo, que Estados Unidos ve como un peligro, para Europa representa una complementaridad de recursos naturales y de mercado. No es casual que al mismo tiempo que Europa ha estado más bien proclive a apoyar el diálogo Norte-Sur, Estados Unidos ha rehusado discutir este eje fundamental de la crisis internacional.

Hemos seguido con atención el conjunto de alternativas que se han producido en Europa recientemente.

1983 y 84 han visto el creciente flujo de personalidades políticas y económicas y el creciente interés entre las dos Europas de encontrar sus puntos de convergencia y sus intereses comunes. Una polarización Este-Oeste es ciertamente un obstáculo para nosotros en el tercer mundo, pero vemos con satisfacción que comienza a percibirse que esta polarización es un obstáculo para la misma Europa. Los recursos naturales y los mercados

del tercer mundo, ofrecen a una Europa desgastada en recursos naturales, una convergencia de intereses que favorecería el desarrollo del tercer mundo y la recomposición europea.

Pero a la vez reforzaría todo el movimiento de no alineamiento y la posibilidad de abrir un nuevo orden económico internacional que no tenga permanentemente que sufrir el veto de los Estados Unidos para la implementación de las sugerencias políticas y económicas que se han dado en dichos encuentros. Por eso la Revolución Sandinista temprana y conscientemente ha promovido las relaciones de nuestra región con Europa; no es una casualidad si nuestro país recibe de esa región del mundo una importante cooperación económica y política; no es una casualidad si desde Suecia hasta España contamos con amigos firmes, no es ciertamente un azar si somos el país centroamericano con mayores vinculaciones europeas. En fin tenemos la convicción que Europa tiene un lugar constructivo a jugar en la crisis de C.A. y con su cooperación contribuir a diversificar las relaciones de nuestros países y con ello contribuir al relajamiento de la influencia monopólica de los Estados Unidos en la región.

Los aliados europeos de los Estados Unidos tienen en C.A. un desafío para contribuir a la paz y la distensión internacional.

6.- Una relación estrecha y no alineada con los países socialistas.

A partir de estas reflexiones siempre nos preguntan respecto de la naturaleza y fines de nuestras relaciones con los países socialistas.

El No Alineamiento genuino se expresa en la amplitud de las relaciones

Los sandinistas respondemos que un genuino no alineamiento se puede implementar manteniendo una estrecha y amistosa relación con los países socialistas, como también se puede realizar manteniendo una estrecha amistad con el pueblo norteamericano. El poder contar con el apoyo y la solidaridad de los países socialistas, sobre todo para los pequeños países de la periferia, es fundamental para poder caminar por este difícil y tortuoso proceso de una independencia nacional que tienen que pasar nuestros pueblos para conseguir su soberanía y la transformación social y democrática de sus viejas y caducas estructuras. La Revolución Sandinista reafirma ante el mundo su amistad con los países socialistas, expresión de su total independencia y no alineamiento con cualquier bloque internacional. Es indudable que la Revolución Sandinista tiene que reconocer el apoyo y la generosidad de los países socialistas, que en momentos en que Nicaragua sigue luchando por su sobrevivencia, han ofrecido su apoyo económico y humano sin pedir nada a cambio. Es muy difícil que el presidente Reagan pueda convencer a nuestro pueblo que esos maestros cubanos que han educado a sus hijos en los lugares más inhóspitos de nuestro país, son una amenaza terrorista. Es muy difícil que el presidente Reagan convenza a nuestro pueblo, que esos doctores que han reducido la mortalidad infantil de nuestro pueblo, que han ayudado a eliminar en las campañas de salud la poliomielitis, que han curado a los heridos y traumados por la agresión imperial, son una amenaza comunista. Es muy difícil que los miles de internacionalistas europeos, norteamericanos y latinoamericanos que han trabajado junto a compañeros soviéticos, búlgaros o vietnamitas, codo a codo en proyectos comunes en beneficio para el pueblo nicaragüense sean considerados incluso por ellos, europeos y norteamericanos que han vivido en nuestro país, una amenaza terrorista.

Quisiéramos ilustrar este aspecto controversial de nuestras relaciones internacionales, con lo que una vez dijimos de nuestras relaciones con Cuba. Afirmamos categóricamente que somos los nicaragüenses quienes determinamos de manera soberana quiénes son nuestros amigos y que Cuba ocupa un lugar privilegiado entre nuestros amigos.

Podría incluso presentarse el caso que nuestro Gobierno no estimara necesario tanta cooperación de Cuba, podría ésta reducirse e incluso eliminar, pero NUNCA y JAMAS podría reducirse la amistad con el pueblo de Cuba, con su gobierno, con su partido.

Se nos podría ofrecer, incluso, todo el oro de Wall Street a cambio de que cesemos la amistad con Cuba y respondemos que nuestra amistad no tiene precio y no es negociable.

Pero la posición norteamericana está exigiendo a Nicaragua y a Centroamérica nada más y nada menos que un alineamiento efectivo y una subordinación absoluta con la política imperial. En otras palabras, lo que está en juego es la autodeterminación de Nicaragua y de los pueblos de Centroamérica y la dignidad de América Latina, del Tercer Mundo. No podemos aceptar que un problema nacional o a lo máximo regional, se pueda transformar, según los intereses norteamericanos, en un problema global. Por eso el gobierno Reagan pretende que deben destruirnos porque de ello depende la credibilidad de su imperio y de sus nuevos sueños.

Debemos afirmar que no ha sido la Revolución Sandinista la que ha disminuido la credibilidad y debilitado la legitimidad de Estados Unidos a nivel internacional, sino que el mal manejo de la política exterior norteamericana hacia Nicaragua y la región, ha sido la causa de esta pérdida de prestigio norteamericano en el mundo. Estados Unidos se encuentra con la responsabilidad de definir una política justa y adecuada y también de definir los límites de su poder para implementar esa política en esta convulsionada región.

Expandiendo la crisis a todos los países de la región como Honduras, Costa Rica, e incluso Panamá, Estados Unidos está creando condiciones reales en Centroamérica para que el conflicto regional pueda convertirse en un problema de seguridad nacional para Estados Unidos. Estaría autocumpliendo así su propia profecía.

Queremos concluir señalando que para nosotros, mantener esta posición de autodeterminación e independencia es extraordinariamente costoso; incluso, países amigos presionan a Nicaragua para que sea más acomodaticia en este respecto. Nicaragua mantiene que este es un problema de principios y que aquí se está jugando mucho del futuro de nuestros pueblos, a partir de la identidad de la Revolución Sandinista. Debe entenderse entonces, por qué nuestro lema es: PATRIA LIBRE O MORIR.



El Ministro de Educación de Nicaragua, Fernando Cardenal, mientras interviene en el Primer Congreso del Pensamiento Anti-Imperialista. En la mesa, Xabier Gorostiaga, Director de INIES, la Comandante Leticia Herrera, los escritores Edelberto Torres y Gregorio Selser y el Ministro de Cultura, Ernesto Cardenal.

Durante los días comprendidos entre el 18 y 20 de febrero, se celebró en Managua, Nicaragua, el Primer Congreso del Pensamiento Anti-Imperialista, al cual concurrieron numerosas personalidades políticas e intelectuales del continente.

Cerró el Congreso, el Comandante Bayardo Arce, quien ofreció una importante exposición, en la que destaca la necesidad de plasmar la unidad latinoamericana sobre la base de la lógica de las mayorías, siguiendo la guía trazada por Bolívar, Sandino y otros próceres latinoamericanos.

La importancia del documento llevó a Pensamiento Propio a imprimirlo como Separata del Boletín.

Deni

ENCONTRO
de NOVOS MILITANTES
da J.O.C.
do Estado
de São Paulo



Realidade:

- Economia
- Política
- Mov. Operário
- Igreja
- Juventude Trabalhadora

5-6-7 Setembro 81

CEDIC - CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM INTERDISCIPLINAR - UFRRJ

PAUTA DO ENCONTRO ESTADUAL DE NOVOS DO ESTADO DE S.P.

5/6/7/de setembro .

OBJETIVOS

- Fazer uma análise da realidade.
- Troca de experiencias a partir da ação.
- Possibilitar que os militantes assumam e dewcubram o mov Joõ organizado como resposta a realidade de vida dos JO vens Trabalhadores.
- Provocar um maior entrosamento.

SABADO

- Abertura, apresentação, aprovaç~o da pauta, distribuição de tarefas. tempo 2 horas.
- Folga 2 "

- A tarde Realidade.
  em grupo ler material e levantar questões.
  tempo 2,30minuts.
- Plenário Colocação dos Grupos Tempo 200 Horas.
- A noite ver filme e debate (Hist. Classe Operária)

DOMINGO

Em grupo aprofundar questões. tempo 1,30 mints.

- Plenário colocação dos aprofundamentos.
  tempo 2,00 horas.
- A tarde Realidade Juventude Trabalhadora. Teatro.
  tempo 100 hora.

- A Tarde Ação.

- Em grupo troca de experiencia. tempo 1,30 mints.

- Plenário colocaç˜o de experiencias e selecionar questões, e organização das cidades tempo 2,15 mints.

- Noite

- Em grupos aprofundar questões. Tempo 100 hora.

- Slaide e experiencia de sindicato. Tempo 1,00 hora.

SEGUNDA FEIRA

- Plenário colocação aprofundamento dos grupos.
tempo 1,30 mints.

- História da JOC, Experiencia, Internacional, Histórico da equipe.estad
tempo 2,00 horas.

- Levantar exigencias para as cidades.

- Avaliação do encontro. Tempo 1,30 mints.

- Celebração e encerramento tempo 1,30 mints.

HORÁRIO

7,00 horas Levantar.
8,00 Trabalho.
10,00 Café.
12,00 Almoço.
14,00 Trabalho.
17,00 Café.
19,00 Jantar.

COORDENAÇÃO

Ana.
JoãoZinho.
Edu.
Gilberto.
Marcia.

SECRETATIA

JÚ
REginaldo.

CEDIM CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR UFRRJ

I

MATERIAL DO PONTO ECONOMICO

A economia é uma palavra muito usada hoje mas que na verdade está diatandiada dia após dia dos bolsos dos trabalhado A economia é o processo utilizado para fazer distribuição nacional dos recursos.

É o conjunto de interesses economicos do povo sob a proteção jurídica do estado. É toda a riqueza que produzimos, o dinheiro que entra ,o dinheiro que saí, a distribuição desta riqueza. É o dinheiro que circula no país através do lucro produzido.

Instrumento de avaliação do padrão monetário da nação. É a riqueza de um país para poder sobreviver e ter segurança.

É um conjunto de medidas que vão conduzir o processo economico.

O QUE AS CIDADES PRODUZEM?

PEDREIRA : Louças, soladores, plasticos, gelatina, maquinas industriais, produtos refratários.

CAMPINAS : Auto peças, maquinas pesadas, torno, vagões, caminhoes alimentos, maquinas eletricas, equipamentos eletronicos, produtos químicos, confecções, têxteis, construção civil.

OSASCO : Peças de ferro, artefatos de cimento, têxtil, frigoríficos, etc.

S. CAETANO : Carros, assessórios, maquinas, materialde construção, etc, muitas industrias de autos.

SANTOS : Produz banana.?

S. ANDRÉ : Produtos industrializados, químicos de borracha, têxtil, eletrodomesticos, automobilisticos, fertilizantes, produtos alimantícios.

Em geral essas riquezas são de produção industrializada, isto é feitas nas maquinas, o principal neste processo todo

é o trabalhador.(as vezes qualificado as vezes não)e na grande maioria os jovens, e as mulheres. Isto na industria, na agropecuária e comoércio.

Essas riquezas não são distribuidas com quem está na produção. Esta riqueza está sendo dividida com uma minoria composta de industriais,banquieoros, donos de fábrica.E o trabalhador recebe o mínimo parase manter vivo e trabalhar.Os trabalhadores produzem muito, mas nem 16% desta produção é distribuida para eles.

Toda esta situação de má distribuição de renda a gente sente quando vemos as péssimas condições de vida que nós trabalhadores estamos vivendo: salário péssimo,má alimentação, pessimo transporte,e caro, marginalização,desmpregados jogados pelas ruas,etc..

Nós jovens sentimos mais ainda no divertimento que não podemos ter por causa do preço, quando estudamos é má a qualidade do ensino. no relacionamento familiar e com outras pessoas.

DESEMPREGO

O desemprego é causado :

Pelo recesso economico, a crise do capitalismo e com isso é o operário que está cada vez mais explorado. Há super produção e queda do poder aquisitivo

A ganancia dos patrões que não querem assumir osencargos ~~gos~~ da crise e jogam em cima dos operários.

O sistema capitalista que explora o ao máximo o povo , e produz enormes lucros que fica nas mãs de poucos causando a crise.

O sesemprego é causado tambem pelasuper produção . Tem muito oprário fazendo muitíssimas Horas Extras, por necessidade de salario e paran não perder o emprego. " O trabalho é para o homem e não o homem para o trabalho." (J.Paulo II).

O desenvolvimento da agricultura fazendo que o podo do

I

roça venha paraa cidade.

A crise energética que está causando inflação, Falta de competencia do nosso governo.

Fizemos tambem algumas constataçõss quanto ao desemprego!

A Mercedes Benz já demitiu em São Bernardo do Campo mais ou menos 5.000 trabalhadores.

A Robert Boch em Campinas com 7.000 funcionários demitiu de março paracá 2.300 funcionários.

A Volks em São Bernardo do Campo já dispensou 3.000 oprários, induzindos os a pedir conta.

Em Pedreira está alarmante, de dois meses para cá 50 oprários sindicalizados foram demitidos sem contar os outros.

No fim já tem militantante da Joc desempregado a tanto tempo que já tá doido prá arranjar um emprego prá poder descansar.

MATERIAL DO PONTO DE POLÍTICA

Historico 61 a 80

Política é um tema muito vasto e complexo e por esse motivo devemos ter tranquilidade para não se dar uma interrmpletação erronea do que se coloca a respeito, principalmente quando vemos fatos historicos.

Vivemos um momento político delicado que exige uma discussão profunda para que sejamos capazes de nos situar conscientemente em relação ao assunto, levando em conta o momento his tórico.

Nos últimos 20 anos muita coisa aconteceu no cenário político brasileiro, basta citar a revolução de 64. Muitosdestes acontecimentos não somos capazes ou não ttemos condições ainda de sabê-los mas através de pesquisa e trocas de idéias descobimos alguns deles.

Sabemos por exemplo que que após o golpe militar de64 alguns prefeitos foram cassados por seu posicionamento político, inversdaqueles que tomaram o poder. Aliás, até hoje temos cidades consideradas de Segurança Nacinnal, onde o povo não pode eleger seus prefeitos sendo estes indicados pelos governadores. estaduais.

Houve tambem um tato que acabou com todos osl partidos existentes, e criando a ARENA e MDB, sendo um pelo governo e outro pelas oposições.

Depois de uma longa camirhada o descontentamento do povo vai aumentando e a oposição vai fazendofrente ao governo. A mobilização Popular tambem cresce e vários grupos passam a se organizar.

Entre 68 e 71, o Brasil vive anos de terror devido a uma terrível repressão que os orgãos do governo aplicam em cima destes grupos.

Tambem a Oposição Sindicais vem se desenvolvndo nestes ultimos anos e a Classe Operária luta desesperadamente pelos seus direitos. Como parte desta organização operária podemos citar as greves dos portuários de Santos, que resultou na cassação de líderes e intervanção nos sindicatos, as greves dos metalurgicos do ABC, dos Rodovia-

rios e dos professores.Tambem aconteceu o protesto estudantil contra o modelo educacional em Santo André.

Com a abertura no governo Figueiredo,retornam ao Brasil alguns exilados políticos do golpe militar de 64.Tambem com a abertura Arena e MDB são extintos com a reformulação partidaria,abrindo espaçõ para o pluripartidarismo e diversas tendencias políticas,que ocuparam o espaço aberto pelos p rtidos.

Com uma preocupação de articular as massas,fazendo delas trampolim para tomar o poder,baseados numa análise irreal das necessidades do povo brasileiro as tendencias atuam tambem nos movimentos populares e nos sindicatos.

Tendencias

Seu principal veicula de contato com o povo são os orgãos de imprenda.Al

Voz da Unidade e Hora do Povo.São articualdores da chamada unidade sindical.

O Trabalho representam libelu.

Convergencia socialista

Tribuna de luta Operária

Companheiros

Em Tempo.

PARTIDOS POLÍTICOS

Hoje no Brasil nos temos vários partidos, uns com muita e outroscom pouca ou nenhuma representatividade popular.

PDS - Partido do Governo

PMDB- Constituido dos seguidores da extinta MDB

PP - O Chamado Partido dos Banqueiros, e da burguesia .

PDT - Partido de IVete Vargas.

PT - Em linhas gerais é o que apresenta a melhor proposta,numa tentativa de fazer um trabalho de base.

PDT - é o partido de Leonel Brizola.

Nesta época os partidos começam a atuar mais pensando em eleições. O PDT tem atuado em Santo André e em Osasco onde detem a

prefeitura. O pds tem atuado em Santo André atraves de etudaos e o prefeito de Santo André é do PMDB. Para 82 o PP já tem vários candidatos a prefeitos e vereadores.

Com relação a atuaçãodestes partidos não é necessário falar muita coisa, Muito pouco ou quase nada tem feito pela Classe Trabalhadora.

Participação dos Jovens Devido à confusão estabelecida entre as diversas propostas partidárias e as tendencias , os jovens ainda não encontram muitas oportunidades de participarem da vida política, limitando-se enquanto à filiação nos partidos e atividades através dos núcleos de bairros. Alguns lugares chegam até mesmo a não não ter nenhuma participação. Apesar disto alguns partidos possuem setores de jovens, como é o caso da Ala Jovem do Pmdb. em Maúá e a juvntudedo PDS em Sant o André.

OBSERVAÇÃO

Na pautaenviada para as cidades uma pergunta ficou um tanto vaga não permitindo muita claridade nas respostas é a pergunta nº 3 Quais são suas propostas.

As respostas foram as seguintes:

- Espera-se que toda essa movimentação partudária esteja voltada para a proteção do bem comum .
- Que leve a mudança do sistema e não a mudança do regime.
- Que leve ainda à uma democracia ideal aospadrões brasileiros e que os partidos se interressem mais pelos trabalhadores.

//

MATERIAL DO PONTO DE M. CTERÍRIO

Categorias atuantes.

Das oito cidades pesquisadas as categotias mais atuantes e presentes em mais de tres cidades são metalurgicos, motoristas e a seguir têxteis, os bancarios e ceramistas em duas cidades. As outras categorias de atuação mais significativas s"o: Portuarios professores, petroleiros, enfermeiros, médicos, comercio, de alimentos e construção civil.

2- Diretorias : Algumas diretorias atuam orientando os trabalhadores sobre seus direitos e deveres, assumindo o lado dos trabalhadores, promovendo assembleias e campanhas salariais marcantes Celebram contratos coletivos de trabalho, colaboram com o estado como orgão tecnico ou consultivo, mantem serviço de assistencia jurídica, transmitem propostas dos operários aos patrões, promovem conciliação nos dissídios, fundam cooperativas e mantem escolas.

Algumas diretorias autenticas, a maioria porém pelega, sustentam uma estrutura sindical atrelada, e dificultam a participação no sindicato.
Em Osasco as únicas deretorias atuantes na região são os bancarios de São Paulo com sub sede la e a des motoristas que ainda não tem sub sede.

Nossa participação no sindicato : ainda é pequena, alguns não conhecem ninguem no sindicato, para outros o modo como são conduzidos as assembleias impedem a participação. Alguns participam nas campanhas de oposi"o, a participação de outros porém consiste em pagar mensalidades participar de asembleias, manter contactos.

Quanto a particiapação dos trabalhadores no sindicato não

chega a 10 ou 15 % nestas diversas categorias citadas.

Dificuldades : A primeira dificuldade é a estrutura sindical a trelada ao ministerio do trabalho, que impede as organizações de funcionarem livremente.ex ABC.

As diretorias são pelegas que barram a participação

O medo de ser demunciado e de perder o emprego,de ser perseguido pelo patrão.

Falta de concéencia de classe que leva o operário a não se interessar pelo sindicato.

As intervenções do governo no sindicato e a burocracia,são dificuldades que juntam à briga pela estabilidade no emprego,o que o trabalhador tem direito.

Geralmente o pessoal da fábrica não aceita o sindicato,principalmente os chefes e encaregados. A mensalidade é alta e pedem * fotografias

A obrigação dos operários das p quenas fábricas de pagarem as mensalidades em sedes dos sindicatos distantes.

Uma outra dificuldade é não ter claro como usar o sindicato e c cono ocupar um espaço nele.

OPOSIÇÃO SINDICAL : Existem oposições sindicais organizadas nos seguintes catego ias:

METALURGICOS São Paulo,Santo André,Osasco,Santos,Campinas,Itu , Ribeirão Preto e Jundiaí

MOTORISTAS : São Paulo e ABC

COSTUREIRAS: São Paulo

RADIALISTAS: " "

TELESP : " "

BANCARIOS : " "

C.CIVIL : " "

ALIMENTOS : CAMPINAS

PROFESSORES : " "

QUÍMICOS : ABC e São Paulo

No geral as oposições atuam tentando organizar o trabalhador

pela base, sindicalizando a maioria, promovendo reuniões semanais e de setor e mensalmente uma assembleia sindical.
Atuam nas mobilizações operárias e nas chapa dois em S.Paulo, que perdeu mas continua se encontrando.

A Oposição metalurgica de Osasco está desarticulada por causa das seguidas divisões. Os bancarios tem um trabalho consequente na sub sede onde se fazem debates, pasa-se filmes, fazem distribuição um jornal da categoria e promovem encontros. atuam nas portas dos bancos distribuindo panfltos e jornais.

A cosntrução civil est' em campanha e há uma tentativa de alguma forma de constatar operários da categoria da chapa que é da região.

Em Campinas a Oposição sindical metalurgica se juntou com alguns grupos para poder sair uma chapa unica e assim juntar força para derrubar o pelego.

Devido ao pouco tempo da existencia da oposição fez com que a categoria não chegasse a conhecer o suficiente da chapa tambem o pouco número de sindicalizados fez com que a oposição perdesse. A maioria do passoal est' desempregada mas está animada dapelo que se conseguiu durante esta campanha e pretende continuar na categoria fazendo oposição ao maior pelego de Campinas. Continuam se encontrando para dar continuidade ao trabalho iniciado

§§§

MATERIAL DO PONTO DE IGREJA

- Qual é a Missão da Igreja?

Dentro do espírito evangelico da Igreja sua missão é lutar pela Justiça, atuando em vários campos da sociedade na construção de um mundo humano, fraterno, para a constução do Reino de Deus.

A Igreja deve tambem contribuir na libertação do povo ajudando a orientar e preservando o bem comum da população. Com base no Evangelho deve lutar pelos Direitos Humanos, pois faz parte do que Jesus Cristo quer.

É papel da Igreja levar o Evangelho aos pobres de forma que na evangelização e concientização os os valores Evangelicos possam ser vividos no dia a dia. É sua missão estar a serviço dos pobres e oprimidos.

Quando a Igreja abre seu espaço fisico para os trabalhadores e as comunidades se reunirem, e se organizarem está tambem cumprindo seu papel e missão.

A Igreja tem uma contribuição para com os marginalizados os doentes, presos, sendo sinal de esperança e alegria.

A Igreja deve desenvolver a comunidade e realizar o batismo, crismas e outros sacramentos com sinal de compromisso e não como imposição.

Enfim é Missão da Igreja apoiar a Classe Operária. E concientizar o povo, alicerçar a Justiça, mostrar o verdadeiro Evangelho para que vivamos em uma sociedade que compartilhe a vida.

Quando a Igreja cumpre sua missão é uma força na busca de um mundo de Justiça, e uma Sociedade Nova, onde os homens sejam todos irmãos.

- Como estamos contibuindo nesta Missão?

A Nossa contibuição é lutar paraque o Reino de Deus se concretise e possa acontecer.

E isto vamos conseguir na medida da nossa militancia, no dia a dia, quando vamos transformando a nossa realidade através da conscientização e mobilização da Classe Trabalhadora.

Quando procuramos orientar e organizar o povo para uma realidade carente de Justiça, participando do Movimento Operário e movimentos operários populares, atuando nos gêupos de cristãos como JOC, Pastoral Operária, CEBS...

Quando convidamos nossos companheiros para participar. Fazemos visitas em suas casas, dividimos o que temos e tambem as tarefas, refletimos os assuntos de nossa vida e trabalho, assumindo uma transformação nossa e da realidade estamos dando um testemunho vivo de uma vida nova.

A nossa contibuição se dá tambem quando ajudamos nas comunidades, doando nossos valores e capacidades, compondo musicas, participando de missas e outras atividades.

Levantando a situação de vida do povo, suas condições de vida e trabalho, saúde, desemprego, moradia, escola, alimentação, levando a Igreja a perceber a realidade de nosso povo e sua missão aí dentro.

Nossa contribuição tambem se dá qundo reconhecemos que nossa contribuição ainda é pequena diante do desafio que temos, porem sincera.

E quando paramos para refltir nossa ação. Revisando nossas falhas, erros e avanços. Retomando os objetivos fundamentais de libertação da Classe Trabalhadora é de todo o povo oprimido.

REALIDADE DA JUVENTUDE TRABALHADORA

Obs. Estre material foi transcrito do boletim JUventude Trabalhadora mímero 11.

Nós Jovens trabalhadores nos diveros setores da sociedade como fábrica,comercio,hospitais domestic,s e construção Civil.....e representamos mais de 60% da classe Trabalhadora. Nossas condições de Trabalho são péssimas.

NO COMERCIO por exemplo,a vigilancia nas lojas é terrivel. O horario de saída nem sempre é determinado , não temos local nem horário de almoço,não recebemos hora extra,somos obrigados a ficar de pe o dia interio,ter sempre um sofriso para os fregueses e o salário é baixo Nos hospitais trabalhamos em turnos de 12 horas dia e noite.

NAS FÁBRICAS a situação nao é diferente. Somos obrigados a trabalhar em ritmo de produção com os chefes sempre de olho. Até nosso horario de ir ao banheiro é controlado.Onde tem refeitório a comida é ruim causando problemas de saúde.O médico das empresas não nos dão atenção devida.No meio do mes nosso salario já acabou. Quando somos mandadas embora é difícil arranjar outro emprego, nossa profissao não é valorizada.

NO [illegible] não temos folga,horário de trabalho e nem carteira assinada.Geralmente viemos do interior e estamos sujeitas as imposições das patroas. Não recebemos salario Mínimo e não temos férias.

NA CONSTRUÇÃO CIVIL existe um forte índice de acidentes por falta de material de segurança,ritmo de trabalho e pelas más condições de trabalho oferecidas pelos patrões que não se preocupam com os operários, mas sim em acabar a mais depressa possível as obras.

Alem de tudo isto,sofremos uma onda cada vez maior de desemprego pois não são respeitados. Os patrões dizem que estão em crise e todo o dia tem gentena rua, enquanto quem fica tem

que trabalhar em ritmo dobrado ou fazer horas extras. Na verdade não querem diminuir seus lucros.

NOS BAIRROS onde vivemos que deveriam ser o lugar onde a gente pudesse descansar e sentir tranquilo, a nossa vida fica m mais complicada.

Geralmente moramos nas periferias e favelas, longe do em prego e os onibus são precários não tendo horário regular nem são suficientes para atender toda a população. Somos obrigados a levantar muito cedo e chegar tarde em casa.

As ruas são esburacadas e escuras, falta iluminação, criando na gente insegurança para sair a noite. Não temos aréas de lazer e diversão e quando fazemos rodas nas esquinas somos considerados malandros, marginais.

As diversões que existem como bares, discotecas, jogos, futeboll, etc, são formas de levar nosso dinheiro.

As escolas são sempre distantes e cobram um absurdo. A gente sai do serviço e vai direto para as aulas, as vezes nem um lanche, os professores não reconhecem isto como causa de nossa dificuldade de aprender as matérias e nos reprovam. Muitas vezes desistimos de estudar antes de terminar o ano, já sem forças para continuar. Quando pagamos colegio não podemos ajudar a família, pois é a conta da mensalidade, livros, cadernos, passagens.

Toda essa situação reflete no relacionameto com nossas famílias que geralmente são de 5 a 15 pessoas. Muitas vezes brigamos sem saber porque, a gente acaba ficando agressivo com nossos pais e irmãos, mas gostamos muito deles.

Nos jovens trabalhamos muito e ajudamos nossa familia. Não comemos carne e nem legumes todos os dias, frutas quase nunca temos. Quando alguem fica doente ou desempregado sofremos muitas necessidades, passamos privações, o aluguel atrasa.....

Diante desta realidade ,nós jovens ainda temos esperança e acreditamos na vida, porque trazemos dentro de nós um projeto de mudança.

As nossas aspirações são: Trabalhar,estudar,constituir uma família feliz,e ter amigos, compreensão,união,paz,amor , independencia financeira,diversão. Enfim buscamos um mundo de Justiça, Liberdade onde sejamos jovens e que tenhamos oportunidade de colocar nossos valores e capacidades de contribuir na Construção de uma sociedade Justa.



"Se tiverdes fé,

ireis

a conquista do mundo!"

CEDIM
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR - UFRRJ

Año 9
Número 107
Septiembre
1990

envío

Publicación del Instituto Histórico Centroamericano
y de la Universidad Centroamericana

en este número

coyuntura
UNO Y FSLN
LA DIVISIÓN EN ESCENA

análisis
LOS COSTOS DEL VERTICALISMO
UN FSLN SIN ROSTRO CAMPESINO



Apartado A-194. Managua, Nicaragua.

envio

publicación del Instituto Histórico Centroamericano y de la Universidad Centroamericana.

ENVIO se edita total o parcialmente en cinco idiomas:
español, inglés, alemán, francés e italiano.

Director: Napoleón Alvarado, s.j.

Sub-Directora: María Teodora López.

Jefe de redacción español: María López Vigil.

Jefe de redacción inglés: Judy Butler.

Equipo de redacción: Napoleón Alvarado, sj, Maria Teodora López, María López Vigil, Peter Marchetti, sj, Judy Butler, Alejandro Bendaña, José Mulligan, sj, Juan Hernández Pico, sj, Donna vukelich, Millie Thayer, Carolina Parker, Anne Larson, Fernando Garcia.

Diagramación y Diseño: Pablo A. Marenco Amador.

Suscripción: Martha Ferrey Pernudi.

Secretaría: Jamileth Treminio.

Distribución: Edgard Guido, Arnulfo Velasquez.

Para información y suscripciones a las ediciones española ó inglesa desde cualquier país del mundo, escribir a:

-Instituto Histórico Centroamericano
Apartado A-194 Managua, Nicaragua.
Teléfonos: 72572 - 74888.

Para la edición inglesa:

-Central American Historical Institute (CAHI)
Intercultural Center - Georgetown University
Washingtong, D.C. 20057 - Estados Unidos.

Para la edición (sólo) española:

-CRIES
Yosemite 45
Colonia Napoles, 03810
México 18, D.F.-México.

-ENVIO
Fernandez de los Ríos
2 - 3 izq.
28015 Madrid - España.

-CINEP
Apartado aéreo 25916
Bogotá - Colombia.

Para la edición (sólo) francesa:

- Comité de Solidarité avec le Nicaragua
14, Rue de Nanteuil
75015 París-Francia.

- Para la edición (sólo) alemana:

- Edition Nahua GMBH
Hafaue 51
56 Wuppertal 1-
Alemania Federal.

Para la edición (sólo) italiana:

- Marco Cantarelli
Via Capraia 40
36100 Vicenza
Italia.

Suscripción anual: América Latina y Centroamérica, U.S. $25.00, Canadá U.S. $27.00, Europa y demás países, U.S. $ 40.00. Los cheques deben dirigirse a: Instituto Histórico Centroamericano.

El contenido de ENVIO puede ser reproducido total o parcialmente, citando la fuente y enviando a Managua copia de lo publicado.



La serpiente emplumada o Quetzalcoatl, que se halla a la orilla de la laguna volcánica de Asososca, cerca de Managua - la que abastece de agua a la capital- es la única pintura rupestre de Nicaragua. Simbolo de la unidad tierra y el cielo, la serpiente pagaro se proyecta hacia lo puntos cardinales. Las otras imagenes de este numero son también reelaboraciones de petroglifos de Nicaragua.

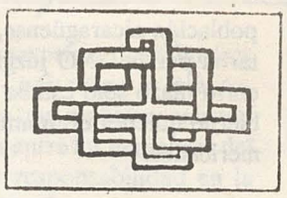
envio

en este número

UNO Y FSLN
LA DIVISION EN ESCENA..... 1

LOS COSTOS DEL VERTICALISMO
UN FSLN SIN ROSTRO CAMPESINO 19





UNO Y FSLN
LA DIVISIÓN EN ESCENA

"Los sandinistas están acabados. Tienen tensiones dentro del ejército. Entre ellos, están divididos entre los cabezas calientes que no han entendido su derrota y sólo piensan en asonadas y en barricadas, y una minoría que quiere otra cosa, pero no sabe ni qué es lo que quiere. Dentro de la misma Dirección Nacional hay divisiones. El frentismo tiene los días contados. Es ya parte del pasado".

(Dirigente de la UNO en Radio Corporación)

"El gobierno de la UNO no es viable, es el más frágil que ha existido en la historia de Nicaragua. Tumbarlo sería bien fácil. Tienen divisiones entre ellos, que cada vez se les complican más. ¿En qué lugar del mundo se ha visto tamaña enemistad entre la Presidenta y el Vicepresidente de un país? Entre los ministros hay problemas, entre los dirigentes de los partidos hay problemas, en las bases tienen problemas. Es un desastre".

(Dirigente sandinista en Radio YA)

"Hay tensiones y divisiones, pero tanto la UNO como el FSLN las superarán. Hay experiencia política en ambos bandos y la realidad los obliga. Lo más preocupante no es la división de los unos o de los otros. Lo más grave es la división de Nicaragua".

(Analista político en Radio Istmo)

POLARIZACION Y DESPOLARIZACION
TENDENCIAS POST-ELECTORALES

Los resultados electorales del 25 de febrero no sólo sorprendieron a ganadores y a perdedores. Revelaron a unos y a otros, a todos, la profunda polarización del país: las dos fuerzas políticas antagónicas, la coalición UNO y el FSLN, consiguieron entre ambas el 95.5% de los votos y los partidos de centro no superaron el 3.2% de las preferencias del electorado.

Paradójicamente, la polarización expresada en los votos llevaba encerrada en su entraña la voluntad popular de que el país se despolarizara para alcanzar así la paz y una mejoría económica. Una gran parte de los que votaron por el FSLN, además de reafirmar así una opción ideológica, estaban apostando por el fin de la guerra, convencidos de que la victoria sandinista en las urnas significaría el fin de la ayuda norteamericana a la contrarrevolución armada. Más allá de la opción antisandinista y pro-norteamericana de un sector de la

población nicaragüense, una gran parte de los que votaron por la UNO juzgaron que el fin de la guerra a corto plazo sólo estaba garantizado si llegaban al gobierno quienes eran amigos declarados de los norteamericanos.

Esta paradoja polarización-despolarización se manifestó nuevamente ante el Protocolo de Transición, firmado el 27 de marzo entre el gobierno entrante y el saliente. El actual Ministro de la Presideancia, Antonio Lacayo, y el General Humberto Ortega encabezaron las negociaciones que culminaron en ese acuerdo. Aunque este primer paso de entendimiento -y de despolarización- es suficietemente claro en sus términos, tanto en lo que se refiere a los aspectos militares como a los aspectos civiles, en estos últimos deja abierto -quizá era inevitable en aquel momento- un amplio margen de interpretación y de acción para cada una de las dos partes.

A pesar de su base de sensatez, el Protocolo fue duramente objetado por el sector más derechista de la UNO y, desde un punto de vista totalmente opuesto -y con mucha menor beligerancia- por algunos sectores revolucionarios, sandinistas o no. Se comenzaban ya a dibujar, más allá de la polarizada confrontación UNO vs. FSLN que evidenciaron las elecciones, **cuatro corrientes políticas en el país.** Por un lado, las dos que, pese a sus visiones opuestas de la realidad nacional, llegaron a un concertación mínima en el Protocolo. Y por otro, las dos que desde posiciones más extremas, tanto a la derecha como a la izquierda, se opusieron -o al menos disintieron- del Protocolo. **Era ésta la nueva forma en la que se expresaba en Nicaragua la unidad de contrarios y las contradicciones ante la unidad.**

El fin de la guerra militar dio paso al inicio de una aguda "guerra social", expresión dominante que ha tomado hoy el conflicto de intereses siempre presente en el país. En sus primeras semanas, el gobierno de la UNO lanzó una decidida y acelerada ofensiva contra el Poder Legislativo, contra el Poder Judicial y contra el poder popular. Decretos inconstitucionales, presiones financieras -sobre la Asamblea Nacional y sobre el Poder Judicial para ampliar a su favor la Corte Suprema- y una política económica de corte monetarista, que golpeaba en lo inmediato a la mayoría del pueblo pobre sentando las bases para el desmantelamiento de los logros estructurales de la revolución, fueron las líneas maestras de esta ofensiva.

La reacción ante esta ofensiva gubernamental fue igualmente decidida y en los dos primeros meses de gobierno de la UNO, Nicaragua fue sacudida por dos poderosas huelgas. La primera paralizó las instituciones del Estado y la segunda paralizó al país. Las características de la segunda huelga -en julio- y la inflexibilidad mostrada por el gobierno, alentada por extremistas de derecha, colocó a la nación al borde de una guerra civil.

Más allá de las negociaciones que acompañaron estas dos huelgas y del cumplimiento o incumplimiento de los acuerdos, lo ocurrido mostró que en la actual correlación de fuerzas existe una capacidad de veto del gobierno sobre la actividad de las fuerzas populares. Y viceversa: también las fuerzas populares tienen la capacidad de vetar los planes del gobierno.

LA UNO
ENTRE LA UNIDAD Y LA DIVISION

El test de las barricadas, en la segunda huelga, hizo aparecer ya con nitidez en el escenario político nacional a las cuatro corrientes políticas que habían comenzado a dibujarse con la inicial concertación que representó el Protocolo de Transición.

En un extremo está el sector godoyista, en el que se agrupa la extrema derecha política, económica y social. Para este sector, Nicaragua sólo será viable con la liquidación del sandinismo. Defienden, por tanto, una salida violenta, anti-democrática y con características fascistas. El Consejo Superior de la Empresa Privada (COSEP), fuerza económica alineada en este sector, expresó esta posición en una carta de circulación interna que se hizo pública el 23 de julio en el diario "Barricada". "Nosotros volvemos a insistir -decía el COSEP- en lo que hemos aseverado en diferentes ocasiones pasadas. Mientras exista el sandinismo como fuerza política en Nicaragua, no habrá paz, tranquilidad, ni progreso económico. Tienen que ser eliminados totalmente". Por su parte, durante la huelga de julio los sindicatos blancos que se agrupan en el Congreso Permanente de los Trabajadores (CPT) revelaron su capacidad de actuar en esta dirección como esquiroles

armados y fuerzas de choque cuando, unidos a contras desmovilizados, guardias somocistas indultados y elementos **lumpen**, constituyeron brigadas armadas en torno a las instalaciones de la Radio Corporación y en otros lugares de Managua. Al parecer, en el CPT está el embrión urbano de estas brigadas, que tendrían como objetivo la movilización de los sectores lumpen -característica en la situación de descomposición social en la que nacen los movimientos fascistas-reforzándolos con los conocimietos militares de ex-contras y ex-guardias. Distintas informaciones periodísticas -de las que no tenemos una exacta comprobación- insisten en que esta red paramilitar tiene apoyo en varias de las muchas alcaldías del país que están en manos de políticos extremistas de la UNO.

Al calor de la huelga de julio, tanto el COSEP como el CPT, como los políticos ultraderechistas de la UNO, se agruparon en el llamado Comité de Salvación Nacional, que anunció aquellos días quien lo preside, el Vicepresidente Virgilio Godoy. "Nos estamos preparando -dijo Godoy en los días posteriores a la huelga- para la tercera huelga general, que está planeada para septiembre. Y la Presidenta Chamorro no nos tiene que dar permiso para defender el orden constitucional. Y ya que no quiere nuestro apoyo tenemos derecho a defendernos. Si la inestabilidad cunde, los desmovilizados de la contra se van a sentir amenazados y no se van a quedar de brazos cruzados, van a armarse de nuevo". Periodistas nacionales que han visitado la Región V, donde la UNO obtuvo el 70% de los votos, informan que son algunos jefes contras quienes estarían formando en la zona estos Comités de Salvación Nacional.

El otro sector de la UNO es el encabezado por la Presidenta Violeta de Chamorro y su Ministro de la Presidencia Antonio Lacayo. Impulsa este sector un proyecto político democrático-empresarial, basado en una política económica neo-liberal, que intentan implementar en Nicaragua con pragmatismo. El principal poder de este sector es que tiene en sus manos todas las palancas del gobierno. La gran mayoría de los ministros -calificados como tecnócratas- pertenece a esta corriente, aunque esto no significa que no hayan existido y continúen existiendo tensiones entre los miembros del gabinete con cargos de mayor responsabilidad en la ejecución de esa política neo-liberal.

El test de las barricadas reveló que la extrema polarización provocada por la huelga hizo coincidir **coyunturalmente** a bastantes de los ministros-tecnócratas con las posiciones del Vicepresidente Godoy, dejando prácticametne solo al Igeniero Antonio Lacayo. Aunque esto fue así en aquellos momentos, desde una perspectiva más estructural -y aunque haya alguna excepción- los principales ministros del gabinete responden al proyecto democrático-empresarial de la Presidenta Chamorro y no a la corriente fascista.

En el ámbito social, el proyecto Chamorro-Lacayo cuenta con el respaldo de un gran número de empresarios, ansiosos de que se logre la estabilización del país para poder implementar de forma coherente una política de libre empresa, que es la que propone el actual gobierno. Una debilidad de este sector de la burguesía es el no contar con una organización gremial propia que los represente y los diferencie de la politizada y derechizada cúpula del COSEP. O al menos, son débiles por no contar con suficiente fuerza como para alterar, desde dentro del COSEP, la actual estructura de ese organismo empresarial. Es lógico que los empresarios que buscan un clima de paz que garantice el desarrollo económico no se sientan representados por quienes abogan por la inestabilidad y la eventual guerra civil que se derivaría del intento de liquidación del sandinismo. Este sector empresarial no extremista, que vio con simpatía el nacimiento de CORDENIC *, es un punto de apoyo sólido al proyecto gubernamental.

Entre los sectores populares que votaron por la UNO, doña Violeta de Chamorro goza en lo personal de gran simpatía. Este sector, que es el mayoritario

* *CORDENIC (Comisión para la Recuperación y el Desarrollo de Nicaragua) fue fundada en abril de 1988, cuado el proceso de Esquipulas estaba ya en marcha. Nació -según sus fundadores- para contribuir al debate sobre la reconstrucción económica del país en condiciones de paz. Sus miembros fundadores fueron: Enrique Dreyfus (actual Canciller), Antonio Lacayo (actual Ministro de la Presidencia), Francisco Rosales (actual Ministro de Trabajo), Francisco Mayorga (actual Presidente del Banco Central) y Felipe Mántica, Pablo Ayón, Filadelfo Chamorro y Carlos Reynaldo Lacayo, todos ellos empresarios.*

entre los que simpatizan con la UNO, quiere paz "a cualquier precio" y por eso no vio con buenos ojos las huelgas -y menos aún, las barricadas- con las que los gremios pro-sandinistas han enfrentado la política económica del gobierno, que también a ellos les afecta.

Tampoco ve con buenos ojos esta mayoría pro-UNO el surgimiento de grupos paramilitares urbanos o el coqueteo de los grupos extremistas de la UNO con los contras en las zonas rurales. Es la "mayoría silenciosa", un sector social que simpatizó con el sandinismo y que votó por el FSLN en las elecciones de 1984 -cuando los sandinistas cosecharon los 2/3 de los votos- y al que el desgaste de la guerra y de la crisis empujó a buscar una especie de refugio en la figura maternal que proyecta la Presidenta. Todavía no se ha quebrado ni esta imagen ni la esperanza de hallar solución a sus problemas a través de ella.

Existen al interior del gobierno y al interior de la alianza de partidos políticos que llevó al poder a doña Violeta diferencias importantes, a la par que importantes coincidencias. Los diferencia fundamentalmente el camino a seguir para solucionar la crisis nacional: la vía fascista o la vía democrático-empresarial, la vía violenta, corto placista e impuesta a toda costa o la vía negociada, de más largo plazo y lograda por consenso. La coincidencia fundamental que tienen ambos proyectos está en el objetivo de establecer en Nicaragua un modelo de dominación burgués. Pero las diferencias en las formas, los ritmos y los métodos para alcanzar este objetivo no son nada desdeñables.

Ante la unidad en la contradicción que existe al interior de la alianza vencedora en las elecciones, la pregunta que muchos revolucionarios se hacen es: ¿qué es lo más real, lo más decisivo, en la UNO? ¿La unidad en la contradicción o las contradicciones de su unidad? Algunos sólo ven la unidad y reducen las evidentes contradicciones a meros accidentes, totalmente lógicos en la actual situación. Otros sólo ven las contradicciones y hacen de la unidad un dato marginal, por lo frágil que juzgan a la alianza.

Un énfasis excesivo en cada uno de estos dos aspectos, al punto de hacer casi desaparecer al aspecto contrario tiene consecuencias políticas importantes. Si se sobrestima el polo de unidad, esto lleva a una confrontación total contra el "modelo de dominación burguesa". Si se sobrevaloran las contradicciones, lleva hacia una "negociación inteligente", que podría no ser más que un entreguismo oportunista camuflado de habilidad política. Creemos que la opción que saque adelante los intereses objetivos de los sectores populares en el actual contexto nacioal tiene que partir de que existe en la UNO una dialéctica de unidad y de contradicciones. Partir de esa evidencia no para "contemplarla" en mejores o peores análisis estáticos de salón o de escritorio, sino para transformarla mediante una praxis política que vaya logrando que sea la contradicción el elemento dominante al interior de los proyectos vigentes en esa alianza política.

Fue la huelga de julio la que mejor evidenció la contradicción de fondo entre los dos más perfilados sectores de la UNO. Citando fuentes internacionales, "El Nuevo Diario" informó aquellos días que además de "la mano firme" -la represión-, Godoy había propuesto a la Presidenta el convocar al pueblo a la Plaza de la República para recabar su apoyo y sustentar así una posición intransigente ante las demandas de los huelguistas. Pero, según Godoy, "a Lacayo no le gustó la idea de recurrir al pueblo porque le tiene miedo. Pero cuando quiera contar con el apoyo popular ya no podrá, porque el pueblo considera que este gobierno ha sido flojo, débil y se ha dejado atar las manos". En aquella crisis Godoy se consideró a sí mismo "la voz clara y firme de este gobierno". En respuesta a estas posiciones extremistas del Vicepresidente, expresadas de ésta y otras maneras durante aquellos días, y con su habitual serenidad, el Ingeniero Antonio Lacayo argumentó que conocía las opiniones de políticos que recomendaban "soluciones somocistas a los problemas. Es decir, que salga la guardia, agarre preso a todo el que se ponga enfrente y se acabó el problema". "Eso -señaló- puede resultar no sólo en el derramamiento de sangre de ciudadanos nicaragüenses sino en el escalamiento de la tensión social. Los costos materiales de la huelga se reponen con trabajo, las vidas que se pierden no se reponen. Doña Violeta impulsa una política de reconciliación nacional, pero hay personas, entre ellas el Doctor Godoy, que no comparten esa visión del futuro de Nicaragua. Entonces, en la medida en que él se mantenga discrepando del objetivo señalado por Doña Violeta, en esa medida él está fuera del gobierno".

LA DIVISIÓN DE LA UNO DESDE DENTRO

Declaraciones a **envío** del Ingeniero Agustín Jarquín, uno de los principales dirigentes de la Democracia Cristiana nicaragüense, miembro de la UNO

"Hay que tomar en cuenta la génesis y los componentes de la alianza UNO, una alianza que es muy plural, que está integrada por un espectro político muy amplio, desde grupos que tienen una identidad marxista de izquierda, hasta grupos que tienen una identidad bastante de derecha, de libre empresa, pasando por los centros. Después del triunfo electoral, la UNO, que era una alianza eminentemente electoral, que había suscrito compromisos para el ejercicio posterior del gobierno, se encuentra con otro escenario, con otra realidad. Por un lado, se instala el Parlamento y por otro, se instala también lo que es el Gabinete. De manera que el Consejo Político de la UNO comienza a tener una importancia relativizada por la acción parlamentaria y por la acción propiamente dicha del Ejecutivo.

Por unaniminidad, aunque hay diferentes matices o diferentes ideas o visiones sobre cómo debería continuar la alianza, nos hemos empeñado en rediseñarla estructuralmente y se ha nombrado una comisión en la que están el Doctor Jaime Vega, liberal; Guillermo Putoy, social-demócrata y este servidor, democrata-cristiano, para elaborar propuestas y someterlas a lo interno del Consejo Político.

Este proyecto tiene dos elementos fundamentales. Uno, establecer una rotación en la coordinación de la alianza y dos, establecer una mejor relación entre los diputados de la UNO, creándose mini-bancadas parlamentarias de cadã uno de los 14 miembros, que se integren como un pequeño consejo parlamentario con 14 integrantes, en el que ellos mismos eligen un coordinador, que será también rotativo.

El Doctor Godoy ejercía o ha ejercido hasta el momento la Presidencia del Consejo Político, pero se considera adecuado el que exista mejor una rotación. Para una mejor relación entre la Vicepresidencia y la Presidencia del país es mejor que el Doctor Godoy deje la Presidencia del Consejo Político de la UNO, porque el Presidente del Consejo Político habla con la Presidenta del país prácticamente a un mismo nivel y la Vicepresidencia debe estar subordinada a la Presidencia. De esta contradicción estructural no tiene nadie la culpa. Nosotros propusimos al Doctor Godoy para la Presidencia del Consejo Político y creemos que ha hecho un buen papel, pero ya existen tensiones que se conocen públicamente.

Las tensiones o criterios diferentes entre los miembros de esta alianza no se van a eliminar nunca. Precisamente, esas contradicciones son una parte rica del proceso de intercambio dialéctico para poder ir escogiendo los mejores caminos, examinando diferentes opciones y sacando una síntesis que sea provechosa realmente para todos. Creo de todas maneras que entre nosotros -unos más, otros menos, pero todos- se está tomando conciencia de que se necesita una relación armónica y no un divorcio, que es lo que hubo en el pasado. Todo esto tiene que superarse porque es lesivo para el proceso democrático".

Después de la huelga y hasta hoy este conflicto de fondo se ha hecho sentir tanto en las bases de la UNO como en el Poder Legislativo, tanto en el Poder Judicial como en el mismo gobierno central y entre los 14 partidos que forman la alianza UNO.

En la base se conoce de conflictos en muchas alcaldías. Como los elegidos por el voto popular son los concejales y éstos son los que eligen después de entre ellos al alcalde, algunas alcaldías con mayoría de concejales UNO han enfrentado confrontaciones muy se-

rias, incluso con derivaciones violentas, en las que se expresan las diferencias entre partidos o tendencias. En agosto el más grave de estos conflictos fue el de Las Sabanas (Madriz), que dejó hasta 6 muertos.

Las contradicciones **en el Poder Legislativo** se dieron sobre todo en torno al alza de salarios que demandaban los diputados de la UNO. Pero el Ministerio de Finanzas se negó a acceder a sus demandas. Muchos diputados de la UNO califican su salario de "irrisorio" y de "represalia del poder ejecutivo". No hay que olvidar que varios de los actuales diputados de la UNO fueron dirigentes civiles de la contrarrevolución y gozaron de sustanciales salarios que provenían de los fondos que aprobaba el Congreso norteamericano. Otros fueron "líderes cívicos" dentro de Nicaragua y tenían también buenos ingresos, que financiaban instituciones de Estados Unidos "para el desarrollo de la democracia". Otros diputados de la UNO lo fueron también en tiempos de Somoza y recuerdan las "regalías" de todo tipo que completaban su salario nominal. Ante estos recuerdos, es lógico que bastantes consideren insuficiente su actual salario. Mientras formaban una comisión para analizar el problema y solicitaban la presencia en la Asamblea del Ministro de Finanzas para presentarle sus reclamos, Alfredo Cèsar, líder de los parlamentarios que respaldan a la Presidenta Chamorro, intentaba debilitar a los inconformes y ganárselos ofreciéndoles otras ventajas materiales.

En el Poder Judicial, además de la pugna entre el Ejecutivo y los magistrados de filiación sandinista, existe otra pugna entre los dos sectores de la UNO. El sector godoyista busca la ampliación de los magistrados de la Corte Suprema de 7 a 15 miembros para que la UNO, y especialmennte su sector, tenga clara mayoría. El otro sector de la UNO, el que controla el gobierno, presionó sobre el raquítico presupuesto del Poder Judicial -0.54% del presupuesto nacional- y en negociaciones con los sandinistas logró la ampliación de la Corte de 7 a 9 miembros, 4 de los cuales -juramentados el 19 de agosto- responden al proyecto de la Presidenta. (Unos días después, la Presidenta, apoyándose en los artículos 162 y 163 de la Constitución, y tomando por sorpresa a los sandinistas, destituyó como Presidente de la Corte Suprema al sandinista Rodrigo Reyes colocando en su lugar a Orlando Trejos, más cercano a las posiciones del Ejecutivo).

Las contradicciones de la UNO se manifiestan también **al interior del gobierno central y de sus entes autónomos.** Una muestra: el mismo día en que el gobierno negociaba el fin de la segunnda huelga, comprometiéndose entre otros acuerdos a cesar los despidos de empleados estatales, decenas de funcionarios estaban siendo despedidos. En los 5 primeros días posteriores a los acuerdos que pusieron fin a la huelga, 340 trabajadores fueron desempleados, entre ellos 75 de la empresa estatal de transporte ENABUS y 117 de la Alcaldía de Managua. Aunque una política de desempleo masivo para reducir el gasto estatal es un elemento central del actual plan económico, los despidos posthuelga respondieron más que a esta lógica económica al revanchismo de representantes en el gobierno de la corriente godoyista. Se demostró así que el proyecto democrático-empresarial del Ejecutivo no sólo es minado por las luchas populares sino también por la corriente fascista, que con sus actuaciones contribuye a darle al descontento popular más razones y más calor.

Las divergencias **dentro de la alianza política UNO** se hicieron totalmente públicas a finales de julio. Según William Navarro, del PLI, en el Consejo Político de la UNO -instancia con representación de los 14 partidos, que liderea el Doctor Virgilio Godoy- se estaban discutiendo por un lado, una propuesta del Partido Social Demócrata -el partido de César, leal a la Presidenta-, que planteaba la transformación de la UNO en una alianza parlamentaria de carácter consultivo con el gobierno y por otro, otra propuesta, apoyada por Godoy, que condiciona el apoyo del Consejo Político a la Presidenta Chamorro al "cumplimiento" del Plan de Salvación Nacional, gestado durante la campaña electoral por los 14 partidos de la alianza.

Pese a todos estos conflictos, y a otros más de diferentes dimensiones, el proyecto de la Presidenta Chamorro ha ido ganando espacios muy importantes al proyecto godoyista. El 20 de agosto el Consejo Político de la UNO decidió separar de la coordinación de este organismo a Godoy, inaugurando la fórmula de un coordinador rotativo, para dar así espacio a todos los partidos. La decisión, que fue un revés para el Vicepresidente y para los partidos que apoyan su línea, fue adoptada por los 14 partidos como la única fórmula para no romper la alianza, lo que les hubiera alejado

aún más de las esferas del gobierno. De esta manera, de entre los 14 partidos de la alianza va siendo cada vez mayor el número de los que se han ido alineando con el proyecto democrático-empresarial.

El espacio que ha ido ganando la corriente Chamorro-Lacayo se aprecia también al interior de la Asamblea Legislativa, donde las habilidosa labor de Alfredo César va rindiendo sus frutos. Incluso en la polémica votación secreta en torno al indulto que la Presidenta solicitó para los asesinos de su esposo, se evidenció que al menos 30 de los 51 diputados de la UNO apoya a la Presidenta. Al iniciarse el nuevo gobierno, los diputados godoyistas eran mayoritarios.

La administración del gobierno central refleja también la consolidación de la línea de la Presidenta, aunque existan conflictos internos entre algunos ministros. Durante la huelga de julio y en la etapa inmediatametne posterior a ésta, varios ministros del gabinete económico -los más influyentes en el actual gobierno- coincidieron públicamente con las posiciones godoyistas, no tanto por razones político-ideológicas sino porque la rigidez tecnocrática que caracteriza el Plan Mayorga veía en los reclamos de los trabajadores el principal obstáculo para viabilizar rápidamente el plan económico. En ocasión de la huelga, Godoy declaró que su relación con todo el gabinete había mejorado, "a excepción de Lacayo". Pero, ya a comienzos de agosto la Presidenta pidió al gabinete económico una reestructuración del Plan Mayorga a causa de las tensiones sociales que su aplicación estaba causando. Tras varios días de reuniones, y con el telón de fondo de todo tipo de especulaciones acerca del debilitamiento de las posiciones de Mayorga, el asesor presidencial Haroldo Montealegre informó a mediados de agosto que el gobierno tenía un nuevo plan de 36 meses para la estabilización y el ajuste estructural de la economía. Terminaba así "el mito de los 100 días" -plazo fijado por Mayorga desde la misma campaña electoral-. Insistió Montealegre en que no se trataba de una continuación del primer plan sino de un programa distinto. Dijo que el nuevo plan se asemejaba al impulsado en México por Salinas de Gortari -basado en un pacto social en el que participan los trabajadores, los empresarios y el gobierno- y que para sacarlo adelante **la concertación era indispensable.**

La reestructuración del plan económico era un implícito reconocimiento del peso político y la capacidad de veto que sobre cualquier plan habían ganado los gremios sandinistas con las dos huelgas. Pero era también un triunfo de las posiciones del Ejecutivo, que había logrado así la homogeneización del gabinete económico en torno a las posiciones más flexibles de Antonio Lacayo. Era, sobre todo, otro revés para la corriente godoyista. Así, en medio de sus propios conflictos, y de los conflictos que les crearon las huelgas, el proyecto democrático-empresarial ganó espacios importantes al proyecto fascista.

¿Y los Estados Unidos? ¿Han desaparecido de la escena política nicaragüense? ¿A cuál de las dos corrientes de la UNO apoyan más? Hay que tener en cuenta que a pesar de la sensible disminución del perfil de Estados Unidos en Nicaragua después de los resultados electorales, que les fueron tan favorables, la contradicción de fondo de la nación sigue siendo la misma: la que enfrenta al pueblo revolucionario nicaragüense, encabezado por el FSLN, con el gobierno de Estados Unidos y su política imperial.

El actual embajador norteamericano, Harry Shlaudeman -nombrado tras el triunfo de la UNO- cuenta con un margen de acción mucho mayor que el que tuvo cualquiera de los embajadores estadounidenses desde 1979. Contando con esta obvia realidad, resulta difícil imaginar que ese más que experimentado diplomático hubiera aceptado dejar su retiro para venir a Managua a ser solamente una correa de transmisión de las órdenes de Washington.

Shlaudeman, diplomático en la República Dominicana cuando el país fue invadido por Estados Unidos en 1965 y en Chile en 1973, cuando el Presidente Allende fue derrocado, es especialista en la desestabilización de procesos populares y está teniendo, naturalmente, un importante papel en la formulación de la política norteamericana para Nicaragua. Pero, como ya lo hizo en el pasado un embajador estadounidense al ser interrogado sobre si su gobierno apoyaba al sector liberal o al sector conservador, Shlaudeman contestaría: "Se equivocan quienes creen que nosotros apoyamos los intereses de unos o de otros. Nosotros apoyamos nuestros propios intereses".

LAS CONTRADICCIONES DE LA UNO Y CÓMO SE SUPERAN

Declaraciones a **envío** del Dr. Danilo Aguirre, diputado del FSLN en la Asamblea Nacional

"Todos esos repellos que le quieren hacer ahora al llamado Consejo Político de la UNO, las diferentes formas que quieren darse para tratar de encontrar una solución orgánica a los partidos políticos que unidos fueron a las elecciones, están destinados al fracaso.

¿Qué ha pasado? Hábilmente, el señor Alfredo César ha venido estrechando financieramente a la Asamblea. Hay que recordar que algunos de los miembros de esta Asamblea llegan allí después de disfrutar de la fuente inagotable de dólares que venían del exterior para hacerle la guerra al Frente Sandinista. La mayoría de ellos perteneció a organizaciones como las Madres del 22 de Enero, la Organización de la Mujer, la Vía Cívica y un montón de grupos más que inventaron para la captación de dólares y que desaparecieron al momento del triunfo de la UNO. Llegan también a la Asamblea Nacional creyendo que es como "la chanchera" somocista, donde tenían salarios astronómicos. Ahora, nada de eso hay y entonces han comenzado una lucha, que es legítima en cuanto que los diputados tienen realmente que estar dotados de los recursos materiales necesarios para tener una vida digna y poder representar fielmente el mandato que se les dio. Conociendo esa debilidad, el señor César ha ido poco a poco captando gente del grupo que reclama, concediéndoles asesorías en el Ejecutivo.

Por supuesto, el mensaje que en cada negativa del Ministerio de Finanzas recibe la Presidenta de la Asamblea Dra. Argüello (de la línea godoyista) o en cada carta -hasta irrespetuosa- que le envían, le mandan siempre el mismo mensaje. La Asamblea será de nuestro agrado cuando en ella estén las personas de nuestro agrado: eso le mandan a decir. El mensaje ya lo han venido entendiendo algunos diputados y ya van recibiendo sus "premios". Así vemos cómo la figura predominante del Partido Democrático de Confianza Nacional va a un consulado a Estados Unidos y que otra de sus figuras va a un consulado a Miami, y que los que han llegado como suplentes de éstos mantienen un discurso coherente con el discurso del señor César, es decir, con el planteamiento del Gobierno. A la hora de pararse para el "otro lado" lo hacen a cambio de un consulado, de un viceministerio, aunque no creo que lleguen a darles cargos decisivos. Estas contradicciones se están resolviendo y se resuelven única y exclusivamente con córdobas oro...

Hay en la Asamblea también quienes creen que el gobierno actual debería ser mucho mas revanchista y pasarle la factura de manera mucho mas firme a los sandinistas.

El Doctor Godoy ha sido muy desafortunado en todas las posiciones que ha adoptado. En cada una de ellas ha experimentado amarguras muy grandes y no creo -lo conozco- que dé su brazo a torcer. Es muy orgulloso y no creo que aparezca de repente trabajando en una oficinita de la Casa de Gobierno, como que ya se plegó a la Presidenta. Yo creo que el Doctor Godoy va a mantener su posición con los que lo acompañen. Es un hombre que ha manejado sus contradicciones de una manera muy enérgica y no creo que al final se pliegue a otra posición".

La pregunta es entonces: ¿cuál de los dos sectores de la UNO garantiza mejor la salvaguarda de los intereses norteamericanos en Nicaragua? Los Estados Unidos, que siempre juegan a varias cartas a la vez para tener posibilidades de recambio si alguna falla, querrán seguramente conservar el apoyo a ambos sectores. La opción godoyista es una importante carta de recambio si fallan los pragmáticos. El test de las barricadas de julio

mostró que la embajada norteamericana apoyaba el surgimiento del Comité de Salvación Nacional encabezado por Godoy, a la vez que el Pentágono movilizaba tropas de emergencia hacia las bases de Panamá. Además, según una radio de Managua -generalmente bien informada-, Shlaudeman habría sugerido a la Presidenta Chamorro el pensar si no sería lo más conveniente el renunciar a la presidencia "por razones de salud". Si la huelga general hubiera evolucionado hacia una guerra civil -lo que estuvo a punto de suceder- los norteamericanos hubieran presionado a la Presidenta para que cediera constitucionalmente su cargo al Vicepresidente Godoy, quien hubiera ordenado al Ejército y a la Policía sandinistas el poner fin a la huelga por medios represivos. Al desobedecer éstos esa orden, Estados Unidos hubiera intervenido con sus tropas "en defensa de la democracia". La alta virulencia del godoyismo durante la huelga halla una explicación más coherente si contaban con el respaldo norteamericano. Ese respaldo resalta aún más la postura de "independencia ante un amigo" que tuvo aquellos días la Presidenta de la República.

Después de la crisis, la embajada ha vuelto a jugar con la carta del gobierno constitucional, buscando cómo afectar por su medio al sandinismo, con el menor costo y la máxima ganancia. Para lograr este objetivo estratégico cuenta con el chantaje de la ayuda económica. Los $300 millones aprobados en el mes de mayo por el Congreso norteamericano no han llegado aún completos a Nicaragua. Tras cada desembolso puede Estados Unidos ejercer su presión, de acuerdo con cada coyuntura política. Es ante esta evidencia que los revolucionarios deberán fortalecer una política que, ahondando las contradicciones entre los dos grandes sectores de la UNO, logre ir aislando y debilitanto al sector godoyista hasta que a los norteamericanos no les sea ya conveniente jugar con esa carta.

EL FSLN
ENTRE LA UNIDAD Y LA DIVISION

Pese a la existencia de dos corrientes al interior de la UNO, la política que ha llevado adelante el sector pragmático en los tres primeros meses de gobierno era tan agresiva que no parecía necesitar del apoyo del sector fascista para desmantelar las conquistas revolucionarias e incluso al mismo sandinismo. La política de ajustes -el Mayorga-Schock, la avalancha de decretos inconstitucionales, el inicio de una contra-reforma agraria, la apertura del proceso de devolución de sus propiedades a los somocistas, el estilo confrontativo ante cualquier demanda de los trabajadores, el incumplimiento de todo lo acordado con los sindicatos populares, etc., eran realmente piezas de una calculada ofensiva anti-sandinista. Buscando aprovechar al máximo su "luna de miel" con el electorado que le dio el voto, el gobierno sobrevaloraba con esta política el apoyo popular que tenía, a la vez que infravolaraba la capacidad de respuesta de los sandinistas.

Realmente, el **partido** FSLN daba pie a esta apreciación del gobierno. La derrota electoral fue un terremoto político y moral para los sandinistas, que nunca la esperaron y para la que no estaban preparados en ningún terreno. Primero fue el dolor, el silencio y el desconcierto. "Niños perdidos en la intemperie", como se calificó a sí mismo Eduardo Galeano ante la derrota sandinista. Después del primer dolor, vino la incertidumbre por el futuro individual. Temor ante posibles revanchas y hasta atentados y la pregunta por el trabajo, por el salario, por el qué hacer y de qué vivir cada día. Con la incertidumbre se enzarzaba la humillación y la vergüenza por la decisión mayoritaria del pueblo de "pedir cacao" al imperio, por la dignidad mancillada. Y mezcladas a las preguntas personales, preguntas mayores sobre el sentido de la revolución, no sólo en Nicaragua sino en cualquier otro lugar, en profundas crisis también por muchas otras razones y siempre por las prepotencia de un imperio que es reacio a emprender cualquier perestroika. Después vino el enojo y la censura: cómo estuvimos tan equivocados, cómo no fuimos capaces de preverlo, de impedirlo...

Y la búsqueda emocional de chivos expiatorios: fue el proceso de Esquipulas, fue la campaña electoral, fue el cambio de la política económica, fueron los errores del ejército... Y en la misma lógica emocional, el señalar a culpables con su nombre y su apellido: Fulano que es un prepotente, Mengano que siempre fue un oportunista, Zutano que se enriqueció... Llegó finalmente la depresión, como una epidemia colectiva en la que se constataba no sólo la dimensión de la derrota sino el cansancio agotador para emprender una nueva y más difícil lucha con renovada energía.

El partido FSLN enfrentaba la crisis del fracaso. Aunque cada uno vive estos procesos de forma desordenada, en realidad hay un orden dentro de la crisis. Ni en términos personales ni en términos sociales deja la crisis de tener su orden. Schock, miedo, vergüenza, enojo-censura y depresión son los cinco estadios clásicos que caracterizan la sicología personal y social cuando se enfrenta un revés significativo. Son etapas que hay que atravesar necesariamente para poder resurgir, sabiendo que el tiempo es uno de los pocos amortiguadores que existen entre la herida y su cicatriz. Pero son etapas también peligrosas si el individuo o la colectividad quedan fijados en alguna de ellas. Son etapas que hay que recorrer pero que urge superar pronto porque los Estados Unidos y la UNO más que una crisis, buscan la muerte del proyecto político sandinista. Para impedirles que se salgan con la suya, hay que asimilar los errores y extraer de ellos todas las enseñanzas, pero superando la emocionalidad del estado de crisis. Sólo así las derrotas se transforman en victorias. Las historias personales y las sociales están llenas de ejemplos de que esto no es sólo posible sino frecuente, dado lo contradictorio del ser humano y dada la importancia de la contradicción para hacer avanzar y empujar la historia hacia adelante.

Con el gobierno en su luna de miel post-electoral y el partido FSLN en este complejo estado de crisis, fueron los **gremios populares** los primeros en reaccionar. El FSLN apenas hacía cambios de oficinas y se reacomodaba a sus nuevos locales cuando el gremio de la Unión Nacional de Empleados tenía ya paralizado al gobierno, tomados los ministerios y silenciados los teléfonos del país. Poco más de un mes después y mientras los "intelectuales del partido" debatían sobre los aciertos o desaciertos de aquella huelga, cinco poderosos sectores sociales (obreros agrícolas, obreros industriales, estudiantes, empleados públicos y pobladores de los barrios) lograban hacer confluir huelgas motivadas por demandas sectoriales en una sola huelga general.

"Una huelga general es el último recurso antes de una insurrección -opinaban los dizque intelectuales orgánicos de tendencias dizque "radicales" del FSLN-. No están listas las condiciones, falta focalizar mejor las demandas, falta una retaguardia adecuada, falta..." Mientras ellos pensaban, a los gremios populares no les faltaban adoquines para cercar de barricadas a Managua y paralizar el país, arrastrando así al partido sandinista a su terreno y armándose para la eventualidad de una guerra civil. El pueblo revolucionario, el que nunca "pidió cacao", el que de tan precisado por el salario y el pan no tuvo más remedio que superar rápidamente las depresiones, renovó así, con esta agua fresca, el proyecto popular sandinista.

No se trata ni de idealizar las huelgas ni de ocultar sus limitaciones y errores. Se trata de entender que el pueblo revolucionario alzó el dedo y señaló un camino, el camino de la lucha reivindicativa y beligerante. Sería lastimoso que cuando el dedo apunta a una estrella, alguien se quede mirando al dedo. Muchos lo hicieron y aún están ahí, mirándolo.

Cuando en 1978 estalló la insurrección en Monimbó no fueron pocos los que reaccionaron igual: ¿no era un error lanzar una insurrección local que sería fácilmente cercada por la guardia somocista, como en efecto lo fue? Y se quedaron viendo el dedo mientras éste señalaba la estrategia de la victoria. No se trata de equiparar situaciones. Monimbó se enmarcó en una lucha insurreccional de corto plazo para vencer al somocismo y la huelga general de julio se enmarca en una lucha democrática de largo plazo para hacer de Nicaragua una patria socialista. Pero el carácter de anuncio de ambos acontecimientos sí puede ser comparado.

Los revolucionarios que, sin mala voluntad, hacen una lectura de los resultados de la huelga analizando únicamente el texto firmado entre el gobierno y el FNT se comportan exactamente igual al Director de Informacion y Prensa de la Presidencia que intentó con este análisis humillar a los trabajadores. Ciertamente, aunque la lupa sobre el texto muestre que es verdad que el aumento salarial negociado es menor que el ritmo inflacionario, más verdad es que la huelga detuvo el proceso acelerado de privatización en el agro, que gracias a esa lucha el proceso de revisión de las confiscaciones urbanas marcha más lento, que la voracidad de los somocistas y su entusiasmo por invertir se ha enfriado, que se ha hecho evidente al gabinete económico que ningún plan de reactivación podrá salir adelante sin la participación activa -y nunca con la sumisión pasiva- de los gremios populares, que la huelga acercó -y no dividió- al pueblo con su ejército y con su policía, que la huelga dividió -casi hasta la ruptura- a las fuerzas de la UNO.

Todos estos logros son momentáneos si se considera que la lucha es de largo plazo, pero fueron suficientes también para que el conjunto del sandinismo se repusiera del síndrome de la derrota electoral y se moralizara para la nueva etapa.

Los gremios sindicales pro-sandinistas iniciaron su lucha y sus reclamos fieles al derecho que a la huelga les garantiza la Constitución y recurrieron a todas las vías legales antes de hacer uso de ese derecho. La primera huelga, declarada inicialmente "ilegal, ilícita e inexistente" por el Ministerio de Trabajo vio posteriormente anulados estos calificativos por decisión de las autoridades del Poder Judicial, que lo determinaron así en respuesta a la solicitud que les fue presentada por los sindicatos. La segunda huelga fue calificada de igual manera por el Ministerio del Trabajo y llevó a los sindicatos a recurrir de nuevo al Poder Judicial. Este estaba deliberando cuando la dinámica de la huelga derivó hacia la estrategia de las barricadas, que trastocó el orden legal... tanto como antes lo habían trastocado los decretos inconstitucionales, que fueron una de las causas de la huelga.

En la Nicaragua posterior a las elecciones no se tratará nunca de legitimar lo no legal en base a la ilegalidad de la otra parte. Hoy, aunque existen deseos de ambas partes de ceñirse a la ley, no se logra aún que la relación entre el gobierno y la sociedad civil se desenvuelva dentro de un marco totalmente legal. Mucho menos se ha logrado alcanzar un acuerdo básico que tenga el consenso de la mayoría de la nación y que viabilice en la práctica diaria la marcha normal del país. Por esto el período es de gran inestabilidad.

Mientras el partido sandinista vivía el síndrome post-electoral, los gremios pro-sandinistas, afectados directa y diariamente por las medidas gubernamentales, reaccionaron con rapidez y marcaron un camino. Por su parte, el Ejército Popular Sandinista había hecho lo mismo: había reaccionado con rapidez y marcaba un camino. ¿Caminos similares o caminos divergentes?

Desde el comienzo del cambio de coyuntura, en el Protocolo de Transición, el ejército afianzó su inserción en el marco constitucional, consiguiendo del nuevo gobierno el respeto a su institucionalidad. El Protocolo estableció, y se consiguió en muy poco tiempo, la desmovilización de la contrarrevolución. Aunque esa desmovilización no garantiza todavía el desmantelamiento de la contrarrevolución -hay muchas armas embuzonadas y muchos contras concentrados en polos de desarrollo que podrían volver a reunirse para la guerra-, no se puede negar que la desmovilización total de la contra ha sido un paso **trascendental** en el largo camino hacia la paz. Esto es así también porque cada dia se hace más palpable que **la dinámica de la desmovilización lleva a la del desmantelamiento.** A pesar de la derrota electoral, **es un hecho que los sandinistas lograron quedar con las armas y los contras terminaron desarmados.** La Nicaragua del 90 no es el Chile del 73.

Después de la desmovilización de los contras, se produjo una sustancial reducción del ejército, al 50%, al eliminarse el servicio militar y regresar los jóvenes que lo estaban cumpliendo a sus casas, factor que, más allá del desgaste de su gobierno, explica en gran medida la popularidad personal de doña Violeta, que había prometido insistentemente durante su campaña la abolición del servicio. Además de este inicial recorte, y por acuerdo entre el EPS y el Ejecutivo, se seguirán haciendo nuevas reducciones, mucho menores que la primera, y condicionadas a que se logre el "balance razonable de fuerzas en el área" acordado por los gobiernos de Centroamérica en el proceso de Esquipulas. Aceptando esta condición, el actual gobierno de Nicaragua cumple con esos compromisos regionales como antes el gobierno sandinista cumplió con ellos. (Hasta el momento, los ejércitos de Guatemala, El Salvador y Honduras no han dado ninguna señal de tener voluntad de reducir el número de sus efectivos. En el caso de Honduras, el Jefe de sus Fuerzas Armadas, General Arnulfo Cantarero, declaró este mes en Managua que no era disposición del gobierno hondureño reducir su ejército, a la vez que negó que Costa Rica fuera "modelo" de desmilitarización. "Tienen más hombres en armas que nosotros", dijo, cuestionando así su imagen de "país sin ejército").

Es en este contexto, y **solamente** en este contexto que se puede comprender -dicen algunos que se comprende pero que no se justifica- la requisa de armas en manos de civiles que desde el mes de julio vienen haciendo el ejército y la policía sandinistas. Con la contrarrevolución desmovilizada y en un país muy polarizado, en el que las luchas deben encauzarse por el camino demo-

crático y constitucional, esta recogida de armas es un medio para fortalecer la vía política como la más indicada para resolver los conflictos sociales. La requisa de armas afecta a civiles sandinistas, a campesinos de cooperativas, pero también a los eventuales integrantes de las "brigadas de salvación nacional", lo que corta alas al proyecto fascista.

Pero, aunque esta medida contribuye a la paz interna, ¿no podría ser también una tentación para que el gobierno norteamericano decidiera intervenir en Nicaragua? Lo que disuadió a Reagan de esa intervención fue, más que el ejército profesional, la realidad de "un pueblo en armas". En la Constitución queda bien claro que en caso de una intervención extranjera, los ciudadanos tienen el derecho de armarse para defender a la patria y corresponde al Ejército Popular Sandinista, como heredero del ejército de Sandino, "preparar, organizar y dirigir" al pueblo (artículos 92 al 96). No faltarán en Nicaragua las organizaciones populares y los ciudadanos que desde **nuevas barricadas** ejercitarán este derecho y cumplirán con este deber si se presentara el caso.

Pero los caminos que busca Nicaragua son otros. La mejor victoria militar es la guerra que se evita, la agresión que no se produce. Y por eso, el mejor instrumento para evitar una nueva guerra de liberación nacional es el fortalecimiento de la vía democrática-constitucional. Por otra parte, ésta es la vía que siempre trató de potenciar el sandinismo cuando estaba en el gobierno, aunque el síndrome de la derrota electoral dificulte a algunos el recordarlo. Desde esta perspectiva, los pasos que ha dado el Ejército Popular Sandinista son muy claros. El proclamado respeto y lealtad a la Presidenta de la República y a la Constitución y la decisión del apartidismo al interior del ejército como institución, son pasos que fortalecen el camino de una democracia y una paz dentro de las cuales la sociedad civil pueda luchar y defender sus legítimos derechos y conquistas.

Entrevistado el 3 de septiembre por **envío**, el Presidente del COSEP, el Ingeniero Gilberto Cuadra, declaraba que el EPS debía practicar una nueva y radical disminución de su personal, pero para evitar que los ex-militares quedaran en el desempleo, Cuadra proponía que durante un período pasaran a trabajar en un "ministerio productivo" mientras encontraban trabajo en estructuras no gubernamentales o aprendían un oficio. Según el Ingeniero Cuadra, el presupuesto que se entregaba al ejército debería trasladarse, proporcionalmentne, a esos ministerios productivos.

Por nuestra parte, creemos que el ejército debe buscar su "productividad", pero de otra manera. Ahora que se ha alcanzado la paz el ejército podría jugar un rol social de carácter productivo en beneficio de la nación y de todo el pueblo. Podrían construir viviendas uniendo sus esfuerzos al de los sectores más empobrecidos del campo y la ciudad, podrían llevar adelante campañas de vacunación en las zonas campesinas más alejadas y marginadas del sistema de salud, podrían apoyar la construcción o reparación de caminos para que cooperativas o campesinos individuales puedan comercializar sus cosechas. Esto haría productivo su salario en términos económicos y seguramente la disciplina en la que están formados los haría más eficaces y organizados que funcionarios de cualquier otro ministerio civil.

Esta filosofía de mayor cercanía al pueblo tendría también que involucrar a los más altos oficiales nacionales y regionales del EPS. En fidelidad al ideario de Augusto C. Sandino, no cabe bajo ningún pretexto, la reproducción ampliada de capital en la vida personal de los jefes militares del EPS. De entrar por esa vía, se iría desvirtuando poco a poco el carácter del ejército de Nicaragua, que se iría asimilando a otros ejércitos anti-populares del área.

En síntesis, después de alcanzada la desmovilización de los contras que establecía el Protocolo de Transición, el EPS ha ido dando pasos militares -junto con la policía- para alejar la posibilidad de choques armados entre civiles, y pasos políticos para reforzar la estabilización democrática-constitucional. Ha ido así construyendo un escudo político que sirva para evitar una guerra de liberación frente a un ejército extranjero y para garantizar, entre otras muchas cosas, que la alternabilidad en el poder mediante elecciones periódicas sea respetada en Nicaragua.

Los gremios populares pro-sandinistas, golpeados por las medidas económicas del gobierno, reaccionaron con rapidez marcando un camino. También el ejército reaccionó con rapidez y marcó un camino.

¿Cuál de estos dos era el camino del sandinismo? ¿La lucha beligerante o la hábil negociación? Con múltiples matices éste era el fondo del problema que afectaba al partido sandinista, con planteamientos y actitudes provenientes de dos sectores clave de la sociedad, el pueblo y el ejército. Ambos ponían sobre la mesa de discusión el tema de la unidad del FSLN, representando a su vez dos dinámicas que surgían desde el partido en esas dos direcciones.

Desde el primer número que envío publicó tras el cambio de gobierno, hicimos nuestra la opinión de un viejo y experimentado dirigente agrícola que expresaba las tareas de la nueva situación en esta vieja consigna: "Pueblo, ejército, unidad: garantía de la victoria". Siendo correcto, en lo fundamental, el camino de la lucha combativa que está recorriendo el pueblo revolucionario, y siendo también correcto, en lo fundamental, el camino negociador recorrido por el ejército sandinista, el problema a resolver por el partido era cómo realizar la síntesis de contrarios. Y logrando la sítesis, cómo articular los ritmos de ambas dinámicas. En esto se jugaba y se juega su unidad *.

Las dificultades de armonizar las contradicciones de la realidad se hacían y hacen aún mayores en la medida en que persiste, bajo diversas formas, el efecto del schock post-electoral, tanto en el partido FSLN como también en el mismo ejército y en los gremios populares, independientemente de que estos últimos fueran capaces de reaccionar más rápida y acertadamente. La permanencia del schock hace que la búsqueda de una estrategia y táctica coherentes, compleja de por sí, se complique más por los colores emocionales que tiene esta etapa. La pérdida de la estructura cohesionadora que representaba el gobierno, la drástica reducción del personal profesional de las filas del partido -tanto por razones económicas como por buscar una reinserción de los militantes en la vida normal de la población-, dificultaban y dificultan la consolidación sandinista. También con la derrota se abrieron fisuras en el prestigio de la Dirección Nacional y muchos de los que antes consideraban a los nueve Comandantes como dirigentes con "halo divino", hoy se van al otro extremo de la inmadurez considerándolos hipercríticamente los absolutos responsables de todo. "Así es la vida -decía un anciano sandinista-, si hubéramos ganado las elecciones, el proceso de Esquipulas y las concesiones unilaterales que hicimos hubieran sido 'audacias', la seguridad y el MINT serían 'geniales' porque hubieran sabido tomar el pulso a la gente, las ofensivas del EPS sobre la contra 'contundentes'... Hoy todo es al revés. Yo vengo de largo en la vida y he visto mucho: si uno anda pasado de tragos y es un vencedor, le dicen que anda 'alegre', pero si es un perdedor, le dicen 'borracho'. Todos tenemos que aprender de lo que ha pasado".

Informadores nacionales e internacionales -de derecha y de izquierda- no han dejado de señalar tensiones en las filas sandinistas. Unas veces veían las divisiones que querían ver, otras veces señalaban medias verdades y algunas veces acertaban. Se ha hablado de las secuelas de las antiguas tres tendencias en las que estuvo dividido el FSLN, otros prefieren hablar de que la causa son tensiones entre instituciones creadas por la revolución en estos años. El menú es variado y para escoger: gpp vs. terceristas y proletarios, eps vs. mint, "negritos" vs. "cheles", civiles vs. militares, ortegas contra borges, un ortega contra otro ortega, artistas vs. artistas, cuadros intermedios vs. cuadros dirigentes, bases vs. cuadros intermedios, duros contra blandos, socialdemócratas contra verdaderos revolucionarios... Desde el punto de vista de la izquierda, la UNO debe ser vista como una unidad contradictoria en la que hay que hacer de la contradicción el factor dominante sobre el de la unidad.

** En este contexto se produjo el "caso Pichardo". El 8 de agosto el Coronel Javier Pichardo fue removido de la jefatura de la Fuerza Aérea Sandinista y pasó a la vida civil. El caso, muy controvertido, tuvo dos lecturas fundamentales. La primera afirmaba que había sido sustituído en su cargo por reiteradas indisciplinas. La segunda, que el cambio obedecía a razones políticas. Aunque la información publicada es escasa y hasta contradictoria, todo indica que la combinación de ambas lecturas construye la verdad completa. La discusión política al interior del ejército no es de extrañar dado el polémico contexto en que se encuentra el país. Y la indisciplina no sería más que una consecuencia ilegítima del legítimo debate político. Javier Pichardo, doctor en física y destacadísimo combatiente, sigue en las filas del FSLN.*

Entendiéndose los revolucionarios con el sector pragmático de la UNO, pueden aislar al fascismo y al mismo tiempo quitar cartas de la mano de Mr. Shlaudeman. **La estrategia es transformar la unidad en la contradicción en contradicciones profundas en la unidad.** Que la UNO sean dos, o más...

Pero esta estrategia se ve dificultada por las tensiones dentro del mismo FSLN, tensiones que han hecho frotarse las manos a los miembros de la UNO. Y no sólo eso, tratan de aplicar a los sandinistas la misma receta de acentuar las contradicciones para quebrar la unidad: dividir al pueblo revolucionario del ejército revolucionario haciendo contradictorias sus dinámicas, enfrentar a los "vagos y terroristas que hacen huelgas" con el "ejército profesional y democrático", enfrentar a los sandinistas "radicales" con los "moderados", a los no concertadores con los concertadores, a los que no quieren alianzas con la socialdemocracia internacional con los que aspiran al ingreso en la Internacional Socialista... Y en definitiva, a los que ponen en un primer plano la "unidad nacional" con quienes ponen en ese primer plano la "unidad popular".

EL IDEAL DE LA DERECHA



De la misma manera que la estrategia imperialista busca fomentar la unidad en la contradicción dentro de la UNO, presionando por medio de los sectores fascistas y negociando por medio de los sectores pragmáticos, la estrategia de los revolucionarios debe alcanzar la síntesis de contrarios. Augusto C. Sandino, líder nacional y líder popular y clasista, sigue siendo, como dijo Carlos Fonseca, "el camino". No se puede separar estratégicamente -sino sólo institucionalmente- "pueblo unido" de "pueblo armado". El 19 de julio esa consigna se convirtió en la atmósfera que se respiraba: "¡El pueblo unido jamás será vencido! ¡El pueblo armado jamás será aplastado!".

La huelga general de julio fue una prueba de fuego para el sandinismo. El fascismo pedía al "pueblo armado" que reprimiera al "pueblo unido". Reconociéndose pueblo ambos, la mediación del partido fue clave para la unidad y para el éxito de la huelga. Es urgente encontrar ahora soluciones donde se mantega la unidad y se avance con éxito, pero dentro de una estabilidad de largo plazo. Es urgente para los sectores populares y para la nación entera.

Una concertación adecuada -no cualquier concertación- debe ser la síntesis de la contradicciones en el FSLN. El ejército ya realizó su concertación con el sector pragmático del gobierno, según quedó expresado en el Protocolo de Transición. Los gremios populares no la han realizado porque la embestida económica y política que ha realizado la UNO sobre la sociedad civil crea tensiones y obstáculos. Sin embargo, la capacidad de veto que han demostrado los gremios pro-sandinistas en las dos huelgas parecen haber demostrado al gobierno que no será viable como tal a mediano y a largo plazo si no concierta con los trabajadores. Los gremios tendrán que poner sus cartas sobre la mesa. ¿Qué cartas? Que se cumplan los acuerdos firmados; que se acuerde el alcance de la privatización, de cuya estrategia son parte los polémicos decretos 10-90 y 11-90; que se fijen salarios, precios y empleos adecuados; que se resuelvan las presiones sobre la tierra y la reactivación de la industria, etc. Hay temas de corto y de largo plazo. No es claro que todos los temas tengan que ser parte de una misma concertación, ni tampoco que algunos de estos temas no puedan resolverse en foros más políticos que económicos. Pero en lo esencial, sólo la profundización del Protocolo de Transición en sus aspectos civiles traería una estabilidad concertada a la nación.

Sobre la base de una concertación adecuada en el ámbito civil y el militar, el sandinismo en su conjunto habría logrado la síntesis entre "unidad popular" y "unidad nacional" y entre "pueblo unido" y "pueblo armado", tanto en el corto como en el largo plazo.

La unidad del sandinismo será sólida si sabe armonizar dialécticamente las contradicciones naturales que

surgen de la misma realidad. Sobre un marco político como el actual podrá haber discusiones en el sandinismo sobre los puntos específicos que deben ser negociados en la concertación, pero es difícil pensar que la concertación produzca directamente una división. Si persisten tensiones en el sandinismo, éstas se deberían lógicamente a aspectos que no son fundamentales ni programáticos. Serían tensiones por cuotas de poder, por la impunidad de los que fueron corruptos y no están siendo castigados, etc. Las próximas semanas permitirán ir viendo cuáles son estas tensiones.

Según Tomás Borge, hasta el momento, ante la recién creada Comisión de Etica del FSLN -que debe recoger quejas fundamentales contra militantes sandinistas de cualquier nivel- prácticamente no se han presentado acusaciones. Es difícil creer que cuando tanto y tan alto se ha hablado de corrupciones, malos manejos y conductas anti-éticas en miembros del FSLN, incluidos altos dirigentes, cuando es una realidad que hubo "piñatas" antes y después de las elecciones, hasta ahora nadie acuse de nada a nadie. Más que una señal de que todo eran calumnias, este silencio parece un síntoma del temor que "los que saben y pueden hablar" sienten ante las presiones de "los que tienen poder y no quieren que

NOS ESTAMOS PONIENDO DE ACUERDO

Fragmentos del discurso del Comandante Tomás Borge en la Asamblea del FSLN del Distrito V de Managua

"En nuestras filas hay un saludable clima de debate, que llevando una que otra intención, está contribuyendo a formar nuestra conciencia revolucionaria. Meses atrás decíamos que para encontrar el camino correcto había que discutir a todos los niveles y entre todos los niveles. Criticar, mejor dicho autocriticarse. O criticar de manera sincera y oportuna en la instancia partidaria correspondiente. Esto, en gran medida se ha logrado, empezando por la Dirección Nacional del Frente Sandinista, que ha estado en los últimos días en sesión permanente, discutiendo y llegando a acuerdos acerca de distintos problemas.

Y les digo aquí en esta importantísima asamblea que en lo fundamental y aun en lo secundario la Dirección Nacional ha llegado a plenos acuerdos acerca de la estrategia y tácticas de la revolución sandinista.

Siempre cabe la pregunta: ¿qué significa ser revolucionario? En este nuevo contexto histórico, ¿se puede ser revolucionario al margen de la realidad? ¿se puede ser revolucionario planteándose metas obviamente imposibles? Creo que para ser revolucionarios, sin abandonar jamás nuestros sueños, debemos más que nunca tener los pies puestos sobre la tierra.

La concertación de que se habla debe de tener algunos pre-requisitos básicos que conlleven el respeto a las conquistas esenciales de la revolución. No puede haber cocertación si no hay un respeto a las conquistas básicas de la revolución o si se les regresan sus bienes a los antiguos explotadores, y sobre todo a la familia Somoza y a los somocistas. Es decir, tiene que haber un acuerdo de entendimiento político entre los sectores llamados más moderados del gobiemo, porque hay otros sectores intratables dentro de ese Gobiemo. Implica esa concertación un gobiemo pragmático que se dé cuenta con realismo que sin entenderse en cuestiones fundamentales con el Frente Sandinista no puede de ninguna manera sobrevivir. Viéndolo desde esta perspectiva, la concertación debe ser levantada no como una concesión, como un acto de blandenguería o de subordinación, sino como una bandera revolucionaria, puesto que la concertación, en última instancia, puede beneficiar los intereses de nuestro pueblo.

Habrá algunos de mis conceptos que no endulcen el oído de todos, pero yo creo que no podemos ser demagogos y tenemos que ver las perspectivas reales de este país. Y lo que aquí se plantea frente a nosotros es una crisis insalvable: más hambre, más desnudez, más desgracia para este pueblo".

se hable"... para no perder ese poder. La revolución y el pueblo, que sufrió escándalo por esas actitudes tan poco revolucionarias, exigen no una cacería de brujas pero sí castigos ejemplares, transparencia y honestidad. De esta decisión -y no sólo de una determinada estrategia política- depende en gran medida la futura credibilidad del FSLN.

Finalmente, un radicalismo que busque una concertación para que el país avance por una vía democrática-constitucional -con la mayor cuota de poder posible para los sectores populares- se diferencia sustancialmente de un radicalismo que no busca esa concertación o que pone condiciones irreales para llevarla a cabo. En la realidad nicaragüense, ese extremismo de izquierda **no tiene proyecto.** Se limita a la crítica, a veces brillante y siempre fácil, de cualquiera de las corrientes que sí tienen proyecto. El proyecto ideal de este tipo de extremistas, un socialismo totalitario, es tan imposible como indeseable. "No hay nada que concertar, a nosotros nos preocupa la actitud de la Dirección del Frente Sandinista porque se está apartando del camino revolucionario y está concertando... Entre trabajadores y capitalistas no hay nada que conciliar. Nos están robando el salario, nos están mandando al desempleo y hay que luchar contra eso. ¡Abajo la concertación!": ésta fue la posición expresada por Bonifacio Miranda, dirigente del Partido Revolucionario de los Trabajadores (PRT) en el debate sobre la concertación celebrado el 31 de agosto en la Universidad Nacional de Managua. Con él coinciden otros miembros de partidos de ultraizquierda y algunos sandinistas. No tienen proyecto viable.

SINTESIS DE CONTRARIOS LA SOLUCION NACIONAL

Estas son, pues las cuatro corrientes que existen hoy en Nicaragua: la extrema derecha, impulsando un proyecto fascista que busca liquidar al sandinismo; la extrema izquierda, buscando una salida irreal, radical y totalitario a la crisis, y, más al centro, el sector de la UNO que impulsa un proyecto democrático-empresarial enfrentado al sandinismo en su conjunto, que a través de la vía democrática-constitucional busca construir a largo plazo un socialismo democrático. Son estas dos últimas fuerzas las únicas que pueden hacer de Nicaragua "un país posible".

Pueden hacerlo posible y tienen ambas una mutua capacidad de veto. Por eso tienen que concertar. Visto desde posiciones extremas, el problema del país radica en que, aunque la corriente hacia un socialismo totalitario no tiene capacidad de veto, el proyecto fascista sí puede llegar a tenerlo en la medida en que la embajada norteamericana respalde estratégicamente a este sector y sólo tácticamene al sector pragmático de la UNO. En las últimas semanas se han visto señales en esta peligrosa dirección. Estados Unidos condicionaría el desembolso de gran parte de la ayuda ya aprobada y no entregada aún a que el gobierno cumpla lo que son los objetivos centrales del proyecto fascista: la privatización total y acelerada de la propiedad social y el desmantelamieto del Ejército Popular Sandinista. Las diferencias entre la corriente fascista y la posición de Estados Unidos parecen estar únicamente en el ritmo con el que ejecutar estas condiciones. Estados Unidos no tiene tanta prisa: puede esperar un poco más, para no verse obligado a pagar el costo de una intervención.

Teniendo en cuenta esta presión y la quiebra económica en que se encuentra el país, la concertación tiene un objetivo adicional de gran importancia: llevar indirectamente a Estados Unidos a la mesa de la concertación. Si esto se lograra, Nicaragua podría ser "un país posible" y los Estados Unidos habrían contribuido, por sus propios intereses, a estabilizar la región centroamericana. En una concertación así deberían establecerse bases estratégicas, duraderas hasta más allá de las próximas elecciones. Aspectos que sean repetados por cualquier partido que resulte electo en 1996. Si no, más temprano o más tarde se volverá a la vía armada como única salida para la resolución de los conflictos sociales pendientes. Y nicaragüenses y norteamericanos tendrían que derramar nuevamente su sangre sobre la misma tierra, como ocurrió en los tiempos de Sandino.

La crisis económica avanza a un ritmo más acelerado que las clarificaciones políticas de una parte y de otra. El hambre está corriendo más que el debate y podría generar las condiciones de un estallido social no controlable por ninguna de las fuerzas políticas que se mueven en el país. El hambre ha entrado en escena antes que la concertación y no parece la mejor consejera para este momento de crisis.

La problemática de fondo de la Nicaragua post-electoral tiene sus raíces en la historia del país. Durante la época de la dictadura militar somocista, la burguesía nicaragüense estuvo dividida en dos fracciones: la estrictamente somocista y la conservadora-opositora. Aunque divididos, siempre lograron mantenerse cohesionados. La forma de acumulación de capital de la fracción somocista -una especie de "acumulación primitiva permanente"- agudizó esa división en la década de los años 70. Cuando la dictadura asesinó a Pedro Joaquín Chamorro, el más destacado líder de la fracción de la burguesía opositora, se simbolizó la fractura radical entre los dos grupos. Como portavoz de los sectores populares, el FSLN había lanzado poco antes una serie de importantes acciones militares que evidenciaban el ascenso del movimiento popular en el escenario nacional. En ese ascenso, el sandinismo supo llegar a un acuerdo con la burguesía opositora, bajo la consigna de "muerte al somocismo".

El derrocamiento militar de la dictadura en 1979 llevó al poder al sandinismo, en alianza con la burguesía opositora, en calidad de socio minoritario. Concreción de esta alianza fue la primera Junta de Gobierno, integrada por tres sandinistas y por dos miembros de la fracción empresarial opuesta a Somoza. Uno de ellos era Violeta de Chamorro, símbolo de la lucha anti-somocista de su esposo. El tiempo fue rompiendo la alianza, mientras Reagan trataba de recomponer al conjunto de la antigua burguesía, asignándole las tareas militares a la fracción somocista y las tareas políticas a la burguesía opositora. Esta recomposición tuvo su expresión final en la Unión Nacional Opositora, en la UNO. Con doña Violeta al frente -imagen y recuerdo de Pedro Joaquín-, un pueblo cansado de la guerra no votó por el sandinismo que representaba Daniel Ortega pero tampoco votó por el somocismo, que no se atrevió a dar la cara con ningún cadidato y se agazapó tras la UNO.

La actual división de la UNO es la reedición de las pugnas estructurales de la burguesía nicaragüense. El proyecto fascista es la reencarnación del somocismo, con formas y personajes nuevos y el proyecto democrático-empresarial es la nueva expresión de la burguesía opositora de los años 70. Las contradicciones entre estas dos fracciones persisten en una estructura social donde unos fueron expropiados y huyeron del país, y otros se quedaron en él luchando y modernizando su mentalidad. Una concertación acertada por parte del sandinismo consiste esencialmete en lograr un acuerdo de largo plazo con el sector pragmático de la UNO -heredero de Pedro Joaquín-, que aisle al proyecto fascista. O lo que es lo mismo: que sepulte para siempre al somocismo.

TERCER CONCURSO



Los resultados del III Concurso convocado por la revista envío han sido los siguientes:

PRIMER PREMIO

"Nos equivocamos para ganar. Wiwilí y El Arenal: un sandinismo sin rostro campesino".

Autor: René Mendoza

SEGUNDO PREMIO

"Diez años de política exterior independiente".

Autor: Augusto Zamora

Hacemos mención especial de los trabajos de Raúl Marín, "El chantaje de la contra: guerra, política y negociación" y de Sergio Ferrari, "Los desafíos futuros del sandinismo".

COSTOS DEL VERTICALISMO

UN FSLN SIN ROSTRO CAMPESINO

Los revolucionarios viven un intenso tiempo de reflexión, discusión y revisión de proyectos y planteamientos: qué hicimos, qué hacer ahora.

Son preguntas abarcadoras, anchas, largas y profundas. Hay que responderlas de forma compleja, pero también de manera puntual, bien concreta y precisa.

Eso pretende este trabajo de René Mendoza, ganador del primer premio en el III Concurso envío. Por su calidad en contenido y en forma y por todo lo que hay en él de realismo, de trabajo de base y de aporte concreto lo hemos premiado.

La extensión, evidentemente, supera las dimensiones fijadas en las bases del concurso. En realidad, el autor nos envió sólo la primera parte, la que abarca únicamente hasta la experiencia en El Arenal. En posterior conversación con él le pedimos que completara el trabajo con la sección de Wiwilí, que nos anunciaba en la primera parte, pues habría así una base más completa para la reflexión. Por distintas razones -también la de la seguridad- algunos nombres propios se omiten o son ficticios.

Cruzan este trabajo verdades-balazos o verdades-pedradas, sin mucho pulimiento. Y está atravesado de razonamientos donde el matiz se esconde y hay que buscarlo. O añadirlo. Por todo eso, y no a pesar de eso, creemos que es un trabajo importante para este tiempo.Un excelente material de reflexión. Y sobre todo, una guía para la acción.

"Antes éramos penosos, no podíamos ni hablar. Con la revolución se nos despegó la lengua. Eso les arrecha a los que siempre quisieron que nos quedáramos como gallinas amurriñadas. Ahora, si ellos no hacen nada por cumplir lo que dijeron, estarán como el macho con el yugo encima. Doña Violeta no debe olvidar que el pueblo así como la puso la puede sacar. Ya sabe que quien manda es el pueblo". (Dirigente campesina de El Arenal).

"No era desmoche lo que estábamos jugando para perder. Nos equivocamos para ganar. Porque vamos a ganar la paz. No volveremos a oir un tiro y nada nos detendrá". (Campesino de Plan de Grama-Wiwilí).

"Esta vez la racionalización no tuvo razón. Fallaron las encuestas, los teóricos y los estrategas. Hay muchas cosas que sucedieron que no se pueden racionalizar. Por

eso, antes de analizar debemos escuchar y escuchar". (Trabajador social de El Arenal).

"El pueblo nunca se equivoca" dice el estribillo como una ley inmutable. "Los pueblos se equivocan pero saben rectificar" dijo el Presidente Daniel Ortega el 27 de febrero. ¿Y los dirigentes, se equivocan o no?. ¿Se equivocó el pueblo? ¿Se equivocó o no el FSLN como partido? ¿Es o ya no es revolucionario este pueblo? ¿Significa el voto menos antiimperialismo? ¿Hacia dónde vamos? ¿Se acabaron ya las revoluciones en el mundo? ¿Qué es la revolución y qué es el socialismo? ¿Tienen sentido estas preguntas para el campesinado después de 10 años de revolución? Las preguntas van naciendo solas, mientras un campesino sudoroso, con el machete en la mano y el fusil en el hombro, dice pausadamente "Nos equivocamos para ganar la paz".

El pueblo recorrió muchos años, decenas de años, sacrificándose por una nueva sociedad, menos injusta e inhumana, pero la guerra y la estructura vertical partidaria alejaron esta posibilidad. Los votos del 25 de febrero fueron también un voto de castigo para el FSLN. Había que "cambiar suerte", no tanto optando por un proyecto contrarrevolucionario, sino para obligar al Frente a cambiar, para recuperar al Frente como partido revolucionario y popular, de los pobres. Esta realidad nos obliga a pararnos y a envolvernos con ella, mirando tanto hacia los años pasados como hacia el futuro.

¿Se equivocó el FSLN en su política de negociaciones a nivel nacional e internacional? En 1933 Sandino alcanzó la paz y al final se equivocó. El precio de la paz, en aquel entonces, fueron ríos de sangre campesina en las montañas y la posposición de las esperanzas de los pobres hasta 1979. Hoy hemos llegado a la paz, pero ¿cuál es el precio? ¿Es el revés del 25 de febrero otra posposición de las esperanzas de los pobres?

En el voto del 25 de febrero de 1990 se sintetizaron 10 años de desgaste y muchas incertidumbres del corazón. Nunca un pueblo pensó tanto para votar como lo hizo el pueblo de Nicaragua. Había muchas cosas de por medio, se cruzaron cruces y fusiles, lágrimas y tierras, dinero y fiestas. Por eso, no basta con afirmar que la crisis económica y el servicio militar fueron las causas del revés sandinista.

No basta tampoco decir que la guerra de baja intensidad triunfó. Eso cree el imperio. Pero está equivocado al pensar que las esperanzas del pueblo fueron no sólo pospuestas sino enterradas. También se equivocaron los imperialistas romanos y los jerarcas religiosos cuando crucificaron a Jesús. Pero no podcmos hacernos la ilusión de que veremos pasar el cadáver del imperialismo y de que veremos bajar del cielo la tierra prometida con la sola ausencia de la guerra y de la crisis económica. Necesitamos más que nunca el sandinismo del artesano Sandino, el de su ejército de campesinos, y el movimiento popular de Carlos Fonseca. **La verdad es que el partido FSLN perdió, que no ganó el imperio, que se conquistó la paz y que la revolución de Sandino se queda.**

No queremos negar el peso de la guerra y de su hija, la crisis económica, en los resultados electorales. El pueblo votó con el plato vacío y una pistola en la frente. Pero el pueblo votó también experimentando una relación social adversa, sin sentirse representado por el Frente Sandinista, que en aras de la "unidad nacional" chineaba a la burguesía. Votó viendo sus estructuras violentadas por la guerra y también por los cuadros sandinistas.

Este trabajo es el fruto de una reflexión colectiva que, muy modestamente, intenta cultivar, sobre los rastrojos del período post-electoral, algunas semillas que contribuyan al desarrollo integral de nuestro país. También pretendemos mostrar algo de la desnudez con que vivió la revolución en las comarcas campesinas. Lo hacemos porque no hay nada que esconder y porque la verdad siempre nos hará libres. Esta revolución no busca ni ser resucitada ni ser sepultada por las palabras, sino ser transparente en los hechos, alumbrar con su verdad y seguir viva. En estos días, mientras se negocian y se acuerdan aspectos de la política nacional y se inicia el proceso de revisión, reorganización y reestructuración del FSLN, el pueblo se debate entre el temor y la esperanza, entre la crisis y el desafío. Muchos caminan afanados en defender su tierra, su puesto de trabajo, otros buscando garantizar hasta su misma vida. En medio de esta realidad van saltando las preguntas. ¿Dónde reside el poder real? ¿En las armas? ¿En las leyes? ¿Es suficiente tener y crear mayores espacios en la sociedad civil? Y siempre una pregunta que vuelve: ¿Por qué perdimos? ¿Cuál es el camino a recorrer para

retomar el poder y alcanzar el desarrollo de nuestro pueblo?

Quisiéramos ver todo esto desde los ojos de los campesinos de cuatro comarcas del municipio de Masatepe -El Arenal, El Pochote, El Guarumo y Las Sabanitas- y desde los de los campesinos del municipio segoviano de Wiwilí -poblados y comarcas-. Desde una zona de "paz" y una de guerra.

48 HORAS ENTRE LA PENUMBRA Y LA ARRECHURA

Las elecciones se desarrollaron libre, ordenada y honestamente. Sin embargo, el 26 de febrero, desde el primer canto de los gallos los campesinos revivieron los días del somocismo. Miedo, hasta terror. Lágrimas, calles huérfanas, silencio, auto-encerramiento familiar. "¿Y vos, qué harás ahora?". Todos los minutos de ese día fueron contados minuciosamente. Todos los pasos fueron dados cuidadosamente. La derrota electoral fue interpretada inicialmente por una parte del pueblo como el regreso de la Guardia Nacional, de los Jueces de Mesta, de los orejas, de la guerra. La otra parte la interpretó como la repetición, al revés, del 19 de julio de 1979. Tímida o escandalosamente tocaron las campanas de las ermitas: celebraban junto con los terratenientes la derrota del Frente Sandinista.

Al sentimiento de miedo se unió una crisis existencial. "¿Qué hago ahora? ¿Mi familia? ¿Mi tierra? ¿La cooperativa?" Las palabras de Daniel en la madrugada de aquel día: -"Nos sentimos orgullosos de aportar un poco de dignidad en este mundo injusto, dividido entre poderosos y débiles... Gracias, hermanos nicaragüenses..."- llevaron más tristeza a muchos rostros, incluso a los de los "no perdedores". "Es como si todas las madres de Nicaragua se hubieran muerto", dijo uno. El 27 de febrero el Presidente Ortega se dirigía nuevamente al pueblo: "A gobernar desde abajo".

En las comarcas de El Arenal los cuadros intermedios se cerraron a la realidad. Después de la derrota no visitaron a nadie, ni a sus propios militantes. Se quedaron encerrados en sus casas, como niños perdidos o huérfanos. Cuando por fin salieron fueron hacia Jinotepe a participar en una asamblea regional. De allá regresaron "bajando líneas". Fueron hacia lo nacional, pero no hacia lo local. A lo local sólo vienen con las "líneas". Siendo ellos de lo local no recogieron las "líneas" desde abajo para llevarlas a la asamblea de Jinotepe, a lo nacional. El divorcio entre lo local y lo nacional ha sido patente en estos años. Con este estilo de trabajo en la comarca, ¿es de extrañar el revés electoral en la comarca? Y después, cuando más la gente necesitaba hablar y ser escuchada, los dirigentes siguieron cerrados a la comarca y abiertos a lo que era de fuera de la comarca.

En Wiwilí, después de una mañana sin amanecer, de unas horas de titubeos y confusión, los militantes de los poblados y de las comarcas fueron convocados por los dirigentes del Frente de Wiwilí central. "No podía creer lo que oía, entonces fui temprano donde el Jefe de Territorio, él tampoco tenía nada que decirnos". Al atardecer del 26, los militantes convocados, acompañados por gran parte de la población, bajaron en manifestación gritando contra los seguidores de la UNO. La imagen multiforme de la guerra -amenazas, secuestros, muertes- y el espíritu de Sandino, se paseaban en las mentes de los wiwileños. Aunque muy determinados por lo nacional ellos habían encontrado en estos años algunos espacios para lo local, gracias al mayor tacto de los dirigentes campesinos.

DIEZ AÑOS EN REVOLUCION DIEZ PREMISAS

Los teóricos, casi por tradición, hablan globalmente y dan respuestas también globales -crisis económica, servicio militar-. Por lo general, no alcanzan a tocar las experiencias vivenciales de la gente.

Creemos, sí, que fueron factores condicionantes -no determinantes- de la derrota electoral la crisis económica y la guerra. Ambos factores son el telón de fondo. Ya lo fueron en 1984, cuando el FSLN ganó. Lo serán siempre. Contra los países pobres del Tercer Mundo que intentan su liberación el imperio siempre ha provocado crisis económicas y guerras. Y nada indica que el imperio va a cambiar. Todo el proceso revolucionario -y no sólo el proceso electoral- fue condicionado por la guerra y la crisis económica. Pero no fue determinado. Sólo el poder del pueblo, el de los

campesinos, el de los sectores populares, expresado en la lucha de clases, es el que determina una revolución.

La guerra y la crisis económica han impactado atrozmente al pueblo de Nicaragua. El voto contra la guerra, por la paz y por el bienestar económico, no es un voto contra la revolución, sino contra el imperialismo, pues la guerra y la pobreza no fueron un decreto del Frente Sandinista, sino la voluntad del imperio. Pero a la vez el voto expresa también que "no se debe pelear contra el grande". Ambos sentidos del voto -beligerancia frente al imperio, prudencia ante el imperio- expresan nuestra realidad geopolítica y el instinto de sobrevivencia popular. Partiendo de eso debemos vislumbrar el espacio que tenemos que transformar creativa y pragmáticamente para desarrollarnos en forma integral. De entrada vemos estas 10 premisas.

1.- La dialéctica entre la estructura del poder local y la estructura del poder nacional constituye la columna vertebral de una revolución. Es la clave fundamental para tejer y llevar a cabo la estrategia del desarrollo económico y del modelo político-militar. Es la clave para enfrentar el proceso de reorganización y renovación del movimiento popular. Es el medio para construir al hombre y a la mujer nuevos, como reales sujetos históricos.

2.- La realidad nacional y la local se expresan a nivel de la comarca en dos discursos. Un discurso comarcal que es comunitario, tiene el lenguaje local y aborda los problemas familiares, económicos, de trabajo y de necesidades básicas -como el agua o la milpa-. A ese nivel todo es conciliable, la política no es obstáculo. Es el espacio de la identidad campesina. Otro discurso es el nacional y el internacional. Es politizado y emplea un lenguaje no-local. En él se debaten las plataformas de los partidos políticos y se habla "en el aire" del militarismo, la religión o la liberación nacional. Es un discurso que mediatiza la lucha de clases y crea diferencias "casi" irreconciliables. **Es un craso error mirar la realidad local a partir de la nacional. Y hablar en el ámbito local con el lenguaje de lo nacional.**

3.- La concertación de poder a poder -de patrón a patrón-, una tradición ya histórica en el país, **deja de lado los intereses de las mayorías populares.** Desconoce el orden social, político y económico del campesinado y de las comarcas. Apostar por tal concertación, sin siquiera incluir en ella otros elementos creativos, conducirá siempre a la derrota del proyecto revolucionario.

4.- El sandinismo es un "movimiento", no un "partido". Jesús, por predicar a los pobres "las buenas noticias de la liberación" no sólo perdió las elecciones, sino que fue crucificado por la jerarquía eclesiástica, por el gobernador del imperio romano y por la parte del pueblo que fue inducida por los jerarcas. Pero Jesús resucitó. El sandinismo no sólo no ha muerto, sino que está vivo, resucitando constantemente. Mucha gente que votó en contra del Frente es sandinista. El Frente Sandinista, siendo un movimiento, actuó como un partido. Y perdió. A veces, la sobreprotección de la vida puede conducir a la muerte. Ni vanguardia tradicional, que no concierta con nadie. Ni partido-concertador. El reto del sandinismo es ser local y nacional, gremial y clasista. O dicho de otra forma: sin autonomía popular no hay vanguardia. Y más: hay que volver a ser un "movimiento".

5.- La contrarrevolución es una creación del imperialismo. Cuantitativamente llegó hasta el final con el número de tropa que tuvo en sus mejores tiempos. Pero cualitativamente ya no era la misma: su herencia somocista -su lógica estructural-, Bermúdez y cientos de guardias, ya habían sido derrotados. El cordón umbilical con los que mataron a Sandino ya estaba roto. **El somocismo ha muerto: a eso se llama derrota estratégica de la contrarrevolución. Quienes hasta hace poco conformaban las fuerzas contrarrevolucionarias son campesinos.** Pese a los actos vandálicos, secuestros y muertes que hayan ocasionado, tienen una lógica distinta a la del somocismo. Sus errores son en gran parte producto de la misma guerra y de los errores políticos, militares y económicos del Frente Sandinista.

6.- Paradójicamente, **la reconciliación nacional y la desmovilización de la contrarrevolución sólo eran posibles votando por los contrarrevolucionarios.** El acoso del imperio y la falta de una estrategia económica popular habrían imposibilitado el fin de la guerra y el inicio del desarrollo económico si ganaban los sandinistas. Es por eso que un considerable porcentaje de campesinos dicen: "Nos equivocamos para ganar la paz", lo que no impide mantener abierta la interrogante: "¿por qué perdimos?".

7.- La religión es para muchos sinónimo de dependencia. Históricamente, los funcionarios de la religión han creado dependencia. La religión tiene fuerza local, nacional y universal. Es puro corazón y simbolismo. Y en nuestro país la política se respira con el corazón y se expresa en símbolos. En 10 años de revolución se construyeron más templos que escuelas y centros de salud juntos.

8.- "La UNO no es ninguno", pero dentro de la estructura religiosa lo es todo. **El principal partido de oposición a la revolución, a prueba de toda perestroika, es la religión dirigida por el Cardenal Miguel Obando y Bravo.**

9.- La dependencia campesino-patrón no fue combatida por la revolución. Al contrario, el Estado buscó sustituir al patrón, conservando el mismo régimen verticalista, para concertar desde allí con otros patrones, incluyendo al "patrón religioso". Esto influyó en la concepción que los campesinos tuvieron de la revolución y en el mismo voto electoral.

10.- El desafío de los revolucionarios es cruzar de la sola conciencia del problema de la dominación a la estructuración e implementación de los hilos que minen el orden social basado en la dominación y construyan un modelo alternativo de sociedad, que parta de la dialéctica local-nacional.

DESCAMPESINIZACION DE LA REVOLUCION

La estrategia del imperialismo contra Nicaragua, conocida como guerra de baja intensidad, ha triunfado a corto plazo, pero no a mediano y largo plazo. La victoria ha sido táctica, no estratégica. El país está destruido económicamente. Más de 50 mil vidas -incluidas las de los contrarrevolucionarios- segadas o heridas por la guerra. Miles de huérfanos. Familias divididas. Cientos de lisiados de guerra. Todos estos resultados son victorias del imperialismo norteamericano, que en Nicaragua fue consecuente una vez más con su tradición histórica y con la esencia de su "democracia". Paradójicamente, la estrategia político-militar, con efectos psico-socio-económicos-, de la guerra de baja intensidad fue respondida por los sandinistas con una guerra de "alta intensidad". Cuando los enemigos enfilaban su artillería contra el campesinado, la revolución dio las espaldas justamente al campesinado. Cuando los objetivos económicos eran el blanco de la guerra de baja intensidad la revolución buscó concertar con la minoría burguesa y estableció una relación cuadros-pueblo de carácter vertical, provocando con esto un fuerte y adverso impacto en los sectores populares.

La revolución sandinista nació en el campo y se consolidó entre el sector informal de los barrios pobres de las ciudades. Sobre estos dos ejes -y no sólo el del sector urbano- se entretejió como tela de araña la estrategia de la insurrección y se logró la victoria final en 1979. Durante años, los dirigentes sandinistas seguían esta dinámica: provenientes de la ciudad marcharon al campo o a los barrios pobres y allí se hacían clandestinos; tiempo después regresaban a la ciudad y enmarañándose en los barrios insurrectos, conquistaron grados y se convirtieron en los héroes de la victoria, en los "hombres nuevos". Mientras tanto, los campesinos, que vivían en la clandestinidad de la historia, siguieron siendo clandestinos y continuaron siendo los "hombres viejos". A la par de ésta, existía otra dinámica: como la realidad de la clandestinidad exigía conspirar contra el somocismo, la estrategia político-militar se fijaba a través de "líneas". El aparato generador de esas "líneas" se institucionalizó y ese estilo se mantuvo hasta nuestros días. En lo nacional y en los últimos cinco años de gobierno revolucionario, los campesinos y las masas urbanas fueron marginados de las decisiones político-económicas. El gobierno sandinista priorizó las cooperativas dirigidas desde arriba y los grandes proyectos-agro-industriales, y combatió a los comerciantes pobres identificándolos como especuladores.

Lo nacional determinó lo local. Antes de 1979 ya eran los representantes del mundo exterior a la comarca los que determinaban la vida de la comarca. La insurrección anti-somocista, de 1977 a 1979, instauró, clandestina y todavía relativamente una relación dialéctica horizontal entre la estructura de poder comarcal y la estructura de poder externa a la comarca. Relativa, porque en el fondo la insurrección oscureció el carácter clasista de la lucha local y nacional y la cuestión principal era: todos contra la dictadura. En la escuela de lucha insurreccional, comarcas como El Arenal se proyectaron como un semillero de potenciales cuadros políticos. Después del triunfo, esos cuadros-dirigentes del Frente

pertenecientes a la comarca terminaron siendo representantes del poder exterior a la comarca. El Frente como aparato se divorció de lo local. Los héroes sandinistas de la comarca, convertidos en representantes del mundo exterior, se hicieron, una especie de "correos" que llevaban líneas emanadas desde arriba y las bajaban a las bases. **La relación dirigente-pueblo se verticalizó, se institucionalizó e invirtió su carácter, al no responder a los intereses propios de las comarcas.**

Aunque en lo nacional había horizontalidad, y en la misma Dirección Nacional se expresaba esta tendencia, **en lo local la realidad era el verticalismo, que partía desde el Partido y desde el Estado, desde el MINT y desde el EPS.** En lo local jugaron un papel decisivo los cuadros intermedios y el aparato que los originó, creando una muralla que separaba a los dirigentes nacionales -Dirección Nacional, gobierno- del pueblo. La misma política de concertación no fue sólo la obra de la Dirección Nacional del FSLN, sino la suma de las acciones de miles de cuadros sandinistas. Pero las esperanzas políticas del pueblo estaban en lo local. Para el campesinado, la política se expresa ante todo en el desarrollo socio-económico de las comarcas. Y es ante ese desarrollo que tiene lugar otro desarrollo: el de la conciencia política. Y esto no fue preocupación primaria de la revolución. Desde la perspectiva actual y desde lo ocurrido en los últimos cinco años, los años 1979-1985 y el mismo período insurreccional (1977-1979), se ven de otra manera. A la luz de un fracaso se ven mejor los errores que condujeron a él. Durante la lucha anti-somocista los cuadros del FSLN usaron prácticamente las comarcas como espacios de protección personal, como cantera de guerrilleros, como escondite de armas. Para entonces, el Frente buscaba cuadros que dependieran de las líneas estratégicas para derrocar a la dictadura. Después del triunfo, los mismos cuadros, junto a los que habían sido reclutados en la comarca, regresaron a ésta como "mandadores", con "líneas" bajadas de arriba como maná del cielo. Ni enseñaron ni se preocuparon por la movilización y la organización de la comarca. Nunca convocaron a los campesinos a ser sujetos históricos. En el fondo, partían de considerar a los campesinos como "menores de edad". Ser un pueblo dueño de su historia no es ser un niño que necesita orientaciones para poder caminar y que lo espera y lo recibe todo del Partido o del Estado. Las comarcas -también los barrios, los movimientos sociales, sindicales y religiosos- necesitan construir su autonomía, factor imprescindible para poder construir una revolución. Ahora más que nunca necesitamos de esa autonomía y de la capacidad del pueblo para organizarse y movilizarse en torno al desarrollo comarcal y al ejercicio del poder popular.

El campesinado rechazó la "concertación" propugnada por el Frente Sandinista. Las clases populares sintieron que tenían muy poco que ganar en la elecciones y sí mucho que perder. Aún durante la campaña, los dirigentes sandinistas se reunían en Managua con la jerarquía católica y no con los pobres de las comunidades de base, y en el campo se reunían con la burguesía y no con los campesinos pobres. Los pobres no fueron invitados a la fiesta donde se devolvían tierras -y se entregaban otras más- a los ricos. Todo esto se presentaba a las clases populares como una necesidad en aras de cerrar filas en torno al proyecto nacional del FSLN. Lo local fue subestimado y al final fue lo local lo que determinó los resultados electorales. Y en los lugares donde el Frente Sandinista triunfó -Wiwilí, por ejemplo-esto obedeció a que allí se privilegió la lógica de lo local. Los campesinos no son ratones para "experimentar" con ellos "otra" lógica, la urbana. Sandino logró aglutinar a miles de campesinos porque partió de las contradicciones socio-económicas que se vivían en el campo, y no sólo porque los motivara con la conciencia antiimperialista. La lógica de la clandestinidad y las tácticas de "golpear y huir" fueron tomadas por el "pequeño ejército loco" de las mismas prácticas de lucha campesina.

Pedro Altamirano sabía de eso: era contrabandista de ganado y la guardia lo perseguía por vender cususa. Los Blandón, además de ser enemigos de los grandes ganaderos que amenazaban arrollarlos, eran productores y comercializadores de tabaco y también la venta de tabaco era perseguida y castigada con la cárcel. Los Blandón y los Alatamirano tenían ya una experiencia de lucha que supo recoger el movimiento de Sandino.

Los campesinos tienen una lógica productiva, unos métodos de lucha político-militar y una concepción del mundo que tenemos que conocer y penetrar para juntamente con ellos transformar la realidad. La ciudad también tiene su lógica de vida y su lógica pro-

ductiva, política y militar. Respetar cada mundo y acercarnos desde el nuestro al de los otros es fundamental. Las "líneas", aunque pueden justificarse en la guerra, no pegan porque olvidan esto. Hoy vemos claramente que no había razón para tratar de determinar la vida de miles de campesinos con las líneas de una lógica contraria al campesinado.

LA "PATRIA" DE LOS CAMPESINOS TIENE SU LOGICA

En la campaña electoral unos se vistieron de Chayán y otros de virginal vestido blanco y muletas. Los resultados muestran que pudo más lo tradicional que lo moderno. La modernización -tecnificación- del FSLN no es garantía para retomar el poder y continuar la revolución, aunque sí lo puede ser para continuar compitiendo en elecciones como cualquier otro partido socialdemócrata o socialcristiano.

En estos 10 años la modernización fue dirigida desde arriba. La revolución, más que transformar vidas humanas y responder a ellas, se convirtió en un simple discurso que se aislaba cada vez más de los campesinos. La importancia de discutir los problemas reales no fue reconocida por los cuadros del Frente. "Muchos cuadros sandinistas aprendieron a hacer informes pero no a discutir problemas en el lugar de los hechos". Y muchos otros informes o estudios realizados por cientistas revolucionarios, que analizaban la realidad desde las mismas comarcas y que contenían propuestas de políticas que contribuirían a lo nacional desde lo local, no fueron tampoco atendidos por los cuadros del Frente, absortos en lo nacional. Para determinar políticas e implementarlas en el campo es fundamental conocer la realidad y golpear con tacto el corazón del problema. Un cuadro sandinista debe comprender ante todo las contradicciones, la estructura de poder y las formas organizativas que existen en las comarcas.

En todos estos años se enfatizó en el lenguaje político la conciencia nacional, el antiimperialismo, la soberanía, la autodeterminación, la guerra con los "contras", el sandinismo, el patria libre o morir. Pero, triste o felizmente, **el pueblo quiere vivir y después también quiere una patria libre. No al revés. No quiere la guerra ni el hambre, que son una manera de morir. Y quiere también, naturalmente, la Patria de Sandino.** Para comprender esto no se necesitaban ni mucha inteligencia ni altos estudios. Es necesario entender que "la Patria", desde los ojos de los pobres, marginados por el mismo Frente, o no existe o suena como una invención más de los sandinistas. La patria de los pobres es distinta de la patria de los ricos. **La patria de los pobres empieza en la comarca, en su historia y en su alimento.** La burguesía es la más interesada en hablar sobre lo abstracto, en usar palabras vaciadas de contenido. En nombre de la patria, de la libertad y de Dios, apoyaron la política de agresión imperialista. Ante la lógica de la "concertación" que practicó el FSLN con esa burguesía los pobres sintieron aún más lejana la patria. Todos estos temas político-ideológicos tienen en la comarca campesina una traducción muy distinta a la que tienen en la ciudad y muy distinta a la que tiene entre la pequeña burguesía y la clase media "sandi-nice". Con fiestas y regalos no se supera este problema. Al contrario: se oculta la realidad.

Dentro del lenguaje partidario se habla mucho de "orientación". "No hay orientaciones", "Aún no han bajado líneas", suelen repetir los cuadros políticos. En estas frases se expresa el verticalismo. Los niños necesitan "orientación", y están perdidos sin sus "orientadores". El que está perdido y tiene carácter dependiente necesita orientación. El mozo, y muchas veces también el mandador, no pueden hacer un plan de trabajo por iniciativa propia. El plan lo hace el patrón, el mandador espera su "orientación", la "baja" después a los mozos y a ellos sólo les corresponde aplicarla mecánicamente. En Wiwilí, en los años 79-85, la misma Alcaldía dependía de los Secretarios Políticos, cuyas decisiones se llevaban a cabo sin objeción. Así, el partido se redujo a "orientadores" y "orientados".

La relación patrón-mandador-mozo se repitió en el Frente. En esta relación, el obrero trabaja sin creatividad. Si trabaja en el café, todo lo hace parejo, olvida la complejidad de un cultivo -plantas de café en lugares planos, en faldas, variedades distintas- y aplica el gramoxone por igual. Obedece a las "orientaciones". Algunos patrones dan mayor autonomía a sus mandadores para que éstos supervisen más de cerca las labores culturales y así tengan mayor control. En el Frente Sandinista la estructura patrón-mandador-mozo es: Dirección Nacional-Cuadros Intermedios-Pueblo.

ESTRUCTURA DE DEPENDENCIA

ESTRUCTURA SOCIAL	FSLN	RELIGION	FALSA CONCERTACION
Patrón ↓ Mandador ↓ Mozos, campesinos pobres	Dirección Nacional (DN) ↓↑ Cuadro Intermedio (CI) ↓↓ Pueblo	Dios ↑ Jerarquía ↓ ↑ Feligresía (pueblo)	DN-CI Patrón-Jerarquía ↓ Pueblo-líderes naturales

El campesino va aplicando tecnologías con mucha creatividad. Está en el terreno, conoce los problemas, mira las diferencias y determina las soluciones a tomar. Conoce el problema en su conjunto y conoce las tendencias. La mayoría de los técnicos que se enviaron al campo -por no decir todos- sólo hablaban el lenguaje de la tecnificación. Ante ese lenguaje, la lógica productiva del campesinado aparecía "atrasada". Por eso los ténicos introdujeron bombas de mochila y herbicidas para la limpia de los granos básicos. Las desventajas reales de esta tecnificación se cubrían con subsidios, que ocultaban la realidad. Hoy en día aquellas bombas de mochila son recuerdos colgados de los postes, sin ninguna utilidad. Lo mismo sucedió con el tractor que vino a sustituir a los bueyes. Nuestros propios recursos y técnicas autóctonas fueron marginados por la "modernización", que al final resultó ser un fracaso. Y no es que la "tecnificación" sea negativa en sí, pero lo es absolutamente cuando no tiene en cuenta las realidades particulares de cada zona.

¿Por qué no aceptar la realidad de que el campesinado es quien conoce su zona mucho mejor que un cuadro estudiado en las mejores universidades? ¿Por qué no aceptar que tenemos un grado alarmante de subestimación hacia la capacidad del campesinado? Así como para la poda, el recepo y la aplicación de fertilizantes es necesario conocer las plantas, el terreno, el clima y sus particularidades, hay que conocer también la realidad política, la realidad militar y la realidad espiritual del campesinado para hacer una revolución.

No se trata ni de construir ni de inventar una nueva estructura de poder comarcal, ni tampoco de crear otro lenguaje o de elaborar otra estrategia de desarrollo comarcal. La estrategia económica ya existe, está en las comarcas -también en los barrios-, así como también existen la estructura de poder y el lenguaje comarcal. Los campesinos tienen una lógica de producción, conocen sus problemas, sus limitantes y sus potencialidades de desarrollo, tanto en función de la comarca como del país en su conjunto. La tierra hace al técnico, no al revés. Pero todas estas verdades no exigen seguir profundizando en el "aparatismo" del partido. Sólo exigen una mayor inserción en las comarcas campesinas.

EL DIOS DE LOS POBRES Y OTROS "DIOSES"

América Latina es religiosa. Nicaragua en particular es profundamente religiosa. Pero las comarcas de Masaya y de Wiwilí son religiosamente religiosas.

La contrarrevolución más activa del país fue la jerarquía católica encabezada por el Cardenal Miguel Obando y Bravo. Demonizando al sandinismo -peor que cuando Somoza llamaba "bandolero" al General Sandino-, deslegitimando el proyecto de la revolución

y legitimando el de la contrarrevolución armada, apoyando su financiamiento con los dólares del Congreso norteamericano, no codenando jamás su violencia contra la población civil, negándose a la reconciliación con las comunidades eclesiales de base, negándose a interceder por los que fueron secuestrados por la contrarrevolución, haciendo uso del Papa y de la Biblia, la jerarquía logró efectos en un pueblo tan religioso, dependiente desde hace cinco siglos del dominio de la religión.

Los pobres del campo y de la ciudad buscan a Dios, pero la ley de gravedad establecida por la jerarquía eclesiástica les impide llegar a él. Los intentos de llegar a Dios rebotan en las estructuras. Estas no dejan que los fieles accedan a Dios. Los protestantes y las sectas evangélicas sí ofrecen una "vía directa" hacia un Dios que, en la práctica, no es el Dios de los Pobres del que habla la Biblia, sino simplemente el Dios "del cielo" -"Más allá del sol yo tengo un lugar"-. Este acceso es otra manera de rebotar. Y la cuestión es que Dios está en los pobres. No en la jerarquía, no en los templos, no en el cielo, no "más allá". "Te alabo, Padre, Señor del cielo y la tierra, porque has mantenido ocultas estas cosas a los sabios y a los inteligentes, y se las revelaste a la gente sencilla" (Luc.10,21). Esa gente sencilla vive en las comarcas del campo y en los barrios de la ciudad.

Durante la gesta guerrillera, en las comarcas de El Arenal, El Pochote, Las Sabanitas, El Guarumo y Cruz de Mayo, el factor religioso fue un elemento fundamental para la toma de conciencia y para la lucha por la liberación nacional. Después del triunfo revolucionario, la jerarquía eclesiástica diseñó una estructura religiosa que ahogara el movimiento de los Delegados de la Palabra nacidos en los tiempos de la lucha contra el somocismo. Por otra parte, los Delegados de la Palabra que trabajaron en este movimiento hasta julio de 1979, dejaron de serlo y fueron a ocupar funciones directivas o partidarias en el FSLN. Mientras, nacían los nuevos Delegados de la Palabra, que dominaron completamente el mundo religioso. El Frente Sandinista contribuyó de distintas formas a la estrategia de la jerarquía eclesiástica. Convocaba a los campesinos a reuniones partidarias o comarcales justamente el domingo y en horas de misa o de celebración religiosa. Esta confrontación innecesaria y costosa redujo las bases del Frente. Los métodos de lucha fueron ingenuos y subestimaron la religión con el argumento de que "el opio no es real". Y era real.

No se trata de combatir la religión creando otra religión. Y comprender el carácter enajenante de la religión es muy distinto que saber enfrentar esa enajenación. Otros cuadros sandinistas buscaron borrar tanto la religión de dependencia como las expresiones de una fe más liberadora, para construir una nueva religión, la del FSLN. Huyendo de la dependencia de Dios cayeron en manos de otros "dioses" y en otra dependencia, la de obedecer y bajar líneas.

Mientras en las comarcas se desarrollaban los nuevos Delegados de la Palabra, a nivel nacional la jerarquía removía a algunos sacerdotes progresistas, expulsaba del país -por métodos "eclesiásticos"- a varios sacerdotes y monjas, y sancionaba de diversas maneras a los que dejaba en sus lugares de trabajo.

La verdad es que no se trataba de sustituir ni de chinear al Cardenal Obando ni a la jerarquía. Se trata de combatir la dependencia en un espacio de debate sin "bajar líneas", aunque éstas vengan de sacerdotes progresistas.

También la Iglesia de los Pobres de Nicaragua, en vez de mirar la realidad de lo local, priorizó lo universal y lo abstracto y desde allí parpadeó mirando apenas la realidad local. Tampoco abordó en lo concreto los problemas locales de los barrios, salvo algunas excepciones. Los dirigentes de la Iglesia de los Pobres se dedicaron al discurso nacional-universal, hablaron de los pobres, de la justicia y de la agresión imperialista y recibieron condecoraciones del FSLN, pero no hablaron ni mucho menos se insertaron en los problemas del agua, la salud, la educación y el desarrollo económico de los barrios, y mucho menos en los de las comarcas.

Los teólogos de la Iglesia de los Pobres, en la práctica, viven en función del pasado, haciendo una "re-lectura de la Biblia", de espaldas a la lectura de las realidades concretas, sin reconocer que Dios es Dios de los vivos y no de los muertos, lo que significa que sigue hablando en el presente, que Jesús sigue siendo crucificado y que en los barrios y en las comarcas siguen escribiéndose muchas Biblias. Negando la espiritualidad tradicional-conservadora crearon una espirituali-

dad más celestial aún, sin ningún asiento en la realidad local. Los teólogos de la liberación se dedican a organizar congresos y a firmar pronunciamientos a favor de los pobres, mientras las comunidades de base terminan siendo aisladas o subsumidas por la jerarquía. Pasa en Nicaragua y pasa en todos los países de América Latina. Lo mismo sucedió con el protestantismo más progresista, cuya dirección fue politizada con un lenguaje bíblico de carácter universal y no local.

En lo secular también se intentó crear otra religión y el discurso nacional se legitimaba en base a los mártires, a "los muertos que nunca mueren". ¿No giramos con esto hacia el pasado, creando una nueva dependencia y perdiendo la capacidad creativa de pensar en el presente y en el futuro? No significa esto que haya que negar a los mártires u olvidarnos de un pasado glorioso. Pero no podemos hacer culto a los muertos dando la espalda a los vivos. Si fuera así, estaríamos matando a nuestros mártires. No podemos "bajar líneas" en nombre de Carlos Fonseca ni de Sandino, cuyos sueños trascendieron su propio presente hacia la construcción de una nueva sociedad. Ellos no dieron su sangre por los muertos, sino por los vivos. Carlos y Sandino nos enseñaron un camino para los vivos, y es necesario asimilarlo y enriquecerlo creativa y pragmáticamente analizando el presente y en dirección al futuro. Los mártires vivirán si transformamos la realidad y conquistamos el futuro. Seguir concertando con la burguesía sin representar democráticamente a las clases populares, continuar mirando la realidad local desde lo nacional-universal, persistir en la lectura del presente con consignas del pasado, es ir asesinando poco a poco a nuestros mártires y héroes que dieron su vida por los pobres, por su causa, no por la causa ni los intereses de la burguesía.

Para vivir la fe existe una estructura y un espacio organizativo que las mismas comarcas van creando. No hay que seguir el modelo patrón-mozo (Obando-feligresía, dirigentes-seguidores) y hay que aprovechar los espacios de la realidad para vivir la fe. Esos espacios en El Arenal son, por ejemplo, la Cooperativa y el Proyecto Pollos, El primero ha ido rompiendo paulatinamente la dependencia y construyendo una estructura propia donde el pueblo vive y expresa su fe. El segundo es otro espacio, donde las mujeres reflexionan junto con sus hombres sobre la realidad actual a la luz de la Biblia y a la luz de sus vidas de pobres. Los espacios los van creando y recreando los mismos campesinos. Es el espacio del pueblo. En él no necesitan ni "líneas" ni templos.

Jesús, que ni era un burgués ni "optó" por los pobres sino que era pobre y vivió con los pobres, compartía la noticia de la liberación en cada lugar. En los barrios y en las comarcas de entonces. Compartía el pan en el camino y con los pobres, no con los jerarcas ni con las clases dominantes. Y sus milagros de vida respondían a realidades locales: sana a este y al otro enfermo, discute problemas, reivindica los derechos de los marginados, leprosos, prostitutas... Estaba en medio de la gente, en contradicciones con el poder, en el camino. Jesús no giraba en torno al templo. Necesitamos liberar a Jesús para que su práctica y la del FSLN se conviertan en templos sin muros dentro de la dinámica comarcal y barrial.

EL ARENAL HISTÓRICO: UN SIMBOLO NACIONAL

Es evidente que durante la campaña electoral corrieron los dólares. "Una señora andaba repartiendo 3 dólares por persona en Venecia". Pero es más evidente que los dólares no constituyeron la principal y generalizada causa de la derrota electoral. Si el 55% fueron "vendidos", la palabra "vendido" pierde su significado. Recurrir a lo de "vendidos" para explicar la derrota es ocultar la realidad. En menor grado lo es también afirmar que la gente "votó con su estómago" y en contra del SMP -o la guerra-. Estos dos factores son dos grandes razones, pero no son todas.

EL VOTO LOCAL
UN VOTO POR LA VIDA

La gente interpreta el antiimperialismo desde una perspectiva local y de clase. En la comarca de El Arenal antiimperialismo es tener agua. Y agua no hubo allí

desde tres meses antes del día de las elecciones hasta abril/90. Los miembros del Comité de Acción Electoral -los CAE, antes Comités de Base- no hicieron absolutamente nada por resolver este problema. No es que ellos tuvieran la solución, pero tenían como revolucionarios, la misión de lograr una mínima coordinación, movilización y organización de la gente para resolver ése y otros problemas de la comarca. Al menos eso es lo que quieren decir cuando se proclaman vanguardia. No hicieron nada. Todos los días la gente tuvo que ir 3 ó 4 kms. en carreta, comprando y acarreando agua. Todos los días la UNO, sin necesidad de hablar, tuvo un argumento de primer orden a su favor. También podemos entender los votos del 25 de febrero como una manera de castigar al Frente Sandinista, pero para recuperarlo, para recordarle que debe regresar a los pobres, a los que pertenece.

Los campesinos con niños en la escuela temían por la seguridad de la escuela después de que les robaron las persianas. Los miembros del Frente no fueron capaces de enjuiciar a los ladrones, que fueron detenidos por la policía, sino que hablaron en favor de la "unidad nacional". Y es que los ladrones eran parientes de una familia poderosa económicamente, antes ligada al somocismo y hoy activista de la UNO. Esta familia aparece inmune e invencible ante la comarca. Cuando se habla de temas como éstos, los del Frente no quieren "bajar líneas", pero la gente critica al Frente justamente por estas conductas. Se trata de cosas básicas, no complicadas: hay que proteger los centros de salud, las escuelas, el agua. Hay que defender lo que es del pueblo.

Ante la situación precaria de una campesina -Dulce María-, que se vio frente a la posibilidad de perder su tierra y su casa precisamente por las amenazas de esta poderosa familia, los del Frente no lograron defenderla ni acompañarla en su lucha. Los dirigentes del Frente buscaron "concertación" con el rico que la amenazaba sin "concertarse" con la pobre Dulce María. Fue una gran contradicción: los pobres no eran oídos por los representantes del Frente Sandinista en la comarca, pero sí lo eran los poderosos que desafiaban la revolución. Y como los pobres como Dulce María rechazan la concertación FSLN-ricos, lo demostraron con su voto.

También han tratado los del Frente de ponerse a la cabeza de cualquier proyecto comarcal exitoso, sin haberles costado esfuerzo alguno, en forma oportunista. Por ejemplo, ante el avance del Proyecto Pollos de El Arenal los cuadros del Frente buscaron afanosamente "controlarlo". "Nosotros somos la vanguardia y todo tiene que estar bajo nuestra dirección". Pero la politización "desde arriba" no funciona. Hay que envolverse en la realidad campesina y partir de ella. Las mujeres reaccionaron airadas ante "las líneas": "La política se mira, no necesitamos que nos abran los ojos cuando ya los tenemos abiertos", dijo Carmen.

El liderazgo no puede caer del cielo, el liderazgo se hace, se conquista y es un fruto del consenso comarcal. Es por eso que los dirigentes y los miembros del Proyecto Pollos se proyectan cada vez más tanto en la comarca como a nivel familiar, rompiendo así las cadenas de la dependencia. Las mujeres comprometidas en el proyecto lucharon por el agua, se enfrentaron a los responsables del problema, y obtuvieron el agua para toda la comarca en abril/90. Ellas van reflexionando a partir de su problemática, que es la subsistencia económica familiar y comarcal, sobre los clavos comunes que sufren como mujeres campesinas. Así van combatiendo poco a poco la dependencia política, religiosa y machista que el sistema promueve. Discuten sobre la cuestión local, sobre el Proyecto Pollos, reflexionan sobre los retos de la comunidad a partir de la Biblia y lo hacen en ese mismo espacio que ellas han ido construyendo. Las mujeres de la comarca no necesitan que alguien las lleve de la mano. Ellas mismas van apropiándose de su historia, siendo sujetos de su desarrollo, y van conquistando paulatinamente el liderazgo comarcal. Ejemplos como éste hay muchos. ¿Por qué entonces seguir "bajando y recibiendo líneas" cuando es el pueblo el que quiere caminar por sí mismo y sabe por dónde hacerlo?

OTRA CLAVE
LA PREPOTENCIA Y LA HUMILDAD

Los campesinos participaron en la insurrección y la apoyaron por la humildad de quienes desde la ciudad vinieron a convivir y a luchar con ellos por una sociedad más justa. Los campesinos recuerdan a aquellos sandinistas como a seres desprendidos de sí, que huían de la guardia y reflexionaban sobre la revolución y la necesi-

dad de combatir la injusticia. Hoy en día predomina la prepotencia en los cuadros del FSLN en las comarcas.

"La prepotencia y el personalismo nos han arruinado porque eso nos aisla de la gente humilde. Muchas veces llegaron militantes burgueses. Algunos eran amables, pero otros eran prepotentes. Y claro, uno sabe lo que pasó en el pasado, que fuimos explotados. Entonces, si ahora sentimos indiferencia como clase -tal vez no como partido-, entonces sentimos que nos tratan de apartar y eso nos arrecha, porque eso es prepotencia. Muchas otras veces, la gente llegaba a los zonales a buscar ayuda y se encontraban con la indiferencia de ellos. Entonces había que buscar otra mejoría". (Dirigente comarcal y miembro del CAE de El Pochote).

En la cultura campesina la humildad es fundamental. Históricamente fueron pisoteados por la clase burguesa que venía de las ciudades. A pesar de todo, saben distinguir a la gente burguesa que lucha humildemente a favor de los pobres, aunque en muchos no ha desaparecido aún la imagen del "patrón bueno".

"Conocí a algunos burgueses que sí se identificaban con nosotros. De uno me acuerdo, era sobrino de doña Violeta, y en el 80 fue Secretario Político del Frente en el Zonal de San Marcos. Venía a la casa de noche, hablábamos y caminábamos animando a la gente. El tenía toda la posibilidad de irse a Estados Unidos y vivir otra vida, pero prefería estar con nosotros, con humildad, no con prepotencia. Entonces, nosotros también nos sentíamos identificados a él". (Dirigente comarcal).

Muchas veces los mejores cuadros del Frente visitaban sólo los Comités de Base y no las comarcas. Como representantes que venían del exterior, podían haber establecido una relación más estrecha y realista con la comarca para fortalecer su autonomía y consolidar el movimiento campesino. No lo hicieron.

EL PODER REAL Y LA TRADICION FAMILIAR

"Mi voto para el Frente ya lo había dado cuando mi hijo cayó; ahora di mi voto por la UNO porque no quiero entregar otro hijo más". (Celia, Comarca de Pacayita). Hay cosas difíciles aún de explicar de las elecciones, porque estuvieron presentes factores vivenciales, familiares y de tradición histórica. La política divide, sólo la comarca unifica. No hay una familia totalmente de un lado, todos están divididos.

En la comarca, la dependencia de los terratenientes fue grande y siguió siendo así durante la revolución. Los Martínez lograron imponer una dependencia casi histórica. Los Sánchez, aunque abandonaron el lugar por la confiscación que sufrieron, dejaron como herencia el recuerdo de su "bondad" por haber "dado trabajo" a los campesinos. Los Gutiérrez lo mismo, aunque en menor grado.La familia López está bastante extendida en la comarca. Fueron mozos de los Sánchez antes de la revolución. Votaron por la UNO: queda en ellos la imagen del "patrón bueno", del patrón modelo.

Reyes -cuñado de Angelita-, Delegado de la Palabra y activista de la UNO, es hoy canastero de Santiago Martínez. Dulce María, después de intentar enfrentarse sola con los Martínez, decidió seguirles vendiendo tortillas. ¿Qué le quedaba? Mientras más pobres, más dependientes de los Martínez. Hay que aceptarlo sin otra alternativa.

Los Martínez constituyen un poder real en la comarca. Ellos poseen tierras tanto en El Arenal como a la entrada de Masatepe. Tienen transporte -único medio con el que las mujeres llevan diariamente los cítricos al Mercado Oriental-. Son un "puterío caminante": el jefe de la familia tiene más de dos docenas de hijos en la comarca, "con la misma pero con distintas y decenas de mujeres" de la comarca. Recordemos que el cordón familiar es muchas veces más fuerte que el cordón ideológico y si es tan extendido contribuye a la imagen de "hombre fuerte". Por tener tierras y transporte, los Martínez son fuente de empleo: tienen asalariados. Y son líderes religiosos -Rosita Martínez es históricamente lidereza religiosa de la comarca, guarda las llaves de la ermita-. También son líderes Jesús Martínez y Santiago Martínez, jefes del carismatismo en la comarca, que tienen sometido como canastero al principal Delegado de la Palabra de la comarca, a Reyes. La revolución no acabó con la dependencia de los pobres hacia los Martínez.

Los que tienen poder no hablan de su poder. En cambio, los que no lo tienen sí hablan de su "poder". Los Martínez no hablan de su poder y son los que realmente tienen poder. Los cuadros del Frente han hecho ceremonia de su poder, hablando en nombre de la sangre derramada en el pasado, pero sin llegar a la sangre viva de hoy. Y se quedaron en el olimpo, sin poder real.

LA RELIGION EN LA CAMPAÑA ELECTORAL

Los que eran Delegados de la Palabra antes del triunfo no ejercen ya esa función. Algunos fueron miembros del CAE y hasta candidatos a concejales. En los años de revolución algunos de estos ex-Delegados fueron absorbidos por la institucionalidad y se creyeron portadores de la verdad absoluta. Dispuestos a dar sermones, pero no a trabajar con la gente a partir de sus sueños. A este vacío de un trabajo religioso con mayor participación, dinamismo y convicción de fe, se sumó la fuerza alcanzada por los carismáticos, que hoy por hoy son una fuerza real.

La imagen de Obando es fuerte en las comarcas. La gente lo ha endiosado, arrastrada por la promoción que le hicieron durante estos años algunos sacerdotes y la que se hizo el mismo Obando. Muchos contraponen la imagen de Obando a la del sandinismo.

El 21 de febrero cerró oficialmente la campaña electoral. Pero ese mismo día comenzó una campaña electoral mucho más efectiva y decisiva promovida por la Iglesia católica. 4 días y 4 noches de intensa campaña electoral utilizando el arma más sensible al campesinado: la religión. A nivel nacional los carismáticos realizaron "vigilias" religiosas en todas las comarcas. En El Arenal estuvieron tres noches seguidas hasta amanecer el domingo, día de las elecciones. En estas celebraciones el discurso era: "Hermanos, nosotros estamos en contra de la guerra, del militarismo, así dice la Biblia". "Sin fusiles, sin armas". El armamentismo era identificado con el sandinismo y el EPS, en ningún momento con la contrarrevolución. "Votaremos porque seamos hermanos y no nos matemos entre hermanos, porque entonces será el fin del mundo". "Ya son los últimos días, habrá hambre, hijos peleando contra sus padres". La amenaza del apocalipsis -entendido como holocausto y no como revelación- era continua.

En las vigilias se utilizaron todo tipo de manipulaciones. La última noche de vigilia, algunos "salieron directo a cobrar los dólares y de ahí a votar". Otros salieron convencidos de que Dios estaba con Obando y que éste estaba con la UNO. O al revés. El sacerdote que atiende el lugar dejó de cobrar por los bautizos, los casamientos y las misas de difuntos en las dos últimas semanas antes de las elecciones. Era sorprendente, porque cobran rigurosamente -dinero, gallinas, frutas- a los campesinos por cualquier "servicio" religioso. Con este gesto enviaban un mensaje con el que obtener votos en favor de la UNO. En aquella semana murió un dirigente del CAE de la comarca El Guarumo, y el sacerdote celebró una misa -cosa que siempre rechazaba; nunca quiso celebrar misas por el hijo mártir de la catequista Marcela-. No cobró, pero en su mensaje enfatizó que "la muerte era un castigo". "Morir es un castigo", repitió. ¿Castigo por qué? Evidentemente, por trabajar con el Frente. Dicen, claro, que "no hacen política". Vivimos en un mundo de inversión de valores donde las imágenes, vaciadas de su auténtico contenido, hablan para confundir y hasta matar.

El día siguiente de las elecciones, 26 de febrero, los carismáticos daban gracias a Dios por haber "ganado". Siembre habían afirmado que no eran "políticos", pero estaban dando gracias por "su" triunfo político. Ese mismo día 26 un Delegado de la Palabra de los carismáticos, al ver a un campesino con un sombrero del Frente, le dijo: "Te vamos a quitar el sombrero con todo y cabeza".

Los cuadros del Frente subestimaron la religiosidad de la gente, intentaron crear otra religiosidad, pero no funcionó. Enfrentar el fuego con fuego -religiosidad vs. religiosidad- es imposible. En una visión polarizada de la situación -"los del Frente" y "los de la UNO- el pueblo ya no se visualiza y hasta aparece "sin existencia". Esto pasa cuando no se parte del pueblo ni se inserta uno en él. Esto impidió el poder crear una alternativa al avance del carismatismo, quedándose pasivos ante su campaña electoral pro-UNO. ¿Qué pasó con los antiguos Delegados de la Palabra, que conocían tan bien la tradición religiosa de la comarca? Abandonaron el campo. Llegaron entonces los carismáticos y sembraron la cizaña que hoy va dando frutos. "El sembrador vino a sembrar y se durmió, entonces vino otro que hizo nacer mala yerba", dice una campesina.

En las comarcas de El Arenal, El Guarumo y Las Sabanitas que votaron en la Escuela de El Arenal hubo variantes. Aunque los datos no nos permiten diferenciar, consideramos que El Guarumo es la comarca con mayor organización comarcal y con una fuerte presencia del Proyecto Pollos y del Proyecto Cerdos. En cambio, El Arenal, aunque tiene una fuerte presencia del Proyecto Pollos y de la Cooperativa con destacados líderes naturales, tiene también la presencia casi omnipotente del patrón tradicional y de cuadros sandinistas poco representativos de la comarca y no reconocidos como líderes.

"El liderazgo viene por inspiración pero también es aprendido. Todo el que dirige tiene que ser un político y para ser un político hay que documentarse y entender la realidad. Un dirigente hace conciencia junto con el resto de los socios y campesinos de la comarca. Ser líder cuesta mucho, uno tiene que renunciar a todo, hasta el licor, porque hay que ser ejemplo y no un tapudo, porque hay que tener autoridad para luego hablar como líder". (Presidente de la Cooperativa).

Finalmente, no hacemos énfasis en el reducido trabajo que los activistas de la UNO realizaron en la comarca. Sólo mencionar un aspecto: el responsable de la UNO en El Pochote mantuvo una constante en su discurso pidiendo el voto a la gente que visitaba casa por casa, prometiéndoles a cambio cosas locales y visibles. "Danos tu voto para la UNO y te vamos a dar reales. Miren, esa tierra que ocupa la Cooperativa, ésa se la vamos a repartir a ustedes, a los de esta parte. Ganamos y lueguito repartimos". En una comarca donde el problema de tierras es apremiante, esta promesa los despertó. Y votaron por la UNO. El problema de tierras ha persistido después de las elecciones: las cooperativas son amenazadas en forma constante por los activistas de la UNO, así como es permanente la defensa de ellas que ha asumido la comarca.

WIWILI: UN HORIZONTE DE FUTURO

Wiwilí es capital municipal y cabecera central de 84 comarcas. Poblados como Plan de Grama y El Carmen son cabeceras comarcales. El primero es vieja frontera agrícola, el lugar donde Sandino y sus hombres se establecieron en 1933-34. El segundo -especial Plan de Grama y Wamblán, que se hallan a 40 kms. del poblado de Wiwilí- es relativamente nuevo, data de hace 30 años.

En los poblados, asentamientos y comarcas cercanas a los poblados -15 lugares- el FSLN ganó con un promedio del 68% de los votos. En las comarcas distantes de los poblados, de montaña adentro, o en las que tienen fuerte presencia de campesinos ganaderos o cafetaleros ricos -29 lugares- el FSLN sólo obtuvo, como promedio el 18% de los votos.

Otros 27 lugares, pequeños poblados y comarcas ubicados en zonas intermedias, fueron claros territorios en disputa. En esta zona de guerra hay tantas enseñanzas que recoger como en El Arenal.

EL DESCONCIERTO ANTE LA POLITICA CAMPESINA

Los campesinos de la zona no llaman a los contrarrevolucionarios "contras", sino simplemente "la otra gente". En toda la frontera agrícola, desde Wiwilí hasta Nueva Guinea, se escucha este apelativo. Durante muchos años el FSLN buscó ganarse a los colaboradores y a los simpatizantes de "la otra gente".

Aunque esta política tuvo algunos frutos, en general el impacto de esta "concertación" fue adverso a la revolución. En Wiwilí central es conocida la actitud del gobierno, que "chineaba" a grandes repastadores-ganaderos como Simeón Galeano -familiar de "Franklin"-; a los Tinoco, a quienes les dieron 200 mzs. de tierra en Yacalwás; a gente de Zompopera, de El Jobo, de El Jicote -donde cayó "Caín"-, de Palo Prieto, a hombres que, a pesar de esto, nunca dejaron de colaborar con la contrarrevolución. Como dice don Matías, "no pudieron hacer reales con el somocismo, sí los hicieron con el sandinismo, y nunca dejaron de ser enemigos de la revolución".

Estos "chineados" son los mismos que se resintieron con la revolución desde los primeros años. Don Matías recuerda que cuando en 1979 la ATC repartió algunos reales a la gente pobre, los ricos protestaron: "Están dando dinero en puta a los indios, ¿y quién va a chapear, a componer las cercas, a limpiar el café?". Nunca cambiaron esta mentalidad, se beneficiaron de la revolución, y nunca se divorciaron de "la otra gente". Siguieron colaborando con ellos y por fin terminaron votando por la UNO. Así dicen los campesinos pobres: "Ordeñaron la vaca, se tomaron la leche, y ahora celebran contra la vaca". Los mismos militantes sandinistas resienten la actitud "patronal y paternalista" que tuvo con ellos el estado revolucionario.

"Hombré, ¿para qué nos vamos a engañar? Aunque les bañemos con oro a esos jodidos nunca se harán sandinistas. Y mientras tanto nuestra gente jodiéndose en las montañas. Montón de camiones se los han dado a los otros y a nosotros nada. ¿Qué pasó? 'Vamos a ganar, vos aguantate', nos respondían siempre". (Don Matías).

"A ellos no se les cambiará de opinión mientras existan". (Mercedes, campesina de Plan de Grama).

La insistencia en el "buen trato" que los dirigentes del Frente tuvieron hacia los ricos de la zona, marginando a los sectores populares, causó un fuerte impacto en los campesinos pobres, pequeños ganaderos lecheros, caficultores. Sencillamente no se sintieron representados por el FSLN. "Tanto hemos trabajado para nada. Ni casa poseo. Vivo en la casa de mi padre. Pero a otros, a los de la UNO pues, incluso sin que tengan necesidad se les ha dado tierra".

Mediante el Ministerio de Comercio Interior (MICOIN), el Estado buscó controlar toda la producción del campesinado. Y no en beneficio del pueblo sino de algunos comerciantes.

"Un día me llamó Micoin y me exigió que mi papa vendiera a 2 comerciantes, yo no podía vender al pueblo. Hombré, eso es una barbaridad. Mirá, yo compré la semilla, yo lo trabajé, nadie me regaló nada. Amigo, esto a mí me cuesta puro sudor. ¿Entonces? Yo tengo derecho de vender a quien yo quiera, hasta de echarlo al río. Yo he visto cómo estos comerciantes en un ratito ganan más que uno, mientras que un pobre campesino se zafa meses trabajando. ¿Idiay? ¡Ahora viene Micoin y quiere obligarme a que le dé a esos 2 jodidos!".

El Estado decidió en función de los comerciantes y de espaldas a los productores. Esa ha sido la historia de Wiwilí desde hace muchas décadas. Y los campesinos están cada vez más conscientes de esta situación.

Similar análisis podemos hacer sobre el tipo de créditos otorgados en la zona, sobre la priorización de objetivos en la ganadería, sobre los costos de la inflación, etc. Sólo nos interesa destacar que los componentes de la política de concertación no lograron "cambiar" a la minoría y tuvieron un impacto adverso a la revolución en los sectores con menos recursos económicos. **Esta política de "concertación" desconcertó a los pobres.**

Los errores en las políticas económicas hacia el campesinado son visibles cuando percibimos la estructura, el orden social en el campo, cuando conocemos lo que es la realidad y lo que son los sueños campesinos. Quienes diseñaron las políticas estatales hacia el campesinado desconocían -o simplemente no quisieron conocer- la realidad del campo. Los campesinos tienen muy clara su realidad, aunque esta realidad sea alienante. Una gran parte de las comarcas de Wiwilí, especialmente las de Wiwilí Central, zonas despaladas, ganaderas y cafetaleras, son policlasistas. En estas comarcas los campesinos pobres, incluidos los jornaleros y los medieros, miran al campesino rico, al patrón, como a su modelo económico. Es el espejo del tiempo donde miran su futura imagen. Sueñan recorrer el camino que hizo el rico para ser algún día como es él -gran ganadero, gran caficultor, "gran trabajador"-. El campesino rico es el fiador del pobre, la fuente de trabajo, el compadre, el apoderado, aunque sea prepotente, abusivo y explotador. Los pobres saben que no tienen nada que ganar rebelándose contra el patrón, y sí mucho que perder: el trabajo y la misma vida. ¿Por qué apostar entonces por una revolución cuyos cuadros "cuchichean" con los ricos y no con los pobres?

Tanto en el nivel nacional como en el comarcal, la gente tiene un modelo de cómo desarrollarse. En la comarca, ese modelo está en los ricos de la comarca, tanto por lo que ellos son -imagen- como por lo que producen.

> *"Isabel Olivas, de la Ceiba, un hombre que ni sabía leer, sacaba 40 cerdos cada 6 meses, 500 novillos anuales. Y el Estado le redujo. Redujo a los que producían y metieron a gente que no producía. Actualmente, de ahí no sale ni un guineo, ni un pollo. Yo pensé que la revolución era sacar a los pobres, a los que están "pescando con lombrices" para colocarlos en mejores tierras y no sacar a los mejores para ponerlos en peores lugares" (Campesino con pequeño hato).*

"Ese viejo con reales es arrecho, bien bravo con sus trabajadores. Los trata mal, pero siguen yendo con él, él nunca carece de mozos". En una zona donde hay poca oferta de mano de obra, el hombre rico tiene mozos permanentes. Esto es dependencia y es tener poder real de dominación. Frente a esta realidad se miran claramente erróneas la política de confiscaciones y la política de concertación, que fueron rechazadas por el campesino. **El campesino pobre se sintió golpeado cuando confiscaron al patrón, a la vez que se sentía amenazado y huérfano en sus sueños cuando "chinearon" al patrón. Los dos sentimientos a la vez.** La lógica político-militar de ganarse a los enemigos de espaldas a los pobres minó a la revolución y pensando teóricamente "beneficiar" a los pobres, se les empobreció aún más.

"Antes los campesinos vivían sin azúcar. Ganamos y les dimos azúcar. Luego, cuando la guerra, el azúcar se mermó más y más, entonces comenzaron a enojarse contra la revolución". El problema no es el azúcar sino la relación entre el dirigente y la gente para obtener el azúcar. "Las cosas que no cuestan no valen". No se trata de sustituir al patrón por otro patrón con varias caras. Se trata de cambiar la relación de dependencia. Y la revolución hizo poco por lograr ese cambio.

¿Y cómo se decidió a quién confiscar? Se decidía "arriba". Por eso los campesinos pobres se sintieron afectados, porque no fueron ellos los que resolvieron. La mayoría de las confiscaciones no fueron el producto de un movimiento campesino que avanzó hasta tomarse las tierras, conscientes de que había que producir y demostrar mayor eficiencia que la burguesía. El Estado confiscaba y punto. Además, muchos campesinos querían tierras individuales y no integrarse en cooperativas. Algunos cooperativizados se fueron, otros se acostumbraron a los subsidios de "papá Estado" y a pelearse con el resto de la comarca. También ha habido problemas con los "asentados", productos de la guerra. En muchos casos se dedican a vender leña despalando la montaña, lo que expresaría que sienten su nueva situació como una realidad impuesta desde el exterior. Los asentados "no producen esa tierra como antes. Ya no se hallan aquellos frutales, ya no se mira ni el humo del café caliente".

Hasta la política de condonaciones de deudas campesinas fue decidida arriba. "Yo le llevaba el papel de condonación a los campesinos, se ponían alegres. Unos sacaban otro crédito más grande, porque sabían que volverían a condonarles. Entonces no trabajaban. Otros sacaban otro todavía más grande y se iban a Honduras. Si el Estado les da, mal; si no les da, mal". Las condonaciones no estimularon la producción, sino que acentuaron la dependencia. Siempre la misma conclusión: las "líneas" no sirven, hay que partir de la realidad de cada zona.

Es importante partir de la realidad local para decidir las políticas a seguir y es importante que los cuadros, antes de servir de meros correos oigan a los campesinos y se compenetren con las contradicciones de cada zona y de cada comarca. Cuadros, no cuadrados. ¿De qué sirve tener cuadros políticos en el campo si no entienden la lógica de la producción campesina o los aspectos socio-económicos de la zona, conocimientos que no necesitan ser aprendidos en las aulas de Moscú o de La Habana, sino entre los mismos campesinos? **La tierra hace al técnico, no el técnico a la tierra.**

Los cuadros del Frente necesitan hablar el lenguaje de las comarcas: de los frijoles de apante en la cercanías de Kilambé, del ganado vacuno y no vacuno, del maíz de wintaka, del invierno y del verano. Los campesinos hablan y reflexionan sobre la producción, sobre sus problemas, y no están cerrados al mundo como piensan algunos cuadros políticos. Son ellos los que están cerrados al mundo campesino. El lugar de los cuadros/dirigentes sandinistas está en el lugar de la

producción. Ser dirigente o cuadro político no es sentarse en un escritorio para "orientar" o para esperar "orientaciones" de la ciudad. Esta comodidad es tan bonita como un queque en el centro de una mesa. Un cuadro sandinista necesita meterse en las botas del campesinado y apoyar el desarrollo comarcal aún cuando su participación y sus decisiones contradigan las "orientaciones" de la ciudad. La revolución no se hace en los escritorios, sino en cada milímetro del territorio patrio, en cada comarca y en cada poblado. Y la revolución es fundamentalmente desarrollo económico, mejoría del nivel de vida, felicidad y bienestar.

Además del orden social que existe en el campo, además de la realidad, están también los sueños de los campesinos pobres, de los jornaleros y medieros. Sueños de desarrollo económico, limitados y estancados por los partidos y las instituciones, también la religiosa. En el fondo de su conciencia el campesinado tiene alternativas de desarrollo. Son estrategias más campesinistas. **El mismo pueblo, en la medida en que se logre una relación dialéctica entre lo local y lo nacional, es el más indicado para resolver los problemas de su zona. Conocen mejor que nadie limitaciones y potencialidades.**

"Aquí tenemos poca tierra pero podemos vencer esto con un proyecto. Mirá aquellos cerros, mirá por dónde pasa el Río Coco y el Caño Wiwilí: están formando la letra "Y" quedando adentro la comarca Cruz Laguna. El Río viene de arriba. Entonces, podemos impulsar con la misma fuerza del agua un sistema de riego para producir no sólo granos, sino también verduras, cebollas, tomates, papas... Podemos organizarnos. Wiwilí se beneficiaría y nosotros también".

"Aquí tenemos problemas de pasto en el verano, las vacas merman la leche, se sienten agüevadas. Pero podríamos conseguir concentrados hechos por nosotros mismos. Mirá, tenemos tusa de maíz, podríamos sembrar media manzana de caña piña, compraríamos entre 15-20 campesinos un trapiche de hierro. Por último, uno de madera. Ahí sacamos melaza de caña. Esto, junto con la tusa y un poquito de trigo en 4 a 5 pisos en una caja de 0.5 varas cuadradas y ya tendríamos el concentrado. Entonces tendríamos más leche".

"En la montaña hay tierra. Si esta guerra acabara, nos iríamos para allá. Aquí andamos como chanchos, acorralados, repitiendo lo mismo como loras. Sin tierra no podemos hacer nada, aquí no hay ni faldas para sembrar frijol".

Y los campesinos siguen soñando. Hacer queso, recuperar el café abandonado, sembrar más frijol, conseguir más tierras. Y con estos sueños logrados vendría una mejoría en el consumo, variando la dieta. Con ellos se va haciendo también la organización, la conciencia de lucha, la apropiación de la propia historia.

Pero los sueños no se pueden realizar con cuadros como algunos Secretarios Políticos y Jefes de Territorio, que se cerraron a la realidad campesina y exigieron santidad siendo los más corruptos.

"El Secretario Político no se preocupó en absoluto por las organizaciones de masa, sólo por exigir trabajo. ¡Cómo iba a preocuparse si andaba con cachimbo de mujeres! Más bien andaba ganándose enemigos con las familias de las muchachas. Nunca se preocuparon por los colaboradores históricos. Ahora éstos están o en la contra, o muertos por la guardia, o resentidos".

"La corrupción nos jodió todo. Los jefes de territorio conviviendo por aquí y por allá. ¿Cómo podíamos ser ejemplo así? Y para peor: ellos pedían que para ser militantes había que ser prácticamente santos. Hombré, ¿cómo creés vos? Ellos pidiendo santidad, ¿y con qué autoridad?".

Tantas cosas han sucedido que reducir las causas del revés electoral a sólo la crisis económica y al servicio militar suena casi burdo. Como dice un campesino: "El trabajo nos entretiene, no nos da lugar a pensar en el odio que trae la guerra". Trabajo hubo demasiado, lo que faltó fue entrega y mística revolucionaria para encauzar el trabajo. Nuestro ideal pequeño-burgués, por el que pretendemos ser los capacitadores, los enseñadores, los sabios, es ridículo frente a la compleja reali-

dad del campo. Tenemos dos oídos, para escuchar, más y una boca, para hablar menos. Los cuadros urbanos se precisan más en los barrios de las ciudades de donde provienen. En el campo hay líderes naturales que no necesariamente deben pasar por los aparatos de formación "político-ideológica" del Partido. Sólo requieren de espacios para plantear sus sueños, su estrategia económica.

LA FUERZA DE LA RELIGION

A partir de 1979 la actividad religiosa se intensificó en todo el país. "Comenzaron a construir templos por donde quiera". Se hicieron más templos en Nicaragua que escuelas y hospitales juntos, hay más alienación que salud y educación. "En medio de la aflicción y la crisis, la gente busca a Dios como su única salvación. Además, al leer u oir la Biblia la gente se da cuenta que las señales actuales ya estaban escritas en la Biblia y que se están cumpliendo". (Pastor de Plan de Grama). El crecimiento de la Iglesia católica-carismática se debió a los mismos mensajes, con la diferencia de que eran más politizados.

Es un hecho que el protestantismo constituye una fuerza numéricamente muy fuerte en todo el municipio de Wiwilí, y en especial en la zona de Plan de Grama (70% de la población), proporción tal vez superior a la de cualquier otra parte del país. En todas estas zonas el protestantismo creció fundamentalmente a partir del triunfo revolucionario. En los primeros años (1979-1981) se presentó como una reacción al sandinismo, pintado como el germen del comunismo ateo, como el preludio de "los últimos días". Sin embargo, es hasta 1982-1985 que el protestantismo crece en forma exhuberante. En 1982 los protestantes iniciaron su auge predicando la neutralidad y presentando a Dios como supremo valor y como la única puerta ante la trágica realidad de un pueblo amenazado por "dos tigres". Desde 1985 han seguido creciendo, pero en forma menos sorprendente.

En este incremento influyen tres factores: 1) la guerra, 2) la crisis económica vista como producto del control estatal sobre el comercio, los precios, etc. 3) La "lupa" protestante usada para leer la Biblia: con ella miran guerra y crisis como "cumplimiento de lo que la Biblia dice". "Letra por letra se está cumpliendo, el hermano contra el hermano, el hijo contra su padre. Eso está pasando, pronto acabará el mundo y vendrá Jesús". Desde la realidad campesina, con el diario acoso de la muerte, esto tiene lógica.

Los protestantes, a diferencia de los católicos, miran más lo local que lo universal. Aunque son más "celestiales", son también más "neutrales" políticamente, en el sentido de que no politizan tanto sus cultos, aunque muchos de los miembros de la comunidad sean militantes políticos. Pese a que siguen los mismos patrones de alienación de una religión que es refugio y colchón para crisis y desasosiegos, con mensajes y oraciones muchas veces "electrónicos", no están politizados en total confrontación con la revolución. El Dios de los protestantes no aparece parcializado por ninguno de los contendientes. Buscan patentizar su neutralidad y aunque se muevan en lo celestial, responden de una manera muy particular en lo local, donde hallan su libertad. Este estilo contrasta con la manipulación religiosa que hacen los sacerdotes católicos y sus Delegados de la Palabra carismáticos, que confrontan directamente a la revolución, deslegitimándola en base a falsedades, y satanizándola como enemiga de Dios.

Durante la campaña electoral, la UNO no se hizo presente en el municipio de Wiwilí. Estuvo presente a través de "la otra gente" y de la Iglesia Católica. En el período electoral, las dos únicas ocasiones en que se reunieron multitudes en Wiwilí fue en ocasión de la visita de Sergio Ramírez y en la inauguración del nuevo templo católico en Wiwilí-Jinoteguita. Los sandinistas se manifestaron el 25 de enero. Días después se llevó a cabo la inauguración del templo. El sacerdote se opuso a que sus fieles acudieran a la manifestación. Habló personalmente con ellos para que no fueran y a una mujer la presionó así: "Decidite: o por Dios o por el Estado". Cuando se llevó a cabo la inauguración del templo, los feligreses equiparaban ambas concentraciones como si ambas fuesen concentraciones políticas. "Ya ganamos, tenemos más gente que el 25 de enero", repetían. Esta comparación permitía concluir que la contrarrevolución es en realidad la Iglesia católica-carismática y su ideología, y no el pueblo víctima de sus manipulaciones.

La UNO "es un costal sin huesos", pero en el campo es una fuerza política apoyándose en la Iglesia católica, donde están "sus huesos". En la zona estuvo dirigida por el sacerdote. "Había presión para votar por la UNO. Cuando estudiábamos la Biblia, ahí se habla de injusticia. Entonces el padre aplicaba eso a la realidad y nos decía: tienen una gran responsabilidad ante esto, no tengan miedo". (Ramona, miembro de la directiva de la Iglesia Católica). El sábado 24 de febrero, un día antes de las elecciones, todos los delegados de la Palabra del lugar tuvieron una reunión especial, y aunque no nos fue posible conocer su contenido, es significativa la fecha elegida.

En la comarca de El Triunfo -ubicada a 15 kms. de Plan de Grama- construyeron un templo católico en 1989. Fue bendecido por el sacerdote. Con este nuevo templo, la zona cuenta ya con tres: el de Plan de Grama, el de Esperanza Los Nogales y el de El Triunfo. Todos los domingos se celebra la misa y desde enero se intesificaron las vigilias. Hoy celebran vigilias, incluso los viernes, porque consideran que "Dios ha ganado".

"A diferencia de los católicos, los protestantes, en general, sólo predicaron de vez en cuando el "respeto a las autoridades". Tienen pocas contradicciones prácticas con el gobierno, están en los asentamientos, en las cooperativas, son hasta militantes del Frente. Algunos sí predicaron contra la revolución. Por ejemplo, los pentocostales de Wiwilí central. Pero prima su "apoliticidad". "Nosotros reconocemos al gobierno del Presidente Ortega la libertad de culto que ha vivido el país", dice el pastor Ildefonso.

La tónica general, sin embargo, fue de asedio, y en este sentido, tanto la religión católica como la protestante bombardearon ideológicamente a los campesinos y los emboscaron en forma insistente y permanente.

LA GUERRA Y LA NEUTRALIDAD CAMPESINA

Mucho se habló de la contrarrevolución como una fuerza "mercenaria" y "asesina", pero fueron muchos los campesinos que se involucraron en la contrarrevolución y en un gran porcentaje, de forma voluntaria. ¿Por qué se "alzaron" estos campesinos? Esbozar algunas respuestas puede contribuir a entender el por qué votaron en contra del Frente.

La actitud "urbana" de los militares, con poca comprensión hacia el campesinado -su cultura, sus propiedades, su economía-, se tradujo a menudo en represión y en una actitud prepotente que irrespetaba la manera de ser del campesinado y violaba su histórica neutralidad. Hay que recordar que los campesinos de esta zona no participaron en la insurrección de 1979 y salvo en algunos lugares, como el Kilambé, no fueron violentados constante y directamente por la guardia somocista. El triunfo de la revolución significó la militarización de toda la sociedad civil y esto tuvo un fuerte impacto en comarcas como éstas. Con el inicio de la "guerra grande", los campesinos fueron afectados, tanto por el EPS como por la contrarrevolución.

Refiriéndonos más a nuestra zona, tenemos, por ejemplo, el papel jugado por el Jefe de Seguridad de Plan de Grama durante 1980-81, y por el mismo batallón que operaba en esa zona. El Jefe de Seguridad era el terror de los campesinos, que temían incluso bajar al poblado para hacer sus compras, porque de inmediato eran interrogados por él en forma prepotente. Llegaba a la casa de los campesinos y siguiendo alguna "información" no confirmada actuaba en forma abusiva, tratando de sacar información sobre la contra o acusando a los campesinos de haberle dado comida a las fuerzas contrarrevolucionarias. Todos los campesinos recuerdan con amargura a este militar. Lo mismo pasaba con el Jefe del Batallón. Pasaban por algún caserío y exigían información sobre la contra, y como los campesinos se ponían nerviosos, el Jefe les "castigaba con un cuchillo" y les "culateaba", llegando incluso a matar a algunos. "Como nos miraban en trapos y sin poder hablar, querían limpiarse con nosotros". (Campesino de Plan de Grama).

"El lo mandaba a uno al otro lado o a la cárcel". Además, quitaba a los campesinos sus bienes -vacas, mulas-. Otros oficiales del EPS, Jefes de Compañía, eran también así, "trajinaban hasta chilillo". En esos años la política militar era confiscar los bienes y propiedades a quienes se iban con la contrarrevolución. "Yo conocía a uno que se fue, luego también se fueron sus 4 hijos, y solo quedó la señora. Le quitaron vacas y mulas

y la señora se quedó sin nada para mantener el resto de los hijos. Los chavalos son la mayor fuerza de uno".

La contrarrevolución llegaba también a las comarcas y actuaba de la misma manera. Al principio, cuando la contrarrevolución estaba conformada mayormente por guardias somocistas, hicieron gala de imponer una represión indiscriminada. Acusaban a los campesinos de "sandinistas", de ser miembros de la Seguridad del Estado, de haberles dado comida a los "piris", etc. Secuestraron, torturaron y cometieron los más atroces crímenes en contra de los campesinos.

> *"'La otra gente', al ver a alguien que no simpatizaba con ellos, lo torturaban, lo humillaban. Ellos violaban a nuestras hijas, a nuestras mujeres. Se llevaban nuestras vacas. Y luego que ellos pasaban, quedaban los "enlaces". Entonces, si te comieron una vaca no hay que contar porque el "enlace" oye y en el otro pase de 'la otra gente' le pueden matar a uno. Cuando había combates, huíamos, porque ellos se comían chanchos y reses. También los de "esta gente" agarraban las vacas y se las comían sin pagar". (Campesino asentado en Plan de Grama).*

Los "enlaces" eran campesinos que informaban sobre los movimientos del EPS y de los campesinos que prestaban apoyo al sandinismo. Además de la represión, la contra realizaba también un trabajo político-ideológico en base a rumores y mentiras. La limitada formación del campesino, prácticamene analfabeto, fue aprovechada por los contras.

> *"La otra gente dice que ellos se llevan a los jóvenes para que el comunismo no los lleve. 'Los piris les van a quitar sus bienes, los piris comen a los niños chiquitos, los piris hacen jabón de los más viejos, les van a quitar a sus mujeres'. Así nos metían miedo para con esta gente".*

Las propiedades -cultivos y herramientas- son fudamentales para los campesinos como el aire acondicionado o la computadora lo son para el intelecutal. La propiedad, y los cultivos que hay en ella, fruto del trabajo del campesino, son una garantía para su sobrevivencia. Afectarlos es atentar contra su vida. Las tropas del EPS, al pasar por un terreno que tenía cítricos, sacaban las naranjas, las mandarinas, y prácticamente dejaban arruinadas las plantas. Y no sólo las frutas. Los batallones conformados con gente de la ciudad también se les llevaban el radio o los trastes de cocina con el argumento de que "hay que joderlos porque de aquí se van a la contra". Los cercos quedaban destruidos o por los combates o por el paso de las tropas. "Con la bayoneta del AK arrancaban los alambres, y vieras qué caro está un rollo de alambre. Luego pagar transporte, instalar. Son muchos reales". "Un día me voló un poste, le reclamé y me apuntó con el AK. Si uno se enoja ya le quieren volar tiros".

Estas actitudes revelan un desconocimiento de la sicología campesina, porque "el campesino es capaz de darte gratuitamente dos, tres plantas enteras de naranjas, con tal de que se las pidás". Esto les garantiza que no se destruyan las plantas y, por lo tanto, la continuidad de la producción. De hecho, algunos BLI mostraron mayor comprensión: "Ellos me pidieron que les diera un pedazo de tierra para una base militar. Yo les dejé vacas lecheras para que agarraran leche con tal de que me cuidaran mis terneros. Así fue, me la mantuvieron bien, hasta le inyectaron vitaminas. Me los dejaron gorditos". Este mismo productor recuerda a las tropas del General Sandino, que jamás dañaban los cercos o agarraban leche a la fuerza. "Para entonces yo era un chavalito, vivíamos en Estelí, Mi papá tenía bastante ganado. Ahí llegaba Sandino con su gente y jamás nos comieron una vaca. Nos pedían leche, gallinas, botas, y se los dábamos. Yo ordeñaba 40 vacas paridas, y a veces hasta se tomaban todo. Y nosotros no nos molestábamos porque nos pedían. Mi papá me decía: 'si pasa esa gente no les negués nada'. Así era".

La cuestión de las propiedades y los cultivos se complicó aún más cuando la contrarrevolución comenzó a poner minas debajo de los cítricos, los plátanos, la caña, actitud que fue respondida por el EPS con el mismo método. Los afectados fueron los campesinos. Dice un contra: "Nosotros llevamos todo en la mochila, llevamos la cama, la comida, la familia, la finca, todo". Y responde un campesino: "Por eso los que sufrimos somos nosotros, los campesinos, que tenemos nuestra finca aquí, nuestra familia aquí y no andamos de arriba

para abajo". Los contras no tenían nada que perder, los campesinos no tenían nada que ganar.

Todo se hacía bajo la lógica del enfrentamiento militar, sin tener en cuenta la del mundo campesino y la de la producción económica. En zonas de guerra como Wiwilí se formaron en las comarcas sistemas de autodefensa. Los campesinos participaron porque se trataba de empuñar el fusil, defender el lugar y seguir produciendo. Pero después, la "línea" del EPS fue enviar a los campesinos integrados en la autodefensa a otras zonas de combate. Los campesinos se resistieron. "Dejar mi milpa, mi familia, para ir a otro lado... ¡no jodás hombre!". Y la "línea" tuvo consecuencias graves: los campesinos optaron por irse con la contra, porque así podrían estar más cerca de su familia.

Todo esto tiene que ver con **la "neutralidad" campesina.** Durante la guerra, los campesinos fueron como un "venado ante dos tigres" o "un pez nadando en dos aguas". Por un lado estaba el EPS y por el otro la contra. Ambos castigaban a los campesinos y éstos, para preservar su vida, tendieron la mano a uno y al otro. Muchísimos campesinos fueron secuestrados por la contra o fueron hechos presos por el EPS. Sus propiedades y sus cultivos fueron dañados por ambos. Todo esto sucedía en 1980-1982. La guerra constituyó una absoluta violentación de la estructura de poder local por un poder exterior a las comarcas.

Las mismas expresiones de "la otra gente" y "esta gente" revelan la neutralidad campesina. **El campesino es neutral ante un poder exterior como es el de la guerra, pero no lo es ante la comarca. Esa es su política.** Otra expresión de la neutralidad campesina está en su "conversión al evangelio" -al protestantismo- buscando una armadura con la que guarecerse de la guerra, el ancla de un Ser Superior con el que experimentar la "paz interior".

En la guerra, quien gana el punto de vista de la neutralidad campesina es quien obtiene el respaldo del campesino. El Frente Sandinista, a través de sus instancias políticas, militares y económicas, violó la neutralidad campesina más que la contrarrevolución. Esto lo confirman las elecciones del 25 de febrero, cuando la mayoría campesina votó en contra del Frente Sandinista y en muchas comarcas, como El Triunfo (Plan de Grama), San Jacinto (Wiwilí central) optaron casi totalmente por la contrarrevolución. El revés electoral refleja que son neutrales pero no tolerantes.

LA EVOLUCION DE LA GUERRA Y LA OPCION POR LA CONTRA

Violentada su neutralidad, al campesino le quedaron dos opciones: 1) esperar la muerte en su finca o 2) colaborar con uno de los bandos. Fue un proceso de decisión en el que pesaron muchos factores.

> *"Es casi ya una herencia el que el campesino sea analfabeto, marginado, aislado. Por eso mismo, el campesino se deja atraer por lo que ve. La mayoría de los campesinos son 'seguidores'. Entonces, si a vos te miran que andás con buen uniforme, un buen fusil y andás bien equipado, eso a ellos les atrae. Y si miran que vos andás con las botas rotas, hecho paste, ellos deciden: aquel anda bien armado, aquel es más fuerte que éste. Y llega la contrarrevolución y les dice: 'Mirá, nosotros andamos bien armados, nosotros somos una fuerza poderosa, tenemos la propia ayuda de los Estados Unidos, a nosotros no hay quien nos destruya, nosotros vamos a ganar en este año, nosotros luchamos para cambiar esto, para que ustedes tengan tales y tales cosas. Todo eso hizo que el campesino se uniera a ellos. Por una serie de promesas el campesino se vio motivado y engañado y tomó la decisión de irse con ellos".*

Por muy infantil que parezca lo expresado, no es más que el famoso juego de imágenes aplicado a lo local. Por algo los contras vestían bien y llevaban pertrechos sofisticados. Los campesinos son "seguidores" en el marco de la dependencia familiar, religiosa y patronal, que es el tejido social del campo. Además de las imágenes de poder, el campesino evaluaba cuál bando sufría más muertes y cuál menos. Y en los años 81/83 todo indicaba que el EPS tenía más bajas que la contra. El campesino observaba también la táctica militar seguida por la contra y el EPS. El estilo campesino es de "emboscada-huida" -enmontañarse y atacar-, tipo guerra de guerrillas. Desde esta visión, a los ojos del campesino, el EPS -más si sus fuerzas estaban integra-

das completamente por gente de las ciudades-, venía a caer directo en las emboscadas que la contra le tendía. De acuerdo a todos estos elementos, el campesino decidía. Y por lo general lo hizo en favor de la contrarrevolución.

La opinión de hombres de peso, que tienen impacto entre los campesinos, vale mucho. Si éstos aceptaban irse o colaborar con la contrarrevolución, eso era una puerta que se abría para muchos otros campesinos. Lo mismo sucedía cuando ya un familiar estaba dentro de la contrarrevolución. Arrastraba a otros y terminaba convenciéndolos. O al revés: muchos se fueron por el afán de proteger al resto de la familia que quedaba. A todo ello hay que sumar la represión de la contra, que no daba tiempo para pensar mucho o para decidir libremente.

"Los contras llegaban y les decían: 'Mirá, vámonos'. 'No, mirá que no, que yo me dedico a trabajar'. 'Nada, te vas o te llevamos a la fuerza'. Entonces comenzaron a secuestrar gente. Ante esa situación mucha gente también optó por decir: 'Yo me voy a ir con ustedes pero no se lleven a mi familia'. Así fue como se fue acrecentando la contrarrevolución, por temor a que los mataran, porque miraron que era una fuerza mayor por el equipo que andaban. Allí los campesinos no midieron la capacidad moral de las fuerzas del Frente y las de la contrarrevolución, sino que sólo midieron la capacidad de armamento que andaban ellos".

Fueron años en los que los dos tigres eran feroces. No dejaban muchas alternativas a los campesinos. Y lo mismo que pasaba en estas comarcas sucedía en las comarcas pertenecientes a Wiwilí vieja frontera agrícola -Palo Prieto, El Jobo, El Jicote-, donde el EPS confiscaba ganado y tierras cuando alguien se "alzaba". Por todo esto, no es tan sencillo afirmar que la guerra de baja intensidad desgastaba al país, aunque en términos generales es correcta la afirmación. En el terreno, los hechos fueron mucho más complejos, y hubo desgastes de todo tipo.

Un ejemplo más es bien ilustrativo. Desde un punto de vista nacional, la contrarrevolución aparece como el principal saboteador de la economía del país y los "brigadistas" cortadores de café como los "ejemplos a seguir". Pero esto no es necesariamente así desde el punto de vista del campesinado. En los primeros años de guerra la contra se declaró enemiga del café: "A los cortadores -amenazaron- los dejaremos colgados en los palos de café", según recuerda don Francisco, campesino de Laguna Verde, a 7 kms. de Plan de Grama. A la par se daba una contradicción campo-ciudad, porque de la ciudad llegaron los "brigadistas" cortadores de café, que más que cortar dañaron los plantíos. "Perdí mi café porque vinieron aquellos y mirá, me lo sobaron todito". También el EPS, en el ciclo 82/83, ayudó a cortar "el rojito". Los brigadistas y los militares fueron vistos por el campesinado como los que venían a "robarles el pan", pues los cortes de café constituyen la mejor época para "hacer reales". También los miraron los campesinos como quienes les comprometían ante "la otra gente". Por todo esto, la contrarrevolución, al sabotear los cortes de café, se constituyó, a los ojos de los campesinos, en el defensor de su economía. A esto se unía la propaganda de la contra sobre el destino del café: "Cortan para los cubanos comunistas, no para el pueblo".

Todo esto provocó el abandono de más del 50% de la tierras destinadas al cultivo del café, unas 10 mil manzanas, según cálculos de la UNAG en Wiwilí. Nadie quería cortar su café. Por razones similares se perdieron también grandes cantidades de cítricos, platanales y plantíos de caña.

En el período 1983-1986 se dio un viraje en las líneas político-militares hacia el campesinado. El Ministerio del Interior inició este proceso sustituyendo en Plan de Grama al Jefe de la Seguridad por un nuevo Teniente. Hubo también cambios en el EPS. Con el cambio de oficiales se inició un lento proceso que permitió más tarde ampliar y consolidar una base campesina. En lo militar el cambio fue visible: no se confiscó más ganado ni tierras a los que se alzaban. Esto tuvo resultados disparejos: en algunas comarcas aumentaron los alzados y en otras disminuyeron. Pero, en general, aumentó la confianza entre las autoridades político-militares y el campesinado. Por otra parte, los militares comenzaron a respetar las propiedades y plantíos del campesinado, y en caso de afectarlas pagaban a los campesinos una suma aceptable. Los abusos y maltratos contra el campesinado se redujeron radicalmente. Se recurrió a métodos de convencimiento, en lugar

de la presión que da el poseer las armas. Pero el "alzamiento" de los campesinos continuó. La contra recurrió más a los secuestros obligando al campesinado a definirse con rapidez o a resignarse al secuestro o, en el peor de los casos, a la muerte.

"Después, a raíz de los secuestros, ellos prefirieron decir: 'Yo me voy con tal de que a mi familia no la toquen'. Entonces, si en una casa había 6 varones, se iban 1 ó 2 y quedaban 4 en la familia. O si no, se iba una familia entera y sus propiedades no se las tocaba nadie. El Frente llegaba y resolvía que esa propiedad le quedase al familiar. 'Que se haga cargo su tío'. El Frente no le quitaba ese ganado, esa tierra. No tomaba ninguna medida. Entonces, ¿qué sucedía? 'Hombré -decían- yo me voy a luchar y me vale verga dejar todo esto porque va a quedar con mis familiares y de todas maneras ahí los tengo y sigo luchando'. Entonces no se tomó ninguna medida. Pero si hubieran tomado medidas de que si determinada persona se fue, vos metés las tropas y sacás las reses, le quitás el zinc a la casa y le quitás la casa, si así hubiese sido, uno lo piensa más para irse. O si un familiar se fue y vos tomás medidas y les decís: 'Usted no puede vivir aquí, usted se me sale de aquí'. Así, claro, muchos campesinos no se hubieran ido, lo hub*ieran pensado y hubieran dicho: 'Si yo me voy tengo que ver a mi familia porque si la dejo la van a sacar de aquí, me van a quitar mis bienes que tengo, entonces no me voy'. No se hubieran ido, aunque de todos modos hubieran sido base social de ellos y hubieran quedado trabajando con ellos, pero no se hubieran ido. Pero como nosotros no mostramos eso, y ellos no pensaron en eso, entonces se fueron: 'Yo me voy, dejo mi familia y queda de a verga. A mi mujer siempre me le darán préstamo'. Y eso es lo que ha sucedido aquí. ¿Qué es lo que resulta? Que hay muchos que están en la contra, pero a sus mujeres el Frente Sandinista les asiste. Así fue que la gente se alzó masivamente".*

La situación fue muy compleja. Pesaban muchos factores. A pesar de todo, el proceso de cambios entre las autoridades sandinistas benefició positivamente a El Triunfo. Por muchos años, y a pesar de las dificultades, esta comarca se ha mantenido como la más destacada en la producción de granos básicos, café y ganado. En cuanto al café es considerada la número 1 de todo el municipio de Wiwilí.

En 1983, las autoridades de Plan de Grama, viendo que la comarca El Triunfo era una comarca muy productora, eficiente, "vanguardia", resolvieron no afectarla ni con el servicio militar ni con el servicio de reserva. "Quisimos estimularles a que siguieran produciendo". Y realmente siguieron siendo productores eficientes, aunque la mayoría de los campesinos de la comarca se "alzaron" con la contra.

Esto tiene también su explicación. La contrarrevolución percibió pronto que la comarca El Triunfo era muy productiva y comenzó a mantener allí sus fuerzas en forma permanente. ("Franklin", jefe contrarrevolucionario, fue vecino de El Triunfo, en El Faro, donde junto con su hermano Marcelino tenían más de 6 mil mzs. de tierra como grandes productores de café. A principios de 1982, "Franklin" fue convencido por el jefe contra "Tigrillo" para que se integrara en la contra). A la presencia contra en la comarca contribuyó la colaboración directa con la contrarrevolución del fundador de la comarca y fuerte finquero de la zona. Cuando él, el "hombre más fuerte económicamente", cayó preso se violentó la estructura interna de la comarca, por más razón que hubiera en aplicarle la ley. La decisión fue adversa a la revolución. Este finquero tiene una red familiar extensa y un peso religioso fuerte. Es también fuente de trabajo. Es prácticamente un gran hacendado que ejerce el cacicazgo. La gente lo vio como una víctima del FSLN, castigado a causa de su éxito económico.

Tres de los seis valles de la comarca Cerro del Jocote, los Nogales y El Triunfo, son en su totalidad de campesinos contrarrevolucionarios. Sólo de estos tres valles salió todo un Comando Regional de 300 hombres que operó en esta misma comarca, lo que significa que allí el pez tuvo un agua cristalina y segura, con todo y alimentos. La contrarrevolución convivió allí con la población -que eran sus propias familias-, siendo aquello para el EPS sólo un "lugar de paso".

En el caso del café la contrarrevolución también revisó sus "orientaciones" al percibir que estaban perju-

dicando a su misma base social. En 1984-85 los campesinos afectados por las amenazas y actitudes de la contrarrevolución les reclamaron a los contras: "¡Qué de a verga! Entonces, ¿cómo les vamos a dar comida si no quieren que cortemos nuestro café?", les dijeron. La contrarrevolución cambió de táctica: dejó de atacar a los campesinos cortadores de café y comenzó a atacar las instalaciones de Encafé, después que el campesino ya le había entregado su café al gobierno. Así afectaban al Estado y no al campesino.

LA PROPAGANDA ARMADA DE "LA OTRA GENTE"

No hay duda de que la fuerza militar de ambos contendientes pesó mucho en las elecciones. Fue ése uno de los lenguajes de mayor impacto. En los meses de la campaña electoral se produjo un cambio en el método de lucha de los "alzados". Formaron grupos de entre 1 y 15 hombres armados que se dedicaron principalmente a visitar a los campesinos y en menor grado a actividades militares. Estas sólo tuvieron un carácter de presencia y fueron una expresión tanto de poder como de las posibilidades de continuar la guerra si ganaban los sandinistas.

En las comarcas con presencia permanente -El Triunfo, Las Quebradas, Los Chiles, Zompopera...- los contras subdividieron su trabajo de visitas diferenciando las casas. A las casas de sus familiares/colaboradores llegaron a indicarles cómo iban a votar, y a las casas de menor simpatía llegaron a advertirles claramente que votar por el Frente era como "firmar su sentencia de muerte". ¿Y cómo sabrían descubrir el voto si era secreto? Les dijeron a los campesinos que "tenían un radio de comunicación en las mesas electorales con el que claramente sabrían si votaron por el Frente". Les insistían amenazadoramente: "Tenemos una maquinita que nos dirá por quién votaste".

Las visitas a las casas eran acompañadas con la distribución de papeletas. Algunas llevaban como título: "El No Hay de la Revolución": "No hay frijol, no hay aceite, no hay..." En su mayoría los campesinos de esta zona no saben leer, no leen bien o sencillamente no tienen costumbre de leer. Dependiendo de quién viene es suficiente para imaginarse el contenido de la papeleta. "La otra gente" entrega papeletas más que para que las lean, como una "prueba" casi misteriosa de poder, conociendo el fuerte impacto que tiene lo escrito -aunque ininteligible- entre los campesinos analfabetos.

Otros grupos armados de la contra hicieron su trabajo en comarcas que son "tierra de nadie", en las que tanto el EPS como ellos iban de paso, sin permanecer mucho tiempo. En estas comarcas -Flor de Pino, Laguna Verde, Yacalwás, La Llorona, La Bujona...- su trabajo fue más político-electorero y de amenaza militar directa. Prometían a los campesinos que "con un gobierno de la UNO las cosas no serán caras". Se conoció también que el mismo día de las elecciones, cuando los campesinos bajaban de la montaña a depositar su voto, fueron amenazados de muerte por los "alzados" en caso de que no votasen por la UNO. "El armado manda al desarmado", dice un campesino. La contrarrevolución tuvo mucho éxito en este trabajo "electoral armado". Presentaron el acto de votar como de vida o muerte, lo que desde el punto de vista del campesino, con tantos años de soportar la guerra, es bien eficaz. Evidentemente, esto significa también que los votos en contra del Frente no se cocinaron sólo años atrás, sino que huvo votos decididos el mismo día de las elecciones.

En estas comarcas y en algunas de las primeramente citadas, el Frente Sandinista no tuvo mucho impacto con su trabajo político-electoral. La presencia de los activistas fue percibida por la gente de la montaña como "amenaza sandinista". A otras comarcas los sandinistas no pudieron "ni entrar de paso". En otras, las actividades militares del EPS fueron vistas como una señal de que la guerra continuaría si ganaba el Frente.

Finalmente, en las comarcas y poblados con presencia esporádica de los contras, y donde el Frente sí se mantuvo en forma permanente, tanto militar como políticamente -Wililí, Plan de Grama, El Carmen, Wamblán, Flor de Caña, Wamblancito...- la contrarrevolución no tuvo mayor movimiento. En esos lugares están los asentamientos y, en general, la revolución tuvo un impacto positivo entre los campesinos, fundamentalmente por los servicios de salud que pese a sus escasos recursos logró organizar para atender poblados y comarcas cercanas, donde la amenaza de la contrarrevolucón era menor. También tuvo una influencia importante el servicio de agua potable instalado en el poblado de Wiwilí.

Más que discursos políticos los campesinos bebieron todos los días agua y resolvieron sus problemas de salud y esto fue lo determinante para el triunfo electoral de los sandinistas.

Durante la campaña, tuvieron un impacto negativo los regalos navideños que el Frente hizo en los poblados y las comarcas. Los fusiles de juguete fueron vistos como una señal de "alma guerrera", enemiga de Dios y también de los campesinos, que sufrían por la guerra. Las muñecas de trapo, las casitas de barro y los carritos de madera, más neutrales, fueron violentados por otros juguetes urbanos.

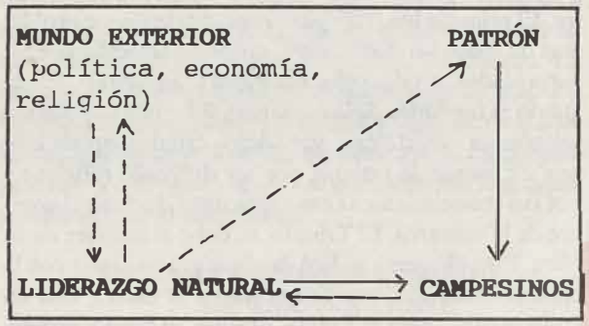
El impacto psico-social de la guerra entre los campesinos es aún impredecible. Las bombas, los morteros y los combates, además de los muertos con nombre y rostro concreto, han dejado sus hucllas en la polación. En las mujeres embarazadas -"Ay, mi hijo saltó cuando aquel bombardeo"-. En los niños, tanto en los que quedaron huérfanos como en los que fueron secuestrados -o inducidos- por la contra. Incorporados a los 13-14 años, apenas pueden cargar el fusil, apenas recuerdan dónde nacieron, no saben dónde viven sus padres... Con 3, 4 años de participar en la guerra, ¿cuál es su imagen del mundo? Se nace para hacer guerra: así piensan. La guerra tendrá impactos diversos y sólo el tiempo los revelará. Lo que ya está claro es que los campesinos no se acostumbraron a la guerra, están hastiados de la guerra y votaron contra la guerra.

DIALECTICA DIRIGENTES-PUEBLO Y LIDERES NATURALES

¿Cómo se explica la excepción de Wiwilí, único lugar de la frontera agrícola donde ganó el Frente Sandinista? ¿Por qué esa victoria en una zona de guerra? ¿Sólo por la vigencia de Sandino? Por un lado está el viraje del FSLN en su trabajo político-militar a partir de 1983, lo que inició una mayor participación de los campesinos y los pobladores en los centros de decisión y un mayor respeto a las estructuras de poder local de las comarcas. Sin embargo, la victoria electoral se cosechó más entre la población urbana que entre la campesina.

Al igual que en El Arenal histórico, también en Wiwilí hay hombres con mucho peso dentro del campesinado. La comarca que más hemos mencionado -El Triunfo-, tuvo hace años dos líderes con mucho arrastre. El primero fue líder por preocuparse de los problemas de todos los pobladores -créditos, relación con las autoridades, producción, cuestiones familiares-. El segundo es fundador de la comarca y líder por su posición económica -cafetalero, ganadero, criador de mulas-, por ser fuente de trabajo, por ser dirigente religioso y por sus conocimientos como agricultor. Incluso el nombre de la comarca, El Triunfo, se debe al nombre de su finca. Este dirigente se ligó desde muy temprano con la contrarrevolución, por lo que fue a la cárcel, con un costo político para el Frente, porque "el gordo" gozaba de mucho respaldo. Por su parte, el otro dirigente fue amenazado de muerte por los contras y se marchó hacia Siuna. Después de que salió de la cárcel se quedó en la comarca, levantando su finca.

El liderazgo de una comarca es un elemento fundamental para un proceso revolucionario. En primer lugar, **el líder natural de una comarca es más importante que el "cuadro político" enviado de fuera.** En la zona de Plan de Grama se destacaron desde hace muchos años dos líderes. Sin ser exhaustivos podemos caracterizar a este clase de líderes. Son los que están preocupados tanto por su finca como por la comarca y por su desarrollo económico, porque consideran a la comarca como una sola familia. Son los que atienden los problemas políticos, los que dan la cara ante las autoridades -muy distinto de lo que hacen los cuadros políticos- para solucionar los problemas de los campesinos (presos, citados a la policía, acusaciones). Son los que aconsejan cuando se presentan problemas familiares (rencillas entre parejas, enfermedades). Son los jodedores, los chileros, los que van contando historias, experiencias vividas, relatos de sucesos y por eso están casi siempre rodeados de mucha gente. Son personas honestas, trabajadoras y valientes. Son los que conocen a la gente, a cada uno, los que conocen la historia comarcal, los que poseen las llaves de la comarca. Los campesinos son seguidores, en el orden social, del patrón, tal como ya hemos explicado. Y en sus sueños, están ligados al modelo de sus líderes naturales. Cuando tienen problemas acuden a su líder natural e independientemente de la respuesta, como éste les responde con convencimiento -con lo concreto y no con chagüites-, esto refuerza el que se miren en ellos como espejos.



Cuando hablamos de líderes, no sólo hablamos de hombres y de mujeres aislados, sino de parejas. Un líder lo es, no desligado de su compañera. Y viceversa. Si él o ella atienden aspectos económicos, políticos, ella o él atienden aspectos de salud, problemas familiares, etc. Existe una mutua complementación. En El Arenal prima más el liderazgo femenino, y en Wiwilí el masculino. Priman, pero no son excluyentes. Eso se debe también al carácter policlasista de comarcas como El Arenal y al de campesinos de montaña en lugares como Plan de Grama o Wamblán.

En Plan de Grama los líderes naturales no fueron afectados por la revolución, salvo en el período 79-82, ocasionando esto serios problemas. Tampoco fueron sustituidos por las autoridades militares, sino respetados como líderes, e incluso llegaron a trabajar conjuntamente en distintas comisiones de trabajo.

Existen también los líderes temporales. Son los presidentes de cooperativas, dirigentes nominados por los campesinos para determinada labor. También son parte de la estructura local, han sido nominados desde lo local y representan lo local. Tanto los líderes naturales como los temporales lo son porque representan los intereses de sus comarcas y no los del exterior.

Teniendo esto en cuenta es claro que pega muy duro cuando el cuadro político o el de la Seguridad del Estado apresan a un líder natural o atemorizan a los campesinos con interrogatorios prepotentes y abusivos acerca de ellos. La gente de la zona de Plan de Grama y la de las 10 comarcas de alrededor no participaron en la insurrección -salvo dos, en alguna forma-, no tuvieron muchos problemas con la guardia somocista -sólo perseguidos por hacer cususa-. Después del triunfo revolucionario, ser "agredidos" por los oficiales del MINT y del EPS, causó lógicamente un rechazo casi natural.

¿Cómo percibir quiénes son líderes? No hay recetas. Si la búsqueda tiene fines electoreros uno pude confundirse. Si es para compenetrarse con la realidad campesina, o para impulsar el desarrollo comarcal, los líderes estarán presentes, sin necesidad de buscarlos. Pero no se trata de utilizarlos o de sacarlos de la comarca para darles cátedra política en una escuela de cuadros. Por que las comarcas son universidades sin muros, un espacio geográfico donde se aprende casi todo sobre la lucha de clases, los sueños truncados y los ríos de esperanza popular que los "sabelotodos" secretarios políticos, jefes de territorio o cuadros en general a veces olvidan.

Hay que tener también en cuenta que, aunque sean seguidores, los campesinos -en especial desde el 19 de julio de 1979- han adquirido el derecho a rebelarse, a criticar abiertamente, a quejarse de las políticas del gobierno. Es cierto que en la mayoría de las ocasiones sus críticas han sido más negativas que constructivas. Su voz, antes apagada por la lejanía de la montaña y por el somocismo, apenas se inicia en los caminos de la crítica constructiva. Su crítica fue, sobre todo, una manera de defender su "neutralidad", que sentían pisoteada. Así, con errores y contradicciones, y a pesar de la guerra, han ido construyendo una cultura airada que va caracterizando su identidad.

EL PROLOGO DE UNA RELACION MAS HORIZONTAL

Wiwilí es uno de los lugares de Nicaragua donde más se ha combatido a lo largo de este siglo: Sandino (1927-1934), la guerra de liberación contra Somoza y la guerra con la contra. Se ha ido gestando así una conciencia histórica de la lucha antiimperialista. La imagen de Sandino está viva en gran parte de los wiwileños, que conocieron o saben hablar de los soldados de Sandino. Las redes familiares de los Blandón, de los Altamirano o de los Cruz están extendidas en la zona. Aparte de esta realidad, otro aspecto fundamental para la victoria electoral del Frente es el proceso dialéctico que paulatinamente fueron desarrollando algunos dirigen-

tes -representantes del exterior- con la población wiwileña, lo que permitió hacer sentir al pueblo las primicias de lo que es ser sujeto histórico, ser "tomados en cuenta". Hubo cinco factores en este proceso.

1. **La nominación de varias Comisiones, por comarcas y zonas, encargadas de discutir y resolver los problemas militares, económicos y políticos, que enfrentaban los campesinos.** Las Comisiones estaban integradas por los presidentes de cada cooperativa -líderes naturales y temporales-, el Jefe de la Seguridad, el Jefe de Territorio y el Jefe del Batallón. A través de los años lograron construir un ambiente de amistad y confianza que, aunque no llegó a ser profundo, les permitió llegar a acuerdos que se tradujeron en menor dureza en la política a seguir con el campesinado. Un problema constantemente discutido fue el del servicio militar, y aunque se logró mayor flexibilidad en su aplicación, persistió siempre la concepción de que aunque para la producción había diferencia en los tiempos, no era ésta una diferencia que influyera en la guerra.

2. **La atención a los asentamientos de desplazados de guerra.** En la zona hay varios, con una directiva que tiene al frente un líder temporal. Fueron los mas afectados en términos de movilización militar, pero los más conscientes políticamente, aunque no se puede afirmar lo mismo en términos económicos. Trabajan individual y colectivamente la tierra, y en forma conjunta van resolviendo problemas como el de la vivienda. En cierta manera, pese a enfrentar problemas de tierra, son autosuficientes políticamente, pero dependientes en cuanto al plan de trabajo y al cultivo de diferentes rubros.

3. **La concepción del trabajo de la Seguridad en la comarca.** Su máximo dirigente local afirmaba que "colaborar con la contrarrevolución siendo un familiar de algún alzado, no constituye delito, porque no se puede impedir que alguien ayude a su hermano o su tío". Se respetaron las redes familiares, tan importantes en el campo, aun cuando esto favorecía a la contrarrevolución. "Mi trabajo es de convencimiento, yo voy donde ellos y les hablo que no se sigan equivocando, que yo sé lo que están haciendo, que piensen en sus hijos y en su trabajo". Entre 1983 y 1989, sólo 2 campesinos cayeron presos, un signo de lo positivo del trabajo.

4. **El papel de la Alcaldía.** A nivel general, en Wiwilí ha sido importante para la solución de distintas problemáticas. Entre ellas, destaca la implemetación de la "municipalización de la salud", lo que significa que todo el plan de trabajo, e incluso los aspectos financieros, sean tratados a nivel municipal. Así, uno de los sectores que más dinamicidad y frutos ha obtenido es precisamente el sector de la salud, que ha logrado, a pesar de sus limitaciones, niveles muy avanzados de organización en las comarcas: "movimiento de parteras", "brigadistas", campesinos a los que se les han impartido algunos talleres con el fin de que enfrenten las enfermedades más constantes y sentidas en sus propias comarcas, calendarización de visitas a las comarcas por parte de los médicos, etc.

5. **La elección de los candidatos a concejales.** Fueron elegidos teniendo en cuenta la estructura del poder comarcal y la de los poblados y se respetó y hasta se promovió a los líderes naturales de la zona.

Son señales, es el prólogo de un proceso dialéctico entre la estructura del poder comarcal y el nacional, entre lo local y lo nacional, que se tradujo en victoria electoral para el Frente, y sobre todo, que ofrece perspectivas de mayor desarrollo.

En la población de Wiwilí, vieja frontera agrícola, pesó mucho el trabajo de personas como el del hoy ex-alcalde. Y en Plan de Grama, intermedia frontera agrícola, el trabajo del Jefe de la Seguridad, conocedor de la zona, y el de los líderes naturales. A esto se suma el trabajo de los doctores que dirigen el hospital de Wiwilí, la instalación de agua potable, en la que participó toda la población junto a un técnico alemán, símbolo de solidaridad internacional. El alcalde, además de los hermanamientos que ha logrado con ciudades de otros países y de su labor en la alcaldía, atiende a los campesinos, los oye sin prepotencia. No necesitan ir a la oficina para resolver los problemas. "Lo importante es responder, dar una respuesta válida", dice. Los campesinos sienten confianza en él, le platican sus problemas, ven en él la expresión del sandinismo. "Aprendamos a resolver problemas, no a hacer informes", suele repetir.

Por su parte el Jefe de la Seguridad del Estado en Plan de Grama es persona de confianza de todo el

mundo. Le ayudan en gran manera sus conocimientos como perito agrónomo, pero en especial su capacidad de escuchar y responder a los problemas. Se ha ganado al campesinado como representante del exterior.

"Al venir aquí lo primero que hay que hacer es entrar en contacto con la gente, hacer relación, aclaración de los problemas. Hay que ver también que no es lo mismo ir a convencer a una persona que ha cursado el sexto grado que a una persona que no sabe leer. No se llega con los mismos términos a convencer a las distintas personas. Entonces la relación con gente del casco urbano es diferente que con la gente del campo. Yo ya sé cómo tengo que tratar al campesino. A él tengo que hablarle con sus mismos términos, no voy a ir con palabras difíciles. Yo no le voy a decir al campesino "brother", sino "cuñao". Y a la gente del poblado no le voy a hablar con palabras como le hablo al campesino, sino conforme a la capacidad que tiene. Cuando vine, antes de iniciar mi trabajo, pedí que me dieran 6 meses sólo para relacionarme con el campesinado. Así fue. Luego de los 6 meses ya comencé el trabajo, con confianza y amistad".

Fruto de esa relación y del trabajo de las Comisiones se lograron grandes soluciones, que son mentadas por todos. El camino que se logró rehabilitar en 1983, el Encafé de Plan de Grama -con el que se dio un golpe al sector comercio-, los créditos del banco, la Tienda Campesina. También el trabajo de zanjeo de 7 kms. para meter una tubería bajo el Río Coco y tener agua en piletas en el propio poblado de Wiwilí, logro donde participaron todos los barrios, instituciones estatales y sectores sociales. Estos logros y la nueva relación que los hizo posibles perduran por sobre las barreras político-ideológicas y por encima de la crisis económica. También por encima del revés electoral.

DEL 25 AL 25
PRIMERAS REACCIONES

Las consecuencias de un gobierno de empresarios como el actual las sufrirán principalmente los pobres de nuestro país. No tanto la clase media. No tanto la burocracia. Los pobres tendrán menor acceso a la educación, a la salud y a trabajar la tierra disponiendo de tierra propia. Por esto las reacciones en las comarcas, tanto en las de El Arenal histórico como en las de Wiwilí están siendo muchas veces dramáticas. Las preguntas post-electorales muestran que está en juego la misma vida. ¿Nos tirarán piedras en la casa? ¿No habrá más crédito para los pobres? ¿Hasta cuándo seguirá la guerra?

La agitación y la tensión fueron intensas en las comarcas de El Arenal. Los rumores corrían de puerta en ventana. "Lueguito vamos a repartirnos el camión de la cooperativa, la tierra", "Vamos a cambiar a las maestras", "Vamos a quemarles las casas", decían los activistas de la UNO. "En las noches son laticiones de perro, ellos son UNO y dicen que andan vigilando". "Por delante de mi casa ningún sandinista debe pasar", gritan esos que andan vigilando. "Ay, yo no quisiera este gobierno, no sé qué irá a pasar. Tengo pena también por las burlas que nos van haciendo. A ellos no se les ha acabado el rencor, más bien les va creciendo".

Al mismo tiempo la gente va rememorando lo que fue el somocismo: "Antes usaban punteros y capataces, éstos ganaban más y mataban al resto. ¿Así querrán que vuelva?" Después del 25 de febrero, el pasado vuelve a la memoria y es tema de reflexión. En lo religioso también mucha gente quedó más que esclarecida de la propaganda política que hicieron los Delegados de la Palabra.

En la nueva coyuntura abierta con el cambio de gobierno van revelándose otras cosas. La jerarquía católica continúa confrontada con el sandinismo y más cerca de la extrema derecha del gobierno, liderizada por el Vicepresidente Virgilio Godoy. Lo mismo sucede en las comarcas, donde los sacerdotes, desde el púlpito, califican de "ladrones" a los cooperativizados, presentando a los terratenientes como "santos" que están siendo atacados por esos "ladrones", que lo que hacen es defender las tierras que les dio la revolución. Estos representantes de la Iglesia van sembrando cizaña, siguiendo el juego de la confrontación y hasta promoviéndola. Como fruto de esta cizaña, los activistas de la UNO en Concepción (Carazo) se tomaron violentamente 10 cooperativas, con consecuencias graves, incluyedo un campesino muerto. Según los religiosos, los que quieren apropiarse de las tierras de esas cooperativas

no son "ladrones". "Ladrones sólo los de la cooperativa", dicen.

Los agentes pastorales de la "Iglesia Popular" no aparecen en estos escenarios. Y realmente no sería difícil llegar. Llegar y sembrar juntos. Los campesinos tienen sus proyectos, y éstos no son de confrontación sino de trabajo, de desarrollo comarcal. Han comenzado a crecer en las comarcas grupos de reflexión cristiana asentados en la realidad, con discusiones y vivencias de fe en las que se respira esperanza aún en medio del dolor que les causa la cada vez más creciente polarización dirigida desde los mismos templos.

También hay otras reacciones. Algunos de los mismos campesinos cooperativizados -no los de la cooperativa Pikín Guerrero- consideran que las tierras que tienen "no les costaron nada". "Podemos devolverlas si nos indemnizan las mejoras". Esto se oye en muchas partes y es alarmante. ¿Cómo explicarse que después de tantos años de lucha, de resistencia al imperio, muchos de los mismos cooperativizados aún tengan esa estructura mental? Aún no saben que la misma Biblia habla de su derecho a la tierra. Los cuadros del Frente pensaron que con "regalar" creaban más conciencia, y sucedió lo contrario.

Otra reacción es irse preparando económicamente para cualquier sorpresa. La cooperativa Pikín Guerrero ha comprado el 50% de sus abonos para todo el ciclo 90/91. Buscan ser completamente autosuficientes y no depender en nada del banco. Por su parte, las amas de casa van "echando más gallinas". "Frijoles siempre tendremos, tortillas también. Si se pone bien mal el país, viviré comiendo mis gallinas", dice una. Contrasta esta actitud con la de la pequeña burguesía y la clase media "sandi-nice": "Vamos a ver, ahora es la hora de hacer reales" "Va a ser interesante ver las huelgas", "Esas barricadas son una irresponsabilidad"...

En Wiwilí, otras reacciones. Semanas después del revés electoral, el banco giró la orden de que se darían los créditos sólo con la presentación de los títulos de propiedad. Fue una bomba para los campesinos. "No queremos tufo a Somoza", dijeron. En los tiempos del somocismo había que presentar un fiador -persona con posesiones: los Pinel, los Herdocia, los Montenegro- para recibir el crédito. Los campesinos estaban expuestos a ser expropiados de sus tierras si no cancelaban al banco. El banco y los ricos de entonces eran la misma cosa. "Una vez ya nos engañaron, ahora ya no", comentaban ahora.

Muchos campesinos toman sus propias medidas. Van vendiendo sus vaquillas o algún medio de producción para pagar sus deudas y no quedar debiendo. Algunos van cambiando sus cultivos para garantizarse su consumo. Cultivos que no impliquen créditos o compra de insecticidas, porque sus costos van aumentando. Incluso se observa mayor dedicación al ganado en su propósito lechero, mientras son los más grandes ganaderos los que aprovechan para comprar toretes y novillos con propósito de desarrollo-engorde.

La propaganda armada que hizo la contrarrevolución para las elecciones se va desnudando en su intención. Al votar, los campesinos se fijaron si en la mesa había algún "aparatito" y "no miramos nada". Los que votaron por la UNO por las amenazas ya percibieron su error. Otro hecho que desengañó a algunos fue que les habían prometido dólares, que debían recoger al día siguiente. "Bajaron de las montañas, pero no había nada, no les dieron nada". Poco a poco van descubriendo las trampas en que cayeron. Otra promesa por la que los campesinos votaron fue la del fin de la guerra. Formalmente, la guerra ya terminó, pero persiste el peligro de una guerra civil. ¿"Y cuando se va acabar esto? Si para que se acabe fue que votamos". Y es que en las montañas la guerra puede continuar por muchísimos años más. La guerra tuvo su escenario en el campo, sus protagonistas fueron mayoritariamente campesinos, pero la paz se ha firmado en Managua. No será tan sencillo el llegar a la auténtica paz en el terreno de los hechos.

La nueva coyuntura ha abierto aún más la ansiedad por la tierra y por prevenirse de los "desmovilizados". Existe tensión, inseguridad y apremio en la zona. Un tema diario es el mercado de tierras y el disparo de sus precios. Los campesinos van buscando cómo garantizarse un pedazo de tierra. "Porque no sabemos qué va venir ahora". Pero las montañas están sembradas de minas y los campesinos necesitan enmontañarse, obligados por esa necesidad de tierra. Unos compran enseguida. Otros salen hacia el lado de Siuna, zona menos afectada por la guerra. Igual urgencia con los títulos de

propiedad. La gente está apresurada. Los asentados no piensan -"ni loco estuviera"- regresar a trabajar a las tierras que dejaron en abandono en las montañas, porque terminarían muertos en el cerco de su potrero por las minas o matados por algún "correo". Buscan tierras en lugares donde nadie les conozca.

"Yo sé quiénes de mi comarca han colaborado y combatido con la contra. Ellos también saben quiénes hemos combatido a los cotras. Es mentira que nos podamos chinear. La guerra hizo odio y eso no va terminar con sólo firmar. Necesitamos tierras, pero las tenemos que conseguir en otro lado". (Campesino asentado).

"Aunque uno no les hizo daño, por el mismo hecho de haber salido ya está marcado. Entrar de vuelta es casi ir a morir". (Conversación de 3 campesinos).

"Las montañas de Ililliguás, Wina, Quininuwás, Ayapal, tienen buenos aguajes, tierras fértiles, pero son zonas minadas. Y ahí van a quedar embuzonadas las armas y municiones de 'la otra gente'. Estas zonas tienen 'camino de correos', únicas abras por donde se puede transitar, porque desviarse de ellas es poner la vida en un hilo. Los sitios favoritos donde están las minas es donde hay guineo, caña, cítricos. Ahí la contra o el EPS, el que llegaba primero, ponía las minas para que las tropas con hambre buscaran comida y encontraran la muerte. Hasta los animales se van alejando de estas montañas. Uhhh, la guerra tiene para largo aún". (Conversación de 3 campesinos).

La realidad es dura. Por eso, llama la atención que el Frente Sandinista haya retirado a sus cuadros de las zonas de guerra. La mayoría de ellos fueron trasladados a la capital. Pero el lugar de los cuadros, hoy más que nunca, está en el lugar de los hechos, cerca de los problemas, discutiéndolos. ¿Regresarán los cuadros sólo hasta cuando comience la campaña electoral en 1995?

¿PARA DÓNDE VA ESTO?
PERDIMOS PARA GANAR

La pregunta retumba por doquier. "No sabemos para dónde va esto". "A saber lo que pasará" Lo más importante es que con su voto, el pueblo aceleró la hora de la paz. La razón condujo a los campesinos a elegir lo más estratégico.

Por estos lados los cuadros del Frente dicen: "No vamos a hablar con los de la UNO hasta que fracase Violeta". También los de la UNO se resisten a conversar y a "reconciliarse". Prevalece un discurso político abstracto que deja de lado la particularidad de la comarca. Pese al revés electoral, no se ve aún en las comarcas la corrección de los errores. No se trata de renunciar a principios sino simplemente de hablar con la gente pobre y de ponerse al frente de los problemas, entendiendo que en cualquier comunidad los asuntos locales son más importantes que los nacionales. Algunos sandinistas sí se plantean desafíos de mayor cercanía al campesinado respetando el espacio para que la UNO cumpla sus promesas. Los cuadros del Frente en El Pochote están más claros de su trabajo y respondiendo a lo local.

"Podrán mejorar, pero no en bien de los pobres. Darán unos frijoles dos veces, ¿pero tres...? No lo volverán a hacer. Entonces veremos cómo los va a ver la gente y cómo va a ver cuál es el partido que defiende nuestros intereses. Nosotros los sandinistas hemos luchado por todos, por nuestra clase. No deben miramos como tratando de aislamos. Nosotros vamos a hablarles y en momentos de tensión para ellos y para nosotros tendremos que hablar. ¿Quiénes son los mejores? Ahora lo veremos. Si no hay comida con reales en la bolsa, nada se hace. Ya están los mandadores, son los que pelean por los terratenientes. En esto habrá que buscar el apoyo de la comarca. Si tocan a una cooperativa, tocarán a todos. Entonces, como una sola organización, tenemos que defender y aplastar por donde resulte el peligro. Todo será mejor. El tiempo esclarecerá las diferencias políticas e ideológicas. Los militantes sandinistas trabajaremos desde las bases, con mucha más humildad".

La revolución sandinista no puede limitarse a un partido, presentarse sólo como un movimiento nacional poli-clasista. Así corre el riesgo de ser cooptada por el capitalismo. El sandinismo es un movimiento, pero con certificado de nacimiento: en, por y para el pueblo

pobre. Ser nacional y ser clasista no es contradictorio, es dialécticamente complementario.

La revolución sandinista es lo mejor que la historia de nuestro pueblo haya producido. El sandinismo es el parto de los "sin historia". Pero hay que entender que la revolución de la conciencia es un proceso. En sólo diez años no es posible borrar siglos de explotación y alienación. Pensar desde nosotros mismos es una tarea de siglos. Apenas hemos tenido una década.

Hasta ahora todos los movimientos revolucionarios han sido utópicos, han empujado hacia la construcción de una sociedad más justa. Después de décadas de luchar contra el imperialismo, después de Sandino, Carlos, Camilo y miles de héroes y mártires, no es consecuente renunciar a eso y aspirar a convivir con el imperialismo. Cuando el sandinismo deje de luchar contra el imperialismo dejará de ser sandinismo. No luchar contra el imperio es solo sobrevivir. **Y hemos sobrevivido ya durante muchos siglos. ¿Nos conformaremos ahora con más de lo mismo, con sólo sobrevivir?**

Es posible ir más allá del sólo sobrevivir y desarrollarnos muy a pesar del imperialismo. Y esto sólo será posible si logramos mantener una relación dialéctica entre los dirigentes y el pueblo. "Los pobres no tienen partido, sólo necesidades", dijo Daniel Ortega al entregar el gobierno el 25 de abril. Los pobres optan por la digna humildad y rechazan la prepotencia. Es necesario diseñar a pulso de hormigas una estrategia económica desde los campesinos pobres hasta asaltar primero la ciudad y finalmente el imperio. Esta hora de derrota puede ser la oportunidad histórica para tejer una estrategia económica desde las mayorías populares de nuestro país.

Los campesinos están asimilando las consecuencias de haber ejercido el derecho a la crítica y al castigo, y eso mismo es un fruto de la revolución. "No pensé que con mi voto iba a cambiar al Frente", dicen. **Todas las reacciones indican que el sandinismo es un movimiento, que ya cambió el curso de la historia y que, por eso, el pasado no volverá jamás.** A medida que pase el tiempo y se miren los actos del gobierno, los campesinos pro-UNO y los mismos desmovilizados se confrontarán con la realidad. Su extracción social se impondrá a cualquier política partidaria, se impondrán sus necesidades frente a la avalancha de la burguesía en contra de ellos, los pobres. A esa hora el FSLN debe estar al lado de los pobres.

Los dirigentes con "tacto campesino" ya miran el futuro combinando madurez y pragmatismo:

"Tenemos que actuar de abajo hacia arriba. Como partido de oposición vamos a luchar en forma de que la señora Violeta cumpla lo que prometió. Como Frente Sandinista en ningún momento nos estamos separando de lo que es nuestra estructura, de lo que es nuestro pueblo ni estamos dejando a nuestro pueblo. Por ejemplo, si El Triunfo votó por la UNO, ahora ¿que se vaya a otro lado? ¡No! Es cuando más apoyo le vamos a dar, porque sabemos que fue el lugar que más se equivocó. Entonces a ese lugar es que tenemos que ir y darle más apoyo. Nosotros en ningún momento pensamos aislarlo, al contrario. Vamos a ayudarle porque nuestra lucha es por el pueblo".

Esto requiere que el Frente Sandinista realice una autocrítica profunda y democrática. Pero no basta con que esta autocrítica se lleve a cabo en las altas esferas del partido y en Managua. Los errores cometidos los conocen los campesinos y es ante ellos que hay que revisar y reconocer "los chanchadales que se cometieron".

"Muchos dirigentes, en vez de estar con las bases, se iban a vagar. En vez de resolver problemas y beneficiar a los pobres miraron y chinearon a los ricos. En vez de trabajar con el pueblo se dedicaron a convocar desde su escritorio. Jefes de Territorio corruptos, pero que a la hora de informar redactan bonito. Sólo aprendieron a hacer informes, nunca a resolver problemas. Tantas cosas que tienen que ser dichas y corregidas y hasta ahora nada. Más bien llamaron a algunos líderes campesinos que colaboraron con los sandinistas, para decirles: 'Ah, vos sos el chele que votó por la UNO, nos traicionaste junto con tu comarca'. Hombré, esto no puede seguir así. Y la revisión de tantas cagadas no puede ser hecha en las alturas, porque de allí salieron las líneas y perdimos las elecciones. No podemos quedarnos con los brazos cruzados esperando que corrijan

en las alturas y bajen otras líneas, porque de no cambiar esto volveremos a perder. Ahora tenemos que hacerlo desde abajo. No vemos al Secretario Político revisando el trabajo pasado. *El está en Jinotega afirmando que "la cagamos", pero eso hay que decirlo aquí con la gente donde "se cagó". No lo digamos arriba, digámoslo abajo". (Alcalde de Wiwilí).*

Por todo esto, las Asambleas y los Congresos -como el que se programa para febrero/90- deben ser realizados fundamentalmente en el terreno de los hechos, en las comarcas y los barrios, en medio de los movimientos sociales y políticos. Deben ser abordados con mayor creatividad los métodos de lucha de acuerdo a la realidad de cada sector social y lugar, campo o ciudad. La huelga es un recurso para la lucha, pero es un recurso urbano. La paralización de Managua en la segunda huelga (julio/90) provocó que las familias campesinas, en sólo dos días, quedaran sin reales, porque sus ingresos constantes provienen de la venta de sus productos en el mercado de Managua. Es sólo un ejemplo. ¿Qué es ser revolucionario? ¿Qué es la revolución? Seguramente que no es el culto al heroísmo a al interés común en abstracto. No es una nueva religión, una doctrina para tener "conciencia", o vivir ilusoriamente bajo líneas verticales considerándose sólo por esto "hombres nuevos". No es tampoco el marco jurídico que puede cambiar cada nuevo gobierno. No es la concertación de patrón revolucionario a patrón no revolucionario. Y no es tampoco la idea de la revolución de los 60. Las definiciones pueden matar el proceso. El socialismo es aún un sueño, y la revolución un bebé en pañales, entre el dolor del parto y la voracidad del Dragón. La revolución es caminar juntos. Se hace camino y caminante al andar, cambiando dialécticamente el interés personal y el interés común, la estructura de poder local y la estructura de poder nacional, las tareas del pueblo y las de sus dirigentes, la autonomía y la vanguardia, la fe y las obras. Un proceso. Revolución es una relación social cimentada en la autodeterminación, la democracia, la soberanía y el antiimperialismo, tanto en términos de nación como en términos de individuo, de comarca, de barrio, de organización social. Los valores se van construyendo como se construye el amor: democracia del amor, soberanía del amor, amor antiimperialista -anti-machista-, como se construye la amistad, la comunidad, la producción. Revolución es la estrategia política, militar y económica que partiendo de los intereses de las mayorías populares busca construir una nueva sociedad. Para ser revolucionario y hacer revolución no basta con tener conciencia de la injusticia del sistema capitalista, del poder de dominación ideológico de la dependencia. Hay que pasar de la sola conciencia y del solo conocimiento a saber combatir y a combatir realmente el poder de dominación. Sin crear otra religión. Se trata de problematizar lo evidente, lo que parece lógico -como es el poder de los patronos en las comarcas- para así descubrir los reales hilos de la dominación. Y se trata también de que el pueblo, como dueño de su historia, ataque el corazón de las causas de la dominación, que son invisibles ante los ojos del de fuera, pero bien reales en las comarcas, presentando e implementado alternativas de desarrollo socioeconómico. Servir al pueblo es más que demagogia y más que mera confrontación política y polarización ideológica. Nuestro pueblo decidió el 19 de julio y decidió el 25 de febrero. Ahora sabe que sabe decidir.

El pueblo es sujeto. Tiene un espacio y un lenguaje común. Los campesinos -como los pobres de la ciudad- son sujetos, no simples objetos. Las comarcas -como los barrios- son espacios donde se teje la tela de araña del poder local. Cualquier proyecto económico enmarcado en la confrontación política tiene cavada su fosa. Cualquier proyecto religioso, social, educativo, marcado por un cariz demagógico, politizado, coyuntural y con carácter utilitario en función de intereses extraños a la comarca, está condenado a la soledad. El antiimperialismo, la revolución, y todos los valores nacionales, sin un lenguaje que se traduzca a lo local y a los hechos concretos, no conseguirá resultados.

El dicho popular de que la victoria tiene muchos padres y la derrota es huérfana debe quedar custionado con una autocrítica radical de parte del FSLN, de su militancia y sus simpatizantes. "Desde abajo", de tal manera que el revés electoral se convierta en una victoria estratégica. Los movimientos populares, las organizaciones campesinas y barriales están aún en pañales. Su falta de crecimiento es lo que amenaza a la revolución. Vivos aún una democracia lisiada de guerra y una soberanía sin mucho pueblo. No podemos aceptar que el precio de la paz sea la revolución.

Tenemos 6 años para democratizar el FSLN, para regresar a los pobres, donde nacimos, y para iniciar a paso de hormigas una insurrección del amor diseñando e implementando una estrategia económica desde abajo. Sin resucitar vanguardismo. Sin manipular la religión. Sin politizar panfletariamente a las comarcas y a los movimientos sociales, sino mirando lo nacional desde los problemas locales, correspondiendo a estos intereses, avanzando en la organización y movilización alrededor de los problemas locales, forjando la autosuficiencia y la autonomía. Sin "bajar líneas", sino discutiendo y democratizando las estructuras de poder. sin corrupciones y oportunismos, porque la credibilidad de una organización es tan importante como la de cada uno de los dirigentes de esa organización. El día que logremos esto habremos confirmado la irreversibilidad de la revolución. La revolución no es un medio para consolidar al Frente Sandinista como fin. Construyamos el medio con pinol y tortilla. Y lograremos el fin. Perdimos, pero para ganar un Frente Sandinista al lado de los pobres.



envío

ITALIANO

VERSO DOVE VA IL NICARAGUA?

CONGIUNTURA E DINAMICA SOCIALE

Marco Cantarelli Via Capraia 40,36100 Vicenza
Italia

envío

ALEMAN

WELCHE RICHTUNG SCHLAGT NIKARAGUA EIN?

SOZIALE KONJUNKTUR UND SOZIALDYNAMIK

Edition Nahua GMBH, Hafaue 51,56 Wuppertal 1-
Alemania Federal

envío

INGLES

WHERE IS NICARAGUA HEADED?

CURRENT SITUATION AND SOCIAL DEVELOPMENTS

Central American Historical Institute (CAHI)
Intercultural Center-Georgetown University
Washington, D.C. 20057 - Estados Unidos

envío

FRANCES

JUSQU'OU VA LE NICARAGUA?

LA SITUATION ACTUELLE ET LA DYNAMIQUE SOCIALE

Comité de Solidarité, Avec le Nicaragua
14, Rue Nanteuil 75015 París-Francia

CENTRO DE DOCUMENTACAO E IMAGEM
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
UFRJ

CEDIM
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR UFRRJ



Instituto
Histórico
Centroamericano
Apartado A-194, Managua, Nicaragua.

FRANQUEO PAGADO

0.70

SEP 19 1990

CORREO AEREO
VIA AIRMAIL

CEPA
Apdo. P-50
Managua, Nicaragua

RECIBIDO SEP 24 1990

FICHA DE FORMAÇÃO



ORGANIZAÇÃO SINDICAL DEMOCRÁTICA

CEDAC

CENTRO DE AÇÃO COMUNITÁRIA
C. P. 1816 – 20001 – Rio de Janeiro – RJ

CEDIC
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR UFRRJ

A ORGANIZAÇÃO SINDICAL DEMOCRÁTICA

Liberdade e autonomia sindical

A mais ampla liberdade sindical em todos os locais de trabalho, em todas as instâncias, em todas as formas de relacionamento e solidariedade a nível nacional e internacional, serão os princípios fundamentais do novo sindicalismo.

Os trabalhadores serão soberanos em suas decisões, não permitindo intromissões da parte da classe patronal, do governo, dos partidos políticos, de concepções religiosas e filosóficas e outras instituições.

(Do 1º Congresso Nacional da CUT, agosto de 1984.)

No **sindicalismo de classe**, a estrutura é formada por organizações que se aglutinam segundo o **ramo de produção** e em **base geográfica.**

A estrutura tem dois eixos:

1. vertical ou profissional, segundo o ramo de produção ou de serviço;
2. horizontal ou interprofissional, adaptando-se à organização territorial.

A **estrutura profissional** é composta pelas COMISSÕES DE FÁBRICA, pelos SINDICATOS LOCAIS por ramo de produção ou serviço e pela FEDERAÇÃO de ramo de produção ou serviço a nível estadual ou nacional.

A **estrutura interprofissional** é formada pelas INTERSINDICAIS, ao nível municipal ou regional e estadual.

O órgão máximo da organização sindical é a CENTRAL SINDICAL.

Assim, temos como estrutura mínima da organização sindical:

1. COMISSÃO DE FÁBRICA
   organização de base.
2. SINDICATO LOCAL
   por ramo de produção/ serviço.
3. INTERSINDICAL
   estrutura intermediária interprofissional.
4. FEDERAÇÃO
   estrutura intermediária profissional.
5. CENTRAL SINDICAL
   órgão de direção.

— O que é a comissão de fábrica?

É a base da estrutura sindical.

A comissão é formada por delegados

escolhidos em eleição direta, pelo voto secreto de todos os trabalhadores de uma mesma empresa. A Assembléia Geral dos trabalhadores é o seu órgão máximo de decisões. Divulga a imprensa sindical e é responsável pela filiação e cotização dos trabalhadores.

A comissão organiza os trabalhadores para a ação sindical, preparando convenções coletivas e acordos, fiscalizando sua aplicação, lutando pela melhoria das condições de trabalho, impondo as conquistas operárias gerais no terreno particular de cada empresa.

— O que é o sindicato local?

O sindicato local por ramo de produção ou serviço é composto pelas várias comissões de fábrica de uma certa localidade (Município, região). Unifica as reivindicações específicas de um ramo de produção ou serviço.

— O que é a intersindical?

É formada pelo conjunto dos sindicatos de todos os ramos de produção ou serviço existentes numa localidade (Município, região, Estado). Realiza uma política de classe unitária para todos os trabalhadores.

— O que é a federação profissional?

A federação profissional é o conjunto dos sindicatos de todos os ramos de produção ou serviço, organizados estadual e nacionalmente. A federação nacional profissional é responsável pela formulação da política profissional geral, pela coordenação das reivindicações e das ações sindicais no mesmo ramo de produção ou serviço. Negocia e assina convenções coletivas a nível nacional e controla sua aplicação.

— O que é a central sindical?

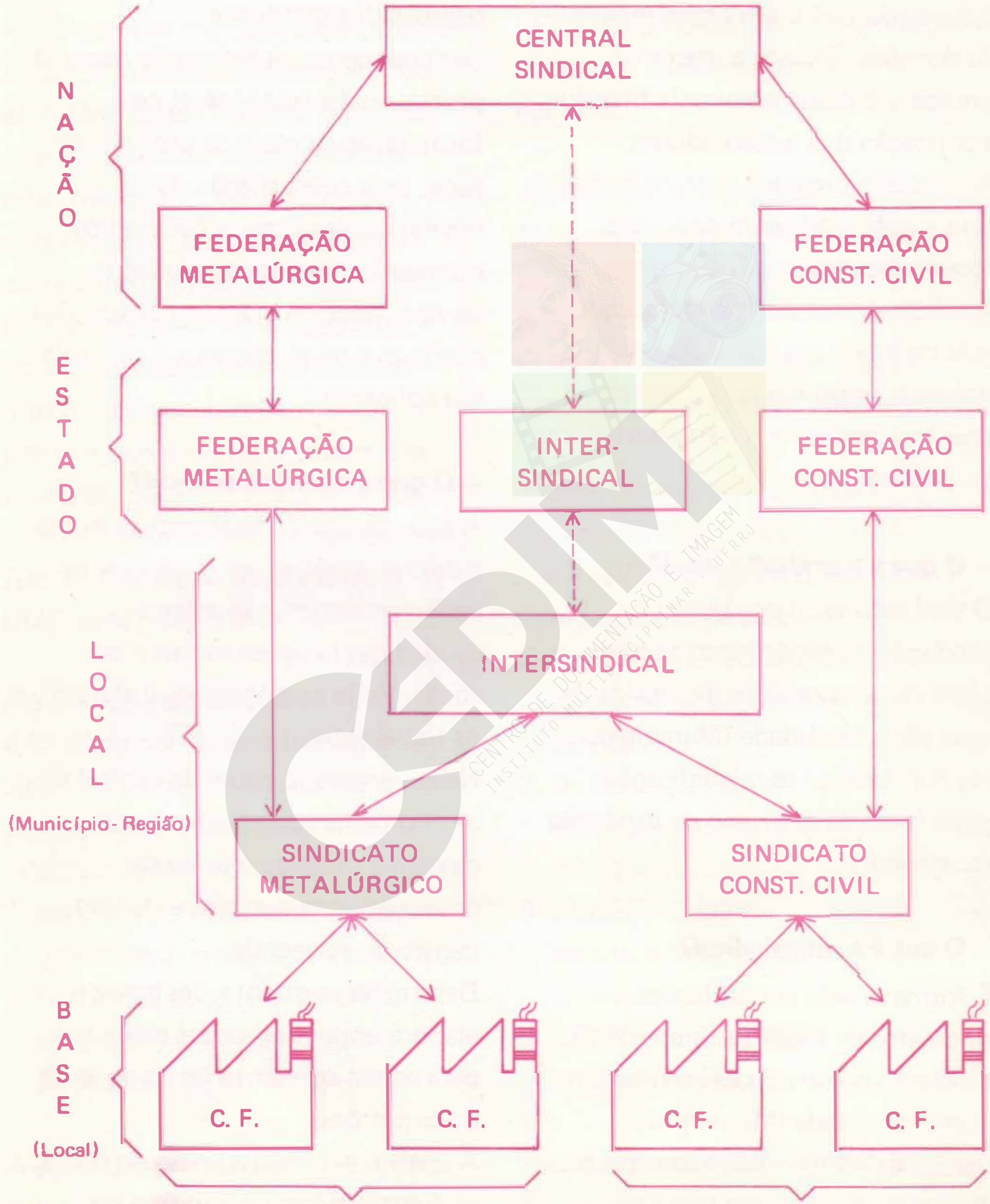
A ação de um sindicalismo de massa e de classe não se restringe às lutas nas empresas, mas se estende ao quadro das relações sociais e do conjunto de problemas que afetam os trabalhadores.

Nesse sentido, o papel da central é de coordenar todas as lutas que nasçam a nível dos ramos de produção, mas que têm extensão dentro da sociedade.

Determina as orientações gerais e elabora as reivindicações globais para serem apresentadas ao governo e aos patrões.

A central expressa a união de todos os trabalhadores da cidade e do campo.

GRÁFICO DA ESTRUTURA SINDICAL DEMOCRÁTICA DOS DIVERSOS ÓRGÃOS SINDICAIS, A PARTIR DO EXEMPLO DE DOIS RAMOS DE PRODUÇÃO: METALURGIA E CONSTRUÇÃO CIVIL



FICHA DE FORMAÇÃO



ORGANIZAÇÃO SINDICAL VERTICAL

CENTRO DE AÇÃO COMUNITÁRIA
C. P. 1816 — 20001 — Rio de Janeiro — RJ

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS
UFRJ

A ORGANIZAÇÃO SINDICAL VERTICAL

1. Estrutura Vertical

O sindicato existente no Brasil é atrelado ao Estado, controlado pelo Ministério do Trabalho e organizado verticalmente de cima para baixo. Para manter o movimento operário sob o controle, o governo brasileiro implantou, em 1930, uma organização burocrática dividida em quatro níveis: a) Na base do sistema está o sindicato, cuja jurisdição é geralmente o território de um Município. Se a jurisdição do sindicato é territorial, não existe sindicato único, como pretende o governo, mas milhares de organismos diferentes, separados entre si pela lei, dividindo e enfraquecendo os trabalhadores e impedindo que eles desenvolvam sua consciência de classe. b) A federação coordena os sindicatos de uma categoria e tem como base territorial um Estado ou uma Região. Basta a associação de cinco sindicatos para formar uma federação. A sede das federações fica na capital de cada Estado.
c) As confederações têm jurisdição nacional, agrupando os sindicatos de uma mesma categoria profissional. Elas podem ser formadas com um mínimo de três federações. Sua sede fica no Distrito Federal. d) Como no Brasil não existe Central Sindical, a cúpula do sistema é ocupada pelo Ministério do Trabalho, que de fato está presente dentro do sindicato e o dirige.

2. Corporativismo

O sistema corporativo é uma forma de organização social do trabalho muito hierarquizada e autoritária, na qual os trabalhadores estão agrupados em categorias profissionais. O sindicato vertical reúne os trabalhadores em corporações de ofício. Trata-se de uma estrutura imóvel em que os trabalhadores são organizados isoladamente, segundo ramos de atividade, não havendo nenhuma possibilidade de vida intersindical. Este tipo de organização suprime a noção de classe. Em lugar de sindicato de classe existe no Brasil sindicatos de categorias: metalúrgico, têxteis, bancários etc., separados e

divididos, impedidos por lei de se unirem.

3. Colaboração de Classes

A legislação do trabalho é muito clara quando estabelece que os sindicatos devem colaborar com os poderes públicos e os patrões para a solidariedade social, promovendo a conciliação e a cooperação de classe. Essa organização sustenta o sistema de colaboração de classes do populismo e do peleguismo que existem desde Getúlio Vargas e continuam atualmente, porque dá algumas vantagens materiais aos trabalhadores: assistência social, férias, assistência médica, colônia de férias.

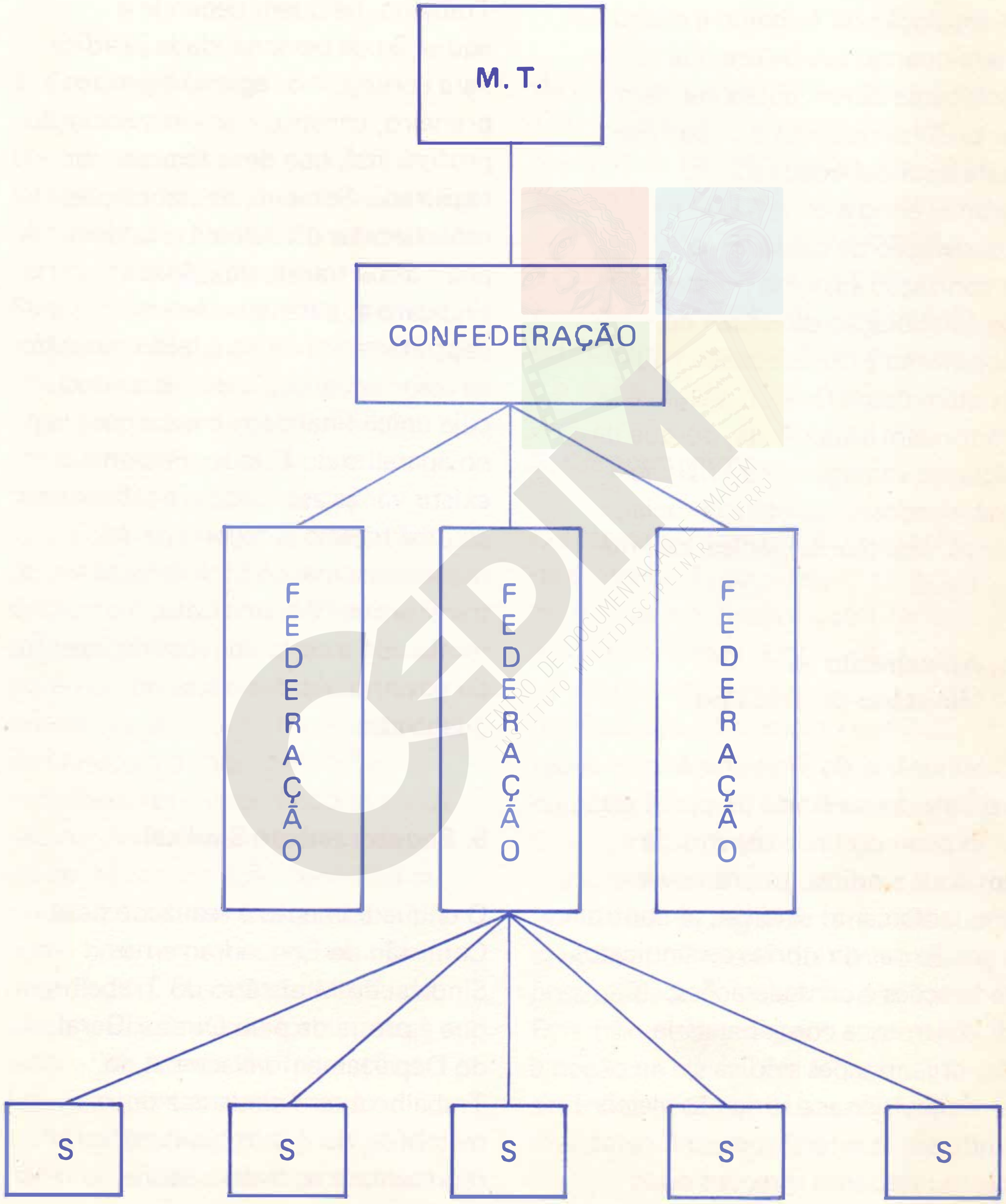
4. Atrelamento ao Ministério do Trabalho

O Ministério do Trabalho é legalmente investido do poder de: a) expedir carta de registro de entidade sindical; b) promover o enquadramento sindical; c) controlar a gestão das diretorias de sindicatos, federações e confederações; d) controlar a conta bancária das organizações sindicais; e) supervisionar e dirigir as eleições sindicais; f) intervir nos sindicatos, destituindo suas direções ou cassando a carta de reconhecimento da entidade. O pedido de reconhecimento dos sindicatos está ligado à apresentação obrigatória dos estatutos ao Ministério do Trabalho, de quem depende a aquisição de personalidade jurídica. Para conseguir o registro é preciso, primeiro, constituir-se em associação profissional, que deve também ser registrada. Somente as associações reconhecidas oficialmente podem pedir a sua transformação em sindicato e, para isto, devem depositar a ata de instalação, relação de associados, cópia dos estatutos, cuja única finalidade é incorporá-las no aparelho do Estado. Podem existir várias associações profissionais de uma mesma categoria, todas registradas, mas só uma delas se transformará em sindicato, recebendo a carta de reconhecimento do governo. As demais serão dissolvidas.

5. Enquadramento Sindical

O enquadramento é realizado pela Comissão de Enquadramento Sindical do Ministério do Trabalho, que é presidida pelo Diretor Geral do Departamento Nacional do Trabalho e tem ainda dez outros membros, dentre os quais dois representam os trabalhadores.

A ATUAL ESTRUTURA SINDICAL VERTICAL



CEDIM
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR - UFRRJ

FNT

Frente Nacional
dos Trabalhadores

CLASSE TRABALHADORA
EM MOVIMENTO



ESCUTE A VOZ DO POVO

1º DE MAIO

Um pouco de história

COMUNA DE PARIS E AUTOGESTÃO

Desde seu nascimento, a classe trabalhadora tem lutado contra a exploração e vem elaborando uma proposta de sociedade sem dominações. Em torno dessa proposta aconteceram lutas gigantescas, que mobilizaram milhões de trabalhadores, em todos os continentes. Uma grande parte do debate e da luta atual está relacionada com esta proposta. Na medida em que o capitalismo é incapaz de conseguir bem-estar social e condena os trabalhadores a sofrer a miséria, a classe trabalhadora se volta para o socialismo como única esperança.

Tanto nos países centrais como nos periféricos, a classe trabalhadora constitui um universo amplo, composto por operários, lavradores, bancários, trabalhadores do comércio, técnicos, cientistas etc., cuja ação política de conjunto reivindica, cada vez mais energicamente, o controle dos processos de produção e o controle da distribuição dos bens produzidos.

Desde 1871, os trabalhadores reunidos na Comuna de Paris afirmaram o poder criador das massas em busca de superação do regime capitalista, organizando, na prática, um governo de trabalhadores que plantou as bases de uma nova estrutura social, sem explorados nem exploradores.

Em lugar da velha sociedade, nasceu uma associação de trabalhadores livres, que concentrava em suas mãos a propriedade, orientando a produção com vistas ao bem estar de cada um e de todos os cidadãos, e em função do livre desenvolvimento da sociedade.

Assim, aboliram o trabalho assalariado, base da exploração e raiz dos antagonismos de classe.

Em lugar do capital, nasceu uma associação dos homens livres que destruía as bases da estrutura social na qual o capitalismo ocupa posição dominante, submetendo a sociedade à sua vontade política.

O regime de propriedade social e coletiva e a democracia direta a participativa instauradas na Comuna de Paris foram as condições para a substituição da sociedade de classes por uma nova sociedade, sem classes.

Com o desaparecimento das diferenças de classe, o Estado, como um aparelho burocrático e repressivo, destinado a manter os trabalhadores nos limites da sobrevivência, perdeu sue caráter político de instrumento de deminação e foi neutralizado.

A Comuna de Paris foi brutalmente estraçalhada pelas forças militares francesas. Contudo, a luta dos companheiros, na época, continua acesa, assim, como continua presente em nossa memória a luta dos companheiros de Chicago.

Todas essas lutas da classe trabalhadora voltam hoje à nossa memória para reforçar nossa consciência. Queremos e vamos conquistar algum dia uma sociedade onde não existam patrões nem empregados, onde todos seremos iguais, onde todos seremos trabalhadores.

FRENTE NACIONAL
DOS TRABALHADORES
Av. Ipiranga 1267 - 9º andar
Fones 228-2899 e 228-2031 (011)
Rio de Janeiro:
R. Quintino Bocaiúva 25 s/406
Nova Iguaçu
Osasco:
R. Minas Bogassian 109
Bahia:
R. Nilo Peçanha 190 - Eunápolis.

HÁ CEM ANOS, UM MARCO HISTÓRICO



Em maio de 1889, quatro companheiros (Spies, Fischer, Engel e Parsons) foram enforcados; um havia sido assassinado na prisão, e outros três não aceitavam qualquer liberdade que não fosse incondicional.

Aquele fato não está desligado de toda a história de luta da classe trabalhadora, contra os patrões que exploram os trabalhadores, e em busca de uma sociedade socialista, onde não existam nem explorados nem exploradores. Vale dizer: em contrução de uma sociedade sem classes.

Nos últimos cem anos, muitos e muitos companheiros foram assasinados pelos patrões. Cabe, apenas por exemplo, recordar Sacco e Vanzetti, em Boston; as dezenas de companheiras, a 8 de março, em Cleveland; o companheiro Santo Dias da Silva, em 1979, em São Paulo; e as centenas de sindicalistas e trabalhadores rurais, ao longo dos últimos anos, por todo este Brasil.

Torturas, assassinatos, prisões, fazem parte da repressão à classe trabalhadora; fazem parte da sua história pela libertação política, econômica e social.

A nossa luta começou no momento em que se estabeleceu a primeira relação de exploração; teve um marco inesquecível há cem anos; continua hoje; e acabará quando construirmos a SOCIEDADE SOCIALISTA AUTOGESTIONÁRIA, isto é, sociedade sem classes.

A LUTA DOS TRABALHADORES, HOJE

Diante do 1º de maio, a FRENTE NACIONAL DOS TRABALHADORES— F.N.T. considera:

• A dura realidade imposta pelos patrões e seu governo, contra classe trabalhadora, com alto custo de vista e uma política de arrocho salarial;

• O processo constituinte, profundamente loteado pelos interesses dos poderosos grupos econômicos, nacionais e estrangeiros.

• A política do governo da Nova República sobre sobre a dívida externa, radicalmente comprometida com o F.M.I.- Fundo Monetário Internacional, que nos está levando a uma recessão econômica e impondo desemprego pior do que já enfrentamos de 1981 a 1985;

• O importante papel que deve ser assumido pelo movimento sindical brasileiro, frente a essa situação; lutar para organizar-se, inclusive superando as suas próprias limitações.

Nessa perspectiva, compreendemos que a luta da classe trabalhadora, particularmente no final de 1986 e início de 1987, têm-se mostrado vigorosa, com perspectivas para o futuro.

O governo, aproveitando-se de uma reivindicação dos trabalhadores, convocou, para este ano, um CONGRESSO Constituinte, com o objetivo muito claro de criar uma nuvem de fumaça que encobrisse nossas lutas. Contudo, nós, trabalhadores, revelamos na prática uma clareza política poucas vezes observadas antes na história de nosso país. Ocupando, dentro de nossas possibilidades, os espaços dentro do Congresso Constituinte, não abrimos mão, um momento sequer, de nossas lutas,



de nossas bandeiras, de nossas reivindicações. E vamos conquistando vitórias, principalmente vitórias ao nível organizativo.

Assim foi, importa lembrar, a greve geral de 12 de dezembro de 86, quando (segundo o próprio SNI), pelo menos, 10 milhões de trabalhadores cruzaram os



braços. Isso significa 20% da chamada população econômica ativa. Isso significa a classe trabalhadora ingressando numa luta política clara, contra o pagamento da dívida externa, contra o arrocho salarial, contra o atrelamento sindical.

Mais recentemente, os trabalhadores bancários realizaram a maior greve de bancários nos últimos 25 anos. 700 mil bancários paralisaram o trabalho durante nove dias. E preparam-se, mais uma vez, para voltar à greve, no caso de ser mantida a intransigência típica dos patrões.

Na área rural, os sindicatos dos trabalhadores ganham cada vez mais força, e a violência de polícia e jagunços começa a ser contida pela força própria da organização dos trabalhadores rur que querem e vão conquistar terra para quem nela trabalha, contra a especulação, contra o latifúndio e os latifundiários. Contra, até mesmo, o arremedo de reforma agrária levado pelo governo, com o objetivo último de acalmar o ânimo da luta justa dos lavradores.

Nas cidades, a luta pela reforma urbana do solo cresce, principalmente a partir das ocupações de terras feitas por quem não tem onde morar.

No entanto, nós, trabalhadores, nos defrontamos com vários problemas, de ordem organizativa e de ordem política. Sentimos ainda um divórcio entra a reivindicação econômica imediata (seja ela salarial, seja, de outro lado, a necessidade de terra para morar ou para plantar) e a luta política.

Inegável a dificuldade de se articular uma ação mais contundente, por exemplo, para forçar não pagamento da dívida externa. A importância de tal luta encontra-se no fato de que somos explorados, diretamente, pelo nosso patrão do dia-a-dia, e somos vilmente explorados pelos banqueiros internacionais, que sugam, com a complacência e concordância do governo e dos patrões brasileiros, o nosso suor, através de juros de taxas e risco sobre uma dívida que não fizemos.

Contudo, a nossa luta avança, o nosso processo organizativo cresce, a nossa consciência evolui. Nós, trabalhadores, temos, neste ano de 1987, até o próximo 1º de maio, uma tarefa enorme: fortalecer a nossa classe, para avançar rumo a conquistas mais duradouras.

CONSTITUINTE SEM POVO NÃO CRIA NADA DE NOVO.



Plenário Pró-participação Popular na Constituinte

Para a classe trabalhadora, uma Assembléia Nacional Constituinte só pode ser soberana, com a livre e direta participação de todos os trabalhadores, enquanto classe, através das suas várias formas de organização (associações de moradores e posseiros, sindicatos, partidos políticos etc). Uma Constituinte livremente eleita pelos trabalhadores a partir dos interesses de classe garantiria o debate e a decisão das questões mais profundas diretamente ligadas aos seus reais interesses em todo os níveis da vida nacional (política fundiária, econômica, salarial, educacional, cultural e de lazer, transporte coletivo, habitacional, de saúde, de habitação, alimentação e industrialização etc).

O que temos aí é um Congresso Constituinte, comprometido com os interesses dos grandes poderes econômico, nacional e estrangeiro. Para ampliar esse quadro, o Congresso Constituinte, já funcionando há três meses, está sendo obrigado a trabalhar ao lado das constantes ações dos militares, que não abrem mão de intervir nos assuntos de ordem interna (como ocupar refinarias e embarcações onde os trabalhadores estavam em greve).

Contudo, apesar dos limites do Congresso Constituinte, depois de dois anos de luta persistente, as entidades que integram os Plenários Pró-participação Popular na Constituinte obtiveram uma vitória: foi incluída no Regimento Interno a INICIATIVA POPULAR.

Esse dispositivo, pelo qual conjuntos de 30.000 pessoas poderão apresentar emenda ao projeto de Constituição, começou a ser elaborado no Plenário de São Paulo em outubro de 1986.

As emendas apresentadas sob a forma de INICIATIVA POPULAR poderão ser apresentadas até 1º/junho próximo. Até esta data, nada impede que as propostas elaboradas sejam apresentadas às comissões temáticas, antes de serem colhidas as 30.000 assinaturas que permitirão que elas entrem como INICIATIVA POPULAR na etapa de discussão em Plenário da Constituinte.

COMO ORGANIZAR A PARTICIPAÇÃO

... É MUITO SIMPLES

Organize onde você mora, trabalha ou estuda, no sindicato, na Igreja, um grupo para se reunir e conversar sobre a constituinte.
Está criado um "plenarinho constituinte".

O GRUPO VAI RECEBER:

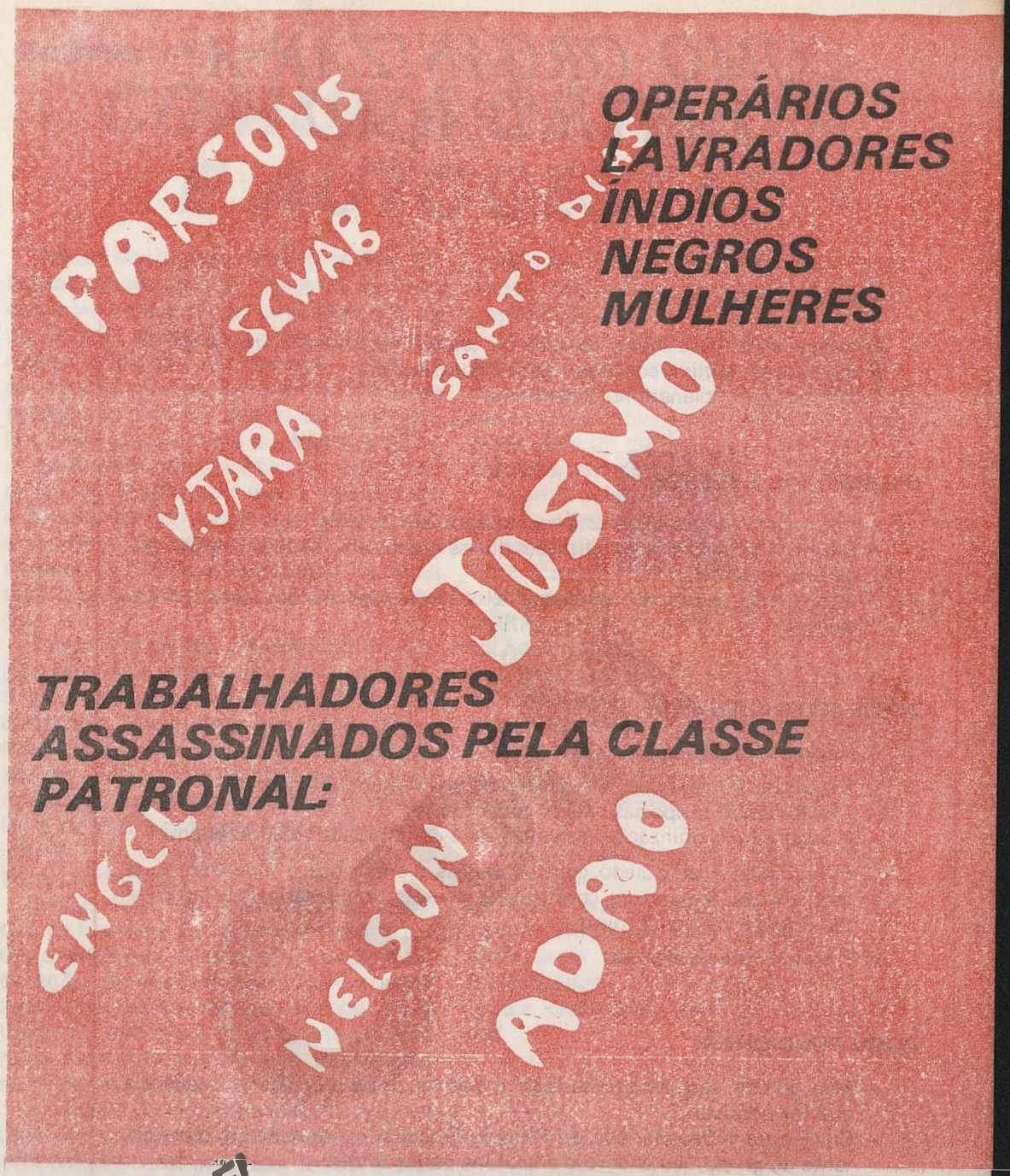
- informações sobre o que está acontecendo em Brasília.
- informações sobre as mobilizações que se organizam, às quais o grupo poderá se integrar.
- informações sobre as tendências e comportamentos dos constituintes eleitos.

ASSIM SEU GRUPO PODE:

1. Manter-se atualizado.
2. Fazer pressão para que os interesses do povo sejam defendidos:
   - elaborando propostas para os constituintes
   - Sugerindo mobilizações para motivar a comunidade local ou estadual
3. Ficar ligado e articulado com os demais plenarinhos e movimentos de participação popular na constituinte, através do Plenário Pró-Participação Popular na Constituinte.
4. Propor outras iniciativas.

COMO FUNCIONAR:

- Marque com seu plenarinho lugar e dias certos de reunião, na freqüência que for possível.
- Envie para o Secretariado do Plenário Estadual o nome de um representante do grupo, seu endereço e telefone para contato.
- Se necessário, chame alguém do Plenário Estadual para troca de experiências.
- Mande sempre que possível alguém para participar das reuniões do Plenário Estadual.
- Divulgue, através de rádios, jornais, TV, boletins, etc..., as atividades do seu "plenarinho constituinte".
- Convide os constituintes de sua região para falar sobre o trabalho no Congresso.



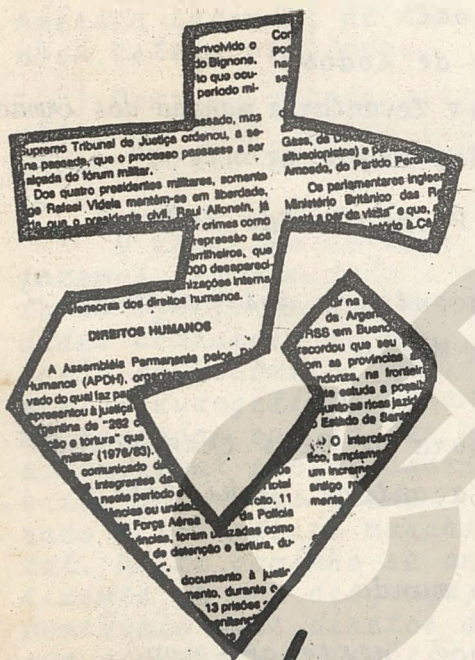
PRESENTE!

A MINHA DEFESA É A VOSSA ACUSAÇÃO! AS CAUSAS DOS MEUS SUPOSTOS CRIMES SÃO A VOSSA HISTÓRIA.

August V.T.Spies, perante o tribunal que o condenou à morte.

FRATERNIDADE SACERDOTAL

CARTA Nº 72 – DEZEMBRO – 87



JESUS CÁRITAS

* SEGUNDO ENCONTRO LATINOAMERICANO

FACATATIVA (COLOMBIA)

24 A 31 DE AGOSTO/87

* PROPOSTAS PARA PARTICIPAÇAO DOS LEIGOS NO SÍNODO

* A PRAXIS DE CRISTO

OS PEQUENOS GESTOS DESESTABILIZADOS DO SISTEMA

Tempo de Natal,
tempo de despertar. Herodes está aí!
"Acordem Maria
Acordem José
Acordem o Menino
Acordem as sagradas famílias
de todos os oprimidos da terra
Herôdes está por todo canto
e já não há como fugir.
O jeito é enfrentá-lo
É hora, sim de juntar o pessoal
e começar a plantar o roçado de todos
e instalar a Oficina do Povo e levantar a mansão dos irmãos
para que o alegre anúncio dos anjos aconteça"

(Pe.Reginaldo Veloso)

O alegre anúncio dos anjos aconteceu aos pastores
também porque houve o sim de Maria
Ela disse sim e nasceu Jesus.
O sim que a gente diz a palavra de Deus transforma
a realidade, por ele o novo acontece, a história
se modifica.
É por ele que Jesus nasce no mundo.

Desejamos a você neste ano novo
um bom trabalho de CEB's e
evangelização.

A Redação.

Salvador, dezembro de 1987.

FRATERNIDADE SACERDOTAL

SEGUNDO ENCONTRO LATINOAMERICANO

FACATATIVÁ (Colômbia) 24 a 31 de agosto de 1987

"GRITEMOS O EVANGELHO COM TODA A NOSSA VIDA"

Queridos irmãos das Fraternidades Sacerdotais da América Latina e de todos os Continentes: a Paz do Senhor esteja com todos.

Com uma grande alegria queremos chegar a todos vocês para lhes contar tudo o que aconteceu em nosso 2º Encontro dos Responsáveis das Fraternidades Sacerdotais da A.L.

O Espírito de Deus que age em profundidade quando fazemos fraternidade e agora atua na renovação do rosto da Igreja em sua tarefa pela construção das Comunidades Eclesiais de Base, quis reunir-nos nesta querida nação da Colômbia, gestadora de tão grandes acontecimentos evangélicos para a Igreja Latinoamericana. Basta recordar que foi em Medellin que ela se comprometeu a trabalhar profeticamente a partir da opção pelos pobres, assumindo desde nosso povo oprimido explorado a verdadeira marcha de uma libertação cristã total. Muito caminho se andou, desde então, em nosso Continente, e por desgraça, nem sempre assumido pelos responsáveis mais diretos desta Pastoral. Mas, o Senhor que caminha na História salvífica ao lado dos mais humildes, não deixou de acompanhar com sua graça para que, lentamente e sem esmorecimentos, sua obra não fi casse abandonada. Prova disso é a multidão de homens e mulheres martirizados por causa de Jesus e do Evangelho. O sangue de Dom Romero, Dom Enruque Angelelli, Álvaro Ulcué, Josimo Morais Tavares, Irmão Maurício, Rútilio Grande, Jean Donavan, André Jarlan, Camilo Torres, entre outros, são testemunhos de vida que seguem exigindo um compromisso mais vital e absoluto na cons-

trução do Reino de Deus nestas terras.

Junto a eles há também mais homens e mulheres que cada dia, junto ao povo, numa atitude humilde e muitas vezes marginalizados pela pastoral, continua sendo "sentinelas despertas e cães que não calam", na expressão do Irmão Carlos, e que nos comprometem a assumir um compromisso mais enérgico na inserção com o povo.

A razão de nossa presença aqui é de responder ao desafio de ser sacerdote hoje na A.L. Continente de grandes esperanças, mas também minado de conflitos que desafiam nossa identidade sacerdotal. Estamos conscientes de que devemos crescer numa Espiritualidade que nos despoje cada dia mais de nós mesmos diante de Deus, e a partir dele, responder melhor às exigências de nosso Continente. Como disse um Bispo Argentino, assassinado por comprometer-se com os pobres: "Ter um ouvido à escuta do Evangelho e a outro à escuta do povo" (Angelelli).

Dos países convidados, participamos do Encontro delegados da Argentina, Brasil, Colômbia, Chile, Paraguai, República Dominicana e Venezuela. Se algo se pode afirmar do benefício das Fraternidades, é o clima de cordialidade e liberdade com que vivemos desde o primeiro momento do encontro. Compartilhamos junto a Eucaristia, a oração do tempo presente, a adoração diária; momentos de silêncio e reflexão além extensa agenda de partilhar nossas práticas e preocupações na busca de um perfil mais genuíno de nosso ministério e de nossas Fraternidades face aos desafios entes mencionados. Igualmente não faltou a informação, o estudo teológico da Espiritualidade, bem como momentos de convivência alegre e descontraída.

Iniciamos respondendo as seguintes perguntas:

1- Qual a caminhada da Fraternidade desde o 1º Encontro Latino-Americano, realizado em janeiro de 1981 em Barueri (São Paulo) até este de Facatativá (Colômbia?

2- O que significa ser presbítero hoje na América Latina?

1- Caminhada da Fraternidade de Barueri a Facatativá.

1.1- O que foi Barueri:

- Definir como nós, presbíteros, entendemos a Fraternidade.
- Aprofundar algumas intuições importantes da Mensagem Espiritual do Ir. Carlos.
- Reafirmamos estes valores e afirmamos que a Fraternidade nos ajudou muito em nossa vida de presbíteros.

1.2- Dificuldades:

- O documento de Barueri não é suficientemente conhecido; por isso nos perguntamos: será suficientemente vivido?
- Como fazer a Revisão de Vida, o mês de Nazaré, o dia de deserto?
- Como começar novas Fraternidades?
- Há poucos presbíteros comprometidos, alguns vivem sozinhos, poucos estão numa Fraternidade.
- Sabemos pouco uns dos outros.
- Sentimos uma certa indefinição em relação à Fraternidade.
- Há presbíteros que confundem a Fraternidade com instituto religioso e por isso não ingressem.

1.3- Desafios:

- Refletir sobre o que entendemos por Compromisso.
- Como integrar o presbítero isolado numa Fraternidade.
- Como nos abrir aos outros presbíteros de nossas dioceses.
- Somos discretos demais para tornar conhecida a Fraternidade.
- Há necessidade de encontrar meios concretos para melhor comunicação entre nós.
- Relação da Fraternidade com o Presbitério Diocesa-

sano.

1.4- Avanços :

- Houve um crescimento: há novas Fraternidades.
- Realizou-se o mês de Nazaré em Santo Domingos, Argentina, Brasil e está previsto no Chile.
- Aconteceram encontros anuais em cada país.
- Há contato com quase todos os países da América Latina.
- Foram enviados diretórios e o Boletim da Espanha a muitos irmãos.
- Sentimo-nos profundamente integrados no Presbitério Diocesano, abertos e comprometidos com o seu crescimento
- Vivendo em fraternidade, criamos Fraternidade.

2. O que significa ser Presbítero hoje na América Latina?

2.1 Nossa situação:

- Vivemos nosso ministério no meio de grandes conflitos, numa miséria crescente de nosso povo gerada por uma economia de exportação para pagar a dívida externa.
- Vivemos numa situação de injustiça institucionalizada que causa uma violência crescente, além do armamentismo.
- Vivemos no meio de uma crise moral e de uma corrupção em todos os níveis, em meio a uma perda dos valores éticos e da destruição da cultura popular.
- Todos estes conflitos repercutem na vida de nossa Igreja. Uma Igreja que, em parte, não superou o modelo de Cristandade e até está retrocedendo.
- Vivemos um pluralismo pastoral com radicalismos de esquerda e de direita.
- Existe um aumento e proliferação agressiva das seitas.
- Muitos presbíteros estão comprometidos com os pobres na luta pela sua libertação.
- Estamos unidos a nossas Igrejas locais e trabalhamos na Pastoral de conjunto.

2.2 - Dificuldades

- Há poucos presbíteros, imensas paróquias e por isso sobrecarga de trabalho, cansaço pastoral, físico e psíquico que levam a um vazio espiritual e superficialidade..
- Em alguns casos a estrutura paroquial dificulta viver perto do povo.
- Em certos ambientes a opção pelos pobres cria conflito na paróquia e no presbitério.
- Há solidão e isolamento.
- Há problemas de falta de maturidade afetiva, sexual e no relacionamento humano.
- Muitas vezes os presbíteros não encontramos apoio no Presbitério por não assumir uma consciência do mesmo, ou por causa do pluralismo de critérios, ou por falta de abertura, sinceridade e confiança mútua.
- No Presbitério muitas vezes acontece a comunhão pastoral, mas falta a comunhão de vida.
- Muitos presbíteros dependem do culto para poder sobreviver e por isso se refugiam na sacramentalização.

2.3 - Desafios

- Há necessidade de elaborar uma nova Espiritualidade e uma Teologia para os presbíteros nas quais Fé e Vida estejam unidas.
- Há necessidade de nos deixar evangelizar pelo pobres, o que exige uma conversão permanente, uma liberdade interior na alegria e na esperança.
- Há necessidade de elaborar uma espiritualidade do conflito e da Cruz.
- Há necessidade de refletir sobre nosso papel como presbíteros no processo de transformação política.
- Há necessidade de ver como ser presença gratuita entre os pobres numa luta para mudar as estruturas.

2.4 - Avanços

- As lutas ao lado do povo nos ensinam a considerar

CEDIN CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR

as comunidades não como objeto mas sim como sujeito da evangelização.
- Entendemos que nosso ministério é pelo Reino de Deus e não só para a Igreja.
- A partir do Vaticano II assumimos nossa tríplice missão: Profética, Pastoral e Sacerdotal.
- Ser profeta é ser ministro da Palavra: anúncio da Boa Nova e denúncia do pecado.
- Ser pastor, convocar o povo, é um serviço e não um poder. É o serviço da unidade dentro da Igreja.
- Ser Sacerdote não somente celebrar um rito, mas oferecer a vida, as lutas da Comunidade como oferta a Deus.
- Sabemos que antes de ser presbíteros somos homens cristãos.

C O N C L U S Õ E S

No final do Encontro cada um apresentou o que julgou mais importante para nossa Fraternidade. Fizemos isso a partir de tudo o que vimos e aprofundamos nos dias anteriores. Muito nos ajudaram também as palestras sobre o elemento fundamental da Espiritualidade Cristã. A síntese pessoal de cada um foi apresentada e completada no plenário, do qual resultou o que segue:

1- Seguimento de Jesus

Jesus é o cento de nossa fé e espiritualidade cristã. O seguimento de Jesus, segundo o seu Espírito é nossa vocação cristã. O Evangelho não é para os outros mas antes de tudo para nós mesmos. Conhecer a Pessoa de Jesus para amá-lo e segui-lo: conhecer o que Jesus foi e não somente o que fez. É fundamental ser discípulo de Jesus para poder ser apóstolo de Jesus.

2- Encarnação na Realidade

A Espiritualidade parte da vida e se realizam na vida. Deus está presente no mundo e age na História. Temos que descobrir o rosto de Cristo no rosto do irmão, principalmente no rosto do empobrecido. O Evangelho e o pobre são o "poço" de nossa Espiritualidade. É o itinerário do Irmão Carlos: porque seguiu Jesus com radicalidade concretizou em sua vida o itinerário de Jesus: Encarnação-Vida de Nazaré-Contemplação do Pai na vida dos Pobres -Deserto-último lugar.

3- "Buscar o Último Lugar"

No contexto latino-americano isso traz consequências muito exigentes e atuais. Somente esta atitude que exclui toda forma de poder ajuda os pobres a ser sujeitos de sua própria libertação. Renunciar ao poder para devolvê-lo aos pobres é mais importante que exercer liderança. Buscar o último lugar nos chama a um ministério de acompanhamento: ser presença solidária, simples e fraterna nas lutas e esperanças dos mais empobrecidos.

4- Convocar para a Unidade

Ser testemunha e construtor de unidade no meio dos conflitos e perseguições que surgem da fidelidade no seguimento de Jesus. No meio dos conflitos deve-se viver a não violência ativa, a busca da verdade, a defesa dos pobres. "Não ser sentinelas adormecidas, nem cães mudos". A Fraternidade Universal é a concretização do Reino de Deus em nosso Continente. Por isso é nossa missão ajudar a construir as Comunidades Eclesiais de Base, apoiar os movimentos populares e os sindicatos autênticos. Isto é parte essencial de nosso ministério presbiteral.

5- Reino de Deus e Igreja

Fomos batizados para viver em Comunidade-Igreja. A Igreja não existe para si mesma, mas para construir o Reino. Nossa vida e ministério de presbíteros é em função do Reino e não em função da Igreja. A entrega a serviço do Reino, longe de significar irresponsabilidade, inclui nosso compromisso com a Igreja (Povo de Deus---- Presbitério = Bispo), inclusive para fazer parte de sua conversão e renovação, para tornar-nos mais pobres, proféticos evangelizados e pascais.

6- Irmão Universal

A Igreja é essencialmente missionária. Por causa desta dimensão somos chamados a proclamar nossa fé em Jesus não somente dentre de nossas próprias fronteiras, mas a todo o mundo. Reconhecemos que a América Latina tem algo de muito especial para partilhar com o mundo. Através de suas práticas: CEB's, Ministérios leigos, síntese entre Fé-Justiça-Libertação com os pobres, estamos preparados para ser ministros em outros países do Terceiro Mundo. Estes avanços nos comprometem com a evangelização de outros países do Terceiro Mundo, já que nos identificamos com esta vocação de missionários e principalmente por causa de nossa relação com a espiritualidade do Irmão Carlos, o Irmão Universal.

7- Martírio

O seguimento de Jesus traz como consequência a possibilidade do martírio. A fidelidade a Jesus e ao Reino exige coerência e compromisso de vida até o fim. A América Latina, nas últimas décadas, se converteu em um altar de mártires. Estes autênticos e qualificados testemunhos de Jeus nos questionam e umpulsionam toda a Igreja.

8- Oração e Contemplação

A oração recebeu o impacto do secularismo e das mudanças pastorais na Igreja a partir do Vaticano II e Medellin. Devido ao ritualismo, ao espiritualismo, à oração desligada da vida e do compromisso, houve uma desvalorização da oração. A recuperação do elemento orante, gratuito e contemplativo de nossa Espiritualidade deve ser feita a partir destes pontos:

a) Orar a partir de Jesus. É a partir do Evangelho que aprendemos a prática da oração de Jesus. Esta é a dimensão evangélica ou "lugar teológico" da oração.

b) Orar a partir da Vida. Nosso ministério e a vida dos pobres deve ser mistério de nossa oração. É a dimensão encarnada ou "lugar social" da oração.

c) Orar para a vida. Nosso projeto de vida é a construção do Reino de Deus. É a dimensão apostolica ou lugar político-utópico" da oração.

Quando se ora a própria vida com a ótica de Jesus, a partir da lógica do Evangelho e da realidade dos pobres, a oração nos torna contemplativa na libertação.

9- Alegria e Esperança

São dimensões da vida evangélica que temos que recuperar. Não se trata de alegria burguesa da posse e gozo das coisas. A autêntica alegria é vivida pelos pobres, por isso deve ser recuperada na simplicidade e pobreza vivida por eles. Nossa Espiritualidade, nossa Liturgia e oração com o povo devem ser festivas e pascais, geradoras de alegria e esperança no meio dos conflitos, sofrimentos e lutas para sobreviver. A alegria e a esperança nos livram do temor dos riscos consequentes de nossas opções pastorais. O medo partilhado com os pobres converte-se em audácia e esperança.

10- A Fraternidade Sacerdotal

É um meio que nos ajuda a viver o Evangelho no espírito do Irmão Carlos. A Fraternidade é uma exigência evangélica. Jesus viveu e agiu em equipe com seus apóstolos. Os discípulos eram enviados de dois em dois para evangelizar, e depois retornavam para se encontrar com Jesus, fazer revisão, conviver e compartilhar.

a) A Fraternidade quer ser um espaço de ajuda mútua para que sejamos fiéis a nossa vocação humana, cristã e sacerdotal. É um espaço de confiança onde cada um partilha suas dificuldades e sofrimentos e recebe a poio p/ carregá-los e superá-los. É um espaço de questionamento fraterno para sair do individualismo, superar a superficialidade, a incoerência, a mediocridade, o farisaísmo.

b) A Fraternidade nos integra mais no Presbitério e na Igreja Diocesana e nos ajuda a viver a colegialidade e a crescer na unidade de linhas pastorais e a concretizar sempre mais a opção pelos pobres.

c) Os meios da Fraternidade(encontros frequentes, revisão de vida, dia de deserto, mês de Nazaré, adoração eucarística, etc.) quando vividos com fidelidade produzem os frutos que descrevemos anteriormente. É necessário inventar também outros meios simples e práticos que intensifiquem nossa vida fraterna: cartas, telefonemas, visitas, partilha de leituras e idéias,a união na oração diária, principalmente na Eucaristia e entre-ajuda nas atividades pastorais.

d) Nossa autenticidade evangélica é o melhor convite aos nossos irmãos-presbíteros que vivem isolados, na solidão, com problemas de toda ordem. Não devemos ser tão discretos, que os outros nem saibam que pertencemos à Fraternidade. Com simplicidade, amizade e firmeza devemos apresentar este caminho, tendo em conta sempre que não é o único.

e) Em relação aos membros muito isolados da Fraternidade sugere-se o seguinte:
- Que esteja ligado a uma Fraternidade.
- Que envie sua revisão de vida responsável da Fraternidade ou ao presbítero de sua maior confiança.
- Que se encontre pelo menos uma vez por ano com a Fraternidade.
- Que seja visitado pelo responsável se houver possibilidade. ✶ (fim)

Não podemos concluir a presente sem deixar de agradecer a tantas pessoas que tornaram possível este Encontro e que lhe deram um sabor de viver em família. A Fraternidade Internacional que nos ajudou a vencer as distâncias custeando as despesas da viagem e da hospedagem. Agradecer a Diego e sua esposa Angela toda sua delicadeza, sua simpatia, sua bondade e sua preocupação para que estivéssemos bem, como em nossa própria casa. Agradecer ao Pe.Miguel Jeanne que se

preocupou e ultimou cada detalhe para que pudéssemos nos encontrar aqui. Agradecer ao Bispo de Facatativá, Mons. Gabriel Romero, que se aproximou da gente para nos brindar seu afeto de pai. Queremos agradecer também de um modo muito especial ao Pe.Carlos Alberto Calderón, teólogo colombiano, por sua contribuição para uma visão mais encarnada de nossa Espiritualidade. Igualmente às Irmãs Auxiliadoras e às senhoras encarregadas de nosso sustento material vão nossos agradecimentos. Não podemos deixar de agradecer ao irmão de Jesus, Enrique o "Vagabundo" que enriqueceu com sua presença o nosso Encontro.

Com a alegria de partilhar esta experiência que consideramos uma Teofania que exigirá uma constante revisão de nossa vida presbiteral, e esperando saber seu ponto de vista pessoal a este respeito,saudámo-los com muito apreço, unidos a Jesus, o Irmão Universal. Rezem por nós. Faremos o mesmo por vocês.

Gunther Lenbradl (Responsável Geral)

Edson Damian (Brasil)
José Bizon (Brasil)
Antonio de Oliveira (Brasil)
Aldo Martini (Argentina)
Celso Gimenez (Paraguai)
Mário Garfias (Chile)
Júlio Turdy (Venezuela)
Pedro Henriquez (R.Dominicana)
Miguel Jeanne (Colômbia)
Esteban Adamn (Colômbia)
Berto Chikson (Colômbia)
Álvaro Franky (Colômbia)
Eduardo Rodriguez (Colômbia)

COMO PODEMOS FORTALECER

AS FRATERNIDADES NA AMÉRICA LATINA

Como última atividade do Encontro das Fraternidades aprofundamos e concretizamos alguns elementos que nos ajudam a fortalecer a mesma na América Latina.

1) RESPONSÁVEL PARA A AMÉRICA LATINA

Chegou-se ao acordo sobre a importância de um Responsável das Fraternidade a nível latino-americano. Foi escolhido o Pe.Edson Damian (Brasil). Esta responsabilidade estará em correlatividade de responsabilidades regionais, a saber: Argentina, Chile, Uruguai e Peru, cujo responsável será o Pe.Mário Garfias (Chile); Região Brasil, Paraguai e Bolívia, responsável Pe.Edson Damian; Região Colômbia, Venezuela, R.Dominicana e Equador a cargo do do Pe.Eduardo Rodriguez (Colômbia)

2) BOLETIM LATINO-AMERICANO

Concluiu-se que uma das maneiras para uma melhor integração e conhecimento das Fraternidades seria através de um Boletim Latino-Americano. Teria as seguintes características:

- Duas vezes ao ano (março e setembro).
- Informativo das vivências e experiências das Fraternidades (houve compromisso de enviar notícias de cada país).
- Publicação de artigos sobre Espiritualidade Presbiteral Latino-americana.
- Publicação de bibliografia sobre temas da Espiritualidade do Irmão Carlos.
- O Responsável de cada país se encarrega de policopiar o Boletim e distribuí-lo.
- Ir organizando um arquivo com todo o material das Fraternidades Latino-americanas.
- Responsável pelo Boletim: Pe.Aldo Matini
  San Martin, 633
  3560 - RECONQUISTA (Santa Fé) - ARGENTINA

- Pe. Aldo Martin receberá todo o material para publicar no Boletim.
- A Fraternidade Internacional custeará as primeiras publicações. Com o tempo, as Fraternidade Latino-americanas deverão sustentar este Boletim.

3) FINANÇAS

O Pe.Gunther informou-nos que a Fraternidade Internacional tem um fundo para cobrir os diversos gastos decorrentes da atenção e desenvolvimento das Fraternidades dos diversos Continentes:
Uma caixa nos EEUU (viagens do Pe.Jim)
Uma caixa na Alemanha (viagens e boletins)
Uma caixa na França (viagens do Pe.Michel Pinchon)
Uma caixa no Canadá

Foi escolhido o Pe.Gunther para que continue mantendo contato com as referidas caixas. Manifestou-se a preocupação de poder organizar a própria economia de nosso Continente.

4) PLANOS DAS FRATERNIDADES DE CADA PAÍS

ARGENTINA

- Organização do mês de Nazaré (fevereiro de 1988)
- Encontro de Responsáveis para assumir as decisões de Facatativa.

BRASIL

- Mês de Nazaré (janeiro de 1989) em S.Lourenço de Fátima, Mato Grosso.
- Encontro Nacional (22 a 28 de Janeiro de 1988), em Arrozal, Volta Redonda com o Bispo Dom Valdir Calheiros.

COLÔMBIA

- Encontro Nacional em Medellin (7 a 11 de janeiro de 1988).

PARAGUAI

- Encontro no dia 16 de setembro, precedido pelo dia de deserto.
- Encontro semelhante, em dezembro, em outras regiões do país.
- Participação do Encontro Nacional do Brasil (janeiro de 1988).

REPÚBLICA DOMINICANA

- Encontro Nacional (30/11 a 1º/12) em S.Domingo.
- Encontro para preparar a Assembléia Geral (27 a 29 de julho de 1988), em San Victor.
- Mês de Nazaré em 1989.

VENEZUELA

- Encontro para divulgar as conclusões do Encontro de Facatativá

5- RECOMENDAÇÕES

Aconselha-se a leitura das sugestões elaboradas em Facatativá sobre o Mês de Nazaré, Revisão de Vida e outros meios que fazem a vida da Fraternidade. É o resultado de uma equipe de trabalho. Com algumas correções foram aprovadas na sua totalidade.

6- CARTA ÀS FRATERNIDADES

Foi realizada e aprovada sua leitura definitiva como um material útil para a vida interna das Fraternidades.

7- ASSEMBLÉIA GERAL DE SANTO DOMINGO (14 a 31 de agosto de 1988)

Respondendo às indicações do Diretório, a cada seis anos realiza-se uma Assembléia Geral das Fraternidades. Na mesma será eleito o novo Responsável. O número de participantes será de 50 pessoas. A América Latina enviará 8 representantes, um de cada país: Argentina, Brasil, Chile, República Dominicana, Colômbia, Paraguai, México e o Pe.Edson Damian, responsável da A.L.

Estamos convencidos sobre a importância deste acontecimento que deve ser preparado em cada país. O Comitê Internacional vai preparar esta Assembléia (10 a 15 de novembro de 1987) na Irlanda. As despesas com viagens e hospedagem serão assumidos pela Fraternidade Internacional para aqueles que não puderem fazê-lo através do seu país.

8- SUGESTÕES DE NOSSO ENCONTRO PARA A ASSEMBLÉIA

Foram os seguintes os temas sugeridos:

- Compromisso.
- As Regiões.
- Releitura do Irmão Carlos a partir de nossa Realidade.
- Solidariedade das Fraternidade do 1º Mundo com as do 3º Mundo.

PROPOSTAS PARA A PARTICIPAÇÃO DOS LEIGOS NO SÍNODO

A- Que os representantes dos leigos no Sínodo sejam comprometidos e envolvidos com as bases,não somente com pastorais específicas. Que essas pessoas sejam fiéis às propostas apresentadas.

B- Que o CNL seja a instância para indicar os leigos que irão ao Sínodo.

C- Que a escolha seja feita pelo CNL e CNBB.

D- Que a escolha seja feita neste Encontro.

E- Que tenha mulher entre os leigos participantes no Sínodo com voz e vez.

F- Que tenha dois representantes para o Sínodo.

G- Que as CEB's possam participar da preparação da propostae também na sua realização através de alguns de seus animadores.

H- Que todos as propostas enviadas ao Sinodo pelo Brasil sejam conhecidas pelos leigos e haja retorno no sentido de uma resposta.

I- Que um Bispo leve um manifesto do Encontro protestando contra a forma como foram escolhidos os delegados ao Sínodo, a nível internacional.

ENCONTRO NACIONAL DE LEIGOS
MARIÁPOLIS 7 À DE AGOSTO DE 1987
PROPOSTAS PARA O SÍNODO

01- Que os trabalhos do Sínodo sejam iniciados com reflexão sobre a eclesiologia do Concílio Vaticano II. Como iluminação necessária à classificação da identidade, função e missão dos leigos.

02- Que o poder de autoridade na Igreja se transforme em serviço, tornando a todos servidores igualitários e fraternos do Reino.

03- Valorização do leigo como membro do povo de Deus.

04- Que as organizações, de leigos não tenham apenas caráter de serviço ou consultivo, mas também de decisão na Igreja nos seus diversos níveis evidenciando a participação do jovem e da mulher.

05- Que os leigos tenham voz ativa nas resoluções da Igreja, tais como eleições e designação de bispos, padres, e agentes pastorais, de acordo com a necessidade das comunidades.

06- Que a escolha dos bispos possa passar pela indicação das comunidades pois sempre há sacerdotes capazes e com condições de assumir dentro da própria realidade e que se tenha o direito de se influir na escolha.

07- Abrir sem tardar o debate sobre a participação da mulher, considerando inclusive a regra nos diferentes níveis de serviço, de ministérios, inclusive sacerdotal e de representação dentro da Igreja,com igualdade de poder decisório.

08- Participação efetiva do jovem em todos os momentos e níveis, considerando suas características e valores.

09- Valorização da atuação transformadora e evangelizadora nos ambientes de trabalho.

10- Valorização da militância política dos leigos vocacionados para essa área.

11- Aos bispos e padres, para que dêem um acompanhamento pastoral efetivo àqueles cristãos das bases que assumem a luta partidária,inclusive em cargos efetivos, a fim de que permaneçam ligados à comunidade eclesial, inclusive em suas funções, e ao mesmo tempo levem para dentro dos partidos o fermento do Evangelho, respeitando sempre a posição supra partidária da Igreja.

12- Se "o trabalho é a chave da questão social" a evangelização deve tê-lo como ponto central de sua ação. Existe hoje uma forte perplexidade dentre os cristãos engajados na vida política, e social,devido à ambiguidade de algumas orientações da Igreja sobre esses campos de atuação. Particularmente na questão da RELAÇÃO CAPITAL E TRABALHO, os documentos da Igreja reconhece e explicita as profundas injustiças do Sistema Capitalista; estimula trabalhadores a assumirem seu papel de agentes de transformações,visando acabar com todo e qualquer sistema de exploração e opressão, assim como, construir uma nova sociedade participativa, igualitária, solidária e justa,baseada no amor. Por outro lado condena a "luta de classes" de forma generalizada e colocando numa mesma ótica as várias concepções dessa luta e com isso desestimulando à participação anunciada.Urge a Igreja avançar neste campo, como apoio fundamental à participação dos leigos, elaborando uma formulação da questão da "luta de classes" dentro de um conceito evangélico libertador, quebrando assim o forte tabú anti-maxista que não constrói.

13- Os cristãos leigos atuam no mundo e nesse mundo fervilha a contradição entre capital e trabalho (lutas de classe), que a Igreja defina claramente sua posição nesse conflito.

14- Que o espaço conquistado pelos leigos a partir do C.V.II seja garantido e ampliado pelo Sínodo.

15- Igualdade e participação sejam pilares da decisão comunitária.

16- Que à questão administrativa seja desvinculada do trabalho pastoral
Que o pastor seja de fato anunciador da Palavra, e que o leigo assuma a questão administrativa.

17- Estudar maneiras de estimular mais o comprometimento do clero e leigos com as causas sociais.

18- Dando presença, incentivo e motivação ao leigo,confiando e acreditando na sua potencialidade.(veja doc. CNBB 5 "leigos").

19- Que a autonomia do leigo conte com o planejamento próprio em suas instâncias de decisão, como também na criação, formação e celebração.

20- Que haja autonomia na escolha dos representantes e assessores leigos.

21- Que haja mais espaço para a formação dos leigos nesta dimensão que é libertada e libertadora.

22- Que seja reconhecida a responsabilidade que o leigo tem para assuntos de convenios com entidades estrangeiras: Ex.Miserior

23- Que o Sínodo dê seu julgamento sobre o real conflito Hierarquia-Laicato e aponte caminhos para uma relação real entre ambas.

24- Que haja autonomia dos movimentos leigos.

25- Reconhecimento e apoio aos movimentos de Igreja.

26- Que a visão eclesiológica enfoque a dimensão de comunhão e participação com a trindade como inspiração , ao invéz do modelo hierárquico.Que a concentração de poder do clero seja revista e que na Igreja toda possa haver realmente a fraternidade e a partilha como na Igreja primitiva.

27- Aos bispos e padres, religiosas, teólogos(as),para que assumam a caminhada do povo oprimido e favoreçam sem ambiguidades o novo modo de ser Igreja, segundo o modelo da Trindade que é a melhor Comunidade.

28- Que a Igreja incentive um espírito fraterno que exclua do seu interior a discriminação de leigos, mulher,negro,índio,menor e padre casado.

29- Que a Igreja invista mais e crie mecanismos de formação do leigo em ordem de formação a: - maior consciência de sua missão; maior consciência crítica para sua atuação; - maior capacitação para articular homens e mulheres para ser Igreja no coração do mundo, como agentes de transformação da história.

30- Que a Igreja favoreça a formação da consciência crítica e política do leigo, acompanhando os que se engajam na militância política, movimentos populares e sindicais.

31- Que a metodologia tenha como ponto de partida um levantamento da realidade e suas necessidades,iluminados por uma reflexão bíblica.

32- Reconhecer as realidades populares e meios pedagógicos de evangelização.

33- Que seja revista e ampliada a função das escolas e universidades católicas comprometendo-as com a formação dos leigos, sobretudo nos países do Terceiro Mundo.

34- Igreja ter um projeto de educação religiosa na formação de leigos.

35- Respeitar a formação humana em primeiro lugar e depois a religiosa e sacramental, a partir da base, nas paróquias.

36- Reavaliar a formação pastoral dos seminaristas levando em conta a realidade sócio-econômica-política e cultural do local.

37- Que a formação dos seminaristas se dê a partir da perspectiva do pobre o que torna indispensável a consciência com as camadas populares.

38- Que a formação sacerdotal seja repensada e que ela se dê dentro da realidade das comunidades, de forma integradas "estudo-prática".

39- Que não haja distinção e discriminação do negro e do índio na formação do clero e das lideranças.

40- Que se recomende às dioceses recursos materiais adequados à formação específica para leigos e dirigidas por leigos. Que se insista mais e mais, para por em prática a Evangelização do Povo de Deus a partir da releitura dos documentos conciliares e de mais documentos da Igreja. O leigo assim evangelizado terá maior responsabilidade ao receber os Sacramentos e maior motivação para servir.

41- Que o Sínodo denuncie a opressão e a dominação capitalista sobre o Terceiro Mundo, denunciando também a questão da dívida externa.

42- Que se olhe a Igreja da América Latina de um modo especial.

43- Que o poder na Igreja seja descentralizado; e as decisões sobre a realidade latino americana sejam tomadas aqui e não em Roma..

44- Que o Vaticano respeite os padres e teólogos compromet idos com o novo jeito de ser Igreja e a pregação da Teologia da Libertação.

45- A toda a Igreja, e particularmente às CEBs para que assumam um compromisso de solidariedade com todos os países irmãos da América Central. Por ocasião da celebração dos 500 anos de evangelização da América Latina, recuperem a memória histórica das vítimas da colonização, índios,negros e outros oprimidos,em função de uma nova e corajosa Evangelização libertadora no Continente.

46- Que a Igreja da América Latina seja mais respeitada pelo Vaticano, na sua atuação porque ela conhece melhor a sua realidade.

47- Que o Vaticano se pronuncie quanto à arrogância do imperialismo internacional.

48- Que as decisões do Sínodo leve em consideração a realidade dos leigos da América Latina.

49- Estabilizar ou incentivar um intercâmbio entre a hierarquia,leigos e teólogos dos países ricos com os mais pobres, para denunciar a realidade resultan

te da exploração daqueles sobre o Terceiro Mundo.

50- Que o Sínodo dos Bispos faça a opção concreta pelos pobres e pelos jovens a nível mundial.

51- Que o Sínodo garanta a mais expressiva conquista atual de significado da pastoral latino americana, ou seja, construção do Reino, a partir da opção da Igreja pelos pobres na luta pela sua libertação.

52- Que todos os bens da Igreja sejam colocados de fato a serviço dos mais necessitados como na Igreja primitiva, dando o primeiro passo na distribuição dos bens aos mais necessitados.

53- Que o pobre, "lascado mesmo" seja acolhido e ajudado a ser Igreja de fato. Por exemplo: a prostituta, o sem-casa, sem terra, sem pão.

54- Que Medellin e Puebla sejam assumidos pela Igreja Universal e a questão do pobre não seja tratada apenas como um problema do terceiro mundo, mas sim como fundamental de toda ela. Assumir concretamente a opção preferencial pelos pobres a exemplo de São Francisco tornando-se pobre com o pobre.

55- Que se reconheça os carismas próprios do lugar latino americano de pastoral cuja característica máxima hoje é constituida pelas CEBs.

56- Que seja aberta a possibilidade de serem ordenados padres aqueles coordenadores de CEBs que tenham condições de exercer o Ministério Presbiteral no âmbito das suas comunidades.

A PRAXIS DE CRISTO
OS PEQUENOS GESTOS DESESTABILIZADOS DO SISTEMA

(Pe. Nicolau Masi)

PREMISSA - Uma das maiores ingenuidades é pensar que nós somos filhos das nossas idéias. Nós somos mais filhos das nossas ações. Elas nos plasmam, nos motivam, nos reforçam. O mundo não muda com discursos ou palavras bonitas; o mundo muda atuando em cima dele. A exceção única poderia ser o homem, que representa o mundo da liberdade. Nele tem peso só a força físico química, como também o conjunto do mundo estritamente espiritual, como idéias, motivações, planejamento, em fim o futuro e a sua força de atração. O Homem é liberdade. Dentro de uma cela de cárcere ele guarda a sua liberdade. Ele pode de certa forma, ser mais livre que ser carcereiro. Isto em hipótese. De fato, nós todos vivemos como que massificados, objeto constante de uma manipulação interesseira da máquina colossal do poder.
Como se libertar desta imensa prisão?
Qual é o caminho certo?
Qual foi o caminho enveredado por Cristo?

O SENTIDO DA PRAXIS

No mundo deterministicamente orientado o homem é a única voz discordante. Parte do universo, ele pode desvincular dele e criar o universo a sua imagem e semelhança. Esta é a grandeza da liberdade, que não aceita o já, o óbvio o normal; mas decide alcançar o novo, o inédito. Não, certamente, através de uma palavra criadora, mas através da impressão de uma força que atinge fisicamente o mundo real o obriga a mudar, a tomar outro rumo. A violência selvagem de um rio Tocantins pode ser embrulhada e obrigada a se disciplinar e a se

transformar em energia elétrica a total serviço do homem. Mais ainda, a força incalculável de uma massa "humana" pode ser atingida e modificada.

O que vai modificá-la, ainda uma vez, não será tanto o discurso, a idéia. Será a ação. Desta voz, porém, não se trata de uma massa amorfa, sem inteligência, mas de um conjunto de forças "conscientes" que podem aceitar ou se rebelar. Ora, que tipo de ação eu tenho à disposição para plasmar o mundo humano à minha imagem e semelhança, em outras palavras, segundo o meu projeto?
Poderíamos distinguir três tipos de ações:

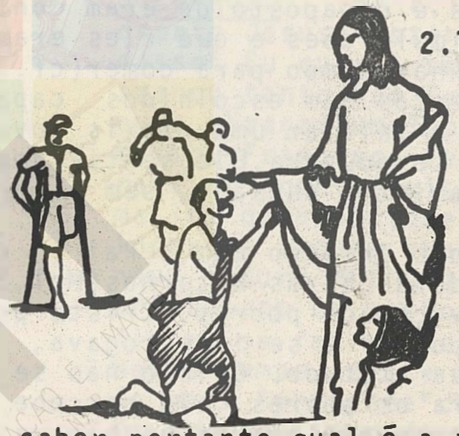
a) Atividade, melhor, ativismo - que em definitivo, trabalha dentro de um sistema e reforça o sistema. O poder faz de tudo para que os homens se tornem um exército de formigas operárias, a quem multiplica as ilusões de liberdade, para que, na realidade, trabalhem em favor do sistema, sem reclamar aliás felizes e em boa consciência por estar trabalhando para o bem da sociedade.

b) Práxis moral é a resposta que o homem conscientemente dá mais a si mesmo que à sociedade em que vive. Ele está preocupado de sua boa consciência, da sua conversão pessoal, e não se dá conta da força esmagadora do mal organizado penetrado entre todas as junturas da sociedade. Trata-se de uma práxis real, mas ingênua que visa mais o coração e a conversão dos indivíduos do que a derrubada das estruturas que aprisionam o homem e o massificam.

c) Práxis política é aquela que, não satisfeita do esforço moral do indivíduo, se dá conta do peso impressionante das estruturas e das relações sociais. Neste caso o homem tenta agir "inteligentemente", consciente da realidade dramática e conflitiva em que vive, e atuando, não com uma atividade qualquer, mas com uma práxis que atinja o coração do sistema. O que será importante não será tanto fazer ou fazer muitas coisas (ativismo dos úteis ingênuos). A práxis política se qualifica essencialmente pela sua capacidade de desestabilizar o sistema o de inaugurar práticas diferentes.

Ela não acredita na eficácia de uma práxis só moral, nem acredita que possa existir práxis moral politicamente neutra. (Veja J.B.METZ, a fé em História e Sociedade, Estudos para uma teologia fundamental prática, EP 1981; C.Boff, Teologia e Prática, teologia do político e suas mediações, Vozes 1982.)

2- SENTIDO E FINALIDADE DA PRAXIS DE CRISTO



2.1- **Devemos fazer uma afirmação fundamental: todo o Cristo é em função do Reino. Aliás, nele o Reino toma a sua máxima densidade. O homem é chamado a continuar não só um projeto similar, mas o mesmo projeto, numericamente único. Ora, o homem, como o Cristo, deve estar interessado só na construção do Reino;** saber portanto qual é a realidade que se quer mudar e as regras objetivas da mudança; se dar conta da dialética entre o momento utópico/profético e o momento prático/político. O que opera a mudança não são tanto as idéias quanto a prática diferente. E não uma prática qualquer, preenchendo, por exemplo, o próprio dia do trabalho, mas uma prática desestabilizadora do sistema.

2.2- Cristo aparece não como um fenômeno isolado, mas dentro de um contexto mais amplo. Ele é a resposta histórica, concreta do Pai ao clamor do povo oprimido (v. José COMBLIN, O clamor dos oprimidos, o clamor de Deus, Vozes 1984).
O Deus da Bíblia é o Deus das grandes mudanças históricas. É o realizador do "projeto Liberdade". É o Deus que "vê, escuta e desce para libertar" (Ex 3,7). Ele tem uma sensibilidade única ao grito do

do povo oprimido. Só que ele devolve este clamor do povo, que se torna portanto como a espinha dorsal de toda a Bíblia, a homens livres que procuram ter a mesma sensibilidade de Deus. Os profetas, e, de maneira única, o Cristo,recebem este apelo de Deus e do povo e partem para mudança. Seria interessante ver os gestos dos profetas desestabilizadores do poder opressor e inicadores do mundo novo. Por enquanto vamos parar na práxis de Cristo, referencial único também da práxis da Igreja de hoje.

2.3-Marcos conta que Jesus e os apóstolos eram continuamente oprimidos pelas multidões e que eles eram assim ocupados - nem tinham tempo para comer(cf.3,20; 6,31). Ativismo? Ou gestos bem escolhidos capazes de operar uma ruptura e iniciar uma praxis nova?
Sem dúvida Cristo não se poupara.Ele sentia uma pena profunda do povo faminto, cansado, sem pastor (Mc.6,34).
O próprio relacionamento intenso com o Pai devia ser quase que arrancado às horas noturnas(Mc1,35).
O dia todo era um serviço aos pobres. Cristo porém, se achava frente ao "poder" e se interrogava, com certeza, qual seria sua atitude. Cristo não se contenta em trabalhar para os pobres, ele percebe que os pobres ficarão eternamente pobres se não vai à raiz, procurando a causa que gera opressão. Precisa agir, com gestos bem calculados, capazes de quebrar um determinado equilíbrio para iniciar outro. Os Evangelhos nos oferecem pistas interessantíssimas.Várias vêzes Cristo é ameaçado de morte. Por que? Que gesto "criminoso ele fez para merecer tanto?
Querendo analisar os fatos parece até inacreditável a fraqueza de motivações aduzida pelos adversários: se trata da cura de um doente em dia de sábado(Mc.3, 6); de um levante furioso dos Nazaretanos, porque Cristo não quis operar milagres em sua própria cidade(Lc 4,29); de uma reação explosiva à limpeza dos vendilhões do templo (Lc 19,47).
O segredo está justamente na carga revolucionária de gestos aparentemente inocentes, mas na realidade carregados de significado. Eles têm uma carga ameaçadora. Não são uma resposta qualquer ao clamor do

oprimido. Não são uma resposta emotiva, assistencial, paternalistica, ingênua. Trata-se antes de uma resposta crítica e política, em vista de derrubar a causa das situações de opressão. Portanto se trata de gestos que implicam numa visão clara, num posicionamento corajoso e numa política e estratégia clarividentes.

3- OS PEQUENOS GESTOS CONCRETOS DE CRISTO

3.1 - O LEPROSO - (Mt 8,1-4)- Ao pedido de ajuda do doente Jesus "estendeu a mão, e, tocando-o, disse: Eu quero, sê purificado".O fato impressionou tanto São Francisco de Assis que elê quis abraçar um leproso.Mas o caso não é o mesmo. Francisco fez um gesto de amor que parava no doente.Cristo, além disso, desafiou uma lei desumana,que marginalizava o leproso. Tocar um impuro era um gesto proibido que tornava impuro e ilegal o transgressor.
Cristo com um gesto só, bem calculado e desafiador,se fez solidário com o leproso e ao mesmo tempo,aceita se tornar impuro(teria sido mais "prudente"curar o leproso de longe! e de ser considerado excomungado, obrigado a ficar em quarentena.

3.2 - O DOENTE DA MÃO SECA - O fato é relatado por Mateus(12,9-14),Marcos(3,1-6) e Lucas (6,6-11 Jesus cura um doente em dia de sábado na sinagoga. Parece uma coisa insignificante,mas não o é. Cristo podia curar o doente fora da sinagoga e numa sexta-feira. A ocasião é formidável por Cristo que, com um só gesto:

- mostra o seu amor a um irmão necessitado;
- proclama que não há verdadeiro culto a Deus se esquece do homem. A lei, a mais sagrada, só tem o sentido de serviço ao homem(o sábado é para o homem).
- o homem, sobretudo o marginalizado por leis humanas, é recolocado no centro. Todos conhecem o rígido esquema piramidal da sinagoga. O livro sagrado no centro, depois os

anciãos, os homens, as mulheres e as crianças,os marginalizados. Estes não tinham direito nenhum. Cristo chama um deles para que pule as divisórias e se coloque no meio, no lugar da Bíblia Sagrada. Era Demais! A reação por esta teimosia, que quebrava todos os esquemas da sociedade, foi imediata e geral". "Fariseus e herodianos imediatamente conspiraram contra ele sobre como o matariam" (Mc 3,6).

3.3-A SAMARITANA - (João 4,1-42).

É um verdadeiro fato revolucionário contra todo o tipo de discriminação. Com un gesto bem calculado, Cristo, além de um encontro pessoal com um ser humano sedento de amor e de carinho, derruba, contemporaneamente, quatro barreiras. A Samaritana era mulher estrangeira, pecadora, herege. Conhecemos a atitude machista, nacionalista, intolerante dos hebreus. Estes tabus deviam ser tão rígidos e esmagadores que o próprio Cristo não se sentia tomar uma atitude contrária.

Tanto assim, que quando pela primeira vez, Cristo decidiu quebrar estas correntes, os apóstolos ficaram escandalizados (Jo 4,27).

Um homem não podia impunemente, falar a sós, com uma mulher, além do mais de má fama, sem prejudicar a sua honra. Com o gesto simples de falar a uma mulher,Cristo se coloca contra todas as discriminações machistas, racistas, religiosas. Um gesto que podia lhe custar caro! Gesto comprometidor e explosivo. Doravante Cristo não terá medo de mostrar a sua atitude diferente frente à mulher: cf. a adúltera (João 8,1-11): a prostituta na casa de Simão (Lc 7,36-50); as mulheres admitidas na sua turma, inclusive Maria Madalena, de quem tinha expulso sete demônios; (Lc 8,1-2), Marta e Maria (Lc 10,38-42; João 11,ss; 12,1-8).

3.4- A MESA COM OS RICOS - São conhecidas as afirmações de guerra de Cristo contra as riquezas. Elas são irredutíveis a Deus e ao Reino(cf.Lc 6,24;16,13;12,33-34; Mt.6,24; 19,21-26).
Mas... e os ricos? Qual é o comportamento de Cristo com eles? Com certeza Cristo deve ter-se posto o problema. Como penetrar no coração deles sem amolecer na sua luta contra o ídolo das riquezas? Como amar os homens e condenar as suas injustiças?
De novo os gestos de Cristo não são inocentes. Eles Carregam uma força à primeira vista invisível,mas que atinge inexoravelmente o alvo almejado. Então, recusar o convite dos ricos? A Aceitar?



No primeiro caso o perigo é perder o contato; no segundo é de ser facilmente instrumentalizado. Cristo vai, mas cumpre gestos que tiram qualquer dúvida a respeito da intenção dele.
É interessante o fato narrado por Lucas(11,33-54). Cristo é convidado à mesa, e vai, mas decidido a fazer um gesto desafiador. Ele sentará à mesa sem fazer as abluções rituais. Seria como se um padre, convidado, se recusasse a rezar ou benzer, acrescentando para quem manifestasse ressentimento: "Não vou benzer comida roubada."
- A afronta do Cristo foi considerada tamanha que "quando ele saiu de lá, os escribas e os fariseus começaram a perseguí-lo terrivelmente e a cercá-lo de interrogatórios a respeito de muitas coisas, armando lhe cidades para surpreenderem uma palavra se sua boca" (Lc 11,53-54).

3.5- A BRIGA ESCANDALOSA NO TEMPLO - Imaginemos que um "exaltado" qualquer entre num santuário num dia de festa e comece a desarrumar tudo, chamando a todos de "ladrões". O efeito de Cristo quando revirou as mesas dos cambistas deve ter sido o mesmo.

Lucas diz claramente que Cristo, depois de ter pregado e agido na Galiléia, decide atacar o poder onde ele estava concentrado, em Jerusalém(Lc9,11-... "ele tomou resolutamente o caminho de Jerusalém"). Os esforços de Jesus para falar ao coração da cidade "santa", da sua Pátria, não tiveram efeito nenhum. "Quantas vezes eu quis reunir os teus filhos como a galinha recolhe os seus pintinhos debaixo das suas asas, mas não quiseste!"(Lc13,34).Frente a esta insensibilidade da sua cidade Jesus chorou" (Lc. 19,41).

Mas Jesus não se contenta só com um choro estéril. O amor de Cristo não pode ser sentimentalismo. Ele se torna ação. Portanto decide golpear o pecado de Jerusalém no seu coração, no Templo, o verdadeiro centro do poder político econômico, a que a religião muitas vezes só dava cobertura e legitimação.Foi uma verdadeira briga (Lc.19,45-46)

Os fariseus ficaram furiosos: "Com que autoridade faz estas coisas, ou quem é que te concedeu esta autoridade?" (Lc.20,2). Jesus não entra na armadilha: só responderá depois deles se manifestarem em dizer com que autoridade agia João Batista. A ira é tal que os escribas procuraram fazê-lo perecer,bem como os chefes do povo" (Lc.19,47).

Mas eles não conseguem tapar a boca de Jesus que acrescenta a parábola dos vinhateiros homicidas (Lc. 20,9-19). Saibam eles que "a pedra que eles estão rejeitando se tornará pedra angular" (Lc20,17). "Aquele que cair sobre essa pedra vai se quebrar todo, e aquele sobre quem ela cair, ela o esmagará" (Lc.20,18). "Os escribas e os sumos sacerdotes procuravam deitar as mãos sobre ele naquela mesma hora. Tinham percebido que ele contara esta parábola a respeito deles"(Lc.20,19). Só não fizeram nada por medo do povo. Mas procuram lhe preparar uma armadilha. "Começaram a vigiá-lo. Pagaram alguns homens e

os mandaram fazer perguntas a Jesus. Eles deviam fingir que eram sinceros e procurar pegar Jesus em contradição. Teriam assim motivo para prender e entregar nas mãos do governador"(Lc.20,20).

"Então se deve ou não pagar impostos a César?(Lc.20, 22). Se responde "SIM" ele será apresentado ao povo como um traidor vendido aos romanos;se responde "NÃO ele será acusado ao governador como um subversivo.Jesus consegue ainda uma vez se sair, afirmando, aliás uma voz, incompatibilidade entre o Reino e o Poder. Mas a horas de Cristo estão contadas. Quem se rebela ao sistema deve perecer.

CONCLUSÃO:

A praxis de Cristo não é quantitativa. Ela é mais qualitativa. Cristo não estava interessado em fazer "muitas" coisas, mas coisas significativas","questionadoras", "explosivas". É claro que o próximo deve ser amado em si mesmo e não instrumentalizado.De fato, ninguém amou como Jesus.

Mas, amando, ele escolhe gestos "desafiadores",desestabilizadores" do sistema. Cristo era "inteligente". Podendo mostrar a um doente o seu carinho em duas maneiras diferentes, ele escolhe aquela que mais atingia o mal na sua raiz: destruía a lepra (gesto ótico) e mais, destruía a marginalização em que o leproso estava mergulhado (gesto político). Ele aceita o convite dos ricos, não corta o contato com eles (atitude ética), mas se comporta criticamente,disposto a questionar e até criar casos (atitude política).

Ele chora sobre a sua cidade, mas não para na choradeira. Ele parte para a ação.

A Igreja é chamada a ser sinal e continuação de Cristo e das suas atitudes. Ela trabalhou e trabalha. Pode até ser acusada às vezes de superativismo.

Mas ela deve se interrogar qual é a sua praxis! Ela reforça ou quebra o ativismo? Põe gestos, não importa se pequenos,mas carregados de conversão para o mundo novo, questionadores do mundo velho? Ficar cansado pelo muito fazer não é tudo, precisa se questionar que tipo de praxis é a nossa. Só uma praxis semelhante à de Cristo pode mudar o mundo e encaminhar à realização do REINO.

ATENÇÃO: Encontro Nacional da Fraternidade

de 22 a 28 de janeiro de 1988

Em Arrozal - Volta Redonda

Com a presença de D.Valdir Calheiros.

Responsáveis por região, no Brasil

Região Norte - Jayme de Moura Pereira
Rua Major Cornélio, 568
68786 - Santo Antonio do Tauá - Pará
Região Nordeste: Pe.Antonio de Oliveira
Pça.da Revolução, 49 - Periperi
40000 - Salvador - Bahia
Região Centro - Pe.José Bizon
Rua Mariazinha Vicenzotto, 41
Região Sul - Pe.Edson Damian
Casa Paroquial
97210 - Formigueiro - R.S
Tesoureiro - Pe.Freddy Goven
Rua Dr. Manoel Vitorino, 369
48100 - Alagoinhas - BA


CEDIM
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
UERJ

SECRETARIADO INTERNACIONAL
CRISTIANO DE SOLIDARIDAD CON AMERICA LATINA,
"OSCAR A. ROMERO"

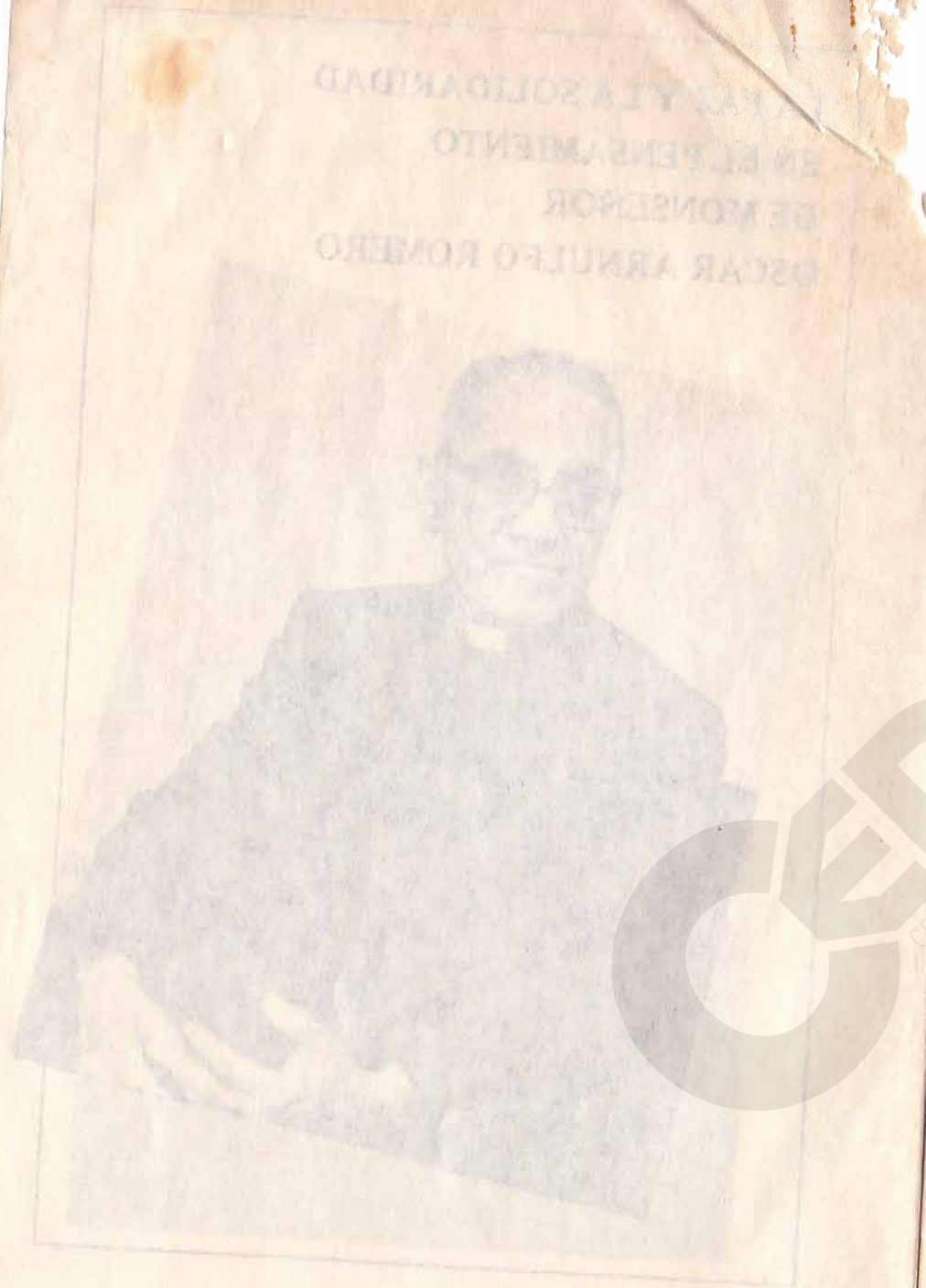
COLABORARON

Margarita Rojas, Raquel Saravia, Ana Isabel Enrriquez,
Diágramación, Oscar garcía.

OFICINA SEDE: Roma 1-203 Col. Juárez 06600 México, D.F. Tel. 703 25 54
Apdo. Postal 61-122 Col. Juárez 06600 México, D.F.

LA PAZ Y LA SOLIDARIDAD EN EL PENSAMIENTO DE MONSEÑOR OSCAR ARNULFO ROMERO





LA PAZ

"LA PAZ QUE AQUI PREDICAMOS ES LA PAZ DE CRISTO DE LA QUE EL DIJO QUE SIEMBRA DIVISION"
(Homilía 3er. Domingo de Pascua, 9.4.78)

Los cristianos hacemos campañas de oración por la paz. Poderosos y oprimidos hablan de paz. Existen organizaciones que luchan por la paz, pero ¿Qué es la paz? ¿Cómo se está negando en la práctica? ¿Cuál es la reconciliación entre los hombres que traiga la paz? ¿Puede la paz ser el resultado de un tipo de violencia? ¿Cuáles son las tareas de los cristianos por esta noble causa? ¿Quiénes tendrán la última palabra en la historia: los que propician la guerra o quienes luchan por la paz?

El objeto de este cuadernito es encontrar algunas pistas de respuesta a estas y otras interrogantes, en la palabra del Obispo Mártir, asesinado, mientras celebraba la Eucaristía, el 24 de marzo de 1980, precisamente cuando acababa de decir: "Que este cuerpo inmolado y esta sangre sacrificada por los hombres, nos alimenten para dar justicia y paz a nuestro pueblo".

¿QUE ES LA PAZ SEGUN MONSEÑOR ROMERO?

"La alegría dinámica de un Dios de Paz, que precisamente por ser un Dios de paz construye, se desparrama –diríamos– en bondades, realiza la pluriforme maravilla de la creación" (2).

Es por tanto acción, construir algo nuevo, colaborar con Dios en continuar su obra creadora de un mundo que merezca que El lo bendiga, es decir que diga que está bien hecho.

¿CUANDO NO SE PUEDE HABLAR DE PAZ?

"No es el equilibrio del terror, no es silencio de los cementerios, no es producto de violencia y de represión que calla" (2.5.7).

Paz no existe cuando a un pueblo atropellado en sus derechos, marginado de la política y del gobierno de su nación, se le reduce al silencio y a la pasividad por medio de la violencia institucionalizada.

¿CUAL ES LA RECONCILIACION QUE TRAE LA PAZ?

"Que quienes no tienen sentimientos de paz porque tienen mucho egoísmo en su corazón, se conviertan al amor; quienes están lejos de la paz porque tienen sus manos manchadas de sangre y de crímenes, se laven en el arrepentimiento y sientan también que para los pecadores y criminales hay paz cuando hay arrepentimiento y amor" (3).

Reconciliación no es el abrazo de paz entre explotadores y explotados, si antes no se renuncia de parte de los poderosos a seguir oprimiendo y explotando a los pobres.

¿QUE TRAERIA ESTA RECONCILIACION PARA LOS POBRES?

"Que se haga efectivo un nuevo modo de vivir, respetando los derechos del hombre: derecho natural a participar en la política y en el gobierno de los pueblos, para trabajar por el bien común" (4.7).

Las riquezas y el poder político tendrían que repartirse entre todos, para que no estén al servicio de unos pocos privilegiados, sino de todos.

¿COMO TENEMOS QUE RESPONDER LOS CRISTIANOS PARA SER CONSTRUCTORES DE UN MUNDO DE PAZ?

"Aquel que reclame contra la injusticia del sistema actual, contra los atropellos de una autoridad abusiva, contra los desórdenes de los hombres, explotando a los hombres, todo aquel que luche desde la resurrección del gran Libertador, sólo ese es auténtico cristiano" (5).



No es suficiente promover campañas de oración por la paz. Es necesario fortalecer la organización de obreros, campesinos y de todos los sectores del pueblo para que su lucha sea efectiva.

¿PUEDE LA VIOLENCIA PRODUCIR LA PAZ?

"La Iglesia cree en la paz; pero sabe muy bien que la paz no es ni ausencia de violencia, ni se consigue con la violencia represiva" (6).

Los poderosos llaman violencia el levantarse de los pobres en contra de siglos de opresión, explotación y represión violenta.

¿CUANDO ES LEGITIMA LA VIOLENCIA DE LOS POBRES?

"Sus juicios (los de la Iglesia) sobre la violencia que turba la paz, no pueden desatender los postulados de la justicia. Sus juicios son diferentes según las diferentes formas de violencia, de tal manera que la Iglesia no puede afirmar en forma simplista, que condena todo tipo de la violencia" (9).

La violencia de los pobres no puede condenarse cuando se hace en legítima defensa para salvar muchísimas vidas amenazadas por un sistema de muerte para las mayorías.

¿ESTAN DADAS LAS CONDICIONES PARA QUE LA VIOLENCIA DE LOS POBRES SEA LEGITIMA?

"Cuando una dictadura atenta gravemente contra los derechos y el bien común de la nación, cuando se torna insoportable y se cierran los canales del diálogo, el entendimiento, la racionalidad, cuando esto ocurre, entonces la Iglesia habla de legítimo derecho a la violencia insurreccional" (10).

Los pobres han probado todos los medios legales y pacíficos: marchas, manifestaciones, huelgas, ayunos, diálogo y a todo se les responde con la violencia represiva.

¿QUE PROYECTO TENDRA LA ULTIMA PALABRA EN LA HISTORIA: EL DE LA VIDA O EL DE LA MUERTE?

"La lucha de la oligarquía por defender lo indefendible no tiene perspectiva. La paz de los cementerios no la puede obtener la oligarquía frente a un pueblo como el nuestro" (10).

La fe no admite como desenlace final el triunfo del mal, del odio, del desamor, del pecado, en contra de aquellos a quienes Jesús declaró poseedores del Reino.

¿QUE TENEMOS QUE HACER, ENTONCES?

"Es tan útil para los cristianos EN COMUN el trabajar por la dignidad humana, por la promoción de la paz en la justicia, la aplicación social del Evangelio. . ." (4).

La fuerza invencible de los pequeños por la vida está en su lucha EN COMUN, es decir organizados y motivados por la fuerza de la Buena Noticia de su liberación traída por Cristo.

EL 'PADRE NUESTRO' NO SE HA REZADO EN BALDE. CUANDO A LA PAR SE LUCHA POR ALCANZAR LA PAZ.

"Vendrá ese Reino de Justicia, vendrá ese Reino de paz, no nos desanimemos, aún cuando el horizonte de la historia como que se oscurece y se cierra, y como si las realidades humanas hicieran imposible la realización de los proyectos de Dios" (1).

Tener fe en Jesús es tener fe en la fuerza de los pobres en donde El está presente y a quienes ha entregado su Espíritu de fortaleza como fruto de su muerte y resurrección.

Los extractos sobre "la paz" fueron tomados de:

1. **Homilía de la Vigilia de Navidad, 24.12.77.**
2. **Homilía Celebración de Fin de Año, 31.12.77.**
3. **Homilía de la Epifanía, 6.1.78.**
4. **Homilía del 3er. Domingo del Tiempo Ordinario, 22.1.78.**
5. **Homilía del 3er. Domingo de Cuaresma, 26.2.78.**
6. **Homilía del 2o. Domingo de Pascua, 2.3.78.**
7. **Homilía del 3er. Domingo de Pascua, 9.4.78.**
8. **Homilía del 2o. Domingo de Resurrección, 26.3.78.**
9. **Cuarta Carta Pastoral, 6.8.79.**
10. **Entrevista a Prensa Latina, 15.1.80.**

LA SOLIDARIDAD

"Para devolver a los pobres su dignidad y animarles a que ellos sean autores de su propio destino" (17).

Para Monseñor Romero la solidaridad está fincada en el amor, que para los cristianos está cristalizado en Jesús, que "quiso ser precisamente el ejemplo de un oprimido, bajo un imperio poderoso, bajo una clase dirigente de su pueblo, que lo despedazó en su fama y en su honor y lo curcificó" (9).

El Obispo Mártir no sólo predicó desde su tribuna de Pastor de la Arquidiócesis de San Salvador; su Testimonio de ofrendar su sangre en este ser solidario hasta sus últimas consecuencias, lo hizo sobrepasar las fronteras para convertirse en el Profeta a nivel latinoamericano y mundial.

De la riqueza de sus pronunciamientos públicos entresacamos también líneas de respuestas a las interrogantes de ¿qué es la solidaridad? ¿Qué cualidades debe tener? ¿Cómo se concretiza en la práctica? ¿Quiénes son los enemigos de la solidaridad entre los pobres? ¿Quiénes son sus destinatarios? y otras más.

Dejemos, pues, que su palabra ilumine las tinieblas de un mundo dividido.

¿QUE ES LA SOLIDARIDAD SEGUN MONSEÑOR ROMERO?

"Es acercarse a los problemas, angustias y alegrías de los demás. Dar ánimo, orientación, esperanza y una palabra de Conversión. Es comprometerse en la defensa de los pobres. Es construir un Reino de Dios que sea sólido, íntimo, santo, en el seno de una comunidad" (1.4.17).

Solidaridad no es paternalismo, es no pretender "suplantar el necesario esfuerzo de la razón humana en buscar soluciones concretas y viables a nuestros graves problemas" (1.2).

¿COMO DEBE SER ESTA SOLIDARIDAD DEL CRISTIANO?

"No está condicionada a determinadas organizaciones, llámense cristianas o no, estén protegidas legal o realmente por el gobierno u opuestas a él. Sólo interesa que el objetivo de la lucha sea justo para apoyarlo desde la fuerza del Evangelio" (6).

El Cristiano no puede ser sectario en la práctica de su solidaridad porque "los intentos libertarios de los hombres y de los grupos aun sin profesarse cristianos son impulsados por el Espíritu de Jesús" (6).

¿ES LA SOLIDARIDAD UNA TAREA SIEMPRE AGRADABLE?

"Tengo el deber para con las organizaciones políticas populares aun cuando ellas desconfíen de mí. Mi deber es defender su derecho de organización, apoyar todo lo justo de sus reivindicaciones" (16).

"Algunos sólo juzgan por fuera una ocupación del templo. Es ciertamente molesta, pero cuando uno mira por dentro comprendemos que la Iglesia necesita vivir siempre en emergencia" (18).



¿COMO SOMOS SOLIDARIOS EN LA PRACTICA?

"Exige una mayor inserción entre los pobres, hasta en sus riesgos y en su destino de persecución.
Las Comunidades Eclesiales de Base son un medio pastoral muy eficaz en esta inserción evangélica de la Iglesia en nuestro pueblo" (15).

"Hay que superar la indiferencia entre muchos que se colocan como meros espectadores ante la terrible situación sobre todo el campo" (10).

¿QUIENES IMPIDEN LA SOLIDARIDAD ENTRE LOS POBRES ?

"Las organizaciones que representan una voz discordante a la del gobierno, encausada a través de organizaciones gremiales o campesinas se ven, de hecho, dificultadas o simplemente imposibilitadas de ejercer su derecho de organizarse legalmente, a trabajar por sus objetivos" (16).

Pero también hay enemigos de fuera que bajo la piel de la solidaridad esconden sus propósitos de destruir las esperanzas del pueblo. A ellos se dirigió Monseñor Romero: "si de verdad quiere defender los derechos humanos, prohiba se dé ayuda militar al gobierno salvadoreño" (18).

CUIDADO CON CAER EN LA TRAMPA DE QUIENES DESPRESTIGIAN A LOS QUE LUCHAN POR LA JUSTICIA

"Tengamos oídos con esta ética de discernimiento del amor para saber oír en la voz del campesino que se muere de hambre, no un terrorista sino un hermano que está necesitando la voz, la ayuda del que puede dar" (19).

"Los fallos están no en que sean subversivos o maleantes o resentidos sociales, los fallos están en que son perseguidos, masacrados, dificultados en sus intentos de ampliar sus relaciones con otros grupos democráticos" (19).

¿QUIENES DEBEN SER LOS DESTINATARIOS DE NUESTRA SOLIDARIDAD?

"El enfermo que parece un inútil para la sociedad, los hambrientos, los más pobres, débiles y marginados, el más desvalido de aquellos que sin la ley son más fácilmente presa de los poderosos" (6.7.).

Los pobres son débiles si están solos. Su fuerza es la organización. Solidaridad es, pues, "proteger a los débiles, razón principal de las leyes y de la organización" (6).

¿QUE HACER ANTE EL RETO DE UN MUNDO INJUSTO, DESIGUAL, EN DONDE DOMINAN LAS FUERZAS DEL MAL?

"Hay que luchar por las justas reivindicaciones, pero mientras no llega ese mundo mejor, saber que ya se es redentor si se ofrece desde el fondo del corazón por la conversión de las injuscias, por la construcción de un mundo como el que Cristo soñó" (13).

"Qué hermoso sería el mundo el día en que los hombres pusieran toda la plenitud de su desarrollo, toda la grandeza de sus ideales en darse a los demás" (14).

Los extractos sobre la solidaridad fueron tomados de:

1. **Homilía enAguilares, 19.5.77.**
2. **2a. Carta Pastoral, 6.8.77.**
3. **Homilía 3er. Domingo de Adviento, 11.12.77.**
4. **Homilía 4o. Domingo de Adviento, 18.12.77.**
5. **Homilía en San José Quezaltepeque, 19.12.77.**
6. **3a. Carta Pastoral, 6.8.78.**
7. **Homilía 3er. Domingo de Cuaresma, 12.2.78.**
8. **Homilía 4o. Domingo de Cuaresma, 19.3.78.**
9. **Homilía 2o. Domingo de Resurrección, 26.3.78.**
10. **Homilía 2o. Domingo de Pascua, 2.3.78.**
11. **Homilía 6o. Domingo de Pascua, 30.4.78.**
12. **Homilía del Jueves Santo, 12.4.79.**
13. **Homilía del Viernes Santo, 13.4.79.**
14. **Homilía 2o. Domingo de Pascua, 20.5.79.**
15. **Cuarta Carta Pastoral, 6.8.79.**
16. **Homilía del 16.12.79.**
17. **Discurso con motivo del doctorado Honoris Causa conferido por la Universidad de Lovaina, 2.2.80.**
18. **Homilía del 6o. Domingo del tiempo ordinario, 17.2.80.**
19. **Homilía del 23.2.80.**
20. **Ultima homilía en el aniversario de la muerte de la Sra. Pinto, 24.3.80.**

MARÇAL TUPÃ-Y



Foto. Paulo Suess

Líder Guaraní assassinado em 25.11.83, por defender seu povo

"A nossa voz é embargada por aqueles que se dizem dirigentes desse grande País. Eu deixo aqui o meu apelo, apelo de 200 mil indígenas que habitam e lutam pela sua sobrevivência nesse País tão grande e tão pequeno para nós".

Marçal Tupã-y

CIMI

MARTIROLOGIO DE CENTRO AMERICA





COORDINADORA
REGIONAL C.A.

GUATEMALA:

Masacre de la Embajada de España

31 DE ENERO DE 1980.



Vicente Menchú.
63 años.
Catequista indígena.

Y demás compañeros mártires.

Desde hacía 4 años, los indígenas de Chajul, Nebaj, San Pablo el Baldío, Chimel, Uspantán, Cotzal y otras aldeas de El Quiché, venían soportando la ocupación militar de sus comunidades. El ejército perseguía a sus líderes, a muchos los secuestraba, torturaba y desaparecía, a sus mujeres, niñas y ancianas las violaba y asesinaba, sus casas y milpas eran quemadas, sus títulos de propiedad robados... Ellos sólo reclamaban el derecho a la vida y a la tierra y el ejército les respondía con la represión y la muerte.

Para denunciar esta situación en que vivían, se organizaron varios campesinos, bajaron a la capital de Guatemala, llamaron a las puertas del Congreso, los Ministerios, Organismos de Derechos Humanos. El gobierno los amenazaba con no tolerar más denuncias y los acusaba de subversivos y comunistas.

El 31 de enero de 1980, los campesinos entraron pacíficamente a la Embajada de España, acompañados por algunos obreros y estudiantes. Querían pedirle al Embajador que intercediera ante el Gobierno de Guatemala para que terminara la represión que sufrían.

El Embajador aceptó mediar con el Gobierno y se comunicó con las autoridades para tratarlo en forma pacífica. Poco después 600 hombres de las fuerzas armadas rodearon el edificio y lanzaron bombas al interior de la Embajada. Doce minutos bastaron para ahogar en cenizas la voz del pueblo.

Ese día murieron ventiún indígenas representantes de sus comunidades, obreros, estudiantes y funcionarios de la Embajada.

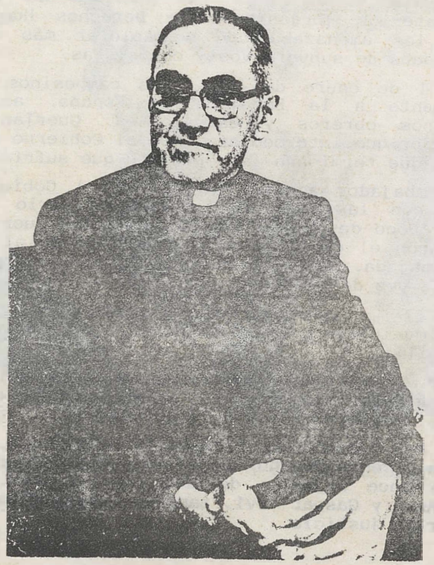
Sólo el Embajador pudo salvarse y uno de los campesinos, que fue llevado al hospital, pero esa misma noche fue asesinado y apareció su cadáver al otro día.

Con sus compañeros, la mayoría cristianos, murieron aquel día Vicente Menchú, catequista indígena de Chimel, padre de once hijos y de una familia mártir, María Ramírez Anay y Gaspar Viví, también catequistas y luchadores por la justicia.

EL SALVADOR:

Monseñor Oscar Arnulfo Romero.

Arzobispo.
63 años.
24 de marzo de 1980.



Oscar Romero nació el 15 de agosto de 1917 en Ciudad Barrios, departamento de San Miguel.

Su padre, Santos Romero, era telegrafista y su madre Guadalupe de Jesús, una santa.

La primera educación fue con los Padres Claretianos. Los estudios eclesiásticos los concluyó en Roma, en la Universidad Gregoriana, habiendo sido alumno del Colegio Pío Latino Americano.

Ordenado el día 4 de abril de 1942, ejerció su ministerio en el país, como párroco, rector de la Catedral, Director de Seminarios, Obispo Auxiliar de Mons. Luis González y Chávez, a quien sustituyó en la sede Metropolitana de El Salvador el 22 de febrero de 1977.

El día 24 de marzo de 1980, muerto y resucitado, baleado mortalmente en el altar de la capilla de la Divina Providencia.

Amigo, hermano y padre para el pueblo más pobre y marginado, sabe recoger su dolor y su esperanza como nadie. El pueblo escucha cada domingo su predicación de la Buena Nueva y su denuncia de todo pecado personal y social. Aprovecha el reconocimiento internacional para denunciar ante el mundo la situación de su pueblo. Es esta denuncia que le cuesta la vida, en su última homilía del domingo 23, exhorta a las fuerzas represivas "Ningún soldado está obligado a obedecer una orden contra la ley de Dios que dice: No matarás... Les suplico, les ruego, les ordenó en nombre de Dios: Cese la represión".

El mismo Arzobispo lo había previsto por lo que había dicho días antes: "pueden matarme, pero quede bien claro que la voz de la justicia nadie la puede hacer callar... Si me matan, RESUCITARE EN LA LUCHA DEL PUEBLO".

Así, el Obispo Casaldáliga dedica a Monseñor Romero pastor y mártir un bello trozo literario en que concluye

"San Romero de América, pastor y mártir nuestro,
nadie hará callar tu última homilía!

HONDURAS:

MASACRE DE LOS HORCONES.

25 DE JUNIO DE 1975.



Jerónimo Cypher
Sacerdote Franciscano.
35 años.

Iván Betancourt
Sacerdote Diocesano
30 años.

Bernardo Rivera
María Elena Bolívar
Roque Andrade
Arnulfo Gómez
Alejandro Figueroa
Lincoln Coleman

Oscar O. Ortiz
Francisco Colindres
Juan B. Montoya
Máximo Aguilera
Ruth García

25 de junio de 1975
Olancho.

El Padre Iván, sacerdote colombiano llegó a Olancho para trabajar con los campesinos que sufrían grandes dificultades e injusticias. Era incansable y alegre en su trabajo pastoral, de oración profunda y capaz de dar la vida en su lucha por la justicia.

El Padre Jerónimo, Michel "Casimiro" era un sacerdote franciscano, venido de los Estados Unidos. Fue a trabajar a una región distante de todo centro político estaba siempre ayudando a los otros, daba un testimonio grande de pobreza y entrega.

Ambos sacerdotes eran apoyados por el Obispo Antonio, que también tenía un compromiso con los pobres. El testimonio de Iván y Casimiro con el trabajo de conscientización que se realizaba a través del Instituto "18 de Febrero" y de la Unión Nacional de Campesinos, resulta intolerable para los terratenientes, que quieren mantener sus privilegios a costa del hambre y miseria de los campesinos.

En el año 75 se estaban dando diversas represiones de la policía y el ejército, se había suspendido una "Marcha de Hambre" y reprimido hasta con la muerte a los responsables de su preparación.

El 25 de junio el Padre Jerónimo había ido a la ciudad de Olancho a comprar remedio para un campesino enfermo, fue agarrado por los terratenientes que estaban tramando venganza contra la Iglesia, el Obispo y los Padres, por estar al lado de los pobres.

La masacre, preparada hasta en sus detalles, fue dirigida por un terrateniente y miembros del ejército. Los dos padres y 12 laicos más son llevados a la hacienda "Los Horcones" y allí asesinados uno por uno, con disparos en la cabeza y sus cuerpos enterrados a 29 metros de profundidad, un un pozo, que fue destruído enseguida por bombas y rellenado por un tractor.

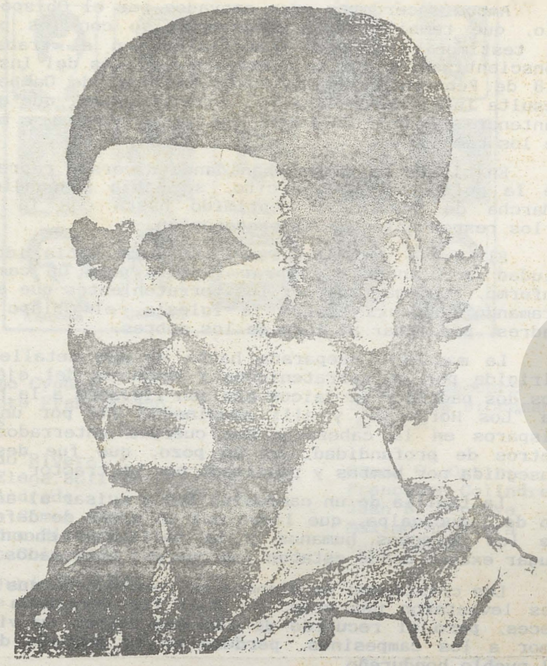
La familia de un campesino fue a avisar al arzobispo de Tegucigalpa, que llegó con un grupo de defensores de los derechos humanos y la policía y encontró el lugar exacto donde estaban los cuerpos enterrados.

Los cristianos de Olancho en recuerdo de sus mártires levantaron una cruz, la cual fue derribada varias veces, pero el recuerdo de los que dieron su vida por amor a los campesinos, perdura en la memoria de todo el pueblo hondureño.

NICARAGUA:

Gaspar García Laviana.

Sacerdote.
37 años.
11 de diciembre de 1978.



El 11 de diciembre de 1978 Gaspar cayó en combate, siendo miembro del Estado Mayor del Frente Sur.

Nació en 1941 en Asturias, España, hijo de un minero. Se ordenó sacerdote en la orden del Sagrado Corazón. En Madrid fue sacerdote obrero, trabajando en una carpintería de barrio.

Cuando su Congregación pidió voluntarios para ir a Nicaragua, él fue el primero en ofrecerse y fue destinado a la parroquia de San Juan del Sur. Le tocó -dice él- una parroquia de 600 km: "Todos analfabetas, sin escuelas, sin comida, sin casas, sin nada, ¡vamos!

Le duele el sufrimiento del campesino y a él dedica varios poemas, como el siguiente fragmento, que es un grito de denuncia.

Me hieren
tus mortajas
prematuras
de hambre
serena...

Me hieren
tus ojos
humilladas
hendiendo
la tierra...

Me hieren
tus plantas
desnudas
cuando pisan
las piedras...

Durante su trabajo pastoral, lucha constantemente contra la explotación en que vive su pueblo de adopción. Expulsado dos veces del país. La última vez, en julio de 1978, su estancia en España le sirve para madurar su decisión de incorporarse al Frente como combatiente. Ingresa clandestinamente a Nicaragua, escribe una carta a sus feligreses y otra a los religiosos y sacerdotes, explicando las causas de su opción.

Desde entonces, es el "Comandante Martín", apreciadísimo en el campamento por su alegría, por ser el primero en el combate y el último en la retirada. Sacerdote hasta el final, sus superiores nunca lo pusieron en la disyuntiva de elegir entre el sacerdocio y la lucha armada por la liberación de su pueblo.

"En mi vida he encontrado dos comunidades bien distintas, pero ambas apasionantes: la religiosa, donde siento que me quieren y me respetan; y la sandinista, donde tengo amigazos del alma, donde lo compartimos todo, donde nos jugamos la vida a diario."

PANAMA.

Héctor Gallego.

Sacerdote.
34 años.
9 de junio de 1971.



Héctor Gallego de nacionalidad colombiana, llegó a Panamá en 1966, trabajando como diácono en San Francisco. Fue ordenado sacerdote en Medellín en 1967 y algunos meses después, fue nombrado primer párroco residente de Santa Fe, donde comienza un trabajo de evangelización visitando comunidades, impartiendo cursillos, donde su compromiso con los campesinos, su testimonio y su trabajo de concientización, le empezaron a ganar la sospecha y antipatía de los poderosos.

Vive en un rancho construído por cuatro palos y techo de penca, trabaja constantemente durante 4 años, organizando 64 comunidades de base, que visita asiduamente caminando entre las montañas o en una mula, que sólo la usa cuando se siente enfermo, pues dice que es muy lenta y él necesita caminar de prisa.

Una vez al mes celebra Misa de todas las comunidades, más de 1,000 campesinos que vienen de todas partes celebran así su fe, descubren la opresión y se van haciendo solidarios en la lucha.

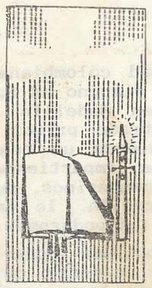
Héctor cree en la capacidad organizativa de los campesinos, organiza cursillos basados en la "Populorum Progressio" y una Cooperativa que después llevará su nombre.

El día 23 de mayo de 1971 quemaron su casa mientras dormía, se salvó por milagro. Pasó entonces a vivir en casa de un campesino amigo, Jacinto. Una noche, supuestos Guardias Nacionales lo secuestran, las autoridades nunca esclarecen el hecho. Un diario de Bogotá afirmó que fue torturado hasta morir y arrojado al mar.

Monseñor Legarra, Obispo de Veragua, escribe sobre el Padre Héctor: "No es nuevo lo que sucede. El profeta no puede morir en la cama. Durante su vida tiene que ser apedreado, despedido, olvidado... Ante todo Panamá queremos demostrar que el Padre Héctor fue un auténtico testigo del Evangelio".

Y sus seguidores, los campesinos pobres de Santa Fe de Veraguas continúan haciendo vida la frase que él usó en su vida:

"Si desaparezco, no me busquen, sigan la lucha".

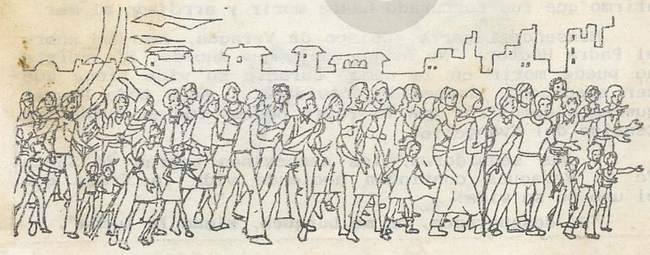


COSTA RICA.

Victor Sanabria.

Arzobispo.
15 de junio de 1952.

Arzobispo de San José. De origen campesino, muestra en sus rasgos físicos su ascendencia indígena. Historiador renombrado, pastor ejemplar y hábil político fueron sus objetivos principales la lucha por esclarecer constitucionalmente las garantías sociales y el apoyo a la organización y formación obrera. En relación con ello, logra hacer coincidir a la Iglesia y al Partido Comunista local en la polémica "alianza increíble", cuyo fin es buscar un método común de acción y un común objetivo, en concreta relación con la transformación social. Funda la Acción Católica, insistiendo en la ayuda a obreros y campesinos. Desde sus primeros documentos la "cuestión social" engloba "las cuestiones fundamentales de justicia, de caridad y de equidad cristiana".



MOVIMENTOS E SERVIÇOS DE IGREJA E A CLAT

POSICIONAMENTO DOS MOVIMENTOS E SERVIÇOS DE IGREJA LIGADOS AO MUNDO DO TRABALHO A RESPEITO DA PRESENÇA DOS CRISTÃOS NO MOVIMENTO SINDICAL E DA CLAT

Nós, os movimentos e serviços de Igreja ligados ao mundo do trabalho, preocupados com os problemas surgidos em torno do processo de implantação de uma outra tendência sindical no Brasil — CLAT: Central Latino Americana de Trabalhadores — através de nossos representantes, sindicalistas e ativistas do movimento popular, demos continuidade a um processo de reflexão, cujos frutos passamos a expor.

Este documento destina-se a informar nossos militantes de base, bem como o conjunto da Igreja e do movimento social, a respeito das preocupações que estes fatos nos suscitam.

Com toda a clareza possível, queremos desde já afirmar que, em relação à CLAT, não se trata de mover nenhum tipo de processo inquisitório ou de julgar intenções pessoais; nem mesmo desejamos dar a esta questão uma dimensão maior do que realmente merece. Temos clareza de que hoje, em nosso País, qualquer tendência sindical tem direito de implantação e crescimento. Essa mesma liberdade nos confere o direito — e, no caso, o dever — de



apresentarmos nossa apreciação ou crítica por razões que procuramos deixar claro neste texto. E o fazemos com a mesma liberdade com que apresentamos críticas às outras tendências sindicais que atuam no movimento sindical brasileiro.

Temos ainda a convicção de que os problemas aqui levantados devem ser encarados como obstáculos a se superar. É preciso ir além da crítica e do lamento. A crítica é um dos momentos do processo de construção de um movimento sindical unitário que, como cristãos, pensamos estar contribuindo com o conjunto do movimento dos trabalhadores.

IMPLANTAÇÃO DA CLAT NO BRASIL

Não é nova a tentativa da CLAT de estabelecer-se no Brasil. Já antes mesmo de 1964, ela mantinha vinculação com algumas federações e entidades sindicais no país, bem como com os Círculos Operários Católicos e sua Confederação (Confederação Brasileira dos Trabalhadores Cristãos). Por ocasião do golpe militar de 1964, a CLAT desfilia os Círculos Operários, pelo fato destes terem apoiado o golpe.

A partir de 1981, a CLAT volta a investir no Brasil criando, como forma de sua existência legal no país, o IPROS (Instituto de Promoção Social), um centro de formação com sede em São Paulo.

Mais recentemente, a CLAT retoma com novo empenho seu processo de implantação, dando-se conta da importância do País no Continente, do processo de renovação que ocorre dentro do movimento sindical e, sobretudo, observando a forte participação da Igreja e dos militantes cristãos nesse processo.

Como fatos relevantes do seu modo de atuar, é preciso destacar a crescente intervenção de membros do IPROS em visitas a sindicatos e organizações da Igreja, das mais diversas regiões do País, promovendo seminários de formação e viagens de intercâmbio.

Três acontecimentos recentes merecem destaque:

1. A realização da Conferência intitulada "Ensino Social da Igreja e o Mundo do Trabalho na América Latina dos anos 80", numa promoção da CLAT com o patrocínio do CELAM, nos dias 28 de janeiro a 1º de fevereiro de 1985, na Venezuela. Esta conferência reuniu 21 bispos (4 do Brasil), 20 padres e peritos, 55 dirigentes sindicais.

2. A realização, no Rio de Janeiro, em dezembro de 1985, da III Conferência Latino-Americana de Trabalhadores.

3. O conselho dessa conferência decidiu criar a COORDENAÇÃO AUTÔNOMA DOS TRABALHADORES (CAT) com o objetivo, explicitado pelos próprios dirigentes da CLAT de atuar em bloco, como tendência, dentro das duas principais centrais sindicais existentes no Brasil, com ênfase

especial na atuação dentro da CUT (Central Única dos Trabalhadores).

OBJETIVOS, PRÁTICAS E PERSPECTIVAS IDEOLÓGICAS DA CLAT

Segundo textos e declarações de seus dirigentes, a CLAT pretende ser "um projeto e uma alternativa" para o sindicalismo latino-americano. Ela tem os seguintes objetivos:

1. Construir um espaço novo para a realização de um sindicalismo livre, autônomo e democrático. É bom notar que estes princípios fazem parte do discurso de toda e qualquer central sindical. Desse modo, a CLAT não diz nada de novo e extraordinário.

2. Criar espaço — desconhecendo o espaço natural criado pelos próprios trabalhadores cristãos através de seus movimentos e pastorais — para a articulação dos cristãos envolvidos no movimento social. Este espaço deveria servir para capacitar e articular a ação destes cristãos, tendo como base de referência a Doutrina Social da Igreja. A CLAT faz uma interpretação bastante restrita (na linha da tendência da Democracia Cristã) da Doutrina Social da Igreja, pretendendo que essa interpretação seja a única autêntica.

No nosso modo de ver, a CLAT se limita a denunciar e lamentar, mais por palavras, a exploração e opressão na América Latina, sem chegar a analisar na devida profundidade as causas estruturais dessa situação. Por não querer ir a fundo nas contradições econômicas e a luta entre classes dentro da sociedade capitalista, a CLAT desenvolve mais, na sua análise, a dominação cultural.

Portanto, a CLAT não tem perspectivas de soluções precisas e muito menos uma estratégia concreta de luta. Acredita mais nas soluções negociadas entre cúpulas (políticas, econômicas e religiosas) do que nas lutas cotidianas dos trabalhadores. Enquanto ela defende, teoricamente, a unidade sindical, na prática, a CLAT chega a multiplicar em todos os níveis e setores (jovens, camponeses, bairros, Defesa dos Direitos Humanos, sindicatos, etc.) estruturas paralelas que dividem e enfraquecem o movimento sindical e popular. Assim, constatamos que a CLAT tem, de fato (não em discurso), uma prática divisionista. Sem bases reais, essas suas estruturas, muitas vezes, são vazias.

Em seu discurso, a CLAT faz propostas aparentemente avançadas e até radicais que, num primeiro momento, podem atrair algumas pessoas. Assim, alguns dirigentes da CLAT, usando como pretexto os valores cristãos do povo latino-americano, propõem como alternativa, política e social, um certo "Socialismo democrático auto-gestionário". Mas, ela recusa a atuação, a estratégia e os meios para lá chegar. Na sua prática, a CLAT parece mais empenhada numa luta contra a "penetra-

ção" – diz ela – do marxismo e do comunismo na América Latina, do que contra a opressão capitalista. Em muitos casos, a CLAT chega a fazer o jogo dos poderes estabelecidos, como veremos adiante.

AS TÁTICAS DE AÇÃO DESENVOLVIDAS PELA CLAT

Para analisar a tática de ação desenvolvida pelos representantes da CLAT no Brasil e na América Latina, baseamo-nos em inúmeros depoimentos de sindicalistas brasileiros, de toda nossa confiança, muitos dos quais já tiveram algum nível de contato com esta organização. Outra fonte de informação, são os documentos de fontes insuspeitas, como a PAX CHRISTI INTERNAZIONALE, o SECRETARIADO QUEBEC-AMERICA LATINA e a própria CENTRAL OBRERA BOLIVIANA (COB), uma das mais combativas centrais da América Latina. Deixamos de levar em conta documentos elaborados por entidades que, de alguma maneira, disputam espaço de atuação com a CLAT no movimento sindical, embora tais documentos, de forma alguma, sejam desprezíveis.

Os elementos principais de sua tática são:

a) a busca de aproximação com pessoas e entidades do movimento sindical, popular e eclesial;
b) a oferta de assessoria (cursos, acompanhamentos, seminários de estudos);
c) oferta de apoio financeiro (salários relativamente altos para pessoas que se liberem, ou financiamento à própria entidade e oferta de viagens de intercâmbio sindical para o exterior).

Elementos contraditórios desta tática:

1. Esta busca de contato visava, num primeiro momento, sobretudo entidades representativas e de tradição como: a ACO (Ação Católica Operária), a FNT (Frente Nacional dos Trabalhadores) e outras. Diante das dificuldades de entendimentos e da rejeição de acordo por parte destas entidades, elementos da CLAT-IPROS têm buscado, preferencialmente, o contato com sindicalistas jovens ou com entidades sindicais que ainda não se posicionaram entre os dois grandes blocos existentes no movimento sindical, CUT ou CONCLAT.

Uma das características marcantes desse processo de aproximação, em relação a entidades e pessoas, é a falta de clareza quanto aos objetivos últimos que são visados. Como demonstrativo disso, temos inúmeros casos de pessoas e entidades que, aceitando algum convite para participar de suas atividades, viram seus nomes depois envolvidos como signatários de apoio à iniciativa da CLAT: caso de um membro da ACO do Rio de Janeiro. Outro caso, de pouca transparência, ocorreu em São Paulo onde os nomes do sindicalista Waldemar

Rossi e da Pastoral Operária foram utilizados, sem prévia consulta dos mesmos, pelos IPROS para um projeto financeiro enviado à Europa, sob pretexto de ressarcimento de uma ajuda que o IPROS oferecera à oposição metalúrgica de São Paulo no ano de 1981 (declarações gravadas de alto dirigente do IPROS).

2. Para se instalar, a CLAT tem procurado contatos e buscado apoio de entidades e pessoas da Igreja, nos mais diversos níveis, desde movimentos de base até a CNBB e o CELAM. Neste processo se estabelece muitas vezes uma confusão entre o papel do movimento sindical e/ou da Igreja (sindicalismo confessional não explicitado).

3. Outro estranho elemento de sua tática de crescimento e implantação é a aproximação da CLAT com setores do movimento sindical que desenvolvem práticas claramente reacionárias e anti-operárias, sem que a postura crítica, frente a tais entidades e pessoas, seja claramente manifesta. Dentro desse quadro, a CLAT hoje reatou relações com a Confederação Brasileira dos Trabalhadores Cristãos (Círculos Operários Católicos) a quem desfiliara em 1964, como já dissemos, passa a financiar um boletim de circulação mensal, editada pela mesma federação, e a apoiar o funcionamento de centros de formação.

4. Finalmente, outro elemento de contradição é a criação da CAT (Coordenação Autônoma dos Trabalhadores) já mencionada, embora os representantes da CLAT sigam afirmando que não desejam criar, no Brasil, outra estrutura sindical. Esta tática de criação de uma Coordenação para chegar a uma Central Sindical já foi desenvolvida em outros países da América Latina, pela própria CLAT.

CONSEQUÊNCIAS DESTA TÁTICA E DESTA PERSPECTIVA IDEOLÓGICA

A ambigüidade fundamental das posições ideológicas da CLAT, ao lado do distanciamento entre o discurso e a prática (externa e interna), levam a conseqüências muito claras:

1. O nítido favorecimento da manutenção das atuais estruturas (apesar de todo discurso de denúncias. . .) traduzido num anti-comunismo, repetidas vezes manifesto nos posicionamentos a respeito da Nicarágua e Cuba: Dr. Hélio Bicudo e o sindicalista João Paulo Pires de Vasconcelos foram protagonistas de um episódio em que se tentava passar numa conferência da CLAT um documento contrário ao processo revolucionário nicaraguense. Ao mesmo tempo, se observa uma cordial tolerância e ambíguo silêncio em relação aos governos de política conservadora democrata-cristãos da América Central.

A CTN (ligada a CLAT) sempre manteve distância em relação às Forças Revolucionárias. Depois de julho de 1979, a distância se transformou em resistência aberta. . .

A ação da direção da CTN nos parece ditada por um anti-marxismo que lhe impede de perceber os atuais problemas sociais.

A intransigência ideológica é o resultado de uma má preparação dos quadros da CTN em relação à revolução:

Vemos aqui uma pesada responsabilidade dos órgãos dirigentes da CLAT.

Da mesma forma, desde muitos anos a própria CLAT põe acento na luta contra o marxismo. . .

A lista de reivindicações da CTN atesta o relatório PAX CHRISTI — parece-se, estranho, a do COSEP (órgão patronal). A CTN se identifica mais com os interesses do setor privado. . . são raras as exigências em favor dos trabalhadores e, geralmente, pouco compatíveis com a situação econômica do país.

2. Outras conseqüências palpáveis são o mascaramento da consciência de clase (falta de combatividade demonstrada pelas alianças no Brasil) e, como já vimos, a prática do divisionismo através da criação de estruturas paralelas que, sem dúvida, enfraquecem o movimento dos trabalhadores.

3. É preciso ressaltar, também, que, ao interpretar de maneira unilateral e reducionista (sob o enfoque democrata-cristão) a Doutrina Social da Igreja e, ao arvorar-se como legítima e única representante dos cristãos (uma espécie de "braço-sindical" da Igreja numa visão de neo-cristandade no movimento sindical) a CLAT estabelece uma perigosa divisão entre esses cristãos engajados — e entre cristãos e não cristãos — o que significa, no limite, um grave perigo para o avanço da luta dos trabalhadores.

REVENDO A HISTÓRIA DA PRESENÇA DOS CRISTÃOS NO MOVIMENTO SINDICAL BRASILEIRO

Como tem sido demonstrado historicamente, os cristãos têm tido papel decisivo no processo de renovação do movimento sindical e popular no Brasil.

Basta revermos o desenvolvimento das oposições sindicais, o nascer do chamado "sindicalismo autêntico" e o fecundo movimento articulado desde os encontros de João Monlevade, São Bernardo e Vitória, até a realização da CONCLAT e depois a fundação da CUT, para nos darmos conta da importância fundamental que uma significativa parcela de militantes cristãos teve neste processo, ao lado de todos os setores, combativos e autênticos, do movimento sindical.

Na realidade, é fácil constatar que este espaço de articulação dos cristãos está criado há muito tempo e, criado não de fora para dentro,

ou como decisão de gabinete, mas através do combate difícil dentro das fábricas e nos campos, assim como nos sindicatos, nas ruas e enfrentando a mais dura repressão. Foi a partir do testemunho sofrido de muitos cristãos que este espaço foi sendo construído e firmado, baseado em princípios bastante claros:

— Os militantes cristãos, apoiados em seus movimentos ou serviços pastorais e nas CEBs, têm estado presentes dentro das lutas do movimento dos trabalhadores, dentro dos processos de reflexão, como fermento e sal, levando seu testemunho e a mensagem evangélica para essa elaboração prática do Projeto, que é do conjunto da classe trabalhadora brasileira.

— Na prática tem ficado claro que, como cristãos, não queremos construir entidades paralelas de organização (sindicatos ou partidos cristãos) fechadas sobre si mesmas e concorrendo em termos de poder com os outros movimentos. Nem tampouco queremos criar modelos sócio-políticos-culturais apenas nossos. Entendemos que a fé inspira e anima toda a nossa ação. Os modelos políticos e históricos devem ser criados dentro da própria luta e junto com o nosso povo, dentro de suas organizações e não apenas a partir de princípios.

— Os cristãos, baseados nesta convicção e fundamentados na mensagem do Evangelho, na história da caminhada do povo de Deus e na própria história da classe trabalhadora, têm ajudado muito o movimento sindical a desenvolver uma prática que seja democrática, que respeite a evolução das pessoas (contra a cooptação e doutrinarismo dogmático), que ajude a pessoa a crescer e se desenvolver integralmente em todas as suas dimensões. Os cristãos contribuem ainda para que este sindicalismo novo seja combativo, desenvolva uma correta concepção de classe operária e desenvolva uma prática coerente com seus princípios.

— Esta contribuição tem sido realimentada permanentemente, num verdadeiro processo de ir e vir, em que o militante engajado, tendo sua comunidade de fé no seu serviço ou movimento, revisa e planeja seu engajamento: são os grupos de base, aos milhares, são os cursos de formação e capacitação em todas as áreas e níveis, são as assembléias, os retiros, as celebrações que, na prática, viabilizam a construção deste espaço de realimentação da militância.

— Toda esta caminhada, este testemunho, que é patrimônio da Igreja e de todos, não pode ser ignorado nesta hora, nem trocado pelo canto de sereia de quem, de dentro dos gabinetes internacionais e, praticamente, ausentes de toda essa caminhada, se arvora em construtor de espaços de articulação dos cristãos. . . Entendemos que o processo da implantação da CLAT no Brasil, pelo me-

nos como até agora tem se processado, é um desrespeito e uma violência a toda a comunidade comum aos cristãos brasileiros.

CONCLUSÃO

Queremos, para concluir, reafirmar, enquanto movimentos e serviços de Igreja ligados ao mundo do trabalho:

1. *Nossa convicção de que é fundamental que o conjunto da Igreja, ratificando posições assumidas tantas vezes pela CNBB, apoie, franca e decididamente, o movimento sindical e popular, respeitando-o em sua autonomia, reconhecendo a representatividade de classe de suas instâncias e vendo neste movimento um instrumento real de construção do Reino de Deus entre nós.*

2. *Reafirmamos ainda que, no espírito do texto das Diretrizes Gerias da Ação Pastoral da Igreja no Brasil (documento 28), os trabalhos pastorais devem contribuir para a unidade e o crescimento da consciência de classe de nosso povo.*

3. *Entendemos que cabe à Igreja ajudar o nosso povo a desenvolver seu senso crítico frente a todas as instâncias do movimento sindical e político. Da mesma forma, entendemos que não cabe à Igreja apoiar ou identificar-se com uma ou outra destas tendências. Neste sentido, estranhamos o fato de que uma pessoa tenha sido convidada, explicitamente em nome da CLAT, a participar do Sínodo dos Bispos em Roma, na qualidade de ouvinte, como representante dos trabalhadores da América Latina.*

4. *Finalmente, queremos reafirmar nossa pertença à Igreja, nossa adesão ao conjunto do povo de Deus. Compreendemos nesse momento que é da mais fundamental importância uma verdadeira e direta articulação entre nós e nossos pastores — sacerdotes e bispos — através de canais de comunicação constantes. Desta forma, poderemos assumir, de modo conjunto e unitário, posições diante dos desafios mais variados que a realidade nos coloca.*

Rio de Janeiro, 2 de fevereiro de 1986

Coordenações: Animação dos Cristãos no Meio Rural (ACR)
Ação Católica Operária (ACO)
Juventude Operária Católica (JOC)
Comissão de Pastoral da Terra (CPT)
Comissão da Pastoral Operária (CPO)

O GANCHO

JORNAL INFORMATIVO DA COMISSÃO ARQUIDIOCESANA
DA PASTORAL OPERÁRIA - CAMPINAS - SP.

ABRIL 87 ANO X N 48

1º DE MAIO

O DIA DE LUTA DO TRABALHADOR

1886 - 1987



A LUTA CONTINUA

EDITORIAL

MENSAGEM AOS TRABALHADORES - 1º MAIO 1987

Ao celebrarmos o centésimo primeiro aniversário do marco libertador da classe operária - 1º DE MAIO: DIA DE LUTA DO TRABALHADOR A Pastoral Operária dirige esta mensagem aos trabalhadores da cidade e do campo e a todos os homens e mulheres solidários com a' classe trabalhadora.

A Igreja, povo de Deus peregrino na história, continua e prolonga no tempo' a missão de Jesus Cristo , sendo luz, sal e fermento' no mundo.

Na missão de Jesus Cristo o Mundo do Trabalho não lhe foi estranho, bem como todo o humano e terreno lhe ecoou fundo na consciência libertadora. Mas o trabalho humano mereceu no Filho de Deus, predileção especial- fez-se ele próprio um operário na oficina de carpintaria. Jesus é nosso companheiro de classe e sua palavra- Evangelho de Trabalho, Boa Notícia aos trabalhadores; os pobres deste mundo.

E de fato, vivendo e' compartilhando da sorte dos dois terços da população' brasileira condenados à miséria e por conseguinte à' doenças e todas as formas' de degradação humana,cujos filhos, 36 milhões de menores carentes, ansiamos pela concretização do Reino' anunciado por Jesus.

Esta situação de miséria econômica, marginalização social e dominação política e cultural do povo' trabalhador tem os seus beneficiários na elite dominante do país e nos capitalistas dos países ricos.

Lembramos que a exploração de uma classe sobre' a outra é própria do Modo' de Produção Capitalista.Só para exemplificar; entre nós 61,3% dos jovens que trabalham recebem de 0,5 a 1 salário mínimo.

Salário este que é situado entre os menores do mundo, valendo atualmente' a metade da quantia paga no Paraguay e 20 vezes menor' que nos países ricos onde situam as matrizes das indústrias e bancos multinacionais.

A inominável e secular opressão que sofremos, a' Igreja tem denunciado, mostrando o caráter essencialmente pecaminoso deste sistema que desenvolve às custas da exclusão da maioria; os bispos da América Latina qualificam-no de "Injustiça Institucionalizada"ou ainda, na palavra do Papa' João Paulo II -"ricos cada vez mais ricos ás custas de pobres cada vez mais pobres".

CONTINUAÇÃO

A chave dessa injustiça social planejada e executada permanentemente pelos capitalistas numa luta encoberta, mas cruel, desumana e desigual, se encontra na exploração do trabalho humano (CF. L.E.nº 4).

O mundo como o trabalho está organizado entre' nós, contraria o plano de Deus. As relações que se estabelecem entre os homens' e o que ele produz, e dos/ homens entre si, são distorcidas , injustas e desumanas, impedem a realização livre do homem diante' da criação, e diante do seu semelhante. Não é possível construir fraternidade através de relações injustas.

E é diante desta realidade que o povo de Deus é' interpelado a atualizar a' Boa Notícia de Jesus.

No compromisso permanente de lutar pela justiça e construir a fraternidade, colocamos a nós neste ano, os seguintes compromissos:

a- promover a urgente' participação popular na' constituinte animando ou propiciando debates e encaminhando propostas de Emenda ao Projeto de Constituição através de mais de 30' mil abaixo-assinados e outros mecanismos que se fizerem necessários.

b- promovendo a formação e capacitação de trabalhadores em vistas da participação popular na transformação sócio-econômica e política deste país.

c- participar e apoiar todas as iniciativas propostas para: - promover a' união e solidariedade dos' trabalhadores (sindicatos, associações, partidos,etc).

- defesa da' dignidade e dos direitos / humanos

- assegurar / salários e aposentadoria' compatível com a dignidade humana

- direitos ao trabalho decente e salário desemprego suficiente ao' trabalhador e sua família

- participação de todos nas decisões

- necessárias mudanças estruturais na sociedade.

No firme propósito de' sermos fiéis companheiros' e companheiras do Carpinteiro de Nazaré, queremos' fazer nossas as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens, mulheres e menores / de hoje, sobretudo trabalhadores e trabalhadoras / da cidade e do campo e com alegria celebramos esta data.

Past Operária de Campinas.

Campinas 1º de Maio de 1987

CONSTITUINTE:

AS CLASSES POPULARES E A CONSTITUINTE

1. A DECADÊNCIA DO REGIME

O regime militar implantado no Brasil em 64 começou a esgotar-se em meados da década de 70. Vemos, então, surgir lenta mas firmemente uma pressão das forças populares no sentido de uma mudança no modelo econômico vigente: Movimento Contra a Carestia, Anistia, Greves, Movimentos de Favelados. Além disso, sindicalistas autênticos vão derrubando lideranças sindicais coligadas ao regime.

As classes dominantes enxergam a ascensão das lutas populares e vêem no Regime Militar um perigo já que, quanto mais fechado, maior a pressão. Desta forma a Burguesia também elabora o seu projeto de mudança.

Em grandes momentos, para o observador menos consciente, as classes populares e a Burguesia caminham juntas contra o inimigo comum. Entretanto, as primeiras vêem no regime a ser derrubado a causa da grande opressão e empobrecimento que sofreram, quanto as últimas querem apenas se livrar dos parceiros antigos que agora são inoportunos.

A questão das Diretas Já é um exemplo. Enquanto? milhões aclamam nas ruas a Campanha das Diretas, a classe dominante, nos gabinetes e nos conchavos, estabelecia a eleição de Tancredo Neves. Torna-se evidente o uso das classes populares em benefício da minoria poderosa.

Entra em cena, então a chamada "Nova República" que é o projeto das classes dominantes surtindo efeito. Este nada mais é do que a continuidade do regime anterior apenas tornado civil na aparência, e de certa forma mais civilizado. Mantêm-se todos os instrumentos de opressão vigentes durante o período ditatorial: Lei de Greve, Decurso de Prazo, Dec.Leis pacotes econômicos, Lei de Segurança Nacional, aparelhos de repressão, etc.



2. A CONSTITUINTE

É no processo da Constituinte, entretanto, que se manifesta mais claramente a diferança dos dois projetos.

Para as classes populares e suas lideranças, a Constituinte:

a) deve ser livre e soberana, ou seja, deve trabalhar sem os chamados entulhos do autoritarismo, citados anteriormente;

b) deve ser eleita como Assembléia Constituinte com a única tarefa de elaborar a Constituição, evitando que os constituintes legislem em causa própria;

c) o povo deve ter ampla participação na mesma.

AS classes dominantes por seu lado, vêem o avanço das lutas populares e temem uma constituinte livre. O projeto de tais classes não é mudar o regime mas mantê-lo com face mais humana. Assim, para elas, um Congresso Constituinte é mais cômodo e menos perigoso.

A luta por esses dois processos de Constituinte termina com a vitória da Burguesia. Estabelece-se o Congresso Constituinte que

a) é eleito em conjunto com eleições majoritárias para governadores, o que vem a desviar a atenção da população dos temas constitucionais.

b) 23 senadores, eleitos em 82 e, portanto, não constituintes, passam a sê-lo, sem terem passado por processo eleitoral;

c) é eleita na eleição mais cara da história do Brasil, fazendo com que o poder econômico seja fator preponderante. Ex. tempo nas TVs e Radios.

3. O PERFIL DA CONSTITUINTE

Jogando com as cartas previamente marcadas, temos então uma Constituinte bem ao gosto das classes dominantes e seus representantes. Assim:

a) ideologicamente temos os constituintes divididos em:

- 52 de esquerda
- 126 de centro-esquerda
- 181 de centro
- 131 de centro-direita
- 69 de direita

Os dados fornecidos pela "Folha de São Paulo" podem ser bastante questionáveis, já que não se sabe que critérios foram usados para tal classificação.

b) com relação à atuação profissional temos-

- 1/3 (171) dos constituintes é de advogados.
- existem 120 empresários
- médicos, engenheiros, e economistas são em número de 119
- apenas 6 sindicalistas, 6 funcionários públicos, 15 professores.

4.A LUTA PELO REGIMENTO

Se a constituinte tal como se nos apresenta é contrária aos interesses das classes populares, representantes destas não se deixam abater, e partem para a luta.

- A primeira batalha foi pela Soberania da Constituinte. O resultado dessa luta é contraditório, já que se a Soberania não foi conseguida, quem decidiu isso foi a própria Constituinte. Portanto, pode-se dizer que ela foi soberana ao não se declarar soberana.
- A segunda batalha foi a do regimento. E foi nesse momento que o PLENÁRIO PRÓ PARTICIPAÇÃO POPULAR NA CONSTITUINTE, orgão que luta pelo projeto popular da Constituinte, abriu a primeira brecha.

O PLENÁRIO consegue colocar no regimento um espaço onde 30.000 assinaturas em um projeto fazem com que ele seja analisado pela respectiva comissão. Embora cada brasileiro possa assinar apenas 3 projetos, entretanto essa brecha é muito importante para as classes populares.

Com muita mobilização não desperdiçando assinaturas, poderemos fazer com que a Constituinte possa direcionar-se mais em direção dos interesses das classes populares.

Com relação aos projetos pelos quais deveremos nos mobilizar, o PLENÁRIO PRÓ PARTICIPAÇÃO POPULAR NA CONSTITUINTE já os está elaborando. De nossa parte cabe analisá-los e se de acordo, partir para uma grande coleta de assinaturas.

****
Eleitor, seja constituin *te, ande com o seu títu-* *lo eleitoral e assine o* *seu projeto das 30.000 * *assinaturas. *
****

Texto da Comissão de Constituinte da Paróquia Cura d'Ars.



CONSTITUINTE PARA MUDAR

TEMOS QUE PARTICIPAR:

1º DE MAIO

CELEBRAÇÃO CLASSISTA DO 1º DE MAIO

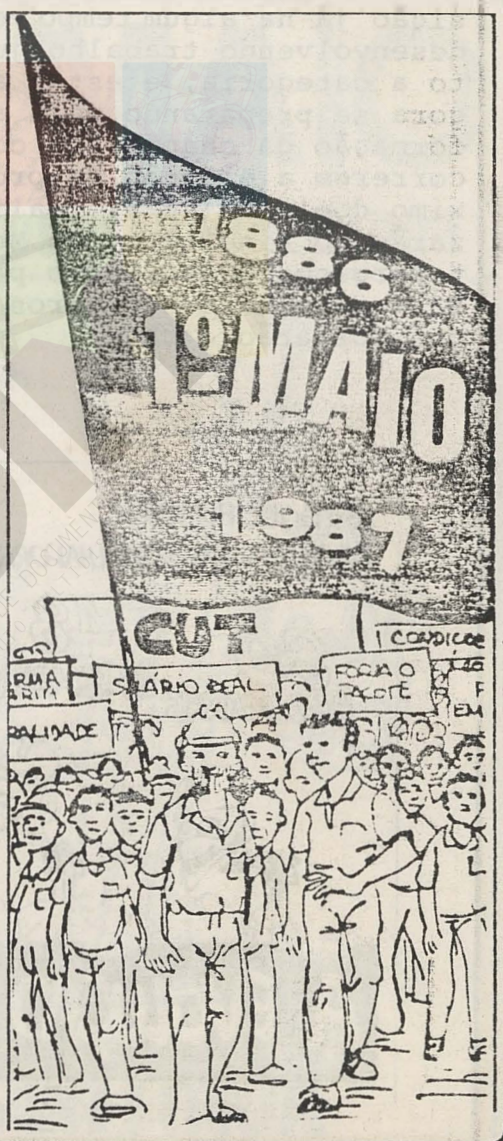
Este é o Dia Universal da Consciência de Luta da Classe Trabalhadora.

VAMOS TODOS PARTICIPAR:

-manhã- 8:30hs -Missa do Trabalhador-Catedral

-11 as 18:00hs -Ato Publico-Teatro de Arena.

Todos os trabalhadores e trabalhadoras das paróquias e Comunidades de Base estão convidados para fazer um dia de Celebração da Consciência Libertadora da nossa classe. A Missa do Trabalhador será rezada pelo nosso Arcebispo D.Gilberto e padres da diocese junto com todos vocês. Em seguida vamos em passeata até o Teatro de Arena. O almoço será um alegre pique-nique (já prepararam?) Terá muitas barracas de comes e bebes e até da Constituinte Popular. Haverá muitos artistas e shows de todo tipo e gostos. As 16h os representantes dos sindicatos combativos (pelego não entra) de Campinas, Limeira, Piracicaba, Sorocaba, Jundiai e toda a Regional Interior-I da CUT vão dirigir sua mensagem. Teremos a presença especial de um dirigente nacional da CUT. 1º de Maio é isto!
Só trabalhador, sem pelego sem patrão. Só gente nossa e de luta!



SINDICAIS

Está marcada para os dias 19,20 e 21 de Maio a eleição da diretoria do Sindicato dos trabalhadores químicos de Campinas e região.

Os companheiros da Oposição já ha algum tempo vem desenvolvendo trabalho junto a categoria, e estão agora se preparando para a formação da chapa para concorrerem a eleição. No próximo domingo (26/4) realizarão no Sindicato dos Metalúrgicos a Convenção para a escolha dos membros / que formarão a chapa.

Para tanto solicitamos aos companheiros(as) da PO e Cebs a ajuda na conquista de mais este sindicato' para os trabalhadores.

Os companheiros da oposição tem o apoio da CUT.





O Trabalho e a Fé
nos Pronunciamentos da Igreja de Hoje:

- ENCÍCLICA DE JOÃO PAULO II: O TRABALHO HUMANO (1.988)

3- ''...O fato de que o trabalho humano é uma chave, provavelmente a **chave essencial de toda a questão social...**''

8- ''...PARA SE REALIZAR A JUSTIÇA SOCIAL NAS DIVERSAS PARTES DO MUNDO, NOS VÁRIOS PAÍSES E NAS RELAÇÕES ENTRE ELES, É PRECISO QUE HAJA SEMPRE NOVOS MOVIMENTOS DE SOLIDARIEDADE DOS HOMENS DO TRABALHO E DE SOLIDARIEDADE COM OS HOMENS DO TRABALHO...À IGREJA ACHA-SE VIVAMENTE EMPENHADA NESTA CAUSA, PORQUE À CONSIDERA COMO SUA MISSÃO, SEU SERVIÇO E COMO UMA PROVA DA SUA FIDELIDADE À CRISTO, PARA ASSIM SER VER VERDADEIRAMENTE A ''ÍGREJA DOS POBRES''. E OS ''POBRES'' APARECEM SOB VARIADOS ASPECTOS; APARECEM EM DIVERSOS LUGARES E EM DIFERENTES MOMENTOS; APARECEM, EM MUITOS CASOS, COMO UM RESULTADO DA VIOLAÇÃO DA DIGNIDADE DO TRABALHO HUMANO...''

23- ''À hierarquia dos valores, o sentido profundo do trabalho exigem que o capital esteja em função do trabalho e não o trabalho em função do capital'' (Mc. 2,23-27).

DIRETRIZES PASTORAIS DA IGREJA DO BRASIL (1987):

022- ''Observa-se, no setor social, uma transformação de importantes consequências pastorais: a nucleação das bases vem-se operando mais em termos de comunidade do que em termos de classe. Esse fenômeno ocorre principalmente nos meios rurais e periferias urbanas. Demonstra-se com isso a força aglitinadora da consciência comunitária. Sendo, porém, o trabalho '' a chave essencial de toda a questão social'', é fundamental não subestimar a importância da mobilização solidária dos trabalhadores... O fortalecimento da consciência comunitária não deve esvaziar a consciência de classe, porque só esta têm condições de enfrentar os problemas globais e de prazo mais longo... Os problemas da relação entre o trabalho e o capital não serão resolvidos pelo esvaziamento da consciência de classe, mas ao contrário, pelo seu amadurecimento...''

055- ''Considerando que é na complexa rede das relações do trabalho urbano e rural que são geradas as maiores injustiças, ai concretiza-se também a evangélica opção pelos pobres que são os homens e mulheres, adultos e crianças empobrecidos no mundo do trabalho... A opção pelos pobres, que ilumina e quer caracterizar a ação pastoral da igreja no Brasil, deve concretizar-se em efetiva preocupação com a imensa massa de trabalhadores, que constituem a maioria da população. São construtores do progresso, e no entanto veêm sua dignidade violada e seus direitos ignorados. Pertencem, no seu conjunto, a multidão dos pobres que não têm, não sabem e não podem, vítimas da exploração''.

IGREJA: COMUNHÃO E MISSÃO (Documento dos Bispos do Brasil de 1988)

133- ''Por isso o trabalho humano 'assume uma importância fundamental e é decisiva'(LE.3) que exige constante e renovada atenção. À Igreja no Brasil, fiela sua missão de Evangelização, não pode deixar de refletir a complexa situação do trabalho no país, especialmente neste momento histórico''.

139- 'Segundo dados do DIEESE, em 1987, o rendimento médio real dos trabalhadores caiu em 34,3%. O salário médio de 1987 foi o menor da história do salário mínimo no Brasil, isto é Cz$4.726,44 ou seja 36,3% do salário mínimo de julho de 1940. O salário chegou a ser inferior a 50 dólares mensais, um dos baixos do mundo. No Brasil isto se agrava, se considerarmos que a participação dos salários no produto industrial representa apenas 17% menos da metade da média geral dos países (42%) e inferior à média da América Latina (27%). O arrocho salarial em nosso país atinge proporções espantosas''.

142- ''Estatísticas oficiais admitem que em 1986, 60, 9% da população ecnomicamente ativa ganhava de 0 a 2 salários mínimos...''

146- ''Hoje, uma a principais causas da situação de injustiça dos nossos trabalhadores do crescente e inaceitável empobrecimento do povo é certamente a dívida externa brasileira''.

147- ''Nessa sociedade injusta e conflitiva constatamos com alegria, a existência de uma Classe Trabalhadora que, ao longo dos anos, fazendo frente à opressão, fortalecendo suas associações, sindicatos, outras organizações próprias, vem construindo sua libertação''.

148- ''Por sua parte, a Igreja em numerosos setores e regiões, tem assumido posturas de decidida solidariedade e apoio aos trabalhadores em seus esforços de organização e defesa dos seus direitos. Na sua ação pastoral, através das CEB's, Pastorais Sociais e Movimentos, ela tem impulsionado e preparado inúmeros militantes engajados nas organizações populares, sindicais e partidárias. Esses militantes cristãos são presença e fermento evangelizador no Mundo do Trabalho''.

152- ''Frente a essa realidade do trabalho, que está em evidente contradição com a dignidade da pessoa humana e com o evangelho, a Igreja não pode calar''.

160- ''Na perspectiva de uma sociedade participativa e solidária, os últimos Papas e o Concílio frisaram a liberdade de organização dos trabalhadores. Os sindicatos são 'um elemento indispensável da vida social, especialmente nas modernas sociedade industrializadas', para 'a tutela de seus justos direitos em confronto com os empresários e os proprietários dos meios de produção'(LE.20). Os sindicatos representam de forma visível e organizadora a dimensão política do trabalho, quer dizer, a sua importância na busca e construção do Bem Comum''.

168- ''A humilhação da pessoa humana, através de condições indignas de trabalho, diminui as possibilidades de uma vivência de espiritualidade do trabalho. O cristão que, através das organizações, associações e sindicatos, se compromete com a humanização das codições de trabalho, contribui para tornar possível a vivência dessa espiritualidade''.

169- ''À Igreja deve assumir assim plenamente, na globalidade de sua vida, o Mundo do Trabalho e o fato de que esse mundo é conflitivo, pois é esta a realidade social que vive o nosso povo. À necessidade de integrar fé e vida obriga-nos a incorporar essa realidade do trabalho na catequese, na liturgia, na pregação, na espiritualidade, na oração e em toda a vida da Igreja''.

170- ''a evangélica opção preferencial pelos pobres que ilumina e que caracteriza a ação pastoral de toda a Igreja, particularmente da Igreja no Brasil, deve concretizar-se em efetiva solidariedade com a imensa massa de trabalhadores que constituem a maioria da população''.

174- ''Devemos animar e incentivar os trabalhadores a participar de seus sindicatos e se empenhar para ter participação ativa na gestão das empresas (LE.14) e nas decisões sobre os problemas de toda a sociedade'' (SRS 38-40).

179- ''É fundamental que nossa atuação seja uma defesa clara dos mais fracos, daqueles que são vítimas de um injusto processo produtivo. Diante disso, a Igreja deve lutar em favor de todos em condições injustas de trabalho, especialmente em favor dos menores, das mulheres e dos negros''.

181- ''A Igreja quer continuar e mesmo renovar o seu esforço de serviço para o sofrido povo trabalhador... A Igreja deve acentuar a formação de novo quadros cristãos preparados para assumir a responsabilidade na sociedade civil e política, para introduzir nela os autênticos valores evangélicos. Nesta formação deve ser dada especial atenção à análise da realidade econômica, política, social, ideológica e cultural brasileira. É importante ajudá-los a desenvolver métodos de análise e de ação que liguem tanto a teoria como a fé e a vida''.

Pastoral Operária Diocesana - 1º de Maio de 1989

Cantos para Celebração do Dia do Trabalhador - 1º DE MAIO/89

Entrada
Santo Dias

1- Operário de sonho criança/ Operário da terra e oficina/ operário que um dia se cansa/ de esperaras mudanças de cima.

Operário esperança que vela/ Operário suado sem fala/ Operário algemado na cela/ Operário calado a bala.

2- Entre nós orfãos choram carícias/ e ásperas mãos de ternura/ Que morre em piquete vencendo/ a mão que lhe mata e tortura.

SANTO A LUTA VAI CONTINUAR, OS TEUS SONHOS VÃO RESSUSCITAR/ OPERÁRIOS SE UNEM PRA LUTAR, POR TEUS FILHOS VAI CONTINUAR.

3- É o gás, é o choque é a tosse/ fumaça, cavaco, ferida/ pobreza com fome, cansaço/ doença, hora extra perdida.

É a máquina quieta, parada/ é a greve, o piquete, a dureza/ é o peão com a vida danada/ entre a fome e a dor da incerteza.

SANTO A LUTA VAI CONTINUAR...

4- É o sangue que orvalha a justiça/ dá a flor,dá o fruto e o pão/ ternura nas mãos da cobiça/ se vinga em nova estação.

É Santo que morte não mata/ soluços de Anas Marias/ nos orfãos que perdem seus pais/ renascem as idéias um dia.

SANTO A LUTA VAI CONTINUAR...

5- Na alvorada que nasce impassível/ o sol nos encontre na estrada/ em cirandas de gente explorada/ formando muralhas invencíveis. E então...

SANTO A LUTA VAI CONTINUAR ...

Aclamação-
Magnificat

VIRÁ O DIA EM QUE TODOS AO LEVANTAR A VISTA/ VEREMOS NESTA TERRA REINAR A LIBERDADE. (bis)

- Derruba os poderosos dos seus tronos erguidos/ com sangue e o suor do teu povo oprimido/ e farta os famintos, levanta os humilhados/ arrasa os opressores, os ricos e os malvados.

- proteje o seu povo com todo carinho/ fiel é seu amor em todo o caminho/ assim é Deus vivo que marcha na história/ bem junto do seu povo em busca da vitória.

Ofertório -
Ofertar a Vida

OFERTAR PARA MEU POVO É DAR A VIDA A VIDA INTEIRA OFERECIDA. OFERTAR! (bis)

Comunhão -
Canto dos Mártires (1)

1- Venham todos cantemos um canto que nasce da terra/ canto novo de paz e esperanças em tempos de guerra/ neste instante a inocentes tombando nas mãos de tiranos, tomar posse, ter lucro matando, são esses seus planos.

EIS O TEMPO DE GRAÇA, EIS O DIA DA LIBERTAÇÃO/ DE CABEÇAS ERGUIDAS DE BRAÇOS REUNIDOS IRMÃOS/ HAVEREMOS DE VER QUALQUER DIA CHEGANDO A VITORIA, O POVO NAS RUAS FAZENDO A HISTORIA/ CRIANÇAS SORRINDO EM TODA NAÇÃO(bis)

2- Lavradores, Raimundo, José, Margarida, Nativo/ assumir sua luta, seu sonho por nós é preciso/ haveremos de honrar todo aquele que caiu lutando/ contra os muros e cercas da morte jamais recuando.

EIS O TEMPO DE GRAÇA...

3-Companheiros, no chão desta Pátria é grande a peleja/ No altar da Igreja seu sangue bem vivo lateja/ Sobre as mesas de cada família há frutos marcados/ e há flores vermelhas gritando por sobre os roçados.

EIS O TEMPO DE GRAÇA...

4- Ó Senhor desta vida escuta este nosso cantar/ pois contigo o povo oprimido há de sempre contar/ Para além da injúria e da morte conduz nossa gente/ Que teu Reino triunfe na terra deste continente.

EIS O TEMPO DE GRAÇA ...

Comunhão -
(2) Pai Nosso dos Mártires

PAI NOSSO DOS POBRES MARGINALIZADOS!
PAI NOSSO DOS MÁRTIRES, DOS TORTURADOS!

1- Teu nome é santificado, naqueles que morrem defendendo a vida/ Teu Reino é glorificado quando a justiça é nossa medida. Teu reino é de liberdade, de fraternidade, paz e comunhão. Maldita toda violência que devora a vida pela repressão.

2- Queremos fazer tua vontade, és o verdadeiro Deus libertador. Não vamos seguir as doutrinas corrompidas pelo poder opressor. Pedimos-te o pão da vida, o pão da segurança, o pão das multidões, o pão que trás humanidade, que constrói o homem em vez de canhões.

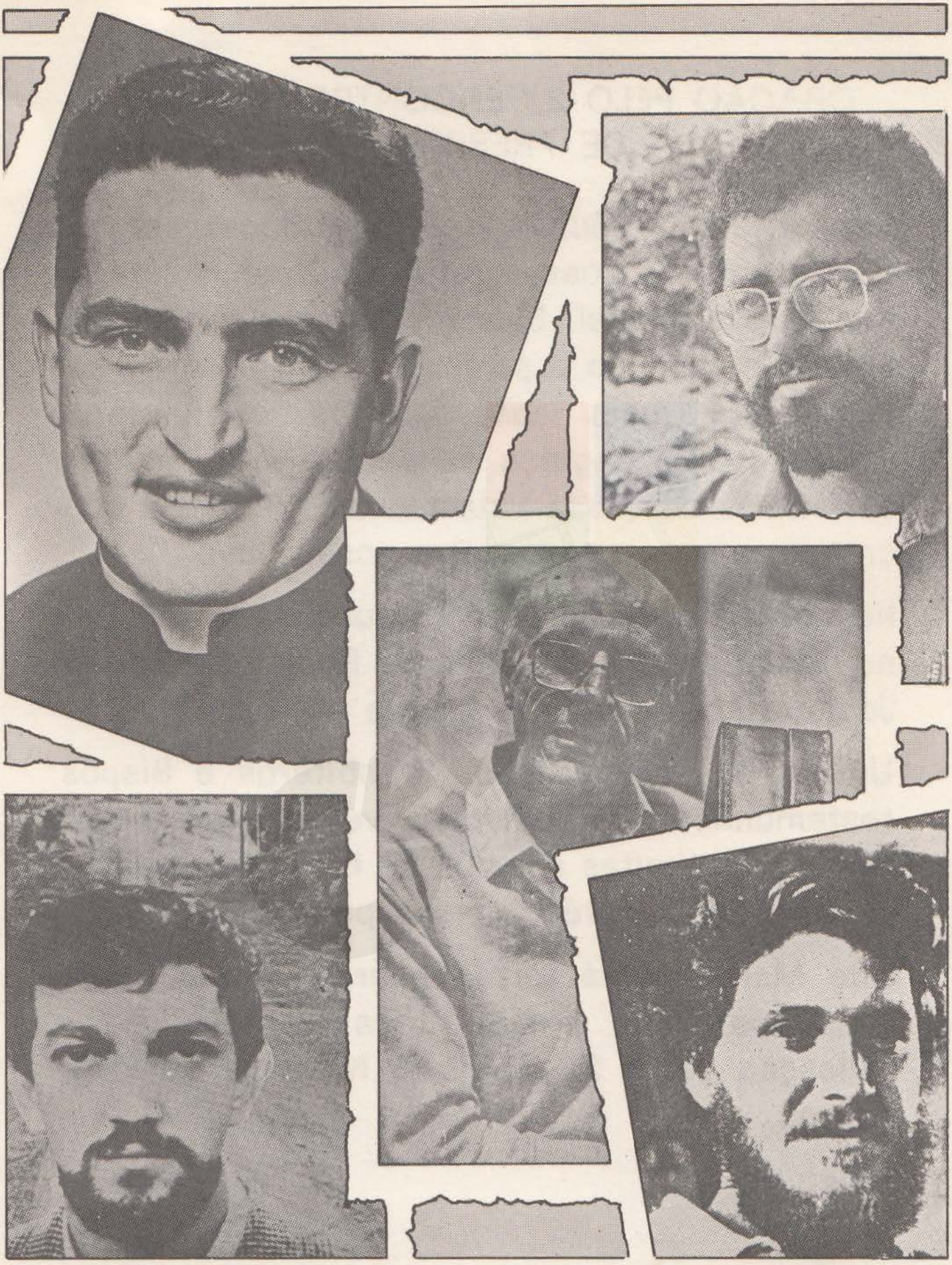
3- Perdoa-nos quando por medo ficamos calados diante da morte. Perdoa e destrói os Reinos em que a corrupção é a lei mais forte.º Protege-os da crueldade, do esquadrão da morte e dos prevalecidos. Pai nosso revolucionário, parceiro dos pobres Deus dos oprimidos.

Final - É Nosso
Dia Companheiro

É nosso dia companheiro, nosso o trabalho de nossas mãos, nossas as máquinas que movemos, nossos os frutos da produção.

Avante vamos classe operária, avante todos os oprimidos, parando as máquinas e no silêncio do operário se ouve um grito.

Já vou me esperem o companheiros, irmãos de classe para lutar, parando as máquinas, falaremos, e nossa voz se ouvirá.



ORAÇÃO PELO 2.º ENCONTRO NACIONAL DE PRESBÍTEROS

Senhor Jesus, Sumo e Eterno Sacerdote, os Presbíteros de vossa Igreja no Brasil, neste 2.º Encontro Nacional, buscam descobrir, em espírito de comunhão e participação, o jeito de ser Padre em meio aos desafios da história. Concedei-lhes a graça de ser fiéis ao anúncio e vivência de vossa Palavra, nas situações concretas em que se encontra vosso povo.

Iluminai-os para abraçar a causa do vosso Reino com a mesma coragem de Rodolfo, Ezequiel, Josimo, Paulo, Nildo e tantos outros.

Unidos aos seus irmãos Presbíteros e Bispos, testemunhem, no serviço a vosso povo, vosso Amor sem limites a todos os homens, de modo especial aos pobres, vossos preferidos.

Que Maria, nesta terra venerada como nossa Mãe Aparecida, presida toda a realização e aplicação deste 2.º Encontro Nacional de Presbíteros.

Amém!

pastoral operária informa

Número 3 | Órgão da Pastoral Operária Regional Sul I | Junho-85

Vamos à Aparecida

A Executiva Nacional da Pastoral Operária, em carta circular, convocou os trabalhadores para irem a Aparecida, dia 21 de julho, ao XI Congresso Eucarístico Nacional, que terá por tema "PÃO PARA QUEM TEM FOME".

Essa romaria nacional não se restringe aos membros da P.O. mas inclui todos os trabalhadores cristãos em geral. Vamos, portanto, organizá-la em nossas cidades, lotando alguns ônibus com operários que também podem levar a família e viajar durante a noite de sábado (dia 20 para 21) e chegar à Aparecida para a Missa das oito horas. Será a manifestação dos trabalhadores que vão se concentrar defronte à Basílica, num local já reservado e sinalizado. Mas é preciso, quanto antes, avisar o Secretariado Nacional da P.O. sobre o número aproximado de pessoas que irão. O telefone é: (021) 771-3459.

Vamos ao Congresso! Os cristãos não podem deixar de marcar presença neste grande acontecimento e ali levar sua mensagem de como pretendem promover o projeto de Deus no mundo do trabalho e conscientizar a Igreja de que ela deve solidariedade aos trabalhadores.

Nota especial: Quanto a pronunciar-me sobre o silêncio imposto ao frei Boff, devo dizer que protestar contra o Papa em público vai contra minha formação e não é do meu feitio. Prefiro o diálogo. Por outro lado, sofro com frei Boff, mas também me alegro com seu exemplo de acatamento. Portanto, ninguém se deixe levar pelo espírito de divisão.

Dom Cláudio Hummes

Reforma Agrária na Nova República

Falar em Reforma Agrária hoje, para muitos, é modismo. Mas esta questão esconde em seu bojo uma realidade muito séria, carregada de um rio de sangue que rega as terras pelo testemunho de tantos mártires que tombaram na luta em nosso país.

Com uma extensão de 850 milhões de hectares, temos vergonhosamente cerca de dois milhões e 180 mil famílias de Sem-Terra, segundo dados da ABRA (Associação Brasileira de Reforma Agrária). Só no Estado de São Paulo, existem aproximadamente 500 mil bóias-frias, que surgem como fruto vergonhoso da ganância dos latifundiários. Os conflitos surgem a cada dia, impossíveis de se contabilizar.

Sabemos que a única saída é a concretização de uma Reforma Agrária que nasça da base. Esta saída já vem sendo praticada por inúmeras famílias de Sem-Terra deste país. O projeto deles não tem cronogramas, não é feito em laboratórios e consiste basicamente na ocupação de terras por gente faminta.

O atual governo, pressionado pelo movimento popular, não teve outra alternativa a não ser fazer uma proposta de Reforma Agrária, já do conhecimento da opinião pública. Esta proposta foi o jeito que a Nova República encontrou para dar resposta a um compromisso de 20 anos: pretende-se colocar em prática o Estatuto da Terra.

Das avaliações que se têm feito nas bases, deduz-se que o Plano Nacional de Reforma Agrária (PNRA) não é ainda aquilo que se pretende. Os pontos essenciais são:

— Existe uma lei que pode ser aplicada e é preciso se apegar a ela (Estatuto da Terra).

— Os conflitos estão aí. O plano visa diminuir a tensão no campo.

A proposta pretende assentar 100 mil famílias neste ano. A titulação será de caráter familiar, mas nesse ponto já houve recuo do governo. Novos recuos poderão ocorrer devido à forte pressão dos latifundiários e à própria denúncia de armamento feita pelos grandes fazendeiros.

Diante disso, é pura ilusão esperar que este governo faça uma Reforma Agrária como os Sem-Terra querem, radical, revolucionária, com princípios de justiça social. No entanto, é um passo dado que não se pode desprezar, sob pena de não ocuparmos os poucos espaços que se têm e de cair na crítica pela crítica.

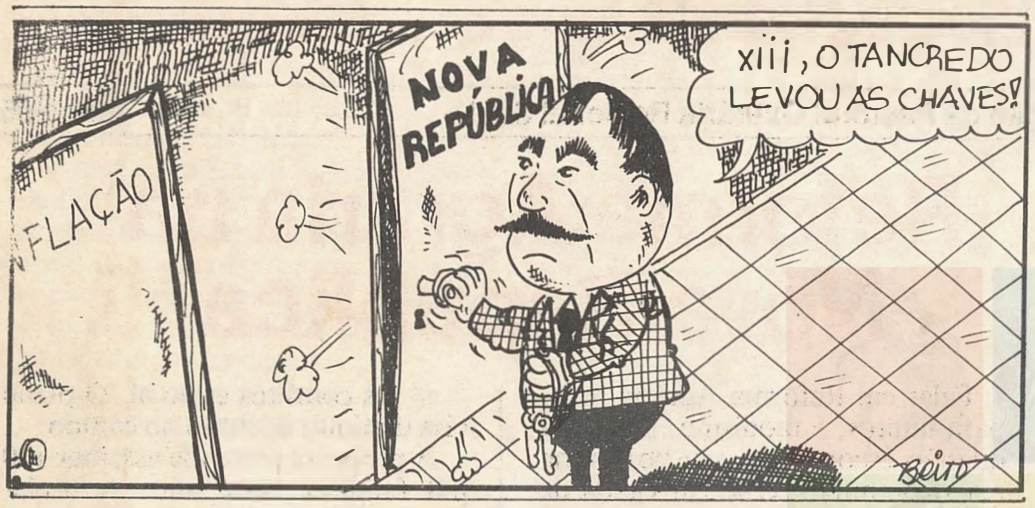
Vai depender de uma forte organização dos trabalhadores para que o PNRA não seja modificado ainda mais à direita. Portanto, mãos à obra. Lutemos para reconquistar aquilo que nos foi roubado, que é o direito à terra. Na lei ou na marra, como dizem os lavradores, se faz a Reforma Agrária neste país. **Pe. João Domingos Bragheto**

Camponeses querem Reforma Agrária



Nova República, velhos costumes

A Nova República não tem feito nada de novo. Está seguindo a política do Delfim, recomendada pelo FMI. Se o governo deixar de investir no setor público, vai provocar mais recessão e desemprego. O prejudicado será o trabalhador que continuará pagando pelos descasos governamentais.



Passados três meses da posse do novo governo, já é possível fazer uma primeira avaliação sobre as principais marcas da política econômica da "Nova República". Até o momento, as medidas adotadas revelam duas marcas fundamentais: o continuismo e a inconsistência.

A marca do continuismo (a mesma política do Delfim) aparece tanto na forma de combater a inflação quanto no modo de encaminhar as negociações da dívida externa.

No caso do combate a inflação o governo crê que a grandeza da dívida pública é a causa fundamental. Para diminuir essa dívida pública, o governo tem usado um conjunto de medidas visando duas coisas: aumento de impostos e corte nos gastos públicos, de modo a reduzir suas despesas.

Essa é, exatamente, a política recomendada pelo FMI. O resultado temos sentido na carne e tem efeito contrário ao que o governo diz, pois cria as condições para aumentar o desemprego e forçar a inflação. Não podemos nos enganar com a aparente queda da inflação, por enquanto.



Novas maneiras de fazer a mesma coisa

Os ministros da área econômica introduziram algumas novidades na maneira de agir. Eles fazem uma combinação de "controle de preços" com reajuste de correção monetária'" acima da inflação. O controle de preços em si, é bom mas a correção monetária acima da inflação é ruim. Muitas empresas dependem de empréstimos para manter sua produção. Esses empréstimos serão pagos com uma correção muito alta e isso leva inúmeras delas à falência. Vejamos bem essa questão: as empresas, em geral, não conseguem aumentar suas vendas. Assim, elas tem pouco dinheiro girando. Como vão pagar empréstimos caros? Não conseguindo pagar elas param de produzir e com isso aumenta o desemprego.

Para evitar o fechamento, o governo terá que abrir mão do controle de preços. Nesse momento as empresas vão querer recuperar suas perdas e a inflação vai crescer desordenadamente. Com o fechamento das empresas ou com a liberação dos preços quem paga o pato é o trabalhador. No primeiro caso fica desempregado e no segundo aumenta o custo de vida.

O corte nos gastos

O crescimento da economia brasileira depende, em grande parte, dos investimentos do governo. Construir escolas, hospitais, creches, redes de água e esgotos, ampliar estradas de ferro, transportes coletivos, tudo isso é feito com dinheiro público. Investindo nesses setores e no incentivo ao pequeno agricultor para a produção dos produtos que servem à população, o governo estará criando novos empregos diretos, além de atender o povo naquilo que ele mais precisa. E gera outros empregos na medida que crescem as indústrias para atender os pedidos do governo. Ora, deixar de investir ou cortar os gastos nesses setores é provocar a recessão e o desemprego, aumentando a miséria do povo.

Política com o FMI

Em relação à negociação da dívida externa, tão pouco há novidades. O pacote que está sendo negociado com os banqueiros internacionais não traz nenhuma modificação substancial em relação ao acordo que já havia sido esboçado pelo governo Figueiredo em meados de fevereiro. O acerto mantém a supervisão do FMI sobre a política econômica até pelo menos 1.991 e prevê que o Brasil continuará pagando integralmente os juros da dívida. Isto significa que o país permanecerá tendo de gerar crescentes superávits comerciais. Vai produzir para a exportação e não para o povo, o que constitui uma política que, na prática, impossibilita a retomada do crescimento econômico. Assim, a miséria continuará a crescer.

A quem interessa?

Podemos afirmar com certeza que a falta de rumos claros da política econômica da Nova República ajuda, substancialmente, às grandes empresas que fazem gigantescas aplicações no mercado financeiro e lucram com a especulação. Interessam também, é evidente, aos bancos cujo negócio é emprestar dinheiro a juros altos. Por outro lado o grande prejudicado é o trabalhador, sobre quem recaem, em última instância, os juros, o custo de vida altíssimo e o desemprego.

Extraído do artigo de Plínio Sampaio Jr.

O QUE VAI PELOS SINDICATOS

A greve vitoriosa

Embora tenta-se passar uma imagem negativa da greve, percebemos que ela foi vitoriosa.

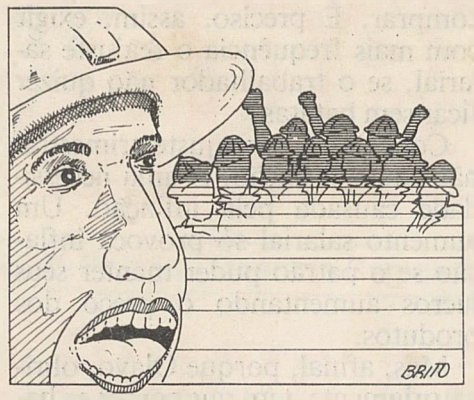
No Brasil as 48 horas já caíram. Os brasileiros eram os lanterninhas na América Latina em número de horas trabalhadas por semana. Países como Perú e Equador há muito tempo adotaram 40 horas. Aqui, ainda eram 48.

Nessa última greve a história mudou. Mais de cem mil trabalhadores conquistaram a redução da jornada de trabalho.

Quase ninguém punha fé quando, no Congresso da CUT, em 84, foi lançada a luta pelas 40 horas. Hoje percebe-se que o cerco está sendo arrebentado. Daqui a alguns anos a classe operária no Brasil estará trabalhando menos horas por semana.

Números que ninguém conhece

A greve começou no dia 11 de abril e terminou, nas últimas fábricas, no começo de junho. Dela participaram nove sindicatos (dois deles sob a liderança de oposições), que representam 300.000 trabalhadores. O total de grevistas foi 255.428. Até o momento, 117.656 trabalhadores fizeram acordos com



as empresas. Nesses acordos, a média de redução da jornada foi de três horas e meia.

A imprensa quiz mostrar que essa greve foi um fracasso. Falaram em dezenas de milhares de demissões. Na realidade, os demitidos, até hoje, foram 6.188 operários e quatro comissões de fábrica. Outras quatro foram suspensas e 20 Cipas tiveram alguns dos seus membros demitidos.

Além disso, os trabalhadores perderam os dias parados: isto é o custo da luta. Ninguém entra na chuva pensando em não se molhar.

Greve necessária

Poucos sabem que, até agora, 37,9% dos trabalhadores que entraram em greve conquistaram, em média, 44 horas e meia.

Além da redução da semana de trabalho, essa greve trouxe outras vitórias:

— Os patrões queriam acabar com o aumento trimestral mas tiveram que mantê-lo.

— Todos os acordos incluíram aumento real de 4 a 5%.

— O INPC foi de 100% e não foi aplicada a lei do arrocho.

— Onze novas comissões de fábrica foram conquistadas.

— Em todos os nove sindicatos que participaram da greve foram criados fundos de greve.

Mas o importante é que até os patrões reconhecem que os trabalhadores estão de cabeça erguida. Eles sabem que com essa greve derrubaram o tabú das 48 horas semanais. Sabem que os trabalhadores estão continuando a luta mundial pela redução da jornada de trabalho.

Vito Giannotti

PASTORAL OPERÁRIA — O QUE ÉE

Eles ou nós

Como fica a participação dos trabalhadores nas decisões do país? Quem deve decidir, "eles" ou "nós"?

Nos livros do Êxodo e Deuteronômio, o povo fez uma aliança com Deus, conseguindo através dela uma imensa Reforma Agrária. Além da partilha da terra, eles promoveram uma assembléia popular. De comum acordo fizeram uma Constituição para regular a convivência humana e assegurar o direito à vida com liberdade para todo o povo.

Hoje, depois de três longos milênios, ainda nos debatemos com os mesmos temas: Reforma Agrária, Constituinte, Leis etc.

O problema é saber em que medida a classe trabalhadora participa da condução desses assuntos. Temos um sindicato forte que defende os interesses da classe? Há movimentos populares que levam nossas reivindicações? Temos um partido que faça valer os nossos direitos políticos?

Não dá mais para ficar aplaudindo ou esperando que "eles" resolvam as questões para nós. É aqui que entra a diferença crucial: "ELES" e "NÓS".

Nossa participação

Quando falamos de libertação da opressão, conquista da terra e Assembléia Constituinte do povo hebreu, falamos de um processo de participação ativa do povo. Enquanto o que assistimos através dos órgãos da imprensa é a perspectiva de que "eles" farão tudo para "nós". Ou seja, a classe dominante toma todo cuidado para tirar a participação do povo das decisões. Eis a razão desses assuntos ficarem só nos falatórios há três milênios.

A Pastoral Operária quer contribuir com a classe trabalhadora desmascarando a ideologia da dominação. O método para fazer isto não é só entrando no falatório, mas organizando os companheiros, incentivando e apoiando a participação ativa dos trabalhadores através dos sindicatos, associações e outras ferramentas que a classe vai construindo para fazer valer seus direitos.

A libertação da opressão do Egito se deu graças ao extermínio do exército do Faraó, inclusive a morte de seu filho primogênito. A Reforma Agrária, graças à destruição dos reinados dos cananeus, heveus, heteus, jabuzeus etc. Também hoje a libertação se dá conforme quebramos os mecanismos de opressão. A Reforma Agrária, conforme ocupamos os latifúndios fazendo deles terras produtivas.

E a Constituinte? Como vamos participar dela? Vamos deixar que "eles" façam por nós? O que o nosso grupo pode fazer?

Pe Isao Yamamoto



A LUTA DO TRABALHADOR

Reajuste e inflação

Imaginem uma panela com seis batatas para dividir entre Olavo e João. Se Olavo come quatro batatas, sobram duas para João. E se João pega três em vez de duas? Restam, para Olavo, três batatas, em vez de quatro. Como Olavo pode manter as quatro batatas iniciais? Há duas formas: colocar mais uma na panela ou impedir que João pegue a terceira batata.

Acontece o mesmo com o trabalhador e o patrão. Se o trabalhador conquista aumento salarial, diminui o lucro, a não ser que o patrão reaja. Uma forma é conseguir aumento de produtividade (colocar mais batatas na panela).

Há outro modo: elevar os preços e jogar para o consumidor as despesas do aumento salarial. Nesse caso, haverá inflação, o lucro será mantido e o salário corroído. Imagine, outra vez, a panela com seis batatas. Se o lucro permanece igual e o salário diminui, Olavo está recuperando as quatro batatas e João volta a ficar com duas. A inflação é, portanto, uma forma de transferir renda do operário para o patrão.

Fica fácil agora entender a trimestralidade. No Brasil, foi assim: primeiro os preços subiram. Veio a inflação de mais de 200% ao ano, que não foi causada por aumento salarial e que deixou o trabalhador com apenas uma batata. Quanto maior a inflação, mais rápido diminui o salário, menos batatas pode comprar. É preciso, assim, exigir com mais frequência o reajuste salarial, se o trabalhador não quizer ficar sem batatas.

Conclusão: o reajuste trimestral não causa inflação. É uma necessidade causada pela inflação. Um aumento salarial só provoca inflação se o patrão puder manter seus lucros aumentando o preço dos produtos.

Mas, afinal, porque Olavo, obrigatoriamente, tem que comer as batatas? Isso o governo não pode responder sem confessar seus compromissos. Ao afirmar que o trimestral é inflacionário, o que diz, na verdade, é outra coisa. Que, para ele, o lucro é sagrado.

Clovis Bueno de Azevedo



Patrões não querem diálogo

A greve no setor metalúrgico se deu porque o nível de tolerância dos trabalhadores chegou ao fim. A tentativa de negociação por parte dos grevistas foi constante durante o período de paralização.

Os patrões, no entanto, não estavam dispostos a negociar. Ao contrário, usaram de toda sua força junto ao governo para que houvesse intervenção da polícia e se recusaram ao diálogo.

A imprensa criou um clima de fim-de-mundo. Utilizou um episódio isolado — a invasão da GM de São José dos Campos — e agitou mais do que os próprios operários. O enfoque era sempre para os prejuízos das empresas. Não se falou nada sobre as dificuldades do trabalhador. Durante este movimento, os patrões derramaram seu ódio de classe contra os metalúrgicos.

Bresser Pereira, do secretariado de Montoro, afirmou que os empresários se mostraram ineficazes, culpados pelas negociações emperradas.

Ao terminar a greve demitiram os companheiros que mais participaram do movimento, querendo com isso derrubar a organização nas fábricas e acabar com os sindicatos combativos. Mas os trabalhadores não vão desistir da luta e continuarão buscando uma solução negociada.

A PASTORAL ACONTECE

Solidariedade a Boff

Os motivos colocados para a punição ao Frei Leonardo Boff são afirmações contidas no livro por ele escrito: ''Igreja, Carisma e Poder''.

No entanto, o que se coloca de fato é o comprometimento que se tem com a causa da libertação do nosso povo. É assim que a imposição do silêncio vem repercutindo, na sociedade em geral e particularmente na Igreja. Esta punição vem satisfazer os interesses das classes capitalistas que se encontram dentro e fora da Igreja e que preferem manter esse sistema de exploração, que tanta miséria e sofrimento vem causando ao nosso povo.

É importante que os trabalhadores cristãos manifestem sua opinião e tomem consciência das reais intenções colocadas nesta punição. Incentivamos as várias manifestações de apoio ao companheiro Frei Boff e a todos os que estão comprometidos com a libertação do povo. O direito e dever de manifestar nossa opinião está contida no cânon 212 do novo Código do Direito Canônico. Assim, qualquer manifestação respeitosa e firme não pode ser tida como espírito de divisão. Infelizmente não foi o que aconteceu com o Cardeal do Rio que, publicamente, convidou os insatisfeitos a se afastarem da Igreja.

Como aparece em Mateus, (18,15-17) queremos dizer que o manto da autoridade não pode cercear a liberdade de pesquisa e expressão.

Renato Silveira Martins

Constituinte: sim ou não?

O que é Constituinte? Para que serve? Vai melhorar a vida do trabalhador? Muito se fala e pouco se conhece a respeito do assunto.

Para ajudar a entender melhor o tema, foram publicadas duas cartilhas: ''Constituinte, sim ou não?'', editada pela P.O. de Campinas e ''A Constituição e os trabalhadores'', publicada pelo DIEESE. A P.O. Nacional também está preparando uma cartilha com sete encontros para debate.

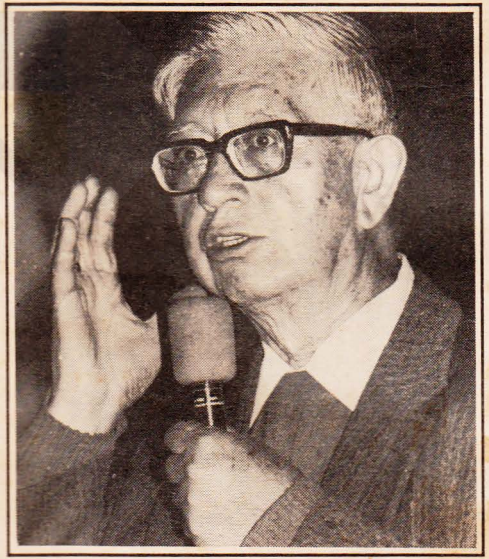
Este assunto deve ser discutido nas bases para que os trabalhadores se organizem e participem da realização da Constituinte.

O material está à venda na sede da P.O. de São Paulo: Rua Venceslau Brás, nº 78 — 1º and. — Sala 115 - CEP: 01016 — São Paulo - SP.

"POR LA LIBERACION DEL INDIO Y DEL PUEBLO OPRIMIDO"

Fundación Pueblo Indio del Ecuador
(Constituída por Mons. Leonidas Proaño)
Apartado 441, Suc. 12 de Octubre
Quito - Ecuador.

PENSAMIENTOS DE MONSEÑOR PROAÑO



Compilador:
Mons. Agustín Bravo

PENSAMIENTOS DE MONSEÑOR PROAÑO, ESCOGIDOS COMO UN RAMILLETE DE RECUERDOS Y ESPERANZAS, EN EL PRIMER ANIVERSARIO DE SU RETORNO A LA CASA DEL PADRE.

Pensamientos de Monseñor Proaño
Compilador: Mons. Agustín Bravo
Edición: Fund. Pueblo Indio del Ecuador
Diagramación: CEDECO
Quito, agosto de 1989

1. Su cédula de identidad cristiana

Soy cristiano. Para esto nací el día de mi bautismo. Soy sacerdote y Obispo de la Iglesia Católica. Como cristiano, sacerdote y obispo, recibí la misión de proclamar la Buena Nueva del Reino de Dios a los pobres.

He luchado y lucho, desde los pobres y con los pobres, por alcanzar el privilegio de ser testigo del Dios de la vida, la verdad, el amor, la libertad, la justicia, la paz y la alegría.

2. La Fundación "Pueblo Indio del Ecuador"

Puesto que me encuentro en la última etapa de mi vida, pienso crear una Fundación que se haga cargo de continuar la obra comenzada.

3. Mi Universidad ha sido el pueblo

Cuanto he vivido y aprendido no ha sido extraído de las aulas universitarias

de mi país o de otro país del mundo, sino de la cantera del pueblo y mis mejores maestros ha sido los pobres en general y particularmente los indígenas del Ecuador y de América Latina, considerados en Puebla como "los más pobres entre los pobres".

4. La obra más grande que se está realizando...

Nos aproximamos al año 1992, en el que se cumplirá el quinto centenario del llamado descubrimiento de América y de la primera evangelización de sus habitantes, los indios. A esta altura de la Historia, los indios de la Provincia del Chimborazo (Diócesis de Riobamba), los indios del Ecuador (más de tres millones), los indios de América (más de cuarenta millones), han comenzado a abrir los ojos,
han comenzado a ver,
han comenzado a desatar su lengua,
han comenzado a recuperar su palabra,
han comenzado a decirla con valentía;
han comenzado a ponerse de pie,
han comenzado a caminar,
han comenzado a organizarse y a realizar acciones que pueden convertirse en acciones de trascendental importancia para ellos, para los países de América, para muchos países del mundo.

5. Rechazo de toda celebración triunfalista

Porque ya ven, porque ya dicen su pensamiento, porque ya caminan y saben a dónde van, frente a la conmemoración de los 500 años del "descubrimiento" de América, rechazan toda celebración pomposa y triunfalista que pretenden llevar a cabo tanto los gobiernos como las Iglesias de España, Europa y América Latina...

Porque, más que un descubrimiento, fue una invasión con fatales consecuencias: extinción de más de 75 millones de hermanos, usurpación de sus dominios territoriales, desintegración de su organización y

cultura, sometimiento ideológico y religioso; porque, a partir de la conquista española, se ha establecido una permanente violación de sus derechos fundamentales; porque la Iglesia Católica y otras Iglesias, particularmente en estos últimos tiempos las sectas religiosas, han colaborado con el poder temporal al sometimiento de los pueblos indios.

6. Aprecio a los Indígenas

Tanto mi padre como mi madre tenían un grande aprecio a los indígenas. Ese amor y respeto a los pobres, particularmente a los indígenas, llegó a formar parte de mi propia existencia. Por eso, he dicho más tarde que no he querido nunca ser traidor a los pobres, pues nací en un hogar pobre y aprendí en ese mismo hogar a amar a los pobres.

7. Supe lo que es padecer de hambre..

Supe, como todos los pobres, lo que es padecer de necesidad y hambre. Pero aprendí también a soportar privaciones sin quejas ni envidias.

8. Sonrisa entre lágrimas...

Gloria al Dios de las alturas
que nos da sus enseñanzas;
gloria al Niño del Pesebre
que llora porque nos ama.
Y paz en la tierra al hombre
que, entrando dentro de su alma,
comprende cuán bien se juntan
la alegría con las lágrimas.

9. Solidaridad

Sentir como propio el sufrimiento
del hermano de aquí y del allá,
hacer propia la angustia de los pobres
es solidaridad...
Compartir los peligros en la lucha
por vivir en justicia y libertad,
arriesgando en amor hasta la vida,
es solidaridad.

10. La hora de la liberación

La hora de la liberación es cada hora. La tarea de la liberación, en sentido evangélico, es tarea de todos los días..., a nivel personal y a nivel eclesial.

11. Educación en la libertad y para la libertad

Lo que más agradezco a mis padres es su permanente educación en la libertad y para la libertad.

12. La comunidad cristiana

La comunidad cristiana está integrada por hombres que, reunidos en Cristo, son guiados por el Espíritu Santo en su peregrinar hacia el Reino del Padre y han recibido la buena nueva de la salvación para comunicarla a todos.

13. Caminar a la luz del otro...

Hay existencias que empiezan a caminar iluminándose en silencio mutuamente...

A la luz del otro, descubro también mis propias tinieblas, también a veces insospechadas, porque nunca hubo una luz que las persiguiera en las cuevas donde habita el egoísmo.

14. Presencia real de Cristo en los amigos

Esta promesa de Cristo "si dos o tres se reúnen en mi nombre, Yo estoy en medio de ellos", tiene sentido especialísimo en la amistad cristiana... A través del amigo, es Cristo mismo quien nos hace sentir su presencia, es Cristo mismo quien nos hace sentir que nos ama.

15. El lema de mi escudo...

"Por Cristo, con El y en El, a Ti, Dios Padre Omnipotente, en unidad del Espíritu Santo, todo honor y toda

gloria". Esta doxología consta en mi escudo, no como una frase sin trascendencia, sino como lema de mi vida. La repito diariamente, no sólo en la misa, en varios momentos del día. Me siento introducido en la Trinidad. Me parece adivinar su felicidad.

16. La gente sencilla nos enseña a experimentar a Dios

La gente sencilla tiene mucho que enseñarnos. Con una intuición, obra evidente del Espíritu Santo, la gente sencilla descubre la profundidad del mensaje salvífico y lo expresa con una simplicidad admirable... Más que definir a Dios, lo experimenta en su vida diaria.

17. La situación de nuestra Iglesia

La gran masa no está suficientemente evangelizada y los laicos comprometidos son muy reducidos en número...
Los seglares toman conciencia de que ya no son fichas y el sacerdote está en búsqueda de descubrir su nuevo ser y existencia.

18. Liberación cristiana

Cuando hablamos de liberación integral del hombre, estamos hablando de la liberación cristiana que incluye todas las liberaciones, porque toma en cuenta todas las esclavitudes.

19. Vida de conflictos

Toda mi vida ha estado llena de luchas y conflictos... No voy a detenerme a narrarlos minuciosamente. Para ello resultarían escasas las páginas de todo un libro...

Todos saben que, en la Provincia de Chimborazo, está naciendo una Iglesia comprometida con la liberación del Indio y del pueblo oprimido. Pues bien, este atrevimiento ha traído dificultades.

20. Mi credo...

Aprendí a conocer a Dios en los brazos

de mi madre...
Porque creo en Dios y porque creo en Jesucristo, creo también en el hombre. Creo en el hombre que está en mí, porque el Verbo de Dios hecho carne me ha ido salvando.

Creo en el hombre que está en todos mis hermanos, porque ese mismo Verbo de Dios hecho carne quiere salvar a todos.

Creo en la Iglesia. Me siento una parte pequeñita, pero viva, de ella... La amo entrañablemente; y, porque la amo, me duelen como en carne propia sus desvíos.

21. Nos hemos quedado con el Cristo de semana santa...

Nos hemos quedado con el Cristo de semana santa y no hemos presentado al Cristo resucitado.

22. El espíritu de Cristo

El espíritu de Cristo es como la revolución de Dios en la historia: quiere rescatar y resucitar todo... Es el liberador y el revolucionario auténtico. No se contentó con la conversión individual: provocó el cambio de estructuras.

23. Cuando parece que no hay dónde poner un pie...

Cuando parece que un diluvio ha anegado al mundo y que no hay lugar en donde poner un pie, es cuando la voz del profeta hace también renacer la esperanza.

24. Mi fuerza es el silencio

No me turbo por nada: mi fuerza es el silencio, ese silencio humilde en donde Dios enseña que somos criaturas sacadas de la nada y que El es siempre Padre del cielo y de la tierra...

Si las lluvias arrecian,
espera, hijo, espera,
guarda tu paz en el silencio
humilde:
el sol calentará tu pobre tierra...

25. Un cura de indios, bueno como él sólo

El patrón era bueno,
la vida de los indios llevadera;
y, aunque terrenos propios no
tenían,
los indios cultivaban esas tierras.
El pan no les faltaba, porque el
cura,
un viejecito amable, faz risueña,
de corazón tierno,
vida humilde y austera,
al patrón predicaba sus deberes,
salía de los indios en defensa.
El pan del Evangelio
también les daba el mismo
y en su lengua.
Era él su padre y madre,
el alivio de sus penas,
su amigo y su pastor,
su confidente,
su consuelo y sostén
en su miseria.

26. María

¡María, Madre bendita!,
Virgen de intacta pureza,
refugio de pecadores,
de los náufragos estrella,
permite que en este día
postrero de primavera,
esta humilde florecilla
como recuerdo te ofrezca.

Me cubrirás con tu manto
a guardarme de tormentas,
me enviarás un rocío
de dulzura y gracia lleno;
me ampararás siempre, siempre
en el mundo hasta que muera;
y, cogido de tu mano,
feliz saldré de esta tierra...

27. Nada seguro tenemos...

Las raposas tienen cuevas,
las aves del cielo, nidos;

más ni las aves del cielo
tienen seguro su nido.

Cualquier viento tempestuoso
lo arroja y lo tira al suelo:
en otra rama, en otro árbol,
colgarán su nido nuevo.

Los seguidores de Cristo
nada seguro tenemos,
pero nos quedan las alas
para levantar el vuelo;
y, en cualquier árbol del mundo,
colgar un nido precario;
y nos queda la garganta
para elevar nuestro canto...

28. Una tumba amorosa...

Yo me voy, ¡oh patria mia!
Mas, si vuelvo, en tus entrañas
una tumba no me niegues
amorosa y abrigada.



SEBASTIÃO ROSA DA PAZ

LÍDER SINDICAL ASSASSINADO

URUAÇU - GO

Você se Lembra de Sebastião Rosa da Paz?

Claro! Todos nós nos lembramos e nunca vamos esquecer do companheiro assassinado há 11 meses por pistoleiros que atiraram nele dentro de sua casa. Daqui a exatamente 30 dias — em 28 de agosto próximo — celebraremos 1 ano de morte de Tião da Paz, mártir da luta na conquista da terra.

Os matadores de Tião da Paz estão impunes, como ficam impunes todos os assassinos de trabalhadores em nosso país. Nesses casos, os governos não se empenham para apontar os mandantes e executores e a Justiça garante a impunidade. O inquérito sobre o assassinato de Tião está parado desde março e o governo nada faz para esclarecer o crime, demonstrando falta de interesse de bolir com o latifúndio da região de Uruaçu.

Se estivesse aqui hoje, com sua inseparável sanfona, Tião da Paz estaria denunciando, com o canto, a injustiça cometida contra os trabalhadores. Foi assim que fez na Primeira Romaria da Terra e foi sempre assim que se comportou em toda a sua vida, como participante da comunidade de seu bairro e como dirigente sindical. Nessa Segunda Romaria, celebramos o exemplo de Tião da Paz como semente de rebeldia e de justa ira contra os que nos oprimem.

Convocamos a todos a escrever imediatamente cartas e telegramas ao Ministro da Justiça Fernando Lyra (Esplanada dos Ministérios — Brasília-DF), exigindo a identificação e punição dos assassinos e mandantes do crime, com data máxima para apresentar os nomes dos culpados no dia 28 de agosto. Os trabalhadores estão se cansando de esperar. Queremos justiça!

Trindade-GO, 28 de julho de 1985.

COMITÊ SEBASTIÃO ROSA DA PAZ

MIGRANTE COM A PALAVRA

Comunidade Laranjeiras, julho de 1986,"

Caros amigos,

Estamos escrevendo esta carta, estas são as notícias de nossa comunidade: estamos vivendo esta vida dura, de trabalhos duros. Quando chega o mês de janeiro e abril em diante, todos os homens e até mulheres vão procurar serviço em São Paulo, e vários pelo Mato Grosso; outros vão para a panha do café em busca de melhora. Muitas mulheres estão sozinhas com os filhos, trabalhando...

Alguns nem terra têm para trabalhar, trabalham em terças meias, este ano com muita falta das coisas, muitos até passam necessidades. O feijão da seca não deu nada, nada. Quase nem a cor do feijão muitos não viram. Muitos vivem sofrendo, muito mesmo, e alguns que não quer ir em São Paulo, tentam ver se aqui dá para viver trabalhando, mas nada está conseguindo. A vida está dura mesmo, cada vez pior. Por isso, as comunidades são fracas, mas continuamos lutando com muita fé em Deus. pra ver se conseguimos vencer esta batalha. Estamos rezando pra que a Reforma Agrária aconteça mesmo.

Aqui ficam nossos abraços e agradecimentos de todos os trabalhadores da comunidade de Laranjeiras.

Chapada do Norte, Minas Gerais

"A MIGRAÇÃO É UMA MÁQUINA QUE OS PODEROSOS USAM PRA PRODUZIR RIQUEZA":



SUBSÍDIOS DO CEM

A - Para a Semana do Migrante
- Cartaz grande e pequeno
- Camisetas com ilustração do Cartaz
- Livreto com 3 encontros de reflexão
- Celebração litúrgica para o Dia do Migrante

B - Subsídios para Reflexão
- Reforma Agrária e Migração (J. Graziano Silva)
- Capitalismo e Pessoa Humana
- Entre a Cana e o Facão, a luta e a vitória de um povo (Raimundo Nonato de Andrade)
- Não aguento São Paulo não! (Francisco A. Souza - Sofredores de rua)
- Poesias da Sargeta (Maria Elizabete L. Mota - Sofredores de Rua)
- Migração, pobreza e participação do Migrante na periferia de São Paulo.
- Nova Fortaleza, denúncias e esperança - Acampados Erval Seco.
- Colonizar não é a solução

C - Audiovisuais
- "O Vaivém do Migrante"
- "O Vaivém da Precisão"
- "Colonização: O Vaivém do Povo Sem Terra"

D - Livros
- Migração no Brasil, o peregrinar de um povo sem terra. (NOVIDADE)
- As Migrações Rurais e Implicações Pastorais (Pe. Renato Schaefer)
- Sanque na Terra, a luta das Mulheres (Maristela Maffei)
- Fé e Participação Popular
- Os nordestinos em SP - depoimentos
- O Vaivém da Sobrevivência
- Migrantes, êxodo forçado

E - Boletins e Jornais
- SPM - Boletim do Serviço Pastoral do Migrante
- VAI-VEM - Boletim das Migrações
- O MIRANTE - Jornal - Ji-Paraná (RO)
- Jornal dos trabalhadores Sem Terra - Movimento dos Sem Terra
- A Montalha é algo mais do que uma imensa estepe verde - (Omar Cabezas Lacayo)

ENDEREÇO DO CEM

Centro de Estudos Migratórios
Cx. Postal 42.756
04299 - São Paulo - SP.

"DEVEMOS MARCHAR E CONQUISTAR ESSA TERRA"

Nm 13,30



SEMANA DO MIGRANTE TEXTO-BASE

18 a 25 de junho de 1987

CEM/SPM/CPM

VER



O Brasil é historicamente marcado pelo fenômeno das migrações. Durante os primeiros 4 séculos predominaram as migrações internacionais. Nos séculos XVLL e XVLLL cerca de 3.647.000 negros entraram em nossos portos. Entre 1880/1930 cerca de 4 milhões de imigrantes europeus, se dirigiram para a lavoura de café em São Paulo ou para a colonização na região sul do país.

As migrações internas passaram a ser mais importantes a partir de 1930, com o processo de industrialização. A cada década foi aumentando o número de migrantes. Em 1970 eram 29 milhões, e em 1980 são 40 milhões. Podemos destacar 4 ''categorias'' principais de migrantes:

1 - Migrantes na Cidade: são aqueles que se dirigem para as regiões metropolitanas, para as cidades médias e para a periferia de municipios pequenos, caso típico dos bóias-frias, migrantes em ''repúblicas'', nômades.

2 - Migrantes na Fronteira Agrícola: são aqueles que não possuirem terra (ou têm pouca) se dirigem às regiões de colonização nova tornam-se posseiros, colonos, trabalhadores escravos, vítimas das falsas promessas de colonizadoras, fazendeiros e latifundiários..

3 - Migrantes Temporários: são os sazonais que migram 6/8 meses no ano, atrás de safras agrícolas: cana, algodão, etc. São os garimpeiros, barrageiros, peões de trecho, pescadores, lenhadores, trabalhadores da construção civil... que estão sempre migrando em busca de um trabalho incerto.

4 - Emigrantes/Imigrantes: nos dias de hoje são principalmente os latino-americanos, expulsos de seus países por dificuldades políticas ou econômicas. Os emigrantes são principalemnte os ''brasiguaios'' - brasileiros que, por não terem terra no seu próprio país, viram-se forçados a migrar para o Paraguai. Seu número é estimado em 300 mil.

JULGAR

1 - O julgamento dos Migrantes

Através de depoimentos, encontros e troca de experiências, os migrantes vão tomando consciência de que sua situação configura-se como fenômeno de tremenda injustiça. Adquirem um olhar crítico frente a esse vaivém, constante e forçado.

2 - O julgamento da Ciência

Um olhar critìco nos ajuda a entender as migrações como uma arma do capital para melhor expropriar e explorar os trabalhadores. Libera-se um enorme ''exército de mão-de-obra'' que, girando de um lado para o outro, permite o achatamento de salários, a consequente elevação dos lucros e ainda reduz a possibilidade de mobilização da classe trabalhadora. A migração é uma máquina de produzir, ao mesmo tempo, riqueza e miséria.

3 - O julgamento de Deus

O Antigo Testamento, através da Aliança e da Promessa, mostra que a terra, como dom do Pai, deve estar a serviço dos irmãos e que é um pecado acumular e especular com ela. No Novo Testamento, a prática de Jesus em defesa da vida é, por si só, um **olhar crítico** sobre um sistema que produz a migração e com ela a morte.

4 - O julgamento da Igreja

A tradição da Igreja, em seus documentos e declarações, tem alertado insistentemente no sentido de que sobre a riqueza e a propriedade privada pesa uma hipoteca social. Este permanente olhar crítico é um eficaz remédio no combate evangélico à migração forçada, origem de tantos dramas sociais, políticos e econômicos, familiares, psicológicos, religiosos, etc.



AGIR

1 - Organização



A - formar equipes de Migrantes a nível comunitário, paroquial e regional.

B - Promover encontros de Migrantes a nível local, regional e nacional.

2 - Tipos de Tarefas

A - No local de acolhida: visitar os que chegam, integrá-los na comunidade, nos movimentos populares, sindicatos autênticos e na luta pela terra.

B - Combater a migração forçada apoiando a luta pela terra, os acampamentos, assentamentos e ocupações, promovendo romarias da terra e agilizando a Reforma Agrária.

C - Intercâmbio de experiências, correspondência entre grupos de migrantes, carta para a comunidade de destino e trabalhos nas áreas de origem e de destino dos migrantes.

D - Divulgação: enviar notícias e divulgar os boletins Vai Vem, SPM e o jornal ''O Migrante'', etc.

E - Formação de lideranças com a assessoria do CEM e SPM.

F - Semana do Migrante: celebrações, reflexões, romarias, festas e formas de luta.

G - Articulação com outras entidades: Movimentos populares, sindicatos autênticos, Pastoral Operária, CUT, e outras associações etc.

H - Latino-americanos - encontros de conscientização, documentação clandestinidade e também outros imigrantes.

I - Documentação: coleta de cartas de migatnes, arquivo de reportagens, relatórios sobre os encontros, biblioteca, etc.

Tudo a serviço da luta dos migrantes

3 - Orientações básicas da Pastoral Migratória

A - Recuperação da história da Migranção. Esta ''memória viva'' pode se tornar uma poderosa arma nas lutas pela vida.

B - Intercâmbio pastoral entre a área de origem e a de destino dos migrantes.

C - A luta pela fixação na terra e pelos direitos fundamentais, onde quer que o migrante esteja.

D - Acolhida digna às famíliaas que chegam e integração na caminhada do povo em busca da Terra Prometida.

E - Trabalho ''orgânico e de conjunto'' (Doc. de Puebla) com outras pastorais afins e com a igreja como um todo.

SECRETARIADO NACIONAL DA PASTORAL OPERÁRIA

INSCRIÇÃO NO CGC 27.212.968/0020-09

Av. Presidente Kennedy, 1861 Sala 11 - TEL. (011) 771-3459

CEP.25.020 - Duque de Caxias - RJ

Duque de Caxias, 05 de abril de 1.988.

Estimados companheiros da Pastoral
Operária em todo o Brasil!

Estamos enviando-lhes algumas sugestões de celebração do 1º de Maio, que tem como tema a continuidade de discussão da Campanha da Fraternidade/88, sobre o Negro.

Este roteiro tem como objetivo levantar algumas sugestões, com a clareza de que não é uma proposta acabada e, precisa ser adaptado e trabalhado conforme a realidade local.

Sugestões para a celebração de primeiro de Maio em 1988.

Centenário da Lei "de abolição" e CF/ Negros.

1. As sugestões abaixo foram pensadas tendo em vista uma celebração grandiosa, em praça pública. Se a celebração for em recinto pequeno ou fechado, serão necessárias adaptações.

2. O altar deve ter, de um lado e de outro, o rosto negro do cartaz da campanha. Não faz mal se for a cores, mas sendo em preto e branco, as outras cores devem ser colocadas ou como linhas contornando o rosto, ou como sombreado em cinza, de muito claro a escuro. Basta tirar um xerox da estampa pra se ter uma idéia. Ambos devem estar voltados para o centro, de tal maneira que o que se passa no altar parece ser "o grito".

No centro, a figura de um negro de braços abertos, parecendo uma cruz. Deve ser bem magro e alto. Sem mais nada que a própria figura. Tudo o mais deve ser branco, ou muito simples. A cruz do negro é o branco.

3. O celebrante principal deve ser negro. Os leitores brancos devem trazer uma túnica azul clara ou cinza, comprida. Os negros devem estar revestidos de vestes tipicamente africanas. Os leitores são ora brancos, ora negros, escolhidos segundo dois critérios: alternância, de tal maneira que não haja sensação de exclusividade: a fé nos une, faz que sejamos "nós"; significação: certas coisas, por exemplo no ato de fé, são ditas por um negro, outras por mulheres. a procissão de ofertas deve ser um momento bem visível, em que as pessoas apareçam como agindo, não apenas representando ou levando um objeto que vai ser ofertado por outra pessoa. Deve haver alguém que faça uma certa intermediação entre o grupo do altar e a multidão, para acolher, ensaiar e entoar os cantos, guiar as manifestações rituais de silêncio, canto, aplausos, oração e outras. Deveria ser o próprio celebrante principal, mas pode ser outro, especialmente se puder ser um negro. Vamos chamá-lo de Diácono. O rito de toda a celebração é basicamente romano (branco). Se a comunidade já estiver acostumada a ritos afro-brasileiros, saberá como adaptar.

4. Os quatro momentos do Rito "Romano" são: rito penitencial, ou pedido de perdão. Rito de Louvor e adoração, o "Glória". Rito de pedido, as preces dos fiéis. Rito de agradecimento, ou ação de graças. A CF mostrou como ainda é difícil, na Igreja, a gente celebrar a raça negra, dom de Deus, sem separar de alguma maneira brancos e negros, por força da própria discriminação. As sugestões abaixo se esforçam por superar este impasse, mesmo tendo consciência de que os brancos são os portadores da "culpa" histórica frente aos negros.

5. As adaptações de leituras bíblicas são baseadas na comparação entre a escravidão do povo hebreu e distintivo histórico da raça negra no Brasil, a experiência da escravidão. Há estudiosos e pessoas de profunda fé que vêem na experiência do negro brasileiro uma escravidão mais prolongada e mais violenta que a escravidão hebraica.

6. INTRODUÇÃO

a) Uma meia hora antes da celebração o diácono deve começar a acolhida, saudando os grupos que chegam, ensaiando cantos, especialmente os refrões, explicando o sentido dos rituais e sinais usados.

b) Durante a procissão de entrada, Cante-se o canto 1 da CF. Terminado o canto, o diácono procure criar um ambiente de silêncio. Para isto basta normalmente fazer entrar em silêncio e devagar o grupo dos leitores, colocando-se cada qual no seu lugar: uns de um lado, outros do outro, misturando em ambos os lados homens e mulheres, brancos e negros ou mulatos.

c) Oficiante principal: (adaptação de Sabedoria 2,1-20)

Deus não fez a morte, nem tem prazer em destruir os vivos.
Ele criou tudo para a vida: são salutares as criaturas do mundo, e não há nelas o veneno da morte.

Leitor branco 1:

Os dominadores é que chamam a morte com gestos e com a voz, e acreditam que ela é amiga. Fazem um pacto com ela, e formam com ela um partido. Eles dizem entre si, em seus pensamentos errados:

A vida é breve e triste. Nós nascemos por acaso, e logo passaremos, como quem nunca existiu. Com o tempo nosso nome cairá no esquecimento e ninguém se lembrará de nossas obras. Nossa vida é a passagem de uma sombra, e o fim é sem retorno.

Leitor branco 2

Por isto vamos gozar o presente, gozar das criaturas com entusiasmo de jovens. Vamos tomar o melhor vinho e usar os melhores perfumes. Deixemos em toda parte sinais de alegria, pois esta é a nossa riqueza.

Vamos oprimir o justo pobre - o povo negro - e não poupemos suas mulheres, nem respeitemos os cabelos brancos do ancião. Que a nossa força seja a lei da justiça, porque eles são fracos e inúteis. Cerquemos o povo negro, porque nos incomoda, e se opõe às nossas ações, nos censura as faltas contra a Lei, nos acusa de faltas contra a nossa educação.

Eles declaram o conhecimento de Deus e se dizem filhos do Senhor. Este povo se tornou acusador de nossos pensamentos, basta vê-lo para nos sentirmos incomodados.

Vejamos se sua palavra é verdadeira. Se eles são filhos de Deus, Ele os assistirá e os libertará das mãos de seus adversários.

Vamos experimentá-lo pela ofensa e pela tortura, para apreciar a sua paciência e examinar a sua resignação. Condenêmo-lo a uma morte vergonhosa, pois diz que há quem o visite.

(silêncio)

Oficiante principal

-Em Nome do Pai,...

(em seguida faz uma **pequena saudação**: estamos celebrando a raça negra, que construiu o Brasil. Durante 350 anos foram escravizados. Há cem anos que é proibido escravizar pessoas, mas a situação dos negros continua muito ruim. Queremos agradecer a Deus que luta ao lado dos que procuram a justiça e a vida, tornando-nos irmãos. No final:)

Que o Deus de nossos Pais, Senhor da História e Padrinho dos pobres ouça o clamor de seu povo, faça reinar entre nós sua justiça e esteja sempre convosco!

TODOS: Bendito seja Deus que nos reuniu no amor de Cristo!

7. Rito Penitencial.

a)**Leitor negro 1** (Salmo 129)

Das profundezas clamo a ti, Senhor nosso Deus!

Senhor, ouve o meu grito!

TODOS Senhor, ouve o meu grito!

Leitor negro 2 Senhor, que teus ouvidos estejam atentos ao meu pedido de perdão!

b) **Oficiante:**

+ Pela vergonha, a injustiça e a violência de trezentos anos de escravidão...! todos: Senhor, ouve o meu grito!

+ Pela vergonha, a injustiça e a violência do salário mínimo que mantém viva a escravidão...! todos: Sr. ouve o meu grito!

+ Pela vergonha, a injustiça e a violência da discriminação do povo de raça negra...! todos: Senhor, ouve o meu grito!

c)**Diácono:**

Nós vivemos como peixes mergulhados no pecado, como pássaros voando num céu cheio de fumaça, como um povo acorrentado e prisioneiro. Nossa fraqueza é grande e nosso pecado é forte. Por isto pedimos a Deus perdão:

+ Porque discriminamos e desprezamos o povo negro: todos: perdoai-nos, Senhor!

+ Porque preferimos ficar tranquilos e divertir-nos, cantando e dançando, em vez de procurar a justiça: todos: perdoai-nos, Senhor!

+ Porque acreditamos na força, no dinheiro e nas mentiras que provocam a separação e desunião entre nós: todos: perdoai-nos, Senhor!

Diácono: (entoa o canto) "Ouvi deste povo oprimido o clamor..."

d) **Oficiante:** (impondo as mão sobre o povo)

Que o Deus que nos criou escute a nossa voz!

Ele ouviu o clamor de seu povo escravizado e o libertou da escravidão. Que ele arrance do nosso coração, da Igreja e da nossa sociedade as marcas do pecado e da escravidão.

Deus, Pai de todos nós e padrinho dos pobres faça reinar entre nós sua justiça, derrube os poderosos de seus tronos e levante os humilhados, e faça descer sobre nós o seu perdão:

em Nome do Pai que nos criou, do Filho que venceu a nossa morte e do Espírito que nos dá toda a vida!

TODOS: MAS MEU CANTO BONITO... NEM DOR NEM CORRENTE JAMAIS ABAFOU

8. Canto de louvor

(o canto de louvor é um louvor de adoração, não ainda de agradecimento, que vai ser no fim: nós louvamos a Deus porque é Deus, nos criou, venceu a morte, é nossa vida. O melhor canto mesmo é o Glória. Pode ser entoado também "Glória, glória, aleluia. Ou então o canto já bem conhecido: Ó que coisa bonita, ó que coisa bonita, Deus Pai criador, criar negra cor, ó que coisa bonita... Este é um momento em que se pode introduzir um grupo de crianças negras ou mesmo jovens e adultos, numa coreografia que corresponda às palavras de cada estrofe.

Neste momento podem subir ao altar (dançando) uma mulher negra carregando uma criança, outra com uma trouxa de roupa, um homem com corrente nos braços - mas arrebentada no meio - um outro com instrumento de trabalho. O povo pode aclamar, batendo palmas em ritmo, dançando com os braços levantados, agitando lenços coloridos ou o papel branco da celebração).

9. Oração.

Oficiante: O Senhor esteja convosco! ... Vamos rezar juntos a Oração da CF/88

TODOS rezam em coro a oração.

10. Leituras:

leitor branco:

A vida dos negros africanos.

Com a chegada dos portugueses ao Brasil, começou a escravidão dos negros. Eles foram trazidos da África, arrancados de sua terra, deixando família, trabalho, tudo o que era deles, lá onde eram livres. E aqui eram vendidos como animais. Não eram considerados como seres humanos, eral leilcados e examinados para comprovar se estavam com boa saúde, e marcados com ferro em brasa com as iniciais do comprador. Os portugueses utilizavam a mão-de-obra negra para enriquecer o rei de Portugal.

Quando um escravo fazia alguma coisa que o "senhor" não gostava, era punido severamente, torturado, e, muitas vezes morto. Seu trabalho era sob a chicotada para render mais e mais. Dele exploravam-se 16 horas de trabalho diário, sem denscanso. Os senhores subvornavam alguns negros para serem feitores. Sua missão era castigar or próprios irmãos de raça.

Leitor negro:

A vida do povo hebreu. (Exodo 1,1ss)

Os filhos de Jacó e de José foram fecundos, e se multiplicaram: tornaram-se cada vez mais numerosos e poderosos, a tal ponto que o país ficou repleto deles. ...até v.14.

Leitora negra:

Mas os negros, como os hebreus, nunca aceitaram passivamente a escravidão. Organizavam fugas em massa, levavam consigo também, brancos perseguidos nas cidades, para que não fossem mortos. Criaram cidades, os "Quilombos", e até repúblicas grandes e fortes, como a de Palmares. Os chefes brancos que destruiram estas cidades foram chamados de heróis, outros brancos ilustres tentaram apagar esta vergonha, destruindo todos os documentos a respeito da escravidão. O maior símbolo da luta dos negros contra a escravidão e em favor da dignidade humana foi o chefe "Zumbi" dos Palmares.

Aos poucos a escravidão já não rendia mais tanto lucro quanto os poderosos queriam. Então foram assinadas várias leis para libertar os escravos. A última delas proibiu a escravidão, mas ninguém fez nada para dar aos negros um trabalho digno e condições de vida. Por isto os negros hoje procuram organizar seus grupos grupos de luta cultural, religiosa e política. Ao lado deles já luta muita gente, para quem todos somos filhos de Deus.

Leitora branca

A Sabedoria de Deus guiou por caminhos planos, o justo que fugia de seu irmão...(Sabedoria 10, 10-14).

11. EVANGELHO

+ MT 11,25-30: Jesus acolhe o pequeno porque é pequeno, acolhe o negro porque é negro. Ser negro na sociedade opressora é ser marginalizado, como "pequeno".

+ Lc 6, 26-38: amar os inimigos quer dizer amar os diferentes, cuja maneira de ser é uma ameaça para mim. O negro mostra para o branco os seus defeitos. A negritude do negro "nega" que só o branco seja gente, culto, com direito à vida.

+ Mt 25,31-40: a fraqternidade é a responsabilidade pelo bem que se deve aos outros. O Brasil deve aos negros o que ele é hoje.

+ Mc 3, 31-35: irmãos e parentes de Jesus são os que fazem a vontade de Deus, escutam e praticam a sua palavra.

Na **HOMILIA**, desenvolvendo algum destes temas, podem ser explicadas três coisas: * os negros foram trazidos para o Brasil por motivos economicos. Aos poucos foram sendo inventadas uma porção de desculpas para justificar a escravidão. Há entre nós uma discriminação que é tanto mais forte e profunda, quanto menos a gente a consegue ver, e quanto mais ela é negada pela ideologia dominante. * Uma discriminação assim, a gente não vence apenas se convencerdo do contrário, nem por discussão, mas unicamente aprendendo a agir de maneira diferente. * Só os negros podem ajudar a sociedade brasileira a se converter deste pecado, na medida em que se convertem eles, e conseguem se fazer reconhecer como homens e mulheres igualmente filhos de Deus, irmãos de Jesus, por força do Espírito.

12. Profissão de fé.

Leitor negro:

Irmãos na vida e na Fé: O Deus em que eu creio, é o Deus que lutou ao lado do povo, contra a escravidão. TODOS: Cremos em Deus que caminha conosco!

+ O Deus de nossa Fé é aquele que nos criou para a vida, para o amor, para a felicidade.

TODOS Cremos em Deus que nos criou para a vida!

+ O Deus em que nós cremos e que luta ao nosso lado é que criou o sol que ilumina, a água que limpa e refresca, as plantas que dão alimento.

TODOS Cremos no Deus que criou a vida em abundância para todos!

+ O Deus em que eu creio é o Deus que criou a terra para todos, especialmente para seus filhos preferidos.

TODOS: A terra é de todos. Nós cremos no Deus que criou a terra para todos.

+ O Deus que me criou, que criou a nós todos como homens e mulheres livres.

TODOS: Nós cremos Em Deus Pai, Criador do Céu e da Terra!

Leitora branca

+ Creio em Jesus Cristo, filho único de Deus e nosso irmão. TODOS: Ele é igual a Deus e se fêz igual a nós!

+ Creio em Jesus Cristo, o carpinteiro de Nazaré, que foi crucificado e venceu a morte.

TODOS: Ele é igual a Deus e nos fêz iguais a êle.

+ Creio em Jesus Cristo, o trabalhador que vence a morte. TODOS: Ele faz de sua luta a nossa luta que vence a opressão e a morte.

leitora negra

+ O Deus em que eu creio é o Espírito da beleza, da saúde e do amor. TODOS: Cremos no Espírito Santo

+ O Deus da minha fé é o Espírito da solidariedade, do respeito ao ser humano, do carinho e da união.

TODOS: Cremos no Espírito Santo que desce sobre nós

+ O Deus em que eu creio mora dentro de nós, dos negros e dos brancos, é o Espírito da festa e da dança, o Espírito da coragem e da perseverança, o Espírito de todas as raças e de todas as cores. TODOS: Cremos no Espírito que é a Vida de nossa vida!

(Onde há algum tipo de "credo" Cantado, pode-se encerrar com este canto. Onde a comunidade aceitar, pode-se encerrar com "Ên Zumbi".)

13. Ofertório

(O ofertório deve ser mais gesto que palavra, ação que proclamação. O melhor é organizar uma procissão que venha do fundo, com pessoas trazendo bem alto, sobre a cabeça, vários símbolos, enquanto o povo canta: Uma grande corrente inteira, pendente dos braços de um branco, e um negro, atrás, com pedaços de corrente. Mulher com trouxa de roupa ou panela grande, da qual pende uma corrente. Homem trazendo criança negra. Jovem levando instrumento de trabalho urbano, instrumento de trabalho rural. Estes objetos podem ser levados, ou a pessoa pode carregar um cartaz grande em que esteja desenhado de maneira visível. Lembrar-se de pessoas simbólicas nas lutas atuais: uma professora (em Minas, pela situação miserável a que estão sendo reduzidas as escolas estaduais), uma doméstica, um camponês, sem-terra, etc, segundo a prioridade local. Pode-se levar dois livros grandes, feitos de isopor ou de papelão, escrito "constituinte": um, fechado, com enfeites imitando dinheiro, amarrado com corrente dourada, mas visivelmente feito de pedaços costurados: outro aberto, escrito dentro "direitos do povo".

Enquanto a procissão entra, todos cantam o canto da CF/88 ou "oferecerei...". Os símbolos devem falar por si: ao chegar ao altar, o livro bonito pode ser destruído, enquanto o outro fica encostado ao altar, de frente pro povo; os instrumentos de trabalho podem ficar em cima do altar, ou ser fincados nalgum suporte que os mantenha visíveis. As pessoas ficarão ao redor da mesa, se a criança for pequena, num berço em cima do altar... Cantar muito, batendo palmas, dançando, batendo palmas. É outro momento em que se pode fazer alguma encenação com grupos de negros, misturados a mulatos e brancos.)

Durante toda a procissão do ofertório, o Oficiante Principal faça o gesto de oferecer o pão e o vinho. Se se cansar, pode depor cálice e patena sobre o altar, e levantar apenas as mãos, retomando o cálice e a patena no final. O ofertório é gesto de oferta.)

14. Preces dos fiéis

Oficiante:

- O Senhor esteja convosco!

Irmãos: acabamos de oferecer a nosso Pai a vida que está em nós, no nosso trabalho, no nosso amor, na nossa cultura, nas nossas festas. A maioria dos trabalhadores brasileiros são de raça negra (ou mulata) e quase todos os mulatos e negros são trabalhadores de salário baixo.

+ Por todos aqueles que não conseguem trabalho, ou ganham pouco, porque não são de raça branca, rezemos ao senhor.

TODOS: Ó Senhor, escutai os clamores do vosso povo!

+ Por todos aqueles que são desprezados até pelos colegas, por causa da raça e da corl, rezemos ao Senhor!

+ Pelos que não tem coragem de se unir aos companheiros, como irmãos, na luta para que haja terra e trabalho para todos, rezemos ao Senhor!

+ Pelos que estão procurando formar uma Constituinte digna, apesar das manobras corruptas de busca do poder, rezemos ao Senhor!

+ Pelos que procuram terra para trabalhar e casa para morar, rezemos ao Senhor!

+ Pelos que lutam nos sindicatos que estão do lado do povo e não dos exploradores que escravizam o trabalhador, rezemos ao Senhor!

+ Pelas mulheres, especialmente as mulheres negras, que procuram um mundo de mais amor e dignidade, rezemos ao Senhor!

+ Pelos filhos de trabalhadores que buscam a vida nas ruas, e são desprezados como se fossem abandonados, rezemos ao Senhor!

* (Conclusão)

Deus de nossos Pais, Senhor da História, libertador de todo escravizado, redentor de todo o desprezado e marginalizado. Arranca do nosso coração, do coração de tua Igreja, de todo o Brasil, o pecado da exploração, da mentira que vira propaganda do poder; livrai-nos da opressão que se impõe como lei. Ouve as preces deste povo aqui reunido, une os nossos braços e faze de nós o teu povo. Por Jesus Cristo, o trabalhador que venceu a morte, e vive no nosso coração, pela força do Espírito Santo.

15. Segue-se o Cânon.

O Diácono procure criar antes um clima de silêncio, e o Oficiante principal procure fazer os gestos de maneira a ser visto. Também ocânon é um momento de gesto, da repetição do gesto de Jesus.

16. Ao Pai Nosso pode-se pedir aos negros que elevem as mãos enquanto os outros se dão as mãos sem levantar. O Pai nosso rezado ainda é melhor e mais bonito que todos os cantos que o imitam.

17. Abraço da paz

O melhor também é convidar todos, de maneira informal, a abraçar uma porção de gente, cantar os cantos que já tenham feito mais efeito durante a própria celebração, começando por "Paz, paz de Cristo", etc.

18. Ação de Graças

(é propositalmente igual às preces, para gerar a certeza de que Deus já nos ouviu, e já nos ouve)

Irmãos: acabamos de oferecer a nosso Pai a vida que está em nós, no nosso trabalho, no nosso amor, na nossa cultura, nas nossas festas. A maioria dos trabalhadores brasileiros são de raça negra (ou mulata) e quase todos os mulatos e negros são trabalhadores de salário baixo. Vamos agradecer a Deus que nos ouve e nos acolhe:

+ Por todos aqueles que não conseguem trabalho, ou ganham pouco, porque não são de raça branca, mas não desistem de lutar.

TODOS: Graças, Senhor, te damos graças, a ti que reinas nos séculos eternos! (ou outro refrão rápido, vibrante, com sentido de ação de graças, agradecimento)

+ Por todos aqueles que são desprezados até pelos colegas, por causa da raça e da cor, mas continuam acreditando na fraternidade!

+ Pelos que não tem coragem de se unir aos companheiros, como irmãos, na luta para que haja terra e trabalho para todos, mas já conseguem ver a injustiça que estão sofrendo!

+ Pelos que estão procurando formar uma Constituinte digna, apesar das manobras corruptas de busca do poder, porque neles está a força do povo!

+ Pelos que procuram terra para trabalhar e casa para morar, e não desanimam das ocupações justas, da reforma agrária do povo!

+ Pelos que lutam nos sindicatos que estão do lado do povo e não dos exploradores que escravizam o trabalhador, e conseguem assim as vitórias que arrancam as correntes do povo trabalhador!

+ Pelas mulheres, especialmente as mulheres negras, que procuram um mundo de mais amor e dignidade, porque elas tornam o mundo mais humano!

+ Pelos filhos de trabalhadores que buscam a vida nas ruas, e são desprezados como se fossem abandonados, porque aprendem desde cedo a lutar por todos!

* (Conclusão)

Deus de nossos Pais, Senhor da História, libertador de todo escravizado, redentor de todo o desprezado e marginalizado. Nós te agradecemos porque Tu arrancas do nosso coração, do coração de tua Igreja, de todo o Brasil, o pecado da exploração, o pecado da mentira que vira propaganda do poder; tua força nos livra da opressão que se impõe como lei. Tu derrubas os tronos dos poderosos, levantas os humilhados, dás de comer aos que passam fome e esvazias os enriquecidos. Por Jesus Cristo, o trabalhador que venceu a morte, e vive no nosso coração, pela força do Espírito Santo.

Vilmar Jose de Castro
27 anos

- Agente de Pastoral da Diocese de Jataí
- Membro da CPT – Centro Sul de Goiás
- Assassinado em Caçu no dia 23 / 10 / 86





CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM (CEDIM)

http://r1.ufrrj.br/cedim/

Acesse nosso site e saiba mais sobre nós.

Dezembro de 2017

Proibido todo e qualquer uso comercial.

Facebook: @cedimimufrrj

E-mail: cedim.ufrrjim@gmail.com

Site: http://r1.ufrrj.br/cedim/